

Dezembro 2011,



A



Por meio de seu



Respeitosamente apresenta a ADAPTAÇÃO de
The Inheritance Cycle - 4

INHERITANCE

Christopher Paolini
do pt-PT para o pt-BR





HERANÇA

Christopher Paolini

HERANÇA

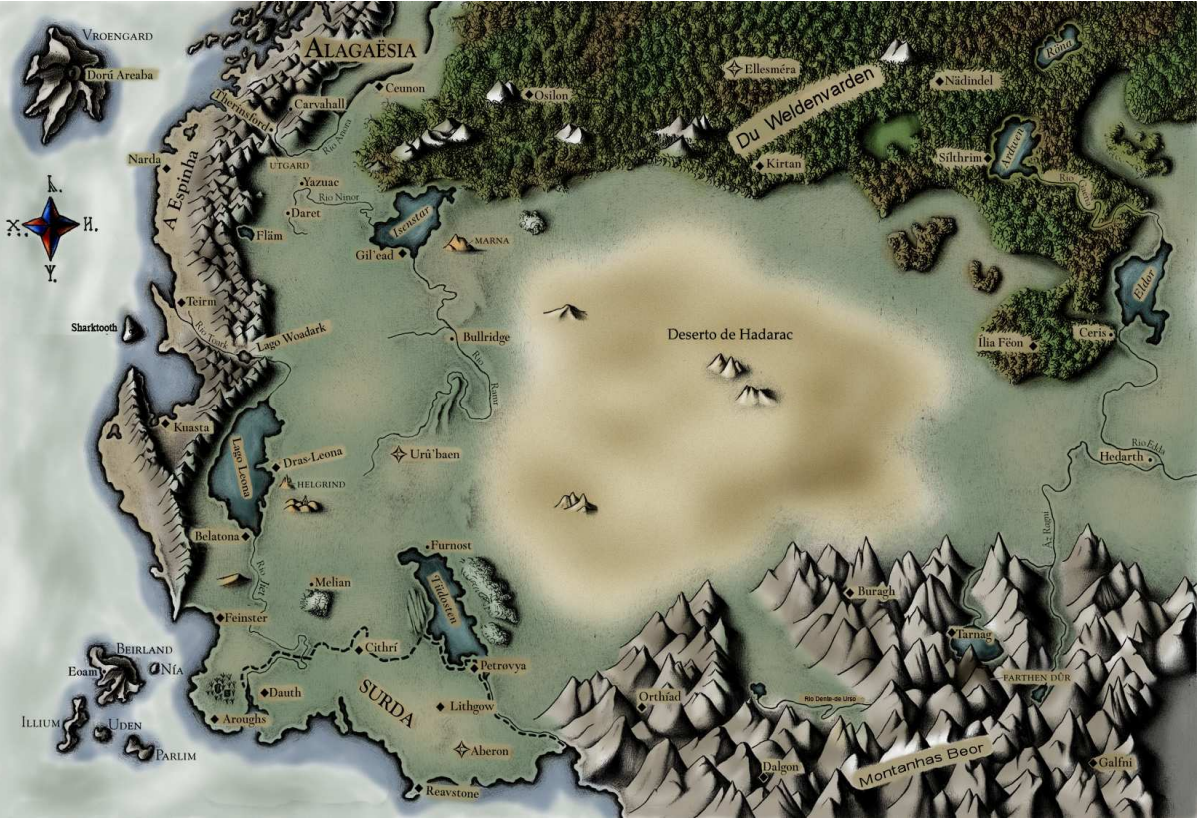
OU

O COFRE DAS ALMAS

HERANÇA

LIVRO QUATRO

Christopher Paolini







Agradecimento

Como sempre, este livro é para minha família.
E também para os sonhadores dos sonhos:
Os muitos artistas, músicos e contadores de histórias
que tornaram essa jornada possível.

Índice

A HISTÓRIA DE ERAGON, ELDEST E BRISINGR.....	11
A BRECHA	17
A QUEDA DO MARTELO	29
SOMBRAS NO HORIZONTE.....	34
O REI GATO	40
RESULTADO.....	47
MEMÓRIAS DOS MORTOS.....	51
O QUE É UM HOMEM?	56
O PREÇO DO PODER	66
UM PARTO DIFÍCIL... ..	76
UMA CANÇÃO DE NINAR	85
SEM DESCANSO	93
DANÇA DE ESPADAS.....	99
SEM HONRA NEM GLÓRIA, APENAS BOLHAS NOS PIORES LUGARES	108
A DEVORADORA DA LUA.....	114
RUMORES E ESCRITA	124
AROUGH.....	130
DRAS-LEONA.....	144
JOGO DOS OSSOS	150
MEU AMIGO, MEU INIMIGO.....	161
FARINHA DE FOGO	170
PÓ E CINZAS.....	183
INTERREGNO.....	200
THARDSVERGÛNDNZMAL.....	207

O CAMINHO DO SABER.....	219
GLÁDIO DE CORAÇÕES	237
DESCOBERTA.....	245
DECISÕES.....	251
SOB COLINAS E PEDRA	260
ALIMENTAR UM DEUS	274
INFIÉIS À SOLTA.....	283
DOBRA O SINO	296
A CAVERNA NEGRA DO PICANÇO	298
MARTELO E ELMO.....	305
E A CIDADE CAIU.....	307
NAS MARGENS DO LAGO LEONA.....	317
A PALAVRA DE UM CAVALEIRO	327
CONCLAVE DE REIS.....	338
UM LABIRINTO SEM FIM.....	350
FRAGMENTOS NEBULOSOS.....	358
PERGUNTAS SEM RESPOSTA.....	367
A PARTIDA	377
O TORMENTO DA INCERTEZA	381
O SALÃO DA PROFETISA.....	392
NAS ASAS DE UM DRAGÃO	401
O SOM DA SUA VOZ, O TOQUE DA SUA MÃO.....	415
PEQUENAS REBELIÕES	426
UMA COROA DE GELO E NEVE.....	436
LARVAS CARNÍVORAS	451
ENTRE RUÍNAS	463
SNALGLÍ PARA DOIS.....	472

O ROCHEDO DE KUTHIAN	482
O MUNDO INTEIRO É UM SONHO	487
UMA QUESTÃO DE CARÁTER	495
O COFRE DAS ALMAS	510
LACUNA, PARTE UM	515
LACUNA, PARTE DOIS	519
O REGRESSO	532
A CIDADE DAS MÁGOAS	533
CONSELHO DE GUERRA	543
UMA QUESTÃO DE DEVER.....	559
FOGO NA NOITE.....	566
DA MURALHA ÀS ENTRANHAS.....	576
REBENTA A TEMPESTADE	589
O QUE NÃO MATA...	597
NO CORAÇÃO DA CONTENDA	609
O NOME DE TODOS OS NOMES.....	620
MÚSCULOS E AÇO	637
A DÁDIVA DO SABER.....	663
OS ESTERTORES DA MORTE.....	683
UM MAR DE URTIGAS.....	688
HERDEIRO DO IMPÉRIO	704
UM EPITÁFIO ADEQUADO.....	720
PEÇAS EM UM TABULEIRO	728
FÍRNEN	745
UM HOMEM COM CONSCIÊNCIA	762
PRÊMIO DE SANGUE	772
NOVAS E VELHAS PROMESSAS	787

DESPEDIDA.....	801
SOBRE A ORIGEM DOS NOMES.....	809
PRONUNCIÇÃO	810
A LÍNGUA ANTIGA	812
A LÍNGUA DOS ANÕES	816
A LÍNGUA DOS NÔMADES	818
A LÍNGUA DOS URGALS	819
AGRADECIMENTOS.....	820

A História de Eragon, Eldest e Brisingr

No início existiam dragões: criaturas altivas, ferozes e independentes. As escamas eram como joias e todos os que contemplavam essas criaturas se desesperavam, pois a sua beleza era grandiosa e assustadora.

Durante muitas eras os dragões viveram sozinhos em Alagaësia.

Depois, o deus *Helzvog* criou os vigorosos e robustos anões de pedra do deserto de Hadarac.

E ambas as raças guerrearam-se bastante.

A seguir os elfos viajaram pelo mar prateado, até Alagaësia, e também eles guerrearam com os dragões. Porém, os elfos eram mais fortes que os Anões e poderiam ter destruído os dragões, tal como estes os poderiam ter destruído.

Por isso os dragões e os elfos fizeram tréguas, selando um pacto entre si, dessa aliança criaram os Cavaleiros do Dragão, que mantiveram a paz em Alagaësia, durante milhares de anos.

Entretanto, os humanos viajaram até Alagaësia, tal como os Urgals e os Ra'zac — os caçadores das trevas que devoram Carne humana —, e os humanos também se reuniram ao pacto com os dragões.

Depois, Galbatorix, um jovem Cavaleiro do Dragão, revoltou-se contra a sua própria espécie, escravizou Shruikan, o dragão negro, e convenceu treze outros Cavaleiros a seguirem-no. Os treze ficaram conhecidos como os Renegados.

Galbatorix e Os Renegados derrotaram Os Cavaleiros, incendiaram a sua cidade, na ilha de Vroengard, e chacinaram todos os dragões que não estavam do seu lado, poupando apenas três ovos: um vermelho, outro azul e um verde. Além disso, procuraram resgatar o maior número possível de Eldunari — o coração dos corações que continha o poder e a mente dos dragões, uma vez separado da sua carne.

Durante oitenta e dois anos, Galbatorix reinou entre os humanos, como senhor absoluto. Os Renegados morreram, mas ele não, pois a sua força era à força de todos os dragões e ninguém poderia derrubá-lo.

No octogésimo terceiro ano de reinado de Galbatorix, um homem roubou o ovo de dragão azul do seu castelo e entregou-o aos cuidados de um povo que ainda lutava contra Galbatorix e eram conhecidos pelo nome de Varden.

O elfo Arya viajou com o ovo entre os Varden e os elfos, à procura de um humano ou de um elfo para este chocar e assim se passou vinte e cinco anos.

Depois, ao viajar para a cidade élfica de Osilon, um grupo de Urgals atacou Arya e os seus guardas. Os Urgals estavam acompanhados do Espectro Durza. Um feiticeiro possuído pelos espíritos que invocara, para obedecerem as suas ordens, que se tornara o mais temível criado de Galbatorix, após a morte dos Renegados. Os Urgals mataram os guardas de Arya, porém, antes que a capturassem, Arya usou magia e enviou o ovo para alguém que esperava poder protegê-lo.

Mas o feitiço correu mal.

E foi assim que Eragon, um órfão de apenas quinze anos, descobriu o ovo nas montanhas da Espinha e o levou para a fazenda onde vivia com o tio, Garrow e o primo, Roran. O ovo chocou para Eragon e ele criou ali o dragão. O seu nome era Saphira.

Entretanto, Galbatorix mandou dois Ra'zac procurar o ovo para resgatá-lo, e estes mataram Garrow e incendiaram a casa de Eragon. Galbatorix escravizou os Ra'zac que já não eram muitos, na altura.

Eragon e Saphira partiram para se vingarem dos Ra'zac, acompanhados de Brom, o contador de histórias, que fora também um Cavaleiro do Dragão, antes da queda dos Cavaleiros. Era a Brom que o elfo Arya planejava enviar o ovo azul.

Brom ensinou muito a Eragon sobre o manejo da espada, magia e honra. Ofereceu-lhe Zar'roc, que fora em tempos a espada de Morzan, o primeiro e mais poderoso dos Renegados. Mas os Ra'zac mataram Brom, assim que os encontraram, e Eragon e Saphira escaparam graças à ajuda do jovem Murtagh, filho de Morzan.

Durante as suas viagens, o Espectro Durza capturou Eragon na cidade de Gil'ead, mas Eragon conseguiu fugir e, ao fazê-lo, libertou Arya da sua cela. Arya fora envenenada e estava gravemente ferida, por isso Eragon, Saphira e Murtagh levaram-na para os Varden, que viviam entre os anões, nas montanhas Beor.

Arya foi tratada e Eragon abençoou uma criança chorosa que se chamava Elva. Ele abençoou-a para protegê-la do infortúnio, mas

pronunciou mal as palavras, amaldiçoando-a sem se dar conta, o que a forçou a tornar-se um escudo contra os infortúnios dos outros.

Pouco tempo depois, Galbatorix mandou um grande exército de Urgals atacar os Anões e os Varden. Foi na batalha seguinte que Eragon matou o Espectro Durza. Durza, porém, feriu Eragon gravemente nas costas, fazendo-o padecer de dores horríveis, apesar dos curandeiros dos Varden.

No meio da sua dor ele ouviu uma voz, que Ihe disse:

Vem até mim, Eragon, vem até mim, pois eu tenho as respostas para todas as suas perguntas.

Três dias mais tarde, o líder dos Varden, Ajihad, sofreu uma emboscada e foi morto pelos Urgals, sob as ordens de dois feiticeiros gêmeos que entregaram os Varden a Galbatorix. Os gêmeos raptaram também Murtagh, que levaram em segredo até Galbatorix. Mas Eragon e todos os Varden pensaram que Murtagh tivesse morrido, pelo que Eragon ficou bastante pesaroso.

Nasuada, a filha de Ajihad, tornou-se à líder dos Varden.

De Tronjheim, o centro de poder dos Anões, Eragon, Saphira e Arya viajaram para a floresta de Du Weldenvarden, norte, onde viviam os Elfos. O irmão Orik, sobrinho de Hrothgar, o rei dos Anões, acompanhou-os.

Em Du Weldenvarden, Eragon e Saphira conheceram Oromis e Glaedr — o último Cavaleiro e Dragão ainda livres — que há um século viviam escondidos, na esperança de poder ensinar a geração seguinte de Cavaleiros do Dragão. Eragon e Saphira encontraram-se também com a Rainha Islanzadí, soberana dos Elfos e mãe de Arya.

Enquanto Oromis e Glaedr treinavam Eragon e Saphira, Galbatorix mandou os Ra'zac e um grupo de soldados a Carvahall, a aldeia natal de Eragon, dessa vez para capturar o seu primo Roran. No entanto, Roran escondeu-se e eles não teriam encontrado se não fosse o ódio do açougueiro Sloan, que ao matar uma sentinela permitiu que os Ra'zac entrassem na aldeia, pegando Roran desprevenido.

Roran conseguiu desembaraçar-se deles, mas os Ra'zac levaram a sua amada Katrina, filha de Sloan. Depois disso, Roran convenceu os aldeões a partirem com ele. Viajaram pelas montanhas da Espinha, até a costa de Alagaësia e, a seguir, até a região de Surda, a sul, que ainda não estava sob o domínio de Galbatorix.

O ferimento nas costas de Eragon continuava a atormentá-lo, mas durante a Celebração do Juramento de Sarigue dos Elfos, onde eles

comemoravam o pacto celebrado entre Cavaleiros e dragões, o dragão espectral que os Elfos invocavam no encerramento das festividades curou o ferimento de Eragon, concedendo-lhe, também, a mesma força e rapidez dos Elfos.

A seguir, Eragon e Saphira voaram para Surda, para onde Nasuada tinha conduzido os Varden a fim de lançarem um ataque contra o império de Galbatorix. Aí os Urgals aliaram-se aos Varden, alegando que Galbatorix lhes confundira a mente, pretendendo vingar-se dele. Entre os Varden, Eragon voltou a encontrar Elva, que crescera prodigiosamente e depressa em decorrência do feitiço. O bebê chorão dera lugar a menininha de três ou quatro anos, com um olhar assustador, pois sentia a dor de todos os que a rodeavam.

Não muito longe das fronteiras de Surda, na escuridão das planícies Flamejantes: Eragon, Saphira e os Varden travaram uma longa e sangrenta batalha contra o exército de Galbatorix.

Durante a batalha, Roran e os aldeões juntaram-se aos Varden, assim como os anões que os acompanharam desde as Montanhas Beor.

Porém, uma figura de armadura polida, montada em um dragão cintilante, vermelho, surgiu a leste e matou o rei Hrothgar, com um feitiço.

Eragon e Saphira lutaram com o Cavaleiro e com o dragão vermelho, descobrindo que este era Murtagh, ligado a Galbatorix por juramentos impossíveis de quebrar, e que o dragão era Thorn, o segundo ovo a chocar.

Murtagh derrotou Eragon e Saphira com a força do Eldunari que Galbatorix lhe dera, mas deixou-os partir, porque ainda nutria alguma amizade por Eragon, e por que eram irmãos, ambos filhos de Selenia, a consorte favorita de Morzan — como ele próprio explicou a Eragon.

Murtagh despojou Eragon de Zar'roc — a espada do seu pai — e partiu com Thorn das Planícies flamejantes com o resto das tropas de Galbarorix.

Quando a batalha terminou, Eragon, Saphira e Roran voaram para Helgrind, a sombria torre de pedra, que era o esconderijo dos Ra'zac. Aí mataram um dos Ra'zac e os seus odiosos progenitores — os Lethrblaka — resgatando Katrina de Helgrind e nas celas Eragon descobriu o pai de Katrina, cego e moribundo.

Eragon pensou em matar Sloan pela sua traição, mas acabou por afastar essa idéia. Em vez disso, o fez mergulhar num sono profundo, dizendo a Roran e a Katrina que ele morrera. Depois pediu a Saphira que

levasse Katrina e Roran de volta aos Varden, enquanto ele perseguia o último Ra'zac.

Sozinho, Eragon matou o Ra'zac e levou Sloan de Helgrind. Depois de muito pensar, Eragon descobriu o verdadeiro nome de Sloan na língua antiga, a língua do poder e da magia, e, através deste, forçou Sloan a jurar que nunca mais voltaria a ver a filha. Por fim, mandou-o viver com os Elfos. O que Eragon não disse ao açougueiro foi que os Elfos lhe devolveriam a visão se ele se arrependesse da traição e do assassinato que cometera.

Arya encontrou Eragon a meio caminho dos Varden e os dois regressaram juntos, a pé, através do território inimigo.

Nos Varden, Eragon soube que a Rainha Islanzadí enviara doze feiticeiros elfos, comandados por um elfo chamado Blödhgarm, para protegê-lo a ele e a Saphira. Eragon tentou remover a maldição de Elva, mas ela continuou a sofrer com a dor dos outros, embora já não se sentisse compelida a salvá-los do seu sofrimento.

Roran casou com Katrina, que estava grávida e Eragon sentiu-se feliz, pela primeira vez, desde há muito tempo.

Depois Murtagh, Thorn e um grupo de homens de Galbatorix atacaram os Varden. Eragon e Saphira conseguiram contê-los com a ajuda dos Elfos, mas Eragon e Murtagh não conseguiram derrotar-se. Foi uma baralha difícil, pois Galbatorix encantara os soldados para que estes não sentissem dor. Os Varden sofreram muitas baixas.

Depois disso, Nasuada ordenou a Eragon que visitasse os Anões em representação dos Varden, enquanto eles escolhiam o novo rei. Eragon estava relutante em ir, pois Saphira teria de ficar para proteger o acampamento dos Varden, de qualquer forma ele acabou por ir.

Roran serviu o exército dos Varden e subiu de posto, ao revelar-se um guerreiro hábil e um líder.

Enquanto Eragon estava com os Anões, sete deles tentaram assassiná-lo, e uma investigação revelou que era o clã *Az Sweldn rak Anhûin* que planejava o ataque. Contudo, a reunião de clãs prosseguiu, Orík foi escolhido como sucessor do seu tio e Saphira reuniu-se a Eragon para assistir à coroação, durante a qual cumpriu a promessa de restaurar a adorada estrela de safira dos Anões, que quebrara no combate de Eragon com o Espectro Durza.

Eragon e Saphira regressaram a Du Weldenvarden, onde Oromis revelou ao cavaleiro a verdade acerca da sua herança: Eragon não era filho de Morzan, mas de Brom, embora ele e Murtagh partilhassem a mesma mãe,

Selena. Oromis e Glaedr explicaram também o conceito do Eldunari, que um dragão poderia decidir expulsar de dentro de si, em vida, embora exigisse uma grande cautela, pois quem possuísse o Eldunari, poderia usá-lo para controlar o dragão de onde ele provinha.

Enquanto estava na floresta. Eragon decidiu que precisava de uma espada para substituir Zar'roc. Ao recordar o conselho que recebera de Solembum, o menino-gato, durante as suas viagens com Brom, Eragon foi até junto da antiga Árvore Menoa, em Du Weldenvarden. Falou com a árvore e esta aceitou ceder-lhe o aço brilhante que tinha sob as raízes por um preço que não chegou a definir.

Depois, Rhurön, a ferreira elfo que forjara todas as espadas dos Cavaleiros — trabalhou com Eragon na sua nova espada. A espada era azul e Eragon chamou-lhe Brisingr — “fogo” —, mas a lamina irrompia em chamas sempre que proferia o seu nome.

Glaedr confiou o seu coração dos corações a Eragon e a Saphira, e eles regressaram aos Varden, enquanto Glaedr e Oromis se reuniam aos outros da sua espécie para atacarem o norte do Império.

Durante o cerco de Feinster, Eragon e Arya encontraram três feiticeiros inimigos, um dos quais se transformou no Espectro Varaug, mas Arya conseguiu matá-lo com a ajuda de Eragon.

Enquanto isso, Oromis e Glaedr lutavam com Murtagh e Thorn. Porém, Galbatorix controlou a mente de Murtagh, servindo-se do seu braço para matar Oromis, enquanto Thorn eliminava Glaedr.

Apesar da vitória dos Varden em Feinster, Eragon e Saphira choraram a morte do seu mestre, Oromis. Porém os Varden seguiram em frente e marcham, neste momento, no coração do Império, rumo à capital, Urûbaen, onde Galbatorix os espera, altivo e confiante, pois a sua força é a de todos os dragões.

A Brecha



dragão Saphira rugiu e os soldados diante dela encolheram-se.

— Digam comigo! — gritou Eragon, levantando Brisingr acima da cabeça e erguendo-a bem alto no ar, para que todos a vissem.

A espada azul irradiou um brilho, intenso, iridescente, em contraste absoluto com a parede de nuvens negras que estava se formando a oeste. — Pelos Varden!

Uma flecha passou perto dele com um zunido, mas ele não lhe deu importância.

Os guerreiros reunidos na base do amontoado de entulho, em cima do qual se encontravam Eragon e Saphira, responderam-lhe em uníssono, gritando a plenos pulmões:

— Pelos Varden! — estrondearam, brandindo as suas armas e subindo, de imediato, pelos blocos de pedra caídos.

Eragon virou de costas para os homens. Do outro lado do amontoado de pedras havia um grande pátio. Cerca de duas centenas de soldados do Império estavam reunidos no interior. Atrás deles erguia-se uma fortaleza escura, com janelas estreitas como fendas e várias torres quadradas; a mais alta tinha uma lanterna acesa numa das salas superiores. Eragon sabia que Lord Bradburn, o governador de Belatona — a cidade que os Varden queriam conquistar e pela qual lutavam há longas horas — estava em algum lugar dentro da fortaleza.

Eragon gritou e saltou da pilha de cascalho, em direção aos soldados. Os homens recuaram atrapalhadamente, embora mantivessem as lanças e os piques apontados para a brecha irregular que Saphira abrira na muralha exterior do castelo.

Eragon torceu o tornozelo direito ao cair, aterrando de joelhos e apoiando-se no chão com a mão que empunhava a espada.

Um dos soldados aproveitou para correr para fora da formação e tentou golpear a garganta exposta de Eragon com a lança.

Eragon aparou o golpe com um movimento brusco do pulso, brandindo Brisingr com demasiada rapidez para os olhos de um humano ou de um elfo. Ao perceber seu erro, o soldado empalideceu de pavor e tentou fugir, mas conseguiu apenas mover-se uns escassos centímetros antes de Eragon o atacar e o atingir no ventre.

Saphira saltou para o pátio, atrás de Eragon, expelindo um jato de chamas azuis e amarelas. Ele abaixou-se, firmando as pernas, quando o dragão bateu no chão pavimentado. Todo o pátio estremeceu com o impacto. Grande parte das lascas de vidro que compunham um grande mosaico colorido, em frente da fortaleza, soltaram-se e voaram rodopiando pelo ar como moedas ressaltando num tambor. Lá em cima, duas venezianas de uma janela do edifício abriram-se e fecharam-se ruidosamente.

Arya acompanhou Saphira e os seus longos cabelos negros ondularam selvaticamente em torno do rosto angular, ao saltar da pilha de cascalho. Tinha os braços e o pescoço salpicados de sangue e a lâmina da espada manchada de sangue seco. Ao aterrar no pátio, os seus sapatos produziram um ruído suave de um pano macio a roçar na pedra.

A sua presença encorajou Eragon, pois ela era quem mais desejava ter junto de si e de Saphira, para lutar. Considerava-a a parceira perfeita para protegê-lo.

Sorriu-lhe brevemente e Arya retribuiu-lhe de igual modo, com uma expressão feroz e jovial. Em combate a sua postura reservada dava lugar a uma abertura que raramente revelava noutros momentos.

Eragon escondeu-se atrás do escudo ao ver surgir uma cortina ondulante de chamas azuis entre eles. Por baixo do aro do elmo viu Saphira banhar os soldados encolhidos numa torrente de chamas que fluíam em torno deles, sem contudo lhes tocar.

Uma série de arqueiros nas ameias da fortaleza dispararam uma saraivada de flechas em Saphira. O calor por cima dela era de tal forma intenso que algumas das flechas incendiaram-se em pleno ar, nada restando delas além de cinzas. As outras foram desviadas pelos feitiços de proteção que Eragon ergueu em torno de Saphira. Uma flecha perdida ricocheteou no escudo de Eragon, com um ruído surdo, amolgando-o.

A coluna de chamas envolveu, de súbito, três dos soldados, matando-os tão rapidamente que estes não tiveram sequer tempo para gritar. Os outros soldados agruparam-se no centro do inferno de chamas. As pontas das lanças e os piques refletiam clarões de luz azul-clara.

Por muito que tentasse, Saphira não conseguia sequer chamuscar os sobreviventes, acabando por desistir de o fazer e cerrando definitivamente as mandíbulas com um estalido seco. Na ausência do fogo, o pátio ficou assustadoramente silencioso.

Eragon deduziu que, tal como antes, quem concedera os feitiços de proteção aos soldados devia ser um feiticeiro hábil e poderoso. *Teria sido*

Murtagh?, pensou. Se assim fosse, porque não estava ele ali com Thorn para defender Belatona? Galbatorix não se preocupa em manter o controle das suas cidades?

Eragon correu para frente, cortando o topo de uma dúzia de alabardas com um único golpe de Brisingr, tão facilmente como quando cortava a cabeça das sementes dos talos de cevada, quando criança. Golpeou o soldado mais próximo no peito e cortou-lhe a cota de malha como se fosse feita de pano fino. O sangue jorrou em torrente. Eragon atingiu o soldado seguinte, golpeou o soldado à sua esquerda com o escudo e atirou-o contra três dos seus companheiros, derrubando-os.

As reações dos soldados pareciam-lhe lentas e desajeitadas, enquanto se movia por entre as suas hostes, golpeando-os impunemente. Saphira envolvera-se num combate à sua esquerda — golpeando os soldados no ar, com as enormes patas, chicoteando-os com a cauda de espinhos, mordendo-os e matando-os com uma sacudidela da cabeça. Enquanto isso, à sua direita, Arya era como uma mancha de movimento e cada golpe da sua espada assinalava a morte de um vassalo do Império. Quando Eragon se virou para se esquivar de duas lanças, viu que Blödhgarm, o elfo coberto de pelo, e os outros onze elfos destacados para proteger a ele e a Saphira o seguiam de perto.

Mais atrás, os Varden entravam aos montes no pátio, através da brecha na muralha exterior do castelo, mas decidiram não atacar, pois era muito perigoso aproximarem-se de Saphira. Nem ela nem Eragon ou os elfos precisavam de ajuda para se desembaraçarem dos soldados.

Pouco depois, o combate separou Eragon de Saphira, levando-os para extremos opostos do pátio, mas Eragon não estava preocupado. Mesmo sem as suas proteções Saphira estava mais do que apta a derrotar um grupo de vinte ou trinta humanos, sozinha.

Uma lança resvalou no escudo de Eragon, ferindo-lhe o ombro, e Eragon virou-se para o seu atacante, um homem enorme cheio de cicatrizes, sem os dentes da frente do maxilar inferior, e correu na direção dele. O homem tentou tirar uma adaga do cinto, mas no último instante, Eragon torceu-se, retesou os braços e o peito, batendo no esterno do homem com o ombro dolorido.

O soldado foi projetado vários metros para trás, com a força do impacto, e caiu agarrado ao coração.

Depois, uma saraivada de flechas de penas negras precipitou-se sobre eles, matando ou ferindo muitos dos soldados. Eragon escondeu-se para se

proteger dos projéteis, cobrindo-se com o escudo, embora estivesse confiante de que a sua magia iria protegê-lo. Não seria bom tornar-se descuidado, pois qualquer feiticeiro inimigo poderia disparar uma flecha encantada, capaz de penetrar nas suas proteções.

Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios. Os arqueiros, lá em cima, tinham percebido que a sua única esperança de vitória era matar Eragon e os elfos, independentemente do número de homens que tivessem de sacrificar.

Muito tarde, pensou Eragon, com uma satisfação sinistra. *Deviam ter abandonado o Império enquanto ainda podiam.*

O violento e ruidoso ataque das flechas, permitiu-lhe descansar, um momento que acolheu de bom grado. O ataque à cidade começara ao romper do dia e ele e Saphira tinham passado todo o tempo na frente de batalha.

Assim que as flechas cessaram, Eragon passou Brisingr para a mão esquerda, apanhou uma das lanças dos soldados e arremessou-a nos arqueiros, que estavam doze metros acima. Como já antes concluía, era necessário ter uma prática considerável para arremessar lanças com precisão, por isso não o surpreendeu não atingir o homem para o qual apontara. O que o surpreendeu foi o fato de não atingir nenhum dos arqueiros alinhados nas ameias. A lança passou por eles e estilhaçou-se na muralha do castelo, por cima da sua cabeça. Os arqueiros riram-se e desdenharam dele, fazendo-lhe gestos grosseiros.

Um movimento rápido na sua visão periférica chamou-lhe a atenção e ele virou-se ainda a tempo de ver Arya arremessar a sua lança nos arqueiros e empalar dois que estavam lado a lado. Arya apontou depois para os homens com a espada e disse:

— Brisingr! — e a lança irrompeu em chamas verde-esmeralda.

Os arqueiros recuaram para longe dos cadáveres em chamas e, fugiram das ameias como se fossem um só, aglomerando-se junto das entradas que conduziam aos andares de cima do castelo.

— Isso não é justo — disse Eragon. — A minha espada desata a arder como uma fogueira sempre que uso esse feitiço.

Arya olhou-o com um ar vagamente divertido.

A luta prosseguiu durante mais alguns minutos, durante os quais os soldados que restavam, renderam-se ou tentaram fugir.

Eragon permitiu que os cinco homens que tinha diante de si fugissem, pois sabia que não iriam longe. Depois de um rápido exame nos corpos estendidos em seu redor, para confirmar se estavam de fato mortos, olhou

para o outro lado do pátio. Alguns dos Varden tinham aberto o portão da muralha exterior e estavam transportando um aríete ao longo da rua que conduzia ao castelo. Outros reuniam-se em filas irregulares junto à porta da fortaleza, prontos para entrar no castelo e defrontar os soldados no interior. Entre eles estava Roran, o primo de Eragon, gesticulando com o martelo que trazia sempre consigo, enquanto dava ordens ao destacamento que comandava. Saphira estava agachada sobre os cadáveres das suas vítimas, do lado oposto do pátio, com um perfeito caos ao seu redor. Tinha gotas de sangue agarradas às escamas semelhantes à joias. As manchas vermelhas contrastavam assombrosamente com o azul do seu corpo. Atirou a cabeça espinhosa para trás e rugiu triunfante, abafando o alarido da cidade com a ferocidade do seu grito.

Depois, Eragon ouviu a trepidação de engrenagens e correntes, no interior do castelo, seguida do ruído de pesadas traves de madeira arranhando umas nas outras, ao serem puxadas para trás. Os ruídos chamaram a atenção de todos para as portas da fortaleza.

As portas separaram-se, abrindo com um estrondo seco. Uma espessa nuvem de fumaça oriunda das tochas acesas no interior ondulou para o exterior, provocando tosse nos Varden que estavam mais próximos e obrigando-os a cobrir o rosto. Em algum lugar, nas profundezas da escuridão, ouviu-se o matraquear de cascos ferrados nas pedras do pavimento, e depois um cavalo e um cavaleiro irromperam do meio da fumaça. O cavaleiro empunhava algo na mão esquerda que Eragon, a princípio, julgou ser uma lança vulgar, mas depressa reparou que era feita de um estranho material verde e tinha uma lâmina serrilhada, forjada num padrão desconhecido. Um ligeiro brilho envolvia a ponta da lança, uma luz pouco natural que denunciava a presença de magia.

O cavaleiro puxou pelas rédeas e guiou o cavalo na direção de Saphira que se empinou nas patas traseiras, preparando-se para desferir um terrível golpe mortal com a pata dianteira direita.

A preocupação dominou Eragon. O cavaleiro parecia muito confiante e a lança era muito diferente e assustadora. Embora estivesse supostamente protegida pelas suas defesas, Eragon tinha certeza de que Saphira corria perigo de vida.

Não vou conseguir alcançá-la a tempo, concluiu. Dirigiu os seus pensamentos para o cavaleiro, mas o homem estava de tal forma concentrado na sua missão que nem sequer deu pela presença de Eragon, e sua concentração inabalável permitiu apenas que Eragon acesse superficialmente à sua consciência. Fechando-se em si mesmo, Eragon reviu

meia dúzia de palavras da língua antiga e compôs um feitiço simples para imobilizar o cavalo de guerra, que avançava a galope. Era um ato de desespero, pois Eragon não sabia se o cavaleiro também era feiticeiro, nem que precauções tomara para evitar ser atacado por magia — mas não estava disposto a ficar ali parado, estando a vida de Saphira em perigo.

Encheu os pulmões de ar, recordando a si mesmo a pronúncia correta de alguns sons mais difíceis na língua antiga, e depois abriu a boca para proferir o feitiço.

Foi rápido, mas os elfos foram ainda mais rápidos, e antes que ele conseguisse proferir uma única palavra, um frenesi de cânticos baixos explodiu atrás de si, com várias vozes sobrepostas entoando uma melodia dissonante e inquietante.

— Mãe — conseguiu ainda dizer, mas entretanto a magia dos elfos produziu efeito.

O mosaico em frente do cavalo estremeceu e moveu-se, e as lascas de vidro fluíram como água. Abriu-se uma longa fenda no chão, uma enorme fissura de profundidade indefinida. Relinchando ruidosamente, o cavalo mergulhou no buraco e empinou-se para a frente, partindo as patas dianteiras.

Enquanto o cavalo e o cavaleiro caíam, o homem montado na sela puxou o braço para trás e atirou a lança fluorescente na direção de Saphira.

Saphira não conseguia correr nem esquivar-se, por isso sacudiu uma pata na direção da lança, esperando desviá-la. Contudo, falhou — por escassos centímetros — e Eragon, horrorizado, viu a lança cravar-se noventa centímetros ou mais no peito de Saphira, um pouco abaixo da clavícula.

Um véu palpitante de raiva envolveu sua visão e Eragon recorreu a toda a energia que tinha armazenada — no corpo, na safira embutida no punho da espada, nos doze diamantes escondidos no cinto de Beloth, o Sábio, preso à cintura, e ainda na imensa energia armazenada no interior de Aren, o anel dos elfos, que lhe ornamentava a mão direita — preparando-se para obliterar o cavaleiro, independentemente do risco.

Contudo, conteve-se quando Blödhgarm apareceu e saltou sobre a pata dianteira de Saphira. O elfo atirou-se para cima do cavaleiro como uma pantera atacando um veado, derrubando o homem de lado. Sacudindo ferozmente a cabeça, Blödhgarm rasgou a garganta do homem com os seus longos dentes brancos.

Um guincho de desespero avassalador emanou de uma janela alta, por cima da entrada aberta da fortaleza, seguida de uma explosão de chamas que

projetou blocos de pedra de dentro do edifício. Os blocos aterraram no meio do grupo dos Varden, esmagando membros e torsos como se fossem ramos secos.

Eragon ignorou as pedras que se precipitavam no pátio e correu para Saphira, percebendo que Arya e os seus guardas o acompanhavam. Outros elfos mais próximos estavam já se agrupando em torno dela, examinando a lança que se projetava do seu peito.

— É grave...? Ela está... — disse Eragon, muito abalado para completar as frases. Desejava muito falar mentalmente com Saphira, mas enquanto os feiticeiros inimigos estivessem na área, não se atrevia a expor-lhes a sua consciência, temendo que os seus oponentes sondassem os seus pensamentos e assumissem o controle do seu corpo.

Depois de uma espera aparentemente interminável, Wyrden, um dos elfos macho, disse:

— Você pode agradecer ao destino, Matador de Espectros, pois a lança não alcançou as veias e as artérias principais no pescoço. Apenas atingiu músculos e músculo nós podemos recuperar.

— Conseguem tirá-la? Têm algum feitiço que nos impeçam de a...

— Nós vamos tratar disso, Matador de Espectros.

Com uma solenidade própria de sacerdotes reunidos diante de um altar, todos os elfos, exceto Blödhgarm, colocaram as palmas das mãos sobre o peito de Saphira e entoaram um cântico semelhante ao murmúrio fantasmagórico do vento por entre um aglomerado de salgueiros. Cantavam sobre calor e crescimento de músculos e tendões, sobre sangue palpitante e outros temas mais obscuros. Aparentemente com um enorme esforço, Saphira permaneceu na mesma posição durante todo o encantamento, embora fosse assolada por tremores que lhe sacudiam o corpo com apenas alguns segundos de intervalo. Um rastro de sangue escorreu-lhe do peito, junto à lança que lá se encontrava cravada.

Quando Blödhgarm se aproximou dele, Eragon olhou o elfo de relance. Tinha sangue seco no pelo do queixo e do pescoço, que já não estava azul-escuro, mas sim negro sólido.

— O que foi aquilo? — perguntou Eragon, apontando para as chamas que dançavam ainda na janela alta, por cima do pátio.

Blödhgarm, lambeu os lábios, expondo os seus caninos de gato antes de responder.

— Instantes antes do soldado morrer, eu consegui penetrar na mente dele e através dela, na mente do feiticeiro que o estava ajudando.

— Você matou o feiticeiro?

— Digamos que o obriguei a matar-se. Normalmente não recorreria a uma exibição teatral tão extravagante, mas estava... irritado.

Eragon começou a andar mas depois deteve-se, ao ouvir Saphira soltar um longo gemido baixo, à medida que a lança deslizava do seu peito sem que ninguém lhe tocasse. As suas pálpebras estremeceram e ela inspirou repetidas vezes, superficialmente, enquanto os últimos quinze centímetros da lança emergiam do seu corpo. A lâmina serrilhada, com a auréola indistinta de luz, cor de esmeralda, caiu no chão e ressaltou nas pedras do pavimento, produzindo um ruído que mais parecia de cerâmica do que de metal.

Quando os elfos pararam de cantar e tiraram as mãos de Saphira, Eragon correu para o seu lado e tocou-lhe no pescoço. A sua vontade era consolá-la, dizer-lhe como ficara assustado, unir a sua consciência à dela, mas, em vez disso, contentou-se em olhar para um dos seus olhos azuis, cintilantes e perguntar:

— Como você está? — As palavras pareciam insignificantes se comparadas com a profundidade das suas emoções.

Saphira respondeu, piscando o olho uma única vez. Depois baixou a cabeça e acariciou-lhe o rosto com uma delicada lufada de ar quente que soltou das narinas.

Eragon sorriu. Depois virou-se para os elfos e disse:

— Eka elrun ono, älfya, wiol förn Thornessa — agradecendo-lhes a ajuda na língua antiga. Os elfos que tinham participado na cura, incluindo Arya, colocaram a mão direita sobre o peito, num gesto de respeito característico da sua raça. Eragon reparou que mais de metade dos elfos destacados para proteger a ele e a Saphira estavam pálidos, fracos e vacilantes.

— Retirem-se e descansem — disse-lhes. — Acabarão se matando se ficarem. Vamos, é uma ordem!

Embora Eragon tivesse a certeza de que a ideia de partir lhes desagradava, os sete elfos responderam:

— Como queira, Matador de Espectros. — Dito isto, retiraram-se do pátio, caminhando por cima dos cadáveres e do entulho. Mesmo no limite da sua resistência tinham uma aparência nobre e digna.

Eragon reuniu-se depois a Arya e a Blödhgarm, que estavam examinando a lança, ambos com uma expressão estranha, como se não soubessem bem como reagir. Eragon abaixou-se cautelosamente junto deles, para que nenhuma parte do seu corpo tocasse na arma. Olhou para as delicadas linhas gravadas em torno da base da ponta da lança e pareceu reconhecê-las, ainda que não soubesse ao certo porquê. Olhou para o punho esverdeado, feito de um material que não era madeira nem metal e, de novo, para o brilho suave que lhe lembrava as lanternas sem chama que os elfos e os anões usavam para iluminar as suas salas.

— Aham que isto é obra de Galbatorix? — perguntou Eragon. — Talvez ele concluiu que era preferível matar eu e Saphira em vez de capturar-nos. Talvez ele pense que nos tornamos uma ameaça.

Blödhgarm deu um sorriso desagradável.

— Eu não enganaria a mim mesmo com essas fantasias, Matador de Espectros. Nós não passamos de um incomodo sem importância para Galbatorix. Se ele quisesse realmente matar você ou qualquer um de nós, bastava ele voar de Urû'baen e defrontar-nos diretamente em combate, e nós tombaríamos diante dele como folhas secas antes de uma tempestade de inverno. Ele detém a força dos dragões e ninguém consegue resistir ao seu poder. Além disso, não é fácil desviar Galbatorix dos seus propósitos. Ele pode ser louco, mas é igualmente engenhoso e, acima de tudo, determinado. Se ele quiser escravizar-te, lutará obsessivamente para alcançar esse objetivo, e nada o desencorajará a não ser o seu instinto de sobrevivência.

— Em todo o caso — disse Arya —, isto não é obra de Galbatorix, isto é coisa nossa.

Eragon franziu o cenho:

— Nossa? Os Varden não forjaram isto.

— Não os Varden, mas um elfo.

— Mas... — Eragon deteve-se, tentando encontrar uma explicação racional. — Mas nenhum elfo aceitaria trabalhar para Galbatorix. Prefeririam morrer a...

— Galbatorix não teve nada a ver com isto e, mesmo que tivesse, dificilmente daria uma arma tão rara e poderosa a um homem que não fosse capaz de zelar por ela. De todas as armas de guerra espalhadas pela Alagaësia, esta é a que Galbatorix menos desejaria ver em nossa posse.

— Porquê?

Ronronando ligeiramente, Blödhgarm disse na sua voz baixa e intensa:

— Porque é uma Dauthdaert, Eragon, Matador de Espectros.

— E o seu nome é Niernen, a Orquídea — acrescentou Arya, apontando para as linhas gravadas na ponta, que Eragon percebeu depois tratarem-se de hieróglifos estilizados do singular sistema de escrita dos elfos — formas curvas e entrelaçadas que terminavam em pontas longas em forma de espinhos.

— Uma Dauthdaert? — Vendo Arya e Blödhgarm olharem-no com um ar incrédulo, Eragon encolheu os ombros, constrangido, pela sua falta de cultura. Frustrava-o que os elfos tivessem usufruído de décadas e décadas de estudo com os melhores mestres da sua raça, enquanto cresciam, e o seu próprio tio, Garrow nunca lhe tivesse ensinado sequer o seu alfabeto por não o considerar importante. — Eu só li coisas dessas em Ellesméra. O que é? Foi forjada durante a Queda dos Cavaleiros para ser usada contra Galbatorix e os Renegados?

Blödhgarm abanou a cabeça.

— Niermen é mais antiga, muito mais antiga que isso.

— As Dauthdaertya — disse Arya — nasceram do medo e do ódio que marcou os anos finais da nossa guerra com os dragões. Os nossos ferreiros e feiticeiros mais habilidosos forjaram-nas a partir de materiais que já não entendemos, imbuindo-as de encantamentos cujas palavras já não recordamos e batizando as doze com os nomes das mais belas flores — a mais terrível das incoerências — uma vez que as fizemos com um único propósito em mente: matar dragões.

Uma sensação de repulsa invadiu Eragon, ao olhar para a lança fluorescente.

— E mataram?

— Os que estiveram presentes dizem que o sangue dos dragões choveu dos céus como um aguaceiro de verão.

Saphira deixou escapar um silvo alto e brusco.

Eragon olhou-a, por instantes, e viu pelo canto do olho que os Varden mantinham ainda as suas posições diante da fortaleza, esperando que ele e Saphira retomassem a dianteira da ofensiva.

— Todos pensavam que as Dauthdaertya tinham sido destruídas ou estavam irremediavelmente perdidas — disse Blödhgarm. — Obviamente que estávamos enganados. Niernen deve ter passado para as mãos da família Waldgrave e eles devem tê-la mantido escondida aqui, em Belatona. Creio que, quando penetramos nas muralhas da cidade, Lord Bradburn perdeu a

coragem e mandou buscar Niernen em seu arsenal para tentar deter você e Saphira. Sem dúvida que Galbatorix ficaria absolutamente furioso se soubesse que Bradburn tentou matá-lo.

Embora consciente de que tinham de se apressar, a curiosidade de Eragon não o deixava partir.

— Independentemente do fato de ser uma Dauthdaert, ainda não me explicaram por que razão Galbatorix não gostaria que nos apossássemos dela. — E fez um gesto em direção à lança. — O que tem Nierman de mais perigoso do que aquela lança, ali, ou até mesmo Bris... — Conseguiu conter-se antes de pronunciar o nome completo. — Ou a minha espada?

Foi Arya que respondeu.

— Não pode ser destruída pelos meios normais, o fogo não a afeta e é quase totalmente resistente à magia, como você mesmo viu. As Dauthdaertya foram concebidas para resistir a todos os feitiços que os dragões lançassem e para proteger quem as empunhasse desses feitiços — uma perspectiva desencorajante, se considerarmos o poder, a complexidade e a natureza inesperada da magia dos dragões. Não deve haver ninguém na Alagaësia com tantas proteções como Galbatorix e Shruikan, mas é possível que Niernen conseguisse penetrar nas suas defesas, como se estas nem sequer existissem.

Eragon percebeu e foi invadido por uma enorme alegria.

— Temos de...

Um ruído interrompeu-o.

O som foi cortante e arrepiante como metal arranhando pedra. Os dentes de Eragon vibraram em sintonia e ele tapou os ouvidos com as mãos, fazendo uma careta ao virar-se para tentar localizar a fonte do ruído. Saphira atirou a cabeça para trás e, mesmo sobre o estrépito, Eragon ouviu-a gemer de aflição.

Eragon varreu o pátio com o olhar, por duas vezes, antes de reparar numa tênue nuvem de pó erguendo-se ao longo da muralha da fortaleza, de uma rachadura de trinta centímetros que surgiu por baixo da janela enegrecida e parcialmente destruída, onde Blödhgarm matou o feiticeiro. Quando o ruído se intensificou, Eragon arriscou levantar uma mão que tapava o ouvido e apontar para a rachadura.

— Olha! — ele gritou para Arya, que acenou em sinal de reconhecimento. Eragon voltou a tapar o ouvido com a mão.

O ruído parou inesperadamente.

Eragon esperou alguns instantes, baixando depois lentamente as mãos e desejando por uma vez na vida que a sua audição não fosse tão sensível.

No instante em que o fez, a rachadura abriu-se mais — até ficar com vários metros de largura —, descendo rapidamente ao longo da muralha da fortaleza. Ao alcançar a pedra angular, por cima das portas do edifício, estilhaçou-a como um relâmpago, salpicando o chão de pedras. Todo o castelo rangeu e a parte da frente da fortaleza, desde a janela danificada à pedra angular, partida, começou a inclinar-se para fora.

— Fugam! — gritou Eragon aos Varden, embora os homens já estivessem se dispersando para ambos os lados do pátio, desesperados para sair de debaixo da muralha em equilíbrio precário. Eragon deu um único passo em frente, com os músculos do corpo tensos, procurando sinais de Roran, em algum lugar no meio da multidão de guerreiros.

Por fim viu-o, encurralado atrás do último grupo de homens que estava junto da porta, gritando-lhes furiosamente, mas sem conseguir fazer-se ouvir no meio de todo aquele alvoroço. Depois a muralha moveu-se e inclinou-se alguns centímetros — afastando-se ainda mais do resto do edifício — bombardeando Roran com pedras, fazendo-o perder o equilíbrio e forçando-o a cambalear para trás, por baixo dos beirais da porta.

Quando Roran se endireitou, o seu olhar cruzou-se com o de Eragon e este viu nele uma centelha de medo e de desespero, seguida por uma expressão de resignação, como se Roran soubesse que não conseguiria alcançar a segurança a tempo, por muito depressa que corresse.

Um sorriso amargo desenhou-se nos lábios de Roran.

E a muralha caiu.

A Queda do Martelo



ão! — gritou Eragon, ao ver a muralha da fortaleza desmoronar-se ruidosamente, soterrando Roran e cinco outros homens sob um amontoado de pedra com seis metros de altura e inundando o pátio com uma nuvem escura de pó.

Eragon gritou tão alto que lhe faltou a voz e sentiu uma camada pegajosa de sangue, com sabor de cobre, no fundo da garganta, inspirando e dobrando-se sobre si para tossir.

— Vaetna — arquejou ele, acenando com a mão. A espessa cortina de pó cinzento apartou-se com um ruído semelhante ao farfalhar de seda, descobrindo a parte central do pátio. Eragon estava de tal forma preocupado com Roran, que mal reparou na energia que o feitiço lhe roubou.

— Não, não, não, não — murmurou Eragon. *Ele não pode estar morto. Não pode, não pode, não pode...* Eragon continuou a repetir mentalmente a frase como se a repetição pudesse transformá-la em realidade. Mas, quanto mais a repetia mais esta lhe parecia uma oração para o mundo em geral e não a constatação de um fato ou de uma esperança.

Arya e os outros guerreiros dos Varden, diante dele, tossiam e limpavam os olhos com as palmas das mãos. Muitos estavam curvados para frente como se esperassem ser atingidos, outros ficaram pasmados ao olhar para a fortaleza danificada. Os escombros do edifício espalharam-se pelo meio do pátio, encobrimdo o mosaico. Duas divisões e meia do segundo andar do forte e uma no terceiro — a sala onde o feiticeiro morrera tão violentamente — estavam ao ar livre. As salas e a mobília pareciam sujas e bastante decrépitas à luz do sol. No interior, meia dúzia de soldados armados de bestas, recuaram atrapalhadamente do abismo à beira do qual se encontravam agora, precipitando-se pelas portas, no fundo das divisões, aos empurrões e encontros, e desaparecendo nas profundezas da fortaleza.

Eragon tentou calcular o peso de um bloco de pedra na pilha de escombros; devia pesar centenas de quilos. Se ele, Saphira e os elfos trabalhassem em conjunto, estava certo que conseguiriam remover as pedras com magia, mas o esforço os deixaria fracos e vulneráveis. Além disso, iria demorar muito tempo. Eragon pensou por instantes em Glaedr — o dragão dourado seria suficientemente forte para erguer toda aquela pilha de uma só

vez — mas o tempo era crucial e ele demoraria muito tempo para recolher o Eldunari de Glaedr. De qualquer forma, Eragon sabia que poderia nem sequer conseguir convencer Glaedr a falar com ele, muito menos a ajudar a salvar Roran e os outros homens.

Depois ele visualizou Roran, tal como este aparecera antes do dilúvio de pedras e de pó o esconder da sua visão, debaixo dos beirais da porta de entrada do forte, e deu um salto, percebendo o que fazer.

— Saphira, ajude-os! — gritou Eragon, largando o escudo e correndo para frente.

Ouviu Arya dizer algo na língua antiga atrás de si — uma frase curta, tipo “Esconde isto!” — acompanhando-o depois, com espada em punho, pronta para lutar.

Ao alcançar a base da pilha de escombros, Eragon saltou o mais alto que pôde, aterrando num só pé sobre a face inclinada de um bloco. Depois voltou a saltar, atirando-se sucessivamente de um ponto para o outro, como um cabrito-montês escalando a encosta de um desfiladeiro. Detestava a ideia de deslocar os blocos, mas subir a pilha era a forma mais rápida de alcançar o seu destino.

Saltando uma última vez, Eragon alcançou a beira do segundo andar e correu pela sala. Empurrou a porta, à sua frente, com tanta força que lhe partiu o trinco e as dobradiças, projetando-a pelo ar, contra a parede do corredor, por trás desta, e rachando as pesadas pranchas de carvalho.

Ele correu pelo corredor, mas os seus passos e a sua respiração pareciam-lhe estranhamente abafados, como se tivesse os ouvidos cheios de água.

Ao aproximar-se de uma porta aberta, abrandou. Através da abertura viu um escritório com cinco homens armados, apontando para um mapa e a discutindo. Nenhum deles reparou em Eragon.

Continuou a correr.

Dobrou velozmente uma esquina e chocou com um soldado que vinha na direção contrária. Ao embater com a testa na borda do escudo do homem, Eragon viu manchas vermelhas e amarelas. Agarrou-se ao soldado e ambos cambalearam para trás e para frente ao longo do corredor, como um par de bailarinos bêbados.

Enquanto tentava recuperar o equilíbrio, o soldado praguejou:

— O que se passa com você? Maldito seja três vezes — disse. Depois olhou para o rosto de Eragon e arregalou os olhos. — Você?

Eragon cerrou o punho direito e esmurrou o homem na barriga, um pouco abaixo da caixa torácica. O golpe ergueu o homem do chão e projetou-o contra o teto.

— Eu mesmo — anuiu Eragon, quando o homem tombou no chão, inerte.

Eragon continuou a percorrer o corredor. A sua pulsação, já normalmente acelerada, parecia duas vezes mais rápida, desde que entrara na fortaleza; era como se o coração fosse explodir do peito.

Onde estará?, pensou, nervosamente, olhando através de outra entrada. Mas viu apenas uma sala vazia.

Finalmente, ao fundo de uma sombria passagem lateral, avistou uma escada em caracol e desceu os degraus cinco a cinco, sem se preocupar com a sua segurança enquanto descia até ao primeiro andar, parando apenas para desviar de um arqueiro sobressaltado do seu caminho.

A escada terminou e ele alcançou uma sala de teto alto, abobadado, que lembrava a catedral de Dras-Leona. Girando sobre si mesmo, recolheu algumas impressões rápidas: escudos, armas, e estandartes vermelhos pendurados nas paredes; janelas estreitas mesmo abaixo do teto; tochas instaladas em suportes de ferro forjado; lareiras vazias; longas mesas escuras, assentos em armações, empilhadas de ambos os lados da sala, e um estrado ao topo da sala, onde estava um homem de túnica e de barbas, em frente de uma cadeira de costas altas. Eragon estava no salão principal do castelo. À sua direita, entre si e as portas que conduziam à entrada da fortaleza, havia um contingente de, pelo menos, cinquenta soldados. A linha dourada nas suas túnicas cintilou ao remexerem-se surpreendidos.

— Matem-no! — ordenou o homem de barbas, parecendo mais assustado do que propriamente autoritário. — Quem o matar receberá um terço do meu tesouro! Prometo!

Uma terrível frustração cresceu em Eragon, vendo-se mais uma vez atrasado. Desembainhando a espada, ergueu-a sobre a cabeça e gritou:

— Brisingr!

Um casulo fantasmagórico de chamas azuis ganhou vida em torno do gume, percorrendo-o até à ponta. O calor do fogo aqueceu a mão de Eragon e um dos lados do seu rosto.

Depois baixou os olhos para os soldados.

— Andem — rugiu ele.

Os soldados hesitaram mais um instante e, a seguir, viraram-se e fugiram.

Eragon atacou, ignorando as lesmas em pânico ao alcance da sua espada flamejante. Um homem tropeçou e caiu diante de si e Eragon saltou por cima do soldado sem lhe tocar na borla do elmo.

O deslocamento de ar ocasionado pela passagem de Eragon, fustigava as chamas do gume, alongando-as atrás da espada como a crina de um cavalo a galope.

Curvando os ombros para frente, Eragon irrompeu pelas portas que protegiam a entrada para o salão principal, correndo ao longo de uma câmara comprida e ampla, ladeada de salas cheias de soldados — bem como engrenagens, polias e outros mecanismos utilizados para fazer subir e descer os portões da fortaleza —, correndo depois a toda velocidade para o portão suspenso que bloqueava o caminho para o local onde Roran estava quando a muralha da fortaleza ruía.

A grade de metal entortou-se quando Eragon bateu nela, mas não o suficiente para partir o metal.

Deu um passo vacilante para trás.

Voltou a canalizar a energia armazenada nos diamantes do cinto — o cinto de Beloth, o Sábio — para Brisingr, esvaziando as pedras preciosas da sua valiosa carga e ateando o fogo da espada até uma intensidade quase insuportável. Um grito sem palavras escapou-se, ao puxar o braço para trás e bater no portão suspenso. Faíscas laranjas e amarelas salpicaram-no, marcando-lhe as luvas e a túnica e fazendo-lhe arder a carne exposta. Uma gota de ferro fundido caiu sobre sua biqueira da bota, fervendo, e ele sacudiu-a, agitando o tornozelo.

Fez três cortes no portão suspenso, fazendo cair para dentro uma seção do tamanho de um homem. As pontas cortadas da grade brilhavam incandescentes, iluminando a área com a sua radiância suave.

Ao entrar pela abertura que criara, Eragon deixou que as chamas que se erguiam de Brisingr se extinguissem.

Correu primeiro para a esquerda, depois para a direita e de novo para a esquerda, percorrendo as direções alternadas da passagem, um intrincado caminho concebido para empatar o avanço das tropas caso estas conseguissem ganhar acesso à fortaleza.

Ao dobrar a última esquina, Eragon viu o seu destino: o pórtico afogado em destroços. Mesmo com a sua visão de elfo, ele conseguia apenas distinguir as formas mais volumosas na escuridão, a derrocada de pedras

apagara as tochas nas paredes. Ouviu um estranho ruído de algo a bufar e a debater-se. Como se algum tipo de besta desajeitada estivesse enraizada nos escombros.

— Naina — disse Eragon.

Uma luz azul, sem direção específica, iluminou o espaço e Roran surgiu diante dele, coberto de pó, sangue, cinzas e suor, de dentes arreganhados, num esgar feroz, batendo-se com um soldado sobre os cadáveres de dois outros.

Ao ver aquela claridade repentina, o soldado encolheu-se e Roran aproveitou a distração do homem para se torcer e o erguer de joelhos, tirando-lhe a adaga da bainha e cravando-a por baixo do canto do maxilar.

O soldado esperneou duas vezes e ficou imóvel.

Tentando recuperar o fôlego, Roran ergueu-se junto do corpo, com sangue escorrendo-lhe pelos dedos e olhou para Eragon com uma expressão curiosamente vidrada.

— Já não era tempo seu... — disse ele. Depois revirou os olhos e desmaiou.

Sombras no Horizonte

Eragon teve que largar Brisingr para conseguir agarrar Roran, antes que este caísse no chão, embora estivesse relutante em fazê-lo. Mesmo assim, abriu a mão e a espada caiu ruidosamente nas pedras, no preciso instante em que o peso de Roran lhe assentou nos braços.

— Está muito ferido? — perguntou Arya.

Eragon encolheu-se, surpreendido por vê-la com Blödhgarm junto de si.

— Não parece. — Bateu várias vezes, levemente, nas faces de Roran, limpando-lhe o pó que tinha na pele. Sob o brilho uniforme, cor de gelo, do feitiço de Eragon, Roran parecia abatido. Tinha manchas negras em torno dos olhos e os lábios arroxeados, como se estivessem sujos de sumo de amoras. — Vamos, lembra.

Segundos depois, as pálpebras de Roran estremeceram, ele abriu-as e olhou para Eragon, visivelmente confuso. Eragon sentiu tamanho alívio, que quase conseguia prová-lo.

— Você desmaiou por uns instantes — explicou ele.

— Ah.

Está vivo!, disse a Saphira, arriscando um breve momento de contato.

O prazer dela era visível. *Ótimo. Vou ficar aqui e ajudar os elfos a remover as pedras do edifício. Se precisar de mim grita e eu arranjaré uma maneira de te alcançar.*

A cota de malha de Roran tilintou, quando Eragon o ajudou a levantar-se.

— E os outros? — perguntou Eragon, fazendo um gesto em direção ao amontoado de escombros.

Roran abanou a cabeça.

— Tem certeza?

— Ninguém poderia ter sobrevivido ali debaixo. Eu só escapei... porque estava parcialmente protegido pelos beirais.

— E você? Está bem? — perguntou Eragon.

— O quê? — disse Roran, franzindo a sobancelha, parecendo confuso, como se tal pensamento jamais lhe tivesse ocorrido. — Estou bem... É capaz de eu estar com o pulso partido, mas não é grave.

Eragon atirou um olhar suplicante a Blödhgarm e o elfo assumiu uma expressão tensa, numa vaga demonstração de desagrado, mas aproximou-se de Roran, dizendo-lhe numa voz suave:

— Se não se importa... — Esticou a mão para o braço ferido de Roran.

Enquanto Blödhgarm tratava de Roran, Eragon apanhou Brisingr e ficou de guarda na entrada com Arya, para o caso de alguns soldados cometerem a imprudência de os atacar.

— Pronto, já está — disse Blödhgarm, afastando-se de Roran, que girou o pulso em círculo para testar a articulação.

Satisfeito, Roran agradeceu a Blödhgarm, baixando depois a mão e começando a remexer no chão coberto de escombros até encontrar o martelo. Depois reajustou a armadura e olhou para a entrada.

— Já tenho o que chegue deste Lord Bradburn — disse ele num tom enganadoramente calmo. — Acho que manteve o seu poleiro tempo demais e devia ser aliviado das suas responsabilidades. Não concorda, Arya?

— Sim.

— Bom, então vamos lá à procura desse velho barrigudo; lhe darei umas pancadinhas suaves com o meu martelo em memória de todos os que perdemos hoje.

— Estava no salão principal, há alguns minutos atrás — disse Eragon —, mas duvido que tenha ficado à nossa espera.

Roran acenou com a cabeça.

— Nesse caso teremos de persegui-lo. — Dito isto, começou a andar.

Eragon extinguiu o feitiço de luz e seguiu apressadamente o primo, empunhando Brisingr em guarda. Arya e Blödhgarm mantiveram-se tão perto dele quanto possível, na intrincada passagem.

A passagem dava acesso a uma câmara que estava deserta, tal como o salão principal do castelo, onde a única evidência da presença dos soldados e oficiais que a ocupavam anteriormente era um elmo caído no chão, balançando para trás e para frente em círculos decrescentes.

Eragon e Roran passaram a correr pelo estrado de mármore. Eragon tentou não correr muito depressa para que Roran não ficasse para trás.

Mesmo à esquerda da plataforma, deram um pontapé numa porta e subiram apressadamente as escadas por trás desta.

Paravam em cada andar, para que Blódhgarm pudesse sondar mentalmente quaisquer vestígios de Lord Bradburn e da sua comitiva, mas não encontrou nenhum.

Ao chegarem no terceiro andar, Eragon ouviu o estrépito de passos e viu uma infinidade de lanças em riste preencherem a passagem em arco, em frente de Roran. As lanças golpearam Roran na face e na coxa direita, cobrindo seu joelho de sangue. Ele urrou como um urso ferido e investiu contra as lanças, com o escudo, tentando subir os últimos degraus e sair da escadaria. Os homens gritavam freneticamente.

Eragon passou Brisingr para a mão esquerda, atrás de Roran, esticou o braço para a frente do primo, agarrou numa das lanças pelo punho e arrancou-a de quem a segurava, virando-a ao contrário e arremessando-a para o meio dos homens que se amontoavam na passagem. Alguém gritou e surgiu uma abertura na parede de corpos. Eragon repetiu a operação e os seus arremessos depressa reduziram o número de soldados, permitindo que Roran forcesse o amontoado de homens recuando aos poucos.

Logo que Roran conseguiu sair das escadas, os doze soldados que restavam dispersaram-se por um amplo patamar, circundado por balaustradas, numa tentativa de arranjar espaço para brandir as armas sem obstáculos. Roran voltou a urrar e lançou-se em perseguição do soldado mais próximo. Aparou a espada do homem, conseguiu penetrar no seu espaço defensivo e atingiu-o no elmo, que retiniu como uma panela de ferro.

Eragon correu pelo patamar e derrubou dois soldados que estavam perto um do outro, atirando-os ao chão e despachando cada um deles com um único golpe de Brisingr. Um machado voou na sua direção, girando, mas ele abaixou-se e empurrou um homem de uma balaustrada, antes de defrontar outros dois que tentavam estripá-lo com piques de pontas recurvas.

Arya e Blódhgarm moviam-se já entre os homens, silenciosos e letais, com a graciosidade própria dos elfos, capaz de transformar a violência em algo mais semelhante a uma encenação artística do que à luta sórdida que caracterizava a maior parte dos combates.

Os quatro mataram o resto dos soldados, numa explosão de ruídos metálicos, ossos partidos e membros decepados. Eragon, como sempre, vibrou com o combate. Era como se alguém o surpreendesse com um balde de água fria, proporcionando-lhe uma sensação de clareza sem paralelo em qualquer outra atividade.

Roran curvou-se e pousou as mãos sobre os joelhos, tentando recuperar o fôlego, como se tivesse acabado de fazer uma corrida.

— Posso? — perguntou Eragon, apontando para os cortes no rosto e na coxa de Roran.

Roran experimentou, várias vezes, assentar o peso do corpo sobre a perna ferida.

— Eu posso esperar. Primeiro, vamos à procura de Bradburn.

Eragon seguiu na dianteira, ao regressarem à escada e recomeçarem a subi-la. Finalmente, depois de mais cinco minutos de buscas, encontraram Lord Bradburn barricado na sala mais alta da torre, virada a oeste. Eragon, Arya e Blödhgarm desmantelaram as portas e a pilha de mobília empilhada atrás delas, com uma série de feitiços. Ao entrarem nos aposentos, com Roran, os camareiros e os guardas do castelo que se tinham reunido à frente de Bradburn empalideceram e muitos deles começaram a tremer. Para seu alívio, Eragon teve apenas de matar três dos guardas para que o resto do grupo depusesse as armas e os escudos, em sinal de rendição.

Arya aproximou-se depois de Lord Bradburn, que permaneceu em silêncio durante todo o tempo, e disse:

— Bom, você ordenará que as suas forças se rendam? Restam apenas alguns homens, mas você ainda pode salvar-lhes a vida.

— Mesmo que pudesse não o faria — disse Bradburn num tom de tal forma desdenhoso, que Eragon quase lhe bateu. — Não lhes farei quaisquer concessões, elfo. Não entregarei os meus homens a criaturas tão nojentas e tão pouco naturais como tu. Antes a morte. E não pense que me ilude com palavras melosas. Eu sei da sua aliança com os Urgals. Mais depressa confiaria numa serpente do que em alguém que partilha o seu pão com esses monstros.

Arya acenou com a cabeça e colocou a mão sobre o rosto de Bradburn. Fechou os olhos e, durante algum tempo, tanto ela como Bradburn ficaram imóveis. Eragon alcançou-os com a mente e sentiu a guerra de vontades que se alastrava entre eles, enquanto Arya tentava vencer as defesas de Bradburn e penetrar na sua consciência. Levou cerca de um minuto, mas conseguiu finalmente controlar a mente do homem, invocando e examinando as suas memórias até descobrir a natureza das suas proteções.

Depois falou na língua antiga e lançou um intrincado feitiço concebido para contornar essas defesas e pôr Bradburn para dormir. Quando terminou, os olhos de Bradburn fecharam-se e ele caiu em seus braços com um suspiro.

— Ela o matou! — gritou um dos guardas. Ouviram-se gritos de pavor e de indignação entre os homens.

Enquanto tentava convencê-los do contrário, Eragon ouviu uma das trompetas dos Varden à distância. Pouco depois, ouviu outra trompeta, esta muito mais próxima, depois outra e, finalmente, começou a apanhar fragmentos de sons que quase poderia jurar tratarem-se de vivas indistintos e dispersos, vindos do pátio, em baixo.

Intrigado, trocou um olhar com Arya e, depois, contornou a sala em círculo, olhando para fora de cada janela, nas paredes da câmara.

A oeste e a sul ficava Belatona, uma grande e próspera cidade, uma das maiores do Império. Os edifícios perto do castelo eram estruturas imponentes de pedra, com telhados inclinados e janelas ogivais, enquanto os mais distantes eram de madeira e argamassa. Vários dos edifícios parcialmente feitos de madeira tinham-se incendiado durante a batalha e a fumaça impregnava o ar com uma camada de névoa castanha que fazia arder os olhos e a garganta.

A sudeste, a cerca de um quilômetro e meio da cidade, estava o acampamento dos Varden; longas filas de tendas cinzentas, de lã, circundadas por trincheiras ladeadas de estacas, alguns pavilhões de cores garridas, com bandeiras e estandartes, e centenas de homens feridos deitados no chão. As tendas dos curandeiros estavam já além limite da sua capacidade.

A norte, depois das docas e dos armazéns, ficava o Lago Leona, uma vasta extensão de água, salpicada aqui e ali de cristas brancas.

Lá no alto, a parede de nuvens negras que avançava de oeste, aproximava-se da cidade, ameaçando envolvê-la nas pregas de chuva que se precipitavam do seu ventre como uma saia. Luz azul relampejava aqui e ali nas profundezas da tempestade e os trovões ribombavam como um animal enfurecido.

Mas Eragon não via, em parte alguma, uma explicação para a agitação que chamara a sua atenção.

Ele e Arya correram para a janela acima do pátio. Saphira, os homens e os elfos, que trabalhavam com ela, tinham acabado de remover as pedras em frente da fortaleza. Eragon assobiou e, quando Saphira olhou para cima, ele acenou. Esta abriu as mandíbulas num sorriso de dentes aguçados, exalando uma tira de fumaça na direção dele.

— Ei! Alguma novidade? — gritou Eragon.

Um dos Varden que estava nas muralhas do castelo levantou o braço e apontou para leste:

— Olha, Matador de Espectros! Vêm aí os meninos-gato, vêm aí os meninos-gato!

Eragon sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe a espinha. Seguiu a linha do braço do homem em direção ao leste e, desta vez, viu uma pequena hoste de figuras sombrias emergindo de uma prega de terra, a alguns quilômetros de distância, do outro lado do Rio Jiet. Algumas das figuras caminhavam sobre quatro patas, outras sobre duas, mas estavam muito distantes para ele ter a certeza de que eram meninos-gato.

— Será possível? — perguntou Arya, surpreendida.

— Não sei... Em breve saberemos o que são.

O Rei Gato

Eragon estava no estrado do salão principal, mesmo à direita do trono de Lord Bradburn, com a mão esquerda no punho de Brisingr, que estava embainhada. Jörmundur — o alto comandante dos Varden — encontrava-se do outro lado do trono com o elmo debaixo do braço. Tinha algum cabelo grisalho nas têmporas; o resto era castanho e estava preso atrás, numa longa trança. O seu rosto esguio ostentava uma expressão diligentemente neutra, a expressão de alguém com uma longa experiência à serviço de outros. Eragon reparou que Jörmundur tinha um fio de sangue escorrendo da parte debaixo do braçal direito, mas não revelava qualquer sinal de dor.

A sua líder, Nasuada, sentava-se entre ambos, resplandecente, com um vestido verde e amarelo que vestira apenas momentos antes, trocando a indumentária de guerra, por roupas mais adequadas à prática de assuntos de estado. Também ela fora marcada durante o combate, como era evidente pela ligadura de linho que envolvia sua mão esquerda.

Falando num tom de voz baixo que apenas Eragon e Jörmundur podiam ouvir, Nasuada disse:

— Se conseguíssemos o apoio deles...

— Mas o que quereão eles em troca? — perguntou Jörmundur. — Os nossos cofres estão quase vazios e nosso futuro é incerto.

Movendo os lábios quase imperceptivelmente, ela respondeu:

— Talvez tudo o que desejem de nós seja uma oportunidade de retaliação contra Galbatorix. — Fez uma pausa. — Se assim não for, teremos de encontrar outros meios que não o ouro para os persuadir a reunirem-se às nossas hostes.

— Poderia lhes oferecer barris de nata — disse Eragon, o que provocou um ataque de riso em Jörmundur e arrancou uma gargalhada suave de Nasuada.

A sua conversa em voz baixa terminou ao ouvirem três trompetas no exterior do salão principal. Depois, um pajem louro, com uma túnica bordada com o estandarte dos Varden — um dragão branco segurando uma rosa por cima de uma espada apontando para baixo, sobre um fundo púrpura — entrou pela porta aberta, do outro lado do salão, bateu no chão com o bastão cerimonial e anunciou numa voz fina e melodiosa:

— Sua Majestade e Augusta Alteza Real, Grimrr Meiapata, O Que Fala Sozinho, Rei dos Meninos-Gato, Senhor dos Locais Solitários, Governante dos Domínios da Noite.

Que estranho título aquele: O que Fala Sozinho, comentou Eragon com Saphira.

Mas bem merecido, presumo, respondeu ela, e ele sentiu quão divertida estava, muito embora não pudesse ver onde permanecia aninhada, na fortaleza do castelo.

O pajem afastou-se e Grimrr Meiapata entrou pela porta, na forma humana, seguido de outros quatro meninos-gato, que o seguiam de perto, caminhando sobre grandes patas lanosas. Eram os quatro parecidos com Solembum, o único menino-gato que Eragon vira na forma animal: ombros poderosos e longos membros, com uma gola curta de pelo sobre o pescoço e na nuca, orelhas franjadas e uma cauda de ponta preta, que sacudiam graciosamente de um lado para o outro.

Grimrr Meiapata, contudo, não se parecia com qualquer pessoa ou criatura que Eragon tivesse visto até então. Tinha cerca de um metro e vinte de altura, a mesma altura que um anão, porém ninguém o confundiria com um anão, nem mesmo com um humano. Tinha um queixo pequeno e pontiagudo, maçãs do rosto largas e uns olhos verdes de pupilas fendidas, com pestanas semelhantes a asas, por baixo de umas sobranceiras arqueadas. O cabelo negro, escortanhado, cobria-lhe praticamente a testa, mas chegava nos ombros, ao lado e atrás, e era liso e lustroso, muito à semelhança das jubas dos seus companheiros. Eragon não conseguiria adivinhar a sua idade.

As únicas roupas que Grimrr usava eram um colete grosseiro de couro e uma tanga de pele de coelho. Trazia crânios de uma dúzia de animais — pássaros, ratos e outras pequenas presas — amarrados à parte da frente do colete e estes chocalhavam uns contra os outros quando andava. Tinha uma adaga embainhada, saindo do cinto da tanga, na diagonal. Numerosas cicatrizes, finas e esbranquiçadas, marcavam-lhe a pele cor de avelã, como riscos numa mesa muito usada. Além disso, como o nome indicava, faltavam-lhe dois dedos na mão esquerda, que pareciam ter sido arrancados à dentada.

Apesar da delicadeza das feições, os músculos rijos e fortes dos braços e do peito de Grimrr, as ancas estreitas e o poder contido da sua passada ao caminhar calmamente ao longo da sala, na direção de Nasuada, não deixavam qualquer dúvida de que era um macho.

Nenhum dos meninos-gato pareceu reparar nas pessoas que os observavam, alinhadas de ambos os lados do caminho, até Grimrr chegar junto de Angela, a herbolária, que estava ao lado de Roran tricotando uma meia direita, às riscas, com seis agulhas.

Grimrr franziu os olhos ao olhar para a herbolária e o seu cabelo ondulou, eriçando-se tal como o pelo dos quatro guardas. Os seus lábios recuaram, revelando um par de caninos recurvos e ele bufou breve e ruidosamente, para espanto de Eragon.

Angela levantou os olhos da meia, com uma expressão lânguida e insolente.

— Piu, piu.

Por instantes, Eragon julgou que o menino-gato fosse atacá-la. Um rubor escuro manchou o pescoço e o rosto de Grimrr, as suas narinas dilataram-se e ele rosnou-lhe baixinho. Os outros meninos-gato agacharam-se, prontos para saltar, com as orelhas coladas à cabeça.

Eragon ouviu o ruído de espadas deslizando parcialmente das bainhas, por toda a sala.

Grimrr voltou a bufar, virando costas à herbolária e continuando a caminhar. Quando o último menino-gato passou por Angela ergueu uma pata e deu uma patada no fio de lã pendurado nas agulhas de Angela, como um gato doméstico brincalhão faria.

Saphira estava tão confusa como Eragon. *Piu, piu?* perguntou ela.

Ele encolheu os ombros, esquecendo-se que ela não o poderia ver. Nunca se sabe por que motivo Angela faz ou diz seja o que for.

Grimrr parou finalmente diante de Nasuada, inclinou muito ligeiramente a cabeça, revelando nesse comportamento a suprema confiança, ou mesmo a arrogância, que definia o universo único dos gatos, dragões e certas mulheres bem-nascidas.

— Lady Nasuada — disse. A sua voz era surpreendentemente cava, mais semelhante ao rugido de um gato bravo do que aos tons agudos do rapaz que aparentava ser.

Nasuada inclinou, por seu vez, a cabeça.

— Rei Meiapata. Você é muito bem-vindo aos Varden, você e toda a sua raça. Devo apresentar as minhas desculpas pela ausência do nosso aliado, o rei Orrin de Surda; ele não pôde estar presente para lhes saudar, como

pretendia, pois está neste momento com os seus cavaleiros defendendo o nosso flanco oeste de um contingente de tropas de Galbatorix.

— Claro, Lady Nasuada — disse Grimrr, mostrando os dentes ao falar.
— Nunca devemos virar as costas aos nossos inimigos.

— Ainda assim... Mas a que devemos o prazer inesperado desta visita, Alteza? Os meninos-gato sempre foram famosos pela sua discrição, pela sua solidão e por não se envolverem nos conflitos da época, especialmente depois da Queda dos Cavaleiros. Poderia-se até dizer que a sua raça se tornou um mito ao longo do último século. Por que motivo decidiram mostrar-se agora?

Grimrr ergueu o braço esquerdo e apontou para Eragon, com um dedo arqueado rematado por uma unha semelhante a uma garra.

— Por causa dele — rugiu o menino-gato. — Não se ataca outro caçador antes que este nos revele as suas fraquezas e Galbatorix revelou as suas: ele não matará Eragon, o Matador de Espectros, nem Saphira Bjartskular. Há muito que esperávamos esta oportunidade e vamos aproveitá-la. Galbatorix aprenderá a temer-nos e a odiar-nos. Finalmente entenderá a dimensão do seu erro e perceberá que nós fomos os responsáveis pela sua desgraça. E quão doce será essa vingança. Tão doce como a medula de um jovem e tenro javali.

“Chegou o momento, humano, chegou o momento de todas as raças, mesmo os meninos-gato, se unirem e provarem a Galbatorix que não quebrou a nossa vontade de lutar. Poderíamos juntar-nos ao seu exército como aliados voluntários e lhes ajudar a consegui-lo, Lady Nasuada.

Eragon não fazia ideia do que Nasuada pensava, mas ele e Saphira estavam impressionados com o discurso do menino-gato.

Depois de uma breve pausa, Nasuada disse:

— As suas palavras são bastante agradáveis aos meus ouvidos, Alteza, mas antes de aceitar a sua oferta, preciso que me dê algumas respostas, se estiver disposto a isso.

Com uma indiferença inabalável, Grimrr acenou com a mão.

— Estou.

— A sua raça tem sido tão sigilosa e evasiva, que devo confessar que só hoje soube da existência de Vossa Alteza. De fato, não sabia sequer que a sua raça tinha um governante.

— Eu não sou um rei como os seus reis — esclareceu Grimrr. — Os meninos-gato preferem andar sozinhos, mas mesmo nós temos de escolher um líder quando vamos para a guerra.

— Compreendo. Você fala em nome de toda a sua raça, ou apenas em nome daqueles que viajam contigo?

Grimrr encheu o peito de ar e assumiu uma expressão ainda mais arrogante, se é que isso era possível:

— Falo em nome de toda a minha raça, Lady Nasuada — ronronou ele. — Todos os meninos-gato fisicamente capazes da Alagaësia, salvo aqueles que carecem dos nossos cuidados, estão aqui para lutar. Somos poucos, mas a nossa ferocidade em combate não tem igual e também posso comandar a espécie una, embora não possa falar em nome deles, pois são tão tontos como os outros animais. Ainda assim, farão o que exigirmos deles.

— Espécie una? — inquiriu Nasuada.

— Aquilo a que chamam gatos. Aqueles que não podem mudar a pele como nós.

— E dominam a sua lealdade?

— Sim. Eles admiram-nos... o que é absolutamente natural.

Se o que ele diz é verdade, comentou Eragon com Saphira, *os meninos-gato, poderão revelar-se incrivelmente valiosos.*

Depois Nasuada disse:

— E o que deseja de nós em troca da sua ajuda, Rei Meiapata? — Olhou de relance para Eragon e sorriu, acrescentando: — Poderemos lhes oferecer as natas que quiserem, mas mais do que isso os nossos recursos são limitados. Se os seus guerreiros esperam ser pagos pelos seus esforços, receio bem que sofram uma amarga decepção.

— As natas são para gatos pequenos e o ouro não nos interessa — disse Grimrr, erguendo a mão direita, ao falar, e examinando as unhas com pálpebras semicerradas. — Os nossos termos são os seguintes: Será fornecida uma adaga a cada um de nós, para combater, caso ainda não tenhamos uma. Cada um de nós terá duas armaduras feitas sob medida; uma para quando caminharmos sobre duas pernas e outra para quando caminharmos sobre quatro. Não precisamos de outro equipamento a não ser esse — dispensamos tendas, cobertores, pratos ou colheres. A cada um de nós será assegurado um pato, um ganso, uma galinha ou um pássaro semelhante por dia, e uma taça de fígado acabado de picar, de dois em dois dias. A comida deverá ser reservada para nós, mesmo que optemos por não

comer. Se você ganhar esta guerra, o seu próximo rei ou rainha — e todos os que reclamarem esse título daí em diante — deverão também manter uma almofada estofada junto do trono, num lugar de honra, para um de nós se sentar, se assim o desejarmos.

— Você negocia como um legislador anão — disse Nasuada, secamente. Inclinou-se para Jörmundur e Eragon ouviu-a sussurrar: — Temos fígado suficiente para alimentar todos?

— Creio que sim — respondeu Jörmundur, também em voz baixa —, mas depende do tamanho da taça.

Nasuada endireitou-se no seu lugar.

— Duas armaduras é demais, Rei Meiapata. Os seus guerreiros terão de decidir se querem lutar como gatos ou como humanos e, depois, manter a sua decisão. Não tenho disponibilidade para equipá-los com ambas.

Se Grimrr tivesse cauda, com toda a certeza que a teria sacudido para trás e para frente, pensou Eragon, mas o menino-gato apenas mudou de posição.

— Muito bem, Lady Nasuada.

— Há mais uma questão. Galbatorix tem espiões e assassinos escondidos por toda a parte. Portanto, como condição para que vocês se reúnam aos Varden, terão que permitir que um dos nossos feiticeiros examine as suas memórias para nos certificarmos de que Galbatorix não tem domínio sobre vocês.

Grimrr fungou.

— Seria imprudente se não o fizesse. Se alguém tiver a coragem de ler os nossos pensamentos, que os leia. Mas ela não. — E torceu-se para apontar para Angela. — Ela nunca.

Nasuada hesitou e Eragon percebeu que ela queria perguntar porquê mas conteve-se.

— Que assim seja, então. Mandarei buscar os feiticeiros de imediato, para que possam resolver este assunto sem demora. Depois do exame, juntamente com aquilo que encontrarem — e estou certa que não será nada de ruim —, será uma honra estabelecer uma aliança entre vocês e os Varden, Rei Meiapata.

Ao ouvir as suas palavras, todos os humanos presentes na sala começaram a aclamar e a aplaudir, incluindo Angela. Mesmo os elfos pareciam satisfeitos.

Os meninos-gato, contudo, não reagiram, limitando-se a virar as orelhas para trás, incomodados com o barulho.

Resultado

Eragon gemeu e encostou-se em Saphira, escorregando pelas escamas rugosas até ficar sentado no chão, de mãos apoiadas nos joelhos, esticando depois as pernas à frente do corpo.

— Tenho fome! — exclamou.

Estava com Saphira no pátio do castelo, afastados dos homens que trabalhavam para desimpedi-lo — empilhando pedras e corpos em carroças — e das pessoas que saíam e entravam no edifício danificado, muitas das quais tinham assistido à audiência de Nasuada com o Rei Meiapata e retiravam-se agora para cuidar de outras tarefas. Blödhgarm e quatro elfos mantinham-se ali por perto, atentos a qualquer perigo.

— Ei! — gritou alguém.

Eragon levantou os olhos e viu Roran caminhar na sua direção, vindo da fortaleza. Angela seguia-o a alguns passos de distância, com a lâ esvoaçando, quase tinha que correr para acompanhar a sua passada mais larga.

— Para onde você vai agora? — perguntou Eragon, quando Roran parou à sua frente.

— Vou ajudar a guardar a cidade e a organizar os prisioneiros.

— Ah... — Os olhos de Eragon vaguearam pelo pátio movimentado, antes de voltar a olhar para o rosto contundido de Roran. — Você lutou bem.

— Você também.

Eragon desviou a sua atenção para Angela, que estava de novo tricotando, movendo os dedos tão depressa, que ele não conseguia acompanhar o que ela fazia.

— Piu, piu? — perguntou.

Uma expressão travessa invadiu-lhe o rosto e ela abanou a cabeça, agitando os caracóis volumosos.

— É uma história para outra hora.

Eragon aceitou a evasiva sem reclamar; não esperava que ela se explicasse, pois raramente o fazia.

— E você? — interpelou Roran. — Para onde vai?

Vamos comer qualquer coisa, disse Saphira, batendo de leve com o focinho em Eragon e exalando ar morno sobre ele.

Roran acenou com a cabeça.

— Parece-me boa ideia. Então, nos vemos no acampamento esta noite.
— Ao virar-se para se afastar, acrescentou. — Diz para Katrina que estou com saudades.

Angela guardou o tricô numa bolsa acolchoada que tinha presa à cintura.

— Acho que também vou embora. Estou preparando uma poção na minha tenda e tenho de ir cuidar dela. Além disso, quero localizar um certo menino-gato.

— Grimrr?

— Não, não... uma velha amiga minha: a mãe de Solembum. Isto se ela ainda estiver viva. Espero que sim. — Levou a mão à testa, formando um círculo com o indicador e o polegar, e disse num tom de voz muito alegre:

— Nos vemos por aí. — Dito isto, foi embora.

Salta para o meu dorso, disse Saphira, levantando-se e deixando Eragon sem apoio. Ele subiu para a sela na base do pescoço e Saphira abriu as enormes asas, com um ruído seco de pele roçando em pele. O movimento gerou uma rajada de vento quase silenciosa que se espalhou como ondas num lago. No pátio, as pessoas pararam para olhar para ela.

Ao erguer as asas por cima da cabeça, Eragon viu a teia de veias avermelhadas que pulsavam dentro delas transformarem-se em trilhos de vermes vazios cada vez que o fluxo de sangue abrandava, entre as batidas do seu poderoso coração.

Depois, com um arranque repentino e um solavanco, o mundo girou descontroladamente em torno de Eragon, enquanto Saphira saltava do pátio para o topo da muralha do castelo, onde por instantes se equilibrava nos merlões, com as pedras estalando entre as pontas das suas garras. Eragon agarrou-se ao espinho do pescoço, à sua frente, para se amparar. O mundo voltou a girar, quando Saphira se lançou da muralha. Um cheiro e um sabor acre assaltaram Eragon, fazendo-lhe arder os olhos, enquanto Saphira atravessava a espessa camada de fumaça que pairava sobre Belatona, como um manto de dor, raiva e mágoa.

Saphira bateu duas vezes as asas, com força, e os dois emergiram da fumaça para a luz do sol, voando sobre as ruas da cidade, salpicadas de fogo. Imobilizando as asas, Saphira planou em círculos, deixando que o ar quente a levasse mais para cima.

Mesmo cansado, Eragon apreciou o esplendor da paisagem: a frente da ruidosa tempestade prestes a engolir Belatona cintilava num branco resplandecente. Enquanto isso, à distância, os cúmulos-nimbos se alastravam em sombras escuras, que não revelavam nada do que continham, a não ser quando os relâmpagos irrompiam através deles. De resto, o lago cintilante e as centenas de pequenas fazendas verdejantes dispersas pela paisagem também chamaram a sua atenção, mas nada era tão impressionante como aquela montanha de nuvens.

Como sempre, Eragon sentiu-se privilegiado por poder olhar o mundo de tão alto, pois sabia que pouca gente tivera chance de voar no dorso de um dragão.

Mudando ligeiramente a posição das asas, Saphira começou a planar em direção às tendas cinzentas que compunham o acampamento dos Varden.

Um vento forte fustigou-os subitamente, vindo de oeste, anunciando a tempestade iminente. Eragon curvou-se para frente e agarrou-se mais firmemente ao espinho do pescoço de Saphira. Viu ondulações brilhantes varrerem os campos, lá em baixo, à medida que os caules se vergavam sob a força do vendaval crescente. A grama em movimento lembrava-lhe o pelo de um gigantesco animal verde.

Um cavalo relinchou, quando Saphira sobrevoou as filas de tendas até à clareira reservada a ela. Eragon ergueu-se parcialmente na sela logo que Saphira retesou as asas, abrandando quase até parar sobre a terra revolvida. Eragon caiu para frente com o impacto da aterrissagem.

Desculpa, disse ela. Tentei aterrissar o mais suavemente possível.

Eu sei.

No instante em que desmontou, Eragon viu Katrina caminhar apressadamente ao seu encontro. Os seus longos cabelos arruivados redemoinhavam-lhe em torno do rosto, ao atravessar a clareira, e a força do vento revelava o volume cada vez maior do seu ventre, através das camadas de tecido do vestido.

— Quais são as novidades? — gritou ela, com a preocupação estampada em todas as linhas do rosto.

— Você soube dos meninos-gato?...

Ela acenou afirmativamente.

— Não há grandes notícias, além disso. Roran está bem. Mandou dizer que tem saudades.

A expressão dela suavizou-se, mas a sua preocupação não desapareceu por completo.

— Então ele está bem? — ela apontou para o anel que usava no terceiro dedo da mão esquerda, um dos dois que Eragon encantara para ela e para Roran, para que ambos soubessem se o outro estava em perigo. — Julguei ter sentido algo há cerca de uma hora atrás e estava com receio que...

Eragon abanou a cabeça.

— Roran te contará. Ficou com uns arranhões e umas nódoas negras, mas, além disso, está bem. Quase morri de susto, apesar de tudo.

A expressão de preocupação de Katrina agravou-se. Depois sorriu, ainda que com um esforço visível.

— Pelo menos estão ambos a salvo.

Separaram-se e Eragon e Saphira se encaminharam para uma das tendas no campo, junto dos fornos dos Varden. Aí se empanturraram de carne e de hidromel, enquanto o vento uivava em torno deles e a chuva forte fustigava a parte lateral da tenda batida pelo vento.

Ao ver Eragon morder uma fatia de porco assado, Saphira disse: *Está bom? Está suculento?*

— *Humm* — respondeu Eragon, com molho escorrendo pelo seu queixo.

Memórias dos Mortos



albatorix é louco e portanto imprevisível, mas tem também lacunas no raciocínio que uma pessoa normal não teria. Se você as conseguir descobrir, Eragon, talvez você e Saphira consigam derrotá-lo.

Brom baixou o cachimbo, com uma expressão grave.

— Espero que sim. O meu maior desejo, Eragon, é que você e Saphira tenham vidas longas e proveitosas, livres do medo de Galbatorix e do Império. Gostaria de poder proteger-lhes de todos os perigos que lhes ameaçam mas, infelizmente, isso não está ao meu alcance. Tudo o que posso fazer é lhes dar os meus conselhos e lhes ensinar tudo o que puder enquanto ainda aqui estou... Meu filho. Aconteça o que te acontecer, quero que saiba que te amo e a sua mãe também te amava. Que as estrelas zelem por ti, Eragon, Filho de Brom.

Eragon abriu os olhos e a memória desvaneceu-se. Por cima dele, o teto da tenda estava arqueado, frouxo como um cantil de pele vazio, depois da surra que levara durante a tempestade agora terminada. Uma gota de água caiu de uma saliência de uma dobra e atingiu-o na coxa direita, ensopando-lhe as perneiras e esfriando-lhe a pele por baixo destas. Ele sabia que teria de ir esticar as cordas que seguravam a tenda, mas estava relutante em sair do leito.

Brom nunca te disse nada acerca de Murtagh? Nunca te disse que Murtagh e eu éramos meios-irmãos?

Saphira, que estava enroscada no exterior da tenda, disse:

Perguntar isso de novo não vai alterar a minha resposta.

Mas porque não? Porque ele não disse? Ele devia saber de Murtagh. Não é possível que não soubesse.

Saphira demorou a responder.

Brom devia ter as suas razões, mas se eu tentasse adivinhar, imagino que ele achasse mais importante te dizer o quanto te amava e te dar todos os conselhos que pudesse, do que passar o tempo falando de Murtagh.

Mas ele podia ter me avisado! Meia dúzia de palavras teriam sido o suficiente.

Não posso dizer ao certo o que o motivou, Eragon. Você tem que aceitar que há perguntas sobre Brom que você jamais conseguirá responder. Confie no seu amor por você e não permita que essas preocupações te perturbem.

Eragon olhou para os polegares sobre o peito e colocou-os lado a lado, para poder compará-los melhor. O seu polegar esquerdo tinha mais rugas que o direito, na segunda articulação. Por outro lado, o direito tinha uma pequena cicatriz irregular que não se recordava onde a fizera, embora fosse certamente depois do Agaetí Blödhren, a Celebração do Juramento de Sangue.

Obrigado, disse a Saphira. Assistira e ouvira três vezes a mensagem de Brom, através dela, desde a queda de Feinster e, cada vez que ouvia, reparava num detalhe no discurso ou nos movimentos de Brom que anteriormente lhe tinha escapado. A experiência reconfortava-o e dava-lhe prazer, pois satisfazia um desejo que o atormentara durante a vida inteira: saber o nome do seu pai e saber que ele o amava.

Saphira retribuiu os seus agradecimentos com um caloroso brilho de afeição no olhar.

Embora Eragon tivesse comido e, a seguir, tivesse descansado durante cerca de uma hora, o cansaço não lhe passara por completo. Nem ele esperava que passasse. Sabia, por experiência, que poderia demorar semanas para se recuperar dos efeitos debilitantes de uma batalha prolongada. À medida que os Varden se aproximassem de Urû'baen, ele e todos os outros membros do exército de Nasuada teriam cada vez menos tempo para se recuperarem, antes de um novo confronto. A guerra iria desgastá-los até ficarem completamente arrasados e quase incapazes de combater, altura em que teriam ainda de se confrontar com Galbatorix, que estaria tranquilamente à espera deles, rodeado de conforto.

Tentou não pensar muito no assunto.

Outra gota de água fria e pesada atingiu-o na perna. Irritado, balançou as pernas para fora do leito e sentou-se direito, encaminhando-se depois para o retalho de terra nua, em um dos cantos da tenda, e ajoelhando-se junto desta.

— Deloi sharjalví — disse, bem como várias outras frases na língua antiga, necessárias para desarmar as armadilhas que montara no dia anterior.

A terra começou a ferver como água, a entrar em ebulição, e um baú revestido de ferro, de quarenta e cinco centímetros de largura, ergueu-se da fonte revolta de pedras, insetos e vermes. Esticando o braço, Eragon agarrou no baú, quebrou o feitiço e a terra aquietou-se de novo.

Pousou o baú no chão agora sólido.

— Ládrin — sussurrou, passando a mão pela fechadura sem chave, que prendia o fecho e este abriu-se com um estalido.

Um vago brilho dourado inundou a tenda, ao erguer a tampa do baú.

Aninhado em segurança, no interior forrado de veludo estava o Eldunará de Glaedr, o coração dos corações do dragão. A grande pedra semelhante a uma jóia brilhava sombriamente como uma brasa moribunda. Eragon segurou o Eldunará entre as mãos, sentindo as suas facetas irregulares quentes contra a palma das mãos, e olhou para as suas profundezas palpitantes. Uma galáxia de estrelas minúsculas rodopiava ao centro da pedra, embora o seu movimento tivesse abrandado, e parecessem ser muito menos do que da primeira vez que Eragon contemplara a pedra, em Ellesméra, na altura em que Glaedr a descarregara do seu corpo e a entregara ao cuidado de Eragon e Saphira.

Como sempre, a imagem fascinou-o. Poderia contemplar aquele padrão em constante mutação, durante dias.

Devíamos tentar de novo, disse Saphira e ele concordou.

Juntos tentaram alcançar mentalmente as luzes distantes, o mar de estrelas que representavam a consciência de Glaedr, viajando pelo frio e pela escuridão, depois pelo calor, pelo desespero e por uma indiferença tão vasta e tão imensa que lhes minou a vontade até que eles desejassem apenas parar e chorar.

Glaedr... Elda, gritaram vezes sem conta, mas não obtiveram qualquer resposta, apenas a mesma indiferença.

Por fim recuaram, incapazes de suportar o peso esmagador do sofrimento de Glaedr.

Ao voltar a si, Eragon, percebeu que alguém batia no poste da frente da tenda e depois ouviu Arya dizer:

— Eragon? Posso entrar?

Ele fungou e pestanejou para clarear a vista.

— Claro.

A luz tênue e acinzentada do céu encoberto inundou-o quando Arya afastou a aba da entrada e ele sentiu uma pontada súbita quando os seus olhos se cruzaram com os dela — verdes, oblíquos, inescrutáveis — e uma ânsia dolorosa apossou-se dele.

— Houve alguma alteração? — perguntou, ajoelhando-se junto dele. Em vez da armadura, ela usava a mesma camisa preta, de couro, e as mesmas

calças e botas de sola fina que usava quando ele a salvara em Gil'ead. O seu cabelo estava molhado do banho e caía-lhe pelas costas, em longas e pesadas cordas. Cheirava a agulhas de pinheiro esmagadas, como habitualmente, e Eragon interrogou-se se ela usaria um feitiço para criar o aroma ou se aquele seria o seu cheiro natural. Gostaria de lhe ter perguntado, mas não se atreveu.

Abanou a cabeça em resposta à pergunta dela.

— Posso? — disse ela, apontando para o coração dos corações de Glaedr.

Ele desviou-se.

— Por favor.

Arya colocou uma mão de cada lado do Eldunari e fechou os olhos. Enquanto isso ele aproveitou para estudá-la com uma intensidade que de outra forma seria ofensiva. Ela parecia a personificação da beleza em todos os aspectos, embora soubesse que outro poderia dizer que tinha o nariz muito longo ou o rosto muito anguloso, os olhos muito oblíquos ou os braços muito musculosos.

Arfando bruscamente, Arya afastou de repente as mãos do coração dos corações, como se este a tivesse queimado. Depois, curvou a cabeça e Eragon viu o seu queixo estremecer ligeiramente.

— Ele é a criatura mais infeliz que já encontrei. Quem me dera que o pudéssemos ajudar. Não creio que ele consiga sair da escuridão sozinho.

— Você acha que... — Eragon hesitou, pois não queria dar voz às suas suspeitas, mas depois prosseguiu. — Acha que ele vai enlouquecer?

— Pode já ter enlouquecido. Se não enlouqueceu, deve estar à beira da insanidade.

A mágoa abateu-se sobre Eragon, ao olharem ambos para a pedra dourada.

Quando finalmente conseguiu decidir-se falar de novo, perguntou:

— Onde está a Dauthdaert?

— Escondida na minha tenda, da mesma forma que você escondeu o Eldunari de Glaedr. Posso trazê-la para cá se você quiser, ou posso mantê-la guardada em segurança até você precisar dela.

— Guarde-a. Não posso andar com ela por aí, senão Galbatorix poderá ficar sabendo da sua existência. Além disso, seria imprudente guardar tantos tesouros num único local.

Ela acenou afirmativamente.

A dor de Eragon se intensificou.

— Arya, eu... — E parou, pois Saphira avistou um dos filhos de Horst, o ferreiro. Parecia ser Albriech, embora fosse difícil distingui-lo do irmão, Baldor, devido às distorções da visão de Saphira, e vinha correndo em direção à tenda. A interrupção foi um alívio para Eragon, pois não sabia bem o que dizer.

— Alguém vem aí — anunciou ele, fechando a tampa do baú.

Ouviram-se passos pesados e úmidos na lama, lá fora, e depois Albriech (era de fato Albriech) gritou:

— Eragon! Eragon!

— O que é?

— As dores de parto da minha mãe começaram! Meu pai me mandou para te avisar e perguntar se pode esperar com ele, para o caso de algo correr mal e ser necessário recorrer às suas aptidões mágicas. Por favor, se você puder...

Eragon não ouviu o que mais ele disse, com a pressa de fechar e enterrar o baú. Depois colocou o manto sobre os ombros e estava remexendo no fecho, quando Arya tocou seu braço e disse:

— Posso te acompanhar? Tenho alguma experiência nisso. Se o teu povo me deixar, posso facilitar o nascimento.

Eragon não parou sequer para pensar, fazendo um gesto em direção à entrada da tenda.

— Depois de você.

O Que é um Homem?



lama se agarrava nas botas de Roran cada vez que ele levantava os pés, atrasando-o e fazendo-lhe arder as pernas já moídas do esforço. Era como se o próprio chão lhe quisesse arrancar as botas. Além de espessa, a lama estava também escorregadia, deslizando debaixo dos calcanhares nos piores momentos, justamente quando ele estava nas posições mais precárias. E era funda. A passagem constante de homens, animais e carroças transformaram os quinze centímetros de terra, à superfície, num pântano quase intransponível. Restavam ainda algumas extensões de relva esmagada na beira do caminho — que atravessavam o acampamento dos Varden —, mas Roran desconfiava que em breve iriam desaparecer, pois os homens procuravam evitar o centro do caminho.

Roran não fez qualquer esforço para evitar a lama, pois já não se importava de sujar a roupa. Além disso, estava de tal forma exausto, que lhe parecia mais fácil continuar a caminhar penosamente na mesma direção do que preocupar-se em escolher um caminho, saltando de uma ilha de relva para a outra.

Enquanto avançava aos tropeções, Roran pensou em Belatona. Desde a audiência de Nasuada com os meninos-gato que estivera montando um posto de comando, na área noroeste da cidade, e fazendo o possível para controlar esse quadrante, destacando homens para apagarem fogos, erguerem barricadas nas ruas, revistarem casas à procura de soldados, e confiscarem armas. Era uma tarefa titânica e ele perdeu a esperança de conseguir fazer o que era necessário, receando que a cidade voltasse a explodir numa guerra aberta. *Espero que aqueles idiotas consigam passar a noite sem se matar.*

O lado esquerdo do seu tórax latejou, fazendo-o rilhar os dentes e sorver o ar.

Maldito covarde.

Alguém o atingira com uma besta do telhado de um edifício. Salvara-se por um mero golpe de sorte, pois um dos seus homens, o Filho do Morten, passou para a sua frente no preciso instante do disparo do atacante. O dardo trespassara o Filho de Morten de um lado ao outro, levando ainda força suficiente para lhe fazer uma horrível nódoa negra. O Filho de Morten morrera no local e o autor do disparo conseguira escapar.

Cinco minutos depois uma explosão qualquer, possivelmente mágica, matara mais dois dos seus homens, ao entrarem num estábulo para investigar um ruído.

Tanto quanto sabia, tais ataques eram comuns por toda a cidade e os agentes de Galbatorix estavam, sem dúvida, por trás de muitos deles, mas os habitantes de Belatona eram também responsáveis — homens e mulheres que não suportavam a ideia de ficar parados, enquanto um exército invasor tomava conta das suas casas, por muito honrosas que fossem as intenções dos Varden. Roran conseguia identificar-se com as pessoas que sentiam que tinham que defender as famílias, mas ao mesmo tempo, amaldiçoava-as por serem estúpidas ao ponto de não reconhecerem que os Varden estavam tentando ajudá-los e não molestá-los.

Coçou a barba enquanto esperava que um anão tirasse um pônei carregadíssimo do seu caminho, continuando depois a avançar pesadamente.

Ao aproximar-se da tenda viu Katrina, junto de uma tina de água quente com sabão, esfregando uma atadura manchada de sangue numa tábua de lavar roupa. Tinha as mangas enroladas por cima dos cotovelos, o cabelo preso num coque desgrehado e as faces afogueadas do trabalho, mas nunca antes ela lhe pareceu tão bela. Ela era o seu consolo — o seu consolo e o seu refúgio — e o simples fato de a ver, ajudou a aliviar a sensação de entorpecimento e de desatenção que tomara conta dele.

Ela viu-o e parou imediatamente de lavar a roupa, correndo na sua direção e enxugando as mãos rosadas na parte da frente do vestido. Roran procurou equilibrar-se quando ela se atirou para ele e abraçou seu peito, sentindo uma dor aguda na lateral e gemendo brevemente.

Katrina soltou-o ligeiramente e inclinou-se para trás, franzindo a sobancelha.

— Oh! Te machuquei?

— Não... não. Estou apenas dolorido.

Ela não o questionou e voltou a abraçá-lo, mais suavemente, olhando-o com os olhos cintilantes de lágrimas. Ele segurou-a pela cintura, curvou-se e beijou-a, sentindo uma gratidão indescritível pela sua presença.

Katrina colocou o braço direito sobre os seus ombros e ele permitiu que ela suportasse parte do seu peso ao regressarem à tenda. Roran suspirou, sentando-se no pedaço de tronco que usavam como cadeira, que Katrina colocara junto da pequena fogueira que tinha acendido para aquecer a água da tina, sobre a qual fervia agora uma panela de guisado em fogo brando.

Katrina encheu uma tigela de guisado e lhe deu. Depois trouxe-lhe, de dentro da tenda, uma caneca de cerveja e um prato com meio pão e uma fatia de queijo.

— Precisa de mais alguma coisa? — perguntou ela, numa voz invulgarmente rouca.

Roran não respondeu, mas aninhou sua face na mão, afagando-a duas vezes com o polegar. Ela sorriu tremulamente e colocou uma mão sobre a dele, regressando depois à tina e recomeçando a esfregar com energia renovada.

Roran olhou para a comida durante bastante tempo antes de prová-la; estava ainda tão tenso, que duvidava que conseguisse comer, contudo, depois de alguns pedaços de pão, o apetite voltou e ele começou a devorar avidamente o guisado.

Depois de terminar, colocou a louça no chão e aqueceu as mãos no fogo, bebericando os últimos goles de cerveja.

— Nós ouvimos o estrondo quando os portões caíram — disse Katrina, torcendo a atadura. — Não aguentaram muito tempo.

— Não... ter um dragão do nosso lado, ajuda.

Roran olhou para o seu ventre enquanto ela pendurava a ligadura no varal improvisado, que se estendia por toda a largura, desde a parte de cima da sua tenda até uma tenda vizinha. Sempre que pensava na criança que ela trazia no ventre, a criança que ambos tinham gerado, sentia um enorme orgulho, mas este parecia ensombrado de ansiedade, pois não sabia se poderia garantir um lar seguro ao bebê. Além disso, se a guerra não terminasse até Katrina dar à luz, ela tencionava abandoná-lo e partir para Surda, onde poderia criar a criança em relativa segurança.

Não posso perdê-la de novo.

Katrina mergulhou outra atadura na tina.

— E a batalha na cidade? — perguntou ela, mexendo a água. — Como correu?

— Tivemos que lutar por cada metro quadrado. Até mesmo Eragon passou um mau bocado.

— Os feridos falaram de catapultas montadas sobre rodas.

— Sim. — Roran molhou a língua com cerveja, descrevendo-lhe depois rapidamente como os Varden tinham se deslocado através de Belatona e que contratempos tinham enfrentado pelo caminho. — Perdemos muitos homens,

hoje, mas podia ter sido pior. Muito pior. Jörmundur e o Capitão Martland planejaram bem o ataque.

— Contudo, o plano deles não teria resultado se não fosse você e Eragon. Vocês tiveram muita coragem.

Roran deixou escapar uma gargalhada.

— Ah! E sabe porquê? Eu te explico. Nem um só homem em dez quer atacar o inimigo. Eragon não percebe isso, pois está sempre na frente de batalha conduzindo os soldados, mas eu vejo. A maior parte dos homens deixa-se ficar para trás e não lutam, a menos que sejam encurralados, ou então erguem as armas no ar e fazem muito barulho, mas na verdade não fazem nada.

Katrina parecia chocada.

— Como isso é possível? São alguns covardes?

— Não sei. Acho... acho que talvez não tenham coragem de olhar um homem nos olhos e matá-lo, embora não pareçam ter qualquer dificuldade em golpear soldados de costas viradas para eles. Por isso esperam que outros façam o que eles não conseguem. Esperam por gente como eu.

— Você acha que os homens de Galbatorix estão igualmente relutantes?

Roran encolheu os ombros.

— É possível. Mas eles não têm outro remédio senão obedecer a Galbatorix. Se ele lhes ordenar que lutem, eles lutam.

— Nasuada podia fazer o mesmo, podia mandar os seus magos lançar feitiços para garantir que ninguém fuja às suas obrigações.

— O que a distinguiria de Galbatorix, se o fizesse? De qualquer forma, os Varden não iriam permitir isso.

Katrina abandonou a tina e veio beijá-lo na testa.

— Fico feliz por você conseguir fazer o que faz — sussurrou ela. Depois voltou para junto da tina e começou a esfregar outra tira de linho, suja, na tábua de lavar roupa.

— Senti algo através do anel, há algumas horas atrás... e pensei que talvez tivesse acontecido alguma coisa com você.

— Estava no meio de uma batalha, não seria de espantar que você sentisse uma ferroadada de vez em quando.

Ela fez uma pausa com os braços dentro de água.

— Nunca senti antes.

Roran esvaziou a caneca de cerveja, procurando adiar o inevitável. Esperava poder poupá-la dos detalhes da sua desventura no castelo, mas era óbvio que ela não iria descansar até saber a verdade. Tentar convencê-la do contrário apenas iria fazer com que imaginasse calamidades bem piores do que aquilo que realmente acontecera. Além disso, seria inútil guardar isso para si, uma vez que as notícias do incidente, em breve, seriam do conhecimento geral entre os Varden.

Por isso contou-lhe, fazendo um breve relato do incidente, na tentativa de descrever a derrocada da muralha como um aborrecimento insignificante e não como algo que quase o matara. Ainda assim, teve alguma dificuldade em descrever a experiência, falando hesitantemente, sempre à procura das palavras certas. Quando terminou, ficou em silêncio, abalado pela lembrança.

— Pelo menos você não ficou ferido — disse Katrina.

Ele remexeu em uma rachadura na borda da caneca.

— Não.

O respingar de água cessou e ele sentiu o olhar dela fixo em si.

— Você já enfrentou perigos muito maiores antes.

— Sim... creio que sim.

O tom de voz dela tornou-se mais suave:

— Então o que se passa? — Ao ver que ele não respondia disse: — Não há nada assim de tão terrível que você não possa me contar, Roran. Você sabe disso.

A ponta da unha do polegar direito partiu-se ao arranhar de novo a caneca e ele esfregou a lasca aguçada da unha, várias vezes, contra o indicador.

— Pensei que ia morrer quando a muralha caiu.

— Qualquer pessoa teria pensado o mesmo.

— Sim, mas o fato é que eu não me importei. — E olhou para ela, angustiado. — Não entende? Eu desisti. Quando percebi que não podia fugir, aceitei esse fato tão docilmente como um cordeiro sendo conduzido para o matadouro e... — Incapaz de continuar, largou a caneca e escondeu o rosto nas mãos. O inchaço na garganta dificultava-lhe a respiração. Depois sentiu os dedos de Katrina de leve nos seus ombros. — Eu desisti — rosnou ele,

furioso e indignado consigo mesmo. — Parei de lutar... por você... pelo nosso filho. — E engasgou-se nas palavras.

— Shh, Shh — murmurou ela.

— Nunca antes tinha desistido. Nem uma vez... Nem mesmo quando os Ra'zac te levaram.

— Eu sei que não.

— Esta luta tem que acabar. Não pode continuar desta forma... Eu não posso... Eu... — Levantou a cabeça e ficou horrorizado ao ver que ela também estava prestes a rebentar em lágrimas. Levantou-se, envolveu-a nos braços e apertou-a contra si. — Desculpa — sussurrou. — Desculpa, desculpa, desculpa... Não vai voltar a acontecer. Nunca mais, prometo.

— E não quero saber disso — disse ela, com a voz abafada no seu ombro.

A resposta dela doeu-lhe.

— Eu sei que fui fraco, mas a minha palavra ainda devia ter algum valor para você.

— Não era isso que eu queria dizer! — exclamou ela, recuando e olhando-o acusadoramente.

— Às vezes você é um tonto, Roran.

Ele sorriu ligeiramente.

— Eu sei.

Ela entrelaçou as mãos atrás do pescoço dele.

— Independentemente do que você sentiu quando a muralha caiu, eu não te respeitaria menos por isso. O importante é que você ainda está vivo... Você não podia fazer nada quando a muralha caiu, não é?

Ele abanou a cabeça.

— Então não tem que se envergonhar de nada. Se você pudesse ter evitado ou se pudesse ter fugido e não fugisse, teria perdido o meu respeito. Mas você fez tudo o que podia e, quando não podia fazer mais nada, aceitou o teu destino e não se revoltou desnecessariamente com ele. Isso é sabedoria e não fraqueza.

Ele curvou-se e a beijou na testa.

— Obrigado.

— Na minha opinião, você é o homem mais corajoso, mais forte e mais gentil de toda a Alagaësia.

Desta vez ele a beijou na boca. Depois disso ela riu, libertando rapidamente a tensão acumulada e ficaram ambos balançando-se juntos, como se estivessem dançando ao som de uma melodia que só eles ouviam.

Depois, Katrina deu-lhe um empurrão brincalhão e foi acabar de lavar a roupa. Ele voltou a sentar-se no tronco, sentindo-se satisfeito pela primeira vez, desde que a batalha terminara, apesar das suas inúmeras feridas e dores.

Roran observou os homens e os cavalos, os anões e os Urgals que passavam de vez em quando em frente da sua tenda, reparando nos ferimentos e no estado das armas e armaduras. Tentava avaliar o estado de espírito geral dos Varden e a conclusão a que chegou é que todos, à exceção dos Urgals, precisavam de umas boas horas de sono e de uma refeição decente, e que todos, incluindo os Urgals — muito especialmente os Urgals —, precisavam ser esfregados dos pés a cabeça com uma escova de pelo de javali e baldes de água com sabão.

Observou também Katrina e viu que sua boa disposição inicial foi desaparecendo gradualmente, e à medida que trabalhava ficava mais irritável. Esfregava incansavelmente uma série de manchas, mas sem grande sucesso. Uma expressão carregada ensombrou-lhe o rosto e começou a protestar de frustração.

Finalmente, depois de bater com o maço de tecido na tábua de lavar roupa, projetando água espumosa vários metros pelo ar, encostou-se à tina, de lábios comprimidos, e Roran levantou-se do tronco e foi para o seu lado.

— Deixe-me tentar.

— Não seria próprio — murmurou ela.

— Que bobeira. Vai sentar, que eu termino... Vai.

Ela abanou a cabeça.

— Não. Você é que devia estar descansando e não eu. Além disso, isto não é trabalho de homem.

Ele roncou zombeteiramente.

— Por ordem de quem? O trabalho de um homem ou de uma mulher é o que precisar ser feito. Agora, vai se sentar. Você vai se sentir melhor quando descansar os pés.

— Roran, eu estou bem.

— Não seja tonta. — Tentou afastá-la delicadamente da tina, mas ela não se mexeu.

— Não está certo — protestou ela. — O que as pessoas iriam pensar? — Fez um gesto para os homens que percorriam apressadamente o caminho enlameado, junto da tenda deles.

— Podem pensar o que quiserem. Fui eu que casei contigo e não eles. Se acham que eu sou menos homem por te ajudar, são uns idiotas.

— Mas...

— Mas, nada. Afaste-se. Xô. Sai daqui.

— Mas...

— Eu não vou discutir. Se você não for se sentar, eu te levo para lá e te amarro àquele tronco.

O semblante carregado deu lugar a uma expressão de perplexidade.

— Assim?

— Sim. Agora, vá embora! — Quando ela lhe cedeu relutantemente a sua posição na tina, ele fez um ruído exasperado.

— Você é muito teimosa, não é?

— Fale por você. Uma mula iria aprender alguma coisa contigo.

— Eu não, eu não sou teimoso. — Abriu a fivela do cinto, tirou a cota de malha e pendurou-a no poste da tenda, descalçando depois as luvas e enrolando as mangas da túnica. Sentia o ar fresco na pele e as ligaduras estavam ainda mais frias — tinham esfriado, em cima da tábua de lavar roupa — mas ele não se importou, pois a água estava quente e, pouco depois, o tecido também. Amontoados espumosos de bolhas iridescentes acumulavam-se em torno dos seus pulsos, ao esfregar o material por todo o comprimento da tábua rugosa.

Olhou de relance para a tenda e ficou satisfeito ao ver que Katrina estava descansando no tronco, pelo menos tanto quanto seria possível a alguém descansar num assento grosseiro como aquele.

— Quer um pouco de chá de camomila? — perguntou ela. — Gertrude me deu um molho de brotos frescos, esta manhã. Posso fazer uma chaleira para ambos.

— Boa ideia.

Um silêncio amigável cresceu entre eles, enquanto Roran lavava o resto da roupa. A tarefa acalmou-o e deixou-o bem-disposto, pois gostava de fazer algo mais com as mãos além de brandir o martelo, e estar perto de Katrina dava-lhe uma profunda satisfação.

Espremia a última peça de roupa com o chá, acabado de fazer, à sua espera junto de Katrina, quando alguém chamou por eles do outro lado do caminho movimentado. Só momentos depois Roran percebeu que era Baldor correndo pela lama na sua direção, por entre homens e cavalos. Usava um avental de couro, esburacado, e pesadas luvas até o cotovelo, manchadas de fuligem, e já tão gastas que os dedos estavam rijos, macios e polidos como uma carapaça de tartaruga. Tinha o cabelo escuro e desgrenhado preso atrás, com uma tira de couro retalhado, e vinha de testa franzida e cenho carregado. Baldor era mais baixo que o pai, Horst, e que seu irmão, Albriech, mas tirando isso era corpulento e bem musculado, por ter passado toda a infância ajudando Horst na forja. Nenhum dos três fora lutar nesse dia — os ferreiros experientes eram normalmente muito valiosos para se correr o risco de perdê-los em combate —, embora Roran desejasse que Nasuada os tivesse deixado ir, por serem guerreiros capazes e por saber que podia contar com eles mesmo nas circunstâncias mais trágicas.

Roran pousou a roupa lavada e enxugou as mãos, perguntando a si mesmo o que se passaria de errado. Katrina levantou-se do tronco e reuniu-se a ele, junto da tina.

Quando Baldor os alcançou, tiveram de esperar alguns segundos até que ele recuperasse o fôlego. Depois, disse precipitadamente:

— Venham, depressa, minha mãe entrou em trabalho de parto e...

— Onde está ela? — perguntou Katrina, num tom brusco.

— Na nossa tenda.

Ela acenou com a cabeça.

— Iremos para lá o mais depressa possível.

Baldor virou-se, com uma expressão agradecida, e afastou-se correndo.

Katrina abaixou-se para entrar na tenda e Roran verteu o conteúdo da tina na fogueira, apagando-a. A madeira flamejante silvou e estalou debaixo do dilúvio e a fumaça foi substituída por um jorro de vapor que impregnou o ar com um cheiro desagradável.

O temor e a excitação apressaram Roran. *Espero que ela não morra*, pensou, lembrando-se da conversa que ouvira entre as mulheres, acerca da

idade dela e da gravidez muito prolongada. Elain sempre fora gentil consigo e com Eragon, e gostava dela.

— Está pronto? — perguntou Katrina ao sair da tenda, amarrando um lenço azul em volta da cabeça e do pescoço.

Ele tirou o cinto e o martelo de onde os tinha pendurado.

— Estou pronto. Vamos.

O Preço do Poder

Pronto, Senhora. Já não precisa mais disto. Já não era sem tempo.

A última tira de linho deslizou do antebraço de Nasuada, farfalhando suavemente, depois da sua camareira, Farica, lhe remover as ataduras. Nasuada usava ataduras daquelas desde o dia em que ela e Fadawar, o senhor da guerra, tinham se defrontado para testar a sua coragem, no Desafio das Facas Longas.

Nasuada estava de olhos postos numa longa tapeçaria esfarrapada, salpicada de buracos, enquanto Farica lhe tratava dos braços. Depois ganhou coragem e baixou lentamente os olhos. Desde que vencera o Desafio das Facas Longas que se recusava a olhar para os ferimentos, pois tinham-lhe parecido de tal forma horrendos, quando estavam ainda frescos, que não suportaria vê-los de novo enquanto não ficassem praticamente sarados.

As cicatrizes eram assimétricas: tinha seis na parte inferior do antebraço esquerdo, e três no direito. Tinham sete a dez centímetros de comprimento e eram retas, exceto a do fundo, à direita, pois descontrolara-se, na altura, e curvara a faca, gravando uma linha irregular quase com o dobro do comprimento das outras. A pele em torno das cicatrizes estava rosada e decrépita, mas as cicatrizes propriamente ditas estavam apenas um pouco mais claras que o resto do corpo, o que era uma bênção. Receara que acabassem ficando esbranquiçadas e brilhantes, o que as tornaria muito mais visíveis. As cicatrizes elevavam-se cerca de seis milímetros acima da superfície do braço, formando saliências rijas de carne, como se lhe tivessem inserido varetas polidas, de aço, sob a pele.

Nasuada olhou para as marcas com uma expressão indefinida. O pai ensinara-lhe os costumes do seu povo enquanto crescia, mas passara toda a vida entre os Varden e os anões. Os únicos rituais de tribos nômades que celebrava e, apenas ocasionalmente, estavam associados à religião. Jamais aspirara dominar a Dança dos Tambores, nem participar na fatigante Invocação de Nomes e muito menos derrotar alguém no Desafio das Facas Longas. Contudo, ali estava ela agora, ainda jovem e bela, e já com aquelas nove enormes cicatrizes nos antebraços. É claro que poderia ordenar a um dos feiticeiros dos Varden que as removesse, mas isso seria renunciar à sua vitória no Desafio das Facas Longas e as tribos nômades não a reconheceriam como soberana.

Embora lamentasse que os seus braços já não fossem lisos e curvos, e já não atraíssem os olhares dos homens, tinha orgulho das cicatrizes. Eram um testemunho da sua coragem e um sinal visível da sua devoção para com os Varden. Qualquer pessoa que olhasse para ela entenderia a excelência do seu caráter e ela concluiu que isso era mais importante do que a aparência.

— O que acha? — perguntou, esticando os braços na direção do rei Orrin, emoldurado na janela aberta do escritório, contemplando a cidade.

Orrin virou-se e franziu o cenho, com um olhar sombrio sob uma testa franzida. Trocara a armadura por uma túnica grossa, vermelha, e um manto debruado a arminho.

— Não é agradável de se ver — disse ele, voltando a concentrar-se na cidade. — Cubra-se, isso é impróprio em uma sociedade civilizada.

Nasuada examinou os braços durante mais alguns momentos.

— Não, acho que não vou cobrir. — Puxou pelos punhos de renda das mangas e endireitou-as, dispensando Farica. Percorreu o suntuoso tapete feito pelos anões, que estava no meio da sala, reunindo-se a Orrin, para examinar a cidade devastada pela batalha, e observou satisfeita que já ardiam apenas dois fogos ao longo da muralha ocidental. Depois desviou o olhar para o rei.

No lapso de tempo em que os Varden e Surda tinham lançado o ataque contra o Império, Nasuada vira Orrin tornar-se cada vez mais cauteloso e o seu entusiasmo e excentricidades iniciais desapareceram, dando lugar a uma aparência sombria. A princípio acolhera de bom grado a mudança, pois sentira que ele estava ficando mais maduro, mas à medida que a guerra se arrastava, começara a sentir a falta das suas discussões inflamadas sobre filosofia natural assim como das suas outras esquisitices. Ao olhar para trás, concluiu que estas lhe animavam frequentemente o dia, mesmo que por vezes as achasse irritantes. Além disso, a mudança tornara-o mais perigoso como rival. Não era difícil imaginá-lo tentando depô-la como líder dos Varden, no seu presente estado de espírito.

Eu poderia ser feliz se casasse com ele?, pensou ela. Orrin não era feio de todo. Tinha um nariz alto e fino, mas o queixo era forte e a boca finamente talhada e expressiva. Ganhara uma boa constituição, graças aos anos de treino militar. Era, sem sombra de dúvida, inteligente e, no geral, tinha uma personalidade agradável.

Contudo, se ele não fosse o rei de Surda e não constituísse uma ameaça tão grande para a sua posição e para a independência dos Varden, Nasuada

sabia que jamais consideraria a hipótese de se casar com ele. Será que daria um bom pai?

Orrin pousou as mãos sobre o estreito peitoril e encostou-se a ele, dizendo depois, sem a olhar:

— Você tem que quebrar o seu pacto com os Urgals.

A declaração apanhou-a desprevenida.

— Porquê?

— Porque eles estão nos prejudicando. Homens que de outro modo se juntariam a nós, estão agora amaldiçoando-nos por nos aliarmos à monstros e recusam-se a depor as armas quando chegamos à sua casa. A resistência de Galbatorix parece-lhes justa e razoável, devido ao nosso acordo com os Urgals. O homem comum não entende porque nos unimos a eles, pois não sabe que o próprio Galbatorix os usou, nem que os ludibriou para que atacassem Tronjheim, sob o comando de um Espectro. Não se podem explicar tais sutilezas a um lavrador assustado. Tudo o que ele entende é que as criaturas que temeu e odiou durante toda a vida estão marchando em direção à sua casa, comandadas por um enorme dragão, de dentes arreganhados, e um Cavaleiro que mais parece um elfo do que um humano.

— Precisamos do apoio dos Urgals — disse Nasuada. — Neste momento temos poucos guerreiros.

— Nós não precisamos tanto deles assim e você sabe que o que eu estou dizendo é verdade; que outro motivo te levaria a impedir os Urgals de participarem no ataque a Belatona, ou a ordenares-lhes que não entrassem na cidade? Mantê-los afastados do campo de batalha não é o suficiente, Nasuada. Os rumores da presença deles ainda circulam por toda a região. A única coisa que pode fazer para melhorar a situação é pôr fim a este esquema condenado ao fracasso, antes que nos prejudique mais.

— Não posso.

Orrin virou-se bruscamente para ela, com o rosto desfigurado pela raiva.

— Homens estão morrendo porque você decidiu aceitar a ajuda de Garzhvog. Homens meus, homens teus e homens do Império... todos eles mortos e enterrados. Esta aliança não vale o seu sacrifício e eu juro pela minha vida que não entendo porque você continua a defendê-la.

Nasuada não conseguiu aguentar o olhar, pois lembrava-lhe muito a culpa e as auto-recriminações que a afligiam tantas vezes quando tentava adormecer, por isso fixou o olhar na fumaça que se erguia de uma torre, a um extremo da cidade, e disse pausadamente:

— Defendo-a porque espero que o fato de preservarmos a nossa união com os Urgals, nos permita salvar mais vidas do que as que vamos perder... se derrotarmos Galbatorix...

Orrin deixou escapar uma exclamação de incredibilidade.

— Eu sei que isso não é de forma alguma uma certeza — disse ela. — Mas temos que prever essa possibilidade. Se o derrotarmos, será nossa obrigação ajudar a nossa raça a se recuperar deste conflito e a erguer um país novo e forte das cinzas do Império. Parte disso passará por assegurar que tenhamos finalmente paz, depois de anos de conflito. Não derrotarei Galbatorix para sermos atacados pelos Urgals quando estivermos mais vulneráveis.

— Seja como for, eles poderão atacar-nos. Sempre o fizeram.

— Bom e o que mais nós podemos fazer? — replicou ela, aborrecida. — Temos que tentar amansá-los. Quanto mais próximos estiverem da nossa causa, menos provável será que se virem contra nós.

— Eu te digo o que fazer — rugiu ele. — Bane-os! Quebra o seu pacto com Nar Garzhvog e manda-o embora com os seus carneiros. Se ganharmos esta guerra, poderemos negociar um novo tratado com eles e estaremos em posição de impor os termos deste. Ou melhor ainda, manda Eragon e Saphira à Espinha, com um batalhão de homens, para acabar com eles de uma vez por todas, como os Cavaleiros deviam ter feito há séculos atrás.

Nasuada olhou-o incrédula.

— Se eu pusesse fim ao nosso pacto com os Urgals, muito provavelmente eles ficariam tão furiosos que nos atacariam de imediato, e nós não podemos combatê-los, eles e o Império ao mesmo tempo. Nos colocarmos em tal situação seria uma perfeita loucura. Se os elfos, os dragões e os Cavaleiros, com a sua sabedoria, decidiram tolerar os Urgals — embora os pudessem ter destruído facilmente — deveríamos seguir o seu exemplo. Eles sabiam que era errado matar todos os Urgals e você deveria saber também.

— A sua sabedoria... Bah! Como se a sua sabedoria lhes valesse de alguma coisa! Muito bem, deixa alguns Urgals vivos, mas mata-os em número suficiente para que não se atrevam a assombrar-nos durante cem anos ou mais!

A dor perceptível na voz e as linhas tensas do rosto intrigaram Nasuada pelo que ela examinou-o mais atentamente, tentando perceber o motivo da sua veemência. Alguns instantes depois, surgiu uma explicação aparentemente evidente após alguma reflexão.

— Quem você perdeu? — perguntou ela.

Orrin cerrou o punho, baixando-o lenta e hesitantemente sobre o peitoril da janela, como se quisesse bater nele com toda a força, mas não se atrevesse. Bateu no peitoril mais duas vezes e depois disse:

— Um amigo com quem cresci no Castelo de Borromeo. Acho que nunca o conheceu. Era um dos meus tenentes de cavalaria.

— Como ele morreu?

— Como você deve calcular. Tínhamos acabado de chegar aos estábulos, junto do portão oeste, e estávamos guardando-os para o nosso próprio uso quando um dos moços de estrebaria saiu de uma cocheira e o trespassou, de lado a lado, com uma forquilha. Ao encurralarmos o moço de estrebaria, ele não parava de gritar disparates acerca dos Urgals, dizendo que jamais se renderia... Mesmo que o imbecil se rendesse, de nada lhe valeria, pois dei cabo dele com as minhas próprias mãos.

— Lamento — disse Nasuada.

As jóias da coroa de Orrin cintilaram, ao abanar a cabeça em sinal de reconhecimento.

— Por muito doloroso que isso seja, você não pode permitir que a sua dor afete as suas decisões... Eu sei que não é fácil — e como sei! —, mas você deve se controlar para o bem do teu povo.

— Me controlar — disse ele num tom amargo e desdenhoso.

— Sim, nos é exigido muito mais do que à maioria, portanto temos que nos esforçar para ser melhores do que a maioria, se nos quisermos revelar merecedores de tal responsabilidade... Não se esqueça que os Urgals mataram o meu pai. Mas isso não me impediu de forjar com eles uma aliança capaz de ajudar os Varden. Não permito que nada me impeça de fazer o que for melhor para eles e para o nosso exército no seu todo, por muito doloroso que seja. — E ergueu os braços mostrando-lhe de novo as cicatrizes.

— É essa a sua resposta? Não vai quebrar a aliança com os Urgals?

— Não.

Orrin aceitou a notícia com uma serenidade que a inquietou. Depois agarrou-se ao parapeito com ambas as mãos e continuou a examinar a cidade. Tinha quatro grandes anéis adornando-lhe os dedos, um dos quais exibia o selo real de Surda, gravado na face de uma ametista: um veado de armações, com rebentos de visco enrolados entre as patas, em cima de uma harpa e, do lado oposto, a imagem de uma torre alta, fortificada.

— Pelo menos — disse Nasuada — não encontramos nenhum soldado enfeitado para não sentirem dor.

— Os mortos que riem, você quer dizer — murmurou Orrin, utilizando o termo que ela sabia que se generalizara entre os Varden.

— Sim, nem Murtagh nem Thorn, o que me preocupa.

Nenhum deles falou durante algum tempo, mas depois ela disse:

— Como correu a sua experiência, ontem à noite. Foi um sucesso?

— Estava muito cansado para avaliar. Fui deitar.

— Ah.

Momentos depois, por acordo tácito, ambos se encaminharam para a escrivaninha encostada a uma das paredes. Montanhas de folhas, blocos e pergaminhos cobriam a superfície. Nasuada observou aquele panorama assustador e suspirou. Ainda há meia hora atrás a secretária fora limpa pelos seus criados.

Concentrou-se no já familiar relatório que estava por cima: uma estimativa do número de prisioneiros que os Varden tinham feito durante o cerco a Belatona, com o nome das personalidades importantes, anotados a tinta vermelha. Nasuada e Orrin estavam discutindo os números, quando Farica apareceu para lhe remover as ataduras.

— Não sei como resolver essa confusão — confessou ela.

— Podíamos recrutar guardas entre estes homens. Dessa forma, não teríamos de deixar tantos guerreiros nossos pelo caminho.

Ela pegou no relatório.

— Talvez, mas os homens de que precisamos seriam difíceis de encontrar e os nossos feitiços já estão sobrecarregados...

— Du Vrangr Gata já descobriu a forma de quebrar um juramento prestado na língua antiga? — Ao vê-la responder que não, perguntou: — Não fizeram quaisquer progressos?

— Nenhum que seja prático. Até aos elfos perguntei, mas apesar de longos anos de prática, tiveram tanta sorte como nós nos últimos dias.

— Temos de resolver isto e bem depressa, de contrário poderemos perder a guerra — disse Orrin. — Este assunto específico.

Nasuada massageou as têmporas.

— Eu sei. — Antes de abandonar a proteção dos anões em Farthen Dûr e Tronjheim, ela tentara prever todos os desafios que os Varden poderiam enfrentar logo que lançassem a ofensiva, mas o que enfrentavam agora apanhara-os totalmente de surpresa.

O problema manifestara-se pela primeira vez no rescaldo da Batalha das Planícies Flamejantes, quando se tornou evidente que todos os oficiais do exército de Galbatorix, e muitos dos soldados, tinham sido obrigados a jurar lealdade a Galbatorix e ao Império na língua antiga. Nasuada e Orrin depressa concluíram que nunca poderiam confiar nesses homens. Pelo menos enquanto Galbatorix e o Império existissem, e talvez nem mesmo depois destes serem destruídos. Em consequência disso, não podiam permitir que os homens que desertavam se juntassem aos Varden, receando a forma como os seus juramentos os compeliriam a agir.

Na altura, Nasuada não ficara muito preocupada com o assunto. Os prisioneiros eram uma realidade, em tempo de guerra, e já tomara providências com o rei Orrin para que os prisioneiros fossem reconduzidos para Surda, onde seriam postos para trabalhar na construção de estradas, para partir pedra, a abrir canais, e em outros trabalhos pesados.

Só quando os Varden tomaram a cidade de Feinster é que Nasuada começou a entender a dimensão real do problema. Os agentes de Galbatorix tinham arrancado juramentos de lealdade não só dos soldados de Feinster, mas também dos nobres, de muitos dos oficiais que os serviam e de um conjunto aparentemente aleatório de pessoas normais, por toda a cidade. Nasuada suspeitava que os Varden não tivessem conseguido identificar grande parte dessas pessoas, contudo, todos os que identificaram teriam de ficar fechados a sete chaves, para o caso de tentarem subverter os Varden. Encontrar gente em quem pudessem confiar e que estivesse disposta a trabalhar com os Varden revelara-se, por isso, muito mais difícil do que Nasuada esperara.

Atendendo ao número de pessoas que era necessário encarcerar, ela não tivera outro remédio se não deixar em Feinster o dobro dos guerreiros que era sua intenção disponibilizar. Com tanta gente aprisionada, a cidade ficou virtualmente paralisada, forçando-a a desviar mantimentos essenciais, do corpo principal do exército dos Varden, para que a cidade não morresse de fome. Não lhes seria possível manter essa situação por muito tempo, e esta iria agora agravar-se, uma vez que tinham tomado também Belatona.

— É uma pena que os anões ainda não tenham chegado — comentou Orrin. — Sua ajuda nos ajudaria.

Nasuada anuiu. Naquele momento havia apenas algumas centenas de anões com os Varden; os restantes tinham regressado a Farthen Dûr, para o enterro de Hrothgar, o seu falecido rei, e para esperarem que os chefes dos seus clãs escolhessem o sucessor de Hrothgar; fato que Nasuada amaldiçoara vezes sem conta. Tentara convencer os anões a nomearem um regente durante o período de guerra, mas eles eram teimosos como pedras e tinham insistido em realizar as suas cerimônias ancestrais, embora isso significasse abandonar os Varden no meio da campanha. De qualquer forma, os anões tinham finalmente escolhido o seu novo rei — Orik, o sobrinho de Hrothgar — e tinham já partido das distantes Montanhas Beor para voltarem a reunir-se aos Varden. Naquele preciso momento, marchavam pelas vastas planícies ao norte de Surda, em algum lugar entre o lago Tüdosten e o Rio Jiet.

Nasuada interrogava-se se eles estariam em condições de lutar quando chegassem. Em regra, os anões eram mais rijos que os humanos, mas há quase dois meses que viajavam a pé e isso poderia esgotar a resistência até da mais robusta das criaturas. *Devem estar cansados de ver sempre a mesma paisagem*, pensou.

— Temos já tantos prisioneiros. Quando tomarmos Dras-Leona, então...
— E abanou a cabeça.

Parecendo animar-se subitamente, Orrin disse:

— E se ignorarmos totalmente Dras-Leona? — Remexeu no monte de papéis em cima da escrivaninha até encontrar um grande mapa da Alagaësia, desenhado pelos anões, que estendeu por cima das folhas de registros administrativos. As pilhas instáveis de papel por baixo deste conferiram ao território uma invulgar topografia: picos a oeste de Du Weldenvarden; uma depressão em forma de taça, na zona das Montanhas Beor; desfiladeiros e ravinas por todo o deserto de Hadarac; e ondulações ao norte da Espinha, geradas pelos pergaminhos que estavam por baixo. — Olha! — E traçou uma linha com o dedo do meio, desde Belatona a Urû'baen, a capital do Império. — Se marcharmos diretamente até aqui, não passamos sequer perto de Dras-Leona. Seria difícil fazer toda a viagem de uma só vez, mas podíamos fazê-la.

Nasuada não precisou ponderar sobre a sugestão, pois já tinha considerado essa possibilidade.

— Seria muito arriscado. Galbatorix poderia sempre nos atacar com os soldados que posicionou em Dras-Leona — que não são poucos, segundo os nossos espões — e acabaríamos por ter de enfrentar ataques simultâneos de duas direções distintas. Não conheço forma mais rápida de perder uma batalha ou uma guerra. Não. Temos de tomar Dras-Leona.

Orrin aceitou o argumento, curvando ligeiramente a cabeça.

— Nesse caso, precisamos que os nossos homens regressem de Aroughs. Se queremos prosseguir, vamos precisar de todos os guerreiros.

— Eu sei. Tenciono tomar as providências necessárias para que se acabe com o cerco antes do final da semana.

— Espero que não pense em enviar Eragon.

— Não. Tenho outro plano.

— Ótimo. E, entretanto, o que fazemos com estes prisioneiros?

— O que fizemos antes: guardas, vedações e cadeados. Talvez possamos também prender os prisioneiros com feitiços que lhes restrinjam os movimentos, para que não tenhamos de vigiá-los tão atentamente. Não vejo outra solução além disso, a não ser matá-los todos, e eu preferiria... — Tentou imaginar o que não faria para derrotar Galbatorix — e eu preferiria não recorrer a medidas tão... drásticas.

— Sim. — Orrin debruçou-se sobre o mapa, arqueando os ombros como um abutre ao olhar para os rabiscos de tinta desbotada que assinalavam o triângulo de Belatona, Dras-Leona e Urû'baen.

E assim ficou até Nasuada dizer:

— Temos mais algum assunto para discutir? Jörmundur aguarda ordens e o Conselho dos Anciãos pediu-me uma audiência.

— Estou preocupado.

— Com quê?

Orrin manteve a mão em cima do mapa.

— Que esta iniciativa seja mal planejada desde o início... Que as nossas tropas e as tropas dos nossos aliados estejam perigosamente dispersas e que se Galbatorix meter na cabeça reunir-se pessoalmente ao combate nos destrua tão facilmente como Saphira destruiria um rebanho de cabras. Toda a nossa estratégia depende da possibilidade de planejarmos um encontro entre Galbatorix, Eragon, Saphira e o maior número de feiticeiros que conseguirmos reunir. Apenas uma pequena parte desses feiticeiros está presentemente nas nossas hostes e nós não conseguiremos juntar os restantes num só local, antes de chegarmos a Urû'baen e nos reunirmos à Rainha Islanzadí e ao seu exército. Até lá, permaneceremos vulneráveis a ataques. Estamos arriscando muito, partindo do princípio de que a arrogância de Galbatorix o irá manter sob controle, até o encurralarmos na nossa armadilha.

Nasuada tinha as mesmas preocupações. Contudo, parecia-lhe mais importante cimentar a confiança de Orrin do que lamentar-se com ele, pois se a sua determinação enfraquecesse isso iria interferir com os seus deveres e minar o moral dos homens.

— Não estamos totalmente indefesos — disse ela. — Agora já não. Agora temos a Dauthdaert e com ela creio que somos bem capazes de matar Galbatorix e Shruikan, caso estes se aventurem a sair de Urû'baen.

— Talvez.

— Além disso, é inútil preocuparmo-nos. Não podemos apressar a chegada dos anões, nem avançar mais depressa até Urû'baen, tampouco dar meia-volta e fugir. Por isso, eu não me preocuparia muito com a nossa situação. Resta-nos fazer um esforço para aceitar com elegância o nosso destino, seja ele qual for. Ou, em alternativa, inquietar-nos com as possíveis ações de Galbatorix e isso eu não vou fazer. Recuso-me a dar-lhe esse poder.

Um Parto Difícil...



uviu-se um grito alto, agudo e estridente quase inumano, em tom e intensidade.

Eragon contraiu-se como se alguém o tivesse picado com uma agulha. Passara grande parte do dia vendo homens lutando e morrendo — matando ele próprio dezenas deles — contudo, não conseguia evitar a sua preocupação ao ouvir os gritos de angústia de Elain. Os ruídos que fazia eram de tal forma horríveis que ele começou a interrogar-se se ela sobreviveria ao parto.

Junto dele, de cócoras ao lado do barril que lhe servia de assento, Albriech e Baldor, remexiam nas folhas esfarrapadas de grama entre os sapatos. Os seus dedos grossos desfiavam meticulosamente cada tira de folha e caule, antes de agarrar na seguinte. Tinham a testa suada e brilhante, e os olhos estavam carregados de raiva e de desespero. De vez em quando, olhavam um para o outro e fitavam a tenda onde a sua mãe estava, do outro lado do caminho, mas além disso estavam de olhos pregados no chão, alheios a tudo o que os rodeava.

Roran permanecia a alguns metros de distância, sentado num barril tombado, que oscilava sempre que ele se mexia. Reunidas à beira do caminho lamacento, estavam várias dúzias de pessoas de Carvahall, na sua maioria homens amigos de Horst e dos filhos, cujas mulheres ajudavam a curandeira Gertrude a tratar de Elain. Saphira agigantava-se sobre todos eles. Tinha o pescoço arqueado como um arco de flechas esticado, a ponta da cauda estremecia como se estivesse caçando, e a língua cor de rubi não parava de ondular para dentro e para fora da boca, como que provando o ar em busca de odores que pudessem fornecer-lhe alguma informação sobre Elain e a criança por nascer.

Eragon massageou um músculo dolorido no antebraço esquerdo. Há várias horas que esperavam e o crepúsculo estava se aproximando. Os objetos projetavam longas sombras negras em direção a leste, como se estivessem tentando alcançar o horizonte. O ar esfriara. Mosquitos e as libélulas de asas rendadas do Rio Jiet, esvoaçavam para trás e para frente em torno deles.

Outro grito rasgou o silêncio.

Os homens remexeram-se desconfortavelmente, fazendo depois gestos para afastar a má sorte e murmurando uns com os outros num tom de voz

baixo, destinado apenas aos companheiros mais próximos, mas que Eragon conseguia ouvir claramente. Sussurravam acerca da gravidez difícil de Elain. Alguns argumentavam, num tom solene, que se ela não desse à luz em breve, seria tarde demais tanto para ela como para a criança. Outros diziam coisas tipo:

— É difícil para um homem perder uma esposa mesmo nos seus melhores momentos, quanto mais aqui, num momento destes.

Ou então:

— É uma pena, lá isso é verdade...

Alguns atribuíam a culpa dos problemas de Elain aos Ra'zac, ou aos incidentes que tinham ocorrido durante a viagem dos aldeões até ao acampamento dos Varden, e mais do que um teceu comentários desconfiados pelo fato de autorizarem Arya a ajudar no parto:

— Ela é um elfo e não um ser humano — disse Fisk, o carpinteiro. — Devia ficar com os da sua espécie e não meter o nariz onde não é chamada. Quem sabe o que ela realmente quer?

Eragon ouviu isso e muito mais, mas escondeu as suas reações e ficou na sua paz, pois sabia que os aldeões iriam sentir-se desconfortáveis se percebessem quão apurada se tornara a sua audição. O barril por baixo de Roran estalou, quando este se inclinou para a frente.

— Você acha que nós devíamos...

— Não — disse Albriech.

Eragon aconchegou-se no seu manto. O frio começava a penetrar-lhe nos ossos, mas não iria embora até que o suplício de Elain terminasse.

— Olha — disse Roran, subitamente entusiasmado.

Albriech e Baldor viraram a cabeça ao mesmo tempo.

Do outro lado do caminho, Katrina saiu da tenda com um punhado de panos sujos. Antes da aba da entrada voltar a se fechar, Eragon viu de relance Horst e uma das mulheres de Carvahall — não sabia ao certo quem — no fundo do catre onde Elain estava deitada.

Sem olhar uma vez que fosse para os que a observavam, Katrina encaminhou-se quase correndo para a fogueira onde a mulher de Fisk, Isold e Nolla ferviam panos para serem reutilizados.

Roran mudou de posição e o barril estalou mais duas vezes. Em parte, Eragon esperava vê-lo seguir Katrina, mas ele ficou onde estava, tal como

Albriech e Baldor. Tanto eles como o resto dos aldeões seguiam atentamente os movimentos de Katrina.

Eragon fez uma careta ao ouvir mais um grito de Elain rasgar o ar, um grito não menos excruciante que o anterior.

Depois alguém afastou a entrada da tenda uma segunda vez e Arya saiu disparada, de braços nus e cabelo desgrenhado. O cabelo flutuou em torno do seu rosto ao correr na direção dos onze guardas de Eragon, que estavam à sombra atrás de um pavilhão próximo. Falou durante alguns momentos com um deles, num tom insistente, uma mulher elfo, de rosto fino, chamada Invidia, regressando depois apressadamente pelo mesmo caminho.

Percorrera apenas alguns metros, quando Eragon a apanhou.

— Como está indo? — perguntou.

— Mal.

— Porque está demorando tanto? Você não pode ajudá-la a dar à luz mais depressa?

A expressão de Arya, já de si tensa, tornou-se ainda mais severa.

— Podia. Podia ter-lhe tirado a criança do ventre com um cântico, na primeira meia hora, mas Gertrude e as outras mulheres apenas me deixam usar os feitiços mais simples.

— Isso é um absurdo! Porquê?

— Porque a magia as assusta... porque eu as assusto.

— Então diz-lhes que você não tem más intenções. Diga isso na língua antiga e elas não terão outro remédio senão acreditar em ti.

Ela abanou a cabeça.

— Só iria piorar as coisas. Iriam pensar que eu estava as enfeitiçando contra a sua vontade e me mandariam embora.

— Certamente que Katrina...

— Foi graças a ela que consegui lançar alguns feitiços.

Elain voltou a gritar.

— Não te deixam ao menos aliviar-lhe a dor?

— Mais do que já aliviei, não.

Eragon virou-se em direção à tenda de Horst.

— É assim então? — rugiu ele entre dentes.

Uma mão fechou-se em torno do seu braço esquerdo e segurou-o. Intrigado voltou a olhar para Arya para lhe pedir uma explicação. Ela abanou a cabeça.

— Não faça isso — disse ela.— São costumes ancestrais. Se você interferir, vai enfurecer e embarçar Gertrude, e virar muitas das mulheres da sua aldeia contra ti.

— Não quero saber disso!

— Eu sei, mas acredita em mim: neste momento o melhor que você tem a fazer é esperar com os outros. — E largou-lhe o braço, como que enfatizando o seu ponto de vista.

— Não posso ficar aqui parado deixando-a sofrer!

— Escuta. É melhor que fique. Eu ajudarei Elain como puder, prometo, mas não entre ali. Você irá arranjar conflitos e causar raiva onde não são necessários... Por favor.

Eragon hesitou e rosnou de indignação, atirando os braços ao ar, ao ouvir Elain gritar de novo.

— Está bem — disse, inclinando-se para Arya —, mas aconteça o que acontecer não deixe que ela ou a criança morram. Não me interessa o que tenha que fazer, mas não as deixe morrer.

Arya sondou-o com um olhar sério.

— Jamais permitiria que uma criança sofresse — disse ela, retomando a marcha.

Ao vê-la desaparecer dentro da tenda de Horst, Eragon regressou ao local onde Roran, Albriech e Baldor estavam reunidos, voltando a sentar-se no seu barril.

— Então? — perguntou Roran.

Eragon encolheu os ombros.

— Estão fazendo tudo o que podem. Temos de ser pacientes... é tudo.

— Ela parecia ter um pouco mais do que isso a dizer — disse Baldor.

— O significado era o mesmo.

A cor do sol foi-se modificando, à medida que se aproximava da linha final de terra, passando de laranja a vermelho, e as poucas nuvens esfarrapadas que restavam no céu, a oeste, resquícios da tempestade que

passara há horas atrás, adquiriram tons semelhantes. Bandos de andorinhas picavam voo por cima das suas cabeças, devorando traças, moscas e outros insetos que pairavam no ar.

Com o passar do tempo, os gritos de Elain foram diminuindo gradualmente de intensidade, passando de gritos estridentes a gemidos baixos e entrecortados, que arrepiaram os pelos da nuca de Eragon. Desejava, acima de tudo, libertá-la do seu tormento, mas não teve coragem de ignorar o conselho de Arya, por isso ficou onde estava, remexendo-se, roendo as unhas contundidas e trocando breves palavras, pouco espontâneas, com Saphira.

Quando o sol tocou na terra, alargou-se ao longo do horizonte como uma gema gigante a rebentar da sua pele. Os morcegos começaram a misturar-se com as andorinhas, produzindo ruídos indistintos e frenéticos ao baterem as asas semelhantes a couro. Os seus guinchos estridentes eram quase insuportavelmente agudos para Eragon.

Depois Elain deu um guincho que abafou todos os outros ruídos nas imediações, um guincho que Eragon esperava nunca mais voltar a ouvir.

Seguiu-se um silêncio breve, mas profundo que terminou com o choro sonoro e entrecortado de um recém-nascido, no interior da tenda — a ancestral fanfarra que anunciava a chegada de um novo ser ao mundo. Ao ouvi-lo, Albriech e Baldor deram um largo sorriso, tal como Eragon e Roran. Vários homens que esperavam, aclamaram.

Mas o seu júbilo pouco durou. No instante em que o último viva cessou, as mulheres que estavam dentro da tenda começaram a lastimar. Era um lamento angustiante e Eragon sentiu-se gelar de pavor, pois sabia o que significavam aqueles lamentos: que se dera uma tragédia da pior espécie.

— Não — disse ele, incrédulo, saltando do barril. — Ela não pode estar morta. Não pode... Arya prometeu.

Como que em resposta ao seu pensamento, Arya atirou para trás a aba da tenda e correu na direção dele, saltando pelo caminho com passos incrivelmente longos.

— O que aconteceu? — perguntou Baldor, quando ela parou.

Arya ignorou-o e disse.

— Anda, Eragon

— O que aconteceu? — exclamou Baldor, furiosamente, agarrando Arya pelo ombro. Num rasgo aparentemente instantâneo de movimento, ela

agarrar-lhe no pulso e torceu-lhe o braço atrás das costas, forçando-o a dobrar-se como um aleijado, e o rosto dele contorceu-se de dor.

— Se você quer que a sua irmã recém-nascida viva, afaste-se do caminho e não interfira! — E largou-o com um empurrão que o fez cair desamparado nos braços de Albriech. Depois virou-se e voltou a se encaminhar para a tenda de Horst.

— O que aconteceu? — perguntou Eragon, ao se reunir a ela.

Arya encarou-o de olhos flamejantes.

— A criança é saudável, mas nasceu com um lábio fendido.

Foi então que Eragon entendeu o motivo da explosão de dor das mulheres. As crianças amaldiçoadas com um lábio fendido raramente conseguiam sobreviver; eram difíceis de alimentar e, mesmo que os pais as conseguissem alimentar, sofriam miseravelmente, pois eram excluídas, ridicularizadas e nunca seriam um parceiro conveniente para casar. Na maior parte dos casos era preferível para todos que a criança nascesse morta.

— Você tem que curá-la, Eragon — disse Arya.

— Eu? Mas eu nunca... Porque não você? Você sabe mais acerca de curas do que eu.

— Se eu modificar a aparência da criança as pessoas vão dizer que eu a roubei e a substituí por outra. Eu sei das histórias que a sua espécie conta a meu respeito, Eragon — conheço-as muito bem. Farei se for necessário, mas a criança sofrerá para o resto da vida. Você é o único que pode salvá-la de tal destino.

O pânico apossou-se dele. Não queria ser responsável pela vida de outra pessoa, pois era já responsável por muitas.

— Você tem que curá-la — disse Arya, num tom enérgico. Eragon lembrou-se como os elfos prezavam a vida das suas crianças e a das crianças de todas as raças.

— Você me ajuda, se eu precisar?

— Claro.

Tal como eu, disse Saphira. Nem seria preciso perguntar?

— Certo — disse Eragon, agarrando no punho de Brisingr, já decidido.
— Eu faço isso.

Eragon encaminhou-se para a tenda com Arya ligeiramente atrás, abrindo caminho através das pesadas abas de lã. A fumaça das velas fez seus

olhos arderem. Cinco mulheres de Carvahall estavam reunidas junto à parede e os seus lamentos atingiram-no como um golpe físico. Balançavam-se como que em transe, repuxando as roupas e arrancando os cabelos enquanto se lastimavam. Horst estava ao fundo do catre discutindo com Gertrude, de rosto afogueado, inchado e marcado da exaustão. A rotunda curandeira, por seu lado, segurava um volume embrulhado em tecido contra os seios, volume esse que Eragon concluiu conter a criança — embora não pudesse ver o seu rosto — pois algo se torcia e chorava dentro dele, fazendo ainda mais barulho. As faces redondas de Gertrude estavam transpiradas e brilhantes, e ela tinha o cabelo colado à pele. Os seus antebraços nus estavam manchados de vários fluidos. Katrina estava ajoelhada numa almofada redonda, à cabeceira do catre, limpando a testa de Elain com um pano úmido.

Eragon mal reconheceu Elain; estava com o rosto abatido e tinha olheiras escuras sob os olhos que pareciam vagos, incapazes de se focar. Um fio de lágrimas escorria-lhe sobre as têmporas, do canto de cada olho, desaparecendo por baixo das madeixas de cabelo emaranhado. Abria e fechava a boca, murmurando palavras ininteligíveis. Um lençol manchado de sangue cobria-lhe o resto do corpo.

Nem Horst nem Gertrude repararam em Eragon até ele se aproximar. Eragon crescera desde que abandonara Carvahall, mas Horst era ainda uns dez centímetros mais alto do que ele. Ao olharem ambos para ele, uma centelha de esperança iluminou a expressão sombria do ferreiro.

— Eragon! — disse, batendo com a mão pesada no ombro deste e encostando-se a ele como se os acontecimentos o tivessem deixado quase incapaz de se aguentar de pé. — Você soube? — Não era realmente uma pergunta, mas Eragon acenou com a cabeça. Horst olhou de relance para Gertrude — um olhar breve e fugaz — e depois a sua enorme barba, semelhante a uma pá, começou a mover-se de um lado para o outro, ao mexer o maxilar. Depois, a língua apareceu entre os lábios, ao umedecê-los. — Você pode... pode fazer alguma coisa por ela?

— Talvez — disse Eragon. — Vou tentar.

Eragon estendeu os braços. Após um momento de hesitação, Gertrude depositou o volume morno nos seus braços e recuou, com um ar perturbado.

Enterrado nas pregas de tecido, estava o pequeno rosto enrugado da menininha. Tinha a pele vermelha escura, os olhos inchados e fechados e parecia fazer caretas, como se tivesse zangada devido aos recentes maus-tratos — uma reação perfeitamente razoável, na opinião de Eragon. Contudo, a sua característica mais surpreendente era a grande abertura que se estendia

da narina esquerda até meio do lábio superior, através da qual se via a pequena língua cor-de-rosa. Era como uma lesma macia e úmida e estremecia de vez em quando.

— Por favor — disse Horst. — Há alguma forma de...

Eragon encolheu-se ao ouvir as mulheres lastimarem num tom particularmente estridente.

— Não consigo trabalhar aqui — disse ele.

Ao virar-se para sair, Gertrude disse atrás dele:

— Eu vou contigo. Ela tem de ficar com algum de nós, alguém que saiba cuidar de uma criança.

Eragon não queria Gertrude pairando em torno dele, enquanto tentava corrigir o rosto da menininha, e estava a ponto de lhe dizer justamente isso quando se lembrou do que Arya lhe dissera acerca de bebês trocados. Alguém de Carvahall, alguém em quem o resto dos aldeões confiassem, deveria testemunhar a transformação da menininha para que mais tarde pudessem assegurar às pessoas que a criança era a mesma.

— Como queria — disse, contendo as suas objeções.

Ao sair da tenda, o bebê contorceu-se nos seus braços e deixou escapar um grito lamentoso. Do outro lado do caminho, os aldeões apontavam e Albriech e Baldor avançaram na direção dele. Eragon abanou a cabeça e eles pararam onde estavam, seguindo-o com os olhos e a impotência estampada no rosto.

Arya e Gertrude colocaram-se de ambos os lados de Eragon, enquanto este atravessava o acampamento em direção à sua tenda. Saphira seguia-os, fazendo tremer o chão sob as suas patas. Os guerreiros que surgiam no caminho desviavam-se rapidamente para lhes dar passagem.

Eragon esforçava-se para caminhar o mais suavemente possível, evitando agitar a criança. Um forte aroma de mofo parecia estar agarrado à menininha, como o cheiro do chão da floresta num dia quente de verão.

Estavam praticamente chegando ao seu destino quando Eragon viu Elva, a criança-feiticeira, à beira do caminho, entre duas filas de tendas, com uma expressão circunspeta, olhando-o com os seus grandes olhos violeta. Usava um vestido negro e púrpura, com um longo véu de renda dobrado sobre a cabeça, revelando a marca prateada em forma de estrela, semelhante a sua gedwëy ignasia, que tinha na testa.

Não disse uma palavra nem tentou atrasá-lo ou detê-lo. Porém, Eragon entendeu o aviso; a sua presença era uma repreensão. Já antes interferira com o destino de uma criança, com consequências calamitosas. Não podia cometer tamanho erro de novo, não só pelo mal que causaria, mas porque se o fizesse, Elva se tornaria sua inimiga. Apesar de todo o seu poder, Eragon temia Elva. A sua aptidão para sondar a alma das pessoas e adivinhar tudo o que as afligia e as perturbava — e prever tudo o que estava prestes a machucá-las — tornava-a um dos seres mais perigosos de Alagaësia.

Aconteça o que acontecer, pensou Eragon ao entrar na tenda escura, *eu não quero molestar esta criança*. Ao dizê-lo, sentiu uma renovada determinação lhe dando uma chance de viver uma existência que as circunstâncias lhe teriam negado.

Uma Canção de Ninar



luz tênue do pôr-do-sol iluminava o interior da tenda de Eragon. Tudo lá dentro estava cinzento, como se fosse talhado em granito.

Eragon conseguia distinguir facilmente a forma dos objetos com a sua visão de elfo, mas sabia que Gertrude iria ter dificuldades; por isso disse:

— Naina hvitr un böllr — produzindo uma pequena luz mágica e colocando-a para flutuar junto do topo da tenda. A suave esfera branca não produzia calor perceptível, mas iluminava tanto como uma lanterna brilhante. Evitou usar a palavra brisingr no feitiço, para não incendiar o gume da espada.

Ouviu Gertrude deter-se atrás dele e virou-se, vendo-a olhar para a luz mágica e apertar o saco que trouxera consigo. O rosto familiar recordava-lhe a sua casa e Carvahall, e ele sentiu uma inesperada pontada de saudades.

Gertrude baixou lentamente os olhos para ele.

— Como você mudou — disse ela. — Acho que o rapaz de quem um dia cuidei, enquanto lutava contra a febre, há muito desapareceu.

— Você ainda me conhece — respondeu Eragon.

— Não, acho que não.

A afirmação perturbou-o, mas não podia dar-se ao luxo de pensar muito no assunto, por isso tentou abstrair-se e aproximou-se do seu catre, transferindo muito delicadamente a recém-nascida dos braços para cima dos cobertores, como se esta fosse de vidro. A menininha acenou-lhe com o punho cerrado. Ele sorriu, tocando-lhe com a ponta do indicador direito e ela gorgolejou suavemente.

— O que você pretende fazer? — perguntou Gertrude, ao sentar-se no único banco que havia perto da parede da tenda. — Como vai curá-la?

— Não sei bem.

Só então Eragon reparou que Arya não os acompanhou até ao interior da tenda. Chamou por ela e ela respondeu do exterior, instantes depois, com a voz abafada pelo tecido grosso que os separava.

— Estou aqui — disse ela — e vou esperar aqui. Se precisar de mim, basta projetar os seus pensamentos na minha direção e eu vou aí.

Eragon franziu ligeiramente o cenho, pois contava tê-la perto de si durante o processo para ajudá-lo no que não sabia e corrigi-lo se cometesse algum erro. *Bom, não tem importância. Poderei da mesma forma fazer-lhe perguntas, se quiser. Esta é única forma de evitar que Gertrude desconfie que Arya fez algo à bebê.* Eragon estava impressionado com as precauções que Arya estava tomando para evitar levantar suspeitas de que a criança fora trocada e interrogou-se se ela alguma vez teria sido acusada de roubar um filho de alguém.

A estrutura do catre rangeu ao abaixar-se lentamente sobre ela e encarar a criança. Franziu mais o cenho. Sentia Saphira observando a pequena menina deitada sobre os cobertores, através de si. A criança estava agora dormitando e parecia alheia ao mundo. A sua língua brilhava através da fenda que lhe dividia o lábio superior.

O que você acha?, perguntou ele.

Vai devagar, para que não morda a sua própria cauda, acidentalmente.

Concordou com ela. Depois, sentiu-se um pouco travesso e perguntou-lhe. *Alguma vez já te aconteceu de morder a sua própria cauda?*

Saphira manteve-se silenciosamente distante, mas ele captou, por breves instantes, uma série de sensações, uma miscelânea de imagens — árvores, erva, sol, as montanhas da Espinha —, bem como o aroma saturado de orquídeas vermelhas e um súbito e doloroso apertão, como se uma porta se tivesse fechado sobre a cauda.

Eragon riu em silêncio consigo mesmo, concentrando-se depois em compor os feitiços que achava serem necessários para curar a criança. Demorou bastante tempo. Cerca de meia hora. Ele e Saphira passaram grande parte do tempo revendo repetidamente as frases ocultas, examinando e debatendo cada palavra e cada frase — mesmo a sua pronúncia — para se assegurarem de que os feitiços produziram o efeito que ele pretendia e nada mais.

No meio da sua conversa silenciosa, Gertrude remexeu-se no lugar e disse:

— Ela parece estar na mesma. O trabalho está correndo mal, não está? Não vale a pena me esconder a verdade, Eragon; já lidei com coisas piores na minha vida.

Eragon arqueou as sobrancelhas e disse, brandamente:

— O trabalho ainda não começou.

Gertrude deu-se por vencida e voltou a recostar-se. Tirou um novelo de fio amarelo do saco, uma camisola meio acabada e um par de agulhas de tricô de bétula polida. Os seus dedos ágeis e rápidos moviam-se com a destreza da prática quando começou a tricotar. O ruído constante das agulhas batendo uma na outra reconfortou Eragon. Era um ruído que ouvira frequentemente quando criança e que associava aos serões passados à volta da lareira da cozinha, nas noites frias de outono, ouvindo os adultos contar histórias, fumando cachimbo ou saboreando uma caneca de cerveja preta, depois de um grande jantar.

Quando ele e Saphira se deram finalmente por satisfeitos, concluindo que os feitiços eram seguros e Eragon se assegurou de que não iria tropeçar em nenhum dos estranhos sons da língua antiga, recorreu à força combinada de ambos os corpos e preparou-se para lançar o primeiro dos encantamentos.

Depois hesitou.

Tanto quanto sabia, sempre que os elfos usavam magia para incitar uma árvore ou uma flor a crescer, na forma que desejavam, ou para alterar o seu corpo ou o de outra criatura, formulavam o feitiço sob a forma de uma canção. Parecia-lhe adequado fazer o mesmo, mas conhecia apenas algumas das canções dos elfos e nenhuma delas tão bem que lhe permitisse reproduzir com rigor — ou até mesmo convenientemente — tão belas e intrincadas melodias.

Por isso, decidiu ir buscar uma canção em um recanto profundo da sua memória, uma canção que a sua tia Marion lhe cantava quando era pequeno, antes da doença a levar; uma canção que as mulheres de Carvahall cantavam em voz baixa aos filhos, desde tempos imemoriais, quando os aconchegavam debaixo das cobertas para uma longa noite de sono — uma canção de ninar. As notas eram simples, fáceis de memorizar e tinham algo de tranquilizante que esperava que ajudasse a manter a criança serena.

Começou suavemente, em voz baixa, deixando as palavras fluírem lentamente. O som da sua voz espalhava-se pela tenda como o calor de uma fogueira. Antes de usar magia disse à menininha, na língua antiga, que era seu amigo, que as suas intenções eram boas e que ela devia confiar nele.

Ela remexeu-se no sono, como que em resposta, e o rosto tenso suavizou-se.

Depois, Eragon entoou o primeiro dos feitiços: um simples encantamento com duas frases curtas, que recitou repetidas vezes, como uma oração. A pequena cavidade rosada onde ambos os lados do lábio da criança

se encontravam, cintilou e moveu-se, como se uma criatura adormecida começasse a mexer-se abaixo da superfície.

O que ele estava tentando fazer não era de todo fácil. Tal como os ossos de todos os recém-nascidos, os ossos da criança estavam moles e cartilagosos, eram diferentes dos de um adulto e consequentemente diferentes de todos os ossos que regenerara durante o tempo que passara com os Varden. Teria de ter cuidado para não preencher o intervalo da boca dela com osso, carne e pele de um adulto, do contrário essas zonas não iriam desenvolver-se convenientemente, em conjunto com o resto do corpo. Além disso, quando reparasse o intervalo no palato superior e nas gengivas, teria de o mover, endireitar e criar duas raízes simétricas para os dentes da frente, algo que nunca fizera antes. Para complicar ainda mais as coisas, nunca vira a criança sem a sua deformidade, por isso não sabia ao certo que aparência deveria ter a boca e os lábios. Ela parecia-lhe um bebê como todos os outros que vira: roliço, rechonchudo e sem feições definidas. Ocorreu-lhe depois que ele poderia dar-lhe um rosto que parecesse agradável naquele momento, mas que se tornasse estranho e pouco atraente com o passar dos anos.

Por isso prosseguiu cautelosamente, fazendo apenas pequenas modificações de cada vez e fazendo uma pausa depois de cada uma delas, para avaliar os resultados. Começou pelas camadas mais profundas do rosto da menininha — os ossos e as cartilagens —, avançando lentamente para fora e cantando à medida que o fazia.

A dada altura, Saphira começou a cantarolar com ele, lá fora, no lugar onde estava, fazendo vibrar o ar com a sua voz cava. A luz mágica animava-se e esmorecia de acordo com a intensidade do cântico, um fenómeno que Eragon achou extraordinariamente curioso, decidindo inquirir Saphira sobre o assunto, mais tarde.

Palavra após palavra, feitiço após feitiço, hora após hora, a noite foi passando, embora Eragon não prestasse atenção ao passar do tempo. Quando a bebê chorava com fome, alimentava-a com umas gotas de energia. Tanto ele como Saphira evitaram alcançar a sua mente, pois não sabiam de que forma o contato poderia afetar a sua consciência imatura, mesmo assim roçaram nela algumas vezes; Eragon achou a mente vaga e indistinta, um mar revolto de emoções irrestritas que reduziam tudo o mais no mundo a uma insignificância.

Junto dele, Gertrude continuava batendo com as agulhas uma na outra, interrompendo apenas o ritmo quando perdia a conta das malhas ou tinha de desfazer uma série delas para corrigir um erro.

Muito lentamente, a fissura nas gengivas e no palato da criança fundiu-se num todo, bem como ambos os lados do lábio fendido. A pele fluía como um líquido, configurando lentamente o lábio superior num arco rosado.

Preocupado com a forma do lábio, Eragon perdeu mais algum tempo remexendo nele e ajustando-o, até que finalmente Saphira lhe disse: *Está feito. Não mexa mais*, e ele teve que admitir que não poderia melhorar mais a aparência da criança, apenas piorá-la.

Depois terminou a canção de ninar. Sentia a língua grossa e seca, e a garganta irritada. Levantou-se do catre e ficou meio curvado sobre ele, sentindo os músculos muito rígidos para se endireitar totalmente.

Além da iluminação da luz mágica, uma luz pálida invadiu a tenda, tal como quando tinham começado. No início ficou confuso — certamente que o sol já se tinha posto! — Mas depois percebeu que a luz vinha do leste e não do oeste e entendeu tudo. *Não admira que estivesse dolorido. Passei a noite inteira sentado!*

E eu?, perguntou Saphira. *Os meus ossos doem tanto como os seus.* A confissão dela surpreendeu-o, pois raramente reconhecia o seu próprio desconforto, por muito extremo que fosse. O combate devia tê-la afetado mais do que parecia à primeira vista. Ao chegar a essa conclusão e Saphira percebendo disso, recuou parcialmente da sua mente e disse: *Cansada ou não, ainda consigo esmagar qualquer número de soldados que Galbatorix mande para nos defrontar.*

Eu sei.

Guardando o tricô no saco, Gertrude levantou-se e aproximou-se do catre coxeando.

— Nunca pensei ver uma coisa destas — disse ela. — Muito menos, vindo de você, Eragon, Filho de Brom. — Olhou-o interrogativamente. — Brom *era* teu pai, não era?

Eragon acenou com a cabeça, dizendo depois num tom de voz rouco:

— Era.

— Parece fazer um certo sentido.

Eragon não estava na disposição de falar mais no assunto, por isso limitou-se a roncar e a extinguir a luz mágica com um olhar e um pensamento. Tudo ficou imediatamente escuro, iluminado apenas pela luz do amanhecer. A sua visão adaptou-se à mudança mais rapidamente que a de Gertrude, que piscou os olhos e franziu o cenho, virando a cabeça de um lado ao outro como se não soubesse bem onde estava.

Ao pegar na criança Eragon sentiu-a quente e pesada nos seus braços. Não sabia se o cansaço que sentia se devia à magia que criara ou ao tempo que demorara a cumprir a tarefa.

Ao baixar os olhos para a bebê, foi subitamente assaltado por um instinto de proteção e murmurou:

— Sé ono waíse ília. Que seja feliz. — Não era propriamente um feitiço, mas esperava que a ajudasse a evitar alguma infelicidade que afligia tanta gente ou, no mínimo, que a fizesse sorrir.

E fez mesmo. Um largo sorriso espalhou-se pelo seu rosto diminuto e ela disse com grande entusiasmo:

— Gahh!

Eragon sorriu também. Depois virou-se e saiu da tenda.

Quando afastou as abas da entrada, viu uma pequena multidão reunida num semicírculo, em torno da tenda, uns de pé, outros sentados, outros de cócoras. A maioria era de Carvahall, mas Arya e os outros elfos também lá estavam — um pouco afastados dos outros — bem como diversos guerreiros dos Varden, cujo nome não sabia. Viu Elva escondida atrás de uma tenda próxima, com o véu de renda preto puxado para baixo, tapando-lhe o rosto.

Eragon concluiu que o grupo devia estar há horas à espera e ele não dera sequer pela sua presença. Estava em segurança com Saphira e os elfos de guarda, mas não tinha desculpa para se tornar tão complacente.

Tenho que fazer melhor do que isto, disse para si mesmo.

Horst e os filhos estavam à frente da multidão. Horst olhou para o volume nos braços de Eragon, de testa franzida, e abriu a boca como se fosse dizer algo, mas não emitiu qualquer som.

Sem qualquer tipo de pompa ou cerimônia, Eragon aproximou-se do ferreiro e virou a criança para que ele pudesse ver o seu rosto. Por instantes Horst não se mexeu, mas depois os seus olhos começaram a cintilar e o seu semblante carregado deu lugar a uma expressão de alegria e a um alívio tão profundos que poderiam ser confundidos com dor.

Ao entregar a bebê a Horst, Eragon disse:

— Tenho as mãos muito sujas de sangue para este tipo de trabalho, mas fico feliz por ter podido ajudar.

Horst tocou no lábio superior da filha com a ponta do dedo do meio e abanou a cabeça:

— Não posso acreditar... não posso acreditar... — Olhou para Eragon.
— Eu e Elain ficaremos eternamente em dívida contigo. Se...

— Não há dívida nenhuma — disse Eragon, delicadamente. — Fiz apenas o que qualquer pessoa faria se pudesse.

— Mas foi você que a curou e é a você que estou grato.

Eragon hesitou e depois curvou a cabeça, aceitando a gratidão de Horst.

— Que nome vai dar à ela?

O ferreiro sorriu para a filha.

— Se Elain gostar, pensei em chamá-la de Esperança.

— Esperança... é um bom nome. Todos precisamos de um pouco de esperança nas nossas vidas. Como está Elain?

— Cansada, mas bem.

Depois Albriech e Baldor reuniram-se em torno do pai, olhando para a sua nova irmã, tal como Gertrude — que saíra da tenda pouco depois de Eragon. Assim que perderam a timidez, todos os outros aldeões se reuniram a eles. Até um grupo de guerreiros curiosos se acotovelavam junto de Horst, esticando o pescoço para tentar ter um vislumbre da criança.

Algum tempo depois, os elfos descruzaram os seus longos braços e aproximaram-se também. Ao verem-nos, todos se desviaram apressadamente do caminho para dar passagem até Horst. O ferreiro empertigou-se e crispou o maxilar, como um bulldog, enquanto os elfos se curvavam e examinavam a bebê, um por um, sussurrando-lhe por vezes uma ou duas palavras na língua antiga. Nenhum pareceu reparar ou importar-se com os olhares desconfiados que os aldeões lhes atiravam.

Quando já só estavam apenas três elfos na fila, Elva saiu apressadamente de trás da tenda onde estivera escondida e reuniu-se à cauda da procissão. Pouco depois estava diante de Horst. Embora parecesse relutante, o ferreiro baixou os braços e dobrou os joelhos, mas era muito mais alto que Elva de forma que ela teve que se pôr nas pontas dos pés para ver a criança. Eragon conteve a respiração enquanto ela olhava para a criança anteriormente deformada, incapaz de adivinhar a sua reação através do véu.

Segundos depois Elva voltou a assentar os calcanhares no chão, avançando determinadamente pelo caminho que passava pela tenda de Eragon. A uns vinte metros de distância parou e virou-se na direção dele.

Ele inclinou a cabeça e arqueou a sobrancelha.

Ela acenou com um movimento breve e brusco de cabeça, e seguiu o seu caminho.

Enquanto Eragon a via afastar-se, Arya aproximou-se:

— Você devia estar orgulhoso do que fez — murmurou. — A criança é saudável e bem formada. Nem os mais hábeis feiticeiros poderiam melhorar a sua magia. Você concedeu algo grandioso a esta bebê — um rosto e um futuro — e tenho a certeza de que ela não o esquecerá... Nenhum de nós esquecerá.

Eragon reparou que Arya e todos os elfos o olhavam com um respeito renovado — mas era a admiração e a aprovação de Arya que mais tinha significado para ele.

— Tive os melhores mestres — respondeu ele, num tom igualmente baixo. Arya não argumentou e ficaram ambos observando os aldeões pairando em torno de Horst e da filha, trocando palavras de entusiasmo. Sem tirar os olhos deles, Eragon inclinou-se para Arya e disse:

— Obrigado por ajudar Elain.

— Você não tem que agradecer. Teria sido negligente se não o fizesse.

Host virou-se e levou a criança para dentro da tenda, para que Elain visse a sua filha recém-nascida, mas o aglomerado de gente não parecia querer dispersar e quando Eragon se fartou de apertar mãos e responder a perguntas, despediu-se de Arya e escapou para a sua tenda, fechando e prendendo as abas depois de entrar.

Não quero ver ninguém nas próximas dez horas, nem mesmo Nasuada, a menos que sejamos atacados, disse a Saphira, atirando-se para cima do catre. Se importa de informar Blödhgarm?

Claro, disse ela. Descansa, pequenino. Eu farei o mesmo.

Eragon suspirou e colocou um braço sobre o rosto, protegendo-se da luz da manhã. A sua respiração abrandou, a sua mente começou a vagar e, pouco depois, as estranhas visões e sons dos seus devaneios envolveram-no — reais ainda que imaginários; vívidos ainda que transparentes, como se as visões fossem feitas de vidro colorido — e, durante algum tempo, conseguiu esquecer as responsabilidades e os angustiantes acontecimentos do dia anterior. Ouvia a canção de ninar em todos os sonhos, como um sussurro do vento, meio audível, meio perdido, deixando que esta o embalasse com as memórias de casa, acalutando nele uma paz infantil.

Sem Descanso

Dois anões, dois homens e dois Urgals dos Falcões Noturnos — a guarda pessoal de Nasuada — estacionados do lado de fora da sala do castelo onde instalara o seu quartel-general, fitaram Roran com um olhar insosso e vazio, e ele olhou-os com um ar igualmente inexpressivo.

Um jogo que já tinham jogado antes.

Apesar da impossibilidade dos Falcões Noturnos, Roran sabia que eles estavam matutando a forma mais rápida e mais eficaz de matá-lo. Sabia porque estava fazendo o mesmo em relação a eles, como sempre fizera.

Teria de retroceder o mais depressa possível... dispersá-los um pouco, concluiu. Os homens seriam os primeiros a apanhar-me, pois são mais rápidos que os anões e iriam empatar os Urgals atrás de si... Tenho de lhes tirar aquelas alabardas. Seria difícil, mas creio que conseguiria... pelo menos de um deles. Talvez tivesse de lhes atirar o martelo. Logo que tivesse uma alabarda, poderia manter os outros à distância. Os anões não teriam grandes chances, mas os Urgals seriam um problema. Brutamontes horrendos... Se usasse aquele pilar para me proteger, poderia...

A porta revestida de ferro, entre as duas linhas de guardas, rangeu ao abrir-se. Um pajem de roupas coloridas com dez ou doze anos saiu e anunciou mais alto do que seria necessário:

— Lady Nasuada irá receber-te agora!

Vários guardas distraídos estremeceram e os seus olhos vacilaram por uns instantes. Roran sorriu ao passar por eles e ao entrar na sala, sabendo que o seu lapso por muito ligeiro que fosse, ter-lhe-ia permitido matar pelo menos dois deles, antes que pudessem retaliar. *Fica para a próxima*, pensou.

A sala era grande, retangular e parcamente decorada: um tapete muito pequeno no chão; uma estreita tapeçaria, roída pelas traças, pendurada na parede, à sua esquerda; e uma janela ogival na parede da direita. Além disso, não havia qualquer decoração. Encostada a um canto estava uma longa mesa de madeira, com pilhas de livros, pergaminhos e folhas de papel soltas. Algumas cadeiras enormes — com estofados de couro fixos com fiadas de tachas de latão oxidado — estavam espalhadas em torno da mesa, mas nem Nasuada, nem as doze pessoas que andavam atarefadas em torno dela, se dignavam usá-las. Jörmundur não estava lá, mas Roran conhecia vários dos

guerreiros presentes: lutara ao lado de alguns, vira outros em combate ou ouvira os homens da sua companhia falar deles.

—... e não me interessa que tenha um ataque de bócio! — exclamou Nasuada, batendo ruidosamente com a palma da mão direita na mesa. — Se não tivermos essas ferraduras e mais algumas, mais vale comermos os cavalos, pois não vão servir-nos para nada. Estamos entendidos?

Os homens responderam afirmativamente como se fossem um só. Pareciam um pouco intimidados, senão envergonhados. Roran achava estranho e ao mesmo tempo impressionante que Nasuada, sendo mulher, conseguisse impor tanto respeito aos seus guerreiros, respeito esse que partilhava. Ela era uma das pessoas mais determinadas e inteligentes que jamais conhecera e estava convencido de que ela teria sido bem sucedida independentemente do lugar onde tivesse nascido.

— Agora, vão! — disse Nasuada e, quando os oito homens passaram por ela, fez sinal a Roran para que se aproximasse da mesa. Ele esperou pacientemente enquanto ela mergulhava uma pena num tinteiro e rabiscava várias linhas num pequeno pergaminho, entregando-o depois a um pajem e dizendo:

— Entregue isto ao anão Narheim e, desta vez, certifique-se de que obtém a sua resposta antes de regressar. Senão mando-te para os Urgals fazer recados e limpezas.

— Sim, Senhora! — disse o rapaz, saindo apressadamente, meio apavorado.

Nasuada começou a folhear uma pilha de papéis que tinha diante de si, dizendo depois sem levantar os olhos:

— Você está bem descansado, Roran?

Ele perguntou-se porque ela teria interesse em saber isso.

— Não particularmente.

— Mas que infelicidade. Ficou acordado toda a noite?

— Parte da noite. Elain, a mulher do nosso ferreiro, deu à luz ontem, mas...

— Sim, eu fui informada. Presumo que você não ficou de vigília até Eragon curar a criança.

— Não, estava muito cansado.

— Pelo menos você teve esse bom senso. — Esticando o braço sobre a mesa, pegou num outro pedaço de papel e examinou-o em detalhe antes de juntá-lo à pilha. Depois disse no mesmo tom prosaico que utilizara antes. — Tenho uma missão para você, Martelo Forte. As nossas tropas encontraram forte resistência em Aroughs — maior do que prevíamos. O Capitão Brigman não conseguiu resolver a situação e agora nós precisamos desses homens de volta. Portanto, vou te mandar a Aroughs para substituir Brigman. Tem um cavalo à tua espera no portão sul. Você cavalgará o mais depressa possível até Feinster e daí para Aroughs. Você terá um cavalo fresco à sua espera de quinze em quinze quilômetros, daqui até Feinster. Daí em diante, terá que ser você mesmo a arranjar os cavalos. Conto que chegue a Aroughs dentro de quatro dias. Depois de colocar o sono em dia, terá aproximadamente... três dias para acabar com o cerco. — Levantou os olhos para ele. — De hoje a uma semana quero o nosso estandarte em Aroughs. Não quero saber como vai fazer, Martelo Forte. Quero apenas que o faça. Se não puder, não tenho outra alternativa senão mandar Eragon e Saphira a Aroughs, o que nos deixará praticamente indefesos, no caso de Murtagh ou Galbatorix nos atacarem.

E Katrina ficaria em perigo, pensou Roran. Uma sensação desagradável assentou-lhe nas entranhas. Cavalgar até Aroughs em apenas quatro dias iria ser um suplício horrível, especialmente, estando ele tão dolorido e contundido. Além disso, tomar a cidade em tão pouco tempo seria combinar sofrimento com loucura. No geral, a missão era tão apelativa como lutar com um urso de mãos amarradas atrás das costas.

Coçou a face através da barba.

— Eu não tenho experiência nenhuma em cercos — disse ele. — Muito menos desta forma. Deve haver alguém nos Varden mais indicado para a missão. Que tal Martland Barba Ruiva?

Nasuada fez um gesto displicente.

— Ele não pode cavalgar a todo o galope com uma só mão. Você devia ter mais confiança em si próprio, Martelo Forte. É certo que há outros entre os Varden que sabem mais sobre a arte da guerra — homens que estão no terreno há mais tempo e que foram treinados pelos melhores guerreiros da geração dos seus pais — mas, quando tocam a desembainhar espadas e a combater, o mais importante não é o conhecimento nem a experiência, mas ganhar, e essa é uma estratégia que você parece dominar. Além disso, você tem sorte.

Pousou os papéis que estavam por cima e apoiou-se nos braços.

— Você provou que sabe lutar e que sabe seguir ordens... quando lhe agrada, quero dizer. — Ele resistiu à tentação de curvar os ombros, ao lembrar-se do ardor amargo e incandescente do chicote retalhando-lhe as costas depois de ser castigado por desafiar as ordens do Capitão Cedric. — Provou que sabe comandar um destacamento invasor, por isso vamos ver se é capaz de algo mais, Roran Martelo Forte.

Ele engoliu em seco.

— Sim, Senhora.

— Ótimo. Por agora te promovo a capitão. Se for bem sucedido em Aroughs, poderá considerar o título permanente, pelo menos até demonstrar que merece maiores ou menores honras. — Voltando a olhar para a mesa, começou a separar uma confusão de pergaminhos, obviamente à procura de algo escondido por baixo.

— Obrigado.

Nasuada respondeu com um vago ruído evasivo.

— Quantos homens terei sob as minhas ordens em Aroughs? — perguntou ele.

— Dei mil guerreiros a Brigman para tomar a cidade. Desses mil não restam mais de oitocentos, ainda em condições de lutar.

Roran quase praguejou alto. *Tão poucos.*

Nasuada disse num tom de voz seco, como se o tivesse ouvido.

— Fomos levados a crer que as defesas de Aroughs eram mais fáceis de vencer do que são na realidade.

— Compreendo. Posso levar comigo dois ou três homens de Carvahall? Você disse uma vez que nos permitiria lutar juntos se nós...

— Sim, sim — disse ela, acenando com a mão. — Eu sei o que disse. — E comprimiu os lábios, ponderando o assunto. — Muito bem, leve quem quiser, desde que parta dentro de uma hora. Me informe quantos homens vão contigo e eu tomarei providências para ter o número de cavalos necessários à espera, pelo caminho.

— Posso levar Carn? — perguntou ele, referindo-se ao mágico ao lado de quem lutara em várias ocasiões.

Ela fez uma pausa e fitou por instantes a parede, com um olhar disperso. Depois, para seu alívio, acenou afirmativamente, retomando a sua busca no amontoado de pergaminhos.

— Ah, aqui está. — Tirou um tubo de pergaminho preso com uma tira de couro. — Um mapa de Aroughs e das imediações, bem como um mapa maior da província de Fenmark. Sugiro que estude ambos, muito cuidadosamente.

Entregou-lhe o rolo que ele guardou dentro da túnica.

— Aqui está a sua missão — disse ela, entregando-lhe um retângulo de pergaminho dobrado e selado com uma gota de cera vermelha — e aqui estão as suas ordens. — Entregou-lhe um segundo retângulo mais grosso que o primeiro. — Mostre-as a Brigman, mas não deixe que ele fique com elas. Se a memória não me engana, você nunca aprendeu a ler, não é?

Ele encolheu os ombros.

— Para quê? Sei contar e calcular tão bem como qualquer outro homem. O meu pai dizia que ensinar-nos a ler fazia tanto sentido como ensinar um cão a andar nas patas traseiras: é divertido, mas não vale o esforço.

— E eu poderia concordar se continuasse a ser lavrador, mas já não é. — Fez um gesto para os pergaminhos que ele tinha na mão. — Um destes pergaminhos poderia ser um mandato ordenando a sua execução. Não me serve de muito, nestas circunstâncias, Martelo Forte. Não posso enviar-te mensagens que os outros não tenham que ler para você e se você precisar me enviar informações, não tem outra alternativa senão confiar num dos teus subalternos para que registre as suas palavras com rigor. Isso te torna facilmente manipulável e pouco digno de confiança. Se espera evoluir nos Varden, sugiro que procure alguém que te ensine. Agora, retire-se! Há outros assuntos que exigem a minha atenção.

Estalou os dedos e um dos pajens correu ao seu encontro. Colocando uma mão no ombro do rapaz, abaixou-se ao nível dele e disse:

— Quero que vá buscar Jörmundur e o traga aqui diretamente. O encontrará em algum lugar na rua do mercado, onde aquelas três casas... — Deteve-se no meio das instruções e arqueou a sobancelha ao ver que Roran não se mexera. — Precisa de mais alguma coisa, Martelo Forte? — perguntou.

— Sim. Gostaria de ver Eragon antes de partir.

— Por que motivo?

— Grande parte das proteções que me concedeu, antes da batalha, desapareceram.

Nasuada franziu o cenho e depois disse ao pajem:

— Na rua do mercado onde aquelas três casas foram incendiadas. Conhece o local a que estou me referindo? Ótimo, então vai. — Bateu de leve nas costas do rapaz e endireitou-se enquanto ele corria para fora da sala.

— Seria melhor que não o visse. Reparou como Eragon estava fatigado durante a minha audiência com os meninos-gato?

— Mal se aguentava de pé.

— Exatamente. Ele excedeu-se, Roran. Ele não te pode proteger você, eu, Saphira, Arya e sabe-se lá quem mais e conseguir ainda fazer o que tem de fazer. Ele precisa poupar as suas forças para quando tiver de defrontar Murtagh e Galbatorix. Quanto mais nos aproximarmos de Urû'baen, mais importante será que esteja preparado para enfrentá-los a qualquer momento, de dia ou de noite. Não podemos permitir que todas essas preocupações e distrações o enfraqueçam. Foi nobre da sua parte curar o lábio fendido da criança, mas a sua façanha poderia ter-nos custado a guerra!

“Você lutou sem proteções quando os Ra’zac atacaram a sua aldeia na Espinha. Se gosta do seu primo e quer derrotar Galbatorix, terá que voltar a aprender a lutar sem elas.

Quando terminou, Roran, curvou a cabeça. *Ela tinha razão.*

— Partirei imediatamente.

— Agradeço-te muito.

— Com a sua permissão...

Roran virou-se e encaminhou-se para a porta, mas no momento que passava pela soleira da porta, Nasuada chamou-o:

— Ah, Martelo Forte.

Ele olhou para trás, curioso.

— Tente não incendiar Aroughs, por favor. As cidades são bastante difíceis de substituir.

Dança de Espadas

Eragon bateu com os calcanhares num dos lados da rocha onde estava sentado, aborrecido e impaciente para partir.

Ele, Saphira e Arya — bem como Blödhgarm e os outros elfos — estavam junto à estrada que saía da cidade de Belatona e se estendia para leste através de campos de cultivo maduros e verdejantes, passando pela ampla ponte de pedra que atravessava o Rio Jiet e contornando, finalmente, o Lago Leona, a sul. Aí, a estrada bifurcava para a direita, em direção às Planícies Flamejantes, e para norte, em direção a Dras-Leona e Urû'baen.

Milhares de homens, anões e Urgals andavam de um lado para o outro discutindo e gritando, em frente do portão leste de Belatona e dentro da própria cidade, enquanto os Varden tentavam se organizar numa unidade coesa. Além dos grupos heterogêneos de guerreiros a pé, havia ainda a cavalaria do rei Orrin — uma turba inquieta e ruidosa de cavalos. Atrás do exército de guerreiros seguia a caravana de mantimentos: uma fila de dois quilômetros e meio de carretas, carroças e galinheiros com rodas, flanqueada pelas grandes manadas de gado bovino que os Varden tinham trazido de Surda e que incluía agora todos os animais que tinham conseguido expropriar dos fazendeiros que encontraram pelo caminho. Junto das manadas e da caravana de mantimentos ouviam-se bois mugindo, burros e mulas zurrando, gansos grasnando e cavalos de carga relinchando.

O suficiente para Eragon desejar tapar os ouvidos.

Diria que éramos melhores nisto, tendo em conta as vezes que já o fizemos antes, comentou com Saphira, ao saltar da rocha.

Ela fungou. *Deviam me colocar no comando; iria assustá-los de tal forma que os colocaria em posição em menos de uma hora e não teríamos que perder tanto tempo esperando.*

A ideia divertiu-o. *Sim, estou certo que conseguiria... Mas tenha cuidado com que diz, pois Nasuada poderá obrigar-te a fazê-lo.*

Eragon pensou depois em Roran, que já não via desde a noite em que curara a filha de Horst e de Elain, interrogando-se como estaria o primo, preocupado pelo fato de deixá-lo tão longe.

— Mas que grande imprudência — murmurou Eragon, lembrando-se que Roran partira sem deixar que ele lhe renovasse as proteções.

Ele é um caçador experiente, notou Saphira, não vai cometer a imprudência de permitir que a sua presa o ataque.

Eu sei, mas às vezes acontece... Ele devia ser cauteloso, só isso. Não quero que regresse aleijado, ou pior do que isso, embrulhado numa mortalha.

Um estado de espírito sombrio apossou-se de Eragon, mas depois ele reagiu, saltando várias vezes no chão, inquieto e ansioso por fazer um pouco de exercício físico antes de passar as horas seguintes sentado no dorso de Saphira. A oportunidade de voar com ela era bem-vinda, mas a perspectiva de ficar o dia inteiro circunscrito aos mesmos vinte quilômetros, voando em círculos sobre as tropas que avançavam lentamente, como um abutre, não lhe agradava. Sozinhos, ele e Saphira conseguiriam chegar a Dras-Leona nessa mesma tarde, talvez até antes.

Afastou-se da estrada e encaminhou-se para uma extensão de grama relativamente plana. Aí, ignorando os olhares de Arya e do resto dos elfos, desembainhou Brisingr, assumindo a primeira posição de combate que Brom lhe ensinara, há tanto tempo atrás. Inspirou lentamente e abaixou-se um pouco, sentindo a textura do chão através da sola dos sapatos.

Brandiu a espada em torno da cabeça com uma breve e sonora exclamação, desferindo um golpe transversal que teria cortado ao meio qualquer homem, elfo ou Urgal, independentemente da sua armadura. Imobilizou a espada a menos de dois centímetros do chão e segurou-a, fazendo-a estremecer ligeiramente na mão. O metal azul tinha uma tonalidade vívida, quase irreal, em contraste com a grama.

Eragon voltou a inspirar e saltou para frente, golpeando o ar como se este fosse um inimigo mortal. Praticou, um por um, todos os movimentos básicos do manejo da espada em combate, concentrando-se mais na precisão do que propriamente na velocidade ou na força.

Quando se sentiu agradavelmente aquecido no seu trabalho de perícia, olhou para os guardas, parados em semicírculo a alguma distância dele.

— Alguém de vocês se importa de lutar comigo durante uns minutos? — perguntou, levantando a voz.

Os elfos olharam uns para os outros, com uma expressão ilegível, e depois o elfo Wurden avançou.

— Se isso te dá prazer, eu poderei fazê-lo, Matador de Espectros. Contudo, te peço que use o seu elmo enquanto lutamos.

— De acordo.

Eragon voltou a embainhar Brisingr, correu para junto de Saphira, e cortou a pele do polegar numa das escamas, ao se mover pelo seu flanco. Usava a túnica de cota de malha, as caneleiras e os braçais, mas guardara o elmo num dos alforjes para que não caísse de Saphira e se perdesse na grama.

Ao pegar no elmo, viu o baú que continha o coração dos corações de Glaedr embrulhado num cobertor, aninhado no fundo do alforje. Esticando o braço, tocou no volume amarrado e prestou uma homenagem silenciosa ao que restava do majestoso dragão dourado, fechando depois o alforje e saltando do dorso de Saphira.

Ao regressar ao campo de grama, Eragon colocou a touca de proteção e o elmo, lambeu o sangue do dedo e calçou as luvas, esperando que o golpe não sangrasse muito dentro da luva. Usando ligeiras variações do mesmo feitiço, ele e Wyrden ergueram tênues barreiras — invisíveis, a não ser pelas vagas ondulações que provocavam no ar — no gume das espadas, para não cortarem nada. Baixaram também as defesas que os protegiam fisicamente.

Depois colocaram-se em posições opostas, fizeram uma mesura e ergueram as espadas. Eragon fitou os olhos negros e atentos do elfo, ao mesmo tempo em que Wyrden fitava os seus. De olhos pregados no adversário, Eragon avançou com cautela, tentando aproximar-se lentamente do lado direito de Wyrden, onde o elfo teria mais dificuldade em defender-se, por ser destro.

O elfo virou-se lentamente, esmagando a grama por baixo dos calcanhares, e manteve-se orientado na direção de Eragon. Eragon deu mais alguns passos e parou. Wyrden estava muito atento e era muito experiente para que Eragon conseguisse flanqueá-lo. Jamais conseguiria apanhar o elfo desprevenido. A menos que conseguisse distrai-lo, claro.

Mas antes que pudesse decidir como prosseguir, Wyrden fingiu que ia desferir-lhe um golpe na perna direita, como se pretendesse atingi-lo no joelho, e mudou de direção a meio do golpe, torcendo o pulso e o braço para golpear Eragon no peito e no pescoço.

O elfo foi rápido, mas Eragon foi ainda mais rápido ao perceber a mudança de posição que traiu as intenções de Wyrden, recuando meio passo, dobrando o cotovelo e passando-lhe a espada junto do rosto.

— Ah! — gritou Eragon, ao aparar a espada de Wyrden com Brisingr. As lâminas soltaram um ruído agudo ao chocarem uma com a outra.

Com algum esforço, Eragon empurrou Wyrden para trás, atirando-se depois a ele e atacando-o com uma série de golpes enérgicos.

Durante alguns minutos lutaram sobre o campo de grama. Eragon desferiu a primeira estocada — um ligeiro golpe na anca de Wyrden — e a segunda também, mas daí em diante o duelo tornou-se mais equilibrado, pois o elfo percebeu a natureza do combate de Eragon e começou a antecipar os seus padrões de ataque e de defesa. Eragon raramente tinha oportunidade de se pôr à prova em combate com alguém tão rápido e forte como Wyrden, por isso apreciou a disputa com o elfo.

Contudo o seu prazer esfumou-se, quando Wyrden lhe desferiu quatro estocadas numa rápida sucessão. Uma no ombro, duas nas costelas e um terrível golpe ao longo do abdômen. Os golpes doeram-lhe, mas o orgulho doeu-lhe ainda mais. Preocupava-o que o elfo tivesse sido capaz de penetrar tão facilmente nas suas defesas. Eragon sabia que teria conseguido derrotar Wyrden nos primeiros golpes, se estivessem lutando a sério, mas tal pensamento não era grande consolo.

Não devia deixá-lo atingir-te tantas vezes, comentou Saphira.

Sim, eu sei, rugiu ele.

Quer que eu o derrube por você?

Não... hoje não.

Eragon abaixou a espada, num estado de espírito amargo, e agradeceu a Wyrden por lutar com ele. O elfo fez uma mesura e disse:

— Não tem que agradecer, Matador de Espectros — voltando a reunir-se aos outros.

Eragon cravou Brisingr no chão, entre as botas — algo que jamais faria com uma espada de aço normal — e pousou as mãos no punho, enquanto observava os homens e os animais amontoados na estrada que saía da vasta cidade de pedra. A turbulência entre as hostes diminuía consideravelmente e ele calculou que já não deveria faltar muito para que as trompas dos Varden lhes dessem ordem para avançar.

Entretanto, continuava a sentir-se inquieto.

Olhou para Arya, que estava junto de Saphira, e um sorriso espalhou-se gradualmente pelo seu rosto. Pousando Brisingr sobre o ombro, aproximou-se calmamente dela, apontando para a espada.

— E você, Arya? Só lutamos juntos daquela vez em Farthen Dur. — O sorriso alargou-se e fez um floreado com Brisingr. — Melhorei um pouco desde então.

— Melhorou mesmo.

— Então, o que me diz?

Ela olhou criticamente para os Varden e encolheu os ombros.

— Porque não?

Ao encaminharem-se para a extensão plana de grama, ele disse:

— Não vai conseguir vencer-me tão facilmente como antes.

— Tenho certeza que não.

Arya aprontou a espada e, depois, viraram-se um para o outro, a cerca de nove metros de distância. Sentindo-se confiante, Eragon avançou rapidamente, pois já sabia onde a iria atingir: no ombro direito.

Arya ficou onde estava e não fez qualquer tentativa para se esquivar e, quando ele estava a menos de quatro metros, lançou-lhe um sorriso afetuoso e radioso que lhe enalteceu de tal forma a beleza que Eragon vacilou e seus pensamentos embaralharam-se.

Um fio de aço cintilou na sua direção, mas ele demorou muito tempo para erguer Brisingr para aparar o golpe. Um choque percorreu-lhe o braço e ele sentiu a ponta da espada roçar em algo sólido — punho, lâmina ou carne, não sabia ao certo o que era. Fosse o que fosse, percebeu que avaliara mal a distância e que a sua reação o deixara vulnerável ao ataque.

Antes que pudesse conter o seu impulso para frente, um outro impacto desviou-lhe bruscamente o braço que empunhava a espada para o lado. Depois sentiu um nó de dor no tronco, quando Arya o atingiu no torso e o atirou ao chão.

Eragon gemeu, ao cair de costas, e ficou sem ar nos pulmões. Olhou para o céu de boca aberta e tentou respirar, mas tinha o abdômen contraído e rijo como pedra, não conseguindo encher os pulmões de ar. Uma constelação de pontos vermelhos surgiu-lhe diante dos olhos e, durante alguns segundos de desconforto, recebeu perder a consciência. Mas depois libertou os músculos e arfou ruidosamente, conseguindo voltar a respirar.

Logo que recuperou a clareza, voltou a levantar-se lentamente, usando Brisingr para se amparar e apoiou-se na espada, curvado como um velho, esperando que a dor no estômago abrandasse.

— Você trapaceou — disse ele, rilhando os dentes.

— Não. Explorei uma fraqueza do meu adversário, o que é diferente.

— Acha... que aquilo foi uma fraqueza?

— Em combate, sim. Quer continuar?

Ele arrancou Brisingr da relva, em resposta, regressando ao local onde tinha iniciado a luta e erguendo a espada.

— Ótimo — disse Arya. Colocando-se na mesma posição, em frente a ele.

Desta vez, Eragon foi muito mais cauteloso ao aproximar-se dela e Arya não ficou no mesmo lugar, avançando cautelosamente, sempre com os olhos verdes claros fixos nele.

Ela estremeceu e Eragon retraiu-se.

Depois, percebeu que estava contendo a respiração e fez um esforço para descontraí-la.

Deu mais um passo em frente e brandiu a arma velozmente, com toda a força.

Ela aparou o golpe em direção às suas costelas, tentando atingi-la na axila exposta. O lado fendido da espada dela roçou-lhe nas costas da mão livre, arranhando a cota de malha costurada à luva, ao afastar bruscamente a espada com a mão. Nesse momento, o torso de Arya estava exposto, mas ainda estavam muito próximos para que Eragon conseguisse efetivamente golpeá-la.

Em vez disso, atirou-se para frente tentando atingi-la no esterno com o punho da espada, a fim de derrubá-la, tal como ela lhe fizera.

Ela torceu o corpo, desviando-se do caminho, e Eragon cambaleou para frente atingindo o ar com o punho da espada.

Depois deu consigo imóvel, com um dos braços de Arya em volta do pescoço e a face fria e escorregadia da lâmina encantada encostada ao maxilar, sem perceber bem como isso acontecera.

Atrás dele, Arya sussurrou-lhe ao ouvido direito.

— Podia ter-te cortado a cabeça tão facilmente como quem arranca uma maçã de uma árvore.

Depois o libertou e o empurrou. Ele deu meia volta, furioso, e viu que ela já estava à sua espera, de arma em posição, com uma expressão determinada.

A raiva apossou-se dele e Eragon atacou-a.

Trocaram quatro golpes, cada um mais terrível que o anterior. Arya atacou-o primeiro, tentando golpeá-lo nas pernas. Ele aparou o golpe e tentou atingi-la transversalmente na cintura, mas ela esquivou-se do gume cintilante de Brisingr. Sem lhe dar oportunidade de retaliar, ele prosseguiu

com um ardiloso golpe circular, que ela aparou com uma facilidade enganadora. Depois avançou e roçou-lhe com a espada pela barriga, com a leveza de uma asa de beija-flor. Arya manteve a sua posição ao concluir o golpe, com o rosto a escassos centímetros do dele, a testa brilhante e as faces afogueadas.

Libertaram-se um do outro com uma cautela exagerada.

Eragon endireitou a túnica, agachando-se depois junto de Arya. A fúria da batalha diluía-se, deixando-o concentrado, senão totalmente descontraído.

— Não entendo — disse ele, baixinho.

— Você está muito habituado a lutar com os soldados de Galbatorix. Eles não têm chance de te igualar, por isso você corre riscos que de outra forma seriam a sua desgraça. Os teus ataques são muito óbvios — não devia recorrer à força bruta — e você se tornou descuidado na defesa.

— Me ajuda? — pediu. — Luta comigo quando puder?

Ela acenou com a cabeça.

— Claro. Mas se eu não puder, pratica com Blödhgarm. Ele é tão hábil como eu no manejo da espada. Você precisa apenas praticar com parceiros convenientes.

Eragon tinha acabado de abrir a boca para lhe agradecer quando sentiu a presença de outra consciência além da de Saphira, tentando penetrar em sua mente. Era vasta e assustadora e estava impregnada da mais profunda melancolia; uma tristeza tão grande, que a garganta de Eragon se contraiu e as cores do mundo pareceram perder o brilho. Numa voz pausada e profunda, como se falar fosse um esforço quase insuportável, Glaedr, o dragão dourado, disse:

Tem que aprender... a observar o que vê.

Depois a presença esfumou-se, deixando atrás de si um vazio negro.

Eragon olhou para Arya. Ela parecia tão abalada quanto ele; também ouvira as palavras de Glaedr. Atrás dela, Blödhgarm e os outros elfos murmuravam inquietos. Enquanto isso, Saphira torcia o pescoço à beira da estrada, tentando olhar para os alforjes que tinha presos ao dorso.

Todos eles tinham ouvido, concluiu Eragon.

Arya e Eragon levantaram-se, correndo para Saphira que disse:

Ele não irá responder-me. Onde quer que estivesse, voltou e não ouvirá nada a não ser a sua mágoa. Vejam...

Eragon uniu a sua mente à dela e à de Arya e os três tentaram alcançar o coração dos corações de Glaedr, escondido dentro dos alforjes. O que restava do dragão parecia mais forte do que antes, mas a sua mente continuava fechada à comunicação exterior e a sua consciência mantinha-se letárgica e indiferente como sempre, desde que Galbatorix assassinara o seu Cavaleiro, Oromis.

Eragon, Saphira e Arya tentaram despertar o dragão do seu estupor, contudo Glaedr ignorou-os sistematicamente, dando-lhes a mesma importância que um urso das cavernas daria a meia dúzia de moscas zunindo em torno da sua cabeça.

Ainda assim, Eragon não podia deixar de pensar que a indiferença de Glaedr não era tão absoluta como parecia, dado o seu comentário.

Finalmente, deram-se os três por vencidos e retornaram aos respectivos corpos. Quando Eragon voltou a si, Arya disse:

— Talvez se tocássemos no seu Eldunari...

Eragon embainhou Brisingr, saltou depois para a pata dianteira direita de Saphira, e subiu para a sela encarrapitada sobre a crista dos ombros, torcendo-se na sela e começando a remexer nas fivelas dos alforjes.

Abrira uma das fivelas e estava remexendo na outra quando o ruído insolente de uma trompa ressoou, na dianteira dos Varden, indicando que avançassem. Logo que se ouviu o sinal, a vasta caravana de homens e animais começou a andar, a princípio hesitantemente, mas ganhando depois mais fluidez e confiança a cada passo.

Eragon olhou indeciso para Arya e esta resolveu o seu dilema, acenando e dizendo:

— Hoje à noite. Hoje à noite conversamos. Vai! Voa com o vento!

Ele voltou a fechar apressadamente os alforjes, enfiando depois as pernas nas fiadas de correias, de ambos os lados da sela, e apertou-as para não cair de Saphira em pleno voo.

Depois Saphira agachou-se e saltou sobre a estrada com um rugido de alegria. Os homens por baixo dela agacharam-se e encolheram-se, e os cavalos empinaram-se ao desdobrar e bater as suas enormes asas, afastando-se do solo duro e hostil, rumo à vastidão suave do céu.

Eragon fechou os olhos e ergueu o rosto, feliz por finalmente partir de Belatona. Depois de passar uma semana na cidade sem nada que fazer senão comer e descansar — pois Nasuada insistira nisso — estava ansioso por retomar a sua jornada rumo à Urû'baen.

Quando Saphira nivelou o voo, centenas de metros acima dos picos e torres da cidade, ele disse:

Acha que Glaedr vai se recuperar?

Nunca voltará a ser como era.

Não, mas espero que descubra uma forma de ultrapassar a dor. Preciso da sua ajuda, Saphira. Há tantas coisas que ainda não sei. Sem ele, não tenho mais ninguém a quem perguntar.

Ela ficou em silêncio durante algum tempo. Tudo o que se ouvia era o ruído das suas asas. *Não podemos apressá-lo*, disse. *Ele foi machucado da pior forma que um dragão ou um Cavaleiro podem ser. Antes de poder ajudar você, a mim, ou a qualquer outra pessoa, tem de decidir se quer continuar a viver. Até lá, as nossas palavras não poderão alcançá-lo.*

Sem Honra Nem Glória, Apenas Bolhas nos Piores Lugares



latido dos cães crescia, atrás deles. A matilha uivava por sangue.

Roran apertou mais firmemente as rédeas, dobrando-se sobre o pescoço do cavalo de guerra galopante. O ruído dos cascos dos cavalos ressoava através dele como uma trovoadas.

Roran e os seus cinco homens — Carn, Mandel, Baldor, Delwin e Hamund — tinham roubado cavalos frescos dos estábulos de uma mansão, a menos de oitocentos metros, e os moços de estrebaria não tinham ficado nada satisfeitos. Mostrar-lhes as espadas fora o suficiente para ultrapassar as objeções, mas os moços de estrebaria deviam ter avisado os guardas da mansão logo que Roran e os companheiros partiram, pois dez dos guardas perseguiram-nos, guiados por uma matilha de cães de caça.

— Ali! — gritou ele, apontando para uma estreita faixa de bétulas que se estendia entre duas colinas próximas, ao longo do curso de um riacho.

Ao ouvirem a ordem, os homens conduziram os cavalos para fora da estrada habitualmente utilizada pelos viajantes, cavalgando na direção das árvores. O solo acidentado forçou-os a abrandar o ritmo, apenas ligeiramente, apesar do risco de os cavalos meterem uma pata num buraco e quebrarem-na, ou atirarem um cavaleiro ao chão. Por muito arriscado que fosse, seria ainda pior deixar que os cães os apanhassem.

Roran enterrou as esporas nos flancos do cavalo e gritou:

— Já! — tão alto quanto possível, com a garganta cheia de pó. O cavalo castrado largou a galope, aproximando-se aos poucos de Carn.

Roran sabia que o seu cavalo iria, em breve, chegar a um ponto em que já não conseguiria produzir tais explosões de velocidade, por mais que ele o batesse com as esporas ou o chicoteasse com a ponta das rédeas. Detestava ser cruel e não era sua intenção montar o animal até o matar, mas não o pouparia se isso pusesse em risco o sucesso da missão.

Ao alcançar Carn, Roran gritou:

— Você não consegue esconder o nosso rastro com um feitiço?

— Não sei como! — respondeu Carn, mal se fazendo ouvir com a deslocação de ar e o ruído dos cavalos a galope. — É muito complicado!

Roran praguejou e olhou por cima do ombro. Os cães contornavam a última curva da estrada. Pareciam voar sobre o chão, esticando e contraíndo os corpos esguios em um ritmo brutal. Mesmo àquela distância, Roran conseguia distinguir as línguas vermelhas e julgou também ver o brilho de caninos brancos.

Ao alcançarem as árvores, Roran virou e começou a cavalgar de novo em direção às colinas, mantendo-se tão próximo quanto possível da linha de bétulas, a fim de evitar ramos baixos e troncos caídos. Os outros fizeram o mesmo, gritando aos cavalos para que não abrandassem enquanto subiam o declive, a galope.

À sua direita, Roran viu de relance Mandel, curvado sobre a sua égua manchada, com um esgar feroz. O jovem impressionara Roran com a energia e a coragem que demonstrara nos últimos três anos. Desde que Sloan, o pai de Katrina, traía os aldeões de Carvahall e matara o pai de Mandel, Byrd, que este parecia desesperado por provar que era igual a qualquer homem da aldeia. Além disso, agira com honra nas duas últimas batalhas entre os Varden e o Império.

Um galho grosso entrou em rota de colisão com a cabeça de Roran. Ele abaixou-se, ouvindo e sentindo as pontas dos ramos secos baterem-lhe no topo do elmo. Uma folha morta caiu sobre seu rosto cobrindo, por instantes, o olho direito, mas depois o vento arrancou-a.

A respiração dos cavalos tornava-se cada vez mais difícil, à medida que seguiam o curso do rio, por entre as colinas. Roran espreitou por baixo do braço e viu que a matilha de cães estava a menos de quatrocentos metros deles. Mais alguns minutos e certamente iriam ultrapassar os cavalos.

Raios, pensou ele, olhando sucessivamente para o bosque cerrado, à sua esquerda e para a colina verdejante à direita, em busca de algo — qualquer coisa — que pudesse ajudá-los a despistar os seus perseguidores.

Estava de tal forma atordoado de exaustão que quase não deu por ele.

Vinte metros mais adiante, um caminho sinuoso de veados descia pela encosta da colina, interceptando o seu caminho e desaparecendo depois por entre as árvores.

— Aí!.... Aí! — gritou Roran, inclinando-se para trás nos arreios e puxando as rédeas. O cavalo abrandou e seguiu trotando, embora resfolgasse e sacudisse a cabeça para tentar morder o freio. — Ah isso é que não — rugiu Roran, puxando as rédeas com mais força. — Despachem-se! — gritou

ele ao resto do grupo, virando o cavalo e entrando no bosque. O ar estava fresco por baixo das árvores, quase frio, o que era um alívio bem-vindo frente ao calor que sentia devido à exaustão. Mas conseguiu apenas apreciar essa sensação por uns instantes, pois o cavalo arrancou e começou a descer a encosta em direção à margem do riacho, lá em baixo. Folhas mortas estalavam debaixo dos cascos ferrados. Roran teve praticamente que se deitar sobre o dorso do animal para não cair por cima do pescoço e da cabeça deste, de pernas e joelhos esticados para frente.

Ao chegarem ao fundo do desfiladeiro, o cavalo percorreu ruidosamente o riacho rochoso, projetando asas de água à altura dos joelhos de Roran.

Roran parou do lado oposto, para ver se os outros ainda seguiam atrás dele. E vinham, de fato. Desciam por entre as árvores, uns atrás dos outros.

Conseguia ouvir os latidos dos cães, lá em cima, no lugar onde tinham entrado no bosque.

Vamos ter de enfrentá-los e lutar, concluiu.

Voltou a praguejar, esporeou o cavalo e afastou-se do riacho, subindo a margem macia, coberta de musgo, e continuando a seguir pelo caminho indistinto.

Não muito longe do riacho havia uma parede de samambaias e, além desta, uma depressão. Roran viu uma árvore caída que achou poder servir de barreira improvisada se fosse arrastada para o lugar indicado.

Só espero que não tenham arcos de flechas.

Acenou aos seus homens:

— Aqui!

Fazendo estalar as rédeas, conduziu o cavalo por entre as samambaias, até à depressão, deslizando depois da sela, embora se mantivesse firmemente agarrado a ela. Ao tocar com os pés no chão as pernas cederam. Teria caído se não estivesse apoiado. Fez um esgar e encostou a testa ao ombro do cavalo, ofegante, enquanto esperava que os tremores nas pernas abrandassem.

O resto do grupo reuniu-se em torno dele, impregnando o ar com um fedor a suor e o tilintar dos arreios. Os cavalos estremeceram, ofegantes, com espuma amarela escorrendo-lhes pelo canto da boca.

— Ajudem-me! — disse ele a Baldor, apontando para a árvore caída. Meteram as mãos por baixo da extremidade larga do tronco e ergueram-no do chão. Roran rilhou os dentes, ao sentir as costas e as coxas protestarem de

dor. Cavalgar a todo o galope durante três dias e dormir menos de três horas por cada doze montado na sela, deixara-o terrivelmente debilitado.

Mais valia ir combater bêbado, doente e completamente fatigado, concluiu Roran, ao largar o tronco e endireitar-se. A ideia irritou-o.

Os seis homens colocaram-se em frente aos cavalos, virados para a parede de samambaias pisadas e aprontaram as armas. Do lado de fora da depressão, os latidos dos cães de caça eram mais intensos que nunca e os seus ganidos ecoavam nas árvores, produzindo um ruído infernal.

Roran retesou o corpo e ergueu mais o martelo. Depois ouviu uma estranha e alegre melodia na língua antiga, que Carn entoava intercalada com os latidos dos cães e os pelos da sua nuca arrepiaram-se em sobressalto, tal era o poder contido nas frases. O feiticeiro proferiu rapidamente várias frases de um só fôlego, falando tão depressa que as palavras se fundiam num vozerio indistinto. Logo que terminou, fez um gesto para Roran e os outros, dizendo num sussurro tenso:

— Abaixem-se!

Roran abaixou-se sobre os quadris sem o questionar. Já não era a primeira vez que se amaldiçoava pelo fato de ser incapaz de usar magia. Essa era a mais útil das aptidões de um guerreiro e o fato de não a ter, deixava-o à mercê de todos aqueles capazes de reformular o mundo apenas com a vontade e uma palavra.

As samambaias diante de si restolharam e estremeceram; um cão enfiou depois a ponta negra do focinho através da folhagem, espreitando para a depressão, de nariz tremulo. Delwin sorveu o ar, erguendo a espada como se fosse decapitar o cão, mas Carn pigarreou insistentemente, acenando-lhe até ele a baixar.

O cão franziu o focinho, parecendo intrigado. Voltou a cheirar o ar, lambeu a mandíbula inferior com a língua grossa, arroxeadá, e recuou.

Quando as samambaias voltaram a se fechar bruscamente sobre o focinho do cão, Roran, que estivera contendo a respiração, expirou lentamente, olhando para Carn e arqueando a sobrancelha, à espera que este se explicasse. No entanto Carn limitou-se a abanar a cabeça e a levar um dedo aos lábios.

Segundos depois, mais dois cães esgueiraram-se por entre a vegetação, inspecionando a depressão, porém recuaram passado pouco tempo, tal como o primeiro. Pouco depois a matilha começou a ganir e a latir, procurando por entre as árvores, na tentativa de perceber para onde tinham ido as suas presas.

Enquanto estava sentado à espera, Roran reparou que as suas pernas estavam manchadas com nódoas escuras no interior das coxas. Tocou numa das áreas manchadas e os dedos vieram cobertos de um líquido ensanguentado. Cada mancha assinalava uma bolha, mas não eram as únicas; sentia também bolhas nas mãos — as rédeas tinham-lhe esfolado a pele entre o polegar e o indicador — nos calcanhares e em outros lugares mais desconfortáveis.

Limpou os dedos no chão com uma expressão de desagrado. Olhou para os seus homens e reparou na forma como estavam agachados e ajoelhados, percebendo o desconforto nos seus rostos sempre que se moviam, e a forma como torciam ligeiramente as mãos ao segurarem nas armas. Não estavam em melhor estado do que ele.

Roran decidiu ordenar a Carn que lhes curasse as feridas da próxima vez que parassem para dormir. Contudo, se o feiticeiro lhe parecesse muito cansado, não iria tratar das suas. Preferia suportar a dor a permitir que Carn despendesse toda a sua energia antes de chegarem a Aroughs, pois suspeitava que as aptidões daquele pudessem vir a revelarem-se úteis na conquista da cidade.

Pensar em Aroughs e no cerco que deveria supostamente ganhar, compeliu-o a levar a mão livre ao peito para ver se o envelope que continha as ordens que era incapaz de ler e a comissão que duvidava conseguir cumprir ainda estavam guardadas em segurança na sua túnica. Estavam.

Depois de longos minutos de tensão, um dos cães começou a ladrar entusiasticamente, em algum lugar nas árvores junto ao rio. Os outros cães correram na mesma direção e recomeçaram a ladrar naquele tom intenso que indicava estarem seguindo de perto uma presa.

Quando o alarido abrandou, Roran levantou-se lentamente e passou os olhos pelas árvores e pelos arbustos.

— O caminho está livre — disse, num tom de voz moderado.

Quando os outros se levantaram, Hamund — que era alto, desgrenhado e tinha rugas profundas junto da boca, embora fosse apenas um ano mais velho do que Roran — virou-se para Carn, com uma expressão carregada e disse:

— Porque você não fez isso antes, em vez de permitir que cavalgássemos à toa pelos campos e quase partíssemos o pescoço descendo aquela colina? — E apontou para trás, em direção ao riacho.

Carn respondeu-lhe num tom igualmente furioso:

— Porque ainda não tinha me lembrado disso, eis a razão. Acho que poderia demonstrar um pouco de gratidão, visto que acabo de te poupar o incomodo de ficar todo esburacado.

— Ah é? Pois eu acho que você devia passar mais tempo praticando os teus feitiços, antes que sejamos perseguidos sabe-se lá até onde e...

Receando que a discussão se tornasse perigosa, Roran colocou-se entre ambos.

— Basta! — disse, perguntando depois a Carn. — O seu feitiço poderá esconder-nos dos guardas?

Carn abanou a cabeça.

— Os homens são mais difíceis de enganar que os cães. — E atirou um olhar injurioso a Hamund. — Pelo menos a maioria. Posso esconder-nos, mas não posso esconder o nosso rastro. — Apontou para as samambaias esmagadas e partidas, e para as pegadas dos cascos, escavadas no solo úmido. — Eles vão perceber que nós estamos aqui. Se partirmos antes deles nos verem, os cães vão despistá-los e nós...

— Montem! — ordenou Roran.

Os homens voltaram a montar nos cavalos, com uma série de palavrões abafados e gemidos mal contidos. Roran olhou uma última vez para a depressão, assegurando-se de que não se tinham esquecido de nada, e conduziu o seu cavalo de guerra para a dianteira do grupo, batendo-o de leve com as esporas.

Juntos galoparam para fora das sombras das árvores, afastando-se da ravina e retomando a viagem aparentemente interminável até Aroughs. O que iriam fazer quando chegassem à cidade era uma absoluta incógnita para Roran.

A Devoradora da Lua

Eragon rodou os ombros enquanto percorria o acampamento dos Varden, tentando livrar-se do torcicolo que arranjara ao lutar com Arya e Blödhgarm, algum tempo antes, nessa tarde.

Ao alcançar o topo de uma pequena colina que se erguia como uma ilha solitária, no meio do mar de tendas, apoiou as mãos nas ancas e fez uma pausa para contemplar a paisagem. À sua frente estava a superfície escura do Lago Leona que cintilava ao crepúsculo, refletindo a luz alaranjada das tochas do acampamento, na crista das suas pequenas ondas. A estrada que os Varden percorriam passava entre as tendas e a margem: uma ampla faixa de paralelepípedos, fixos com argamassa, construída muito antes de Galbatorix derrotar os Cavaleiros — pelo menos, segundo Jeod lhe dissera. Quatrocentos metros ao norte, ficava uma pequena aldeia de pesca, mesmo à beira da água, e Eragon sabia que os seus habitantes não estavam nada satisfeitos pelo fato de terem um exército acampado à soleira da porta.

Tem que aprender... a observar o que vê.

Eragon passara horas ponderando o conselho de Glaedr, desde que saíra de Belatona. Não tinha bem certeza do que o dragão quisera dizer com aquilo, pois Glaedr não pronunciara nem mais uma palavra, depois daquela declaração enigmática. Por isso Eragon decidira levar as suas instruções à letra. Esforçara-se por observar realmente tudo o que tinha diante de si, por muito pequeno ou insignificante que lhe parecesse, para assim entender o significado do que via.

Por mais que pensasse, sentia estar falhando miseravelmente. Para onde quer que olhasse, ele percebia uma esmagadora quantidade de detalhes, mas estava convencido de que havia outros que lhe escapavam por falta de perspicácia. Pior do que isso: raramente conseguia perceber aquilo de que tinha consciência, como por exemplo, o motivo porque três das chaminés da aldeia de pesca não soltavam fumaça.

Apesar da sensação de futilidade, o esforço revelara-se útil pelo menos num aspecto: Arya já não o derrotava sempre que lutavam. Observara-a com redobrada atenção — estudando-a tão atentamente como a um veado que estivesse perseguindo — e, em consequência disso, ganhara algumas das disputas. Contudo, não conseguia ainda igualá-la, muito menos superá-la, e não sabia o que teria de aprender — nem quem o poderia ensinar — para se tornar tão hábil como ela no manejo da espada.

Talvez Arya tenha razão e a experiência seja o único mentor que poderá me ajudar agora, pensou Eragon. Porém, a experiência exige tempo e tempo é o que eu menos tenho. Em breve estaremos em Dras-Leona e depois em Urû'baen. No máximo, dentro de alguns meses, teremos de enfrentar Galbatorix e Shruikan.

Suspirou e esfregou a cara, tentando desviar os seus pensamentos para assuntos menos perturbantes. Voltava sempre às mesmas dúvidas, moendo-se com elas como um cão agarrado a um osso cheio de tutano, sem nada nas mãos a não ser uma constante e crescente sensação de ansiedade.

Continuou a descer a colina perdido em cogitações. Vagueou por entre as tendas sombrias e encaminhou-se na direção da sua, mas sem prestar grande atenção ao caminho. Caminhar ajudava a acalmá-lo, como sempre. Os homens que ainda circulavam pelo acampamento desviavam-se para lhe dar passagem, quando se cruzavam, batendo com o punho no peito, gesto geralmente acompanhado de uma branda saudação “*Matador de Espectros*”, à qual Eragon respondia com um civilizado aceno de cabeça.

Caminhava há um quarto de hora, parando e retomando a marcha em contraponto com os seus pensamentos, quando a voz aguda de uma mulher descrevendo algo, com grande entusiasmo, lhe interrompeu os devaneios. Curioso, seguiu o som até chegar a uma tenda separada de todas as outras, junto da base de um salgueiro nodoso, a única árvore perto do rio, que o exército não cortara para lenha.

Ali, debaixo do teto de ramos deparou-se com a cena mais estranha que vira em toda a sua vida.

Doze Urgals, incluindo o seu senhor da guerra, Nar Garzhvog, estavam sentados, em semicírculo, à volta de uma pequena fogueira tremula. Sombras assustadoras dançavam em seus rostos, destacando-lhes a testa pesada, as maçãs do rosto largas e o volumoso queixo, bem como as saliências dos chifres, que lhes despontavam da testa e descreviam uma curva para trás, de ambos os lados da cabeça. Os Urgals estavam de braços e tronco nu, apenas com os braçais de couro nos pulsos e as tiras entrançadas que usavam penduradas a tiracolo. Além de Garzhvog estavam presentes mais três Kulls. Junto dos corpulentos Kulls, o resto dos Urgals — nenhum dos quais tinha menos de um metro e oitenta — pareciam crianças pequenas.

Espalhados entre os Urgals — entre eles e acima deles — havia várias dúzias de meninos-gato em forma animal. Muitos estavam direitos, sentados diante do fogo, absolutamente imóveis, sem sequer mexerem as caudas, com as orelhas franjadas atentamente espetadas para frente. Outros estavam esparramados no chão, no colo ou nos braços dos Urgals. Para seu espanto,

Eragon viu uma menina-gato branca e esguia descansando, enrolada sobre a cabeça larga de um Kull, com a perna dianteira, direita, pendurada junto do crânio e a pata possessivamente colada à sua testa. Por muito pequenos que fossem, comparados com os Urgals, os meninos-gato pareciam igualmente selvagens e Eragon não tinha qualquer dúvida de que preferiria enfrentar os Urgals em combate, pois os meninos-gato eram... imprevisíveis.

Do outro lado da fogueira, em frente da tenda, estava Angela, a herbolária, sentada de pernas cruzadas sobre um cobertor dobrado, fiando uma pilha de lã cardada, transformando-a em fio com um fuso suspenso que segurava diante de si como se estivesse enfeitando os que a observavam. Tanto os meninos-gato como os Urgals tinham os olhos pregados nela, fitando-a atentamente ao dizer:

— ... mas foi lento demais, e o coelho de olhos vermelhos, enfurecido, dilacerou a garganta de Hord, matando-o de imediato. Depois a lebre fugiu para a floresta e desapareceu dos registros da história. Contudo — nesta altura Angela inclinou-se para frente e abaixou o tom de voz —, se viajarem por aquelas paragens, como eu viajei... mesmo hoje em dia, é possível que encontrem por vezes um veado ou um Feldûnost recém morto, aparentemente mordiscado como um nabo, e as pegadas de um coelho invulgarmente grande em torno dele. De vez em quando, um guerreiro de Kvôth irá desaparecer e será encontrado morto, com a garganta dilacerada... sempre com a garganta dilacerada.

Retomou a posição anterior.

— É claro que Terrin ficou terrivelmente perturbado com a perda do amigo e queria perseguir a lebre, mas os anões ainda precisavam da sua ajuda, por isso voltou para a fortaleza e, durante mais três dias e três noites, os soldados defenderam as muralhas, até quase esgotarem os seus mantimentos e todos os guerreiros ficarem cobertos de feridas.

“Por fim, na manhã do quarto dia, quando tudo parecia estar perdido, as nuvens apartaram-se e Terrin foi surpreendido pela imagem de Mimring voando, à distância, em direção à fortaleza e à frente de uma enorme trovoada de dragões. Ao verem os dragões, os atacantes ficaram de tal forma assustados que largaram as armas e fugiram para o mato — Angela fez um trejeito com a boca. — O que deixou os anões de Kvôth bastante felizes, como devem imaginar, e foi motivo de grande júbilo.

“Quando Mimring aterrisou, Terrin ficou surpreendido ao ver que as suas escamas tinham se tornado transparentes como diamantes, o que se diz ter acontecido pelo fato de Mimring ter voado tão perto do sol. Para conseguir ir buscar os outros dragões a tempo, teve de voar acima dos picos

das Montanhas Beor, ou seja, mais alto do que qualquer outro dragão jamais voara até então ou voou depois disso. Daí em diante, Terrin ficou conhecido como o herói do Cerco de Kvôth e o seu dragão como Mimring o Brillhante, devido às suas escamas, e viveram todos felizes para sempre. Verdade seja dita, Terrin ficou sempre com algum medo de coelhos, mesmo depois de velho. E foi isto que realmente aconteceu em Kvôth.

Quando se calou os meninos-gato começaram a ronronar e os Urgals deram vários roncos aprovadores.

— Você contou uma bela história, Uluthrek — disse Garzhvog, num tom de voz semelhante a uma derrocada de pedras.

— Obrigada.

— Mas não como eu já a tinha ouvido — comentou Eragon, avançando para a luz.

A expressão de Angela iluminou-se.

— Bom, seria pouco provável que os anões admitissem que estiveram à mercê de um coelho. Você esteve este tempo todo escondido nas sombras?

— Apenas um minuto — confessou.

— Então você perdeu a melhor parte da história e eu não estou com vontade de repetir esta noite. A minha garganta já está muito seca por falar durante muito tempo.

Eragon sentiu a vibração através da sola das botas quando os Kull e os outros Urgals se levantaram, para desagrado dos meninos-gato que descansavam em cima deles, alguns dos quais miaram contrariados ao caírem no chão.

Ao olhar para a grotesca coleção de rostos chifrudos reunidos em torno do fogo, Eragon teve de resistir à tentação de agarrar no punho da espada. Mesmo depois de ter lutado, viajado e caçado lado a lado com os Urgals e de ter examinado cuidadosamente as mentes de alguns deles, ainda se sentia pouco confortável na sua presença. Tinha consciência de que eram aliados, mas os seus ossos e os seus músculos não conseguiam esquecer o pavor visceral que o assaltara em numerosas ocasiões, ao defrontar aquela espécie em combate.

Garzhvog tirou qualquer coisa da bolsa de couro que usava no cinto, estendendo a mão enorme sobre o fogo, e entregou-a a Angela, que pousou o fuso para aceitar o objeto, aninhando-o nas mãos. Era uma esfera grosseira de um cristal verde-mar, que cintilava como a neve incrustada. Ela meteu-a na manga da blusa e depois pegou no fuso.

Garzhvog disse:

— Um dia você tem que vir ao nosso acampamento, Uluthrek, e nós te contaremos muitas histórias nossas. Temos um contador de histórias conosco. Ele é bom; quando o ouvimos recitar a história da vitória de Nar Tulkqa em Stavarosk, sentimos o sangue ferver e apetece-nos uivar para a lua e trocar umas chifradas mesmo com o mais forte dos nossos inimigos.

— Isso depende de que você tenha chifres para dar umas chifradas ou não — disse Angela. — Seria uma honra trocar histórias com vocês. Talvez amanhã à noite?

O gigantesco Kull concordou e depois Eragon perguntou:

— Onde fica Stavarosk? Nunca ouvi falar desse lugar.

Os Urgals remexeram-se desconfortavelmente e Garzhvog abaixou a cabeça, roncando como um boi.

— Que trapaça é essa Espada de Fogo? — disse, enfaticamente. — Pretende nos desafiar, insultando-nos dessa forma? — Abriu e fechou as mãos de uma forma claramente ameaçadora.

Eragon disse com cautela:

— Não foi com má intenção, Nar Garzhvog. Era uma pergunta honesta; eu nunca antes ouvi falar de Stavarosk.

Um murmúrio de surpresa cresceu entre os Urgals.

— Como é isso possível? — disse Garzhvog. — Não é verdade que todos os humanos sabem da existência de Stavarosk? Não se canta a história da nossa grande vitória em todos os salões, desde os restos do norte até às Montanhas Beor? Pelo menos os Varden devem falar nisso.

Angela suspirou sem levantar os olhos do fuso e disse:

— É melhor lhes contar.

Num recanto remoto da sua mente, Eragon sentiu Saphira observando a conversa e percebeu que ela estava preparando-se para voar da tenda até junto de si, se um combate se tornasse inevitável.

Escolhendo as palavras com cuidado, Eragon disse:

— Ninguém me falou nisso, mas eu também não estou com os Varden há muito tempo e...

— Draj! — praguejou Garzhvog. — O traidor sem cornos nem sequer tem a coragem de admitir a sua própria derrota. É um covarde e um mentiroso!

— Quem, Galbatorix? — perguntou Eragon, cautelosamente.

Vários meninos-gato bufaram ao ouvir o nome do rei.

Garzhvog acenou com a cabeça.

— Sim. Quando subiu ao poder, tentou destruir a nossa raça para sempre e mandou um grande exército à Espinha. Os soldados destruíram as nossas aldeias, queimaram os nossos ossos e deixaram a terra negra e amarga atrás de si. Nós lutamos — primeiro com alegria e depois com desespero, mesmo assim lutamos. Era a única coisa que podíamos fazer. Não tínhamos para onde fugir, nem onde nos esconder. Quem iria proteger os Urgals, quando até os Cavaleiros tinham sido subjugados?

“Apesar de tudo tivemos sorte, pois tínhamos um grande senhor da guerra nos comandando, Nar Tulkhqa. Ele fora em tempos capturado pelos humanos e passou muitos anos lutando contra eles, por isso sabia como vocês pensavam. Graças a isso conseguiu reunir muitas das nossas tribos sob o seu estandarte. Depois atraiu o exército de Galbatorix para uma passagem estreita, nas profundezas das montanhas, e os nossos carneiros atacaram-nos de ambos os lados. Foi uma chacina, Espada de Fogo. O chão ficou ensopado de sangue e havia pilhas de corpos mais altas que a minha cabeça. Mesmo agora, se você for a Stavarosk, sentirá os ossos estalando debaixo dos teus pés e encontrará moedas, espadas e pedaços de armaduras debaixo de cada pedaço de musgo.

— Então foram vocês! — exclamou Eragon. — Toda a minha vida ouvi dizer que Galbatorix perdeu uma vez metade dos seus homens na Espinha, mas ninguém me dizia como nem porquê.

— Mais de metade dos seus homens, Espada de Fogo. — Garzhvog rodou os ombros e fez um ruído gutural no fundo da garganta. — Agora percebo que teremos de espalhar a mensagem, se quisermos que alguém saiba da nossa vitória. Localizaremos os seus contadores de histórias, os seus bardos, lhes ensinaremos as canções sobre Nar Tulkhqa e faremos o necessário para que não se esqueçam de recitá-las frequentemente, em alto e bom som. — Acenou uma vez com a cabeça, como se tivesse tomado uma decisão — um gesto impressionante, considerando o tamanho e o peso da cabeça — e depois disse:

— Adeus, Espada de Fogo e Uluthrek — e afastou-se pesadamente com os seus guerreiros, mergulhando na escuridão.

Angela riu baixinho, assustando Eragon.

— O que é? — perguntou, virando-se para ela.

Ela sorriu.

— Estou imaginando a cara com que um pobre tocador de alaúde vai ficar, dentro de alguns minutos, quando olhar para fora da tenda e vir doze Urgals, quatro deles Kull, ansiosos para o educarem sobre a cultura Urgal. Ficarei impressionada se não o ouvirmos gritar. — E voltou a rir baixinho.

Igualmente divertido, Eragon abaixou-se e remexeu as brasas com a ponta de um ramo. Um corpo morno e pesado saltou para o seu colo. Ele abaixou os olhos e viu uma menina-gato, branca, enroscada em cima das suas pernas. Ergueu a mão para afagá-la, mas pensou melhor e perguntou:

— Posso?

A menina-gato sacudiu a cauda, mas tirando isso, ignorou-o.

Esperando não estar cometendo um erro, Eragon afagou hesitantemente o pescoço da criatura. Momentos depois um ronronar palpitante impregnou o ar da noite.

— Ela gosta de você — comentou Angela.

Por qualquer razão, Eragon sentiu-se excessivamente satisfeito.

— Quem é ela? Quer dizer, quem é você? Como se chama? — E olhou brevemente para a menina-gato, receando tê-la ofendido.

Angela riu baixinho.

— O nome dela é Caçadora de Espectros. Ou melhor, é isso que o seu nome significa na língua dos meninos-gato. O seu nome real é... — A herbolária emitiu um estranho rugido baixo que eriçou os pelos da nuca de Eragon. — A Caçadora de Espectros é a companheira de Grimrr Meiapata, portanto pode-se dizer que é a rainha dos meninos-gato.

A menina-gato começou a ronronar mais alto.

— Compreendo. — Eragon olhou para os outros meninos-gato ao redor. — Onde está Solembum?

— Entretido atrás de uma fêmea de bigodes compridos com metade da sua idade. Está mais palerma que um gato pequeno... mas todos têm o direito de ser um pouco palermas de vez em quando. — Agarrando no fuso com a mão esquerda, interrompeu a rotação e enrolou o fio acabado de torcer na base do disco de madeira. Depois torceu o fuso para que este começasse a girar de novo e recomeçou a puxar lã do novelo de lã cardada que tinha na

outra mão. — Você está com ar de quem está abarrotado de perguntas, Matador de Espectros.

— Sempre que te encontro, acabo ficando mais confuso.

— Sempre? Isso é muito absolutista da sua parte. Muito bem, vou tentar ser informativa. Pergunte.

Um pouco cético em relação à aparente abertura, Eragon ponderou no que gostaria de saber e, finalmente, disse:

— Uma trovoada de dragões? O que você quis...

— Esse é o termo adequado para um bando de dragões. Se alguma vez você tivesse ouvido um em pleno voo, iria perceber. Quando dez, doze ou mais dragões voam por cima da nossa cabeça o ar vibra à nossa volta, como se estivéssemos dentro de um tambor gigante. Além disso, o que mais se poderia chamar um bando de dragões? Tem o assassinio de corvos, a assembleia de águias, a revoada de gansos, o bando de patos, a banda de gaios, o parlamento de corujas, e por aí fora. Então e os dragões? A fome de dragões? Não soa muito bem. Referirmo-nos a eles como fogo ou terror, também não soa bem, embora aprecie bastante a palavra terror, depois bem vistas as coisas: um terror de dragões... Mas não, um bando de dragões chama-se uma trovoada. Algo que você saberia se a sua educação não se resumisse ao manejo da espada e à conjugação de meia dúzia de verbos na língua antiga.

— Creio que tem razão — disse Eragon para lhe fazer a vontade. Através do seu elo permanente com Saphira, sentiu que ela aprovava a expressão “trovoada de dragões”, ele também era de mesma opinião; era uma descrição adequada.

Ponderou mais um instante e depois perguntou:

— Porque é que Garzhvog te chamou Uluthrek?

— Foi o título que os Urgals me deram há muito, muito tempo atrás, quando viajei para junto deles.

— O que significa?

— Devoradora da Lua.

— Devoradora da Lua? Que nome mais estranho. Como você o conseguiu?

— Comi a lua, claro. De que outra forma o poderia ter conseguido?

Eragon franziu o cenho e concentrou-se um minuto na menina-gato, acariciando-a. Depois disse:

— Porque é que Garzhvog te deu essa pedra?

— Porque lhe contei uma história. Julguei que isso fosse óbvio.

— Mas o que é?

— Um pedaço de pedra, você não reparou? — reagiu, desaprovadamente. — Você realmente devia prestar mais atenção ao que se passa à sua volta, de contrário alguém poderá espetar-te uma faca quando não estiver olhando. E, depois, com quem iria trocar comentários críticos? — Sacudiu o cabelo. — Vá lá, faz-me outra pergunta, estou gostando bastante deste jogo.

Eragon arqueou a sobancelha e, embora soubesse que era inútil, interpelou:

— Piu piu?

A herbolária rebentou a rir e alguns dos meninos-gato abriram a boca, parecendo sorrir com os dentes pontiagudos. A Caçadora de Espectros, contudo, parecia irritada, pois enterrou as garras nas pernas de Eragon, fazendo-o retraindo-se.

— Bom — disse Angela, ainda rindo —, se você precisa de respostas, esta é uma história tão boa como qualquer outra. Ora bem... Há alguns anos atrás, quando andava viajando nos limites de Du Weldenvarden, muito para oeste, a quilômetros e quilômetros de qualquer cidade, vila ou aldeia, encontrei Grimrr por acaso. Nessa altura, ele era apenas o líder de uma pequena tribo de meninos-gato e ainda usava totalmente ambas as patas, mas continuando. Encontrei-o brincando com um filhote de pintarroxo que caíra do ninho numa árvore próxima. Se ele se tivesse limitado a apanhar o pássaro e a comê-lo, eu não teria me importado — afinal de contas, é isso que os gatos fazem — mas ele estava torturando o pobre animal, puxando-lhe pelas asas, mordendo-lhe a cauda, deixando-o fugir para depois o derrubar. — Angela torceu o nariz, indignada. — Disse-lhe que devia parar com aquilo, mas ele limitou-se a rosnar e ignorou-me. — Fitou Eragon com um olhar sério. — Não gosto que as pessoas me ignorem, por isso tirei-lhe o pássaro, agitei os dedos e lancei-lhe um feitiço. Durante uma semana, sempre que abria a boca, Grimrr piava como uma ave canora.

— Piava?

Angela acenou afirmativamente, tentando conter o riso.

— Nunca ri tanto na vida. Nenhum dos outros meninos-gato se aproximou dele durante a semana inteira.

— Não admira que ele te odeie.

— E depois? Se não fizemos alguns inimigos de vez em quando, somos uns covardes — ou pior do que isso. Além disso, valeu a pena ver a sua reação. Ah, que furioso que ele estava!

A Caçadora de Espectros emitiu um suave rosnado de advertência e voltou a crisar as unhas.

Eragon fez uma careta e disse:

— Talvez fosse melhor mudarmos de assunto.

— Humm.

Mas antes que Eragon pudesse sugerir um novo tema, ouviu-se um grito alto, em algum lugar no meio do acampamento. O som ecoou três vezes nas filas de tendas, antes de se diluir no silêncio.

Eragon olhou para Angela e ela olhou para ele, e ambos desataram a rir.

Rumores e Escrita

Já é tarde, disse Saphira, ao ver Eragon encaminhar-se para a tenda, junto da qual estava enroscada, cintilando como um amontoado de brasas azuis celeste, sob a luz tênue das tochas, e olhando-o com um único olho semicerrado.

Ele agachou-se junto da sua cabeça e encostou a testa à dela, durante alguns momentos, abraçando-lhe a mandíbula espinhosa. *Pois é, disse finalmente, e você precisa de descanso depois de ter andado voando ao vento o dia inteiro. Durma. Nos vemos de manhã.*

Ele piscou os olhos uma vez, em sinal de reconhecimento.

Eragon acendeu uma vela dentro da tenda, para ficar mais confortável. Depois, tirou as botas e sentou-se no catre, de pernas dobradas debaixo do corpo, abrandando a respiração e deixando que a mente se abrisse e se expandisse para tocar todas as coisas vivas ao redor — os vermes e os insetos, no chão, Saphira e os guerreiros dos Varden, até mesmo as poucas plantas que restavam ali por perto, cuja energia era tênue e difícil de ver, em comparação com o fulgor flamejante do animal mais minúsculo.

Ficou ali sentado durante bastante tempo, sem pensar, consciente de milhares de sensações agudas e sutis, concentrando-se apenas no fluxo de ar que lhe entrava e saía dos pulmões.

Ouviu homens falar à distância, junto da fogueira de vigilância. O ar da noite transportava as suas vozes mais longe do que era suposto. Tão longe que os ouvidos sensíveis de Eragon conseguiam distinguir as palavras. Conseguia também sentir as suas mentes e poderia ter lido os pensamentos se quisesse, mas decidiu respeitar a sua intimidade e limitou-se a ouvi-los.

Um sujeito de voz cava dizia:

—... e a forma como nos olham, de nariz empinado, como se fôssemos a coisa mais reles deste mundo? A maior parte das vezes, não nos respondem quando lhes fazemos uma pergunta amigável. Viram-nos as costas e vão-se embora.

— Sim — disse outro homem. — E as mulheres deles — belas como estátuas e duas vezes menos apetecíveis?

— Isso é porque você é feio como o raio, Svern, é por isso.

— Não tenho culpa que o meu pai tivesse a mania de seduzir leiteiras, onde quer que fosse. Além disso, você não é a pessoa mais indicada para apontar o dedo, pois poderia causar pesadelos às crianças com essa sua cara.

O guerreiro de voz cava resmungou. Depois alguém tossiu e cuspiu, e Eragon ouviu o cuspe ferver e evaporar-se ao tocar num pedaço de madeira queimando.

Um terceiro orador reuniu-se à conversa:

— Gosto tanto dos elfos como você, mas nós precisamos deles para ganhar a guerra.

— E se depois eles se virarem contra nós? — interpelou o homem de voz cava.

— Ouve o que ele diz — acrescentou Svern. — Vê o que aconteceu em Ceunon e em Gil'ead. Mesmo com todos os seus homens e todo o seu poder, Galbatorix não conseguiu impedi-los de saltarem por cima das muralhas.

— Talvez não tivesse feito qualquer esforço para isso — aventou o terceiro orador.

Seguiu-se uma longa pausa.

Depois o homem de voz cava disse:

— Aí está uma ideia particularmente desagradável... Fizesse ou não, não vejo como poderíamos conter os elfos se eles decidissem reclamar os seus antigos territórios. São mais rápidos e mais fortes do que nós e, ao contrário de nós, não há nenhum que não saiba usar magia.

— Ah, mas nós temos Eragon — contrapôs Svern. — Ele conseguiria fazê-los recuar para a sua floresta, sozinho, se quisesse.

— Eragon? Bah! Mais parece um elfo do que um homem da sua família. Confiaria tanto na sua lealdade como na dos Urgals.

O terceiro homem voltou a falar:

— Já repararam que ele tem sempre a barba feita, independentemente da hora a que se levante o acampamento?

— Deve usar magia em vez de lâmina.

— Isso é contra a ordem natural das coisas. Isso e todos os outros feitiços que se lançam por aí, hoje em dia. Dá vontade de nos escondermos numa caverna e deixar que os feiticeiros se matem uns aos outros, sem interferir.

— Não me lembro de te ouvir reclamar quando os feiticeiros usaram um feitiço em vez de um par de pinças para te arrancar aquela flecha do ombro.

— Talvez, mas aquela flecha nunca teria acabado no meu ombro se não fosse Galbatorix, e foi ele e a sua magia que provocaram toda esta confusão.

Alguém roncou.

— É verdade, mas apostaria todas as minhas moedas de cobre em como você acabaria com uma flecha espetada, com Galbatorix ou sem ele. Você é muito mau para fazer outra coisa que não lutar.

— Eragon salvou minha vida em Feinster, sabia? — disse Svern.

— É. E se nos aborrecer mais alguma vez com essa história, te coloco para esfregar panelas durante uma semana.

— Mas é verdade...

Fez-se mais um momento de silêncio, interrompido por um suspiro do guerreiro de voz cava.

— Temos que descobrir uma forma de nos protegermos, o problema é esse. Estamos à mercê dos elfos, dos feiticeiros — os nossos e os deles — e de todas as criaturas estranhas que vagueiam pelo território. Para gente como Eragon está tudo bem, mas nós não temos tanta sorte. O que nós precisamos é...

— O que nós precisamos — disse Svern — é dos Cavaleiros. Eles iriam endireitar o mundo.

— Pff. Com que dragões? Sem dragões não há Cavaleiros. Além disso, continuaríamos a não conseguir defender-nos. É isso que me incomoda. Não sou nenhuma criança para me esconder debaixo das saias da minha mãe, mas se nos aparecesse um Espectro no meio da noite não conseguiríamos fazer nada para impedir que nos arrancasse a cabeça.

— A propósito, soubeste do Lord Barst? — perguntou o terceiro homem.

Svern acenou afirmativamente.

— Ouvi dizer que comeu o próprio coração, depois.

— Mas o que é isto, agora? — perguntou o guerreiro de voz cava.

— Barst...

— Barst?

— O conde com uma propriedade perto de Gil'ead...

— Não foi ele que conduziu os cavalos contra Ramr, só por despeito...

— Sim, esse mesmo, mas continuando. O homem vai a essa aldeia e ordena a todos os homens que se juntem ao exército de Galbatorix. A história de costume. Só que os homens recusam e atacam Barst e os seus soldados.

— Corajosos — disse o homem de voz cava. — Estúpidos, mas corajosos.

— Mas Barst era mais esperto do que eles; tinha colocado arqueiros em torno da aldeia, antes de entrar, e os soldados mataram metade dos homens, deixando os restantes à beira da morte. Até aqui nada de estranho. A seguir captura o líder, o homem que dera início ao conflito, agarra-o pelo pescoço e arranca-lhe a cabeça com as próprias mãos!

— Não.

— Tipo galinha, e o pior é que também mandou queimar a família do homem, viva.

— Barst deve ser tão forte como um Urgal para arrancar a cabeça de um homem — comentou Svern.

— Talvez isso tenha um truque.

— Seria magia? — perguntou o homem de voz cava.

— Segundo consta, ele foi sempre forte — forte e esperto. Dizem que matou um boi só com um murro, quando era ainda jovem.

— Continua a parecer-me magia.

— Isso é porque você vê feiticeiros maléficos escondidos em toda a parte.

O guerreiro de voz cava roncou, mas não falou.

Depois os homens dispersaram para fazer as rondas e Eragon não os ouviu mais. Em qualquer outra altura, aquilo poderia tê-lo incomodado, mas devido à meditação ficou imperturbável ao longo de toda a conversa, embora fizesse um esforço para não se esquecer do que eles tinham dito, para mais tarde poder ponderar convenientemente sobre o assunto.

Logo que pôs as ideias em ordem e sentiu que estava suficientemente calmo e relaxado, Eragon fechou a mente, abriu os olhos e esticou lentamente as pernas, exercitando os músculos.

O movimento da chama da vela chamou a sua atenção e ele olhou-a por instantes, fascinado com as contorções do fogo.

Depois foi ao lugar onde deixara os alforjes de Saphira, há algum tempo atrás, e tirou a pena, o pincel, o tinteiro e os pergaminhos que pedira a Jeod, há alguns dias atrás, bem como a cópia do Domia abr Wyrda que o velho acadêmico lhe dera.

Regressando para junto do catre, Eragon pousou o pesado livro bem longe de si, para não correr o risco de entornar tinta sobre ele, colocou o escudo sobre os joelhos como uma bandeja, e espalhou os pergaminhos sobre a superfície curva. Um odor tânico impregnou-lhe as narinas, ao abrir o frasco, e mergulhou a pena na tinta de resina de carvalho.

Tocou com a ponta da pena na beira do frasco para remover o excesso de tinta e desenhou cuidadosamente o primeiro risco. A pena arranhou ligeiramente o pergaminho, ao escrever as runas da sua língua nativa. Quando terminou, comparou-as com os esforços que fizera na noite anterior, para ver se a sua escrita melhorara — nem que fosse apenas ligeiramente —, e com as runas do Domia abr Wyrda que usava como guia.

Voltou a escrever o alfabeto mais três vezes, dando especial atenção às formas que tinha mais dificuldade em traçar e, depois, começou a transcrever os seus pensamentos e observações sobre os acontecimentos do dia. O exercício foi útil, não apenas por ser um meio conveniente para praticar a escrita, mas também porque o ajudava a perceber melhor tudo o que vira e fizera ao longo do dia.

Eragon era trabalhador e gostava da escrita, pois achava os desafios estimulantes. Além disso, lembrava-lhe Brom e a forma como o velho contador de histórias lhe ensinara o significado de cada runa, criando-lhe um sentimento de proximidade com o seu pai que, de outra forma, lhe escaparia.

Depois de escrever tudo o que queria dizer, lavou a pena, trocou-a pelo pincel e escolheu uma folha de pergaminho que já estava meio coberta de linhas de hieróglifos na língua antiga.

A escrita dos elfos, o Liduen Kvaedhí, era muito mais difícil de reproduzir que as runas da sua raça, devido às formas fluidas e intrincadas dos hieróglifos. Ainda assim, insistia em escrevê-los por dois motivos: porque precisava manter a familiaridade com a escrita e porque achava mais sensato escrever de uma forma que a maioria das pessoas não entendesse, se quisesse escrever algo na língua antiga.

Eragon tinha boa memória, mesmo assim concluíra que começava a esquecer muitos dos feitiços que Brom e Oromis tinham lhe ensinado. Por isso, decidira compilar um dicionário de todas as palavras que sabia na

língua antiga. Embora não fosse propriamente uma ideia original, só muito recentemente considerara o valor de tal compêndio.

Trabalhou no dicionário durante mais algumas horas, guardando depois os seus escritos nos alforjes e tirando o baú que continha o coração dos corações de Glaedr. Tentou despertar o velho dragão do seu estupor, como tantas vezes já o fizera, e fracassou, como sempre, recusando-se, contudo, a desistir. Sentado junto do baú aberto, leu em voz alta para Glaedr, algumas passagens do Domia abr Wyrda sobre os inúmeros ritos e rituais dos anões — alguns dos quais Eragon conhecia —, até à hora mais fria e mais escura da noite.

Depois, pôs o livro de lado, apagou a vela e deitou-se no catre para descansar, vagueando através das visões fantásticas das suas divagações apenas durante um curto período de tempo. Logo que os primeiros vestígios de luz surgiram, a leste, endireitou-se, reiniciando de novo o ciclo.

Aroughs



manhã ia já pela metade quando Roran e os seus homens chegaram ao aglomerado de tendas, junto à estrada. O acampamento parecia cinzento e indistinto através da névoa de exaustão que ensombrava a visão de Roran. A cidade de Aroughs ficava a sul, a um quilómetro e meio de distância, mas ele conseguia apenas distinguir os seus traços mais gerais: paredes brancas como geleiras, entradas escancaradas com portões gradeados e inúmeras torres quadradas de construção compacta.

Ao entrarem a trote no acampamento, ele agarrou-se à parte da frente da sela. Os cavalos estavam à beira do colapso. Um adolescente de aspecto desmazelado correu para ele, agarrando nas rédeas da égua e puxando-as até o animal parar.

Roran olhou longamente para o rapaz, sem perceber bem o que estava acontecendo, e disse-lhe num tom de voz rouco:

— Traga-me Brigman!

O rapaz afastou-se por entre as tendas, sem dizer uma palavra, levantando pó com os calcanhares descalços.

A Roran pareceu ter esperado mais de uma hora e a respiração descontrolada da égua conjugava-se na perfeição com o sangue a latejar-lhe nos ouvidos. Quando olhou para o chão este lhe parecia ainda estar em movimento, recuando em túnel para um ponto infinitamente distante. Umas esporas tilintaram em algum lugar. Cerca de uma dúzia de guerreiros reuniram-se ali perto, apoiados em lanças e escudos, com a curiosidade estampada no rosto.

Vindo do outro lado do acampamento, um homem de ombros largos coxeou na direção de Roran, utilizando uma lança partida como bengala. Tinha uma longa barba cerrada, embora o lábio superior estivesse barbeado e brilhasse de transpiração — Roran não sabia se devido à dor ou ao calor.

— Você que é o Martelo Forte? — perguntou ele.

Roran roncou afirmativamente, retirando a mão crispada da sela, metendo-a na túnica e entregando a Brigman o retângulo de pergaminho, amarrotado, com as ordens de Nasuada.

Brigman quebrou o selo de cera com a unha do polegar e examinou o pergaminho, baixando-o depois e olhando para Roran com uma expressão neutra.

— Temos estado à sua espera — disse. — Um dos feiticeiros favoritos de Nasuada contatou-me há quatro dias atrás e disse que você tinha partido, mas nunca pensei que chegaria tão cedo.

— Não foi fácil — disse Roran.

Brigman curvou o lábio superior.

— Sim, tenho certeza que não... senhor. — Voltou a entregar-lhe o pergaminho. — Os homens estão às suas ordens, Martelo Forte. Estávamos prestes a lançar um ataque ao portão oeste. Importa-se de comandá-lo? — A pergunta era como uma adaga pontiaguda.

O mundo pareceu girar em torno de Roran e ele agarrou-se mais firmemente à sela. Estava muito cansado para conversar decentemente com alguém e ele sabia disso.

— Ordene-lhes que descansem por hoje — respondeu.

— Você perdeu o juízo? Como espera que tomemos a cidade? Levamos a manhã inteira preparando o ataque e eu não vou ficar aqui parado, sem fazer nada, enquanto você põe o sono em dia. Nasuada espera que acabemos com o cerco dentro de alguns dias e é isso mesmo que eu farei, por Angvard!

Num tom de voz tão baixo que apenas Brigman o ouviu, Roran resmungou:

— Vai dizer aos homens que descansem, ou mando-te pendurar pelos tornozelos e chicotear por desobedeceres às minhas ordens. Não tenciono aprovar qualquer ataque até conseguir descansar e analisar a situação.

— Você é um idiota. Isso iria...

— Se não tiver trava na língua e não cumprir o seu dever, eu próprio te darei uma sova... aqui mesmo.

As narinas de Brigman dilataram-se.

— No estado em que estás? Não teria qualquer chance.

— Está enganado — contrapôs Roran e estava falando sério. Não sabia bem como iria bater em Brigman naquele momento, mas no seu íntimo sabia que era bem capaz de fazê-lo.

Brigman parecia lutar consigo mesmo.

— Muito bem — disse, bruscamente. — De qualquer forma, não seria bom para os homens verem-nos esparramados no chão. Ficaremos onde estamos se é isso que quer, mas eu não assumo a responsabilidade pela perda de tempo. Que seja você a acatá-la e não eu.

— Como sempre — disse Roran, com a garganta apertada de dor, desmontando da égua. — Tal como você é responsável pela trapalhada que armou neste cerco.

Brigman ficou com uma expressão carregada e Roran viu a antipatia que o homem sentia por ele azedar e transformar-se em ódio. Quem lhe dera ter escolhido uma resposta mais diplomática.

— O caminho para a sua tenda é por aqui.

Era ainda de manhã quando Roran acordou.

Uma luz suave infiltrou-se pela tenda, animando-o e, por instantes, julgou ter adormecido apenas alguns minutos. Mas depois concluiu que se sentia muito animado e desperto para isso.

Praguejou consigo, baixinho e furioso por ter deixado um dia inteiro escapar-lhe por entre os dedos.

Estava coberto com um cobertor fino, o que era desnecessário no clima ameno do sul, especialmente quando estava de botas e com a roupa vestida, por isso descobriu-se, tentando depois sentar-se direito.

Deixou escapar um gemido abafado, ao sentir o corpo esticar-se como se estivesse rasgando-se e deixou-se cair para trás, arquejante, olhando para o tecido por cima de si. O choque inicial passou depressa, mas deixou-lhe uma infinidade de dores palpitantes — umas piores que outras.

Levou alguns minutos reunindo forças. Rebolou-se para o lado, com grande esforço e balançou as pernas sobre a beira do catre. Parou para recuperar o fôlego antes de tentar levantar-se, tarefa que lhe parecia quase impossível.

Uma vez de pé, sorriu amargamente. Ia ser um dia interessante.

Os outros estavam já levantados à sua espera, quando saiu da tenda. Pareciam exaustos e pálidos, e os movimentos deles eram tão rígidos como os seus. Depois de se cumprimentarem, Roran apontou para a atadura no antebraço de Delwin, onde um taberneiro o golpeara com uma faca de descascar fruta.

— A dor melhorou?

Delwin encolheu os ombros.

— Não dói muito. Posso lutar, se for necessário.

— Ótimo.

— O que pretende fazer primeiro? — perguntou Carn.

Roran olhou para o sol nascente, calculando quanto tempo faltaria para o meio-dia.

— Dar um passeio — disse ele.

Partindo do centro do acampamento, Roran conduziu os companheiros ao longo das filas de tendas, inspecionando as condições das tropas assim como o estado do seu equipamento. De vez em quando parava para questionar um guerreiro, antes de prosseguir. A maioria dos homens estavam cansados e desmoralizados, embora notasse que o seu estado de espírito parecia melhorar ao verem-no.

A excursão de Roran terminou no extremo sul do acampamento, tal como planejava. Aí, ele e os outros pararam para observar a estrutura imponente de Aroughs.

A cidade fora construída em dois alinhamentos. O primeiro era baixo, extenso e incluía a maior parte dos edifícios; o segundo era menor e preenchia o topo de uma longa e suave colina que era o ponto mais alto, num raio de quilômetros. Uma muralha cercava ambos os níveis da cidade. Na muralha exterior eram visíveis cinco portões: dois abriam-se para as estradas que entravam na cidade — uma vinda do norte e outra do leste —, e os outros três estavam montados em canais que fluíam para dentro da cidade, vindos do sul. Do outro lado de Aroughs estava o mar revolto, onde os canais provavelmente desaguavam.

Pelo menos não têm fosso, pensou Roran.

O portão virado a norte estava arranhado e marcado por um aríete e o chão, em frente deste, estava revolvido com o que Roran percebeu tratar-se de rastros de uma batalha. Três catapultas, quatro balistas, do tipo das que ele conhecia da época do Asa de Dragão, e duas torres de cerco decrépitas estavam alinhadas diante da muralha exterior.

Uma série de homens permanecia acorada ao lado das máquinas de guerra, fumando cachimbo e jogando dados sobre retalhos de couro. As máquinas de guerra pareciam miseravelmente inadequadas para a estrutura monolítica da cidade.

Os campos baixos e planos que rodeavam Aroughs desciam em direção ao mar. Centenas de fazendas salpicavam a planície verdejante, cada uma assinalada por uma cerca de madeira e, pelo menos, uma cabana de colmo. Aqui e ali viam-se suntuosas propriedades: grandes mansões de pedra protegidas pelas próprias muralhas altas e pelos próprios guardas, deduziu Roran. Sem dúvida que pertenciam aos nobres de Aroughs e, talvez, a certos mercadores mais afortunados.

— O que você acha? — perguntou ele a Carn.

O feiticeiro abanou a cabeça, com os seus olhos pendurados, ainda mais tristonhos do que o habitual.

— Mais valia fazermos um cerco a uma montanha.

— É verdade — comentou Brigman, aproximando-se.

Roran guardou as observações para si mesmo, pois não queria que os outros percebessem o quão desmoralizado estava. *Nasuada é louca se pensa que conseguimos tomar Aroughs apenas com oitocentos homens. Se tivesse oito mil homens e pudesse contar com Eragon e Saphira tenho a certeza de que o conseguiria, mas não assim...*

Porém, ele sabia que tinha que descobrir uma forma de fazê-lo, quanto mais não fosse para o bem de Katrina.

Roran disse a Brigman, sem olhar para ele.

— Fala-me de Aroughs.

Brigman torceu a lança várias vezes, enterrando a parte de baixo no chão, antes de responder:

— Galbatorix foi providente, pois tratou de aprovisionar totalmente a cidade de comida, antes de nós lhes cortarmos as estradas para o resto do Império. Água é coisa que não lhes falta, como você pode ver. Mesmo que desviássemos os canais, teriam ainda acesso a várias fontes e poços dentro da cidade. É possível que aguentassem até ao inverno, ou até mais tempo, embora ache que apanhariam um enjoo de nabos antes de tudo estar terminado. Além disso, Galbatorix guarneceu Aroughs com um número considerável de soldados — mais do dobro dos que nós temos — além do contingente habitual.

— Como você sabe?

— Soube por um informante. Contudo ele não tinha experiência em estratégia militar e fez-nos uma avaliação muito otimista das debilidades de Aroughs.

— Ah.

— Afiançou-nos também que conseguiria introduzir na cidade um pequeno contingente de homens, pela calada da noite.

— E?

— Nós esperamos, mas ele nunca chegou a aparecer e, na manhã seguinte, vimos a sua cabeça por cima do baluarte. Ainda está lá, junto do portão oriental.

— Certo. Há mais alguns portões além destes cinco?

— Sim, mais três. Junto das docas, há uma comporta suficientemente larga para os três cursos de água juntos e, ao lado desta, há um portão térreo para homens e cavalos e um outro portão térreo naquela ponta. — E apontou para o extremo oeste da cidade.

— Algum deles pode ser arrombado?

— Rapidamente, não. Junto da costa, não temos espaço para nos mexer convenientemente ou para nos abrigarmos das flechas e das pedras dos soldados. Restam-nos estes portões e o portão a oeste. Tirando a zona da costa, o traçado do solo é muito semelhante em torno de toda a cidade, por isso optei por concentrar o nosso ataque no portão mais próximo.

— De que são feitos os portões?

— Ferro e carvalho. Durarão centenas de anos, a menos que os derrubemos.

— Estão protegidos por algum feitiço?

— Não sei, pois Nasuada não achou conveniente mandar um dos seus feiticeiros conosco. Halstead tem...

— Halstead?

— Lord Halstead, o governador de Aroughs. Você já deve ter ouvido falar dele.

— Não.

Seguiu-se uma breve pausa ao longo da qual Roran sentiu o desdém que Brigman nutria por ele crescendo. Depois o homem prosseguiu:

— Halstead tem um feiticeiro: uma criatura perversa e pálida que vimos em cima da muralha murmurando algo para dentro da barba, tentando atingir-nos com feitiços. Parece ser particularmente incompetente, pois não

teve grande sorte, a não ser com dois homens que eu tinha colocado no aríete, a quem conseguiu atear fogo.

Roran trocou um olhar com Carn — que parecia ainda mais preocupado — e concluiu que era preferível discutir o assunto em privado.

— Não seria mais fácil arrombar os portões nos canais? — perguntou.

— Onde você ficaria? Vê como estão recuados para dentro da parede, sem um degrau sequer para apoio. Além disso, têm seteiras e alçapões no teto da entrada para poderem verter óleo fervente, largar pedregulhos, ou disparar bestas em qualquer tonto que se aventure a entrar por ali.

— Os portões não podem ser totalmente maciços, caso contrário bloqueariam a água.

— Nesse aspecto você tem razão. Abaixo da superfície há uma treliça de madeira e metal com buracos suficientemente grandes para não travarem muito o fluxo da água.

— Compreendo. Eles mantêm os portões quase sempre fechados, mesmo quando Aroughs não está sob cerco?

— À noite com toda a certeza, mas acho que os deixam abertos durante o dia.

— Humm. E as muralhas?

Brigman passou o peso do corpo para a outra perna.

— Granito polido e tão compactado que não se consegue sequer enfiar uma faca entre os blocos. Trabalho de anões datado de antes da queda dos Cavaleiros, julgo eu. Acho também que as paredes estão cheias de entulho comprimido, mas não posso garantir, visto que ainda não rachamos a proteção exterior. Estendem-se pelo menos a três metros e meio de profundidade, o que significa que não podemos abrir um túnel por baixo delas nem enfraquecê-las com seiva.

Brigman avançou e apontou para as mansões a norte e a oeste.

— A maior parte dos nobres refugiou-se em Aroughs, mas deixaram homens protegendo as suas propriedades. Têm-nos dado alguns problemas, atacando os nossos batedores, roubando-nos cavalos e esse tipo de coisas. Tomamos duas das propriedades, há algum tempo atrás — e apontou para duas estruturas queimadas, a alguns quilômetros —, mas era muito complicado mantê-las, por isso abdicamos delas e ateamos-lhes fogo. Infelizmente não temos homens suficientes para controlar as restantes.

Nessa altura Baldor disse:

— Porque entram os canais em Aroughs? Não me parece que sejam utilizados na irrigação de colheitas.

— Aqui a rega é tão necessária como carregar neve no norte, durante o inverno. É mais difícil ficarmos secos do que molhados.

— Então para que servem? — perguntou Roran. — E de onde vêm? Não espera que eu acredite que a água vem do Rio Jiet, a tantos quilômetros de distância.

— É pouco provável — troçou Brigman. — Há lagos nos pântanos a norte. É água salobra e pouco saudável, mas as pessoas daqui estão habituadas. Um único canal transporta-a dos pântanos até um determinado ponto, a cerca de cinco quilômetros. Aí o canal divide-se nos três que aqui vêm e estes percorrem uma série de quedas d'água que alimentam os moinhos que moem farinha para a cidade. Na época das colheitas, os camponeses carregam o grão para os moinhos e, depois, os sacos de farinha são carregados em barças e transportados até Aroughs. É também uma forma vantajosa de movimentar outros produtos das mansões para a cidade, como por exemplo a lenha e o vinho.

Roran esfregou a nuca, continuando a examinar Aroughs. O que Brigman lhe contara intrigava-o, mas não sabia ao certo em que medida os poderia ajudar.

— Há mais alguma coisa importante nos campos ao redor? — perguntou.

— Apenas uma mina de ardósia mais a sul, junto da costa.

Ainda pensando, Roran resmungou:

— Quero visitar os moinhos — disse. — Mas, primeiro, quero que me faça um relatório completo do tempo que você passou aqui e quero saber como estão as todas as nossas provisões, desde flechas a biscoitos.

— Se você não se importar de me seguir, Martelo Forte.

Roran passou a hora seguinte em conferência com Brigman e dois dos seus tenentes, ouvindo-os e fazendo perguntas enquanto eles lhe relatavam cada um dos ataques às muralhas da cidade e catalogavam os estoques de mantimentos deixados aos cuidados dos guerreiros sob as suas ordens.

Armas pelo menos não nos faltam, pensou Roran, enquanto contava o número de mortos. Contudo, mesmo que Nasuada não tivesse determinado um tempo limite para a missão, os homens e os cavalos tinham apenas

comida suficiente para ficarem acampados junto de Aroughs durante mais uma semana.

Muitos dos fatos e dos números que Brigman e os seus lacaios lhe transmitiram estavam inscritos em rolos de pergaminho. Roran tentou por todos os meios esconder que não conseguia ler as linhas de símbolos angulares negros, insistindo para que os homens lhe lessem tudo, mas irritava-o estar à mercê de outras pessoas. *Nasuada tinha razão*, concluiu. *Tenho que aprender a ler. De resto, não sei se alguém está mentindo quando dizem que um pergaminho diz isto ou aquilo... Talvez Carn possa me ensinar quando regressarmos aos Varden.*

Quanto mais sabia acerca de Aroughs, mais se identificava com a difícil situação de Brigman. Tomar a cidade era uma tarefa assustadora, sem solução à vista e, apesar de não simpatizar com o homem, Roran achava que o capitão fizera o melhor que podia, dadas às circunstâncias. Na sua opinião, ele fracassara não por ser um comandante incompetente, mas porque lhe faltavam as duas qualidades que tinham assegurado repetidas vezes a vitória a Roran: ousadia e imaginação.

Ao terminar a revista, Roran e os seus cinco companheiros foram a cavalo com Brigman inspecionar as muralhas e os portões mais de perto, embora a uma distância segura. Sentar-se de novo numa sela foi incrivelmente doloroso para Roran, mas ele suportou-o sem reclamar.

Ao entrarem ruidosamente na estrada pavimentada, junto ao acampamento, e seguindo a trote em direção à cidade, Roran reparou que de vez em quando os cascos dos cavalos produziam um ruído peculiar ao baterem no chão. Lembrava-se de ter ouvido um barulho semelhante no último dia de viagem, e que este o incomodara.

Olhando para baixo, viu que as pedras chatas que preenchiam a superfície da estrada pareciam estar embutidas em prata oxidada, cujos veios formavam um padrão irregular, semelhante a uma teia de aranha.

Roran chamou por Brigman, inquirindo-o acerca disso e este lhe gritou:

— A terra aqui não faz boa argamassa, por isso usam chumbo para fixar as pedras!

A reação inicial de Roran foi de incredibilidade, mas Brigman parecia estar falando sério. Achava espantoso que um metal se vulgarizasse a ponto de ser desperdiçado na construção de uma estrada.

Seguiram a trote pela estrada de pedra e chumbo, em direção à cidade cintilante, lá mais à frente.

Estudaram muito atentamente as defesas de Aroughs, mas o fato de estarem mais próximos não lhes revelou nada de novo, servindo apenas para reforçar a impressão que Roran já tinha, de que a cidade era praticamente intransponível.

Roran conduziu o cavalo até junto de Carn. O feiticeiro olhava para Aroughs com uma expressão vidrada, movendo os lábios em silêncio como se falasse sozinho. Roran esperou que ele parasse e depois perguntou-lhe baixinho:

— Há alguns feitiços nos portões?

— Acho que sim — respondeu Carn, igualmente esmagado. — Mas não sei bem quantos nem o que se pretende com eles. Preciso de mais algum tempo para descobrir a resposta.

— Porque é tão difícil?

— Na verdade, não é. A maior parte dos feitiços é fácil de detectar, a menos que alguém se tenha empenhado em escondê-los e, mesmo nesse caso, a magia geralmente deixa certos sinais reveladores, se soubermos o que procurar. O meu receio é que um ou mais feitiços sejam armadilhas para impedir as pessoas de interferir com os encantamentos dos portões. Se assim for e eu os abordar diretamente, irei de certo desarmá-los e depois sabe-se lá o que poderá acontecer. Posso dissolver-me numa poça diante dos teus olhos, destino esse que preferiria evitar, se puder.

— Você quer ficar aqui enquanto prosseguimos?

Carn abanou a cabeça.

— Não acho sensato deixá-los sem proteção enquanto estivermos fora do acampamento. Voltarei depois do pôr-do-sol e verei o que posso fazer nessa hora. Além disso, ajudaria um pouco se eu estivesse mais perto dos portões e eu não me atrevo a aproximar mais, agora que estou bem à vista das sentinelas.

— Como quiser.

Quando Roran se deu por satisfeito, concluindo que tinham obtido toda a informação possível por mera observação da cidade, ordenou a Brigman que os conduzisse à instalação de moinhos mais próxima.

Os moinhos aproximavam-se bastante da descrição que Brigman fizera. A água no canal fluía sobre três quedas de água sucessivas, de seis metros de altura. Na base de cada queda havia uma roda de água, com baldes na ponta. A água enchia os baldes, fazendo girar a máquina ininterruptamente. As rodas estavam ligadas por eixos grossos a três edifícios idênticos, que se

erguiam uns em cima dos outros ao longo da margem, em socacos, e continham as enormes mós necessárias para produzir a farinha para a população de Aroughs. Embora as rodas estivessem em movimento, Roran percebeu que estavam desconectadas do complexo mecanismo de engrenagens, escondido no interior dos edifícios, pois não ouvia o rumor das mós girando no lugar onde deveriam estar.

Desmontou do cavalo junto do moinho mais baixo e percorreu o caminho entre os edifícios, olhando para as comportas que controlavam a quantidade de água libertada sobre eles. As comportas estavam abertas, mas havia ainda um lago fundo por baixo de cada uma das rodas, em lenta rotação.

Parou a meio da encosta da colina, assentando os pés na beira da margem fofa, coberta de erva, cruzou os braços e encostou o queixo ao peito, ponderando sobre a forma de tomar Aroughs. Estava confiante que iria descobrir um estratagema ou uma estratégia que lhe permitisse penetrar na cidade como quem abre uma abóbora madura. Confiante estava, mas a solução escapava-lhe.

Pensou até se cansar, abandonando-se depois aos rangidos dos eixos rotativos e aos ruídos da água caindo.

Mas, por muito tranquilizantes que estes fossem, um espinho de inquietação continuava a incomodá-lo, na medida em que o local lembrava-lhe o moinho de Dempton, em Therinsford, para onde fora trabalhar no dia em que os Ra'zac tinham incendiado a sua casa e torturado o seu pai, ferindo-o mortalmente.

Roran tentou ignorar a memória, mas esta agarrou-se a ele, massacrando-lhe as entranhas.

Se ao menos tivesse esperado mais algumas horas antes de sair, poderia tê-lo salvado. Depois o seu lado mais prático respondeu: *Sim, e os Ra'zac teriam me matado antes que eu conseguisse levantar sequer um dedo. Sem Eragon me protegendo, teria ficado tão indefeso como um recém-nascido.*

Baldor reuniu-se a ele junto do canal, num passo silencioso.

— Os outros querem saber se você já tem algum plano — disse ele.

— Tenho ideias, mas não tenho nenhum plano. E você?

Baldor também cruzou os braços.

— Podíamos esperar que Nasuada mandasse Eragon e Saphira em nosso auxílio.

— Bah!

Ficaram, por instantes, observando o movimento ininterrupto da água, por baixo deles, e depois Baldor disse:

— Porque não lhes pede simplesmente que se rendam? Talvez fiquem tão assustados, ao ouvir o teu nome, que abram os portões e caiam a teus pés, implorando misericórdia.

Roran riu brevemente.

— Duvido que os rumores acerca de mim tenham chegado a Aroughs. Ainda assim... — e passou os dedos pela barba. — À falta de melhor solução, talvez valha a pena tentar apanhá-los desprevenidos.

— Mesmo que consigamos entrar na cidade, será que a conseguiremos controlar com tão poucos homens?

— Talvez sim, talvez não.

O silêncio cresceu entre ambos e depois Baldor acrescentou:

— A que nós chegamos.

— É verdade.

Mais uma vez o único ruído que se ouvia era a água e as rodas girando. Por fim Baldor disse:

— O degelo aqui não deve ser tão grande como na nossa terra, do contrário as rodas estariam parcialmente submersas na primavera.

Roran abanou a cabeça.

— Pouco importa a neve e a chuva que têm, pois podem usar as comportas para limitar a quantidade de água que cai sobre as rodas, para que estas não girem muito depressa.

— E quando a água sobe até acima das comportas?

— Na melhor das hipóteses a farinha do dia já terá sido moída nessa altura, mas em todo o caso, desligam-se as engrenagens, abrem-se as comportas e... — Roran silenciou ao surgir-lhe uma série de imagens na mente e ele sentiu o corpo inteiro afogado, como se tivesse bebido de uma só vez uma caneca de hidromel.

Eu conseguiria fazer isso?, pensou, precipitadamente. Será que iria dar certo, ou... Não interessa, temos de tentar. O que mais podemos fazer?

Encaminhou-se para o meio da represa que barrava a água do lago do meio, agarrando nas hastes do enorme parafuso de madeira utilizado para

abrir e fechar a comporta. O parafuso estava emperrado e era difícil de mover, embora se encostasse e o empurrasse com todo o seu peso.

— Me ajude — pediu a Baldor, que continuava na margem, observando intrigado.

Baldor encaminhou-se cautelosamente para o local onde Roran estava e juntos conseguiram fechar a comporta. A seguir, recusando-se a responder a qualquer pergunta, Roran insistiu que fizessem o mesmo às comportas superior e inferior.

Depois de estarem as três firmemente fechadas, Roran regressou para junto de Carn, Brigman e dos outros, fazendo-lhes sinal para que desmontassem dos cavalos e se reunissem em torno dele. Bateu de leve na cabeça do martelo enquanto esperava, sentindo-se subitamente impaciente sem razão aparente.

— Então? — perguntou Brigman, enfaticamente, logo que todos se reuniram.

Roran olhou-os nos olhos, um por um, para ter a certeza de que lhe prestavam atenção:

— Muito bem, eis o que vamos fazer... — Falou depressa e exaustivamente durante meia hora, explicando-lhes tudo o que ocorrera naquele instante revelador. Enquanto falava, Mandel começou a sorrir. Baldor, Delwin e Hamund, embora mais sérios, pareciam igualmente entusiasmados com a natureza audaciosa do plano que Roran delineou.

A reação agradou a Roran. Esforçara-se bastante por conquistar a sua confiança e ficou satisfeito por saber que poderia continuar a contar com o seu apoio. O único receio que tinha era decepcioná-los. De todas as desfeitas que imaginava poder sofrer, só perder Katrina lhe parecia pior.

Carn, por seu turno, parecia um pouco cético e Roran já esperava isso. Porém, as dúvidas do feiticeiro eram insignificantes comparadas com a incredibilidade de Brigman.

— Você está louco! — exclamou, logo que Roran terminou. — Isso jamais dará certo.

— Retire o que disse! — disse Mandel, saltando para frente de punhos cerrados. — Roran ganhou mais batalhas do que aquelas em que você participou e alcançou-as sem o número de guerreiros que você tinha às suas ordens!

Brigman arreganhou os dentes, curvando o lábio superior como uma cobra.

— Vou dar-te uma lição que ficará gravada na sua memória, seu pequeno desprezível.

Roran empurrou Mandel para trás, antes que o jovem atacasse Brigman.

— Ei! — rosnou Roran. — Comporte-se! — Mandel parou de resistir, com uma expressão mal-humorada, mas continuou olhando furioso para Brigman, que lhe sorriu desdenhosamente.

— É, sem dúvida, um plano extravagante — disse Delwin. — Mas os teus planos extravagantes foram-nos bastante úteis no passado. — Os outros homens de Carvahall fizeram ruídos de assentimento.

Carn acenou com a cabeça e disse:

— Talvez resulte, talvez não, não sei. Em todo caso, irá certamente apanhar os nossos inimigos de surpresa. Tenho de admitir que estou bastante curioso para ver o que vai acontecer. Nunca antes se tentou nada semelhante.

Roran sorriu ligeiramente, dirigindo-se a Brigman:

— Continuar como antes seria uma loucura. Temos apenas dois dias e meio para conquistar Aroughs. Os métodos tradicionais não são o suficiente, portanto teremos de arriscar e usar métodos extraordinários.

— É possível — murmurou Brigman —, mas isto é uma aventura ridícula que irá matar bons guerreiros, com o único propósito de demonstrar a tua suposta esperteza.

Com o sorriso cada vez mais aberto, Roran aproximou-se de Brigman, até ficarem apenas a escassos centímetros um do outro.

— Você não tem que concordar comigo, Brigman, tem apenas que fazer o que te mandam. Você vai cumprir as minhas ordens ou não?

O ar entre eles se aqueceu devido ao hálito e ao calor que os corpos irradiavam. Brigman rilhou os dentes e torceu a lança ainda mais energicamente do que antes, mas depois o olhar vacilou e ele recuou.

— Maldito seja! — disse. — Serei o seu cão, por enquanto, Martelo Forte. Mas ajustaremos contas sobre isto muito em breve. Espere e verá se não terá que responder pelas suas ações.

Desde que tomemos Aroughs, pensou Roran, não quero saber.

— Montem! — gritou. — Temos trabalho pela frente e pouco tempo para fazê-lo! Depressa, depressa, depressa!

Dras-Leona



sol erguia-se no céu, tal como Saphira. Sentado no seu dorso, Eragon viu Helgrind, no extremo oeste do horizonte e sentiu um ataque de asco ao contemplar o distante pico da rocha, como um dente afiado na paisagem em redor. Helgrind despertava-lhe tantas recordações desagradáveis que desejava poder destruí-lo e ver as suas torres cinzentas e nuas despedaçarem-se no chão. Saphira parecia mais indiferente à sombria torre de pedra, mas Eragon percebeu que ela também não gostava de estar perto da rocha.

Ao cair da noite, Helgrind ficara para trás e Dras-Leona surgia diante deles, junto do Lago Leona, onde havia dúzias de navios ancorados. A cidade baixa e ampla era compacta e inóspita tal qual como Eragon se lembrava dela, com as ruas estreitas e sinuosas, os seus casebres imundos, uns em cima dos outros, encostados à muralha de lama amarelada que circundava o centro da cidade, e, por trás desta, a estrutura gigantesca da imensa catedral negra e farpada de Dras-Leona, onde os sacerdotes de Helgrind conduziam os seus rituais medonhos.

Uma série de refugiados percorria a estrada em direção ao norte — gente fugindo da cidade que em breve seria cercada, rumo a Teirm ou a Urû'baen, onde poderiam ficar, pelo menos temporariamente, a salvo do avanço inexorável dos Varden.

Dras-Leona parecia-lhe tão suja e tão maligna como quando a visitara pela primeira vez, despertando nele uma ânsia de destruição que não sentira em Feinster nem em Belatona. Aqui o seu desejo era destruir a ferro e fogo, atacar com todas as terríveis energias sobrenaturais ao seu dispor e seguir todos os seus impulsos selvagens, deixando atrás de si nada mais que um fosso de cinzas fumegantes, ensopadas em sangue. Sentia alguma empatia pelos pobres, aleijados e escravos que viviam dentro das muralhas de Dras-Leona, mas estava inteiramente convencido de que a cidade era corrupta e acreditava que o melhor seria arrasá-la e reconstruí-la livre da mancha de perversão com que a religião de Helgrind a contaminara.

Ao se imaginar destruindo a catedral com a ajuda de Saphira, perguntou a si mesmo se a religião dos sacerdotes que praticavam a auto-mutilação teria algum nome. O seu estudo da língua antiga lhe ensinara a dar importância aos nomes — os nomes eram poder e compreensão — e, enquanto não soubesse o nome da religião, não conseguiria apreender totalmente a sua verdadeira natureza.

Ao cair da noite, os Varden instalaram-se numa série de campos cultivados a sudeste de Dras-Leona, onde o terreno se elevava num ligeiro planalto que lhes daria alguma proteção, caso o inimigo decidisse atacar as suas posições. Os homens estavam cansados de caminhar, mas Nasuada colocou-os a trabalhar na fortificação do acampamento e na montagem das poderosas máquinas de guerra que tinham trazido consigo de Surda.

Eragon dedicou-se vigorosamente ao trabalho. Primeiro reuniu-se a uma equipe de homens que estavam a aplanar os campos de trigo e de cevada, usando pranchas com longas laçadas de corda, presas a elas. Teria sido mais rápido ceifar os grãos com aço ou com magia, mas os caules que restassem seriam perigosos e pouco confortáveis para caminhar, muito menos para se dormir sobre eles. Assim, os talos formavam uma superfície macia e flexível, tão confortável como qualquer colchão e mais preferível ao solo nu a que estavam habituados.

Eragon trabalhou lado a lado com os outros homens durante mais de uma hora, altura em que já tinham desimpedido espaço suficiente para as tendas dos Varden.

Depois ajudou na construção da torre de cerco. A sua força fora do normal permitia-lhe deslocar traves que, de outra forma, teriam de ser movidas por vários guerreiros, acelerando assim todo o processo. Alguns dos anões que estavam ainda com os Varden supervisionaram a montagem da torre, pois as máquinas eram obra sua.

Saphira também ajudou. Abriu trincheiras fundas no chão com os dentes e as garras, e empilhou a terra removida em aterros, em torno do campo, fazendo mais em alguns minutos do que cem homens teriam conseguido fazer ao longo de um dia inteiro. Com o fogo das suas entranhas e as poderosas sacudidas da cauda derrubava árvores, cercas, paredes, casas e tudo o que pudesse servir de proteção ao inimigo, em torno do acampamento dos Varden, criando um apavorante cenário de destruição, capaz de inspirar temor à mais corajosa das almas.

A noite já ia avançada quando os Varden terminaram os preparativos e Nasuada ordenou aos homens, anões e Urgals que se deitassem.

Retirando-se para a tenda, Eragon meditou até limpar a mente, como era hábito, mas em vez de praticar a escrita, passou as horas seguintes a rever os feitiços que achava poderem vir a ser necessários no dia seguinte, e a inventar outros novos, destinados a enfrentar os desafios específicos que Dras-Leona apresentava.

Quando sentiu que estava preparado para a batalha que se avizinhava, ele abandonou-se às divagações que pareciam mais variadas e vívidas do que habitualmente. Apesar da meditação, a perspectiva de ação iminente agitava-lhe o sangue e não o deixava se acalmar. Como sempre, a espera e a incerteza eram a parte que mais lhe custava enfrentar pelo que ele desejou estar já em combate, onde não teria tempo para se preocupar com o que poderia acontecer.

Saphira estava igualmente inquieta. Através dela, Eragon apanhou fragmentos de sonhos, em que Saphira mordida e dilacerava, e percebeu que ela ansiava pelo prazer feroz da batalha. O estado de espírito dela influenciava o seu, até certo ponto, mas não o suficiente para o fazer esquecer inteiramente a sua apreensão.

A manhã chegou depressa de mais e os Varden reuniram-se nos arredores desabrigados de Dras-Leona. O exército era imponente, mas a admiração de Eragon esmoreceu um pouco ao ver as espadas dentadas, os elmos deformados e os escudos amassados dos guerreiros, bem como os rasgões mal remendados nas túnicas acolchoadas e nas cotas de malha. Se conseguissem tomar Dras-Leona, poderiam substituir parte do equipamento — tal como tinham feito em Belatona e, antes disso, em Fenster —, mas não havia forma de substituir os homens que o utilizavam.

Quanto mais tempo isto se arrastar, disse a Saphira, mais fácil será para Galbatorix nos derrotar quando chegarmos a Urû'baen.

Então não nos podemos atrasar, respondeu ela.

Eragon estava montado em Saphira, junto de Nasuada, de armadura completa, a cavalo no seu poderoso corcel de guerra negro, Tempestade de Guerra. Alinhados em torno deles estavam os doze guardas elfos de Eragon e um igual número de guardas de Nasuada, os Falcões Noturnos, normalmente compostos por um destacamento de seis guardas; mas que esta decidira aumentar no decurso da guerra. Os elfos estavam a pé — pois só se dispunham a montar os cavalos que eles próprios criavam e treinavam — mas todos os Falcões Noturnos, incluindo os Urgals, estavam a cavalo. À direita, a uns dez metros, estava o rei Orrin e o seu contingente de guerreiros escolhidos a dedo, cada um com uma pluma colorida presa ao topo do elmo. Narheim, o comandante dos anões, e Garzhvog estavam com as respectivas tropas.

Depois de acenarem com a cabeça um para outro, Nasuada e Orrin esporearam as montarias e afastaram-se do corpo principal do exército dos Varden, seguindo a trote em direção à cidade. Eragon agarrou-se ao espinho do pescoço de Saphira e esta seguiu-os.

Nasuada e o rei Orrin pararam antes de passarem por entre os edifícios decrepitos. Ao seu sinal, dois arautos — um com o estandarte dos Varden e o outro com o de Surda — cavalgaram pela rua estreita que percorria o labirinto de casebres, até ao portão sul de Dras-Leona.

Eragon franziu a testa ao ver os arautos avançarem. A cidade parecia estranhamente deserta e sossegada. Não se via ninguém em toda a cidade, nem mesmo na grossa muralha amarela onde centenas de soldados de Galbatorix deviam estar de guarda.

O ar tem um cheiro estranho, disse Saphira, rugindo suavemente e chamando a atenção de Nasuada.

Na base da muralha, o arauto dos Varden gritou num tom de voz que se propagou até Eragon e Saphira:

— Salve! Em nome de Lady Nasuada dos Varden e do rei Orrin de Surda, bem como todos os povos livres de Alagaësia, pedimos que abram os portões para que possamos entregar uma mensagem importante ao seu amo e senhor, Marcus Tábor, que dela poderá colher grandes proveitos tal como todos os homens, mulheres e crianças de Dras-Leona.

De trás da muralha, um homem que ninguém podia ver respondeu:

— Estes portões não se abrirão. Transmita a mensagem de onde está.

— Você fala em nome de Lord Tábor?

— Falo.

— Então lhe incumbimos de lembrar a ele que os assuntos de estado devem ser discutidos na privacidade dos seus aposentos e não em público onde qualquer um possa ouvi-los.

— Não aceito ordens suas, lacaios! Transmita a sua mensagem e depressa! Antes que eu perca a paciência e te encha de flechas.

Eragon estava impressionado; o arauto não parecia perturbado nem intimidado com a ameaça, sem hesitação:

— Como você quiser. Os nossos líderes oferecem paz e amizade a Lord Tábor e a todo o povo de Dras-Leona. Não temos motivo para entrar em conflito com vocês, apenas com Galbatorix, e não o confrontaríamos se tivéssemos escolha. Não temos uma causa comum? Muitos de nós vivíamos outrora no Império e apenas o abandonamos porque fomos expulsos das nossas terras no reinado cruel de Galbatorix. Somos seus irmãos de sangue e de espírito. Unam forças conosco e poderemos ainda libertá-los do usurpador que ocupa agora o trono em Urû'baen.

“Se aceitarem a nossa oferta, os nossos líderes garantem a segurança de Lord Tábor e da sua família, bem como de todos os que estejam no presente momento a serviço do Império, embora a nenhum seja permitido manter a sua posição, caso tenha prestado juramentos que não possam ser quebrados. Se os seus juramentos não permitirem que nos ajudem, pelo menos, não nos impeçam de avançar. Abram os portões, abaixem as espadas e nós prometemos que nenhum mal lhes acontecerá. Se tentarem barrar-nos, nós os varreremos como palha, pois ninguém consegue resistir ao poder do nosso exército, o exército de Eragon, o Matador de Espetros e do dragão Saphira.”

Ao ouvir o seu nome, Saphira levantou a cabeça e soltou um rugido apavorante.

Por cima do portão, Eragon viu uma figura alta, encapuzada, subir para as muralhas e parar entre dois merlões, por cima dos arautos, olhando na direção de Saphira. Eragon franziu os olhos, mas não conseguiu distinguir o rosto do homem. Outras quatro pessoas, de túnicas negras, reuniram-se ao homem, mas essas Eragon percebeu tratarem-se de sacerdotes de Helgrind, pois tinham os corpos mutilados: a um faltava um antebraço, a outros dois faltava uma perna e ao último faltava-lhe um braço e ambas as pernas, pelo que os companheiros o transportavam numa pequena liteira acolchoada.

O homem encapuzado atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada ensurdecadora, de uma violência explosiva. Por baixo dele, os arautos lutavam para controlar as montarias, pois os cavalos empinaram-se e tentaram fugir.

Eragon sentiu o estômago afundar-se e apertou o punho de Brisingr, pronto a desembainhá-la a qualquer momento.

— Ninguém consegue resistir ao seu poder? — inquiriu o homem, fazendo ecoar a voz pelos edifícios. — Creio que têm uma opinião muito elevada a seu próprio respeito. — E o imenso corpo vermelho e cintilante de Thorn saltou das ruas para a cobertura de uma casa, com um gigantesco urro, cravando as garras nos telhados de madeira. O dragão abriu as enormes asas terminadas por garras e escancarou a garganta vermelha, varrendo o céu com uma cortina de chamas ondulantes.

Em um tom desdenhoso, Murtagh — porque era de Murtagh que se tratava — acrescentou:

— Corram para as muralhas as vezes que quiserem, pois jamais tomarão Dras-Leona, pelo menos enquanto eu e Thorn aqui estivermos para a defender. Mandem os seus melhores guerreiros e feiticeiros para nos combater e todos morrerão. Isso posso lhes assegurar! Não há um homem

entre vocês que nos possa vencer. Nem mesmo você... Irmão. Voltem para os seus esconderijos, antes que seja tarde demais, e rezem para que Galbatorix não se aventure a lidar com vocês pessoalmente, caso contrário a sua única recompensa será morte e mágoa.

Jogo dos Ossos



enhor, senhor! O portão está se abrindo!

Roran levantou os olhos do mapa que estava estudando, ao ver uma das sentinelas do acampamento irromper ofegante dentro da tenda, de rosto vermelho e arfando.

— Que portão? — perguntou Roran, com uma calma mortal. — Seja preciso — disse ele, pondo de lado a vareta que usava para medir as distâncias.

— O que está mais próximo de nós, senhor... na estrada. Não no canal.

Tirando o martelo do cinto, Roran saiu da tenda, correu pelo acampamento, até ao extremo sul, e olhou para Aroughs. Para seu desalento, viu várias centenas de homens a cavalo saírem da cidade e se reunirem numa ampla formação, diante da entrada escura do portão, com os seus estandartes ondulando ao vento.

Eles vão nos fazer em pedaços, pensou Roran, desesperado. Apenas cerca de cento e cinquenta dos seus homens encontravam-se no acampamento e muitos deles estavam feridos e incapazes de lutar. Todos os outros estavam nos moinhos que visitara no dia anterior, nas minas de ardósia mais adiante, na costa, ou nas margens do canal mais a oeste, à procura das barcaças necessárias para que o seu plano fosse bem-sucedido. Nenhum dos guerreiros podia ser chamado a tempo de confrontar os cavaleiros.

Quando enviara os homens para as suas missões, Roran estava consciente de que tinha deixado o acampamento vulnerável a um contra-ataque, contudo esperava que o povo da cidade se sentisse muito intimidado com os últimos ataques às muralhas para tentar algo de tão audacioso — e que os guerreiros que mantivera com ele fossem suficientes para convencer quaisquer observadores distantes de que o corpo principal do seu exército estava ainda estacionado nas tendas.

A primeira dessas suposições revelara-se, sem dúvida, um erro. Roran não tinha a certeza se os defensores de Aroughs tinham conhecimento do seu estratagema, mas concluiu que era provável que tivessem, atendendo ao reduzido número de cavaleiros reunidos em frente da cidade. Se os soldados

ou os seus comandantes tivessem previsto enfrentar toda a companhia de Roran, seria de esperar que reunissem o dobro das tropas. Fosse como fosse, teria ainda de descobrir uma forma de repelir o ataque e impedir que os seus homens fossem chacinados.

Baldor, Carn e Brigman correram na direção dele, de armas em punho. Enquanto Carn vestia apressadamente a túnica de cota de malha, Baldor disse:

— O que faremos?

— Não podemos fazer nada — respondeu Brigman. — Você condenou toda esta expedição com a sua imprudência, Martelo Forte. Temos que fugir — imediatamente —, antes que aqueles malditos cavaleiros nos alcancem.

Roran cuspiu no chão.

— Retirada? Não vamos nos retirar. Os homens não podem fugir a pé e, mesmo que pudessem, eu não abandonarei os feridos.

— Não compreende? Estamos perdidos. Se ficarmos, vamos ser mortos — ou pior — vamos ser feitos prisioneiros!

— Esquece, Brigman! Não tenho intenção de fugir!

— Porque não? Para não ter de admitir que falhou? Porque espera salvar parte da sua honra numa batalha final inútil? Não compreende que só vai prejudicar mais os Varden?

Na base da cidade, os cavaleiros ergueram as espadas e as lanças por cima da cabeça e enterraram as esporas nos cavalos — com um coro de urros e gritos, que se ouviam mesmo àquela distância —, e começaram a cavalgar ruidosamente pela planície em declive, em direção ao acampamento dos Varden.

Brigman retomou o seu sermão:

— Não vou permitir que você desperdice as nossas vidas apenas para aplacar o seu orgulho. Fique se acha que deve, mas...

— Silêncio! — gritou Roran. — Fecha a matraca ou eu mesmo te obrigarei a fechá-la! Baldor, vigia ele. Se ele fizer algo que você não goste, faz ele sentir a ponta da sua espada. — Brigman inchou de raiva, mas conteve a língua, ao ver Baldor erguer a espada e apontá-la para o seu peito.

Roran calculou que devia ter uns cinco minutos para decidir o que fazer. Cinco minutos se tanto em suspenso. Tentou imaginar como poderiam matar ou mutilar o número suficiente de cavaleiros para os afugentar, mas descartou essa hipótese quase de imediato. Não havia qualquer local para

onde conduzir a cavalaria que se aproximava e onde os seus homens ficassem em vantagem. O terreno era muito plano e deserto para manobras desse tipo.

Não podemos ganhar se lutarmos, por isso... E se os assustarmos? Mas como? Com fogo? O fogo poderia revelar-se mortal tanto para amigos como para inimigos. Além disso, a relva úmida iria apenas fumar. Com fumo? Não, isso não iria servir de nada.

E olhou de relance para Carn.

— Você consegue conjurar uma imagem de Saphira e fazê-la rugir e jorrar fogo, como se estivesse realmente aqui?

As faces magras do feiticeiro empalideceram e ele abanou a cabeça, com uma expressão assustada.

— Talvez, não sei. Nunca experimentei fazer algo assim. Iria criar uma imagem dela de memória. Poderia nem se parecer com uma criatura viva. — Acenou em direção à linha de homens a galope. — Eles iriam perceber que tinha algo errado. Roran enterrou as unhas na palma da mão. Restavam-lhe quatro minutos, se tanto.

— Talvez valha a pena tentar — murmurou ele. — Precisamos apenas distraí-los, os confundir... — Olhou de relance para o céu, na esperança de ver uma cortina de chuva aproximando-se do acampamento, mas infelizmente as únicas formações visíveis eram um par de nuvens tênues. *Confusão, incerteza, dúvida... De que é que as pessoas têm medo? Do desconhecido, das coisas que não entendem. É isso mesmo.*

Em segundos, Roran pensou em meia dúzia de esquemas para minar a confiança dos seus inimigos, cada um mais extravagante que o anterior, até que lhe ocorreu uma ideia tão simples e tão audaciosa que lhe pareceu perfeita. Além disso, ao contrário das outras, esta interessava ao seu ego, pois exigia apenas a participação de uma outra pessoa: Carn.

— Ordene aos homens que se escondam nas tendas — gritou, já andando. — E diz para que fiquem calados. Não quero ouvir sequer um pio, a menos que sejamos atacados!

Aproximando-se da tenda vazia mais próxima, Roran prendeu o martelo ao cinto e tirou um cobertor sujo, de lã, de uma das pilhas de roupa de cama caídas no chão. Depois, correu para uma fogueira onde se cozinhava e pegou a parte larga de um tronco cortado, que os guerreiros tinham usado como banco.

Com o tronco debaixo de um braço e o cobertor por cima do ombro oposto, Roran correu para fora do acampamento em direção a uma ligeira elevação, a cerca de trinta metros das tendas.

— Alguém me arranje um conjunto de pedras do jogo dos ossos e um corno de hidromel! — gritou. — E vão buscar a mesa onde eu tenho os mapas. Imediatamente, raios, imediatamente!

Atrás dele, ouviu um tumulto de passos e de equipamento tilintando, enquanto os homens se escondiam nas tendas. Um silêncio sinistro abateu-se sobre o acampamento, segundos depois. Tudo o que se ouvia era os homens que estavam recolhendo os objetos que ele tinha pedido.

Roran nem olhou para trás. Colocou o tronco direito na crista da colina, assentando a parte mais larga no chão e torcendo-o várias vezes, para trás e para frente, para que não balançasse por debaixo dele. Quando se deu por satisfeito e concluiu que estava estável, sentou-se e olhou para os cavaleiros atacantes no campo em declive.

Chegariam dentro de menos de três minutos. Conseguia sentir o martelar dos cascos dos cavalos através do tronco de madeira onde estava sentado e a sensação tornava-se mais intensa a cada segundo que passava.

— Onde estão as pedras e o hidromel?! — gritou ele, sem tirar os olhos da cavalaria.

Passou brevemente a mão pela barba, para a alisar, e puxou a bainha da túnica. O medo o fez desejar ter a cota de malha vestida, mas o seu lado mais frio e mais astucioso concluiu que os inimigos ficariam ainda mais apreensivos se o vissem sentado sem armadura, como se estivesse realmente à vontade, o que o convenceu a também deixar o martelo no cinto, para dar a entender que se sentia seguro na presença dos soldados.

— Desculpa — disse Carn, quase sem fôlego, ao correr na direção de Roran, juntamente com um homem que transportava a pequena mesa de abrir que trouxera da tenda de Roran.

Colocaram-na diante dele, estenderam o cobertor por cima e Carn entregou a Roran um corno meio cheio de hidromel e um copo de couro, com as habituais cinco pedras do jogo dos ossos.

— Vão embora daqui, andem! — disse. Carn virou-se para ir embora, mas Roran agarrou o braço dele. — Você consegue provocar ondulações no ar à minha esquerda e à minha direita, como acontece por cima de uma fogueira, num dia frio de inverno? Carn franziu os olhos.

— É possível, mas de que é que isso...

— Faz se conseguir. Agora vá se esconder, anda!

O feitiheiro coxo correu de novo para o acampamento e Roran chocalhou as pedras no copo, deitando-as sobre a mesa, e começou a jogar sozinho, atirando as pedras ao ar — primeiro uma, depois duas, a seguir três e aí por diante — e apanhando-as sobre as costas da mão. O seu pai, Garrow, entretinha-se frequentemente de forma semelhante, enquanto fumava cachimbo, sentado numa velha cadeira desengonçada, no alpendre de casa, nas longas noites de verão no Vale Palancar. Às vezes Roran jogava com ele e, normalmente, perdia, mas o que Garrow mais gostava era de competir consigo mesmo.

Embora sentisse o coração martelando no peito, muito rápido, e as palmas das mãos suadas e pegajosas, Roran fez um esforço por manter uma postura calma. Para que sua estratégia tivesse a mínima hipótese de dar resultado, ele teria de agir com uma confiança inabalável, independentemente das suas emoções reais.

Concentrou o olhar nas pedras e recusou-se a levantar os olhos, mesmo quando os cavaleiros já estavam muito próximos. O ruído dos animais a galope foi aumentando até que Roran se convenceu que iriam passar por cima dele.

Que forma mais estranha de morrer, pensou, sorrindo tristemente. Depois pensou em Katrina e no seu filho por nascer, consolando-se com a evidência de que daria continuidade à sua linhagem, mesmo que morresse. Não era propriamente a imortalidade de Eragon, mas era uma espécie de imortalidade e teria de servir.

No último momento, quando a cavalaria estava apenas a alguns metros da mesa, alguém gritou.

— Aí! Aí... ohhh! Controlem os cavalos. Eu disse, controlem os cavalos! — E a formação de animais impacientes deteve-se relutantemente, com o ruído de fivelas a retinir e o rangido dos arreios de couro.

Roran continuou de olhos baixos.

Bebeu um gole do pungente hidromel, voltou a lançar as pedras e apanhou duas delas nas costas das mãos, onde ficaram a balançar sobre as saliências dos tendões.

O aroma do solo acabado de revolver, o envolveu, quente e reconfortante, em conjunto com o odor não tão agradável da transpiração dos cavalos.

— Viva, meu bom homem! — disse o mesmo homem que mandara parar os soldados. — Eu disse, viva! Quem é você para ficar aí sentado numa bela manhã como esta, bebendo, entretido com um jogo de sorte, como se não tivesse qualquer preocupação na vida? Será que não merecemos a cortesia de sermos confrontados com espadas? Quem é você, estou perguntando?

Roran levantou lentamente os olhos da mesa, como se acabasse de reparar na presença dos soldados e não lhes desse grande importância, dando de cara com um homem baixo, de barba, com um elmo extravagantemente emplumado, montado num enorme cavalo de guerra negro, ofegante como um fole.

— Não sou bom homem de ninguém, muito menos seu — respondeu Roran, sem se dar ao trabalho de esconder o desagrado por ser abordado daquela forma tão familiar. — Quem é você para interromper o meu jogo tão rudemente, posso saber?

O homem olhou-o de cima a baixo, como se ele fosse uma criatura estranha que encontrara enquanto estava caçando, e as longas penas listradas, no topo do elmo, oscilaram e ondularam.

— O meu nome é Tharos, O Leste. Sou o Capitão da Guarda. Por mais rude que você seja, devo te dizer que me magoaria muitíssimo matar um homem tão ousado como você, sem saber o seu nome. — Para enfatizar as suas palavras, Tharos baixou a lança que empunhava, apontando-a para Roran.

Três linhas de cavaleiros estavam agrupadas mesmo atrás de Tharos. Entre eles, Roran viu um homem magro, de nariz adunco, com o rosto e os braços macilentos, nus até os ombros, que passara a associar aos feiticeiros dos Varden. Subitamente, deu consigo na esperança de que Carn tivesse conseguido fazer ondular o ar, contudo, não se atreveu a virar a cabeça para olhar.

— O meu nome é Martelo Forte — disse. Reuniu as pedras, atirou-as no ar e apanhou três, num único gesto. — Roran, Martelo Forte. Eragon, o Matador de Espetros é meu primo. Deve ter ouvido falar dele, se é que já não ouviu falar de mim.

Uma onda de desconforto espalhou-se pela formação de cavaleiros e Roran julgou ver os olhos de Tharos arregalarem-se por um instante.

— Uma afirmação impressionante, mas como podemos ter a certeza de que diz a verdade? Qualquer homem pode assumir a identidade de outro, se isso servir os seus propósitos.

Roran tirou o martelo e bateu com ele na mesa, produzindo um ruído abafado e, depois, retomou o jogo, ignorando os soldados. Duas das pedras caíram-lhe das costas da mão, fazendo-o perder o jogo, e ele roncou, aborrecido.

— Ah — disse Tharos, pigarreando. — Tem uma reputação brilhante, Martelo Forte, embora alguns digam que a enfeitaram para além do que seria razoável. Por exemplo, é verdade que você matou trezentos homens, sozinho, na aldeia de Delderad, em Surda?

— Nunca soube como se chamava o lugar, mas se você diz que era Delderad, sim, matei lá muitos soldados. Porém, eram apenas cento e noventa e três e eu estava bem guardado pelos meus homens, enquanto lutava.

— Só cento e noventa e três? — disse Tharos, num tom assombrado. — Você é muito modesto, Martelo Forte. Uma façanha dessas poderá valer um lugar em muitas trovas e histórias.

Roran encolheu os ombros e levou o corno à boca, fingindo engolir, pois na realidade não poderia toldar a mente com a potente bebida dos anões.

— Luto para ganhar e não para perder... Permite-me que te ofereça uma bebida, de um guerreiro para outro — disse Roran estendendo o corno a Tharos.

O guerreiro baixo hesitou e os seus olhos desviaram-se, por breves instantes, para o feiticeiro atrás de si. Depois molhou os lábios e disse:

— Nesse caso, talvez beba. — Desmontando do cavalo de guerra, Tharos entregou a lança a um dos soldados, tirou as luvas e encaminhou-se para a mesa, aceitando cautelosamente o corno das mãos de Roran. Tharos cheirou o hidromel e bebeu um longo trago. As penas do seu elmo estremeeceram e ele fez uma careta.

— Não é do seu agrado? — perguntou Roran, divertido.

— Confesso que acho estas bebidas da montanha muito ásperas para a minha língua — disse Tharos, devolvendo o corno a Roran. — Prefiro os vinhos dos nossos campos, pois são quentes, suaves e menos susceptíveis de enlouquecer um homem.

— Para mim isso é melhor que o leite materno — mentiu Roran. — O bebo de manhã, à tarde e à noite.

Calçando de novo as luvas, Tharos regressou para junto do cavalo, subiu para a sela, e voltou a pegar a lança com o soldado que a segurava. Dirigiu mais um olhar ao feiticeiro de nariz adunco, que estava atrás dele, cuja

compleição adquirira uma palidez mortal, nos breves instantes em que Tharos colocara os pés no chão. Roran percebeu isso e Tharos também devia ter reparado na mudança que se operou no seu feiticeiro, pois ele próprio ficou com uma expressão tensa.

— Os meus agradecimentos pela sua hospitalidade, Roran Martelo Forte — agradeceu, levantando a voz para que todas as suas tropas o ouvissem. — Talvez possa em breve ter a honra de te receber dentro das muralhas de Aroughs. Se assim for, prometo te servir os melhores vinhos da propriedade da minha família e talvez com eles consiga te convencer a abandonar o consumo desse leite bárbaro que tem aí. Creio que vai achar o nosso vinho muito melhor. Nós o deixamos envelhecer em barris de carvalho durante meses, às vezes até durante anos. Seria uma pena que todo esse trabalho fosse desperdiçado e se despedaçassem os barris deixando que o vinho escorresse pelas ruas, tingindo-as de vermelho com o sangue das nossas vinhas.

— Seria de fato uma pena — respondeu Roran —, mas por vezes não se consegue evitar derramar um pouco de vinho quando se limpa a mesa. — Erguendo o corno para o lado, virou-o, vertendo o pouco hidromel que restava no mato ao lado. Tharos ficou totalmente imóvel, por instantes — nem as penas do elmo se mexiam. Depois, virou o cavalo, com um esgar furioso e gritou aos seus homens:

— Formar! Formar! Ya! — Depois desse grito final, esporeou o cavalo, afastando-se de Roran e os soldados seguiram-no, incitando os cavalos a galopar. Regressaram a Aroughs pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.

Roran manteve a sua falsa postura arrogante e indiferente até os soldados ficarem bem distantes, suspirando depois lentamente e pousando os cotovelos sobre os joelhos. As mãos tremiam um pouco.

Deu resultado, pensou, assombrado. Ouviu homens correndo na sua direção, vindos do acampamento e olhou por cima do ombro, vendo Baldor e Carn se aproximando, acompanhados, pelo menos, por cinquenta guerreiros que estavam escondidos dentro das tendas.

— Consegui! — exclamou Baldor, ao se aproximarem. — Você conseguiu! Não posso acreditar! — Deu uma gargalhada e bateu com tanta força no ombro de Roran que o atirou contra a mesa.

Os outros homens reuniram-se em torno dele, também rindo, o elogiando com frases extravagantes e gabando-se de que iriam conseguir tomar Aroughs sem uma única baixa, sob as suas ordens, e desvalorizando a

coragem dos habitantes da cidade. Alguém lhe meteu meio cantil de vinho quente na mão. Roran olhou-o com um asco inesperado, passando-o ao homem que estava imediatamente à sua esquerda.

— Você lançou algum feitiço? — perguntou ele a Carn, mal se conseguindo fazer ouvir com o estrépito das comemorações.

— O quê? — Carn inclinou-se mais para ele e Roran repetiu a pergunta. O feiticeiro sorriu e acenou energicamente. — Sim consegui fazer ondular o ar como você queria.

— E você atacou o feiticeiro deles? Ele parecia estar prestes a desmaiar, quando eles foram embora.

O sorriso de Carn se abriu:

— Isso foi obra dele. Estava sempre tendo quebrar a ilusão que julgava que eu havia criado, para penetrar no véu de ar bruxuleante e ver o que estava por trás dele — mas não havia nada para quebrar nem para penetrar, por isso ele gastou toda a sua energia em vão.

Roran riu baixinho e o seu riso converteu-se numa longa e intensa gargalhada que se fez ouvir por cima de toda aquela ruidosa exaltação, propagando-se pelos campos, em direção a Aroughs.

Durante alguns minutos apreciou, com deleite, a admiração dos seus homens, até ouvir um grito alto de advertência de uma das sentinelas em guarda num dos extremos do acampamento.

— Afastem-se! Me deixem ver! — disse Roran, erguendo-se bruscamente. Os guerreiros obedeceram e ele viu um homem solitário a oeste — que percebeu tratar-se de um dos soldados que mandara inspecionar as margens dos canais. Galopava pelos campos, na direção do acampamento.

— O tragam aqui — ordenou Roran e um soldado ruivo e coxo, foi correndo ao encontro do cavaleiro.

Enquanto esperavam que o homem chegasse, Roran pegou nas pedras do jogo dos ossos e as colocou, uma a uma, no copo de couro. As pedras produziram um ruído agradável ao caírem dentro do copo. Mal o guerreiro se aproximou o suficiente para que o pudesse saudar, Roran gritou:

— Viva, está tudo bem? Você foi atacado?

Para aborrecimento de Roran, o homem manteve-se em silêncio até estar apenas a alguns metros dele, altura em que saltou da montada e se apresentou diante de Roran, mais rígido e empertigado que um pinheiro sedento de sol, exclamando em voz alta:

— Meu capitão! — Ao observá-lo mais atentamente, Roran viu que o homem, afinal, era apenas um rapaz — tratava-se, na verdade, do jovem desalinhado que lhe segurara as rédeas quando chegara ao acampamento — porém, essa constatação não contribuiu em nada para saciar a sua curiosidade frustrada.

— Bom, afinal do que se trata? Não posso ficar aqui o dia inteiro.

— Hamund me mandou informá-lo que encontrou todas as barcas de que precisamos e que está construindo os trenós para transportá-las para o outro canal, meu capitão.

Roran acenou com a cabeça.

— Ótimo. Ele precisa de mais alguém para as transportar para lá a tempo?

— Não, meu capitão!

— É tudo?

— Sim, meu capitão!

— Você não precisa ficar constantemente me chamando de meu capitão. Uma vez já é suficiente, entendido?

— Sim, meu cap... Hum, sim cap... quer dizer, sim, claro. Roran conteve um sorriso.

— Procedeu bem. Coma alguma coisa e depois vai na mina e me traga informações. Quero saber o que eles conseguiram até agora.

— Sim, meu cap... Desculpe, meu cap... Quer dizer, eu não... Irei imediatamente, capitão. — O jovem corou amplamente, ao gaguejar. Curvou a cabeça numa rápida mesura e voltou apressadamente para o cavalo, afastando-se a trote em direção às tendas.

A visita deixou Roran mais sério, pois lhe lembrou que havia muito o que fazer, ainda que tivessem tido a sorte de evitar as espadas dos soldados, e as tarefas que os esperavam poderiam custar-lhes o cerco caso fossem mal conduzidas.

Depois disse aos guerreiros mais distantes:

— Todos para o acampamento! Quero duas filas de trincheiras abertas ao redor das tendas, até o cair da noite. Aqueles covardes podem mudar de ideia e decidir nos atacar e eu quero estar preparado. — Alguns homens gemeram ao ouvir falar em abrir trincheiras, mas os restantes pareceram aceitar a ordem de bom grado. Carn disse em voz baixa:

— É melhor não cansá-los muito até amanhã.

— Eu sei — respondeu Roran, também em voz baixa —, mas o acampamento precisa ser fortificado e o trabalho irá impedi-los de pensar muito. Além disso, por mais cansados que estejam amanhã, o combate vai dar a eles energias renovadas. Dá sempre. As horas do dia passavam depressa para Roran, quando se concentrava num problema imediato ou fazia esforços físicos intensos, e pareciam arrastar-se sempre que tinha algum tempo para pensar na situação em que estavam. Os seus homens trabalharam corajosamente — ao salvá-los dos soldados, conquistara a sua lealdade e a sua devoção como jamais conseguiria com palavras — mas parecia cada vez mais óbvio que não conseguiriam terminar os preparativos nas poucas horas que lhes restavam, apesar dos seus esforços.

Ao longo de toda a manhã, tarde e princípio da noite, Roran sentiu um desespero doentio crescer dentro de si e amaldiçoou-se por ter decidido realizar um plano tão complicado e ambicioso.

Eu devia ter percebido desde o início que não tínhamos tempo para isto, pensou. Mas era muito tarde para tentar outra coisa. A única alternativa que lhes restava era darem o seu melhor e esperarem que isso fosse o suficiente para conseguirem a vitória, apesar dos erros cometidos devido à sua incompetência.

Ao cair da noite, uma pequena centelha de otimismo atenuou o seu pessimismo, pois os preparativos começaram subitamente a se concretizar, com uma inesperada rapidez. E, algumas horas depois, quando já era noite fechada e as estrelas brilhavam nos céus, Roran deu consigo junto dos moinhos praticamente com setecentos homens, totalmente a postos para tomar Aroughs, antes do final do dia seguinte.

Ao olhar para o fruto dos seus esforços, Roran soltou uma pequena gargalhada, com um misto de alívio, orgulho e incredibilidade.

Depois deu os parabéns aos guerreiros em seu redor e ordenou que regressassem às tendas.

— Agora descansem enquanto podem. Atacamos ao amanhecer!

E os homens aplaudiram, apesar do evidente cansaço.

Meu Amigo, Meu Inimigo

Nessa noite, o sono de Roran foi leve e agitado. Era impossível descontraí-lo totalmente, sabendo da importância da batalha que se avizinhava e que era bem provável que fosse ferido durante o combate, tal como acontecera tantas vezes. Esses dois pensamentos criaram-lhe uma linha de tensão entre a cabeça e a coluna que, em intervalos regulares, o arrancava de sonhos sombrios e estranhos.

Consequentemente, não foi difícil acordar, ao ouvir uma pancada suave e surda no exterior da tenda.

Abriu os olhos e fixou o retalho de tecido por cima da cabeça. O interior da tenda só se via devido à tênue linha de luz alaranjada das tochas, que se escoava pelo intervalo das abas da entrada. Sentia o ar frio e parado na pele, como se estivesse enterrado numa caverna, a grande profundidade. Fossem lá que horas fossem, era tarde, muito tarde. Mesmo os animais noturnos já deviam ter regressado aos seus covis para dormir. Ninguém devia estar acordado, a não ser as sentinelas, e estas estavam bem longe da sua tenda.

Roran manteve a respiração tão pausada e superficial quanto possível, tentando ouvir outros ruídos. O ruído mais alto que distinguia era o palpitar do próprio coração, que ficou mais forte e mais acelerado ao sentir a tensão vibrar dentro de si, como uma corda esticada de um alaúde.

Passou um minuto. Depois outro. E, finalmente, no instante em que começou a pensar que não havia motivo de alarme e o latejar das veias começou a abrandar, uma sombra escureceu a parte da frente da tenda, bloqueando a luz das tochas.

A pulsação de Roran triplicou de intensidade. O coração martelava-lhe no peito como se corresse pela encosta de uma montanha. Fosse quem fosse que ali estava, não viera acordá-lo para o ataque a Aroughs, nem trazer-lhe qualquer informação, pois se assim fosse não teria hesitado em chamá-lo pelo nome e entrar sem pedir licença.

Uma luva preta — que era apenas uma sombra mais escura que as trevas em redor — deslizou por entre as abas da entrada, tateando à procura do cordão que as prendia. Roran abriu a boca para dar o alarme, mas depois mudou de ideias. Seria estúpido desperdiçar a vantagem da surpresa. Além disso se o intruso percebesse que fora visto, poderia entrar em pânico o que o tornaria ainda mais perigoso.

Com a mão direita, Roran tirou cuidadosamente a adaga debaixo da capa enrolada que usava como almofada, escondendo a arma junto ao joelho, por baixo de uma prega do cobertor, e ao mesmo tempo agarrou na ponta do cobertor, com a outra mão. Um aro de luz dourada delineava a silhueta do intruso enquanto este deslizava para o interior da tenda. Roran viu que o homem usava uma jaqueta de couro, acolchoada, mas não trazia armadura nem cota de malha. Depois a aba fechou-se e a escuridão envolveu-os de novo.

A figura sem rosto avançou furtivamente para o local onde Roran estava deitado. Roran sentiu que iria desmaiar com falta de ar, se continuasse a conter a respiração para parecer que ainda dormia.

Quando o intruso estava a meio caminho do catre, Roran arrancou os cobertores, atirando-os para cima do homem, e saltou na sua direção com um grito selvagem, puxando a adaga para trás para o apunhalar na barriga.

— Espera! — gritou o homem. Surpreendido, Roran conteve o impulso da mão e juntos caíram no chão. — Amigo! Eu sou um amigo!

Meio segundo depois, Roran arfou, sentindo dois duros golpes no rim esquerdo. A dor quase o incapacitou, mas ele fez um esforço para rebolar para longe do homem e manter alguma distância.

Depois levantou-se e voltou a atacar o adversário, que ainda lutava para se libertar do cobertor.

— Espera, eu sou seu amigo! — gritou o homem, mas Roran não tinha intenção de confiar nele uma segunda vez. E ainda bem que não, pois quando tentou golpear o intruso, este deu uma volta nos cobertores e prendeu-lhe o braço direito com que empunhava a adaga, tentando depois atacá-lo com uma faca que tirou da jaqueta. Roran sentiu um leve puxão no peito, mas foi tão ligeiro que não ligou.

Roran gritou, puxou o cobertor com todas as suas forças e derrubou o homem, atirando-o contra um dos lados da tenda, que acabou por tombar em cima deles, prendendo-os sob o pesado tecido de lã. Roran sacudiu o cobertor torcido do braço e depois arrastou-se em direção ao homem, Tateando na escuridão.

A sola rija de uma bota atingiu a mão esquerda de Roran, pelo que ele ficou com a ponta dos dedos dormente. Atirando-se para a frente, Roran apanhou o homem por um tornozelo enquanto este tentava virar-se de frente para ele. O homem esperneou como um coelho e libertou-se de Roran, mas ele voltou a agarrar-lhe no tornozelo e apertou-o através da pele fina, enterrando-lhe os dedos no tendão, na parte de trás do calcanhar, até o

homem urrar de dor. Antes que ele conseguisse se recuperar, Roran passou pelo corpo do homem e prendeu-lhe a mão que empunhava a faca contra o chão, tentando levá-la ao flanco do homem; mas foi muito lento e o seu adversário agarrou-lhe o pulso, prendendo-o firmemente.

— Quem é você? — rosnou Roran.

— Sou seu amigo — disse o homem, projetando um hálito morno no rosto de Roran. Cheirava a vinho e a cidra com especiarias. Entretanto deu três joelhadas seguidas nas costelas de Roran. Roran deu uma cabeçada no nariz do assassino, quebrando-o com um estalido audível. O homem arreganhou os dentes e debateu-se debaixo dele, mas Roran não o soltou.

— Você... não é meu amigo — disse Roran, empurrando-lhe o braço direito para baixo e levando lentamente a adaga ao seu flanco. Enquanto lutavam, Roran teve a vaga sensação de ouvir gente gritar no exterior da tenda caída.

Por fim, o braço do homem cedeu e a adaga trespassou-lhe a jaqueta, mergulhando facilmente na carne viva e mole. O homem teve uma convulsão e Roran esfaqueou-o mais algumas vezes, tão rápida quanto pôde, enterrando-lhe depois a adaga no peito.

Roran sentiu as palpitações trêmulas do coração do homem através do punho da faca, ao cortá-lo em pedaços com a adaga afiada como uma lâmina. O homem estremeceu, sacudiu-se mais duas vezes e depois parou de resistir, ficando simplesmente ali caído, a ofegar.

Roran continuou a segurá-lo, num abraço tão íntimo como o de dois amantes, enquanto a vida lhe fugia. Embora o homem o tentasse matar e Roran não soubesse mais nada acerca dele, não conseguiu deixar de se sentir terrivelmente próximo dele. Ali estava outro ser humano — outra criatura viva e inteligente —, cuja vida estava se esvaindo, por conta do que fizera.

— Quem é você? — murmurou ele — Quem te mandou?

— Eu... eu quase te matei — disse o homem, com uma satisfação perversa. A seguir deixou escapar um suspiro longo e cavernoso, o seu corpo ficou inerte e morreu.

Roran deixou cair a cabeça para a frente, contra o peito do homem, desesperado para respirar, tremendo da cabeça aos pés, com os membros exaustos pelo choque. Alguém começou a puxar o tecido que ele tinha em cima.

— Tirem isto de cima de mim! — gritou Roran, agitando o braço direito, incapaz de suportar mais o peso opressivo da lã, a escuridão, o espaço confinado e o ar sufocante.

Alguém cortou a lã, fazendo um rasgão no retalho de tecido por cima dele, e a luz quente e trêmula de uma tocha penetrou através da abertura.

Desesperado para se libertar daquela prisão, Roran levantou-se bruscamente, agarrou-se às pontas do rasgão e arrastou-se para fora da tenda caída, cambaleando para a luz apenas de cuecas e olhando em redor, confuso.

Baldor estava lá tal como, Carn, Delwin, Mandel e dez outros guerreiros, todos de espadas e de machados em punho. Nenhum dos homens estava completamente vestido, exceto dois deles, que Roran percebeu serem as sentinelas destacadas para o turno da noite.

— Deuses! — exclamou alguém e Roran virou-se, vendo um guerreiro puxar para trás um dos lados da tenda destruída, descobrindo o cadáver do assassino.

O homem morto era pequeno, o cabelo comprido e desgrenhado, preso num rabo-de-cavalo, e um tapa-olho de couro no olho esquerdo. O nariz — partido por Roran — estava torto e achatado, e tinha uma camada de sangue a cobrindo a parte inferior do rosto barbado. O peito, o flanco e o chão, por baixo dele, estavam igualmente empapados em sangue. Quase parecia sangue demais para pertencer a uma pessoa só.

— Roran — disse Baldor. Roran continuou a olhar para o assassino, incapaz de desviar os olhos. — Roran — repetiu Baldor, mais alto. — Roran, me escuta. Você está ferido? O que aconteceu?... Roran!

A preocupação na voz de Baldor chamou finalmente a atenção de Roran.

— O que é? — perguntou ele.

— Está ferido, Roran?!

Porque ele pensaria isso? Intrigado, Roran baixou os olhos para o seu corpo. Tinha os pelos do peito sujos de sangue seco, de cima a baixo, e apresentava manchas de sangue nos braços e na parte de cima das ceroulas.

— Estou bem — respondeu ele, embora sentisse dificuldade em proferir as palavras. — Mais alguém foi atacado?

Em resposta, Delwin e Hamund afastaram-se, revelando um corpo prostrado. Era o jovem que mandara transmitir mensagens, antes

— Ah — gemeu Roran, cheio de mágoa. — O que ele estava fazendo por aí?

Um dos guerreiros deu um passo a frente.

— Eu partilhava uma tenda com ele, capitão. Ele tinha sempre de sair durante a noite para se aliviar, pois bebia muito chá antes de se recolher. A mãe disse que isso iria impedir que ele adoecesse... Era boa pessoa, capitão. Não merecia ser atacado por trás, por um covarde traiçoeiro.

— Pois não, não merecia — murmurou Roran. Se ele não estivesse lá, a estas horas em estaria morto. — E apontou para o assassino. — Há mais algum destes assassinos à solta?

Os homens se mexeram, olhando uns para os outros. Depois Baldor disse:

— Não me parece.

— Você verificou?

— Não.

— Então verifica! Mas tenta não acordar todo mundo. Eles precisam dormir. E manda colocar guardas junto das tendas de todos os comandantes, de hoje em diante... — Ele já deveria ter pensado nisto antes.

Roran ficou onde estava, sentindo-se atordoado e estúpido, enquanto Baldor dava uma série de ordens rápidas e todos, à exceção de Carn, Delwin e Hamund, dispersavam. Quatro guerreiros pegaram o corpo inerte do rapaz e afastaram-se, para o enterrar, e os restantes começaram a passar revista ao acampamento.

Aproximando-se do assassino, Hamund empurrou, de leve, a faca do homem com a ponta da bota.

— Você deve ter assustado aqueles soldados mais do que pensávamos, esta manhã.

— Deve ter sido.

Roran tremeu. Sentia frio pelo corpo todo, especialmente nas mãos e nos pés que pareciam gelo. Carn percebeu isso e foi buscar para ele um cobertor.

— Toma — disse Carn, colocando-o sobre os ombros de Roran.

— Venha se sentar junto de uma das fogueiras de vigilância. Vou esquentar um pouco de água para que você possa se lavar, está bem?

Roran acenou com a cabeça, sem saber se conseguiria falar. Carn afastou-se com ele, mas depois de darem apenas alguns passos, o feiticeiro parou abruptamente, forçando Roran a parar.

— Delwin e Hamund — disse Carn —, tragam-me um catre, algo onde alguém possa sentar, um cântaro de hidromel e várias ataduras, o mais depressa possível. Imediatamente, se não se importam.

Surpreendidos, os dois homens passaram de imediato à ação.

— Porquê? — perguntou Roran, confuso. — O que se passa?

Carn apontou para o peito de Roran com uma expressão sombria:

— Se não está ferido, se importa de me dizer o que é isso?

Roran olhou para onde Carn apontava e viu um golpe longo e profundo que começava no peitoral direito, percorria-lhe o externo e terminava mesmo abaixo do mamilo esquerdo, escondido no meio dos pelos e do sangue seco que tinha no peito. O lenho abria-se cerca de meio centímetro, na parte mais larga, assemelhando-se bastante a uma boca sem lábios, repuxada num enorme e medonho sorriso. Porém, a característica mais perturbante do golpe era a total ausência de sangue. Não escorria da incisão nem uma gota de sangue. Roran conseguia ver claramente a fina camada de gordura amarelada por baixo da pele e o músculo vermelho escuro do seu peito, por baixo, da mesma cor que uma fatia crua de carne de veado.

Por mais habituado que estivesse aos horríveis estragos que as espadas, as lanças e as outras armas podiam fazer na carne e no osso, a visão incomodou-o. Sofrera inúmeros ferimentos ao longo da guerra contra o Império — muito especialmente quando um dos Ra'zac lhe mordera o ombro direito durante a captura de Katrina, em Carvahall —, mas nunca antes tinha sofrido um ferimento tão grande e tão estranho.

— Dói? — perguntou Carn.

Roran abanou a cabeça sem olhar para cima:

— Não. — A garganta contraiu-se e o coração — ainda acelerado da luta — começou a bater com o dobro da velocidade, martelando-lhe o peito tão depressa que uma batida não se conseguia distinguir da outra. *A faca estaria envenenada?*, perguntou, para si.

— Roran, você tem que se acalmar — disse Carn. — Acho que posso curar, mas se você desmaiar vai complicar tudo. — Segurando-o pelo ombro, guiou Roran para o catre que Hamund acabara de arrastar de dentro de uma tenda e Roran sentou-se obedientemente.

— Como eu posso me acalmar? — perguntou, com uma débil e breve gargalhada.

— Respira fundo e imagina que está afundando no chão cada vez que expirar. Confia em mim, vai funcionar.

Roran fez como lhe foi dito. Mas, ao expirar pela terceira vez, os seus músculos tensos começaram a se descontraír e o sangue jorrou do corte, salpicando o rosto de Carn. O feiticeiro recuou e praguejou. Sangue fresco e quente escorria-lhe pelo estômago, sobre a pele nua.

— Agora está doendo — disse Roran, rilhando os dentes.

— Ei! — gritou Carn, acenando a Delwin, que corria na direção deles, com os braços cheios de ataduras e de outras coisas. Ao colocar o amontoado de objetos na ponta do catre, o aldeão agarrou uma compressa de linho, comprimindo-a contra o ferimento de Roran e estancando temporariamente a hemorragia. — Deitasse! — ordenou.

Roran obedeceu e Hamund trouxe um banco para Carn, que se sentou, continuando a comprimir a compressa. Esticando a mão livre, Carn estalou os dedos e disse:

— Abram o hidromel e me dê. — Assim que Delwin lhe passou o cântaro, Carn olhou diretamente para Roran e disse:

— Tenho de limpar o corte antes de o selar com magia, entende?

Roran acenou afirmativamente.

— Me dêem algo para morder.

Roran ouviu o ruído de fivelas e correias a abrirem-se. Depois Delwin ou Halmund colocaram-lhe um grosso cinto da espada entre os dentes e ele mordeu-o com toda a força.

— Vai! — disse ele, o melhor que lhe foi possível, com a boca parcialmente obstruída.

Antes que Roran tivesse tempo de reagir, Carn arrancou-lhe a compressa e verteu-lhe hidromel no ferimento, de uma só vez, limpando pelos, sangue seco e outras impurezas da incisão. Logo que o hidromel lhe tocou, Roran deixou escapar um grito estrangulado, arqueando as costas e debatendo-se nas laterais do catre.

— Pronto, está feito — disse Carn, pondo o cântaro de lado. Roran olhou para as estrelas, com todos os músculos do corpo trêmulos, tentando ignorar a dor, e Carn colocou as mãos sobre o ferimento e começou a murmurar frases na língua antiga.

Segundos depois, embora lhe parecessem muitos minutos, Roran sentiu um comichão quase insuportável dentro do peito, enquanto Carn reparava os estragos que a faca do assassino lhe tinha causado. O comichão emergiu à superfície da pele, fazendo desaparecer a dor por onde passava. Ainda assim, a sensação era de tal forma desagradável, que fazia desejar se coçar até rasgar a pele. Quando terminou, Carn suspirou e dobrou-se para a frente, apoiando a cabeça nas mãos.

Forçando os membros rebeldes a obedecerem-lhe, Roran balançou as pernas sobre a beira do catre e sentou-se direito, passando uma mão pelo peito que estava perfeitamente liso, intacto e imaculado, apesar dos pelos; exatamente como estava antes do homem caolho ter entrado furtivamente na sua tenda. Magia.

Delwin e Hamund olhavam de um dos lados. Pareciam um pouco pálidos, embora ele duvidasse que mais alguém tivesse reparado nisso.

— Vão dormir — disse Roran, acenando. — Partiremos dentro de algumas horas e eu preciso que estejam alerta.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — perguntou Delwin.

— Sim, sim — mentiu ele. — Agradeço a sua ajuda, mas agora vão embora. Como vou conseguir descansar, com vocês pairando à minha volta como mães galinha?

Depois de eles se afastarem, Roran esfregou o rosto e sentou-se, olhando para as mãos trêmulas e ensanguentadas. Sentia-se exausto, vazio, como se tivesse feito o trabalho de uma semana inteira apenas em alguns minutos.

— Você ainda será capaz de lutar? — perguntou a Carn.

O feiticeiro encolheu os ombros:

— Não tão bem como antes... porém, era o preço a pagar. Não podemos ir para a batalha sem você para nos comandar.

Roran nem se deu ao trabalho de argumentar.

— Você devia descansar um pouco. Já não falta muito para o amanhecer.

— E você?

— Vou me lavar, procurar uma túnica e depois vou falar com Baldor para saber se ele apanhou mais algum assassino de Galbatorix.

— Você não vai descansar?

— Não. — E coçou inadvertidamente o peito, mas conteve-se quando percebeu o que estava fazendo. — Antes não conseguia dormir e agora...

— Eu compreendo. — Carn levantou-se lentamente do banco. — Se precisar de mim, estou na minha tenda.

Roran viu-o cambalear pesadamente para a escuridão. Quando deixou de o ver, fechou os olhos e pensou em Katrina, tentando se acalmar. Depois, reunindo as poucas forças que lhe restavam, aproximou-se da tenda derrubada e procurou até encontrar as roupas, as armas, a armadura e um cantil de pele. Fez o possível para não olhar para o corpo do assassino, embora, de vez em quando, tivesse vislumbres dele, ao mover-se no meio daquela poça de tecido amarrotado.

Finalmente, ajoelhou-se sem olhar, arrancando a sua adaga do cadáver. A lâmina saiu com um ruído deslizante de metal a arranhar osso e Roran sacudiu energicamente a adaga para remover o sangue, ouvindo várias gotas salpicar o chão.

Preparou-se lentamente para a batalha, no silêncio frio da noite, e depois procurou Baldor — que lhe assegurou que mais ninguém passara pelas sentinelas —, percorrendo o perímetro do acampamento e revendo todos os aspetos do iminente ataque a Aroughs. Depois, encontrou metade de uma galinha fria que alguém deixara ao jantar, sentou-se para comê-la contemplando as estrelas.

Contudo, fizesse o que fizesse, a sua mente estava sempre a devolver-lhe a imagem do jovem morto, fora da sua tenda. Quem será que decide que um homem sobrevive e o outro morre? A minha vida não era mais valiosa que a dele, mas é ele que está enterrado, enquanto que eu desfrutarei, pelo menos, mais algumas horas acima da terra. Será uma questão de sorte aleatória e cruel ou haverá algum propósito ou padrão nisto tudo, mesmo que esteja para além da nossa compreensão?

Farinha de Fogo



Como é ter uma irmã? — perguntou Roran a Baldor, enquanto cavalgavam lado a lado em direção aos moinhos mais próximos, sob a luz acinzentada que precede o amanhecer.

— Não há muito de que gostar, não é? Quer dizer, não há muito dela para ver, se você me entende. É tão pequena quanto um gatinho. — Ao sentir o cavalo tentar desviar-se em direção a uma extensão particularmente atrativa de grama, junto a trilha, Baldor puxou-lhe as rédeas. — É estranho ter outro irmão, depois de tanto tempo — seja irmão ou irmã.

Roran acenou com a cabeça, torcendo-se na sela e olhando por cima do ombro, para se assegurar de que a coluna de seiscentos e cinquenta homens que o seguia a pé estava acompanhando o seu ritmo. Nos moinhos, Roran desmontou e prendeu o cavalo a um poste feito parra isso, diante do mais baixo dos três edifícios. Um guerreiro ficou para trás para conduzir os animais ao acampamento.

Roran encaminhou-se para o canal e desceu os degraus de madeira, embutidos na margem lamacenta, que o levaram à beira da água, entrando depois na última das quatro barcas que flutuavam alinhadas.

As barcas assemelhavam-se mais a jangadas grosseiras do que aos barcos de fundo plano em que os aldeões tinham navegado ao longo da costa, de Narda a Teirm. Roran parabenizou-se por isso, visto que não tinham proas pontiagudas, o que facilitava a tarefa de prender as barcas, umas atrás das outras, com pranchas, pregos e cordas, permitindo assim criar uma única estrutura rígida, de quase cento e cinquenta metros de comprimento.

Os pedaços de ardósia cortada que os homens tinham carregado em carroças, da mina, por ordem de Roran, estavam empilhados na parte da frente da primeira barcaça e de ambos os lados da primeira e da segunda barcaça. Por cima da ardósia, os homens tinham empilhado sacos de farinha, que encontraram nos moinhos, erguendo uma parede à altura da cintura. Na segunda barcaça, a parede prolongava-se para lá da ardósia e era inteiramente composta por sacos: dois sacos de largura e cinco de altura.

O enorme peso da ardósia e da farinha densamente empilhada, combinado com o peso das próprias barcas, serviu para transformar toda a

estrutura num enorme aríete flutuante, com que Roran esperava poder arrombar o portão, no extremo oposto do canal, como se este fosse feito de paus podres. Mesmo que o portão estivesse encantado — embora Carn achasse que não —, Roran achava que nenhum feiticeiro, à exceção de Galbatorix, seria suficientemente poderoso para contrariar o impulso das barcas, logo que estas comesçassem a descer o canal.

Além disso, os amontoados de ardósia e de farinha iriam lhes dar alguma proteção das lanças, flechas e outros projéteis. Roran percorreu cuidadosamente os convés instáveis até à barca da frente. Apoiou a lança e o escudo numa pilha de ardósia, virando-se depois para observar, enquanto os guerreiros entravam para o corredor entre as paredes.

Cada homem que embarcava nas barcas, cheias de carga, afundava-as mais dentro da água, até estas ficarem apenas a escassos centímetros da superfície. Carn, Baldor, Hamund, Delwin e Mandel juntaram-se a Roran.

Todos eles tinham escolhido tacitamente as posições mais perigosas no aríete flutuante. Invadir Aroughs exigiria aos Varden uma enorme dose de sorte e de perícia, e nenhum estava na disposição de confiar a tarefa a mais ninguém.

Perto da última barca, Roran teve um vislumbre de Brigman entre os homens que em tempos comandara. Depois da visível insubordinação de Brigman no dia anterior, Roran despojara-o de toda a autoridade que lhe restava e confinara-o à sua tenda.

Contudo, Brigman lhe implorara que o deixasse participar no ataque final a Aroughs e Roran permitira relutantemente; Brigman era hábil com a espada e todas seriam necessárias no combate que se avizinhava.

Roran ainda se interrogava se teria tomado a decisão certa. Estava bastante confiante que os homens eram leais a ele e não a Brigman. Mas Brigman fora o seu capitão durante meses e esses laços não eram fáceis de ignorar. Mesmo que Brigman não tentasse arranjar problemas nas hostes, revelara-se disposto e bem capaz de ignorar ordens, pelo menos, quando estas viessem de Roran.

Se ele me der alguma razão para desconfiar, mato-o na hora, pensou Roran, mas tal decisão era inútil. Se Brigman se virasse de fato contra ele, muito provavelmente seria no meio de uma confusão tal, que Roran não iria sequer perceber, a não ser quando já fosse tarde demais.

Quando faltavam apenas seis homens para embarcar nas barcas, Roran colocou as mãos à volta da boca e gritou:

— Soltem-nas!

Dois homens estavam sobre a represa, bem acima da colina — a represa que abrandava e continha o fluxo de água do canal que vinha dos pântanos e seguia para o norte. Seis metros mais abaixo, havia a primeira roda de água e o lago por baixo dela. Em frente desse lago, havia a segunda represa, onde estavam mais dois homens. Seis metros mais abaixo, ficava a segunda roda de água e o segundo lago profundo, de águas paradas, e ao fundo do lago estava a última represa e os últimos dois homens. Na base da última represa, ficava a terceira e última roda de água, de onde a corrente fluía suavemente pelos campos, até Aroughs.

Embutidas nas represas, estavam as três comportas que Roran insistira em fechar, com a ajuda de Baldor, durante a primeira visita aos moinhos. Ao longo dos últimos dois dias, equipes de homens munidos de pás e picaretas tinham mergulhado nas águas cada vez mais altas, limpando a parede das represas pelo lado de trás, até as camadas de terra batida ficarem praticamente a ponto de ceder, enterrando depois vigas compridas e robustas na terra, de ambos os lados das comportas.

Os homens que estavam na represa superior e intermédia encontravam-se agora agarrados a essas vigas — que se projetavam alguns metros, para fora das represas — e começavam a movê-las para trás e para frente, em um ritmo constante. De acordo com o seu plano, os dois homens posicionados na represa mais baixa teriam de esperar alguns momentos para se unirem também ao esforço.

Roran agarrou num saco de farinha enquanto observava. Se o seu timing falhasse, nem que fosse por alguns segundos, seria um desastre.

Nada aconteceu durante quase um minuto.

Depois, a comporta que estava mais acima cedeu com um estrondo sinistro. A represa começou a ficar saliente do lado de fora, com a terra a rachar-se e a desfazer-se, e uma enorme língua de água lamacenta precipitou-se sobre a roda de água, em baixo, fazendo-a girar mais depressa do que deveria.

Quando a represa ruiu, os homens que estavam em cima desta saltaram para a margem, aterrissando em terra firme, apenas por escassos centímetros. Salpicos de água elevaram-se a mais de nove metros de altura, quando a língua de água mergulhou no lago escuro e calmo, por baixo da roda de água. O impacto projetou uma onda espumosa com vários metros de altura, em direção à represa seguinte.

Ao vê-la aproximar-se, os dois guerreiros do meio abandonaram os seus postos, procurando também segurança em terra firme. E ainda bem que o

fizeram pois, quando a onda bateu, jatos de água finos como agulhas irromperam em torno da estrutura da comporta seguinte, que acabou por ser projetada no ar como se um dragão lhe tivesse dado um pontapé, e a água revolta, dentro do lago, varreu o que restava da comporta.

A torrente furiosa embateu contra a segunda roda de água ainda com mais força do que na primeira. A madeira gemeu e rangeu sob o violento impacto e Roran pensou, pela primeira vez, que era possível que uma ou mais rodas se soltassem. Se tal acontecesse, representaria um grande perigo para os seus homens e para as barças, podendo pôr fim ao ataque a Aroughs antes mesmo deste se iniciar.

— Nos soltem! — gritou.

Um dos homens começou a cortar a corda que os prendia à margem, enquanto outros se curvavam para pegar em varas de três metros de comprimento, que enterravam no leito do canal, empurrando com todas as suas forças.

As barças, cheias de carga, deslizaram lentamente para frente, ganhando velocidade muito mais lentamente do que Roran desejaria. Ao mesmo tempo que a avalanche de água avançava na direção deles, os homens que estavam na represa mais baixa continuavam a puxar as vigas enterradas na muralha enfraquecida. Menos de um segundo antes da avalanche de água os atingir, a represa estremeceu, foi derrubada e os homens fugiram.

A água abriu um buraco na barragem de terra tão facilmente como se esta fosse feita de pão molhado, batendo contra a última roda de água. A madeira estilhaçou-se com um ruído tão alto e agudo como gelo a partir-se e a roda inclinou-se alguns graus para fora, mas para alívio de Roran, aguentou. A coluna de água precipitou-se depois contra a base da colina, com um rugido violento e uma explosão de névoa. Uma rajada de vento frio fustigou o rosto de Roran, no canal, a mais de duzentos metros de distância.

— Mais depressa! — gritou aos homens que impeliavam a barça com as varas, ao ver uma turbulenta massa de água emergir das pregas de névoa, precipitando-se ao longo do canal. A enchente ultrapassou-os com uma rapidez incrível. Ao colidir com a parte traseira das quatro barças, presas entre si, toda a embarcação deu um solavanco para a frente, projetando Roran e os guerreiros em direção à popa e derrubando uma série deles. Alguns sacos de farinha caíram no canal ou rolaram para dentro, contra os homens.

Quando a onda de água ergueu a última barcaça vários metros acima das outras, a embarcação de quase cento e cinquenta metros de comprimento começou a girar para o lado. Roran sabia que se essa tendência se mantivesse, em breve ficariam presos entre as margens do canal e a força da corrente separaria as barcaças momentos depois.

— Nos mantenham direitos! — gritou, saindo de cima dos sacos de farinha sobre os quais caíra. — Não nos deixem girar!

Ao ouvir a sua voz, os guerreiros foram correndo empurrar a pesada embarcação das margens inclinadas, em direção ao centro do canal. Saltando para cima das pilhas de ardósia da proa, Roran gritava instruções e juntos conseguiram conduzir as barcaças ao longo do canal curvo.

— Conseguimos! — exclamou Baldor, com um sorriso idiota estampado no rosto.

— Não se vanglorie ainda — advertiu Roran. — Ainda temos um longo caminho a percorrer.

O céu a leste tinha a cor de palha, quando passaram pelo acampamento, a um quilômetro e meio de Aroughs. À velocidade a que se moviam, alcançariam a cidade antes do sol espreitar por cima do horizonte e as sombras acinzentadas, que cobriam os campos, ajudariam a encobri-los das sentinelas estacionadas nas muralhas e nas torres.

Embora a onda dianteira os tivesse já ultrapassado, as barcaças continuavam a ganhar velocidade, pois a cidade ficava abaixo do nível dos moinhos e não havia uma única colina ou elevação ao longo do caminho para travar o seu avanço.

— Ouçam! — disse Roran, colocando as mãos à volta da boca e levantando a voz, para que todos os homens o pudessem ouvir. — Poderemos cair na água quando batermos no portão exterior, por isso preparem-se para nadar. Seremos alvos fáceis até alcançarmos terra firme. Logo que chegemos a terra, o nosso objetivo será apenas alcançar a muralha interior antes que eles se lembrem de fechar os portões, pois se o fizerem jamais tomaremos Aroughs. Se conseguirmos passar a segunda muralha, não deverá ser difícil encontrar Lord Halstead e forçá-lo a render-se. Se não conseguirmos, tomaremos as fortificações, no centro da cidade e nos deslocaremos de dentro para fora, rua após rua, até Aroughs ficar inteiramente sob o nosso controle.

“Lembrem-se de que estaremos em desvantagem numérica com cerca de dois homens ou mais para cada um. Por isso, fiquem perto dos companheiros para se protegerem e mantenham-se sempre alertas. Não vaguem sozinhos e

não se separem do resto do grupo. Os soldados conhecem melhor as ruas do que nós e poderão emboscá-los quando menos esperarem. Se acontecer de ficarem sozinhos, dirijam-se para o centro da cidade, pois é lá que estaremos.

“Hoje desferiremos um poderoso golpe em nome dos Varden. Hoje ganharemos a honra e a glória com que a maioria dos homens sonham. Hoje... hoje deixaremos a nossa marca na História. O que conseguirmos fazer nas próximas horas será cantado pelos bardos durante os próximos cem anos. Pensem nos nossos amigos, pensem nas vossas famílias, nos nossos pais, nas nossas esposas, nos nossos filhos. Lutem bem, porque é por eles que lutamos. Lutamos pela liberdade!”

Os homens rugiram em resposta.

Roran deixou-os entrar em frenesi e depois ergueu a mão e disse:

— Escudos! — E os homens agacharam-se com se fossem um só e ergueram os escudos, cobrindo-se a si e aos companheiros, de tal forma que o centro do aríete improvisado parecia revestido de uma armadura de escamas, capaz de cobrir o braço de um gigante.

Satisfeito, Roran saltou da pilha de ardósia e olhou para Carn, Baldor e os outros quatro homens que tinham viajado com ele de Belatona. O mais jovem, Mandel, parecia apreensivo, mas Roran sabia que ele tinha o suficiente para se aguentar.

— Preparados? — perguntou e todos eles responderam afirmativamente.

Depois deu uma gargalhada e quando Baldor insistiu para que ele se explicasse, disse:

— Se o meu pai me visse agora!

E Baldor riu com ele. Roran estava de olho na onda dianteira. Logo que esta entrasse na cidade, os soldados poderiam perceber que algo de errado se passava e dar o alarme. Ele queria que eles dessem o alarme mas não por essa razão, por isso, quando lhe pareceu que a onda estava a uns cinco minutos de Aroughs, fez sinal a Carn e disse:

— Mande o sinal!

O feiticeiro acentiu e curvou-se, movendo os lábios enquanto dava voz a estranhas construções na língua antiga. Momentos depois endireitou-se e disse:

— Está feito.

Roran olhou para o oeste. Era aí que estavam as catapultas, as balistas e as torres de cerco dos Varden, num campo diante de Aroughs. As torres de

cerco permaneceram imóveis, mas as outras máquinas de guerra entraram em ação, disparando quadrelos e pedras, que descruzavam grandes arcos em direção às muralhas imaculadamente brancas da cidade. Sabia também que quinze dos seus homens estavam, naquele preciso momento, do outro lado da cidade tocando as suas trombetas, entoando gritos de guerra e disparando flechas flamejantes, fazendo tudo o que podiam para chamar a atenção dos soldados defensores, para lhes fazer crer que o exército que estava tentando invadir a cidade era muito maior.

Roran se sentiu inundado de uma profunda calma. A batalha estava prestes a começar.

Em breve, iriam morrer homens. E ele podia ser um deles. Tal evidência deu-lhe clareza de pensamentos e todos os vestígios de exaustão desapareceram, bem como os tremores ligeiros que o incomodavam desde que tinham atentado contra a sua vida, apenas algumas horas antes. Nada era tão revigorante para ele como lutar — fosse a comida, o riso, o trabalho manual, ou mesmo o amor — e, embora o detestasse, não podia negar o poder de atração da luta. Nunca quisera ser guerreiro, mas num guerreiro se convertera, e estava determinado a vencer todos os que aparecessem diante de si.

Roran pôs-se de cócoras e espreitou por entre dois pedaços aguçados de ardósia, olhando para o portão que lhes barrava o caminho e do qual se aproximavam rapidamente. Acima da superfície da água e um pouco abaixo desta, pois as águas tinham subido, o portão era feito de sólidas pranchas de carvalho manchadas de escuro pelo tempo e pela umidade. Mas, abaixo da superfície, Roran sabia que havia uma grade de ferro e de madeira semelhante a um portão suspenso, através do qual a água passava livremente. A parte superior seria a mais difícil de arrombar, mas os longos períodos de imersão deviam ter enfraquecido a grade, por baixo, e se conseguissem arrancar parte dela, seria bem mais fácil arrombar as pranchas de carvalho, por cima. Por isso mandara amarrar dois volumosos troncos por baixo da primeira barça e, como estes estavam submersos, iriam atingir a metade inferior do portão no instante em que a proa batesse contra a parte superior.

Era um plano inteligente, mas ele não fazia ideia se daria mesmo resultado.

— Mantenham-na firme — sussurrou ele, mais para si do que para os outros, à medida que se aproximavam do portão.

Alguns dos guerreiros que estavam na parte de trás da embarcação continuavam a manobrar as barças com as varas, mas os restantes permaneceram escondidos por baixo da carapaça de escudos sobrepostos.

A entrada em arco que conduzia ao portão agigantava-se diante deles como a entrada de uma caverna e, quando a ponta da embarcação deslizou para debaixo da sombria arcada, Roran viu o rosto de um soldado, redondo e branco como uma lua cheia, surgir junto da muralha, a mais de nove metros de altura, olhando para as barcas com uma expressão atônita e horrorizada.

As barcas deslocavam-se tão velozmente, a essa altura, que Roran só teve tempo de praguejar uma vez, antes de a corrente os arrastar para a escuridão fresca da entrada, perdendo de vista o soldado sob o teto abobadado.

As barcas embateram no portão. A força do impacto atirou Roran para a frente, contra a parede de ardósia atrás da qual se mantivera agachado. A sua cabeça ricocheteou na pedra e, embora usasse um elmo e uma touca de proteção, sentiu os ouvidos zunir. O convés estremeceu e recuou, e apesar do barulho nos ouvidos, Roran ouviu a madeira estalando e partindo-se e sentiu o rangido de metal retorcido.

Um dos pedaços de ardósia escorregou para trás e caiu em cima dele, machucando os seus braços e os ombros. Agarrou a ardósia pelas extremidades e atirou-a borda afora, num acesso explosivo de força, estilhaçando-a contra a parte lateral da passagem.

Era difícil de ver o que estava acontecendo na escuridão que os rodeava, pois a confusão de movimentos e de ruídos reverberantes era total. Sentiu a água a cobrir-lhe os pés e percebeu que a barca estava alagada, embora não soubesse se iria afundar.

— Me dêem um machado! — gritou, levando a mão atrás. — Um machado, me dêem um machado! — A barca guinou quinze centímetros para a frente. Ele cambaleou e quase caiu. O portão estava um pouco vergado para dentro, mas continuava firme. A seu tempo, a pressão contínua da água iria certamente acabar por empurrar a barca através do portão, mas ele não podia esperar que a natureza seguisse o seu curso.

Quando finalmente alguém lhe encostou o cabo macio de um machado à mão esticada, seis retângulos brilhantes surgiram no teto. Alguém abrira as tampas dos balestreiros. Os retângulos tremeluziram e os quadrellos das bestas silvaram sobre as barcas, agravando o tumulto com baques surdos sempre que atingiam a madeira.

Um homem gritou em algum lugar.

— Carn! — gritou Roran. — Faz alguma coisa!

Deixando o feiticeiro entregue a si mesmo, Roran rastejou pelo convés flutuante, subindo as pilhas de ardósia em direção à proa da barca, e esta

voltou a guinar mais uns centímetros para a frente. Ouviu-se outro rangido ensurdecedor no meio do portão e a luz brilhou através das rachas, nas pranchas de carvalho.

Um quadrelo saltou num pedaço de ardósia, junto da mão direita de Roran, deixando uma mancha de ferro na pedra. Roran dobrou o ritmo. No momento em que alcançou a parte da frente da barça, um rangido penetrante de algo a despedaçar-se forçou-o a tapar os ouvidos com as mãos e a recuar.

Uma grande onda passou por cima dele, cegando-o por instantes. Roran pestanejou para desobstruir a visão e viu que parte do portão caíra para o canal e que havia agora espaço suficiente para a barça entrar na cidade. Contudo, por cima da proa da embarcação, os restos do portão projetavam-se em lascas compridas e pontiagudas, à altura do peito do pescoço ou da cabeça de um homem.

Sem hesitar, Roran rolou para trás e deixou-se cair atrás do parapeito de ardósia.

— Baixem a cabeça! — rugiu ele, cobrindo-se com o escudo.

As barças avançaram, afastando-se das rajadas letais de quadrelos de besta, e entraram numa enorme sala de pedra iluminada por tochas fixas às paredes. Do outro lado da sala, a água do canal fluía através de outro portão fechado, igual a um portão suspenso, de cima a baixo. Através da treliça de madeira e metal, Roran conseguia ver os edifícios dentro da cidade propriamente dita.

De ambos os lados da sala, estendiam-se cais de pedra para carregar e descarregar mercadorias, com polias, cordas e redes vazias penduradas no teto, e um guindaste montado sobre uma plataforma alta de pedra, a meio caminho de cada margem artificial. Na parte da frente e na parte de trás da sala, escadas e passadiços saídos das paredes cobertas de bolor permitiam às pessoas passar sobre a água sem se molharem. O passadiço de trás dava também acesso à casa dos guardas, por cima do túnel por onde as barças tinham entrado e, possivelmente, às defesas superiores da cidade, como o baluarte onde Roran vira o soldado.

A frustração cresceu em Roran ao ver o portão fechado, pois esperara poder navegar diretamente até à zona principal da cidade e evitar ser apanhado pelos soldados na água. *Bom, agora é inevitável*, pensou.

Atrás deles, soldados vestidos de vermelho, saíam aos bandos da casa dos guardas, encaminhando-se para o passadiço onde se ajoelharam e

começaram a dar à manivela das bestas, preparando-as para mais uma rajada de quadrelos.

— Lá para cima! — gritou Roran, acenando com o braço em direção às docas, à sua esquerda. Os guerreiros agarraram mais uma vez nas varas, empurrando as barcaças interligadas em direção à margem do canal. A companhia parecia um porco-espinho com as dúzias e dúzias de quadrelos que os guerreiros tinham espetados nos escudos.

Quando a barcaça se aproximou das docas, vinte dos soldados defensores desembainharam as espadas e abandonaram o passadiço, correndo pelas escadas abaixo para interceptar os Varden antes que desembarcassem.

— Depressa! — gritou Roran.

Um quadrelo cravou-se no escudo e a ponta em forma de diamante perfurou a madeira de quatro centímetros de espessura, saindo por cima do seu antebraço. Roran cambaleou mas conseguiu equilibrar-se, sabendo que tinha apenas alguns instantes até que outros arqueiros disparassem mais setas sobre ele.

Depois saltou para a doca, abrindo os braços para se equilibrar. Aterrissou pesadamente e bateu com o joelho no chão. Só teve tempo de sacar o martelo, antes de os soldados o alcançarem. Roran enfrentou-os com um alívio e uma alegria selvagem, pois estava farto de meditar, planejar e preocupar-se com o que poderia acontecer. Ali estavam finalmente inimigos assumidos — e não assassinos traiçoeiros — que ele podia combater e matar.

O encontro foi breve, feroz e sangrento. Roran matou ou incapacitou três dos soldados nos primeiros segundos e Baldor, Delwin, Hamund e Mandel reuniram-se depois a ele, forçando os soldados a afastarem-se da água.

Roran não era espadachim por isso não fez qualquer esforço para lutar com os seus oponentes. Em vez disso, permitiu que eles atingissem o seu escudo as vezes que quisessem, usando o martelo para lhes partir os ossos a seguir. De vez em quando tinha de aparar um golpe ou uma estocada, mas evitava trocar mais do que alguns golpes com qualquer pessoa, pois sabia que em breve a sua falta de experiência se revelaria fatal. O melhor estratagema de luta que descobrira, não consistia em elegantes floreios de espada nem fintas complicadas que levavam anos para dominar, mas sim em tomar a iniciativa e fazer o que o seu inimigo menos esperasse.

Libertando-se da luta, Roran correu em direção às escadas que conduziam ao passadiço onde os arqueiros estavam ajoelhados disparando sobre os homens que saíam rapidamente das barcaças.

Roran subiu os degraus três a três, brandiu o martelo e atingiu o primeiro arqueiro em cheio na cara. O soldado seguinte já tinha disparado a sua besta, por isso largou-a e alcançou o punho da espada curta, recuando ao fazê-lo.

O soldado só conseguiu desembainhar parcialmente a espada, antes de Roran o atingir no peito e lhe partir as costelas. Uma das coisas que Roran apreciava na luta com o martelo era o fato de não ter de dar grande atenção ao tipo de armadura que os adversários usavam. Um martelo, como qualquer arma que não era pontiaguda, infligia ferimentos pela força do impacto e não retalhando ou perfurando a carne. A simplicidade da abordagem lhe agradava.

O terceiro soldado que estava no passadiço conseguiu disparar em direção a ele um quadrelo, antes que ele desse outro passo. Desta vez a haste do quadrelo atravessou parcialmente o escudo e quase lhe furou o peito. Afastando a ponta letal o mais possível do corpo, Roran atacou o homem, tentando atingi-lo no ombro. O soldado usou a besta para aparar o ataque, por isso Roran aplicou-lhe de seguida um golpe enviesado com o escudo, e o soldado caiu do corrimão do passadiço, gritando e esperneando.

Contudo, essa manobra deixou-o totalmente exposto e, quando olhou para os cinco soldados que restavam no passadiço, viu três deles apontando diretamente para o seu coração.

Os soldados dispararam.

Precisamente antes de o trespassarem, os quadrelos desviaram-se para a direita roçando pelas paredes enegrecidas como vespas gigantes. Roran sabia que fora Carn que o salvara e decidiu que arranjaría uma forma de agradecer ao feiticeiro, quando já não corressem perigo de vida.

Roran atacou os soldados que restavam e despachou-os com uma rajada de golpes violentos, como se martelasse uma série de pregos tortos. Depois partiu o quadrelo preso ao escudo e virou-se para ver como estava evoluindo a batalha lá em baixo. O último soldado das docas acabava de cair no chão manchado de sangue, com a cabeça rolando para longe do corpo, tombando no canal, onde se afundou por baixo de uma coluna de bolhas.

Cerca de dois terços dos Varden tinham desembarcado e estavam reunindo-se em fileiras ordenadas à beira da água. Roran abriu a boca com a intenção de lhes ordenar que se afastassem do canal — para que os homens que ainda estavam nas barcaças tivessem mais espaço para sair —, quando as portas na parede da esquerda se abriram, subitamente, e uma horda de soldados entrou no pátio. *Raios! De onde vieram eles? Quanto soldados tem aqui?*

No momento em que Roran se encaminhou para as escadas para ajudar os seus homens a confrontarem os recém-chegados, Carn — que estava ainda na parte da frente das barcas em linha — ergueu os braços, apontou para os soldados atacantes, e gritou uma série de palavras ásperas e distorcidas na língua antiga. Ao proferir a sua ira terrível, dois sacos de farinha e um pedaço de ardósia voaram das barcas contra as hostes compactas de soldados, matando mais de uma dúzia. Ao terceiro ou quarto impacto, os sacos rebentaram-se e abriram-se, projetando nuvens ondulantes de farinha cor de marfim sobre os soldados, cegando-os e sufocando-os.

Segundos depois, viu-se um clarão de luz junto da parede, atrás dos soldados, e uma enorme bola de fogo rodopiante, alaranjada, carregada de fuligem, percorreu as nuvens de farinha, devorando vorazmente o fino pó e produzindo um ruído semelhante a vinte bandeiras a esvoaçar sob um vento forte. Roran escondeu-se atrás do escudo e sentiu um calor abrasador nas pernas e nas faces enquanto a bola de fogo se consumia a si mesma, apenas a alguns metros do passadiço. Partículas de pó incandescentes desfaziam-se em cinzas, flutuando para o chão: uma chuva negra e lúgubre apenas adequada a um funeral.

Logo que a obscura luz se desvaneceu, Roran ergueu cautelosamente a cabeça. Um fio de fumaça quente e malcheiroso irritou-lhe as narinas, fazendo-lhe arder os olhos e ele concluiu, sobressaltado, que tinha a barba queimada. Praguejou e largou o martelo, batendo nas pequenas chamas vorazes até as extinguir.

— Eh! — gritou ele a Carn. — Você queimou a minha barba! Vê se tem mais cuidado, senão mando espetar a sua cabeça em um pau!

A maioria dos soldados estavam enroscados no chão, com o rosto queimado aninhado nas mãos. Outros esbracejavam com as roupas ardendo em chamas, ou brandiam cegamente as armas, em círculos, tentando defender-se de eventuais ataques dos Varden. Mas os homens de Roran pareciam ter escapado apenas com queimaduras ligeiras — a maioria estava fora do raio de ação da bola de fogo, embora o inesperado incêndio os tivesse deixado desorientados e vacilantes.

— Parem de olhar espantados e vão atrás daqueles patifes que estão ali desorientados, antes que eles se recuperem! — ordenou Roran, batendo com o martelo no corrimão para ter a certeza de que seus homens prestavam atenção.

Os Varden ultrapassavam largamente os soldados em número e, quando Roran chegou ao fundo das escadas, já tinham matado três quartos das tropas defensoras. Delegando aos seus guerreiros, mais do que capazes a

eliminação dos poucos soldados que restavam, Roran encaminhou-se para as grandes portas duplas, à esquerda do canal — suficientemente largas para acomodar duas carroças lado a lado — cruzando-se, no caminho, com Carn que estava sentado na base da plataforma do guindaste, comendo, de uma bolsa de couro que trazia sempre consigo. Roran sabia que a bolsa continha uma mistura de banha de porco, mel, fígado de vaca em pó, coração de cordeiro e bagas. A única vez que Carn lhe dera um pouco para provar quase vomitara, mas mesmo em pequenas quantidades, a mistura conseguia manter um homem em pé, trabalhando duro o dia inteiro. Para seu constrangimento, o feiticeiro parecia exausto.

— Consegue continuar? — perguntou Roran, parando junto dele. Carn acenou com a cabeça:

— Preciso apenas de um momento... Os quadrelos no túnel e depois os sacos de farinha e o pedaço de ardósia... — Levou mais um pedaço de comida à boca. — Foi um pouco demais de uma só vez. Mais tranquilo, Roran começou a afastar-se, mas Carn segurou-o pelo braço.

— Não fui eu — disse ele, franzindo os olhos com uma expressão divertida. — Não fui eu que queimou sua barba, quero dizer. Devem ter sido as tochas que pegaram fogo. Roran roncou e continuou a andar em direção às portas.

— Formar! — gritou, batendo no escudo com a parte lateral do martelo. — Baldor e Delwin, vocês vêm à frente comigo. Os outros alinham-se atrás de nós. Escudos para fora, armas em punho e flechas armadas. É provável que Halstead ainda não saiba que estamos na cidade, portanto não deixem escapar ninguém que possa avisá-lo.... Estão prontos? Muito bem, sigam-me!

Juntos, Roran e Baldor — que tinha as faces e o nariz vermelhos da explosão — destrancaram as portas e abriram-nas, revelando o interior de Aroughs.

Pó e Cinzas

Dúzias de edifícios com as paredes laterais de gesso aglomeravam-se em torno dos portões da muralha exterior da cidade, onde o canal entrava em Aroughs. Todos os edifícios — frios e pouco convidativos devido ao olhar vazio das suas janelas escuras — pareciam ser armazéns ou instalações para armazenagem, o que aliado ao fato de ser ainda muito cedo significava que seria pouco provável que alguém tivesse percebido o confronto dos Varden com os guardas. De qualquer modo Roran não tinha intenção de ficar ali para ter a certeza.

Raios nebulosos do sol nascente estendiam-se horizontalmente pela cidade, dourando o topo das torres, ameias, cúpulas e telhados inclinados. As ruas e as vielas estavam envoltas em sombras cor de prata embaciada e a água no canal ladeado de pedras estava escura, sombria e manchada de sangue. Uma estrela solitária brilhava lá no alto como uma centelha furtiva no manto azul, cada vez mais claro, onde a luminosidade crescente do sol extinguiu todas as outras jóias noturnas. E os Varden avançaram, roçando com as botas na rua de paralelepípedos.

Um galo cantou à distância.

Roran conduziu-os através do labirinto de edifícios em direção à muralha interior da cidade, mas nem sempre escolhendo o caminho mais óbvio ou mais direto, a fim de reduzir as hipóteses de se depararem com alguém nas ruas. As vielas por onde seguiam eram estreitas e escuras e, por vezes, era difícil ver onde punham os pés. As sarjetas estavam atoladas de imundície e o fedor encheu-o de asco, fazendo-o desejar os campos abertos a que estava habituado.

Como alguém pode suportar viver nestas condições?, perguntou a si mesmo. *Nem os porcos chafurdam na sua própria imundície.*

Já longe da muralha exterior, os edifícios davam lugar a casas e lojas: altas, guarnecidas de traves mestras, com paredes brancas, caiadas e com apliques de ferro forjado nas portas. Por trás das janelas trancadas, Roran ouvia por vezes o som de vozes, o ruído de pratos ou de uma cadeira arranhando o chão de madeira ao ser arrastada. *Estamos ficando sem tempo*, pensou. Mais alguns minutos e as ruas iriam se encher com os habitantes de Aroughs.

Como que satisfazendo a sua previsão, dois homens saíram de uma viela em frente a coluna de guerreiros. Ambos habitantes da cidade traziam traves sobre os ombros com baldes de leite fresco, pendurados em cada ponta.

O homem parou surpreso ao ver os Varden, vertendo um poço de leite dos baldes. Os dois arregalaram os olhos e abriram a boca preparando-se para dizer algo. Roran deteve-se tal como as tropas atrás de si.

— Se gritarem, vamos matá-los — ameaçou ele, brandamente, num tom amigável.

Os homens estremeceram e afastaram-se ligeiramente. Roran deu um passo a frente.

— Se correrem vamos matá-los. — Sem tirar os olhos dos dois homens assustados, ele proferiu o nome de Carn e quando o feiticeiro se colocou ao seu lado, disse:

— Coloque-os para dormir, se você puder.

O feiticeiro apressou-se a recitar uma frase na língua antiga, que terminava com uma palavra semelhante a *slytha*, e os dois homens caíram inertes no chão, entornando os baldes ao tombarem nos paralelepípedos. O leite cobriu a rua, formando uma delicada teia de veias brancas, ao assentar nos sulcos entre as pedras da calçada.

— Arrastem eles para um canto onde não os possam ver — disse Roran.

Assim que os guerreiros tiraram os dois homens inconscientes do caminho, Roran ordenou de novo aos Varden que avançassem. E retomaram a marcha apressada em direção à muralha interior. Contudo, não tinham ainda percorrido trinta metros, quando deram de cara com um grupo de quatro soldados, ao virar uma esquina.

Desta vez Roran foi impiedoso. Correndo ao longo do espaço que os separava enquanto os soldados tentavam ainda entender o que se passava, enterrou a lâmina chata do martelo na base do pescoço do que vinha à frente. Baldor matou igualmente um dos outros soldados, brandindo a espada com uma força que poucos homens poderiam igualar, fruto de anos de trabalho na forja do pai.

Os dois últimos soldados guincharam, alarmados, deram meia volta e fugiram. Uma flecha passou pelo ombro de Roran vinda de trás, atingindo um dos soldados nas costas e atirando-o ao chão. Momentos depois, Carn gritou:

— “Jierda!” — O pescoço do último soldado partiu-se com um estalido audível e ele tombou para a frente, caindo imóvel no meio da rua.

O soldado com a flecha espetada começou a gritar.

— Os Varden estão aqui! Os Varden estão aqui! Dêem o alarme, os... Desembainhando a adaga, Roran correu para ele e cortou-lhe a garganta. Limpou a lâmina na túnica do homem e depois levantou-se e disse.

— Avancem, agora!

E os Varden correram pelas ruas, em direção à muralha interior de Aroughs, como se fossem um só. Quando estavam a apenas trinta metros, Roran parou numa viela, atrás de uma casa, e ergueu a mão, fazendo sinal aos homens para esperarem. Depois avançou cautelosamente ao longo da parte lateral da casa e espreitou pela esquina, olhando para o portão suspenso, instalado na alta muralha de granito.

O portão estava fechado. Contudo, uma pequena porta de saída, à esquerda do portão, estava escancarada. No instante em que a observava, um soldado saiu por lá correndo, encaminhando-se para o extremo oeste da cidade. Roran praguejou para si ao olhar para a porta de saída. Não estava disposto a desistir. E muito menos depois de terem chegado até ali. Estavam numa posição cada vez mais precária e ele não tinha qualquer dúvida de que lhes restavam apenas alguns minutos, antes que a hora do recolher terminasse e todos ficassem sabendo da sua presença.

Recuou pela parte lateral da casa e baixou a cabeça, ponderando intensamente.

— Mandel — disse, estalando os dedos. — Delwin, Carn e vocês três. — E apontou para três guerreiros de aspeto feroz. Os homens mais velhos que, pela idade, deviam ter um jeitinho especial para ganhar batalhas. — Venham comigo! Baldor, você fica encarregado dos outros. Se não voltarmos, coloquem-se a salvo. É uma ordem!

Baldor acenou afirmativamente, com uma expressão sombria. Roran contornou a via principal que conduzia ao portão até chegarem à base da muralha inclinada, coberta de lixo, a uns quinze metros do portão suspenso e da porta de saída aberta.

Havia um soldado em cada uma das torres do portão, mas naquele momento nenhum era visível, pelo que não conseguiriam ver Roran nem os seus companheiros se aproximando, a menos que pusessem a cabeça para fora das muralhas.

Roran sussurrou:

— Logo que entrarmos pela porta, você, você e você — apontou para Carn, Delwin e para um dos outros guerreiros — vão para a casa dos

guardas, do outro lado, o mais depressa que puderem. Nós ficaremos com a mais próxima. Façam o que for necessário, mas abram aquele portão. Só deve haver uma roda para girar, caso contrário teremos de trabalhar juntos para o abrir. Por isso nem pensem em morrer. Preparados?... Agora!

Correndo o mais silenciosamente possível, Roran percorreu a toda velocidade a muralha e virou de repente, entrando pela porta. Diante dele tinha uma câmara de seis metros de comprimento que dava acesso a uma grande praça, com uma fonte em baixa no meio. Homens elegantemente vestidos andavam de um lado para outro na praça, muitos deles com pergaminhos nas mãos. Ignorando-os, Roran virou para uma porta fechada, que abriu com a mão, resistindo à tentação de a arrombar com um pontapé. Do lado de lá da porta havia uma sala de guardas, decrépita, com uma escada em caracol embutida na parede.

Correu pelas escadas acima e depois de um único lance circular, deu consigo numa sala de teto baixo onde estavam cinco soldados fumando e jogando dados, numa mesa junto de um enorme guincho envolto em correntes mais grossas do que seu braço.

— Saudações! — disse Roran numa voz grave e autoritária. — Tenho uma mensagem muito importante para dar a vocês. Os soldados hesitaram, levantando-se depois, subitamente, e puxando para trás os bancos onde estavam sentados. As pernas de madeira chiaram, ao arrastarem pelo chão.

Tarde demais. Por mais breve que fosse, a hesitação foi o suficiente para que Roran cobrisse a distância que os separava, antes que os soldados conseguissem desembainhar as armas. Roran gritou e correu para o meio deles, brandindo o martelo à esquerda e à direita e encurralando os cinco homens a um canto. Depois, Mandel e dois outros guerreiros foram para o seu lado, de espadas cintilantes, e juntos acabaram rapidamente com os guardas.

Roran cuspiu no chão junto ao corpo trêmulo do último guarda e disse:

— Não confiem em estranhos.

A luta poluíra a sala com uma série de odores horríveis que pareciam grudar no corpo de Roran como uma manta grossa e pesada, composta das substâncias mais desagradáveis que lhe era possível imaginar. Mal conseguia respirar sem vomitar, por isso tapou o nariz e a boca com a manga da túnica, na tentativa de suprimir alguns dos odores.

Aproximaram-se os quatro do guincho, com cuidado, para não escorregarem nas poças de sangue, examinando-o por alguns momentos, a fim de tentarem descobrir como funcionava. Roran virou-se e ergueu o

martelo ao ouvir metal tilintando e, depois, o rangido alto de um alçapão de madeira sendo aberto, seguido do ruído de passos de um soldado que descia a escada em caracol, vindo da torre do portão que ficava por cima.

— Taurin, o que raio vai... — A voz do soldado morreu na sua garganta e ele deteve-se no meio das escadas, ao ver Roran e os seus companheiros, bem como os corpos mutilados em um canto. Um guerreiro à direita de Roran arremessou a lança no soldado, mas este abaixou-se e a lança bateu na parede, por cima dele. O soldado praguejou e voltou a subir pelas escadas, com mãos e pés no chão, desaparecendo numa curva da parede.

Momentos depois, o alçapão fechou-se com um estrondo reverberante. Depois ouviram o soldado soprando uma trompa e gritando avisos frenéticos às pessoas que estavam na praça. Roran franziu a testa e voltou para junto do guincho.

— Deixem — disse, enfiando o martelo por baixo do cinto.

Encostou-se à roda travada, utilizada para subir e descer o portão suspenso, e empurrou-a com toda a força, forçando todos os seus músculos. Os outros homens uniram esforços com ele e a roda começou a girar muito lentamente. A roda dentada na parte lateral do guincho produzia ruidosos estalidos, enquanto a enorme garra de madeira deslizava sobre os dentes, em baixo.

O esforço necessário para mover a roda diminuiu consideravelmente alguns segundos depois, o que Roran atribuiu à equipe que mandara infiltrar-se na outra casa dos guardas. Não se deram ao trabalho de abrir totalmente o portão suspenso e, depois de meio minuto a gemer e a suar, os ferozes gritos de guerra dos Varden chegaram aos seus ouvidos, à medida que os homens que esperavam lá fora corriam pelo portão e entravam na praça.

Roran largou a roda e voltou a tirar o martelo, encaminhando-se para a escada, seguido de perto pelos outros. Fora da casa dos guardas, viu Carn e Delwin no instante em que estes saíam da estrutura, do outro lado do portão. Nenhum parecia estar ferido, mas Roran reparou que o guerreiro mais velho que os acompanhara, não estava lá.

Enquanto esperavam que o grupo de Roran voltasse a se reunir a eles, Baldor e o resto dos Varden organizaram-se num bloco compacto de homens, no extremo da praça. Estavam formados ombro a ombro, em cinco fileiras, com os escudos sobrepostos.

Ao correr devagar para junto deles, Roran viu um grande contingente de soldados sair de entre os edifícios, do lado oposto da praça. Os soldados colocaram-se em formação defensiva, orientando as lanças e pontas para

fora, o que lhes dava a aparência de uma almofadinha baixa e comprida, coberta de agulhas. Calculou que fossem cerca de cento e cinquenta soldados — um número que os seus guerreiros poderiam certamente vencer, mas que lhes custaria tempo bem como a vida de alguns homens.

Ficou ainda mais desmoralizado, quando o feiticeiro de nariz adunco que vira no dia anterior se colocou à frente das fileiras de soldados e abriu os braços por cima da cabeça, com auréolas de luz negra a crepitar em torno de cada uma das mãos. Roran aprendera o suficiente de magia com Eragon para saber que as faíscas, provavelmente, eram mais para dar espetáculo do que outra coisa. Independentemente disso, não tinha qualquer dúvida que o feiticeiro inimigo era tremendamente perigoso.

Carn alcançou os soldados da frente, segundos depois de Roran. Carn, Roran e Baldor olharam para o feiticeiro e para a coluna de soldados reunida do lado oposto.

— Você pode matá-lo? — perguntou Roran, baixinho, para que os homens atrás de si não o ouvissem.

— Tenho de tentar, não é? — respondeu Carn, limpando a boca com as costas da mão. Tinha o rosto coberto de suor.

— Podemos atacá-lo, se quiser. Ele não consegue matar todos nós antes de esgotarmos as proteções e trespassarmos o seu coração com uma espada.

— Você não sabe isso ao certo... Não, isto é responsabilidade minha e sou eu que tenho de tratar do assunto.

— Podemos fazer alguma coisa para ajudar? Carn deu uma gargalhada nervosa.

— Podem disparar algumas flechas sobre dele. Apará-las poderá enfraquecê-lo o suficiente para que cometa um erro. Mas, seja o que for que decidam fazer, não se metam entre nós... Será perigoso para vocês e para mim. Roran passou o martelo para a mão esquerda, colocando a mão direita no ombro de Carn.

— Vai correr tudo bem. Lembra-se que ele não é muito esperto. Se já o enganou antes, pode enganar outra vez.

— Eu sei.

— Boa sorte.

Carn acenou uma vez, encaminhando-se para a fonte no centro da praça. A luz do sol atingira a coluna saltitante de água, que cintilava como mãos cheias de diamantes atirados ao ar. O feiticeiro de nariz adunco encaminhou-

se também para a fonte, acertando passo com Carn até ficarem apenas a seis metros um do outro, altura em que ambos pararam.

Do lugar onde Roran estava, Carn e o seu adversário pareciam estar falando um com o outro, mas estavam muito longe para ele entender o que estariam dizendo. Depois, ambos os feiticeiros ficaram rígidos, como se alguém os tivesse apunhalado.

Era disso que Roran estava à espera: um sinal de que estavam a confrontando-se mentalmente e conseqüentemente muito ocupados para dar atenção ao que os rodeava.

— Arqueiros! — gritou ele. — Vão para ali e para ali — disse ele, apontando para ambos os lados da praça. — Cravem o maior número de flechas possíveis naquele cão traidor. Mas não se atrevam a atingir Carn, ou vou dá-los vivos de comer para Saphira.

Os soldados remexeram-se constrangidos ao verem os dois grupos de arqueiros que avançavam até meio da praça, porém, nenhum dos soldados de vermelho, do exército de Galbatorix, saiu da formação ou avançou para confrontar os Varden.

Devem ter muita confiança naquela víbora de estimação, pensou Roran, preocupado. Dúzias de flechas castanhas, com penas de ganso, descreveram um arco, girando e assobiando na direção do feiticeiro inimigo e, por momentos, Roran esperou que estas o matassem. Contudo, todas elas se estilhaçaram e caíram no chão, a cerca de um metro e meio do homem de nariz adunco, como se tivessem batido contra uma parede de pedra.

Roran se balançou sobre os calcanhares, tenso demais para ficar quieto. Detestava ter de esperar, sem fazer nada, enquanto o amigo arriscava a vida. Além disso, a hipótese de Lord Halstead perceber o que estava acontecendo e planejar uma resposta eficaz, aumentava a cada minuto que passava. Para evitarem ser esmagados pelas forças superiores do Império, os homens de Roran teriam que apanhar os seus inimigos desprevenidos, sem saberem para onde se virar ou o que fazer.

— Atenção! — disse ele, virando-se para os guerreiros. — Vamos lá ver se conseguimos fazer algo de útil enquanto Carn luta para nos salvar a pele. Vamos flanquear aqueles soldados. Metade vem comigo e os restantes seguem Delwin. Eles não podem bloquear todas as ruas. Por isso você e seus homens vão tentar passar pelos soldados, dar a volta e atacá-los por trás, Delwin. Nós devemos mantê-los ocupados nesta frente, para que não ofereçam muita resistência. Se alguns soldados tentarem fugir, deixem que

fujam. Demandaria muito tempo para matar todos. Entendido?... Vão, vão, vão!

Os homens separam-se rapidamente em dois grupos. Roran comandou os seus homens, correndo para o extremo direito da praça, e Delwin fez o mesmo, do lado esquerdo.

Quando ambos os grupos estavam quase alinhados com a fonte, Roran viu o feiticeiro inimigo olhar na direção dele. Foi apenas um breve olhar, um olhar passageiro, de soslaio. Fosse intencional ou não, a distração pareceu produzir um efeito imediato no duelo entre ele e Carn, pois ao desviar o olhar para Carn, o esgar feroz do homem de nariz adunco, deu lugar a uma expressão de pasmo doloroso. As veias da sua testa franzida e do seu pescoço seco começaram a dilatar-se e todo o rosto adquiriu um tom afogado, vermelho escuro, como se estivesse tão cheio de sangue que fosse rebentar.

— Não! — gemeu o homem, gritando depois algo na língua antiga que Roran não conseguiu entender.

Uma fração de segundo depois, Carn gritou também algo e ambas as vozes se sobrepuseram por instantes, numa mistura de tal forma aflitiva de terror, desolação, ódio e fúria que Roran percebeu no fundo do seu ser que o duelo correria terrivelmente mal.

Carn desapareceu num clarão de luz azul e, depois, uma cobertura branca, semelhante a uma abóbada, explodiu no local onde ele estava, expandindo-se pela praça, sem que Roran tivesse sequer tempo de piscar os olhos.

O mundo ficou negro. Roran sentiu um calor insuportável e tudo girou e ondulou ao seu redor, ao mergulhar num espaço sem forma. O martelo foi arrancado da sua mão e ele sentiu uma dor dilacerante na parte lateral do joelho direito. Depois lhe bateram com um objeto duro na boca e ele sentiu um dente soltar-se, enchendo a boca de sangue.

Quando finalmente parou, ficou onde estava, de barriga para baixo, abalado demais para se mexer. Recuperou gradualmente os sentidos e viu a superfície macia, cinzenta esverdeada, de uma pedra do pavimento, por baixo do nariz. Cheirou a argamassa de chumbo que rodeava a pedra e começou a sentir as dores e contusões por todo o corpo, exigindo a sua atenção. O único ruído que ouvia era o bater do seu coração.

Um pouco do sangue que tinha na boca e na garganta entrou nos pulmões quando voltou a inspirar. Desesperado para respirar, tossiu e sentou-se direito, cuspidando escarros negros. Viu um dos seus incisivos voar e

saltar na pedra do pavimento, parecendo assustadoramente branco em contraste com as manchas de sangue que cuspira. Apanhou-o e o examinou; a ponta do incisivo estava lascada, mas a raiz parecia intacta, por isso lambeu o dente e voltou a encaixá-lo no buraco das gengivas, retraindo-se ao tocar na carne dolorida.

Apoiou-se no chão e se levantou. Fora atirado contra a soleira da porta de uma das casas que ladeavam a praça e os seus homens estavam espalhados ao seu redor, de pernas e braços torcidos, sem elmos e sem espadas.

Roran sentiu-se mais uma vez grato por usar um martelo, pois alguns dos Varden tinham se golpeado ou ao companheiro que os protegia, no decurso do tumulto.

Martelo? Onde está o meu martelo?, pensou, tardiamente. Procurou no chão até ver o cabo da arma debaixo das pernas de um guerreiro que estava ali perto. Puxou-o e depois virou-se para observar a praça.

Tanto os soldados com os Varden tinham sido projetados pelo ar e estavam estatelados no chão. Tudo o que restava da fonte era uma pilha de escombros de onde a água jorrava, em intervalos regulares. Junto desta, no local onde Carn estava, jazia um cadáver mirrado e enegrecido, com os membros fumegantes, crispados, como os de uma aranha morta. O corpo estava de tal forma carbonizado e esburacado que era quase impossível reconhecer nele algo outrora vivo e humano. Inexplicavelmente, o feiticeiro de nariz adunco, continuava no mesmo lugar, embora a explosão o tenha despidido das roupas exteriores, deixando-o apenas de ceroulas.

Uma raiva incontrollável apossou-se de Roran. Sem pensar na sua sobrevivência, cambaleou até ao centro da praça, determinado a matar o feiticeiro de uma vez por todas.

O feiticeiro de tronco nu não se mexeu, nem mesmo quando Roran se aproximou. Roran ergueu o martelo e desatou a correr, tropegamente, entoando um grito de guerra que conseguia ouvir apenas vagamente. Ainda assim, o feiticeiro não fez qualquer gesto para se defender. Na verdade, Roran percebeu que o feiticeiro não se movera um centímetro que fosse desde a explosão. Era como se fosse uma estátua e não um homem. A aparente indiferença do feiticeiro à aproximação de Roran compeliu-o a ignorar o estranho comportamento do homem — ou ausência de comportamento, como era o caso —, atingindo-o na cabeça antes que ele se recuperasse do estranho estupor que o afligia.

Contudo, a cautela de Roran venceu o seu desejo de vingança, fazendo-o parar a menos de um metro e meio do feiticeiro.

E ainda bem que o fez.

Embora o feiticeiro lhe parecesse normal à distância, ao vê-lo de perto, Roran reparou que a sua pele estava flácida e enrugada como a de um homem com o triplo da idade, tendo adquirido uma textura áspera e coriácea. A cor da pele também escurecera e continuava a escurecer a cada momento que passava, como se todo o corpo tivesse sido fustigado pela geada.

O peito do homem movia-se e os seus olhos giravam nas órbitas, revelando a parte branca mas, para além disso, parecia incapaz de se mover. Enquanto Roran o observava, os braços, o pescoço e o peito do homem começaram a mirrar e os ossos apareceram em alto relevo — desde a curva das clavículas, semelhante a um arco de flechas, à parte côncava das ancas, com o estômago pendurado como um cantil de pele vazio. Os lábios enrugaram-se e recuaram mais do que era devido, expondo-lhe os dentes amarelos, num esgar horrendo, os olhos esvaziaram-se como carrapatos inchados cujo sangue estivesse a ser sugado, e a pele ao redor afundou-se.

A respiração do homem — um estertor agudo e apavorado semelhante ao ruído de uma serra — falhou nessa altura, mas não cessou por completo.

Roran recuou, horrorizado. Sentiu algo escorregadio por baixo das botas e olhou para baixo, vendo que estava em cima de uma poça de água cada vez maior. A princípio pensou que seria da fonte destruída, mas depois reparou que a água fluía dos pés do feiticeiro paralisado.

Roran praguejou, enojado, e saltou para uma parte seca do chão. Ao ver a água, percebeu o que Carn fizera, e o horror que sentia, já de si intenso, aumentou. Ao que parece, Carn lançara um feitiço que drenava toda a umidade do corpo do feiticeiro.

Numa questão de segundos, o feitiço reduziu o homem a um esqueleto nodoso, envolto numa carapaça de pele negra e rija, mumificando-o como se tivesse sido abandonado durante cem anos no Deserto de Hadarac, à mercê do vento, do sol e das areias em movimento. Embora já estivesse certamente morto nessa altura, não caiu, pois a magia de Carn mantinha-o de pé: um medonho espectro sorridente, equiparável ao que de mais horrendo Roran vira até então nos seus pesadelos ou no campo de batalha — o que ia dar mais ou menos no mesmo.

Depois, a superfície do corpo desidratado do homem perdeu os contornos, desfazendo-se num pó fino, cinzento, que se ia abatendo em cortinas diáfanas e ficava a flutuar na água, em baixo, como as cinzas de um

fogo de uma floresta. Depressa se seguiram os músculos e os ossos, depois os órgãos convertidos em pedra e, finalmente, o que restava do feiticeiro de nariz adunco desfez-se, deixando apenas no seu lugar um pequeno amontoado cônico de pó, a voar da poça de água que outrora lhe sustentara a vida.

Roran olhou para o cadáver de Carn, mas desviou imediatamente os olhos, incapaz de suportar aquela imagem. *Pelo menos você se vingou dele.* Depois, concluindo que era muito doloroso pensar no assunto, procurou abstrair-se da morte do amigo, concentrando-se no seu problema mais imediato: os soldados no extremo sul da praça, que começavam a se levantar do chão.

Roran viu os Varden fazerem o mesmo.

— Ei! — gritou ele. — Sigam-me! Jamais teremos uma oportunidade tão boa. — Apontou para alguns dos seus homens visivelmente feridos. — Os ajudem a se levantar e os coloquem no meio da formação. Não deixaremos ninguém para trás. Ninguém! — Seus lábios e a boca estremeciam ao falar e a cabeça doía como se tivesse passado a noite inteira bebendo.

Os Varden animaram-se ao ouvir a sua voz e apressaram-se a se reunir com ele. Depois de se agruparem numa ampla coluna atrás dele, Roran tomou a sua posição na linha de frente, entre Baldor e Delwin, ambos com arranhões ensanguentados da explosão.

— Carn morreu? — perguntou Baldor. Roran acenou com a cabeça e ergueu o escudo tal como os outros homens, formando uma parede sólida, virada para fora.

— Então, rezemos para que Halstead não tenha outro feiticeiro escondido em algum lugar por aí — murmurou Delwin. Depois de os Varden formarem, Roran gritou:

— Em frente, marchar! — E os guerreiros percorreram o resto do pátio.

Fosse pelo fato da sua liderança ser menos eficiente que a dos Varden ou porque a explosão os afetara mais, os soldados do Império não conseguiram se recuperar tão depressa e estavam ainda desorganizados quando os Varden os atacaram.

Roran gemeu e deu um passo cambaleante para trás, ao sentir uma lança enterrar-se no escudo, entorpecendo seu braço e puxando-o para baixo com o peso. Ele esticou um braço e roçou com o martelo pela face do escudo. O martelo bateu na haste da lança mas esta não se mexeu.

Um soldado que estava à sua frente, talvez o mesmo que atirara a lança, aproveitou a oportunidade para correr para ele e brandir a espada na direção do seu pescoço. Roran tentou erguer o escudo com a lança alojada nele, mas estava muito pesado e difícil de manejar para poder se proteger com ele, por isso usou o martelo na tentativa de golpear a espada. Contudo, a espada era quase impossível de se ver, do lado do gume, o que o impediu de aparar o golpe na altura certa e o martelo falhou o alvo. Poderia ter morrido nessa altura, só que bateu com os nós dos dedos na parte chata da lâmina, desviando-a uns centímetros para o lado.

Um fio de dor intensa como fogo percorreu o ombro direito de Roran, descendo pelo flanco como um relâmpago de pontas aguçadas, e ele viu clarões amarelos diante dos olhos. O joelho direito cedeu e caiu para a frente.

Viu pedra debaixo de si. Os pés e as pernas ao seu redor mantinham-no preso, impedindo-o de rolar para um local mais seguro. O seu corpo estava lento e parecia não reagir, como se estivesse preso em mel. *Estou muito lento, estou muito lento*, pensou, lutando para libertar o braço do escudo e voltar a se levantar. Se ficasse no chão seria golpeado ou pisado. *Estou muito lento!* Depois viu um soldado cair à sua frente, agarrado à barriga e, segundos depois, alguém o puxou pelo colarinho da cota de malha, ajudando-o a levantar e segurando-o enquanto ele recuperava o equilíbrio. Era Baldor. Torcendo o pescoço, Roran olhou para o lugar onde o soldado o atingira. Cinco elos da sua cota de malha estavam abertos, mas para além disso a armadura aguentara o impacto. Apesar do sangue que lhe escorria do rasgão e da dor que sentia no pescoço e no braço, não achava que o ferimento fosse grave e também não tinha intenção de parar para ver. O braço direito ainda funcionava — pelo menos o suficiente para continuar a lutar — e, naquele momento, era tudo o que lhe interessava. Alguém lhe passou um escudo para substituir o anterior. Ele colocou-o com um ar solene e continuou a incitar os homens a avançar, forçando os soldados a recuar ao longo da rua que saía da praça.

Confrontados com a força esmagadora dos Varden, os soldados não tardaram a ceder e a fugir, escapando pela miríade de ruas laterais e vielas que confluíam na estrada principal. Nessa altura, Roran fez uma pausa e mandou cinquenta dos seus homens voltarem para trás para fecharem o portão suspenso e a porta de saída, guardando-os de quaisquer inimigos que tentassem seguir os Varden até ao coração de Aroughs. A maior parte dos soldados da cidade deviam estar estacionados perto da muralha exterior, para repelir sitiantes, e Roran não estava com disposição de os enfrentar em

campo aberto. Seria um suicídio fazê-lo, atendendo às dimensões das tropas de Halstead.

Daí em diante, os Varden enfrentaram fraca resistência, ao avançarem pela parte interior da cidade até ao enorme e bem equipado palácio, onde Lord Halstead governava. Diante do palácio, que se erguia vários andares acima do resto de Aroughs, havia um grande pátio com um lago artificial com gansos e cisnes. O palácio era uma bela estrutura ornamentada, com arcos abertos, colunatas e amplas varandas concebidas para danças e festas. Ao contrário do castelo no coração de Belatona, este fora obviamente construído como local de lazer e não com propósitos defensivos. *Devem ter pensado que ninguém conseguiria passar pelas muralhas*, pensou Roran. Várias dúzias de guardas e de soldados no pátio atacaram os Varden às cegas, mal os viram, entoando gritos de guerra durante todo o tempo.

— Mantenham-se em formação! — ordenou Roran, enquanto os homens corriam na direção deles. Durante um minuto ou dois, o ruído do choque das armas inundou o pátio. Os gansos e os cisnes grasnavam alarmados com o tumulto e batiam as asas, mas nenhum se atrevia a sair do lago.

Os Varden não tardaram a esmagar os soldados e os guardas, invadindo depois a entrada do palácio. A decoração do palácio era de tal forma rica — pinturas nas paredes e tetos, molduras douradas, mobílias trabalhadas e chão ladrilhado com desenhos — que Roran teve dificuldade em absorver tudo de uma vez. A fortuna necessária para construir e manter um edifício daqueles era algo inconcebível para ele. Uma só cadeira daquele salão principal valia mais do que a casa onde crescera.

Através de uma porta aberta Roran viu três criadas correrem tão depressa quanto as saias lhes permitiam, por um longo corredor.

— Não as deixem fugir! — exclamou ele.

Cinco espadachins abandonaram o corpo principal dos Varden e correram atrás das mulheres, apanhando-as antes de chegarem ao fundo do corredor. As mulheres davam gritos ensurdecedores e debatiam-se ferozmente, tentando arranhar os seus captores, enquanto os homens as arrastavam para o local onde Roran os esperava.

— Basta! — gritou Roran, quando chegaram diante dele, e as mulheres pararam de se debater, embora continuassem a choramingar e a gemer. A mais velha das três, uma matrona robusta de cabelo prateado, preso num nó desalinhado no alto da cabeça, que trazia uma argola com chaves presa à cintura parecia a mais razoável, por isso Roran lhe perguntou:

— Onde está o Lord Halstead?

A mulher empertigou-se e levantou o queixo.

— Pode fazer o que quiser comigo, senhor, mas não trairei o meu amo.

Roran aproximou-se dela, até ficarem apenas a trinta centímetros de distância um do outro.

— Me escute com atenção — rosnou. — Aroughs caiu e você e todos os habitantes da cidade estão à minha mercê. Nada do que façam poderá modificar isso. Diga onde está Halstead e nós libertaremos você e as suas companheiras. Não o poderão salva-lo da sua desgraça, mas poderão salvar-se. — Os seus lábios rasgados estavam tão inchados que mal conseguia se fazer entender e, sempre que falava, cuspiam sangue.

— O meu destino não me interessa, senhor — disse a mulher com uma expressão tão determinada como qualquer guerreiro.

Roran praguejou e bateu com o martelo no escudo, produzindo um ruído áspero que ecoou ruidosamente no enorme corredor. As mulheres encolheram-se.

— Perdeu a cabeça? Será que Halstead ou o Império ou Galbatorix valem o sacrifício das suas vidas?

— Sobre Galbatorix e o Império nada sei dizer, senhor, mas Halstead sempre foi gentil com os criados e eu não permitirei que gente da sua laia o enforque. Não passam de escória ingrata e sebenta.

— Ai sim? — E olhou-a ferozmente. — Quanto tempo acha que consegue ficar calada se eu decidir autorizar os meus homens a arrancar de você a verdade?

— Você jamais me fará falar — declarou ela e ele acreditou.

— E elas? — perguntou, acenando com a cabeça para as outras mulheres, a mais jovem das quais não devia ter mais de dezessete anos. — Está disposta a deixar que as cortem aos bocados, só para salvar o seu amo? A mulher fungou desdenhosamente e depois disse:

— Lord Halstead está na ala leste do palácio. Siga por aquele corredor, percorra a Sala Amarela e o jardim de flores de Lady Galiana e vai encontrá-lo.

Roran ouviu desconfiado. Ela havia cedido muito rápida e facilmente, contrapondo a resistência que oferecera antes. Reparou também que enquanto ela falava as outras duas mulheres tinham reagido com surpresa e outra emoção que não conseguiu identificar. *Seria confusão?*, pensou. Fosse como fosse, as outras não tinham reagido como ele esperava, se a mulher de

cabelo prateado tivesse acabado de entregar o amo às mãos do inimigo. Estavam muito caladas, muito dóceis, como se escondessem alguma coisa.

Entre ambas, a menina era a que parecia menos capaz de esconder as suas emoções, por isso Roran abordou com toda a ferocidade possível.

— Você! Ela está mentindo, não está? Onde está Halstead? Diga! A menina abriu a boca e abanou a cabeça, incapaz de dizer uma palavra e tentando recuar, mas um dos guerreiros agarrou-a. Roran aproximou-se pesadamente dela, encostou-lhe o escudo ao peito, esvaziando-lhe os pulmões, e apoiou o seu peso nela, entalando-a entre si e o homem que estava atrás dela. Roran ergueu o martelo e tocou-lhe na face com ele.

— É muito bonita mas vai ter dificuldade em encontrar alguém para te fazer corte, a não ser velhos, se eu te partir os dentes da frente. Eu também perdi um dente hoje, mas consegui voltar a colocá-lo no lugar, vê? — E mostrou os dentes, certo que estava reproduzindo uma medonha aproximação de um sorriso. — Mas eu ficarei com os seus dentes para que não possa fazer o mesmo. Serão um belo troféu, não acha? — Fez um gesto ameaçador com o martelo.

A menina se encolheu e começou a chorar.

— Não! Por favor, senhor, eu não sei. Por favor! Ele estava nos aposentos dele reunido com os seus capitães, mas depois ele e Lady Galiana iam para as docas pelo túnel e...

— Thara, sua tola! — exclamou a matrona.

— Um navio estava lá à espera deles, sim, e eu não sei onde ele está agora, mas por favor não me espanque. Eu não sei mais nada, senhor e...

— Onde são os aposentos dele? — gritou Roran. E a menina lhe disse entre lágrimas.

— As libertem — disse, quando ela terminou, e as três mulheres começaram a correr pela entrada, batendo com os saltos rijos dos sapatos no chão polido.

Roran conduziu os Varden pelo enorme edifício, de acordo com as instruções da menina. Uma série de homens e mulheres, parcialmente vestidos, cruzaram com eles, mas nenhum parou para lutar. Ouviam-se gritos e guinchos por toda parte no palácio, a ponto de dar vontade de tapar os ouvidos.

No meio do caminho, passaram por um vestíbulo com uma estátua de um enorme dragão negro no meio. Roran perguntou-se se seria Shruikan, o dragão de Galbatorix. Ao passarem pela estátua, Roran ouviu um ruído

metálico e depois algo o atingiu nas costas. Caiu contra um banco de pedra, no caminho, e agarrou-se a ele. Dor. Uma dor agonizante, de enlouquecer, como nunca antes sentira, uma dor tão intensa que teria cortado uma mão para que passasse. Era como se estivessem encostando nele um atizador incandescente nas costas.

Não conseguia se mexer...

Não conseguia respirar... A menor mudança de posição era um tormento insuportável. Viu sombras diante dele e ouviu Baldor e Delwin gritarem. Depois Brigman estava também dizendo alguma coisa, embora Roran não conseguisse entender. Subitamente, a dor aumentou dez vezes mais e ele gritou, o que apenas a piorou. Fez um esforço supremo para ficar absolutamente imóvel. As lágrimas escorriam dos olhos fechados. Depois Brigman falou com ele.

— Você está uma flecha nas costas, Roran. Tentamos apanhar o arqueiro mas ele fugiu.

— Dói... — disse Roran, arquejante.

— Isso é porque a flecha atingiu uma costela, caso contrário, teria te atravessado. Você teve sorte por não ter se cravado um centímetro mais acima ou mais abaixo e por não ter atingido a coluna nem a espádua.

— Arranquem-na! — disse ele com dentes cerrados.

— Não podemos, a flecha tem uma cabeça farpada e não podemos puxá-la pelo outro lado. Teremos que te cortar para tirar. Eu tenho um certa experiência nisso, Roran. Se confiar em mim e me deixar usar a faca, poderei fazer isso aqui e agora. Ou se preferir poderemos esperar até encontrarmos um curandeiro. Deve ter um ou dois no palácio.

Embora detestasse a ideia de ficar à mercê de Brigman, Roran não aguentava mais a dor, por isso disse:

— Faz aqui... Baldor...

— Sim, Roran?

— Leva cinquenta homens e procura Halstead. Aconteça o que acontecer, ele não pode escapar. Delwin... fica comigo. Seguiu-se uma breve discussão entre Baldor, Delwin e Brigman, da qual Roran ouviu apenas algumas palavras. Depois, uma boa parte dos Varden abandonaram o vestíbulo, que ficou visivelmente mais sossegado.

Por insistência de Brigman, um grupo de guerreiros trouxe cadeiras de uma sala ali perto, partiram-nas aos bocados e acenderam uma fogueira no

caminho de cascalho junto da estátua. Colocaram a ponta de uma adaga no fogo, que Roran percebeu que Brigman iria utilizar para cauterizar o ferimento nas suas costas depois de remover a flecha, para ele não se esvair em sangue.

Ao se deitar no banco, rígido e trêmulo, Roran procurou controlar a respiração, respirando lenta e superficialmente para aplacar a dor e tentando libertar a mente de todos os pensamentos, por mais difícil que isso fosse. O que acontecera e o que estava para acontecer não interessava, apenas a entrada e a saída constante de ar das suas narinas importava.

Quase desmaiou quando quatro homens o ergueram do banco e o deitaram no chão de rosto virado para baixo. Alguém lhe colocou uma luva de couro na boca, piorando a dor no lábio rasgado, ao mesmo tempo que mãos ásperas lhe agarravam as pernas e os braços esticando-os o mais possível e imobilizando-os.

Roran olhou de relance para trás e viu Brigman ajoelhar-se junto dele, com uma faca curva, de caça, na mão. A faca começou a descer e Roran voltou a fechar os olhos e a morder a luva com força. Inspirou. Expirou. E o tempo e a memória cessaram para ele.

Interregno

Roran estava sentado, curvado sobre a beira da mesa, brincando com um cálice incrustado de jóias que observava com interesse. A noite tinha caído e a única luz no luxuoso quarto provinha de duas velas que estavam em cima de uma escrivaninha e do pequeno fogo que ardia na lareira, junto da cama de dossel vazia. Tirando o estalido ocasional da lenha ardendo, tudo estava em silêncio.

Uma brisa ligeiramente salgada entrava suavemente pelas janelas, separando as finas cortinas brancas. Roran virou o rosto para sentir a corrente de ar, acolhendo com agrado o ar fresco na pele febril.

Através da janela, a cidade de Aroughs estendia-se diante dele. Fogueiras de vigilância salpicavam as ruas, em cruzamentos, aqui e ali, para além disso a cidade estava escura e sossegada — incomumente escura e sossegada — pois todos os que podiam estavam escondidos em casa.

Quando a brisa cessou, bebeu outro gole do cálice, vertendo o vinho goela abaixo, para não ter de o engolir. Uma gota caiu sobre o machucado, no lábio inferior, e ele contraiu-se, sorvendo o ar enquanto esperava que a agulhada de dor passasse. Pousou o cálice em cima da escrivaninha, junto de um prato com pão e cordeiro, e da garrafa de vinho, meio vazia, olhando depois para o espelho, entre duas velas. O espelho continuava a refletir o seu rosto exausto, contundido e ensanguentado, sem uma boa parte da barba do lado direito.

Desviou os olhos. A seu tempo, ela iria contatá-lo. Entretanto esperaria. Era tudo o que podia fazer, pois estava muito dorido para dormir. Voltou a pegar no cálice e girou-o entre os dedos. O tempo passou.

Mais tarde, nessa noite, o espelho tremeluziu como uma poça de mercúrio ondulante, e Roran pestanejou, olhando-o sonolento, de olhos franzidos. O rosto em forma de lágrima de Nasuada ganhou forma diante dele, com uma expressão mais grave do que nunca.

— Roran — disse ela para o saudar, com uma voz clara e forte.

— Lady Nasuada. — Endireitou-se na mesa, afastando-se o mais possível dela, o que correspondeu apenas a alguns centímetros.

— Você foi capturado?

— Não.

— Então, presumo que Carn esteja morto ou ferido.

— Morreu enquanto combatia outro feiticeiro.

— Lamento saber disso... Parecia ser um homem decente e nós mal podemos nos dar ao luxo de perder um dos nossos feiticeiros. — Silenciou por instantes. — E Aroughs?

— A cidade é nossa.

Nasuada arqueou as sobrancelhas.

— Sério? Estou impressionada. Conte como aconteceu a batalha? Correu tudo de acordo com o planejado?

Abrindo a boca o menos possível para atenuar o desconforto que sentia ao falar, Roran relatou o que acontecera nos últimos dias, desde a sua chegada a Aroughs, passando pelo homem caolho que o atacara na tenda, a destruição dos diques, nos moinhos, a forma como os Varden tinham atravessado Aroughs, até ao palácio do Lord Halstead, falando também do duelo de Carn com o feiticeiro inimigo. Depois contou-lhe que fora atingido nas costas e que Brigman tinha extraído a flecha.

— Foi uma sorte ele estar lá, fez um bom trabalho. Se não fosse ele, eu ficaria praticamente inútil até encontrarmos um curandeiro. — Retraiu-se interiormente, por alguns instantes, recordando subitamente os seus ferimentos serem cauterizados, e voltando a sentir o toque do metal quente contra a carne.

— Espero que tenha encontrado um curandeiro para te examinar.

— Sim, mais tarde encontrei, mas não era feiticeiro.

Nasuada recostou-se na cadeira e estudou-o durante algum tempo.

— Me surpreende que ainda tenha forças para falar comigo. O povo de Carvahall é, de fato, muito forte.

— Depois controlamos o palácio, assim como o resto de Aroughs, embora haja ainda algumas zonas de que não temos o controle. Foi relativamente fácil convencer os soldados a se renderem, logo que perceberam que nós tínhamos penetrado nas suas linhas e conquistado o centro da cidade.

— E o Lord Halstead? Também conseguiram capturá-lo?

— Estava tentando fugir do palácio quando alguns dos meus homens se depararam com ele. Halstead tinha apenas um pequeno número de guardas com ele, que não eram suficientes para combater os nossos guerreiros. Por

isso ele e os criados fugiram para uma adega e tentaram se proteger lá... — Roran esfregou o polegar num rubi embutido no cálice que tinha diante dele. — Não queriam se render e eu não queria invadir a adega, teria nos saído muito caro, por isso... ordenei aos homens que fossem buscar panelas de óleo na cozinha, peguei o fogo e atirei contra a porta.

— Estava tentando fazê-los sair com a fumaça? — perguntou Nasuada.

Ele acenou lentamente com a cabeça.

— Alguns dos soldados fugiram para fora quando a porta começou a queimar, mas Halstead esperou tempo demais. O encontramos no chão, sufocado.

— Isso é lamentável.

— E a sua filha, Galiana... também. — Roran conseguia ainda vê-la mentalmente: pequena e delicada, com um belo vestido cor de lavanda, coberto de rendas e laços.

Nasuada franziu a testa.

— Quem é o sucessor de Halstead, o novo conde de Fenmark?

— Tharos, o Leste.

— O mesmo que comandou o ataque contra vocês, ontem?

— Esse mesmo.

Só no meio da tarde é que os homens tinham levado Tharos até ele. O homem baixo e barbudo parecia um pouco aturdido, embora ileso, e faltava o elmo com aquelas penas extravagantes. Deitado de barriga para baixo num sofá estofado, para poupar as costas, Roran disse:

— Acredito que me deve uma garrafa de vinho.

— Como você conseguiu fazer isso? — perguntou Tharos, enfaticamente, com o desespero estampado na voz. — A cidade era inexpugnável. Só um dragão conseguiria penetrar nas nossas muralhas. No entanto, veja o que você conseguiu fazer. Você não pode ser humano, não pode ser... — Depois ficara em silêncio, incapaz de dizer mais uma palavra.

— Como reagiu ele com a morte do pai e da irmã? — perguntou Nasuada.

Roran apoiou a cabeça na mão. Estava suada e pegajosa, por isso a limpou com a manga e começou a tremer. Apesar da transpiração sentia frio no corpo todo, especialmente nas mãos e nos pés.

— Não pareceu se importar muito com o pai. Já em relação à irmã... — Roran retraiu-se ao lembrar-se da chuva de insultos que Tharos lhe dirigira depois de saber que Galiana tinha morrido.

— Vou te matar por causa disso, se alguma vez tiver a chance — dissera Tharos. — Juro.

— Então é melhor desistir — retorquira Roran. — Já existe outra pessoa que quer me matar e, se alguém conseguir, aposto que vai ser ela.

— ... Roran?... Roran!

Ligeiramente surpreendido, Roran percebeu que Nasuada chamava pelo seu nome, olhando de novo para ela, emoldurada no espelho como um retrato, lutando para conseguir voltar a falar.

Finalmente disse:

— Tharos não é realmente o conde de Fenmark. É o mais novo dos sete filhos de Halstead, porém todos os seus irmãos fugiram ou estão escondidos. Por isso ele é o único que resta para reclamar o título, neste momento. Será um bom enviado para nos comunicarmos com os anciãos da cidade. Mas sem Carn, é impossível saber quem é leal a Galbatorix e quem não é. Suponho que a maior parte dos nobres sejam leais a ele, além dos soldados, claro, mas é impossível saber quem mais é leal.

Nasuada contraiu os lábios.

— Compreendo... Dauth é a cidade mais próxima. Vou pedir a Lady Alarice — que suponho que você já tenha conhecido — que mande a Aroughs alguém especializado na arte de ler os pensamentos. A maior parte dos nobres têm alguém desse gênero na sua comitiva, por isso Alarice não deverá ter dificuldade em satisfazer o nosso pedido. Contudo, quando marchamos pelas Planícies Flamejantes, o rei Orrin trouxe com ele todos os feiticeiros importantes de Surda, o que significa que, muito provavelmente, as aptidões mágicas da pessoa que Alarice mandar se resumirão a ler os pensamentos de outras pessoas e, sem os feitiços adequados, será difícil de evitar que os que são leais a Galbatorix nos ofereçam uma constante resistência.

Enquanto Nasuada falava, Roran passou os olhos pela escrivãzinha, detendo-se na garrafa escura de vinho. Será que Tharos a tinha envenenado? A ideia não o alarmou.

Depois Nasuada voltou a dirigir-se a ele:

— ... espero que você tenha mantido rédea curta com os seus homens e não permita que eles andem à solta em Aroughs, a incendiando, pilhando e tendo certas liberdades com o seu povo.

Roran estava tão cansado que teve dificuldade em ponderar numa resposta coerente, mas finalmente conseguiu dizer:

— O nosso número é muito reduzido para que os homens cometam malfetorias. Eles sabem tão bem como eu que os soldados poderiam reconquistar a cidade, se dermos a mínima chance.

— Isso é uma faca de dois gumes. Quantos homens perdeu durante o ataque?

— Quarenta e dois.

O silêncio instalou-se durante algum tempo. Depois, Nasuada disse:

— Carn tinha família?

Roran encolheu ligeiramente o ombro esquerdo.

— Não sei. Era de algum lugar no norte, acredito, mas nunca chegamos a falar das nossas vidas, antes... antes de tudo isto acontecer... Nunca pareceu muito relevante.

Roran sentiu um incomodo súbito na garganta que o obrigou a tossir várias vezes. Curvou-se sobre a mesa até tocar com a testa na madeira, fazendo caretas, ao sentir ondas de dor nas costas, no ombro e na boca ferida. As convulsões foram tão violentas que o vinho saltou do cálice, salpicando-lhe a mão e o pulso. Enquanto ele se recuperava lentamente, Nasuada disse:

— Você tem que chamar um curandeiro para te examinar, Roran. Não está bem. Devia estar na cama.

— Não. — Limpou a baba no canto da boca e depois olhou para ela. — Eles fizeram tudo o que podiam e eu não sou nenhuma criança para que me dêem tantos mimos.

Nasuada hesitou e a seguir baixou a cabeça:

— Como quiser.

— E agora o que vai acontecer? — perguntou ele. — Posso ir embora daqui?

— Era minha intenção te mandar regressar assim que tomássemos Aroughs — fosse de que maneira fosse —, mas você não está em condições de cavalgar até Dras-Leona. Terá de esperar até que...

— Eu não vou esperar — resmungou Roran, agarrando no espelho e puxando-o para perto dele até este ficar a poucos centímetros do seu rosto. — Não me mime, Nasuada, eu consigo andar a cavalo e bem. Só vim para cá porque Aroughs era uma ameaça para os Varden, mas essa ameaça já não existe mais — eu a eliminei. Estando ferido ou não, não tenho intenção de ficar aqui com a minha mulher e o meu filho por nascer acampados a menos de um quilômetro e meio de Murtagh e do seu dragão!

A voz de Nasuada endureceu por instantes:

— Você foi para Aroughs porque eu mandei. — Depois disse num tom mais calmo: — Mas o seu argumento é válido. Pode regressar de imediatamente, se acha que é capaz. Não há motivo para que cavalgue dia e noite como fez na viagem até aí, mas também não pode demorar uma eternidade. Usa o teu bom senso. Não quero ter que explicar a Katrina que você se matou na viagem... Quem acha que devo nomear para te substituir, quando partir de Aroughs?

— O Capitão Brigman.

— Brigman? Porquê? Você teve problemas com ele, não?

— Ele me ajudou a manter os homens na linha, depois de ficar ferido. Eu não estava com as ideias muito claras nessa altura...

— Imagino que não.

— ... e ele fez o possível para que eles não entrassem em pânico, nem perdessem a coragem. Além disso, os comandou em meu nome enquanto eu estava preso nesta miserável caixa de música em forma de castelo, pois era o único que tinha experiência suficiente para tal. Sem ele não teríamos conseguido controlar toda a cidade de Aroughs. Os homens gostam dele, e é hábil em planejar e a organizar. Vai governar bem a cidade.

— Seja então Brigman. — Nasuada desviou os olhos do espelho e murmurou algo a alguém que ele não conseguia ver. Depois virou-se de novo para ele e disse: — Tenho de admitir que nunca pensei que você conseguiria tomar Aroughs. Parecia impossível que alguém conseguisse penetrar nas defesas da cidade, em tão pouco tempo, com tão poucos homens e sem a ajuda de um dragão ou de um Cavaleiro.

— Então porque me mandou aqui?

— Porque tinha que tentar algo antes de permitir que Eragon e Saphira voassem para tão longe, e porque você tem a mania de contrariar as expectativas e vencer onde outros acabariam por falhar ou desistir. Se o

impossível tivesse de acontecer, o mais provável era que fosse sob a tua alçada, como de fato aconteceu.

Roran roncou baixinho. *E quanto tempo poderei continuar a desafiar o destino, até ser morto como Carn?*

— Desdenha se quiser, mas não pode negar o seu próprio sucesso. Hoje nos deu uma grande vitória, Martelo Forte, ou Capitão Martelo Forte, melhor dizendo. O título é mais do que merecido e estou imensamente grata pelo que fez. Ao tomar Aroughs, nos libertou da possibilidade de nos vermos forçados a lutar em duas frentes, o que certamente implicaria na nossa destruição. Todos os Varden estão em dívida para com você e eu prometo que os sacrifícios que você e os seus homens fizeram não serão esquecidos.

Roran tentou dizer algo mas não conseguiu, voltou a tentar e falhou uma segunda vez até que finalmente conseguiu dizer:

— Eu... eu não me esquecerei de transmitir as suas palavras aos homens. Terão um grande significado para eles.

— Por favor. Agora tenho de me despedir. É tarde, você está ferido, e eu já tomei muito tempo.

— Espera... — Roran esticou o braço e bateu com a ponta dos dedos no espelho. — Espera. Ainda não me disse como vai o cerco a Dras-Leona.

Ela olhou-o com uma expressão vazia.

— Mal. E sem sinais de melhoria. Poderíamos usá-lo aqui, Martelo Forte. Se não conseguirmos resolver a situação rapidamente, tudo aquilo por que lutamos estará perdido.

Thardsvergûndnzmäl



— Você está bem — disse Eragon. — Pare de se preocupar. Além disso, você não pode fazer nada. Saphira resmungou e continuou a estudar a sua imagem no lago. Virou a cabeça de um lado para o outro e depois suspirou pesadamente, soltando uma nuvem de fumaça que ficou pairando sobre a água como uma pequena nuvem de trovoada. *Tem certeza?*, perguntou, olhando para ele. *E se não voltar a crescer?*

— Os dragões substituem as escamas a toda a hora. Você sabe isso.

Sim, mas nunca antes tinha perdido alguma!

Ele não se deu ao trabalho de esconder o sorriso, pois sabia que Saphira sentiria que estava se divertindo.

— Não devia estar tão aborrecida. Não era assim tão grande. — Esticou o braço e passou a mão no buraco em forma de diamante, do lado esquerdo do focinho, o motivo recente da sua preocupação. A falha na sua armadura cintilante não era maior que a ponta do polegar e tinha cerca de dois centímetros e meio de profundidade. Ao fundo via-se a pele coriácea. Curioso, Eragon tocou a pele dela com a ponta do indicador. Estava quente e macia como a barriga de um bezerro. Saphira roncou e afastou a cabeça dele.

Para com isso. Faz cócegas.

Ele riu baixinho e sacudiu os pés na água, junto da base da rocha onde estava sentado, apreciando a sensação com os pés descalços. *Talvez não fosse muito grande*, disse ela, *mas todo mundo vai reparar que falta. Como poderiam não reparar? Seria mais fácil ignorarem uma extensão de terra nua na crista de uma montanha coberta de neve.* E entortou os olhos, na tentativa de olhar para o pequeno buraco escuro que tinha por cima das narinas, na ponta do longo focinho.

Eragon deu uma gargalhada e salpicou-a com água. Então, para acalmar o orgulho ferido ele disse:

— Ninguém vai reparar, Saphira, confie em mim, e se repararem vão achar que é um ferimento de guerra pelo que vão te considerar ainda mais temível.

Acha mesmo?, e voltou a se examinar no lago. A água e as escamas refletiam-se mutuamente numa série de matizes deslumbrantes da cor do

arco-íris. *E se um soldado me atingir nesse lugar? A sua espada iria me trespassar imediatamente. Talvez fosse boa ideia pedir aos Anões que fizessem uma chapa de metal para cobrir esta área enquanto a escama cresce.*

— Isso seria muito ridículo.

Você acha?

— Hum, hum. — Eragon acenou com a cabeça, prestes a rir de novo.

Ela fungou. Não precisa de fazer pouco de mim. Se o pelo da tua cabeça começasse a cair, ou se perdesse uma dessas pequenas saliências ridículas que chamam de dentes, você iria gostar? Sem dúvida que eu teria que te consolar.

— Sem dúvida — anuiu ele, descontraidamente. — Mas os dentes não voltam a crescer. — Levantou-se da rocha e dirigiu-se à margem onde deixara as botas, caminhando com cuidado para não machucar os pés nas pedras, nem nos ramos espalhados à beira da água. Saphira seguiu-o, com a terra mole a esguichar debaixo das garras.

Você podia lançar um feitiço para proteger apenas esta área, disse ela, enquanto Eragon calçava as botas.

— Acho que sim. Quer que eu faça?

Quero.

Formulou mentalmente o encantamento enquanto atava as botas. Depois, colocou a mão direita sobre o buraco no focinho e murmurou as palavras necessárias na língua antiga. Uma ligeira luminosidade azul irradiou da palma da sua mão ao unir a proteção ao corpo dela.

— Pronto — disse, quando terminou. — Agora já não precisa mais se preocupar. *A não ser com o fato de que continua me faltando uma escama.*

Ele deu um empurrão no maxilar dela.

— Anda, vamos voltar para o acampamento.

Abandonaram o lago, subindo a margem íngreme de terra solta, atrás deles, e Eragon usou as raízes expostas das árvores como apoio para as mãos. No alto da ladeira havia uma vista desobstruída do acampamento dos Varden a leste, a cerca de oitocentos metros, e da massa desordenada de Dras-Leona, ligeiramente ao norte do acampamento. Os únicos sinais de vida dentro da cidade eram os filamentos de fumaça que se erguiam das chaminés de muitas das casas. Thorn, como sempre, estava deitado em cima das muralhas, por cima do portão norte, deleitando-se ao sol luminoso da

tarde. O dragão vermelho parecia estar adormecido, mas Eragon sabia, por experiência, que ele estava de olho nos Varden. Pelo que, no instante em que alguém se aproximasse da cidade, se ergueria e daria o alarme a Murtagh e aos outros, lá dentro. Eragon saltou para o dorso de Saphira e esta o transportou, sem pressa, até o acampamento.

Quando chegaram, ele saltou para o chão e foi à frente, caminhando por entre as tendas. O acampamento estava sossegado e tudo nele sugeria lentidão e sonolência, desde o tom baixo e arrastado das conversas dos guerreiros aos estandartes imóveis no ar pesado. As únicas criaturas que pareciam imunes à letargia eram os cães esguios, semi-selvagens que vagueavam pelo acampamento, a farejar, em busca de restos de comida. Alguns tinham arranhões no focinho e nos flancos por terem cometido o erro idiota, ainda que compreensível, de achar que poderiam perseguir e atormentar um menino-gato de olhos verdes, como se se tratasse de qualquer outro gato. Quando isso aconteceu os ganidos de dor despertaram a atenção de todo o acampamento e os homens riram à gargalhada, ao verem os cães fugindo do menino-gato com o rabo entre as pernas.

Consciente dos inúmeros olhares que ele e Saphira atraíam, Eragon levantou o queixo e alargou os ombros, adotando uma passada vigorosa na tentativa de transmitir a ideia de propósito e energia. Os homens tinham de sentir que ele continuava cheio de confiança e que não se deixara abater pelo tédio resultante da difícil situação em que se encontravam.

Se ao menos Thorn e Murtagh fossem embora, pensou Eragon. Bastaria que se ausentassem um dia para que tomássemos a cidade.

Até então, o cerco a Dras-Leona revelara-se particularmente escasso de acontecimentos, pois Nasuada recusava-se a atacar a cidade pelos motivos que tinha apresentado a Eragon:

— Você mal conseguiu vencer Murtagh da última vez que se encontraram. Já se esqueceu que ele te golpeou nos quadris? Além disso, ele te assegurou que estaria ainda mais forte, da próxima vez que os seus caminhos se cruzassem. Murtagh pode ser muita coisa, mas não me parece que seja mentiroso.

— A força não é tudo num combate entre feiticeiros — comentara Eragon.

— Não, mas também não é de desprezar. Além disso, ele agora tem o apoio dos sacerdotes de Helgrind, muitos dos quais desconfio que sejam feiticeiros. Não vou correr o risco de permitir que os enfrente num combate direto, juntamente com Murtagh, nem mesmo com os feiticeiros de

Blödhgarm ao teu lado. Enquanto não arquitetarmos um plano para instigar Murtagh e Thorn a se afastarem, para os encurralar ou ganhar alguma vantagem sobre eles, ficaremos aqui e não atacaremos Dras-Leona.

Eragon protestou, argumentando que era inútil adiar a invasão e que, se não conseguisse derrotar Murtagh, ela não poderia esperar que ele derrotasse Galbatorix. Mas Nasuada mantinha-se cética. Ambos tinham pesquisado, arquitetado e planejado formas de ganhar a vantagem de que Nasuada falava — juntamente com Arya, Blödhgarm e todos os feiticeiros de Du Vrangr Gata. Mas todas as estratégias que concebiam, falhavam pois exigiam mais tempo e mais recursos do que os Varden dispunham ou porque, em última análise, não solucionavam a questão de como matar, capturar ou afastar Murtagh e Thorn.

Nasuada chegara a ir falar com Elva para lhe pedir que usasse o seu dom — que lhe permitia sentir a dor das outras pessoas e qualquer mágoa que estivessem para sofrer num futuro imediato — para derrotarem Murtagh ou entrarem na cidade sub-repticiamente, mas a moça de testa prateada rira de Nasuada e a mandara embora com piadas escarnecedoras e insultos, dizendo:

— Não tenho compromisso de lealdade com você nem com ninguém, Nasuada. Arranje outra criança para te ajudar a ganhar as batalhas; não conte comigo. Por isso os Varden esperaram. Os dias sucediam-se inexoravelmente e Eragon via os homens cada vez mais deprimidos e descontentes, e a preocupação de Nasuada aumentava. Eragon sabia que um exército era uma besta voraz e insaciável que depressa morreria e se separaria dos elementos que a constituíam, a menos que os milhares de estômagos que a habitavam fossem alimentados regularmente, com doses maciças de comida. Sempre que um exército marchava para um novo território, obter mantimentos era uma simples questão de confiscar comida e outros bens essenciais dos povos conquistados, usando os recursos dos campos em redor. À semelhança de uma praga de gafanhotos, os Varden deixavam atrás de si um rasto de terra árida, desprovido de quase tudo o que era necessário para sustentar a vida.

Assim que paravam, depressa esgotavam os estoques da comida mais à mão, pelo que eram forçados a subsistir inteiramente das provisões que tinham trazido de Surda e das várias cidades que tinham tomado. Por mais generosos que fossem os habitantes de Surda, por mais ricas que fossem as cidades vencidas, as entregas regulares de comida não eram suficientes para os suprir durante muito mais tempo.

Embora Eragon soubesse que os guerreiros eram devotos à sua causa, ele não tinha qualquer dúvida de que, se fossem confrontados com a

possibilidade de sofrerem uma morte lenta e agonizante por inanição, isso apenas daria a Galbatorix a satisfação de se vangloriar com a sua derrota. E a maior parte dos homens iriam optar por fugir para um recanto distante da Alagaësia, onde pudessem viver o resto das suas vidas a salvo do Império.

Esse momento ainda não chegara, mas estava iminente. E Eragon tinha a certeza de que era o pavor desse destino que mantinha Nasuada acordada à noite, o que lhe dava uma aparência mais cansada todas as manhãs. As olheiras debaixo dos olhos pareciam pequenos e tristonhos sorrisos. Perante as dificuldades que tinham enfrentado em Dras-Leona, Eragon sentiu-se grato pelo fato de Roran não se ter deixado atolar de forma semelhante em Aroughs. E isso acentuara a admiração e o apreço que ele sentia em relação ao que o primo fizera na cidade do Sul. *Ele é um homem mais corajoso do que eu.* Nasuada não aprovava, mas assim que Roran regressasse — o que deveria acontecer dentro de apenas alguns dias, se tudo corresse bem —, Eragon estava determinado a lhe dar uma nova série de proteções, pois já perdera muitos membros da família nas mãos do Império e de Galbatorix, e não estava a fim de permitir que Roran sofresse o mesmo destino.

Deteve-se para dar passagem a três anões que cruzavam o seu caminho, discutindo. Os anões não usavam elmos nem insígnias, mas Eragon sabia que não eram do Dûrgrimst Ingeitum pois tinham as barbas trançadas, decoradas com contas — uma moda que ele nunca vira no Ingeitum. O motivo da discussão dos anões era um mistério, pois ele apenas conseguia entender algumas palavras da sua linguagem gutural. Mas o tema era obviamente de enorme importância, a avaliar pelo tom elevado das vozes, os gestos incontidos e as expressões exageradas, bem como o fato de não terem reparado nele nem em Saphira.

Eragon sorriu quando eles passaram, pois achou aquela preocupação um pouco cômica, apesar da postura visivelmente séria. Para alívio de muitos dos Varden, o exército dos Anões, comandado pelo seu novo rei, Orik, chegara a Dras-Leona há dois dias. Isso e a vitória de Roran em Aroughs eram os temas principais de conversa por todo o acampamento. Os Anões quase duplicavam as dimensões das tropas aliadas dos Varden e iriam aumentar substancialmente as hipóteses de os Varden alcançarem Urû'baen e Galbatorix, caso se conseguisse descobrir uma solução vantajosa para o impasse com Murtagh e Thorn.

Ao caminhar pelo acampamento com Saphira, Eragon viu Katrina sentada em frente da tenda, tricotando roupas para a criança que estava para nascer. Ela saudou-o de mão erguida, dizendo em voz alta:

— Primo!

Ele respondeu de igual modo, como era hábito desde que Katrina se casara.

Depois de um almoço pausado com Saphira — em que esta se entreteve mordendo e rasgando grandes quantidades de ossos e carne —, os dois retiraram-se para a extensão ensolarada de grama macia, ao lado da tenda de Eragon. Por ordem de Nasuada, essa faixa de grama ficaria sempre disponível para Saphira, uma indicação que os Varden cumpriam religiosamente.

Saphira enroscou-se para dormir um pouco sob o calor do meio-dia. Enquanto isso, Eragon foi buscar o Domia abr Wyrda nos alforjes, trepando depois para debaixo da saliência da asa direita e aninhando-se entre a curva interior do pescoço e a musculosa pata direita de Saphira. A luz que se filtrava através das pregas da asa e se projetava das escamas em manchas brilhantes, conferia-lhe à pele uma estranha tonalidade arroxeadada, cobrindo as páginas do livro com uma série de formas cintilantes que dificultavam a leitura das finas runas angulares. Mas ele não se importava, pois o prazer de estar com Saphira compensava amplamente o incomodo.

Ficaram os dois sentados durante uma ou duas horas, até Saphira digerir a refeição e Eragon se cansar de decifrar as intrincadas frases do Monge Heslant. Depois vaguearam pelo acampamento, entediados, inspecionando as defesas e trocando algumas palavras com as sentinelas em guarda ao longo do perímetro.

Perto do extremo leste do acampamento, onde a maior parte dos Anões estava instalada, deparam-se com um anão acoradado junto de um balde de água, com as mangas enroladas sobre os cotovelos, a moldar uma bola de terra. A seus pés tinha uma poça de lama e o pau que tinha usado para a revolver.

A cena era tão estranha, que só depois de alguns minutos Eragon percebeu que o anão era Orik.

— Derûndânn, Eragon... e Saphira — disse Orik sem levantar os olhos.

— Derûndânn — disse Eragon, repetindo a saudação tradicional dos Anões. E agachou-se do outro lado da poça observando Orik, enquanto este refinava os contornos da bola, alisando-a e modelando-a com a curva exterior do polegar direito. De vez em quando, Orik esticava a mão e agarrava uma mão cheia de terra seca, salpicando-a sobre a esfera amarelada de terra e sacudindo delicadamente o que estava a mais.

— Nunca pensei ver o rei dos Anões agachado no chão, brincando com lama como uma criança — disse Eragon. Orik bufou, soprando o bigode:

— E eu nunca pensei ter um dragão e um Cavaleiro olhando para mim enquanto faço uma Eröthknurl.

— E o que é uma Eröthknurl?

— É uma thardsvergûndnzmal.

— Uma thardsver... — Eragon desistiu a meio, incapaz de se lembrar da palavra completa, muito menos de a pronunciar. — E o que é...?

— Algo que parece uma coisa diferente do que realmente é. — Orik ergueu a bola de terra. — Veja: isto é uma pedra feita de terra, ou melhor, é isso que parecerá quando eu terminar.

— Uma pedra de terra... É mágica?

— Não, é uma obra minha. Nada mais.

Ao ver que Orik não se explicava, Eragon insistiu:

— Como se faz?

— Você vai ver, se tiver paciência. — Algum tempo depois, Orik cedeu e disse: — Primeiro tem que arranjar um pouco de terra.

— Essa é uma tarefa difícil. Orik lançou-lhe um olhar peculiar por baixo das suas fartas sobrancelhas.

— Certos tipos de terra são melhores do que outros. A areia, por exemplo, não serve. A terra tem que conter partículas de tamanho variado para se agregar perfeitamente. Deve também conter um pouco de barro, como esta. Mas o mais importante é que se eu fizer isto — e bateu de leve com a mão numa extensão de solo entre torrões de grama pisada —, a terra deve conter muito pó, consegue ver? — Ergueu a mão, mostrando a Eragon a camada de poeira fina que tinha na palma da mão.

— Porque é que isso é importante?

— Ah — disse Orik, batendo na ponta do nariz e deixando uma mancha esbranquiçada. Depois recomeçou a esfregar a esfera, virando-a para que ficasse simétrica. — Logo que encontre terra boa, molhe-a e a misture com água e farinha até obter uma lama grossa. — Acenou com a cabeça para a poça a seus pés. — E da lama você faz uma bola assim. Depois a espreme para extrair toda a água que puder e a seguir lhe dê uma forma perfeitamente redonda. Quando ela começar a ficar pegajosa faça como eu: polvilha-a com terra para drenar mais a umidade para o exterior e, depois, continue até a bola ficar suficientemente seca para manter a forma; mas não pode secar a ponto de se rachar.

“A minha Erôthknurl está quase nesse ponto. Quando terminar a levarei para a minha tenda e a deixarei no sol durante um bom tempo. A luz e o calor drenarão mais a umidade do centro. A seguir, volto a polvilhá-la com terra e a limpá-la. Depois de fazer isso três ou quatro vezes, o exterior da minha Erôthknurl deverá estar tão dura como a pele de um Nagra.”

— Tudo isso só para ter uma bola de lama seca? — interpelou Eragon, intrigado. Saphira sentia o mesmo. Orik pegou uma outra mão cheia de terra.

— Não, porque a história não acaba aqui. A seguir é que o pó se torna útil. Pego nele e esfrego o exterior da Erôthknurl, formando uma carapaça fina e macia. Depois coloco a bola e espero que a umidade suba à superfície. Polvilho-a, espero, polvilho-a, espero, e por aí adiante.

— Quanto tempo demora isso?

— Até que o pó já não se agarre à Erôthknurl. É a carapaça de pó que lhe confere toda a beleza. Ao longo do dia irá adquirir um superfície brilhante, como se fosse feita de mármore polido, e você terá feito uma pedra com terra vulgar, sem polimento, esmeris, ou magia — apenas com o coração, a cabeça e as mãos — ... uma pedra frágil, é certo, mas ainda assim uma pedra.

Apesar da insistência de Orik, a Eragon ainda custava acreditar que a lama a seus pés pudesse ser transformada em algo semelhante ao que Orik descrevera, sem magia.

Mas, porque você está fazendo uma pedra, Orik, rei dos Anões? — perguntou Saphira. Você deve ter muitas responsabilidades agora que se tornou soberano do teu povo.

Orik resmungou:

— Não tenho nenhuma tarefa para cumprir neste momento. Os meus homens estão prontos para a batalha, mas não há batalha alguma e não seria bom que eu andasse em cima deles como uma mãe super-protetora. Tampouco me interessa ficar na minha tenda sozinho, vendo a barba crescer... Daí o Erôthknurl.

Depois ficou em silêncio. Mas Eragon desconfiava que Orik estava aborrecido com algo, por isso conteve-se e esperou para ver se ele dizia mais alguma coisa. Um minuto depois, Orik pigarreou e disse:

— Antigamente, eu podia beber e jogar dados com os outros membros do meu clã, independentemente de ser herdeiro adotivo de Hrothgar. Podíamos ainda falar e rir juntos, sem nos sentirmos desconfortáveis e eu não pedia nem fazer favor nenhum. Mas agora é diferente. Os meus amigos

não conseguem esquecer que eu sou o rei e eu não consigo ignorar que o comportamento deles se modificou.

— Isso era de se esperar — comentou Eragon. Identificava-se com a difícil situação de Orik, pois sentia algo muito semelhante desde que se tornara Cavaleiro.

— Talvez. Mas não é mais fácil de suportar pelo simples fato de já sabermos. — Orik fez um ruído exasperado. — A vida as vezes é uma jornada estranha e cruel... Eu admirava Hrothgar como rei, mas muitas vezes achava que ele era irascível com aqueles com quem lidava, sem razão. Agora entendo melhor porque era assim. — Orik aninhou a bola de terra em ambas as mãos e olhou-a, franzindo a testa. — Quando você se encontrou com o Grimsborith Gannel, em Tarnag, ele explicou-te o significado das Erôthknurl?

— Nunca falou nisso.

— Imagino que houvesse outros assuntos para discutir... Ainda assim, como membro dos Ingeitum e seu knurla adotivo, deveríamos estar a par da importância e da simbologia das Erôthknurl. Não é apenas uma forma de nos concentrarmos, passarmos o tempo e criarmos uma lembrança interessante. O ato de fazer uma pedra com terra é sagrado. Ao praticá-lo, reafirmamos a nossa fé no poder de Helzvog e lhe prestamos homenagem. A tarefa deve ser desempenhada com reverência e propósito. Criar uma Erôthknurl é uma forma de veneração e os deuses não vêem com bons olhos aqueles que praticam os ritos de uma forma frívola... Da pedra à carne, da carne à terra e da terra de novo à pedra. Os ciclos sucedem-se e nós temos apenas um vislumbre da totalidade. Só então Eragon entendeu o significado da profunda inquietação de Orik.

— Hvedra devia estar com você — disse ele. — Ela poderia te fazer companhia e evitaria que você ficasse tão melancólico. Nunca te vi tão feliz como quando estava com ela no Forte de Bregan. — As rugas em torno dos olhos abatidos de Orik acentuaram-se, ao sorrir.

— Sim, mas ela é a grimstcarvlors do Ingeitum e não pode abandonar os seus deveres só para me consolar. Além disso, dificilmente me sentiria descansado se ela estivesse a cem léguas de Murtagh e Thorn, ou pior ainda, de Galbatorix e do seu maldito dragão negro.

Tentando animar Orik, Eragon disse:

— Você me lembra a resposta para uma adivinhação: um rei anão sentado no chão fazendo uma pedra de terra. Não sei ao certo o que dizia a adivinha, mas talvez fosse algo do gênero: O que é o que é ela Forte e

robusta Com treze estrelas na testa, Pedra viva, fazendo pedra morta, de terra morta?

— Não rima, mas também não se pode esperar que eu componha versos decentes por impulso. Creio que uma adivinha dessas seria um quebra-cabeças para a maior parte das pessoas.

— Hum — reagiu Orik. — Não para um anão. Até as nossas crianças a resolveriam num abrir e fechar de olhos.

Um dragão também, disse Saphira.

— Acho que tem razão — disse Eragon.

Entretanto ele quis saber tudo o que acontecera entre os Anões, depois de ele e Saphira partirem de Tronjheim para a sua segunda viagem à floresta dos elfos. Eragon não tivera oportunidade de se prolongar muito nas suas conversas com Orik, desde que os anões tinham chegado a Dras-Leona, pelo que estava ansioso para saber como passara o seu amigo desde que tinha assumido o trono. Orik pareceu não se importar de explicar as complexidades da política dos anões. Na verdade, a sua expressão iluminou-se enquanto falava, mostrando-se cada vez mais animado. Ele passou quase uma hora relatando as alterações e as manobras entre os clãs dos anões, antes de reunirem o exército e marcharem para se juntarem aos Varden. Os clãs eram irascíveis, como Eragon bem sabia e, mesmo sendo rei, Orik tinha dificuldade em impor-lhes obediência.

— É como tentar conduzir um bando de gansos — disse Orik. — Estão constantemente tentando sair sozinhos, fazem um barulho horrível e mordem a sua mão na primeira oportunidade. No decurso da narrativa de Orik, Eragon pensou em lhe perguntar acerca de Vermûnd. Interrogara-se inúmeras vezes sobre o que teria acontecido ao chefe dos anões que conspirara para o assassinar. Gostava de saber onde estavam os seus inimigos, especialmente alguém tão perigoso como Vermûnd.

— Regressou para a aldeia onde nasceu, Felderast — disse Orik. — Segundo consta, passa o tempo sentado bebendo e gritando sobre o que aconteceu ou o que poderia ter acontecido, mas ninguém mais presta atenção. Os knurlan dos Az Sweldn rak Anhûin são orgulhosos e teimosos. Na maioria das circunstâncias continuariam leais a Vermûnd, independentemente do que os outros clãs dissessem ou fizessem, mas tentar assassinar um convidado é um delito imperdoável. Nem todos os membros do Az Sweldn Anhûin te odeiam como Vermûnd e eu não acredito que eles aceitem permanecer isolados do resto da sua raça só para proteger um grimstborith que perdeu a honra. Pode demorar anos, mas acabarão por se

virar contra ele. Já ouvi dizer que muitos dos membros do clã baniram Vermûnd, ao mesmo tempo que eles próprios eram banidos.

— O que você acha que irá lhe acontecer?

— Aceitará o inevitável e abdicará da sua posição, do contrário, um dia desses, alguém vai acabar colocando veneno no hidromel, ou lhe crava uma adaga entre as costelas. Seja como for, ele já não é uma ameaça para você, como líder dos Az Sweldn rak Anhûin.

Continuaram conversando até Orik completar os primeiros passos na criação da sua Erôthknurl e estar disposto a levar a bola de terra, deixando-a para secar na sua tenda sobre um pedaço de pano. Ao se levantar e ao pegar o balde e o pedaço de pau, Orik disse:

— Agradeço por você ter tido a gentileza de me ouvir, Eragon, e você também Saphira. Por mais estranho que pareça, vocês são os únicos com quem posso falar livremente, além de Hvedra. Todos os outros... — Encolheu os ombros. — Bah!

Eragon também se levantou.

— Independentemente do fato de você ser rei dos Anões, é nosso amigo, Orik e nós temos sempre gosto em falar com você. Não tem que recear que revelemos aos outros o que nos contou, entende?

— Eu sei, Eragon. — Orik fitou-o com a testa franzida. — Você participa dos acontecimentos do mundo e, no entanto, ainda não se deixou envolver pelas maquinacões mesquinhas ao seu redor.

— Não me interessam. Além disso há questões mais importantes para resolver agora.

— Isso é bom. Um Cavaleiro deve se manter à parte de todas as pessoas. Como você conseguiria julgar as coisas por si mesmo, se não fosse assim? Nunca dei muito valor à independência dos Cavaleiros, mas agora dou, quanto mais não seja por motivos egoístas.

— Eu não estou totalmente à parte — disse Eragon. — Tenho um pacto de lealdade com você e com Nasuada.

Orik inclinou a cabeça.

— É verdade. Mas você não faz realmente parte dos Varden nem dos Ingeitum. Seja como for, fico feliz por poder confiar em você.

Um sorriso cresceu no rosto de Eragon.

— Eu também.

— Afinal de contas somos irmãos adotivos e os irmãos devem se proteger uns aos outros, verdade?

Isso é verdade, pensou Eragon, embora não o tivesse verbalizado.

— Irmãos adotivos — anuiu ele, batendo de leve no ombro de Orik.

O Caminho do Saber



Algumas horas depois, nessa tarde, quando parecia menos provável que o Império lançasse um ataque a partir de Dras-Leona, nas poucas horas de sol que restavam Eragon e Saphira foram para o campo de treino nos fundos do acampamento dos Varden.

Eragon se encontrou aí com Arya, como todos os dias fazia desde que chegara à cidade. Perguntou como estava e ela lhe respondeu brevemente, dizendo que estivera presa numa cansativa conferência com Nasuada e o rei Orrin, que tinha começado antes do amanhecer. Depois Eragon e Arya desembainharam as espadas e ambos assumiram posições opostas.

Para variar, tinham acordado antecipadamente usar escudos, pelo fato de os aproximarem mais do combate real e de introduzirem um elemento bem-vindo, de diversidade, nos seus duelos. Circundaram-se, com passos curtos e leves, e se moveram como dois bailarinos no solo irregular, sentindo o chão, sem nunca olharem para baixo nem desviarem os olhos um do outro.

Para Eragon, aquele era o momento favorito dos combates. Havia algo de muito íntimo no ato de olhar Arya diretamente, sem pestanejar nem vacilar, fazendo-a olhar para ele com o mesmo grau de concentração e intensidade. Podia ser desconcertante, mas ele gostava da sensação de ligação que se gerava entre os dois. Arya iniciou o primeiro ataque e, num segundo, Eragon deu consigo curvado para a frente, num ângulo desconfortável, com a espada dela encostada ao lado esquerdo do seu pescoço, repuxando dolorosamente sua pele. Eragon ficou paralisado até Arya achar conveniente aliviar a pressão, permitindo que se endireitasse.

— Isso foi falta de cuidado — disse ela.

— Como é possível que continue me vencendo? — rosnou Eragon, muito pouco satisfeito.

— Porque tenho mais de cem anos de prática — respondeu Arya, fingindo atacar o seu ombro direito, o que o compeliu a erguer o escudo e a saltar para trás, alarmado. — Seria estranho se eu não fosse melhor do que você, não é? Devia se sentir orgulhoso por ter conseguido me marcar. Poucos conseguem.

Brisingr assobiou no ar, ao tentar atingir Arya na coxa dianteira. Ela aparou o golpe com o escudo e um ruído clangoroso ressoou no ar. Arya contra-atacou com uma hábil estocada enviesada que apanhou Eragon no

pulso que segurava a espada, projetando agulhas geladas ao longo do braço e do ombro, até à base do crânio.

Ele se retraiu e se afastou, procurando um alívio temporário. Um dos desafios de lutar com elfos era o fato de poderem saltar e atacar um inimigo a distâncias muito maiores do que um humano, por conta de sua rapidez e força. Por isso Eragon teve de se afastar quase trinta metros de Arya para ficar a salvo. Mas antes que conseguisse se afastar o suficiente, ela saltou na sua direção, dando dois passos pelo ar, com os cabelos ondulando atrás dela. Eragon brandiu a arma na direção dela, quando vinha ainda no ar, mas Arya virou-se e a espada passou por todo o comprimento do seu corpo, sem a tocar. Depois colocou a borda do escudo por baixo do dele e o arrancou, deixando o peito totalmente exposto. Finalmente, ergueu a espada tão depressa quanto possível, encostando-a de novo no seu pescoço, desta vez, por baixo do queixo.

Arya manteve-o naquela posição, com os grandes olhos rasgados a poucos centímetros dos seus. Havia uma ferocidade e uma atenção na sua expressão que Eragon não sabia interpretar, mas que o deixou hesitante. Nessa altura, uma sombra pareceu cruzar rapidamente o rosto de Arya, e ela baixou a espada, afastando-se.

Eragon esfregou a garganta.

— Se sabe tanto acerca do uso da espada — disse ele —, porque não consegue me ensinar a ficar melhor?

Os seus olhos cor de esmeralda brilharam com maior intensidade.

— Estou tentando — respondeu ela —, mas o problema não está aqui. — Tocou levemente com a espada no seu braço direito. — O problema está aqui. — E tocou-lhe no elmo, produzindo um ruído metálico. — E eu não sei como te ensinar o que precisa aprender, a não ser mostrando os erros que comete, vezes sem conta, até deixar de os cometer. — Bateu de novo no elmo dele. — Mesmo que para isso tenha de fazer em você alguns machucados.

O fato de Arya continuar a vencê-lo com aquela regularidade feria o seu orgulho mais do que ele estava disposto a admitir, mesmo perante Saphira. E fazia-o duvidar se alguma vez conseguiria vencer Galbatorix, Murtagh, ou qualquer outro adversário verdadeiramente poderoso, caso tivesse a infelicidade de os confrontar sozinho, sem a ajuda de Saphira e da sua magia.

Afastando-se de Arya, Eragon encaminhou-se para um local a cerca de dez metros.

— Bom — disse ele de dentes cerrados —, então continue. — Dito isto agachou-se ligeiramente e preparou-se para mais um violento ataque.

Arya franziu os olhos, o que deu uma aparência cruel ao seu rosto anguloso.

— Muito bem.

Correram um para o outro, entoando gritos de guerra, e o furioso choque das armas ecoou pelo campo. Combate após combate, lutaram até ficarem exaustos, suados, cobertos de pó, e Eragon ficou marcado por dolorosos vergões. Ainda assim continuaram a atacar-se violentamente, com uma expressão determinada e grave, nunca antes presente nos seus duelos. Nenhum pediu para terminar o violento confronto, nem se ofereceu para o fazer.

Saphira observava de um lado do campo, esticada num confortável tapete de grama. Durante a maior parte do tempo, guardou os pensamentos para si, evitando distrair Eragon, mas de vez em quando fazia uma breve observação acerca da sua técnica ou da de Arya, e Eragon as achava sempre úteis. Desconfiava também que ela interferira mais de uma vez para o salvar de um ou de outro golpe particularmente perigoso, pois os seus braços e pernas pareciam as vezes se moverem ligeiramente mais depressa do que deviam, ou mesmo um pouco antes do que era sua intenção movê-los. E, quando isso acontecia, sentia um certo formigamento na mente, o que sabia de antemão ser um sinal de que Saphira estava interferindo com parte da sua consciência.

Por fim Eragon lhe pediu que parasse:

Eu tenho de conseguir fazer isto sozinho, Saphira, disse. Não pode me ajudar sempre que preciso.

Posso tentar.

Eu sei. Sinto o mesmo em relação a você. Mas sou eu que tenho que escalar esta montanha, não você.

A extremidade do seu lábio estremeceu.

Para quê escalar quando se pode voar? Nunca conseguirá chegar a lado nenhum com essas perninhas curtas.

Isso não é verdade e você sabe. Além disso, se voasse seria com asas emprestadas e tudo o que ganharia seria a emoção barata de uma vitória imerecida.

Vitória é vitória e morte é morte, independentemente de como se conquistam.

Saphira... disse Eragon num de advertência.

Pequenino.

Ainda assim, para seu alívio, ela o deixou entregue a si mesmo depois disso, embora continuasse a vigiá-lo incessantemente. Além de Saphira, os elfos destacados para guardar ela e a Eragon tinham se reunido num dos extremos do campo e Eragon sentiu-se desconfortável com a sua presença — não lhe agradava que mais ninguém testemunhasse os seus fracassos, além de Saphira e Arya —, mas sabia que os elfos nunca aceitariam se retirar para as tendas. De qualquer forma, serviam um propósito útil, além de protegerem ele e Saphira: evitavam que os outros guerreiros que estavam no campo se aproximassem e ficassem pasmos observando um Cavaleiro e um elfo que lutavam vigorosamente. Não é que os feiticeiros de Blödhgarm fizessem algo específico para desencorajar os espectadores, mas a sua aparência, por si, era suficientemente intimidante afastando espectadores ocasionais.

Quanto mais lutava com Arya mais frustrado Eragon se sentia. Ganhou dois dos combates — embora por pouco, lutando freneticamente e utilizando táticas desesperadas que resultaram mais por sorte do que por perícia, e que jamais utilizaria num duelo real, a menos que já não estivesse preocupado com a sua segurança. Mas, tirando essas duas vitórias isoladas, Arya continuava a vencê-lo com uma facilidade deprimente. Por fim a raiva e a frustração de Eragon transbordaram e ele perdeu toda a noção das proporções.

Inspirado pelos métodos que tinham garantido as suas poucas vitórias, Eragon ergueu o braço direito, preparando-se para atirar Brisingr em Arya, como se lançasse um machado de guerra. Nesse preciso momento, uma outra mente tocou na consciência de Eragon e ele percebeu de imediato que não era a mente de Arya nem a de Saphira, nem de nenhum dos outros elfos, pois era sem dúvida a mente de um macho, de um dragão macho.

Eragon defendeu-se do contato e apressou-se para organizar as ideias para se proteger do que temia ser um ataque de Thorn. Mas, antes que o conseguisse fazer, uma voz imensa ecoou através dos atalhos sombrios da sua consciência, como o ruído de uma montanha movendo-se sob o próprio peso.

Basta, disse Glaedr.

Eragon ficou tenso e cambaleou meio passo para a frente, apoiando-se nos calcanhares para evitar lançar Brisingr. Depois viu ou sentiu Arya, Saphira e os feiticeiros de Blödhgarm reagirem e se mexerem, surpreendidos, e percebeu que eles também tinham ouvido Glaedr.

A mente do dragão parecia a mesma de sempre — ancestral, insondável e dilacerada pela dor. Mas pela primeira vez desde a morte de Oromis, em Gil’ead, Glaedr parecia possuído pelo desejo de fazer algo mais que não afundar-se no pântano absorvente dos seus próprios tormentos.

Glaedr-elda!, disseram Eragon e Saphira, ao mesmo tempo. *Como está? Está bem? Conseguiu...*

Outros falaram também — Arya, Blödhgarm e dois elfos que Eragon não conseguiu identificar — e as palavras dissonantes misturaram-se, numa algazarra incompreensível.

Basta, repetiu Glaedr, parecendo cansado e exasperado. *Querem atrair atenções indesejáveis?*

Todos silenciaram de imediato e esperaram para ouvir o que dragão dourado iria dizer a seguir. Eragon trocou um olhar entusiasmado com Arya. Glaedr não falou logo, observando-os durante mais alguns minutos. Eragon sentiu o peso imenso da sua presença dentro de si, tal como os outros deveriam certamente sentir. Depois Glaedr disse no seu tom de voz sonoro e determinante:

Isto já se arrasta há muito tempo... Eragon, não devia passar tanto tempo lutando, pois isso está te distraindo de assuntos mais importantes. Não é a espada na mão de Galbatorix que mais deve temer, tão pouco a espada na sua boca. É a espada na sua mente. O seu maior talento é a aptidão para se infiltrar nas menores partes do teu ser e te forçar a obedecer à sua vontade. Em vez de travar essas lutas com Arya, devia se aplicar no domínio dos seus pensamentos, pois ainda estão terrivelmente indisciplinados... Porque insiste, então, neste esforço fútil?

De repente, ocorreu-lhe um sem número de respostas: que gostava de lutar com Arya, apesar da irritação que isso lhe causava; que queria ser o melhor espadachim — o melhor do mundo, se possível; que o exercício lhe acalmava os nervos e modelava o seu corpo; e muitas outras razões. Eragon tentou conter a confusão de pensamentos, não só para manter alguma privacidade, mas também para evitar inundar Glaedr com informação indesejável, confirmando assim a opinião do dragão acerca da sua falta de disciplina. Contudo, não foi inteiramente bem-sucedido e sentiu algum desapontamento em Glaedr.

Eragon escolheu os argumentos mais fortes:

Se eu conseguir conter Galbatorix com a minha mente — mesmo que não consiga vencê-lo —, se ao menos conseguir contê-lo, isso poderá ainda ser resolvido com a espada. Seja como for, o rei não é o único inimigo com que deveríamos nos preocupar: para começar temos Murtagh e sabe-se lá que outro tipo de homens ou criaturas ao seu serviço. Não consegui derrotar Durza sozinho, nem Varaug, nem mesmo Murtagh. Tive sempre ajuda. Mas não posso esperar que Arya, Saphira ou Blödhgarm venham em meu auxílio sempre que estou em apuros. Tenho que melhorar o uso da espada. No entanto, parece que não estou fazendo progressos, por mais que me esforce.

Varaug?, perguntou Glaedr. Nunca ouvi esse nome antes.

Foi a vez de Eragon relatar a Glaedr a tomada de Feinster e como ele e Arya tinham matado o Espetro recém-nascido, ao mesmo tempo que Oromis e Glaedr encontravam a morte — dois tipos diferentes de morte, mas ainda assim dois fins mortais — ao combaterem nos céus de Gil’ead. Eragon resumiu também as atividades dos Varden daí em diante, ao perceber que Glaedr se mantivera de tal forma isolado que pouco sabia acerca deles. O seu relato demorou alguns minutos, durante os quais tanto ele como os elfos permaneceram paralisados no campo, olhando apaticamente uns para os outros, concentrados na rápida troca de pensamentos, imagens e sentimentos.

Seguiu-se mais um longo período de silêncio, enquanto Glaedr digeriria a informação que lhe fora transmitida. Quando se dignou a falar de novo, parecia divertido:

Você é muito ambicioso se aspira matar Espetros com impunidade. Mesmo o mais velho e mais sensato dos Cavaleiros hesitaria em atacar um Espetro sozinho e você já sobreviveu a encontros com dois deles, o que é mais do que a maioria conseguiria fazer. Fique feliz por ter tido tanta sorte e deixa as coisas como estão. Tentar vencer um Espetro é como tentar voar mais alto que o sol.

Sim, respondeu Eragon, mas os nossos inimigos são tão fortes como os Espetros, ou até mesmo mais fortes, e Galbatorix pode criar mais Espetros só para travar o nosso avanço. Os usa sem imprudência, sem ter em vista a destruição que podem causar por toda parte.

Ebrithil, disse Arya, ele tem razão. Os nossos inimigos são absolutamente mortíferos... como você sabe — acrescentou, num tom gentil — e Eragon não está no nível que precisaria estar. Tem que aprender a dominar a espada para se preparar para o que está por vir. Fiz tudo o que

podia para o ensinar, mas a maestria vem basicamente de dentro e não de fora.

O fato de Arya o defender, aqueceu o coração de Eragon. Tal como anteriormente, Glaedr demorou a responder:

Mas Eragon ainda não domina os seus pensamentos e também terá que aprender a dominá-los. Nenhuma destas aptidões mentais ou físicas vale muito isolada, mas a aptidão mental é a mais importante. É possível ganhar uma batalha contra um feiticeiro ou um espadachim apenas com a mente. A sua mente e o seu corpo deviam estar equilibrados, mas se tiver que optar, deverá escolher o treino da mente. Arya... Blödhgarm... Yaela...você sabem que isto é verdade. Porque é que nenhum se encarregou de prosseguir com a educação de Eragon nesta área?

Arya baixou os olhos como uma criança repreendida. O pelo nos ombros de Blödhgarm ondulou e eriçou-se, e ele arreganhou os lábios, revelando a ponta dos caninos brancos e aguçados. Foi Blödhgarm quem finalmente se atreveu a dar uma resposta. Falando apenas na língua antiga — o que nenhum deles fizera até então — disse:

Arya está aqui como embaixatriz do nosso povo. Eu e o meu grupo estamos aqui para proteger as vidas de Saphira Escamas Brilhantes e de Eragon Matador de Espetros, e tem sido uma tarefa difícil e demorada. Todos nós tentamos ajudar Eragon, mas não é a nós que compete treinar um Cavaleiro, nem nos passaria pela cabeça fazê-lo, estando um dos seus legítimos mestres ainda vivo e presente... mesmo que esse mestre estivesse se descuidando do seu dever.

Nuvens escuras de fúria acumularam-se dentro de Glaedr, como gigantescas nuvens de trovoadas crescendo no horizonte. Eragon se distanciou da consciência de Glaedr, receoso da ira do dragão. Este já não podia machucar ninguém fisicamente, mas ainda era incrivelmente perigoso. Se perdesse o controle e os atacasse com a mente, nenhum deles conseguiria resistir ao seu poder.

No início, a indelicadeza e a insensibilidade de Blödhgarm chocaram Eragon, pois nunca antes ouvira um elfo dirigir-se a um dragão daquela forma. Mas, depois de refletir um momento, Eragon percebeu que Blödhgarm deveria ter feito isso para puxar Glaedr e impedir que ele voltasse a se recolher na sua carapaça de tristeza. Embora admirasse a coragem do elfo, Eragon se interrogou se a melhor abordagem seria realmente insultar Glaedr. Não era certamente a estratégia mais segura. As nuvens de trovoadas ondulantes cresciam, iluminadas por clarões semelhantes

a relâmpagos, à medida que os pensamentos se sucediam na mente de Glaedr:

Ultrapassaste os limites, elfo, rugiu, também na língua antiga. Não você tem nada que questionar as minhas ações. Não está nem ao seu alcance compreender o que eu perdi. Se não fosse Eragon e Saphira, e o meu dever para com eles, há muito eu teria enlouquecido. Por isso não me acuse de negligência, Blödhgarm, filho de Ildrid, a menos que te queira se por a prova com o último dos grandes Anciãos.

Arreganhando mais os dentes, Blödhgarm bufou. Apesar disso, Eragon detectou uma ligeira satisfação no rosto do elfo, mas, para sua consternação, o elfo insistiu, dizendo:

Então não nos culpe por não cumprir o que é da sua responsabilidade e não da nossa, Ancião. A nossa raça chora a tua perda, mas não pode esperar que cedemos em função da sua auto-piedade, estando em guerra com o mais terrível dos inimigos da nossa História — o mesmo inimigo que exterminou praticamente toda a tua espécie e que matou o teu Cavaleiro.

A fúria de Glaedr era vulcânica, negra e terrível, fustigando Eragon com tamanha violência que ele recebeu que o seu ser se rasgasse em dois, como uma vela fustigada pelo vento. Do outro lado do campo, ele viu homens largarem as armas e agarrarem a cabeça, com o rosto desfigurado pela dor.

A minha auto-piedade?, disse Glaedr, acentuando cada palavra como uma sentença de morte. Eragon sentiu algo de desagradável ganhar forma nas profundezas da mente do dragão, algo que poderia ser motivo de muita mágoa e de remorsos se chegasse a ganhar forma.

Depois Saphira falou e a sua voz mental penetrou nas emoções agitadas de Glaedr como uma faca na água:

Mestre, disse, tenho estado preocupada com você. É bom saber que está bem e que está de novo forte. Nenhum de nós pode te igualar e precisamos da sua ajuda. Sem você não temos nenhuma chance de derrotar o Império.

Glaedr roncou ameaçadoramente mas não a ignorou, nem a interrompeu, nem a insultou. Na verdade, o elogio pareceu agradar ele, mesmo que ligeiramente. *Afinal de contas, pensou Eragon, se havia uma coisa a que os dragões eram sensíveis era à elogios, como Saphira sabia bem.* Sem se deter para permitir que Glaedr respondesse, Saphira disse:

Como já não pode mais usar as suas asas, me permita que te ofereça as minhas em substituição. O ar está calmo e o céu está limpo. Seria uma alegria voar bem alto acima do solo, mais alto que as águias se atrevem a voar. Deve estar querendo deixar tudo isto para trás e voltar a sentir as

correntes de ar subirem por baixo de você, depois de tanto tempo aprisionado no coração dos corações.

A tempestade negra dentro de Glaedr abrandou um pouco, embora continuasse vasta e ameaçadora, prestes a explodir de novo com uma renovada violência.

Isso... seria agradável.

Então voaremos juntos muito em breve. Mas Mestre...

Sim, minha pequena?

Primeiro gostaria de te pedir uma coisa.

Então pede.

Você ajudará Eragon no manejo da espada? Pode ajudá-lo? Ele não tem a perícia que deveria ter e eu não quero perder o meu Cavaleiro. Saphira manteve uma postura dignificante, mas havia uma nota de súplica na sua voz e Eragon sentiu a garganta contrair.

As nuvens de trovoadas implodiram, deixando atrás de si uma paisagem árida e cinzenta, indescritivelmente triste. Glaedr fez uma pausa. Estranhas formas indistintas moviam-se lentamente em um extremo — enormes monólitos que Eragon não tinha qualquer desejo de ver de perto.

Muito bem, disse Glaedr, depois de um tempo. Farei o que puder pelo teu Cavaleiro. Mas, depois que sairmos deste campo, ele terá que me deixar o ensinar como eu achar melhor.

Combinado, disse Saphira. Eragon viu Arya e os outros elfos descontraiam, como se tivessem estado contendo a respiração.

Eragon se recolheu por alguns instantes, ao ser contatado por Trianna e outros feiticeiros que prestavam serviço nos Varden, todos exigiam que ele lhes explicasse o que acabara de destruir suas mentes, perturbando tanto os homens como os animais no acampamento. Trianna atropelou os outros, perguntando:

Estamos para ser atacados, Matador de Espetros? É Thorn? É Shruikan?! O seu pânico era de tal forma intenso, que Eragon teve vontade de largar a espada e o escudo, e fugir para um local seguro.

Não, está tudo bem, disse ele tão calmamente, quanto possível. A existência de Glaedr era ainda um segredo para a maioria dos Varden, incluindo Trianna, e os feiticeiros sob as suas ordens e Eragon queria que se mantivesse assim, não fosse a notícia do dragão dourado chegar aos ouvidos dos espiões do Império. Era extremamente difícil mentir em comunicação

com a mente de outra pessoa, pois era quase impossível não pensar no que se pretendia esconder, daí que Eragon tenha abreviado a conversa o mais possível. Eu e os elfos estávamos praticando magia, mais tarde explico. Mas não há qualquer motivo para se preocuparem.

Eragon percebeu que as suas garantias não os convenceram totalmente, mas eles não se atreveram a insistir numa explicação mais detalhada e despediram-se antes de vedarem a mente ao seu olho interior.

Arya devia ter percebido a mudança no seu comportamento, pois foi ao seu encontro e murmurou em voz baixa:

— Está tudo bem?

— Está tudo bem — respondeu Eragon, num tom semelhante, acenando com a cabeça em direção aos homens que apanhavam as armas do chão.

— Tive que responder algumas perguntas.

— Ah, mas não disse quem...

— Claro que não.

Assumam as posições anteriores, resmungou Glaedr. Eragon e Arya separaram-se, afastando-se seis metros em ambas as direções. Consciente de que poderia ser um erro, mas incapaz de se conter, Eragon disse: *Mestre, poderá mesmo me ensinar o que preciso aprender antes de chegarmos a Urû'baen? Resta tão pouco tempo, que eu...*

Posso te ensinar agora mesmo, se me escutar, disse Glaedr. *Mas terá que me escutar mais atentamente do que nunca.*

Estou o ouvindo, Mestre. Ainda assim, Eragon não pôde deixar de se interrogar sobre o que o dragão saberia realmente acerca do uso da espada. Glaedr devia ter aprendido bastante com Oromis, tal como Saphira aprendera com Eragon. Mas, apesar dessas experiências partilhadas, Glaedr nunca pegara uma espada — como poderia ter feito isso? Glaedr ensinar esgrima a Eragon seria como Eragon ensinar a um dragão a navegar nas correntes de ar quente que subiam pela encosta de uma montanha. Poderia fazer, mas jamais seria capaz de explicar tão bem como Saphira, pois o seu conhecimento era indireto e nenhuma reflexão abstrata poderia se sobrepor a essa desvantagem.

Eragon guardou as dúvidas para si, mas algo deveria ter escapado através das barreiras que erguera, porque o dragão fez um ruído divertido, ou melhor, reproduziu-o na sua mente — não era fácil esquecer os hábitos do corpo — dizendo:

Os grandes combates são todos iguais, Eragon, tal como os grandes guerreiros são iguais. A partir de um certo ponto, pouco importa se luta com uma espada, com as garras, com os dentes ou com a cauda. É certo que você tem que saber manejar convenientemente a sua arma, mas qualquer pessoa com tempo e inclinação para isso, consegue adquirir a competência técnica. Contudo, para se alcançar a excelência é necessário um talento artístico, o que exige imaginação e ponderação. São essas as qualidades comuns aos melhores guerreiros, mesmo que superficialmente pareçam totalmente diferentes.

Glaedr ficou em silêncio por momentos e depois continuou:

Bom, o que foi que eu te disse antes?

Eragon não teve nem que parar para pensar.

Que eu tinha que aprender a observar o que via. E eu tentei, Mestre, a sério eu tentei.

Mas ainda não vê. Olhe para Arya. Porque será que ela conseguiu te derrotar inúmeras vezes? Porque ela te entende, Eragon. Ela sabe quem você é e como pensa, e é isso que permite que ela te derrote tão frequentemente. Porque será que Murtagh conseguiu te derrotar nas Planícies Flamejantes, embora não fosse nem de longe tão rápido nem tão forte como você?

Porque eu estava cansado e...

E como ele conseguiu ferir nos quadris, da última vez que se encontraram, e enquanto você apenas fez um arranhão na face dele? Eu te explico, Eragon. Não foi pelo fato de você estar cansado e ele não. É porque ele te entende e você não o entende. Murtagh sabe mais do que você, por isso tem poder sobre ti, tal como Arya.

Glaedr continuou a falar:

Olha para ela, Eragon, olha bem para ela. Ela te vê como você é, mas será que você a vê? Consegue vê-la com clareza suficiente para a derrotar em combate?

Eragon olhou Arya nos olhos e viu neles um misto de determinação e instinto defensivo, como se ela o desafiasse a desvendar os seus segredos, mas ao mesmo tempo receasse o que poderia acontecer se ele o fizesse. A dúvida cresceu dentro de Eragon. Será que ele a conhecia realmente tão bem como pensava ou teria se enganado, confundindo o exterior com o interior?

Se deixou enfurecer mais do que devia, disse Glaedr, brandamente. A raiva tem o seu lugar, mas aqui não poderá ajudar. O método do guerreiro é

o método do saber. Se esse saber te exigir que use a raiva, use-a, mas não poderá conquistar mais saber perdendo a cabeça. Se o fizer, a dor e a frustração serão as tuas únicas recompensas. Em vez disso, tem que fazer um esforço para ficar calmo, mesmo que uma centena de inimigos ferozes tente morder seus calcanhares. Esvazie a sua mente e deixe que esta se transforme num lago calmo, capaz de refletir tudo ao seu redor e ainda assim intocado por tudo. A compreensão virá ao teu encontro nesse vazio, assim que se libertar de medos irracionais sobre vitória ou derrota, sobre vida ou morte. Não pode prever todas as eventualidades e não pode garantir o sucesso sempre que enfrentar um inimigo. Mas, se vir tudo, sem descartar nada, poderá se adaptar sem hesitação a qualquer mudança. O guerreiro que mais tempo vive é o que mais facilmente se consegue adaptar ao inesperado. Por isso, olhe para Arya, observe o que está vendo, e depois aja como achar mais conveniente. Quando passar à ação, não permita que os seus pensamentos te distraiam. Pense sem pensar, para que possa agir por instinto e não racionalmente. Agora vai, experimente.

Eragon, procurou se acalmar durante um momento e pensar em tudo o que sabia acerca de Arya: o que ela gostava e não gostava, os hábitos e manias, os acontecimentos importantes da sua vida, os medos e as esperanças e, acima de tudo, o seu temperamento — o que ditava a forma como abordava a vida... e o combate. Pensou em tudo isso e depois tentou descortinar a essência da sua personalidade. Era uma tarefa difícil, especialmente por estar fazendo um esforço para a ver não da forma habitual — uma bela mulher que admirava e desejava —, mas como a pessoa inteira e completa que realmente ela era, independente das suas necessidades e desejos.

Tirou todas as conclusões que lhe foi possível num curto espaço de tempo, embora receasse que os seus entendimentos fossem infantis e muito simplistas. Depois, pôs de lado a incerteza e avançou, erguendo o escudo e a espada.

Sabia que Arya esperava que ele tentasse algo diferente, por isso iniciou o duelo da mesma forma que fizera as duas vezes anteriores: correu na diagonal, na direção do seu ombro direito, como se quisesse contornar o escudo e atacá-la no flanco exposto. O estratagema não iria enganá-la, mas iria forçá-la a pensar sobre o que ele estaria realmente planejando e, quanto mais tempo conseguisse mantê-la nessa incerteza, melhor.

Uma pequena pedra relou sob o calcanhar do seu pé direito pelo que ele transferiu o peso do corpo para o outro lado, de forma a manter o equilíbrio. O movimento provocou uma hesitação quase imperceptível no andar, de

outro modo fluido, mas Arya percebeu a irregularidade e saltou na direção dele, com um grito de clarim.

As espadas roçaram uma na outra, uma, duas vezes, e depois Eragon virou-se. Subitamente convicto de que Arya o iria atingir junto da cabeça, Eragon apontou a espada para o peito dela, tão rapidamente quanto possível, dirigindo-a para um ponto junto do esterno que ela seria forçada a deixar exposto, se tentasse atingir o seu elmo.

A sua intuição estava certa mas os seus cálculos falharam. Eragon atacou-a tão rapidamente que Arya não teve tempo de afastar o braço e o punho da espada, desviando a ponta azul escura de Brisingr e fazendo-a passar inofensivamente junto da sua face.

Um instante depois, o mundo girou em torno de Eragon. Explosões de faíscas vermelhas e laranjas salpicaram o seu campo de visão, ele cambaleou e caiu sobre o joelho, apoiando-se no chão com ambas as mãos. Um ruído surdo, inundou-lhe os ouvidos.

O som abrandou gradualmente, altura em que Glaedr disse:

Não tente ser rápido nem lento Eragon. Se se mover no momento certo, o teu golpe não parecerá rápido nem lento, mas espontâneo. O timing é tudo em combate. Tem que estar muito atento aos padrões e ritmos dos corpos dos teus adversários: se são fortes ou fracos, se são rígidos ou flexíveis. Se você combinar os seus ritmos quando estes servirem aos teus propósitos e os confundir quando não servirem, poderá controlar o ritmo da batalha a teu favor. Isto é algo que terá que entender em absoluto. Memorize-o e pensa no assunto mais tarde... Agora, tente novamente!

Olhando ferozmente para Arya, Eragon voltou a se levantar e balançou a cabeça para clarear as ideias, assumindo, aparentemente pela centésima vez, a postura de combate. As dores nos vergões e nas contusões redobraram. Sentia-se como um velho que sofre de artrite.

Arya sacudiu os cabelos para trás e sorriu, lhe mostrando os dentes fortes e brancos. O gesto não produziu qualquer efeito, pois ele estava concentrado na tarefa que tinha em mãos e não estava disposto a cair no mesmo truque duas vezes. Antes do sorriso de Arya começar a desvanecer-se Eragon já corria em frente, com a espada baixa, virada para o lado, e o escudo à frente. Ao saltar, a posição da sua espada instigou Arya a desferir um golpe precipitado e irrefletido: um golpe violento que o teria atingido na clavícula se ela tivesse acertado.

Eragon esquivou-se por baixo da espada de Arya, deixou-a bater no escudo, e ergueu Brisingr brandindo-a em um círculo, como se quisesse

golpeá-la nas pernas e nos quadris. Arya aparou o golpe com o escudo e empurrou-o, deixando Eragon sem ar nos pulmões. Seguiu-se um breve período de calma em que os dois circularam em torno um do outro, à espera de uma abertura que pudessem explorar. O ar entre eles estava carregado de tensão. Estudavam-se, com movimentos rápidos e bruscos quase semelhantes aos dos pássaros, devido à energia superabundante que lhes corria nas veias.

A tensão quebrou-se como uma vara de vidro que se partia ao meio. Eragon golpeou-a e Arya aparou o golpe. As espadas moviam-se tão velozmente que mal se viam. Eragon manteve-se de olhos pregados nela ao trocarem os golpes, esforçando-se também para observar os ritmos e padrões do seu corpo — tal como Glaedr lhe aconselhara —, sem se esquecer de quem ela era e de como provavelmente iria agir e reagir. Desejava tanto vencer que sentiu que se arrebentaria se não o conseguisse.

Ainda assim, apesar de todos os seus esforços, Arya apanhou-o de surpresa com um golpe invertido do pomo nas costelas. Eragon parou e praguejou. *Já foi melhor, disse Glaedr, muito melhor. O teu timing foi quase perfeito.*

Mas não totalmente.

Não totalmente. Está ainda muito zangado e a sua mente ainda está muito obstruída. Não se esqueça do que deve se lembrar, mas não deixe que isso te distraia do que está acontecendo. Descubra um lugar calmo dentro de ti e deixe-se varrer pelas preocupações do mundo, sem te deixar arrastar por elas. Devia sentir como quando Oromis te mandou escutar os pensamentos das criaturas da floresta. Nessa altura você estava consciente de tudo o que se passava ao teu redor, sem contudo te fixar em nenhum detalhe. Não olhe apenas para os olhos de Arya. A tua atenção é muito limitada, muito detalhista.

Mas Brom me disse ...

Há muitas formas de usar os olhos. Brom tinha a sua, mas não era dos estilos mais flexíveis, nem o mais adequado para grandes batalhas. Ele passou grande parte da sua vida a lutar mano a mano, ou em pequenos grupos, e os seus hábitos refletiam isso. Mais vale ter uma visão aberta do que um olhar muito próximo, permitindo que algo no local ou na situação te apanhe desprevenido. Entende?

Sim, Mestre.

Então, tente novamente, e desta vez descontraí e alargue a tua percepção.

Eragon reviu mais uma vez o que sabia acerca de Arya. Depois de pensar num plano de ação, fechou os olhos, abrandou a respiração e recolheu-se em si mesmo. Os seus medos e a ansiedade foram desaparecendo lentamente, deixando atrás de si um vazio profundo que atenuou a dor dos ferimentos e lhe proporcionou uma invulgar sensação de clareza. Embora ainda tivesse interesse em ganhar, a perspectiva da derrota já não o incomodava. Seria como tivesse de ser, e ele não iria lutar inutilmente contra os desígnios do destino.

— Preparado? — perguntou Arya, quando ele voltou a abrir os olhos.

— Preparado.

Tomaram as posições iniciais e ficaram onde estavam, imóveis, ambos à espera que o adversário atacasse primeiro. O sol estava à direita de Eragon, o que queria dizer que se manobrasse Arya na direção oposta, a luz incidiria sobre os seus olhos. Já tentara antes, sem sucesso, mas agora ele tinha pensado numa forma que talvez lhe permitisse fazer isso.

Sabia que Arya estava confiante de que conseguiria derrotá-lo. Tinha a certeza de que ela não desvalorizava as suas aptidões mas, por muito consciente que ela estivesse das suas aptidões e do seu desejo de melhorar, vencera a esmagadora maioria dos combates.

Tais experiências revelaram que ele seria fácil de derrotar, mesmo que, racionalmente, soubesse que não era bem assim. Portanto, a sua confiança era também a sua fraqueza. *Ela pensa que é melhor do que eu com uma espada*, disse Eragon consigo mesmo, *e talvez seja, mas eu posso usar essas expectativas contra ela. Quanto muito, serão a sua ruína.*

Avançou alguns metros de lado e sorriu para Arya, ao mesmo tempo que ela sorria de volta. Arya tinha uma expressão impassível. Momentos depois o atacou, como se fosse derrubá-lo. Eragon deu um salto para trás, desviando-se lentamente para a direita, para tentar guiá-la na direção que pretendia.

Arya parou bruscamente a vários metros dele e ficou tão imóvel quanto um animal selvagem surpreendido numa clareira. Depois traçou um semicírculo com a espada, olhando-o diretamente. Eragon desconfiava que ela estaria ainda mais empenhada em fazer o melhor, pelo fato de Glaedr os estar observando.

Depois, ela surpreendeu-o com um rugido suave, semelhante ao de um felino. O rugido era uma arma para o desestabilizar, tal como o sorriso que fizera antes, e resultou, embora apenas parcialmente, pois ele passara a contar com tais gestos, senão com esse em particular.

Arya cruzou a distância que os separava com um único salto, brandindo a espada na direção dele, com pesados golpes circulares que Eragon aparou com o escudo. Deixou que ela o atacasse sem oferecer resistência, como se os seus golpes fossem tão fortes que apenas lhe permitissem se defender. A cada sacudidela dolorosa do braço e do ombro, Eragon recuava, cambaleando de vez em quando para dar a impressão de que estava a ser forçado a recuar.

Ainda assim permaneceu sereno e controlado — como que vazio. Percebeu que o momento oportuno se aproximava mesmo antes deste chegar e, logo que chegou, ele agiu sem pensar nem hesitar, sem querer ser rápido ou lento, procurando apenas aproveitar o potencial daquele momento único e perfeito.

Ao ver a espada de Arya descer num arco cintilante, girou para a direita, esquivando-se da arma e colocando-se simultaneamente de costas para o sol. A ponta da espada dela enterrou-se no chão com um ruído seco. Arya virou a cabeça para não o perder de vista, cometendo o erro de olhar diretamente para o sol. Franziu os olhos e as suas pupilas contraíram-se em pequenos pontos escuros. Enquanto estava ofuscada, Eragon golpeou-a por baixo do braço esquerdo, com Brisingr, tocando-lhe nas costelas. Poderia tê-la atingido na nuca — e teria feito isso feito se estivessem realmente lutando — mas conteve-se, pois, mesmo com uma espada romba, um golpe desses poderia matá-la.

Ao sentir Brisingr tocar-lhe, Arya soltou um grito agudo, recuando vários passos, e parou com o braço encostado ao flanco e a testa franzida de dor, olhando-o com uma expressão estranha.

Excelente!, exclamou Glaedr. *Mais uma vez!* Eragon sentiu uma satisfação momentânea, mas depois abstraiu-se da emoção, regressando ao anterior estado de vigilância desprendida.

Quando o rosto de Arya regressou ao normal e ela baixou o braço, os dois caminharam cautelosamente em torno um do outro, até que o sol deixasse de incidir nos olhos de ambos, altura em que recomeçaram a luta. Eragon depressa reparou que Arya estava tratando-o com mais cautela. Habitualmente isso teria lhe agradado, compelindo-o a atacar com uma maior agressividade, no entanto ele resistiu a esse impulso, pois parecia óbvio que ela fazia propositadamente. Se ele mordesse a isca, em breve ficaria à sua mercê, como tantas vezes antes.

O duelo durou apenas alguns segundos, embora fosse o suficiente para trocarem uma série de golpes. Os escudos estalavam, chumaços de grama arrancada voavam pelo ar e as espadas tilintavam uma contra a outra, à

medida que mudavam de posição, torcendo os corpos no ar como colunas de fumaça gêmeas. O resultado final foi o mesmo que anteriormente. Eragon penetrou nas defesas de Arya com um hábil trabalho de pés e uma sacudidela de pulso, golpeando Arya ao longo do peito, desde o ombro ao esterno.

O golpe a desequilibrou, fazendo-a cair sobre o joelho e ali ficou, com a testa franzida, respirando pesadamente de narinas contraídas. Tirando o rosa que aparecer nas maçãs do rosto, Arya estava extremamente pálida.

Mais uma vez!, ordenou Glaedr.

Eragon e Arya obedeceram sem questionar. O cansaço de Eragon diminuía graças às duas vitórias, embora ele percebesse que se passava precisamente o oposto com Arya.

Não ficou muito claro quem venceu o combate seguinte. Arya recuperou e conseguiu frustrar todos os truques e armadilhas de Eragon, e vice-versa. Continuaram a lutar indefinidamente até que, por fim, ficaram ambos tão cansados que nenhum conseguiu prosseguir. Apoiaram-se ambos nas espadas, agora muito pesadas, ofegantes, com o suor a escorrer pelo rosto.

Mais uma vez, disse Glaedr em voz baixa.

Eragon fez uma careta ao arrancar Brisingr do chão. Quanto mais exausto se sentia, mais difícil era manter a mente desobstruída e ignorar os protestos do seu corpo dorido. Achou também que se tornava cada vez mais difícil manter um estado de espírito equilibrado e evitar cair nas garras do mau humor que habitualmente o acossava quando precisava de descanso. Aprender a lidar com esse desafio, era parte do que Glaedr tentava lhe ensinar, concluiu.

Sentia os ombros doridos demais para aguentar a espada e o escudo. Por isso, deixou-os pendurados à altura da cintura, esperando conseguir erguê-los com a rapidez necessária mal fosse preciso. Arya fez o mesmo.

Arrastaram os pés em direção um ao outro, numa imitação grosseira da anterior graciosidade. Eragon estava exausto, ainda assim recusava-se a desistir. Embora não entendesse bem como, o combate parecia ter-se transformado em algo mais do que um mero teste de armas. Convertera-se num teste para ele mesmo, um teste para o seu caráter, à sua força e à sua resistência. E também não era Glaedr que o estava testando, mas sim Arya — pelo menos era o ele que sentia. Era como se ela quisesse algo dele, como se ela quisesse que ele demonstrasse algo... O quê, ele não sabia ao certo, mas estava determinado a fazer o melhor possível. Enquanto Arya estivesse com disposição para combater, ele estaria também, por mais que doesse.

Uma gota de suor caiu sobre seu olho esquerdo. Pestanejou e Arya atirou-se sobre ele, gritando. Mais uma vez iniciaram a sua dança mortífera e, mais uma vez, lutaram até chegarem a um impasse. A fadiga tornava-os desastrados. Mesmo assim moviam-se com uma harmonia grosseira, que os impedia de alcançar a vitória.

Por fim, deram consigo cara a cara, de espadas cruzadas junto dos punhos, empurrando-se mutuamente, com a pouca energia que lhes restava. Depois, enquanto ali estavam, empurrando-se inutilmente para trás e para frente, Eragon disse num tom de voz grave e ameaçador:

— Eu... te vejo.

Uma centelha de luz surgiu nos olhos de Arya, voltando a desaparecer com a mesma rapidez.

Gládio de Corações

Glaedr forçou-os a lutar mais duas vezes. Cada duelo era mais breve que o anterior e resultava, invariavelmente, num empate, o que gerou uma maior frustração do dragão dourado do que propriamente a Eragon ou Arya.

Glaedr poderia tê-los forçado a lutar até que se tornasse absolutamente claro quem era o melhor guerreiro mas, no final do último duelo, estavam ambos tão cansados que se deixaram cair no chão e ficaram deitados lado a lado, ofegantes. Até Glaedr teve de admitir que seria imprudente, senão francamente nocivo, que prosseguissem.

Logo que se recuperaram o suficiente para se levantar e andar, Glaedr convocou-os à tenda de Eragon. Primeiro curaram os ferimentos mais dolorosos com a energia de Saphira, depois devolveram os escudos arruinados ao mestre de armas dos Varden, Fredric, que lhes deu outros novos, embora antes tivesse lhes dado um sermão sobre a necessidade de cuidarem melhor do equipamento.

Quando chegaram à tenda, encontraram Nasuada à espera, acompanhada da habitual comitiva de guardas.

— Já não era sem tempo — disse ela, num tom áspero. — Se já desistiram de se desfazer um ao outro, temos que conversar — e entrou na tenda sem dizer nem mais uma palavra.

Blödhgarm e os seus colegas feiticeiros dispuseram-se num amplo círculo, em torno da tenda, o que gerou um certo desconforto nos guardas de Nasuada. Eragon e Arya seguiram Nasuada para o interior da tenda e, depois, Saphira surpreendeu-os, enfiando o focinho por entre as abas da entrada e impregnando de imediato o espaço já pequeno com um cheiro de fumaça e carne queimada. A súbita aparição do focinho escamoso de Saphira apanhou Nasuada desprevenida, mas ela se recompôs depressa. Dirigindo-se a Eragon, disse:

— Foi Glaedr que eu senti, não foi?

Ele olhou de relance para a parte da frente da tenda, esperando que os guardas dela estivessem relativamente distantes para ouvir e acenou com a cabeça.

— Sim.

— Ah, eu sabia! — exclamou ela, com um ar satisfeito. Depois ficou com uma expressão hesitante. — Posso falar com ele? É... permitido, ou ele só se comunica com elfos e Cavaleiros?

Eragon hesitou e olhou para Arya, à espera que esta o orientasse.

— Não sei — respondeu ele. — Ele ainda não estava totalmente recuperado. É possível que não queira...

Eu falo com você, Nasuada, filha de Ajihad, disse Glaedr, fazendo ecoar a voz nas suas mentes. Pergunte-me o que quiser e depois deixe-nos trabalhar; há ainda muito que fazer para preparar Eragon para os desafios que o esperam.

Eragon nunca antes vira Nasuada intimidada, mas naquele momento parecia estar.

— Onde? — disse ela, em silêncio, abrindo as mãos.

Eragon apontou para uma extensão de terra, junto da sua cama.

Nasuada arqueou as sobrancelhas, acenando depois com a cabeça. A seguir levantou-se e cumprimentou Glaedr formalmente. Seguiu-se uma troca de amabilidades durante a qual Nasuada perguntou a Glaedr como estava de saúde, e se os Varden o poderiam servir com alguma coisa. Em resposta à primeira pergunta — que deixara Eragon nervoso — Glaedr replicou educadamente: *Bem, obrigado*. No que toca à segunda disse que não precisava de nada dos Varden, embora agradecesse a sua preocupação. *Eu já não como, disse, nem bebo, e também já não durmo da forma que o entendem. Agora, o meu único prazer, a minha única vontade é pensar na forma de provocar a queda de Galbatorix*.

— Entendo — disse Nasuada —, sinto o mesmo.

Depois ela perguntou a Glaedr se tinha algum conselho a lhe dar sobre a forma como os Varden poderiam tomar Dras-Leona, sem que isso lhes custasse homens e material demais, e não os forçasse a entregar Eragon e Saphira ao Império como “duas galinhas prontas a ir ao forno” — segundo as suas próprias palavras. Passou mais algum tempo explicando a situação a Glaedr, com uma maior especificidade, altura em que este disse, após alguma reflexão:

Não tenho nenhuma solução fácil, Nasuada. Continuarei pensando no assunto, mas neste momento não vejo nenhuma saída para os Varden. Se Murtagh e Thorn estivessem sozinhos, eu conseguiria facilmente vencer as suas mentes, contudo Galbatorix deu a eles muitos Eldunari para que eu

possa fazer isso. Mesmo com Eragon, Saphira e os Elfos ajudando, a vitória não seria certa.

Visivelmente desapontada, Nasuada ficou em silêncio por breves instantes. Depois encostou a palma das mãos à parte da frente do vestido, agradeceu a Glaedr o tempo que lhe dispensara, despediu-se deles e saiu, contornando cuidadosamente a cabeça de Saphira para não tocá-la.

Eragon descontraíu-se um pouco, sentando-se no catre e Arya sentou-se num pequeno banco de três pernas. Eragon esfregou as palmas das mãos nos joelhos das calças, pois sentia-as pegajosas, tal como o resto do corpo, oferecendo depois uma bebida a Arya do seu cantil de pele, que ela aceitou, agradecida. Depois de ela beber, ele bebeu também uns bons goles. O combate deixara-o esfomeado e a água abafou os roncões no estômago, mas esperava que Glaedr não demorasse muito mais. O sol estava quase se pondo e ele queria comer uma boa refeição dos cozinheiros dos Varden antes que estes apagassem as fogueiras e se recolhessem para dormir, do contrário acabaria tendo que comer pão duro, e pedaços de carne seca, queijo de cabra bolorento e uma ou duas cebolas cruas, se tivesse sorte — o que não lhe parecia muito agradável.

Logo que ambos se instalaram, Glaedr começou a falar, fazendo uma palestra a Eragon sobre os princípios do combate mental. Embora Eragon já os conhecesse, escutou-o atentamente e, sempre que o dragão dourado o mandava fazer algo, ele seguia as suas instruções sem questionar nem protestar. Depressa passaram dos aforismos à prática. Glaedr começou testando as defesas de Eragon com ataques de intensidade crescente, o que os levou a iniciar combates intensivos, em que cada um lutava para dominar os pensamentos do outro, mesmo que por alguns instantes.

Enquanto lutavam, Eragon mantinha-se deitado de barriga para cima, de olhos fechados, concentrando toda a energia na tempestade furiosa entre si e Glaedr. Os esforços que desenvolvera anteriormente tinham-no deixado fraco e exausto — enquanto que o dragão dourado, estava fresco e bem repousado, além de ser imensamente poderoso — o que lhe dificultou a tarefa, permitindo a ele pouco mais do que se defender dos ataques de Glaedr. Apesar disso Eragon saiu-se razoavelmente bem, consciente de que Glaedr teria, sem dúvida, vencido num combate real. Felizmente, Glaedr fez algumas concessões, atendendo ao estado em que Eragon se encontrava, embora lhe tivesse dito:

Tens de estar preparado para defender a parte mais profunda do teu ser a qualquer momento, mesmo que esteja dormindo, pois é bem provável que

acabe por enfrentar Galbatorix ou Murtagh, quando se sentir tão exausto como agora.

Depois de mais dois ataques, Glaedr recuou, assumindo o papel de espectador — um espectador bastante crítico, aliás — e ordenando a Arya que assumisse o seu lugar como adversária de Eragon. Arya estava tão cansada quanto Eragon, mas este depressa percebeu que ela era superior em combate de feiticeiros. Isso não o surpreendeu, pois ela quase o matara da única vez que se tinham digladiado mentalmente, numa altura em que Arya estava ainda atordoada no seu cativeiro em Gil'ead. Glaedr tinha uma mente focada e disciplinada, mas nem mesmo ele conseguia igualar o controle de ferro que Arya exercia sobre a sua própria consciência.

Eragon já tinha reparado que o autocontrole de Arya era um traço comum entre os elfos. O melhor nesse domínio fora Oromis. O seu autocontrole era de tal forma perfeito que ele nunca se deixava afetar pela menor dúvida ou preocupação. Eragon considerava a contenção dos elfos uma faceta inata da sua raça, bem como um resultado natural da rigorosa educação e uso da língua antiga. Falar e pensar numa língua que o impedia de mentir — em que cada palavra poderia ser transformada em um feitiço — desencorajava descuidos de pensamento e de discurso, e gerava aversão ao descontrole das emoções. Por isso os elfos possuíam, em regra, um maior autocontrole do que os membros de outras raças.

Eragon e Arya digladiaram-se mentalmente durante alguns minutos — ele tentando escapar do seu domínio abrangente e ela tentando imobilizá-lo e aprisioná-lo para poder impor mentalmente a sua vontade. Apanhou-o várias vezes, mas ele conseguia sempre escapar um ou dois segundos depois, embora soubesse que se ela quisesse lhe fazer mal, teria sido tarde demais para se salvar.

Enquanto as suas mentes permaneciam em contacto, Eragon percebeu os fantásticos acordes musicais que flutuavam pelos recantos mais sombrios da consciência de Arya. Incitavam-no a abandonar o seu próprio corpo, ameaçando aprisioná-lo numa teia de estranhas e sinistras melodias em nada iguais às canções terrenas. Eragon teria se abandonado de bom grado ao encanto da música, se não fossem os ataques de Arya distraíndo-o e o fato de saber que os humanos raramente se davam bem quando se deixavam fascinar demais pelos mecanismos da mente de um elfo. Poderia escapar ileso — afinal de contas era um Cavaleiro —, mas seria um risco que não estava disposto a correr, pelo menos enquanto desse valor à sua sanidade. Ouvira dizer que Garven, o guarda de Nasuada, se transformara para sempre num aluado, de boca aberta, depois de sondar a mente de Blödhgarm. Por isso ele resistiu à tentação, por mais difícil que fosse.

Depois Glaedr ordenou a Saphira que se juntasse à luta, umas vezes em oposição a Eragon, outras vezes apoiando-o, dizendo:

Você deve ser tão hábil nisto como Eragon, Escamas Brilhantes. O fato de Saphira se reunir a eles, alterou substancialmente o resultado dos combates mentais. Juntos, ela e Eragon, conseguiam frequentemente — e até com uma certa facilidade — manter Arya à distância. Os seus poderes combinado permitiu dominar Arya, em duas ocasiões distintas. Contudo, quando Saphira se aliava a Arya, ambas se sobrepunham a Eragon de tal forma que ele desistia de as atacar. Tentava refugiar-se nas profundezas do seu ser, enrolado num novelo como um animal ferido, enquanto recitava fragmentos de versos e esperava que as ondas de energia mental, com que o atacavam, abrandassem.

Por fim, Glaedr organizou-os em pares — reunindo-se a Arya e juntando Eragon com Saphira — e combateram uma vez assim, como dois pares de Cavaleiros que tivessem se encontrado em combate. Ao fim de dois minutos extenuantes estavam razoavelmente equilibrados, mas a força e a experiência de Glaedr, combinada com a rigorosa competência de Arya, acabaram por se revelar excessivas para Eragon e Saphira, pelo que eles não tiveram outro remédio senão admitir a derrota. Depois disso, Eragon sentiu algum descontentamento em Glaedr, o que o magoou.

Amanhã faremos melhor, Mestre, disse ele.

O estado de espírito de Glaedr tornou-se mais sombrio. Mesmo ele parecia cansado do treino.

Você se comportou bem, minha pequena. Não teria exigido mais de ambos, se estivessem sob a minha alçada como aprendizes, em Vroengard. Contudo, é impossível que aprendam tudo o que precisam em dias ou semanas. O tempo escapa por entre os nossos dentes como água e, em breve, irá esgotar-se por completo. A arte do combate mental demora anos para se dominar: anos, décadas, séculos e, mesmo assim, há muito que aprender e descobrir sobre nós mesmos, sobre o inimigo e sobre os próprios fundamentos do mundo.

Rugiu ferozmente e ficou em silêncio.

Então aprenderemos o que pudermos e deixaremos que o destino decida o resto, disse Eragon. Galbatorix pode ter tido cem anos para treinar a mente, mas também já passaram cem anos desde que o ensinou. É possível que, entretanto, já tenha se esquecido de alguma coisa. Eu sei que conseguiremos derrotá-lo, com você ao nosso lado.

Glaedr roncou.

Sua fala está cada vez mais macia, Eragon, Matador de Espetros. Contudo, Glaedr parecia satisfeito. Advertiu-os para que comessem e descansassem, retirando-se depois das suas mentes e não voltou a falar. Eragon tinha a certeza que o dragão dourado ainda os estava observando, mas já não conseguia sentir a sua presença e foi invadido por uma inesperada sensação de vazio. Um arrepio percorreu-lhe os membros e ele estremeceu.

Eragon, Saphira e Arya ficaram sentados na tenda cada vez mais escura, mas nenhum parecia querer falar. Depois, procurando acordar-se, Eragon disse:

— Ele parece melhor. — Estava com uma voz meio quebrada por já não falar há algum tempo e voltou a pegar no cantil de pele.

— Isto lhe faz bem — disse Arya. — Você faz bem a ele. A dor o teria matado se não houvesse nada que o motivasse. É impressionante que tenha sobrevivido. Admiro-o por isso. Poucos seres — fossem eles humanos, elfos, ou dragões — conseguiriam continuar a funcionar racionalmente, depois de tamanha perda.

— Brom conseguiu.

— Porque era igualmente extraordinário.

Como acham que Glaedr vai reagir se matarmos Galbatorix e Shruikan?, perguntou Saphira. *Irá continuar, ou se limitará a... parar?*

As pupilas de Arya refletiram uma centelha de luz, ao desviar os olhos de Eragon para olhar para Saphira.

— Só o tempo o dirá. Espero que não, mas se triunfamos em Urû'baen, é bem possível que Glaedr sinta que não é capaz de prosseguir sem Oromis.

— Não podemos simplesmente deixar que ele desista!

Concordo.

— Se ele decidir entrar no vazio, não nos compete impedi-lo de o fazer — disse Arya, asperamente. — A escolha é dele e apenas dele.

— Sim, mas podemos argumentar com ele e tentar ajudá-lo a perceber que ainda vale a pena viver.

Ela ficou imóvel por uns instantes, com uma expressão solene, e depois disse:

— Eu não quero que ele morra. Nenhum elfo deseja isso, contudo, se todos os momentos em que acorda são um tormento para ele, não será melhor procurar se libertar?

Nem Eragon nem Saphira tinham resposta. Continuaram os três a discutir os acontecimentos do dia, durante mais algum tempo, e depois Saphira tirou a cabeça de dentro da tenda e foi sentar-se na faixa de grama ao lado.

Sinto-me como uma raposa com a cabeça presa na toca de um coelho, protestou ela. Não poder ver se alguém está se aproximando de mim sorrateiramente, me dá comichão nas escamas.

Eragon esperava que Arya também saísse, mas para sua surpresa ela ficou, parecendo satisfeita por estar ali sentada conversando com ele. Ele não desejava outra coisa. A fome que sentira desaparecera durante as sessões de combate mental. Independentemente disso, Eragon estava mais do que disposto a abrir mão de uma refeição quente em troca do prazer da companhia de Arya.

A noite caiu e o acampamento foi ficando mais silencioso, à medida que os temas de conversa se sucediam. Eragon sentia-se estonteado de cansaço e de excitação — como se tivesse bebido muito hidromel — e reparou que Arya também parecia mais à vontade do que o normal. Falaram de muitos assuntos: sobre Glaedr e os seus combates; sobre o cerco a Dras-Leona e o que poderiam fazer em relação a isso; e sobre outros temas menos importantes, como o grou que Arya vira caçando entre os juncos, à beira do lago, a escama que Saphira perdera no nariz e o fato da estação estar mudando e os dias estarem ficando novamente mais frios. Porém, voltavam sempre ao tema mais presente: Galbatorix e o que iria acontecer em Urû'baen.

Enquanto especulavam — como tantas outras vezes — acerca do tipo de armadilhas mágicas que Galbatorix lhes poderia ter preparado e a melhor forma de as evitar, Eragon lembrou a pergunta de Saphira acerca de Glaedr, e disse:

— Arya?

— Sim? — Ela arrastou a palavra, levantando e baixando a voz, com uma entoação ligeiramente musical.

— O que você pretende fazer quando tudo isto acabar? Isto é, se ainda estivermos vivos.

— O que você pretende fazer?

Ele tocou com os dedos no pomo de Brisingr, ponderando a pergunta.

— Não sei. Não tenho pensado muito no que irei fazer depois de Urû'baen... Tudo depende do que ela quiser, mas creio que Saphira e eu

somos capazes de voltar para o Vale de Palancar. Eu poderia construir uma casa num dos sopés das montanhas. É possível que não passemos lá muito tempo, mas pelo menos teríamos uma casa para onde voltar quando não andássemos voando de um lado para o outro, na Alagaësia. — Esboçou um meio sorriso. — Tenho a certeza de que teremos muito com que nos ocupar, mesmo que Galbatorix esteja morto. Mas você ainda não respondeu à minha pergunta: o que você vai fazer se ganharmos? Deve ter alguma ideia. Você teve mais tempo do que eu para pensar nisso.

Arya puxou uma perna para cima do banco, colocou os braços à volta dela e apoiou o queixo sobre o joelho. No lusco-fusco da tenda, o seu rosto parecia flutuar sobre um fundo negro e indefinido, como uma aparição conjurada na noite.

— Passei mais tempo entre humanos e anões do que entre os *älfakyn* — disse ela, utilizando o nome dos elfos na língua antiga. — Acostumei-me a isso de modo que não desejaria voltar para viver em Ellesméra. Pouco acontece por lá, passam-se séculos sem nos darmos conta, enquanto olhamos para as estrelas. Não, acho que continuarei a servir a minha mãe como embaixatriz. Saí de Du Weldenvarden porque queria ajudar a equilibrar o mundo. Como você disse, haverá ainda muito que fazer, se conseguirmos derrubar Galbatorix, muito que precisa ser corrigido, e eu quero participar nisso.

— Ah! — Não era exatamente o que Eragon esperava que ela dissesse mas, pelo menos, oferecia-lhe a hipótese de não perderem por completo o contacto, depois de Urû'bean, e de poder continuar a vê-la de vez em quando.

Talvez Arya tivesse percebido o seu descontentamento, mas não deu sinais disso. Falaram durante mais alguns minutos, depois Arya pediu licença e levantou-se para sair. Quando passou por ele, Eragon esticou o braço, como se a fosse deter, mas rapidamente recolheu a mão.

— Espera! — disse, brandamente, sem saber o que dizer, mas ainda assim esperava que algo acontecesse. O seu coração começou a bater mais depressa, palpitando-lhe nos ouvidos, e as suas faces ficaram quentes. Arya parou à entrada da tenda, de costas viradas para ele.

— Boa noite, Eragon — disse ela. Depois, deslizou por entre as abas da entrada e desapareceu na noite, deixando-o sentado sozinho na escuridão.

Descoberta



s três dias seguintes passaram depressa para Eragon, ao contrário do resto dos Varden que continuavam mergulhados em letargia. O impasse em relação a Dras-Leona arrastava-se sem quaisquer alterações, embora se tivesse sentido uma certa excitação quando Thorn se mudou do seu posto costumeyro, por cima dos portões da frente, para uma seção da fortaleza, à direita, a mais de cem metros de distância. Depois de muita discussão — e de consultas extensivas a Saphira — Nasuada e os seus conselheiros concluíram que Thorn mudara de lugar apenas por uma questão de conforto, na medida em que a outra parte da fortaleza era um pouco mais plana e mais comprida. Tirando isso, o cerco arrastava-se sem alterações.

Eragon passava as manhãs e as noites estudando com Glaedr, e as tardes lutando com Arya e alguns dos outros elfos. Os combates com os elfos não eram tão longos nem tão extenuantes como o anterior com Arya — pois seria um erro exigir tanto de si todos os dias —, mas as sessões com Glaedr eram mais intensas do que nunca. O velho dragão não poupava esforços para melhorar a aptidão e o conhecimento de Eragon, e não cedia perante os erros ou o cansaço. Eragon constatou com prazer que, finalmente, era capaz de se aguentar nos combates com os elfos, mas isso saía-lhe caro em termos mentais, pois se a concentração vacilasse por um instante que fosse, acabava com uma espada enterrada nas costelas ou encostada à garganta.

Graças às lições com Glaedr, ele fez o que se poderia considerar um progresso exemplar, em circunstâncias normais. Porém, atendendo à situação, tanto ele como Glaedr estavam frustrados com o ritmo da sua aprendizagem. No segundo dia, durante a lição da manhã com Glaedr, Eragon disse em pensamento:

Mestre, quando cheguei aos Varden, em Farthen Dûr, os Gêmeos me testaram — testaram o meu conhecimento da língua antiga e da magia em geral.

Você disse isso a Oromis, porque o repete agora para mim?

Porque me ocorreu... os Gêmeos me pediram para invocar a verdadeira forma de um anel de prata e eu, aquela altura, não sabia como. Arya me explicou mais tarde como conjurar a essência de qualquer coisa ou de uma criatura na língua antiga. Contudo, Oromis nunca falou nisso e eu estava aqui pensando... porquê?

Glaedr pareceu suspirar.

Invocar a verdadeira forma de um objeto é um tipo de magia difícil. Para que tenha resultado, você tem que perceber tudo o que é importante acerca do objeto em questão — tal como quando quer adivinhar o verdadeiro nome de uma pessoa ou de um animal. Além disso, não tem grande valor prático e é perigoso, muito perigoso. O feitiço não pode ser estruturado como um processo contínuo que possa terminar a qualquer momento. Ou é bem-sucedido invocando a verdadeira forma de um objeto... ou falha e morre. Oromis não tinha razão para te mandar fazer algo tão arriscado.

Eragon estremeceu interiormente, ao perceber como Arya devia ter ficado furiosa com os Gêmeos para invocar a verdadeira forma do anel que eles tinham. Depois disse: *Gostaria de o tentar agora.* Eragon sentiu todo o poder da atenção de Glaedr concentrado em si.

Porquê?

Preciso de saber se tenho esse nível de entendimento, mesmo que seja apenas em relação a uma coisa pequena.

Mais uma vez: Porquê?

Incapaz de o explicar com palavras, Eragon verteu as suas emoções e pensamentos confusos na consciência de Glaedr. Quando terminou, Glaedr silenciou durante algum tempo, enquanto digeriria o fluxo de informação.

Estarei errado se disser, começou por dizer o dragão, que você equipara isso à derrota de Galbatorix? Que acredita que se sobreviver a isso, talvez consiga derrotar o rei?

Sim, disse Eragon, aliviado. Não tinha conseguido expressar a sua motivação tão claramente como o dragão, mas era exatamente isso.

E está determinado a fazer isso?

Sim, Mestre.

Isso pode te matar, lembrou Glaedr.

Eu sei.

Eragon!, exclamou Saphira debilmente, dentro da sua cabeça. Saphira andava sobrevoando o acampamento, a grande altitude, atenta a possíveis perigos, enquanto ele estudava com Glaedr. *É muito perigoso. Eu não vou permitir.*

Eu tenho que fazer isso, respondeu ele, brandamente.

Dirigindo-se a Saphira e também a Eragon, Glaedr disse:

Se ele insiste, é preferível que o faça onde eu o possa observar. Se o seu conhecimento falhar talvez eu seja capaz de lhe fornecer a informação necessária e salvá-lo. Saphira rosnou — um rosnado furioso e áspero que ecoou na mente de Eragon. Depois, do exterior da tenda, Eragon sentiu uma terrível corrente de ar e ouviu os gritos assustados de homens e elfos, ao verem Saphira mergulhar em direção ao solo. Aterrissou com uma violência tal que a tenda e tudo o que estava dentro balançou. Segundos depois, Saphira enfiou a cabeça na tenda e olhou furiosa para Eragon. Estava ofegante e o ar que saía pelas suas narinas despenteou-lhe o cabelo e o fez lacrimejar, com o odor de carne queimada.

É mais teimoso que um Kull, disse ela.

Não sou mais do que você.

Ela ergueu o lábio, mostrando ligeiramente os dentes. *O que estamos esperando? Se você tem que fazer isso, faça logo!*

O que vai invocar?, perguntou Glaedr. *Tem de ser algo com que esteja intimamente familiarizado.*

O olhar de Eragon vagueou pelo interior da tenda, detendo-se no anel de safira que usava na mão direita. Aren... Raramente tirava o anel desde que Ajihaad lhe dera a pedido de Brom. Tornara-se parte do seu corpo, tal como os braços ou as pernas. Durante as horas que passara olhando para ele, memorizara todas as suas curvas e faces e, se fechasse os olhos, conseguia invocar uma imagem que era a perfeita reprodução do objeto real. Mas, apesar de tudo, havia muita coisa que não sabia acerca do anel — a sua história, como os elfos o tinham feito e que feitiços poderia conter.

Não... Aren, não.

Depois desviou os olhos para o punho de Brisingr, encostada a um canto do catre.

— Brisingr — murmurou ele.

Um ruído abafado emanou da espada e esta ergueu-se um centímetro da bainha, como se tivesse sido empurrada por baixo. Pequenas línguas de fogo elevaram-se da boca da bainha, lambendo a base do punho. Depois Eragon pôs fim ao feitiço acidental, as chamas desapareceram e a espada voltou a deslizar para dentro da bainha.

Brisingr, pensou, perfeitamente seguro da sua escolha. Tinha sido a perícia de Rhunön que forjara a espada, mas tinha sido ele que empunhara as ferramentas, unindo-se à mente da ferreira elfo, ao longo de todo o processo.

Se havia algum objeto no mundo que ele entendia em todos os seus aspetos, era a espada.

Tem certeza?, perguntou Glaedr.

Eragon acenou com a cabeça, mas depois conteve-se, ao lembrar-se que o dragão dourado não o podia ver. *Sim, Mestre... Mas tenho uma pergunta a fazer: o verdadeiro nome da espada é Brisingr? Preciso saber o seu verdadeiro nome, para o feitiço funcionar, caso não seja.*

Brisingr é o nome do fogo, como você sabe. O verdadeiro nome da sua espada é, sem dúvida, algo muito mais complicado, embora possa muito bem incluir brisingr na descrição. Se quiser pode se referir à espada usando o seu verdadeiro nome, mas poderá igualmente chamar-la Espada e obter o mesmo resultado, desde que mantenha o conhecimento adequado em mente. O nome é simplesmente um rótulo para o conhecimento e você não precisa disso para usar o conhecimento. É uma distinção sutil, mas importante. Compreende?

Sim.

Então prossiga como quiser.

Eragon procurou relaxar durante alguns instantes. Depois, descobriu o nó em algum lugar na sua mente e alcançou o reservatório de energia do seu corpo através dele. Canalizando essa energia para a palavra, enquanto pensava em tudo o que sabia acerca da Espada, disse clara e distintamente:

— Brisingr.

Eragon sentiu a sua energia decair bruscamente. Alarmado, tentou falar e mexer-se, mas o feitiço o imobilizara. Não conseguia sequer pestanejar nem respirar. Contrariamente ao que acontecera antes, a espada não irrompeu em chamas, ondulando como um reflexo na água, e junto dela surgiu uma aparição transparente no ar: uma réplica perfeita e cintilante de Brisingr, fora da bainha. A réplica que flutuava diante de si era tão bem feita como a própria espada — senão mais refinada — e Eragon nunca encontrara um único defeito. Era como se visualizasse a ideia da Espada, uma ideia que nem Rhunön poderia captar, mesmo com toda a sua experiência em trabalhar o metal.

Logo que a manifestação se tornou visível, Eragon voltou a conseguir respirar e a mover-se. Manteve o feitiço durante alguns segundos para poder maravilhar-se com a beleza da invocação. Depois liberou o feitiço e a espada fantasmagórica desapareceu lentamente. Na sua ausência, o interior da tenda lhe pareceu inesperadamente escuro. Só então Eragon voltou a sentir Saphira e Glaedr, colados à sua mente, permanentemente atentos a todos os

pensamentos que lhe surgiam. Eragon nunca antes sentira os dois dragões tão tensos. Desconfiava que se espetasse um dedo em Saphira esta ficaria tão sobressaltada que daria várias voltas sobre si mesma.

E se eu te espetasse um dedo, sobraria apenas um borrão, comentou ela.

Eragon sorriu e sentou-se no catre, cansado.

Glaedr relaxou e Eragon ouviu um ruído como o vento soprando numa planície deserta, dentro da sua mente.

Você foi bem, Matador de Espetros. Eragon ficou surpreso com o elogio de Glaedr, pois o velho dragão poucos elogios fizera desde que começara a ensiná-lo. *Mas é melhor não repetir.*

Eragon tremeu e massageou os braços, tentando livrar-se do frio que lhe invadira os membros.

Combinado, Mestre. Não era uma experiência que ele sentisse grande vontade de repetir. Ainda assim, sentia uma profunda satisfação. Provara, sem sombra de dúvida, que havia pelo menos uma coisa em Alagaësia que ele conseguia fazer melhor do que ninguém. E isso deu-lhe esperança.

Na manhã do terceiro dia, Roran chegou ao acampamento dos Varden, com os seus companheiros, cansado, ferido e esgotado da viagem. O regresso de Roran arrancou os Varden do seu torpor durante algumas horas, pois ele e os que o acompanhavam foram acolhidos como heróis. Mas o tédio depressa se voltou a instalar na maioria dos homens. Eragon ficou aliviado por ver Roran. Sabia que o primo estava bem, pois se comunicara com ele várias vezes, por vidência, durante a sua ausência. Porém, vê-lo em pessoa libertou-o de uma ansiedade que só então percebeu que trazia consigo. Roran era o único familiar que lhe restava, pois Murtagh para ele não contava, e Eragon não suportava a ideia de o perder.

Ao vê-lo de perto, ficou chocado com a sua aparência. Esperava que Roran e os outros estivessem exaustos, mas o primo parecia muito mais cansado do que os companheiros. Era como se tivesse envelhecido cinco anos durante aquela viagem. Tinha os olhos vermelhos, com olheiras escuras, a testa coberta de rugas e movia-se rigidamente, como se tivesse o corpo coberto de nódoas negras. Metade da barba tinha sido queimada o que lhe dava uma aparência sebenta.

Os cinco homens — menos um do que o número inicial — foram primeiro visitar os curandeiros de Du Vrangr Gata, onde os feiticeiros trataram dos ferimentos e a seguir apresentaram-se a Nasuada, no seu pavilhão. Depois de os enaltecer pela sua bravura, Nasuada mandou todos os homens saírem exceto Roran, a quem pediu um relatório detalhado da sua

ida e regresso de Aroughs, bem como da conquista da cidade. O relato de Roran demorou algum tempo, mas tanto Nasuada como Eragon — sentado à sua direita — escutaram-no com atenção, por vezes até horrorizados, enquanto ele falava. Quando terminou, Nasuada surpreendeu a ambos, anunciando que iria colocar Roran ao comando de um dos batalhões dos Varden.

Eragon esperava que a notícia agradasse Roran mas, em vez disso, viu as rugas no rosto do primo acentuarem-se e a testa franzir-se, carregando o seu semblante. Contudo, Roran não levantou quaisquer objeções nem se queixou, curvando-se numa mesura e dizendo na sua voz áspera:

— Como quiser, Lady Nasuada.

Mais tarde Eragon levou Roran à sua tenda onde Katrina os esperava, saudando Roran com uma demonstração tão explícita de emoção que Eragon desviou os olhos, embaraçado. Jantaram os três juntos com Saphira, mas o dragão e Eragon, pediram licença para se retirar logo que puderam, pois era óbvio que Roran não tinha energia suficiente para estar em companhia de ninguém e Katrina queria-o só para ela.

Enquanto vagueava pelo acampamento com Saphira, ao cair da noite, Eragon ouviu alguém atrás de si gritar:

— Eragon! Eragon! Espere um momento!

Virou-se e viu a figura magra e desengonçada de Jeod, o estudioso, que corria na sua direção, com madeixas de cabelo esvoaçando em torno do rosto magro. Jeod trazia um pedaço recortado de pergaminho na mão esquerda.

— O que é? — perguntou Eragon, preocupado.

— Isto! — exclamou Jeod, de olhos cintilantes, erguendo o pergaminho e sacudindo-o. — Consegui outra vez, Eragon! Descobri um caminho! — À luz do crepúsculo, a cicatriz que tinha no couro cabeludo e na têmpora parecia assustadoramente branca, em contraste com a pele bronzeada.

— Conseguiu outra vez o quê? Que caminho você descobriu? Mais devagar; o que você está dizendo não faz sentido nenhum!

Jeod olhou furtivamente ao redor e depois inclinou-se para Eragon, sussurrando:

— As minhas leituras e as minhas pesquisas compensaram. Descobri um túnel secreto que conduz diretamente a Dras-Leona!

Decisões

 **E**xplique-me outra vez — pediu Nasuada. Impaciente, Eragon transferiu o peso do corpo para o outro lado, contendo-se. Jeod tirou um volume fino, de capa de couro vermelha, das pilhas de pergaminhos e livros que tinha diante de si e reiniciou a narrativa pela terceira vez.

— Há uns quinhentos anos atrás... tanto quanto sei...

Jörmundur interrompeu-o, fazendo um gesto com a mão:

— Poupe-nos às suas ressalvas, nós sabemos que isso é especulação.

Jeod recomeçou:

— Há uns quinhentos anos atrás, a Rainha Forna mandou Erst Barba Azul a Dras-Leona, ou melhor ao local que viria a ser Dras-Leona.

— E porque é que ela o enviou? — perguntou Nasuada, brincando com o punho da manga.

— Os Anões estavam no meio de uma guerra de clãs e Forna esperava conseguir o apoio da nossa raça, ajudando o Rei Radgar no planejamento e na construção das fortificações da cidade, ao mesmo tempo que os Anões desenhavam as defesas de Aroughs.

Nasuada enrolou um fio de tecido entre os dedos.

— E depois Dolgrath Meia Ripa matou Forna...

— Sim e Erst Barba Azul não teve outro remédio senão voltar para as Montanhas Beor tão depressa quanto pôde, para defender o seu clã das intenções de Meia Ripa. Porém — Jeod levantou o dedo e abriu o livro vermelho —, parece que Erst deu início ao seu trabalho antes de partir. O conselheiro-mor do Rei Radgar, Lord Yardley, escreveu nas suas memórias que Erst começara a desenhar plantas para o sistema de esgotos, por baixo do centro da cidade, visto que isso afetaria a construção das fortificações.

Sentado no seu lugar, no lado oposto da mesa que preenchia a parte central do pavilhão de Nasuada, Orik acenou com a cabeça e disse:

— Isso é verdade. Tem de se planear onde e como será distribuído o peso e determinar o que melhor se adéqua ao tipo de solo com que se está lidando, caso contrário é provável que haja desabamentos.

Jeod prosseguiu.

— É claro que Dras-Leona não tem esgotos subterrâneos, por isso deduzi que nenhuma das plantas de Erst fora utilizada. Contudo, algumas páginas depois, Yardley diz... — Espetando o nariz no livro, Jeod leu: — ... lamentavelmente, deu-se uma reviravolta e os salteadores queimaram inúmeras casas e fugiram com muitos tesouros de família. A reação dos soldados foi lenta, pois tinham sido postos para trabalhar nos subterrâneos como simples camponeses.

Jeod baixou o livro.

— Ora bem, o que estavam eles escavando? Não consegui encontrar mais referências a atividades subterrâneas dentro ou em torno de Dras-Leona até... — Pousando o volume vermelho, escolheu outro livro, desta vez um enorme tomo emoldurado de madeira, com cerca de trinta centímetros de espessura. — Por acaso estava lendo Os Atos de Taradas e Outros Mistérios e Fenômenos Ocultos, Segundos os Registros da Idade dos Homens, Anões e Elfos Mais Antigos, quando...

— É um trabalho cheio de erros — comentou Arya, do lado esquerdo da mesa, debruçada e apoiada em ambas as mãos sobre um mapa da cidade. — O autor pouco conhecimento tinha acerca do meu povo e o que não sabia inventava.

— É possível — reagiu Jeod. — Mas sabia bastante acerca de humanos e são esses que nos interessam. — Jeod abriu o livro perto do meio, baixando delicadamente a metade superior sobre a mesa, para que ficasse plano. — Durante as suas investigações, Othman passou algum tempo nesta região. Estudou principalmente Helgrind e os estranhos acontecimentos a ela associados, mas disse o seguinte acerca de Dras-Leona: o povo da cidade queixa-se também, frequentemente, de ruídos peculiares e de odores vindos de debaixo das ruas e dos soalhos, especialmente à noite, atribuindo-os a fantasmas, espíritos e outras criaturas inquietantes. Mas, se são espíritos são diferentes de todos os outros de que ouvi falar antes, pois em qualquer outro local, os espíritos parecem evitar locais fechados.

Jeod fechou o livro.

— Felizmente, Orhman era, acima de tudo, meticoloso e assinalou os locais onde se ouviam os sons, num mapa de Dras-Leona, locais esses que formam uma linha quase reta ao longo da parte antiga da cidade, como podem ver.

— E você acha que isso indica a presença de um túnel — disse Nasuada. Era uma afirmação e não uma pergunta.

— Acho — anuiu Jeod, sacudindo a cabeça. Sentado ao lado de Nasuada, o rei Orrin, que pouco dissera até então, falou:

— Nada do que nos mostrou até agora prova que isto é realmente um túnel, Goodman Jeod. Se existir algum espaço por baixo da cidade, é bem provável que seja uma adega, uma catacumba ou qualquer outro tipo de câmara, com acesso ao edifício, por cima. Mesmo que seja um túnel não sabemos se sai de Dras-Leona, nem onde irá dar. Isto, partindo do princípio que existe. Talvez no interior do palácio, não? Além disso, pelo que nos contou, é provável que nunca tivessem terminado a construção desse hipotético túnel.

— Segundo as sua forma, parece improvável que não seja um túnel, Majestade — disse Jeod. — Nenhuma cave ou catacumba seria tão estreita e tão longa. Agora, se o terminaram ou não... Sabemos que nunca foi utilizado para o fim que se pretendia, mas sabemos também que durou, pelo menos, até ao tempo de Othman, o que significa que até certo ponto o túnel, corredor ou seja lá o que for, foi terminado. Caso contrário, as infiltrações de água o teriam destruído há muito tempo.

— Então onde é a saída, ou entrada, como quiser? — perguntou o rei.

Jeod vasculhou nas pilhas de pergaminhos durante uns momentos e depois tirou um outro mapa de Dras-Leona, este com parte da paisagem circundante.

— Isso não sei ao certo, mas se for até fora da cidade, a saída deverá ser em algum lugar por aqui... — Colocou o indicador sobre um local perto do lado leste da cidade. A maior parte dos edifícios que protegiam o coração de Dras-Leona, fora das muralhas, ficava do lado oeste da cidade, junto do lago. Queria isso dizer que o local para onde Jeod estava a apontar, embora fosse um terreno baldio, era o ponto mais próximo do centro de Dras-Leona que alguém poderia alcançar, vindo de qualquer outra direção, sem encontrar edifícios.

— Mas isso é impossível de saber a não ser que se vá, pessoalmente, à procura dele.

Eragon franziu a testa. Ele pensara que a descoberta de Jeod fosse mais concreta.

— Os meus parabéns pela sua descoberta, Goodman Jeod — disse Nasuada. — É possível que tenha prestado mais um grande serviço aos Varden. — Levantou-se da cadeira de costas altas e aproximou-se do mapa. A bainha do vestido fazendo barulho ao arrastar pelo chão. — Se mandarmos um batedor para investigar, nos arriscamos a alertar o Império

sobre o nosso interesse naquela área e o túnel — partindo do princípio que existe — já não teria grande valor para nós, pois Murtagh e Thorn estariam à nossa espera do outro lado. — Olhou para Jeod. — Que largura acha que teria esse túnel? Quantos homens caberiam?

— Não faço ideia, talvez...

Orik pigarreou e disse:

— A terra aqui é mole como barro e tem consideráveis estratos de lodo, o que é horrível para abrir túneis. Se Erst tivesse um pouco de bom senso, não teria planejado construir um canal largo para escoar o lixo da cidade, mas várias passagens menores, para reduzir o risco de desabamentos. Presumo que nenhum deveria ter mais do que noventa centímetros de largura.

— Seriam muito estreitos para serem percorridos por mais de um homem de cada vez — disse Jeod.

— Muito estreitos para mais de um knurla — acrescentou Orik.

Nasuada regressou ao seu lugar e observou apaticamente o mapa, como se estivesse olhando para algo distante. Decorridos alguns momentos de silêncio, Eragon disse:

— Eu poderia procurar o túnel, pois sei como me esconder com magia. As sentinelas nunca conseguiriam me ver.

— Talvez — disse Nasuada —, mas continua a não me agradar a ideia de ter você ou qualquer outra pessoa circulando por lá. A possibilidade de o Império perceber isso é muito alta. E se Murtagh estiver de guarda? Conseguiria enganá-lo? Sabe do que ele é capaz, agora? — Abanou a cabeça.

— Não. Temos de agir como se o túnel existisse e tomar as nossas decisões em função disso. Se viermos a constatar o contrário, não nos terá custado nada, mas se o túnel lá estiver... deverá permitir-nos tomar Dras-Leona de uma vez por todas.

— O que tem em mente? — perguntou o rei Orrin num tom cauteloso.

— Algo audacioso; algo... inesperado.

Eragon roncou baixinho.

— Nesse caso devia consultar Roran.

— Eu não preciso da ajuda de Roran para construir os meus planos, Eragon.

Nasuada ficou de novo em silêncio e todos os que estavam no pavilhão, incluindo Eragon, esperaram para saber que ideia ela teria tido. Por fim mexeu-se e disse:

— É o seguinte: vamos enviar um pequeno grupo de guerreiros para abrirem os portões do lado de dentro.

— E como alguém vai conseguir isso? — perguntou Orik, enfaticamente. — Seria difícil mesmo que tivessem apenas que enfrentar as centenas de soldados em guarda na área. Mas por lá também anda um lagarto gigante que respira fogo, caso esteja esquecida, e certamente que irá manifestar interesse por qualquer pessoa que cometa a imprudência de tentar abrir os portões à força. Isto sem considerar Murtagh.

Antes que a discussão fugisse do controle, Eragon disse:

— Eu posso fazer isso.

As suas palavras esfriou de imediato a conversa. Eragon esperava que Nasuada rejeitasse de pronto a sua sugestão, mas ela surpreendeu-o, ao ponderar sobre ela, e mais ainda ao dizer:

— Muito bem.

Todos os argumentos que Eragon construíra caíram por terra, ao olhar atônito para Nasuada. Era óbvio que tinha seguido a mesma linha de raciocínio que ele. A tenda explodiu numa confusão de vozes sobrepostas, pois todos começaram a falar ao mesmo tempo, mas Arya conseguiu sobrepor-se à algazarra:

— Nasuada, não pode permitir que Eragon arrisque a vida desta forma. Seria inadmissível. Mande alguns dos feiticeiros de Blödhgarm, em vez dele. Sei que eles aceitariam ajudar e não há guerreiros mais poderosos do que eles, nem mesmo Eragon.

Nasuada abanou a cabeça.

— Nenhum dos homens de Galbatorix se atreveria a matar Eragon — nem Murtagh, nem os feiticeiros favoritos do rei, nem mesmo um soldado raso. Devemos usar isso em nosso proveito. Além disso, Eragon é o nosso maior feiticeiro e abrir os portões há força, poderá exigir muita energia. Ele é o que tem as melhores chances de ser bem-sucedido.

— E se ele for capturado? Não conseguirá enfrentar Murtagh, você sabe disso!

— Nós distrairemos Murtagh e Thorn, o que dará a Eragon a oportunidade que precisa.

Arya levantou o queixo.

— Como? Como vai distraí-los?

— Faremos de conta que estamos prontos para atacar Dras-Leona pelo sul. Saphira voará pela cidade, incendiando edifícios e matando os soldados das muralhas. Thorn e Murtagh não terão outro remédio senão persegui-la, sobretudo porque vai parecer que é Eragon que monta Saphira. Blödhgarm e os seus feiticeiros poderão conjurar uma réplica de Eragon, como já fizeram antes. Desde que Murtagh não se aproxime muito, jamais descobrirá a nossa estratégia.

— Está mesmo determinada a fazer isso?

— Estou.

O rosto de Arya endureceu.

— Nesse caso, eu acompanharei Eragon.

Uma sensação de alívio percorreu Eragon. Tinha esperança que ela o acompanhasse, mas estava na dúvida se deveria lhe perguntar, com receio que ela recusasse.

Nasuada suspirou.

— É mesmo filha de Islanzadí. Não me agrada te colocar em tamanho perigo. Se você morrer... Lembre-se como a sua mãe reagiu quando pensou que Durza tinha te matado. Não podemos nos dar ao luxo de perder o apoio do teu povo.

— A minha mãe... — Arya cerrou os lábios, silenciando de repente, mas depois recomeçou. — Posso assegurar, Lady Nasuada, que a Rainha Islanzadí não abandonará os Varden, seja o que for que me aconteça. Com isso não tem que se preocupar. Eu acompanharei Eragon, com dois feiticeiros de Blödhgarm.

Nasuada balançou a cabeça.

— Não. Só poderá levar um. Murtagh sabe quantos elfos têm protegido Eragon. Se der pela falta de dois ou mais, poderá suspeitar de uma armadilha. De qualquer forma, Saphira precisará de toda a ajuda possível, para não ser apanhada por Murtagh.

— Três pessoas não são o suficiente para cumprir uma missão destas — insistiu Arya. — Não conseguiríamos garantir a segurança de Eragon, muito menos abrir os portões.

— Então um dos Du Vrangr Gata poderá também acompanhar vocês.

Uma nota de escárnio coloriu o rosto de Arya.

— Nenhum dos teus feiticeiros é suficientemente poderoso ou experiente para isso. Ficaremos em desvantagem à razão de um para cem, ou pior ainda, seremos atacados por soldados vulgares e feiticeiros experientes. Só os elfos ou os Cavaleiros...

— Ou os Espetros — resmungou Orik.

— Ou os Espetros — admitiu Arya, embora Eragon percebesse que ela estava irritada. — Só esses poderiam resistir a tais obstáculos e, mesmo assim, sem garantias. Deixe que levemos dois feiticeiros de Blödhgarm. Ninguém mais tem condições para desempenhar a missão, pelo menos entre os Varden.

— Ah sim? E eu sou o quê, fígado picado?

Todos se viraram para olhar, surpreendidos, quando Angela avançou de um canto, na parte de trás da tenda. Eragon não suspeitara sequer que ela estivesse lá.

— Que expressão mais estranha — disse a herbolária. — Quem iria se comparar a fígado picado? Se tem que escolher um órgão porque não optar por uma vesícula biliar, ou uma glândula do timo? São muito mais interessantes que um fígado. E que tal picadinho de t.... Bom, creio que não é importante. — Parou diante de Arya e olhou para ela. — Importa-se que eu te acompanhe, Älfa? Eu não sou membro dos Varden, no verdadeiro sentido da palavra mas, ainda assim, estou a disposição de completar esse quarteto.

Para grande surpresa de Eragon, Arya curvou a cabeça e disse:

— Claro, emérita. Não era minha intenção te ofender. Seria uma honra que você fosse conosco.

— Ótimo! — exclamou Angela. — Isto é, partindo do princípio de que você não se importa — disse, dirigindo-se a Nasuada.

Um tanto perplexa, Nasuada balançou a cabeça.

— Se está disposta a isso, e se Eragon e Arya não se opõem, não vejo qualquer motivo para você não ir. Ainda que não imagine por que razão quer fazer isso.

Angela sacudiu os caracóis.

— Espera que eu explique todas as decisões que tomo? Muito bem, se isso satisfaz a tua curiosidade, digamos que tenho um certo rancor com relação aos sacerdotes de Helgrind e gostaria de aproveitar a oportunidade

para fazer algumas maldades a eles. Além disso, se Murtagh aparecer, tenho um ou dois truques na manga que poderão confundi-lo um pouco.

— Devíamos pedir a Elva que viesse conosco também — disse Eragon.
— Se há alguém que pode nos ajudar a evitar o perigo...

Nasuada franziu a testa.

— A sua posição ficou bem clara, da última vez que falamos. Não vou me desfazer em cortesias só para a convencer do contrário.

— Eu falo com ela — disse Eragon. — É comigo que ela está zangada, por isso sou eu que devo perguntar.

Nasuada puxou a franja do vestido dourado, enrolou diversos fios entre os dedos, e disse bruscamente:

— Faz como quiser. Me desagrada a ideia de mandar uma criança para uma batalha — mesmo uma criança tão dotada como Elva. — Contudo, acho que ela é mais do que capaz de se proteger.

— Desde que a dor dos que estiverem em redor dela não a arrase — disse Angela. — As últimas duas batalhas a deixaram enrolada num novelo, praticamente incapaz de se mexer ou respirar.

Nasuada parou de mexer os dedos e olhou para Eragon com uma expressão grave.

— Ela é imprevisível. Se decidir os acompanhar, tenha cuidado com ela, Eragon.

— Terei — prometeu.

Depois, Nasuada começou a discutir alguns problemas de logística com Orrin e Orik, e Eragon recolheu-se parcialmente, pois não podia dar grande contribuição. Na intimidade da sua mente, foi ao encontro de Saphira, que tinha estado ouvindo as novidades através dele.

Então?, perguntou-lhe. O que acha? Você tem estado terrivelmente calada. Tinha quase a certeza de que iria dizer alguma coisa quando Nasuada propôs que entrássemos furtivamente em Dras-Leona.

Não disse nada porque nada tinha a dizer. É um bom plano.

Você concorda com ela?!

Já não somos crianças imprudentes, Eragon. Os nossos inimigos podem ser temíveis, mas nós também somos. É altura de lembrarmos isso a eles.

Te incomoda que fiquemos separados?

Claro que me incomoda, rugiu ela. Para onde quer que você vá os inimigos reúnem-se à sua volta como as moscas na carne. Contudo, já não está mais tão indefeso como antes. Saphira quase pareceu ronronar.

Eu, indefeso?, disse ele fingendo-se ofendido.

Só um nadinha. Mas a tua mordedura é mais perigosa do que antes.

A sua também.

Humm... Vou caçar. Vem aí uma tempestade de partir asas e eu não voltarei a ter oportunidade de comer senão depois de atacarmos.

Voa com cuidado, recomendou ele.

Ao sentir a sua presença se afastar, Eragon voltou a dar atenção à conversa dentro da tenda, pois sabia que a sua vida, tal como a de Saphira, dependia das decisões que Nasuada, Orik e Orrin tomassem.

Sob Colinas e Pedra

Eragon sacudiu os ombros, procurando ajustar melhor a cota de malha, debaixo da túnica que usava para esconder a armadura. Uma escuridão cerrada e opressiva estendia-se por toda parte, ao seu redor. A lua e as estrelas estavam encobertas por uma espessa camada de nuvens. Se não fosse a luz mágica, vermelha, que Angela tinha na palma da mão, nem mesmo Eragon e os elfos conseguiriam ver alguma coisa.

O ar estava úmido e Eragon sentiu umas gotas frias de chuva caírem, uma ou duas vezes, no seu rosto. Elva deu uma gargalhada e recusou-se a colaborar quando ele lhe pediu ajuda. Tivera uma longa e intensa discussão com ela, mas não valeu de nada. Saphira chegara mesmo a intervir, voando até à tenda onde a criança-feiticeira dormia, e colocou a sua grande cabeça apenas a poucos metros da menina, forçando-a a fitar um dos seus olhos brilhantes e fixos.

Elva não se atrevera a rir nessa altura, mas continuava a recusar obstinadamente. Embora a sua teimosia o frustrasse, Eragon não podia deixar de admirar a sua força de caráter. Dizer não a um Cavaleiro e a um dragão não era algo fácil. Por outro lado, Elva suportara a dor, às enxurradas, durante a sua curta vida e essa experiência endurecera-a a um nível raramente visto, mesmo entre os guerreiros mais calejados.

Junto dele, Arya prendeu um longo manto à volta do pescoço. Eragon usava também um manto, tal como Angela e Wyrden, o elfo de cabelo preto que Blödhgarm destacara para os acompanhar. Os mantos eram necessários, não só para os proteger do frio da noite, como também para esconderem as armas de alguém que encontrassem na cidade, se conseguissem lá chegar. Nasuada, Jörmundur e Saphira os acompanharam até ao extremo do campo, onde eles agora estavam. Por entre as tendas, os homens dos Varden, os Anões e os Urgals ultimavam os preparativos para o ataque.

— Não se esqueçam — disse Nasuada, projetando jatos de vapor ao respirar. — Se não conseguirem alcançar os portões até ao amanhecer, descubram um local onde esperar, até amanhã de manhã, e voltaremos a tentar nessa altura.

— Talvez não nos possamos dar ao luxo de esperar — disse Arya.

Nasuada esfregou os braços e acenou com a cabeça. Parecia invulgarmente preocupada.

— Eu sei. De qualquer forma estaremos prontos para atacar, assim que nos contatarem, seja a que hora for. A segurança de vocês é mais importante do que conquistar Dras-Leona, lembrem-se disso. — Desviou os olhos para Eragon, enquanto falava.

— É melhor irmos andando — disse Wyrden. — A noite avança.

Eragon encostou a testa a Saphira, por uns instantes. *Boa caçada*, disse ela, brandamente.

Igualmente.

Separam-se relutantemente e Eragon reuniu-se a Arya e a Wyrden, que se afastavam do acampamento, atrás de Angela, em direção à zona leste da cidade. Nasuada e Jörmundur desejaram felicidades e despediram-se ao passarem por eles e, depois, o silêncio envolveu-os. Tudo o que se ouvia era o som da própria respiração e o ruído das botas no chão.

Angela baixou a intensidade da luz na palma da mão até Eragon mal conseguir ver os pés. Tinha de forçar a visão para distinguir as pedras e os ramos caídos no caminho. Caminharam em silêncio durante quase uma hora, altura em que a herbolária parou e sussurrou:

— Tanto quanto sei, já chegamos. Sou bastante boa a calcular distâncias. Devemos ter-nos desviado mais de trinta metros, mas é difícil ter certeza de alguma coisa nesta escuridão.

À esquerda, meia dúzia de pontos luminosos, que flutuavam por cima do horizonte, eram a única evidência de que estariam perto de Dras-Leona. As luzes estavam tão perto que quase parecia que as poderiam as colher do ar.

Wyrden ajoelhou-se e descalçou a luva da mão direita, Eragon e as duas mulheres reuniram-se à volta dele. Pousando a palma da mão sobre a terra nua, Wyrden começou a cantarolar o feitiço que aprendera com o feiticeiro dos anões, que Orik enviara para lhes ensinar os métodos de detectar câmaras subterrâneas, antes de partirem para a missão.

Enquanto o elfo cantava, Eragon olhou para a escuridão em redor, de ouvidos e olhos atentos ao inimigo. As gotas de chuva começaram a cair no seu rosto com mais frequência. Esperava que o tempo melhorasse antes da batalha, se houvesse batalha.

Uma coruja piou em algum lugar e ele levou a mão a Brisingr. Mas depois deteve-se e cerrou o punho. “Barzúl”, disse para si, utilizando a praga favorita de Orik. Estava mais nervoso do que deveria. A evidência de que poderia estar prestes a se confrontar novamente com Murtagh e Thorn — individualmente ou em conjunto — deixava-o com os nervos a flor da pele.

Se continuar assim, serei com certeza derrotado, pensou. Por isso abrandou a respiração e iniciou o primeiro dos exercícios mentais que Glaedr lhe ensinara, para manter as emoções sob controle.

O velho dragão não ficara muito entusiasmado com a missão quando Eragon lhe falou dela, mas também não tinha colocado objeções. Depois de discutirem várias possibilidades, Glaedr dissera-lhe:

Tenha cautela com as sombras, Eragon. Os locais escuros escondem coisas estranhas, o que Eragon considerou muito pouco encorajador.

Limpou a umidade que se acumulara no rosto, mantendo a outra mão próxima do punho da espada, e sentiu o cabedal da luva quente e macio na pele. Baixando a mão, enganchou o polegar no cinto da espada, o cinto de Beloth, O Sábio, sentindo o peso dos doze diamantes perfeitos, escondidos dentro deste. Naquela manhã tinha ido aos currais dos animais de criação e, enquanto os cozinheiros matavam aves e ovelhas para o café da manhã do exército, transferira a energia dos animais moribundos para as jóias. Detestava fazer isso, pois ao alcançar a mente de um animal — se este ainda tivesse a cabeça presa ao corpo —, a dor e medo deste transferiam-se para dentro dele e, enquanto o animal mergulhava no vazio, era como se ele próprio estivesse morrendo também. Era uma experiência terrivelmente assustadora. Sempre que podia, sussurrava palavras na língua antiga aos animais, para os confortar. Às vezes dava resultado, outras vezes não. Embora as criaturas fossem morrer de qualquer forma e ele precisasse da energia, odiava essa prática. Era como se fosse responsável pela sua morte e isso fazia-o se sentir impuro.

Carregado com a energia de tantos animais, calculava que o cinto estivesse agora ligeiramente mais pesado. Mesmo que os diamantes não tivessem qualquer valor, Eragon considerava o cinto mais valioso do que ouro, em consequência das muitas vidas perdidas para o carregar.

Quando Wyrden parou de cantar, Arya perguntou:

— Encontrou?

— Por aqui — disse Wyrden, levantando-se.

Uma sensação de alívio e de agitação percorreu Eragon. Jeod tinha razão! Wyrden conduziu-os ao longo de uma estrada e de uma série de pequenas colinas, descendo depois para um riacho pouco fundo, escondido entre as pregas do terreno.

— A entrada do túnel deve ficar em algum lugar por aqui — disse o elfo, apontando para a margem oeste da depressão.

A herbolária aumentou a intensidade da luz mágica, para que pudessem procurar ao redor. Depois Eragon, Arya e Wyrden começaram a sondar o mato, ao longo da margem, espetando paus no chão. Eragon arranhou duas vezes as canelas em troncos de bétulas caídas, sorvendo o ar com a dor. Desejava ter colocado os braços, mas deixara-os no acampamento, juntamente com o escudo, pois iriam atrair atenção demais na cidade.

Procuraram durante vinte minutos, vasculhando a margem de cima a baixo, à medida que se afastavam do ponto de partida. Por fim Eragon ouviu um tinido metálico e Arya chamou-os em voz baixa:

— Aqui!

Eles apressaram-se a se reunir a ela, junto de uma depressão coberta de vegetação, no declive da margem. Arya afastou os arbustos, revelando um túnel de pedra com um metro e meio de altura e noventa centímetros de largura. Um portão enferrujado de ferro cobria o enorme buraco.

— Olhem! — disse Arya, apontando para o chão.

Eragon olhou e viu um caminho que saía do túnel. Mesmo sob a estranha luz mágica da herbolária, Eragon percebeu que o trilho estava gasto e pisado. Uma ou mais pessoas deveriam utilizar o túnel para entrar e sair de Dras-Leona.

— Devemos prosseguir com cautela — sussurrou Wyrden.

Angela pigarreou ligeiramente.

— Como planeavam prosseguir? Com trombetas e arautos? Francamente.

O elfo evitou responder, mas parecia visivelmente constrangido.

Arya e Wyrden arrancaram a grade e entraram com cuidado no túnel, conjurando cada um uma luz mágica. As esferas sem chamas flutuavam por cima das suas cabeças como pequenos sóis vermelhos, embora não emitissem mais luz do que meia dúzia de brasas.

Eragon deixou-se ficar para trás e disse a Angela.

— Porque os elfos te tratam tão respeitosamente? Quase parecem ter medo de você.

— Você acha que eu não mereço respeito?

Ele hesitou.

— Um dia destes vai ter que me falar sobre você, sabe?

— O que te leva a pensar isso? — Dito isto, empurrou-o para entrar no túnel com o manto ondulando como as asas de um Lethrblaka.

Eragon abanou a cabeça e a seguiu.

A pequena herbolária não teve de se baixar muito para evitar bater com a cabeça no teto, mas Eragon precisou se curvar como um velho com reumático, tal como os dois elfos. O túnel estava em grande parte vazio. Uma fina camada de poeira acumulada cobria o chão. Havia pedras e paus espalhados à entrada do túnel, até um cantil de pele abandonado. A passagem cheirava a palha úmida e a asas de traças.

Eragon e os outros caminhavam tão silenciosamente quanto possível mas, como o túnel amplificava os sons, todos os ruídos ecoavam carregando o ar com uma infinidade de sussurros sobrepostos, murmúrios e suspiros que pareciam ter vida própria. Eragon tinha a impressão de estar rodeado de uma horda de espíritos incorpóreos, que comentavam todos os seus movimentos. *É impossível pensar em apanhar alguém de surpresa*, pensou, ao raspar com uma bota numa pedra, que saltou contra a parede do túnel com um estalido sonoro que se multiplicou umas cem vezes, ao propagar-se pelo túnel.

— Desculpem — disse ele, movendo a boca em silêncio, ao ver que todos o olhavam.

Um sorriso irônico desenhou-se nos seus lábios. *Pelo menos sabemos a causa dos ruídos estranhos debaixo de Dras-Leona*. Teria de contar a Jeod quando regressassem.

Depois de percorrem uma distância considerável no interior do túnel, Eragon parou e olhou para a entrada, que entretanto desaparecera na escuridão. A obscuridade era quase palpável, como um pano pesado que cobria o mundo. Isso aliado às paredes estreitas e ao teto baixo, fazia-o sentir-se desconfortavelmente apertado e oprimido. Por norma não se importava de estar em espaços confinados, mas o túnel lembrava-lhe o labirinto de corredores rudemente talhados, no interior de Helgrind, onde ele e Roran tinham combatido os Ra'zac — e não era uma memória nada agradável.

Respirou fundo e expirou. No instante em que se dispunha a prosseguir, teve um vislumbre de dois grandes olhos cintilando nas sombras, como um par de adularias acobreadas. Agarrou Brisingr e tinha já desembainhado a espada alguns centímetros, quando Solembum emergiu da escuridão, caminhando sobre as patas silenciosas.

O menino-gato parou nos limites da luz. As orelhas de pontas negras estremeceram e as mandíbulas entreabriram-se numa expressão

aparentemente divertida. Eragon relaxou e curvou a cabeça ao ver o gato. Já devia calcular. Para onde quer que Angela fosse Solembum invariavelmente a seguia. Eragon interrogou-se mais uma vez sobre o passado da herbolária: *Como teria ela conseguido conquistar a sua lealdade?*

À medida que o resto do grupo se distanciava, as sombras iam cobrindo de novo Solembum, ocultando-o de Eragon. Reconfortado pela constatação de que o menino-gato os estava vigiando, Eragon apertou o passo para acompanhar os outros. Antes do grupo abandonar o acampamento, Nasuada informara-os sobre o número exato de soldados que estavam na cidade, os locais onde se encontravam de guarda, os seus deveres e hábitos. Dera-lhes também detalhes sobre o quarto onde Murtagh dormia, sobre o que ele comia e até sobre o seu estado de espírito na noite anterior. As suas informações eram extraordinariamente precisas. Quando a questionaram, ela sorriu e explicou que os meninos-gato andavam espiando Dras-Leona, desde a chegada dos Varden. E que logo que Eragon e os companheiros saíssem no interior da cidade, os meninos-gato iriam guiá-los até aos portões sul, mas tentariam evitar revelar a sua presença ao Império; caso contrário deixariam de poder informar Nasuada tão eficazmente. Afinal de contas, quem iria desconfiar que um gato anormalmente grande, que andava ali por perto, era um espião inimigo?

Ao rever o briefing de Nasuada, Eragon constatou que a grande fraqueza de Murtagh era o fato de ter ainda de dormir. *Se não o capturarmos nem o matarmos hoje, da próxima vez que nos encontrarmos, talvez seja boa ideia descobrirmos uma forma de o acordar no meio da noite e durante mais de uma noite, se possível. Três ou quatro noites mal dormidas e deixará de estar em condições de lutar.*

Continuaram a caminhar sem parar ao longo do túnel, que seguia reto como uma flecha, sem curvas nem esquinas. Eragon julgou detectar uma ligeira inclinação ascendente — o que faria todo o sentido, uma vez que fora concebido para canalizar os esgotos para fora da cidade —, mas não tinha bem a certeza. Algum tempo depois, a terra debaixo dos seus pés começou a tornar-se mais macia e a colar-se às botas como barro úmido. A água pingava do teto, caindo por vezes sobre a nuca de Eragon e deslizando pela sua espinha como um dedo frio. Uma vez ele escorregou num pouco de lama e, quando esticou a mão para se equilibrar, viu que a parede estava coberta de lodo.

Um período indeterminado de tempo passou. Tanto poderiam ter passado uma hora no túnel como dez horas, ou apenas alguns minutos. Fosse como fosse, Eragon sentia o pescoço e os ombros doridos de caminhar meio curvado, e começou a ficar saturado de estar sempre olhando para o que

pareciam ser os mesmos seis metros de pedra com matizes rosados. Por fim, reparou que os ecos estavam diminuindo e que o som se propagava em intervalos cada vez maiores. Pouco depois, o túnel desembocou numa ampla câmara retangular, com um teto em semi-cúpula, com rachaduras, e mais de quatro metros e meio de altura, no ponto mais alto. Tirando um barril apodrecido a um canto, a câmara encontrava-se vazia. Do lado oposto, três arcadas idênticas abriam-se para três salas iguais, pequenas e escuras, mas Eragon não conseguia ver onde iam dar.

O grupo parou e Eragon endireitou lentamente as costas, retraindo-se ao esticar os músculos doridos.

— Isto não devia fazer parte das plantas de Erst Barba Azul — disse Arya.

— Que lado seguimos? — perguntou Wyrden.

— Não é óbvio? — interpelou a herbolária. — Pela esquerda, é sempre pela esquerda — disse, avançando para essa arcada, ao mesmo tempo que falava.

Eragon não conseguiu se conter.

— A esquerda para quem vem de onde? Se viéssemos do outro lado, a esquerda...

— A esquerda seria a direita e a direita seria a esquerda, sim, sim — continuou a herbolária, franzindo os olhos. — As vezes é mais inteligente do que convém, Matador de Espetros... Muito bem, vamos fazer as coisas do seu jeito. Mas depois não diga que não te avisei, se acabarmos por aí perdidos, dias a fio.

Na verdade, Eragon teria preferido seguir pela arcada do meio, pois parecia a que mais provavelmente os conduziria às ruas, em cima; mas não queria envolver-se numa discussão com a herbolária. *Seja como for, logo encontraremos escadas*, pensou ele. *Não devem existir tantas câmaras assim por baixo de Dras-Leona.*

Angela seguiu à frente, erguendo a luz mágica bem alto. Wyrden e Arya avançaram atrás dela e Eragon seguiu-os à retaguarda. A sala depois da arcada da direita era maior do que parecia, de início, pois estendia-se doze metros para o lado, virava, e prolongava-se por mais alguns metros, terminando num corredor salpicado de castiçais vazios. Ao fundo do corredor havia uma pequena sala, ladeada por três arcos, que davam acesso a salas com mais arcos, e por aí adiante.

Quem terá construído isso e porquê?, pensou Eragon, perplexo. Todas as salas que tinham visto estavam desertas e sem mobília. A única coisa que encontraram foi um banco de duas pernas, que se desmanchou quando Eragon tocou com o bico da bota, e uma pilha de louça de cerâmica partida, a um canto, por baixo de um véu de teias de aranha.

Angela não hesitava nem parecia confusa em relação à direção que deveria seguir, pois escolhia invariavelmente o caminho da direita. Eragon teria se oposto, mas não lhe ocorria melhor alternativa ao método dela. A herbolária parou ao chegarem a uma sala circular com sete arcadas, ao longo das paredes, em intervalos equidistantes. Sete corredores estendiam-se das arcadas, incluindo aquele que tinham acabado de percorrer.

— Marca o lugar de onde viemos senão vamos ficar completamente perdidos — sugeriu Arya.

Eragon foi para o corredor e traçou uma linha na parede de pedra com o guarda-mão de Brisingr. Ao fazê-lo, olhou para a escuridão, na tentativa de ver Solembum, mas não lhe distinguiu sequer um bigode. Esperava que o menino-gato não tivesse se perdido em algum lugar no labirinto de salas. Esteve quase para tentar alcançá-lo com a mente mas resistiu à tentação, pois poderia alertar o Império para o local onde estavam, se mais alguém o sentisse por ali às apalpadelas.

— Ah! — exclamou Angela. Pondo-se nas pontas dos pés, ergueu a luz mágica o mais alto possível, fazendo mover as sombras em torno de Eragon.

Eragon dirigiu-se apressadamente para o centro da sala, onde estava ela, Arya e Wyrden.

— O que é? — sussurrou ele.

— O teto, Eragon — murmurou Arya. — Olhe para o teto.

Ele fez o que lhe disseram, mas tudo o que viu foram blocos de pedra antigos, carregados de bolor, e de tal forma cobertos de rachadura que lhe pareceu incrível que o teto não tivesse desabado há muito tempo. Depois a sua visão modificou-se e ele arquejou. As linhas não eram rachaduras mas runas profundamente entalhadas na pedra — linhas e linhas delas. Eram pequenas e elegantes, com ângulos agudos e pernas direitas. O bolor e a passagem dos séculos tinham feito sumir partes do texto, mas grande parte era ainda legível.

Eragon debateu-se com as runas durante uns breves instantes, mas reconheceu apenas algumas das palavras, e mesmo essas estavam escritas de maneira diferente do que ele estava habituado.

— O que diz? — perguntou ele. — Está escrito na Língua dos Anões?

— Não — respondeu Wyrden —, está na língua do teu povo, mas como ela era falada e escrita há muito tempo atrás, e num dialeto muito particular: o dialeto do zelote Tosk.

Aquele nome lhe era familiar.

— Quando eu e Roran resgatamos Katrina, ouvimos os sacerdotes de Helgrind falarem num livro de Tosk.

Wyrden acenou com a cabeça.

— É ele que fundamenta a sua fé. Tosk não foi o primeiro a devotar orações a Helgrind, mas foi o primeiro a codificar as suas crenças e práticas, e muitos outros o imitaram desde então. Todos os que veneram Helgrind reconhecem-no como um profeta do divino. E isto... — O elfo abriu os braços — é a história de Tosk desde o nascimento até à morte: uma história verdadeira, que os seus discípulos jamais partilharam com alguém estranho à sua seita.

— Poderíamos aprender muito com isto — disse Angela, sem nunca tirar os olhos do teto. — Se ao menos tivéssemos tempo... — Eragon estava surpreso por vê-la tão fascinada. Arya olhou de relance para os sete corredores.

— Podemos esperar um momento então, mas leiam depressa.

Enquanto Angela e Wyrden liam atenta e avidamente as runas, Arya aproximou-se de uma das arcadas e começou a entoar um feitiço de localização, num tom de voz baixo. Quando terminou, esperou um momento de cabeça inclinada, encaminhando-se depois para a arcada seguinte.

Eragon olhou um pouco mais para as runas, voltando depois para a entrada do corredor que os conduzia até lá, e encostou-se a uma parede enquanto esperava. O frio das pedras infiltrou-se no seu ombro. Arya parou diante da quarta arcada. A cadência familiar da recitação, subia e descia, como uma brisa suave. Mais uma vez, nada.

Eragon sentiu uma ligeiro comichão nas costas da mão direita e olhou para baixo. Tinha um enorme grilo sem asas agarrado à luva. O inseto era horrível: negro e bulboso, com patas farpadas e uma cabeça semelhante a um crânio. A carapaça brilhava como óleo. Eragon estremeceu, com a pele arrepiada, e sacudiu o braço, atirando o grilo para a escuridão. O grilo aterrisou com um ruído surdo.

O quinto corredor revelou-se tão infrutífero para Arya quanto os anteriores. Ignorando a entrada onde Eragon estava, ela colocou-se diante da

sétima arcada. Antes que conseguisse lançar o feitiço, um uivo gutural ecoou pelo corredor, parecendo vir de todas as direções ao mesmo tempo. Depois ouviu-se bufar, um ruído seco e um guincho que arrepiou todos os pelos do corpo de Eragon. Angela virou-se.

— Solembum!

Todos desembainharam as espadas, como se fossem um só. Eragon recuou para o centro da sala, olhando sucessivamente para cada arcada, e sentiu um comichão e um formigamento, semelhante a uma picada de mosca, no seu gedwëy ignasia — um aviso inútil, pois não lhe revelava que perigo se tratava nem onde estava.

— Por aqui — disse Arya, encaminhando-se para a sétima arcada.

A herbolária recusou-se a se mexer.

— Não! — sussurrou ela, com veemência. — Temos que ajudá-lo. — Eragon reparou que ela empunhava uma espada curta com uma estranha lâmina incolor que brilhava à luz como uma pedra preciosa.

Arya franziu a testa.

— Se Murtagh ficar sabendo que estamos aqui, vamos...

Tudo aconteceu tão depressa e tão silenciosamente, que Eragon jamais teria se dado conta se não estivesse olhando na direção certa: meia dúzia de portas ocultas nas paredes de três corredores abriram-se e cerca de trinta homens, vestidos de negro, correram na direção deles, de armas em punho.

— Letta! — gritou Wyrden, e os homens de um grupo chocaram uns com os outros, como se os da frente esbarrassem de cabeça contra uma parede.

Mas, depois, o resto dos atacantes caiu em cima deles e não houve tempo para magia. Eragon aparou facilmente um golpe, decapitando o atacante com um inesperado golpe circular. Tal como todos os outros, o homem usava um lenço cobrindo-lhe o rosto, deixando apenas os olhos à vista, e este flutuou quando a cabeça girou pelo ar em direção ao chão.

Eragon sentiu-se aliviado ao sentir Brisingr enterrar-se em carne. Por instantes ele recebeu que os adversários estivessem protegidos por feitiços, armaduras — ou pior do que isso — que não fossem humanos. Trespassou outro homem nas costelas e, tinha acabado de se virar para lidar com mais dois atacantes, quando uma espada que não deveria estar lá descreveu um arco pelo ar, em direção à sua garganta. As proteções o salvaram de uma morte certa, contudo, com a espada a poucos centímetros do pescoço, Eragon não teve outro remédio senão cambalear para trás. Para seu espanto,

o homem que trespassara ainda estava de pé, com sangue escorrendo do flanco, aparentemente alheio ao buraco que Eragon lhe fizera. O pavor apossou-se de Eragon.

— Eles não sentem dor — gritou ele, ao mesmo tempo que tentava freneticamente aparar espadas de três direções distintas. Se alguém o ouviu, não respondeu.

Não perdeu mais tempo falando, concentrando-se no combate com os homens que tinha à sua frente, e confiante de que os seus companheiros lhe protegeriam a retaguarda. Eragon atacava, aparava golpes e esquivava-se, brandindo Brisingr no ar, como se esta não pesasse mais do que um chicote. Em circunstâncias normais, ele teria matado qualquer um dos homens num instante. No entanto, o fato de serem imunes à dor, significava que Eragon teria de os decapitar, trespassar-lhes o coração, ou golpeá-los e contê-los até que a perda de sangue os deixasse inconscientes; de contrário os atacantes continuariam a tentar matá-lo, independentemente dos ferimentos que sofressem.

Com aquele número de homens, era difícil evitar todos os golpes e contra-atacar. Poderia ter parado de se defender e deixar simplesmente que as suas defesas o protegessem, mas isso iria cansá-lo tão depressa como se usasse Brisingr. Como não podia prever ao certo o momento em que as suas proteções começariam a falhar — o que aconteceria a dada altura, de contrário iriam matá-lo — e sabia que poderia precisar delas mais tarde, lutou tão cautelosamente como se estivesse enfrentando homens cujas espadas o pudessem matar ou mutilar de uma só vez.

Mais guerreiros vestidos de negro saíram das entradas ocultas dos corredores. Aglomeravam-se em torno de Eragon, obrigando-o a recuar apenas devido à superioridade numérica, e agarravam as suas pernas e os braços, ameaçando imobilizá-lo.

— Kverst — resmungou ele entredentes, proferindo uma das doze palavras mortais que Oromis lhe ensinara. Mas o feitiço não produziu efeito, tal como ele desconfiava: os homens estavam protegidos contra ataques mágicos diretos. Eragon preparou rapidamente um feitiço que Murtagh usara uma vez nele:

— Thrysta vindr! — Era uma forma indireta de atacar os homens, pois não estava realmente atacando-os, mas empurrando o ar contra eles. De qualquer modo, deu resultado.

Um rajada de vento encheu a sala e fustigou o cabelo e o manto de Eragon, projetando os homens que estavam mais perto contra os seus

companheiros e abrindo um espaço de três metros à sua frente. A sua energia declinou proporcionalmente, mas não a ponto de o incapacitar.

Virou-se para ver como os outros se estavam se saindo. Ele não tinha sido o primeiro a descobrir uma forma de contornar as proteções dos atacantes; explosões de relâmpagos projetavam-se do braço direito de Wyrden, enrolando-se em torno de qualquer guerreiro que tivesse a infelicidade de passar diante dele. Os cordões luminosos de energia pareciam quase líquidos, ao retorcerem-se em torno das vítimas. Mas havia mais homens tentando entrar na sala.

— Por aqui! — gritou Arya, saltando na direção do sétimo corredor — aquele que não conseguira examinar antes da emboscada.

Wyrden seguiu-a, tal como Eragon. Angela vinha atrás, coxeando, agarrada a um golpe ensanguentado no ombro. Atrás deles, os homens vestidos de negro hesitaram, perambulando por uns instantes, em alvoroço pela sala. Depois deram um urro estrondoso e começaram a persegui-los.

Enquanto corria pelo corredor, Eragon esforçou-se por criar uma variação do anterior feitiço, que lhe permitiria matar os homens e não apenas atirá-los para longe. Ele formulou rapidamente um feitiço e preparou-se para o lançar, pois conseguia ver um número considerável de atacantes. *Quem serão eles?*, pensou. *Quantos serão?* Mais adiante teve um vislumbre de uma passagem através da qual brilhava uma luz tênue, arroxeadada. Mal teve tempo para se preocupar de onde vinha a luz, pois a herbolária deu um grito sonoro e ele viu um clarão mortal, alaranjado, acompanhado de um estrondo ensurdecedor. Um cheiro de enxofre impregnou o ar. Eragon deu meia-volta e viu cinco homens arrastando a herbolária através de uma entrada que se abria de um dos lados do corredor.

— Não! — gritou Eragon, mas a porta fechou-se tão silenciosamente como se abrira, antes que ele conseguisse impedir, e a parede voltou a parecer perfeitamente sólida.

— Brisingr! — gritou ele e a sua espada irrompeu em chamas. Encostou a ponta da espada à parede e tentou perfurar a pedra, com o intuito de abrir a porta. Contudo a pedra era espessa e derretia lentamente, pelo que ele entendeu, depressa, que gastaria muito mais energia do que estava disposto a sacrificar.

Arya apareceu depois a seu lado, colocando a mão no lugar onde a porta estava, e murmurou:

— Ládrin. Abra! —, mas a porta permaneceu teimosamente fechada. Eragon sentiu-se embaraçado por não ter lembrado de tentar isso primeiro.

Os seus perseguidores estavam agora tão perto que ele e Arya não tiveram outro remédio senão virar-se e enfrentá-los. Eragon queria lançar o feitiço que inventara, mas o corredor tinha apenas espaço para dois homens de cada vez e ele não conseguiria matar os restantes, na medida em que não estavam visíveis. Decidiu que seria melhor manter o feitiço em segredo e guardá-lo para quando pudesse matar a maioria dos guerreiros, de uma só vez.

Eragon e Arya decapitaram os dois homens da frente e atacaram os dois que estavam a seguir, passando por cima dos seus corpos. Mataram mais seis atacantes numa rápida sucessão, mas estes pareciam nunca mais acabar.

— Por aqui! — gritou Wyrden.

— Stenr slauta! — exclamou Arya e as pedras das paredes explodiram ao longo do corredor, a poucos metros do local onde eles se encontravam. Os homens de negro encolheram-se e cambalearam com a saraivada de estilhaços aguçados, e alguns deles caíram, incapacitados.

Eragon e Arya viraram-se para seguir Wyrden, que corria em direção à passagem, ao fundo do corredor, e que estava agora a menos de dez metros dela... Três metros... Dois metros...

Depois, dezenas de espigões de ametista irromperam de alguns buracos no chão e no teto, apanhando Wyrden entre eles. O elfo parecia flutuar no meio do corredor, com os espigões a poucos milímetros da pele, pois as suas proteções repeliam os espinhos de cristal. Uma descarga crepitante de energia percorreu os espigões que projetaram um brilho ofuscante na ponta, cravando-se no seu corpo com um ruído desagradável.

Wyrden gritava e esbracejava. Depois a sua luz mágica apagou-se e ele não voltou a se mexer. Eragon olhou incrédulo, parando aos tropeções diante dos espigões. Apesar de toda a experiência que tinha em combate, nunca testemunhara a morte de um elfo. Wyrden, Blödhgarm e o resto do bando eram de tal forma talentosos que Eragon acreditava que apenas poderiam morrer em combate com Galbatorix ou Murtagh.

Arya parecia igualmente estupefata, contudo se recuperou depressa.

— Eragon — disse num tom insistente —, abra o caminho com Brisingr.

Ele percebeu. A sua espada, ao contrário da dela, resistia à magia maléfica dos espigões. Eragon puxou o braço para trás, brandindo a espada com toda a força. Meia dúzia de espigões estilhaçaram-se por baixo do gume adamantino de Brisingr. As ametistas produziram um som semelhante a um sino, quando se partiram, e os cacos cintilaram como gelo ao caírem no chão.

Eragon manteve-se do lado direito do corredor, tendo o cuidado de não tocar nos espigões ensanguentados sobre os quais se erguia o corpo de Wyrden. E brandiu repetidas vezes a espada, na tentativa de abrir caminho por entre o labirinto de espigões. Fragmentos de ametista voavam pelo ar, sempre que Eragon desferia um golpe. Um deles cortou seu faca esquerda e ele retraiu-se, surpreso, receando que as suas proteções tivessem falhado.

As pontas aguçadas dos espigões partidos forçavam-no a avançar com cautela. Os pedaços de baixo poderiam facilmente furar suas botas e os de cima ameaçavam golpeá-lo à altura da cabeça e do pescoço. Ainda assim Eragon conseguiu abrir caminho até ao lado oposto do labirinto de espigões apenas com um pequeno golpe na panturrilha, que lhe ardia sempre que assentava o peso do corpo sobre ela.

Os guerreiros vestidos de negro estavam prestes a alcançá-los. E Eragon ajudava Arya a ultrapassar as últimas linhas de espigões. Assim que ela se desembarçou deles, os dois correram através da passagem em direção à luz arroxeadada, embora a vontade de Eragon fosse dar meia-volta e confrontar os seus atacantes, matando-os como retaliação pela morte de Wyrden.

Do outro lado da passagem, havia uma câmara de construção sólida que lhe lembrava as cavernas por baixo de Tronjheim. Um enorme desenho circular com incrustações de pedra — mármore, calcedônia e hematite polida — preenchia o chão, ao centro. Em redor do círculo ornamentado viam-se pedaços grosseiros de ametista, do tamanho de um punho, encaixados em anéis de prata. Cada pedaço purpúreo de rocha brilhava suavemente — era daí que provinha a luz que tinham visto do corredor. Na parede oposta, do outro lado do círculo, havia um grande altar negro, coberto com um pano dourado e vermelho. O altar estava ladeado de colunas e candelabros, e tinha uma porta fechada de cada lado.

Eragon viu tudo isto ao irromper pela sala, breves instantes antes de perceber que o seu ritmo o levaria a atravessar o anel de ametistas, entrando no círculo. Tentou parar e desviar-se para o lado, mas ia muito depressa. Desesperado, fez a única coisa que poderia fazer: saltou em direção ao altar, esperando conseguir ultrapassar o círculo num único salto.

Ao voar sobre a ametista mais próxima, a sua última sensação foi de arrependimento e o seu último pensamento foi para Saphira.

Alimentar um Deus



primeira coisa em que Eragon reparou foi na diferença de cores. Os blocos no teto tinham uma cor mais intensa. Detalhes anteriormente ocultos pareciam agora precisos e vívidos, e os que sobressaíam estavam menos perceptíveis. A suntuosidade do círculo ornamentado, por baixo dele, era ainda mais evidente. Demorou algum tempo para perceber o motivo da mudança: a luz mágica de Arya já não iluminava a câmara. Toda a luz provinha do brilho suave dos cristais e das velas dos candelabros. Só então Eragon deu conta que tinha algo entalado na boca, que o forçava a abrir completamente o maxilar, num ângulo doloroso, e que estava pendurado pelos pulsos, numa corrente presa ao teto. Tentou mexer-se e apercebeu que tinha os tornozelos agrilhoados, presos a um aro metálico no chão.

Ao torcer-se no mesmo lugar, viu Arya a seu lado, presa e suspensa da mesma forma. Tal como ele, estava amordaçada com um pedaço de tecido e tinha um trapo amarrado à volta da cabeça para a imobilizar. Arya já estava consciente e observava-o. Eragon percebeu que ela ficou aliviada por ter recuperado os sentidos.

Porque é que ela ainda não fugiu? se perguntou ele. E depois: *O que aconteceu?* Ele sentia-se tonto e lento, como se estivesse bêbado de cansaço.

Olhou para baixo e viu que fora despojado das armas e da armadura; estava apenas de perneiras. O cinto de Beloch, o Sábio, tinha desaparecido tal como o colar que os Anões lhe ofereceram para impedir que lhe sondassem a mente. Olhou para cima e viu que Aren, o anel dos Elfos, desaparecera da sua mão.

Eragon foi invadido por uma sensação de pânico, mas depois tranquilizou-se com a evidência de que não estava indefeso, pelo menos enquanto conseguisse fazer magia. Como tinha um pano na boca, teria de lançar um feitiço sem o proferir em voz alta, o que era um pouco mais perigoso do que o método habitual. Na medida em que, se a mente se dispersasse no processo, ele poderia escolher acidentalmente as palavras erradas. Não era, contudo, tão perigoso quanto lançar um feitiço sem utilizar a língua antiga; o que era de fato perigoso. De qualquer forma, ele precisaria apenas de uma pequena quantidade de energia para se libertar e estava confiante que o conseguiria sem grandes problemas. Fechou os olhos e preparou-se, reunindo os seus recursos. Ao fazê-lo, ouviu Arya sacudir a sua corrente, emitindo ruídos abafados.

Ele a olhou de relance e a viu balançar a cabeça. Arqueou as sobrancelhas e questionou-a sem falar: *O que é?* Mas ela conseguia apenas roncicar e balançar a cabeça. Frustrado, Eragon projetou cautelosamente a mente na direção de Arya — atento à mais pequena intrusão de outra pessoa — e ficou alarmado ao sentir apenas uma pressão suave e indistinta ao seu redor, como se tivesse fardos de lã em redor da mente. O pânico começou a crescer dentro dele, apesar dos esforços para o controlar.

Não estava drogado, disse Eragon tinha certeza. Mas também não sabia o que mais o poderia impedir de tocar na mente de Arya além de uma droga. Se se tratava de magia, era diferente de qualquer tipo que conhecia. Eragon e Arya cruzaram o olhar por uns instantes. Depois, uma sensação de movimento o fez olhar para cima e ele viu fios de sangue a escorrerem pelos seus antebraços; as grilhetas em torno dos pulsos tinham esfolado sua a pele.

A raiva tomou conta dele. Agarrou na corrente acima dele e puxou-a com toda a força. Os elos aguentaram, mas Eragon recusou-se a desistir. Frenético de raiva, ele puxou-a repetidamente, sem querer saber do mal que causava a ele mesmo. Finalmente parou e ficou suspenso, inerte, sentindo o sangue quente escorrendo pelos pulsos até à nuca e os ombros.

Decidido a escapar, Eragon sondou o fluxo de energia dentro do seu corpo e gritou mentalmente, dirigindo o feitiço às grilhetas:

Kverst malmr du huidrs edtha, mar frëma né thön eka threyja!

Sentiu todos os nervos do corpo arderem de dor e gritou contra a mordação. Incapaz de manter a concentração, Eragon perdeu o controle do feitiço e o encantamento cessou. A dor desapareceu de imediato, mas deixou-o sem ar e com o coração martelando pesadamente no peito, como se tivesse saltado de um penhasco. A experiência era semelhante aos ataques que sofrera antes dos dragões lhe curarem a cicatriz nas costas, durante o Agaetí Blödhren.

Enquanto se recuperava lentamente, viu Arya olhar para ele com uma expressão preocupada. Ela também deveria ter tentado lançar um feitiço. E depois: *Como é possível que isto tenha acontecido?* Ambos presos e indefesos, Wyrden morto, a herbolária capturada ou assassinada e Solembum muito provavelmente caído, ferido, em algum lugar no labirinto subterrâneo. Isto se os guerreiros de negro não o já tivessem matado. Eragon não conseguia entender. Ele, Arya, Wyrden e Angela eram dos grupos mais capazes e perigosos de Alagaësia. No entanto tinham fracassado, e ele e Arya estavam à mercê dos seus inimigos.

Se não conseguirmos fugir... Tentou abstrair-se disso, pois não suportava pensar no assunto. Desejava, acima de tudo, poder contatar Saphira, nem que fosse apenas para se assegurar de que ela estava bem e consolar-se na sua companhia. Embora Arya estivesse com ele, sentia-se incrivelmente só, e isso o preocupava mais do que qualquer outra coisa.

Apesar das dores nos pulsos, Eragon voltou a puxar a corrente convencido de que se continuasse, conseguiria soltá-la do teto. Tentou torcê-la, pensando que seria mais fácil parti-la dessa forma, mas as grilhetas em torno dos tornozelos impediam-no de se virar muito, quer para um lado quer para o outro. As feridas nos pulsos forçaram-no a parar. Ardiam-lhe como fogo e ele receava acabar por cortar um músculo se continuasse. Temia perder muito sangue, pois as feridas sangravam intensamente e Eragon não sabia quanto tempo ambos teriam de ficar ali pendurados, à espera.

Era impossível saber que horas eram, mas ele calculava que estivessem presos apenas há algumas horas, dado que não sentia necessidade de comer, beber, ou aliviar-se. Porém isso iria mudar, o que apenas aumentaria o seu desconforto. A dor nos pulsos de Eragon tornava cada minuto insuportavelmente longo. De vez em quando, olhavam um para o outro, tentando se comunicar, mas os seus esforços revelavam-se sempre inúteis. Por duas vezes, as suas feridas criaram crosta e ele arriscou puxar de novo a corrente, mas sem sucesso. De uma maneira geral, ele e Arya estavam se aguentando. Quando Eragon começou a se interrogar se alguém iria aparecer, ouviu o som de sinos de ferro em algum lugar nos túneis e nos corredores, e as portas de ambos os lados do altar negro abriram-se em silêncio. Eragon contraiu os músculos, na expectativa, e ficou de olhos postos nas entradas, tal como Arya.

Um minuto aparentemente interminável passou. Depois os sinos voltaram a repicar num tom dissonante e abafado, enchendo a câmara de uma infinidade de ecos furiosos. Três noviços entraram pela porta: jovens vestidos de dourado, cada qual com uma armação com sinos suspensos. Atrás deles vinham vinte e quatro homens e mulheres, nenhum dos quais tinha todos os membros. Ao contrário dos seus antecessores, os aleijados usavam túnicas de couro curtido e escuro, cortadas em função das suas deficiências. Atrás de todos, seis escravos oleados transportavam uma padiola sobre a qual vinha sentada uma figura sem braços, sem pernas, sem dentes e, aparentemente, sem sexo: o sumo-sacerdote de Helgrind. Sobre a sua cabeça erguia-se uma crista de noventa centímetros, que lhe dava uma aparência ainda mais disforme.

Os sacerdotes e os noviços colocaram-se junto ao círculo ornamentado, no chão, enquanto os escravos pousavam delicadamente a padiola sobre o

altar, no topo da sala. Depois, os três jovens perfeitos e atraentes tocaram de novo os sinos, gerando um estrépito dissonante, e os sacerdotes vestidos de couro curtido entoaram uma frase curta, tão rapidamente que Eragon não conseguiu entender bem o que eles disseram, embora lhe tivesse parecido uma frase ritualista. Por entre o amontoado de palavras, Eragon distinguiu os nomes de três picos de Helgrind: Gorm, Ilda e Fell Angvara.

O sumo-sacerdote olhou para ele e para Arya; tinha olhos semelhantes a lascas de obsidiana.

— Bem-vindos ao palácio de Tosk — disse ele e a sua boca mirrada distorceu as palavras. — É a segunda vez que invade os nossos aposentos privados, Cavaleiro do Dragão. Não terá oportunidade de o fazer de novo... Galbatorix teria nos mandado poupar as suas vidas e mandá-los para Urû'baen. Acha que consegue nos obrigar a servi-lo. Sonha em ressuscitar os Cavaleiros e recuperar a raça dos dragões, mas eu considero os sonhos dele uma loucura. Vocês são muito perigosos e nós não queremos que os dragões reapareçam. As pessoas, regra geral, acreditam que adoramos Helgrind, mas isso é uma mentira que contamos para esconder a verdadeira natureza da nossa religião. Não é Helgrind que veneramos, mas os Anciãos que fizeram dele o seu covil e a quem sacrificamos a nossa carne e o nosso sangue. Os Ra'zac são os nossos deuses, Cavaleiro do Dragão — os Ra'zac e os Lethrblaka.

O pavor percorreu Eragon como uma doença. O sumo-sacerdote cuspiu nele e a saliva escorreu-lhe pelo lábio inferior, flácido.

— Não há tortura que seja suficientemente penosa para o teu crime, Cavaleiro. Mataste os nossos deuses, você e esse seu maldito dragão. Por isso tem que morrer.

Eragon debateu-se nas grilhetas e tentou gritar ainda que com a mordança. Se pudesse falar poderia ganhar algum tempo, talvez dizendo quais tinham sido as últimas palavras dos Ra'zac, ou ameaçando-os com a vingança de Saphira. Mas os seus captores não pareciam inclinados a tirar-lhe a mordança. O sumo-sacerdote sorriu com um esgar hediondo, revelando as gengivas cinzentas.

— Jamais irá escapar, Cavaleiro. Estes cristais foram encantados para aprisionar qualquer pessoa que tente profanar o nosso templo ou roubar os nossos tesouros, mesmo alguém como você. E também não há ninguém que te possa salvar. Dois dos teus companheiros estão mortos — sim, mesmo aquela bruxa intrometida — e Murtagh não sabe da sua presença aqui. Hoje é o dia da sua morte, Eragon Matador de Espetros. — Depois, o sumo-

sacerdote inclinou a cabeça para trás e soltou um assobio medonho e gorgolejante.

Quatro escravos de tronco nu saíram pela entrada escura, à esquerda do altar. Traziam às costas uma plataforma com duas grandes protuberâncias baixas em forma de xícara, ao centro. Dentro das protuberâncias havia um par de objetos ovais, cada um com cerca de quarenta e cinco centímetros de comprimento e quinze centímetros de largura. Os objetos eram negros azulados e esburacados como o arenito.

O tempo pareceu voltar para Eragon. *Não é possível que sejam...*, pensou. Mas o ovo de Saphira era liso e raiado como mármore. Fossem o que fossem aqueles objetos, não eram ovos de dragão. As alternativas assustaram-no ainda mais.

— Uma vez que você matou os Anciãos — disse o sumo-sacerdote —, parece perfeitamente adequado que você sirva de alimento para o seu renascimento. Não merece tamanha honra, mas irá agradar aos Anciãos e nós lutamos acima de tudo para satisfazer os seus desejos. Nós somos os seus servos leais e eles são os nossos amos cruéis e implacáveis: os deuses das três caras — os caçadores de homens, os devoradores de carne e os bebedores de sangue. Oferecemos-lhes os seus corpos, na esperança que os mistérios desta vida nos sejam revelados e na esperança de sermos absolvidos dos nossos pecados. “Assim escreveu Tosk, assim será feito.”

Os padres com a túnica de couro curtido repetiram em uníssono:

— “Assim escreveu Tosk, assim será feito.”

O sumo-sacerdote acenou com a cabeça.

— Os Anciãos sempre fizeram os ninhos em Helgrind. Mas no tempo do avô do meu pai, Galbatorix roubou os seus ovos e matou as suas crias, forçando-os a jurar-lhe lealdade sob pena de erradicar a sua linhagem. Foi Galbatorix que escavou as cavernas e os túneis que eles usam desde então, encarregando-nos — seus devotados acólitos — de vigiar, guardar e cuidar dos ovos, até estes serem necessários. Foi isso que fizemos e ninguém nos poderá criticar pelo serviço prestado.

“Mas rezamos para que Galbatorix seja derrotado um dia, pois ninguém deveria submeter os Anciãos à sua vontade. É uma abominação. — A criatura deformada lambeu os lábios e Eragon concluiu, enojado, que lhe faltava parte da língua: fora arrancada com uma faca. — Também desejamos que você desapareça, Cavaleiro. Os dragões eram os maiores inimigos dos Anciãos. Sem eles e sem Galbatorix, não haverá ninguém que os impeça de se banquetear onde e como lhes aprouver.”

Enquanto o sumo-sacerdote falava, os quatro escravos que transportavam a plataforma avançaram e a baixaram cuidadosamente dos ombros sobre o círculo ornamentado, pousando-a a alguns passos de Eragon e Arya. Logo que terminaram, baixaram a cabeça e retiraram-se pela porta por onde tinham entrado.

— Haverá coisa melhor que alimentar um deus com o tutano dos seus ossos? — perguntou o sumo-sacerdote. — Rejubilem ambos pois hoje receberão a bênção dos Anciãos, o seu sacrifício limpará os seus pecados e entrarão na vida do Além tão puros quanto uma criança recém-nascida.

Depois o sumo-sacerdote e os seus seguidores ergueram o rosto em direção ao teto e começaram a entoar uma bizarra melodia, com um estranho sotaque que Eragon teve dificuldade em entender, interrogando-se se seria o dialeto de Tosk. Por vezes julgava ouvir palavras na língua antiga — distorcidas e incorretamente empregadas, mas na língua antiga. Quando a grotesca congregação terminou, dizendo de novo “Assim escreveu Tosk, assim será feito”, os três noviços agitaram os sinos num êxtase de fervor religioso. Parecia um alarido suficiente para fazer cair o teto. Os noviços abandonaram a sala ainda a agitar os sinos, os vinte e quatro sacerdotes menores saíram a seguir e, finalmente, os seis escravos oleados transportaram o seu amo desmembrado na padiola, na cauda da procissão.

A porta fechou-se atrás deles com um estrondo sinistro e Eragon ouviu uma pesada tranca cair do outro lado. Virou-se para olhar para Arya. A expressão nos seus olhos era de desespero e ele percebeu que ela também não fazia a mínima ideia de como fugir.

Voltou a olhar para cima e puxou a corrente que o prendia, fazendo tanta força quanto podia. As feridas nos seus pulsos voltaram a se abrir, salpicando-o com gotas de sangue. Em frente deles, o ovo da esquerda começou ligeiramente a balançar para trás e para frente, e ouviu-se uma série de batidas leves, como pancadas de um martelo minúsculo.

Uma profunda sensação de terror inundou Eragon. De todas as maneiras como imaginara morrer, ser comido vivo por um Ra'zac era de longe a pior. Voltou a puxar a corrente com uma renovada determinação, trincando a mordaca para o ajudar a aguentar as dores nos braços. A dor que sentiu fez-lhe turvar a vista. Junto dele, Arya remexia-se e torcia-se também. Ambos lutavam para se libertarem, num silêncio mortal. As batidas na casca negra azulada continuavam.

Não vale a pena, concluiu Eragon. A corrente não cedia. Logo que ele aceitou esse fato, tornou-se óbvio que seria impossível evitar ficar mais

ferido do que já estava. A única questão era se as feridas lhe seriam infligidas à força ou por opção. *Pelo menos tenho de salvar Arya.*

Estudou a grilhetas de ferro que tinha em torno dos pulsos. *Se conseguir partir os polegares, talvez consiga libertar as mãos.* Pelo menos depois poderia lutar. *Talvez possa agarrar um pedaço da casca do ovo do Ra'zac e usá-lo como faca.* Se tivesse algo para cortar poderia libertar também as pernas, embora a ideia fosse tão apavorante que tenha decidido ignorá-la naquele momento. *Tudo o que tenho de fazer é engatinhar para fora do círculo de pedras.* Nessa altura poderia usar a magia e acabar com a dor e com a hemorragia, o que ele achava que levaria apenas alguns minutos, embora soubesse que seriam os minutos mais longos da sua vida. Inspirou para se preparar. Primeiro a mão esquerda. Mas antes que começasse, Arya gritou.

Eragon virou-se para ela, exclamando algo ao ver os dedos da sua mão direita mutilados. A pele estava repuxadas como uma luva, em direção às unhas, e o branco do osso via-se através do músculo vermelho. Arya vergou-se e pareceu perder a consciência por alguns instantes; depois recuperou e voltou a puxar o braço. Eragon gritou quando a mão deslizou pela grilheta de metal, rasgando a pele e a carne. Ela deixou cair o braço para o lado, escondendo a mão dele, embora visse o sangue salpicar o chão, junto dos pés dela. As lágrimas toldaram-lhe a visão e ele gritou o nome dela contra a mordação, mas ela não pareceu ouvi-lo.

Ao preparar-se para repetir a operação, a porta do lado direito do altar abriu-se e um dos noviços de túnica dourada esgueirou-se para dentro da câmara. Ao vê-lo, Arya hesitou, embora Eragon soubesse que ela libertaria a outra mão da grilheta ao menor sinal de perigo.

O jovem olhou-a de soslaio, encaminhando-se depois cautelosamente para o centro do círculo ornamentado, e olhou apreensivo para o ovo que balançava para trás e para frente. O jovem era baixo, tinha olhos grandes e umas feições delicadas. Parecia-lhe óbvio que fora escolhido para aquela posição, devido à sua aparência.

— Toma! — sussurrou o jovem. — Trouxe isto. — Tirou uma lima, um cinzel e um malho de madeira de dentro da túnica. — Se eu ajudá-los têm que me levar com você. Não suporto estar aqui. Odeio isto, é horrível. Prometem que me levam?

Antes dele acabar de falar Eragon já acenava com a cabeça. Contudo, quando o jovem começou a andar na sua direção, Eragon rosnou e fez sinal com a cabeça para Arya. Só passados alguns segundos é que o noviço entendeu.

— Ah sim — murmurou o jovem, aproximando-se de Arya. Eragon rilhou os dentes através da mordaça, furioso com a lentidão do rapaz.

O arranhar áspero da lima depressa abafou as batidas no interior do ovo oscilante. Eragon observava o melhor possível, enquanto o seu presumível salvador serrava uma seção da corrente, por cima da mão esquerda de Arya. *Mantenha a lima no mesmo elo, idiota!*, pensou Eragon, furioso. O noviço parecia nunca ter usado uma lima e Eragon duvidava que ele tivesse força ou resistência suficiente para cortar nem que fosse de metal um pequeno segmento. Arya estava suspensa, inerte, e tinha os longos cabelos cobrindo-lhe o rosto, enquanto o noviço trabalhava. Tremia em intervalos regulares e o sangue continuava a pingar incessantemente da mão mutilada.

Para consternação de Eragon, a lima parecia não deixar qualquer marca na corrente. Quaisquer que fossem os feitiços que protegiam o metal, eles eram muito poderosos para serem ultrapassados por algo tão simples como uma lima. O noviço bufou com um ar petulante, por não estar fazendo progresso. Fez uma pausa, limpou a testa, e voltou a atacar a corrente com a testa franzida, sacudindo os cotovelos, ofegante, com as mangas da túnica ondulando no ar.

Não vê que não vai funcionar?, pensou Eragon. *Experimente o cinzel nas grilhetas, em volta dos tornozelos dela.* Mas o jovem continuou a fazer o que estava fazendo. Um estalido agudo ecoou pela câmara e Eragon viu uma estreita fissura surgir no topo do ovo escuro e esburacado. A extensão da fissura aumentou e uma teia de fraturas finas como um fio de cabelo espalhou-se, de dentro para fora.

A seguir, o segundo ovo começou também a balançar e ouviram-se mais algumas batidas, que se reuniram às primeiras, gerando uma cadência de enlouquecer. O noviço ficou pálido e deixou cair a lima, recuando do local onde Arya estava, balançando a cabeça.

— Lamento... lamento. É tarde demais. — O seu rosto se enrugou e as lágrimas começaram escorrer.

Eragon ficou ainda mais alarmado ao ver o jovem tirar uma adaga do bolso.

— Não posso fazer mais nada — disse ele, quase como se estivesse falando consigo mesmo. — Não posso mesmo... — Fungou e aproximou-se de Eragon. — É para o seu bem.

Quando o jovem avançou, Eragon puxou as correntes na tentativa de libertar uma das mãos da grilheta, mas estas estavam muito apertadas e tudo o que conseguiu foi esfolar mais a pele dos pulsos.

— Lamento — sussurrou o jovem ao parar diante de Eragon e, depois, puxou a adaga atrás.

Não! gritou Eragon mentalmente. Um pedaço cintilante de ametista voou do túnel que os conduziu à câmara, atingindo o noviço na nuca, e ele caiu em cima de Eragon. Eragon encolheu-se ao sentir o gume da adaga deslizar-lhe ao longo das costelas. A seguir o jovem tombou para o chão onde ficou inconsciente.

Uma pequena figura coxeando emergiu das profundezas do túnel. Eragon ficou olhando e, quando a figura se aproximou da luz, viu que era Solembum. Eragon foi varrido por uma sensação de alívio. O menino-gato estava na sua forma humana e usava apenas uma tanga que parecia ter sido rasgada das roupas dos atacantes. O cabelo preto, espetado, eriçou-se quase por completo e um esgar felino desfigurou-lhe os lábios. Tinha vários cortes nos antebraços, a orelha esquerda pendurada e faltava-lhe uma tira de pele no couro cabeludo. Trazia uma faca ensanguentada. E, a alguns passos do menino-gato vinha Angela, a herbolária.

Infiéis à Solta

 as que idiota! — exclamou Angela, caminhando apressadamente para a borda do círculo ornamentado. Sangrava de uma série de golpes e arranhões, e tinha mais sangue nas roupas, que Eragon desconfiou não ser dela. Tirando isso, parecia ilesa.

— Tudo o que ele tinha de fazer era... isto!

Ergueu a espada transparente e brandiu-a por cima da cabeça, batendo com o pomo numa das ametistas ao redor do círculo. O cristal estilhaçou-se com um estalido estranho, semelhante a um choque de estática, e a luz que emitia tremeluziu, apagando-se. Os outros cristais mantinham a mesma luminosidade.

Sem se deter, Angela aproximou-se do pedaço de ametista seguinte e partiu-o, depois partiu outro, e assim sucessivamente. Nunca na sua vida Eragon se sentira tão grato por ver alguém. Os olhos saltitavam entre a herbolária e as fissuras que se alargavam cada vez mais, em cima do primeiro ovo. O Ra'zac quase conseguira abrir caminho para o exterior e parecia consciente disso, guinchando e batendo no ovo com um renovado vigor. Por entre os fragmentos de casca, Eragon viu uma membrana branca e espessa, e o bico da monstruosa cabeça do Ra'zac empurrá-la às cegas.

Depressa, depressa, pensou Eragon ao ver um fragmento, do tamanho da sua mão, tombar do ovo e cair ruidosamente no chão como um prato de barro cozido. A membrana rasgou-se e o jovem Ra'zac esticou a cabeça para fora do ovo, com um guincho triunfante, exibindo a língua farpada e arroxeadada. Um líquido viscoso escorria-lhe da carapaça e um odor de fungos impregnou a câmara.

Eragon voltou a puxar as correntes que o prendiam, por mais inútil que isso parecesse. O Ra'zac voltou a guinchar, lutando para se libertar dos restos do ovo. Solto um braço com as garras mas, ao fazê-lo, desequilibrou o ovo, que tombou para um lado, vertendo um líquido espesso e amarelado sobre o círculo ornamentado. A grotesca cria ficou por momentos aturdida, deitada de lado. Mas, depois remexeu-se e ergueu-se hesitantemente sobre as patas vacilantes, emitindo estalidos como um inseto agitado.

Eragon olhou horrorizado e fascinado. O Ra'zac exibia umas nervuras fundas no peito como se tivesse as costelas fora do corpo e não dentro. Os membros da criatura eram finos e nodosos como paus, e a cintura era mais

estreita do que a de um humano. Cada pata tinha uma articulação adicional virada para trás, algo que Eragon nunca antes vira, mas que explicava o andar vacilante do Ra'zac. A carapaça parecia mole e maleável, ao contrário das carapaças dos Ra'zac mais maduros com que Eragon se defrontara. Sem dúvida que a carapaça iria endurecer com o tempo.

O Ra'zac inclinou a cabeça — a luz refletia nos enormes olhos salientes, sem pupilas — e chilreou como se tivesse descoberto algo de excitante, dando um passo hesitante na direção de Arya... depois outro... e mais outro, de bico aberto, avançando penosamente rumo à poça de sangue a seus pés.

Eragon gritou contra a mordaca, esperando conseguir distrair a criatura, mas esta ignorou-o, limitando-se a olhá-lo brevemente.

— Agora! — exclamou Angela, partindo o último cristal. No mesmo instante que os cacos de ametista deslizaram pelo chão, Solembum saltou na direção do Ra'zac. A forma do menino-gato desfez-se em pleno ar — a cabeça encolheu, as pernas ficaram mais curtas e o pelo despontou-lhe no corpo —, aterrissando sobre as quatro patas, de novo sob a forma de animal.

O Ra'zac bufou e tentou atacar Solembum com as garras, mas o menino-gato esquivou-se do golpe e atingiu a cabeça do Ra'zac, à velocidade da luz, com uma das suas grandes e pesadas patas. O pescoço do Ra'zac partiu-se com um estalido sonoro e a criatura voou pela sala, aterrissando toda torcida no chão, onde ficou estremecendo, durante uns segundos.

Solembum bufou, com a única orelha sã colada ao crânio. Depois, desembaraçou-se da tanga ainda presa aos quadris, e foi para junto do outro ovo, sentando-se à espera.

— Mas o que andou fazendo a você mesma? — disse Angela, correndo para junto de Arya, que levantou penosamente a cabeça, mas nem sequer tentou responder.

A herbolária cortou as grilhetas que ainda prendiam Arya, com três golpes rápidos da espada incolor, como se o metal temperado tivesse a consistência de queijo. Arya caiu de joelhos e dobrou-se sobre si, apertando a mão ferida contra o estômago, e arrancado a mordaca com a outra mão. O ardor nos ombros de Eragon abrandou quando Angela o libertou, e ele pôde finalmente baixar os braços. Tirou o pano da boca e disse, num tom rouco:

— Achemos que você estava morta.

— Terão que se esforçar mais, se quiserem me matar. São um bando de tolos.

Ainda dobrada sobre si, Arya começou a entoar feitiços para unir as feridas e curá-las. Pronunciava as palavras num tom débil e exausto, mas não vacilou nem as pronunciou mal. Enquanto ela tentava reparar os danos da sua mão, Eragon sarou o corte nas costelas e nas feridas dos pulsos. Depois, fez sinal a Solembum e disse:

— Afaste-se!

O menino-gato sacudiu a cauda e fez o que Eragon lhe mandou. Erguendo a mão direita, Eragon disse:

— Brisingr!

Uma coluna de chamas azuis irrompeu em torno do segundo ovo e a criatura que estava no interior gritou — um grito terrível, que não parecia deste mundo, mais semelhante ao rangido de metal rasgando-se do que a um grito de uma pessoa ou de um animal. Franzindo os olhos para os proteger do calor, Eragon viu o ovo arder, com satisfação. *Que fosse o último da sua raça*, pensou. Quando os gritos cessaram, ele extinguiu as chamas e estas apagaram-se de baixo para cima. Depois, a sala ficou inesperadamente silenciosa, Arya também terminara os seus encantamentos e tudo estava sossegado.

Angela foi a primeira a se mexer. Aproximou-se de Solembum e parou junto dele, murmurando algumas palavras na língua antiga, para lhe curar a orelha e outros ferimentos. Eragon ajoelhou-se junto de Arya e colocou a mão no seu ombro. Ela levantou os olhos na sua direção e endireitou o corpo para lhe mostrar a mão. A pele ao longo da base do polegar, na parte exterior da palma e nas costas da mão, estava brilhante e com um tom vermelho vivo, contudo, os músculos pareciam intactos.

— Porque não a curou por completo? — perguntou ele. — Se estiver muito cansada, eu posso...

Arya abanou a cabeça.

— Danifiquei vários nervos... e não estou conseguindo repará-los. Preciso da ajuda de Blödhgarm; ele é mais hábil do que eu para manipular a carne.

— Consegue lutar?

— Se tiver cuidado.

Eragon lhe apertou o ombro por instantes.

— O que você fez...

— Fiz apenas o que era lógico.

— A maior parte das pessoas não teria tido força... Eu tentei, mas a minha mão era muito grande. Vê? — E ergueu a mão, encostando-a à mão de Arya.

Ela acenou com a cabeça e agarrou-se ao braço dele, levantando-se lentamente. Eragon ergueu-se com ela, e amparou-a firmemente.

— Temos de encontrar as nossas armas — disse ele —, bem como o meu anel, o meu cinto e o colar que os Anões me deram. Angela franziu a testa.

— Porquê o teu cinto? Está encantado?

Percebendo a hesitação de Eragon, que não sabia se deveria contar-lhe a verdade, Arya disse:

— Não iria reconhecer o nome do seu criador, emérita, mas certamente que já ouviu falar no cinto das doze estrelas, durante as tuas viagens.

A herbolária arregalou os olhos:

— Esse cinto? Mas eu o julgava perdido há mais de quatro séculos, pensei que tinha sido destruído durante a ...

— Nós o recuperamos — disse Arya, sem rodeios. Eragon percebeu que a herbolária queria fazer mais perguntas, de qualquer modo limitou-se a dizer:

— Compreendo... Porém, não podemos perder tempo e passar a revista em todas as salas deste labirinto. Assim que os sacerdotes perceberem que vocês fugiram, irão nos perseguir.

Eragon apontou na direção do noviço caído no chão e disse:

— Talvez ele possa nos dizer para onde levaram as nossas coisas.

A herbolária agachou-se e colocou dois dedos sobre a veia jugular do jovem, tomando-lhe a pulsação. Depois bateu-lhe nas faces e abriu as pálpebras dele. O noviço continuou inerte e imóvel. A sua falta de reação pareceu irritar a herbolária.

— Um momento — disse ela, fechando os olhos. Franziu ligeiramente a testa e ficou imóvel, por uns instantes. Depois ergueu-se subitamente. — Mas que miserável mais egocêntrico! Não admira que os pais o tenham mandado para junto dos sacerdotes. Admira-me que o tenham aguentado durante tanto tempo.

— Ele sabe alguma coisa de útil? — perguntou Eragon.

— Apenas o caminho até à superfície. — E apontou para a porta à esquerda do altar, a mesma por onde os sacerdotes tinham entrado e saído. — É espantoso que tenha tentado te libertar. Desconfio que é a primeira vez que faz alguma coisa de livre vontade.

— Temos que levá-lo conosco. — Eragon detestava ter que dizer isso, mas o dever compelia a fazê-lo. — Eu prometi que o levávamos se ele nos ajudasse.

— Ele tentou te matar!

— Eu dei a minha palavra.

Angela suspirou e revirou os olhos, dirigindo-se a Arya:

— Presumo que não consiga fazê-lo mudar de ideia.

Arya abanou a cabeça, içando o jovem para cima do ombro, sem qualquer esforço aparente.

— Eu o levo — disse ela.

— Nesse caso — disse a herbolária a Eragon —, é melhor ficar com isto. Parece que grande parte da luta ficará ao nosso encargo. — E entregou-lhe a sua espada curta, tirando um punhal de dentro das pregas do vestido.

— De que é feita? — perguntou Eragon, olhando através da lâmina transparente, reparando como a luz brilhava e refletia. A matéria lembrava-lhe diamante, mas não imaginava ninguém fazendo uma arma de uma pedra preciosa, na medida em que a energia necessária para impedir a pedra de se partir a cada golpe, depressa esgotaria qualquer feiticeiro vulgar.

— Não é de pedra nem de metal — respondeu a herbolária. — Uma palavra de advertência: Deve ter muito cuidado ao manejá-la. Nunca toque no seu gume nem o aproxime de nada que goste, senão irá se arrepender. Também não deve encostar a espada em nada que te faça falta — a tua perna, por exemplo.

Eragon afastou, cautelosamente, a espada do corpo.

— Porquê?

— Porque é a espada mais aguçada de toda a existência — disse a herbolária, visivelmente satisfeita. — Nenhuma outra espada, faca ou machado, se equipara em agudeza de gume, nem mesmo Brisingr. É a suprema reprodução de um instrumento de cortar. Isto — e fez uma pausa para enfatizar — é o arquétipo de um plano inclinado... Não encontrará nada que se compare em lado algum. Consegue cortar tudo o que não esteja

protegido por magia e muitas coisas que estão. Experimente-a se não acredita.

Eragon olhou ao redor em busca de algo onde pudesse testar a arma. Finalmente, encaminhou-se para o altar, brandindo a arma contra um dos cantos da pedra.

— Não tão depressa! — gritou Angela.

A lâmina transparente atravessou dez centímetros de pedra como se o granito fosse creme de ovos, prosseguindo em direção aos seus pés. Eragon gritou e saltou para trás, mal conseguindo conter o braço de modo a não se cortar.

O canto do altar saltou e rebolou ruidosamente para o meio da sala.

Afinal, era bem provável que a lâmina da espada fosse de diamante, concluiu Eragon. Não precisaria de tanta proteção como no início pensara, visto que raramente encontraria grande resistência.

— Toma — disse Angela. — É melhor ficar também com isto. — Desapertou a bainha da espada e deu a ele. — É uma das poucas coisas que não consegue cortar com essa lâmina.

Eragon demorou alguns momentos para recuperar a voz, depois de quase cortar os dedos dos pés.

— A espada tem nome?

Angela soltou uma gargalhada:

— Claro. Na língua antiga o seu nome é Albitr, que significa exatamente o que você pensa, mas eu prefiro chamar Tinido Mortal.

— Tinido Mortal!

— Sim, por causa do som que a lâmina produz quando a tocamos levemente. — E demonstrou-o com a ponta de uma unha, sorrindo ao ouvir uma nota aguda cortar a escuridão da sala, como um raio de sol.

— Bom, vamos andando?

Eragon olhou em redor para se assegurar de que não se esqueciam de nada e depois acenou com a cabeça, encaminhando-se para a porta da esquerda e abrindo-a o mais silenciosamente possível.

Do outro lado da porta havia um longo e amplo corredor, iluminado por tochas. A guardá-lo estavam vinte guerreiros de negro, como os que os tinham emboscado anteriormente, formados em duas linhas ordenadas, de ambos os lados do corredor. Os soldados olharam para Eragon e levaram as

mãos às armas. Eragon praguejou mentalmente e saltou para frente, com a intenção de atacar antes que os guerreiros conseguissem desembainhar as espadas e organizar-se em grupo. Tinha percorrido apenas uns poucos metros, quando percebeu um ligeiro movimento junto de cada homem: uma mancha suave e sombria, como o movimento de um estandarte ao vento, detectada pela sua visão periférica.

Os homens retesaram-se sem dar sequer um grito e todos caíram no chão, mortos. Alarmado, Eragon abrandou, parando para não tropeçar nos corpos. Cada um dos homens levava uma punhalada no olho. O golpe não podia ter sido mais limpo. Virou-se para perguntar a Arya e a Angela o que acontecera, mas as palavras morreram-lhe na garganta ao olhar para a herbolária. Ela estava encostada a uma parede, apoiada nos joelhos, e bastante ofegante. Parecia mortalmente pálida e as mãos tremiam. O punhal pingava sangue. Eragon foi invadido por uma sensação de medo e assombro. Fosse o que fosse que a herbolária fizera, estava muito além da sua compreensão.

— Emérita — interpelou Arya, igualmente hesitante —, como conseguiu fazer isso?

A herbolária riu baixinho enquanto recuperava o fôlego e disse:

— Usei um truque... que aprendi com o meu mestre... Tenga... há muito tempo. Que mil aranhas lhe mordam as orelhas e outras saliências!

— Sim, mas como você fez? — insistiu Eragon. — Um truque destes pode ser útil em Urû'baen.

A herbolária voltou a rir baixinho.

— O que é o tempo senão movimento? O que é o movimento senão calor? Calor e energia não são dois nomes diferentes para o mesmo? — Afastou-se da parede e aproximou-se de Eragon, batendo-lhe de leve na face. — Quando perceber as implicações disso, perceberá o que fiz e como o fiz... Não conseguirei voltar a usar o feitiço hoje, sem me prejudicar seriamente. Por isso não esperem que mate toda essa gente, da próxima vez que nos depararmos com um grupo de guerreiros.

Eragon engoliu a curiosidade, com alguma dificuldade, e acenou com a cabeça. Tirou uma túnica e uma jaqueta acolchoada de um dos homens caídos e, depois de as vestir, seguiu à frente, percorrendo o corredor e entrando pela arcada no extremo oposto.

Não encontraram mais ninguém no complexo de salas e corredores, nem viram quaisquer sinais dos pertences roubados. Embora estivesse satisfeito por passar despercebido, Eragon ficou preocupado pelo fato de não ver

criados. Esperava que ele e os companheiros não tivessem acionado alarmes que prevenissem os sacerdotes da sua fuga. Ao contrário das salas desertas que tinham visto antes da emboscada, as salas por onde passavam estavam recheadas de tapeçarias, mobília e estranhos dispositivos de latão e cristal, cujo propósito Eragon não conseguia sequer imaginar. Por mais do que uma vez sentiu-se tentado a parar junto de uma escrivaninha ou estante de livros e examinar o seu conteúdo, mas resistiu sempre à tentação. Não havia tempo para ler documentos antigos e bolorentos, por mais intrigantes que fossem. Angela escolheu o caminho por onde seguiam, sempre que havia mais do que uma opção, mas Eragon continuou na dianteira, apertando de tal forma o punho envolto em arame de Tinido Mortal que começou a sentir câibras na mão.

Pouco depois, chegaram a um corredor que terminava num lance de escadas de pedra, cujos degraus iam ficando mais estreitos à medida que subiam. Junto das escadas estavam dois noviços, um de cada lado, com duas grelhas de sinos iguais às que Eragon vira anteriormente. Ele correu para os dois jovens e conseguiu golpear um dos noviços no pescoço, antes que este pudesse gritar ou tocar os sinos. O outro, contudo, teve tempo para fazer ambas as coisas antes de Solembum saltar para cima dele e o atirar ao chão, dilacerando-lhe o rosto e fazendo uma barulheira que ecoou pelo corredor.

— Depressa! — disse Eragon, subindo apressadamente as escadas.

No alto dos degraus encontrava-se uma parede isolada, com cerca de três metros de largura, coberta de arabescos ornamentados e de entalhes que lhe pareciam vagamente familiares. Contornou-a e deparou-se com um raio de luz rosada, de tal forma intensa que cambaleou confuso, erguendo a bainha de Tinido Mortal para proteger os olhos. À sua frente, a menos de um metro e meio, estava o sumo-sacerdote sentado na sua padiola, com sangue a escorrer-lhe de um golpe no ombro. Um outro sacerdote — uma mulher a quem faltavam ambas as mãos, estava de joelhos ao lado da padiola, a aparar o sangue para um cálice, entalado nos antebraços. Tanto ela como o sumo-sacerdote olharam atônitos para Eragon. Depois — como por entre clarões de relâmpagos — Eragon olhou para trás deles e viu enormes colunas estriadas que se erguiam em direção a um teto abobadado, perdido nas sombras. As gigantescas paredes tinham janelas de vitrais — as da esquerda iluminadas pelo brilho intenso do sol nascente e as da direita mortíferas e foscas — despojados de vida. Entre as janelas viam-se estátuas brancas. Filas de bancos de granito, salpicados de diversas cores, estendiam-se até à entrada distante da nave. Um grupo de sacerdotes, vestidos de couro curtido, preenchia as quatro primeiras filas de bancos. Estavam de rosto virado para

cima e entoavam um cântico, de boca aberta, como crias de pássaros a implorarem comida.

Eragon concluiu tardiamente estar na grande catedral de Dras-Leona, do lado oposto do altar diante do qual se ajoelhara uma vez reverentemente, há muito tempo atrás. A mulher sem mãos largou o cálice e levantou-se, abrindo os braços para proteger o sumo-sacerdote com o corpo. Atrás dela, Eragon viu de relance a bainha azul de Brisingr, pousada no canto dianteiro da padiola, parecendo também distinguir Aren junto dela. Mas antes que ele conseguisse resgatar a sua espada, dois guardas correram na sua direção, vindos de ambos os lados do altar, tentando golpeá-lo com piques entalhados, ornados de borlas vermelhas. Esquivou-se do primeiro guarda e cortou-lhe o cabo do pique ao meio, atirando a lâmina pelo ar. Depois cortou o homem ao meio, retalhando-lhe carne e ossos com uma facilidade surpreendente.

Eragon despachou o segundo homem com a mesma rapidez, virando-se para enfrentar dois guardas que se aproximavam pelas suas costas. A herbolária juntou-se a ele, brandindo o punhal, e Solembum rosou em algum lugar à sua esquerda. Arya deixou-se ficar para trás, ainda com o jovem pendurado no ombro. O sangue vertido do cálice cobria o chão, em torno do altar. Os guardas escorregaram na poça de sangue e o de trás caiu, derrubando o companheiro. Eragon arrastou os pés até junto deles, sem nunca os levantar do chão para não perder o equilíbrio, e matou os guardas antes que estes pudessem reagir, procurando controlar a espada encantada da herbolária enquanto esta retalhava os corpos dos dois homens sem dificuldade. Entretanto ele percebeu de que o sumo-sacerdote estava gritando, como se estivesse a uma grande distância:

— Matem os infiéis! Matem-nos! Não deixem escapar os blasfemos! Eles têm de ser castigados pelos seus crimes contra os Anciãos!

A congregação de sacerdotes começou a uivar e a bater com os pés, e Eragon sentiu as suas mentes atacá-lo como uma alcatéia de lobos dilacerando um veado enfraquecido. Recolheu-se em si mesmo, protegendo-se dos ataques com técnicas que andava praticando sob a tutela de Glaedr. No entanto, era difícil defender-se de tantos inimigos, o que fez Eragon recear não conseguir manter as barreiras durante muito tempo. A sua única vantagem era que os sacerdotes apavorados e desorganizados atacavam-no individualmente e não em unidade. O seu poder combinado o teria esmagado.

Depois sentiu a consciência de Arya tentando se comunicar com a sua — uma presença familiar e reconfortante, no meio de um punhado de inimigos

que tentava destroçar o seu interior. Aliviado, abriu-se para ela e os dois uniram as mentes, tal como ele e Saphira faziam. As suas identidades fundiram-se durante algum tempo e ele deixou de conseguir discernir de onde vinham muitos dos pensamentos e sensações que partilhavam.

Juntos atacaram um sacerdote com as suas mentes. O homem lutou para escapar ao seu domínio, como um peixe a contorcer-se por entre os dedos, mas Eragon e Arya apertaram-no mais, recusando-se a deixá-lo escapar. O sacerdote recitava uma frase com estranhas palavras, num tom empolado, na tentativa de os manter afastados da sua consciência, e Eragon deduziu que se tratasse de uma passagem das escrituras do Livro de Tosk. Porém, o sacerdote tinha falta de disciplina e a sua concentração depressa enfraqueceu, ao pensar:

Os infiéis estão muito próximos do Mestre. Temos que matá-los antes que... Esperem! Não! Não!...

Eragon e Arya aproveitaram a fraqueza do sacerdote e subjugaram rapidamente a mente do homem. Assim que se certificaram de que ele não podia retaliar, fosse com a mente ou com o corpo, Arya lançou-lhe um feitiço que lhe permitiria penetrar nas defesas do homem, depois de sondar as suas memórias.

Na terceira fila de bancos, um homem gritou e irrompeu em chamas, um fogo verde que lhe saía dos ouvidos, boca e olhos. As chamas incendiaram as roupas de vários sacerdotes, que estavam perto dele, e os homens e mulheres em chamas começaram a esbracejar e a correr descontroladamente, perturbando os ataques contra Eragon. As chamas ondulantes produziam um ruído semelhante a ramos partindo-se numa tempestade.

A herbolária correu do altar e misturou-se com os sacerdotes, apunhalando-os aqui e ali. Solembum seguia-a de perto, aniquilando os sacerdotes que ela atingia. Depois disso, foi fácil para Eragon e Arya invadirem e dominarem a mente dos seus inimigos. Continuando a trabalhar juntos, mataram mais quatro sacerdotes, altura em que o resto da congregação cedeu e dispersou. Alguns fugiram pelo vestíbulo que Eragon sabia que conduziria ao priorado, junto da catedral, outros esconderam-se atrás dos bancos, com os braços em volta da cabeça.

Contudo, seis dos sacerdotes não fugiram nem se esconderam, atacando Eragon com facas recurvas, que seguravam nas mãos que ainda tinham. Eragon tentou golpear a sacerdotisa da frente, antes que esta o conseguisse atacar, mas para sua irritação a mulher estava protegida por um encantamento que deteve Tinido Mortal a quinze centímetros do pescoço, fazendo a espada virar-se na sua mão e provocando-lhe um choque ao longo

do braço. Eragon tentou atacar a mulher com a mão esquerda. Por qualquer razão, o feitiço não deteve o seu punho e ele sentiu o ossos do peito da sacerdotisa cederem, derrubando-a e fazendo-a cair desamparada sobre as pessoas que estavam atrás.

Os sacerdotes restantes desembaraçaram-se do corpo e retomaram o ataque. Eragon avançou e aparou um golpe desajeitado do sacerdote da frente. Depois gritou:

— Ah! — e desferiu um soco no ventre do homem. O sacerdote voou para cima de um banco, batendo nele com um estalido desagradável.

Eragon matou o homem a seguir, de forma semelhante. Um quadrelo verde e amarelo enterrou-se na garganta do sacerdote que estava à sua direita e Solembum surgiu como uma mancha amarela acastanhada, saltando por cima dele e derrubando outro homem do grupo. Eragon só tinha uma seguidora de Tosk diante de si. Com a mão livre, Arya agarrou a mulher, pela parte da frente da túnica de couro, e projetou-a num voo de nove metros por cima dos bancos, aos gritos.

Quatro noviços tinham erguido a padiola do sumo-sacerdote e estavam transportando-o apressadamente, pelo lado leste da catedral, em direção à entrada da frente do edifício. Ao vê-los escapar, Eragon bramiu e saltou para cima do altar, atirando um prato e um cálice ao chão. Transpôs os corpos dos sacerdotes caídos e aterrisou suavemente no corredor, correndo até ao extremo da catedral, em direção aos noviços. Os quatro jovens pararam ao ver Eragon alcançar as portas.

— Voltem para trás! — guinchou o sumo-sacerdote. — Voltem para trás! — Os servos obedeceram, mas foram confrontados por Arya, que estava atrás deles, com um dos seus elementos pendurado ao ombro.

Os noviços guincharam e viraram, fugindo por entre duas filas de bancos. Depois de percorrerem apenas alguns metros, Solembum apareceu ao fundo da fila e começou a avançar na direção deles. O menino-gato tinha as orelhas coladas ao crânio e o ronronar constante e profundo do seu rosnado arrepiou a nuca de Eragon. Angela vinha do altar, ligeiramente mais atrás, com o punhal numa mão e um quadrelo verde e amarelo na outra.

Quantas armas teria ela escondidas nas roupas?, perguntou-se Eragon a si mesmo.

Para seu próprio mérito, os noviços não perderam a coragem nem abandonaram o mestre, gritando e correndo os quatro ainda mais depressa na direção de Solembum, provavelmente por o menino-gato ser o menor e o mais próximo, e por acreditarem que seria o mais fácil de vencer. Estavam

enganados. Com um único movimento fluído, Solembum agachou-se, saltou do chão para cima de um banco, lançando-se em seguida na direção de um dos noviços da frente.

Ao ver o menino-gato voar, o sumo-sacerdote gritou algo na língua antiga — Eragon não reconheceu a palavra, mas o som era, sem dúvida, o da língua nativa dos Elfos. Fosse qual fosse o feitiço, não pareceu produzir qualquer efeito em Solembum, embora Eragon visse Angela cambalear como se tivesse sido atingida. Solembum colidiu com o noviço ao qual se lançara e o jovem caiu para o chão, aos gritos, enquanto o menino-gato o atacava ferozmente. Os noviços restantes tropeçaram no corpo do companheiro e caíram uns por cima dos outros, atirando-se com o sumo-sacerdote na padiola, para cima de um dos bancos, onde a criatura se contorcia.

Eragon alcançou-os um segundo depois e matou todos os noviços, com três golpes rápidos, exceto aquele cujo pescoço Solembum mantinha preso entre as patas. Logo que se assegurou de que os homens estavam mortos, Eragon virou-se para matar o sumo-sacerdote de uma vez por todas. Ao avançar na direção da figura desmembrada, outra mente invadiu a sua, sondando-a e tentando alcançar as zonas mais recônditas do seu ser, na tentativa de controlar os seus pensamentos. O violento ataque forçou Eragon a parar e a concentrar-se, defendendo-se do intruso. Pelo canto do olho, ele viu que Arya e Solembum também pareciam imobilizados. A herbolária era a única exceção. Parara por instantes, no início do ataque, mas depois continuara a arrastar lentamente os pés na direção de Eragon.

O sumo-sacerdote olhou para Eragon. Os seus olhos encovados, rodeados de olheiras escuras, ardiam de ódio e fúria. Se a criatura tivesse braços e pernas, Eragon tinha a certeza de que teria tentado arrancar-lhe o coração com as próprias mãos. Fosse como fosse, a malevolência no seu olhar era tão intensa, que Eragon quase esperou que o sacerdote saltasse do banco e comesse a morder-lhe os tornozelos. O ataque à sua mente intensificou-se, quando Angela se aproximou. O sumo-sacerdote — só podia ser ele o responsável — era de longe mais hábil que qualquer um dos seus subordinados. Envolver-se num combate mental com quatro pessoas, simultaneamente, e revelar-se uma ameaça potencial para cada uma delas era uma proeza extraordinária, especialmente sendo os seus inimigos um elfo, um Cavaleiro do Dragão, uma bruxa e um menino-gato. O sumo-sacerdote era uma das mentes mais temíveis com que Eragon alguma vez se defrontara. Se não fosse a ajuda dos amigos Eragon teria certamente sucumbido aos violentos ataques da criatura. O sacerdote fazia coisas que ele jamais sentira antes, como prender os seus pensamentos desgarrados aos de

Arya e de Solembum, embrulhando-os numa confusão tal, que Eragon perdeu, por instantes, a noção da sua identidade.

Finalmente Angela virou-se para o intervalo entre os bancos, contornando Solembum — agachado ao lado do noviço que matara, com o pelo completamente eriçado — e caminhando depois, com cautela, por cima dos cadáveres dos três noviços que Eragon matara.

Ao vê-la aproximar-se, o sumo-sacerdote começou a remexer-se como um peixe preso num anzol, tentando avançar ao longo do banco e aliviando, simultaneamente, a pressão na mente de Eragon, embora não o suficiente para que este arriscasse mexer-se. Ao aproximar-se da criatura, a herbolária parou e Eragon ficou surpreendido ao ver aquela desistir do combate e ficar prostrada no banco, ofegante. Durante um minuto a criatura de olhos vazios e a pequena mulher de expressão severa olharam-se ferozmente, dando início a uma batalha invisível de vontades. Depois o sumo-sacerdote vacilou e um sorriso surgiu nos lábios de Angela. Ela largou o punhal e tirou do vestido uma pequena adaga com uma lâmina da cor de um pôr-do-sol róseo. Inclinando-se sobre a criatura, sussurrou-lhe muito baixinho:

— Devia saber o meu nome homem sem língua. Se soubesse, jamais teria se atrevido a nos enfrentar. Permita-me que lhe revele...

Nessa altura baixou ainda mais o tom de voz, falando baixo demais para que Eragon a conseguisse ouvir. Mas, quando falou o sumo-sacerdote empalideceu e a sua boca enrugada abriu-se, formando uma oval negra e redonda. Um uivo sinistro soltou-se da sua garganta e a catedral ecoou com o grito da criatura.

— Faça pouco barulho! — exclamou a herbolária, enterrando a adaga rosada no meio do peito do sumo-sacerdote.

A lâmina cintilou com um brilho incandescente e desapareceu com um ruído semelhante a um trovão. A área em torno do ferimento da criatura brilhava como uma floresta em chamas e depois a pele e a carne começaram a desfazer-se numa fuligem escura, que entrou no peito do sumo-sacerdote e o uivo da criatura cessou tão abruptamente como tinha começado, com uma agonia gorgolejante. O feitiço depressa devorou o que restava do sumo-sacerdote, reduzindo o corpo a um amontoado de pó negro, cuja forma se ajustava aos contornos da cabeça e do torso.

— Boa viagem — disse Angela, acenando firmemente com a cabeça.

Dobra o Sino

Eragon abanou-se como se estivesse acordando de um pesadelo. Agora que já não tinha que combater o sumo-sacerdote, percebia lentamente de que o sino do priorado estava tocando — um ruído alto e insistente que lhe lembrava a altura em que os Ra'zac o tinham perseguido desde a catedral, durante a sua primeira visita a Dras-Leona, com Brom.

Murtagh e Thorn estarão aqui em breve, pensou. Temos que sair antes.

Embainhou Tinido Mortal e entregou-a a Angela.

— Tome — disse. — Acho que vai precisar disso. — Depois afastou os cadáveres dos noviços até encontrar Brisingr. Ao fechar a mão em torno do punho, foi percorrido por uma sensação de alívio. Embora a espada da herbolária fosse boa e perigosa, não era a sua espada. Sem Brisingr Eragon sentia-se exposto, vulnerável — tal como quando Saphira e ele se separavam. Teve de procurar mais alguns minutos para encontrar o anel, que rolara para debaixo de um dos bancos, e o colar estava enrolado à volta de um dos punhos da padiola. Descobriu também a espada de Arya, por entre o amontoado de corpos, e ela ficou satisfeita por a recuperar. Mas não viu quaisquer sinais do cinto, o cinto de Beloth, o Sábio. Eragon procurou debaixo dos bancos mais próximos. Voltou a correr até ao altar, inspecionando a área em redor.

— Não está aqui — disse, finalmente, desesperado. E virou-se para a parede isolada que escondia a entrada para as câmaras subterrâneas. — Devem-no ter deixado nos túneis. — Olhou na direção do priorado. — Ou talvez... — E hesitou, sentindo-se dividido entre as duas possibilidades.

Murmurando as palavras entredentes, lançou um feitiço destinado a localizar e a guiá-lo até ao cinto, mas o único resultado que obteve foi uma imagem de um vazio cinzento e uniforme. Tal como receava, o cinto tinha encantamentos que o protegiam da observação ou interferência mágica, à semelhança de Brisingr.

Eragon franziu a testa e deu meio passo em direção à parede isolada.

O sino repicava mais alto do que nunca.

— Eragon — gritou Arya, do outro lado da catedral, passando o noviço inconsciente de um ombro para o outro. — Temos de ir embora.

— Mas...

— Oromis iria entender. A culpa não é sua.

— Mas...

— Deixa isso! O cinto já desapareceu antes. Voltaremos a encontrá-lo, mas agora temos de fugir. Vamos!

Eragon praguejou, deu meia-volta e correu ao encontro de Arya, Angela e Solembum, que estavam na parte da frente da catedral. De tudo o que poderia perder... Parecia quase um sacrilégio abandonar o cinto quando tantas criaturas tinham morrido para o carregar de energia. Além disso, ele tinha uma terrível sensação de que poderia precisar dessa energia antes do dia terminar. Ao mesmo tempo que ele e a herbolária abriam as portas pesadas que conduziam ao exterior da catedral, Eragon procurou mentalmente Saphira, pois sabia que ela deveria estar voando em círculos sobre a cidade, à espera que ele a contatasse. O momento de ser discreto há muito que passara, pelo que Eragon já não se importava que Murtagh ou qualquer outro feiticeiro percebesse a sua presença.

Depressa sentiu o toque familiar da consciência de Saphira e, quando os seus pensamentos se fundiram mais uma vez, parte do aperto que Eragon sentia no peito desapareceu. *Porque demorou tanto tempo?* exclamou Saphira. Eragon sentia a sua preocupação e sabia que ela pensara em descer sobre Dras-Leona, desfazendo a cidade em pedaços à procura dele. Eragon transmitiu-lhe as suas memórias, partilhando com ela tudo o que lhe acontecera desde que tinham partido. O processo demorou alguns segundos e, quando terminou, Eragon, Arya, Angela e o menino-gato já tinham saído da catedral e desciam correndo os degraus da frente. Sem se deter para dar uma oportunidade a Saphira de entender aquele amontoado de recordações confusas, Eragon disse:

Precisamos de uma distração... imediatamente!

Saphira confirmou a informação e Eragon sentiu-a inclinar-se num voo rasante.

Diz também a Nasuada que inicie o ataque. Estaremos no portão sul dentro de alguns minutos. Se os Varden não estiverem lá quando o abrirmos, não sei como iremos escapar.

A Caverna Negra do Picanço



ar fresco e úmido da manhã, carregado de água, assobiou junto da cabeça de Saphira, que voava rasante em direção ao ninho de ratos, meio iluminado pelo sol nascente. Os raios de luz baixos destacavam os edifícios malcheirosos de madeira e casca de ovo, em alto-relevo, com a zona oeste mergulhada em sombras negras.

O elfo lobo com a forma de Eragon, montado no seu dorso gritou-lhe algo, mas o vento furioso esfarrapava as palavras e ela não conseguiu entender. Ele começou a fazer perguntas com a mente recheada de canções, mas Saphira não o deixou acabar, preferindo falar da difícil situação de Eragon e pedindo-lhe que informasse Nasuada que já era tempo de agir.

Saphira não entendia como era possível que o espectro de Eragon que Blödhgarm usava pudesse enganar alguém. Não cheirava como o seu companheiro de mente, além de que o seu coração e os seus pensamentos também não se pareciam com os de Eragon. Ainda assim, os duas pernas pareciam impressionados com a aparição e eram os duas pernas que eles pretendiam enganar.

Do lado esquerdo do ninho de ratos, estava a figura cintilante de Thorn, estendida sobre as muralhas, sobre o portão sul. Thorn ergueu a cabeça vermelha e Saphira percebeu que ele já a vira voando em direção ao solo quebra-ossos, tal como esperava. Os seus sentimentos para com Thorn eram muito complicados para se conseguirem resumir em meia dúzia de breves impressões. Sempre que pensava nele, Saphira ficava confusa e insegura, algo que não estava habituada a sentir. Porém, ela não estava na disposição de permitir que aquela cria presunçosa a vencesse em combate.

Quando as chaminés escuras e os telhados de pontas aguçadas começaram a ficar maiores, Saphira abriu um pouco mais as asas, sentindo a tensão no peito, no dorso e nos músculos das asas aumentar, e começou a abrandar na descida. Quando estava a pouco mais de cem metros de altitude do denso amontoado de edifícios, arremeteu no sentido ascendente, deixando que as suas asas se estendessem em toda a sua amplitude. O esforço necessário para travar a queda era imenso e, por instantes, ela julgou que o vento lhe fosse arrancar as articulações das asas. Moveu a cauda para manter o equilíbrio, girando depois sobre a cidade até localizar a caverna negra do picanço, onde os sacerdotes sanguinários faziam os seus cultos. Recolhendo de novo as asas, Saphira desceu os últimos metros, aterrissando no meio do telhado da catedral, com um ruído atroador.

Enterrou as garras nas telhas para não escorregar para a rua, em baixo. Depois atirou a cabeça para trás e rugiu o mais alto possível, desafiando o mundo e tudo o que o habitava. Um sino repicou na torre do edifício, junto da caverna negra do picanço. Ela achou aquele ruído irritante, por isso torceu o pescoço e libertou um jato de chamas azuis e amarelas sobre o edifício. A torre não se incendiou, pois era de pedra, mas a corda e as viga que suportavam o sino pegaram fogo e, segundos depois, o sino caiu ruidosamente no interior da torre. Isso agradou-lhe, tal como os duas pernas, de orelhas redondas, que fugiram do local aos gritos. Afinal de contas, Saphira era um dragão. Por isso, era justo que a temessem.

Um dos duas pernas deteve-se numa ponta da praça, em frente da caverna negra do picanço, e ela o ouviu gritar um feitiço, com uma voz semelhante aos guinchos de um rato assustado. Fosse qual fosse o feitiço, as barreiras de Eragon protegeram-na — pelo menos foi o que supôs, visto que não notou qualquer diferença nela, nem na aparência do mundo ao redor.

Foi o elfo lobo na forma de Eragon que matou o feiticeiro. Sentiu Blödhgarm dominar a mente do mago e vergar o duas pernas de orelhas redondas. Depois proferiu uma única palavra na ancestral língua mágica dos elfos e o duas pernas de orelhas redondas caiu para o chão, com sangue escorrendo da boca aberta. A seguir, o elfo lobo bateu-lhe de leve no ombro e disse:

— Prepare-se, Escamas Brilhantes. Eles vem aí.

Saphira viu Thorn erguer-se sobre os telhados e Murtagh, o meio-irmão de Eragon — uma figura pequena e escura — montado no seu dorso. Thorn cintilava quase tanto como ela sob o sol da manhã, contudo as suas escamas estavam mais limpas que as dele, pois preparara-se com especial cuidado nessa manhã. Não se imaginava entrando em combate a não ser com a sua melhor aparência. Além de a temerem, os seus inimigos deveriam também admirá-la.

Sabia que era uma questão de vaidade, mas não se importava. Nenhuma outra raça se igualava à grandeza dos dragões. Além disso, era a última fêmea da espécie e queria que aqueles que a vissem se maravilhassem com a sua aparência e que a recordassem bem, pois, se os dragões desaparecessem para sempre, os duas pernas continuariam a falar deles com o devido respeito e assombro.

Ao ver Thorn voar sobre o ninho de ratos, a mais de trezentos metros de altitude, Saphira olhou em redor para se assegurar de que Eragon, o seu companheiro de mente e coração, não estava perto da caverna negra do picanço, não queria feri-lo acidentalmente no combate que se avizinhava.

Ele era um caçador feroz, mas era pequeno e fácil de esmagar. Saphira tentava decifrar os ecos dolorosos das memórias obscuras que Eragon partilhara com ela, mas tinha percebido o suficiente para concluir que os acontecimentos provaram mais uma vez aquilo em que há muito acreditava: sempre que ela e o seu companheiro de mente e coração se separavam, ele acabava metido em apuros de uma forma ou de outra. Sabia que Eragon iria discordar, mas a sua última desventura não contribuíra em nada para a convencer do contrário, e ela sentia uma satisfação perversa pelo fato de ter razão.

Logo que Thorn alcançou a altitude desejada, ele deu meia-volta e deu um voo rasante na sua direção, projetando jatos de chamas pela boca aberta. Não era o fogo que Saphira receava, pois as barreiras de Eragon a protegeriam, mas o enorme peso e força de Thorn lhe permitia esgotar rapidamente quaisquer feitiços destinados a protegê-la de danos físicos. Agachou-se e deitou-se ao comprido sobre a catedral, para se proteger, torcendo o pescoço na tentativa de morder o baixo-ventre pálido de Thorn.

Uma parede rodopiante de chamas envolveu-a com um ronco retumbante, semelhante a uma gigantesca queda d'água. As chamas tinham um brilho tão intenso que ela fechou instintivamente as pálpebras interiores, tal como faria debaixo d'água, e a luz deixou de ser ofuscante. As chamas depressa se dissiparam e a ponta da cauda grossa e contundente de Thorn traçou uma linha ao longo da membrana da sua asa direita, passando velozmente sobre ela. O arranhão sangrou, mas não profusamente, pelo que Saphira deduziu que não lhe dificultaria muito o voo, ainda que fosse doloroso.

Thorn mergulhou repetidas vezes na direção dela, tentando persuadi-la a levantar voo, mas Saphira não se mexeu. Depois de passar mais algumas vezes por ela, Thorn cansou-se de a atormentar e aterrissou no extremo oposto da caverna espinhosa do picanço negro, abrindo as suas enormes asas para se equilibrar. Todo o edifício estremeceu quando Thorn aterrissou sobre as quatro patas e muitas das janelas de pedras preciosas, com desenhos, que preenchiam as paredes da catedral, estilhaçaram-se, tilintando ao caírem no chão. Thorn estava maior do que ela, graças à intervenção de Galbatorix, o destruidor de ovos. No entanto, ela não se deixou intimidar, pois tinha mais experiência do que Thorn.

Além disso treinara com Glaedr, que era maior do que os dois juntos. Por outro lado, Thorn não se atreveria a matá-la... nem lhe parecia que fosse essa a sua intenção. O dragão vermelho rugiu e avançou, arranhando as telhas com a ponta das garras. Saphira rugiu também, recuando alguns metros, até sentir a cauda encostada à base dos pináculos que se erguiam

como uma parede, na parte da frente da caverna espinhosa do picanço negro. A ponta da cauda de Thorn estremeceu e ela percebeu que o dragão vermelho estava prestes a atacar.

Saphira inspirou e banhou-o numa torrente de chamas bruxuleantes. Agora, a sua missão era impedir que Thorn e Murtagh percebessem que não era Eragon que estava montado no seu dorso. Para isso, ela tanto poderia manter a distância necessária de Thorn de modo que Murtagh não pudesse ler os pensamentos do elfo lobo na forma de Eragon, como poderia atacá-lo repetidamente e com uma ferocidade tal que o dragão não tivesse hipótese de retaliar — o que seria difícil, pois Murtagh estava habituado a lutar montado no dorso de Thorn, mesmo quando este se virava e se torcia no ar. Ainda assim, Thorn e Murtagh estavam perto do solo e isso poderia ajudá-la, preferindo atacar. Ela preferia sempre atacar.

— Não consegue fazer melhor? — gritou Murtagh com a voz magicamente amplificada, no interior do casulo de fogo em constante mutação.

Logo que as últimas chamas se extinguíram na sua boca, Saphira saltou na direção de Thorn, atingindo-o no peito. Os seus pescoços entrelaçaram-se e as cabeças batiam uma contra a outra, enquanto ambos tentavam morder a garganta do seu adversário. A força do impacto projetou Thorn para trás e ele acabou por cair da caverna espinhosa do picanço negro, sacudindo as asas e atingindo Saphira. Precipitaram-se ambos em direção ao solo.

Aterraram com um estrondo que rachou as pedras do pavimento e fez tremer as casas em redor. Algo estalou na curva da asa de Thorn e o seu dorso arqueou-se de forma pouco natural, enquanto as proteções de Murtagh impediam o dragão de o esmagar.

Saphira conseguia ouvir Murtagh praguejar debaixo de Thorn, concluindo que seria melhor afastar-se antes que o duas pernas de orelhas redondas começasse a lançar-lhe feitiços com fúria. Lançou-se no ar, dando um pontapé na barriga de Thorn, e aterrisou em cima da casa atrás do dragão vermelho. No entanto, o edifício era muito fraco para suportar o seu peso, por isso voltou a levantar voo, incendiando a linha de edifícios, apenas como medida de precaução.

Eles que lidem com aquilo, pensou Saphira, satisfeita, enquanto as chamas consumiam furiosamente as estruturas de madeira. Regressou à caverna espinhosa do picanço negro, enfiou as garras por baixo das telhas e começou a esburacar o telhado, destruindo-o tal como fizera ao telhado do castelo de Durza, em Gil'ead. Só que agora ela estava maior e mais forte, e os blocos de pedra pareciam-lhe tão leves como seixos para Eragon. Os

sacerdotes sanguinários que faziam os seus cultos lá dentro tinham ferido Eragon, o seu companheiro de mente e coração, Arya, o elfo com sangue de dragão, Angela, a mente antiga de rosto jovem, Solembum, o menino-gato — que tinha muitos nomes — e tinham matado Wyrden. Por isso Saphira estava determinada a destruir a caverna espinhosa do picanço negro como vingança. Em segundos abriu um enorme buraco no teto do edifício e projetou um jato de chamas para o seu interior. Depois, enganchou as garras nas extremidades dos tubos de latão do órgão de vento, arrancou-os da parede traseira da catedral e estes caíram ruidosamente sobre os bancos, em baixo.

Thorn rugiu e saltou da rua, voando para cima da caverna espinhosa do picanço negro onde ficou a pairar, batendo pesadamente as asas para manter a posição. Parecia uma silhueta negra e sem traços definidos contra a parede de chamas que se erguia das casas atrás dele. Apenas as asas translúcidas brilhavam em tons de laranja e vermelho. Thorn saltou na direção de Saphira, tentando alcançá-la com as garras serrilhadas.

Saphira esperou até ao último momento e saltou para o lado, afastando-se da caverna espinhosa do picanço negro, e Thorn bateu violentamente com a cabeça na base do pináculo central da catedral. A grande torre de pedra esburacada estremeceu com impacto e o topo — uma vara dourada, ornamentada — tombou, mergulhando mais de trinta metros em direção à praça, lá em baixo. Rugindo de frustração, Thorn fez um esforço para se erguer, mas os quadris escorregaram para o buraco que Saphira abrira no telhado e ele enganchou-se nas telhas tentando agarrar-se para conseguir voltar a sair.

Enquanto isso, Saphira voou para a parte da frente da caverna espinhosa do picanço negro e colocou-se do lado oposto do pináculo, contra o qual Thorn colidira. Ela reuniu todas as forças e bateu no pináculo com a pata direita dianteira.

Estátuas e entalhes decorativos estilharam-se sob a sua pata, entupindo-lhe as narinas com nuvens de pó e projetando uma chuva de fragmentos de pedra e de argamassa na praça. Contudo, o pináculo aguentou, por isso Saphira voltou a atingi-lo.

Ao perceber o que ela estava fazendo, os urros de Thorn adquiriram um tom frenético, e o dragão redobrou os esforços para se libertar. Ao terceiro golpe de Saphira, o grande espigão de pedra rachou pela base e tombou para trás, com uma lentidão agonizante, precipitando-se em direção ao telhado. Thorn teve apenas tempo para rugir furiosamente antes da torre de

escombros cair em cima dele, atirando-o para o interior da estrutura do edifício destroçado e soterrando-o sob pilhas de entulho.

O ruído do pináculo desfazendo-se em pedaços ecoou por todo o ninho de ratos como um trovão ensurdecedor. Saphira retorquiu com um rugido, desta vez com uma selvagem sensação de vitória. Thorn iria desenterrar-se depressa, mas até lá ele estaria à sua mercê. Inclinando as asas, Saphira contornou a caverna espinhosa do picanço negro. Ao passar pelas partes laterais do edifício, bateu nas escoras estriadas que sustentavam as paredes e demoliu-as uma por uma. Os blocos de pedra tombaram para o chão com um barulho muito desagradável.

Uma vez removidas todas as escoras, as paredes sem apoio começaram a balançar e a tombar para fora, e os esforços de Thorn para se libertar serviram apenas para agravar a situação. Segundos depois, as paredes cederam e toda a estrutura se desmoronou com um ruído surdo, semelhante a uma avalanche, libertando uma enorme coluna de pó.

Saphira rejubilou-se com o seu triunfo. Depois aterrisou sobre as patas traseiras, junto do amontoado de escombros, e coloriu os blocos de pedra com um jato de chamas tão escaldante quanto possível. As chamas eram fáceis de desviar com magia, mas conter o calor exigia maior esforço e dispêndio de energia. Ao forçar Murtagh a despender mais energia para não ser assado vivo juntamente com Thorn, depois da que já usava para não ser esmagado, Saphira esperava enfraquecer-lhe as reservas o suficiente para que Eragon e os duas pernas de orelhas pontudas o derrotassem.

Enquanto ela cuspia fogo, o elfo lobo montado no seu dorso entoava feitiços, embora Saphira não soubesse bem com que propósito, nem estivesse particularmente interessada em saber. Confiava no duas pernas. O que quer que fosse que ele estivesse fazendo, iria certamente ajudar.

Os blocos amontoados explodiram e Saphira saltou para trás, vendo Thorn irromper do entulho. Tinha as asas amarrotadas como as de uma borboleta pisada e sangrava de diversos golpes nas pernas e no dorso.

Ele olhou-a ferozmente e rugiu, com os olhos cor de rubi escurecidos pela fúria do combate. Pela primeira vez, Saphira conseguira enfurecê-lo, percebendo que ele estava ansioso por lhe dilacerar a carne e provar o seu sangue.

Ótimo, pensou ela. Talvez Thorn não fosse o canalha assustado e vencido que ela achava que era. Murtagh levou a mão a uma bolsa que tinha no cinto e tirou um pequeno objeto redondo. Saphira sabia, por experiência,

que o objeto estava encantado e que ele iria utilizá-lo para curar os ferimentos de Thorn.

Ela levantou voo tentando ganhar o máximo de altitude possível antes que Thorn estivesse em condições de a perseguir. Depois de bater as asas algumas vezes, olhou de relance para baixo e viu-o subir na sua direção, a uma velocidade incrível, como um enorme gavião vermelho de garras aguçadas. Torceu-se no ar e preparava-se para dar um voo rasante quando ouviu Eragon gritar nas profundezas da sua mente:

Saphira!

Alarmada, continuou a torcer o corpo até ficar virada para a arcada do portão sul, onde sentira a presença de Eragon. Depois encolheu as asas tanto quanto possível e mergulhou num ângulo inclinado em direção ao arco.

Thorn tentou atacá-la ao cruzar com ele durante o mergulho, mas Saphira não precisou olhar para trás para saber que ele a seguia de perto.

E foi assim que ambos dispararam em direção à fina muralha do ninho de ratos, com o vento fresco da manhã, carregado de água, a uivar nos ouvidos de Saphira como um lobo ferido.

Martelo e Elmo

Finalmente!, pensou Roran ao ouvir as trompas dos Varden anunciarem o avanço das tropas.

Olhou de relance para Dras-Leona e teve um vislumbre de Saphira mergulhando em direção ao amontoado escuro de edifícios, com as escamas brilhando à luz do sol nascente. *Thorn* mexeu-se por baixo dela, como um enorme gato deitado ao sol, em cima de um muro, e levantou voo para persegui-la.

Uma explosão de energia percorreu Roran. Chegou, finalmente, a hora da batalha e ele estava ansioso por resolver o assunto. Pensou por instantes em Eragon, com alguma preocupação, levantando-se depois do tronco onde estava sentado, e reuniu-se com o resto dos homens, que, entretanto se organizavam numa ampla formação retangular.

Roran passou os olhos pelas hostes de uma ponta à outra, certificando-se de que as tropas estavam a postos. Os homens tinham esperado durante quase toda a noite e estavam cansados, mas ele sabia que o medo e a excitação depressa lhes limpariam a mente. Roran também estava cansado, mas não deu importância a isso; poderia dormir quando a batalha terminasse. Até lá, a sua principal preocupação era assegurar a sua sobrevivência e a dos seus homens.

Gostaria, contudo, de ter tempo para beber uma caneca de chá quente, que lhe acalmasse o estômago. Comeu algo estragado no jantar, pelo que as cólicas e as náuseas não o largavam desde então. Ainda assim, o desconforto não era tão grande que o impedisse de lutar. Ou pelo menos, assim esperava.

Satisfeito com as condições dos seus homens, Roran colocou o elmo, fazendo-o deslizar sobre a touca de proteção acolchoada. Depois empunhou o martelo e enfiou o braço nas correias do escudo.

— Estamos às suas ordens — disse Horst, aproximando-se.

Roran acenou com a cabeça. Escolheu o ferreiro como segundo comandante, decisão que Nasuada tinha aceitado sem discussão. Além de Eragon, Horst era a pessoa que ele mais desejaria ter a seu lado. Sabia que era um egoísmo da sua parte, pois Horst tinha uma filha recém-nascida e os Varden precisavam das suas aptidões de ferreiro, mas Roran não via mais ninguém capaz de desempenhar a missão tão bem como ele. Horst não tinha se mostrado especialmente satisfeito com a promoção, mas também não

pareceu ficar aborrecido, organizando o batalhão de Roran com a segurança, a serenidade e a competência que lhe eram características.

As trompas soaram de novo e Roran ergueu o martelo por cima da cabeça.

— Avante! — gritou ele.

Assumiui a dianteira, enquanto várias centenas de homens avançavam, acompanhados, de ambos os lados, pelos outros quatro batalhões dos Varden.

Enquanto os guerreiros atravessavam os campos abertos que os separavam de Dras-Leona, soaram gritos de alarme na cidade. Momentos depois, ouviram-se sinos e trompas, e a algazarra furiosa depressa se instalou por toda a cidade, à medida que os defensores iam despertando. Terríveis rugidos e estrondos vindos do centro da cidade, onde os dois dragões lutavam, intensificavam o alvoroço. De vez em quando, Roran via um deles aparecer por cima dos edifícios, com a pele cintilante, mas de uma forma geral os dois gigantes mantinham-se fora do alcance da sua visão.

Aproximavam-se rapidamente do labirinto de edifícios decrepitos que circundavam as muralhas da cidade. As ruas estreitas e sombrias pareciam-lhe ameaçadoras e agourentas. Seria mais fácil para os soldados do Império — ou até mesmo para os cidadãos de Dras-Leona — emboscarem-nos naqueles pontos de passagem sinuosos. Lutar em quarteirões tão estreitos seria ainda mais brutal, confuso e caótico do que o normal. Se a situação chegasse a esse ponto, Roran sabia que poucos homens escapariam incólumes. Ao avançar para as sombras, sob os beirais da primeira fiada de casebres, um nó de inquietude invadiu lhe as entranhas, exacerbando lhe o mal estar, e Roran lambeu os lábios, nauseado.

É bom que Eragon abra aquele portão, pensou, do contrário, ficaremos aqui presos como um rebanho de cordeiros encurralados para a matança.

E a Cidade Caiu

Eragon deteve-se e olhou para trás, ao ouvir o estrondo da alvenaria desabando.

Por entre o topo de duas casas distantes, ele viu um espaço vazio onde antes estava o pináculo farpado da catedral. No seu lugar, uma coluna de pó erguia-se em direção às nuvens, como um pilar de fumo branco.

Eragon sorriu, orgulhoso de Saphira. Nada como os dragões para espalhar o caos e a destruição. *Continua, pensou, faça-a em pedaços! Enterra os seus santuários sob trezentos metros de pedra!*

Depois continuou percorrendo a calçada sombria e sinuosa, acompanhado de Arya, Angela e Solembum. Havia já algumas pessoas nas ruas: mercadores abrindo as lojas, sentinelas da noite a caminho de casa, nobres embriagados saindo das farras, vagabundos dormindo nas soleiras das portas e soldados correndo precipitadamente em direção às muralhas da cidade.

À medida que o ruído dos dois dragões em combate se propagava pela cidade, todos eles, incluindo os que corriam, olhavam insistentemente na direção da catedral e todos pareciam apavorados — desde o mendigo coberto de chagas, ao soldado calejado ou ao nobre ricamente trajado —, e nenhum prestou muita atenção em Eragon nem aos seus companheiros.

Eragon concluiu que o fato de ele e Arya se passarem por humanos vulgares, à primeira vista, também ajudava.

Por insistência dele, Arya deixou o noviço inconsciente numa viela, a uma distância considerável da catedral.

— Prometi-lhe que o levaríamos conosco — explicou Eragon — mas não disse até onde. Ele que arranje maneira de sair daqui. — Arya tinha concordado e parecia aliviada por se livrar do peso do noviço.

Ao descerem os quatro a rua, apressadamente, uma estranha sensação de familiaridade invadiu Eragon. Tinha terminado a sua última visita a Dras-Leona de forma muito semelhante: correndo por entre os edifícios sebentos encavalitados em cima uns dos outros, esperando conseguir alcançar um dos portões antes que o Império desse com ele. Só que, desta vez, tinha mais a recear do que apenas os Ra'zac.

Voltou a olhar de relance para a catedral. Saphira teria apenas de manter Murtagh e Thorn ocupados durante mais alguns minutos. Depois seria tarde demais para qualquer um deles conter os Varden. Contudo, os minutos podiam parecer horas durante uma batalha e Eragon estava perfeitamente consciente de que os braços da balança poderiam inverter-se rapidamente.

Agente firme! — pensou, embora não transmitisse as palavras a Saphira, com receio de distraí-la ou denunciar a sua posição. *Só mais um pouco!*

À medida que se aproximavam da muralha, as ruas tornavam-se mais estreitas e os ressaltos dos edifícios — casas na sua maioria — bloqueavam tudo, exceto uma estreita tira de céu azul. A água dos esgotos estava estagnada nas valetas, ao longo dos edifícios. Eragon e Arya taparam o nariz e a boca com a manga das túnicas. O fedor parecia não afetar a herbolária, embora Solembum rosnasse e sacudisse a cauda, incomodado.

Uma sensação de movimento no telhado de um edifício próximo, chamou a atenção de Eragon, mas o que quer que o tivesse provocado já tinha desaparecido quando ele olhou. Continuou a olhar para cima e, momentos depois, começou a ver coisas estranhas: uma mancha branca nos tijolos cobertos de fuligem de uma chaminé; estranhas formas pontiagudas recortadas no céu da manhã; uma mancha oval, do tamanho de uma moeda, que cintilava nas sombras como fogo...

Eragon concluiu, surpreso, que os telhados estavam cobertos de dúzias de meninos-gato, todos eles na forma animal. Os meninos-gato corriam de edifício em edifício, observando-os silenciosamente, dos telhados, enquanto Eragon e os companheiros seguiam o seu caminho ao longo do labirinto sombrio da cidade.

Eragon sabia que os esquivos transmórficos não se dignariam a ajudá-los, a não ser nas circunstâncias mais desesperadas — pois pretendiam esconder o seu envolvimento com os Varden, enquanto lhes fosse possível —, de qualquer modo achou encorajador tê-los ali tão perto.

A rua terminava num cruzamento com cinco outras ruas. Depois de consultar Arya e a herbolária, decidiram atravessar o cruzamento e prosseguir na mesma direção.

Trinta metros mais adiante, a rua que tinham escolhido descrevia uma curva pronunciada e abria-se para uma praça, em frente ao portão sul de Dras-Leona.

Eragon parou.

Diante do portão havia centenas de soldados. Os homens andavam de um lado para o outro, aparentemente confusos, empunhando armas e colocando armaduras, enquanto os comandantes lhes gritavam ordens. O fio dourado, bordado nas túnicas carmesim dos soldados, cintilava ao correrem para trás e para frente.

A presença dos soldados desanimou Eragon, ficando ainda mais desmoralizado ao ver que os defensores da cidade tinham empilhado um enorme amontoado de entulho, encostando-o aos portões, para impedir que os Varden os abrissem à força.

Eragon praguejou. A pilha de entulho era tão grande que uma equipe de cinquenta homens demoraria vários dias para removê-la. Saphira conseguiria desobstruir os portões em minutos, mas Murtagh e Thorn jamais lhe dariam essa oportunidade.

Precisamos de outra distração, pensou, embora não soubesse como criá-la.

Saphira!, gritou, projetando os pensamentos na direção dela. Tinha a certeza que ela o ouvira, mas não teve tempo de lhe explicar a situação, pois nesse preciso momento um dos soldados parou, apontando para ele e para os seus companheiros.

— *Rebeldes!*

Eragon desembainhou bruscamente Brisingr e saltou adiante, antes que os restantes dos soldados pudessem dar atenção ao aviso do homem. Não tinha alternativa. Recuar seria deixar os Varden à mercê do Império. Além disso, não podia permitir que Saphira enfrentasse a muralha e os soldados, sozinha.

Ao saltar, gritou, tal como Arya, que o acompanhou naquele ataque insensato. Juntos correram para o meio dos soldados surpreendidos. Durante breves instantes, os homens ficaram de tal forma perplexos que alguns deles só perceberam que Eragon era o inimigo depois dele golpeá-los.

Rajadas de flechas dos arqueiros estacionados nos baluartes voaram em arco para a praça. Meia dúzia ricocheteou nas proteções de Eragon e as restantes feriram ou mataram os homens do Império.

Por muito rápido que fosse, Eragon não conseguia aparar todas as espadas e adagas que o tentavam atingir. Sentia a energia enfraquecendo a um ritmo alarmante, enquanto repelia os ataques com magia. Se não se desembaraçasse daquela turba, os soldados acabariam por esgotá-lo a ponto de já não conseguir lutar.

Com um grito de guerra feroz, Eragon girou em círculo, mantendo Brisingr perto da cintura e ceifando todos os soldados que estavam ao seu alcance.

A lâmina iridescente, azul, retalhava ossos e carne como se fossem insubstanciais. Pedacos retorcidos de sangue escorriam da ponta da espada, dispersando-se lentamente em gotas cintilantes, como esferas de coral polido, e os homens que ele atingia dobravam-se sobre si, agarrados à barriga, na tentativa de estancar as feridas.

Todos os detalhes pareciam vívidos e nítidos como se fossem esculpidos em vidro. Eragon conseguia distinguir cada pelo da barba do espadachim que tinha diante de si, contar as gotas de suor que lhe cobriam a pele, por baixo dos olhos, e assinalar cada nódoa, arranhão ou rasgão nas suas roupas.

O estrépito do combate era dolorosamente intenso para a sua audição sensível, no entanto Eragon sentia-se perfeitamente calmo. Não estava imune aos medos que outrora o perturbavam, mas estes pareciam não despertar tão facilmente e, graças a isso, conseguia lutar melhor.

Completo o círculo e tinha acabado de avançar na direção de um espadachim quando viu Saphira descer velozmente sobre a sua cabeça. As asas estavam coladas ao corpo e estremeciam como folhas num temporal. Ao passar por ele, uma rajada de vento despenteou-lhe o cabelo, forçando-o a atirar-se ao chão.

Instantes depois, Thorn surgiu atrás Saphira, de dentes arreganhados e chamas a ferver na boca aberta. Os dois dragões percorreram a toda a velocidade oitocentos metros, para lá da muralha de lama amarela de Dras-Leona, e depois deram a volta, voltando a aproximar-se velozmente.

Eragon ouviu uma estrondosa ovação no exterior das muralhas. *Os Varden devem estar quase chegando aos portões.* pensou.

Parte da pele do antebraço esquerdo ardia como se tivessem derramado gordura quente sobre este. Sorveu o ar e sacudi o braço, mas o ardor não passava. Depois viu uma mancha de sangue ensopar-lhe a túnica e olhou de relance para Saphira. Só podia ser sangue de dragão, embora não soubesse de qual.

Quando os dragões se aproximaram, Eragon aproveitou a desorientação momentânea dos soldados para matar mais três, entretanto os outros homens recuperaram o controle e a batalha recomeçou em força.

Um soldado com um machado de guerra apareceu diante de si, brandindo-o na sua direção, mas Arya despachou o homem a meio do ataque, com um golpe nas costas que o cortou praticamente ao meio.

Eragon agradeceu-lhe a ajuda com um breve aceno de cabeça. Depois, por acordo tácito, colocaram-se de costas um para o outro e enfrentaram os soldados juntos.

Eragon percebeu que Arya estava tão ofegante como ele. Embora fossem mais fortes e mais rápidos do que a maioria dos humanos, a sua resistência tinha limites. Já tinham eliminado dúzias de soldados, mas restavam ainda centenas deles e Eragon sabia que, em breve, surgiriam reforços, vindos de outros pontos de Dras-Leona.

— E agora? — gritou ele, aparando uma lança que alguém lhe tentara espetar na coxa.

— Magia! — respondeu Arya.

Enquanto se defendia dos ataques dos soldados, Eragon começou a recitar todos os feitiços de que se lembrou, para matar os inimigos.

O seu cabelo voltou a despentear-se com uma rajada de vento e uma sombra fresca passou velozmente por ele. Saphira descreveu vários círculos para reduzir a velocidade, abriu as asas e picou voo na direção das ameias na muralha.

Mas Thorn alcançou-a antes que ela conseguisse pousar, picando voo e projetando um jato de chamas com mais de trinta metros. Saphira rugiu de frustração e desviou-se da muralha, batendo rapidamente as asas para ganhar altitude. Os dois dragões descreviam espirais em torno um do outro, à medida que subiam, mordendo-se e arranhando-se com um desapego feroz.

Ver Saphira em perigo apenas reforçou a determinação de Eragon, e acelerou o ritmo das palavras, entoando-as tão depressa quanto possível na língua antiga, sem as pronunciar mal. Mas, por muito que tentasse, nem os seus feitiços nem os de Arya produziam qualquer efeito nos soldados.

Depois a voz de Murtagh estrondeou do céu, como a voz de um gigante capaz de arrancar as nuvens:

— Esses homens estão sob a minha proteção, Irmão!

Eragon olhou para cima e viu Thorn precipitar-se na direção da praça. A súbita mudança de direção do dragão vermelho apanhou Saphira desprevenida e ela continuou a pairar por cima da cidade, como uma silhueta azul-escura recortada no azul mais claro do céu.

Eles já sabem, pensou Eragon, e o pavor destruiu a serenidade que anteriormente ele sentia. Depois, baixou a cabeça e passou os olhos pela multidão. Havia cada vez mais soldados saindo das ruas de ambos os lados da muralha de Dras-Leona. A herbolária estava encostada a uma das casas,

nos limites da praça, atirando frascos de vidro com uma mão e brandindo Tinido Mortal com a outra. À medida que se partiam, os frascos libertavam nuvens de vapor verde e qualquer soldado que fosse apanhado no miasma caía ao chão, esperneando, agarrado à garganta, com pequenos cogumelos castanhos crescendo em todos os centímetros de pele exposta. Solembum estava agachado atrás de Angela, em cima de um muro de jardim. O menino-gato aproveitou o plano elevado para arranhar a cara dos soldados e arrancar-lhes os elmos, distraíndo-os, à medida que eles tentavam aproximar-se da herbolária. Tanto ele como Angela pareciam cercados e Eragon duvidava que eles resistissem muito mais tempo.

Nada do que viu lhe deu esperança. Voltou a desviar o olhar para o imenso volume do corpo de Thorn, no instante em que este inflava as asas para abrandar a sua descida.

— Temos de ir embora! — gritou Arya.

Eragon hesitou. Não seria difícil passarem os quatro por cima da muralha, até ao local onde os Varden os esperavam. Mas, se fugissem, os Varden não ficariam em melhor situação. O exército não podia dar-se ao luxo de esperar mais, pois os mantimentos se esgotariam dentro de alguns dias e os homens começariam a desertar. Eragon sabia que se isso acontecesse jamais conseguiriam voltar a unir todas as raças contra Galbatorix.

O corpo e as asas de Thorn encobriram o céu, envolvendo toda a área numa escuridão rósea e escondendo Saphira. Gotas de sangue do tamanho do pulso de Eragon pingavam do pescoço e das pernas de Thorn. Vários soldados gritaram de dor ao sentirem o líquido queimando-os.

— Agora, Eragon! — gritou Arya, agarrando-lhe no braço e puxando-o. Mas ele não arredou pé, recusando-se a admitir a derrota.

Arya puxou-o com mais força, forçando-o a olhar para baixo, para se equilibrar. Ao fazê-lo, o seu olhar fixou-se no terceiro dedo da sua mão direita, onde usava Aren.

Eragon guardava a energia contida no anel para o dia em que tivesse, finalmente, de confrontar Galbatorix. Seria uma insignificância, em comparação com a que o rei certamente acumulou durante o seu longo reinado. De qualquer modo, era o maior reservatório de energia que ele possuía e sabia que não teria hipótese de reunir igual quantidade de energia antes dos Varden chegar a Urû'baen. Se lá chegassem. Era também uma das poucas coisas que Brom lhe deixara. Daí sentir-se tão relutante em usar a energia.

Porém, não lhe ocorria outra alternativa.

O reservatório de energia dentro de Aren sempre lhe parecera enorme, no entanto agora se interrogava se seria suficiente para o que pretendia fazer.

Pelo canto do olho, viu Thorn tentando alcançá-lo, com umas garras do tamanho de um homem, e uma parte dentro de si gritou-lhe que fugisse antes que o monstro o apanhasse e o comesse vivo.

Eragon respirou fundo e penetrou no precioso tesouro de Aren, gritando:

— *Jierda!*

Eragon nunca sentiu tamanha torrente de energia fluir através de si; era como um rio gelado que queimava e ardia de uma forma quase insuportável. A sensação era, em simultâneo, de agonia e de êxtase.

Ao proferir uma ordem, a enorme pilha de entulho, que bloqueava os portões, explodiu em direção ao céu numa coluna cerrada de terra e pedra. Os escombros atingiram Thorn no flanco, retalhando a sua asa e derrubando o dragão para lá da periferia de Dras-Leona, aos guinchos. Depois a coluna espalhou-se para fora, formando um teto de pedras e terra solta sobre a metade sul da cidade.

A explosão de entulho fez estremecer a praça, atirando toda a gente ao chão. Eragon aterrou sobre as mãos e os joelhos, e ficou onde estava, olhando para cima tentando manter o feitiço ativo.

Quando a energia do anel estava praticamente esgotada, sussurrou:

— *Gánga raehta.* — A coluna de entulho flutuou para a direita, na direção das docas e do Lago Leona, como uma nuvem escura de trovoadas apanhada por um vendaval. Eragon continuou a empurrar o entulho para longe do centro da cidade, enquanto lhe foi possível, pondo fim ao feitiço mal sentiu os últimos resíduos de energia percorrendo lhe o corpo.

A nuvem de destroços implodiu com um ruído enganadoramente suave. Os elementos mais pesados — pedras, lascas de madeira e torrões de terra — caíram, fustigando a superfície do lago. Mas, as partículas menores ficaram suspensas no ar, formando uma enorme mancha castanha, que se afastou lentamente para oeste.

No local onde o entulho anteriormente estava, via-se agora uma cratera vazia. Pedras da calçada partidas orlavam a depressão como um círculo de dentes estilhaçados. Os portões da cidade estavam pendurados, deformados e rachados, sem recuperação possível.

Através dos portões destruídos, Eragon viu os Varden aglomerados nas ruas e respirou fundo, deixando cair a cabeça para frente, exausto. *Funcionou*, pensou abismado. Depois, levantou-se devagar, vagamente consciente de que ainda não estavam livres de perigo.

Enquanto os soldados tentavam se levantar, os Varden invadiram Dras-Leona com gritos de guerra, batendo com as espadas nos escudos. Segundos depois, Saphira aterrou entre eles e o que estava prestes a se transformar em uma batalha campal converteu-se numa balbúrdia, com soldados fugindo para se salvar.

Eragon teve um vislumbre de Roran no meio do mar de homens e Anões, mas perdeu-o de vista antes de conseguir captar a atenção do primo.

Arya...? Eragon virou-se e ficou alarmado ao ver que ela não estava junto dele. Alargou a busca e depressa a avistou no meio da praça, rodeada por uns vinte soldados. Os homens seguravam-lhe nos braços e nas pernas com uma tenacidade implacável, tentando arrastá-la. Arya libertou uma das mãos e atingiu um homem no queixo, partindo-lhe o pescoço, mas outro soldado tomou o seu lugar, antes que ela tivesse tempo de agredi-lo.

Eragon correu na direção dela. Exausto, baixou muito a espada e a ponta de Brisingr prendeu-se na cota de malha de um soldado caído, arrancando-lhe o punho da mão. A espada caiu ruidosamente no chão e Eragon hesitou, sem saber se deveria voltar para trás. Mas depois viu dois soldados atacarem Arya com adagas e correu duas vezes mais depressa.

Quando ele a alcançou, Arya repeliu os atacantes por breves instantes. Os homens atacaram-na de mãos abertas, mas antes que conseguissem voltar a agarrá-la, Eragon agrediu um dos homens no flanco, esmurrando-o nas costelas. Um soldado com bigodes encerados tentou golpear o peito de Eragon, mas ele agarrou na espada com ambas as mãos, arrancou-a do soldado e partiu-a ao meio, estripando-o com o coto da própria arma. Numa questão de segundos, todos os soldados que tinham ameaçado Arya estavam mortos ou moribundos, e os que Eragon não matava, eram aniquilados por Arya.

Depois ela disse:

— Eu teria conseguido derrotá-los sozinha.

Eragon curvou-se, apoiando as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego.

— Eu sei... — E apontou com a cabeça para a mão direita de Arya — a que tinha ferido ao soltar-se da grilheta de ferro, agora fechada contra a perna. — Entenda como um agradecimento.

— Um presente um tanto deprimente — disse ela com um leve sorriso nos lábios.

Grande parte dos soldados tinha fugido da praça e os que restavam estavam encostados às casas, encurralados pelos Varden. Ao olhar ao redor, Eragon viu um elevado número de soldados de Galbatorix depondo armas e se renderem.

Juntos, ele e Arya recuperaram a sua espada. Depois, encaminharam-se para a muralha de lama amarela, onde o solo estava consideravelmente limpo, e sentaram-se contra a parede ao ver os Varden marchar para o interior da cidade.

Saphira depressa se reuniu a eles. Tocou de leve em Eragon com o nariz e ele sorriu, coçando-lhe o focinho. Ela gemeu.

Você conseguiu, disse ela.

Nós conseguimos, respondeu ele.

Montado no seu dorso, Blödhgarm desapertou as correias que lhe prendiam as pernas à sela da Saphira, deslizando do dorso. Eragon viveu, por instantes, a experiência absolutamente desconcertante de encontrar-se consigo mesmo, concluindo desde já que não gostava de ter o cabelo encaracolado nas têmporas.

Depois, Blödhgarm proferiu uma palavra indistinta na língua antiga, a sua forma tremeluziu como um reflexo de calor e voltou a ser ele próprio: alto, coberto de pelo, com olhos amarelos, orelhas compridas e dentes aguçados. Não se parecia com um elfo nem com um ser humano, mas Eragon detectou uma marca de mágoa e raiva na sua expressão tensa e severa.

— Matador — disse ele, fazendo uma medida a Arya e Eragon. — Saphira informou-me da sorte de Wyrden. Eu...

Antes que pudesse terminar a frase, os outros dez elfos, sob as ordens de Blödhgarm, emergiram da multidão de soldados dos Varden, aproximando-se rapidamente de espada em punho.

— Matador de Espectros — exclamaram eles. — Argetlam! Escamas Brilhantes!

Eragon saudou-os com um ar cansado e esforçou-se por responder às suas perguntas, embora preferisse não ter de fazê-lo.

Depois a conversa foi interrompida por um rugido e todos ficaram imersos na sombra. Eragon olhou para cima e viu Thorn — de novo incólume —, equilibrando-se numa coluna de ar, a grande altitude.

Eragon praguejou, trepou para cima de Saphira, desembainhando Brisingr, e Arya, Blödhgarm e os outros elfos formaram um círculo de proteção em torno dela. O seu poder combinado era formidável, mas Eragon não sabia se seria o suficiente para manter Murtagh à distância.

Todos os Varden olharam para cima ao mesmo tempo. Por muito corajosos que fossem, mesmo os mais valentes se encolhiam perante um dragão.

— *Irmão!* — gritou Murtagh, com a voz de tal forma amplificada que Eragon teve de tapar os ouvidos. — *Pagará com sangue os ferimentos que infligiu a Thorn! Fique com Dras-Leona, se quiser, pois nada significa para Galbatorix. Mas esta não será a última vez que nos encontramos, Eragon, Matador de Espectros. Prometo.*

Depois Thorn virou-se, sobrevoou Dras-Leona em direção ao norte, e depressa desapareceu na cortina de fumo que se erguia das casas incendiadas, junto da catedral destruída.

Nas Margens do Lago Leona

Eragon caminhava pelo acampamento mergulhado na penumbra, de dentes e punhos cerrados.

Passara as últimas horas em conferência com Nasuada, Orik, Arya, Garzhgov, o rei Orrin e os seus inúmeros conselheiros discutindo os acontecimentos do dia e avaliando a presente situação dos Varden. Quase no fim da reunião contataram a rainha Islanzadí para informá-la que os Varden tinham tomado Dras-Leona e também sobre a morte de Wyrden.

Não foi agradável para Eragon explicar como morreu um dos seus feiticeiros mais antigos e mais poderosos, e a rainha não ficou satisfeita com as notícias. A sua reação inicial foi de tamanha tristeza que Eragon ficou surpreso, pois nunca imaginou que ela conhecesse Wyrden tão bem.

Falar com Islanzadí o deixou mal-humorado, na medida em que reforçou a evidência do quão aleatório e desnecessário foi a morte de Wyrden. *Se eu tivesse ido à frente, seria eu que teria ficado empalado naqueles espigões,* pensou, continuando a sua busca pelo acampamento. *Ou Arya.*

Saphira sabia o que ele queria fazer, mas tinha decidido regressar ao espaço junto da tenda, onde normalmente dormia, dizendo:

Se andar acima e abaixo nas filas de tendas, os Varden não conseguirão dormir e eles conquistaram o direito ao descanso. Porém, as suas mentes continuavam unidas e ele sabia que se precisasse de Saphira, ela estaria ao seu lado em segundos.

Eragon evitou aproximar-se das fogueiras e das tochas que ardiam em frente de muitas tendas, preservando a sua visão noturna, mas fez por inspecionar todas as poças de luz, em busca da sua presa.

Enquanto a procurava, ocorreu-lhe que ela poderia iludi-lo por completo. Os seus sentimentos por ela estavam longe de ser amigáveis e isso lhe permitiria sentir onde ele estava e evitá-lo, se quisesse. Contudo não a considerava covarde. Apesar de ser muito jovem, era uma das pessoas mais difíceis que conheceu, fosse entre humanos, Elfos ou Anões.

Por fim viu Elva sentada em frente a uma pequena tenda, incaracterística, tecendo um berço de gato, à luz de uma fogueira moribunda.

Junto dela estava Greta, a tutora, com um par de agulhas de tricô que se moviam velozmente em suas mãos nodosas.

Eragon parou por instantes, observando. A velhota parecia mais satisfeita que nunca e ele ficou relutante em perturbar a sua tranquilidade.

Depois Elva disse:

— Não perca a coragem agora, Eragon. Chegou até aqui... — Curiosamente, tinha uma voz dócil, como se tivesse andado chorando. Porém, ao levantar os olhos, o seu olhar revelou-se feroz e desafiador.

Greta pareceu ficar sobressaltada quando Eragon se aproximou da luz, reunindo a linha e as agulhas e cumprimentando-o com uma mesura:

— Saudações, Matador de Espectros. Posso lhe oferecer algo de comer ou de beber?

— Não, obrigado. — Eragon parou diante de Elva e fitou a pequena menina. Ela olhou-o por instantes, voltando a concentrar-se na tira de malha que tinha entre os dedos. O seu estômago contraiu-se estranhamente ao reparar que os seus olhos violeta tinham a mesma cor que os cristais de ametista que os sacerdotes de Helgrind utilizaram para matar Wyrden e aprisionaram a ele e a Arya.

Eragon ajoelhou-se e agarrou no emaranhado de fio, ao meio, interrompendo os movimentos de Elva.

— Eu sei o que vai dizer — comentou ela.

— É possível — rosnou Eragon —, mas mesmo assim vou dizer. Você matou Wyrden. Tão certo como se o tivesse apunhalado com as suas próprias mãos. Se tivesse vindo conosco, o teria prevenido da armadilha, teria prevenido a todos. Eu vi Wyrden morrer e vi Arya rasgar metade da mão por sua causa. À conta da sua raiva, da sua teimosia e do seu orgulho... Me odeie se quiser, mas não se atreva a fazer mais ninguém sofrer por causa disso. Se quer que os Varden sejam derrotados, junte-se a Galbatorix e resolve o assunto de uma vez. É isso que quer?

Elva abanou lentamente a cabeça.

— Então, não quero voltar a ouvir dizer que se recusou a ajudar Nasuada apenas por rancor, senão você e eu iremos ajustar contas, Vidente Elva, e não é disputa que possa ganhar.

— Você jamais conseguiria me vencer — murmurou ela, com a voz embargada de emoção.

— Talvez você tenha uma surpresa. Tem uma valiosa aptidão, Elva, e os Varden precisam da sua ajuda. Agora mais do que nunca. Não sei como vamos derrotar o rei de Urû'baen, mas se juntar-se a nós — se usar as suas aptidões contra ele — talvez tenhamos uma hipótese.

Elva parecia estar numa luta interior. Depois, acenou com a cabeça e Eragon viu que ela estava chorando. As lágrimas transbordavam lhe dos olhos. Não lhe dava qualquer prazer vê-la perturbada, mas ele sentiu certa satisfação pelo fato de as suas palavras a terem afetado.

— Desculpa — sussurrou ela.

Ele largou o fio e levantou-se:

— As suas desculpas não poderão trazer Wyrden de volta. Faça melhor no futuro e talvez possa redimir-se do seu erro.

Eragon acenou com a cabeça a Greta, que ficara em silêncio durante toda a conversa, e afastou-se depois da luz, regressando às filas escuras de tendas.

Você fez bem, disse Saphira. Acho que ela vai agir de forma diferente, de hoje em diante.

Espero que sim.

Repreender Elva foi uma experiência diferente para ele. Lembrava-se de Brom e Garrow o repreender por cometer erros, e o fato de dar consigo no papel de censor fazia-o sentir-se... diferente... mais maduro.

E assim os ciclos se sucedem, pensou.

Caminhou sem pressa pelo acampamento, apreciando a brisa fresca que soprava do lago escondido nas sombras.

Depois da conquista de Dras-Leona, Nasuada surpreendeu a todos, insistindo para que os Varden não passassem a noite na cidade. Não deu qualquer explicação para a sua decisão, mas Eragon desconfiava que o fato de terem se atrasado em Dras-Leona a deixou muito ansiosa de retomar a viagem para Urû'baen. Além disso, ela não deveria querer ficar numa cidade onde poderiam estar escondidos inúmeros espiões de Galbatorix.

Logo que os Varden controlaram as ruas, Nasuada destacou vários guerreiros para permanecer na cidade, sob as ordens de Martland Barba Ruiva. Depois disso os Varden tinham abandonado Dras-Leona e marchado para o norte, ao longo da margem do lago vizinho. Um fluxo constante de mensageiros cavalgava para trás e adiante entre os Varden e Dras-Leona, para que Martland e Nasuada conferenciassem acerca dos numerosos assuntos em relação ao governo da cidade.

Antes de os Varden partirem, Eragon, Saphira e os feiticeiros de Blödhgarm tinham regressado à catedral destruída para recolher o corpo de Wyrden e procurar o cinto de Beloth, o Sábio. Saphira demorou apenas alguns minutos removendo o amontoado de pedras que bloqueavam o acesso às câmaras subterrâneas, para que Blödhgarm e os outros elfos fossem buscar Wyrden, mas por mais que tivessem procurado e por muitos feitiços que tivessem lançado não conseguiram encontrar o cinto.

Os elfos transportaram Wyrden sobre os escudos, levando-o da cidade até um pequeno outeiro junto de um ribeiro, onde o enterraram entoando vários cânticos de lamento na língua antiga — melodias tão tristes que Eragon chorou copiosamente e todos os pássaros e os animais que os escutaram, pararam para ouvir.

Yaela, a elfa de cabelos prateados, ajoelhou-se ao lado da lápide, tirou uma bolota de uma bolsa que trazia presa ao cinto, e colocou-a sobre o peito de Wyrden. Depois os doze elfos, incluindo Arya, entoaram cânticos à bolota, que criou raízes, despontou e cresceu, retorcendo-se em direção ao céu como mãos crispadas.

Quando os elfos terminaram, o frondoso carvalho tinha seis metros de altura, com longas fiadas de flores verdes na ponta de cada ramo.

Eragon achou que tinha sido o funeral mais bonito que assistiu, considerando-o preferível à prática dos Anões, que sepultavam os seus mortos em pedra dura e fria, debaixo do chão. Além disso, agradava-lhe a ideia de que o corpo de alguém servisse de alimento a uma árvore que poderia viver algumas centenas de anos. Por isso decidiu que se morresse queria uma macieira plantada em cima de si, para que os seus amigos e familiares pudessem comer os frutos nascidos do seu corpo.

A ideia divertiu-o tremendamente, ainda que de uma forma um tanto mórbida.

Além de passarem revista à catedral e de recolherem o corpo de Wyrden, Eragon fez outra coisa digna de nota em Dras-Leona, depois da conquista: com o acordo prévio de Nasuada, declarou todos os escravos da cidade livres e foi pessoalmente às mansões e aos leiloeiros libertar muitos dos homens, mulheres e crianças que lá permaneciam acorrentados. Esse gesto deu-lhe grande satisfação, esperando com isso poder melhorar a vida das pessoas que libertou.

Ao aproximar-se da tenda, viu Arya à sua espera junto da entrada e acelerou o passo. Mas antes que pudesse cumprimentá-la, alguém gritou:

— Matador de Espectros!

Eragon virou-se e viu um dos pajens de Nasuada que caminhava na sua direção.

— Matador de Espectros — repetiu o rapaz, um pouco ofegante, cumprimentando Arya com uma mesura. — Lady Nasuada gostaria que comparecesse a sua tenda, amanhã de manhã, uma hora antes do nascer do sol, para conferenciar com ela. O que devo dizer-lhe, Lady Arya?

— Pode dizer-lhe que estarei lá à hora que ela pretende — respondeu Arya, inclinando ligeiramente a cabeça.

O pajem fez outra mesura, deu meia volta, e seguiu correndo pelo mesmo caminho.

— É um pouco confuso o fato de ambos termos matado um Espectro — comentou Eragon com um sorriso tímido.

Arya sorriu também, num movimento dos lábios quase imperceptível na escuridão.

— Você preferia que eu tivesse deixado Varaug vivo?

— Não, não... de maneira alguma.

— Poderia tê-lo mantido como escravo, para me fazer as vontades.

— Agora está me provocando — disse ele.

Ela fez um ruído suave e bem-disposto.

— Talvez fosse melhor tratar-lhe por princesa, princesa Arya — disse Eragon, apreciando o som das palavras.

— Não deve me chamar disso — reagiu ela, num tom mais sério. — Eu não sou princesa.

— Porque não? A sua mãe é rainha. Como é possível que não seja uma princesa? O título dela é *drötning* e o seu é *drötningu*. Um significa rainha e o outro...

— Não significa princesa — disse ela —, não propriamente. Não há qualquer palavra equivalente nesta língua.

— Mas, se a sua mãe morresse ou abdicasse do trono você tomaria o seu lugar como soberana do seu povo, certo?

— Não é assim tão simples.

Arya não parecia disposta a explicar mais nada, por isso Eragon disse:

— Quer entrar?

— Sim — respondeu.

Eragon abriu a entrada da tenda e Arya abaixou-se para entrar. Depois de olhar brevemente para Saphira — enroscada ali perto, respirando pesadamente, mergulhando no sono —, Eragon seguiu-a.

Aproximou-se da lanterna pendurada no poste, ao centro da tenda, e murmurou:

— *Istalrí* — evitando usar a palavra *brisingr*, para não incendiar a espada. A chama resultante impregnou o interior da tenda de uma luz quente e constante, emprestando uma aparência quase acolhedora à tenda do exército parcamente mobiliada.

Sentaram-se e Arya disse:

— Encontrei isso entre os pertences de Wyrden e pensei que poderíamos apreciar juntos. — Tirou um frasco de madeira trabalhada, mais ou menos do tamanho da mão de Eragon, do bolso lateral das calças e deu-lhe.

Eragon abriu o frasco, aproximou-o da boca e cheirou-o, arqueando as sobrancelhas ao sentir um odor forte e adocicado de licor.

— É *faelnirv*? — perguntou, mencionando o nome da bebida que os Elfos faziam de bagas de sabugueiro— E raios de lua, segundo Nari.

Arya deu uma gargalhada e a sua voz tilintou como aço bem temperado.

— É, mas Wyrden acrescentou-lhe mais qualquer coisa.

— Ah sim?

— As folhas de uma planta que cresce na zona leste de *Du Weldenvarden*, ao longo das margens do Lago *Röna*.

Eragon franziu as sobrancelhas.

— Você sabe o nome dessa planta?

— Talvez, mas não é importante. Anda, beba. Vai gostar, prometo.

E voltou a dar uma gargalhada, o que o deixou hesitante, pois nunca a viu assim antes. Parecia-lhe travessa e afoita, e ele percebeu, sobressaltado, de que ela já estava bastante embriagada.

Eragon hesitou, interrogando-se se Glaedr estaria observando-os. Depois levou o frasco aos lábios e bebeu um grande gole de *faelnirv*. O licor tinha um sabor diferente daquele a que estava acostumado, um sabor forte e almiscarado, semelhante ao cheiro de uma marta ou de uma doninha.

Eragon fez uma careta e conteve um vômito, sentindo o *faelnirv* deixar-lhe um rastro ardente na garganta. Bebeu outro gole menor, voltando depois a passar o frasco a Arya, que bebeu também.

O dia anterior foi sangrento e pavoroso, e Eragon passou grande parte desse dia lutando e matando. Por pouco não foi morto. Precisava de um escape... precisava esquecer. A tensão que sentia estava muito entranhada para diminuir apenas com alguns truques mentais. Era preciso ainda qualquer coisa, algo exterior a si, ainda que a violência em que participou fosse em grande parte externa e não interna.

Quando Arya lhe devolveu o frasco, ele bebeu um grande trago e depois riu baixinho, incapaz de se conter.

Arya arqueou a sobrancelha e olhou-o com uma expressão pensativa, ainda que bem-disposta.

— Qual é a graça?

— Isto... Nós... O fato de ainda estarmos vivos e eles... não — e acenou em direção a Dras-Leona. — A vida me diverte. A vida e a morte. —

Sentia um fulgor quente no estômago e começava a sentir um formigamento na ponta das orelhas.

— É bom estar vivo — disse Arya.

Continuaram a passar o frasco um ao outro até o esvaziarem, altura em que Eragon voltou a arrolhar o gargalo — uma tarefa que teve de repetir várias vezes, pois sentia os dedos grossos e desajeitados, e o catre parecia estar inclinando-se debaixo de si, como o convés de um navio em alto mar.

Devolveu o frasco vazio a Arya e, quando ela lhe pegou, agarrou-lhe na mão — a mão direita —, virando-o para a luz. A sua pele estava de novo lisa e imaculada. Não restava qualquer vestígio do ferimento na mão.

— Foi Blödhgarm que te curou? — perguntou Eragon.

Arya concordou e ele largou-a.

— Quase totalmente. Recuperei por completo a mobilidade. — Abriu e fechou a mão várias vezes para demonstrá-lo. — Mas ainda não tenho sensibilidade numa extensão de pele na base do polegar. — E apontou com o indicador esquerdo.

Eragon esticou a mão, tocando-lhe ao de leve nessa área.

— Aqui?

— Aqui — disse ela, deslocando um pouco a mão para a direita.

— E Blödhgarm não conseguiu fazer nada?

Ela abanou a cabeça.

— Tentou meia dúzia de feitiços, mas os nervos recusaram a unir-se. — Fez um gesto displicente. — Não tem importância. Ainda posso empunhar uma espada e puxar um arco. É isso que importa.

Eragon hesitou e depois disse:

— Bem sabe como estou agradecido pelo que fez... pelo que tentou fazer. Só lamento que tenha te deixado uma marca permanente. Se pudesse ter evitado de alguma forma...

— Não se sintam mal por isso. É impossível viver a vida incólume, tão pouco deveria desejá-lo. São pelos ferimentos que acumulamos que avaliamos as nossas loucuras e as nossas conquistas.

— Angela disse algo semelhante acerca dos inimigos. Do gênero: que se não fizéssemos inimigos, éramos covardes, ou algo pior.

Arya acenou com a cabeça.

— Há alguma verdade nisso.

Continuaram conversando e rindo noite afora. Em vez de enfraquecer, o efeito do *faelnirv* continuava a acentuar-se. Eragon sentia-se entorpecido e tonto, e reparou que as bolsas de sombra na tenda pareciam rodopiar. Viu também estranhos clarões flutuarem no seu campo de visão — como normalmente lhe acontecia ao fechar os olhos à noite. As pontas das suas orelhas ardiam febrilmente, e ele sentia comichão e cócegas nas costas como se tivesse formigas percorrendo a sua pele. Certos ruídos tinham também adquirido uma intensidade peculiar — o zunido rítmico dos insetos, do lado do rio, e os estalidos da tocha do lado de fora da tenda —, dominando a sua audição a ponto de ele ter dificuldade em distinguir qualquer outro ruído.

Será que me envenenaram? pensou.

— O que é? — perguntou Arya, reparando no seu ar alarmado.

Ele umedeceu a boca, sentindo-a incrivelmente seca, e contou-lhe o que estava sentindo.

Arya deu uma gargalhada e recostou-se, com os olhos pesados e semicerrados.

— É assim que deve ser. Essas sensações vão passar ao nascer do dia. Até lá, descontrai-se e aprecie-as.

Eragon lutou consigo mesmo, por instantes, ponderando se havia de usar um feitiço para limpar a cabeça — se é que o conseguiria fazer —, mas depois decidiu confiar em Arya e seguir o seu conselho.

Ao sentir o mundo inclinar-se à sua volta, ocorreu-lhe o quão dependente estava dos sentidos para definir o que era real e o que não era. Quase poderia jurar que os clarões estavam lá, embora o lado racional da sua mente lhe dissesse que eram apenas alucinações induzidas pelo *faelnirv*.

Eragon e Arya continuaram falando, mas as suas conversas tornaram-se gradualmente mais desarticuladas e incoerentes. No entanto, Eragon estava convencido de que tudo o que tinham discutido era da maior importância, embora não conseguisse explicar por que, ou lembrar-se do que tinham falado minutos antes.

Algum tempo depois, Eragon ouviu o ruído grave e gutural de uma flauta de cana, em algum lugar no acampamento. A princípio julgou estar imaginando os tons melódiosos, mas depois viu Arya inclinar a cabeça e virar-se na direção da música, como se também tivesse reparado nela.

Eragon não sabia quem estava tocando, nem por que, e também não queria saber. Era como se a própria melodia tivesse surgido subitamente na escuridão da noite, como um vento solitário e esquecido.

Ouviu com a cabeça inclinada para trás e as suas pálpebras quase se fecharam, ao sentir imagens fantásticas misturarem-se no interior da sua cabeça, imagens induzidas pelo *faelnirv*, mas modeladas pela música.

À medida que progredia, a melodia foi-se tornando mais turbulenta e o que havia de lamentoso, tornou-se insistente. As variações das notas eram de tal forma rápidas, insistentes, intrincadas e alarmantes, que Eragon começou a temer pela segurança do músico. Tocar com tamanha rapidez e perícia não parecia natural, nem mesmo num elfo.

A música atingiu um tom particularmente animado e Arya soltou uma gargalhada. Depois, levantou-se e fez pose, erguendo os braços sobre a cabeça, batendo com o pé no chão e batendo palmas — uma, duas, três vezes. E, para surpresa de Eragon, começou a dançar. A princípio, os movimentos eram lentos, quase langorosos, mas depressa acelerou o ritmo até o ajustar à cadência frenética da música.

A música depressa atingiu o seu auge, começando depois a abrandar gradualmente. O tocador de flauta repetiu as fases musicais, concluindo a melodia. Mas, antes da música parar, Eragon sentiu uma súbita comichão que o fez agarrar na mão direita e coçar a palma da mão. Em simultâneo, sentiu uma pontada em algum lugar na mente no mesmo instante em que uma das suas proteções se ativou, avisando-o de um perigo.

Segundos depois, um dragão rugiu por cima da sua cabeça e Eragon foi percorrido por um medo gelado.

O rugido não era de Saphira.

A Palavra de um Cavaleiro

Eragon agarrou em Brisingr, correndo depois para fora da tenda com Arya.

Lá fora cambaleou e caiu sobre o joelho, pois o chão parecia inclinar-se. Agarrou-se a um tufo de erva e usou-o como âncora, enquanto esperava que as tonturas abrandassem.

Quando se atreveu a olhar para cima, franziu os olhos. A luz das tochas mais próximas era dolorosamente intensa e as chamas ondulavam como se estivessem soltas dos trapos ensopados em óleo que as alimentavam.

Estou sem equilíbrio, não posso confiar na minha visão. Tenho de ficar lúcido, tenho de... Uma sensação de movimento chamou-lhe a atenção e ele se abaixou. A cauda de Saphira varreu o ar por cima dele, passando-lhe a escassos centímetros da cabeça. Depois, bateu na tenda e derrubou-a, quebrando os postes de madeira como se fossem ramos secos.

Saphira rosnou e abocanhou o ar, enquanto tentava levantar-se. Depois deteve-se, confusa.

Pequenino, o que...

Um ruído semelhante a uma poderosa rajada de vento interrompeu-a e Thorn irrompeu da escuridão do céu, vermelho como sangue, cintilando como um milhão de estrelas. Aterrou perto do pavilhão de Nasuada e a terra estremeceu com o impacto do seu corpo.

Eragon ouviu os guardas de Nasuada gritarem. Depois Thorn brandiu a pata direita, dianteira, rente ao solo e metade dos gritos cessaram. Várias dúzias de soldados saltaram dos arreios presos aos flancos do dragão vermelho e dispersaram-se ao redor, rasgando tendas e matando as sentinelas que corriam para eles.

Ouviram-se trompas em torno do perímetro do acampamento e o estrépito do combate explodiu, ao mesmo tempo, junto das defesas exteriores, assinalando um ataque secundário vindo do norte, deduziu Eragon.

Quantos soldados estarão lá?, perguntou-se. *Estaremos cercados?* O pânico floresceu tão intensamente dentro de si que quase se sobrepôs à razão, compelindo-o a correr às cegas para a noite. Apenas a consciência de que era o *faelnirv* que estava provocando essa reação o conteve.

Sussurrou um breve feitiço de cura, na esperança que este combatesse os efeitos do licor, mas sem sucesso. Desapontado, ergueu-se cautelosamente, desembainhou Brisingr e reuniu-se a Arya, enfrentando cinco soldados que corriam da direção deles, ombro a ombro com ela. Não sabia ao certo como conseguiriam defrontá-los, no estado em que se encontravam.

Os homens estavam a menos de seis metros, quando Saphira rosnou e bateu com a cauda no solo, derrubando os soldados. Eragon — que pressentiu o que Saphira estava prestes a fazer — agarrou-se a Arya e esta agarrou-se a ele, amparando-se um ao outro para conseguirem aguentar-se de pé.

Depois, Blödhgarm e outro elfo, Laufin, correram para fora do labirinto de tendas e mataram os cinco soldados antes que estes conseguissem se levantar. Os outros elfos vinham alguns passos atrás.

Outro grupo de soldados, composto por vinte homens, correu na direção de Eragon e Arya, como se soubessem onde os encontrar.

Os elfos dispuseram-se em linha diante de Eragon e Arya, mas antes que os soldados ficassem ao alcance das suas espadas, uma das tendas abriu-se repentinamente e Angela atirou-se para o meio dos invasores com um uivo, apanhando-os de surpresa.

A herbolária usava uma camisa de dormir vermelha, tinha o cabelo encaracolado em desalinho e segurava um pente de lã em cada mão. Os pentes tinham noventa centímetros de comprimento e duas fiadas de dentes de aço, em ângulo, nas pontas. Os dentes eram mais compridos que o antebraço de Eragon, tinham pontas aguçadas como agulhas e ele sabia que, se alguém se picasse neles, poderia ficar com o sangue envenenado, devido à lã suja por onde passavam.

Angela enterrou os pentes de lã nos flancos de dois soldados, perfurando-lhes as cotas de malha, e estes caíram. Ela tinha menos trinta centímetros que alguns dos homens, mas não parecia amedrontada ao saltar por entre os soldados. Pelo contrário, a herbolária era a imagem perfeita da ferocidade, com aquele cabelo, aqueles gritos e aquela expressão sombria no olhar.

Os soldados cercaram Angela e aproximaram-se dela, escondendo-a e, por instantes, Eragon recebeu que eles a tivessem dominado.

Depois, vindo de outra parte do acampamento, viu Solembum correndo em direção ao grupo de soldados, com as orelhas coladas ao crânio. Atrás dele vinham mais meninos-gato: vinte, trinta, quarenta — um bando —, todos eles na forma animal.

Uma cacofonia de silvos, uivos e guinchos impregnou a noite enquanto os meninos-gato saltavam para cima dos soldados, atirando-os ao chão e dilacerando-os com as garras e as unhas. Os soldados resistiram o melhor que puderam, mas não estavam à altura daqueles enormes gatos desgrehados.

Toda a sequência, desde o aparecimento de Angela até à intervenção dos meninos-gato, decorreu como uma rapidez tal, que Eragon mal teve tempo de reagir. Ao ver os meninos-gato atacarem os soldados em massa, ele piscou os olhos e umedeceu os lábios gretados, com a sensação de que tudo o que estava se passando em seu redor era irreal.

Depois Saphira disse:

Salta para o meu dorso, depressa! — e agachou-se para que ele pudesse trepar para cima dela.

— Espera! — disse Arya. Depois colocando-lhe a mão no braço e murmurando algumas frases na língua antiga. Instantes depois, as distorções na visão de Eragon dissiparam-se e ele percebeu que estava de novo em pleno controle do seu corpo.

Olhou agradecido para Arya, atirou com a bainha de Brisingr para cima dos restos da tenda e subiu pela pata direita de Saphira, instalando-se na sua posição habitual, na base do pescoço. Sem sela, as pontas aguçadas das escamas enterravam-se na parte interior das pernas, uma sensação que ele tinha bem presente, desde o dia em que voaram juntos pela primeira vez.

— Precisamos da Dauthdaert — gritou para Arya.

Ela acenou afirmativamente e correu para a sua tenda, montada a uma centena de metros, no lado leste do acampamento.

Eragon sentiu outra consciência presente, para além da de Saphira, e fechou-se para se proteger. Mas, entretanto percebeu que o ser era Glaedr e abriu as suas defesas ao dragão dourado.

Eu vou ajudar, disse Glaedr. Por trás das suas palavras, Eragon sentiu uma raiva fervente dirigida a Thorn e Murtagh, uma raiva que parecia suficientemente poderosa para reduzir o mundo a cinzas. *Unam as suas mentes à minha, Eragon e Saphira. Vocês também, Blödhgarm, Laufin e todos os outros da sua raça. Deixem-me ver através dos seus olhos e ouvir com os seus ouvidos, para que possa dizer-lhes o que fazer e emprestar-lhes a minha força, sempre que necessário.*

Saphira saltou adiante, passando sobre as fiadas de tendas, num voo rasante, em direção ao enorme corpo, cor de rubi, de Thorn e os elfos seguiram-na pelo solo, matando todos os soldados que encontravam.

Saphira tinha a vantagem da altitude, pois Thorn estava ainda no solo. Virou na direção dele, com o intuito de aterrar no seu dorso e prender-lhe o pescoço nas mandíbulas, mas o dragão vermelho rugiu, ao vê-la aproximar-se, e torceu-se para ela, agachando-se como um cão pequeno que confrontava um cão maior.

Eragon teve apenas tempo de reparar que a sela de Thorn estava vazia. Depois o dragão empinou-se, atingindo Saphira com uma das patas dianteiras, largas e musculosas. A pesada pata varreu o ar com uma ruidosa deslocação de ar. As garras pareciam assustadoramente brancas na escuridão.

Saphira desviou-se para o lado, torcendo o corpo para se esquivar do golpe. O solo e o céu inclinaram-se em torno de Eragon e ele deu consigo, de cabeça levantada, olhando para o acampamento. Nesse instante, a ponta da asa direita de Saphira rasgou uma tenda.

A força da rotação projetou Eragon para longe de Saphira e as escamas começaram a deslizar entre as suas pernas. Ele apertou as coxas e agarrou-se com mais força ao espinho, à sua frente, mas o movimento de Saphira foi muito violento. Segundos depois, a mão escorregou-lhe e ele deu consigo caindo no ar, sem perceber bem onde ficava o céu e o chão.

Enquanto caía, fez tudo para não largar Brisingr e manter a espada afastada do seu corpo. Com proteções ou sem elas, a arma poderia feri-lo, graças aos feitiços de Rhunön.

Pequenino!

— *Letta!* — gritou Eragon, parando bruscamente no ar, com um solavanco, a cerca de três metros do solo. Embora o mundo lhe tivesse parecido girar durante mais alguns segundos, ele teve um vislumbre dos contornos cintilantes de Saphira, enquanto esta descrevia um círculo para recolhê-lo.

Thorn rugiu, banhando as filas de tendas entre si e Eragon com uma cortina de chamas incandescentes que ondularam em direção aos céus. Logo a seguir ouviram-se gritos de agonia, à medida que os homens que as ocupavam morriam queimados.

Eragon ergueu a mão para proteger o rosto. A sua magia protegia-o de ferimentos graves, mas aquele calor era desconfortável.

Eu estou bem, não volte para trás, disse ele, não apenas para Saphira, mas também para Glaedr e para os elfos. *Têm de detê-los. Encontramo-nos junto do pavilhão de Nasuada.*

A desaprovação de Saphira era notória, no entanto ela acabou por mudar de direção para voltar a atacar Thorn.

Eragon terminou o feitiço e saltou para o chão, aterrando suavemente sobre os calcanhares. Depois desatou a correr por entre as tendas incendiadas, muitas das quais estavam já se desmoronando, projetando colunas de faíscas alaranjadas no ar.

Era difícil respirar com o fumo e o fedor de lâ queimada. Tossiu e os seus olhos começaram a lacrimejar, turvando-lhe a visão.

Saphira e Thorn lutavam, como dois gigantes na noite, uma centena de metros adiante e Eragon sentiu um medo primitivo. O que estava ele fazendo, correndo na direção deles, duas criaturas ferozes de dentes pontiagudos, maiores do que uma casa — ou duas, no caso de Thorn — e com garras, caninos e espinhos, maiores do que o seu corpo? Mesmo depois do ataque de medo inicial abrandar, Eragon continuou sentindo alguma ansiedade, à medida que corria adiante.

Ele tinha esperança que Roran e Katrina estivessem a salvo. A sua tenda ficava do lado oposto do acampamento, mas Thorn e os soldados poderiam virar nessa direção a qualquer momento.

— Eragon!

Arya saltou através dos destroços em chamas, com a Dauthdaert na mão esquerda. Uma auréola indistinta, verde, cercava a lâmina serrilhada da lança, embora o brilho fosse difícil de distinguir, recortado contra a cortina de chamas. Orík vinha ao seu lado, movimentando-se por entre as chamas como se essas não passassem de colunas de vapor. O anão estava sem camisa e sem elmo. Empunhava Volund, o ancestral martelo de guerra, numa mão e um pequeno escudo redondo na outra. Ambas as extremidades do martelo estavam ensanguentadas.

Eragon saudou-os de mão erguida e com um grito, satisfeito por ter os amigos junto de si. Ao alcançá-lo, Arya ofereceu-lhe a lança, mas Eragon abanou a cabeça.

— Fica com ela! — disse-lhe ele. — Teremos mais chances de deter Thorn, se usar Niernen e eu Brisingr.

Arya acenou com a cabeça, apertando firmemente a lança e, pela primeira vez, Eragon interrogou-se se ela conseguiria matar um dragão, pelo

fato de ser uma elfa; mas, depois, pôs esse pensamento de lado. Se havia algo que não lhe inspirava dúvidas em Arya era o fato de ela fazer sempre o necessário, por muito difícil que fosse.

Thorn arranhou as costelas de Saphira e Eragon arquejou, ao sentir a dor através do laço que os unia. Pela mente de Blödhgarm ficou sabendo que os Elfos estavam combatendo os soldados perto dos dragões. Nem mesmo eles se atreviam a aproximar-se mais de Saphira e Thorn, receando ser esmagados.

— Ali — disse Orik, apontando com o martelo na direção de um grupo de soldados que se movia por entre as filas de tendas destruídas.

— Deixe-os — disse Arya. — Temos de ajudar Saphira.

Orik resmungou.

— Está bem, então vamos a isso.

Desataram os três a correr, mas Eragon e Arya depressa se distanciaram de Orik. Nenhum anão conseguiria acompanhar aquele ritmo, nem mesmo um anão tão forte e em tão boa forma como Orik.

— Continuem! — gritou Orik lá de trás. — Eu sigo-os o mais depressa que puder!

Ao desviar-se de fragmentos de tecido em chamas que flutuavam pelo ar, Eragon viu Nar Garzhvog no meio de um grupo de dez soldados. O Kull chifrado parecia grotesco sob a luz avermelhada das chamas. Os lábios estavam repuxados, revelando-lhe os caninos, e as sombras na saliência da testa davam-lhe uma aparência rude e brutal como se o seu crânio tivesse sido talhado de um pedregulho com um cinzel rombo. Lutando com as mãos, agarrou num soldado e arrancou-lhe os membros um por um, tão facilmente quanto Eragon desmembraria uma galinha assada.

As tendas incendiadas terminavam um pouco mais à frente. Do outro lado das chamas era o caos absoluto.

Blödhgarm e dois dos seus feitiçeiros estavam parados diante de quatro homens de túnica negra, que Eragon deduziu serem feitiçeiros do Império. Nem os homens nem os Elfos se mexiam, embora os seus rostos revelassem uma enorme tensão. Viam-se dúzias de soldados mortos no chão, mas alguns corriam ainda livremente, parte com ferimentos tão horrendos que Eragon percebeu de imediato que estariam imunes à dor.

Não conseguia ver o resto dos Elfos, mas sentia a sua presença do outro lado do pavilhão vermelho de Nasuada, no centro da devastação.

Grupos de meninos-gato corriam para trás e para frente, atrás dos soldados, na clareira em torno do pavilhão. O rei Meiapata e a sua companheira, A Caçadora de Espectros, comandavam dois grupos e Solembum comandava um terceiro.

A herbolária estava perto do pavilhão combatendo com um homem grande e robusto — ela lutava com os pentes de lã e ele com um bastão numa mão e uma maça na outra —, parecendo bastante equilibrados apesar da diferença de sexo, tamanho, altura, poder de alcance e armas.

Para surpresa de Eragon, Elva também lá estava, sentada à ponta de um barril. A criança-feiticeira tinha os braços à volta do estômago e parecia mortalmente doente, mas também ela estava participando na batalha, embora da forma singular que lhe era característica. Diante dela havia uma dúzia de soldados e Eragon viu que Elva estava falando com eles muito depressa. A sua pequena boca movia-se tão depressa que mal se via. Enquanto falava, cada homem ia reagindo de forma diferente: um ficou parado onde estava, aparentemente incapaz de se mexer; outro encolheu-se e tapou o rosto com as mãos; outro ajoelhou-se e apunhalou-se a si mesmo no peito, com uma longa adaga; outro atirou as armas fora e fugiu pelo acampamento; outro ainda tartamudeava como um tolo, mas nenhum ergueu as armas contra ela, nem tentou atacar ninguém.

E por cima de todo aquele caos erguiam-se duas montanhas:

Saphira e Thorn. Tinham-se deslocado para a esquerda do pavilhão e descreviam círculos em torno um do outro, esmagando filas de tendas, umas a seguir às outras. Línguas de fogo tremeluziam-lhes nos buracos das narinas e no intervalo dos dentes aguçados como sabres.

Eragon hesitou. Aquela confusão de ruídos e movimentos era difícil de assimilar e ele não sabia ao certo onde seria mais necessário.

Onde está Murtagh? perguntou a Glaedr.

Ainda temos de encontrá-lo, se é que está aqui. Não consigo sentir a sua mente, mas é difícil saber ao certo com tanta gente e tantos feitiços reunidos no mesmo local. Através do laço que os unia, Eragon percebeu que o dragão dourado fazia muito mais do que apenas dirigir-se a ele; estava também escutando os pensamentos de Saphira e dos Elfos, e ajudando Blödhgarm e os seus dois companheiros no combate mental, com os feiticeiros do Império.

Eragon estava confiante de que seria possível derrotar os feiticeiros, da mesma forma que acreditava que Angela e Elva eram perfeitamente capazes de se defender do resto dos soldados.

Saphira, porém, estava ferida em vários locais e continuava empenhada em impedir que Thorn atacasse o resto do acampamento.

Eragon olhou de relance para a Dauthdaert na mão de Arya e de novo para as gigantescas formas dos dragões. *Temos de matá-lo*, pensou, sentindo um peso no coração. Depois os seus olhos fixaram-se em Elva e outra ideia começou ganhar forma dentro de si. As palavras da menina eram mais poderosas do que qualquer arma; ninguém conseguiria resistir-lhes, nem mesmo Galbatorix. Bastaria conseguir falar com Thorn para afugentá-lo.

Não! —, rosnou Glaedr. Está perdendo tempo, jovem. Vai juntar-se ao seu dragão... imediatamente! Ela precisa da sua ajuda. Tem de matar Thorn e não afugentá-lo! Ele está perdido e você não pode fazer nada para salvá-lo.

Eragon olhou para Arya e ela olhou para ele.

— Elva seria mais rápida — disse Eragon.

— Nós temos a Dauthdaert.

— É muito perigoso, muito difícil.

Arya hesitou e depois acenou com a cabeça. Ambos olharam para Elva.

Antes de a alcançarem ouviram um grito abafado. Eragon virou-se e para seu horror viu Murtagh sair do pavilhão, arrastando Nasuada pelos pulsos.

Nasuada estava com o cabelo desgrenhado. Tinha um grande arranhão na face e o seu roupão amarelo estava rasgado em vários locais. Tentou pontapear o joelho de Murtagh, mas o salto do sapato ricocheteou numa proteção e Murtagh ficou incólume. Ele puxou-a violentamente para si e atingiu-a na têmpora com o pomo de Zar'roc, deixando-a inconsciente.

Eragon gritou e virou-se na direção deles.

Murtagh olhou-o brevemente. Depois desembainhou a espada, içou Nasuada para cima do ombro, pousou o joelho no chão e curvou a cabeça como se estivesse rezando.

Uma agulhada de dor de Saphira distraiu Eragon e ela gritou:

Cuidado! Ele escapou-se de mim!

Ao saltar por cima de um amontoado de corpos, Eragon aventurou-se a olhar rapidamente para cima e viu que a barriga cintilante de Thorn e as suas asas aveludadas escondiam metade das estrelas no céu. O dragão vermelho rodopiava ligeiramente, flutuando no sentido descendente como uma enorme folha sustentada pelo vento.

Eragon atirou-se para um lado e rebolou para trás do pavilhão, numa tentativa de ganhar alguma distância do dragão. Uma pedra enterrou-se no seu ombro, ao cair no chão.

Sem abrandar, Thorn esticou a pata dianteira, direita, grossa e nodosa como o tronco de uma árvore, fechando a enorme pata em torno de Murtagh e Nasuada. Ao pegar nos dois humanos, as suas garras enterraram-se na terra, escavando um amontoado de quase um metro de altura.

Depois, com um rugido triunfante e um bater de asas surdo e perturbante, Thorn arqueou o corpo e começou a subir, distanciando-se do acampamento.

Saphira levantou voo para persegui-lo, do local onde ela e Thorn tinham estado lutando. Regatos de sangue serpenteavam lhe das dentadas e marcas de garras que tinha ao longo dos membros. Ela era mais rápida do que Thorn, mas, mesmo que o apanhasse, Eragon não fazia ideia como poderia resgatar Nasuada sem feri-la.

Arya passou a correr por ele, despenteando-lhe o cabelo com uma rajada de vento. Depois, trepou para cima de uma pilha de barris e saltou, elevando-se no ar, mais alto do que qualquer outro elfo conseguiria sem ajuda. A seguir, esticou o braço, agarrou-se à cauda de Thorn, e ficou suspensa como um ornamento.

Eragon deu meio passo em frente, como se a fosse deter, e depois praguejou, bramindo:

— *Audr!*

O feitiço projetou-o em direção ao céu, como uma flecha de um arco. A seguir, alcançou a mente de Glaedr e o velho dragão forneceu-lhe a energia necessária para manter a sua ascensão.

Eragon consumiu a energia sem pensar, sem se preocupar com o que isso lhe custaria, desejando apenas alcançar Thorn antes que algo de terrível acontecesse a Nasuada ou a Arya.

Ao passar velozmente por Saphira, viu Arya começar a trepar pela cauda de Thorn. Com a mão direita, ela agarrou-se aos espinhos ao longo da coluna, usando-os como degraus de uma escada, e com a esquerda enterrou a Dauthdaert em Thorn, usando a lâmina da lança como âncora, enquanto subia pelo seu corpo ondulante. Thorn torcia-se e retorcia-se, tentando mordê-la, como um cavalo irritado com uma mosca, mas não conseguia alcançá-la.

Depois, o dragão cor de sangue recolheu as asas e as patas, com a sua preciosa carga aninhada contra o peito, e mergulhou em direção ao solo, girando sem parar, numa espiral mortífera. A Dauthdaert desprendeuse da carne de Thorn e Arya ficou esticada transversalmente, agarrada ao espinho apenas com a mão direita — a mão mais fraca, na qual se feriu nas catacumbas de Dras-Leona.

Pouco depois, os seus dedos soltaram-se e ela escorregou do corpo de Thorn, de braços e pernas abertas como os raios da roda de uma carroça. Certamente graças ao feitiço que lançou, as suas rotações abrandaram, acabando por cessar, tal como a sua trajetória descendente, até ficar flutuando verticalmente no céu noturno. *Parecia um pirilampo verde pairando na escuridão, iluminada pelo brilho da Dauthdaert que tinha ainda na mão*, pensou Eragon.

Thorn inflou as asas e deu a volta na direção dela. Arya virou a cabeça e olhou para Saphira, girando no ar para enfrentar Thorn.

Uma luz maléfica ganhou vida entre as mandíbulas de Thorn. Instantes depois, uma parede crescente de chamas ondulou da sua boca e envolveu Arya, escondendo-a.

Eragon estava a menos de quinze metros de distância — suficientemente perto para sentir as faces ardendo de calor.

As chamas dissiparam-se e Eragon viu Thorn afastar-se de Arya, dobrando-se para trás tão depressa quanto o seu volumoso corpo lhe permitia. Ao fazê-lo, sacudiu a cauda tão velozmente que Arya não teve tempo de se afastar.

— Não! — gritou Eragon.

A cauda atingiu-a com um estalido, projetando-a na escuridão como uma pedra disparada de um estilingue. A Dauthdaert separou-se dela, descrevendo um arco ao cair, e o seu brilho enfraqueceu, convertendo-se num ponto indistinto que depressa se extinguiu por completo.

Barras de ferro pareciam comprimir o peito de Eragon, roubando-lhe o ar dos pulmões. Thorn estava afastando-se, mas Eragon poderia ainda ultrapassar o dragão se drenasse mais energia de Glaedr. Contudo, a sua ligação com Glaedr estava enfraquecendo e Eragon não teria qualquer hipótese de vencer Thorn e Murtagh sozinho, a uma altitude tão grande, tendo Murtagh dúzias de Eldunarís ao seu dispor.

Eragon praguejou e desativou o feitiço que o projetava pelo ar, mergulhando de cabeça atrás de Arya. O vento uivava-lhe nos ouvidos, fustigando-lhe o cabelo e as roupas, comprimindo-lhe os músculos das faces

e forçando-o a franzir os olhos. Um inseto atingiu-o no pescoço e o impacto foi tão doloroso como se tivesse sido atingido por um seixo.

Enquanto caía, Eragon procurou a mente de Arya. Tinha acabado de sentir uma centelha de consciência em algum lugar na escuridão, lá em baixo, quando Saphira surgiu de repente por baixo de si, com as escamas obscurecidas pela luz das estrelas. Virou-se ao contrário e Eragon viu-a esticar-se e alcançar um pequeno objeto escuro com as patas dianteiras.

Uma guinada de dor percorreu a mente que Eragon tocou, mas, depois, todos os pensamentos cessaram, deixando de senti-la mais.

Eu tenho-a comigo, pequenino, disse Saphira.

— *Letta!* — disse Eragon, abrandando até parar.

Olhou de novo à procura de Thorn, mas viu apenas estrelas e escuridão. Ouviu duas vezes um bater de asas indistinto, a leste, e depois tudo ficou em silêncio.

Eragon olhou na direção do acampamento dos Varden. Extensões de chamas sombrias, alaranjadas, brilhavam através de camadas de fumo. Centenas de tendas estavam destruídas no chão, juntamente como os homens que não tinham conseguido escapar antes de Saphira e Thorn as pisarem. Mas esses homens não eram as únicas vítimas do ataque. À altitude em que estava, Eragon não conseguia distinguir os corpos, mas sabia que os soldados tinham matado muita gente.

Um sabor de cinzas invadiu-lhe a boca. Ele estava tremendo. Lágrimas de raiva, de pavor e frustração, turvavam sua visão. Arya estava ferida — ou talvez morta —, Nasuada foi capturada e em breve estaria à mercê de Galbatorix e dos seus carrascos mais experientes.

O desespero apossou-se de Eragon.

Como iriam prosseguir agora? Como poderiam esperar alcançar a vitória sem Nasuada a comandá-los?

Conclave de Reis



o aterrar no acampamento com Saphira, Eragon deslizou pelo flanco e correu para a extensão de relva onde ela tinha pousado delicadamente Arya.

A elfa estava inerte e imóvel, de rosto virado para baixo. Quando Eragon virou Arya, os seus olhos estremeceram e abriram-se.

— Thorn... o que é feito de Thorn? — sussurrou ela.

Fugiu, disse Saphira.

— E... Nasuada? Conseguiu resgatá-la?

Eragon baixou os olhos e abanou a cabeça.

A mágoa perpassou o rosto de Arya. Ela tossiu e retraiu-se, tentando depois sentar-se. Tinha um fio de sangue escorrendo pelo canto da boca.

— Espera — disse Eragon. — Não se mexa. Vou buscar Blödhgarm.

— Não é necessário. — E agarrando-se ao ombro dele, Arya levantou-se, endireitando-se cautelosamente. Ao esticar os músculos, conteve a respiração e Eragon percebeu a dor que ela tentava esconder.

— Estou apenas contundida, não tenho nada partido. As minhas defesas protegeram-me do pior golpe de Thorn.

Eragon tinha as suas dúvidas, mas aceitou a afirmação.

E agora? perguntou Saphira, aproximando-se deles. As narinas de Eragon estavam impregnadas do odor intenso e almiscarado do seu sangue.

Eragon olhou ao redor, contemplando as chamas e a destruição no acampamento, e voltou a pensar em Roran e Katrina, interrogando-se se teriam sobrevivido ao ataque.

Pois é, e agora?

As circunstâncias responderam à sua pergunta. Dois soldados feridos saíram de um banco de fumo, atacando ele e Arya. E, quando Eragon os eliminou, oito elfos tinham já acorrido ao local onde estavam.

Depois de Eragon convence-los que estava incólume, os elfos concentraram a sua atenção em Saphira e insistiram em curar-lhe as dentadas

e os arranhões que Thorn lhe tinha infligido, embora Eragon preferisse ter sido ele a fazê-lo.

Sabendo que a cura levaria alguns minutos, Eragon deixou Saphira com os elfos. Voltou a percorrer apressadamente as filas de tendas, regressando à área perto do pavilhão de Nasuada, onde Blödhgarm e os dois outros elfos feiticeiros estavam ainda em combate mental com os quatro feiticeiros inimigos.

O único feiticeiro que restava estava ajoelhado no chão, com a testa encostada aos joelhos e os braços envolta da nuca. Em vez de reunir a sua mente à contenda invisível, Eragon aproximou-se do feiticeiro, bateu-lhe de leve no ombro e gritou:

— Ah!

O feiticeiro estremeceu, sobressaltado, e a distração permitiu que os elfos penetrassem nas suas defesas. Eragon percebeu-se disso porque o homem teve uma convulsão e rebolou para o chão, de olhos revirados, com uma espuma amarela borbulhando na boca. Pouco depois, parou de respirar.

Eragon explicou abreviadamente a Blödhgarm e aos dois outros elfos o que tinha acontecido a Arya e a Nasuada. O pelo de Blödhgarm eriçou-se e os seus olhos amarelos faiscaram de raiva, mas o seu único comentário foi na língua antiga:

— Esperam-nos dias sombrios, Matador de Espectros. — Depois mandou Yaela buscar a Darthdaert no local onde a lança caiu.

Juntos, Eragon, Blödhgarm e Uthinarë, o elfo que ficara com eles, percorreram o acampamento, cercando e matando os poucos soldados que tinham escapado aos dentes dos meninos-gato e às espadas dos homens, Anões, Elfos e Urgals. Usaram também a sua magia para extinguir alguns dos maiores incêndios, apagando-os tão facilmente quanto a chama de uma vela.

Durante esse tempo, Eragon sentiu-se tolhido por uma avassaladora sensação de pavor, que parecia esmagá-lo como uma pilha de velos ensopados, oprimindo sua mente, a ponto de ele ter dificuldade em pensar noutra coisa senão na morte, na derrota e no fracasso. Era como se o mundo estivesse desmoronando ao seu redor — como se tudo aquilo porque ele e os Varden tinham lutado estivesse se desfazendo rapidamente e não pudesse fazer nada para recuperar o controle. A sensação de desespero minava-lhe a vontade a ponto de desejar apenas sentar-se em um canto e entregar-se à sua infelicidade. Ainda assim, recusou-se a alimentar esse impulso, pois sabia

que se o fizesse, mais valeria morrer. Por isso continuou a mexer-se, trabalhando ombro a ombro com os Elfos, apesar do desespero.

O seu estado de espírito não melhorou quando Glaedr o contatou:

Se tivesse me dado ouvidos, poderíamos ter detido Thorn e salvado Nasuada.

Ou não, reagiu Eragon. Não queria falar mais no assunto, de qualquer modo sentiu-se compelido a acrescentar: *Você deixa que a raiva lhe tire a razão. Matar Thorn não era a única solução, nem você devia estar tão ansioso por destruir um dos poucos membros que restam da sua raça.*

Nem pense em me dar sermões, jovem!, disse Glaedr, bruscamente. *Você não consegue sequer entender o que eu perdi.*

Entendo melhor do que a maioria, argumentou Eragon, mas Glaedr já tinha se retirado da sua mente e não parecia tê-lo ouvido.

Eragon tinha acabado de apagar um fogo e estava encaminhando-se para o seguinte, quando Roran se aproximou apressadamente dele, agarrando-o pelo braço.

— Está ferido?

Eragon sentiu um enorme alívio ao ver o primo são e salvo.

— Não — disse ele.

— E Saphira?

— Os Elfos já trataram dos seus ferimentos. E Katrina está bem?

Roran acenou afirmativamente e descontraíu-se um pouco, mas mantinha uma expressão apreensiva.

— O que aconteceu, Eragon? — disse ele, aproximando-se um pouco mais. — O que está para acontecer? Vi Jörmundur correndo de um lado para o outro como uma galinha sem cabeça. Os guardas de Nasuada parecem terrivelmente deprimidos e não consigo que ninguém fale comigo. Ainda estamos em perigo? Galbatorix está prestes a nos atacar?

Eragon olhou ao redor, puxando depois Roran para o lado, onde ninguém os pudesse ouvir.

— Não pode contar a ninguém. Pelo menos por enquanto — advertiu ele.

— Prometo não contar.

Eragon resumiu-lhe rapidamente a situação, em meia dúzia de palavras e, quando terminou, Roran estava com uma expressão sombria.

— Não podemos permitir que os Varden se desmembrem — disse ele.

— Claro que não. Isso não vai acontecer, mas o rei Orrin pode tentar assumir o comando, ou... — Eragon silenciou, ao ver um grupo de guerreiros passar perto dele, e depois acrescentou: — Fique comigo, está bem? Talvez precise da sua ajuda.

— Da minha ajuda? Porque iria precisar da minha ajuda?

— Todo o exército te admira, Roran, mesmo os Urgals. Você é o Martelo Forte, o herói de Aroughs, e a sua opinião tem peso. Isso poderá ser importante.

Roran ficou em silêncio por uns instantes e depois acenou com a cabeça.

— Farei o que puder.

Por enquanto, fique de olho nos soldados — pediu Eragon, retomando o seu destino inicial, em direção ao fogo.

Meia hora mais tarde, quando o silêncio e a ordem regressaram de novo ao acampamento, um mensageiro informou a Eragon que Arya exigia a sua presença imediata no pavilhão do rei Orik.

Eragon e Roran olharam um para o outro e encaminharam-se para o quadrante norte do acampamento, onde a maior parte dos Anões tinha montado as suas tendas.

— Não temos outra alternativa — disse Jörmundur. — Nasuada deixou os seus desejos bem claros. Você, Eragon, terá de assumir o seu lugar e comandar os Varden por ela.

A expressão nos rostos que circundavam o interior da tenda era severa e inabalável. Sombras escuras obscureciam as têmporas e vincos profundos marcavam os rostos carregados do grupo de duas-pernas — como Saphira lhes chamaria. A única que não estava de sobranceiras franzidas era Saphira, que enfiou a cabeça através da entrada do pavilhão para poder participar no conclave; mas tinha os lábios ligeiramente repuxados, como se estivesse prestes a rosnar.

Entre os presentes também estava o rei Orrin, com um manto púrpura sobre a camisa de dormir; Arya, com um ar abalado mas determinado; o rei Orik, que desencantara uma túnica de cota de malha para se cobrir; Grimrr Meiapata, o rei dos meninos-gato, com uma ligadura de linho, branca,

enrolada à volta de um golpe no ombro direito; Nar Garzhvog, o Kull, de cócoras para não roçar com os chifres no teto; e Roran, assistindo os trabalhos junto da parede da tenda, sem tecer qualquer comentário.

Mais ninguém tinha sido autorizado a entrar no pavilhão, fossem guardas, conselheiros ou criados. Nem mesmo Blödhgarm e os outros elfos. Lá fora, diante da entrada, havia uma formação em bloco de homens, Anões e Urgals, com doze soldados ao longo, cujo objetivo era impedir que alguém perturbasse a reunião, por muito perigoso ou poderoso que fosse. Além disso, a tenda estava salpicada de feitiços, lançados à pressa, para impedir espionagem mundana ou mágica.

— Eu nunca desejei isto — disse Eragon, baixando os olhos para o mapa de Alagaësia, aberto sobre a mesa, no meio do pavilhão.

— Nenhum de nós — disse o rei Orrin num tom acutilante.

Eragon achava que Arya foi sensata em organizar a reunião no pavilhão de Orik, pois o rei dos Anões era tido como um leal apoiante de Nasuada e dos Varden — para além de ser seu chefe de clã e irmão adotivo —, e ninguém o poderia acusar de aspirar à posição de Nasuada, tão pouco os humanos o aceitariam como seu substituto.

Ao organizar a reunião no pavilhão de Orik, Arya reforçara a causa de Eragon e desencorajara os seus críticos, sem parecer estar apoiando ou a atacando qualquer uma das partes. Eragon tinha de reconhecer que ela era muito mais talentosa do que ele em manipular os outros. O único risco que corria ao fazê-lo era poder levar os outros a pensar que o chefe era Orik, mas Eragon estava disposto a correr esse risco, se isso lhe valesse o apoio dos seus amigos.

— Eu nunca desejei isto — repetiu ele, levantando a cabeça para encarar os olhares atentos em seu redor —, mas agora que aconteceu, juro sobre o túmulo de todos os que perdemos que farei o meu melhor para seguir o exemplo de Nasuada e conduzir os Varden à vitória contra Galbatorix e o Império. — Fez o possível para transmitir um ar confiante, mas a verdade é que a enormidade da situação assustava-o e ele não fazia ideia se estaria à altura dessa missão. Nasuada revelara-se impressionantemente capaz e era intimidante pensar em fazer metade do que ela tinha conseguido.

— Isso é certamente muito louvável — disse o rei Orrin —, contudo os Varden sempre funcionaram de comum acordo com os seus aliados — os homens de Surda; o nosso régio amigo Orik e os Anões das Montanhas Beor; os Elfos e, mais recentemente, os Urgals, comandados por Nar Garzhvog, e os meninos-gato. — Acenou na direção de Grimrr, que curvou

brevemente a cabeça em resposta. — Não seria bom para o exército ver-nos publicamente em desacordo uns com os outros, não lhe parece?

— Claro que não.

— Claro que não — disse o rei Orrin — Presumo então que continuará a nos consultar sobre assuntos importantes, tal como Nasuada fazia. — Eragon hesitou, mas antes que pudesse responder, Orrin prosseguiu. — Todos nós — e fez um gesto para todos os presentes — arriscamos uma enormidade nesta aventura, e nenhum de nós gostaria de ser objeto de imposições, tão pouco nos submeteríamos a elas. Para ser franco e, apesar das suas inúmeras proezas, Eragon Matador de Espectros, é ainda muito jovem e inexperiente e é bem possível que essa inexperiência venha a revelar-se fatal. Todos nós tivemos o benefício de comandar as nossas tropas durante muitos anos, ou de ver os outros comandá-las. Nós podemos guiar-te no caminho certo e juntos talvez consigamos arranjar maneira de endireitar isto e derrotar Galbatorix.

Tudo o que Orrin disse era verdade, pensou Eragon — ele era ainda jovem e inexperiente e precisava, de fato, dos conselhos dos outros — mas se o admitisse iria parecer fraco.

Por isso Eragon decidiu responder:

— Pode ter a certeza de que lhe consultarei sempre que necessário, mas as decisões serão minhas, como sempre.

— Me perdoe, Matador de Espectros, mas tenho alguma dificuldade em acreditar nisso. A sua familiaridade com os Elfos — disse Orrin, olhando para Arya — é do conhecimento geral, além disso é um membro adotado do clã Ingeitum e está sujeito às ordens do chefe do clã, que por acaso é o rei Orik. Talvez esteja enganado, mas parece-me improvável que as decisões sejam suas.

— Primeiro, aconselha-me a escutar os nossos aliados e agora diz para não o fazer. Será que preferiria que eu escutasse a você e unicamente a você? — A raiva de Eragon crescia à medida que ele falava.

— Preferiria que as suas escolhas fossem feitas para bem do nosso povo e não de outra raça!

— Foram — rosnou Eragon — e continuarão a ser. Eu devo lealdade aos Varden e ao clã Ingeitum, sim, mas também a Saphira, a Nasuada e à minha família. Muito se diz a meu respeito, tal como a seu respeito, Majestade, contudo, a minha maior preocupação é e sempre foi derrotar Galbatorix e o Império. Se aqueles a quem sou leal entrarem em conflito, é isso que estará em primeiro lugar. Questiona o meu discernimento, se quiser, mas não as

minhas motivações e peço-lhe que não insinue que sou um traidor da minha raça!

Orrin franziu as sobrancelhas. Estava de rosto afogeuado e a ponto de retorquir, quando Orik o interrompeu, batendo ruidosamente com o martelo de guerra no escudo, interrompendo:

— Chega de disparates! — exclamou Orik, furioso. — Preocupam-se com uma rachadura no chão quando toda a montanha está prestes a desmoronar-se em cima de nós!

O semblante carregado de Orrin acentuou-se, mas este não adiantou mais nada, pegando no seu de cálice de vinho e voltando a afundar-se na cadeira, fervendo de raiva e de olhos postos em Eragon.

Acho que ele te odeia, disse Saphira

Ou isso ou aquilo que eu represento. Seja como for, sou um obstáculo para ele. Terá de se contentar em observar.

— A questão é simples — disse Orik. — O que vamos fazer agora que Nasuada desapareceu? Pousou Volund sobre a mesa, passando a mão nodosa pela cabeça. — Na minha opinião, nos encontramos na mesma situação que esta manhã. Continuamos a ter apenas uma alternativa, a menos que assumamos a derrota e apelemos à paz: marchar para Urû'baen, o mais depressa possível. Não era Nasuada que iria combater Galbatorix. Isso compete a você — apontou para Eragon e para Saphira — e aos Elfos. Nasuada nos fez chegar até aqui e, embora a sua falta nos dê grande pesar, não precisamos dela para continuar. O nosso caminho não permite grandes desvios. Mesmo que ela estivesse presente, não a imagino fazendo outra coisa. É para Urû'baen que temos de ir e acabou a conversa.

Grimrr brincava com uma pequena adaga negra, aparentemente alheio a conversa.

— Concordo — disse Arya. — Não temos alternativa.

Acima deles, Garzhvog abaixou a enorme cabeça, projetando acidentalmente sombras nas paredes do pavilhão.

— O anão tem razão. Os Ugralgra ficarão com os Varden enquanto Espada de Fogo for o senhor da guerra. Com ele e Língua de Fogo comandando os nossos ataques saldaremos a dívida de sangue que Galbatorix, esse traidor sem chifres, ainda tem conosco.

Eragon remexeu-se, com um ar constrangido.

— Isso é tudo muito bonito — disse o rei Orrin —, mas ainda estou para saber como vamos derrotar Murtagh e Galbatorix quando chegarmos a Urû'baen.

— Temos a Dauthdaert — realçou Eragon, sendo que Yaela tinha recuperado a lança — e com ela poderemos...

O rei Orrin acenou com a mão:

— Sim, sim a Dauthdaert. A Dauthdaert não lhe ajudou a deter Thorn e não me parece que Galbatorix permita que se aproximem dele ou de Shruikan com ela. Seja como for, nada disso altera o fato de que não está à altura daquele traidor cruel. Irra, Matador de Espectros, nem sequer consegue fazer frente ao seu próprio irmão e ele é Cavaleiro à menos tempo do que você!

Meio-irmão, pensou Eragon, mas silenciou. Não via forma de refutar os argumentos de Orrin, pois todos eram válidos, sentindo-se envergonhado.

O rei prosseguiu:

— Alinhamos nesta guerra com a ideia de que você arranjará uma forma de enfrentar a força sobrenatural de Galbatorix — foi isso que Nasuada nos prometeu e garantiu. No entanto, aqui estamos nós, prestes a defrontar o feiticeiro mais poderoso da história, e tão perto de derrotá-lo como quando começamos.

— Nós entramos em guerra — disse Eragon, calmamente — porque foi a primeira vez que surgiu uma pequena hipótese de derrotarmos Galbatorix, desde que os Cavaleiros foram derrotados. Você sabe isso.

— Que hipótese? — desdenhou o rei. — Não passamos de marionetes ao sabor dos caprichos de Galbatorix. Todos nós. Só conseguimos chegar até aqui porque ele nos deixou. Galbatorix quer que sigamos para Urû'baen e quer que o levemos conosco. Se estivesse preocupado em nos deter, teria voado até às Planícies Flamejantes e nos teria esmagado ali mesmo. E será mesmo isso que vai fazer logo que lhe tenha ao seu alcance: nos esmagar!

Parecia haver uma tensão no ar, entre ambos.

Cuidado, disse Saphira a Eragon. *Ele abandonará o grupo se não o convencer do contrário.*

Arya parecia igualmente preocupada.

Eragon colocou as mãos abertas em cima da mesa, tentando reunir ideias durante alguns momentos. Não queria mentir, mas ao mesmo tempo, tinha de arranjar maneira de incutir esperança a Orrin, o que não era fácil visto que

nem ele próprio sentia grande alento. *Seria isso que Nasuada sentia sempre que nos motivava e nos convencia a prosseguir, mesmo quando nos parecia impossível?*

— A nossa situação não é tão... precária como a está encarando — disse Eragon.

Orrin roncou e bebeu do seu cálice.

— A Dauthdaert é uma ameaça para Galbatorix — prosseguiu ele —, e isso é vantajoso para nós. Galbatorix está atento a ela e isso nos permitirá forçá-lo a fazer o que quisermos, pelo menos em parte. Mesmo que não a possamos usar para matá-lo, talvez consigamos matar Shruikan. Eles não são uma verdadeira parilha de dragão e Cavaleiro, mas ainda assim, a morte de Shruikan irá feri-lo profundamente.

— Isso nunca vai acontecer — retorquiu Orrin. — Ele já sabe que nós temos a Dauthdaert, pelo que tomará as precauções necessárias.

— Talvez não. Duvido que Murtagh e Thorn a tivessem reconhecido.

— Não, mas Galbatorix vai reconhecê-la quando sondar as suas memórias.

E também vai saber da existência de Glaedr, se é que eles já não o informaram, disse Saphira a Eragon.

O desalento de Eragon aumentou. Não tinha pensado nisso, mas Saphira estava certa.

Já não vale a pena alimentar a esperança de apanhá-lo de surpresa. Já não temos segredos.

A vida está cheia de segredos. Galbatorix não pode prever exatamente como vamos combatê-lo. Em relação a isso, pelo menos, poderemos confundi-lo.

— Qual das lanças da morte descobriu, Matador de Espectros? — perguntou Grimrr, num tom aparentemente entediado.

— Du Niernen, a Orquídea.

O menino-gato piscou os olhos e Eragon teve a impressão de que ele ficou surpreso, embora Grimrr se mantivesse impassível, como sempre.

— A sim? A Orquídea? É muito estranho encontrar-se uma arma dessas nesta era... especialmente essa.

— Por quê?

Grimrr passou a pequena língua cor-de-rosa pelos caninos.

— Niernen é famosíssima. — E arrastou a palavra, produzindo um breve silvo.

Antes que Eragon conseguisse arrancar mais informação ao menino-gato, Garzhvog disse, num tom áspero, como pedras roçando umas nas outras:

— Que lança da morte é essa de que está falando, Espada de Fogo? É a lança que feriu Saphira em Belatona? Ouvimos histórias acerca dela, mas eram bastante estranhas.

Eragon lembrou-se tarde demais que Nasuada não informou os Urgals nem os meninos-gato do que Niernen era na realidade. *Paciência. É inevitável*, pensou ele.

Explicou a Garzhvog o que era a Dauthdaert, insistindo depois para que todos os presentes jurassem na língua antiga não falar acerca da lança a mais ninguém, sem autorização. Ouviram-se alguns resmungos, mas todos acabaram por obedecer, mesmo o menino-gato. Talvez fosse inútil tentar esconder a lança de Galbatorix, mas Eragon não via qualquer vantagem em permitir que a Dauthdaert se tornasse do conhecimento geral.

Quando o último concluiu o juramento, Eragon continuou a falar:

— Primeiro, temos a Dauthdaert, e isso é mais do que tínhamos antes. Segundo, não tenciono enfrentar Murtagh e Galbatorix juntos. Nunca foi essa a minha intenção. Quando chegarmos a Urû'baen, atrairemos Murtagh para fora da cidade e depois o surpreenderemos com todo o exército, se necessário — os Elfos também —, matando-o ou capturando-o de uma vez por todas. — Olhou ao redor para os rostos ali reunidos, tentando impressioná-los com a força da sua convicção. — Terceiro — e isto é algo em que terão de acreditar do fundo do coração — por muito poderoso que seja, Galbatorix não é intocável. É possível que tenha lançado milhares e milhares de feitiços para se proteger, mas apesar de todo o seu conhecimento e astúcia, há ainda feitiços que podem mata-lo, se tivermos a inteligência para concebê-los. Serei eu que descobrirei o feitiço que conduzirá à sua queda, assim como poderá ser um elfo ou um membro dos Du Vrangr Gata. Galbatorix parece intocável, eu sei, mas há sempre uma fraqueza — há sempre uma brecha por onde podemos fazer deslizar uma espada e matar o inimigo.

— Se os antigos Cavaleiros não conseguiram descobrir a sua fraqueza, que probabilidades temos de descobri-la? — interpelou o rei Orrin, enfaticamente.

Eragon abriu as palmas das mãos, virando-as para cima.

— Talvez não consigamos. Nada é certo na vida, muito menos na guerra. Se os feiticeiros das nossas cinco raças não conseguirem matá-lo, todos juntos, o melhor será aceitarmos que Galbatorix vai reinar enquanto ele quiser, e não há nada que possamos fazer para mudar isso.

Um silêncio breve e profundo invadiu a tenda.

Depois Roran deu um passo a frente.

— Eu gostaria de falar — disse ele.

Eragon viu que todos os que estavam à volta da mesa trocaram olhares.

— Diga o que quiser, Martelo Forte — disse Orik, o que irritou visivelmente o rei Orrin.

— É o seguinte: derramamos muito sangue e muitas lágrimas para agora virarmos as costas. Seria uma falta de respeito tanto para com os mortos como para os que os recordam. Talvez isto seja um combate entre deuses — parecia estar falando a sério —, mas eu continuarei a lutar até que os deuses me abatam, ou eu os abata a eles. Um dragão pode matar dez mil lobos, uns a seguir aos outros, mas dez mil lobos podem matar um dragão.

Pouco provável, disse Saphira com um ronco na privacidade do espaço mental que partilhava com Eragon.

Roran sorriu sem grande humor.

— E nós temos um dragão. Façam o que entenderem, mas eu pelo menos, irei a Urû'baen enfrentar Galbatorix, nem que tenha de fazer sozinho.

— Sozinho, não — interveio Arya. — Sei que falo em nome da rainha Islanzadí ao dizer que o nosso povo estará ao seu lado.

— Tal como o nosso — resmungou Garzhvog.

— E o nosso — declarou Orik.

— E o nosso — acrescentou Eragon, esperando desencorajar divergências com o seu tom de voz.

Depois de uma breve pausa, viraram-se os quatro para Grimrr. O menino-gato fungou e disse:

— Bom, suponho que nós também lá estaremos. — E examinou as unhas aguçadas. — Alguém terá de se infiltrar nas linhas do inimigo e não serão certamente os Anões aos tropeções nas suas botas de ferro.

Orik arqueou as sobrancelhas. Se ficou ofendido, escondeu-o bem.

Orrin bebeu mais dois grandes tragos da sua bebida. A seguir, limpou a boca com as costas da mão e disse:

— Muito bem, como queiram. Seguiremos para Urû'baen. — Depois de esvaziar o copo, esticou o braço para a garrafa que tinha diante de si.

Um Labirinto Sem Fim

Eragon e os outros passaram o resto do conclave discutindo questões práticas: linhas de comunicação — quem reportaria a quem — distribuição de tarefas; redistribuição das proteções e das sentinelas do acampamento para impedir que Thorn ou Shruikan voltassem a surpreendê-los; e disponibilizar novo equipamento aos homens cujos pertences tinham ardido ou ficado esmagados durante o ataque. Decidiram, por consenso, esperar até o dia seguinte para anunciar o que aconteceu a Nasuada, pois era mais importante que os guerreiros dormissem, antes da alvorada iluminar o horizonte.

Algo que não discutiram foi se deveriam tentar salvar Nasuada. Era óbvio que a única forma de libertá-la seria tomando Urû'baen e, nessa altura, era provável que ela já estivesse morta, ferida, ou jurado lealdade a Galbatorix, na língua antiga. Por isso, evitaram falar no assunto, como que dando a entender que era tabu.

Porém, era uma presença constante nos pensamentos de Eragon. Sempre que fechava os olhos, via Murtagh batendo-lhe, os dedos escamosos da pata de Thorn fechando-se em torno dela e o dragão vermelho levantando voo na noite. Essas memórias apenas contribuía para que ele se sentisse mais infeliz, mas não conseguia parar de revivê-las.

Quando o conclave se dispersou, Eragon fez sinal a Roran, Jörmundur e Arya. Eles seguiram-no de regresso à sua tenda sem o questionar. Aí Eragon perdeu algum tempo aconselhando-se com eles e planejando o dia seguinte.

— Tenho certeza de que o Conselho dos Anciãos vão lhe dar alguns problemas — disse Jörmundur. — Eles não lhe consideram tão experiente em política como Nasuada, pelo que tentarão tirar proveito disso. — O guerreiro de longos cabelos parecia extraordinariamente calmo desde o ataque, tão calmo que Eragon desconfiou que ele estivesse prestes a se arrebentar em lágrimas, ou à beira de um ataque de raiva, talvez ambas as coisas.

— E não sou — disse Eragon.

Jörmundur inclinou a cabeça.

— Apesar disso, terá de aguentar firme. Eu posso ajudar-lhe um pouco, mas tudo dependerá em grande parte da forma como se comportar. Se lhes permitir que influenciem excessivamente as suas decisões, pensarão que foram eles que herdaram a liderança dos Varden e não você.

Eragon olhou de relance para Arya e Saphira, com um ar preocupado.

Não tenham medo, disse Saphira a todos eles. Ninguém conseguirá lhe fazer frente enquanto eu estiver de vigia.

Quando a pequena reunião secundária chegou ao fim, Eragon esperou que Arya e Jörmundur saíssem da tenda, agarrando depois Roran pelo ombro.

— Estava falando sério quando disse que isso era uma batalha de deuses?

Roran ficou olhando-o.

— Sim... Você, Murtagh e Galbatorix são muito poderosos para serem derrotados por uma pessoa normal. Não está certo, nem é justo, mas é assim. Somos como formigas debaixo das suas botas. Faz ideia de quantos homens matou sozinho?

— Muitos.

— Exatamente. Fico feliz por estar aqui para lutar por nós e por poder contar contigo como meu irmão, em tudo menos no nome, mas desejava não ter de recorrer a um Cavaleiro, a Elfos ou a qualquer outro tipo de feiticeiro para ganhar esta guerra. Ninguém deveria estar à mercê de outras pessoas. Pelo menos, não desta forma. Desequilibra o mundo.

Dito isso, Roran abandonou a tenda.

Eragon afundou-se no seu catre, como se tivesse sido atingido no peito. Ficou ali sentado durante algum tempo, suando e pensando, até que a tensão na sua mente o fez levantar-se bruscamente e sair apressado.

Ao sair da tenda, os seis Falcões Noturnos, levantaram-se de imediato, preparando as armas para o acompanharem para onde quer que ele fosse.

Eragon fez-lhes sinal para ficarem onde estavam. Embora ele tivesse protestado, Jörmundur fez questão de destacar os guardas de Nasuada para protegê-lo, além de Blödhgarm e dos outros elfos.

— Todo cuidado é pouco — disse Jörmundur. Eragon não gostava de ter mais gente a segui-lo para todo o lado, mas foi forçado a aceitar.

Passou pelos guardas, encaminhando-se apressadamente para o local onde Saphira estava enroscada no chão.

Ao aproximar-se, ela abriu um olho e levantou a asa para ele engatinhar para debaixo dela e aninhar-se contra a sua barriga quente.

Pequenino, disse ela, e começou a ronronar suavemente.

Eragon encostou-se em Saphira, ouvindo-a ronronar e sentindo o restolhar suave do ar entrando e saindo dos seus poderosos pulmões.

Por trás de si, a barriga dela dilatava-se e contraía-se a um ritmo suave e relaxante.

Em qualquer outra altura a sua presença teria sido o suficiente para acalmá-lo, mas não neste momento. A mente recusava-se a abrandar, a pulsação continuava a lhe martelar o peito e tinha os pés e as mãos desconfortavelmente quentes.

Guardou as sensações para si, evitando perturbar Saphira.

Fatigada dos dois combates com Thorn, ela depressa mergulhou num sono profundo, e o ronronar deu lugar ao ruído constante da sua respiração.

Mas os pensamentos de Eragon continuavam sem lhe dar tréguas. Voltava constantemente à mesma evidência inverossímil e irrefutável: ele era o líder dos Varden. Ele, que anteriormente não passava do elemento mais novo de uma família pobre de lavradores, era agora o líder do segundo maior exército de Alagaësia. O simples fato de isso ter acontecido parecia-lhe ultrajante, como se o destino estivesse brincando com ele, o atraindo para uma armadilha que iria destruí-lo. Nunca o desejou, nem o procurou, no entanto os acontecimentos tinham-lhe imposto esse fardo.

O que teria Nasuada na cabeça quando me escolheu para seu sucessor?, perguntou-se. Recordou as razões que ela lhe deu, mas estas não contribuíram em nada para atenuar as suas dúvidas. Será que ela acreditava mesmo que eu conseguiria substituí-la? Porque não Jörmundur? Há décadas que está com os Varden, e sabe muito mais do que eu acerca de comando e estratégia.

Eragon recordou o momento em que Nasuada decidiu aceitar a aliança dos Urgals, apesar de todo o ódio e dor que existia entre as duas raças e de o seu pai ter sido morto pelos Urgals. *Teria eu conseguido fazer isso? Não lhe parecia — pelo menos, nessa altura.*

Conseguirei tomar esse tipo de decisões agora, se for necessário para derrotar Galbatorix?

Eragon não tinha a certeza.

Fez um esforço para sossegar a mente. Fechou os olhos e concentrou-se na respiração, contando as inspirações em séries de dez, mas era difícil concentrar-se nessa tarefa; ao fim de alguns segundos, outro pensamento ou sensação ameaçavam distraí-lo e era frequente perder o fio à meada.

Ao seu tempo, contudo, o corpo começou a descontrair-se e, quase sem perceber, ele foi envolvido pelas sucessivas visões coloridas das suas divagações.

Teve muitas visões, algumas sombrias e inquietantes, pois as divagações refletiam os acontecimentos do dia anterior. Outras eram agrídoces: memórias do passado ou do que ele desejava que o passado tivesse sido.

Depois, como uma súbita mudança de vento, as visões ondularam e tornaram-se mais duras e substanciais, como se fossem realidades tangíveis e ele lhes pudesse tocar se esticasse um braço. Tudo ao redor desapareceu e Eragon contemplou outro tempo e outro lugar — um lugar simultaneamente estranho e familiar, como se o tivesse visto uma vez, há muito tempo atrás, e depois tivesse se esquecido dele.

Eragon abriu os olhos, mas as imagens permaneceram, ocultando tudo à sua volta, e ele percebeu que aquilo não era uma visão normal:

Diante de si estendia-se uma planície escura e plana, cortada por um único curso de água que fluía lentamente para leste, como uma tira de prata batida, sob uma lua cheia e brilhante... Uma embarcação alta e imponente, com velas brancas, imaculadas, içadas e prontas a flutuar no rio sem nome... Fileiras de guerreiros, empunhando lanças, e duas figuras encapuzadas caminhando entre eles, como numa grandiosa procissão. O cheiro de salgueiros e choupos e uma sensação de mágoa passageira... E, depois, o grito angustiado de um homem, um vislumbre de escamas e uma confusão de movimento que revelava menos do que escondia.

E, a seguir, apenas o silêncio e a escuridão.

A visão de Eragon clareou e ele deu de novo consigo debaixo da asa de Saphira. Respirou fundo, percebendo que estava contendo a respiração, e limpou as lágrimas com a mão tremula.

Não conseguia perceber por que razão aquela visão o afetou tanto.

Seria aquilo uma premonição? pensou. Ou algo que esteja de fato acontecendo neste preciso momento? E que importância tem para mim?

Depois disso, não conseguiu continuar descansando e as preocupações regressaram com força, assaltando-o incessantemente e mordendo lhe a mente como um bando de ratos, cujas dentadas pareciam envenená-lo aos poucos.

Por fim, saiu de baixo da asa de Saphira — com cuidado para não acorda-la — e regressou à tenda.

Tal como já tinha acontecido, os Falcões Noturnos levantaram-se mal o viram. O comandante, um homem atarracado, com o nariz torto, veio ao encontro de Eragon.

— Precisa de alguma coisa, Matador de Espectros? — perguntou.

Eragon lembrava-se vagamente que o homem se chamava Garven e de Nasuada lhe contar que ele perdeu o juízo depois de examinar a mente dos Elfos. Agora parecia estar bem, embora tivesse um olhar um pouco aluado. Apesar disso, Eragon deduziu que Garven estivesse em condições de cumprir o seu dever, caso contrário Jörmundur jamais o teria autorizado a regressar ao posto.

— Neste momento não, Capitão — respondeu Eragon, em voz baixa. Deu mais um passo e parou. — Quantos membros dos Falcões Noturnos foram mortos hoje?

— Seis, senhor. Um turno de vigia inteiro. Ficaremos com poucos homens durante alguns dias, até encontrarmos substitutos adequados, pelo que precisaremos de mais recrutas. Queremos duplicar o corpo de guardas ao seu redor. — Uma expressão de angústia perturbou o seu olhar. — Nós fracassamos com ela, Matador de Espectros. Se lá tivéssemos mais homens, talvez...

— Todos nós fracassamos — disse Eragon. — E se lá tivessem mais homens, mais teriam morrido.

O homem hesitou e depois acenou com a cabeça, com uma expressão de dor.

Eu fracassei com ela, pensou Eragon, ao baixar-se para entrar na tenda. Nasuada era sua suserana; protegê-la era mais um dever seu do que dos Falcões Noturnos, no entanto, a única vez que ela tinha precisado da sua ajuda ele foi incapaz de salva-la.

Eragon praguejou furiosamente para si mesmo.

Como seu vassalo, devia tentar descobrir uma forma de resgata-la, pondo tudo o resto de parte, mas também sabia que Nasuada não iria querer que ele abandonasse os Varden por sua causa. Preferiria certamente sofrer e morrer a permitir que a sua ausência prejudicasse a causa à qual devotara toda a sua vida.

Eragon voltou a praguejar e começou a andar de um lado para o outro, dentro da tenda.

Eu sou o líder dos Varden.

Agora que ela tinha desaparecido é que dava conta que Nasuada se tornara muito mais do que a sua suserana e comandante; tornara-se sua amiga e ele sentia o mesmo desejo de protegê-la tal como sentia em relação à Arya. Contudo, isso poderia acabar por levar à derrota dos Varden.

Eu sou o líder dos Varden.

Pensou em todas as pessoas que tinha agora sob a sua responsabilidade; Roran e Katrina, o resto dos aldeões de Carvahall, as centenas de guerreiros ao lado dos quais lutou; os Anões, os meninos-gato, e até mesmo os Urgals. Todos estavam agora sob o seu comando, dependentes da sua capacidade de tomar as decisões certas para derrotarem Galbatorix e o Império.

Eragon sentiu a pulsação acelerar e a sua visão tremeu. Parou e agarrou-se ao poste no meio da tenda, limpando o suor da testa e do lábio superior.

Quem me dera ter alguém com quem falar. Pensou em acordar Saphira, mas pôs essa ideia de lado. O seu repouso era mais importante do que ouvir as suas queixas, e também não queria sobrecarregar Arya nem Glaedr com problemas que eles não podiam resolver. De qualquer forma, ele duvidava poder encontrar em Glaedr um ouvinte compreensivo, quando a sua última troca de palavras foi tão corrosiva.

Eragon retomou o monótono circuito: três passos para frente, virar, três passos para trás, virar, repetir.

Ele tinha perdido o cinto de Beloth, o Sábio, tinha permitido que Murtagh e Thorn capturassem Nasuada e, agora, tinha os Varden sob o seu comando.

Os mesmos pensamentos repetiam-se incessantemente e, de cada vez que se repetiam, a ansiedade aumentava. Era como se estivesse num labirinto sem fim e em cada esquina oculta houvesse um monstro, à espera, para atacá-lo. Apesar do que disse durante a reunião com Orik, Orrin e os outros, Eragon não via como poderia derrotar Galbatorix, juntamente com os Varden e os seus aliados.

Não teria sido sequer capaz de resgatar Nasuada, se tivesse podido ir atrás dela para tentar salvá-la. Um sentimento de amargura cresceu dentro de si. A missão que tinham diante deles parecia um caso perdido. *Porque haveria de nos acontecer isto?* praguejou e mordeu a boca por dentro até não aguentar a dor.

Parou de andar e aninhou-se no chão com as mãos em torno da nuca.

— Não vamos conseguir, não vamos conseguir — sussurrou ele, balançando o corpo sobre os joelhos. — Não vamos.

Em desespero, Eragon pensou em rezar ao deus anão Gûntera e pedir-lhe ajuda, tal como já fez. Seria um alívio colocar os seus problemas a alguém superior a si e confiar o seu destino a esse poder. Fazê-lo, iria ajudá-lo a aceitar o seu destino — bem como o destino daqueles que amava — com uma maior serenidade, na medida em que já não seria diretamente responsável pelo que acontecesse.

Mas Eragon não conseguiu decidir-se a proferir a oração. Ele era o responsável pelos seus destinos, quer isso lhe agradasse ou não, e achou que seria errado transferir a responsabilidade para outra pessoa, mesmo que fosse um deus — ou o conceito de um deus.

O problema é que ele não se achava capaz de fazer o que tinha de ser feito. Podia comandar os Varden, disso tinha quase a certeza. Quanto a conquistar Urû'baen e matar Galbatorix, não sabia o que fazer. Não tinha força para defrontar Murtagh, muito menos o rei, e parecia-lhe altamente improvável conseguir encontrar uma forma de contornar as proteções de ambos.

Dominar as suas mentes, ou pelo menos a de Galbatorix, parecia-lhe igualmente improvável.

Eragon enterrou os dedos na nuca, esticando e arranhando a pele, enquanto ponderava freneticamente em todas as possibilidades, por muito improváveis que lhe parecessem.

Depois pensou no conselho que Solembum lhe deu em Teirm, há bastante tempo atrás. O menino-gato disse:

Se me escutar com atenção, eu digo-lhe duas coisas. Quando chegar a hora e precisar de uma arma, procura sob as raízes da árvore Menoa. Depois, quando tudo lhe parecer perdido e o seu poder for insuficiente, vai ao Rochedo de Kuthian e diga o seu nome para abrir o Cofre das Almas.

Eragon veio a comprovar que o que ele disse em relação à árvore Menoa era verdade. Debaixo dela encontrou o aço brilhante de que precisava para a lâmina da sua espada. E uma esperança desesperada estava agora crescendo dentro de si, ao ponderar na segunda afirmação do menino-gato.

Se alguma vez senti que o meu poder era insuficiente e que tudo estava perdido foi agora, pensou Eragon. Contudo, não fazia ideia onde ficava o Rochedo de Kuthian ou o Cofre das Almas, nem o que eram. Perguntou várias vezes a Oromis e a Arya, mas eles nunca tinham-lhe respondido.

Eragon projetou a mente e procurou pelo acampamento até encontrar o toque característico da consciência do menino-gato.

Solembum, disse ele, *preciso da sua ajuda! Por favor vem à minha tenda.*

Momentos depois, sentiu a confirmação contrariada do menino-gato e cortou o contato.

Depois ficou sentado sozinho no escuro... à espera.

Fragmentos Nebulosos

Só um quarto de hora depois, um movimento na aba da tenda de Eragon anunciou a entrada de Solembum, que caminhava quase sem ruído sobre as patas almofadadas.

O menino-gato, amarelo-torrado, passou por Eragon sem olhar para ele, saltou para cima do catre, instalou-se entre os cobertores e começou a lamber a membrana entre as garras da pata direita. Ainda sem olhar para Eragon, disse:

Eu não sou nenhum cão para aparecer sempre que me chama, Eragon.

— Nunca achei que fosse — respondeu Eragon. — Mas preciso de você, e o assunto é urgente.

Mmm. O ruído áspero da língua de Solembum tornou-se mais intenso ao concentrar-se na almofada coriácea da pata. Então fala, Matador de Espectros. O que quer?

— Um momento. — Eragon levantou-se e aproximou-se do poste onde a lanterna estava pendurada. — Vou iluminar isto — avisou. Depois proferiu uma palavra na língua antiga e surgiu uma chama no pavio da lanterna, inundando a tenda de uma luz quente e trêmula.

Tanto Eragon como Solembum franziram os olhos, aguardando que a visão se adaptasse ao aumento de claridade, e quando a luz deixou de parecer desconfortável, Eragon sentou-se no banco, não muito longe do catre.

O menino-gato observava-o com uns olhos cor de gelo, intrigando-o.

— Os seus olhos não eram de uma cor diferente? — perguntou ele.

Solembum piscou uma vez os olhos e estes passaram de azuis a dourados. Depois continuou a limpar a pata.

O que quer, Matador de Espectros? A noite é para fazer coisas e não para ficar sentado conversando. Sacudiu a ponta da cauda franjada de um lado para o outro.

Eragon umedeceu os lábios. A esperança estava o deixando nervoso

— Solembum, você me disse que deveria ir ao Rochedo de Kuthian abrir o Cofre das Almas, quando tudo parecesse estar perdido e o meu poder fosse insuficiente.

O menino-gato parou de se lamber.

Ah, isso.

— Sim. Preciso saber o que queria dizer. Se houver alguma coisa que nos possa ajudar a enfrentar Galbatorix, eu preciso saber agora — não mais tarde, quando conseguir resolver essa ou aquela charada, mas agora. Onde fica o Rochedo de Kuthian, como abro o Cofre das Almas e o que encontrarei lá dentro?

As orelhas de pontas negras de Solembum inclinaram-se ligeiramente para trás, e as garras da pata que estava limpando, saíram parcialmente da cobertura de pele.

Não sei.

— Não sabe? — exclamou Eragon, incrédulo.

Tem de repetir tudo o que digo?

— Como é possível que não saiba?

Não sei.

Inclinando-se para frente, Eragon agarrou na pata grande e pesada de Solembum. O menino-gato baixou as orelhas e bufou, curvando a pata para dentro e enterrando as garras na mão de Eragon. Este esboçou um sorriso tenso, fazendo por ignorar a dor. O menino-gato era mais forte do que ele esperava. Parecia quase capaz de atirá-lo do banco.

— Não há aqui mais charadas — disse Eragon. — Preciso saber a verdade, Solembum. Onde obtive essa informação e o que significa?

O pelo do dorso de Solembum eriçou-se.

Às vezes as charadas são a verdade, meu estúpido. Agora me deixe ir embora senão desfaço-lhe a cara e dou as suas tripas de comer aos corvos.

Eragon continuou a prender-lhe a pata durante algum tempo, mas depois a largou e recostou-se, fechando a mão com força para atenuar a dor e estancar a hemorragia.

Solembum olhou-o ferozmente de olhos semicerrados, abandonando a postura de indiferença.

Se eu disse que não sabia é porque não sei, apesar do que possa pensar. Não faço ideia onde fica o Rochedo de Kuthian, nem como poderá abrir o Cofre das Almas, tão pouco o que ele contém.

— Diz isso na língua antiga.

Os olhos de Solembum fecharam-se mais, repetindo o que lhe tinha dito na língua dos Elfos, e Eragon percebeu que ele estava dizendo a verdade.

Tinha tantas questões em mente que mal sabia o que perguntar primeiro.

— Então, como soube da existência do Rochedo de Kuthian?

Solembum voltou a sacudir a cauda, alisando as pregas do cobertor.

Pela última vez, não sei. Nem eu nem ninguém da minha espécie.

— Então, como... — Eragon silenciou, confuso.

Pouco depois da queda dos Cavaleiros, instalou-se entre os elementos da nossa raça a convicção de que se encontrássemos um novo Cavaleiro — um Cavaleiro que não estivesse comprometido com Galbatorix — lhe deveríamos dizer o que eu te disse sobre a árvore de Menoa e o Rochedo de Kuthian.

— Mas... de onde veio a informação?

Solembum franziu o focinho e sorriu desagradavelmente, de dentes arreganhados.

Isso não faço ideia. Sei apenas que o responsável tinha boas intenções.

— Como pode saber isso? — exclamou Eragon. — E se foi Galbatorix? Poderia estar tentando engana-los. Poderia estar tentar enganar a mim e a Saphira para conseguir nos capturar.

Não, disse Solembum e as garras enterraram-se no cobertor por baixo de si. Os homens-gato não se deixam enganar tão facilmente como os outros. Não é Galbatorix que está por trás disto. Disso tenho certeza. Fosse quem fosse que queria que você obtivesse essa informação, é a mesma pessoa ou criatura que permitiu que encontrasse o aço brilhante para a sua espada. Galbatorix faria uma coisa dessas?

Eragon franziu as sobrancelhas.

— Não tentaram descobrir quem estava por trás disto?

Tentamos.

— E?

Falhamos. O menino-gato eriçou o pelo. Há duas possibilidades. A primeira é que as nossas memórias tenham sido alteradas contra a nossa vontade e nós sejamos os peões de uma entidade perversa. A segunda é que concordássemos com a alteração por qualquer razão. Talvez nós próprios tivéssemos erradicado as memórias. Acho difícil e desagradável de conceber que alguém tenha conseguido interferir com a nossa mente. Que isso sucedesse a alguns até entenderia, mas a toda a raça? Não, não pode ser.

— Porque teriam confiado essa informação aos meninos-gato?

Porque sempre fomos amigos dos Cavaleiros e dos Dragões, suponho... Nós somos os observadores, os ouvintes, os errantes. Andamos sozinhos por locais obscuros do mundo e recordamos o presente e o passado.

Solembum desviou o olhar.

Entende uma coisa, Eragon. Nenhum de nós está feliz com a situação. Nos questionamos durante muito tempo, se o fato de transmitirmos essa informação quando chegasse o momento, poderia trazer mais infortúnio do que bem. Mas a decisão final foi minha e eu decidi contar-lhe, pois me pareceu que precisava de toda a ajuda possível. Entenda como quiser.

— Mas o que eu posso fazer? — disse Eragon. — Como eu vou encontrar o Rochedo de Kuthian?

Isso não sei.

— Então de que vale a informação? Era preferível nunca a ter ouvido.

Solembum piscou os olhos uma vez.

Há algo que lhe posso revelar. Pode não significar nada, mas é possível que lhe indique o caminho.

— O quê? O que é?

Se esperar um pouco, eu digo-lhe. Quando te conheci em Teirm, tive a estranha sensação de que deveria ter o livro Domia abr Wyrda. Demorei algum tempo a consegui-lo, mas foi graças a mim que Jeod o deu. O menino-gato levantou a outra pata e começou a lambê-la, depois de um exame superficial.

— Teve mais sensações estranhas nos últimos meses? — perguntou Eragon.

Apenas o desejo de comer um pequeno cogumelo vermelho, mas passou depressa.

Eragon roncou e curvou-se para tirar o livro de debaixo do catre, onde o guardava com o seu material de escrita. Olhou para o grande volume com uma capa de couro, abrindo-o aleatoriamente. Como de costume, o amontoado de runas no interior não fez grande sentido, à primeira vista, e só com um esforço concertado, ele conseguiu decifrar algumas:

... se acreditarmos nas palavras de Taladorous, significa que as próprias montanhas foram o resultado de um feitiço. É claro que isso é absurdo, pois...

Eragon rosnou de frustração e fechou o livro.

— Não tenho tempo para isso. É muito extenso, e eu leio muito devagar. Já estudei uma série de capítulos e não vi nada relacionado com o Rochedo de Kuthian nem com o Cofre das Almas.

Solembum olhou-o por instantes.

Poderia pedir a alguém que o lesse, mas se houver algum segredo escondido no Domia abr Wyrda você poderá ser o único capaz de vê-lo.

Eragon resistiu ao desejo de praguejar, levantando-se do banco e começando a andar de um lado para o outro.

— Porque não me falou nisso antes?

Não parecia importante. Ou bem que o conselho sobre o cofre e o rochedo ajudava ou não. Conhecer as origens dessa informação — ou não as conhecer — não... iria... alterar... nada!

Mas se eu soubesse que o livro tinha alguma coisa a ver com o Cofre das Almas, teria passado mais tempo a lê-lo.

Mas nós não sabemos se tem, disse Solembum. A língua deslizou-lhe da boca e ele lambeu os bigodes de ambos os lados do focinho, alisando-os. O livro pode não ter nada a ver com o Rochedo de Kuthian nem com o Cofre das Almas. Quem sabe? Além disso, você já está lendo. Será que teria realmente perdido mais tempo com ele, se eu te dissesse que tinha a impressão — e nada mais que isso, atenção — que o livro poderia ter alguma importância para você? Humm?

— Talvez não... mas ainda assim deverias ter me dito.

O menino-gato entalou as patas dianteiras debaixo do peito e não respondeu.

Eragon franziu as sobrancelhas e agarrou no livro como se quisesse desfazê-lo em pedaços.

— Isto pode fazer toda a diferença. Deve haver outra informação qualquer de que se esqueceu.

Muitas, mas nenhuma relacionada com isso, creio eu.

— Nunca encontrou nada que pudesse explicar esse mistério, em nenhuma das suas viagens por Alagaësia, com Angela ou sem ela? Nem que fosse apenas algo que pudesse ser usado contra Galbatorix?

Encontrei você, não foi?

— Isso não é piada — rosnou Eragon. — Tem de saber algo mais, raios!

Não sei.

— Então pense! Se eu não conseguir arranjar nada que me ajude a enfrentar Galbatorix, seremos derrotados, Solembum. Seremos derrotados e a maior parte dos Varden morrerão, incluindo os meninos-gato.

Solembum voltou a bufar.

O que espera de mim, Eragon? Não posso inventar ajuda onde ela não existe. Lê o livro.

— Chegaremos a Urû'baen antes que consiga acaba-lo. Mais valia o livro não existir.

Solembum voltou a baixar as orelhas.

A culpa não é minha.

— Não quero saber se a culpa é sua ou não. Quero apenas arranjar uma maneira de evitar que acabemos mortos ou escravizados. Pense! Tem de saber mais alguma coisa!

Solembum deixou escapar um rosnado baixo e ondulante. *Não sei e...*

— Tem de saber, caso contrário estamos todos condenados!

No instante em que o disse, Eragon viu uma mudança operar-se no menino-gato. As orelhas de Solembum endireitaram-se, os bigodes assentaram, o olhar suavizou-se, perdendo o brilho severo. Além de que a mente do menino-gato ficou estranhamente vazia, como se a sua consciência tivesse sido neutralizada ou removida.

Eragon ficou paralisado e hesitante.

Depois ouviu Solembum dizer mentalmente, num tom tão insípido e falho de cor, como uma poça de água sob um céu invernosos carregado de nuvens:

Capítulo quarenta e sete, página três. Começa por ler a segunda passagem.

O olhar de Solembum iluminou-se e as orelhas voltaram à posição anterior.

O que é?, perguntou ele, visivelmente irritado. Porque está pasmado olhando para mim dessa maneira?

— O que é que disse?

Disse que não sabia mais nada e que...

— Não, não a outra coisa acerca do capítulo e da página.

Não brinque comigo. Eu nunca disse isso.

— Disse sim.

Solembum estudou-o durante alguns segundos, acrescentando depois mentalmente, num tom sereno:

Diga-me exatamente o que ouviu, Cavaleiro de Dragão

Eragon repetiu as palavras o mais fielmente possível. Quando terminou, o menino-gato ficou em silêncio durante algum tempo.

Não me recordo disso.

— O que acha que significa?

Significa que deveria ir ver o que está na página três do capítulo quarenta e sete.

Eragon hesitou. Entretanto concordou e começou a folhear as páginas. Ao fazê-lo, lembrou-se do capítulo em questão; era o capítulo dedicado ao rescaldo da cisão entre os Cavaleiros e os Elfos, na sequência da curta guerra dos Elfos com os humanos. Eragon leu o início dessa passagem, mas parecia tratar-se de um debate enfadonho sobre tratados e negociações, por isso deixara-a para outra hora.

Depressa chegou à página indicada. Seguindo as linhas de runas com a ponta do dedo, Eragon leu pausadamente, em voz alta:

... O clima da ilha é extraordinariamente ameno em comparação com as áreas do continente, na mesma latitude. Os verões são normalmente frescos e chuvosos, mas os invernos são amenos e tendem a não se fazer acompanhar do frio brutal característico das regiões ao norte da Espinha, o que significa que os cereais poderiam ser semeados durante uma boa parte

do ano. Segundo consta, o solo é rico e fértil — a única vantagem dos vulcões que se diz entrarem em erupção de tempos a tempos, cobrindo a ilha com uma espessa camada de cinzas — e as florestas estão povoadas de caça grossa — a preferida dos dragões — incluindo inúmeras espécies que não é possível encontrar noutros pontos de Alagaësia.

Eragon fez uma pausa.

— Nada disto parece ser relevante.

Continua a ler.

Eragon franziu as sobrancelhas e passou ao parágrafo seguinte.

Foi aí, no grande caldeirão, ao centro de Vroengard que os Cavaleiros construíram a famosa cidade de Doru Araeba.

Doru Araeba! A única cidade da história concebida para abrigar Dragões, Elfos e humanos. Doru Araeba! Um local de magia, conhecimento e mistérios ancestrais. Doru Araeba! O próprio nome parece vibrar de entusiasmo. Nunca existiu nem voltará a existir uma cidade como essa, agora perdida e destruída — desfeita em pó por Galbatorix, o usurpador.

Os edifícios foram construídos ao estilo dos Elfos — mais tarde com alguma influência dos Cavaleiros humanos —, mas eram de pedra e não de madeira, pois como é óbvio para o leitor, os edifícios de madeira não tinham grande futuro junto de criaturas de garras aguçadas como lâminas, capazes de expelir fogo. Contudo, a característica mais notável de Doru Araeba era a sua gigantesca escala. Todas as ruas tinham espaço suficiente para dois dragões caminharem lado a lado e as salas e as entradas — salvo raras exceções — eram suficientemente espaçosas para dragões de quase todos os tamanhos.

Em consequência disso, Doru Araeba estendia-se em todas as direções, salpicada de edifícios de gigantescas proporções, capazes de impressionar um elfo. Jardins e fontes eram comuns por toda a cidade, devido ao amor desmesurado dos Elfos pela natureza, e viam-se inúmeras torres altas entre os palácios e as fortalezas dos Cavaleiros.

Para se protegerem de ataques, os Cavaleiros instalaram torres de vigia e fortes nos picos que rodavam a cidade, e mais do que um dragão e Cavaleiro possuíam uma caverna bem equipada, no alto das montanhas, onde viviam isolados do resto da ordem. Os dragões mais velhos, de maiores dimensões, tinham especial predileção por essas acomodações, pois preferiam a solidão e o fato de viverem acima do solo do caldeirão permitia-lhes levantar voo mais facilmente.

Eragon interrompeu a leitura, frustrado. A descrição de Doru Araeba era interessante, mas já tinha lido outros relatos sobre a cidade dos Cavaleiros, durante o tempo que passou em Ellesméra e também não lhe agradava ter de decifrar as runas encavalitadas umas em cima das outras — um processo minucioso, mesmo nas melhores condições.

— Isso é inútil — disse, baixando o livro.

Solembum parecia tão aborrecido como Eragon.

Não desista ainda. Lê mais duas páginas. Se não encontrar nada, depois pode parar.

Eragon respirou fundo e concordou, fazendo deslizar o dedo pela página até encontrar o local onde parou, e voltou a ler:

A cidade continha muitas maravilhas: desde a Fonte Cantante de Eldimírim, a fortaleza de cristal de Svellhjal, às próprias colônias de dragões. Mas, apesar de todo o seu esplendor, creio que o maior tesouro de Doru Araeba era a sua biblioteca. Não pelo fato de ser imponente — embora fosse de fato imponente —, mas porque os Cavaleiros ali reuniram, ao longo dos séculos, no mais abrangente depósito de conhecimento de todo o território. Na altura da queda dos Cavaleiros existiam apenas três bibliotecas equiparáveis — a de Ilirea, a de Ellesméra e a de Tronjheim —, e nenhuma continha tanta informação sobre artes mágicas, como a de Doru Araeba.

A biblioteca ficava no extremo noroeste da cidade, perto dos jardins que circundavam o Pináculo de Moraeta, também conhecido como o Rochedo de Kuthian...

A voz morreu-lhe na garganta ao olhar para o nome, mas momentos depois Eragon retomou a leitura, mais pausadamente.

... também conhecido como o Rochedo de Kuthian (ver capítulo doze), não muito longe do planalto onde os líderes dos Cavaleiros se reuniam quando os diferentes reis e rainhas os visitavam para lhes pedir algo.

Uma sensação de assombro e de medo invadiu Eragon. Alguém ou alguma coisa lhe permitiu obter aquela informação em particular, a mesma pessoa ou coisa que lhe tinha possibilitado descobrir o aço brilhante para a sua espada. A ideia era assustadora e agora que ele sabia para onde ir, já não tinha tanta certeza de que lá queria ir.

O que o esperaria em Vroengard? Tinha medo de especular, receando alimentar expectativas impossíveis de se concretizar.

Perguntas sem Resposta

Eragon procurou no *Domia abr Wyrda* até encontrar a referência a Kuthian, no capítulo doze. Mas, para sua desilusão, tudo o que dizia era que Kuthian foi um dos primeiros Cavaleiros a explorar a Ilha de Vroengard.

Depois, fechou o livro e ficou a olhá-lo, passando o dedo por uma nervura ao longo da lombada. Solembum estava também em silêncio, no catre.

— Você acha que o Cofre das Almas contém espíritos? — perguntou Eragon.

Os espíritos não são as almas dos mortos.

— Não, mas o que mais poderiam ser?

Solembum levantou-se de onde esteve sentado e espreguiçou-se, produzindo uma onda de movimento ao longo do dorso, desde a cabeça à cauda.

Se souber, eu gostaria que me contasse o que descobriu.

— Acha que Saphira e eu deveríamos ir lá?

Eu não posso dizer-lhe o que deve fazer. Se for uma armadilha, significa que toda a minha raça foi dominada e escravizada sem o saber. E que é preferível que os Varden se rendam agora, pois nunca conseguirão ser mais espertos do que Galbatorix. Se não for, poderá ser uma oportunidade de conseguirmos ajuda num local onde nunca julgávamos poder obter. Não faço ideia. Tem de decidir por si se vale a pena aproveitar a oportunidade. No que me diz respeito, já tenho que chegue desse mistério.

Saltou do catre e encaminhou-se para a abertura da tenda, onde parou e olhou para Eragon. *Há muitas forças estranhas em Alagaësia, Matador de Espectros. Eu vi coisas em que é difícil acreditar: redemoinhos de luz girando em cavernas, muitos metros abaixo do chão, homens que rejuvenescem, pedras que falam e sombras que se movem. Salas maiores por dentro do que por fora... Galbatorix não é o único poder no mundo, e poderá nem ser o maior. Use o bom senso, Matador de Espectros, e se decidir ir, vá com cuidado.*

Dito isto, o menino-gato esgueirou-se para fora da tenda e desapareceu na escuridão.

Eragon respirou fundo e recostou-se. Sabia o que tinha de fazer.

Tinha de ir a Vroengard, mas não podia tomar essa decisão sem primeiro consultar Saphira.

Tocando-lhe levemente com a mente, acordou-a e, depois de lhe assegurar que não se passava nada de errado, partilhou com ela as memórias da visita de Solembum.

Ela ficou tão atônita quanto ele e quando Eragon terminou, disse:

Não me agrada a ideia de ser a marionete de quem encantou os meninos-gato.

A mim também não, mas que alternativa temos? Se Galbatorix estiver por trás disto, estaremos nos entregando à suas mãos, mas se não formos será exatamente isso que estaremos fazendo, quando chegarmos a Urû'baen.

A diferença é que teríamos os Varden e os Elfos com a gente.

Isso é verdade.

Ficaram em silêncio, durante algum tempo, e depois Saphira disse:

Concordo, concordo. Devemos ir. Precisamos de garras mais longas e dentes mais aguçados, se quisermos vencer Galbatorix e Shruikan, para além de Murtagh e Thorn. Por outro lado, Galbatorix espera que partamos de imediato para Urû'baen, na esperança de resgatar Nasuada e, se há uma coisa que me dá comichões nas escamas, é fazer o que os nossos inimigos esperam.

Eragon acenou com a cabeça.

E se isto for uma armadilha?

Ouviu-se um rosnado suave do exterior da tenda.

Nesse caso, ensinaremos quem a planejou, assim como ensinaremos a temer o nosso nome, mesmo que seja Galbatorix.

Eragon sorriu. Era a primeira vez que se sentia determinado a agir, desde o rapto de Nasuada. Ali estava algo que poderiam fazer — um meio através do qual seria possível alterar o desenrolar dos acontecimentos, em vez de ficarem ali parados como observadores passivos.

— Então está bem — murmurou ele.

Arya chegou à tenda escassos segundos depois de a contatar. A rapidez intrigou-o, até ela lhe explicar que tinha estado de guarda com Blödhgarm e os outros elfos, para o caso de Murtagh e Thorn voltarem.

Depois, Eragon comunicou mentalmente com Glaedr, persuadindo-o a reunir-se à conversa, embora o dragão estivesse rabugento e pouco disposto a falar.

Logo que os quatro se uniram mentalmente — incluindo Saphira —

Eragon disse num tom arrebatado:

Eu sei onde fica o Rochedo de Kuthian!

Que rochedo é esse? resmungou Glaedr, num tom amargo.

O nome não me é estranho, disse Arya, mas não consigo situá-lo.

Eragon franziu o semblante, pois ambos já o tinham ouvido falar do conselho de Solembum. Esquecê-lo não parecia próprio de nenhum deles.

Ainda assim, Eragon repetiu a história do seu encontro com Solembum em Teirm. Depois, transmitiu-lhes as mais recentes revelações do menino-gato e leu-lhes a passagem do *Domia abr Wyrda*.

Arya prendeu uma madeixa de cabelo por trás das orelhas pontiagudas e disse, em simultâneo, com a mente e a voz:

— Diga outra vez como se chama o local?

— ... Pináculo de Moraeta ou Rochedo de Kuthian — respondeu Eragon, hesitando, surpreendido com a pergunta dela. — É um longo voo, mas...

... se Eragon e eu partirmos de imediato... disse Saphira.

... poderemos ir e vir...

... antes de os Varden chegarem a Urû'baen. Esta...

... é a única oportunidade que teremos de ir lá.

Não teremos tempo...

... de fazer a viagem mais tarde.

Mas para onde iriam voar? perguntou Glaedr.

O que... o que quer dizer com isso?

Exatamente o que disse, rosnou o dragão, e o seu campo mental ensombrou-se. Apesar de estarem aí tagarelando, ainda não nos disseram onde fica esse... local misterioso.

— Disse sim! — disse Eragon, estupefato. — Fica na Ilha de Vroengard!

Finalmente, uma resposta direta...

Arya franziu o semblante.

— Mas o que irá fazer em Vroengard?

— Não sei! — respondeu Eragon, cada vez mais irritado, ponderando se deveria confrontar Glaedr pelos seus comentários. O dragão parecia estar provocando Eragon deliberadamente. — Depende do que encontrarmos. Logo que lá chegarmos, tentaremos abrir o Rochedo de Kuthian e descobrir os segredos que contém. Se for uma armadilha... — encolheu os ombros — lutaremos.

Arya tinha uma expressão cada vez mais apreensiva.

— O Rochedo de Kuthian... o nome parece carregado de significado, mas não sei dizer por quê. Ecoa-me na mente como uma canção que em tempos soube mas que acabei por esquecer. — Abanou a cabeça e levou as mãos às têmporas. — Ah, agora me perdi...

— E olhou para cima. — Desculpem, de que estávamos falando?

— Ir a Vroengard — disse Eragon, lentamente.

— Ah, sim... mas com que propósito? Você é necessário aqui, Eragon. De qualquer forma, já não há nada de valor em Vroengard.

Sim, disse Glaedr, é um local morto e abandonado. Depois da destruição de Doru Araeba, os poucos dragões que escaparam, voltaram lá para ver se encontravam algo de útil, mas os Renegados já tinham limpadó as ruínas.

Arya acenou com a cabeça.

— Além de mais, quem é que lhe meteu essa ideia na cabeça? Não entendo como é possível que ache sensato abandonar os Varden agora que estão mais vulneráveis do que nunca. E para quê? Para voar até aos confins de Alagaësia sem qualquer motivo nem causa aparente? Tinha-lhe em melhor conta... Não pode partir só porque se sente desconfortável com a sua nova posição, Eragon.

Eragon desligou a sua mente de Arya e de Glaedr, e fez sinal a Saphira para que fizesse o mesmo.

Eles não se lembram!... Eles não conseguem se lembrar!

É magia. Magia profunda, como o feitiço que oculta os nomes dos dragões que traíram os Cavaleiros.

Mas você não se esqueceu do Rochedo de Kuthian, certo?

Claro que não, responde Saphira, verde de ressentimento. Como poderia esquecê-lo, estando nós tão intimamente ligados?

Uma sensação de vertigem apossou-se de Eragon, ao refletir sobre as implicações daquilo.

Para ser eficaz, o feitiço teria de apagar as memórias de todos os que soubessem da existência do rochedo e também as memórias de qualquer um que ouvisse falar dele ou lesse sobre o assunto, o que significa... que todos em Alagaësia estão sob o domínio deste encantamento. Ninguém lhe pode escapar.

Exceto nós.

Exceto nós, concordou Eragon, e os meninos-gato.

E talvez Galbatorix.

Eragon estremeceu. Era como se tivesse aranhas de cristal rastejando lhe ao longo da espinha. A dimensão do logro assombrava-o e fazia-o sentir-se pequeno e vulnerável. Confundir a mente de Elfos, Anões, humanos e dragões, sem levantar a mínima suspeita, era uma proeza tão difícil que ele duvidava que fosse fruto do uso deliberado de magia. Só por instinto se conseguiria isso, na medida em que o feitiço seria muito complicado de transpor em palavras.

Ele tinha de saber quem manipulou todas as mentes em Alagaësia e por quê. Se fosse Galbatorix, Solembum tinha razão e a derrota dos Varden seria inevitável.

Você acha que isto foi obra de dragões, tal como a Proibição dos Nomes?, perguntou ele.

Saphira demorou algum tempo a responder:

Talvez. Mas como Solembum te disse, há muitos poderes em Alagaësia. Enquanto não formos a Vroengard não teremos a certeza, nem de uma coisa nem de outra.

Se é que alguma vez vamos ter.

Sim.

Eragon passou os dedos pelo cabelo e, de repente, sentiu-se extraordinariamente cansado.

Porque tem tudo de ser tão difícil?, pensou ele.

Porque toda a gente quer comer, disse Saphira, *mas ninguém quer ser comido*.

Eragon roncou, sorrindo amargamente.

Apesar da rapidez com que ele e Saphira conseguiam trocar pensamentos, a conversa alongou-se tempo suficiente para que Arya e Glaedr tivessem reparado.

— Porque se fechou para nós? — perguntou Arya, desviando o olhar para uma das paredes da tenda, a mais próxima do local onde Saphira estava enroscada na escuridão. — Há algum problema?

Parece perturbado, acrescentou Glaedr.

Eragon conteve uma gargalhada seca.

— Talvez esteja mesmo. — Arya olhou-o apreensiva, vendo-o aproximar-se do catre, sentar-se junto deste e deixar cair os braços entre as pernas.

Eragon ficou em silêncio por instantes, enquanto mudava da sua língua nativa para a língua dos Elfos e da magia, e disse então:

— Confiam em mim e em Saphira?

Felizmente, a pausa que se seguiu foi breve.

— Confio — respondeu Arya, também na língua antiga.

Eu também, disse Glaedr da mesma forma.

Digo eu ou diz você? perguntou Eragon a Saphira.

Se quer lhes dizer, diga.

Eragon olhou para Arya, dirigindo-se depois a ambos ainda na língua antiga:

— Solembum revelou-me o nome de um lugar em Vroengard onde Saphira e eu poderemos encontrar alguém ou algo que nos ajude a derrotar Galbatorix. Porém, o nome está encantado e sempre que o digo, vocês esquecem-no pouco depois. — Arya ficou com um ar ligeiramente incrédulo. — Acredita em mim?

— Acredito — disse Arya, pausadamente.

Eu estou convencido de que acredita no que está dizendo, rosnou Glaedr, mas isso não significa que as coisas sejam exatamente como diz.

— Que mais posso fazer para prová-lo? Se eu lhes disser o nome ou partilhar as minhas memórias com vocês, vão se esquecer. Poderiam perguntar a Solembum, mas de que valeria?

De que valeria? Para começar, poderíamos comprovar que não foi enganado por algo que parecia ser Solembum. Quanto ao feitiço, deve haver uma forma de demonstrar que existe. Chama o menino-gato e veremos o que se pode fazer.

Importa-se?, perguntou Eragon a Saphira, pois achava mais provável que o menino-gato viesse se fosse ela a pedir-lhe.

Pouco depois, sentiu-a projetar a mente pelo acampamento e passados alguns instantes percebeu o toque da consciência de Solembum na sua mente. Depois de uma breve comunicação silenciosa entre ambos, Saphira anunciou:

Ele vem a caminho.

Esperaram em silêncio. Eragon olhava para as mãos, compilando mentalmente a lista de provisões necessárias para a viagem a Vroengard.

Quando Solembum afastou as palas da tenda e entrou, Eragon ficou surpreso ao ver que ele assumiu a forma humana: tinha a figura de um jovem insolente, de olhos escuros. O menino-gato trazia uma perna de ganso assado na mão esquerda e estava roendo-a.

Um anel de gordura cobria-lhe os lábios e o queixo, e tinha o peito nu salpicado de molho.

Enquanto mastigava uma tira de carne, Solembum apontou com o queixo pontiagudo para a extensão de terra onde estava enterrado o coração dos corações de Glaedr:

O que quer, espirra-fogo? perguntou ele.

Quero saber se é quem parece ser! disse Glaedr. A consciência do dragão pareceu cercar Solembum, pressionando-o como um amontoado de nuvens negras em torno de uma chama brilhante, fustigada pelo vento. A força do dragão era imensa e Eragon sabia, por experiência, que poucos conseguiam resistir-lhe.

Solembum cuspiu a carne com um uivo gutural e saltou para trás como se tivesse pisado uma víbora. Depois ficou onde estava, tremulo com o esforço, arreganhando os dentes aguçados com tamanha fúria nos seus olhos

amarelados, que Eragon levou a mão ao punho de Brisingr, por precaução. A chama enfraqueceu, mas manteve-se, como um ponto incandescente de luz num mar revolto de nuvens de trovoadas.

Um minuto depois, a tempestade acalmou e as nuvens recuaram, embora não desaparecessem por completo.

As minhas desculpas, menino-gato, disse Glaedr, mas tinha de ter a certeza.

Solembum bufou e o cabelo eriçou-se, dando-lhe a aparência de uma flor de cardo. *Se ainda tivesse o corpo, ancião, cortava-lhe a cauda por isto.*

Você, meu gatinho? Mal conseguiria me arranhar.

Solembum voltou a bufar. Deu meia-volta e encaminhou-se silenciosamente para a entrada da tenda, de ombros arqueados até às orelhas.

Espera, disse Glaedr. Falou a Eragon desse local em Vroengard, esse local de segredos de quem ninguém consegue se lembrar?

O menino-gato deteve-se e sacudiu a perna de ganso por cima da cabeça, num gesto displicente de impaciência, dizendo sem se virar:

Falei.

E falou-lhe na página do Domia abr Wyrda na qual ele descobriu onde ficava esse lugar?

É o que parece, mas eu não me lembro, e espero que o que lá estiver-lhe chamusque os bigodes e lhe queime as patas.

A pala da entrada ondulou ruidosamente, ao afastá-la, e o pequeno corpo de Solembum diluiu-se nas sombras como se nunca tivesse existido.

Eragon levantou-se e empurrou, com a biqueira da bota, um pedaço de carne mastigada para fora da tenda.

— Não devia ter sido tão duro com ele — disse Arya.

Não tinha alternativa, disse Glaedr.

— Ah não? Podia ter-lhe pedido licença, antes.

E dar-lhe hipótese de se preparar? Não. Está feito. Deixa, Arya.

— Não posso. Ele ficou com o orgulho ferido. Deveria tentar apaziguá-lo. É perigoso ter um menino-gato como nosso inimigo.

Mais perigoso é ter um dragão como inimigo. Deixa, jovem elfa.

Eragon trocou um olhar preocupado com Arya. O tom de Glaedr o incomodava — e a ela também, pelo visto — mas não sabia o que fazer em relação a isso.

Bom, Eragon, disse o dragão dourado, não se importa que eu analise as memórias da sua conversa com Solembum?

— Se quiser, mas... por quê? Vai acabar por esquecer tudo.

É possível. E daí talvez não. Veremos. Dirigindo-se a Arya, Glaedr disse: separe a sua mente da nossa e não permita que as memórias de Eragon contamine a sua consciência.

— Como queira, Glaedr-elda. — Ao falar, a música na mente de Arya foi ficando mais distante e, momentos depois, os misteriosos cânticos cessaram.

Depois, Glaedr concentrou a sua atenção em Eragon.

Mostre-me, ordenou ele.

Ignorando a sua agitação, Eragon projetou a sua mente para o momento em que Solembum chegou à tenda e saltou para cima do catre, recordando cuidadosamente tudo o que aconteceu entre ambos, daí em diante. A consciência de Glaedr misturou-se com a de Eragon, para que o dragão pudesse reviver as experiências juntamente com ele. Era uma sensação inquietante, como se ele e o dragão fossem duas imagens gravadas do mesmo lado de uma moeda.

Quando terminou, Glaedr retirou-se parcialmente da mente de Eragon, dizendo a Arya:

Quando eu me esquecer, se me esquecer, repete-me as seguintes palavras: Andumë e Fíronmas na colina das mágoas e a sua carne como vidro. Eu conheço esse local em Vroengard, ou conheci em tempos. Era algo de importante, algo... Os pensamentos do dragão toldaram-se por instantes, como se uma camada de nevoeiro varresse as colinas e os vales do seu ser, ocultando-as. Então? perguntou ele enfaticamente, recuperando a anterior postura de brusquidão. Porque esperamos? Eragon, mostre-me as suas memórias.

— Já mostrei.

Quando o mau humor de Glaedr deu lugar à incredibilidade,

Arya disse:

— Glaedr, lembra-se: *Andumë e Fíronmas na colina das mágoas e a sua carne como vidro.*

Como é que... começou Glaedr por dizer, rosnando tão violentamente que Eragon quase esperou ouvir o som alto. *Grrr.*

Detesto feitiços que interferem com a memória. São a pior forma de magia. Acabam sempre por gerar o caos e a confusão. Metade das vezes, termina com membros da família a matarem-se uns aos outros, sem darem por isso.

O que significa a frase que usou? perguntou Saphira.

Nada, a não ser para mim e Oromis. Mas a ideia era essa; ninguém perceber, a menos que eu explicasse.

Arya suspirou:

— Então o feitiço é real. Nesse caso, acho que terá de ir a Vroengard. Seria uma loucura ignorar algo desta importância.

Precisamos, pelo menos, saber quem é a aranha que está no centro desta teia.

Eu também irei, disse Glaedr. Se alguém lhe quiser fazer mal, talvez não espere ter de lutar com dois dragões em vez de apenas um. Seja como for, vai precisar de um guia. Vroengard tornou-se um local perigoso desde a destruição dos Cavaleiros e eu não poderia permitir que caísse nas teias de um malefício esquecido.

Eragon hesitou, ao reparar numa certa ânsia no olhar de Arya, e percebeu que ela também queria ir.

— Saphira voará mais depressa se tiver de transportar apenas uma pessoa — disse ele, brandamente.

— Eu sei... Sempre desejei visitar o lar dos Cavaleiros.

— Tenho a certeza de que o visitará, um dia.

Ela acenou com a cabeça.

— Um dia.

Eragon procurou reunir energias durante um momento e refletir em tudo o que teria de fazer, antes de partir com Saphira e Glaedr.

Depois respirou fundo e levantou-se do catre.

— Capitão Garven! — chamou. — Importa-se de se reunir a nós.

A Partida

Primero Eragon ordenou a Garven que mandasse, em segredo, um dos Falcões Noturnos recolher provisões para a viagem a Vroengard. Saphira alimentara-se depois da conquista de Dras-Leona, mas não se empanturrara, pois ficaria muito lenta e pesada para lutar se fosse necessário, como de fato foi. De momento, estava suficientemente bem alimentada para voar até Vroengard sem parar, mas logo que chegassem, Eragon sabia que ela teria de encontrar comida, na ilha ou perto, o que o preocupava.

Posso sempre regressar de estômago vazio, assegurou-lhe Saphira, mas ele não tinha assim tantas certezas.

A seguir, Eragon mandou um mensageiro trazer Jörmundur e Blödhgarm à sua tenda. Logo que chegaram, Eragon, Arya e Saphira passaram mais de uma hora explicando-lhes a situação e a convencê-los de que a viagem era necessária — a parte mais difícil. Blödhgarm foi o mais fácil de convencer, mas Jörmundur opôs-se ferozmente. Não porque duvidasse da veracidade da informação de Solembum, nem da sua importância — nesses dois aspetos, aceitou as explicações de Eragon sem as questionar — mas sim, como enfatizou com crescente veemência, porque os Varden ficariam devastados se acordassem e descobrissem que Nasuada foi raptada e Eragon e Saphira tinham desaparecido para parte incerta.

— Além disso, não podemos permitir que Galbatorix pense que você nos abandonou — disse Jörmundur —, muito menos estando nós tão perto de Urû'baen. Ele pode mandar Murtagh e Thorn lhe interceptar ou aproveitar a oportunidade para esmagar os Varden de uma vez por todas. Não podemos correr esse risco.

Eragon não pôde deixar de reconhecer que aquelas preocupações eram pertinentes.

Depois de muita discussão, encontraram finalmente uma solução: Blödhgarm e os outros elfos criariam aparições de Eragon e de Saphira, tal como tinham criado uma imagem de Eragon quando ele viajou até às Montanhas Beor para participar na eleição e na coroação do sucessor de Hrothgar.

Saphira ficou junto da tenda e os elfos estavam dispostos em círculo à volta dela, de braços esticados, unidos pela ponta dos dedos, enquanto

cantavam. O objetivo do seu longo e intrincado feitiço era recolherem toda a informação visual necessária para criarem uma representação exata de Saphira. Recriar a forma de um elfo ou de um humano era complicado, mas a forma de um dragão era especialmente difícil de recriar devido às características refletoras das escamas. Ainda assim, a parte mais complicada da ilusão, segundo Blödhgarm, era reproduzir o efeito do peso de Saphira, sempre que a aparição levantava voo ou aterrava.

Quando Eragon e Arya terminaram as rondas, já a noite dera lugar ao dia, e o sol da manhã pairava a um palmo do horizonte. À luz do sol, a destruição que o acampamento sofrera durante o ataque parecia ainda maior.

Eragon teria gostado de partir com Saphira e Glaedr nessa hora, mas Jörmundur insistiu para que ele se dirigisse convenientemente aos Varden, pelo menos uma vez, como seu novo líder.

Pouco depois todo o exército se reuniu e Eragon deu consigo de pé, na parte traseira de uma carroça vazia, olhando para um mar de rostos virados para cima — alguns humanos, outros não —, desejando estar em todo o lado menos ali.

Eragon aconselhara-se previamente com Roran e este disse-lhe:

— Lembre-se de que eles não são seus inimigos. Nada tem a temer deles. Eles querem gostar de você. Fala clara e honestamente. Faça o que fizer, guarda as dúvidas para si mesmo. Essa é a forma de conquistá-los. Quando lhes falar de Nasuada, vão ficar assustados e consternados. Dê-lhes a coragem de que precisam e eles lhe seguirão pelos portões de Urû'baen.

Apesar do encorajamento de Roran, Eragon continuava apreensivo antes do discurso. Raramente falara para grandes grupos e nunca para mais de algumas fileiras de homens. Ao olhar para os soldados cansados e desgastados pela guerra, que tinha diante de si, concluiu que preferiria combater uma centena de inimigos sozinho, do que estar em público e correr o risco de ser rejeitado.

Até o momento de discursar, Eragon não sabia ao certo o que iria dizer, mas logo que começou a falar, foi como se as palavras fluíssem por si. Estava de tal forma tenso que esqueceu grande parte do que dissera. O discurso passou num ápice, como uma mancha indistinta, de qualquer forma Eragon conservava algumas impressões dele: o calor e o suor, os urros dos guerreiros ao saberem o que aconteceu a Nasuada, os aplausos rasgados quando os exortou à vitória, e o rugido generalizado da multidão ao terminar.

Aliviado, saltou da traseira da carroça para o local onde Arya e Orik o esperavam, junto de Saphira.

Ao fazê-lo, os guardas formaram um círculo em torno dos quatro, protegendo-os da multidão e contendo todos os que queriam falar com ele.

— Belo discurso, Eragon — disse Orik, batendo-lhe no braço.

— Foi? — perguntou Eragon, atordado.

— Foi muito eloquente — disse Arya.

Eragon encolheu os ombros embaraçado. O Intimidava o fato de Arya ter conhecido a maior parte dos líderes dos Varden e não podia deixar de pensar que Ajihad ou Deynor, o seu predecessor, teriam feito um discurso melhor.

Orik puxou-lhe pela manga, Eragon curvou-se para o anão e este disse-lhe numa voz que mal se ouvia sobre a algazarra da multidão:

— Seja o que for que encontre, espero que justifique a viagem, meu amigo. Vê se não se deixe matar, hã?

— Vou tentar.

Para surpresa de Eragon, Orik agarrou-lhe no antebraço e puxou-o, abraçando-o rudemente.

— Que Gûntera lhe proteja! — Quando se separaram, Orik bateu com a palma da mão no flanco de Saphira. — E você também, Saphira. Desejo boa viagem a ambos.

Saphira respondeu com um ronco grave.

Eragon olhou para Arya e subitamente sentiu-se constrangido, sem saber o que lhe dizer, pois só lhe ocorria o mais óbvio. A beleza dos seus olhos continuava a cativá-lo. O efeito que ela tinha sobre ele parecia jamais esmorecer.

Depois, Arya aninhou a cabeça nas suas mãos e beijou-o formalmente na testa.

Eragon ficou olhando-a, surpreendido.

— *Gukiä wáise medh ono, Argetlam.* — Que a sorte esteja contigo, Mão de Prata.

Ao largá-lo, Eragon agarrou-lhe nas mãos.

— Nada de mal vai nos acontecer. Não permitirei. Nem que Galbatorix esteja à nossa espera. Arrasarei montanhas com as minhas próprias mãos, se necessário, mas prometo que voltaremos sãos e salvos.

Antes que Arya pudesse responder, ele largou-lhe as mãos e subiu para o dorso de Saphira. Ao vê-lo sentar-se na sela, a multidão começou a aplaudir de novo. Eragon acenou-lhes e eles redobram o manifesto, pateando e batendo nos escudos com os pomos das espadas.

Eragon viu Blödhgarm e os outros elfos reunidos num grupo coeso, parcialmente escondidos atrás de um pavilhão, ali perto. Acenou-lhes com a cabeça e eles acenaram também. O plano era simples: ele e Saphira levantariam voo como se fossem patrulhar os céus e reconhecer o terreno mais à frente — como normalmente faziam quando o exército estava em trânsito. Mas, depois de circundarem o acampamento várias vezes, Saphira voaria para dentro de uma nuvem, e Eragon lançaria um feitiço que a tornaria invisível para os que os estivessem observando em baixo. Depois os elfos criariam os espectros vazios que tomariam o lugar de Eragon e Saphira, enquanto estes prosseguiriam viagem, e seriam os Espectros que todos veriam emergir da nuvem. Esperavam que ninguém desse pela diferença.

Com a facilidade adquirida pela prática, Eragon apertou os arreios em torno das pernas e verificou se os alforjes estavam convenientemente presos, prestando especial atenção ao da esquerda, pois dentro dele — bem enrolado em panos e cobertores — tinha o cofre forrado de veludo com o precioso coração dos corações de Glaedr, o seu Eldunari.

Vamos embora, disse o velho dragão.

Para Vroengard! exclamou Saphira. O mundo inclinou-se e mergulhou em torno de Eragon, quando ela saltou do chão e bateu as gigantescas asas de morcego, açoitando-o com uma rajada de vento e elevando-se gradualmente em direção aos céus.

Eragon agarrou-se mais firmemente ao espinho do pescoço, à sua frente, baixando a cabeça para se proteger da deslocação de ar resultante da velocidade, e olhou para o couro polido da sela. Depois respirou fundo e tentou não se preocupar com o que deixavam para trás nem com o que tinham pela frente. Tudo o que podia fazer era esperar — esperar e acreditar que Saphira conseguiria voar até Vroengard e regressar antes que o Império voltasse a atacar os Varden; acreditar que Roran e Arya ficariam a salvo; acreditar que poderia ainda salvar Nasuada e que a ida a Vroengard era uma decisão acertada, pois o momento em que teria de enfrentar Galbatorix aproximava-se rapidamente.

O Tormento da Incerteza



asuada abriu os olhos

O teto escuro, abobadado, estava coberto de azulejos pintados com desenhos angulares vermelhos, azuis e dourados: uma complexa matriz de linhas prendeu-lhe o olhar durante alguns momentos de alheamento.

Entretanto, fez um esforço para desviar o olhar.

Um brilho constante, alaranjado, irradiava de uma fonte de luz, em algum lugar atrás de si. O brilho permitia distinguir a forma octogonal da sala, mas não era suficientemente forte para desalojar as sombras agarradas aos cantos, como gaze, tanto em cima como em baixo.

Engoliu e sentiu a garganta seca.

A superfície onde estava deitada era fria, plana e desconfortavelmente dura; parecia-lhe pedra debaixo dos calcanhares e das almofadas dos dedos. Sentiu um arrepio percorrer lhe os ossos e foi então que percebeu que usava apenas uma fina camisa branca com que dormiu.

Onde estou?

As memórias voltaram todas ao mesmo tempo, sem sentido nem ordem: uma sucessão indesejável de imagens que lhe estrondearam na mente, com uma violência quase física.

Arquejou e tentou sentar-se — numa tentativa de se levantar, fugir ou lutar se fosse necessário —, mas descobriu que não conseguia mover-se mais do que escassos centímetros em qualquer direção. Tinha grilhões acolchoados em torno dos pulsos e dos tornozelos, e um grosso cinto de couro prendia-lhe firmemente a cabeça contra a laje, impedindo-a de se erguer ou virar.

Ela fez força contra os grilhões, mas eram fortes demais para arreben-tá-las.

Respirou fundo, relaxou o corpo e olhou de novo para o teto. A pulsação martelava lhe os ouvidos, como a batida desenfreada de um tambor. O calor inundou lhe o corpo. Sentia as faces ardendo, e as mãos e os pés pareciam cobertos de cera derretida.

Então é assim que vou morrer.

Por instantes, deixou-se possuir pelo desespero e pela autopiedade. Mal iniciou a sua vida e, no entanto, esta parecia prestes a terminar da forma mais vil e miserável possível. E o pior é que não tinha concretizado nada do que esperava realizar: fosse na guerra, no amor, na natividade ou na vida. Como legado tinha apenas batalhas, cadáveres e caravanas de provisões sobre rodas; incontáveis estratégias; juramentos de amizade e de lealdade que agora valiam menos que a promessa de um saltimbanco; e um exército hesitante, indisciplinado e muito vulnerável, comandado por um Cavaleiro mais jovem do que ela. Parecia-lhe um fraco legado para a memória do seu nome — e nada mais que uma memória restaria, pois ela era a última da sua linhagem. Quando morresse, não restaria ninguém para dar continuidade à sua família.

A ideia era dolorosa e Nasuada censurou-se por não ter tido filhos enquanto tivesse sido possível.

— Lamento — sussurrou, vendo o rosto do pai diante de si.

Mas depois se disciplinou e afastou o desespero. A única coisa que podia controlar era o seu autodomínio e não estava na disposição de abrir mão dele pelo prazer duvidoso de se abandonar às dúvidas, medos e mágoas. Enquanto dominasse os seus pensamentos e sensações não estaria totalmente indefesa. A liberdade da mente era a menor das liberdades, mas Nasuada sentia-se grata por ela, e a evidência de poder em breve ser despojada dela, deixou-a ainda mais determinada a exercitá-la.

Fosse como fosse, tinha ainda um derradeiro dever a cumprir: resistir ao interrogatório. Para isso teria de estar totalmente segura de si, caso contrário cederia rapidamente.

Abrandou a respiração e concentrou-se no fluxo regular do ar na garganta e nas narinas, deixando que essa sensação abafasse todas as outras. Quando se sentiu razoavelmente calma, tentou decidir em que é que seria mais seguro pensar. Havia tantos temas perigosos — para ela, para os Varden, para os seus aliados, para Eragon e Saphira. Não reviu aqueles que deveria evitar, pois poderiam facultar aos seus carcereiros a informação que pretendiam, ali, naquele instante. Em vez disso, escolheu uma série de memórias e pensamentos aparentemente benignos e fez um esforço para ignorar o resto e convencer-se de que tudo o que era e sempre foi se baseava unicamente nesses elementos.

Basicamente tentou recriar uma nova identidade, mais simples, para que quando a interrogassem sobre isto ou aquilo, conseguisse alegar ignorância com uma absoluta honestidade. Era uma técnica perigosa. E para que

funcionasse, teria de acreditar na sua própria fraude e, se alguma vez fosse libertada, se tornaria difícil recuperar a sua verdadeira personalidade.

Mas também não tinha esperança que a resgatassem nem que a libertassem. A única coisa que esperava era frustrar os desígnios dos seus captores.

Golkukara, dê-me força para resistir às tribulações que me esperam. Cuida da sua pequena coruja e, se eu morrer, leve-me em segurança desse lugar... leva-me em segurança para as terras do meu pai.

O seu olhar vagueou pela sala coberta de azulejos, enquanto a estudava mais detalhadamente. Deduziu que estava em Urû'baen. Tinha toda a lógica que Murtagh e Thorn a tivessem levado para lá, explicando a aparência élfica da sala. Grande parte de Urû'baen, a cidade que chamavam Ilirea, antes da sua guerra com os dragões — há muito tempo atrás — como depois da cidade se tornar a capital do Reino de Broddring e os Cavaleiros formalizarem a sua presença dentro da cidade, foi construída pelos Elfos. Ou, pelo menos, assim lhe disse o pai, na medida em que não tinha qualquer recordação da cidade.

Mas também poderia estar noutro local qualquer: numa das propriedades particulares de Galbatorix e aquela sala poderia nem ser como de fato ela a via. Um feiticeiro experiente conseguiria manipular tudo o que ela via, sentia, ouvia e cheirava, podendo distorcer o mundo ao seu redor com formas que ela jamais conseguiria detectar.

Independentemente do que lhe acontecesse — ou que parecesse estar a acontecer — Nasuada não permitiria que a enganassem. Mesmo que Eragon arrombasse a porta e a libertasse, ela continuaria a acreditar que tudo não passava de um estratagema dos seus captores, não se atrevendo a confiar no que os seus sentidos lhe revelavam.

O mundo convertera-se numa mentira no momento em que Murtagh a levou do acampamento, e era impossível saber quando isso iria terminar, se é que alguma vez terminaria. A única coisa de que tinha a certeza era que existia, tudo o resto era suspeito, mesmo os seus pensamentos.

Depois de o choque inicial abrandar, o tédio da espera começou a desgastá-la. Não fazia ideia que horas seriam, a não ser pela fome e pela sede que sentia. E a fome parecia aumentar e diminuir em intervalos aparentemente irregulares. Tentou marcar as horas, contando, mas a prática aborreceu-a, além de que parecia sempre perder a conta quando chegava às dezenas de milhar.

Apesar dos horrores que certamente a esperavam, Nasuada desejou que os seus captores se despachassem e se revelassem. Gritou durante minutos a fio, mas tudo o que ouviu em resposta foram ecos lamentosos.

A luz mortiça por trás de si nunca tremeluzia nem enfraquecia, pelo que deduziu que provinha de uma lanterna sem chama, semelhante às que os Anões faziam. Era difícil dormir com a luz, mas a exaustão acabou por vencer e ela cochilou um pouco.

A possibilidade de sonhar a apavorava, pois ficaria bastante vulnerável enquanto dormisse e receava que o seu inconsciente invocasse justamente toda a informação que pretendia ocultar. Contudo, não tinha grandes alternativas. Mais cedo ou mais tarde, ela teria de dormir e tentar manter-se acordada, iria apenas fazer com que se sentisse pior.

Por isso dormiu um sono irregular e pouco satisfatório e, quando acordou, continuava sentindo-se cansada.

Um estrondo sobressaltou-a.

Em algum lugar acima, atrás do local onde estava, ela ouviu uma tranca erguer-se e o rangido de uma porta abrindo.

Sentiu a pulsação acelerar. Pelos seus cálculos, teria passado mais de um dia, desde que recuperou a consciência. Sentia uma sede horrível. Tinha a língua inchada e pegajosa, e doía-lhe o corpo todo por estar limitada a uma posição durante tanto tempo.

Ouviu passos descenderem uma escada. Umas botas de sola mole arrastavam na pedra... Uma pausa. O tilintar de metal. Chaves? Facas? Algo pior do que isso?... Depois os passos recomeçaram. Agora aproximavam-se dela. Estavam mais perto... cada vez mais perto.

Um homem corpulento com uma túnica de lã cinzenta surgiu no seu campo de visão, com uma bandeja de prata com um sortido variado de comida: queijo, pão, carne, vinho e água. Baixou-se e pousou a bandeja junto de uma parede. Depois virou-se e aproximou-se dela, com uma passada curta, rápida e precisa, quase delicada.

Encostou-se junto da laje de pedra, ligeiramente ofegante, e olhou para Nasuada. Tinha a cabeça semelhante a uma cabaça, bojuda em cima e em baixo, estreita no meio. Estava barbeado e era praticamente careca, à exceção uma franja escura e curta, à volta da cabeça. Tinha a parte superior da testa lustrosa, as faces rechonchudas e coradas, e os lábios eram tão cinzentos como a túnica. Os olhos eram vulgares: castanhos e muito juntos.

O homem estalou a língua e ela viu que os seus dentes se tocavam nas pontas como as extremidades de um grampo e que estavam mais salientes do que o normal, formando uma espécie de focinho pequeno, mas perceptível.

Um cheiro de fígado e cebolas pairava no seu hálito morno e úmido. No estado de fraqueza em que estava, Nasuada achou o odor nauseante.

A sua consciência despertou de imediato para o fato de estar praticamente nua, ao ver os olhos dos homens deambularem pelo seu corpo. Isso a fez se sentir vulnerável, como se não passasse de um brinquedo ou um animal de estimação ali exposto para seu deleite. Corou de raiva e de humilhação.

Decidida a não esperar que ele revelasse as suas intenções, tentou falar para lhe pedir água, mas tinha a garganta demasiado seca, pelo que conseguiu apenas coaxar.

O homem de cinzento fez um ruído de desaprovação e, para seu espanto, começou a abrir-lhe os grilhões.

Assim que a libertou, sentou-se na laje e ela esticou a mão direita em forma de lâmina, brandindo-a na direção do pescoço do homem.

Ele agarrou-lhe o pulso no ar, aparentemente sem esforço, e Nasuada rosnou, tentando enfiar-lhe os dedos nos olhos com a outra mão.

Ele voltou a agarrar-lhe o pulso. Ela puxou-o para trás e para diante, mas o homem tinha muita força. Era como se tivesse os pulsos presos em pedra.

Frustrada, atirou-se para frente, enterrando os dentes no antebraço direito do homem. Sangue quente e salgado, com um travo a cobre, jorrou-lhe para a boca. Nasuada engasgou-se, mas continuou a mordê-lo, com o sangue escorrendo-lhe pelos lábios. Consequia sentir os músculos do antebraço do homem, presos entre os dentes, mexendo-se contra a língua como cobras aprisionadas que tentavam escapar.

Para além disso, o homem não teve qualquer reação.

Por fim largou-lhe o braço, puxou a cabeça para trás e cuspiu-lhe o sangue para a cara.

Mesmo assim, o homem continuou a olhá-la com a mesma expressão insípida, sem pestanejar nem revelar quaisquer sinais de dor ou raiva.

Ela puxou de novo as mãos, balançando as ancas e as pernas sobre a laje para o pontapear no estômago. Mas, antes que conseguisse desferir-lhe o pontapé, ele soltou-lhe o pulso esquerdo, esbofeteando-a com força.

Um clarão branco surgiu diante de si e uma explosão silenciosa pareceu deflagrar em seu redor. A sua cabeça foi violentamente projetada para o lado, os dentes bateram uns nos outros, e ela sentiu uma dor percorrer lhe a coluna, desde a base do crânio.

Quando a sua visão clareou, ficou sentada olhando para o homem, furiosa, mas não fez qualquer gesto para o atacar de novo, percebendo-se de que estava à sua mercê... e que teria de arranjar algo com que lhe cortar a garganta ou furar lhe um olho, se o quisesse vencer.

Ele libertou-lhe o outro pulso e levou a mão à túnica, tirando um lenço branco, encardido, que passou na cara para limpar os vestígios de sangue e saliva. Depois, atou o lenço ao antebraço ferido, usando os dentes semelhantes a garras para agarrar numa das pontas do tecido.

Em seguida, agarrou-lhe na parte de cima do braço, rodeando-o com uns dedos grandes e grossos, e puxou-a de cima da laje cor de cinza. As suas pernas cederam ao tocar no chão e ela ficou pendurada na mão do homem, como uma boneca, com o braço torcido por cima da cabeça, num ângulo doloroso.

Ele puxou-a, obrigando-a a pôr-se de pé, e desta vez ela aguentou-se. Apoiando-a parcialmente, o homem guiou-a até uma pequena porta lateral, que ela não conseguia ver do local onde estivera deitada de barriga para cima. Junto desta havia um curto lance de escadas que conduzia a uma segunda porta, maior — a mesma por onde o carcereiro entrara. A porta estava fechada, mas tinha uma pequena grade de metal ao centro, através da qual ela conseguiu ver uma tapeçaria bem iluminada, pendurada numa parede lisa de pedra.

O homem abriu a porta lateral e conduziu-a até uma estreita latrina. Para seu alívio, deixou-a sozinha. Nasuada examinou a sala vazia em busca de algo que lhe pudesse servir de arma, ou de um local por onde pudesse escapar, mas para seu desapontamento tudo o que viu foi pó, aparas de madeira e algo mais sinistro: manchas de sangue seco.

Por isso, fez o que seria de esperar e, quando saiu da latrina, o homem de cinzento voltou a agarrar-lhe no braço, encaminhando-a de novo para a laje.

Quando se aproximaram, ela começou a espernear e a debater-se, pois preferia que lhe batesse a permitir que ele a prendesse de novo. Apesar dos seus esforços, não conseguiu deter nem abrandar o homem. Os membros dele pareciam de ferro, ao atingi-los com os punhos, e mesmo a barriga aparentemente flácida, parecia rígida.

Ele dominou-a tão facilmente como a uma criança, erguendo-a para cima da laje, prendeu-lhe os ombros contra a pedra e fechou-lhe os grilhões em torno dos pulsos e dos tornozelos. Por fim, colocou-lhe o cinto de couro sobre a testa e prendeu-o firmemente para lhe imobilizar a cabeça, mas não a ponto de lhe causar dor.

Nasuada esperava que ele fosse almoçar — ou jantar, ou fosse lá que refeição fosse — mas, em vez disso, pegou na bandeja e levou-a para junto dela, oferecendo-lhe um pouco de vinho diluído em água.

Era-lhe difícil engolir deitada de costas, por isso bebeu rapidamente o líquido do cálice de prata que ele lhe levava à boca. O vinho diluído proporcionou-lhe uma sensação fresca e apaziguadora, ao escorrer lhe pela garganta seca.

Quando o cálice ficou vazio o homem o pôs de lado, cortou fatias de pão e de queijo e ergueu-as na direção dela.

— Como... — disse ela, conseguindo finalmente recuperar o domínio da voz. — Como se chama?

O homem olhou-a impassível. A testa bojuda brilhava como marfim polido, à luz da lanterna sem chama.

Ele aproximou o pão e o queijo dela.

— Quem é você?... Isto é Urû'baen? É um prisioneiro como eu? Você e eu poderíamos nos ajudar. Galbatorix não é onisciente. Juntos, poderíamos descobrir uma forma de fugir. Pode parecer impossível, mas não é, juro. — E continuou a falar num tom baixo e calmo, esperando dizer algo que despertasse empatia no homem, ou apelasse aos seus interesses pessoais.

Ela sabia que conseguia ser persuasiva — as longas horas de negociações em nome dos Varden tinham-lhe provado isso, para sua satisfação — mas aquelas suas palavras pareciam não produzir qualquer efeito no homem. Se não fosse respirar, diria que era um morto, ali parado diante dela, com o pão e o queijo na mão. Ocorreu-lhe que fosse surdo, mas depois lembrou-se de que ele a ouvira quando tentara pedir-lhe água, por isso descartou essa hipótese.

Nasuada falou até esgotar todos os argumentos e apelos que lhe passaram pela cabeça e, quando se calou — para pensar numa abordagem diferente —, o homem encostou-lhe o queijo e o pão aos lábios, segurando-os. Furiosa, ela quis que ele os afastasse mas a mão não se mexeu, e ele continuou a olhá-la com a mesma expressão vazia e desinteressada.

Sentiu um formigueiro na nuca ao perceber que o seu comportamento não era fingido. Não significava realmente nada para ele. Teria entendido se ele a odiasse, se demonstrasse um prazer perverso em atormentá-la, ou se fosse um escravo cumprindo relutantemente as ordens de Galbatorix. Mas nada disso parecia ser verdade. Ele parecia indiferente, despojado da mais ínfima empatia. Sem dúvida que a mataria tão facilmente como se dispunha a cuidar dela e isso o incomodaria tanto como esmagar uma formiga.

Amaldiçoando a necessidade que tinha de comer, Nasuada abriu a boca, deixando que ele lhe depositasse os pedaços de pão e de queijo sobre a língua, apesar da vontade que tinha de lhe morder os dedos.

Ele alimentou-a como a uma criança — à mão —, levando-lhe cada pedacinho de comida à boca, tão cuidadosamente como se ela fosse uma esfera oca, de vidro, que se pudesse estilhaçar ao mínimo movimento brusco.

Uma profunda sensação de repugnância cresceu dentro de si. Passar de líder da maior aliança da história de Alagaësia a... *Não, não, nada disso existia.* Ela era filha do seu pai. Vivera em Surda, no meio do pó e do calor, por entre os ecos dos pregões dos mercadores, nas ruas movimentadas do mercado, e nada mais. Não tinha razões para ser arrogante, nem para ressentir a sua queda.

Ainda assim, detestava ter o homem ali, em cima de si e que ele teimasse em alimentá-la podendo ela fazê-lo sozinha. Detestava que Galbatorix, ou quem quer que fosse o responsável pela sua captura, estivesse a tentar despojá-la do seu orgulho e da sua dignidade e detestava pensar que estavam conseguindo, até certo ponto.

Decidiu que iria matar o homem. Nem que fosse a última coisa que pudesse concretizar na vida, ela queria matar o carcereiro. Tirando a fuga, nada lhe daria maior satisfação. *Dê por onde der. Hei de descobrir uma forma.*

A ideia agradou-lhe e ela comeu o resto da refeição com prazer, enquanto planejava como iria matar o homem.

Quando terminou, o homem levou a bandeja e saiu.

Ouviu os passos afastando-se, a porta a abrir e se fechar, o estalido do trinco e, finalmente, o ruído pesado e sinistro de uma tranca caindo, do lado de fora da porta.

Depois, voltou a ficar sozinha, sem nada para fazer a não ser esperar e matutar em formas de assassinato.

Entreteve-se durante algum tempo a seguir uma das linhas pintadas no teto, tentando definir se tinha princípio ou fim. A linha que escolheu era azul. A cor agradava-lhe, ao associá-la à pessoa em quem menos se atrevia a pensar.

Mas, ao fim de algum tempo, aborreceu-se das linhas e das fantasias de vingança, fechou os olhos e mergulhou num sono inquieto e superficial, em que as horas pareciam passar mais depressa e mais devagar do que o normal, segundo a lógica paradoxal do pesadelo.

Quando o homem da túnica cinzenta voltou, Nasuada quase ficou satisfeita, reação que entendeu como uma fraqueza, fazendo-a sentir desprezo de si própria.

Não sabia ao certo quanto tempo tinha esperado — era impossível saber, a menos que alguém lhe dissesse —, mas tinha a noção que não esperara tanto como anteriormente. Ainda assim, a espera parecera-lhe interminável, pelo que ela recebeu que a voltassem a abandonar, acorrentada durante o mesmo período arrastado de tempo, ainda que soubesse que não estavam ignorando-a — isso certamente que não. Para seu desgosto, deu consigo agradecida ao concluir que o homem iria visitá-la mais frequentemente do que imaginou, de início. Passar tanto tempo imóvel, deitada numa laje de pedra lisa, já era doloroso, mas negarem-lhe o contato com qualquer outro ser humano — mesmo alguém tão desajeitado e repugnante como o seu carcereiro — era uma tortura e, de longe, a prova mais difícil de suportar.

Quando o homem tirou-lhe os grilhões, Nasuada reparou que o ferimento no seu antebraço foi curado, pois tinha a pele macia e rosada como a de um leitão.

Decidiu não lutar, mas no percurso para a câmara secreta fingiu tropeçar e cair, esperando ficar suficientemente perto da bandeja para roubar a pequena faca de descascar fruta que o homem utilizou para cortar a comida. Contudo, esta estava longe de mais e o homem era muito pesado para que ela o arrastasse até junto da bandeja, sem denunciar as suas intenções. Uma vez que o estratagema falhara, fez um esforço para se sujeitar calmamente à assistência do carcereiro. Teria de convencê-lo que desistira para que ele se tornasse complacente e — com um pouco de sorte — descuidado.

Enquanto ele a alimentava, Nasuada estudou-lhe as unhas. Anteriormente estava muito furiosa para prestar atenção, mas agora que se sentia mais calma, estava fascinada com as suas peculiaridades.

As unhas eram grossas, extremamente arqueadas, e as meias-luas junto das cutículas eram grandes e largas. No geral, não eram diferentes das unhas de muitos dos homens e Anões com quem lidou.

Quando lidou com eles pela última vez?... Não se lembrava.

O que distinguia as suas unhas das outras era os cuidados que revelavam. Cuidado era a palavra exata — como se as unhas fossem flores raras, cultivadas por um jardineiro que lhes dedicasse longas horas de trabalho. As cutículas estavam perfeitamente aparadas, sem rasgos, e as unhas tinham sido cortadas direito — sem exageros —, e exibiam as pontas suavemente chanfradas. A parte superior das unhas foi polida até brilhar, como uma peça de cerâmica vidrada, e a pele em torno delas pareciam ter sido massageadas com óleo ou manteiga.

Tirando os Elfos, nunca viu um homem com umas unhas tão perfeitas.

Elfos? Afastou a ideia da cabeça, irritada. Não conhecia nenhuns Elfos.

As unhas eram um enigma, algo de estranho num cenário de outra forma compreensível, um mistério que queria desvendar, ainda que fosse inútil tentar.

Quem seria o responsável por aquelas unhas exemplares? Seria o próprio homem? Ele parecia excessivamente meticuloso e Nasuada não o conseguia imaginar com uma mulher, uma filha, um criado ou qualquer outra pessoa próxima capaz de dedicar tanta atenção às capas dos seus dedos. É claro que concluiu que poderia estar enganada. Muitos veteranos sombrios e calados, cobertos de cicatrizes — cujos únicos gostos pareciam ser vinho, mulheres e guerra — tinham-na surpreendido com uma faceta qualquer do seu caráter que destoava da aparência exterior: jeito para esculpir madeira, tendência para decorar poemas românticos, amor por cães, ou uma terrível dedicação a uma família que mantinham escondida do resto do mundo. Só ao fim de muitos anos, ela descobriu que Jör...

E interrompeu o pensamento antes que este avançasse demais.

Em todo o caso, a pergunta que repetia constantemente era simples: *Por quê?* A motivação era reveladora, mesmo no que dizia respeito a algo tão insignificante como unhas.

Se as unhas fossem obra de outra pessoa, ou era fruto de extrema dedicação ou de muito medo, porém, ela não acreditava que fossem. Não parecia bater certo.

Se fosse obra do homem, qualquer explicação seria possível. Talvez as unhas fossem a forma de ele exercer algum controle sobre uma vida da qual

deixara de ser dono, ou talvez pensasse que era a única coisa atraente em si. Talvez cuidar delas fosse um tique nervoso, um hábito que lhe servisse apenas para matar o tempo.

Fosse qual fosse a verdade, o fato é que alguém lhe limpava, aparava, polira e oleava as unhas e o esforço não tinha sido casual nem descuidado.

Nasuada continuou ponderando no assunto enquanto comia, mal saboreando os alimentos. De vez em quando, olhava para cima e sondava o rosto pesado do homem em busca dessa ou daquela pista, mas sem sucesso.

Ao dar-lhe o último pedaço de pão, o homem levantou-se da beira da laje, pegou na bandeja e afastou-se.

Ela mastigou e engoliu o pão o mais depressa possível sem se engasgar, e disse com uma voz áspera, de cana rachada, por não falar há já algum tempo.

— Tem umas belas unhas. São muito... brilhantes.

O homem parou a meio de um passo e virou a cabeça grande e pesada para ela. Por instantes pensou que ele poderia agredi-la de novo, mas depois os seus lábios cinzentos abriram-se lentamente e ele sorriu, mostrando-lhe os dentes de cima e de baixo.

Conteve um tremor, pois o carcereiro parecia prestes a arrancar a cabeça de uma galinha.

O homem desapareceu do seu campo de visão, com a mesma expressão inquietante e, segundos depois, ela ouviu a porta da cela abrir e fechar.

Um sorriso desenhou-se em seus lábios. O orgulho e a vaidade eram fraquezas que ela poderia explorar. Se havia algo em que Nasuada era experiente era em sujeitar os outros à sua vontade. O homem dera-lhe um apoio insignificante — pouco mais que um dedo, ou uma unha, melhor dizendo —, mas era tudo o que ela precisava. Agora poderia começar a trepar.

O Salão da Profetisa



Quando o homem a visitou pela terceira vez, Nasuada estava dormindo, acordando sobressaltada com o ruído da porta batendo.

Segundos depois, lembrou-se onde estava. Franziu as sobrancelhas e piscou os olhos, tentando clarear a visão. *Quem me dera poder esfregá-los.*

Franziu a testa ao olhar para o corpo e ver que ainda tinha uma pequena nódoa úmida na camisa de dormir, no local onde lhe tinha caído uma gota de vinho diluído durante a refeição.

Porque ele voltou tão depressa?

Sentiu o coração afundar ao ver o homem passar por ela com uma grande braseira de cobre, cheia de carvão, que pousou sobre as pernas, a pouco mais de um metro da laje. Em cima do carvão havia três ferros compridos.

O momento que ela mais temia tinha finalmente chegado.

Nasuada tentou estabelecer contato visual com o homem, mas este se recusou a olhar para ela, tirou um pedaço de sílex e de aço de uma bolsa presa ao cinto, e pegou fogo a um novelo esfarrapado de mecha, ao centro do braseiro. Quando as fagulhas começaram a fumegar e a propagar-se, a mecha brilhou como uma bola de arame incandescente. O homem curvou-se e soprou suavemente sobre o fogo incipiente, como uma mãe beijando o filho, e as fagulhas converteram-se em chamas suaves.

Manteve o fogo durante alguns minutos, construindo uma cama de carvões com vários centímetros de espessura e o fumo subiu em direção a uma grade, lá em cima no teto. Nasuada observava com um fascínio mórbido, incapaz de desviar o olhar, apesar de saber o que a esperava. Nem ele nem ela falaram. Era como se ambos se sentissem muito constrangidos com o que estava prestes a acontecer, para reconhecê-lo.

Ele voltou a soprar no carvão e, depois, virou-se como se fosse aproximar-se.

Não se deixe ir abaixo, disse para si, retesando o corpo.

Cerrou os punhos e suspendeu a respiração, enquanto o homem caminhava na sua direção, aproximando-se cada vez mais.

Uma brisa semelhante ao toque de uma pena roçou-lhe no rosto, quando ele passou, ouvindo o som dos passos diminuir à medida que o carcereiro subia as escadas e saía da sala.

Um débil suspiro escapou-lhe dos lábios, e ela descontraiu ligeiramente. Os carvões em brasa voltaram a atrair o seu olhar como um ímã. Um brilho mortiço, cor de ferrugem, subia pelos ferros que saíam do braseiro.

Nasuada umedeceu os lábios e pensou como seria bom beber um gole de água.

Um dos pedaços de carvão saltou e partiu-se em dois, mas tirando isso, a sala mantinha-se silenciosa.

Esforçou-se para não pensar, enquanto esperava, ali deitada, incapaz de lutar ou fugir. Pensar iria apenas enfraquecer a sua determinação. O que quer que estivesse para acontecer, iria acontecer e não havia medo nem ansiedade que pudessem alterar isso.

Ouviram-se de novo passos no corredor, no exterior da câmara: desta vez era um grupo de homens, alguns andavam ao mesmo ritmo, outros não. Juntos produziram uma série de ecos ásperos que não deixavam perceber quantas pessoas estavam se aproximando. A procissão deteve-se à entrada. Ela ouviu murmúrios e depois identificou dois conjuntos de passos ruidosos no interior da sala — *são botas de montar, de sola rígida*, pensou.

A porta fechou-se com um estrondo sepulcral.

Ouviu passos firmes e determinados descendo a escada, e, nos limites do seu campo de visão, viu alguém pousar uma cadeira trabalhada de madeira.

Um homem sentou-se na cadeira.

Era corpulento, mas não era gordo e tinha os ombros largos. Estava envolto numa longa capa negra. A capa parecia pesada, como se fosse forrada de cota de malha. A luz dos carvões e das lanternas sem chamas douravam-lhe os contornos do corpo, mas as suas feições continuavam muito obscurecidas para se distinguirem. Ainda assim, as sombras não escondiam os contornos da coroa de pontas aguçadas que repousava sobre a sua testa.

O coração de Nasuada pareceu parar por instantes, retomando a custo o ritmo acelerado.

Um segundo homem, de jaqueta púrpura e perneiras — decoradas com fio dourado —, encaminhou-se para a braseira e parou de costas viradas, enquanto mexia no carvão com os ferros.

O homem sentado na cadeira puxou os dedos das luvas um por um e tirou-as. As mãos eram cor de bronze oxidado.

A voz era grave, intensa e autoritária. Qualquer bardo com um instrumento vocal tão harmonioso seria louvado por todo o reino como mestre dos mestres. Nasuada sentiu um formigamento ao ouvi-la. As palavras pareciam inundá-la como ondas quentes, acariciando-a, seduzindo-a e prendendo-a. *Ouvi-lo era tão perigoso como ouvir Elva*, concluiu ela.

— Bem-vinda a Urû'baen, Nasuada, filha de Ajihad — disse o homem que estava sentado na cadeira. — Bem-vinda a minha casa, por baixo destes penhascos ancestrais. Há muito que um convidado tão distinto não nos brindava com a sua presença. Tenho estado ocupado com outras coisas, mas asseguro-te que daqui em diante não me descuidarei com os meus deveres de anfitrião. — Um tom de ameaça surgiu-lhe na voz ao proferir as últimas palavras, como uma garra que emergia da sua cobertura de pele.

Nasuada nunca tinha estado com Galbatorix pessoalmente, apenas ouviu descrições e estudou desenhos dele, mas o efeito que o seu discurso produziu nela foi de tal forma visceral e poderoso, que não lhe restava qualquer dúvida que ele era de fato o rei.

Havia vestígios de uma outra língua no sotaque e na dicção, como se a língua em que estava falando não fosse a mesma com que foi educado. A diferença era sutil, mas impossível de ignorar depois de se reparar nela. Talvez fosse pelo fato da língua ter mudado depois do seu nascimento. Parecia-lhe a explicação mais razoável, pois aquela forma de falar lembrava-lhe... não, não lhe lembrava coisa alguma.

Inclinou-se para a frente e sentiu um olhar penetrante fixo nela.

— É mais jovem do que eu esperava. Sabia que atingiu a maioridade recentemente, mas mesmo assim não passa de uma criança. Quase todos me parecem crianças, hoje em dia: crianças estouvadas, vaidosas e imprudentes, incapazes de perceber o que é melhor — crianças que precisam da orientação de alguém mais velho e mais sensato.

— Gente como você? — interpelou ela, com desdém.

Nasuada ouviu-o rir baixinho.

— Preferia que fossem os Elfos a nos governar? Sou o único membro da sua raça capaz de mantê-los à distância. Na perspectiva deles, até os nossos anciãos de barba grisalha seriam considerados jovens inexperientes e despreparados para assumir responsabilidades de adultos.

— Na perspectiva deles, você também é. — Ela não fazia ideia de onde lhe vinha aquela coragem, mas sentia-se forte e insolente. Estava determinada a dizer o que pensava, independentemente de o rei poder-la castigar por isso.

— Ah, mas não são apenas anos de vida que guardo dentro de mim. Apossei-me das memórias de centenas. Um amontoado de vidas: amores, ódios, batalhas, vitórias, derrotas, lições aprendidas, erros cometidos — estão todas dentro da minha mente a segredarem-me sabedoria. As minhas memórias abarcam eras. Não há registro de ninguém como eu em toda a História, nem mesmo entre os Elfos.

— Como é que isso é possível? — sussurrou ela.

Ele mudou de posição na cadeira.

— Nem pense em fingir diante de mim, Nasuada. Eu sei que Glaedr deu o seu coração dos corações a Eragon e Saphira, e sei que neste momento ele está com os Varden. Você sabe do que estou falando.

Ela conteve um arrepio de pavor. O fato de Galbatorix querer discutir essas coisas com ela — o fato de estar na disposição de falar na fonte do seu poder, ainda que indiretamente — eliminou a última réstia de esperança de que fosse sua intenção libertá-la.

Depois ele apontou para a sala com as luvas:

— Antes de prosseguirmos há algo que deveria saber acerca da história deste lugar. A primeira vez que os Elfos se aventuraram a vir a esta parte do mundo, descobriram uma fissura nas profundezas da escarpa que se ergue sobre as planícies vizinhas. Esse local era importante porque funcionava como defesa contra os ataques de dragões, mas o seu interesse na fissura era outro, totalmente diferente. Por mera casualidade, eles descobriram que os vapores que se erguiam da fenda de pedra poderiam permitir aos que dormissem perto dela ter vislumbres de acontecimentos futuros, mesmo que um tanto confusos. Por isso, há mais de dois mil e quinhentos anos atrás, os Elfos construíram esta sala no topo da fissura e um oráculo veio para cá viver durante largas centenas de anos, mesmo depois dos Elfos abandonarem Ilirea. Ela sentava-se onde está agora deitada e, durante séculos, entreteve-se sonhando com o passado e o futuro.

Com o passar do tempo, o ar perdeu os seus efeitos e o oráculo partiu com os seus criados. Ninguém sabe ao certo quem ela era, nem para onde foi. O seu único nome ou epíteto era a Profetisa e certas histórias levaram-me a concluir que não seria nem um elfo nem um anão, mas algo totalmente diferente. Seja como for, durante a sua estadia e, como seria de esperar,

esta sala ficou conhecida por o Salão da Profetisa e ainda hoje mantém esse nome — só que agora a profetisa é você, Nasuada, filha de Ajihad.

Galbatorix abriu os braços.

— Este é um local onde se dizem... e ouvem as verdades. Não tolerarei mentiras nesta sala, nem a menor falsidade. Quem quer que se deite nesse bloco de pedra dura converte-se no mais recente profeta e, embora muitos tivessem considerado um papel difícil de aceitar, no final ninguém o recusou, e você não será diferente.

As pernas da cadeira arranharam o chão e Nasuada sentiu o hálito quente de Galbatorix junto do seu ouvido:

— Eu sei que será doloroso para você, Nasuada, incrivelmente doloroso. Terá de renunciar a si mesma para que o seu orgulho lhe permita a submissão. Não há nada mais difícil no mundo que alterar o nosso próprio ego. Eu entendo isso porque me reformulei mais do que uma vez. Contudo, estarei aqui para lhe apoiar nessa transição. Não terá de fazer a viagem sozinha e poderá consolar-lhe com a evidência de que eu nunca lhe mentirei. Nenhum de nós o fará. Nesta sala, nunca. Duvida de mim se quiser, mas ao seu tempo acabará por acreditar naquilo que digo. Considero este local sagrado. Preferiria cortar a minha mão a profanar a ideia que ele representa. Pergunte o que quiser, Nasuada, filha de Ajihad, que eu prometo-lhe que todos lhe responderemos com verdade. Juro-o pela minha honra, como rei destas terras.

Ela mexeu o maxilar para trás e para diante, tentando decidir como responder, dizendo depois de dentes cerrados:

— Eu nunca lhe revelarei o que pretende saber!

Um riso baixo e grave, ecoou na sala.

— Está percebendo mal as coisas. Eu não lhe trouxe aqui para obter informações. Não há nada que me diga que eu já não saiba. O número e a disposição das suas tropas; a situação das suas provisões; a localização das suas caravanas de provisões; a forma como estão planejando montar o cerco a esta cidade; os deveres, hábitos e aptidões de Eragon e de Saphira; a Dauthdaert que conseguiram adquirir em Belatona; até mesmo os poderes de Elva, a criança-feiticeira, que recentemente têm com vocês — sei tudo isso e muito mais. Quer que lhe cite os números?... Não? Bom, está bem. Os meus espiões são mais numerosos e estão em situações mais privilegiadas do que imagina, mas tenho outros meios para reunir informação. Você não tem segredos para mim, Nasuada — nem um como amostra —, portanto é inútil recusar-se a falar.

Aquelas palavras atingiram-na como golpes de martelo, mas ela fez o possível para não desmotivar.

— Então porque foi?

— Porque lhe trouxe até aqui? Porque tem o dom do comando, minha querida, e isso é muito mais mortífero que qualquer feitiço. Nem Eragon nem os Elfos representam qualquer ameaça para mim, agora você... você é perigosa de uma forma que eles não o são. Sem você os Varden serão como um touro cego. Roncarão, gritarão de raiva e atacam a direito, sem querer saber o que lhe poderá aparecer pelo caminho. Depois, eu irei apanhá-los e usarei a sua própria loucura para destruí-los.

Mas a destruição dos Varden não foi o motivo por que lhe raptei. Não, você está aqui porque se revelou merecedora da minha atenção. É feroz, tenaz, ambiciosa e inteligente — qualidades que mais prezo nos meus servos. Quero você ao meu lado, Nasuada, como conselheira-mor e general do meu exército, enquanto implemento os estágios finais do grandioso plano que há quase um século ando preparando. Uma nova ordem está prestes a estabelecer-se em Alagaësia e eu quero que você participe dela. Desde que o último dos Treze morreu, procuro gente capaz para substituí-los, mas só muito recente os meus esforços deram alguns frutos. Durza era uma ferramenta preciosa, mas tinha algumas limitações pelo fato de ser um Espectro: indiferença pela própria sobrevivência, para nomear apenas uma. De todos os candidatos que examinei, Murtagh foi o primeiro que considerei elegível e o primeiro a sobreviver aos testes a que o sujeitei. Estou certo de que você será a próxima, e Eragon o terceiro.

Nasuada foi percorrida por uma sensação de terror, ao ouvi-lo. *O que ele estava sugerindo era bem pior do que imaginava.*

O homem de vermelho, que estava junto da braseira, sobressaltou-a, enterrando um dos ferros com tanta força nos carvões, que a ponta deste bateu ruidosamente na taça de cobre.

Galbatorix continuou falando:

— Se sobreviver, terá a hipótese de concretizar mais do que jamais lhe seria possível realizar junto dos Varden. Pensa no assunto! Ao meu serviço, poderia levar a paz a toda a Alagaësia e seria o meu braço direito na concretização dessas mudanças.

— Mais depressa me deixaria morder por mil víboras do que aceitaria lhe servir — disse-lhe ela, cuspidando para o ar.

O riso de Galbatorix voltou a ecoar pela sala: era o riso de alguém que nada receava, nem mesmo a morte.

— Veremos.

Ela retraiu-se ao sentir um dedo tocar-lhe no interior do cotovelo. O dedo traçou lentamente um círculo, deslizando depois até à primeira cicatriz do antebraço e detendo-se sobre a saliência de carne. Sentia-o quente contra a sua pele. O dedo bateu-lhe de leve, três vezes, no braço. Depois, prosseguiu até às outras cicatrizes e voltou para trás, passando sobre elas como se fossem uma tábua de lavar roupa.

— Derrotou um adversário no Teste das Facas Longas — disse Galbatorix —, e com mais golpes do que há memória alguém ter conseguido suportar. Isso significa que é excepcionalmente determinada e que consegue conter a sua imaginação — é a imaginação hiperativa e não o medo em excesso que faz dos homens covardes, ao contrário do que muitos pensam. Contudo, nenhuma dessas facetas poderá lhe ajudar agora. Muito pelo contrário; serão um obstáculo. Todos têm um limite, seja físico ou mental. A questão é saber quanto tempo levará para chegar a esse ponto — e vai chegar, garanto-lhe. A sua força poderá adiar esse momento, mas não evitá-lo. Nem as suas proteções lhe valerão, enquanto estiver sob a minha alçada. Para quê sofrer desnecessariamente? Ninguém questiona a sua coragem, pois já a demonstrou ao mundo inteiro. Desiste agora. Aceitar o inevitável não seria uma vergonha. Prosseguir seria se sujeitar a uma série de tormentos, apenas para aplacar a sua noção de dever. Apazigue-se e brinde-me com o seu voto de lealdade na língua antiga e, em menos de uma hora, terá uma dúzia de criados às suas ordens, vestidos de seda e damasco para usar, uma série de salas para viver, e um lugar à minha mesa quando jantarmos.

Fez uma pausa à espera que ela lhe respondesse, mas Nasuada olhou para as linhas pintadas no teto, recusando-se a falar.

O dedo continuou a sua exploração, deslizando das cicatrizes até à concavidade do pulso, e deteve-se pesadamente sobre uma veia.

— Está bem, como queira. — A pressão sobre o pulso desapareceu. — Vamos, Murtagh, revele-se! Está sendo indelicado com a nossa hóspede.

Oh não, ele também? pensou Nasuada, sentindo subitamente uma tristeza enorme.

O homem de vermelho que estava junto da braseira virou-se lentamente e, embora usasse uma máscara de prata cobrindo-lhe a metade superior do rosto, ela conseguiu perceber que era de fato Murtagh. Os seus olhos mal se viam nas sombras e a expressão da boca e dos maxilares era sombria.

— Murtagh estava um pouco relutante quando entrou ao meu serviço, mas desde então revelou-se um estudante bastante apto. Tem o talento do pai, não é verdade?

— Sim, senhor — concordou Murtagh num tom rouco.

— Surpreendeu-me ao matar o velho rei Hrothgar, nas Planícies Flamejantes. Nunca imaginei que ele se virasse contra os seus amigos tão facilmente, mas o nosso Murtagh tem muita raiva e sede de sangue dentro de si, isso é verdade. Destroçaria a garganta de um Kull com as próprias mãos, se eu lhe desse chance, e eu dei mesmo. Nada lhe dá mais prazer do que matar, não é?

Os músculos no pescoço de Murtagh contraíram-se.

— Não, senhor.

Galbatorix riu baixinho.

— Murtagh, Assassino de Reis... Um belo epíteto, um epíteto digno de uma lenda, mas que não deve voltar a conquistar, a não ser sob as minhas ordens. — Dirigindo-se a Nasuada, disse: — Até agora negligenciei a sua educação na arte sutil da persuasão, motivo pelo qual o trouxe aqui comigo, hoje. Ele tem alguma experiência como objeto dessa arte, mas não como praticante, e já é mais que tempo de aprender a dominá-la. E haverá melhor forma de aprender senão contigo, aqui? Afinal de contas foi Murtagh que me convenceu que você merecia reunir-se à minha nova geração de discípulos.

Uma estranha sensação de traição percorreu-a. Apesar do que aconteceu, tinha outra ideia de Murtagh. Sondou o seu rosto em busca de uma explicação, mas ele estava rígido como um guarda de sentinela, desviando o olhar para que ela não pudesse deduzir nada da sua expressão.

Depois o rei apontou para a braseira, dizendo num tom formal:

— Tire um ferro!

Murtagh cerrou os punhos, mas não se mexeu.

Uma palavra ressoou nos ouvidos de Nasuada como um enorme sino e a própria matéria de que o mundo era feito pareceu vibrar com o som, como se um gigante tangesse os fios da realidade. Por instantes, ela sentiu-se cair e o ar ao redor tremeluziu como água. Apesar do seu poder, não conseguia lembrar-se das letras que compunham a palavra nem a que língua pertencia, pois esta passou-lhe pela mente deixando apenas a memória do seu efeito.

Murtagh estremeceu e depois torceu o corpo, agarrando num dos ferros e retirando-o hesitantemente da braseira. O ferro projetou uma chuva de

fagulhas, ao sair dos carvões, e várias brasas cintilantes flutuaram para o chão, em espiral, como sementes de pinheiro caídas das pinhas.

A ponta do ferro brilhava num amarelo pálido, escurecendo gradualmente para um tom avermelhado de laranja, enquanto Nasuada a observava. A luz do metal incandescente refletia-se na máscara polida de Murtagh, conferindo-lhe uma aparência grotesca e desumana. Nasuada viu o seu reflexo na máscara: um torso disforme e pernas longas e finas que diminuía de tamanho, convertendo-se em linhas negras ao longo da curva da face de Murtagh.

Por muito inútil que fosse, ela debateu-se nos grilhões, enquanto Murtagh avançava na sua direção.

— Não entendo — disse a Galbatorix, fingindo-se calma. — Não vai usar a sua mente contra mim? — Não que pretendesse que ele o fizesse, mas preferia defender-se de um ataque à sua consciência do que suportar a dor do ferro.

— Haverá tempo para isso, mais tarde, se for necessário — disse Galbatorix. — Por agora estou curioso em saber até que ponto é corajosa, Nasuada, filha de Ajihad. Além disso, preferia não ter de dominar a sua mente e forçar-lhe a me jurar lealdade. Quero que tome essa decisão de livre vontade e enquanto estiver em posse das suas faculdades.

— Por quê? — disse ela, num tom de voz rouco.

— Porque me agrada. Pela última vez, se submete?

— Nunca.

— Assim seja, então. Murtagh?

O ferro desceu na sua direção. A ponta parecia um enorme rubi cintilante.

Não lhe deram nada para morder, por isso não teve outro remédio senão gritar. E a câmara octogonal ecoou com os seus gritos de agonia, até a voz ceder e uma escuridão absorvente a envolver no seu manto.

Nas Asas de um Dragão

Eragon levantou a cabeça e respirou fundo, sentindo parte das suas preocupações perderem-se à distância.

Montar um dragão estava longe de ser repousante, mas estar perto de Saphira era tão tranquilizante para ele como para ela. Poucas coisas no mundo poderiam consola-los tanto como o simples prazer de estarem em contato. Além disso, o ruído e o movimento do voo ajudavam-no a abstrair-se dos pensamentos sombrios que o atormentavam.

Apesar da urgência da viagem e das circunstâncias precárias em que se encontravam, Eragon sentia-se feliz por estar longe dos Varden. O recente derramamento de sangue deixara-o com a sensação de não estar bem.

Desde que se voltou a se reunir com os Varden, em Feinster, passou a maior parte do tempo lutando ou à espera de combater, e essa tensão começava a desgastá-lo, especialmente depois da violência e do horror de Dras-Leona. Matou centenas de soldados em nome dos Varden — alguns nem tiveram a mínima hipótese de molestá-lo — e, embora as suas ações fossem justificadas, a memória delas perturbava-o. Não queria que os combates fossem sempre desesperados nem que os seus adversários fossem sempre iguais ou melhores do que ele — longe disso — mas, ao mesmo tempo, a chacina de tantos homens fazia com que ele se sentisse mais um carniceiro do que um guerreiro. Encarava a morte como algo de corrosivo e quanto mais convivía com ela mais esta o distanciava de si.

Contudo, estar a sós com Saphira... e Glaedr — embora o dragão dourado tivesse se fechado em si desde a partida — ajudava-o a recuperar a sensação de normalidade. Sentia-se bastante confortável sozinho ou em pequenos grupos, e preferia não passar muito tempo em vilas, cidades ou mesmo em acampamentos como o dos Varden. Ao contrário da maioria das pessoas, não odiava nem temia o ambiente selvagem. Por muito agrestes e desertos que fossem os campos, possuíam uma graça e uma beleza que nenhum artifício poderia igualar e Eragon considerava isso tonificante.

Por isso deixou-se distrair pelo voo de Saphira e, durante grande parte do dia, pouco mais fez de importante do que contemplar o desfile da paisagem.

Depois de partir do acampamento dos Varden, nas margens do Lago Leona, Saphira atravessou a ampla extensão de água, virando para Nordeste

e subindo tão alto que Eragon teve de usar um feitiço para se proteger do frio.

O lago parecia desigual: cintilante em áreas onde o ângulo da ondulação refletia o sol, na direção de Saphira, e sombrio e cinzento, noutras. Eragon não se cansava de olhar para os padrões de luz em constante mutação. Nada no mundo se comparava para ele.

Era frequente verem falcões pescadores, grouns, gansos, patos, estorninhos e outras aves voarem por baixo deles. A maior parte ignorava Saphira, mas alguns falcões subiam em espiral e acompanhavam-na durante breves momentos, mostrando-se mais curiosos do que assustados. Dois tiveram até a ousadia de descrever uma curva diante dela, a menos de um metro dos seus dentes longos e aguçados.

As ferozes aves de rapina, de garras recurvas e bico amarelo, lembravam-lhe Saphira em diversos aspectos, uma constatação que ela apreciou, pois também admirava os falcões, não tanto pelo aspecto, mas pelo talento na caça.

A margem atrás deles foi desvanecendo, gradualmente, numa linha indistinta arroxeadada, acabando por desaparecer por completo. Durante mais de meia hora viram apenas aves, nuvens e uma vasta extensão de água batida pelo vento, que cobria a superfície da terra.

Depois a frente, à esquerda, os contornos acidentados da Espinha começaram a aparecer no horizonte — uma visão que Eragon acolheu de bom grado. Embora aquelas não fossem as montanhas da sua infância, pertenciam à mesma cordilheira e ao vê-las ele sentiu que não estava assim tão longe da sua antiga casa.

As montanhas foram crescendo e, finalmente, os picos rochosos cobertos de neve surgiram diante deles, como as ameias destruídas da muralha de um castelo. Ao longo das encostas escuras, cobertas de vegetação, dúzias de ribeiros brancos corriam pela encosta abaixo, abrindo caminho por entre as pregas da terra até se reunirem ao grande lago, no sopé da montanha. Meia dúzia de aldeias erguiam-se sobre a margem ou perto desta, mas graças à magia de Eragon, as pessoas lá em baixo continuavam alheias à presença de Saphira, enquanto sobrevoavam as aldeias.

Ao olhar para as aldeias, Eragon percebeu-se o quão pequenas e isoladas eram e, em retrospectiva, o quão pequena e isolada era Carvahall. Comparadas com as grandes cidades que ele visitou, aquelas aldeias pouco mais eram do que aglomerados de cabanas, que mal serviam para alojar o mais miserável dos aldeões. Eragon sabia que muitos dos homens e mulheres

que as habitavam nunca tinham viajado mais do que alguns quilômetros desde o seu local de nascimento e que viveriam toda a vida circunscritos aos limites da própria visão.

Mas que existência mais limitada, pensou ele.

Mesmo assim, interrogou-se se não seria preferível permanecer num local e aprender tudo o que fosse possível sobre ele em vez de andar constantemente a deambular pelo reino. Seria uma educação abrangente, mas superficial superior a uma educação limitada e profunda?

Não tinha a certeza. Lembrava-se de Oromis lhe dizer, um dia, que se poderia adivinhar o mundo inteiro no menor grão de areia, se o estudássemos com a devida atenção.

A Espinha tinha apenas uma fração da altura das Montanhas Beor e, mesmo assim, os picos escarpados erguiam-se a cerca de trezentos metros de altitude ou mais, acima de Saphira, que abria caminho por entre eles, seguindo os desfiladeiros inundados de sombra e os vales que dividiam a cordilheira. De vez em quando, ela tinha de subir de altitude para ultrapassar uma passagem estreita, coberta de neve, e, sempre que o fazia, o campo de visão de Eragon aumentava e as montanhas pareciam-lhe molares irrompendo das gengivas castanhas da terra.

Saphira planou sobre um vale particularmente profundo e ele viu uma clareira com um ribeiro serpenteante, que ondulava pelo campo de erva, e junto da clareira, Eragon teve um vislumbre de algo semelhante a casas — ou tendas, era difícil perceber — escondidas sob os pesados ramos dos abetos vermelhos que povoavam as encostas das montanhas vizinhas. Um único ponto luminoso, de fogo, brilhava através de um intervalo nos ramos, como uma minúscula lasca de ouro embutida nas camadas de agulhas negras, e ele julgou distinguir também uma figura solitária afastando-se pesadamente do ribeiro. A figura parecia estranhamente corpulenta e a cabeça era desproporcional para o corpo.

Acho que aquilo era um Urgal.

Onde? perguntou Saphira, e Eragon sentiu a sua curiosidade.

Na clareira, atrás de nós. E partilhou a memória com ela. Quem me dera ter tempo para voltar para trás e descobrir. Gostaria de ver como vivem.

Ela roncou e expeliu fumo pelas narinas, baixando depois o pescoço e torcendo-o na direção de Eragon. *Talvez não fiquem muito satisfeitos se um dragão e um Cavaleiro aterrarem inesperadamente entre eles.*

Ele tossiu e piscou os olhos lacrimejantes. *Não se importa?*

Saphira não respondeu, mas o fio de fumo que lhe saía pelas narinas desapareceu e depressa se dissipou no ar.

Pouco depois, Eragon começou a reconhecer a forma das montanhas e, por fim, uma enorme fenda abriu-se diante de Saphira pelo que ele percebeu que estavam sobrevoando a passagem que conduzia a Teirm — a mesma passagem que ele e Brom tinham percorrido duas vezes a cavalo. Estava exatamente como se lembrava dela: as correntes rápidas e fortes do afluente oeste do rio Toark fluíam em direção ao mar distante, e a superfície da água estava listada de cirros brancos nos locais onde os pedregulhos interrompiam o seu curso. A estrada acidentada que Brom e ele tinham feito, ao lado do rio, era ainda uma linha clara e poeirenta, pouco mais larga que um trilho de veados. Julgou até distinguir o aglomerado de árvores onde os dois tinham parado para comer.

Saphira virou para oeste, seguindo ao longo do rio até as montanhas darem lugar a campos luxuriantes, ensopados pela água da chuva. Entretanto reajustou o seu percurso mais para norte. Eragon não questionou a decisão, pois ela parecia nunca se perder, nem numa noite sem estrelas, nem mesmo em Farthen Dûr, muitos metros abaixo do chão.

Quando se afastaram da Espinha, o sol estava perto do horizonte. Enquanto o crepúsculo se instalava, Eragon entreteve-se inventando formas de encurralar, matar ou enganar Galbatorix. Algum tempo depois, Glaedr emergiu do seu isolamento autoimposto e reuniu-se aos esforços. Passaram cerca de uma hora discutindo várias estratégias e a praticaram, atacando-se e defendendo-se mentalmente um ao outro. Saphira também participou no exercício, embora com um sucesso relativo, na medida em que o voo impedia-a de se concentrar noutras coisas.

Mais tarde, Eragon contemplou as estrelas geladas e brancas, perguntando depois a Glaedr:

Poderá o Cofre das Almas conter Eldunarís que os Cavaleiros tenham escondido de Galbatorix?

Não, disse Glaedr sem qualquer hesitação. É impossível. Se Vrael tivesse aprovado um plano desses, Oromis e eu teríamos sabido. E se tivesse ficado algum Eldunarí em Vroengard, nós o teríamos encontrado quando regressamos para passar revista à ilha. Esconder uma criatura viva não é tão fácil como você pensa.

Porque não?

O fato de um porco-espinho se enrolar numa bola, não significa que fique invisível, pois não? O mesmo se passa com as mentes. Pode proteger os seus pensamentos dos outros, mas a sua existência continua a ser visível para alguém que sonde a área.

Com um feitiço certamente que poderias...

Se um feitiço nos tivesse adulterado os sentidos, teríamos dado por isso, pois tínhamos proteções para evitar que tal acontecesse.

Então, não há Eldunarís, concluiu Eragon, com tristeza.

Infelizmente não.

Voaram em silêncio enquanto o quarto crescente se erguia sobre os picos aguçados da Espinha. À luz da lua, a terra parecia feita de peltre e Eragon entreteve-se imaginando que esta seria uma imensa escultura que os anões tinham esculpido e guardado numa caverna maior do que Alagaësia.

Ele conseguia sentir o prazer que Glaedr estava tirando do voo. Tal como Eragon e Saphira, a oportunidade de deixar as preocupações em terra, nem que fosse por um curto espaço de tempo, e voar livremente pelos céus, era bem-vinda para o velho dragão.

Foi Saphira que falou, dirigindo-se a Glaedr, entre lentos e pesados batimentos das asas:

Conta-nos uma história, Ebrithil.

Que tipo de história gostaria de ouvir?

A história de como você e Oromis foram capturados pelos Renegados e como conseguiram depois escapar.

O interesse de Eragon aumentou, ao ouvi-la. Sempre sentiu curiosidade, mas nunca teve coragem de perguntar a Oromis.

Glaedr ficou calado durante algum tempo e depois disse:

Quando Galbatorix e Morzan regressaram das regiões selvagens e iniciaram a sua campanha contra a nossa ordem, não percebemos logo até que ponto a ameaça era grave. É claro que ficamos preocupados, mas não mais do que ficaríamos se descobríssemos que um Espectro andava assombrando o reino. Galbatorix não era o primeiro Cavaleiro a enlouquecer, embora fosse o primeiro a conseguir um discípulo como Morzan. Só isso deveria ter-nos advertido para o perigo que enfrentávamos, mas a verdade só se tornou óbvio tarde de mais.

Na horal, não contemplamos a hipótese de que Galbatorix tivesse reunido outros seguidores ou que tentasse sequer fazer isso, pois parecia-nos absurdo que qualquer um dos nossos parentes se revelasse suscetível aos sussurros venenosos de Galbatorix. Morzan era ainda um noviço e a sua fraqueza era compreensível. Porém, nunca questionamos a lealdade dos que eram Cavaleiros assumidos. Após terem sido tentados, revelaram até que ponto o seu despeito e as suas fraquezas os tinham corrompido. Alguns queriam vingar-se de velhas afrontas; outros acreditavam que os dragões e os Cavaleiros mereciam governar Alagaësia, em virtude do seu poder; e a outros — lamento dizê-lo — agradava-lhes simplesmente a ideia de destruírem o que existia e abandonarem-se a esse prazer como bem entendessem.

O velho dragão fez uma pausa e Eragon sentiu ódios e mágoas ancestrais assombrarem lhe a mente. Depois Glaedr prosseguiu:

Nessa altura os acontecimentos eram... confusos. Pouco se conseguia saber e todas as informações que recebíamos estavam de tal forma rodeadas de rumores e especulações que eram inúteis. Oromis e eu começamos a suspeitar que algo de muito pior do que se imaginava estava em curso. Tentamos convencer vários dragões e Cavaleiros mais velhos, mas eles não concordaram e rejeitaram as nossas preocupações. Nenhum era idiota, mas séculos de paz toldaram lhes a visão e eles eram incapazes de ver que o mundo à nossa volta estava mudando.

Frustrados com a falta de informação, Oromis e eu abandonamos Ilirea para tentar descobrir sozinhos o que pudéssemos. Levamos dois Cavaleiros mais jovens conosco, ambos elfos, guerreiros talentosos, que tinham regressado recentemente de uma visita de reconhecimento à parte norte da Espinha. Foi, em parte, graças à sua insistência que nos aventuramos a avançar mais na expedição. Talvez reconheçam os seus nomes: Kialandí e Formora.

— Ah — disse Eragon, percebendo de repente.

Sim. Depois de um dia e meio de viagem, paramos em Edur Naroch, uma torre de vigia há muito construída para vigilância da Floresta de Silverwood. Sem que o soubéssemos, Kialandí e Formora tinham já visitado a torre e assassinaram os três elfos que lá tinham sido colocados como guardas florestais, montando depois uma armadilha sobre as pedras que cercavam a torre, que nos apanhou no mesmo instante em que as minhas garras tocaram na erva, sobre a colina. Era um feitiço inteligente e tinha sido Galbatorix quem lhes ensinou. Não tínhamos defesas contra ele, até porque não nos causou qualquer dano, limitando-se a prender-nos e a

empatar-nos, como mel derramado sobre o corpo e a mente. Enquanto estávamos encurralados, foi como se os minutos passassem em segundos. Kialandí, Formora e os seus dragões esvoaçavam à nossa volta, mais depressa que beija-flores, como manchas escuras na nossa visão periférica.

Depois de fazerem o que queriam, libertaram-nos. Tinham-nos lançado dúzias de feitiços — para nos imobilizarem, para nos cegarem e para impedirem Oromis de falar, dificultando-lhe a tarefa de lançar os seus próprios feitiços. Mais uma vez, a sua magia não nos molestou e, por isso, não tínhamos qualquer defesa...

Assim que pudemos, atacamos Kialandí, Formora e os seus dragões com as nossas mentes, e eles atacaram-nos também. Lutamos contra eles durante horas e a experiência não foi nada... agradável. Eles eram mais fracos e menos experientes que Oromis e eu, mas eram dois contra cada um e tinham com eles o coração dos corações de um dragão chamado Agaravel — cujo Cavaleiro tinham assassinado —, que reuniu a sua força à deles. Consequentemente, fomos forçados a nos defender. O seu interesse, como viemos a descobrir, era forçar-nos a ajudar Galbatorix e os Renegados a entrarem em Ilirea sem que ninguém desse por isso, a fim de apanharem os Cavaleiros de surpresa e capturarem os Eldunarís que viviam na cidade.

— Como conseguiram escapar? — perguntou Eragon.

Ao seu tempo tornou-se claro que não conseguiríamos derrotá-los, por isso Oromis decidiu correr o risco de usar magia para tentar libertar-nos, embora soubesse que iria compelir Kialandí e Formora a atacar-nos com magia. Não passava de um estratagema desesperado, mas era a nossa única hipótese.

Em determinado momento, sem saber dos planos de Oromis, voltei a atacar os nossos adversários, com o intuito de feri-los, e era disso mesmo que Oromis estava à espera. Há muito tempo que ele conhecia o Cavaleiro que instruíra Kialandí e Formora em artes mágicas, pelo que estava bastante familiarizado com o raciocínio distorcido de Galbatorix. Partindo desse conhecimento, conseguiu adivinhar as palavras que Kialandí e Formora tinham utilizado nos seus feitiços, e onde era mais provável que tivessem cometido erros.

Oromis teve apenas alguns segundos para agir, pois assim que começou a usar magia, Kialandí e Formora perceberam os seus planos, entraram em pânico e começaram a lançar os seus próprios feitiços. Oromis só conseguiu nos libertar na terceira tentativa. Como o fez exatamente, não sei. Duvido que ele próprio entendesse. Limitou-se a nos afastar um dedo do local onde estávamos.

Tal como Arya enviou o meu ovo de Du Weldenwarden para a Espinha?, perguntou Saphira.

Sim e não, respondeu Glaedr. Sim, transportou-nos de um local para o outro sem nos deslocar pelo espaço intermédio; mas não se limitou a mudar a nossa posição, modificou também a nossa carne, reformulando-a de tal forma que já não éramos quem antes tínhamos sido. Muitas das partes menores do nosso corpo podem ser trocadas sem quaisquer efeitos nefastos, e foi exatamente isso que ele fez com todos os nossos músculos, ossos e órgãos.

Eragon franziu as sobrancelhas. Esse feitiço era uma proeza de alto gabarito, um prodígio de destreza mágica que poucos poderiam concretizar. Ainda assim, por muito impressionado que ele tenha ficado, não pôde deixar de perguntar:

— Mas como poderia isso ter resultado, se continuava a ser a mesma pessoa?

Continuava a ser e, ao mesmo tempo, não. A diferença entre aquilo que éramos antes e o que passamos a ser era ligeira, mas foi o suficiente para neutralizar os encantamentos que Kialandí e Formora tinham tecido à nossa volta.

E os feitiços que lançaram quando perceberam o que Oromis estava fazendo?, perguntou Saphira.

Eragon julgou ver uma imagem de Glaedr agitando as asas, como se estivesse saturado de permanecer na mesma posição tanto tempo.

O primeiro feitiço de Formora supostamente deveria nos matar, mas as nossas palavras neutralizaram-no. O segundo foi de Kialandí...mas esse foi outra história. Era um feitiço que Kialandí aprendeu com Galbatorix e, por sua vez, este aprendeu com os espíritos que tinham possuído Durza. Sei isso porque estava em contato com a mente de Kialandí quando ele construiu o encantamento. Era um feitiço hábil e diabólico, com o propósito de impedir Oromis de tocar e manipular o fluxo de energia ao seu redor, impedindo-o dessa forma de usar magia.

— Kialandí fez o mesmo a você?

Teria feito, mas receou que este me matasse ou cortasse a ligação com o meu coração dos corações, criando duas versões independentes de mim que depois teriam de dominar. Mais ainda do que os Elfos, nós, os dragões dependemos da magia para existir. Sem ela depressa morreremos.

Eragon sentia que aquilo despertou a curiosidade de Saphira.

Isso já aconteceu alguma vez? Alguma vez se cortou a ligação entre um dragão e o seu Eldunarí, enquanto o corpo do dragão estava ainda vivo?, perguntou ela.

Sim, mas isso é uma história para outra hora.

Saphira acalmou, mas Eragon percebeu que ela voltaria a levantar essa questão, assim que pudesse.

— Mas o feitiço de Kialandí não impediu Oromis de fazer magia, pois não?

Não totalmente. Deveria tê-lo impedido, mas Kialandí lançou o feitiço ao mesmo tempo em que Oromis nos deslocava de um lado para o outro, por isso o seu efeito foi de alguma forma atenuado. Ainda assim permitiu-lhe apenas usar formas rudimentares de magia e, como sabe, o feitiço permaneceu com ele durante o resto da sua vida, apesar dos esforços dos nossos melhores curandeiros.

— Porque é que as suas defesas não o protegeram?

Glaedr pareceu suspirar.

Isso é um mistério. Nunca ninguém fez algo semelhante, Eragon, e Galbatorix é o único ser ainda vivo que conhece o segredo. O feitiço ficou ligado à mente de Oromis, mas pode não o ter afetado diretamente, atuando em vez disso na energia em torno dele ou na sua ligação com ela. Há muito que os Elfos estudam magia, mas nem mesmo eles compreendem de que forma o universo material e o imaterial interagem. É provável que nunca se resolva esse enigma. Parece, contudo, razoável presumir que os espíritos sabem mais do que nós acerca do material e do imaterial, uma vez que são a personalização do último e que possuem o primeiro na forma de Espectro.

Seja qual for a verdade, o resultado foi o seguinte: Oromis lançou o feitiço e libertou-nos, mas o esforço foi extremo e ele sofreu um ataque, o primeiro de muitos. Nunca mais foi capaz de voltar a lançar um feitiço tão poderoso e, daí em diante, começou a padecer de uma debilidade física que o teria matado se não fosse a sua aptidão para a magia. Essa debilidade estava já presente quando Kialandí e Formora nos capturaram, mas quando nos deslocou e reformulou os nossos corpos, ela veio ao de cima, de contrário a sua enfermidade teria ficado latente durante muitos anos.

No instante em que Formora e o seu dragão — uma coisa horrorosa, castanha — correram na nossa direção, seguidos de perto pelos outros, Oromis caiu no chão, tão indefeso como uma cria. Saltei por cima dele e ataquei, pois se eles tivessem percebido que ele estava incapacitado, teriam aproveitado para invadir a sua mente, dominando-a. Tive de distraí-los até

Oromis se recuperar... Nunca lutei tão ferozmente como naquele dia. Eram quatro contra mim, cinco ao todo, se contássemos com Agaravel. O dragão castanho e o vermelho de Kialandí eram menores do que eu, mas tinham dentes mais aguçados e garras mais rápidas. Ainda assim, a minha fúria deu-me mais força do que era habitual e eu infligi ferimentos graves em ambos. Kialandí cometeu a imprudência de se aproximar demais e eu agarrei-o com as garras e atirei-o contra o seu dragão. Glaedr soltou um ronco divertido. A magia dele não o protegeu contra isso. Um dos espinhos do dragão vermelho empalou-o e ele teria morrido ali mesmo se o dragão castanho não me obrigasse a recuar.

Devíamos estar lutando há cinco minutos, quando ouvi Oromis gritar que tínhamos de fugir. Atirei com pó ao rosto dos meus inimigos e voltei para junto de Oromis. Agarrei-o com a pata dianteira, direita, e levantei voo de Edur Naroch. Kialandí e o seu dragão não nos podiam seguir, mas Formora e o dragão castanho fizeram-no.

Apanharam-nos a menos de um quilômetro e meio da torre de vigia. Ficamos próximos diversas vezes e, depois, o dragão castanho voou por baixo de mim e eu vi Formora prestes a atingir-me com a espada na pata direita. Creio que estava tentando me forçar a largar Oromis, ou talvez quisesse matá-lo. Torci-me para me esquivar do golpe e, em vez de me acertar na pata direita, atingiu-me na esquerda decependo-a.

A memória que perpassou a mente de Glaedr era uma sensação intensa, gelada e cortante, como se a espada de Formora tivesse sido forjada em gelo e não em aço. Eragon sentiu-se nauseado. Engoliu em seco e apertou o espinho em frente da sela, congratulando-se pelo fato de Saphira estar a salvo.

Doeu menos do que possam imaginar. Mas eu sabia que não podia continuar lutando, por isso virei e voei o mais depressa que pude em direção a Ilirea. De certa forma, a vitória de Formora virou-se contra ela, pois sem o peso da pata, consegui distanciar-me do dragão castanho, escapando.

Oromis conseguiu estancar a hemorragia, mas nada mais do que isso. Ele estava muito fraco para contatar Vrael ou os outros Cavaleiros mais velhos, avisando-os dos planos de Galbatorix. Nós sabíamos que assim Kialandí e Formora o informassem, Galbatorix iria atacar Ilirea. Se esperássemos, teríamos apenas tempo para fortificar a cidade. Apesar de ser muito poderoso, a surpresa continuava a ser a maior arma de Galbatorix, naquela época.

Quando chegamos a Ilirea, ficamos desanimados ao ver que havia poucos membros da nossa ordem; na nossa ausência, outros tinham partido

à procura de Galbatorix, ou para se aconselharem pessoalmente com Vrael, em Vroengard. Alertamos do perigo os que restavam e conseguimos que eles avisassem Vrael, os outros dragões e os Cavaleiros mais velhos. Eles pareciam não acreditar que Galbatorix tivesse tropas suficientes para atacar Ilirea — ou que se atrevesse a fazê-lo — mas acabamos por conseguir convencê-los da verdade. Em consequência, eles decidiram que todos os Eldunarís de Alagaësia deveriam ser levados para Vroengard, a fim de ficarem em segurança.

Parecia uma medida prudente, mas devíamos tê-los mandado para Ellesméra. No mínimo, deveríamos ter deixado os Eldunarís que já estavam em Du Weldenvarden no mesmo local. Assim, pelo menos alguns não teriam ido parar às mãos de Galbatorix. Infelizmente, nenhum de nós pensou que estariam mais seguros entre os Elfos do que em Vroengard, no coração da nossa ordem.

Vrael ordenou a todos os dragões e Cavaleiros, que estavam a alguns dias de viagem de Ilirea, que se apressassem a regressar para ajudar a defender a cidade. Mas Oromis e eu receamos que fosse tarde demais, além de que não estávamos em condições de ajudar a defender Ilirea. Por isso agarramos nas provisões necessárias e abandonamos a cidade nessa mesma noite, com os dois estudantes que nos restavam — Brom e a sua homônima, Saphira. Creio que viram a imagem que Oromis criou quando partimos.

Eragon acenou com a cabeça, com um ar alheio, recordando a imagem da bela cidade salpicada de torres, na base de uma escarpa, iluminada pela lua cheia do equinócio de outono.

Por isso, que não estávamos em Ilirea quando Galbatorix e os Renegados a atacaram, algumas horas depois, e por isso também não estávamos em Vroengard quando os traidores derrotaram o poder combinado de todas as nossas tropas e saquearam Doru Araeba. De Ilirea, viajamos para Du Weldenvarden, na esperança de que os onze curandeiros conseguissem sarar o padecimento de Oromis, e devolver-lhe a aptidão de praticar magia. Ao vermos que não era possível, decidimos ficar, pois parecia mais seguro do que voar até Vroengard, estando ambos debilitados pelos ferimentos e suscetíveis de sofrer uma emboscada a qualquer momento, durante a viagem.

Contudo, Brom e Saphira não ficaram conosco. Apesar das nossas advertências, reuniram-se à batalha e foi nesse combate que a sua homônima morreu, Saphira... Agora já sabem como os Renegados nos capturaram e como escapamos.

Momentos depois Saphira disse:

Obrigada pela história, Ebrithil.

Não tem de agradecer, Bjartskular, mas não volte a pedir para conta-la.

Quando a lua estava quase no seu zênite, Eragon viu um ninho de luzes indistintas, alaranjadas, flutuando na escuridão. Só algum tempo depois percebeu que eram tochas e lanternas de Teirm, a muitos quilômetros de distância. Muito acima das luzes, surgiu, por instantes, um ponto amarelo vivo, como um grande olho, fitando-o. Depois desapareceu e reapareceu, piscando num ciclo imutável, como se o olho se estivesse abrindo e fechando.

O farol de Teirm está ligado, disse, dirigindo-se a Saphira e a Glaedr.

Então é porque vem aí uma tempestade, disse Glaedr.

Saphira parou de bater as asas e Eragon sentiu-a inclinar-se para a frente, começando a planar longa e lentamente em direção ao solo.

Meia hora depois aterrou. Nessa altura, Teirm resumia-se a uma vaga radiância, ao sul, e o feixe de luz do farol não passava de uma estrela. À luz da lua, o solo rígido e plano da praia parecia quase branco. As ondas que arrebentavam eram cinzentas e negras, e pareciam furiosas, como se o oceano quisesse devorar a terra a cada onda.

Eragon soltou as correias que tinha em torno das pernas e desmontou Saphira, grato pela oportunidade de esticar os músculos. Sentiu o cheiro da maresia, ao correr pela praia em direção de um enorme pedaço de madeira que tinha sido arrastado pela água, com o manto ondulando atrás de si. Ao aproximar-se do pedaço de madeira, deu meia volta e voltou para junto de Saphira.

Estava sentada onde ele a tinha deixado, olhando para o mar. Ele fez uma pausa, interrogando-se se iria falar, pois sentia uma grande tensão dentro dela. Ao ver que ela continuava em silêncio, Eragon virou-se e voltou a correr até ao pedaço de madeira. *Falaria quando estivesse preparada,* pensou.

Eragon correu para trás e adiante até sentir todo o corpo quente e as pernas trêmulas.

Contudo, durante todo esse tempo, Saphira manteve o olhar fixo num ponto qualquer, à distância.

Eragon atirou-se para uma extensão de junças, junto dela e Glaedr disse:

Seria uma imprudência tentar.

Eragon inclinou a cabeça, sem perceber a quem o dragão se dirigira.

Eu sei que consigo, disse Saphira.

Você nunca foi a Vroengard, disse Glaedr. Se houver uma tempestade, poderá ser arrastada para alto-mar, ou pior. Vários dragões morreram por excesso de confiança. O vento não é seu amigo, Saphira. Pode ajudar-lhe, mas também pode destruir-lhe.

Eu não sou nenhuma cria para me darem recados acerca do vento!

Não, mas ainda é jovem e não me parece que esteja preparada para isto.

Se formos pelo outro lado, demoraremos muito tempo.

Talvez, mas é preferível chegar em segurança, do que não conseguir lá chegar.

— Do que estão falando? — perguntou Eragon.

A areia em frente das patas de Saphira restolhou asperamente, quando ela fletiu as garras, enterrando-as na areia.

Temos de fazer uma escolha, disse Glaedr. Aqui, Saphira poderá voar diretamente para Vroengard, ou seguir a linha da costa rumo a norte até alcançar o ponto mais próximo da ilha, em terra, virando então — e só então — para oeste e atravessando o mar.

Qual seria o caminho mais rápido?, perguntou Eragon, embora já soubesse a resposta.

Voar diretamente para lá, respondeu Saphira.

Mas se o fizer, teria de sobrevoar sempre a água.

Saphira eriçou-se.

Não é mais longe do que dos Varden até aqui, ou será que estou errada?

Está mais cansada e se houver uma tempestade...

Voarei em torno dela!, disse ela, bufando e libertando um jato de chamas azuis e amarelas pelas narinas.

A chama afetou a visão de Eragon, deixando-lhe uma imagem residual cintilante.

— Ah, não consigo ver — disse ele, esfregando os olhos na tentativa de eliminar a imagem residual. *Seria realmente assim tão perigoso voar diretamente até lá?*, questionou-se Eragon.

Pode ser perigoso, resmungou Glaedr.

Quanto tempo demoraríamos, se seguissemos ao longo da costa?

Meio dia, talvez um pouco mais.

Eragon coçou a barba no queixo, fixando a ameaçadora massa de água. Depois olhou para Saphira e disse-lhe em voz baixa:

— Tem certeza de que consegue fazer isso?

Ela torceu o pescoço e fitou-o com um grande olho. A pupila expandira-se até ficar quase circular, e estava tão grande e negra que Eragon sentiu que podia saltar para dentro dela e desaparecer.

Não podia estar mais certa, respondeu ela.

Eragon acenou com a cabeça e passou as mãos pelo cabelo, habituando-se à ideia.

Nesse caso, temos de arriscar... Glaedr, pode guiá-la, se for necessário? Podes ajudá-la?

O velho dragão manteve-se em silêncio por uns instantes, surpreendendo depois Eragon com um sussurro semelhante ao que Saphira fazia quando estava satisfeita ou divertida.

Muito bem, já que temos de desafiar o destino, não sejamos covardes. Pelo mar então.

Uma vez resolvido o assunto, Eragon voltou a subir para o dorso de Saphira e esta, com um único salto, abandonou a segurança da terra firme levantando voo sobre as ondas ínvias.

O Som da Sua Voz, o Toque da Sua Mão



...

— Jure-me fidelidade na língua antiga?

— Nunca!

A pergunta dele e a resposta dela estavam tornando-se um ritual, uma espécie de desafio, como as crianças faziam nos jogos, só que neste ela perdia, mesmo quando ganhava.

Só os rituais permitiam a Nasuada manter a sanidade, pois era através deles que regulava o seu mundo — permitiam-lhe suportar cada momento e passar ao momento seguinte, dando-lhe algo a que se agarrar quando tudo o resto lhe tinha sido subtraído. Rituais de pensamento, rituais de ação, rituais de dor e de alívio — era deles que dependia a sua vida. Sem eles estaria perdida, como uma ovelha sem pastor, um devoto privado da fé... um Cavaleiro separado do dragão.

Infelizmente, aquele ritual em particular acabava sempre da mesma forma: mais um toque do ferro.

Ela gritou, mordeu a língua, e a boca encheu-se de sangue. Tossiu, tentando desobstruir a garganta, mas havia muito sangue e começou a sufocar. Os pulmões ardiam-lhe com falta de ar e as linhas no teto começaram a ficar desfocadas e a desaparecer. Depois tudo desapareceu, até mesmo a escuridão.

Mais tarde Galbatorix falou-lhe, enquanto os ferros aqueciam.

Também isso se tornou um dos rituais.

Foi ele que lhe curou a língua — estava convencida de que foi ele e não Murtagh, porque lhe disse:

— Seria péssimo que não pudesse falar, não é verdade? Como iria eu saber quando estivesse pronta para me servir?

Tal como anteriormente, o rei estava sentado à direita, nos limites do seu campo de visão. Tudo o que via era uma silhueta de contornos dourados, com o corpo parcialmente escondido sob o longo e pesado manto que usava.

— Eu conheci o seu pai quando ele era capataz da maior propriedade de Enduriel, sabia? — disse Galbatorix. — Ele não lhe falou nisso?

Nasuada estremeceu e cerrou as pálpebras, sentindo as lágrimas escaparem-se pelos cantos dos olhos. Detestava ouvi-lo. A voz era muito poderosa, muito sedutora e compelia-a a fazer tudo o que ele quisesse só para o ouvir tecer-lhe um pequeno elogio.

— Sim — murmurou ela.

— Não lhe dei grande importância na hora. Porque haveria de dar? Ele era um criado, ninguém digno de atenção. Enduriel dava-lhe bastante liberdade, para melhor gerir os negócios da propriedade — muita liberdade como se veio a concluir. — O rei fez um gesto displicente e a luz iluminou lhe a mão semelhante a uma garra. — Enduriel sempre foi muito permissivo. O engenhoso era o dragão; Enduriel limitava-se a cumprir ordens... Mas que estranha sequência de acontecimentos que o destino nos reservou. Pensar que o homem que cuidava para que as minhas botas estivessem sempre bem engraxadas acabou por se tornar o meu principal inimigo, depois de Brom, e que a sua filha voltou a Urû'baen e está prestes a entrar ao meu serviço, tal como o pai. É bastante irônico, não lhe parece?

— O meu pai fugiu e quase matou Durza, na hora — disse ela. — Nem com todos os seus feitiços e juramentos, conseguiu prendê-lo, tal como não me conseguirá prender.

Pareceu-lhe vê-lo franzir as sobrancelhas.

— Sim, isso foi lamentável. Durza ficou bastante irritado na hora. Dentro de uma família parece ser mais fácil as pessoas mudarem e, consequentemente, alterarem os seus verdadeiros nomes, motivo pelo qual agora apenas escolho para meus criados gente estéril e solteira. Porém, está redondamente enganada se pensa que vai conseguir escapar. A única forma de abandonar o Salão da Profetisa é jurando-me lealdade ou morrendo.

— Então morrerei.

— Mas que falta de visão. — A silhueta de contornos dourados inclinou-se para ela. — Nunca pensou que o mundo poderia ser pior se eu não tivesse derrotado os Cavaleiros, Nasuada?

— Os Cavaleiros mantinham a paz — respondeu ela. — Protegiam toda a Alagaësia da guerra, da peste... da ameaça dos Espectros e, em épocas de

fome, levavam comida aos famintos. Como poderá esta terra ser melhor sem eles?

— Porque o seu serviço tinha um preço. Você mais do que ninguém deveria saber que tudo neste mundo tem um preço, seja ele pago em ouro, em tempo, ou com sangue. Nada é gratuito, nem mesmo os Cavaleiros. Especialmente os Cavaleiros.

Sim, eles mantinham a paz, mas também sufocaram as raças desta terra. elfos, anões, tal como os humanos. O que se ouve dizer em louvor dos Cavaleiros sempre que os bardos entoam trovas lamentosas à sua morte? Que o seu reinado se prolongou durante milhares de anos e que durante essa “era dourada” tão exaltada, pouco mudou para além dos nomes de reis e rainhas presunçosos, tranquilamente sentados nos seus tronos. Ah, mas havia pequenos incidentes alarmantes: um Espectro aqui, uma incursão de Urgals ali, ou uma escaramuça entre dois clãs de anões por causa de uma mina a que só eles davam importância. Mas, de uma forma geral, a ordem das coisas continuou a ser exatamente a mesma que era na altura em que os Cavaleiros começaram a ganhar importância.

Murtagh mexeu os carvões na braseira e ela ouviu um tinido metálico. Desejava poder ver-lhe o rosto para avaliar a sua reação às palavras de Galbatorix, mas como de costume, ficou de costas para ela, de olhos postos nos carvões. Só a olhava quando tinha de lhe encostar o metal incandescente à pele. Esse era o seu ritual privado e Nasuada tinha a impressão que ele precisava tanto dele como ela dos seus.

E Galbatorix continuava a falar:

— Isso não lhe parece a maior das crueldades, Nasuada? A vida é mudança, porém, os Cavaleiros suprimiram-na para que o reino permanecesse numa letargia constrangedora, incapaz de se libertar dos seus tronos, incapaz de avançar ou de recuar, como seria natural... incapaz de se renovar. Vi com os meus próprios olhos em Vroengard e aqui, nos cofres de Ilirea, pergaminhos com detalhes sobre descobertas — descobertas mágicas, mecânicas, descobertas relacionadas com todas as áreas da filosofia natural — que os Cavaleiros mantiveram escondidas por recearem o que poderia acontecer se passassem a ser do conhecimento comum. Os Cavaleiros eram covardes vinculados a um velho estilo de vida e a uma velha forma de pensar, que estavam determinados a defender até ao último fôlego. A sua tirania era delicada, mas não deixava de ser tirania.

— Mas seria o assassinato e a traição realmente a solução? — perguntou Nasuada, sem se importar que ele a castigasse.

Ele deu uma gargalhada, parecendo verdadeiramente divertido.

— Que hipocrisia! Condena-me exatamente por aquilo que você própria tenciona fazer. Me mataria aqui mesmo, se pudesse, sem qualquer hesitação, como se eu não passasse de um cão raivoso.

— Você é um traidor, eu não.

— Eu sou um vencedor. Ao fim e ao cabo, nada mais importa. Não somos tão diferentes como pensa, Nasuada. Você quer me matar porque acha que a minha morte iria beneficiar Alagaësia e porque acredita que pode governar melhor o Império do que eu — embora seja praticamente uma criança. Os outros iriam desprezar-lhe pela sua arrogância, mas não eu, porque lhe entendo. Eu entrei em guerra com os Cavaleiros pelas mesmas razões e estava certo ao fazê-lo.

— Não teria sido por uma questão de vingança?

Pareceu-lhe vê-lo sorrir.

— Talvez isso me tivesse inspirado no início, mas a minha motivação principal não era o ódio nem a vingança. Eu estava preocupado com aquilo em que os Cavaleiros tinham se transformado e estava convencido, como de resto ainda estou, de que só quando eles desaparecessem poderíamos florescer enquanto raça.

Por instantes a dor dos ferimentos impediu-a de falar, mas conseguiu sussurrar:

— Se o que diz for verdade — e eu não tenho motivos para acreditar em você — não é melhor do que os Cavaleiros. Pilhou as bibliotecas e reuniu os repositórios de conhecimento e, até agora, não partilhou esse saber com ninguém.

Galbatorix aproximou-se e ela sentiu o seu hálito sobre o ouvido.

— Isso é porque encontrei pistas de uma verdade maior, dispersa pelos repositórios de segredos, uma verdade que poderá dar resposta a uma das perguntas mais desconcertantes da história.

Nasuada sentiu um calafrio na espinha.

— Que... pergunta?

Ele voltou a recostar-se na cadeira, puxando pela ponta da capa.

— A forma como um rei ou uma rainha podem impor o cumprimento das leis que promulgam, quando há quem pratique magia entre os seus súditos. Quando percebi a que se referiam essas pistas, pus tudo o resto de

lado, e prometi a mim mesmo descobrir essa verdade, essa resposta, sabendo que era da maior importância. Foi por isso que guardei para mim os segredos dos Cavaleiros. Tenho estado ocupado com a minha busca. Essa questão terá de estar esclarecida, antes de eu dar a conhecer qualquer descoberta. O mundo já é um local intranquilo. É preferível aquietar as águas antes de voltá-las a agitar... Demorei quase cem anos encontrando a informação de que precisava e, agora que a tenho, irei utilizá-la para reformar toda a Alagaësia.

A magia é a grande injustiça do mundo. Não seria tão injusta se essa aptidão se revelasse apenas entre os fracos, pois compensaria tudo aquilo de que fossem privados por força da sorte ou das circunstâncias. Mas não é isso que se passa. Os fortes estão igualmente aptos a praticar magia e têm mais a ganhar com isso. Basta olharmos para os elfos para percebermos que é verdade. O problema não está confinado aos indivíduos, perturba também as relações entre as raças. Os elfos têm mais facilidade do que nós em manter a ordem na sociedade, pois quase todos conseguem usar magia, e portanto raros são os casos em que ficam à mercê uns dos outros. Nesse aspecto são uns afortunados. Mas nós não somos assim tão afortunados. Nem nós, nem os anões, nem mesmo os abomináveis Urgals. Só conseguimos viver aqui em Alagaësia porque os elfos o permitiram. Se quisessem, nos teriam varrido da face da terra, tão facilmente como um dilúvio arrasaria um formigueiro. Mas isso acabou, pelo menos enquanto eu aqui estiver para me opor ao seu poder.

— Os Cavaleiros jamais permitiriam que eles nos matassem ou nos expulsassem.

— Não, mas enquanto os Cavaleiros existiam, estávamos dependentes da sua boa vontade e não é justo que tenhamos de recorrer a outros para nos protegemos. Os Cavaleiros começaram por ser um meio de manter a paz entre os elfos e os dragões, mas o seu principal propósito acabou por residir em fazer respeitar a lei em todo o reino. Contudo, eram insuficientes para o desempenho dessa missão, tal como os meus feiticeiros, os Mão Negra. O problema é muito abrangente para qualquer grupo o combater. A minha própria vida o demonstra. Mesmo que houvesse um grupo de feiticeiros de confiança, suficientemente experientes para vigiar todos os outros feiticeiros de Alagaësia — prontos a intervir ao mínimo sinal de malfetoria — continuaríamos a confiar exatamente naqueles cujos poderes procuramos restringir, e o reino acabaria por não ser mais seguro do que é agora. Não. Para resolver este problema, teremos de abordá-lo de uma forma mais profunda, a um nível mais básico. Os antigos sabiam como isso se fazia e, agora, eu também sei.

Galbatorix mudou de posição na cadeira e Nasuada distinguiu um brilho intenso no olhar, como uma lanterna nas profundezas de uma caverna.

— Tomarei providências para que nenhum feiticeiro possa molestar outro ser, seja ele humano, anão ou elfo. Nenhum poderá lançar feitiços, a menos que esteja autorizado. Só os magos benignos e bem intencionados terão permissão para fazê-lo. Mesmo os elfos estarão sujeitos a essa regra. Terão de aprender a medir as suas palavras, ou então a calarem-se.

— E quem dará essa autorização? — perguntou ela. — Quem decidirá quem tem autorização e quem não tem? Você?

— Alguém terá de decidir. Fui eu que reconheci o que era necessário, fui eu que descobri os meios e serei eu que os implementarei. Despreza a ideia? Nesse caso, pergunta a si mesma, Nasuada: tenho sido um mau rei? Seja honesta. Segundo os padrões dos meus antepassados, não me tenho revelado excessivo.

— Tem sido cruel.

— Isso não é a mesma coisa... Você comandava os Varden e conhece o fardo do comando. Certamente que percebeu a ameaça que a magia representa para estabilidade de qualquer reino. Só para lhe dar um exemplo: tenho passado mais tempo trabalhando nos encantamentos que impedem a falsificação da moeda do reino do que tratando de qualquer outro aspecto das minhas obrigações. No entanto, tenho a certeza de que há um feiticeiro astuto por aí em algum lugar, que descobriu uma forma de contornar as minhas proteções e anda atarefado fazendo sacos de moedas de chumbo com as quais poderá enganar nobres e plebeus. Porque pensa que tenho tido o cuidado de restringir o uso de magia em todo Império?

— Porque representa uma ameaça para você.

— Não! Está totalmente enganada. Não representa qualquer ameaça. Nada representa uma ameaça para mim. Porém, os feiticeiros são uma ameaça para o funcionamento do reino, e isso eu não vou tolerar. Imagina a paz e a prosperidade que reinarão, quando eu submeter todos os feiticeiros do mundo às leis do reino. Nunca mais nenhum homem ou anão terá de recear os elfos. Nunca mais os Cavaleiros poderão impor a sua vontade aos outros. Nunca mais os que não praticam magia serão vítimas dos que a praticam... Alagaësia se transformará e nós poderemos construir um futuro prodigioso num ambiente de renovada segurança. Um futuro em que poderá participar.

Reúne-se a mim, Nasuada, e terá a oportunidade de coordenar a criação de um mundo como nunca se viu — um mundo onde um homem se manterá

de pé ou tombará consoante a força das suas pernas e a agudeza da sua mente, e não pelo fato de a sorte lhe ter concedido aptidões para a magia. O homem pode fortalecer as pernas e melhorar a mente, mas jamais poderá aprender a usar magia se nasceu sem aptidões para tal. Como disse, a magia é a maior das injustiças e eu vou impor limites aos feiticeiros, para o bem de todos.

Nasuada olhou para as linhas no teto e tentou ignorá-lo. Muito do que Galbatorix disse era semelhante ao que ela pensava. Ele tinha razão: a magia era a força mais destrutiva no mundo e, se pudesse ser regulada, Alagaësia seria um lugar melhor. Ela detestava pensar que nada pudera impedir Eragon de...

Azul, vermelho. Motivos de cores entrelaçadas. A dor latejante das queimaduras. A luta desesperada para se concentrar em tudo menos... em tudo menos nada. Aquilo em que estava pensando, não era nada... não existia.

— Me chama de cruel. Amaldiçoa o meu nome e tenta derrotar-me, mas lembre-se, Nasuada: não fui eu que comecei esta guerra e não sou responsável por aqueles que perderam a vida em consequência disso. Não fui eu que procurei isto, foi você. Eu teria me contentado em me dedicar aos estudos, mas os Varden insistiram em roubar o ovo de Saphira do meu tesouro. Você e a sua espécie são os responsáveis por todo o sangue derramado e por toda a mágoa que se seguiu. Afinal de contas, são vocês que têm andado armando alvoroço pelos campos, queimando e pilhando como muito bem entendem, e não eu. Ainda assim, têm a audácia de afirmar que o culpado sou eu! Se fosse a casa dos camponeses, eles lhe diriam que são os Varden que mais temem. Diriam-lhe que esperam proteção dos meus soldados e que esperam que o Império derrote os Varden, para que tudo fique como antes.

Nasuada umedeceu os lábios e, embora soubesse que a ousadia poderia sair-lhe cara, disse:

— Parece-me que protesta demais... Se o bem-estar dos seus súditos fosse a sua principal preocupação, terias voado ao encontro dos Varden, há semanas atrás, em vez de deixar um exército à solta dentro das suas fronteiras. A menos que não esteja tão seguro do seu poder como faz querer. Ou será que teme que os Elfos tomem Urû'baen na sua ausência? — Como se tornou seu costume, ela falou dos Varden como se não soubesse mais do que qualquer outra pessoa no Império.

Galbatorix mudou de posição, pelo que Nasuada percebeu que ele estava se preparando para responder, de qualquer forma ainda não tinha terminado.

— E os Urgals? Não consegue me convencer que a sua causa é justa, quando se dispôs a exterminar uma raça inteira para aliviar a dor que sentiu com a morte do seu primeiro dragão. Não tem resposta para isso, Traidor?... Fale-me dos dragões, então. Explique-me porque matou tantos dragões, condenando lenta e inevitavelmente a sua espécie à extinção, e explique-me também porque maltratou os Eldunarís que capturou — e deixou escapar, com a fúria —, vergando-os e submetendo-os à sua vontade. Não há retidão no que faz, apenas egoísmo e uma sede insaciável de poder.

Galbatorix olhou-a em silêncio durante um momento longo e constrangedor. Depois ela viu a sua silhueta mover-se, ao cruzar os braços.

— Acho que os ferros já devem estar suficientemente quentes. Murtagh, se não se importa...

Cerrou os punhos, enterrando as unhas na carne, e os músculos começaram a tremer, apesar dos seus esforços para mantê-los imóveis. Um dos ferros arranhou o rebordo da braseira, quando Murtagh o soltou. Ao virar-se para ela, Nasuada não pôde deixar de olhar para a ponta de metal incandescente. Ao olhar nos olhos de Murtagh, distinguindo neles culpa e auto-recriminação, ela foi possuída por uma profunda sensação de mágoa.

Que tontos que somos, pensou. Que tontos miseráveis, somos.

Depois, ficou sem energia para pensar e retomou os seus rituais já consumidos, agarrando-se a eles para sobreviver, como um homem prestes a afogar-se se agarraria a um pedaço de madeira.

Quando Murtagh e Galbatorix se retiraram, Nasuada sentia muitas dores para fazer algo mais além de fixar apaticamente os desenhos no teto, esforçando-se por não chorar. Estava suando e tremendo, como se estivesse febril, e era-lhe impossível concentrar-se fosse no que fosse por mais alguns segundos. A dor das queimaduras não abrandou como teria acontecido se tivesse sofrido cortes ou contusões. Na verdade, a dor latejante parecia agravar-se à medida que o tempo passava.

Fechou os olhos e tentou abrandar a respiração, e acalmar o corpo.

A primeira vez que Galbatorix e Murtagh a tinham visitado, ela foi muito mais corajosa. Amaldiçoou-os e provocou-os, fazendo o possível para magoá-los com palavras. Porém, Galbatorix a fez pagar pela insolência, através de Murtagh, pelo que depressa perdeu o gosto pela rebelião aberta. O ferro tornou-a tímida e mesmo a memória deste dava-lhe vontade de se enrolar num novelo apertado e pequenino. Durante a segunda visita — a mais recente — Nasuada falou o menos possível, acabando por explodir imprudentemente no final.

Tentou testar a afirmação de Galbatorix de que nem ele nem Murtagh lhe mentiriam, fazendo-lhes perguntas sobre os mecanismos internos do Império, fatos sobre os quais foi informada pelos seus espiões, mas que Galbatorix não tinha motivos para suspeitar que ela conhecia. Até então, tanto quanto lhe foi dado entender, Galbatorix e Murtagh tinham-lhe dito a verdade. De qualquer modo, não estava disposta a acreditar em tudo o que o rei dissesse, caso não tivesse uma forma de verificar as suas afirmações.

Quanto a Murtagh, ela não tinha tantas certezas. Quando estava com o rei não lhe dava crédito, mas quando ficava sozinho...

Várias horas depois da primeira audiência agonizante com o rei Galbatorix — quando finalmente conseguiu mergulhar num sono superficial e agitado —, Murtagh apareceu sozinho no Salão da Profetisa, de olhos congestionados e cheirando a bebida. Parou diante do monólito onde ela estava deitada e olhou-a com uma expressão tão estranha e atormentada, que Nasuada ficou sem perceber bem o que ele iria fazer.

Finalmente ele virou-se e encaminhou-se para a parede mais próxima, deixando-se escorregar até o chão, e aí ficou sentado, com os joelhos encostados ao peito, os longos cabelos desgrehados encobrindo grande parte do seu rosto e os nós dos dedos da mão direita esfolados e ensanguentados. Minutos depois levou a mão à jaqueta vermelha — usava as mesmas roupas — e tirou uma pequena garrafa de pedra, da qual bebeu várias vezes antes de começar a falar.

Ele falou e ela ouviu-o. Não tinha alternativa, embora se recusasse a acreditar no que ele dizia. Pelo menos, no início. Tanto quanto sabia, tudo o que ele fazia ou dizia poderia ser uma encenação destinada a conquistar a sua confiança.

Murtagh começou por lhe contar uma história bastante confusa acerca de um homem chamado Tornac, que envolvia um incidente com um cavalo e um conselho que Tornac lhe deu sobre a forma como um homem honrado deveria viver. Ela não conseguiu perceber se Tornac era um amigo, um criado, um parente distante, ou algo intermédio, mas fosse quem fosse, era óbvio que ele significara bastante para Murtagh.

Ao concluir a história, Murtagh disse:

— Galbatorix ia mandar lhe matar... Ele sabia que Elva não estava lhe vigiando como era habitual, por isso decidiu que seria o momento ideal para lhe assassinar. Eu só soube do plano por acaso, pois estava ao seu lado quando ele deu as ordens aos Mão Negra. — Murtagh abanou a cabeça. — A culpa é minha. Fui eu que o convenci a lhe trazer para cá e a ideia agradou-

lhe, pois sabia que iria atrair Eragon muito mais depressa... Foi a única forma de impedir que ele lhe matasse... Desculpa... Desculpa. — E enterrou a cabeça nos braços.

— Preferia ter morrido.

— Eu sei — disse ele, num tom de voz rouco. — Me perdoa?

Ela não lhe respondeu, na medida em que a revelação a deixava ainda mais constrangida. *Porque haveria ele de querer salvar-lhe a vida e o que esperaria em troca?*

Murtagh não disse mais nada durante algum tempo, mas depois — entre lágrimas e ataques de raiva — falou-lhe da sua educação na corte de Galbatorix, das desconfianças e das invejas que teve de enfrentar, por parte dos nobres que procuravam usá-lo para conquistar os favores do rei, por ser o filho de Morzan, e das saudades que tinha da mãe de quem mal se lembrava. Falou de Eragon por duas vezes, e amaldiçoou-o dizendo que era um tolo bafejado pela sorte.

— Não teria se saído tão bem se estivéssemos na situação inversa, mas a nossa mãe decidiu levar a ele e não a mim para Carvahall. — Cuspiu para o chão.

Nasuada achou todo o episódio lamechas e carregado de autocomiseração e aquela fraqueza apenas lhe inspirou desprezo até Murtagh lhe contar como os Gêmeos o tinham raptado de Farthen Dûr, maltratando-o no caminho para Urû'baen, e como Galbatorix o subjugou assim que chegaram. Algumas das torturas que ele descreveu eram piores do que as suas, o que a fez sentir uma ligeira empatia pela difícil situação que ele próprio tivera de enfrentar.

— Thorn foi a minha desgraça — confessou Murtagh. — Quando nasceu e nos ligamos... — Abanou a cabeça. — Eu amo-o. Como poderia não o amar? Amo-o tanto como Eragon ama Saphira. No momento em que o toquei, me perdi. Galbatorix usou-o contra mim. Thorn era mais forte do que eu, nunca desistia. Mas eu não conseguia suportar vê-lo sofrer, por isso jurei lealdade ao rei e depois disso... — Murtagh revirou os lábios, enojado. — Depois disso, Galbatorix entrou na minha mente, ficou sabendo tudo a meu respeito e ensinou-me o meu nome verdadeiro. E agora aqui estou... preso a ele para toda a eternidade.

Depois encostou a cabeça à parede, fechou os olhos e ela viu as lágrimas escorrendo pelas suas faces.

Por fim, levantou-se e ao encaminhar-se para a porta, parou junto dela e tocou-lhe no ombro. Tinha as unhas limpas e aparadas, mas não tão bem

cuidadas como as do carcereiro. Murmurou algumas palavras na língua antiga e, momentos depois, a dor diluiu-se, embora as feridas parecessem ter ficado na mesma.

Quando ele afastou a mão, Nasuada disse:

— Eu não posso perdoar... mas compreendo.

Murtagh acenou com a cabeça e afastou-se cambaleante, deixando-a pensando se não teria encontrado um novo aliado.

Pequenas Rebeliões

Enquanto permanecia deitada na laje suando e tremendo, com dores no corpo todo, Nasuada deu consigo desejando que Murtagh voltasse, nem que fosse para aliviá-la do sofrimento.

Quando a porta da câmara octogonal se abriu, ela mal conseguiu conter o alívio, mas este deu lugar a um profundo desapontamento ao ouvir os passos arrastados do carcereiro descenderem as escadas que conduziam à sala.

Tal como fizera uma vez, o homem corpulento e de ombros estreitos lavou lhe as feridas com um pano úmido, ligando-as depois com tiras de linho. Quando a libertou dos grilhões para que fosse à latrina, ela percebeu que estava muito fraca para tentar tirar a faca da bandeja da comida, contentando-se em agradecer a ajuda e elogiando lhe as unhas pela segunda vez. Estas estavam ainda mais brilhantes e era mais do que óbvio que ele pretendia que ela as visse, pois passou a vida levantando as mãos, e não pôde deixar de olhar para elas.

Depois de ele lhe dar de comer e sair, Nasuada tentou dormir, mas a dor constante nas feridas permitia-lhe apenas cochilar.

Os seus olhos abriram-se, de repente, ao ouvir abrirem a tranca da porta para a câmara.

Outra vez não!, pensou, sentindo o pânico crescer dentro de si. Tão pouco tempo depois, não!... Não consigo suportar... Não sou suficientemente forte. Entretanto refreou o medo e disse para si: *Não. Não diga essas coisas senão vais começar a acreditar nisso.* Ainda assim, embora conseguisse dominar as suas reações conscientes, ela não conseguia evitar que o coração lhe martelasse no peito ao dobro da velocidade normal.

Um único par de passos ecoaram na sala e, depois, Murtagh apareceu a um canto do seu campo de visão. Não usava máscara e tinha uma expressão sombria.

Curou-a primeiro, sem demora. O alívio que sentiu quando a dor abrandou foi de tal forma intenso que julgou estar à beira do êxtase. Nunca sentiu nada tão agradável como a agonia diluindo-se.

Arquejou ligeiramente.

— Obrigada.

Murtagh acenou com a cabeça e depois se aproximou da parede, voltando a sentar-se no mesmo local.

Nasuada estudou-o durante alguns instantes. A pele dos nós dos dedos estava de novo lisa e intacta, e ele parecia sóbrio, embora sombrio e calado. As roupas, outrora elegantes, estavam rasgadas, puídas e remendadas, e ela viu o que pareciam ser vários cortes, debaixo das mangas. Perguntou-se se ele teria andado lutando.

— Galbatorix sabe que está aqui? — perguntou ela, finalmente.

— É possível, mas duvido. Está entretido brincando com as suas concubinas favoritas. Ou então está dormindo. Estamos no meio da noite. Além disso, eu lancei um feitiço para que ninguém nos ouvisse. Ele pode quebrá-lo, se quiser, mas eu perceberia isso.

— E se ele descobre?

Murtagh encolheu os ombros.

— Se ele me esgotar as defesas, vai acabar por descobrir, sabe?

— Então não deixe. Você é mais forte do que eu; você não tem ninguém que ele possa ameaçar. Você pode resistir-lhe, ao contrário de mim... Os Varden aproximam-se rapidamente, tal como os Elfos do Norte. Se aguentar alguns dias, há uma hipótese... talvez haja uma hipótese de lhe libertarem.

Você não acredita que eles consigam, não é?

Ele voltou a encolher os ombros.

— ... Então me ajude a fugir.

Uma gargalhada sonora explodiu lhe na garganta.

— Como? Se pouco mais posso fazer do que calçar as botas sem a permissão de Galbatorix?

— Podia soltar-me os grilhões e, quando saísse, talvez pudesse esquecer-se de fechar a porta.

Ele revirou o lábio superior, sorrindo desdenhosamente.

— Estão dois homens de guarda, lá fora, e há proteções nesta sala para avisar Galbatorix se um prisioneiro escapar. Além disso, há centenas de guardas daqui ao portão mais próximo. Seria uma sorte conseguir chegar ao fundo do corredor.

— Talvez, mas gostaria de tentar.

— Vai apenas conseguir que lhe matem.

— Então ajude-me. Você podia descobrir uma forma de iludir as proteções, se quisesse.

— Não posso. Os meus juramentos não me deixam usar magia contra ele.

— E contra os guardas? Se os aguentar o tempo suficiente para eu alcançar o portão, poderia esconder-me na cidade e já não teria importância se ele descobrisse...

— Ele tem a cidade na mão. Além disso, seja para onde for, ele poderia encontrar-lhe com um feitiço. A única forma de ficar a salvo seria afastando-se daqui antes de o alarme soar, e isso nem no dorso de um dragão conseguiria.

— Tem de haver uma forma!

— Se houvesse... — Sorriu amargamente e baixou os olhos. — Não vale a pena pensar nisso.

Frustrada, Nasuada desviou o olhar para o teto, durante alguns instantes, dizendo depois:

— Pelo menos tire-me estes grilhões.

Ele suspirou, com um ar exasperado.

— Só para que eu me possa levantar — insistiu ela. — Detesto estar deitada nesta pedra. Além disso, faz-me doer os olhos ter de te olhar, daqui.

Ele hesitou. Depois levantou-se, com um único movimento gracioso, aproximou-se da laje e começou a abrir os grilhões acolchoados em torno dos pulsos e dos tornozelos de Nasuada.

— Não pense que pode me matar — disse ele, em voz baixa —, porque não pode.

Logo que a libertou, recuou para a posição anterior e voltou a sentar-se no chão, onde ficou olhando para longe. Era a sua forma de lhe dar alguma privacidade enquanto ela se sentava e balançava as pernas sobre a beira da laje. A camisa de dormir estava em farrapos — queimada em inúmeros locais —, pelo que mal lhe escondia as formas. Não que alguma vez as cobrisse muito.

Sentiu o chão de mármore frio debaixo dos pés, ao encaminhar-se para junto de Murtagh e ao sentar-se a seu lado, abraçando o corpo com os braços para preservar um pouco a sua intimidade.

— Tornac foi mesmo o seu único amigo de infância? — perguntou ela.

Murtagh continuou a não a olhar diretamente.

— Não, mas foi o que de mais parecido com um pai que eu tive em toda a minha vida. Ensinava-me, consolava-me... ralhava-me quando era muito arrogante e impediu-me de fazer papel de bobo, vezes sem conta. Se ainda fosse vivo, teria me dado uma surra por ter me embebedado daquela maneira no outro dia.

— Você disse que ele morreu, durante a sua fuga de Urû'baen.

— Julgava que estava sendo esperto. Subornei uma das sentinelas para nos deixar um portão aberto. Íamos fugir da cidade pela calada da noite e Galbatorix só deveria descobrir o que aconteceu quando já fosse tarde demais para nos apanhar. Mas ele sabia-o desde o início. Como não faço ideia, mas creio que usou a vidência e espiou-me o tempo todo. Quando Tornac e eu saímos pelo portão, encontramos soldados à nossa espera, do outro lado... Eles tinham ordens para nos trazerem de volta ilesos, mas nós lutamos e um deles matou Tornac. O melhor espadachim do Império morto com uma faca nas costas.

— Mas Galbatorix deixou-lhe fugir.

— Não creio que esperasse que lutássemos. Além disso, ele estava atento a outra coisa naquela noite.

Nasuada franziu as sobrancelhas, ao ver um meio sorriso estranhíssimo desenhar-se no rosto de Murtagh.

— Eu contei os dias — disse ele. — Nessa altura os Ra'zac estavam no vale de Palancar, à procura do ovo de Saphira. Como vê, Eragon perdeu o seu pai adotivo quase ao mesmo tempo em que perdi o meu. O destino tem um sentido de humor cruel, não acha?

— Sim, tem... Mas se Galbatorix conseguia espiar-lhe por vidência, porque não lhe localizou e não lhe levou de novo para Urû'baen, mais tarde?

— Creio que estava jogando comigo. Fui para a propriedade de um homem em quem julgava poder confiar, mas, como de costume, estava enganado, embora só tivesse percebido isso mais tarde, quando os Gêmeos me trouxeram de novo para cá. Galbatorix sabia onde eu estava e sabia que eu ainda estava furioso por causa da morte de Tornac, por isso, não se importou de me deixar na propriedade enquanto perseguia Eragon e Brom... Porém, eu surpreendi-o, pois parti e quando ele soube do meu desaparecimento eu já ia a caminho de Dras-Leona. Foi por isso que Galbatorix foi a Dras-Leona, sabe? Não para castigar Lord Tábor pelo seu comportamento — embora o castigasse, com toda a certeza — mas para me encontrar. No entanto foi tarde demais. Quando chegou à cidade, eu já tinha encontrado com Eragon e Saphira, e tínhamos seguido para Gil'ead.

— Porque foi embora? — perguntou ela.

— Eragon não lhe contou? Por que...

— Não. Não de Dras-Leona. Porque saiu da propriedade? Lá estava em segurança ou pelo menos era o que pensava. Porque partiu?

Murtagh ficou em silêncio durante algum tempo.

— Eu queria atacar Galbatorix e queria construir o meu próprio nome, independente do meu pai. Toda a minha vida, as pessoas olharam para mim de uma forma diferente por ser o filho de Morzan e eu queria que elas me respeitassem pelo meu mérito e não pelos feitos dele. — Finalmente olhou-a. Um breve olhar pelo canto do olho. — Suponho que consegui o que queria, mas volto a dizer, o destino tem um senso de humor cruel.

Ela perguntou a si mesma se teria havido mais alguém na corte de Galbatorix de quem ele gostasse, mas concluiu que seria perigoso abordar o tema; por isso optou por lhe perguntar:

— O que é que Galbatorix sabe realmente acerca dos Varden?

— Tanto quanto sei, tudo. Ele tem mais espiões do que você imagina.

Ela colocou os braços em volta da barriga, sentindo um nó no estômago.

— Sabe de alguma forma de mata-lo?

— Com uma faca, uma espada, uma flecha, veneno e magia, o habitual. O problema é que tem muitos feitiços em torno dele para que alguém ou alguma coisa possa molestá-lo. Eragon tem mais sorte do que a maioria, pois Galbatorix não o quer matar, por isso ele pode atacar o rei mais do que uma vez. Mas, mesmo que Eragon conseguisse atacá-lo centenas de vezes, não iria penetrar nas proteções de Galbatorix.

— Todos os enigmas têm uma solução e todos os homens têm uma fraqueza — insistiu Nasuada. — Ele ama alguma das suas concubinas?

A expressão de Murtagh foi bastante esclarecedora. Depois disse:

— Seria assim tão mau que Galbatorix continuasse a ser rei? O mundo que ele imagina é bom. Se ele derrotar os Varden, toda a Alagaësia ficará em paz. Ele porá fim ao uso abusivo da magia e os Elfos, os Anões e os humanos deixarão de ter motivos para se odiarem uns aos outros. Além disso, se os Varden perderem, Eragon e eu poderemos ficar juntos tal como os irmãos deveriam estar. Mas se eles ganharem, Thorn morrerá e eu também. Só pode.

— Ah sim? E eu? — perguntou ela. — Se Galbatorix ganhar devo tornar-me sua escrava, para andar às suas ordens? — Murtagh recusou-se a responder, mas ela viu os tendões nas costas das mãos contraírem-se. — Não pode desistir, Murtagh.

— Que alternativa tenho? — gritou ele, enchendo a sala de ecos.

Nasuada levantou-se e olhou para ele.

— Pode lutar! Olha para mim... Olha para mim!

Ele levantou os olhos com relutância.

— Pode descobrir formas de combatê-lo, é isso que pode fazer! Mesmo que os seus juramentos lhe permitam apenas uma pequena rebelião, essa rebelião poderá ser a sua desgraça. — E repetiu a pergunta dele para enfatizar. — Que alternativa você tem? Pode andar por aí desesperado e miserável durante o resto da sua vida, pode permitir que Galbatorix lhe transforme num monstro, ou pode lutar! — Abriu os braços para que ele visse todas as marcas de queimaduras. — Gosta de me fazer mal?

— Não! — exclamou ele.

— Então lute, raios! Tem de lutar se não perde tudo aquilo que você é, tal como Thorn.

Ele levantou-se de repente com a agilidade de um gato, e aproximou-se até ficarem a escassos centímetros um do outro, mas ela manteve-se onde estava. Os músculos dos maxilares dilatavam-se e contraíam-se, ao olhá-la furioso, e respirava pesadamente pelas narinas. Ela reconheceu aquela expressão, pois já a vira muitas vezes. Era a expressão de um homem cujo orgulho foi ferido e que queria atacar a pessoa que o tinha insultado. Era perigoso continuar a provocá-lo, mas sabia que tinha de fazê-lo, pois talvez não voltasse a ter essa hipótese.

— Se eu posso continuar a lutar — disse ela —, você também pode.

— Volta para a pedra — disse ele num tom áspero.

— Eu sei que você não é um covarde, Murtagh. Mais vale morrer do que viver como escravo de alguém como Galbatorix. Pelo menos, nessa altura, poderá realizar algo de bom e o seu nome será recordado com uma certa ternura depois de desaparecer.

— Volta para a pedra! — rosnou ele, agarrando-a pelo braço e arrastando-a para a laje.

Nasuada deixou que ele a empurrasse até à laje cinzenta, que lhe fechasse os grilhões em torno dos pulsos e dos tornozelos e lhe apertasse a correia em torno da cabeça. Quando terminou, ficou olhando-a, com uma expressão sombria e selvagem, com as linhas do corpo tensas como cordas esticadas.

— Tem de decidir se está disposto a arriscar a sua vida para se salvar — disse ela. — A você e a Thorn. E tem de decidir agora, enquanto há tempo. Pergunta a você mesmo o que Tornac gostaria que fizesse.

Sem dizer uma palavra, Murtagh esticou o braço e colocou a mão sobre a parte de cima do peito dela, pousando lhe a palma da mão sobre a pele nua. Ela conteve a respiração com o choque do contato.

Depois, quase num sussurro, começou a falar na língua antiga. O seu medo aumentava à medida que as palavras se sucediam.

Pareceu falar durante alguns minutos. Quando parou, ela não sentiu qualquer diferença, mas em magia isso poderia não significar nada de bom nem de mau.

Quando Murtagh ergueu a mão, uma brisa fresca varreu-lhe essa zona do peito, arrefecendo-o. Ele recuou e começou a andar em direção à entrada da câmara. Ela estava prestes a chamá-lo — para lhe perguntar o que lhe tinha feito —, quando ele parou e disse:

— Isso deve proteger-lhe da dor de qualquer ferimento, mas terá de fingir o contrário, senão Galbatorix descobrirá o que eu fiz.

Depois saiu.

— Obrigada — sussurrou ela na sala deserta.

Passou bastante tempo pensando na conversa que tinham tido. Parecia-lhe pouco provável que Galbatorix tivesse mandado Murtagh falar com ela, mas, mesmo sendo improvável, não deixava de ser uma possibilidade. Além disso sentia-se dividida, pois não conseguia perceber se Murtagh era — em essência — boa pessoa ou não. Recordou o rei Hrothgar — que foi como um tio para ela, na infância — e na forma como Murtagh o matara nas Planícies Flamejantes. Depois pensou na infância de Murtagh, nas muitas adversidades que enfrentou, e de como deixou Eragon e Saphira partirem em liberdade quando poderia facilmente tê-los trazido para Urû'baen.

Porém, mesmo que Murtagh tivesse sido honrado e digno de confiança, ela sabia que a servidão que lhe fora imposta, poderia tê-lo corrompido.

Acabou por decidir ignorar o passado de Murtagh e julgá-lo unicamente pelas suas ações no presente. Fosse ele bom, mau ou algo intermédio, era um

potencial aliado e ela precisava da sua ajuda, se ele a pudesse dar. Caso viesse a revelar-se uma mentira, Nasuada não ficaria em pior situação do que já estava. Mas se viesse demonstrando que estava sendo verdadeiro, talvez conseguisse fugir de Urû'baen, e só por isso valia a pena correr o risco.

Como não sentia dor, mergulhou num sono longo e profundo, pela primeira vez, desde que chegou à capital. Acordou com mais esperança do que anteriormente e voltou a abandonar-se à contemplação das linhas pintadas no teto. A fina linha azul que estava seguindo levou-a a reparar numa pequena forma branca ao canto de um azulejo, na qual não tinha reparado. Só algum tempo depois percebeu que a descoloração era de uma lasca que se soltara.

A imagem divertiu-a, pois achou cômico — e de alguma forma reconfortante — perceber que a câmara perfeita de Galbatorix, afinal, não era assim tão perfeita e que, apesar das suas pretensões, ele não era onisciente nem infalível.

A porta da câmara abriu-se e o carcereiro entrou com o que ela supôs ser a refeição do meio-dia. Perguntou-lhe se podia comer antes de ele a deixar levantar, dizendo-lhe que estava esfomeada, o que não era inteiramente mentira.

Para sua satisfação, ele concordou, embora não dissesse uma palavra. Limitou-se a sorrir, com aqueles dentes hediondos, semelhantes a grampos, sentando-se depois junto da laje. Enquanto ele lhe dava colheradas de papa de aveia quente, ela pensava incessantemente em todas as contingências possíveis, pois sabia que teria apenas uma hipótese de ser bem-sucedida.

A expectativa dificultava-lhe a ingestão daquela comida sem sabor, mas ainda assim conseguiu digeri-la e, depois de esvaziar a tigela e saciar convenientemente a sede, preparou-se.

Como de costume, o homem colocou a bandeja de comida junto da parede oposta, perto do local onde Murtagh esteve sentado, a cerca de três metros da latrina.

Assim que se desembaraçou dos grilhões, deslizou do bloco de pedra. O homem com cabeça de cabaça alcançou-a para lhe agarrar no braço esquerdo, mas ela levantou uma mão e disse-lhe tão docemente quanto possível:

— Eu posso me levantar sozinha, obrigada.

O carcereiro hesitou, mas depois sorriu, batendo duas vezes com os dentes uns nos outros, como quem diz: *Bom, fico feliz por isso.*

Caminharam em direção à latrina — ela à frente e ele ligeiramente atrás. Ao subir o terceiro degrau, ela torceu intencionalmente o tornozelo direito, cambaleando na diagonal ao longo da sala. O homem gritou e tentou ampará-la — pois sentiu os seus dedos grossos perto do pescoço — mas foi muito lento e ela esquivou-se.

Caiu sobre a bandeja e partiu o cântaro — que continha ainda bastante vinho diluído em água —, atirando com a tigela de madeira ao chão e colocando propositadamente a mão por baixo do corpo. Logo que sentiu a bandeja começou a tatear à procura da colher de metal.

— Ah! — exclamou ela, como se estivesse magoada, virando-se depois para o homem e fazendo o possível para parecer atormentada. — Afinal, talvez não estivesse preparada — disse, com um sorriso apoloético. O polegar tocou no cabo da colher e agarrou-a no preciso momento em que o homem a ajudava a levantar-se, puxando-a pelo outro braço.

Ele olhou-a e franziu o nariz, aparentemente enojado, ao ver a camisa de dormir ensopada em vinho. Enquanto isso, ela levou a mão às costas e enfiou o cabo da colher por um buraco junto da costura da camisa, erguendo depois a mão, como que mostrando que não tirou nada.

O homem resmungou, agarrou-lhe no outro braço, e conduziu-a à latrina. Quando entrou, ele afastou-se em direção à bandeja, resmungando entredentes.

No instante em que fechou a porta, ela tirou a colher da camisa de dormir e colocou-a entre os lábios, segurando-a na boca enquanto arrancava vários fios de cabelo da nuca, onde eram mais longos. Mexendo-se o mais rapidamente possível, segurou a ponta dos cabelos que arrancou na mão esquerda, e enrolou os fios de cabelos soltos sobre as coxas, com a palma da mão direita, torcendo-os até formarem um cordão. Sentiu a pele gelar ao perceber que o cordão era muito curto. Atrapalhada com a urgência da situação, resolveu atar as pontas e pousou o cordão no chão.

Arrancou mais alguns cabelos e enrolou-os num segundo cordão, que atou como o primeiro.

Sabendo que lhe restavam apenas alguns segundos, baixou-se sobre o joelho e atou os cordões, um ao outro. Depois, tirou a colher da boca e prendeu-a ao lado de fora da perna esquerda, com o fio, de forma a ficar encoberta pela bainha da camisa de dormir.

Tinha de ficar na perna esquerda, visto que Galbatorix sentava-se sempre à sua direita.

Levantou-se e certificou-se de que a colher ficava escondida, dando depois alguns passos para ter a certeza de que esta não caía.

Não caiu.

Respirou fundo, aliviada. Agora o desafio era regressar para junto da laje sem que o carcereiro desse conta do que fez.

O homem estava à sua espera quando ela abriu a porta da latrina. Ele franziu lhe as sobrancelhas ralas que se uniram numa linha reta.

— A colher — disse ele, mastigando as palavras com a língua como se fossem pedaços de chervia cozidos demais.

Nasuada ergueu o queixo, apontando para a parte de trás da latrina.

Ele franziu as sobrancelhas, entrando na sala e examinando cuidadosamente as paredes, o chão, o teto e tudo o resto, antes de voltar a sair pesadamente. Voltou a bater com os dentes uns nos outros, coçando a cabeça bojudamente com um ar infeliz e até um pouco magoado — concluiu ela — pelo fato de Nasuada ter se dado ao trabalho de jogar a colher fora. Como foi amável com ele, sabia que aquele desafio mesquinho iria deixá-lo confuso e enfurecê-lo.

Resistiu à tentação de se afastar quando ele avançou e lhe colocou as pesadas mãos sobre a cabeça, enfiando-lhe os dedos nos cabelos. Ao ver que não encontrava a colher, ficou com uma expressão pendurada. Agarrou-lhe no braço, voltou a levá-la para a laje e colocou-lhe de novo os grilhões.

Depois pegou na bandeja, com uma expressão triste, e saiu da sala.

Esperou até ter a certeza absoluta de que ele foi embora, levando depois a mão esquerda à bainha da camisa e puxando-a lentamente para cima.

Um largo sorriso iluminou-lhe o rosto, ao tocar na colher com a ponta do indicador.

Agora ela já tinha uma arma.

Uma Coroa de Gelo e Neve



Quando os primeiros raios de luz pálida se projetaram sobre o mar encrespado, iluminando a crista das ondas translúcidas — cintilantes como cristal —, Eragon despertou das suas divagações e olhou para noroeste, curioso por saber o que a luz revelava acerca das nuvens que se acumulavam à distância.

O que viu foi desconcertante: as nuvens abarcavam quase metade do horizonte e a maior das densas colunas brancas parecia mais alta que os picos das Montanhas Beor, muito alta para Saphira sobrevoar. A única porção de céu limpo ficara para trás e mesmo essa iria acabar por desaparecer, à medida que os braços da tempestade se aproximavam.

Teremos de voar através dela, disse Glaedr, e Eragon sentiu a inquietude de Saphira.

Porque não tentar contorná-la?, perguntou ela.

Eragon percebeu, através de Saphira, que Glaedr estava examinando a estrutura das nuvens. Por fim, o dragão dourado disse:

Não quero que se desvie muito do caminho. Temos ainda muitas léguas a percorrer e se te faltarem forças...

Nesse caso, poderá me emprestar as suas para continuarmos a voar.

Hum. Ainda assim, é melhor sermos cautelosos, já que decidimos ser imprudentes. Eu já vi tempestades semelhantes. É maior do que pensam. Para escapar, teria de voar a uma distância tal para oeste que acabaria para lá de Vroengard e iria, provavelmente, demorar mais um dia a alcançar terra.

Vroengard não fica assim tão longe, disse ela.

Não, mas o vento vai nos atrasar. Além disso, os meus instintos me dizem que a tempestade se estende até a ilha. De uma maneira ou de outra, teremos de voar através dela. Contudo, não será necessário atravessar o olho da tempestade. Vê aquela abertura entre as duas pequenas colunas, a oeste?

Sim.

Vai para lá e talvez consigamos descobrir um caminho seguro através das nuvens.

Eragon agarrou-se à parte da frente da sela, ao sentir Saphira baixar o flanco direito e virar para oeste, em direção à abertura que Glaedr indicara, bocejando e esfregando os olhos quando ela voltou a se endireitar. Depois virou-se para trás e tirou uma maçã e algumas tiras de carne seca dos alforjes, presos atrás de si. Era um magro desjejum, mas ele tinha pouca fome e era frequente ficar enjoado quando comia grandes refeições, montado no dorso de Saphira.

Enquanto comia, observava alternadamente as nuvens e o mar cintilante. Era inquietante pensar que tinham apenas água por baixo e que a extensão de terra firme mais próxima — o continente —, segundo os seus cálculos, ficava a mais de oitenta quilômetros de distância. Estremeceu ao imaginar-se afundando nas profundezas geladas e sufocantes do oceano. Perguntou a si mesmo o que haveria no fundo do mar e ocorreu-lhe que a sua magia talvez lhe permitisse explorá-lo para descobrir, mas a ideia não era apelativa. O abismo de água era muito escuro e perigoso para seu gosto. Não era um local para a sua espécie visitar. Talvez fosse preferível deixá-lo para as estranhas criaturas que já o habitavam.

À medida que a manhã avançava, tornou-se evidente que as nuvens estavam mais longe do que parecia, no início, e que a tempestade era maior do que Eragon e Saphira tinham imaginado — tal como Glaedr disse.

Levantou-se uma leve brisa frontal e o voo de Saphira tornou-se mais difícil, mas ela continuava avançando bem.

Quando ainda estavam a algumas léguas da frente da tempestade, Saphira surpreendeu Eragon e Glaedr, mergulhando ligeiramente no ar e voando próximo da superfície da água.

Enquanto descia, Glaedr perguntou:

Qual é a sua ideia?

Estou curiosa, respondeu ela, e gostaria de descansar as asas antes de entrar nas nuvens.

Saphira voou rente às ondas, com o reflexo do corpo por baixo e a sombra à frente a reproduzirem todos os seus movimentos, tal como dois companheiros espectrais, um escuro e outro luminoso. Depois enfunou as asas, batendo-as rapidamente três vezes, abrandou e aterrou sobre a água. Um leque de salpicos irrompeu de cada lado do seu pescoço, ao varrer a água com o peito, salpicando Eragon com centenas de gotas.

A água estava fria, mas depois de tanto tempo voando, o ar parecia agradavelmente morno — tão morno, que Eragon desapertou o manto e tirou as luvas.

Saphira dobrou as asas e flutuou tranquilamente na água, boiando para cima e para baixo, ao sabor das ondas. À direita, Eragon viu vários amontoados de algas castanhas. As plantas tinham ramos, como os arbustos, e ampolas do tamanho de bagas nas ramificações, ao longo dos caules.

Por cima das suas cabeças, mais ou menos à mesma altitude a que Saphira voava anteriormente, Eragon viu dois albatrozes, com asas de pontas negras, afastando-se da gigantesca parede de nuvens, o que apenas contribuiu para aumentar o seu constrangimento. As aves marinhas recordaram-lhe o dia em que viu uma alcateia de lobos correrem ao lado de uma manada de veados, fugindo de um incêndio numa floresta, na Espinha.

Se tivéssemos algum juízo, disse a Saphira, voltávamos para trás.

Se tivéssemos algum juízo, abandonávamos Alagaësia e nunca mais voltávamos, respondeu ela.

Depois arqueou o pescoço e mergulhou o focinho na água do mar, sacudindo a cabeça e passando várias vezes a língua vermelha por dentro e por fora da boca, como se tivesse provado algo desagradável.

Depois Eragon detectou pânico em Glaedr e o velho dragão rugiu mentalmente:

Levanta voo! Agora, agora! Levanta voo!

Saphira não perdeu tempo com perguntas, abrindo as asas com um ruído semelhante a um trovão, batendo-as e empinando-se para sair da água.

Ao inclinar-se para frente, Eragon agarrou-se à borda da sela, para não ser projetado para trás. O bater de asas de Saphira levantou uma cortina de névoa que o deixou parcialmente cego, por isso usou a mente para descobrir o que assustou Glaedr.

Sentiu algo frio, gigantesco... voraz e insaciável subindo das profundezas do oceano em direção ao ventre de Saphira, com uma velocidade que não julgava possível. Tentou afugentar e fazer voltar para trás, mas a criatura era estranha e implacável, e pareceu não reparar nos seus esforços. Memórias de incontáveis anos passados em solidão, no mar gelado, caçando e sendo caçado, surgiram nas cavernas sombrias da sua consciência.

Quando sentiu o pânico crescendo dentro si, Eragon tateou à procura do punho de Brisingr e nesse mesmo instante Saphira libertou-se da água, elevando-se no ar.

Depressa, Saphira!, gritou ele em silêncio.

Ela foi ganhando lentamente velocidade e altitude e, depois, uma fonte de água branca explodiu atrás e Eragon viu um par de mandíbulas brilhantes e cinzentas emergindo da coluna de água. As mandíbulas eram tão grandes que um cavalo e um cavaleiro poderiam passar entre elas incólumes, e estavam cobertas de centenas de dentes brancos, cintilantes.

Saphira estava consciente do que ele viu e torceu-se violentamente para o lado, na tentativa de escapar à boca escancarada, roçando com a ponta da asa na água. Instantes depois, Eragon ouviu e sentiu as mandíbulas da criatura fecharem-se.

A cauda de Saphira escapou por escassos centímetros aos dentes aguçados como agulhas.

Ao voltar a cair dentro de água, o corpo tornou-se mais visível. A cabeça era comprida e angular. Tinha uma crista óssea, saliente, por cima dos olhos, e do lado de fora da crista via-se um filamento viscoso que Eragon calculou ter mais de um metro e meio de comprimento. O pescoço da criatura lembrava-lhe o de uma gigantesca serpente ondulante. A parte visível do torso era macia e robusta, e parecia incrivelmente densa. Duas barbatanas, em forma de remo, agitavam-se inutilmente no ar, de ambos os lados do peito.

A criatura aterrou de lado e uma segunda explosão de espuma, ainda maior, ergueu-se em direção ao céu.

Mesmo antes das ondas se fecharem sobre o corpo do monstro, Eragon olhou para o único olho virado para cima. Era mais negro que uma gota de alcatrão. A malevolência nele contida — o ódio, a fúria e a frustração absoluta que Eragon sentiu no olhar fixo da criatura — foi o suficiente para fazê-lo tremer e desejar estar em pleno Deserto de Hadarac, sentindo que só ali estaria a salvo da fome ancestral daquela criatura.

Ainda com o coração martelando lhe no peito, descontraiu a mão no punho de Brisingr e se deixou cair sobre a parte da frente da sela.

— O que era aquilo?

Um Nidhwal, disse Glaedr.

Eragon franziu as sobrancelhas, não se recordando de ter lido nada sobre isso em Ellesméra.

E o que é um Nidhwal?

São raros e não é frequente falar-se deles. Estão para o mar como os Fanghur para os céus. São ambos aparentados com os dragões. Embora as diferenças entre nós sejam maiores, os Nidhwal estão mais próximos de nós

que os ruidosos Fanghur. São inteligentes e possuem uma estrutura semelhante ao Eldunari dentro do seu peito, que julgamos permitir-lhes manterem-se submersos a grandes profundidades, durante longos períodos de tempo.

Conseguem exalar fogo?

Não, mas tal como os Fanghur, usam frequentemente o poder da mente para incapacitar as presas, o que vários dragões já descobriram, para sua infelicidade.

Devorariam a sua própria espécie?, perguntou Saphira.

Nós somos totalmente diferentes, para eles, respondeu Glaedr. Mas devoram de fato a própria espécie, razão pela qual há tão poucos. Não têm interesse em nada que aconteça fora dos seus domínios e todas as tentativas para chamá-los à razão fracassaram. É estranho encontrar um tão perto da terra. Em tempos, só era possível encontrá-los após vários dias de voo, onde o mar era mais profundo. Dá ideia que se tornaram ousados ou se desesperaram após a queda dos Cavaleiros.

Eragon voltou e estremeceu ao lembrar-se da sensação que a mente do Nidhwal lhe proporcionou.

Porque é que nem você nem Oromis nos falaram deles?

Há muita coisa que não lhe ensinamos, Eragon. Não tínhamos muito tempo e achamos melhor aproveitá-lo tentando ensinar-lhe a se defender de Galbatorix e não de todas as criaturas sombrias que assombram as zonas inexploradas de Alagaësia.

Então há outras coisas, como os Nidhwal, que desconhecemos?

Algumas.

Vai nos falar delas, Ebrithil?, perguntou Saphira.

Farei um pacto com ambos. Vamos esperar uma semana e, se estivermos vivos e formos ainda donos da nossa liberdade, terei o maior prazer em passar os próximos dez anos ensinando-os tudo sobre todas as raças que conheço, incluindo todas as variedades de escaravelhos, pois há milhares delas. Mas até lá, vamos nos concentrar na tarefa que temos diante de nós. Combinado?

Eragon e Saphira concordaram relutantemente e não falaram mais no assunto.

À medida que se aproximavam da frente da tempestade, o vento frontal deu lugar a um vento tempestuoso, atrasando Saphira a ponto de esta

conseguir apenas voar a metade da sua velocidade. De vez em quando, poderosas rajadas balançavam-na, chegando mesmo a imobilizá-la por instantes. Sabiam sempre quando estavam prestes a ser atingidos por uma rajada, pois conseguiam ver um padrão prateado, semelhante a escamas, varrer velozmente a superfície da água, na direção deles.

Desde o nascer do sol que as nuvens aumentavam de tamanho e, vistas de perto, eram ainda mais assustadoras. Perto da base eram escuras e arroxeadas, com cortinas de chuva batidas pelo vento ligando a tempestade ao mar, como um cordão umbilical transparente. Mais acima, as nuvens eram cor de prata oxidada e, mesmo no topo, eram de um branco puro e ofuscante e pareciam tão sólidas como as encostas de Tronjheim. Mais ao norte, perto do olho da tempestade, as nuvens tinham formado uma gigantesca bigorna plana, em cima, que se agigantava sobre todo o resto, como se os próprios deuses quisessem forjar um estranho e terrível instrumento.

Ao planar entre duas colunas brancas e volumosas de nuvens — junto das quais mais parecia um ponto —, o vento frontal abrandou e o ar tornou-se áspero e revoltoso, redemoinhando em torno deles sem uma direção definida. Eragon cerrou os dentes, para não bater com eles uns nos outros, e o seu estômago deu um salto ao sentir Saphira descer subitamente cerca de dois metros e, depois outros seis de uma só vez, com igual rapidez.

Glaedr disse:

Você tem alguma experiência de voo em tempestades, tirando o dia em que foi apanhada numa tempestade de trovoada, entre o Vale Palancar e Yazuac?

Não, disse Saphira, brevemente, num tom sombrio.

Glaedr parecia esperar a sua resposta, pois começou imediatamente a instruí-la sobre a complexidade da navegação em fantásticas paisagens de nuvens:

Procura padrões de movimento e presta atenção às formações ao seu redor, disse ele. Através delas poderá perceber onde é que o vento está mais forte e em que direção sopra.

Saphira já tinha conhecimento de grande parte do que ele estava dizendo, mas à medida que Glaedr falava, o comportamento calmo do velho dragão serenava-a e a Eragon. Se sentissem alguma apreensão ou medo na mente do velho dragão, acabariam por duvidar de si mesmos. Talvez Glaedr estivesse consciente disso.

Um fragmento perdido de uma nuvem esfarrapada pelo vento surgiu no caminho de Saphira, mas ela em vez de contorná-lo, atravessou-o, perfurando a nuvem como uma lança cintilante, azul. Quando a névoa cinzenta os envolveu, o vento emudeceu e Eragon ergueu a mão diante do rosto para manter a visão clara.

Quando irromperam da nuvem, Saphira tinha milhares de gotas de água minúsculas agarradas ao corpo, cintilando como se lhe tivessem embutido diamantes nas escamas normalmente deslumbrantes.

O seu voo continuava instável: se num momento voava a direito, logo a seguir poderia ser projetada pela turbulência do ar, ou girar na direção oposta se uma súbita corrente de ar ascendente lhe atingisse uma asa. Estar sentado no seu dorso enquanto ela lutava contra a turbulência, era cansativo, mas para Saphira tratava-se de uma luta miserável e frustrante, agravada pela evidência de que estava longe de terminar, pelo que ela não tinha outro remédio senão prosseguir.

Uma ou duas horas depois, ainda não tinham conseguido distinguir o lado oposto da tempestade. A seguir, Glaedr disse:

Temos de virar. Não é prudente afastar-se mais para oeste. Se tivermos de arriscar enfrentar a fúria da tempestade, o melhor será fazê-lo agora antes que fique mais cansada.

Sem dizer uma palavra, Saphira virou para norte, em direção ao vasto penhasco de nuvens iluminadas pelo sol, no olho da gigantesca tempestade. Ao aproximarem-se da face saliente do penhasco — o maior que Eragon viu em toda a sua vida, maior ainda que Farthen Dûr — clarões azuis iluminaram-na por dentro, projetando relâmpagos em direção à cabeça da bigorna.

Momentos depois o céu estremeceu com um trovão e Eragon tapou os ouvidos com as mãos. Ele sabia que as suas defesas os iriam proteger dos relâmpagos, mas continuava apreensivo com a ideia de se aproximarem dos raios de energia crepitante.

Se Saphira estava assustada ele não o sentia. Tudo o que sentia nela era determinação. Bateu as asas mais depressa e, minutos depois, alcançaram a face do penhasco, mergulhando através dele, em direção ao olho da tempestade.

Estavam envoltos num crepúsculo cinzento e indefinido.

Era como se o resto do mundo tivesse deixado de existir. As nuvens não permitiam avaliar qualquer distância para além da ponta do nariz, das asas

ou da cauda de Saphira. Estavam positivamente cegos. Apenas o peso da gravidade lhes permitia perceber o que era para cima e o que era para baixo.

Eragon abriu a mente, permitindo que a sua consciência se expandisse tão longe quanto possível, mas não sentiu qualquer ser vivo a não ser Saphira e Glaedr, nem mesmo um pássaro perdido. Felizmente Saphira manteve o seu sentido de orientação. Não iriam afastar-se do caminho e se ele continuasse à procura de outros seres, fossem eles plantas ou animais, seria possível evitar que fossem direitos à encosta de uma montanha.

Lançou também um feitiço que Oromis lhe ensinou e que lhe permitiria — a ele e a Saphira — saber a que distância estavam da água — ou do solo —, a qualquer momento.

Assim que entraram na nuvem, a umidade começou a acumular-se sobre a pele de Eragon e a ensopar lhe as roupas de lã, tornando-as pesadas. Uma contrariedade que teria ignorado se a combinação da água com o vento não o gelasse a ponto de lhe drenar todo o calor dos membros, prestes a matá-lo. Por isso, lançou um outro feitiço, que filtrou todas as gotículas de água visíveis do ar em seu redor e, também, em redor dos olhos de Saphira — a seu pedido — pois a umidade estava sempre a acumular-se, obrigando-a a pestanejar frequentemente.

O vento, no interior da cabeça da bigorna, era surpreendentemente suave. Eragon fez um comentário a Glaedr a esse respeito, mas o velho dragão continuou carrancudo como era costume.

O pior ainda está para vir.

A verdade das suas palavras em breve se tornou evidente, quando uma feroz corrente de ar ascendente bateu contra o ventre de Saphira, projetando-a a centenas de metros de altitude. Aí, o ar era muito rarefeito para Eragon respirar convenientemente e a névoa congelou numa imensidão de cristais minúsculos, que o picavam no nariz, nas faces e nas membranas das asas de Saphira, como facas afiadas.

Recolhendo as asas contra os flancos, Saphira mergulhou para frente, na tentativa de escapar à corrente de ar ascendente. Segundos depois, a pressão debaixo dela desapareceu, dando lugar a uma corrente de ar descendente, igualmente poderosa, que a projetou na direção das ondas a uma velocidade assustadora.

Ao caírem, os cristais de gelo derreteram-se, formando enormes gotas de chuva esféricas, que pareciam flutuar sem peso, ao lado de Saphira. Um relâmpago brilhou ali perto — um sinistro brilho azul, através do véu de nuvens — e Eragon gritou de dor ao ouvir o trovão ribombar em torno deles.

Ainda com os ouvidos zunindo, ele rasgou dois pedaços de tecido da ponta do manto, enrolou-os, e colocou-os nos ouvidos, empurrando-os tanto quanto possível.

Só perto da base das nuvens é que Saphira conseguiu libertar-se da rápida corrente de ar. Logo que o conseguiu, foi apanhada por uma segunda corrente de ar ascendente, que a empurrou em direção ao céu.

Depois disso e durante algum tempo, Eragon perdeu a noção do tempo. O vento furioso era muito forte para Saphira resistir e ela continuou a subir e a descer nas correntes de ar cíclicas, como um destroço flutuante apanhado num redemoinho. Conseguiu avançar um pouco — escassas milhas, conquistadas a custo e mantidas com grande esforço —, mas sempre que se desembaraçava de uma corrente de ar circular, dava consigo aprisionada noutra.

Era humilhante para Eragon concluir que os três estavam à mercê da tempestade, e que por muito poder que tivessem, jamais conseguiriam enfrentar a força dos elementos.

Por duas vezes, o vento quase lançou Saphira para as ondas revoltas. Em ambas as ocasiões, as correntes de ar descendente expulsaram-na da base da tempestade em direção à chuva batida pelo vento que fustigava o mar, em baixo. A segunda vez que isso aconteceu, Eragon olhou por cima do flanco de Saphira e, por instantes, julgou distinguir a forma longa e escura do Nidhwal repousando sobre a água ondulante. Contudo, quando se deu a segunda explosão de relâmpagos, a forma já tinha desaparecido e ele interrogou-se se as sombras não lhe teriam pregado uma peça.

À medida que Saphira perdia as forças, lutando menos contra o vento, deixava que este a levasse para onde queria. Só quando se aproximava muito da água, fazia um esforço para desafiar a tempestade. Tirando isso, imobilizava as asas, esforçando-se o menos possível. Eragon sentiu quando Glaedr começou a transmitir-lhe um fio de energia para ajudá-la a aguentar-se no ar, mesmo assim tudo o que ela conseguia era manter a sua posição.

Por fim, a pouca luz que havia começou a desaparecer e o desespero tomou conta de Eragon. Durante a maior parte do dia, a tempestade sacudiu-os de um lado para o outro e continuava a não dar sinais de abrandamento, nem Saphira parecia estar perto do seu perímetro.

Depois do sol se pôr, Eragon não conseguia sequer ver a ponta do nariz e tudo lhe parecia igual de olhos fechados ou abertos. Era como se ele e Saphira estivessem envoltos numa grande pilha de lã negra. A escuridão

parecia ter peso, como se fosse uma substância palpável que os comprimia em todas as direções.

Com segundos de intervalo, os relâmpagos rasgavam a escuridão, por vezes escondidos dentro das nuvens, outras vezes, riscando o céu dentro do seu campo de visão, brilhando com a radiância de uma dúzia de sóis e deixando um sabor de ferro no ar. Após o brilho ofuscante das descargas mais próximas, a noite apresentava-se duas vezes mais escura, e Eragon e Saphira eram sucessivamente ofuscados pela luz e pela subsequente escuridão. Por muito perto que os raios caíssem, nunca atingiram Saphira, mas o constante ribombar dos trovões estava deixando ambos doentes com o ruído.

Eragon não fazia ideia de quanto tempo iriam continuar assim.

A dada altura, durante a noite, Saphira entrou numa corrente de ar ascendente, muito maior e mais poderosa que qualquer uma das anteriores. Logo que os atingiu, Saphira começou a combatê-la, tentando escapar-lhe, mas a força do vento era tanta, que ela mal conseguia manter as asas niveladas.

Por fim, rugiu de frustração e projetou um jato de chamas, iluminando uma pequena área em torno dos cristais de gelo que cintilaram como jóias.

Ajudem-me, disse ela a Eragon e Glaedr, *eu não consigo fazer isto sozinha*.

A seguir, os três uniram as mentes e, enquanto Glaedr lhe fornecia a energia necessária, Eragon gritou:

— *Gánga fram!*

O feitiço projetou Saphira para frente, mas muito lentamente, pois moverem-se nos ângulos certos com aquele vento era como atravessar o Rio Anora, no pico do degelo da primavera. Enquanto Saphira avançava na horizontal, a corrente de ar continuou a empurrá-la para cima a uma velocidade estonteante. Eragon depressa começou a sentir que estava com dificuldade em respirar, mas eles continuavam presos na torrente de ar.

Isto está demorando muito e está nos fazendo gastar muita energia, disse Glaedr. *Quebre o feitiço*.

Mas...

Quebre o feitiço. Não conseguiremos nos libertar antes de vocês desmaiarem. Teremos de nos deixar levar pelo vento até que este enfraqueça o suficiente para Saphira se libertar dele.

Como?, perguntou ela enquanto Eragon fazia o que Glaedr lhe disse. A preocupação assaltou-o, ao sentir a exaustão e o sentimento de derrota que assombrava a mente de Saphira.

Eragon, você tem de corrigir o feitiço que está usando para aquecer, você, a Saphira e a mim. Vai ficar frio, mais frio do que no pior inverno da Espinha. Sem magia, morreremos congelados.

Mesmo você?

Eu estalarei como um pedaço de vidro quente atirado para a neve. A seguir terá de lançar um feitiço para reunir ar em torno de si e de Saphira e mantê-lo, para que possam continuar respirando. Mas terá também de permitir escoar o ar, de contrário sufocarão. O fraseado do feitiço é complicado e você não pode cometer qualquer erro, por isso escute com atenção. É assim...

Logo que Glaedr recitou as frases na língua antiga, Eragon repetiu-as e, mal o dragão se deu por satisfeito com a sua pronúncia, Eragon lançou o feitiço. Depois corrigiu o outro feitiço, tal como Glaedr lhe dissera que fizesse, para que ficassem protegidos do frio.

A seguir esperaram, enquanto o vento os elevava cada vez mais. Passaram alguns minutos e Eragon começou a se interrogar se iriam parar, ou se continuariam a subir até ficarem ao mesmo nível da lua e das estrelas.

Ocorreu-lhe que talvez fosse assim que se criassem as estrelas cadentes: um pássaro, um dragão, ou outra criatura terrena arrancada da terra, pelo vento implacável, e projetada no céu a uma velocidade tal que arderia como uma flecha de cerco. Se assim fosse, ele, Saphira e Glaedr seriam a estrela cadente mais espetacular de que haveria memória, se alguém estivesse suficientemente perto para assistir à sua morte tão longe.

Os uivos do vento abrandaram gradualmente. Mesmo os perturbantes trovões pareciam ter serenado e, quando Eragon tirou os pedaços de tecido dos ouvidos, ficou impressionado com o silêncio que os rodeava. Ouvia ainda uns sussurros indistintos, ao longe, como o ruído de um pequeno riacho na floresta. Mas, além disso, tudo estava silencioso, maravilhosamente silencioso.

À medida que o clamor da tempestade furiosa se diluía, ele reparou também que os feitiços estavam exigindo mais esforço — não tanto o feitiço que impedia que o seu calor físico se dissipasse muito depressa, mas o encantamento que recolhia e comprimia a atmosfera diante de si e de Saphira, para que pudessem encher os pulmões, como normalmente fariam. Por qualquer razão, a energia necessária para manter o segundo feitiço

multiplicou-se desproporcionalmente em relação ao primeiro e Eragon depressa começou a detectar os sintomas que indicavam que o feitiço estava prestes a roubar-lhe o pouco que lhe restava de força vital: frio nas mãos, batimentos cardíacos irregulares e uma terrível sensação de letargia, talvez este fosse o sinal mais alarmante.

Depois Glaedr ajudou-o. Aliviado, Eragon sentiu a tensão diminuir à medida que a força do dragão fluía para dentro de si, como uma torrente de calor febril que lhe varreu a letargia e lhe devolveu o vigor aos membros.

E assim continuaram.

Ao fim de bastante tempo, Saphira detectou um abrandamento no vento — ligeiro, mas perceptível —, e começou a preparar-se para voar para fora da corrente de ar.

Antes que pudesse fazer, as nuvens por cima deles começaram a dissipar-se e Eragon vislumbrou alguns pontos cintilantes: estrelas brancas e prateadas, brilhantes como nunca.

Olhem, disse ele. Depois as nuvens abriram-se em torno deles e Saphira saiu da tempestade, flutuando sobre ela, precariamente equilibrada sobre a coluna de vento forte.

Por baixo, Eragon avistou toda a tempestade. Estendia-se por uns cento e cinquenta quilômetros em todas as direções. O olho parecia uma cúpula em forma de cogumelo, esbatida pelos terríveis ventos laterais que sopravam de oeste para leste e ameaçavam derrubar Saphira do seu poleiro instável. Tanto as nuvens mais próximas como as mais distantes eram esbranquiçadas e pareciam brilhantes, como se estivessem iluminadas por dentro. Apresentavam-se belas e benignas — formações tranquilas e imutáveis que não deixavam transparecer nada de violento no seu interior.

Depois Eragon reparou no céu e arquejou, ao reparar que continha mais estrelas do que as que julgava existir. Estrelas vermelhas, azuis, brancas, douradas salpicavam o firmamento como mãos cheias de purpurina.

As constelações que ele conhecia continuavam presentes, mas estavam agora rodeadas de milhares de outras estrelas menos brilhantes, que Eragon contemplava pela primeira vez. E não eram apenas as estrelas que pareciam mais brilhantes. O vazio entre elas parecia mais escuro. Era como se sempre que ele olhasse para o céu tivesse uma névoa diante dos seus olhos, que o impedia de admirar a verdadeira glória das estrelas.

Eragon contemplou aquele maravilhoso espetáculo durante uns momentos, pasmado com a essência gloriosa e misteriosamente aleatória das luzes cintilantes. Só quando baixou os olhos lhe ocorreu que havia algo de

diferente nas matizes púrpura do horizonte. Em vez do céu e o mar se encontrarem numa linha reta — como era suposto e sempre aconteceu —, a linha de junção era curva, como o extremo de um círculo incrivelmente grande.

Era uma visão tão estranha que só alguns segundos depois percebeu o que estava vendo, e quando percebeu, sentiu um formigueiro no couro cabeludo, como se lhe tivessem roubado o ar dos pulmões.

— O mundo é redondo — sussurrou ele. — O céu é oco e o mundo é redondo.

É o que parece, disse Glaedr, mas parecia igualmente impressionado. *Um dragão selvagem falou-me disso, mas eu nunca pensei vê-lo com os meus próprios olhos.*

Ao leste, um ligeiro brilho amarelo tingia parte do horizonte, prenunciando o regresso do sol. Eragon calculou que, se Saphira mantivesse a sua posição mais quatro ou cinco minutos, o veriam nascer, embora faltassem ainda algumas horas até que os raios quentes e revitalizantes alcançassem a água, lá em baixo.

Saphira manteve-se no mesmo local durante uns instantes. Estavam os três suspensos entre as estrelas e a terra, flutuando no crepúsculo silencioso como espíritos desencarnados. Não estavam em lado algum, nem faziam parte dos céus, nem do mundo, lá em baixo — um grão de pó passando na fronteira entre duas imensidões.

Depois Saphira inclinou-se para frente e impeliu-se em direção a norte quase voando, quase caindo, pois o ar estava tão rarefeito que as suas asas não conseguiam suportar totalmente o seu peso, ao abandonar a corrente de ar.

Ao descer velozmente, Eragon disse:

Se tivéssemos jóias suficientes e armazenássemos a energia necessária nelas, acha que conseguiríamos voar até à Lua?

Quem sabe o que é possível, disse Glaedr.

Quando Eragon era criança, Carvahall e o Vale Palancar eram tudo o que ele conhecia. É claro que tinha ouvido falar no Império, mas nunca lhe pareceu muito real até começar a viajar. Mais tarde, o seu retrato mental do mundo expandiu-se, passando a incluir o resto de Alagaësia e, vagamente, as outras terras sobre as quais já tinha lido. Mas agora concluiu que, o que julgou ser tão grande, era na verdade uma pequena parte de um todo muito

maior. Era como se o seu ponto de vista tivesse passado da perspectiva da formiga à perspectiva da águia, numa questão de segundos.

Porque o céu era oco e o mundo redondo.

Isso o fez reavaliar e reclassificar... tudo. A guerra entre os Varden e o Império parecia irrelevante, quando comparada com a verdadeira dimensão do mundo. Pensou também como eram mesquinhas as mágoas e as preocupações que atormentavam as pessoas, quando analisadas de tão alto.

Dirigindo-se a Saphira, disse:

Se toda a gente visse o que nós vimos, talvez houvesse menos guerras no mundo.

Não pode esperar que os lobos se transformem em ovelhas.

Não, mas os lobos também não precisam ser cruéis com as ovelhas.

Saphira depressa regressou à escuridão das nuvens, mas conseguiu evitar ser apanhada por um novo ciclo de correntes de ar ascendentes e descendentes. Planou ao longo de muitos quilômetros, escapando dos topos de outras correntes de ar ascendentes, dentro da tempestade, e usando-as para conservar a energia.

Uma ou duas horas depois, o nevoeiro dissipou-se e eles afastaram-se da enorme massa de nuvens que formavam o olho da tempestade. Desceram e voaram sobre contrafortes insignificantes, amontoados em torno da base da tempestade, que se foi gradualmente achatando num manto acolchoado que cobria tudo em redor, à exceção da cabeça da bigorna.

Quando o sol apareceu no horizonte, nem Eragon nem Saphira tinham energia para dar grande atenção ao que os rodeava, além de que não parecia haver nada digno de nota na monótona imensidão por baixo deles.

Foi Glaedr que disse:

Saphira, ali, à sua direita. Está vendo?

Eragon ergueu a cabeça dos braços dobrados e franziu os olhos, à medida que eles se adaptavam à claridade.

Alguns quilômetros ao norte, um anel de montanhas erguia-se das nuvens. Os picos estavam cobertos de neve e de gelo, e juntos pareciam uma velha coroa pontiaguda pousada sobre camadas de névoa. As escarpas viradas para leste brilhavam intensamente à luz do sol da manhã, e as encostas a oeste estavam cobertas por longas sombras azuis e estendiam-se a

perder de vista, como adagas tenebrosas sobre a planície ondulante cor de neve.

Eragon endireitou-se. Mal acreditava que a sua viagem poderia estar prestes a terminar.

Contemplem, disse Glaedr, Aras Thelduin, os vulcões que guardam o coração de Vroengard. Voe depressa, Saphira, agora só temos um curto caminho a percorrer.

Larvas Carnívoras



panharam-na intersecção de dois corredores idênticos, ladeados de pilares, tochas e estandartes vermelhos com a insígnia de Galbatorix: a chama ondulante, dourada.

Nasuada não esperava conseguir fugir, não propriamente, mas não pôde deixar de se sentir desiludida com o fracasso. No mínimo, esperava conseguir cobrir uma maior distância antes de voltarem a captura-la.

Lutou durante todo o caminho, enquanto os soldados a arrastavam de volta à câmara que lhe servia de prisão. Os homens usavam peito de armas e braçais, mas ainda assim ela conseguiu arranhar lhes a cara e morder lhes as mãos, ferindo dois com alguma gravidade.

Os soldados deixaram escapar exclamações de consternação ao entrarem no Salão da Profetisa e vendo o que ela fez ao carcereiro. Caminhando com cautela para não pisarem a poça de sangue cada vez maior, levaram-na para a laje de pedra, prenderam-na e saíram apressadamente, deixando-a sozinha com o cadáver.

Ela gritou para o teto e deu puxões nos grilhões, furiosa consigo, por não ter conseguido fazer melhor. Ainda fervendo de raiva, olhou de relance para o corpo no chão, mas desviou logo o olhar. A expressão do homem, depois de morto, parecia acusatória, pelo que não suportava olhá-lo.

Depois de roubar a colher, passou horas limando a ponta do cabo na laje de pedra. A colher era de ferro macio, por isso tinha sido fácil de moldar.

Julgou que Galbatorix e Murtagh seriam os próximos a visitá-la, mas foi o carcereiro que apareceu, para lhe trazer uma espécie de ceia. Ele começou a soltar-lhe os grilhões para guiá-la até à latrina. No momento em que soltou-lhe a mão esquerda, ela esfaqueou-o por baixo do queixo, com o cabo aguçado da colher, enterrando lhe o utensílio nas pregas do pescoço. O homem deu um guincho horripelantemente estridente, lembrando-lhe um porco no matadouro, deu três voltas sobre si, esbracejando, caindo depois no chão onde ficou esperneando, espumando e batendo com os calcanhares no chão, tempo demais, a seu ver.

Matá-lo perturbou-a, pois não achava que o homem fosse mau — não sabia ao certo o que ele era —, mas havia nele uma simplicidade que a fazia sentir que poderia tirar proveito dele. Ainda assim, ela tinha feito o que era necessário e, embora agora fosse desagradável pensar no assunto, continuava convencida de que as suas ações tinham se justificado.

Enquanto o homem estremeceu com convulsões, nos seus últimos momentos de agonia, ela despertou o resto dos grilhões e saltou da laje. Depois, reuniu coragem e arrancou a colher do pescoço do homem, que — à semelhança da tampa de um barril — libertou um jato de sangue que lhe salpicou as pernas, fazendo-a saltar para trás e contendo uma praga.

Não foi difícil lidar com os dois guardas que estavam no exterior do Salão da Profetisa, pois os apanhou de surpresa e matou o guarda do lado direito, de uma forma bastante semelhante ao carcereiro. Depois, tirou a adaga do cinto do guarda e atacou o outro homem, enquanto este lutava para lhe apontar o pique. Assim tão perto, um pique nunca poderia fazer frente a uma adaga e ela esfaqueou-o, antes que o guarda tivesse tempo de fugir ou dar o alarme.

Mas não conseguiu ir muito longe depois disso. Fosse devido aos feitiços de Galbatorix ou por simples falta de sorte, ela esbarrou de cara com cinco soldados que a dominaram de imediato, para não dizer facilmente.

Não devia ter passado mais de meia hora, quando ouviu um grande grupo de homens, de botas ferradas, marcharem até à porta da câmara. Depois, Galbatorix irrompeu pela sala, seguido de vários guardas.

Como sempre, parou no limite do seu campo de visão e ali ficou — uma figura alta e escura, de rosto anguloso, da qual se distinguiam apenas os contornos. Ela viu-o virar a cabeça para observar a cena. Depois disse num tom frio:

— Como aconteceu isso?

Um soldado com uma pluma no elmo correu a frente de Galbatorix e ajoelhou-se, erguendo a colher aguçada.

— Encontramos isto num dos homens, lá fora, Senhor.

O rei pegou na colher e virou-a nas mãos.

— Compreendo. — Voltou a cabeça na direção dela, agarrou na extremidade da colher e dobrou-a até esta se partir ao meio, aparentemente sem qualquer esforço. — Sabia que não podia escapar e, mesmo assim, insistiu em tentar. Não vou permitir que mate os meus homens apenas para me faltar ao respeito. Não tem o direito de lhes roubar a vida. Não tem o direito de fazer nada a não ser que eu o autorize. — Atirou com os pedaços de metal para o chão. Depois virou-se e abandonou o Salão da Profetisa, com a pesada capa ondulando atrás de si.

Dois soldados removeram o corpo do carcereiro e limparam o sangue do chão, amaldiçoando-a enquanto o esfregavam.

Logo que saíram e ela voltou a ficar sozinha, permitiu-se suspirar, e parte da tensão nos seus membros desapareceu.

Quem lhe dera ter tido oportunidade de comer. Agora que a excitação passou, estava sentindo fome. Pior do que isso, desconfiava que teria de esperar horas até que tivesse a próxima refeição. Isto, partindo do princípio que Galbatorix não decidisse castigá-la, negando-lhe comida.

As suas divagações acerca de pão, assados e copos altos de vinho não duraram muito, pois voltou a ouvir o som de várias botas no corredor, fora da cela. Assustada, tentou preparar-se mentalmente para tudo o que de desagradável estivesse para acontecer, pois assim o seria com toda a certeza.

A porta da câmara abriu-se, de repente, e dois conjuntos de passos ecoaram na sala octogonal, enquanto Murtagh e Galbatorix se aproximavam dela. Murtagh foi para o local onde normalmente ficava, sem a braseira para se entreter. Cruzou os braços, encostou-se à parede e olhou para o chão com um semblante carregado. O que ela viu na sua expressão debaixo da máscara de prata, até meio do rosto, não a consolou. As linhas do rosto pareciam ainda mais duras do que o habitual e havia algo na posição da boca que lhe arrepiou os ossos de pavor.

Em vez de se sentar como era seu hábito, Galbatorix ficou em algum lugar atrás, ao lado da sua cabeça, onde ela pudesse sentir a sua presença sem propriamente vê-lo.

Depois, estendeu as mãos semelhantes a garras por cima dela. Segurava numa pequena caixa, decorada com linhas entalhadas em osso, que em tempos talvez fossem hieróglifos da língua antiga. Mas o mais desconcertante é que, dentro da caixa, se ouvia um débil *cri-cri*, um ruído suave como um rato arranhando, mas não menos distinto.

Galbatorix abriu a tampa deslizante da caixa com a ponta do polegar. Depois meteu os dedos lá dentro e tirou algo semelhante a uma enorme larva cor de marfim. A criatura tinha quase oito centímetros de comprimento e exibia uma pequena boca de lado, com a qual produzia o *cri-cri*, que ela ouviu antes, anunciando o seu desagrado ao mundo. Era gorda e pregueada como uma lagarta, mas se tinha patas, eram tão pequenas que mal se viam.

Enquanto a criatura se contorcia, numa tentativa vã de se libertar dos dedos de Galbatorix, o rei disse:

— Isto é uma larva carnívora e não o que parece. Poucas coisas o são, mas no caso das larvas carnívoras é ainda mais evidente. Só existem num local da Alagaësia e são mais difíceis de apanhar do que imagina. Encare, pois o fato de me dignar a usa-la uma em você como um sinal de respeito,

Nasuada, filha de Ajihad. — Depois, baixou a voz, falando num tom ainda mais íntimo. — Contudo, não gostaria de estar no seu lugar.

O *cri-cri* da larva carnívora aumentou quando Galbatorix a largou sobre a pele nua do seu braço direito, mesmo abaixo do cotovelo. Ela retraiu-se ao sentir a criatura aterrar em cima de si, pois era mais pesada do que parecia e agarrou-se à pele como se tivesse centenas de pequenos ganchos debaixo do corpo.

A larva fez um pouco mais de ruído, encolhendo depois o corpo e saltando vários centímetros ao longo do braço.

Ela puxou os grilhões, esperando desalojar a larva, mas esta continuou agarrada.

Depois, saltou mais uma vez.

E outra ainda, alcançando-lhe o ombro e enterrando-lhe os ganchos na carne como uma tira minúscula de figos bravos. Pelo canto do olho, viu a larva carnívora erguer a cabeça sem olhos, virando-a para o seu rosto como se provasse o ar. A pequena boca abriu-se e ela viu que a larva tinha umas mandíbulas aguçadas e cortantes por trás do lábio superior e inferior.

— *Cri-cri?* — fez a larva. — *Cri-cra?*

— Aí não — disse Galbatorix, proferindo uma palavra na língua antiga.

Ao ouvi-la, a larva carnívora afastou-se da cabeça dela — o que lhe deu algum alívio —, voltando depois a descer-lhe pelo braço.

Poucas coisas a assustavam. O toque do ferro em brasa assustava-a. A ideia de que Galbatorix pudesse reinar para sempre também. A morte assustava-a, é óbvio, não tanto por recear o fim da sua existência, mas porque temia deixar por fazer tudo aquilo que ainda esperava conseguir concretizar.

Mas, por qualquer razão, nada a enervava tanto como ver e sentir aquela larva. Sentia um ardor e um formigueiro em todos os músculos do corpo. A sua vontade era correr e fugir, afastar-se tanto quanto possível da criatura, pois algo de muito errado se passava com a larva carnívora. Não se movia como devia, a sua pequena boca obscena lembrava-lhe a boca de uma criança e o ruído que fazia, aquele ruído horrível, despertava-lhe um sentimento de repulsa primário.

A larva parou no cotovelo.

Cri-cri!

Depois o seu corpo gordo, sem membros, contraiu-se e ela saltou uns dez ou doze centímetros no ar, mergulhando de cabeça na parte interior do cotovelo.

Ao aterrar, a larva dividiu-se numa dúzia de pequenos centípedes, verdes-claros, que se espalharam pelo braço, antes de escolherem um local onde enterrar as mandíbulas na carne e perfurar-lhe a pele.

A dor era insuportável. Ela debateu-se nos grilhões e gritou para o teto, mas não conseguiu escapar ao tormento, nem nessa altura, nem por um período aparentemente interminável, depois disso. O ferro doeu-lhe mais, mas ela teria preferido o seu toque, pois o metal quente era impessoal, inanimado e previsível, tudo aquilo a que a larva não correspondia. Era especialmente horrível pensar que a causa da sua dor era uma criatura que a mastigava e, pior ainda, pensar que ela estava dentro de si.

Por fim, ela perdeu o orgulho e o autocontrole e implorou misericórdia à deusa Gokukara. Depois começou a balbuciar como uma criança, incapaz de conter o fluxo de palavras aleatórias que lhe saíam da boca.

Ouviu Galbatorix rir, atrás de si, e a satisfação que ele revelou com o seu sofrimento fez com que o odiasse ainda mais.

Nasuada piscou os olhos, recuperando lentamente os sentidos.

Momentos depois, percebeu que Murtagh e Galbatorix tinham saído. Não se lembrava de vê-los abandonar a sala, pois devia ter perdido a consciência.

A dor era menos aguda, mas ainda sentia imensas dores. Olhou de relance para o corpo e desviou o olhar, sentindo o pulso acelerar. No local onde os centípedes estavam — não sabia se poderiam ser considerados larvas carnívoras, individualmente — tinha a pele inchada e os sulcos que elas tinham deixado, debaixo da superfície da pele, estavam cheios de sangue e ardiam-lhe. Era como se lhe tivessem açoitado a parte da frente do corpo com um chicote de metal.

Perguntou a si mesma se as larvas ainda estariam dentro do seu corpo, em estado de dormência, enquanto digeriam a refeição. Ou talvez estivessem se metamorfoseando, como larvas de moscas, e se transformassem em algo ainda pior. Ou então — e essa parecia-lhe a hipótese mais terrível — talvez estivessem a pôr ovos que, em breve, dariam origem a outras larvas que iriam banquetear-se com o seu corpo.

Estremeceu, gritando de pavor e frustração.

Era difícil manter-se lúcida devido aos ferimentos. Tão depressa via como deixava de ver e deu consigo chorando, o que a irritou, mas não conseguia parar, por muito que tentasse. Para se distrair, começou a falar sozinha — dizendo coisas sem sentido —, algo que reforçasse a sua determinação, ou a levasse a concentrar-se noutros assuntos. Ajudou, ainda que muito pouco.

Ela sabia que Galbatorix não a queria matar, mas temia que a sua fúria o levasse mais longe do que pretendia. Tremia e sentia todo o corpo inflamado, como se tivesse sido mordida por centenas de abelhas. A força de vontade poderia ajudá-la a resistir algum tempo, mas por mais determinada que estivesse, a resistência do corpo tinha limites e ela sentia que os ultrapassou há muito. Algo no seu íntimo parecia ter-se quebrado e ela já não tinha a certeza se conseguiria se recuperar dos ferimentos.

A porta da câmara arranhou o chão ao abrir-se.

Ela esforçou-se para focar a visão, tentando ver quem se aproximava.

Era Murtagh.

Olhou-a de lábios crispados, dilatou as narinas e franziu as sobrancelhas. A princípio pensou que ele estivesse furioso, mas depois percebeu que estava preocupado e apavorado, mortalmente apavorado. A intensidade da sua preocupação surpreendeu-a; sabia que ele sentia uma certa afeição por ela — de outro modo não teria convencido Galbatorix a mantê-la viva —, mas não suspeitava que se preocupasse tanto com ela.

Tentou tranquilizá-lo com um sorriso, mas este não devia ter sido convincente, pois ao sorrir, Murtagh contraiu os maxilares, como se fizesse um esforço para se conter.

— Tente não te mexer — disse ele, erguendo as mãos sobre ela e começando a murmurar algo na língua antiga.

Como se eu pudesse, pensou.

A magia depressa produziu efeito e a dor foi abrandando em cada ferimento, embora não desaparecesse por completo.

Ela franziu-lhe as sobrancelhas, intrigada e ele disse:

— Lamento não poder fazer mais. Galbatorix saberia, mas eu não tenho poder para isso.

— E... e os seus Eldunarís? — perguntou ela. — Certamente que poderão ajudar.

Ele abanou a cabeça.

— São todos dragões jovens, ou eram, quando os seus corpos morreram. Pouco sabiam de magia nessa altura e Galbatorix não lhes ensinou quase nada desde que... Desculpa.

— Aquelas coisas ainda estão dentro de mim?

— Não, já não estão. Galbatorix tirou-as assim que desmaiou.

Ela sentiu um profundo alívio.

— O seu feitiço não me tirou a dor. — Tentou não parecer acusatória, mas não conseguiu conter uma nota de raiva na voz.

Ele fez um esgar.

— Não sei bem por quê. Deveria ter tirado. Seja o que for aquela criatura, não se enquadra nos padrões normais do mundo.

— Sabe de onde é?

— Não. Só soube da sua existência hoje, quando Galbatorix foi buscar nos seus aposentos privados.

Ele fechou os olhos por momentos.

— Deixe-me levantar.

— Está falando s...

— Deixe-me levantar.

Ele abriu-lhe os grilhões, sem dizer uma palavra. Depois ela levantou-se e ficou cambaleante junto da laje, à espera que o ataque de tonturas passasse.

— Tome — disse Murtagh, dando-lhe a sua capa. Ela enrolou-a à volta do corpo, cobrindo-se por recato e para se aquecer, mas também para não ter de olhar para as queimaduras, crostas, bolhas e sulcos cheios de sangue que lhe desfiguravam o corpo.

Coxeando — além de outros locais, a larva visitara-lhe as solas dos pés —, encaminhou-se para o extremo da sala e encostou-se à parede, deixando-se escorregar lentamente para o chão.

Murtagh juntou-se a ela e ficaram ambos olhando para a parede oposta.

Ela começou a chorar, sem querer.

Momentos depois, sentiu-o tocar-lhe no ombro, afastando-se bruscamente. Foi mais forte do que ela. Ele a magoou mais do que qualquer outra pessoa, nos últimos dias e, embora soubesse que o fez contrariado, não conseguia esquecer que foi ele que empunhou o ferro em brasa.

Ainda assim, ao ver que a sua reação o magoou, cedeu um pouco e pegou-lhe na mão. Ele apertou-lhe suavemente os dedos, colocando-lhe o braço por cima do ombro e puxando-a para si. Ela resistiu, por instantes, mas depois descontraiu nos seus braços, encostando a cabeça ao seu peito, continuando a chorar, e os seus soluços baixos ecoaram pela sala nua, de pedra.

Alguns minutos depois, sentiu-o mexer-se debaixo dela, dizendo:

— Eu vou descobrir uma forma de liberta-la, prometo. É muito tarde para Thorn e para mim, mas não é para você. Desde que não jure lealdade a Galbatorix, há uma hipótese de eu conseguir te levar de Urû'baen, em segredo.

Ela olhou-o e concluiu que ele estava falando sério.

— Como? — sussurrou.

— Não faço a mínima ideia — confessou ele com um sorriso malandro. — Mas vou fazê-lo, custe o que custar. Contudo, terá de me prometer que não desistirá — pelo menos, até eu tentar — combinado?

— Não creio que consiga aguentar aquela... coisa, outra vez. Se ele voltar a pôr em cima de mim, faço tudo o que ele quiser.

— Não é preciso, ele não tenciona voltar a usar a larva carnívora.

— ... Então, o que tenciona ele fazer?

Murtagh ficou mais um minuto em silêncio.

— Decidiu começar a manipular o que vê, ouve, sente e saboreia. Se isso não resultar atacará diretamente a sua mente, e você não conseguirá resistir-lhe se ele o fizer, pois nunca ninguém conseguiu. Mas acho que poderei te salvar antes de ele chegar a esse ponto. Tudo o que tem de fazer é continuar a lutar mais uns dias. Só isso — só mais uns dias.

— Como poderei lutar se não posso confiar nos meus sentidos?

— Há um sentido que ele não pode imitar. — Murtagh torceu-se para olhá-la de frente. — Deixe-me tocar na sua mente? Não tentarei ler os seus pensamentos. Quero apenas que sinta o toque da minha mente, para que possa reconhecer — para que me possa reconhecer — de futuro.

Ela hesitou. Sabia que aquilo era um ponto sem volta. Ou decidia confiar nele, ou recusava e talvez perdesse a única oportunidade que tinha de impedir que Galbatorix a escravizasse. Ainda assim, permitir que alguém acesse à sua mente era motivo de cautela. Murtagh poderia estar persuadindo-a a baixar as defesas, para que pudesse instalar-se mais

facilmente na sua consciência. Ou talvez ele quisesse recolher qualquer informação, espiando os seus pensamentos.

Depois pensou: *Porque iria Murtagh recorrer a esses truques, se poderia fazer ambas as coisas. Ele tem razão; eu não conseguiria resistir-lhe... Se eu aceitar a oferta de Murtagh, pode ser o meu fim, mas se recusar, o meu fim é inevitável. De uma maneira ou de outra, Galbatorix acabará por me dobrar. É apenas uma questão de tempo.*

— Faça como entender — disse ela.

Murtagh acenou com a cabeça e semicerrou os olhos.

No silêncio da sua mente, ela começou a recitar um fragmento de um poema que costumava recitar sempre que queria esconder os pensamentos ou defender a consciência de um intruso. Concentrou-se nele com todas as suas forças, determinada a repelir Murtagh, se fosse necessário, evitando todos os segredos que era seu dever esconder:

Em El-harim vivia um homem, um homem de olhos amarelos

Que me disse: cautela com os sussurros, porque sussurram mentiras.

Não lute com demônios das trevas,

Pois eles marcarão a sua mente.

Não ouça as sombras das profundezas,

Pois elas irão assombrar-lhe mesmo enquanto dorme.

Quando a consciência de Murtagh tentou penetrar na sua, ela contraiu-se e começou a recitar as linhas do poema mais depressa, mas para seu espanto, a mente dele parecia-lhe familiar. As semelhanças entre a sua consciência e a de... não, não podia dizer de quem, mas as semelhanças eram surpreendentes, tal como as diferenças, a mais importante das quais era a raiva no âmago do seu ser, como um coração negro e frio, crispado e imóvel, com veias de ódio ondulantes, a enredarem-se no resto da mente. Mas a sua preocupação com ela ofuscava a raiva. Vê-la convenceu-a de que a sua solicitude era genuína, pois dissimular o eu interior era incrivelmente difícil e ela não acreditava que Murtagh conseguisse enganá-la de forma tão convincente.

Ele cumpriu a palavra e não tentou penetrar mais profundamente na sua mente. Alguns segundos depois, retirou-se e ela voltou a sentir-se a sós com os seus pensamentos.

Murtagh abriu os olhos e disse:

— Pronto. Conseguirá reconhecer-me se eu voltar a tentar comunicar contigo?

Ela acenou afirmativamente.

— Ótimo. Galbatorix consegue fazer muita coisa, mas nem mesmo ele consegue imitar o toque da mente de outra pessoa. Eu tentarei avisar-lhe antes de ele começar a alterar os seus sentidos e lhe contatarei quando ele parar. Assim, ele não conseguirá confundir-lhe em relação ao que é real e ao que não é.

— Obrigada — agradeceu ela, incapaz de lhe transmitir a dimensão da sua gratidão, numa palavra tão simples.

— Felizmente temos algum tempo. Os Varden estão apenas há três dias daqui e os Elfos aproximam-se rapidamente, vindos do norte. Galbatorix foi supervisionar o posicionamento final das defesas de Urû'baen e discutir estratégia com Lord Barst, que é o comandante do exército aquartelado aqui na cidade.

Ela franziu as sobrancelhas. Aquilo não prenunciava nada de bom. Ouviu falar de Lord Barst e sabia que ele tinha uma reputação temível entre os nobres da corte de Galbatorix. Constava que era inteligente e sanguinário e, quem cometesse a imprudência de enfrentá-lo, seria impiedosamente esmagado.

— E você não? — perguntou ela.

— Galbatorix tem outros planos para mim, embora ainda não me tenha dito quais são.

— Quanto tempo vai andar ocupado com os preparativos?

— O resto do dia de hoje e amanhã, durante todo o dia.

— Você acha que consegue me libertar antes de ele regressar?

— Não sei. Provavelmente não. — Houve uma pausa e depois ele disse. — Agora tenho uma pergunta para lhe fazer: porque matou aqueles homens? Sabia que não conseguiria sair da cidadela. Seria apenas para faltar ao respeito a Galbatorix, como ele disse?

Ela suspirou e afastou-se do peito de Murtagh, sentando-se direita. Ele tirou relutantemente o braço de cima dos seus ombros. Ela fungou e olhou-o nos olhos:

— Eu não podia ficar ali deitada e permitir que ele me fizesse tudo o que quisesse. Tinha de ripostar, tinha de lhe mostrar que não me vergara e também queria ofendê-lo o máximo possível.

— Então sempre foi por despeito!

— Em parte. E depois? — Esperava que ele demonstrasse desagrado e condenasse as suas ações, mas em vez disso ele lançou lhe um olhar apreciador e os lábios curvaram-se num pequeno sorriso sabedor.

— Então diz “*bom trabalho*” — disse ela.

Momentos depois retribuiu-lhe o sorriso.

— Além disso havia sempre a hipótese de eu conseguir escapar.

Ele roncou.

— E os dragões vão começar a comer erva.

— Ainda assim, tinha de tentar.

— Eu compreendo. Se pudesse, teria feito o mesmo quando os Gêmeos me trouxeram para cá.

— E agora?

— Continuo a não poder e, mesmo que pudesse, de que me valeria?

Ela não tinha resposta. Ficou em silêncio por instantes e depois disse:

— Se não for possível libertar-me, quero que me prometa que me ajudará a fugir... por outros meios. Não lhe pediria... não lhe colocaria esse fardo nas costas, mas a sua ajuda tornaria tudo mais fácil, eu posso não ter hipótese de fazê-lo sozinha. — Ele cerrou os lábios enquanto ela falava, mas não a interrompeu. — Aconteça o que acontecer, não permitirei que Galbatorix faça de mim um brinquedo, às suas ordens. Farei tudo — tudo — para fugir a esse destino. Consegue entender?

Ele afundou o queixo, acenando brevemente com a cabeça.

— Então, me dá a sua palavra?

Ele olhou para baixo e cerrou os punhos, respirando asperamente.

— Dou.

Murtagh estava taciturno, mas acabou por conseguir puxar por ele, pelo que os dois passaram o resto do tempo conversando sobre assuntos sem importância. Murtagh falou-lhe das alterações que fez à cela que Galbatorix lhe ofereceu para Thorn — alterações essas que justificavam perfeitamente o

seu orgulho, pois permitiam-lhe montar e desmontar mais depressa e desembainhar a espada com menos incômodo. Ela falou-lhe nas ruas do mercado em Alberon, a capital de Surda, e de como era frequente fugir da ama para explorá-las, em criança. O seu mercador preferido era um homem das tribos nômades. O seu nome era Hadamanara-no Dachu Taganna, mas insistiu para que ela o tratasse pelo nome pelo qual era mais conhecido, Taganna. Vendia facas e adagas, e parecia sempre encantado em mostrar-lhe a mercadoria, embora ela nunca lhe tivesse comprado nada.

À medida que conversavam, o discurso foi-se tornando mais fácil e mais descontraído e, apesar das desagradáveis circunstâncias em que se encontravam, Nasuada descobriu que gostava de falar com ele. Murtagh era inteligente e bem-educado, e tinha um humor mordaz que lhe agradava, especialmente considerando a difícil situação em que se encontrava.

Murtagh pareceu apreciar a conversa tanto como ela. Ainda assim, a certa altura, ambos reconheceram que seria imprudente continuarem a falar, receando ser apanhados. Por isso regressou à laje onde se deitou, permitindo que ele a voltasse a prender ao impiedoso bloco de pedra.

Quando ele ia a sair, disse:

— Murtagh.

Ele parou e virou-se para olhá-la.

Nasuada hesitou por instantes, mas depois ganhou coragem e disse:

— Por quê? — Achou que ele percebeu o que queria dizer: *Por que ela? Por que salvá-la, por que tentar resgatá-la agora?* Tinha ideia da resposta, mas queria ouvi-la da sua boca.

Murtagh olhou-a longamente e depois disse-lhe num tom de voz grave e duro:

— Você sabe por quê.

Entre Ruínas



s espessas nuvens cinzentas separaram-se e Eragon contemplou o interior da ilha de Vroengard, de cima do dorso de Saphira.

Diante deles havia um grande vale em forma de taça, rodeado das montanhas íngremes que tinham visto por cima das nuvens. Uma densa floresta de espruces, pinheiros e abetos cobriam a encosta das montanhas e os contrafortes nos sopés, como um exército de soldados espinhosos a descer dos picos. As árvores eram altas e lúgubres e, mesmo à distância, Eragon conseguia distinguir as barbas de musgo e líquens suspensos nos pesados ramos. Viam-se farrapos de névoa branca agarrados às encostas das montanhas e, em certos pontos do vale, cortinas difusas de chuva precipitavam-se do teto de nuvens.

Muito acima do solo do vale, Eragon distinguiu uma série de estruturas de pedra por entre as árvores: entradas de cavernas destruídas, cobertas de vegetação; o exterior de torres incendiadas; grandes palácios com os telhados destruídos e alguns edifícios menores que pareciam estar ainda habitáveis.

Mais de uma dúzia de rios fluíam das montanhas, serpenteando pelo solo verdejante até desaguiarem num grande lago parado, perto do centro do vale. Em torno do lago havia os restos da cidade dos Cavaleiros, Doru Araeba. Os edifícios eram imensos — grandes palácios desertos de proporções tão gigantescas que muitos poderiam alojar Carvalhal inteira. Cada porta era como a entrada para uma vasta caverna inexplorada, cada janela era mais alta e mais larga que o portão de um castelo e cada parede era comparável a um penhasco escarpado.

Espessas esteiras de eras sufocavam os blocos de pedra e onde não havia eras havia musgo, o que significava que os edifícios se fundiam com a paisagem e pareciam ter nascido da própria terra. O que restava de pedra tinha tendencialmente um tom pálido de ocre, embora fossem visíveis extensões vermelhas, castanhas e em tons de azul quase escuro.

Tal como todas as estruturas concebidas pelos elfos, os edifícios eram graciosos, com formas fluidas e menos acentuadas que os dos anões ou dos humanos, mas exibiam uma solidez e uma autoridade que as casas das árvores de Ellesméra não tinham. Eragon descobriu semelhanças com as casas do Vale de Palancar em algumas delas e lembrou-se que os últimos Cavaleiros humanos eram oriundos dessa região de Alagaësia. O resultado

era um estilo único de arquitetura, que não era inteiramente élfico nem humano.

Quase todos os edifícios estavam danificados, uns mais que outros. Os estragos pareciam irradiar de fora, de um único ponto perto do extremo sul da cidade, onde uma grande cratera se afundava a mais de nove metros de profundidade. Um aglomerado de bétulas criara raízes na depressão e as suas folhas prateadas agitavam-se ao sabor de rajadas de vento sem direção.

As áreas abertas, dentro da cidade, estavam cobertas de ervas daninhas e mato, e as pedras da calçada que pavimentavam as ruas estavam orladas de erva. Nos locais onde os edifícios protegeram os jardins dos Cavaleiros da explosão que devastara a cidade, flores de cores pálidas cresciam em padrões artísticos, cuja forma havia sido certamente mantida graças aos ditames de um feitiço há muito esquecido.

No geral, o vale circular revelava um quadro sombrio.

Contemplem as ruínas do nosso orgulho e da nossa glória, disse Glaedr, e depois acrescentou: *Eragon, tem que lançar outro feitiço. O fraseado é o seguinte...* E proferiu várias frases na língua antiga. Era um feitiço estranho, com um fraseado obscuro e complexo, pelo que Eragon não conseguiu perceber o seu propósito.

Quando perguntou a Glaedr, o velho dragão respondeu: *há aqui um veneno invisível, no ar que respira, no solo em que caminha, nos alimentos que ingere e na água que bebe. O feitiço irá proteger-nos dele.*

Que... veneno? , perguntou Saphira, com os pensamentos tão lentos como o bater das suas asas.

Através de Glaedr, Eragon viu uma imagem da cratera junto da cidade e o dragão disse:

Durante a batalha com os Renegados, um dos nossos, um elfo chamado Thuviel, matou-se com magia. Nunca ficou claro se o fez intencionalmente ou por acidente, mas o resultado é o que veem e o que não veem, pois a área tornou-se imprópria para viver, em consequência da explosão. Os que aqui ficaram depressa desenvolveram lesões na pele e perderam o cabelo, e muitos morreram depois disso.

Preocupado, Eragon lançou o feitiço — que exigia pouca energia —, dizendo depois:

Como poderia alguém, fosse elfo ou não, provocar tantos estragos? Mesmo que o dragão de Thuviel o ajudasse, não entendo como foi possível. A não ser que o dragão fosse do tamanho de uma montanha.

O dragão dele não o ajudou, disse Glaedr. O dragão dele tinha morrido. Não, Thuviel semeou a destruição sozinho.

Mas como?

Da única forma possível: convertendo a sua carne em energia.

Transformou-se num espírito?

Não. A energia não tinha consciência nem forma e quando ele a libertou, projetou-se para fora até se dispersar.

Não sabia que um só corpo podia conter tanta energia.

Não é do conhecimento geral, mas mesmo a menor partícula de matéria é equiparável a uma grande quantidade de energia. A matéria, ao que parece, é energia congelada e se a derreter, libertará uma enchente a que poucos resistem... Dizem que a explosão que aqui houve se ouviu em Teirm e que a nuvem de fumo que se seguiu ergueu-se mais alto que as Montanhas Beor.

Foi a explosão que matou Glaerun? perguntou Eragon, referindo-se ao membro dos Renegados que sabia ter morrido em Vroengard.

Sim. Galbatorix e o resto dos Renegados tiveram um sinal de alarme e, por isso, conseguiram proteger-se. Mas muitos dos nossos não tiveram essa sorte e morreram.

Quando Saphira desceu da barriga das nuvens baixas, Glaedr indicou-lhe para onde voar e ela alterou o rumo virando para noroeste do vale. Glaedr enunciou os nomes de cada uma das montanhas por onde passaram: Ilthiaros, Fellsverd e Nammenmast, assim como Huiltrim e Tímadrim. Enunciou também os nomes de muitas das fortalezas e torres desmoronadas, em baixo, e contou parte da sua história a Eragon e Saphira, embora apenas Eragon prestasse atenção à narrativa do velho dragão.

Eragon sentiu uma mágoa antiga despertar na consciência de Glaedr. Não tanto pela destruição de Doru Araeba, mas pela morte dos Cavaleiros, a extinção quase total dos dragões e a perda de milhares de anos de conhecimento e sabedoria. A memória do passado — o companheirismo que em tempos partilhara com os outros membros da ordem — acentuava a solidão de Glaedr e isso, associado à mágoa, criou uma atmosfera de desolação tal que Eragon começou a sentir-se igualmente melancólico.

Desligou-se parcialmente de Glaedr, mesmo assim o vale parecia-lhe sombrio e melancólico, como se a própria terra chorasse a queda dos Cavaleiros.

Quanto mais baixo Saphira voava, maiores os edifícios pareciam, e quando as suas verdadeiras dimensões se tornaram evidentes, Eragon percebeu que o que lera no Domia abr Wyrda não era um exagero: os maiores edifícios eram tão grandes que Saphira poderia voar dentro deles.

Perto do extremo da cidade abandonada, ele começou a reparar em pilhas de ossos brancos, no chão — esqueletos de dragões. O cenário era repugnante, no entanto ele não conseguia olhar para outro lado. O que mais o impressionava era o tamanho. Alguns dos dragões eram menores que Saphira, mas a maioria era bastante maior. O maior que viu era um esqueleto cujas costelas deveriam ter pelo menos vinte cinco metros de comprimento e quatro metros e meio de largura, na parte mais larga. Só o crânio — enorme, de aspecto ameaçador e coberto de manchas de líquens, como um rochedo áspero de pedra — era mais comprido e mais alto que o dorso de Saphira. Mesmo Glaedr, quando vivo, teria parecido diminuto ao lado do dragão morto.

Ali está Belgabad, o maior de todos nós, disse Glaedr, ao reparar no objeto da atenção de Eragon.

Eragon lembrava-se vagamente do nome de uma das histórias que lera em Ellesméra; o autor escrevera apenas que Belgabad tinha estado presente na batalha e fora morto durante o combate, tal como muitos outros.

Quem era o seu Cavaleiro? perguntou ele.

Ele não tinha Cavaleiro. Era um dragão selvagem. Durante séculos viveu sozinho nas regiões geladas do norte. Mas quando Galbatorix e os Renegados começaram a chacinar a nossa espécie, ele veio em nosso auxílio.

Foi o maior dragão de sempre?

De sempre não, mas nessa altura, sim.

Como encontrava o suficiente que comer?

Naquela idade e com aquele tamanho, os dragões passam a maior parte do tempo num transe letárgico, a sonhar com que o que lhes vem à cabeça, seja a rotação das estrelas, a queda de montanhas ao longo de eras, ou até mesmo algo tão insignificante como o movimento das asas de uma borboleta. Eu já sinto o fascínio dessa letargia, mas estou desperto e assim continuarei.

Conheceu... Belgabad? perguntou Saphira, fatigada, proferindo as palavras a custo.

Encontrei-o, mas não o conhecia. Em regra, os dragões selvagens não convivem com os dragões ligados a Cavaleiros. Olham-nos com desdém por sermos demasiado mansos e obedientes, e nós os olhamos com desdém por se deixarem levar demasiado pelos instintos, embora por vezes os admiremos exatadamente por isso. Além de que, não se pode esquecer que eles não tinham uma linguagem própria. Isso gerou mais diferenças entre nós do que pode imaginar. A linguagem altera a sua mente de formas difíceis de explicar. Os dragões selvagens conseguiam comunicar tão eficazmente como um anão ou um elfo, claro; mas faziam-no partilhando memórias, imagens e sensações, e não palavras. Só os mais hábeis conseguiam aprender esta ou aquela língua.

Glaedr fez uma pausa, acrescentando:

Se a memória não me engana Belgabad era um antepassado distante de Raugnar, o Negro, e Raugnar, como creio que também se recorda, Saphira, era pai do trisavô de sua mãe, Vervada.

Saphira estava tão exausta que reagia lentamente mas, por fim, voltou a torcer o pescoço para olhar o enorme esqueleto.

Devia ser um bom caçador para ficar tão grande.

Era o melhor, disse Glaedr.

Nesse caso... fico feliz por ser do sangue dele.

Eragon ficou pasmado com o número de ossos espalhados pelo chão. Até então, não se tinha apercebido bem da dimensão da batalha, nem do número de dragões que outrora existiam. Ao ver aquele cenário, o seu ódio por Galbatorix redobrou, e ele voltou a jurar a si mesmo que mataria o rei.

Saphira mergulhou num banco de nevoeiro e névoa branca e rodopiou em torno da ponta das suas asas, produzindo pequenos redemoinhos no céu. De repente, um campo de erva revolta surgiu diante de si e ela aterrou violentamente. A pata dianteira, direita, cedeu, ela tombou para o lado e caiu sobre o peito e o flanco, varrendo o chão com uma força tal que Eragon teria ficado empalado no espinho da frente se não fossem as suas proteções.

Saphira ficou imóvel, atordoada com o impacto. Depois se levantou lentamente, recolheu as asas e agachou-se. Os arreios da sela rangiam ao encaminhar e o som parecia estranhamente alto naquela atmosfera silenciosa que impregnava o interior da ilha.

Eragon soltou as correias que tinha em torno das pernas e saltou para o chão. Estava úmido e mole, e as suas botas enterraram-se na terra úmida, fazendo-o cair sobre o joelho.

— Conseguimos — disse, impressionado. Aproximou-se da cabeça de Saphira e, quando ela baixou o pescoço para o olhar diretamente, ele colocou uma mão de cada lado da sua longa cabeça e encostou a testa ao seu focinho.

Obrigado, disse ele.

Eragon ouviu o estalido das pálpebras e sentiu a cabeça dela vibrar ao começar a ronronar.

Pouco depois largou-a e virou-se para olhar em redor. O campo onde Saphira aterrara ficava nas imediações da cidade, a norte. Havia pedaços de alvenaria rachada — alguns tão grandes como Saphira —, espalhados pela erva. Eragon ficou aliviado por ela não ter batido em nenhum.

O campo subia até ao contraforte da encosta mais próxima, que estava coberto de árvores. No local onde o campo se unia com a colina havia um grande largo pavimentado e, do lado oposto do largo, erguia-se uma pilha maciça de blocos de pedra que se prolongava cerca de um quilómetro e meio para norte. Intacto, o edifício devia ser um dos maiores da ilha e, certamente, um dos mais ornamentados, pois entre os blocos de pedra quadrados, usados para erguer as paredes, Eragon viu dúzias de colunas estriadas, bem como painéis esculpidos, representando vinhas e flores e uma horda de estátuas. À maior parte faltava várias partes do corpo, como se também tivessem participado na batalha.

Ali está a Grande Biblioteca, disse Glaedr, *ou o que resta dela, depois de Galbatorix a ter saqueado*.

Eragon virou-se lentamente, inspecionando a área em redor. A sul da biblioteca, viu linhas indistintas de caminhos abandonados, sob o campo de erva revolta. Os caminhos iam da biblioteca até a um pomar, que escondia o solo. Mas atrás das árvores erguia-se uma grande formação irregular de pedra, com mais de sessenta metros de altura, sobre a qual cresciam vários zimbros nodosos.

Eragon sentiu uma centelha de excitação crescer dentro de si. Tinha a certeza, mas ainda assim perguntou:

É aquilo? Aquilo é o Rochedo de Kuthian?

Conseguia sentir Glaedr a observar a formação através dos seus olhos. Depois o dragão disse:

Parece-me estranhamente familiar, mas não me lembro quando o vi antes...

Eragon não precisava de qualquer outra confirmação.

— Vamos! — disse, abrindo caminho pela erva que lhe dava pela cintura em direção ao canteiro mais próximo. Aí a erva não era tão cerrada e ele conseguia sentir as pedras duras da calçada, debaixo dos pés, em vez da terra ensopada pela chuva. Percorreu apressadamente o caminho, seguido de perto por Saphira, e entraram juntos no pomar mergulhado nas sombras. Caminhavam cautelosamente, pois as árvores pareciam atentas e vigilantes, e havia algo de sinistro na forma dos ramos. Era como se as árvores estivessem à espera de os apanhar nas suas garras lascadas.

Eragon suspirou de alívio quando saíram do pomar. O Rochedo de Kuthian erguia-se no extremo de uma grande clareira com um emaranhado de rosas, cardos, framboesas e abiotos. Atrás da saliência de pedra existiam fiadas e fiadas de abetos, estendendo-se até à montanha, que se erguia muitos metros acima. A tagarelice zangada dos esquilos ecoava por entre os troncos das árvores, mas dos animais nem um bigode se via.

Em torno da clareira havia três bancos de pedra — meio escondidos sob as camadas de raízes, trepadeiras e plantas rasteiras — à mesma distância uns dos outros. De um lado havia um salgueiro cujo tronco aberto, semelhante a uma treliça, servira em tempos de caramanchão, onde os Cavaleiros se sentavam para apreciar a paisagem. Porém, nos últimos cem anos, o tronco tornara-se demasiado grosso para qualquer homem, elfo ou anão passar através dele.

Eragon parou junto da clareira e olhou para o Rochedo de Kuthian. Junto dele, Saphira bufou e deixou-se cair de barriga, fazendo estremecer o chão, pelo que ele teve de dobrar os joelhos para manter o equilíbrio. Esfregou-lhe o flanco e voltou a olhar para a torre de pedra. Uma expectativa de ansiedade cresceu dentro dele.

Abrindo a mente, Eragon esquadrinhou a clareira e as árvores para lá dela, verificando se não havia alguém escondido, à espera, para os emboscar, mas os únicos seres vivos que detectou foram plantas, insetos, toupeiras, ratos e cobras que viviam na vegetação da clareira.

Depois começou a compor os feitiços que esperava que lhe permitissem detectar quaisquer armadilhas mágicas naquela área. Proferira apenas algumas palavras, quando Glaedr disse:

Pare. Você e Saphira estão muito cansados para fazerem isso, agora. Primeiro descansem. Amanhã voltaremos para ver o que descobrimos.

Mas...

Vocês não estão em condições de se defenderem se tivermos de lutar. Seja o que for que procuremos, estará aqui amanhã de manhã.

Eragon hesitou, mas desistiu do feitiço com relutância. Sabia que Glaedr tinha razão, mas detestava ter de esperar, quando estavam tão perto de concluir a sua demanda.

Muito bem, disse, e voltou a subir para o dorso de Saphira.

Bufando pesadamente, Saphira levantou-se, virou-se devagar, e percorreu mais uma vez o pomar. O pesado impacto das suas patas fez soltar algumas folhas secas das copas das árvores, uma delas aterrou no colo de Eragon. Pegou nela e estava prestes a atirá-la fora, quando reparou que a folha não tinha o formato que era suposto ter: o recorte serrilhado era mais longo e mais largo do que o de qualquer outra folha de macieira que ele tivesse visto antes, e os veios formavam padrões aparentemente aleatórios em vez da teia regular de linhas que imaginara ver.

Pegou noutra folha, esta ainda estava verde. Tal como a sua parente ressequida, a folha verde tinha um serrilhado maior e um confuso mapa de veios.

Desde a batalha que as coisas aqui deixaram de ser como antes, disse Glaedr.

Eragon franziu o sobrolho e deitou as folhas fora. Voltou a ouvir a tagarelíce dos esquilos e não conseguiu ver nenhum entre as árvores, tampouco os conseguia sentir com a mente, o que o preocupou.

Se eu tivesse escamas este local me daria comichões, disse ele a Saphira.

Ela roncou divertida, libertando uma pequena baforada de fumo pelas narinas.

Do pomar, seguiram para sul até alcançarem um dos muitos ribeiros que fluíam para lá das montanhas: um estreito riacho, branco, que borbulhava suavemente ao correr sobre o leito de pedras. Saphira virou, seguindo o curso do ribeiro até a um prado abrigado, perto dos limites da floresta de verdura perene.

Aqui, disse Saphira, *deixando-se cair no chão*.

Parecia um bom local para acampar e Saphira não estava em condições de continuar, por isso Eragon concordou, desmontando. Parou por instantes para apreciar a vista sobre o vale, depois tirou a sela e os alforjes de Saphira. Ela sacudi a cabeça e mexeu os flancos, torcendo a cabeça para mordiscar um local onde os arreios lhe tinham esfolado a pele.

Depois, sem mais ruído, enroscou-se na erva, enfiou o focinho debaixo da asa e enrolou a cauda em torno do corpo.

Não me acordem a não ser que algo nos esteja a tentar comer, disse ela.

Eragon sorriu e bateu-lhe ao de leve na cauda, virando-se para olhar de novo o vale. Ficou ali durante algum tempo, quase sem pensar, contentando-se em observar e existir sem fazer qualquer esforço para desvendar o significado daquele mundo em redor.

Por fim, foi buscar o cobertor, que estendeu ao lado de Saphira.

Fica de guarda? Perguntou a Glaedr.

Eu fico de guarda. Descanse e não se preocupe.

Eragon acenou com a cabeça, mesmo sabendo que Glaedr não o podia ver. Depois deitou-se no cobertor e entregou-se às suas divagações.

Snalglí para Dois

Era já fim da tarde quando Eragon despertou. O manto de nuvens abriu-se em vários pontos e raios de luz dourada cobriam o vale, iluminando o topo dos edifícios em ruínas. Embora o vale parecesse ainda frio, úmido e inóspito, a luz conferia-lhe uma outra majestade e Eragon percebeu, pela primeira vez, o motivo por que os Cavaleiros tinham decidido instalar-se na ilha.

Bocejou e olhou para Saphira, tocando-lhe levemente na mente. Ela estava ainda mergulhada num sono sem sonhos. A sua consciência era como uma chama que enfraquecera até ficar reduzida a um carvão em brasa, que tanto poderia apagar-se como reacender.

A sensação inquietou-o, lembrando-lhe demasiado a morte. Por isso recolheu-se na sua própria mente e reduziu o contato a um fio de pensamentos: apenas o suficiente para ter a certeza de que ela estava em segurança.

Na floresta, atrás de si, dois esquilos começaram a resmungar um com o outro, produzindo uma série de guinchos estridentes, e ele franziu a sobrancelha ao ouvi-los. Os sons pareciam-lhe demasiado agudos, demasiado acelerados e chilreantes. Era como se uma outra criatura estivesse a imitar os gritos dos esquilos.

Sentiu um formigueiro no couro cabeludo ao pensar no assunto.

Durante mais de uma hora, ele manteve-se deitado a ouvir os guinchos e a algaraviada que vinha dos bosques, observando os padrões de luz, enquanto estes se projetavam nas colinas, campos e montanhas do vale semelhante a uma taça. Depois os intervalos nas nuvens fecharam-se, o céu escureceu e a neve começou a cair na parte superior das encostas das montanhas, pintando-as de branco.

Eragon levantou-se e disse a Glaedr:

Vou buscar lenha, volto dentro de alguns minutos.

O dragão anuiu e Eragon percorreu cautelosamente o prado até à floresta, fazendo o possível para não fazer barulho e não perturbar Saphira. Assim que alcançou as árvores, acelerou o passo. Embora houvesse inúmeros ramos mortos, caídos na periferia da floresta, ele queria esticar as pernas e, se possível, descobrir de onde vinha a aquela algazarra.

As sombras debaixo das árvores eram cerradas. O ar estava fresco e parado, como numa caverna subterrânea, e cheirava a fungos, madeira apodrecida e a seiva derramada. O musgo e os líquens suspensos nos ramos eram como pedaços de renda esfarrapada, manchada e ensopada, mas conservavam uma beleza delicada e dividiam o interior da floresta em células de diversos tamanhos, tornando difícil ver a mais de quinze metros de distância, em qualquer direção.

Eragon usou o borbulhar do riacho para se orientar, embrenhando-se mais na floresta. Agora que estava mais perto das árvores de verdura perene, apercebia-se de que estas não eram iguais às da Espinha, nem às de Du Weldenvarden; tinham cachos de sete agulhas em vez de três e, mesmo que se tratasse de um efeito da luz do poente, a escuridão parecia agarrada às árvores, como se o tronco e os ramos estivessem envoltos num manto. Além disso, tudo nas árvores — desde as gretas na casca até às raízes salientes e aos cones em escada — parecia ter contornos particularmente angulosos e arroçados, como se elas estivessem prestes a libertar-se da terra e a descer até à cidade, lá em baixo.

Eragon estremeceu e desembainhou parcialmente Brisingr. Nunca estivera numa floresta que lhe parecesse tão ameaçadora. Era como se as árvores estivessem zangadas, como se quisessem apanhá-lo e separar-lhe a carne dos ossos — à semelhança das árvores no pomar.

Afastou uma franja de líquens amarelos, com as costas da mão, e avançou cautelosamente.

Até então, não vira sinais de caça, nem encontrara qualquer indício de lobos ou ursos, o que o intrigou. A tão curta distância do riacho deveria haver trilhos até à água.

Talvez os animais evitem esta parte da floresta, pensou. Mas porquê?

Havia um tronco caído no caminho. Passou por cima dele e enterrou a bota num tapete de musgo até ao tornozelo. Instantes depois, começou a sentir comichão na *gedwëy ignasia*, na palma da mão, e ouviu um coro minúsculo de *cri-cris* e *cri-cras*, vendo meia dúzia de larvas semelhantes a lesmas — cada uma do tamanho do seu polegar — que irrompiam do musgo, saltando para longe dele.

Um instinto ancestral compeliu-o a parar, exatamente como faria ao confrontar-se com uma serpente. Ficou imóvel, sem pestanejar, sem respirar, enquanto as grotescas larvas fugiam, tentando ao mesmo tempo lembrar-se de qualquer referência a elas durante o seu treino em Ellesméra. Mas não se lembrava de ouvir falar em tais criaturas.

Glaedr! O que é aquilo? perguntou ele mostrando as larvas ao dragão. *Como se chamam na língua antiga?*

Para sua consternação, Glaedr respondeu:

Não as reconheço, nunca vi nem ouvi falar em nada semelhante. São inéditas em Vroengard e em Alagaësia. Não deixes que elas te toquem, podem ser mais perigosas do que parecem.

Assim que Eragon se distanciou alguns metros delas, as larvas sem nome saltaram mais alto do que seria normal, voltando a mergulhar no musgo com um sonoro cri-cro. Ao aterrarem, dividiram-se numa infinidade de centípedes verdes, que desapareceram rapidamente no emaranhado de musgo.

Só então Eragon voltou a respirar.

Não deviam existir, comentou Glaedr, *num tom preocupado.*

Eragon levantou lentamente a bota do musgo e recuou para trás do tronco. Ao examinar o musgo mais atentamente percebeu que o que antes julgara serem as pontas de ramos velhos a irromper do manto de vegetação eram, na verdade, pedaços de costelas e armações partidas — os restos mortais de um ou mais veados.

Após um momento de reflexão, ele deu meia-volta e regressou pelo mesmo caminho, desta vez, fazendo os possíveis para evitar todos os pedaços de musgo, o que não se revelava tarefa fácil.

Não valia a pena arriscar a vida para encontrar o que quer que fosse que estivesse a fazer aquela algazarra na floresta — muito menos desconfiando que havia coisas bem piores do que larvas entre as árvores. Continuava a sentir comichão na palma da mão e sabia, por experiência, que isso significava que havia algo de perigoso por perto.

Quando avistou o prado e as escamas azuis de Saphira por entre os troncos das árvores, virou e encaminhou-se para o riacho. A margem do ribeiro estava coberta de musgo, por isso caminhou sobre os troncos e as pedras até chegar a uma rocha plana no meio da água.

Aí agachou-se, tirou as luvas e lavou as mãos, o rosto e o pescoço. A água gelada era revigorante. Momentos depois, começou a sentir calor nas orelhas e todo o seu corpo começou a ficar quente.

Ao limpar as últimas gotas de água do pescoço, ouviu uma algazarra sobre o riacho.

Mexendo-se o mínimo possível, olhou para o topo das árvores na margem oposta.

Quatro espectros estavam sentados num ramo, a nove metros de altura. Tinham grandes plumas pontiagudas que se estendiam em todas as direções, em torno da cabeça negra, oval. Uns olhos brancos, oblíquos, em forma de fenda, brilhavam no meio de cada oval e o olhar era tão vazio que não era possível perceber para onde olhando. Mas o mais desconcertante era que os espectros — como todos os do seu gênero — não tinham profundidade. Quando se viravam de lado, simplesmente desapareciam.

Sem desviar o olhar deles, Eragon esticou a mão e agarrou no punho de Brisingr.

A sombra mais à esquerda agitou as plumas e emitiu o mesmo ruído estridente que ele confundira com o som de um esquilo. Dois outros espectros fizeram o mesmo e a floresta ecoou com o clamor estridente dos guinchos.

Eragon pensou em alcançar-lhes as mentes, mas ao recordar os Fanghur no caminho para Ellesméra, afastou a ideia, achando-a imprudente.

Depois ele disse em voz baixa:

— Eka aí fricai un Shur'tugal — eu sou um Cavaleiro e um amigo.

Os espectros pareceram fixar os olhos brilhantes nele e, por instantes, tudo o que se ouvia era apenas o murmúrio suave do riacho. Logo começaram a tagarelar e o brilho dos seus olhos aumentou até estes se assemelharem a pedaços de ferro incandescente.

Ao fim de alguns minutos, vendo que os espectros não o tinham atacado, nem pareciam fazer tentações de partir, Eragon levantou-se e esticou cuidadosamente o pé até à pedra atrás de si.

O movimento pareceu alarmar os Espectros, que guincharam em uníssono. A seguir, encolheram os ombros, sacudiram-se e apareceram quatro grandes corujas no seu lugar, com as mesmas plumas aguçadas em torno do rosto mosqueado. As corujas abriram os bicos amarelos e começaram a tagarelar, repreendendo-o tal como os esquilos fariam. Finalmente levantaram voo e voaram silenciosamente para o meio das árvores, desaparecendo de imediato por trás de uma parede de pesados galhos.

— Barzûl — disse Eragon, saltando para trás, e regressou ao prado pelo mesmo caminho, parando apenas para apanhar um feixe de ramos caídos.

Assim que chegou junto de Saphira, pousou a lenha no chão, ajoelhou-se e lançou todos os feitiços que lhe vieram à cabeça. Glaedr recomendou-lhe um de que ele se esquecera e depois disse-lhe:

Nenhuma destas criaturas estava aqui quando Oromis e eu regressamos, depois da batalha, e elas não são como deveriam ser. A magia que foi utilizada distorceu o local e todos os que aqui vivem. Este local agora é maligno.

Que criaturas? perguntou Saphira, abrindo os olhos e bocejando — uma visão intimidante. Eragon partilhou as suas memórias com ela e Saphira disse:

Devia ter me levado com você. Eu poderia ter comido as larvas e os pássaros espectro, assim você já não teria nada a recear.

Saphira!

Ela revirou-lhe o olho.

Tenho fome. Há algum motivo para que não pudesse comer essas estranhas criaturas, fossem elas mágicas ou não?

Poderiam ser elas a te comer, Saphira Bjartskular, disse Glaedr. *Você conhece a primeira lei da caça tão bem como eu: não persiga a sua presa até ter a certeza de que é presa, do contrário é bem provável que acabe por servir de refeição a outra coisa qualquer.*

— Se fosse você também não me daria ao trabalho de procurar veados — disse Eragon. — Duvido que restem muitos, além disso é quase noite e, mesmo que não fosse, não creio que fosse seguro caçar.

Ela resmungou baixinho:

Muito bem, vou continuar a dormir, mas amanhã de manhã vou caçar, por muito perigoso que seja. Tenho o estômago vazio e tenho de comer antes de voltar a atravessar o mar.

Fiel à sua palavra, Saphira fechou os olhos e voltou a adormecer de imediato.

Eragon fez uma pequena fogueira, comeu uma magra ceia e viu a escuridão abater-se sobre o vale. Ele e Glaedr discutiram os planos para o dia seguinte e Glaedr contou-lhe mais um pouco da história da ilha, antes de os Elfos chegarem a Alagaësia, quando Vroengard era apenas uma província de dragões.

Antes de a luz desaparecer por completo do céu, o velho dragão disse:

Gostaria de ver como era Vroengard durante a era dos Cavaleiros?

Sim, respondeu Eragon.

Então, olhe, disse Glaedr e Eragon sentiu o dragão apossar-se da sua mente, derramando nela uma torrente de imagens e sensações. A visão de Eragon mudou e ele viu uma réplica fantasmagórica do vale, ao cimo da paisagem. A memória era do vale ao crepúsculo, tal como naquele momento, mas o céu não tinha nuvens e uma imensidão de estrelas cintilantes brilhava sobre Aras Thelduin, o grande anel de montanhas. As árvores desse passado remoto pareciam mais altas, mais direitas e menos agourentas, e os edifícios dos Cavaleiros, ao longo do vale, estavam intactos, brilhando ao lusco-fusco como pálidos faróis, com a luz suave das lanternas sem chama dos elfos. Nessa altura, as paredes ocre não se apresentavam tão cobertas de eras e de musgo, e os palácios e as torres tinham uma nobreza que as ruínas não possuíam. Ao longo dos caminhos pavimentados e a grande altitude, Eragon distinguiu as formas cintilantes de inúmeros dragões: graciosos gigantes com os tesouros de milhares de reis reunidos na pele.

A aparição prolongou-se durante mais alguns momentos. Depois Glaedr libertou a mente de Eragon e o vale voltou a parecer exatamente o que era naquele momento.

Era lindo, reagiu Eragon.

Lá isso era, mas já não é.

Eragon continuou a estudar o vale, comparando-o com o que Glaedr lhe mostrara, e franziu a sobrancelha ao distinguir uma linha de luzes flutuantes — lanternas, deduziu ele — no interior da cidade abandonada. Sussurrou um feitiço para melhorar a visão e conseguiu identificar uma fila de figuras encapuçadas, de túnicas escuras, a caminharem lentamente por entre as ruínas. Pareciam solenes e sinistras, e havia qualquer coisa de ritualista no ritmo calculado dos passos e no balanço padronizado das lanternas.

Quem são eles? perguntou a Glaedr, sentindo estar testemunhando algo que mais ninguém deveria ver.

Não sei. Talvez os descendentes dos que se esconderam durante a batalha. Talvez sejam homens da sua raça que decidiram instalarem-se aqui, depois da queda dos Cavaleiros, ou então aqueles que adoram dragões e Cavaleiros como deuses.

Há mesmo quem o faça?

Antes havia. Nós desencorajávamos essa prática mas, mesmo assim, era habitual em muitas das regiões isoladas de Alagaësia... Creio que foi bom ter seguido as proteções.

Eragon viu as figuras encapuçadas percorrerem a cidade, durante quase uma hora. Logo que chegaram ao lado oposto da cidade, as lanternas apagaram-se, uma por uma, e Eragon não conseguiu ver para onde tinham ido as figuras que seguravam nelas, nem mesmo com a ajuda de magia.

Depois, apagou o fogo com alguns punhados de terra e meteu-se debaixo do cobertor para descansar.

Eragon! Saphira! Acordem!

Eragon abriu os olhos de repente, sentando-se direito e agarrando em Brisingr.

Tudo estava escuro à exceção do brilho vermelho e mortiço das brasas, à sua direita, e de uma faixa esfarrapada de céu a leste. Embora houvesse pouca luz, Eragon conseguia distinguir os contornos da floresta, do prado... e do gigantesco caracol que deslizava pela erva, em sua direção.

Eragon gritou e recuou atrapalhadamente. O caracol — cuja casca tinha mais de um metro e meio de altura — hesitou, continuando depois a lambuzar o chão e arrastando-se na direção dele, com a velocidade de um homem a correr. Um silvo semelhante ao de uma serpente emanou da fenda negra da boca do animal. Os olhos ondulantes eram do tamanho dos punhos de Eragon.

Eragon percebeu que não teria tempo de se levantar, nem teria espaço suficiente para desembainhar Brisingr, assim deitado de costas. Preparou-se para lançar um feitiço, mas antes que o conseguisse fazer, a cabeça de Saphira passou por cima dele como uma flecha, abocanhando o caracol mais ou menos a meio do corpo. O casca do caracol estalou entre os seus caninos, com um ruído semelhante à ardósia a partir-se, e a criatura deixou escapar um guincho débil e trêmulo.

Saphira torceu o pescoço, atirou a criatura ao ar, abriu a boca tanto quanto possível e engoliu-a inteira, sacudindo a cabeça duas vezes como um pisco a comer uma minhoca.

Baixando os olhos, Eragon viu outros quatro caracóis gigantes, um pouco mais longe, no declive. Uma das criaturas recolhera-se dentro da casca e as outras afastavam-se, apressadamente, sobre as barrigas ondulantes como saias.

— Ali! — gritou Eragon.

Saphira saltou para frente e todo o seu corpo abandonou, por instantes, o solo. Depois aterrou sobre as quatro patas e abocanhou o primeiro, depois o segundo e, finalmente, o terceiro caracol. Não comeu o quarto — que estava escondido na casca — mas puxou a cabeça para trás e banhou-o com uma torrente de chamas azuis e amarelas, que iluminou a terra a mais de cem metros, em todas as direções.

Manteve as chamas apenas durante um segundo ou dois, agarrando depois no caracol fumegante com as mandíbulas — tão delicadamente como uma mãe gata seguraria numa cria — e levou-o para junto de Eragon, largando-o a seus pés. Ele olhou-o desconfiado, mas a criatura parecia morta e bem morta.

Agora já pode ter um pequeno almoço decente, disse Saphira.

Ele olhou-a e desatou a rir — continuando a rir até ficar dobrado sobre si, ofegante, com as mãos sobre os joelhos.

Qual é graça? perguntou ela, cheirando a casca enegrecida pela fuligem.

Sim, porque está rindo, Eragon? interpelou Glaedr.

Ele abanou a cabeça e continuou a arquejar, conseguindo por fim dizer:

— Porque... — Depois reverteu para a linguagem mental para que Glaedr o pudesse também ouvir. *Caracol com ovos! E desatou a rir outra vez, sentindo-se totalmente idiota. Bifes de caracol!... Tem fome? Coma uma antena! Está cansado? Coma um olho! Quem precisa de hidromel quando se tem baba?! Poderia pôr as antenas numa caneca, como um ramo de flores e estas acabariam por...* Ria tanto, que achou que seria impossível continuar a falar e deixou-se cair sobre o joelho, tentando recuperar o fôlego, com lágrimas de hilaridade a deslizarem-lhe no rosto.

Saphira entreabriu as mandíbulas e pareceu sorrir com os seus dentes aguçados, produzindo um ruído abafado na garganta.

Às vezes você é muito estranho, Eragon. Ele conseguia sentir a sua hilaridade a contagiá-la. Saphira voltou a cheirar a casca. *Um pouco de hidromel seria agradável.*

— Pelo menos você comeu — disse ele, com a mente e através da linguagem, em simultâneo.

Não o suficiente, mas o bastante para regressar aos Varden.

Quando parou de rir, Eragon tocou no caracol com a biqueira da bota.

Há tanto tempo que não há dragões em Vroengard, que ele nem deve ter percebido o que você era e decidiu fazer de mim uma refeição fácil...Teria sido de fato uma morte miserável, acabar como o jantar de um caracol.

Mas memorável, disse Saphira.

Mas memorável, anuiu ele, voltando a sentir vontade de rir.

O que eu disse que era a primeira lei da caça, jovens? interrompeu Glaedr.

Eragon e Saphira responderam ao mesmo tempo:

Não persiga a sua presa até ter a certeza de que é uma presa.

Muito bem, comentou Glaedr.

Depois, Eragon disse:

Larvas saltadoras, pássaros espectro e caracóis gigantes... Como é possível que os feitiços lançados durante a batalha os tenham criado?

Os Cavaleiros, os dragões e os Renegados libertaram uma enorme quantidade de energia durante o conflito. Grande parte dessa energia estava associada a feitiços, mas havia uma parte que não estava. Os que sobreviveram para relatar a batalha disseram que o mundo enlouqueceu durante um período de tempo e nada do que viam ou sabiam era fiável. Alguma dessa energia deve ter-se instalado nos antepassados das larvas e dos pássaros que viram hoje, modificando-os. Contudo, estão enganados ao incluir os caracóis nas suas hostes. Os snalglí, como são conhecidos, sempre viveram aqui, em Vroengard. Eram um dos nossos alimentos preferidos, por razões que você, Saphira, certamente entende.

Saphira gemeu e lambeu as mandíbulas.

Além de a pele ser suave e saborosa, a casca é ótima para a digestão.

Se não passam de animais vulgares, porque é que as minhas proteções não os detiveram? perguntou Eragon. No mínimo, deveriam ter-me prevenido do perigo iminente.

Isso pode ser uma consequência da batalha, respondeu Glaedr. Não foi a magia que criou os snalglí, mas não significa que eles não tivessem sido afetados pelas forças que devastaram este local. Não deveríamos ficar aqui mais tempo do que o necessário. É preferível irmos embora, antes que outras criaturas escondidas na ilha decidam testar a nossa têmpera.

Com a ajuda de Saphira e de uma luz mágica, Eragon abriu a casca do caracol queimado, retirando a carcaça invertebrada do interior, uma tarefa

nojenta e pegajosa que o deixou coberto de carne ensanguentada até aos cotovelos. Depois ele ordenou a Saphira que enterrasse a carne perto da cama de brasas.

A seguir, Saphira regressou ao local onde estivera deitada, na erva, voltou a enroscar-se e a adormecer, mas, desta vez, Eragon reuniu-se a ela. Pegando no cobertor e nos alforjes que continham o coração dos corações de Glaedr, ele engatinhou para baixo da sua asa, instalando-se entre o pescoço e o corpo dela. E ali Eragon passou a noite, a pensar e a sonhar.

O dia seguinte apresentava-se tão cinzento e sombrio quanto o anterior. Uma leve camada de neve cobria a encosta da montanha e o topo dos contrafortes, e o frio que se fazia sentir levou Eragon a pensar que voltaria a nevar naquele dia.

Exausta, Saphira não se mexeu até o sol estar um palmo acima das montanhas. Eragon mostrava-se impaciente, mas deixou-a dormir, pois era mais importante ela recuperar do voo até Vroengard do que começarem de manhã cedo.

Logo que acordou, Saphira desenterrou a carcaça do caracol e cozinhou um farto pequeno almoço de caracol... Eragon não sabia bem o que lhe chamar: bacon de caracol?

Fosse lá o que fosse, as tiras de carne estavam deliciosas e ele comeu mais do que o habitual. Saphira devorou as sobras e, a seguir, esperaram uma hora, pois não seria sensato envolverem-se num combate de estômago cheio.

Finalmente, Eragon enrolou o cobertor, voltou a prender a sela a Saphira e partiram os três para o Rochedo de Kuthian.

O Rochedo de Kuthian



caminhada até ao pomar pareceu-lhes mais curta do que no dia anterior. As árvores nodosas apresentavam-se mais sinistras do que nunca e Eragon manteve a mão no punho de Brisingr enquanto permaneceram no aglomerado de árvores.

Tal como anteriormente, ele e Saphira pararam junto do emaranhado de vegetação da clareira, em frente ao Rochedo de Kuthian. Um bando de corvos que estava empoleirado no grosseiro rochedo, levantou voo grasnando ao ver Saphira — o que lhe pareceu o pior dos presságios.

Durante meia hora, Eragon manteve-se onde estava, lançando feitiço atrás de feitiço, em busca de qualquer tipo de magia que pudesse molestar a ele mesmo, a Saphira ou a Glaedr. Ele descobriu uma série de encantamentos por toda a clareira, no Rochedo de Kuthian e — tanto quanto lhe era dado a entender — no resto da ilha. Alguns dos feitiços enraizados nas profundezas da terra tinham tanto poder que era como se tivesse um grande rio de energia a fluir debaixo dos pés. Outros eram insignificantes e aparentemente inócuos, afetando uma flor ou um ramo de árvore. Mais de metade dos encantamentos estavam latentes — ou porque não tinham energia ou porque já não havia objeto sobre o qual atuar, ou aguardavam que um determinado conjunto de circunstâncias se conjugasse — e alguns dos feitiços pareciam antagônicos, como se o propósito dos Cavaleiros, ou de quem os lançara, fosse modificar ou contrariar feitiços anteriores.

Eragon não conseguiu determinar o propósito da maioria dos feitiços, pois não havia qualquer registro das palavras utilizadas para os lançar, apenas estruturas de energia cuidadosamente criadas por feiticeiros, há muito desaparecidos, e essas estruturas eram difíceis, senão impossíveis de interpretar. Glaedr ajudou, pois conhecia muitos dos feitiços mais antigos e mais significativos lançados em Vroengard, de resto Eragon teve de se basear em suposições. Felizmente, embora nem sempre conseguisse perceber que efeito um determinado feitiço produziria, ele fora capaz de definir se este o iria afetar a ele, Saphira ou Glaedr. Contudo, era um processo complicado e que exigia encantamentos complexos, pelo que ele demorou mais de uma hora a examinar todos os feitiços.

O que mais o preocupava — a ele e a Glaedr — eram os feitiços que não tinham conseguido detectar. Descobrir encantamentos de outros feiticeiros se revelara uma tarefa muito mais difícil se estes tivessem tentado ocultar o seu trabalho.

Finalmente, quando Eragon se certificou de que já não havia armadilhas em torno do Rochedo de Kuthian, ele e Saphira atravessaram a clareira até à base do pináculo escarpado, coberto de líquens.

Eragon inclinou a cabeça para trás e observou o topo da formação. Parecia incrivelmente distante, mas nem ele nem Saphira viram nada de invulgar na pedra.

Vamos dizer os nossos nomes e resolver este assunto, sugeriu ele.

Eragon interrogou Glaedr e o dragão respondeu:

Não há qualquer motivo para adiar. Digam ambos o seus nomes que eu farei o mesmo.

Nervoso, Eragon fechou as mãos duas vezes, tirou o escudo das costas, desembainhou Brisingr e agachou-se:

— O meu nome — disse, num tom sonoro e claro — é Eragon Matador de Espectros, filho de Brom.

O meu nome é Saphira Bjartskular, filha de Vervada.

E o meu é Glaedr Eldunarí, filho de Nithring da cauda longa.

E aguardaram.

Os corvos grasnaram à distância, como se desdenhassem deles. A inquietação redemoinhava dentro de Eragon, mas ele ignorou-a, pois não esperava que fosse fácil abrir o cofre.

Tente de novo, mas desta vez diz a sua parte na língua antiga, sugeriu Glaedr.

E Eragon disse:

— Nam iet er Eragon Sundavar-Vergandí, sönr abr Brom.

Depois Saphira repetiu o seu nome e a linhagem na língua antiga, tal como Glaedr.

Mais uma vez, nada aconteceu.

A inquietação de Eragon acentuou-se. *Se aquela viagem tivesse sido em vão...* Não, não havia motivo para ele pensar isso, por enquanto não.

Talvez todos os nossos nomes tenham de ser proferidos em voz alta, disse ele.

Como? perguntou Saphira. *Tenho que rugir para a pedra? E Glaedr?*

Eu posso dizer os seus nomes, disse Eragon.

Não me parece que seja isso, mas podemos tentar, disse Glaedr.

Nesta língua ou na língua antiga?

Na língua antiga, suponho, mas tenta em ambas para jogarmos pelo seguro.

Eragon recitou os seus nomes duas vezes, mas a pedra continuou imperturbável e imutável. Frustrado, Eragon acabou por dizer:

Talvez estejamos no lugar errado; talvez a entrada para o Cofre das Almas seja do outro lado da pedra ou no topo.

Se assim fosse não acha que as instruções do Domia abr Wyrda o diriam? perguntou Glaedr.

Eragon baixou o escudo.

Haverá algum enigma fácil de entender?

E se só você tiver que dizer o seu nome? disse Saphira a Eragon. Solembum não disse... *“quando tudo parecer perdido e o seu poder for insuficiente, vá ao Rochedo de Kuthian e diga o seu nome para abrir o Cofre das Almas”. O seu nome, Eragon, não o meu ou o de Glaedr.*

Eragon franziu a sobrancelha.

É possível, mas se apenas o meu nome for necessário, talvez eu tenha de estar sozinho quando o proferir.

Saphira rosnou e saltou para o ar, despenteando Eragon e fustigando as plantas da clareira com o vento das suas asas.

Então experimente e seja rápido! disse ela, voando para leste e afastando-se do rochedo.

Quando Saphira estava a uns quatrocentos metros, Eragon voltou a olhar para a face irregular do rochedo, erguendo mais uma vez o escudo e voltando a dizer o seu nome, primeiro na sua própria língua e depois na língua dos elfos.

Nenhuma porta ou entrada se revelou. Nenhuma brecha ou fissura surgiu na pedra. Nenhum símbolo emergia à superfície. O gigantesco pináculo parecia não passar uma peça maciça de granito, sem qualquer segredo.

Saphira! gritou Eragon, mentalmente. Depois praguejou e começou a andar de um lado para o outro na clareira, dando pontapés nas pedras e nos ramos soltos.

Saphira voou para a clareira e ele voltou para a base do rochedo. As garras das patas traseiras abriram sulcos profundos na terra mole, ao aterrar, e ela bateu as asas no sentido inverso para abrandar e parar. Folhas e ervas rodopiavam em torno de Saphira, como que apanhadas num redemoinho.

Assim que ela aterrou sobre as quatro patas e recolheu as asas, Glaedr disse:

Suponho que não tenha sido bem sucedido.

Não, disse Eragon, bruscamente, olhando furioso para o pináculo.

O velho dragão pareceu suspirar.

Eu já receava isto. Só há uma explicação...

Que Solembum nos tenha mentido? Que nos tivesse mandado aqui às cegas, para que Galbatorix pudesse destruir os Varden na nossa ausência?

Não. *Que para abrir este... este...*

Cofre das Almas, disse Saphira.

Sim, este cofre de que ele vos falou... que para o abrir, tenham que dizer os nossos verdadeiros nomes.

As suas palavras caíram como pedregulhos. Durante algum tempo, nenhum falou. Aquela ideia intimidava-o e Eragon estava relutante em abordar o assunto, como se fazê-lo pudesse piorar a situação.

Mas, e se for uma armadilha... disse Saphira.

Se for uma armadilha é diabólica, disse Glaedr. *A pergunta que têm que colocar a si próprios é se confiam em Solembum, na medida em que prosseguir é arriscar mais do que as nossas vidas; é pôr em risco a nossa liberdade. Se confiam nele, serão suficientemente honestos para descobrirem rapidamente os seus verdadeiros nomes? Estão dispostos a viver com esse conhecimento, por muito desagradável que ele seja? É que se não estiverem, o melhor será irmos embora neste momento. Eu mudei desde a morte de Oromis, mas sei quem sou. E você, Saphira? E você Eragon, sabe? Conseguem realmente me dizer o que faz de vocês o dragão e o Cavaleiro que são?*

O desalento cresceu dentro de Eragon, ao olhar para o Rochedo de Kuthian.

Quem sou eu? pensou ele.

O Mundo Inteiro é Um Sonho

Nasuada riu para o céu estrelado em torno dela e caiu na direção de uma fenda de luz branca e cintilante, milhares de metros mais abaixo.

O vento fustigava-lhe os cabelos e a camisa de dormir ondulava descontroladamente, com as mangas esfarrapadas a açoitá-la como chicotes. Enormes morcegos negros, encharcados, aglomeravam-se em torno dela, mordendo-lhe as feridas com dentes cortantes que ardiam como gelo.

E ainda assim ela ria.

A fenda alargou-se e a luz envolveu-a, cegando-a durante um minuto. Quando a visão clareou, ela deu consigo de pé, no Salão da Profetisa, a olhar para si mesma, presa à laje cor de cinza. Junto do seu corpo inerte estava Galbatorix: alto, de ombros largos, com uma sombra no lugar do rosto e uma coroa de fogo escarlate na cabeça.

Ele virou-se para ela e estendeu-lhe a mão enluvada.

— Vamos, Nasuada, filha de Ajihad, esqueça o seu orgulho e jure-me lealdade que eu te darei tudo o que sempre desejou.

Ela fez um ruído displicente e atirou-se a ele de mãos esticadas, mas antes que conseguisse destroçar-lhe a garganta, o rei desapareceu numa nuvem de névoa negra.

— O que eu quero é te matar! — gritou ela para o teto.

A voz de Galbatorix ecoou na câmara, vinda de todas as direções ao mesmo tempo:

— Então é aqui que ficará até que entenda o erro da sua atitude. — Nasuada abriu os olhos. Continuava na laje, com os pulsos e os tornozelos acorrentados, e os ferimentos da larva carnívora a latejarem, como se nunca tivessem parado de lhe doer. Ela franziu a sobrancelha. *Estaria inconsciente, ou acabaria de falar com o rei? Era tão difícil de perceber quando...*

A um canto da câmara, viu a ponta de uma trepadeira verde a irromper entre os azulejos pintados, rachando-os. Outras trepadeiras apareceram junto da primeira, perfurando do exterior, espalhando-se pelo chão e cobrindo-o de apêndices serpenteantes.

Ao vê-los rastejar na sua direção, Nasuada começou a rir. *Será que só consegue imaginar isto? Tenho sonhos mais estranhos quase todas as noites.*

Como que em resposta ao seu desdém, a laje por baixo dela derreteu-se para o chão e os filamentos ondulantes cercaram-na, enrolando-se em torno dos seus membros e prendendo-os mais firmemente do que quaisquer grilhetas. A sua visão toldava-se, à medida que as trepadeiras, por cima dela, se multiplicavam, e a única coisa que conseguia ouvir era o ruído das plantas a roçarem umas nas outras: um ruído seco e deslizante, como o de areia a cair.

O ar em seu redor tornou-se sufocante e quente, e pareceu-lhe sentir dificuldade em respirar. Se não soubesse que as trepadeiras eram apenas uma ilusão, poderia ter entrado em pânico. Em vez disso, cuspiu para a escuridão, amaldiçoando o nome de Galbatorix. Não era a primeira vez que o fazia, nem seria a última, tinha a certeza disso, mas recusava-se a dar-lhe o prazer de saber que ele a tinha apanhado de surpresa.

Luz... Raios dourados de sol projetavam-se sobre uma série de colinas ondulantes, salpicadas de campos e vinhedos. Ela estava à beira de um pequeno pátio, por baixo de uma latada, carregada de glórias floridas da manhã, cujas trepadeiras lhe pareciam desconfortavelmente familiares. Usava um lindo vestido amarelo. Tinha um cálice de vinho de cristal na mão direita e o sabor almiscarado a cerejas do vinho, na língua. Soprava uma brisa ligeira de oeste. O ar estava quente e reconfortante, e cheirava a terra lavrada.

— Ah, aí estás você — disse uma voz atrás dela. Virou-se e viu Murtagh a caminhar em sua direção, vindo de uma grande propriedade. Tinha um cálice de vinho na mão, tal como ela. Usava meias negras e um gibão de cetim, grená, debruado com tubulações douradas. Tinha uma adaga com joias embutidas, pendurada no cinto decorado com tachas. Usava o cabelo mais comprido do que o habitual e parecia mais descontraído e confiante que nunca. Isso e a luz no seu rosto davam-lhe uma aparência surpreendentemente atraente — nobre até.

Reuniu-se a ela, debaixo da latada, e posou-lhe uma mão no braço. O gesto parecia descontraído e íntimo.

— Minha descarada, me abandonou com Lord Ferros e as suas histórias intermináveis. Demorei meia hora para desembaraçar-me dele. — Depois fez uma pausa, olhou-a mais de perto e ficou com uma expressão preocupada.

— Sente-se doente? Estás com um rosto macilento.

Nasuada abriu a boca mas não conseguiu proferir uma palavra. Não sabia como reagir.

Murtagh franziu a testa.

— Tive outro ataque, não foi?

— N-não sei... não me lembro como vim aqui parar, ou... — E calou-se ao ver a dor nos olhos de Murtagh, embora ele tivesse apressado a escondê-la.

A mão dele deslizou até ao fundo das suas costas, contornando-a para olhar a paisagem montanhosa. Esvaziou o cálice com um movimento rápido e depois disse em voz baixa:

— Eu sei que isto é confuso para você... e já não é a primeira vez que acontece, mas... — Respirou fundo e abanou ligeiramente a cabeça. — Qual é a última coisa de que se lembra? Teirm? Aberon? O cerco de Cithrí?... O presente que te dei naquela noite em Eoam?

Uma terrível sensação de incerteza apossou-se dela.

— Urû'baen — sussurrou ela. — O Salão da Profetisa. São essas as minhas últimas memórias.

Por instantes sentiu a mão dele tremer contra as suas costas, mas o seu rosto não deixou transparecer qualquer reação.

— Urû'baen — repetiu ele, asperamente, olhando-a. — Nasuada... passaram oito anos desde Urû'baen.

Não pensou ela, *não pode ser*. E, no entanto, tudo o que via e sentia parecia tão real. Os movimentos do cabelo de Murtagh, despenteado pelo vento, o cheiro dos campos, o toque do vestido contra a pele — tudo parecia estar no devido lugar. Mas se ela estava realmente ali, por que motivo Murtagh não a tranquilizara, tocando-lhe na mente, como antes fizera? Teria se esquecido? Se tinham se passado oito anos, talvez já não se lembrasse da promessa que lhe fizera há tanto tempo atrás, no Salão da Profetisa.

— Eu... — começou ela por dizer, mas depois ouviu uma mulher chamá-la:

— Senhora!

Olhou por cima do ombro e viu uma criada corpulenta a aproximar-se apressadamente, vinda da propriedade, com a parte da frente do avental a esvoaçar.

— Senhora — disse a criada, com reverência. — Lamento os incomodar, mas as crianças contavam com a sua presença para vê-los encenar a peça para os convidados.

— Crianças? — sussurrou Nasuada, voltando a olhar para Murtagh, e viu lágrimas a cintilarem-lhe nos olhos.

— Sim — disse ele —, crianças. Quatro, todas elas fortes, saudáveis e alegres.

Ela estremeceu de emoção. Foi mais forte do que ela. Depois levantou o queixo.

— Mostre-me o que esqueci, mostre-me porque me esqueci.

Murtagh sorriu-lhe, com um ar aparentemente orgulhoso.

— O prazer será todo meu — disse e beijou-a na testa. Pegou no seu cálice e entregou ambos os copos à criada. Depois pegou em suas mãos, fechou os olhos e curvou a cabeça.

Instantes depois, sentiu uma presença, a tocar-lhe na mente e foi então que percebeu: não era ele. Jamais poderia ser ele.

Furiosa com o logro e pela perda do que jamais iria acontecer, libertou a mão direita da de Murtagh, agarrou na adaga e enterrou-lhe a lâmina no flanco, gritando:

— Em El-harím vivia um homem, um homem de olhos amarelos! Que me disse: cautela com os sussurros, porque sussurram mentiras!

Murtagh olhou-a com uma expressão curiosamente vazia e depois desapareceu diante dela. Tudo em redor de si — a latada, o pátio, a propriedade, as colinas com os vinhedos — desapareceu e Nasuada deu consigo a flutuar num vazio, sem luz nem som. Tentou prosseguir a ladainha, mas a garganta não produziu qualquer som. Não conseguia sequer ouvir o latejar da pulsação nas suas veias.

Depois sentiu a escuridão distorcer-se e... Caiu sobre as mãos e os joelhos. Pedras aguçadas arranhavam as palmas de suas mãos. Piscou os olhos enquanto eles se adaptavam à luz, levantou-se e olhou ao redor.

Névoa e serpentinas de fumo pairavam ao longo de um campo árido, semelhante às Planícies Flamejantes.

Estava mais uma vez com a camisa de dormir e descalça. Algo rugiu atrás dela. Virou-se e viu um Kull de três metros e meio de altura, a brandir um bastão do seu tamanho, revestido de ferro. Ouviu outro rugido à esquerda e viu um segundo Kull, e quatro Urgals menores. Depois duas figuras corcundas, encapuçadas irromperam da névoa esbranquiçada, correndo na direção dela, a chilrear e a acenar com as suas espadas em forma de folha. Embora nunca as tivesse visto antes, sabia que eram Ra'zac.

Voltou a rir-se. Agora Galbatorix estava apenas a tentar castigá-la. Ignorando os inimigos que se aproximavam — que sabia jamais poder matar

e dos quais jamais poderia escapar — sentou-se no chão de pernas cruzadas e começou a cantarolar uma velha canção de anões.

As tentativas iniciais de Galbatorix para a enganar tinham sido sutis e poderiam muito bem tê-la enganado, se Murtagh não a tivesse avisado antecipadamente. Para manter a ajuda de Murtagh em segredo, ela fingiu ignorar que Galbatorix estava manipulando sua percepção da realidade. Mas, independentemente do que visse ou sentisse, não permitiria que o rei a compelsse a pensar naquilo em que não podia pensar ou, bem pior, a jurar-lhe lealdade.

Desafiá-lo nem sempre se tinha revelado fácil, mas ela agarrara-se aos seus rituais de pensamento e discurso e, através deles, conseguira frustrar os intentos do rei.

A primeira ilusão fora de uma outra mulher, Rialla, que se reunira a ela no Salão da Profetisa como companheira de cárcere. A mulher dizia estar secretamente casada com um dos espiões dos Varden, em Urû'baen, e que fora capturada ao levar-lhe uma mensagem. Aparentemente, durante uma semana, Rialla tentou agradar a Nasuada e convencê-la, de forma indireta, que a campanha dos Varden estava condenada ao fracasso, que os seus motivos para lutar eram um equívoco e que era perfeitamente justo e adequado que se submetessem à autoridade de Galbatorix.

A princípio, Nasuada não se apercebera de que a própria Rialla era uma ilusão, deduzindo que Galbatorix estivesse a distorcer as palavras da mulher, ou talvez a interferir com as suas emoções, para a tornar mais suscetível aos argumentos de Rialla.

Com o arrastar dos dias, vendo que Murtagh não a visitava nem a contactava, Nasuada começou a recear que ele a tivesse deixado à mercê de Galbatorix. A ideia angustiou-a mais do que gostaria de admitir e ela deu consigo quase sempre preocupada com isso.

Depois começou a pensar por que motivo Galbatorix não viera torturá-la durante a semana e ocorreu-lhe que, se tivesse passado esse período, os Varden e os elfos já teriam atacado Urû'baen e Galbatorix teria certamente falado no assunto, nem que fosse para se gabar. Além disso, o comportamento estranho de Rialla, associado a uma série de lacunas inexplicáveis em sua memória, a contenção de Galbatorix e o silêncio persistente de Murtagh — pois não acreditava que ele faltasse à sua palavra — convenceu-a de que Rialla era uma aparição — por mais estranho que parecesse — e que o tempo já não era o que parecia.

Ficou abalada ao perceber que Galbatorix conseguia deturpar o número de dias que ela julgava terem passado e abominou a ideia. A sua noção do tempo tornara-se vaga durante o cativeiro, de qualquer modo conseguia manter uma certa consciência da passagem dos dias. Perder isso e desligar-se do tempo, significava ficar ainda mais à mercê de Galbatorix, uma vez que ele conseguia prolongar ou abreviar as suas experiências de acordo com a sua conveniência.

Ainda assim, Nasuada continuou determinada a resistir à coerção de Galbatorix, por muito tempo que lhe parecesse estar a passar. Se tivesse que suportar cem anos na cela, suportaria.

Ao revelar-se imune aos sussurros insidiosos de Rialla — e confrontar, finalmente, a mulher por ser uma covarde e uma traidora —, a ficção fora removida da sua cela e Galbatorix passara a outro estratagema.

Depois disso, as fraudes tornaram-se cada vez mais elaboradas e improváveis, embora nenhuma infringisse as leis da lógica nem fosse antagonica ao que ele já lhe mostrara, pois o rei continuava a tentar mantê-la alheia à sua interferência.

Os seus esforços culminaram quando Galbatorix pareceu levá-la da câmara, para uma cela numa masmorra, num outro ponto da cidadela, onde ela julgou ver Eragon e Saphira acorrentados. Galbatorix ameaçara matar Eragon, a menos que ela lhe jurasse lealdade. Quando ela recusou, para desagrado — e aparente surpresa — de Galbatorix, Eragon gritou um feitiço que os libertou aos três. Depois de um breve duelo, Galbatorix fugiu — algo que Nasuada duvidava que ele o fizesse na realidade — e Eragon, Saphira e ela tentaram escapar da cidadela.

Tinha sido uma experiência bastante arrojada e excitante, e ela sentiu-se tentada a descobrir como as coisas iriam terminar. Mas, nessa altura, achou que já tinha colaborado o suficiente com o logro de Galbatorix, agarrando-se à primeira discrepância em que reparou — a forma das escamas, em torno dos olhos de Saphira — e usando-a como desculpa para fingir aperceber-se de que o mundo em seu redor não passava de uma ilusão.

— Você prometeu não me mentir enquanto eu estivesse no Salão da Profetisa! — gritara ela para o ar. — O que é isto senão uma mentira, seu traidor?

Galbatorix ficou terrivelmente irado com a sua descoberta. Ouviu um rugido digno de um dragão do tamanho de uma montanha e ele pôs de parte toda a subtilidade, sujeitando-a a uma série de tormentos bastante imaginativos.

Quando a última das aparições se desfez e Murtagh a contou para lhe dizer que poderia de novo confiar nos seus sentidos, aquele toque da sua mente deixou-a mais feliz do que nunca.

Nessa noite, ele foi ter com ela e passaram horas, sentados, a conversar. Ele informou-a acerca dos avanços dos Varden — que estavam prestes a chegar à capital — e acerca dos preparativos do Império, dizendo-lhe que julgava ter descoberto uma forma de a libertar. Quando ela insistiu para que lhe desse mais detalhes ele recusou, dizendo:

— Preciso de mais um dia ou dois para ver se vai resultar. Mas há uma maneira, Nasuada, se anime!

A sua honestidade e preocupação encorajaram-na. Mesmo que nunca conseguisse fugir, sentiu-se feliz por saber que não estava sozinha no cativeiro.

Depois de lhe relatar algumas das coisas que Galbatorix lhe tinha feito e a forma como ela frustrara os seus planos, Murtagh riu-se.

— Você se revelou um desafio maior do que ele imaginava. Há muito que ninguém lhe dava tanta luta. Eu certamente que não dei... Percebo um pouco do assunto, mas sei que é muito difícil criar ilusões críveis. Qualquer feiticeiro competente poderá te dar a ilusão de estar flutuando, de sentir frio ou calor ou de ver uma flor crescer. Qualquer um poderá conseguir criar pequenas coisas complexas, ou grandes coisas simples, mas é necessária uma grande concentração para manter essas ilusões. Se a sua atenção vacilar, a flor poderá subitamente ter quatro pétalas em vez de dez, ou desaparecer por completo. Os detalhes são o mais difícil de reproduzir. A natureza está repleta de detalhes, mas a nossa mente consegue apenas reter parte deles. Se alguma vez não souber se o que está vendo é real, repare nos detalhes. Procure evidências terrenas que o feiticeiro não saiba, ou se esqueceu que deviam estar presentes, ou que decidiu seguir por um atalho para conservar energia.

— Se é tão difícil, como é que Galbatorix consegue?

— Está usando os Eldunarís.

— Todos eles?

Murtagh acenou com a cabeça.

— Eles fornecem-lhe a energia e os detalhes necessários, e ele canaliza-os como bem entende.

— Então, as coisas que vejo são criadas a partir da memória de dragões?
— perguntou ela, ligeiramente assombrada.

Murtagh voltou a acenar com a cabeça.

— A partir das memórias deles e dos seus Cavaleiros, no caso daqueles que tinham Cavaleiros.

Na manhã seguinte, Murtagh acordara-a com uma rápida descarga mental, informando-a que Galbatorix estava prestes a recomeçar. Depois disso, Nasuada foi assaltada por fantasmas e ilusões de todo o tipo. Mas, à medida que o dia passava, ela reparou que as visões — com raras e honrosas exceções, tal como a ilusão de ela e de Murtagh na propriedade — tornavam-se cada vez mais confusas e simples, como se Galbatorix e os Eldunarís estivessem ficando cansados.

Agora ela estava numa planície árida, a cantarolar uma canção dos anões, enquanto era atacada por Kulls, Urgals e Ra'zac. Eles apanharam-na, bateram-lhe e golpearam-na, e ela por vezes gritava, desejando que a dor terminasse, mas nem uma única vez pensou em ceder aos intentos de Galbatorix.

Depois a planície desapareceu, bem como uma boa parte do sofrimento, e ela recordou a si mesma: *Isto só existe na minha cabeça. Não vou ceder. Não sou um animal. Consigo superar as fraquezas da carne.*

Uma caverna escura, iluminada por cogumelos verdes, surgiu ao seu redor e, durante alguns minutos, ouviu uma criatura gigantesca farejar e caminhar silenciosamente pelas sombras, entre as estalagmites. Depois sentiu o seu hálito quente na nuca e detectou um odor a cadáver. Desatou de novo a rir e assim continuou, mesmo enquanto Galbatorix a confrontava com sucessivos horrores, na tentativa de descobrir a combinação de dor e medo que a poderiam vergar. Ria porque sabia que a sua vontade era mais forte do que a imaginação dele e que podia contar com a ajuda de Murtagh. Tendo-o como aliado, Nasuada não receava os pesadelos espectrais que Galbatorix a fazia suportar, por muito terríveis que lhe parecessem na altura.

Uma Questão de Caráter



pé de Eragon escorregou ao subir para um pedaço de lama, e ele caiu bruscamente de lado, na erva úmida. Gemeu e retraiu-se ao sentir a anca latejar de dor. Aquele embate iria certamente provocar-lhe uma nódoa negra.

— Barzûl — disse, rebolando sobre o corpo e levantando-se cuidadosamente. *Pelo menos não aterrei em cima de Brisingr*, pensou, ao arrancar camadas de lama agarradas às perneiras.

Carrancudo, recomeçou o percurso em direção ao edifício em ruínas, onde tinham decidido acampar, por acharem que seria mais seguro do que junto da floresta.

Ao caminhar pela relva, assustou uma série rãs-touro, que saltaram dos seus esconderijos e fugiram para ambos os lados. As rãs-touro foram as últimas criaturas estranhas que eles encontraram na ilha. Tinham uma projeção, semelhante a um corno, sobre os olhos avermelhados, e um apêndice curvo — muito parecido com uma cana de pesca — na extremidade do qual pendia um órgão carnudo que brilhava a branco ou a amarelo, à noite. A luz permitia às rãs-touro atrair centenas de insetos voadores, para perto da língua e, por terem fácil acesso à comida, cresciam imensas. Eragon vira algumas do tamanho de uma cabeça de urso, grandes torrões carnudos de olhos fixos e bocas mais largas que as suas duas mãos abertas, juntas.

As rãs lembravam-lhe Angela, a herbolária, pelo que, de repente, desejou que ela estivesse ali com eles, na Ilha de Vroengard. *Se alguém nos poderia revelar os nossos verdadeiros nomes, aposto que seria ela*. Por qualquer razão, sempre sentira que a herbolária conseguia ver a sua natureza, como se percebesse tudo acerca dele. Era uma sensação desconcertante, mas, naquele momento, seria bem-vinda.

Ele e Saphira tinha decidido confiar em Solembum e ficar em Vroengard, no máximo, mais três dias, enquanto tentavam descobrir os seus verdadeiros nomes. Glaedr deixou a decisão ao seu critério, dizendo:

Vocês conhecem Solembum melhor do que eu. Façam o que entenderem. Seja como for, o risco é elevado, pois já não há caminhos seguros.

Foi Saphira quem acabou por tomar a decisão:

Os menino-gato jamais serviriam Galbatorix, disse ela, pois prezam muito a sua liberdade. Mais depressa confiaria na sua palavra do que na de qualquer outra criatura, mesmo um elfo.

Por isso ficaram.

Passaram o resto desse dia, e grande parte do seguinte, sentados, pensando, conversando, partilhando memórias, examinando as mentes uns dos outros e experimentando diferentes combinações de palavras, na língua antiga, na esperança de conseguirem descobrir os seus verdadeiros nomes conscientemente ou — com um pouco de sorte — por acidente.

Quando inquirido, Glaedr oferecera-lhes a sua ajuda, mas fechara-se em si durante a maior parte do tempo, dando a Eragon e a Saphira alguma privacidade para as suas conversas, muitas das quais seriam motivo de embaraço para Eragon se mais alguém as ouvisse.

A descoberta do nosso verdadeiro nome é algo que deveria ser feito a sós, disse Glaedr. Se os seus nomes me ocorrerem, direi — pois não temos tempo a perder — mas seria melhor que descobrissem sozinhos.

Até então, nenhum dos dois conseguira.

Desde que Brom lhe falara acerca dos verdadeiros nomes que Eragon queria descobrir o seu. O conhecimento, especialmente o autoconhecimento, era útil e ele esperava que o seu verdadeiro nome lhe permitisse dominar melhor os seus pensamentos e sentimentos. Ainda assim, não podia deixar de sentir um certo receio do que poderia descobrir.

Isto, partindo do princípio de que conseguiria descobrir o seu nome nos próximos dois dias, algo de que não estava inteiramente seguro. Esperava consegui-lo, pelo sucesso da missão e porque não queria que Glaedr ou Saphira o descobrissem por ele. Se tivesse que ouvir a descrição de todo o seu ser numa palavra ou frase, queria alcançar esse conhecimento sozinho, em vez de imposto por outros.

Eragon suspirou ao subir os cinco degraus partidos que davam acesso ao edifício. Aquela estrutura tinha sido uma casa de nidificação, pelo menos segundo Glaedr, e era tão pequena de acordo com os padrões de Vroengard, que passaria totalmente despercebida. Ainda assim, as paredes erguiam-se à altura de mais de três andares e o interior era suficientemente espaçoso para que Saphira se movesse sem dificuldade. O canto, a sudeste, desmoronara para o interior, arrastando consigo parte do teto. Mas, tirando isso, o edifício estava intacto.

Os passos de Eragon ecoaram, passando pela entrada em arco e caminhando sobre o chão vidrado da sala principal. Lâminas de cor,

rodopiantes, embutidas no material transparente, compunham um desenho abstrato de uma complexidade estonteante. Cada vez que olhava para ele, parecia-lhe que as linhas estavam prestes a compor uma forma reconhecível; mas isso nunca aconteceu.

A superfície do chão estava coberta de uma fina teia de rachas que irradiavam para fora, a partir dos destroços, sob o grande buraco onde as paredes tinham cedido. Longos filamentos de eras pendiam da beira do telhado partido, como pedaços nodosos de corda. A água pingava da extremidade das trepadeiras, caindo em pequenas poças disformes. E o som das gotas da água a cair no chão ecoava por todo o edifício, num ritmo constante e regular que Eragon achou que ficaria doido, se o tivesse que ouvir durante mais do que alguns dias.

Encostado à parede virada a norte havia um semicírculo de pedras que Saphira arrastara e montara para proteger o acampamento. Ao alcançar a barreira, Eragon saltou para cima do bloco de pedra mais próximo, que tinha mais de um metro e meio de altura, saltando depois para o outro lado, onde aterrisou pesadamente.

Saphira parou de lamber a pata dianteira e ele se sentiu questionado, mas abanou-lhe a cabeça e ela voltou a concentrar-se na sua higiene.

Desapertando o manto, Eragon aproximou-se da fogueira que fizera junto da parede. Estendeu o manto ensopado, tirou as botas cobertas de lama e pôs-as para secarem.

Acha que vai começar a chover outra vez? Perguntou Saphira.

Provavelmente.

Agachou-se ligeiramente junto do fogo e sentou-se sobre o cobertor, encostando-se à parede. Observou Saphira enquanto ela passava a língua carmesim em torno da cutícula flexível, na base de cada uma das garras. Depois ocorreu-lhe uma ideia e murmurou uma frase na língua antiga, mas, para sua decepção, não sentiu qualquer mudança de energia nas palavras, nem Saphira reagiu quando as proferiu, tal como acontecera com Sloan, quando Eragon proferira o seu verdadeiro nome.

Eragon fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás.

Sentia-se frustrado por não conseguir desvendar o verdadeiro nome de Saphira. Conseguia aceitar o fato de não entender totalmente a si mesmo, mas conhecia Saphira desde que nascera e testemunhara quase todas as suas memórias. Como era possível que uma parte dela fosse ainda um mistério? Como era possível que conseguisse entender melhor um assassino como Sloan do que a sua parceira, à qual estava ligado por magia? Seria por ela ser

dragão e ele humano? Seria pelo fato da identidade de Sloan ser mais simples do que a de Saphira?

Ele não fazia ideia.

Um dos exercícios que ele e Saphira tinham feito — por recomendação de Glaedr — era revelarem um ao outro todos os defeitos em que tinham reparado; ele em Saphira e vice-versa. Foi um exercício humilhante. Glaedr também fizera as suas observações e, embora o dragão tivesse sido brando, Eragon não pôde deixar de sentir o orgulho ferido ao ouvir Glaedr enumerar os seus pontos fracos, mesmo sabendo que isso também teria de ser tido em consideração, ao tentar descobrir o seu verdadeiro nome.

Para Saphira, o mais difícil de encarar fora a vaidade, que se recusara a reconhecer como tal, durante bastante tempo. E para Eragon tinha sido a arrogância que Glaedr dizia por vezes revelar, os seus sentimentos em relação aos homens que matara, a sua petulância, egoísmo, raiva e outros defeitos que o afetavam, à semelhança de tantos outros.

Contudo, embora se tivessem examinado tão honestamente quanto possível, a sua introspecção não sentira quaisquer efeitos.

Temos apenas hoje e amanhã. A ideia de regressarem aos Varden de mãos vazias, deprimia-o.

Como poderemos vencer Galbatorix? Perguntou para si mesmo, como tantas vezes o fizera. *Mais alguns dias e as nossas vidas poderão deixar de nos pertencer. Seremos escravos tal como Murtagh e Thorn.*

Praguejou entredentes e esmurrou o chão, repetidamente.

Tenha calma, Eragon, disse Glaedr, e Eragon reparou que o dragão estava protegendo os seus pensamentos para que Saphira não os ouvisse.

Como posso ter calma? Rosnou.

É fácil ficar calmo quando não temos nada que nos preocupe, Eragon. Porém, o verdadeiro teste ao nosso autocontrole é conseguir ficar calmo numa situação difícil. Não podes permitir que a raiva ou a frustração te confundam, não agora. Neste momento precisa estar lúcido.

Consegue sempre ficar calmo em momentos como esse?

O velho dragão pareceu rir baixinho.

Não, costumava rugir, morder, derrubar árvores, e revolver o solo. Uma vez parti o cume de uma montanha na Espinha e os outros dragões ficaram bastante aborrecidos comigo por causa disso. Mas tive muitos anos para aprender que perder a cabeça raramente ajuda. Você não teve, eu sei, mas

deixe que a minha experiência te guie em relação a isso. Esqueça as suas preocupações e concentre-se apenas na tarefa que tem nas mãos. O futuro será o que tiver que ser. Torturar-se com isso apenas contribuirá para que os seus receios se concretizem.

Eu sei, disse Eragon com um suspiro, *mas não é fácil.*

Claro que não. O que tem valor raramente é. Depois, Glaedr recolheu-se, abandonando-o ao silêncio da sua própria mente.

Eragon foi buscar a tigela aos alforjes, saltou por cima do círculo de pedras e caminhou, descalço, até uma das poças de água, por baixo da abertura no teto. Uma chuva miúda começara a cair, cobrindo essa parte do chão com uma camada escorregadia de água. Ele agachou-se junto da poça e começou a deitar água para dentro da tigela, com as mãos.

Assim que a tigela ficou cheia, Eragon recuou uns passos, pousou-a sobre um pedaço de pedra da altura de uma mesa, fixando depois uma imagem de Roran na sua mente e disse:

— Draumr kópa. — A água dentro da tigela tremeluziu e uma imagem de Roran surgiu sobre um fundo branco, imaculado. Caminhava junto de Horst e Albriech, conduzindo o seu cavalo, Snowfire. Os três homens pareciam cansados e com os pés doridos, mas mantinham-se armados, o que o revelou que o Império não os capturara.

Depois espiou Jörmundur, a seguir Solembum — que estava a dilacerar um pisco acabado de matar — e finalmente, Arya, mas as suas proteções esconderam-na; assim tudo o que viu foi escuridão.

Por fim, Eragon quebrou o feitiço e voltou a atirar a água para a poça. Ao trepar pela barreira, ao redor do acampamento, Saphira espreguiçou-se e bocejou, arqueando o dorso como um gato, e disse:

Como estão eles?

— Em segurança, tanto quanto me foi dado ver.

Guardou a tigela nos alforjes, deitou-se sobre os cobertores, fechou os olhos e retomou a reflexão acerca do seu verdadeiro nome. De tantos em tantos minutos, ocorria-lhe uma nova possibilidade, mas nenhuma parecia despertar-lhe nada intimamente, por isso descartava-a e recomeçava tudo de novo. Todos os nomes tinham algumas constantes: o fato de ser um Cavaleiro; a sua afeição por Saphira e Arya; o seu desejo de vencer Galbatorix; o seu relacionamento com Roran, Garrow e Brom; e o fato de ser do mesmo sangue que Murtagh. Mas, independente da forma como combinasse esses elementos, o nome não lhe dizia nada. Era óbvio que

estava esquecendo de um aspecto crucial de si mesmo, por isso continuou a construir nomes cada vez mais longos, na esperança de tropeçar naquilo que estava deixando passar.

Quando começou a levar mais de um minuto a proferir os nomes, percebeu que estava perdendo o seu tempo. Teria que voltar a examinar os pressupostos básicos. Estava convencido de que o seu erro residia no fato de ignorar algum defeito, ou de não dar importância suficiente a um defeito de que já estava consciente. As pessoas que observara raramente se mostravam dispostas a reconhecer as suas imperfeições e ele sabia que o mesmo se passava consigo. Teria que arranjar uma maneira de se curar dessa cegueira, enquanto ainda havia tempo. Essa cegueira advinha do orgulho e do instinto de autopreservação, permitindo-lhe acreditar no melhor de si, no seu cotidiano. Contudo, não podia dar-se ao luxo de se entregar a essa auto-ilusão.

Por isso, pensou e voltou a pensar ao longo de todo o dia, mas os seus esforços redundavam sempre no fracasso.

A chuva começou a ficar mais intensa. Eragon não gostava de a ouvir tamborilar nas poças de água, porque esse ruído indefinido tornava mais difícil ouvir alguém que tentasse apanhá-los de surpresa. Desde a primeira noite em Vroengard que não havia sinais das estranhas figuras encapuçadas que vira percorrer a cidade, nem sentira qualquer vestígios das suas mentes. Contudo, continuava consciente da sua presença e não podia deixar de pensar que ele e Saphira poderiam ser atacados a qualquer momento.

A luz cinzenta do dia depressa deu lugar ao crepúsculo e uma noite cerrada, sem estrelas caiu sobre o vale. Eragon colocou mais lenha na fogueira; era a única luz na casa de nidificação. O cacho de chamas amarelas era como uma vela minúscula dentro daquele enorme espaço repleto de ecos. Junto do fogo, o chão vidrado refletia o brilho dos ramos em chamas, cintilando como um lençol de gelo polido, e as lâminas coloridas no interior distraíam Eragon das suas cogitações.

Não juntou. Tinha fome mas estava demasiado tenso para que a comida lhe caísse bem. Além disso, achava que uma refeição lhe iria abrandar o raciocínio. Era de barriga vazia que ele se sentia mais perspicaz.

Decidiu que não voltaria a comer até saber o seu verdadeiro nome ou até terem de abandonar a ilha, o que quer que acontecesse primeiro.

Passaram algumas horas. Falaram pouco, ainda que, em geral, Eragon estivesse consciente das oscilações de humor e dos pensamentos de Saphira, tal como ela estava consciente dos seus.

Depois, quando ele estava prestes a mergulhar nas suas divagações — não só para descansar, mas também na esperança de que estas lhe dessem alguma perspectiva —, Saphira uivou, esticou a pata direita e bateu com ela no chão. Vários ramos da fogueira desfizeram-se em pedaços e desmoronaram, projetando uma explosão de fagulhas em direção ao teto negro.

Alarmado, Eragon levantou-se bruscamente e desembainhou Brisingr, esquadrinhando a escuridão para lá do semicírculo de pedras, à procura de inimigos. Mas, pouco depois, percebeu que Saphira não estava preocupada nem enraivecida, mas sim triunfante.

Conseguí! Exclamou ela, arqueando o pescoço e libertando um jato de chamas azuis e amarelas em direção à zona mais alta do edifício. Já sei o meu verdadeiro nome! Proferiu uma única frase na língua antiga e esta pareceu ressoar como um sino na mente de Eragon. As pontas das escamas de Saphira brilharam com uma luz interior, como se ela fosse feita de estrelas.

O nome era majestoso, mas tinha igualmente uma nota de tristeza, pois designava-a como a última fêmea da sua espécie. Eragon conseguiu sentir o amor e a devoção que Saphira sentia por ele, nas palavras, bem como todos os outros traços que compunham a sua personalidade. Reconheceu a maior parte, mas alguns não. Os seus defeitos estavam tão patentes como as suas virtudes, mas a impressão geral era de fogo, beleza e esplendor.

Saphira estremeceu da ponta do focinho à ponta da cauda e sacudiu as asas.

Eu sei quem sou, disse ela.

Bom trabalho, Bjartskular, disse Glaedr e Eragon sentiu que ele estava bastante impressionado. *Deve orgulhar-se do seu nome. Contudo, eu não o diria de novo, até estarmos no... no pináculo que viemos visitar. Tem que tomar muito cuidado para manter o seu nome em segredo, agora que o conhece.*

Saphira piscou os olhos e voltou a sacudir as asas.

Sim, Mestre. A excitação dentro dela era palpável.

Eragon embainhou Brisingr e aproximou-se. Ela baixou a cabeça até esta ficar ao nível de Eragon. Ele acariciou suas mandíbulas e encostou a testa ao seu focinho rijo, abraçando-a com toda a força, e sentiu as suas escamas aguçadas nos dedos. Lágrimas quentes escorreram pelas suas faces.

Porque chora? Perguntou ela.

Porque... tenho a sorte de estar ligado a você.

Pequenino.

Falaram durante mais algum tempo, pois Saphira estava ansiosa por discutir o que aprendera acerca de si. Eragon gostou de a ouvir, mas não pôde deixar de sentir uma certa amargura pelo fato de ainda não ter conseguido adivinhar o seu verdadeiro nome.

Depois, Saphira enroscou-se ao lado do semicírculo e adormeceu, deixando Eragon a meditar à luz do fogo mortiço da fogueira. Glaedr manteve-se acordado e atento, e Eragon consultava-o de vez em quando, mas manteve-se quase sempre fechado em si.

As horas passavam e Eragon sentia-se cada vez mais frustrado. O tempo estava esgotando-se — o ideal seria ele e Saphira terem partido para os Varden no dia anterior — contudo, por muito que ele tentasse, parecia incapaz de se descrever como era.

Devia ser quase meia-noite, quando a chuva parou.

Eragon debatia-se, na tentativa de tomar uma decisão. Depois levantou-se bruscamente, demasiado ansioso para continuar sentado.

Vou dar uma volta, disse a Glaedr.

Esperava que o dragão se opusesse, mas em vez disso, o dragão disse:

Deixa aqui as suas armas e a sua armadura.

Por quê?

Seja o que for que encontrar, terá que o enfrentar por si. Não pode saber do que é feito, se recorrer a alguém ou a algo para te ajudar.

As palavras de Glaedr fizeram sentido, mas ainda assim Eragon hesitou antes de desapertar a espada e a adaga, tirando a cota de malha. Calçou as botas e colocou o manto úmido, depois arrastou os alforjes que continham o coração dos corações de Glaedr, aproximando-os de Saphira.

Ao abandonar o semicírculo de pedras, Glaedr disse:

Faça o que tiver que fazer, mas tenha cuidado.

No exterior da casa de nidificação, Eragon ficou satisfeito ao deparar-se com pedaços do céu estrelado e um luar suficientemente intenso, por entre as nuvens, permitindo-lhe ver o que o rodeava.

Saltou várias vezes, pensando para onde ir, e depois partiu num passo acelerado, em direção ao coração da cidade em ruínas. Segundos depois, a

frustração tomou conta de si, pelo que ele começou a correr a toda velocidade.

Ao ouvir o ruído da sua respiração e dos seus passos nas pedras do pavimento, perguntou-se:

Quem sou eu? Mas não obteve qualquer resposta.

Correu até os pulmões começarem a falhar. Correu um pouco mais e, quando já nem os pulmões nem as pernas o aguentavam, parou junto de uma fonte afogada em ervas daninhas e apoiou-se nos braços, encostado a ela, enquanto recuperava o fôlego.

Ao seu redor erguiam-se as formas de diversos edifícios enormes, silhuetas sombrias semelhantes a uma antiga cordilheira de montanhas despedaçadas. A fonte ficava no meio de um amplo pátio quadrado, grande parte do qual estava coberto de pedaços partidos de pedra.

Afastou-se da fonte e virou-se lentamente em círculo. Conseguia ouvir o coaxar grave e ressonante das rãs-touro, à distância, um ruído estrondoso que se tornava particularmente intenso sempre que as rãs maiores participavam.

Uma laje rachada, a alguns metros de distância, chamou a sua atenção. Aproximou-se, agarrou-a pelas extremidades, erguendo-a do chão com um puxão. Cambaleou para junto do pátio, com os músculos dos braços a arder, e atirou a laje para cima da erva, para lá daquele.

A laje caiu com um ruído seco e suave, mas gratificante.

Regressou à fonte, desatou o manto e estendeu-o sobre o rebordo da escultura. Depois encaminhou-se para o pedaço de entulho mais próximo — uma pedra aguçada, em forma de cunha, que se partira de um bloco maior —, metendo os dedos por baixo e erguendo-o sobre o ombro.

Trabalhou durante mais de uma hora para desobstruir o pátio. Alguns dos pedaços caídos de alvenaria eram tão grandes, que ele teve de usar magia para os deslocar. Mas, de uma forma geral conseguiu fazê-lo com as mãos. Trabalhou metodicamente, transportando os blocos de um lado para o outro e parando para remover cada pedaço de entulho que encontrava, por muito grande ou pequeno que fosse.

Passado pouco tempo estava encharcado em suor devido ao esforço. Teria tirado a túnica, mas as arestas da pedra eram normalmente aguçadas para se ter cortado. Mesmo assim, fez uma série de nódoas negras no peito e nos ombros, arranhando as mãos em inúmeros lugares.

O esforço ajudou-o a acalmar e, como não exigia grande concentração, permitiu-lhe ponderar livremente em tudo o que era e em tudo o que poderia vir a ser.

A meio da tarefa que incumbira a si mesmo, descansando um pouco depois de deslocar um pedaço particularmente pesado de uma cornija, ouviu um silvo ameaçador e olhou para cima. Viu um snalgí, com uma casca de quase dois metros de altura, que deslizava da escuridão, a uma velocidade assustadora. O pescoço invertebrado da criatura estava totalmente esticado, a boca sem lábios parecia uma fenda de escuridão a dividir-lhe a carne mole, e os olhos bulbosos estavam apontados para ele. À luz da lua, a carne exposta do snalgí brilhava como prata, tal como o rasto de baba que a criatura deixava atrás de si.

— Letta — disse Eragon, endireitando-se e sacudindo gotas de sangue das mãos arranhadas. — Ono ach néiat threyja eom verunsmal edtha, oh snalgí.

Ao proferir a sua advertência, o caracol abrandou e recolheu os olhos alguns centímetros. Parou a alguns metros de distância e voltou a silvar, começando a contorná-lo pela esquerda.

— Ah isso é que não — murmurou Eragon, virando-se também e olhando por cima do ombro para ter a certeza de que nenhum outro snalgí se aproximava por trás.

O caracol gigante pareceu perceber que não o poderia apanhar de surpresa, porque parou e silvou, sacudindo os olhos.

— Parece uma chaleira abandonada à luz — disse-lhe.

O snalgí sacudiu os olhos mais depressa e depois avançou na sua direção, ondulando as pregas da barriga plana.

Eragon esperou até o último momento e depois saltou para o lado, deixando que o caracol passasse por si. Deu uma gargalhada e bateu-lhe na parte de trás da casca.

— Não é muito esperto, não? — Desviou-se da criatura e começou a provocá-la na língua antiga, insultando-a de todas as formas, mas utilizando nomes perfeitamente corretos.

O caracol parecia bufar de raiva. O seu pescoço engrossou e inchou, abriu mais a boca, e começou a cuspir e a bufar.

Tentou atacar Eragon várias vezes, mas ele desviava-se sempre. Por fim, o snalgí cansou-se do jogo, recuou alguns metros e ficou a observá-lo, com os olhos do tamanho de um punho.

— Como é possível que apanhe alguma coisa, se é tão lento? — perguntou Eragon num tom zombeteiro, deitando-lhe a língua de fora.

O snalglí bufou mais uma vez, mas depois virou-se e deslizou para a escuridão.

Eragon esperou alguns minutos para ter a certeza de que ele se fora embora, antes de recomeçar a eliminar entulho.

— Talvez pudesse me chamar simplesmente Vencedor de Caracóis — murmurou, enquanto empurrava uma seção de uma coluna, ao longo do pátio. — Eragon Matador de Espectros, Vencedor de Caracóis... Despertaria o pavor no coração dos homens, onde quer que fosse.

Era já noite avançada quando Eragon largou o último pedaço de pedra na fronteira de erva que delimitava o pátio, parando aí, ofegante. Sentia-se gelado, esfomeado e exausto, e os arranhões nas mãos e nos pulsos ardiam.

Acabara no canto norte do pátio. Mais a norte havia um enorme palácio que fora quase totalmente destruído durante a batalha. Tudo o que restava de pé era uma parte das paredes traseiras e uma única coluna coberta de heras, onde outrora ficava a entrada.

Olhou demoradamente para a coluna. Um aglomerado de estrelas — vermelhas, azuis e brancas — brilhava por cima da coluna, através de um intervalo nas nuvens, como diamantes facetados. Sentiu-se estranhamente atraído por elas, como se o seu aparecimento significasse algo que deveria saber.

Encaminhou-se para a base da coluna, sem sequer se dar ao trabalho de pensar no que estava fazendo. Trepou por cima de pilhas de destroços, subindo o mais alto possível, e agarrou-se à parte mais grossa da hera: um caule do diâmetro do seu antebraço, coberto de milhares de pelos minúsculos.

Deu um puxão à trepadeira e esta manteve-se firme, por isso saltou do chão e começou a trepar. Colocando uma mão à frente da outra, escalou a coluna que devia ter uns noventa metros de altura, mas que entretanto começou a parecer-lhe mais alta à medida que se distanciava do chão.

Sabia que estava sendo imprudente, mas era assim que ele se sentia.

A meio do caminho, os filamentos mais finos da trepadeira começaram a desprender-se da pedra, à medida que assentava o peso do corpo sobre ela. Depois teve o cuidado de se agarrar apenas ao caule principal e a alguns dos ramos laterais mais grossos.

As suas mãos estavam quase escorregando quando alcançou o topo. A coroa da coluna ainda estava intacta e formava um quadrado, com uma superfície plana suficientemente larga para se sentar em cima dela, deixando ainda um espaço de trinta centímetros de cada lado.

Um pouco tremulo do esforço, Eragon cruzou as pernas e descansou as palmas das mãos virando-as para cima, sobre os joelhos, e deixou que o ar lhe aliviasse as dores na pele arranhada. Por baixo dele ficava a cidade em ruínas: um labirinto de estruturas despedaçadas, onde frequentemente ecoavam estranhos gritos de desamparo. Em alguns dos locais onde havia lagos, ele conseguia distinguir as luzes tênues e fluorescentes dos chamarizes das rãs-touro, como lanternas vistas a uma grande distância.

Rãs pescadoras, pensou ele, de repente na língua antiga. *É esse o seu nome: rãs pescadoras*. E Eragon sabia que tinha razão, pois as palavras pareciam lhes servir como uma luva.

Depois desviou o olhar para o aglomerado de estrelas que inspirara a sua escalada. Abrandou a respiração e concentrou-se nele, tentando manter um fluxo constante de ar a entrar e a sair dos pulmões. O frio, a fome e os tremores provocados pela exaustão deram-lhe uma clareza peculiar. Parecia flutuar separado do seu próprio corpo, como se o laço que existia entre a sua consciência e a sua carne se tivesse acentuado, e a consciência que tinha da cidade e da ilha ao seu redor pareceu ampliar-se. Estava altamente sensível a todos os movimentos do vento, bem como a todos os sons e cheiros que fluíam no topo do pilar.

Enquanto estava ali sentado, pensou em mais nomes e, embora nenhum o descrevesse por completo, os fracassos não o incomodaram, pois a clareza que sentia estava demasiado enraizada para que alguma contrariedade perturbasse a sua paz de espírito.

Como poderei incluir tudo o que sou em apenas algumas palavras? Perguntou a si mesmo, continuando a ponderar na questão com a rotação das estrelas.

Três espectros deformados voaram ao longo da cidade — na realidade, pareciam pequenas fendas móveis —, aterrissando no telhado do edifício, à sua esquerda. As silhuetas escuras, em forma de coruja, enfunaram as plumas pontiagudas e observaram-no com os seus olhos luminosos, aparentemente maléficos. Os espectros tagarelaram baixinho uns com os outros, e dois deles coçaram as asas vazias com garras sem profundidade. O terceiro segurava os restos de uma rã-touro entre as garras cor de ébano.

Eragon observou as ameaçadoras aves durante alguns minutos e elas o observaram. Depois levantaram voo e desapareceram a oeste, como fantasmas, silenciosas como uma pena.

Perto do nascer do sol, ao distinguir a estrela da manhã entre dois picos, a leste, Eragon perguntou a si mesmo:

— O que eu quero?

Até então não se dera ao trabalho de pensar nisso. Queria derrotar Galbatorix: isso era óbvio. Mas, se fossem bem-sucedidos, o que faria depois? Desde que partira do Vale de Palancar que achava que ele e Saphira voltariam lá um dia, para viverem junto das montanhas que ele tanto amava. Contudo, ao ponderar essa possibilidade, Eragon apercebeu-se lentamente de que a ideia já não o atraía.

Crescera no Vale de Palancar e o consideraria sempre a sua casa. Mas o que haveria lá para ele e para Saphira? Carvahall estava destruída e, mesmo que os aldeões a reconstruíssem um dia, a aldeia nunca mais seria a mesma. Além disso, a maior parte dos amigos que ele e Saphira tinham feito, viviam noutros locais, além de que ambos tinham obrigações para com as diferentes raças de Alagaësia — obrigações que não podiam ignorar. Depois de tudo o que tinham feito e visto, não imaginava que se contentasse em viver num local tão vulgar e isolado.

Porque o céu é oco e o mundo é redondo...

Mesmo que voltassem, o que fariam? Criariam vacas e cultivariam trigo? Não tinha qualquer desejo de suar as estopinhas para viver da terra, como a família fizera durante a sua infância. Ele e Saphira eram Cavaleiro e dragão. O seu fardo era voar na vanguarda da História e não ficarem ambos sentados à lareira a engordar e a espreguiçar.

E, depois, havia Arya. Se ele e Saphira fossem viver no Vale de Palancar, ele raramente a iria ver.

— Não — disse Eragon e a palavra foi como um golpe de martelo no silêncio. — Eu não quero voltar.

Um formigueiro gelado percorreu-lhe a espinha. Ele sabia que tinha mudado desde que partira com Brom e Saphira à procura dos Ra'zac. No entanto, agarrara-se à ideia de que, no seu íntimo, ainda era a mesma pessoa. Agora percebia que isso já não correspondia à verdade. O rapaz que fora, quando saíra do Vale de Palancar, já nem sequer existia. Eragon não se parecia com ele, não agia como ele e já não queria o mesmo da vida.

Respirou fundo e suspirou tremulamente ao compenetrar-se da verdade.

— Eu já não sou quem era. — Dizê-lo em voz alta, deu algum peso à ideia.

Depois, quando os primeiros raios do amanhecer iluminaram o céu, a leste, sobre a ilha ancestral de Vroengard, onde os Cavaleiros e os dragões outrora viviam, Eragon pensou num nome — um nome em que não tinha pensado antes — e, ao fazê-lo, foi invadido por uma sensação de certeza.

Disse o nome, sussurrou-o para si nos recantos mais remotos da sua mente e todo o seu corpo pareceu vibrar, como se Saphira tivesse batido na coluna, lá em baixo.

Depois arfou e deu consigo a rir e a chorar ao mesmo tempo — a rir por ter conseguido, pela satisfação absoluta da compreensão, e a chorar porque todos os seus fracassos, todos os erros que tinha cometido lhe pareciam agora óbvios e já não tinha ilusões que o consolassem.

— Eu já não sou quem era — sussurrou Eragon, agarrando-se à beira da coluna —, mas sei quem sou.

O seu nome, o seu verdadeiro nome era mais fraco e mais imperfeito do que gostaria que fosse, pelo que odiou sentir isso. Mas havia também muito de admirável nele, e quanto mais pensava no assunto, mais fácil lhe era aceitar a verdadeira natureza do seu eu. Não era a melhor pessoa do mundo, mas também não era a pior.

— E não vou desistir — resmungou Eragon.

Consolou-se com o fato de que a sua identidade não era imutável e que poderia melhorar se quisesse. E, nesse preciso momento, jurou para si mesmo que faria melhor no futuro, por mais difícil que fosse.

Ainda a rir e a chorar, Eragon virou o rosto em direção ao céu e abriu os braços. A seu tempo, as lágrimas e as gargalhadas cessaram, dando lugar a uma profunda sensação de paz, matizada de felicidade e resignação. Apesar da advertência de Glaedr, voltou a sussurrar o seu verdadeiro nome e todo o seu ser voltou a estremecer com a força das palavras.

Ergueu-se no topo da coluna, de braços abertos, e inclinou-se para a frente deixando-se cair de cabeça, em direção do chão.

Mesmo antes de bater no chão, disse:

— Vëoht — e abrandou, girou, aterrissando sobre a pedra rachada, tão suavemente como se estivesse a sair de uma carruagem.

Regressou à fonte, ao centro do pátio, e recolheu o manto. Depois, à medida que a luz se espalhava pela cidade em ruínas, Eragon regressava

apressadamente à casa de nidificação, ansioso para acordar Saphira, revelando a sua descoberta a ela e a Glaedr.

O Cofre das Almas

Eragon ergueu a espada e o escudo, ansioso por prosseguir, mas ao mesmo tempo um pouco receoso.

Tal como anteriormente, ele e Saphira ficaram na base do Rochedo de Kuthian e o coração dos corações de Glaedr no pequeno baú, escondido nos alforjes, presos ao dorso de Saphira.

Ainda era de manhã cedo e o sol brilhava intensamente através dos grandes rasgões num teto de nuvens. Eragon e Saphira queriam ir diretamente para o Rochedo de Kuthian, assim que ele regressara à casa de nidificação. Mas Glaedr insistira para que Eragon comesse primeiro e esperassem até que a comida lhe assentasse no estômago.

Mas, finalmente, estavam no pináculo escarpado de pedra e Eragon mostrava-se cansado de esperar, tal como Saphira. Desde que tinham partilhado os seus verdadeiros nomes, o laço entre ambos parecia ter-se fortalecido, talvez por terem ouvido o quanto gostavam um do outro. Era algo que sempre souberam, mesmo assim proferi-lo em termos tão irrefutáveis potenciara a sensação de proximidade que partilhavam.

Em algum lugar ao norte um corvo grasnou.

Eu vou primeiro, disse Glaedr, se for uma armadilha, talvez seja capaz de a desarmar antes que ela apanhe um de vocês.

Eragon afastou a sua mente de Glaedr, tal como Saphira, para que o dragão proferisse o seu verdadeiro nome sem que o ouvissem. Mas Glaedr disse:

Não, vocês me disseram os seus nomes. É perfeitamente justo que saibam o meu.

Eragon olhou para Saphira e, a seguir, ambos disseram:

Obrigado, Ebrithil.

Depois Glaedr disse o seu nome e este ecoou na mente de Eragon como uma fanfarra de trompetas régias e dissonantes, todo ele colorido pela dor e pela raiva de Glaedr provocada pela morte de Oromis. O seu nome era mais extenso que o de Eragon ou o de Saphira, prolongando-se em várias frases — o registro de uma vida que durara séculos e continha alegrias, mágoas e incontáveis realizações. O nome evidenciava a sua sabedoria, mas também

as suas contradições: complexidades que dificultavam a compreensão da sua identidade.

Saphira sentiu o mesmo assombro que Eragon, ao ouvir o nome de Glaedr, e ambos se aperceberam do quanto eram ainda jovens e do longo percurso que tinham ainda a percorrer, antes de poderem igualar o conhecimento e a experiência de Glaedr.

Me pergunto qual será o verdadeiro nome de Arya, pensou Eragon.

Olharam atentamente para o Rochedo de Kuthian mas não viram qualquer modificação.

Saphira foi a seguir. Arqueando o dorso e batendo com as patas no chão, como um impetuoso cavalo de guerra, proferiu orgulhosamente o seu verdadeiro nome. Mesmo à luz do dia, as escamas voltaram a tremeluzir e a cintilar quando o disse.

Ao ouvir a ambos dizerem os verdadeiros nomes, Eragon se sentiu menos embaraçado com o seu. Nenhum deles era perfeito e, no entanto, não se condenavam mutuamente pelos seus defeitos, reconhecendo-os e perdendo-os.

Mais uma vez, nada aconteceu depois de Saphira proferir o seu nome.

Por fim, Eragon avançou. Sentia suores frios na testa. Consciente de que aquele poderia ser o seu último ato como homem livre, proferiu o seu nome mentalmente, tal como Glaedr e Saphira. Tinham concordado antecipadamente que seria mais seguro que ele evitasse dizer o nome em voz alta, reduzindo as hipóteses de alguém o ouvir.

Quando Eragon proferiu a última palavra, uma linha escura e fina surgiu na base do pináculo.

A linha prolongou-se a uma altura de quinze metros, dividiu-se em duas e desceu, de ambos os lados, delineando os contornos de duas portas largas. Sobre as portas apareceram várias linhas de hieróglifos desenhados a dourado: proteções contra a detecção física e mágica.

Assim que os contornos ficaram completos, as portas abriram-se para fora, em dobradiças ocultas, empurrando terra e plantas que se acumularam diante do pináculo, desde que as portas se tinham aberto pela última vez, fosse em que altura fosse. Para lá da porta, havia um grande túnel abobadado que descia até às entranhas da terra, num ângulo bastante inclinado.

As portas pararam e a clareira voltou a ficar em silêncio.

Eragon olhou para o túnel escuro, com uma apreensão crescente. Tinha descoberto o que procuravam, mas ainda não sabia ao certo se era uma armadilha ou não.

Solembum não mentiu, disse Saphira, deitando a língua de fora para sentir o ar.

Sim, mas o que nos espera, lá dentro? Perguntou Eragon.

Este lugar não devia existir, disse Glaedr. *Nós e os Cavaleiros escondemos muitos segredos em Vroengard, mas a ilha é demasiado pequena para um túnel tão grande como este ter sido construído em segredo, no entanto, nunca ouvi falar dele.*

Eragon franziu a sobancelha, olhando ao redor. Continuavam sozinhos; ninguém tentava aproximar-se furtivamente deles.

Não teria sido construído antes de os Cavaleiros se instalarem em Vroengard?

Glaedr ponderou por uns instantes.

Não sei... talvez. É a única explicação que faz sentido. Nesse caso é de fato bastante antigo.

Os três sondaram a passagem com as mentes, mas não sentiram qualquer ser vivo no interior.

Muito bem, então, disse Eragon, sentindo o travo amargo do pavor e a palma das mãos pegajosa dentro das luvas. O que quer que fosse que estivesse do outro lado do túnel, ele queria conhecer, de uma vez por todas. Saphira também estava nervosa, mas menos do que ele.

Vamos lá desencantar o esconderijo do rato neste ninho.

Depois, passaram os três através da porta e entraram no túnel.

Quando os últimos centímetros da cauda de Saphira cruzaram a entrada, as portas fecharam-se atrás deles com um estrondo de pedra a embater em pedra, mergulhando-os na escuridão.

— Ah, não, não, não! — rosnou Eragon, correndo para as portas. — Nina hvitr — disse e uma luz branca, sem direção definida, iluminou a entrada do túnel.

A superfície interior das portas era perfeitamente lisa e, por muito que Eragon as empurrasse e batesse nelas, não se mexeram.

— Raios, devíamos ter usado um tronco ou um pedregulho para travar as portas — disse ele, num lamento, censurando-se por não ter pensado nisso antes.

Poderemos sempre arrombá-las, se for necessário, disse Saphira.

Duvido muito, disse Glaedr.

Eragon voltou a agarrar em Brisingr.

Nesse caso, acho que não temos outro remédio senão avançar.

Alguma vez tivemos outro remédio senão avançar? Perguntou Saphira.

Eragon alterou o feitiço para que a luz mágica irradiasse de um único ponto, junto do teto — de contrário, a falta de sombras tornaria difícil para ele e Saphira avaliarem as profundidades — e juntos começaram a percorrer o túnel inclinado.

O chão do corredor era um pouco rugoso o que lhes permitia apoiar os pés mais facilmente, na ausência de degraus. No lugar onde o chão se unia à parede, ambos se fundiam como se a pedra tivesse sido derretida, o que revelou a Eragon que o túnel teria sido muito provavelmente escavado por elfos.

Continuaram a descer, cada vez mais fundo, em direção às entranhas da terra. Até Eragon deduzir que tinham passado por baixo dos contrafortes, que estavam atrás do Rochedo de Kuthian, e penetravam nas profundezas da montanha para lá destes. O túnel não virava nem se ramificava, e as paredes continuavam perfeitamente nuas.

Por fim, Eragon sentiu ar quente a subir do túnel e reparou num vago brilho alaranjado, à distância.

— Letta — murmurou, extinguindo a luz mágica.

O ar continuou a aquecer, à medida que desciam, e o brilho diante deles aumentava de intensidade. Pouco depois, conseguiram distinguir o fim do túnel: um grande arco negro, inteiramente coberto de hieróglifos esculpidos, como se estivesse envolto em espinhos. Um cheiro a enxofre contaminava o ar e Eragon começou a sentir os olhos a lacrimejarem.

Pararam diante do arco. Tudo o que conseguiam ver através dele era uma porta cinzenta.

Eragon olhou de relance para o caminho que tinham percorrido, voltando depois a observar o arco. A estrutura entalhada estava o deixando nervoso, bem como a Saphira. Tentou ler os hieróglifos, mas estes estavam muito misturados e unidos para se conseguirem decifrar. Também não

detectou qualquer forma de energia armazenada na estrutura negra. Custava-lhe, contudo, a acreditar que ela não estivesse encantada. Quem construía o túnel tinha conseguido esconder o feitiço que destrancava as portas para o exterior, o que significava que poderia ter feito o mesmo com qualquer outro feitiço que lançasse no arco.

Trocou brevemente um olhar com Saphira e umedeceu os lábios ao lembrar-se do que Glaedr dissera: Já não há caminhos seguros.

Saphira roncou, lançando um pequeno jato de chamas de cada narina e, depois, entraram pelo arco como se fossem um só.

Lacuna, Parte Um

Eragon reparou, de imediato, em várias coisas.

Primeiro, estavam de um dos lados de uma câmara circular, com mais de sessenta metros de diâmetro, com um grande fosso ao meio, de onde irradiava um brilho fosco e alaranjado. Segundo, o ar estava sufocante e quente. Terceiro, em torno do perímetro exterior da sala havia dois anéis concêntricos, semelhantes a bancadas — o de trás era mais alto que o da frente —, em cima dos quais estavam inúmeros objetos escuros. Quarto, a parede por trás das bancadas cintilava em inúmeros lugares, como se estivesse decorada com cristais coloridos. Porém, ele não teve hipótese de examinar a parede nem os objetos escuros, pois havia um homem com cabeça de dragão no espaço aberto, junto do poço luminoso.

O homem era de metal e cintilava como aço polido. Usava apenas uma tanga segmentada, do mesmo material lustroso do corpo, e existia músculos ondulantes no peito e nos membros de Kull. Tinha um escudo metálico na mão esquerda e uma espada iridescente na mão direita, que Eragon percebeu ser uma espada de Cavaleiro.

Atrás do homem, no lado oposto da sala, Eragon distinguiu vagamente um trono, com as costas e o assento gastos pelos contornos do corpo de uma criatura.

O homem com cabeça de dragão avançou. A pele e as articulações moviam-se tão suavemente como carne, mas cada passo ressoava como se ele descarregasse um enorme peso no chão. Parou a uns nove metros de Eragon e de Saphira, fitando-os com uns olhos que tremeluziam como duas chamas vermelhas. Depois, erguendo a cabeça escamosa, deixou escapar um estranho rugido metálico que se desdobrou em ecos, como se uma dúzia de criaturas estivesse a gritar.

Ao mesmo tempo em que Eragon pensava se deveriam combater a criatura, ele sentiu uma mente estranha e imensa a tocar na sua. A consciência não se comparava a qualquer outra que tivesse encontrado até então e parecia conter uma horda de vozes aos gritos, um enorme coro dissonante que lhe lembrava o vento de uma tempestade.

Antes que ele pudesse reagir, a mente penetrou nas suas defesas, controlando seus pensamentos e, apesar de todo o tempo que passara a

treinar com Glaedr e Saphira, Eragon não conseguiu impedir o ataque, nem abrandá-lo. Seria o mesmo que tentar deter uma torrente apenas com as mãos.

Uma mancha de luz e um estrépito incoerente de ruídos o rodeou, enquanto o coro lamuriento invadia todos os recantos e fendas do seu ser. Depois, foi como se o invasor lhe desfizesse a mente em vários pedaços — em que cada um estava consciente da presença dos outros, mas em que nenhum tinha liberdade de ação — e a sua visão fragmentou-se, como se observasse a sala através das facetas de uma joia.

Seis memórias distintas percorreram velozmente a sua consciência fragmentada. Ele não as invocara voluntariamente. As memórias apareceram e deslocavam-se depressa demais para ele as conseguir seguir. Ao mesmo tempo, o seu corpo dobrou-se e fletiu-se em várias poses e, depois, o seu braço ergueu Brisingr, posicionando-se de maneira a que os seus olhos a pudessem ver, e ele contemplou seis versões distintas da espada. O invasor forçou-o a lançar um feitiço, cujo propósito não entendia nem podia entender, visto que só conseguia pensar no que o outro lhe permitia. Além disso, não sentia qualquer emoção a não ser uma vaga sensação de alarme a dissipar-se.

Aparentemente, durante horas, a mente alienígena examinou todas as suas memórias, desde o dia em que partira de junto da sua família, para caçar veados na Espinha — três dias antes de encontrar o ovo de Saphira —, até ao presente. Em algum lugar na sua mente, Eragon sentia que o mesmo estava a acontecer a Saphira, mas essa evidência não tinha qualquer significado para ele.

Por fim, muito depois de ter perdido a esperança de libertar-se, caso ainda conseguisse controlar os pensamentos, o coro rodopiante reuniu cuidadosamente os fragmentos da sua mente e retirou-se.

Eragon cambaleou para a frente e caiu sobre um joelho, antes de conseguir recuperar o equilíbrio, e viu Saphira, vacilante, junto dele, a dar patadas no ar.

Como foi isso possível? Pensou ele. *Quem fez isso?* Capturá-los ao mesmo tempo, juntamente com Glaedr, era algo que nem Galbatorix seria capaz.

A consciência voltou a tocar na mente de Eragon, mas desta vez, não o atacou, dizendo:

As nossas desculpas, Saphira. As nossas desculpas Eragon, mas tínhamos de nos certificar das suas intenções. Bem-vindos ao Cofre das Almas. Há muito que os esperávamos. Bem-vindo seja também, primo. Ficamos felizes por saber que ainda está vivo. Recolham agora as suas memórias e saibam que conseguiram finalmente terminar a sua missão!

Um raio de energia brilhou entre Glaedr e a consciência. Instantes depois, Glaedr soltou um grito mental que deixou as têmporas de Eragon a latejar de dor. Uma torrente confusa de emoções projetou-se do dragão dourado: mágoa, triunfo, descrença, remorsos e, sobre todas elas, uma sensação rejubilante de alívio, tão intensa que Eragon deu consigo a sorrir sem saber porquê, sentindo não apenas uma mas miríades de mentes, roçar na mente de Glaedr, todas a murmurarem entre si.

— Quem fez isso? — sussurrou Eragon. O homem com cabeça de dragão, diante deles, não se movera um centímetro.

Eragon, disse Saphira, olhe para a parede... Olhe... Eragon olhou e viu que a parede circular não estava decorada com cristais, como no início julgara. Dúzias e dúzias de nichos salpicavam a parede e, dentro de cada nicho, havia um globo cintilante. Alguns eram grandes, outros pequenos, mas todos pulsavam com um brilho suave interior, como carvões em brasa numa fogueira quase extinta.

O coração de Eragon parou por instantes, ao compreender o que estava vendo.

Baixou os olhos para os objetos escuros nas bancadas; eram lisos e ovalados, e pareciam ter sido esculpidos em pedras de diversas cores. Tal como as esferas, uns eram grandes e outros pequenos, mas, independentemente do seu tamanho, tinham uma forma que teria reconhecido em qualquer parte.

Eragon foi percorrido por uma vaga sensação de calor e os seus joelhos fraquejaram. *Não pode ser.* Queria acreditar no que estava vendo, mas receava que fosse uma ilusão criada para atacar a sua esperança. Contudo, a possibilidade de tudo aquilo ser real, cortou-lhe a respiração, deixando-o de tal forma surpreendido e esmagado que ficou sem saber o que fazer nem o que dizer. A reação de Saphira foi muito semelhante, senão mais intensa.

Depois a mente voltou a falar:

Não estão enganados, jovens. Os seus olhos não os estão traindo. Nós somos a esperança secreta da nossa raça. Aqui estão os nossos corações dos corações — os últimos Éldunarís livres do reino —, e aqui estão os ovos que guardamos há mais de um século.

Lacuna, Parte Dois

Por instantes Eragon não conseguia mover-se nem respirar.
Depois sussurrou:
— Ovos, Saphira... Ovos.

Ela estremeceu, como se estivesse com frio, e as escamas ao longo da coluna eriçaram-se, erguendo-se ligeiramente da pele, nas extremidades.

Quem é você? Perguntou ela mentalmente. *Como sabemos se podemos confiar em você?*

Eles estão dizendo a verdade, Eragon, disse Glaedr, *na língua antiga. Eu sei porque Oromis foi um dos que concebeu o plano para este local.*

Oromis?...

Antes que Glaedr pudesse explicar, a outra mente disse:

O meu nome é Umaroth. O meu Cavaleiro era o elfo Vrael, líder da nossa ordem, antes de cairmos em desgraça. Eu falo em nome dos outros, mas eles não estão sob as minhas ordens, pois embora muitos de nós estivessem ligados a Cavaleiros, muitos outros não estavam, e os nossos irmãos selvagens apenas reconhecem a sua própria autoridade. Disse num tom ligeiramente exasperado. Seria muito confuso se todos falássemos ao mesmo tempo, por isso eu falo em nome dos demais.

Você é?... Eragon apontou para o homem prateado, com cabeça de dragão, que estava à frente dele e de Saphira.

Não, respondeu Umaroth. Ele é Cuaroc, Caçador de Nidhwals e Veneno de Urgals. Foi Silvarí, a Feiticeira, que fez o corpo que agora tem, para que houvesse um herói que nos defendesse, caso Galbatorix ou qualquer outro inimigo invadissem o Cofre das Almas.

Enquanto Umaroth falava, o homem com cabeça de dragão esticou a mão direita sobre o torso, destrancou um trinco escondido e abriu a parte da frente do peito, como se fosse a porta de um armário. Dentro do peito de Cuaroc estava um coração dos corações púrpura, rodeado de milhares de fios

prateados, da espessura de um cabelo. Depois Cuaroc fechou o peito de armas e Umaroth disse:

Não, eu estou aqui, e guiou a visão de Eragon para um nicho que continha um enorme Eldunari branco.

Eragon desembainhou lentamente Brisingr.

Ovos e Eldunaris. Eragon não parecia conseguir digerir a dimensão daquela revelação de uma só vez. Sentia-se lento, como se lhe tivessem dado uma pancada na cabeça — o que, de certa forma, aconteceu, no seu ponto de vista.

Encaminhou-se para as bancadas, à direita do arco negro, que estava coberto de hieróglifos, e deteve-se diante de Cuaroc, dizendo, simultaneamente com a voz e com a mente:

— *Posso?*

O homem com cabeça de dragão bateu os dentes e retirou-se, com passos ruidosos, parando junto do fosso, no meio da sala. Contudo, não embainhou a espada, algo a que Eragon se mantinha atento.

Um sentimento de assombro e de reverência apossou-se de Eragon, ao aproximar-se dos ovos. Inclinou-se sobre a bancada mais baixa e suspirou tremulamente, ao olhar para um ovo dourado e vermelho, de quase um metro e meio de altura. Tomado de um desejo súbito de o tocar, tirou a luva e colocou a palma da mão sobre o ovo. Estava morno. Ao estender a mente, juntamente com a mão, sentiu a consciência adormecida do dragão que estava no interior.

Sentiu o hálito quente de Saphira, no pescoço, quando esta se reuniu a ele.

O seu ovo era menor, disse dele.

Isso é porque a minha mãe não era tão velha e tão grande como o dragão que pôs este ovo.

Ah, não tinha pensado nisso.

Ele olhou para o resto dos ovos e sentiu a garganta contrair-se:

— São tantos — sussurrou Eragon. E encostou o ombro contra a enorme mandíbula de Saphira, sentindo os tremores que a percorriam. Tudo o que

ela desejava era regozijar-se e abraçar as mentes dos seus parentes, mas tal como Eragon, mal conseguia acreditar no que tinha diante de si.

Depois roncou, sacudiu a cabeça, olhando para o resto da sala e rugiu tão alto que soltou o pó do teto.

Como é possível?!, rugiu ela, mentalmente. *Como podem ter escapado a Galbatorix? Nós, dragões, não nos escondemos quando lutamos. Não somos covardes para fugir ao perigo. Expliquem-se!*

Não fale tão alto, Bjartskular, senão vai perturbar as crias que estão dentro dos ovos, disse Umaroth, num tom de censura.

Saphira arreganhou os dentes.

Então fale, ancião, e explique-nos como isso foi possível.

Por momentos, Umaroth pareceu divertido. Mas, quando respondeu, falou num tom sombrio:

Tem razão, nós não somos covardes nem nos escondemos quando lutamos, mesmo os dragões podem ficar à espera, para apanhar a sua presa desprevenida. Não concorda, Saphira?

Ela voltou a roncar, sacudindo a cauda de um lado para o outro.

Nós não somos como os Fanghur, nem como outras víboras menores, que abandonam as suas crias à vida ou à morte, consoante os caprichos do destino. Se nos tivéssemos reunido à batalha de Doru Araeba, teríamos sido destruídos e a vitória de Galbatorix teria sido absoluta — como ele, de fato, acredita que foi — e a nossa espécie teria desaparecido para sempre da face da terra.

Logo que a verdadeira dimensão do poder e da ambição de Galbatorix se tornou evidente, disse Glaedr, e logo que nos apercebemos de que ele e os traidores que se tinham reunido a ele tencionavam atacar Vroengard, Vrael, Umaroth, Oromis, eu e mais alguns decidimos que seria melhor esconder os ovos da nossa raça, bem como alguns dos Eldunarís. Foi fácil convencer os dragões selvagens, pois Galbatorix andava a caçá-los e eles não podiam se defender da sua magia. Vieram aqui e confiaram as suas crias por nascer aos cuidados de Vrael e os que podiam puseram ovos — quando, do contrário, teriam esperado —, pois todos nós sabíamos que a sobrevivência da nossa raça estava ameaçada. Parece que as nossas precauções foram bem aceites.

Eragon massageou as têmporas.

— Porque não sabia disso? Porque não sabia Oromis? E como foi possível esconder as suas mentes? Você me disse que isso era impossível.

E é, respondeu Glaedr, pelo menos, apenas com a ajuda de magia. Nestas circunstâncias, porém, o que não se consegue com a magia pode conseguir-se com a distância. É por isso que estamos nas entranhas da terra, um quilômetro e meio abaixo do Monte Erolas. Mesmo que Galbatorix ou os Renegados pensassem em sondar com as mentes um local tão improvável como este, dificilmente, sentiriam mais do que um fluxo confuso de energia, devido à rocha intermédia, o que iriam atribuir a redemoinhos no sangue da terra, um pouco abaixo. Além disso, antes da Batalha de Doru Araeba, há mais de cem anos atrás, todos os Eldunarís estavam mergulhados num transe profundo semelhante à morte, que os tornava muito mais difíceis de encontrar. O nosso plano era despertá-los depois da batalha terminar. Mas, os que construíram este local lançaram também um feitiço que os despertaria do seu transe, alguns meses depois.

Tal como aconteceu, disse Umaroth. O Cofre das Almas foi aqui construído por outra razão. O fosso que veem diante dá acesso a um lago de lava que existe por baixo destas montanhas, desde que o mundo surgiu. A lava fornece o calor necessário para manter os ovos confortáveis e a luz necessária para que nós, Eldunarís, conservemos a nossa energia.

Dirigindo-se a Glaedr, Eragon disse:

Ainda não respondeu à minha pergunta: Porque é que você e Oromis não se lembravam deste local?

Foi Umaroth que respondeu:

Porque todos os que sabiam da existência do Cofre das Almas concordaram em deixar que esse conhecimento fosse removido da sua mente e substituído por falsas memórias, incluindo Glaedr. Não foi uma decisão fácil, especialmente para as mães dos ovos, mas não podíamos permitir que ninguém fora desta sala continuasse na posse da verdade, não fosse Galbatorix saber da nossa existência. Por isso despedimo-nos dos nossos amigos e camaradas, plenamente conscientes de que poderíamos nunca mais voltar a velos, e que se o pior acontecesse, eles morreriam com a convicção de que tínhamos mergulhado no vazio... Como eu disse, não foi uma decisão fácil. Apagamos também de todas as memórias os nomes do rochedo que

assinala a entrada deste santuário, da mesma forma que tínhamos apagado os nomes dos treze dragões que decidiram nos trair.

Passei os últimos cem anos convencido de que a nossa espécie estava condenada ao esquecimento, disse Glaedr, e agora sei que toda a minha angústia foi em vão... Ainda assim, estou satisfeito por ter conseguido salvar a nossa raça, graças à minha ignorância.

Depois Saphira disse a Umaroth:

Porque é que Galbatorix não deu pela vossa falta nem pela falta dos ovos?

Pensou que tivéssemos sido mortos durante a batalha. Nós éramos apenas uma pequena fração dos Eldunarís de Vroengard, não em número suficiente para ele suspeitar da nossa ausência. Quanto aos ovos, sem dúvida que ficou furioso pelo fato de perdê-los, mas não tinha razões para acreditar que houvesse algum esquema.

Ah sim, disse Glaedr, tristemente. Foi por isso que Thuviel aceitou sacrificar a sua vida: para esconder o nosso embuste de Galbatorix.

— Mas Thuviel não matou muitos da sua espécie? — interpelou Eragon.

Matou e foi uma grande tragédia, respondeu Umaroth. Contudo, tínhamos concordado que ele não o faria a menos que se tornasse óbvio que a derrota era inevitável. Ao imolar-se, destruiu os edifícios onde guardávamos os ovos e também tornou a ilha venenosa, para garantir que Galbatorix jamais decidiria instalar-se aqui.

— Ele sabia por que estava matando?

Na altura, não, apenas sabia que era necessário. Um dos Renegados matara o dragão de Thuviel um mês antes. Embora Thuviel tivesse decidido não mergulhar no vazio, pois precisávamos de todos os guerreiros que tínhamos para combater Galbatorix, não queria continuar a viver. Por isso, ficou satisfeito com a missão, pois garantia-lhe a libertação que ansiava, permitindo-lhe de igual modo servir a nossa causa. Ao dar a sua vida, ele assegurou o futuro da nossa raça e dos Cavaleiros. Foi um herói de grande coragem e o seu nome será um dia cantado por todos os recantos de Alagaësia.

E, depois da batalha, esperaram, disse Saphira.

E depois esperamos, anuiu Umaroth. Eragon encolheu-se ao pensar como seria passar mais de cem anos dentro de uma sala enterrada nas profundezas da terra. Mas não temos estado inativos. Quando acordamos do nosso transe, começamos a projetar as nossas mentes, primeiro cautelosamente, e depois com uma crescente confiança, logo que percebemos que Galbatorix e os Renegados tinham abandonado a ilha. Juntos reunimos muita força e temos conseguido observar muito do que se tem passado, por todo o reino, desde então. Não conseguimos fazer vidência, por norma não, mas conseguimos ver o emaranhado de energia, em toda a Alagaësia, e muitas vezes conseguimos ouvir os pensamentos dos que não fazem qualquer esforço para proteger a mente. Foi dessa forma que conseguimos reunir a informação que temos.

Com o passar das décadas, começamos a perder a esperança de que alguém conseguisse matar Galbatorix. Estávamos dispostos a esperar séculos, se necessário, mas sentíamos o poder do Destruidor de Ovos a aumentar e receamos ter de esperar milhares de anos, em vez de centenas. Decidimos que era inaceitável, fosse pela nossa saúde mental, fosse pelo bem-estar das crias nos ovos. As crias estão encantadas com feitiços que desaceleram o metabolismo e poderão ficar assim durante mais alguns anos. Mas não é bom permanecerem demasiado tempo dentro da casca, pois poderão ficar com uma mente distorcida e estranha.

Movidos pela preocupação, começamos a intervir nos acontecimentos que víamos. A princípio, apenas de uma forma insignificante; uma cotovelada ali, uma sugestão sussurrada acolá, uma sensação de alarme a alguém prestes a sofrer uma emboscada. Nem sempre éramos bem-sucedidos, mas conseguimos ajudar aqueles que lutavam contra Galbatorix e, à medida que o tempo foi passando, tornamo-nos mais hábeis e mais confiantes nas nossas intervenções. A nossa presença não passou despercebida em determinadas ocasiões, mas nunca ninguém conseguiu perceber quem éramos ou o que éramos. Por três vezes, conseguimos provocar a morte de Renegados; Brom era uma arma bastante útil para nós, quando não se deixava levar pelas suas paixões.

— Ajudaram Brom? — exclamou Eragon.

Ajudamos Brom e muitos outros. Quando o humano que atendia pelo nome de Helfring roubou o ovo de Saphira do tesouro de Galbatorix — há cerca de vinte anos — nós o ajudamos a escapar. No entanto, fomos longe demais, porque ele deu pela nossa presença e se assustou. Fugiu e não foi ao encontro dos Varden como deveria ter feito. Mais tarde, depois de Brom resgatar o seu ovo, quando os Varden e os elfos começaram a levar jovens

junto dele, na tentativa de descobrirem para quem este iria chocar, decidimos que teríamos de fazer certos preparativos para essa eventualidade. Por isso contatamos os meninos-gato, que há muito eram amigos dos dragões, e falamos com eles. Eles concordaram em nos ajudar e nós transmitimos-lhes o conhecimento do Rochedo de Kuthian e do aço brilhante, debaixo das raízes da árvore de Menoa, removendo-lhes em seguida todas as memórias da nossa conversa.

— Fizeram tudo isso daqui? — interpelou Eragon, surpreso.

E mais ainda. Nunca se interrogou por que razão o ovo de Saphira apareceu diante de você, quando andava pela Espinha?

Isso foi obra sua? Perguntou Saphira, tão espantada quanto Eragon.

— Eu julguei que fosse pelo fato de Brom ser meu pai e de Arya me ter confundido com ele.

Não, disse Umaroth. Não é frequente os feitiços dos elfos correrem mal. Nós alteramos o fluxo de magia para que você e Saphira se encontrassem. Achamos que havia uma hipótese — tênue, mas ainda assim uma hipótese — de que você viesse a se revelar a pessoa ideal para ela. E estávamos certos.

— Porque não nos trouxeram até aqui mais cedo? — perguntou Eragon.

Porque precisava de tempo para o seu treino e poderíamos arriscar-nos a alertar Galbatorix para a nossa presença, antes de você ou os Varden estarem preparados para o defrontar. Se tivéssemos te contatado depois da Batalha das Planícies Flamejantes, por exemplo, de que iria valer, estando os Varden ainda tão longe de Urû'baen?

Fez-se silêncio durante um minuto e depois Eragon disse, pausadamente:

— Que mais fizeram por nós?

Um pequenas cotoveladas e advertências na sua maioria. As visões de Arya em Gil'ead, quando ela precisou da sua ajuda. A cura das suas costas durante o Agaetí Blödhren.

Um sentimento de desaprovação emanou de Glaedr.

Vocês nos mandaram a Gil'ead sem treino, nem proteções, sabendo que eles iriam ter que enfrentar um Espectro?

Nós pensamos que Brom iria estar com eles. Mas, mesmo depois dele morrer, não conseguimos detê-los, visto que eles teriam de ir a Gil'ead, à procura dos Varden.

— Espera aí! — disse Eragon. — Vocês foram os responsáveis pela minha... transformação?

Em parte. Tocamos o reflexo da nossa raça que os Elfos invocam durante a celebração. Nós fornecemos a inspiração e ela, ele, algo, forneceu a energia para o feitiço.

Eragon baixou os olhos e cerrou o punho, não por estar zangado mas por sentir tantas outras emoções, que não conseguia ficar quieto. Saphira, Arya, a sua espada, a forma do seu corpo — ele devia tudo isso aos dragões que estavam naquela sala.

— Elrun ono — disse ele. — Obrigado.

Não tem de quê, Matador de Espectros.

— Também ajudaram Roran?

O seu primo não precisou da nossa ajuda. Umaroth fez uma pausa. Há muitos anos que os observamos, Eragon e Saphira. Vimos vocês passarem de crias a poderosos guerreiros e estamos orgulhosos de tudo o que conseguiram. Você, Eragon, tem sido tudo o que esperávamos de um novo Cavaleiro e você, Saphira, merece ser vista como um dos maiores membros da nossa raça.

O regozijo e o orgulho de Saphira misturaram-se com os de Eragon. Ele abaixou-se sobre o joelho e ela bateu com as patas no chão, abaixando a cabeça. Eragon tinha vontade de saltar, gritar e celebrar, mas não fez nada disso, optando por dizer:

— A minha espada é sua...

... E os meus dentes e as minhas garras também, disse Saphira.

— Até ao fim das nossas vidas — concluíram ambos em uníssono. — O que pretendes de nós, Ebrithilar?

Uma sensação de satisfação emanou de Umaroth e ele respondeu:

Agora que nos encontraram, não podemos continuar escondidos. Gostariamos de ir com você a Urû'baen e lutar ao seu lado para matarmos

Galbatorix. Chegou o momento de abandonarmos o nosso covil e defrontar aquele destruidor de ovos, traiçoeiro, de uma vez por todas. Sem a nossa ajuda, ele iria conseguir penetrar na sua mente tão facilmente como nós, pois tem muitos Eldunarís às suas ordens.

Eu não vos posso levar a todos, disse Saphira.

Não terá que o fazer, esclareceu Umaroth. Cinco de nós ficarão para vigiar os ovos, com Cuaroc. Se não conseguirmos derrotar Galbatorix, eles deixarão de interferir nos emaranhados de energia, contentando-se em esperar até que seja de novo seguro para os dragões aventurarem-se em Alagaësia. Mas não se preocupe, não seremos um fardo para vocês. Seremos nós a fornecer a energia necessária para deslocar o nosso peso.

— Quantos são? — perguntou Eragon, olhando ao redor.

Cento e trinta e seis. Mas não pense que conseguiremos superar o Eldunarí que Galbatorix escravizou. Somos poucos e aqueles que foram escolhidos para ficarem guardados neste cofre, ou eram muito velhos e valiosos para arriscarmos perdê-los em combate ou demasiado jovens e inexperientes para participarem nele. Por isso, decidi juntar-me a eles. Sou eu que faço a ponte entre os grupos, estabelecendo um ponto de entendimento comum, que de outra forma faltaria. Os mais velhos são, de fato, sábios e poderosos, mas as suas mentes vagam por estranhos caminhos, pelo que normalmente é difícil convencê-los a concentrarem-se em alguma coisa além dos seus sonhos. Os mais jovens são menos afortunados, pois abandonaram os corpos antes do tempo, daí que as suas mentes estejam limitadas às dimensões dos seus Eldunarís, que jamais poderão crescer ou expandir-se depois de abandonarem a carne. Que isso te sirva de lição, Saphira: não despoje do seu Eldunarí, a menos que tenha atingido um tamanho respeitável ou enfrente uma terrível emergência.

— Então, continuamos em desvantagem — concluiu Eragon, num tom sombrio.

Sim, Matador de Espectros, mas agora Galbatorix já não pode te forçar a ficar de joelhos assim que te vir. Poderemos não conseguir superá-los, mas conseguiremos conter os seus Eldunarís o tempo suficiente para que você e Saphira façam o que seja necessário. E tenham esperança, pois nós sabemos muita coisa, muitos segredos sobre guerra, a magia e o funcionamento do mundo. Te ensinaremos o que pudermos e pode ser que parte do nosso conhecimento te permita matar o rei.

Depois disso, Saphira inquiriu-os acerca dos ovos, descobrindo que tinham sido salvos duzentos e quarenta e três, dos quais vinte e seis estavam destinados a reunir-se aos Cavaleiros. Os restantes não tinham elos. Começaram, entretanto, a discutir o voo para Urû'baen. Enquanto Umaroth e Glaedr aconselhavam Saphira sobre o caminho mais rápido para alcançar a cidade, o homem com cabeça de dragão embainhou a espada, pousou o escudo e começou a remover os Eldunarís, um por um, dos nichos. Colocou cada um dos globos, semelhantes a joias, dentro das bolsas de seda sobre as quais eles estavam pousados, empilhando-os delicadamente no chão, junto do fosso luminoso. O diâmetro do Eldunarí maior era tão grande, que o dragão de corpo de metal não conseguia pôr os braços à volta dele.

Enquanto Cuaroc trabalhava e os outros conversavam, Eragon continuava a sentir um misto de confusão e incredibilidade. Dificilmente teria imaginado que houvesse outros dragões escondidos em Alagaësia e, no entanto, ali estavam eles, os restos de uma era perdida. Era como se as histórias antigas ganhassem vida, e ele e Saphira fossem apanhados no meio delas.

As emoções de Saphira eram mais complicadas. O fato de saber que a sua raça já não estava condenada à extinção, dissipara uma sombra na sua mente — uma sombra que a habitava desde que Eragon se lembrava —, e uma profunda alegria que sentia elevara-lhe de tal forma o moral que os seus olhos e escamas pareciam brilhar mais que o normal. Ainda assim, um curioso instinto defensivo temperava o seu júbilo, como se sentisse alguma insegurança perante os Eldunarís.

Apesar de desorientado, Eragon estava consciente da mudança no estado de espírito de Glaedr. Não parecia ter esquecido inteiramente a sua mágoa, mas Eragon nunca o vira tão feliz desde que Oromis morrera. E, embora Glaedr não fosse obsequioso com Umaroth, tratava o outro dragão com um respeito que Eragon nunca testemunhara, nem mesmo quando falara com a rainha Islanzadí.

Quando Cuaroc estava prestes a concluir o seu trabalho, Eragon aproximou-se da beira do fosso e espreitou para o seu interior. Viu um buraco circular que mergulhava pela pedra, a mais de trinta metros de profundidade, e desembocava numa caverna parcialmente cheia de um mar de lava. Um espesso líquido amarelo borbulhava e projetava salpicos, como uma panela de cola a ferver, libertando colunas rodopiantes de fumo na superfície ondulante. Ele julgou ver uma luz, a flutuar ao longo da superfície do mar flamejante, mas desapareceu tão depressa que ficou sem saber.

Ande, Eragon, disse Umaroth quando o homem com cabeça de dragão pousou o último dos Eldunarís que iriam viajar com eles. Agora tem que lançar um feitiço. As palavras são as seguintes...

Eragon franziu a sobrancelha ao ouvi-las:

— O que significa o... torcer na segunda linha? O que eu tenho eu que torcer, o ar?

Eragon ficou ainda mais confuso com a explicação de Umaroth. Ele tentou explicar-lhe de novo, mas Eragon não entendia o conceito. Outros Eldunarís mais velhos juntaram-se à conversa, mas as suas explicações faziam ainda menos sentido, surgindo, em grande parte, como uma torrente de imagens e sensações sobrepostas, além de estranhas comparações esotéricas que o deixaram irremediavelmente confuso.

Para seu alívio, Saphira e Glaedr também pareciam intrigados, embora Glaedr tivesse dito:

Acho que compreendo, mas é como tentar agarrar um peixe assustado. E, sempre que penso que o apanhei, escapa por entre os meus dentes.

Por fim, Umaroth disse:

Isso é uma lição para outra altura. Você sabe o que o feitiço faz, mesmo que não saiba como. Isso terá que bastar. Extraia a energia que precisar de nós, lance o feitiço e vamos embora.

Nervoso, Eragon memorizou as palavras do feitiço, para evitar cometer erros, e começou a falar. Ao proferir as frases, recorreu às reservas dos Eldunarís e foi percorrido por uma enorme torrente de energia, como um rio de água quente e fria, que lhe provocou um formigamento na pele.

O ar em torno do amontoado irregular de Eldunarís ondulou e tremeluziu. Depois, a pilha começou a dobrar-se sobre si e desapareceu. Uma rajada de vento despenteou Eragon e um ruído seco e suave ecoou pela câmara.

Atônito, Eragon viu Saphira esticar a cabeça para a frente e a balançá-la no local onde os Eldunarís estavam, instantes antes. Tinham desaparecido, como se nunca tivessem existido, no entanto, tanto ele como ela sentiam as mentes dos dragões por perto.

Assim que saírem do cofre, disse Umaroth, a entrada para esta bolsa de espaço permanecerá a uma distância fixa, acima e atrás de vocês, salvo quando estiverem numa área confinada ou quando o corpo de alguém passar por esse espaço. A entrada não é maior que uma cabeça de alfinete, mas é mais mortífera do que qualquer espada, e se vocês a tocassem ela poderia retalhar sua carne.

Saphira fungou:

Até o seu cheiro desapareceu.

— Quem descobriu como fazer isto? — perguntou Eragon, impressionado.

Um eremita que vivia na costa norte de Alagaësia, há mil e duzentos anos atrás, respondeu Umaroth. É um truque valioso se quiserem esconder algo à vista de todos, mas é perigoso e difícil de fazer. O dragão ficou um momento em silêncio e Eragon sentiu que ele estava reunindo ideias. Depois Umaroth disse: Há mais uma coisa que você e Saphira deviam saber. No momento em que passarem o grande arco atrás de vocês — o Portal de Vergathos — começarão a esquecer Cuaroc bem como os ovos que aqui estão escondidos, e quando chegarem às portas de pedra, ao fundo do túnel, os terão esquecido por completo. Mesmo nós, Eldunarí, esqueceremos os ovos. Se conseguirmos matar Galbatorix, o portal nos devolverá memórias, mas até lá teremos que as ignorar. Umaroth pareceu resmungar. É... desagradável, eu sei, mas não podemos permitir que Galbatorix saiba da existência dos ovos.

Eragon não gostou da ideia, mas não lhe ocorria qualquer alternativa razoável.

Obrigada por nos dizer, disse Saphira, e Eragon agradeceu também.

O grande guerreiro de metal, Curaoc, apanhou o escudo do chão, desembainhou a espada, encaminhou-se para o velho trono e sentou-se nele. Depois de pousar a lâmina nua da espada sobre os joelhos e de encostar o escudo à parte lateral do trono, pousou as mãos abertas sobre as pernas e ficou imóvel como uma estátua. Apenas os duendes saltitantes nos seus olhos vermelhos se moviam, atentos aos ovos.

Eragon estremeceu ao virar costas ao trono. Havia algo de perturbante na imagem daquela figura solitária, do lado oposto da câmara. Era difícil sair,

sabendo que Curaoc e os outros Eldunari que iam ficar, poderiam passar cem anos ou mais sozinhos.

Adeus, disse ele mentalmente.

Adeus, Matador de Espectros, responderam cinco sussurros.

Adeus, Escamas Brilhantes, que a sorte esteja com você.

Depois, Eragon endireitou os ombros e passou com Saphira pelo Portal de Vergathos, abandonando o Cofre das Almas.

O Regresso

E ragon franziu a sobancelha ao sair do túnel em direção ao sol do início de tarde que banhava a clareira, diante do Rochedo de Kuthian.

Era como se tivesse esquecido algo de importante. Tentou lembrar-se, mas não lhe ocorreu nada, apenas uma sensação de vazio que o deixava inquieto. Teria a ver com... não, não se lembrava.

Saphira, você..., começou ele por dizer, mas depois silenciou.

O que é?

Nada. Pensei apenas que... Esquece, não é importante.

Atrás deles, as portas para o túnel fecharam-se com um estrondo cavo, as linhas de hieróglifos desapareceram e o grosseiro pináculo, coberto de musgo, voltou a ser um pedaço sólido de pedra.

Venham, disse Umaroth, *vamos embora*. O dia já vai longo e temos muitas léguas a percorrer até Urû'baen.

Eragon olhou ao redor da clareira, ainda sentindo que faltava qualquer coisa. Depois acenou com a cabeça e subiu para a sela de Saphira.

Ao prender as correias em torno das pernas, a sinistra algaraviada de uma ave-espectro ressoou por entre os abetos de ramos pesados, à direita. Olhou mas não viu sinais da criatura. Fez uma careta. Estava feliz por ter visitado Vroengard, mas também se sentia feliz por partir. A ilha era um local hostil.

Vamos? perguntou Saphira.

Vamos embora, disse ele com uma sensação de alívio.

Saphira bateu as asas uma vez e saltou, levantando voo sobre o pomar, do outro lado da clareira. Distanciou-se rapidamente do vale em forma de taça, circundando as ruínas de Doru Araeba, à medida que subia. Logo que ganhou altitude suficiente para planar sobre as montanhas, virou para leste e partiu em direção ao continente e a Urû'baen, deixando para trás os restos do outrora glorioso bastião dos Cavaleiros.

A Cidade das Mágoas



sol estava ainda perto do ápice quando os Varden chegaram a Urû'baen.

Roran ouviu os gritos dos homens na parte dianteira da coluna, ao alcançarem a crista de uma cordilheira. Curioso, desviou os olhos dos calcanhares do anão que tinha diante de si e, quando chegou ao topo da cordilheira, deteve-se para contemplar a vista, tal como todos os guerreiros à sua frente o tinham feito.

O terreno descia suavemente durante vários quilômetros, dando lugar a uma ampla planície salpicada de quintas, moinhos e imponentes propriedades de pedra que o lembravam as que havia perto de Aroughs. A planície estendia-se até às muralhas exteriores de Urû'baen, a cerca de oito quilômetros.

Ao contrário das muralhas de Dras-Leona, as defesas da capital eram suficientemente longas para abranger toda a cidade e eram também mais altas. Mesmo à distância, Roran percebeu que eram muito maiores que as de Dras-Leona e Aroughs. Calculou que tivessem, pelo menos, noventa metros de altura. Viu balistas e catapultas instaladas em intervalos regulares, sobre os amplos baluartes.

O cenário preocupou-o. Seria difícil dismantelar as máquinas de guerra, pois estavam certamente protegidas contra ataques mágicos e ele sabia, por experiência, quão mortíferas eram essas armas.

Por trás das muralhas, via-se uma mistura de estruturas construídas pelo homem e outras que supunha serem obra de elfos. O edifício élfico que mais se destacava compunha-se de seis graciosas torres de pedra, verde diamante, dispersas em arco ao longo do que depreendeu ser a parte mais antiga da cidade. Duas das torres não tinham telhado e ele julgou ver parte de outras duas, parcialmente enterradas no amontoado de casas, em baixo.

Contudo, o que mais despertou a sua atenção, não foi a muralha nem os edifícios, mas o fato de grande parte da cidade estar oculta sob uma enorme saliência de pedra, com mais de oitocentos metros de largura e cento e cinquenta metros de espessura, na parte mais estreita. A saliência correspondia à extremidade de uma enorme colina que se estendia vários quilômetros para nordeste. Sobre o rebordo rochoso da plataforma via-se

uma outra muralha, semelhante à que cercava a cidade, e várias torres de vigia de aspecto maciço.

Ao fundo da reentrância, semelhante a uma caverna, erguia-se uma enorme cidadela adornada por uma miríade de torres e baluartes. A cidadela erguia-se tão acima da cidade que quase roçava na parte inferior da saliência. Mas, o que mais assustava era o portão, na parte da frente da fortaleza: uma caverna tão grande, que Saphira e Thorn poderiam certamente caminhar lado a lado através dela.

Roran sentiu o estômago contrair-se. A avaliar pelo portão, Shruikan devia ser suficientemente grande para chacinar o exército sozinho. *Seria melhor que Eragon e Saphira se despachassem*, pensou, *e os elfos também*. Pelo que testemunhara até então, os Elfos talvez conseguissem enfrentar o dragão negro do rei, mesmo eles teriam grande dificuldade em matá-lo.

Roran percebeu isso e mais ainda ao parar no cimo da cordilheira. Depois, puxou as rédeas de Snowfire. O garanhão branco resfolgou atrás dele e seguiu-o, ao retomar a cansativa marcha, seguindo pela estrada sinuosa que descia até às terras baixas.

Poderia ter ido a cavalo — deveria, na verdade, ter ido a cavalo, sendo o capitão do batalhão — mas depois da viagem de ida e volta a Aroughs, ganhara uma certa aversão à sela.

Enquanto caminhava, tentava pensar na melhor forma de atacar a cidade. A cavidade de pedra onde Urû'baen estava aninhada impediria que pudessem atacar pelos flancos ou pela retaguarda, e iria interferir com os ataques vindos de cima. Esse era certamente o motivo por que os elfos tinham decidido instalar-se ali.

Se conseguíssemos partir a saliência, poderíamos esmagar a cidadela e grande parte da cidade, pensou, concluindo depois que era improvável, pelo fato da pedra ser demasiada grossa. Ainda assim, talvez possamos tomar a muralha ao cimo da colina, e depois atirar pedras e óleo fervente para cima dos que estiverem em baixo. Mas não será fácil. Lutar colina acima com aquelas muralhas... Talvez os elfos consigam, ou os Kull. Talvez lhes dê prazer.

O Rio Ramr ficava vários quilômetros a Norte de Urû'baen, demasiado longe para lhes ser útil. Saphira poderia escavar uma vala suficientemente profunda para o desviar, mas mesmo ela demoraria semanas a fazê-lo e os Varden não tinham comida para tanto tempo. Restavam-lhes apenas

mantimentos para alguns dias. Depois teriam de passar fome ou desmembrar-se.

A única alternativa era atacar antes do Império, embora Roran não acreditasse que Galbatorix atacasse. Até então, o rei parecera disposto a permitir que os Varden viessem ao seu encontro. *Porque haveria de arriscar a pele? Quanto mais tempo esperarmos mais fracos nós ficamos.*

O que significava um ataque frontal — um ataque descarado e imprudente, em terreno aberto, em direção a muralhas muito sólidas para serem derrubadas, muito altas para serem escaladas, com arqueiros e máquinas de guerra a bombardeá-los constantemente. Só de imaginar ficou com a testa suando. Morreriam aos milhares. Roran praguejou. *Ficaremos em pedaços e Galbatorix continuará rindo, sentado na sala do trono... Se conseguirmos aproximar-nos das muralhas, os soldados não conseguirão atingir-nos com os seus terríveis engenhos, mas ficaremos vulneráveis ao pez, ao óleo e às pedras que nos atirarem por cima da cabeça.*

Mesmo que conseguissem derrubar as muralhas, teriam ainda de vencer o exército de Galbatorix. Mais importante que as defesas da cidade seria o caráter e a qualidade dos homens que os Varden iriam enfrentar. Lutariam até ao último fôlego? Ficariam assustados? Iriam ceder e fugir, se os pressionassem o suficiente? A que tipo de juramentos e feitiços estariam vinculados?

Segundo as informações dos espões dos Varden, Galbatorix entregara o comando das tropas aquarteladas em Urû'baen a um conde conhecido como Lord Barst. Roran nunca ouvira falar dele, mas Jörmundur parecera ficar consternado com a informação, e as histórias que ouviu dos homens do seu batalhão foram suficientes para o convencer da vilania de Barst. Ao que parece, ele fora senhor de uma propriedade bastante grande, perto de Gil'ead, e fora forçado a abandoná-la por ocasião da invasão dos elfos. Os seus vassalos viviam apavorados, pois Barst tinha tendência a resolver disputas e a punir criminosos da forma mais severa, optando muitas vezes por executar sumariamente aqueles que acreditava serem os culpados. Tal comportamento, em si, seria dificilmente digno de nota, pois a brutalidade era uma característica de muitos nobres do Império. Barst, contudo, além de impiedoso era forte — impressionantemente forte — e extremamente engenhoso. A inteligência de Barst era óbvia em tudo o que Roran ouvira acerca dele. Poderia ser um estupor, mas era um estupor inteligente e Roran sabia que seria um erro menosprezá-lo. Galbatorix não iria escolher um fraco nem um cretino para comandar as suas tropas.

Depois havia também Thorn e Murtagh. Galbatorix poderia não se dignar a pôr um pé fora da fortaleza, mas o dragão vermelho e o seu Cavaleiro iriam certamente defender a cidade. *Eragon e Saphira terão que os atrair para longe, do contrário jamais conseguiremos ultrapassar as muralhas.* Roran franziu a sobrancelha. Isso seria um problema. Murtagh era mais forte que Eragon e este precisaria da ajuda dos elfos para o matar.

Roran voltou a sentir a raiva amarga e o ressentimento crescerem dentro de si. Detestava estar à mercê dos que podiam praticar magia. Pelo menos na questão da força e do engenho, um homem podia compensar com uma ou com outra, mas não havia forma de compensar a falta de aptidão para a magia.

Frustrado, apanhou um seixo do chão e, tal como Eragon lhe ensinara, disse:

— Stenr rīsa. — Mas o seixo ficou imóvel.

O seixo ficava sempre imóvel.

Roncou e atirou-o para a beira da estrada.

A mulher e filho por nascer estavam com os Varden e ele não podia fazer nada para matar Murtagh ou Galbatorix. Cerrou os punhos e imaginou-se a partir coisas. Ossos, sobretudo.

Talvez fosse melhor fugirmos. Era a primeira vez que pensava em tal. Sabia que havia terras a leste, fora do alcance de Galbatorix — planícies férteis, onde viviam apenas nômades. Se os outros aldeões acompanhassem a ele e a Katrina, poderiam recomeçar as suas vidas, livres do Império e de Galbatorix. Mas ficou nauseado só de pensar. Estaria abandonado Eragon, os seus homens e a terra que considerava lar. *Não, não permitirei que o nosso filho nasça num mundo ainda dominado por Galbatorix. Mais vale morrer do que viver apavorado.*

É claro que isso continuava a não lhe dizer como tomar Urû'baen. Anteriormente, sempre encontrara fraquezas que podiam ser exploradas. Em Carvahall fora o fato de os Ra'zac não terem percebido que os aldeões iam lutar. Ao defrontar o Urgal Yarbog, tinham sido os chifres da criatura. Em Aroughs, os canais. Mas ali em Urû'baen não via fraquezas, nenhum local onde pudesse utilizar a força dos adversários contra eles.

Se tivéssemos provisões, esperaria até os matar à fome. Essa seria a melhor forma. Tudo o resto era uma loucura. Mas ele sabia bem que a guerra era um catálogo de loucuras.

Magia é única solução, concluiu finalmente. *Magia e Saphira. Se conseguirmos matar Murtagh, ou ela ou os elfos terão de nos ajudar a ultrapassar as muralhas.*

Franziu a sobancelha, com um gosto amargo na boca e apressou o passo. Quanto mais depressa montassem o acampamento, melhor. Tinha os pés doridos de caminhar e, se tivesse que morrer num ataque absurdo, queria pelo menos comer uma refeição quente e dormir uma boa noite de sono antes disso.

Os Varden montaram as tendas a um quilômetro e meio de Urû'baen, junto de um pequeno riacho que desaguava no Rio Ramr. Depois os homens, os anões e os Urgals começaram a construir defesas, uma operação que iria prolongar-se até à noite e que retomariam na manhã seguinte. Na verdade, enquanto permanecessem no mesmo local, continuariam a fortificar o perímetro. Os guerreiros detestavam esse trabalho, mas mantinha os ocupados e, além disso, poderia salvar-lhes a vida.

Todos pensavam que as ordens tinham vindo do espectro de Eragon, mas Roran sabia que vinham de Jörmundur. Desde o rapto de Nasuada e da partida de Eragon que ele fora ganhando respeito pelo velho guerreiro. Jörmundur combatera o Império durante quase toda a vida e tinha profundos conhecimentos de tática e logística. Roran se dava bem com ele, pois eram ambos os homens do aço e não da magia.

Depois havia o rei Orrin, com quem Roran tinha acabado discutindo, depois de montarem as defesas iniciais. Orrin conseguia sempre irritá-lo. Se havia alguém que podia ser a causa da morte deles, era ele. Roran sabia que não era muito saudável ofender um rei, mas o tolo queria mandar um mensageiro aos portões da frente de Urû'baen para anunciar um desafio formal, como tinham feito em Dras-Leona e Belatona.

— Quer provocar Galbatorix? — rugiu Roran. — Se o fizermos, ele é capaz de reagir!

— Claro — disse o rei Orrin, endireitando-se. — É perfeitamente razoável que anunciemos as nossas intenções e lhe demos uma oportunidade de negociar a paz.

Roran ficou olhando para ele e depois virou a cara indignado, dizendo a Jörmundur:

— Não consegue chamá-lo à razão?

Estavam os três reunidos no pavilhão de Orrin, onde o rei os convocara.

— Majestade — disse Jörmundur. — Roran tem razão. Seria melhor esperarmos para contatar o Império.

— Mas eles conseguem ver-nos — protestou Orrin. — Estamos acampados mesmo à saída das muralhas. Seria... indelicado não mandar um enviado definir a nossa posição. Vocês são ambos plebeus e eu não esperaria que o entendessem. A realeza exige certas cortesias, mesmo quando estamos em guerra.

Roran sentiu vontade de bater no rei.

— Será presunçoso a ponto de acreditar que Galbatorix o considera seu igual? Bah! Nós somos como insetos para ele. Ele não quer saber da sua cortesia. Está se esquecendo que Galbatorix era um plebeu como nós, antes de derrotar os Cavaleiros. As maneiras dele não são as mesmas que as suas. Não há ninguém como ele no mundo e julga ainda poder antecipar as suas ações? Espera aplacá-lo? Bah!

Orrin corou e afastou o cálice de vinho, o atirando para cima do tapete.

— Foi longe de mais, Martelo Forte. Nenhum homem tem o direito de me insultar dessa forma.

— Eu tenho o direito de fazer o que quiser — rosnou Roran. — Não sou seu súdito e não tenho que responder perante o senhor. Sou um homem livre e insulto quem eu quiser, quando quiser e como quiser... até mesmo o senhor. Seria um erro mandar esse mensageiro e eu...

Ouviu-se um guincho deslizante do aço e o rei Orrin desembainhou bruscamente a espada, mas não apanhou Roran totalmente desprevenido. Este já tinha a mão no martelo e puxou-o do cinto, ao ouvir o barulho.

A espada do rei era uma mancha prateada, na luz mortiça da tenda, mas Roran percebeu onde Orrin o iria atacar e desviou-se. Depois bateu na espada do rei, e esta arqueou-se, tilintou, saltando da mão de Orrin.

A arma com joias encravadas caiu no chão com a lâmina trêmula.

— Senhor — gritou um dos guardas lá fora. — Está bem?

— Apenas deixei cair o escudo — respondeu Jörmundur. — Não há motivo para se preocuparem.

— Sim, senhor.

Roran olhou para o rei. Orrin tinha um olhar selvagem e amedrontado. Roran voltou a colocar o martelo no cinto, sem tirar os olhos dele.

— Contatar Galbatorix é estúpido e perigoso. Se o tentar, matarei quem enviar, antes que chegue à cidade.

— Não se atreveria a fazer isso! — ripostou Orrin.

— Faria e é o que farei. Não vou permitir que coloque a todos em perigo só para satisfazer o seu orgulho... real. Se Galbatorix quiser falar, sabe onde nos encontrar, do contrário deixai-o sossegado.

Roran saiu impetuosamente do pavilhão. Parou de mãos nas ancas e olhou para as nuvens volumosas, esperando que a pulsação abrandasse. Orrin parecia uma mula de um ano: teimoso, excessivamente confiante, e ansioso por dar um coice se déssemos oportunidade.

Além disso bebe de mais, pensou Roran.

Circulou diante do pavilhão até Jörmundur sair, e antes que este falasse Roran disse:

— Lamento.

— E é para lamentar. — Jörmundur passou a mão pelo rosto e tirou um cachimbo de barro de uma bolsa que trazia pendurada no cinto, começando a enchê-lo de erva de cardus, que acamou com o polegar. — Demorei este tempo todo para convencê-lo a não enviar um mensageiro só para te faltar ao respeito. — Se Calou por instantes. — Seria mesmo capaz de matar um dos homens de Orrin?

— Eu não faço ameaças vãs — disse Roran.

— Eu também achei que não... Bom, esperemos que as coisas não cheguem a esse ponto.

Jörmundur começou a percorrer o caminho entre as tendas e Roran seguiu-o. Enquanto caminhavam, os homens desviavam-se curvando respeitosamente a cabeça.

Gesticulando com o cachimbo apagado, Jörmundur disse:

— Confesso que já, por várias vezes, me apeteceu dar uma boa descompostura a Orrin. — Um sorriso fino desenhou-se nos seus lábios. — Infelizmente, a descrição nunca me permitiu fazer isso.

— Ele foi sempre assim tão... intratável?

— Hum? Não, não, em Surda era bastante mais razoável.

— Então, o que aconteceu?

— É medo, creio eu. O medo provoca coisas estranhas nos homens.

— Sim.

— É possível que fique ofendido ao ouvir isto, mas você também se comportou de uma forma bastante estúpida.

— Eu sei, o mau gênio tomou conta de mim.

— E ganhou um rei como inimigo.

— Outro rei, você quer dizer.

Jörmundur riu baixinho.

— Sim, acho que quando se tem Galbatorix como inimigo pessoal, todos os outros parecem bastante inofensivos. Ainda assim... — Parou junto de uma fogueira e tirou um ramo fino, do meio das chamas. Colocou a ponta do ramo dentro do forninho do cachimbo, aspirou a fumaça várias vezes, acendeu-o e voltou a atirar o ramo para a fogueira. — Ainda assim, eu não ignoraria a raiva de Orrin. Ele estava disposto a te matar ali. Se você ficar com rancor, e eu acho que vai ficar, pode tentar se vingar. Colocarei um guarda junto da sua tenda, durante os próximos dias, depois disso... — Jörmundur encolheu os ombros.

— Depois disso, podemos todos estar mortos ou escravizados.

Caminharam em silêncio durante mais alguns minutos e Jörmundur continuou a fumar o seu cachimbo. Quando estavam prestes a separar-se, Roran disse:

— Da próxima vez que ver Orrin...

— Sim?

— Talvez pudesses lhe dizer que, se ele ou algum dos seus homens molestarem Katrina, eu arranco-lhe as entranhas em frente de todo o acampamento.

Jörmundur aninhou o queixo no peito e ponderou no assunto por instantes. Depois levantou os olhos e acenou com a cabeça:

— Creio que descobrirei uma forma de o fazer, Martelo Forte.

— Os meus agradecimentos.

— Não tem que agradecer. Foi um prazer único, como sempre.

— Comandante.

Roran procurou Katrina e convenceu-a a trazer o jantar para o aterro a norte, onde ficou de guarda para o caso de Orrin mandar algum mensageiro. Comeram sobre um pano que ela estendeu no chão revolvido há pouco tempo. E sentaram-se os dois, enquanto as sombras se alongavam e as estrelas começavam a aparecer no céu púrpura, sobre a saliência.

— Estou contente por estar aqui — disse ela, encostando a cabeça ao ombro dele.

— Fala sério? Está mesmo?

— É lindo e tenho você só para mim. — Apertou o seu braço.

Ele puxou-a mais para junto de si, mas uma sombra continuava a pairar no seu coração. Não podia esquecer o perigo que a ameaçava a ela e ao seu filho. A evidência de que o seu maior inimigo estava apenas a alguns quilômetros de distância, ardia dentro dele. Tudo o que desejava era levantar-se, correr para Urû'baen e matar Galbatorix.

Mas isso era impossível. Sorriu e deu uma gargalhada, escondendo o medo, e sabia que ela também lhe estava escondendo o seu.

Raios, Eragon, pensou, é melhor você vir logo, ou juro que te assombrarei depois de morto.

Conselho de Guerra

Durante o voo de Vroengard para Urû'baen, Saphira não atravessou qualquer tempestade e teve a sorte de ter o vento a favor. Isso a ajudou a avançar mais depressa, pois os Eldunarís disseram-lhe onde encontrar a corrente de ar mais rápida, que, segundo eles, soprava em quase todos os dias do ano. Além disso, eles forneciam-lhe constantemente energia, por isso Saphira nunca se sentiu fraca nem cansada.

A cidade surgiu no horizonte, apenas dois dias depois de terem deixado a ilha.

Por duas vezes, durante a viagem, quando o sol estava mais brilhante, Eragon julgou ver, à distância, a entrada para a bolsa de espaço onde os Eldunarís flutuavam, escondidos, atrás de Saphira. Parecia um ponto negro e era tão pequeno que não conseguia manter os olhos fixos nele por mais de um segundo. Primeiro, julgou que fosse uma partícula de pó, mas depois reparou que o ponto estava sempre à mesma distância de Saphira e, quando o via, estava sempre no mesmo lugar.

Enquanto voavam, os dragões verteram uma sucessão de memórias em Eragon e Saphira, por intermédio de Umaroth: uma cascata de experiências — batalhas ganhas e perdidas, amores, ódios, feitiços, acontecimentos presenciados por todo o reino, remorsos, realizações e reflexões acerca do funcionamento do mundo. Os dragões tinham milhares de anos de conhecimento e pareciam dispostos a partilhar tudo com eles.

É demais, protestou Eragon, não vamos conseguir nos lembrarmos de tudo, muito menos entender.

Não, disse Umaroth. Mas poderá se lembrar de alguma coisa e talvez seja o suficiente para derrotar Galbatorix. Agora deixa-nos prosseguir.

A torrente de informação era avassaladora. Por vezes Eragon sentia que estava esquecendo quem era, visto que as memórias dos dragões eram de longe mais numerosas que as suas. Quando isso acontecia, desligava a mente da deles e repetia o seu verdadeiro nome para si, até voltar a se sentir seguro da sua identidade.

Tudo aquilo que ele e Saphira aprenderam o impressionaram-no e perturbaram-no, levando-o frequentemente a questionar as suas próprias

crenças. Mas nunca teve tempo para se debater com esses pensamentos, pois havia sempre mais para preencher o seu lugar. Sabia que levaria anos a perceber o que os dragões estavam a mostrar.

Quanto mais aprendia acerca dos dragões, maior era a admiração que sentia por eles. Os que viveram durante centenas de anos tinham uma forma estranha de pensar e os mais velhos eram tão diferentes de Glaedr e de Saphira quanto estes dos Fanghur das Montanhas Beor. Interagir com esses anciãos era confuso e inquietante, pois saltavam de um assunto para outro e faziam associações e comparações que pareciam não fazer qualquer sentido, mas que Eragon sabia terem significado a um nível mais profundo. Raramente conseguia perceber o que eles estavam tentando dizer e os velhos dragões também não se dispunham a explicar em termos que ele entendesse.

Ao fim de algum tempo, Eragon percebeu que eles não conseguiam expressarem-se de outra maneira. As suas mentes tinham mudado ao longo dos séculos e o que era simples e direto para ele, muitas vezes parecia-lhes complicado, e vice-versa. Escutar os seus pensamentos devia ser como escutar os pensamentos de um deus.

Ao fazer essa observação em particular, Saphira roncou e disse:

Há uma diferença.

Qual é?

Ao contrário dos deuses, nós participamos nos acontecimentos do mundo.

Talvez os deuses optem por agir sem que os vejamos.

Então para que é que servem?

Acha que os dragões são melhores que deuses? Perguntou ele divertido.

Quando somos completamente adultos, sim. Haverá criaturas mais grandiosas do que nós? Até a força de Galbatorix depende de nós.

E os Nidhwal?

Saphira fungou.

Nós podemos nadar, mas eles não podem voar.

O mais velho dos Eldunarís, um dragão que dava pelo nome de Valdr — que significava “líder”, na língua antiga — só falou diretamente com eles uma vez. Através dele receberam uma imagem de raios de luz que se transformavam em ondas de areia, tal como a noção desconcertante de que tudo o que parecia sólido era em grande parte um espaço vazio. Depois Valdr mostrou-lhes um ninho de estorninhos adormecidos e Eragon conseguiu sentir os sonhos percorrerem as suas mentes, num abrir e fechar de olhos. A princípio, a reação de Valdr foi de desprezo — os sonhos dos estorninhos pareciam insignificantes, mesquinhos e inconsequentes — mas, depois, o seu estado de espírito mudou e ele tornou-se afetuoso e empático, e mesmo a menor preocupação dos estorninhos pareceu ganhar importância até se tornar igual às preocupações de reis.

Valdr prolongou a visão como se quisesse ter a certeza de que Eragon e Saphira se recordariam dela de entre todas as outras memórias. Contudo, nenhum deles tinha a certeza do que o dragão estava a tentar dizer. E Valdr se recusou a dar mais explicações.

Quando finalmente avistaram Urû’baen, os Eldunarís pararam de partilhar memórias com Eragon e Saphira, e Umaroth disse:

Agora será mais proveitoso que estudem o covil do seu inimigo.

E foi isso que fizeram, num percurso de várias léguas, enquanto Saphira descia em direção ao solo. O que viram não encorajou nenhum deles e o que Glaedr disse a seguir tão-pouco os animou:

Galbatorix construiu muita coisa desde que nos expulsou daqui. No nosso tempo as muralhas não eram tão maciças nem tão altas.

Umaroth ainda acrescentou:

Ilirea também não estava tão fortificada durante a guerra entre a nossa espécie e os elfos. O traidor escavou bem fundo e empilhou uma montanha de pedra sobre a sua toca. Acho que não sairá voluntariamente. É como um texugo que, escondido na toca, morderá o nariz de todos os que tentem tirá-lo de lá.

Um quilômetro e meio a sudoeste da saliência murada e da cidade por baixo desta, estava o acampamento dos Varden. Era bastante maior que a imagem que Eragon tinha dele, o que o intrigou, até perceber que a rainha Islanzadí e o seu exército já deviam ter unido forças aos Varden. Deu um pequeno suspiro de alívio. *Até Galbatorix receava o poder dos elfos.*

Quando Saphira e Eragon estavam a cerca de uma légua das tendas, o Eldunari ajudou Eragon a ampliar o raio de alcance dos seus pensamentos até conseguir sentir a mente dos homens, anões, elfos e Urgals reunidos no acampamento. O seu toque era demasiado leve para que alguém se apercebesse, a menos que o esperassem, e logo que localizou os acordes selvagens que caracterizavam os pensamentos de Blödhgarm, concentrou-se unicamente no elfo.

Blödhgarm, disse ele, *sou eu, Eragon*. Um fraseado mais formal parecia natural depois de passar tanto tempo a reviver experiências de há muitas eras atrás.

Matador de Espectros! Está bem? A sua mente me parece estranha. Saphira está com você? Está ferida? Aconteceu alguma coisa a Glaedr?

Estão ambos bem, tal como eu.

Então... A confusão de Blödhgarm era evidente.

Eragon interrompeu-o, dizendo:

Não estamos longe, mas estamos invisíveis, por agora. As nossas ilusões ainda são visíveis para os que estão aí em baixo?

Sim, Matador de Espectros. Pusemos Saphira para voar em círculos sobre as tendas, a mil e quinhentos metros de altitude. Por vezes a escondemos num banco de nuvens ou criamos a ilusão de que ambos se ausentaram para patrulhar a região. Mas não podemos permitir que Galbatorix pense que se ausentaram por muito tempo. As suas imagens irão afastar-se agora, para que possam reunir-se a nós, sem levantar suspeitas.

Não, é melhor esperarem e manterem os seus feitiços durante mais algum tempo.

Como?

Não vamos regressar diretamente ao acampamento. Eragon olhou de relance para o solo. Há uma pequena colina, a sudeste, a pouco mais de três quilômetros. Conhece-a?

Sim, consigo vê-la daqui.

Saphira aterrisará atrás dela. Peça a Arya, Orík, Jörmundur, Roran, à rainha Islanzadí e ao rei Orrin para se reunirem lá conosco. Mas certifique-

se de que não abandonem o acampamento todos ao mesmo tempo. O ideal seria ajudar a escondê-los. Você também deve vir.

Como quiser... Matador de Espectros, o que encontrou em...

Não! Não me pergunte isso. Seria perigoso pensar no assunto aqui. Venha e eu te direi. Não quero gritá-lo aos quatro ventos, onde possa ser ouvido.

Compreendo. Iremos ter com você logo que pudermos, mas somos capazes de demorar algum tempo para organizar a partida.

Claro. Sei que fará o melhor.

Eragon cortou a ligação e recostou-se na sela, sorrindo ligeiramente ao imaginar a expressão de Blödhgarm quando soubesse dos Eldunarís.

Saphira aterrissou na depressão, por trás da base da colina, com um redemoinho de vento, assustando um rebanho de ovelhas, que fugiram correndo, com balidos lamentosos.

Ao recolher as asas, Saphira olhou ao redor, à procura das ovelhas e disse:

Seria fácil apanhá-las, uma vez que não me veem. E lambeu as mandíbulas.

Sim, mas qual seria o prazer nisso? Perguntou Eragon, soltando as correias que tinha em torno das pernas.

O prazer não enche a barriga.

Não, mas também não tem fome, ou tem? A energia dos Eldunarís, embora insubstancial, tira a fome.

Saphira exalou uma grande quantidade de ar, como que suspirando.

Não, nem por isso...

Enquanto esperavam, Eragon esticou os membros doloridos e fez uma refeição leve, a partir do que restava das suas provisões. Sabia que o corpo sinuoso de Saphira estava estendido no chão, a seu lado, embora não a visse. Apenas a impressão mais escura do seu corpo sobre os talos de erva esmagados denunciava a sua presença, como uma depressão de estranhos contornos. A imagem divertiu-o, embora não percebesse bem por que.

Enquanto comia, contemplou a agradável paisagem em torno da colina, observando a agitação do ar nas espigas de trigo e de cevada. Os campos estavam separados por muros longos e baixos feitos de pedras empilhadas. Os agricultores da zona deviam ter levado centenas de anos a desenterrar tantas pedras.

Pelo menos esse problema não se colocava no Vale de Palancar, pensou ele.

Instantes depois, um dos dragões transmitiu-lhe uma memória e Eragon ficou sabendo exatamente quantos anos tinham os muros. Remontavam à época em que os humanos tinham vindo viver nas ruínas de Ilirea, depois dos elfos derrotarem os guerreiros do rei Palancar. Conseguia vê-los como se ainda lá estivesse: filas de homens, mulheres e crianças vasculhando a terra acabada de arar e a transportarem as pedras que encontravam para o local onde iriam erguer os muros.

Algum tempo depois, Eragon permitiu que a memória se dissipasse, abrindo depois a mente para as flutuações de energia que existiam ao redor deles. Escutou os pensamentos dos ratos na erva, dos vermes na terra e dos pássaros que esvoaçavam. Era um pouco arriscado, pois poderia acabar por denunciar a sua presença a feiticeiros inimigos que estivessem por perto. Mas preferia saber o que tinha ao seu redor, para que ninguém os pudesse atacar de surpresa.

Entretanto sentiu a aproximação Arya, Blödhgarm e da rainha Islanzadí, não ficando alarmado ao ver a sombra das suas pegadas a moverem-se na sua direção, do lado oeste da colina. O ar ondulou como água e os três elfos apareceram diante dele. A rainha Islanzadí vinha à frente, mais majestosa do que nunca. Envergava um corpete dourado de uma armadura de escamas, usava um elmo com joias encastoadas e uma capa vermelha, debruada a branco, presa em torno dos ombros. Uma espada longa e esguia pendia-lhe da cintura estreita. Trazia uma lança comprida, de ponta branca, numa das mãos, e um escudo com a forma de uma folha de bétula — com rebordos serrados e tudo — na outra.

Arya envergava também uma bela armadura. Trocara as suas roupas, habitualmente escuras, por um corpete como o da mãe — embora o de Arya fosse de aço acinzentado e não de ouro —, e usava um elmo decorado com um entrançado gravado em relevo na testa e na peça do nariz, e um par de asas de águia estilizadas viradas para trás, em cada têmpora. O traje de Arya era sombrio, em relação ao que era usado por Islanzadí, e, por isso mesmo,

mais mortífero. Juntas, mãe e filha eram como um par de lâminas idênticas, uma adornada para exposição e a outra equipada para a guerra.

Tal como as duas mulheres, Blödhgarm usava uma túnica de armadura de escamas, mas tinha a cabeça descoberta e não trazia qualquer arma a não ser uma pequena faca no cinto.

— Mostre-se, Eragon, Matador de Espectros — disse Islanzadí, olhando para o local onde ele estava.

Eragon quebrou o feitiço que escondia a ele e a Saphira, e fez uma medida à rainha dos elfos.

Ela passou os olhos escuros por ele, estudando-o como se fosse um cavalo de carga premiado. Contrariamente ao habitual, Eragon não teve dificuldade em olhá-la diretamente. Segundos depois, a rainha disse:

— Melhorou, Matador de Espectros.

Ele fez-lhe uma segunda medida, mais curta.

— Obrigado, Majestade. — Como sempre, o som da sua voz provocou-lhe um estremecimento. Parecia vibrar de magia e musicalidade, como se cada palavra fosse parte de um poema épico. — Tal cumprimento tem grande significado vindo de alguém tão sábio e justo como à senhora.

Islanzadí deu uma gargalhada, revelando uns dentes longos, e a colina e os campos vibraram com o seu riso.

— E também está eloquente! Não me contou que ele tinha se tornado tão bem-falante, Arya!

Um ligeiro sorriso desenhou-se no rosto do Arya.

— Ele ainda está aprendendo.

Depois, dirigindo-se a Eragon, disse:

— É bom saber que regressou são e salvo.

Os elfos assaltaram Eragon, Saphira e Glaedr com inúmeras perguntas, mas os três recusaram-se a responder até os outros chegarem. Ainda assim, Eragon achou que os elfos tinham sentido os Eldunarís, pois reparou que eles, por vezes, olhavam na direção dos corações dos corações, embora não parecessem aperceber-se disso.

Orik surgiu a seguir, vindo do sul, montado num pônei, desgrehado, suado e ofegante.

— Olá Eragon! Olá Saphira! — gritou o rei dos anões, erguendo o punho. Deslizou da montaria exausta, aproximou-se com passos pesados, puxou Eragon, e abraçou-o rudemente, batendo-lhe nas costas.

Depois de se cumprimentarem — e Orik dar uma esfregadela no focinho de Saphira, arrancando-lhe um gemido de prazer — Eragon perguntou:

— Onde estão os seus guardas?

Orik apontou por cima do ombro:

— A entrançar as barbas numa granja, a oeste, a um quilômetro e meio daqui e nada satisfeitos, presumo. Eu teria confiado em todos eles — pois são membros do meu clã —, mas Blödhgarm disse que era melhor vir sozinho, por isso assim o fiz. Agora, me explique, porquê todo este secretismo? O que descobriste em Vroengard?

— Terás que esperar pelo resto do conselho, para saber — respondeu Eragon —, mas é bom voltar a te ver — e deu uma palmada no ombro de Orik.

Roran chegou a pé, pouco depois, com um ar sombrio e empoeirado. Agarrou no braço de Eragon e deu-lhe as boas vindas, puxando-o depois à parte e dizendo:

— Podes impedir que eles nos ouçam? — E apontou com o queixo para Orik e para os elfos.

Eragon demorou apenas uns segundos a lançar um feitiço que os protegeu dos ouvintes:

— Está feito. — Ao mesmo tempo, desligou a mente de Glaedr e dos outros Eldunarís, embora não se tivesse desligado de Saphira.

Roran acenou com a cabeça e olhou para os campos.

— Tive uma conversinha com o rei Orrin enquanto estava ausente.

— Uma conversinha, como?

— Ele estava a ser um tolo e eu o disse.

— Presumo que não tenha reagido muito bem.

— Pode se dizer que não. Tentou me golpear.

— O quê?

— Consegui arrancar-lhe a espada da mão antes que ele me atingisse, mas se tivesse conseguido o que queria, teria matado.

— Orrin? — Era difícil imaginar o rei a fazer tal coisa. — Feriu-o com gravidade?

Roran sorriu pela primeira vez: um breve sorriso que depressa desapareceu por baixo da barba:

— O assustei, o que pode ser pior.

Eragon roncou e apertou o pomo de Brisingr. Depois reparou que estavam em posições simétricas; ambos com a mão na arma e o peso do corpo na perna oposta.

— Quem mais sabe sobre isso?

— Jörmundur — pois estava lá — e àqueles a quem Orrin possa ter contado.

Eragon franziu a sobrancelha e começou a andar para trás e para frente, enquanto tentava decidir o que fazer.

— A ocasião não podia ser pior.

— Eu sei. Eu não teria sido tão brusco com Orrin, se ele não estivesse prestes a enviar *saudações régias* a Galbatorix e outros disparates do gênero. Teria colocado a todos nós em perigo e eu não podia permitir que isso acontecesse. Teria feito o mesmo.

— Talvez, mas isso torna tudo mais difícil. Agora, eu sou o líder dos Varden. Um ataque dirigido a você ou a qualquer outro dos guerreiros sob as minhas ordens, é o mesmo que me dirigirem um ataque. Orrin sabe disso e sabe que nós somos do mesmo sangue. Mais valia ter-me atirado uma luva à cara.

— Ele estava bêbado — disse Roran. — Não me parece que tivesse pensado nisso quando desembainhou a espada.

Eragon viu Arya e Blödhgarm a atirarem-lhe olhares curiosos, por isso parou e virou-se de costas para eles.

— Estou preocupado com Katrina — acrescentou Roran. — Se Orrin estiver muito furioso, pode mandar homens atrás de mim ou atrás dela. De qualquer modo, ela pode ser ferida. Jörmundur já colocou um guarda na nossa tenda, mas não é a proteção suficiente.

Eragon abanou a cabeça.

— Orrin não se atreveria a lhe fazer mal.

— Não? Ele não pode te fazer mal e não tem estômago para me confrontar diretamente. O que lhe resta? Uma emboscada. Facas na escuridão. Matar Katrina seria uma forma fácil de se vingar.

— Duvido que Orrin recorresse a facas na escuridão — ou fizesse mal a Katrina.

— Não pode ter a certeza.

Eragon ponderou por instantes.

— Lançarei alguns feitiços em Katrina para a manter em segurança e direi a Orrin que o fiz. Isso deverá por termo a qualquer intenção.

A tensão em Roran pareceu diminuir:

— Ficarei agradecido.

— Te darei também novas proteções.

— Não, poupe a sua energia. Eu sei tomar conta de mim.

Eragon insistiu, mas Roran continuou a recusar. Finalmente Eragon disse-lhe:

— Raios! Escute-me. Estamos prestes a iniciar uma batalha contra os homens de Galbatorix. Tem que ter alguma proteção, quanto mais não seja contra a magia. Eu vou te dar proteções, quer isso te agrade ou não, por isso o melhor é sorrir e me agradecer!

Roran olhou-o furioso e depois resmungou, erguendo as mãos:

— Está bem, como quiser. Você nunca soube quando parar.

— Ah, e você sabe?

Uma gargalhada emergiu das longas barbas de Roran.

— Creio que não. Acho que é de família.

— Hum. Entre Brom e Garrow, não sei quem seria o mais teimoso.

— Era o Pai — disse Roran.

— Ei, Brom também... Não, tem razão, era Garrow.

E trocaram um sorriso, recordando a vida na fazenda. Depois Roran mudou de posição e o atirou um estranho olhar:

— Parece diferente.

— Pareço?

— Sim. Parece mais seguro de ti.

— Talvez porque me entenda melhor.

Roran não tinha resposta.

Meia hora mais tarde, Jörmundur e o rei Orrin apareceram juntos, a cavalo. Eragon saudou Orrin, mais educadamente que nunca, mas este o retribuiu com uma resposta breve e evitou o seu olhar. Mesmo a mais de um metro de distância, Eragon conseguia sentir o cheiro a vinho no seu hálito.

Logo que todos se reuniram diante de Saphira, Eragon começou a falar. Primeiro exigiu que fizessem um voto de silêncio na língua antiga e, depois, explicou o conceito de um Eldunarí a Orik, Roran, Jörmundur e Orrin, fazendo-lhes um breve resumo da história dos corações dos dragões semelhantes a joias, que estavam na posse dos Cavaleiros e de Galbatorix.

Os elfos pareceram ficar inquietos pelo fato de Eragon se mostrar disposto a falar dos Eldunarís perante os outros, mas nenhum protestou, o que lhe agradou. Pelo menos, merecia esse tipo de confiança. Orik, Roran e Jörmundur demonstraram surpresa, incredibilidade e fizeram imensas perguntas. Roran, em especial, pareceu ficar com um brilho intenso no olhar, como se a informação lhe tivesse dado uma infinidade de ideias novas acerca de como matar Galbatorix.

Orrin se revelou sempre intratável e asperamente cético em relação à existência dos Eldunarís. No final, as suas dúvidas acalmaram, quando Eragon tirou o coração dos corações de Glaedr dos alforjes, apresentando o dragão aos quatro.

A reverência que todos demonstraram, ao conhecer Glaedr, satisfez Eragon. Mesmo Orrin parecia impressionado, embora tivesse trocado algumas palavras com Glaedr e, depois, se virou para Eragon e disse:

— Nasuada sabia disso?

— Sim, eu disse-lhe em Feinster.

Tal como esperava, a confissão não agradou a Orrin.

— Mais uma vez, os dois decidem ignorar-me. Os Varden não teriam hipótese de defrontar o Império sem o apoio dos meus homens e a comida da minha nação. Eu sou soberano de um dos quatro países de Alagaësia e o meu exército corresponde a uma boa parte das nossas forças. Contudo, nenhum dos dois achou conveniente me informar acerca disso!

Antes que Eragon pudesse responder, Orik avançou um passo.

— Eles também não me falaram no assunto, Orrin — resmungou o rei dos anões —, e o meu povo apóia os Varden há mais tempo que o seu. Não deve levar isso a mal. Eragon e Nasuada fizeram o que acharam melhor para a nossa causa; não era sua intenção desrespeitar ninguém.

Orrin franziu a sobrancelha e parecia querer continuar a discutir. Mas Glaedr se antecipou, dizendo:

Eles fizeram o que eu lhes pedi, rei de Surda. Os Eldunarís são o maior segredo da nossa raça e nós não o partilhamos de ânimo leve, mesmo que seja com reis.

— Então, porque decidiram fazer agora? — perguntou Orrin, enfaticamente. — Poderia ter entrado em combate sem nunca te revelar.

Em resposta, Eragon contou-lhes a história da viagem a Vroengard, incluindo o encontro com a tempestade no mar, e o cenário que tinham testemunhado do topo das nuvens. Arya e Blödhgarm foram os que se mostraram mais interessados nessa parte da história, e Orik revelou-se mais constrangido.

— Barzûl, mas isso parece ter sido uma experiência bastante desagradável — disse ele. — Só de pensar fico a tremer. O lugar indicado para um anão é o chão e não o ar.

Concordo, disse Saphira. Orrin franziu o sobrolho e a olhou, desconfiado, torcendo as pontas da barba entrançada.

Resumindo a história, Eragon explicou como ele, Saphira e Glaedr tinham entrado no Cofre das Almas, embora lhes revelasse que isso exigira proferir os seus verdadeiros nomes. E, quando finalmente lhes revelou o que o cofre continha, um silêncio de perplexidade instalou-se entre eles.

Depois Eragon disse:

— Abram as suas mentes!

Momentos depois, o som de vozes sussurrantes pareceu impregnar o ar e Eragon sentiu a presença de Umaroth e dos outros dragões ocultos, ao seu redor.

Os elfos cambalearam e Arya deixou-se cair sobre o joelho, encostando a mão à cabeça como se alguém a tivesse batido. Orík deu um grito e olhou ao redor, de olhos arregalados, e Roran, Jörmundur e Orrin ficaram pasmados.

A rainha Islanzadí ajoelhou-se, adotando uma pose muito semelhante à da filha, e Eragon sentiu-a falar com os dragões, saudando muitos deles pelo nome e dando-lhes as boas-vindas como velhos amigos. Blödhgarm fez o mesmo e, durante alguns minutos, um turbilhão de pensamentos fluíu entre os dragões e os que estavam reunidos na base da colina.

A cacofonia mental era tão grande que Eragon se protegeu e se recolheu, sentando-se numa das patas dianteiras de Saphira, enquanto esperava que o ruído abrandasse. Os elfos pareciam bastante afetados pela revelação: Blödhgarm fixava o ar com uma expressão de júbilo e de assombro e Arya continuava de joelhos. Eragon julgou ver um fio de lágrimas nas suas faces. Islanzadí sorria triunfantemente com um ar radioso e, pela primeira vez desde que a conhecera, Eragon achou que ela parecia verdadeiramente feliz.

Orík sacudiu-se e despertou do seu devaneio, olhando para Eragon e dizendo:

— Pelo martelo de Morgothal, isso modifica tudo! Com a ajuda deles, poderemos realmente ser capazes de matar Galbatorix!

— Não achava que pudéssemos antes? — perguntou Eragon, brandamente.

— Claro que achava, mas não tanto como agora. Roran sacudiu a cabeça, como se estivesse a acordar de um sonho.

— Eu, não... Eu sabia que você e os elfos iriam lutar com todas as suas forças, mas não acreditava que ganhassem. — Olhou Eragon nos olhos. — Galbatorix derrotou muitos Cavaleiros. Você é só um e é jovem. Não me parecia possível.

— Eu sei.

— Porém, agora... — Uma expressão feroz perpassou os olhos de Roran. — Agora temos uma hipótese.

— Sim — disse Jörmundur. — Pensem bem: já não temos que nos preocupar muito com Murtagh. Ele não consegue fazer frente à sua força combinada com a dos dragões.

Eragon bateu com os calcanhares na pata de Saphira, mas não respondeu, pois tinha outras ideias a esse respeito. Além disso, não lhe agradava de ter de matar Murtagh.

Depois Orrin falou:

— Umaroth diz que vocês têm um plano de batalha. Tenciona partilhá-lo conosco, Matador de Espectros?

— Eu também gostava de o conhecer — disse Islanzadí, num tom mais amável.

— E eu também — disse Orik.

Eragon olhou-os por momentos e depois acenou com a cabeça, dizendo a Islanzadí:

— O seu exército está pronto para combater?

— Está. Há muito que esperamos o momento de nos vingarmos, não precisamos aguardar mais.

— E o nosso? — perguntou Eragon, dirigindo-se a Orrin, Jörmundur e Orik.

— Os meus knurlan estão ansiosos por lutar — declarou Orik. Jörmundur olhou de relance para o rei Orrin.

— Os nossos homens estão cansados e esfomeados, mas a vontade está intacta.

— Os Urgals também?

— Também.

— Então vamos atacar.

— Quando?

— Ao raiar do dia.

Ninguém falou por instantes.

Foi Roran que quebrou o silêncio.

— Fácil de dizer, mas difícil de fazer. Como?

Eragon os explicou.

Quando terminou, se fez mais um momento de silêncio.

Roran agachou-se e começou a desenhar na terra com a ponta de um dedo.

— É arriscado.

— Mas audacioso — disse Orik. — Muito audacioso.

— Já não há caminhos seguros — disse Eragon. — Se conseguirmos apanhar Galbatorix desprevenido, ainda que ligeiramente, poderá ser o suficiente para desequilibrar os pratos da balança. Jörmundur esfregou o queixo.

— Porque não matar Murtagh primeiro? Essa é a parte que não entendo. Porque não acabar com ele e com Thorn, enquanto podemos?

— Porque Galbatorix ficaria sabendo da existência deles — respondeu Eragon, apontando para o lugar onde os Eldunarís ocultos flutuavam. — Perderíamos a vantagem do fator surpresa.

— E a criança? — perguntou Orrin, asperamente. — O que te leva a crer que ela vai fazer o que você quer? Já se recusou.

— Desta vez fará — prometeu Eragon, mostrando-se mais confiante do que na realidade estava.

O rei roncou, com um ar cético.

Depois Islanzadí disse:

— O que propõe é algo de grandioso e terrível, Eragon. Está disposto a fazer isso? Pergunto-o não porque duvide da sua dedicação, mas porque é algo que deverá ser feito depois de grande ponderação. Por isso te pergunto: Está disposto a fazer isso, mesmo sabendo o preço que poderá pagar?

Eragon não se levantou, injetando um pouco de aço no seu tom de voz:

— Estou. Tem que ser feito e foi sobre nós que essa tarefa recaiu.

Não podemos recuar agora, seja qual for o preço a pagar.

Saphira abriu as mandíbulas alguns centímetros, fechando-as em seguida, bruscamente, para enfatizar o final da frase e assinalar a sua aprovação.

Islanzadí ergueu o rosto para o céu.

—Você e aqueles em nome de quem fala aprovam isto, Umarothelda?

Aprovamos, respondeu o dragão branco.

— Então, avancemos — murmurou Roran.

Uma Questão de Dever

Continuaram falando durante mais uma hora — os dez, incluindo Umaroth. Orrin exigiu argumentos mais convincentes, além de que havia numerosos detalhes sobre os quais teriam que tomar decisões: questões de coordenação, posicionamento e sinalização. Eragon ficou aliviado ao ouvir Arya dizer:

— Eu irei com você, amanhã, a menos que você ou Saphira se oponham.

— Será um prazer te você conosco — respondeu ele.

Islanzadí ficou tensa:

— Que vantagem haveria nisso? Precisamos das suas aptidões em outros lugares, Arya. Blödhgarm e os outros feiticeiros que destaquei para proteger Eragon e Saphira são mais experientes do que você em magia e em combate. Lembre-se de que eles lutaram contra os Renegados e, ao contrário de muitos, sobreviveram para contar a história. Muitos dos membros mais velhos da nossa raça se ofereceriam para tomar o seu lugar. Seria egoísta de a sua parte insistir em ir, quando há outros mais habilitados para a missão que estão dispostos a assumi-la, e estão aqui bem perto.

— Acho que não há ninguém mais habilitado do que Arya para essa missão — disse Eragon, num tom calmo —, e não há ninguém que eu desejasse tanto ter a meu lado, além de Saphira.

Islanzadí continuou a olhar para Arya e disse:

— Você ainda é jovem, Matador de Espectros, e está deixando que as suas emoções te confundam.

— Não, Mãe — disse Arya —, você é que estás deixando que as suas emoções te confundam. — Aproximou-se de Islanzadí, com um andar demorado e gracioso. — Tem razão, há quem seja mais forte, mais sabedor e experiente do que eu, mas fui eu que andei com o ovo de Saphira por Alagaësia, fui eu que ajudei a salvar Eragon do Espectro Durza e fui eu que matei o Espectro Varaug, em Feinster, com a ajuda de Eragon. Agora, sou uma Matadora de Espectros, tal como Eragon, e você sabe muito bem que eu jurei servir o nosso povo há muito tempo. Quem mais, de entre a nossa espécie, poderá se arrogar de ter feito tanto? Não viraria as costas a isso,

mesmo que quisesse. Mais depressa desejaria morrer. Estou tão preparada para este desafio como qualquer um dos nossos anciãos, pois devotei toda a minha vida a isso, tal como Eragon.

— E essa vida foi tão curta — disse Islanzadí, levando a mão ao rosto de Arya. — Se empenhou em combater Galbatorix, durante todos esses anos, depois da morte do seu pai, mas pouco sabe das alegrias que a vida nos pode dar. Pouco tempo passamos juntas, durante esse período: meia dúzia de dias ao longo de um século. Só depois de levar Saphira e Eragon a Ellesméra, voltamos a falar como mãe e filha devem falar. Não gostaria de voltar a te perder, tão pouco tempo depois, Arya.

— Não fui eu que escolhi me manter afastada — disse Arya.

— Não — disse Islanzadí, afastando a mão —, mas foi você que decidi abandonar Du Weldenvarden. — A sua expressão suavizou-se. — Não quero discutir, Arya. Entendo que encare isto como um dever, mas permitirá que outro tome o seu lugar? Por favor, faça por mim.

Arya baixou os olhos e ficou em silêncio por instantes. Depois disse:

— Eu não posso permitir que Eragon e Saphira partam sem mim, tal como você não pode permitir que o seu exército marche para a batalha sem você. Não posso... Gostaria de ouvir dizer que sou uma covarde? As pessoas da nossa família não viram as costas ao que tem que ser feito, por isso não me peça que me envergonhe.

Eragon teve a sensação que o brilho nos olhos de Islanzadí eram lágrimas.

— Sim — disse a rainha —, mas combater Galbatorix...

— Se tem tanto receio — disse Arya, embora o seu tom não fosse indelicado —, vem comigo.

— Não posso. Tenho que ficar para comandar as minhas tropas.

— E eu tenho de ir com Eragon e Saphira, mas te prometo que não vou morrer. — Arya levou a mão à face de Islanzadí, tal como a mãe lhe fizera. — Eu não vou morrer — repetiu Arya, desta vez na língua antiga.

Eragon ficou impressionado com a determinação de Arya. Para o ter dito na língua antiga, ela tinha de acreditar incondicionalmente nisso. Islanzadí

parecia igualmente impressionada e orgulhosa, sorrindo e beijando Arya em ambas as faces.

— Então vai, vai com a minha bênção, e não corra riscos desnecessários.

— Nem você — e deram um abraço.

Quando se separaram, Islanzadí olhou para Eragon e para Saphira, dizendo:

— Tomem conta dela, suplico a vocês. Ela não tem um dragão nem um Eldunari que a proteja.

Tomaremos, responderam Eragon e Saphira, na língua antiga.

Logo que acertaram todos os detalhes, o conselho de guerra foi encerrado e os seus membros começaram a dispersar-se. Eragon ficou vendo os outros afastarem-se, junto de Saphira. Nem ele nem ela fizeram qualquer esforço para se mexer. Saphira ficaria escondida atrás da colina até o ataque e ele esperaria até o anoitecer, antes de se aventurar a entrar no acampamento.

Orik foi o segundo a partir, depois de Roran, mas antes de o fazer, o rei dos anões aproximou-se de Eragon e deu-lhe um abraço rude.

— Ah, quem me dera ir com você — disse ele, com um olhar solene por cima da barba.

— E eu gostaria que você viesse — disse Eragon.

— Bom, nos encontraremos depois e brindaremos à nossa vitória com barris de hidromel. Que acha?

— Estou ansioso por isso.

Eu também, disse Saphira.

— Ótimo — disse Orik, acenando firmemente com a cabeça. — Então, está combinado. É bom que não se deixe vencer por Galbatorix, de contrário a minha honra me obrigará a atacar depois de você.

— Seremos cautelosos — disse Eragon, com um sorriso.

— Espero que sim, pois desconfio que só conseguiria beliscar o nariz de Galbatorix.

Isso eu gostaria de ver, disse Saphira.

Orik pigarreou.

— Que os deuses zelem por você, Eragon, e por você também, Saphira.

— Igualmente Orik, filho de Thrifk. — Orik deu uma palmada no ombro de Eragon e encaminhou-se pesadamente para o local onde tinha deixado o pônei amarrado a um arbusto.

Depois de Islanzadí e Blödhgarm partirem, Arya ficou. Mas ela estava entretida conversando com Jörmundur, por isso Eragon não deu grande importância. Porém, ao ver que ela continuava por perto, depois de Jörmundur se afastar a cavalo, percebeu que Arya queria falar com eles a sós.

Como seria de esperar, depois de todos partirem, ela olhou para Eragon e para Saphira, dizendo:

— Aconteceu mais alguma coisa a vocês enquanto estiveram ausentes? Algo de que não quisessem falar na presença de Orrin, Jörmundur... ou da minha mãe?

— Porque pergunta?

Ela hesitou.

— Porque... ambos parecem ter mudado. É por causa dos Eldunarís, ou tem a ver com a experiência na tempestade?

Eragon sorriu pela sua perspicácia. A seguir consultou Saphira e, depois de obter o seu consentimento, disse:

— Descobrimos nossos verdadeiros nomes.

Arya arregalou os olhos:

— Sério? E... ficaram satisfeitos com eles?

Em parte, respondeu Saphira.

— Descobrimos os nossos verdadeiros nomes — repetiu Eragon. — Descobrimos que a terra é redonda e, enquanto voávamos para aqui, Umaroth e os outros Eldunarís partilharam muitas das suas memórias

conosco. — Sorriu ironicamente. — Não posso dizer que entenda a todos, mas fazem com que tudo pareça... diferente.

— Compreendo — murmurou Arya. — Acha que a mudança será positiva?

— Acho. A mudança em si não é má nem boa, mas o conhecimento é sempre útil.

— Foi difícil descobrir os seus verdadeiros nomes?

Eragon contou como tinham conseguido e falou também sobre as estranhas criaturas que encontraram na Ilha de Vroengard, o que a interessou bastante.

Enquanto falava, Eragon teve uma ideia que fazia demasiado sentido para a ignorar. Explicou-a à Saphira e esta deu mais uma vez o seu consentimento, embora um pouco mais relutante do que anteriormente.

Tem mesmo que o fazer? Perguntou ela.

Sim.

Então, faça como entender, mas só se ela concordar.

Depois de falarem sobre Vroengard, Eragon olhou Arya nos olhos e disse:

— Gostaria de ouvir o meu verdadeiro nome? Eu gostaria o partilhar com você.

A oferta pareceu chocá-la.

— Não! Não deve revelar a mim nem a mais ninguém. Muito menos estando tão perto de Galbatorix, pois ele pode roubá-lo da minha mente. Além disso, só deve confiar o seu verdadeiro nome a... a alguém em quem confie mais do que em qualquer outra pessoa.

— Eu confio em você.

— Eragon, mesmo nós, elfos, só partilhamos os nossos verdadeiros nomes depois de nos conhecermos há muitos, muitos anos. O conhecimento que eles fornecem é muito pessoal, muito íntimo para se conversar de ânimo leve acerca deles. Não há maior risco do que partilhá-lo. Ao revelar a alguém o seu verdadeiro nome, estás colocando nas suas mãos tudo o que é.

— Eu sei, mas poderei não voltar a ter essa hipótese. É a única coisa que tenho para oferecer e é a você que o quero fazer.

— Eragon, o que propõe... é o que de mais precioso se pode oferecer a alguém.

— Eu sei.

Arya estremeceu e depois pareceu fechar-se em si. Algum tempo depois, disse:

— Nunca ninguém me ofereceu um presente desses... Sinto-me enaltecida com a sua confiança, Eragon, e entendo o quanto isso significa para você. Mas não, não posso aceitar. Seria errado que o fizesse e seria errado que eu o aceitasse, só porque amanhã poderemos ser mortos ou escravizados. O perigo não é razão para agirmos imprudentemente, por muito grande que ele seja.

Eragon inclinou a cabeça. As razões de Arya eram pertinentes e ele respeitaria a sua decisão.

— Muito bem. Como quiser — disse ele.

— Obrigada, Eragon.

Momentos depois, ele disse:

— Alguma vez revelou o seu verdadeiro nome a alguém?

— Não.

— Nem mesmo à sua mãe?

Ela fez um trejeito com a boca.

— Não.

— Conhece-o?

— Claro. O que te levaria a pensar o contrário?

Ele encolheu ligeiramente os ombros.

— Nada, apenas não tinha a certeza.

Fez-se silêncio e depois Eragon perguntou:

— Quando... como descobriu o seu verdadeiro nome?

Arya ficou tanto tempo em silêncio que Eragon pensou que iria recusar-se a responder. Mas, depois ela respirou fundo, e disse:

— Foi alguns anos depois de partir de Du Weldenvarden, quando finalmente me habituei ao meu papel entre os Varden e os anões. Faolin e os meus outros companheiros estavam ausentes e eu tinha bastante tempo para mim. Passava a maior parte do tempo explorando Tronjheim, vagueando por regiões desertas da cidade montanha, onde era raro alguém ir. Tronjheim é maior do que a maioria imagina e tem muitas coisas estranhas: salas, pessoas, criaturas, artefatos perdidos... Enquanto vagueava, pensava, e comecei a me conhecer melhor do que nunca. Um dia descobri uma sala em lugar no alto de Tronjheim — duvido que a pudesse voltar a localizar, mesmo que tentasse. Um feixe de luz parecia penetrar nesse espaço, embora o teto fosse sólido. No meio da sala havia um pedestal e em cima do pedestal estava uma flor brilhante. Não sei que tipo de flor era, pois nunca tinha visto nenhuma igual. As pétalas eram roxas, mas o centro da flor era como uma gota de sangue. Tinha espinhos no caule, emanava um perfume maravilhoso e parecia vibrar com uma música própria. A descoberta me pareceu tão assombrosa e improvável que fiquei na sala, olhando para a flor, não sei quanto tempo. E foi então que consegui finalmente expressar em palavras o que era e o que sou.

— Um dia gostaria de ver essa flor.

— Talvez a veja — disse Arya, olhando de relance para o acampamento dos Varden. — É melhor ir andando. Ainda há muito que fazer.

Ele acenou com a cabeça.

— Então, nos vemos amanhã.

— Amanhã. — Arya começou a se afastar. Depois de alguns passos, ela deteve-se e olhou para trás.

— Ainda bem que Saphira te escolheu como Cavaleiro, Eragon. Tenho orgulho em ter lutado ao seu lado. Você se tornou melhor do que qualquer um de nós esperava. Aconteça o que acontecer amanhã, quero que o saiba.

Depois retomou a marcha e não tardou a desaparecer, ao contornar a colina, deixando-o sozinho com Saphira e os Eldunarís.

Fogo na Noite



Quando a noite caiu, Eragon lançou um feitiço para se esconder. Depois acariciou o focinho de Saphira e partiu a pé, em direção ao acampamento dos Varden.

Tenha cuidado, disse ela.

Mantendo-se invisível, não foi difícil passar pelos guerreiros que estavam de sentinela, em torno do perímetro do acampamento. Desde que não fizesse barulho e os homens não reparassem nas suas pegadas nem nas sombras, poderia deslocar-se à vontade.

Caminhou por entre as tendas de lã até encontrar Roran e Katrina. Bateu com os nós dos dedos no poste central e Roran ergueu a cabeça.

— Onde está? — sussurrou Roran. — Entre, depressa!

Eragon quebrou o fluxo de magia e revelou-se. Roran vacilou e agarrou-lhe no braço, puxando-o para o interior escuro da tenda.

— Bem-vindo, Eragon — disse Katrina, erguendo-se do pequeno catre onde estava sentada.

— Katrina.

— É bom te ver de novo — disse ela, abraçando-o brevemente.

— Isto vai demorar muito? — perguntou Roran.

Eragon abanou a cabeça.

— Não deve demorar. — Depois, agachou-se sobre os calcanhares, meditou durante uns instantes e começou a cantar suavemente na língua antiga. Primeiro ergueu feitiços em torno de Katrina, para a proteger contra qualquer pessoa que lhe quisesse fazer mal. Criou feitiços mais abrangentes do que planejara de início, permitindo que ela e a criança por nascer escapassem às tropas de Galbatorix, se algo acontecesse a ele ou a Roran. — Estas defesas te protegerão de uma série de ataques — disse ele. — Não sei ao certo de quantos, porque depende da força dos golpes ou dos feitiços. Te dei também uma outra proteção. Se estiver em perigo, diga a palavra frethya duas vezes e ficará invisível.

— Frethya — murmurou ela.

— Exatamente. Porém, ela não te esconderá por completo. Os sons que emitir continuarão a ser ouvidos e as suas pegadas se manterão visíveis. Aconteça o que acontecer, não vá para dentro de água, do contrário será de imediato descoberta. O feitiço se alimentará da sua energia, o que significa que se cansará mais depressa do que o habitual. Também não te aconselharia a dormir enquanto estiver ativo, pois poderá não voltar a acordar. Para quebrares o feitiço, basta dizer frethya letta.

— Frethya letta.

— Ótimo.

Eragon desviou a sua atenção para Roran. Demorou mais algum tempo a erguer proteções ao primo — era provável que Roran se confrontasse com um maior número de ameaças —, e muniu-as de mais energia do que Roran certamente teria aprovado, mas não se preocupou. Não suportava a ideia de derrotar Galbatorix e descobrir que Roran tinha morrido durante a batalha.

Depois disse:

— Desta vez fiz algo de diferente, algo em que já deveria ter pensado há muito. Para além das proteções habituais, te dei mais algumas que se alimentam da sua força. Te protegerão do perigo desde que esteja vivo, porém — e levantou o dedo —, só serão ativadas quando esgotar as outras proteções e, se as circunstâncias forem demasiado exigentes, ficarás inconsciente e morrerá.

— Isso quer dizer que para me salvar poderão me matar? — Perguntou Roran.

Eragon acenou afirmativamente.

— Se não deixar que ninguém te atire outra muralha para cima, tudo correrá bem. É um risco, mas acho que vale a pena corrê-lo, se impedir um cavalo de te atropelar ou um dardo de te trespassar. Lancei-te também o mesmo feitiço que lancei a Katrina. Tudo o que tem que fazer é dizer frethya duas vezes e frethya letta quando quiser ficar invisível ou voltar a ficar visível. É capaz de te dar jeito durante a batalha.

Roran deu uma gargalhada malévola.

— Certamente que sim.

— Mas zele para que os elfos não te confundam com um dos feiticeiros de Galbatorix.

Quando Eragon se levantou, Katrina levantou-se também e surpreendeu-o ao agarrar numa das suas mãos e ao encostá-la ao seu peito.

— Obrigada, Eragon — agradeceu ela, brandamente. — Você é um homem bom.

Ele corou, embaraçado.

— Não tem de quê.

— Se proteja bem, amanhã. Você significa muito para nós e eu espero que esteja aqui para cumprir o seu papel de tio babado. Ficaria bastante ofendida, se morresse.

Ele deu uma gargalhada.

— Não se preocupe. Saphira não me deixará cometer qualquer imprudência.

— Ótimo — disse ela, beijando-o em ambas as faces e largando-o.

— Adeus, Eragon.

— Adeus Katrina.

Roran acompanhou-o até lá fora. E fazendo um gesto na direção da tenda disse:

— Obrigado.

— Fico feliz por poder ajudar.

Agarraram-se pelos antebraços, abraçaram-se e depois Roran disse:

— Que a sorte te acompanhe.

Eragon respirou fundo, tremulamente.

— Que a sorte te acompanhe. — Apertou o antebraço de Roran, relutante em largá-lo, pois sabia que poderia não voltar a o ver novamente.

— Se Saphira e eu não voltarmos — disse ele —, fará o necessário para que sejamos enterrados em casa? Não gostaria que os nossos ossos ficassem aqui.

Roran arqueou as sobrancelhas.

— Não seria fácil transportar Saphira de volta.

— Os elfos ajudariam, tenho certeza.

— Nesse caso, sim, prometo. Há algum local do seu especial agrado?

— No topo da colina árida — disse Eragon, referindo-se ao contraforte perto da fazenda. A colina árida sempre lhe parecera um excelente local para um castelo, algo que tinham discutido longamente quando eram mais jovens.

Roran acrescentou:

— E se eu não voltar...

— Faremos o mesmo por ti.

— Não era isso que eu ia pedir. Se eu não voltar, cuidam de Katrina?

— Claro. Você sabe que sim.

— Sim, mas tinha que ter a certeza. — Olharam um para o outro durante mais um minuto. Finalmente, Roran disse: — Contamos contigo para jantar amanhã.

— Lá estarei.

Depois Roran voltou para dentro da tenda, deixando Eragon sozinho na noite.

Ele olhou para as estrelas e sentiu uma pontada de dor, como se tivesse perdido alguém próximo.

Momentos depois, afastou-se e mergulhou nas sombras, usando a escuridão para se esconder.

Procurou pelo acampamento até encontrar a tenda que Horst e Elain partilhavam com o bebê, Esperança. Os três estavam ainda acordados e o bebê chorava.

— Eragon! — exclamou Horst suavemente, quando Eragon se mostrou.
— Entre, entre! Desde Dras-Leona que não te vemos! Como está?

Eragon passou quase uma hora falando com eles — não lhes contou dos Eldunarís, mas falou-lhes da viagem a Vroengard — e, quando Esperança finalmente adormeceu, despediu-se, voltando a embrenhar-se na noite.

A seguir, procurou Jeod, que encontrou lendo pergaminhos à luz de uma vela, enquanto a sua mulher, Helen, dormia. Quando Eragon bateu e enfiou o rosto na tenda, o homem de rosto fino, coberto de cicatrizes, pôs os pergaminhos de parte e saiu da tenda para se reunir a Eragon.

Jeod lhe fez muitas perguntas e, embora Eragon não tivesse respondido a todas, revelou-lhe o suficiente para que ele percebesse muito do que estava prestes a acontecer.

Depois, Jeod pousou a mão sobre o ombro de Eragon.

— Não o invejo pela missão que te espera. Brom se orgulharia da sua coragem.

— Espero que sim.

— Tenho certeza... Se não voltar a te ver, quero que saiba que escrevi um pequeno relato das suas experiências e dos acontecimentos que conduziram a elas — especialmente as minhas aventuras com Brom enquanto tentávamos recuperar o ovo de Saphira. — Eragon olhou-o surpreso. — Posso não ter hipótese de o terminar, mas achei que seria um complemento útil ao trabalho de Heslant no Domia abr Wyrda.

Eragon deu uma gargalhada.

— Acho que isso faz todo o sentido, mas se ambos estivermos vivos e livres depois de amanhã, tenho umas coisas para te contar que tornarão o seu relato muito mais completo e muito mais interessante.

— Ficarei à espera que cumpra a sua palavra.

Eragon vagueou pelo acampamento durante mais uma hora, detendo-se junto das fogueiras onde via homens, anões e Urgals ainda acordados. Falou brevemente com todos os guerreiros que encontrou, perguntando-lhes se estavam sendo bem tratados, e demonstrou alguma empatia pelos seus pés doridos e as suas magras rações, trocando um ou dois gracejos com eles. Esperava que ao aparecer entre eles, os encorajasse, reforçando a sua

determinação e espalhando uma atmosfera de otimismo por todo o exército. Os Urgals mostravam-se mais animados; pareciam encantados com a batalha que se avizinhava e com a oportunidade de consagração que esta lhes proporcionaria.

Ele tinha também um outro propósito: espalhar falsas informações. Sempre que alguém o inquiria sobre o ataque a Urû'baen, dava a entender que ele e Saphira estariam entre o batalhão que iria montar o cerco na zona noroeste da cidade, na esperança que os espiões de Galbatorix repetissem essa mentira ao rei, logo que os alarmes despertassem Galbatorix na manhã seguinte.

Ao olhar para os rostos dos que o ouviam, Eragon não pôde deixar de se perguntar quais seriam os servos de Galbatorix, se é que estava lá algum. A ideia deixou-o desconfortável, dando consigo à escuta, na tentativa de ouvir passos atrás de si, sempre que se deslocava de uma fogueira para a outra.

Finalmente, quando reconheceu ter falado com um número suficiente de guerreiros para que a informação chegasse aos ouvidos de Galbatorix, abandonou as fogueiras e encaminhou-se para uma tenda ligeiramente separada das outras, no extremo sul do acampamento.

Tocou uma, duas, três vezes no poste central. Ao ver que não obtinha qualquer resposta voltou a bater, desta vez com mais força e durante mais tempo.

Momentos depois, ouviu um gemido sonolento e o restolhar de cobertores. Esperou pacientemente até que viu uma pequena mão afastar a pala de entrada e Elva surgiu da tenda. Usava um vestido escuro, demasiado grande para ela. Tinha o rosto pequeno e duro, debilmente iluminado por uma tocha que ardia a alguns metros dali, e ela lhe revelou a sobrançelha franzida.

— O que quer, Eragon? — perguntou ela, enfaticamente.

— Não consegue adivinhar?

Elva franziu ainda mais a sobrançelha.

— Não, a única coisa que sei é que não deve ser nada de bom para me acordar no meio da noite, algo que até um idiota perceberia. O que é? Não tenho tido grande descanso, por isso é bom que seja importante.

— E é.

Ele falou sem interrupções durante alguns minutos, descrevendo o seu plano e depois disse:

— Sem você não vai resultar. Você é o elemento chave.

Ela deu uma gargalhada horrível.

— Mas que ironia, o poderoso guerreiro incumbe uma criança de matar aquele que não consegue matar.

— Vais nos ajudar?

A menina olhou para baixo, esfregando o pé descalço no chão.

— Se o fizer, tudo isso — apontou para o acampamento e para a cidade mais adiante — poderá acabar muito mais cedo e a seguir não terá que suportar tanta...

— Eu ajudo. — Bateu com o pé no chão e olhou-o ferozmente. — Não precisa de me subornar. Fosse como fosse, eu iria ajudar. Não permitirei que Galbatorix destrua os Varden só porque não gosto de você. Você não é assim tão importante. Além disso, fiz uma promessa a Nasuada e tenciono cumpri-la. — Inclinou a cabeça. — Há algo que não está me contando. Algo que receia que Galbatorix descubra antes de o atacarmos. Algo acerca...

Um ruído metálico de correntes interrompeu-a.

Por instantes, Eragon ficou confuso, mas depois percebeu que o ruído vinha da cidade.

Levou a mão à espada.

— Prepare-se — disse ele a Elva. — Talvez tenhamos que partir de imediato.

A rapariga virou-se e desapareceu no interior da tenda, sem replicar.

Eragon projetou a mente e contactou Saphira.

Está a ouvindo isso?

Sim.

Nos encontraremos junto à estrada, se necessário.

O ruído metálico continuou a ouvir-se durante mais algum tempo e, depois, ouviu-se um estrondo cavo. A seguir se fez silêncio.

Eragon escutou o mais atentamente possível mas não ouviu mais nada. Estava prestes a lançar um feitiço para aumentar a sensibilidade auditiva, quando ouviu uma pancada seca, acompanhada de uma série de estalidos agudos.

Depois outra...

E outra ainda... Um arrepio de pavor percorreu sua a espinha. Era o ruído inconfundível de um dragão caminhando sobre pedra. Mas que dragão seria aquele para conseguir ouvir os seus passos a quase dois quilômetros de distância?

Shruikan, pensou ele, e o seu estômago contraiu-se de pavor.

Por todo o acampamento soaram cornetas a dar o alarme. Homens, anões e Urgals acenderam tochas e todo o exército acordou apavorado.

Eragon olhou de soslaio para Elva, que saía apressadamente da tenda, seguida de Greta, a sua velha tutora. A menina trazia uma túnica curta, vermelha, sobre a qual usava uma cota de malha exatamente do seu tamanho.

Os passos em Urû'baen cessaram. O volume sombrio do corpo do dragão encobria quase todas as lanternas e fogueiras de vigilância na cidade. *Será muito grande?* Perguntou Eragon para si, consternado. Era maior que Glaedr com toda a certeza. *Seria tão grande como Belgabad?* Ele não fazia ideia, por enquanto ainda não.

Depois o dragão saltou para fora da cidade, abrindo as suas gigantescas asas. Foi como se cem velas negras se enchessem de vento. Enquanto batia as asas, o ar agitava-se com um ruído semelhante a um trovão. Por toda a região soavam cães a uivar e galos a cacarejar.

Eragon agachou-se instintivamente, sentindo-se como um rato escondendo-se de uma águia.

Elva puxou-lhe pela bainha da túnica.

— É melhor irmos andando — disse ela.

— Espere — sussurrou ele. — Ainda não.

Grandes rastros de estrelas desapareciam enquanto Shruikan voava em círculos, subindo cada vez mais. Eragon tentou calcular o tamanho do dragão pelos contornos do seu corpo, mas a noite estava escura demais e à distância era difícil de determinar. Quaisquer que fossem as proporções exatas de Shruikan, ele era assustadoramente grande. Com cem anos de idade deveria ser menor, mas Galbatorix parecia ter acelerado o seu crescimento, tal como o de Thorn.

Ao observar a sombra a pairar lá no alto, Eragon rezou para que Galbatorix não estivesse com o dragão, ou se estivesse, que não se desse ao trabalho de examinar as mentes dos que estavam em baixo. Se o fizesse descobriria...

— Eldunarís — arquejou Elva. — É isso que você está escondendo! — Atrás dela, a tutora da menina franziu a sobrancelha, perplexa, e começou a fazer uma pergunta.

— Silêncio! — rosnou Eragon. Elva abriu a boca e ele tapou-a com a mão, silenciando-a. — Aqui não. Agora não — advertiu ele. Ela acenou com a cabeça e ele tirou a mão da sua boca.

Nesse mesmo instante um jato de fogo mais largo que o Rio Anora descreveu um arco no céu. Shruikan sacudia a cabeça para trás e para frente, espalhando uma torrente de chamas ofuscantes sobre o acampamento e sobre os campos ao redor, e um estrépito semelhante a uma ruidosa queda-de-água ecoou na noite. Eragon sentiu o calor arder-lhe no rosto, virado para cima. Depois as chamas evaporam-se como nevoeiro ao sol, deixando no ar uma imagem residual, palpitante, e um odor sulfuroso e fumarento.

O enorme dragão virou e bateu de novo as asas — sacudindo o ar —, e a sua silhueta negra e informe, voltou a descer em direção à cidade, pousando entre os edifícios. Seguiram-se passos e o ruído metálico das correntes e, finalmente, o estrondo ecoante de um portão a fechar-se pesadamente. Eragon voltou a respirar e engoliu, embora tivesse a garganta seca. O coração martelava seu peito com tanta força que doía. *Temos que combater... aquilo?* Pensou ele, sentindo todos os velhos medos regressarem.

— Porque é que ele não atacou? — perguntou Elva, baixinho, num tom amedrontado.

— Queria nos assustar — disse Eragon, franzindo a sobrancelha —, ou nos distrair. — Sondou as mentes dos Varden até encontrar Jörmundur, e

deu-lhe instruções para verificar se todas as sentinelas estavam ainda nos seus postos e para redobrar o número de homens, durante o resto da noite. Depois, dirigindo-se a Elva, disse:

— Conseguiu sentir alguma coisa em Shruikan?

A menina estremeceu.

— Dor, uma grande dor, e raiva também. Se pudesse mataria todas as criaturas que encontrasse e queimaria todas as plantas até que não restasse mais nenhuma. Está completamente louco.

— Não haverá forma de o contatar?

— Nenhuma. Libertá-lo do seu sofrimento, seria o gesto mais caridoso.

Essa evidência entristeceu-o, pois sempre esperara que pudessem salvar Shruikan das garras de Galbatorix. Dando-se por vencido, Eragon disse:

— É melhor irmos andando. Está pronta?

Elva explicou à sua tutora que ia partir, o que desagradou à velhota, mas Elva tranquilizou-a proferindo rapidamente algumas palavras. Eragon ficava sempre impressionado — e perturbado — com o poder que a menina tinha para sondar o coração dos outros.

Logo que Greta lhe deu o seu consentimento, Eragon ocultou a ambos com magia e partiram juntos em direção à colina onde Saphira os esperava.

Da Muralha às Entranhas



em mesmo que fazer isso? — perguntou Elva.

Eragon parou, enquanto verificava os arreios da sela de Saphira, olhando para a menina, sentada na relva, de pernas cruzadas, brincando com os elos da túnica de cota de malha.

— O quê? — perguntou ele.

Ela bateu levemente no lábio com uma pequena unha pontiaguda.

— Está sempre mordendo a boca por dentro. É incomodativo. — E, depois de alguns instantes de reflexão, acrescentou. — É nojento.

Ele verificou, com alguma surpresa que mordera o interior da bochecha esquerda até esta ficar com várias feridas ensanguentadas.

— Desculpe — disse ele, sarando as feridas com um feitiço rápido.

Passara as últimas horas da noite meditando — sem pensar no que estava para vir, nem no que passara, apenas no momento: o toque fresco da brisa na pele, a sensação do chão por baixo dos pés, o fluxo constante da respiração e a batida lenta do coração, assinalando os momentos que lhe restavam de vida.

Mas agora Aidail, a estrela da manhã, erguera-se a leste, anunciando a chegada da alvorada, e era altura de se prepararem para a batalha. Eragon examinara o seu equipamento centímetro por centímetro, ajustara os arreios da sela até ficarem perfeitamente confortáveis para Saphira, tirara tudo dos alforjes, exceto o baú que continha o Eldunari e Glaedr, e o cobertor que o envolvia, prendendo e desprendendo o cinto da espada pelo menos cinco vezes.

Finalmente, examinou os arreios da sela e saltou do dorso de Saphira.

— Levante-se! — disse ele. Elva olhou-o com um ar contrariado, mas fez o que ele lhe disse, sacudindo a relva da túnica. Num movimento rápido, ele passou-lhe as mãos pelos ombros finos, puxando-a pelas extremidades da

cota de malha para ter a certeza de que esta estava bem ajustada ao seu corpo.

— Quem fez isto?

— Dois irmãos anões, encantadores, chamados Êmar e Ulmar. — Surgiram-lhe duas covinhas nas faces, ao sorrir para ele. — Eles achavam que não ia precisar dela, mas eu fui muito persuasiva.

Tenho certeza disso, disse Saphira a Eragon. Ele conteve um sorriso. A menina passara uma boa parte da noite falando com os dragões, seduzindo-os como só ela era capaz. Contudo, Eragon percebeu que eles também a temiam — mesmo os mais velhos, como Valdr —, pois não tinham defesas contra o poder de Elva. Ninguém tinha.

— E Êmar e Ulmar te deram alguma espada para lutar? — perguntou Eragon.

Elva franziu a sobrancelha.

— Para que precisaria disso?

Ele olhou-a por instantes e depois foi buscar a velha faca de caça, que usava para comer, e mandou-a atá-la à cintura com uma tira de couro.

— Pelo sim, pelo não... — disse, ao ouvi-la protestar. — Agora, comece a subir.

Ela subiu obedientemente para as costas, prendendo os braços em volta do seu pescoço. Levava-a até à colina dessa forma, o que fora um pouco desconfortável para ambos, mas ela não conseguia acompanhar o seu passo, a pé.

Eragon subiu cuidadosamente pelo flanco de Saphira, até ao meio dos seu dorso. Ao agarrar-se a um dos espinhos salientes do pescoço, torceu-se para que Elva conseguisse passar para cima da sela. Logo que se libertou do peso da menina, Eragon voltou a saltar para o chão. Ao lançar o escudo, ele teve que correr para frente, de braços abertos, pois este quase que a derrubava do dorso de Saphira.

— Apanhaste-o? — perguntou ele.

— Sim — respondeu ela, puxando o escudo para cima do colo.

Depois o enxotou com uma mão, dizendo:

— Vai, vai!

Segurando no pomo de Brisingr, para que a espada não se metesse entre as pernas, Eragon correu para o topo da colina e assentou o joelho no chão, abaixando-se tanto quanto possível. Atrás de si, Saphira rastejou até o meio do declive e deitou-se, alongando o pescoço por entre a relva até ficar com a cabeça junto dele para ambos conseguirem ver o mesmo.

Uma coluna cerrada de humanos, anões, elfos, Urgals e meninos-gato saía do acampamento dos Varden. Sob a luz mortiça e acinzentada do amanhecer, era difícil distingui-los, muito menos sem lanternas. A coluna descia os campos em declive, em direção a Urû'baen, e logo que os guerreiros ficaram a uns oitocentos metros da cidade, dividiu-se em três linhas. Uma posicionou-se diante do portão da frente, outra virou para a zona sudeste da muralha exterior e outra para noroeste.

O último grupo era o que Eragon dera a entender que ele e Saphira iriam acompanhar.

Os guerreiros levavam panos presos nos pés e nas armas e falavam em surdina. Ainda assim, Eragon ouvia de vez em quando um burro zurrando, um cavalo relinchando e vários cães ladrando ao movimento. Os soldados nas muralhas, em breve, iriam aperceber-se do movimento — muito provavelmente quando os guerreiros comessem a mover as catapultas, balistas e as torres de cerco que os Varden já tinham montado e posicionado nos campos em frente à cidade.

Eragon estava impressionado pelo fato dos homens, anões e Urgals ainda estarem dispostos a marchar para a batalha, depois de verem Shruikan. *Devem ter muita fé em nós*, disse ele a Saphira. Ele sentia o peso dessa responsabilidade e tinha a plena consciência que poucos guerreiros iriam sobreviver, se ele e os que estavam consigo falhassem.

Sim, mas se Shruikan voltar a voar aqui para fora, vão fugir em debandada como ratos assustados.

Então, o melhor é não permitirmos que isso aconteça.

Ouviu-se o toque de um corno em Urû'baen, depois um segundo e um terceiro, e começaram a aparecer luzes por toda a cidade, à medida que as lanternas e as tochas se acendiam.

— Aqui vamos nós — murmurou Eragon, sentindo a pulsação acelerar.

Assim que o alarme foi dado, os Varden abandonaram todos os seus esforços para manter a presença em segredo. A leste, um grupo de elfos a cavalo partiu a galope em direção à colina que protegia a cidade, planejando subir a encosta e atacar a muralha, ao cimo da enorme saliência que se erguia sobre Urû'baen.

No centro do acampamento praticamente deserto dos Varden, Eragon viu o que parecia ser a forma cintilante de Saphira. Uma figura solitária — cujas feições sabia serem uma réplica perfeita das suas — vinha sentada sobre o dorso da miragem, empunhando uma espada e um escudo.

A réplica de Saphira ergueu a cabeça, abriu as asas e levantou voo com um rugido sonoro.

Cumprem bem o seu papel, não acha? Disse ele a Saphira.

Os elfos têm um bom entendimento sobre a aparência e o comportamento dos dragões... ao contrário de alguns humanos.

O espectro de Saphira aterrisou junto do grupo, mais a norte, embora Eragon reparasse que os elfos tentavam mantê-la distante dos homens e dos anões, para que estes não roçassem nela e percebessem que era tão insubstancial como o arco-íris.

O céu começava a aclarar à medida que os Varden e os seus aliados se dispunham em formações ordenadas, em cada uma das três posições, do exterior das muralhas. Dentro da cidade, os soldados de Galbatorix continuavam se preparando para o assalto, mas era óbvio que estavam apavorados e desorganizados, correndo pelas ameias. No entanto, Eragon sabia que aquela confusão não duraria muito.

Agora, pensou ele. Agora! Não espere mais. Passou os olhos pelos edifícios, em busca do menor sinal de vermelho, mas não viu nada. *Onde está você, raios? Mostre-se!*

Ouviram-se mais três toques de cornos — desta vez dos Varden. Seguiu-se um alarido de vozes e gritos, e as máquinas de guerra dos Varden começaram a lançar os seus projéteis sobre a cidade. Os arqueiros dispararam rajadas de flechas, e as fileiras de guerreiros destroçaram-se, avançando na direção da muralha, aparentemente impenetrável.

As pedras, os dardos e as flechas pareciam mover-se lentamente, ao descreverem arcos sobre o terreno que separava o exército da cidade. Nenhum dos projéteis atingiu a muralha exterior. Seria inútil tentar derrubá-

la, por isso os homens que manobravam as máquinas apontaram para cima e para lá das muralhas. Algumas das pedras estilhaçaram-se ao bater em Urû'baen, projetando fragmentos, aguçados como adagas, em todas as direções, enquanto outras abalroavam os edifícios e saltitavam pelas ruas como berlindes gigantes.

Eragon pensou como seria horrível acordar no meio daquela confusão, com grandes pedaços de pedra a choverem do ar. Depois a atividade num outro ponto chamou a sua atenção, ao aperceber-se de que o espectro de Saphira levantava voo sobre os guerreiros que corriam. Batendo três vezes as asas, o espectro trepou a muralha, banhando as ameias com uma língua de fogo, que Eragon achou mais clara do que o normal. O fogo era real e fora conjurado pelos elfos que estavam perto da secção norte da muralha, os mesmos que o tinham criado e que sustinham a ilusão.

A aparição de Saphira voava para trás e para frente, na mesma extensão da muralha, para afugentar os soldados. Logo que conseguiram, um grupo de vinte e poucos elfos voaram do exterior da cidade, até o topo de uma das torres da muralha, para poderem continuar a vigiar a aparição, à medida que esta avançava para o interior de Urû'baen.

Se Murtagh e Thorn não se mostrarem em breve, eles vão começar a interrogar-se por que motivo não atacamos as outras partes da muralha, disse ele a Saphira.

Vão pensar que estamos protegendo os guerreiros que tentam entrar por essa parte, respondeu ela. Dê tempo ao tempo.

Em outros pontos da muralha, os soldados disparavam flechas e azagaias sobre o exército, em baixo, atingindo dúzias de soldados dos Varden. As mortes eram inevitáveis, mas Eragon lamentava-as de qualquer modo, pois os ataques dos guerreiros eram apenas uma distração. Tinham poucas hipóteses de conseguir dominar as defesas da cidade. Entretanto as torres de cerco aproximavam-se ruidosamente. Rajadas de flechas cruzavam-se entre os níveis superiores e os homens nas ameias. Um regato fervente de pez, vindo de cima, precipitou-se sobre a beira da saliência e desapareceu entre os edifícios, em baixo. Eragon olhou para cima e viu clarões de luz, ao cimo da muralha que protegia a beira do precipício e, logo a seguir, distinguiu quatro corpos que caíam pela encosta, precipitando-se em direção ao chão como bonecos de trapos. Aquela visão agradou-lhe, pois significava que os elfos tinham tomado a muralha superior.

O espectro de Saphira descreveu um círculo sobre a cidade, incendiando vários edifícios. Ao fazê-lo, um grupo de arqueiros posicionados sobre um telhado próximo dispararam uma rajada de flechas. A aparição desviou-se para evitar os projéteis e, aparentemente por acidente, bateu contra uma das seis torres verdes dos elfos, dispersas por Urû'baen.

A colisão pareceu perfeitamente real e Eragon se encolheu, compadecido, ao ver a asa esquerda do dragão partir-se contra a torre. Os ossos estalaram como caules de erva seca. A réplica de Saphira rugiu e debateu-se, caindo para as ruas em espiral. Depois disso, os edifícios esconderam-na, mas os seus rugidos ouviam-se a quilômetros de distância e as chamas que parecia projetar tingiam as partes laterais das casas, iluminando o teto da saliência de pedra, suspensa sobre a cidade.

Eu nunca teria sido tão desastrada, disse Saphira, fungando.

Eu sei.

Passou um minuto. A tensão dentro de Eragon estava atingindo um nível quase insuportável.

— Onde estão eles? — rosnou ele, cerrando os punhos. A probabilidade de os soldados descobrirem que o dragão que julgavam ter abatido, na verdade não existia, aumentava a cada segundo.

Foi Saphira que os viu primeiro.

Ali, disse ela, indicando mentalmente o local.

Thorn mergulhou de uma abertura escondida no interior da saliência, como uma lâmina de rubi, caída dos céus. Deixou-se cair a direito durante quase cem metros e, depois, abriu as asas apenas o suficiente para abrandar para uma velocidade segura, aterrissando numa praça, perto do local onde o espectro de Saphira tinha caído.

Eragon julgou ver Murtagh no dragão vermelho mas a distância era demasiada grande para ter a certeza.

Teriam de esperar que fosse Murtagh, porque se fosse Galbatorix, o seu plano estaria certamente condenado ao fracasso.

Deve haver túneis na pedra, disse ele a Saphira.

Mais fogo de dragão irrompeu por entre os edifícios. Depois, a aparição de Saphira saltou sobre os telhados e esvoaçou brevemente, como um pássaro com uma asa ferida, voltando a mergulhar em direção ao chão, seguida de Thorn.

Eragon não quis ver mais.

Deu meia-volta, correu ao longo do pescoço de Saphira e atirou-se para cima da sela, atrás de Elva. Demorou apenas alguns segundos a enfiar as pernas nas correias e a prender duas de cada lado, deixando as restantes soltas. Mais tarde só iriam empatá-lo. A correia de cima prendia também as pernas de Elva.

Proferindo, de imediato, as palavras, Eragon lançou um feitiço para ocultar os três e, quando a magia produziu efeito, experimentou a habitual sensação de desorientação, enquanto o seu corpo desaparecia. Era como se estivesse flutuando alguns metros acima de um padrão escuro, em forma de dragão, prensado nas plantas da colina.

Mal terminou o feitiço, Saphira atirou-se para a frente, saltando do topo da colina e batendo as asas energicamente, para tentar ganhar altitude.

— Não é lá muito confortável, não é? — disse Elva, quando Eragon lhe tirou o escudo.

— Não, nem sempre! — respondeu ele, levantando a voz para se fazer ouvir sobre o ruído do vento.

Em algum lugar em sua mente, conseguia sentir Glaedr e Umaroth e os outros Eldunarís a observarem, enquanto Saphira se inclinava para baixo, mergulhando em direção ao acampamento dos Varden.

Agora, consumaremos a nossa vingança, disse Glaedr.

Saphira começou a ganhar velocidade e Eragon dobrou-se sobre Elva. Ao centro do acampamento viu Blödhgarm com os seus doze feiticeiros e Arya — que tinha a Dauthdaert. Cada um trazia um pedaço de corda de nove metros de comprimento, amarrado à volta do peito, por baixo dos braços. Todas as cordas estavam presas a um tronco tão grosso como a coxa de Eragon e do comprimento de um Urgal adulto.

Quando Saphira desceu em direção ao acampamento, Eragon fez sinal com a mente e dois elfos atiraram o tronco ao ar. Saphira apanhou-o entre as garras e os elfos saltaram. Momentos depois, Eragon sentiu uma sacudidela e

Saphira afundou-se no ar, absorvendo o peso. Através do corpo dela, Eragon viu os elfos, as cordas e o tronco desaparecerem, depois destes lançarem um feitiço de invisibilidade, tal como ele próprio fizera.

Saphira bateu as asas poderosamente e subiu cerca de trezentos metros acima do solo, o suficiente para que os elfos pudessem passar facilmente por cima das muralhas e edifícios da cidade.

À sua esquerda, Eragon viu primeiro Thorn e depois o espectro de Saphira, enquanto estes se perseguiam um ao outro, a pé, na parte norte da cidade. Os elfos que controlavam a aparição tentavam manter Murtagh e Thorn tão ocupados quanto possível, para que nenhum tivesse a hipótese de a atacar mentalmente. Se o fizessem ou se apanhassem a aparição, depressa iriam perceber que tinham sido enganados.

Só mais uns minutos, pensou Eragon.

Saphira voou sobre os campos, sobre as catapultas, com os seus dedicados operadores, sobre as fileiras de arqueiros com as flechas enterradas no chão, diante deles, como tufos de juncos de pontas brancas, sobre uma torre de cerco, e sobre guerreiros a pé — homens, anões e Urgals — escondidos debaixo dos seus escudos, que corriam com escadas, em direção à muralha exterior. Entre eles estavam elfos altos e esguios, de elmos cintilantes, lanças de pontas alongadas e longas espadas.

Saphira sobrevoou a muralha e Eragon sentiu uma estranha ferroadada. Ela reapareceu por baixo do seu corpo e Eragon deu consigo a olhar para a nuca de Elva, deduzindo que Arya e os outros elfos, suspensos por baixo deles, também se tinham tornado visíveis. Praguejando entredentes, Eragon quebrou o feitiço que os escondia. Aparentemente, as proteções de Galbatorix não permitiria que eles entrassem na cidade sem serem vistos. Saphira acelerou o voo em direção ao gigantesco portão da cidadela. Em baixo, Eragon ouviu gritos de pavor e de perplexidade, mas não lhes prestou atenção. Era com Murtagh e Thorn que ele estava preocupado e não com os soldados.

Recolhendo as asas, Saphira mergulhou em direção ao portão e, quando parecia que iria embater contra ele, virou e empinou, batendo as asas no sentido inverso, para abrandar. Ao imobilizar-se quase por completo no ar, deixou-se flutuar no sentido descendente até pousar os Elfos em segurança, no chão. Assim que estes se desembaraçaram das cordas e desimpediram o caminho, Saphira aterrisou no pátio em frente do portão, sacudindo Eragon e Elva com a força do impacto.

Eragon soltou as fivelas das correias que prendiam ele e Elva à sela, ajudando depois a menina a sair do dorso de Saphira. Ambos correram atrás dos elfos, em direção ao portão.

A entrada da cidadela tinha duas gigantescas portas negras, que se uniam no cimo. Pareciam feitas de ferro maciço e tinham centenas, senão milhares de rebites pontiagudos, cada um do tamanho da cabeça de Eragon. A visão era assustadora. Eragon não conseguia imaginar uma entrada menos apetecível.

De lança em punho, Arya correu para o pequeno portal de saída, montado na porta do lado esquerdo, do qual se distinguia apenas uma linha de união escura que demarcava um retângulo, que mal permitia a passagem de um homem. Dentro do retângulo havia uma tira horizontal de metal, com cerca de três dedos de largura, e o triplo do comprimento, ligeiramente mais clara que o resto da porta.

Quando Arya se aproximou da porta, a tira afundou-se cerca de um centímetro, deslizando depois para o lado, com um rangido ferrugento. Dois olhos, semelhantes aos de uma coruja, espreitaram do interior sombrio.

— Quem é você? — perguntou uma voz altiva. — Diga o que quer ou vá embora!

Arya enfiou de imediato Dauthdaert através da ranhura. Ouviu-se um gorgolejo no interior e Eragon distinguiu o ruído de um corpo caindo.

Arya recolheu a lança, sacudindo sangue e os pedaços de carne da lâmina serrilhada. Depois agarrou no cabo da arma com ambas as mãos e encaixou a ponta na linha de união do lado direito do portal de saída, dizendo:

— Verma!

Eragon franziu os olhos e virou-se para o lado ao ver uma chama intensa, azul, surgir entre a lança e o portão. Sentia o calor mesmo a vários metros de distância.

Com o rosto desfigurado do esforço, Arya enterrou a lâmina da lança no interior do portão, cortando lentamente o aço. Faíscas e pingos de metal fundido escorriam por baixo da lâmina, deslizando pelo chão pavimentado, como gordura numa panela quente. Eragon e os outros foram obrigados a recuar.

Enquanto ela trabalhava, Eragon olhou de relance na direção de Thorn e do espectro de Saphira. Não conseguia vê-los, mas continuava a ouvir os rugidos e o estrondo da alvenaria se partindo.

Elva deixou-se cair contra ele. Ao baixar os olhos, Eragon percebeu que ela tremia e suava, como se estivesse febril, e ajoelhou-se junto dela.

— Quer que eu te leve no colo?

Ela abanou a cabeça.

— Ficarei melhor logo que estivermos lá dentro e longe... daquilo. — Apontou na direção da batalha.

Eragon viu uma série de pessoas a observá-los, junto do pátio, no espaço entre as casas. Não pareciam soldados. *Importa-se de os afugentar?* Pediu ele a Saphira. Ela virou a cabeça, deixando escapar um rosnado baixo e os espectadores fugiram de imediato.

Quando a fonte de faíscas e metal incandescente cessou, Arya deu três pontapés na porta de saída e esta caiu em cima do corpo do guarda do portão. Instantes depois, um cheiro de lã e pele queimada impregnou o ar.

Empunhando ainda a Dauthdaert, Arya passou através do portal escuro e Eragon conteve a respiração. Quaisquer que fossem os feitiços que Galbatorix tivesse lançado na cidadela, a Dauthdaert deveria permitir passá-los incólumes, tal como possibilitara abrir o portal de saída. Mas, havia sempre a hipótese do rei ter lançado um feitiço que a Dauthdaert não pudesse neutralizar.

Para seu alívio, nada aconteceu quando Arya entrou na cidadela. Depois, um grupo de vinte soldados correu na direção dela, de pique em riste. Eragon desembainhou Brisingr e correu para o portal de saída, mas não se atreveu a atravessá-lo e a entrar na cidadela, para se reunir a ela, pelo menos naquele momento.

Empunhando a lança com a mesma eficiência que a espada, Arya abriu caminho por entre os homens, eliminando-os com uma rapidez impressionante.

— Porque não a avisou? — exclamou Eragon, sem tirar os olhos do combate.

Elva reuniu-se a ele junto da abertura do portão.

— Porque eles não vão fazer mal a ela.

As suas palavras revelaram-se proféticas e nenhum dos soldados conseguiu atingi-la. Os dois últimos homens tentaram fugir, mas Arya correu atrás deles e matou-os antes que conseguissem afastar-se mais de dez metros, no imenso corredor, que parecia ainda maior que os quatro corredores principais de Tronjheim.

Depois de matar os quatro soldados, Arya arrastou os corpos para o lado, desimpedindo o caminho até o portal da entrada. A seguir, percorreu cerca de doze metros do corredor, pousou a Dauthdaert no chão e fê-la deslizar até junto de Eragon.

Ao largar a lança contraiu o corpo, como se esperasse ser atingida, mas qualquer que fosse o tipo de magia ali presente, não pareceu afetá-la.

— Sente alguma coisa? — perguntou Eragon. A sua voz ecoou no interior do corredor.

Ela abanou a cabeça.

— Desde que fiquemos longe do portão, estaremos em segurança.

Eragon entregou a lança a Blödhgarm, que a agarrou e entrou pelo portal de saída. Juntos, Arya e o elfo coberto de pelo, entraram nas salas, de ambos os lados do portão, manipulando os mecanismos ocultos para o abrir, uma tarefa impossível para igual número de humanos.

O ruído das correntes ecoou no ar e as gigantescas portas de ferro se abriram lentamente.

Logo que a porta se abriu o suficiente para Saphira entrar, Eragon gritou:

— Parem! — E as portas rangeram e imobilizaram-se.

Blödhgarm saiu da sala da direita e entregou a Dauthdeart a outro elfo, tendo o cuidado de se manter a uma distância segura da entrada.

E assim entraram na cidadela, um por um. Quando apenas Eragon, Elva e Saphira estavam lá fora, um terrível rugido ecoou na parte norte da cidade e, por instantes, o silêncio abateu-se por toda a cidade.

— Eles descobriram o nosso embuste — gritou o elfo Uthinarë, atirando a lança a Eragon. — Despache-se, Argetlam!

— Você vai em seguida — disse Eragon, passando a Dauthdaert a Elva.

Aninhando-a nos braços, Elva correu para junto dos elfos, atirando depois a lança a Eragon, que a agarrou e correu pela entrada. Quando se virou, ficou alarmado ao ver Thorn erguer-se sobre os edifícios no lado oposto da cidade. Eragon baixou-se sobre um joelho, pousou a Dauthdaert no chão e fê-la rolar na direção de Saphira.

— Depressa! — gritou ele.

Saphira perdeu alguns segundos a remexer na lança, tentando agarrá-la com a ponta das mandíbulas. Por fim, conseguiu prendê-la entre os dentes, saltando para o interior do gigantesco corredor, coberto de corpos de soldados.

Thorn rugiu à distância e bateu furiosamente as asas, voando velozmente na direção da cidadela.

Arya e Blödhgarm lançaram um feitiço, recitando-o em uníssono. Ouvia-se um matraquear ensurdecido no interior das muralhas de pedra, e as portas de ferro fecharam-se três vezes mais depressa do que tinham aberto. O estrondo foi tão grande que Eragon o sentiu através dos pés. Uma barra de metal, com noventa centímetros de espessura e quase dois metros de largura, deslizou do interior de cada parede, encaixando-se nos suportes presos no interior das portas, trancando-as.

— Isso deve contê-los durante algum tempo — disse Arya.

— Não por muito tempo — comentou Eragon, olhando para o portal de saída, aberto.

Depois viraram-se para verem o que tinham diante de si.

Eragon calculava que o corredor tivesse uns quatrocentos metros, conduzindo-os às profundezas da colina, atrás de Urû'baen. Ao fundo do corredor havia mais um conjunto de portas, tão grandes como as primeiras, folheadas a ouro trabalhado, que brilhava maravilhosamente à luz das lanternas sem chama, instaladas ao longo das paredes, em intervalos regulares. De ambos os lados, viam-se dúzias de corredores menores, mas nenhum suficientemente grande para Shruikan, embora Saphira coubesse em muitos deles. Pendurados nas paredes, de trinta em trinta metros, havia estandartes vermelhos, bordados com os contornos da chama ondulante que Galbatorix usava como insígnia. Mas, tirando isso, o corredor estava vazio.

As dimensões do corredor eram assustadoras e o fato de estar vazio deixava Eragon ainda mais nervoso. Ele deduziu que a sala do trono estivesse do outro lado das portas douradas, mas calculou que não fosse tão fácil de alcançar como parecia. Mesmo que Galbatorix não fosse tão engenhoso como constava, teria espalhado dúzias, senão centenas de armadilhas pelo corredor.

Eragon achava intrigante que o rei ainda não os tivesse atacado e não sentia o toque de qualquer mente a não ser a de Saphira e dos seus companheiros. No entanto, ele estava plenamente consciente de que se encontravam muito perto do rei. Toda a cidadela parecia observá-los.

— Ele deve saber que nós estamos aqui — disse Eragon. — Todos nós.—

Então é melhor apressarmo-nos — disse Arya, tirando a Dauthdaert da boca de Saphira. A arma estava coberta de saliva.

— Thurra — disse Arya e a baba escorreu para o chão.

Atrás deles, no exterior do portão de ferro, Thorn aterrisou no pátio com um estrondo enorme. Ouviu-se um rugido de frustração e, depois, algo pesado atingiu o portão e as paredes trepidaram com o ruído. Arya correu para a frente do grupo e Elva reuniu-se a ela. A menina de cabelo escuro colocou a mão sobre o cabo da lança — beneficiando-a também do seu poder protetor — e ambas começaram a andar, percorrendo apressadamente o longo corredor e embrenhando-se cada vez mais no covil de Galbatorix.

Rebenta a Tempestade

E stá na hora, meu capitão.

Roran abriu os olhos e acenou com a cabeça ao rapaz que tinha espreitado na tenda com a lanterna. O rapaz afastou-se apressadamente e Roran debruçou-se sobre Katrina, beijou-a na face e ela retribuiu com outro beijo. Nenhum dos dois conseguira dormir.

Levantaram-se e vestiram-se. Ela despachou-se primeiro, visto que ele demorava mais tempo a colocar a armadura e as armas. Ao calçar as luvas, ela deu-lhe uma fatia de pão, um pedaço de queijo e uma caneca de chá morno. Ele ignorou o pão, deu uma dentada no queijo e bebeu a caneca de chá de uma só vez.

Abraçaram-se durante um momento e ele disse:

— Se for uma menina, de a ela um nome feroz.

— E se for um rapaz?

— A mesma coisa. Seja rapaz ou moça terá que ser forte para sobreviver neste mundo.

— Darei, prometo. — Largaram-se e ela olhou-o nos olhos. — Luta bem, marido.

Ele acenou com a cabeça, virou-se e saiu, antes que perdesse a compostura.

Os homens sob as suas ordens reuniam-se na entrada norte do acampamento, quando Roran se juntou a eles. A única luz que tinham provinha da tênue claridade do céu e das tochas colocadas ao longo do baluarte exterior. Sob aquela luz mortiça e tremula, os guerreiros assemelhavam-se a uma manada lenta de animais estranhos e ameaçadores.

As suas fileiras contavam com um elevado número de Urgals, incluindo alguns Kull. O seu batalhão continha mais criaturas dessas do que a maioria, visto que Nasuada acreditava que eles seguiriam mais facilmente as suas ordens do que as de qualquer outra pessoa. Eram os Urgals que

transportavam as longas escadas de cerco que seriam utilizadas para treparem às muralhas da cidade.

Havia também uma série de elfos entre os homens. Grande parte dos elementos da sua espécie lutariam sozinhos, mas a rainha Islanzadí autorizara alguns a servirem no exército dos Varden, como proteção contra os ataques dos feiticeiros de Galbatorix.

Roran deu as boas-vindas aos elfos e perdeu algum tempo a perguntar o nome a cada um. Eles responderam educadamente, mas Roran ficou com a sensação que não o tinham em grande conta. Tudo bem. Ele também não morria de amores por eles. Havia algo que não lhe inspirava confiança. Eram muito distantes, muito experientes e, acima de tudo, muito diferentes. Os anões e os Urgals ele até conseguia entender, mas não os elfos. Não fazia ideia do que estavam pensando, e isso incomodava-o.

— Saudações, Martelo Forte — disse Nar Garzhgov, num sussurro que se ouviu a trinta passos. — Hoje conquistaremos grande glória para as nossas tribos!

— Sim hoje conquistaremos grande glória para as nossas tribos! — anuiu Roran, continuando a andar. Os homens estavam nervosos. Alguns dos guerreiros mais jovens pareciam doentes — e estavam mesmo, o que já era se de esperar —, mas os mais velhos pareciam tensos, irritados, ora demasiado falantes, ora demasiado calados. O motivo era óbvio: Shruikan. Roran pouco podia fazer para os ajudar a não ser esconder os próprios medos e esperar que os homens não perdessem a coragem.

A expectativa que todos eles sentiam, incluindo o próprio Roran, era terrível. Tinham feito muitos sacrifícios para chegar até ali e não eram apenas as suas vidas que estavam em risco na batalha que se avizinhava, mas também o bem-estar das suas famílias e descendentes, bem como o futuro da própria terra. As batalhas anteriores tinham sido igualmente angustiantes, mas aquela era a batalha final. Aquela era o fim de tudo. De uma forma ou de outra, não se travariam mais confrontos com o Império depois daquele dia.

A ideia nem parecia real. Nunca mais teriam hipótese de matar Galbatorix. Embora a ideia de o enfrentar parecesse excelente em conversa, a altas horas da noite; agora que o momento estava prestes a chegar, essa possibilidade revelava-se aterradora.

Roran procurou Horst e os outros aldeões de Carvahall, descobrindo que estes formavam um núcleo dentro do batalhão. Birgit estava entre eles, empunhando um machado aparentemente acabado de amolar. Roran cumprimentou-a de escudo erguido, como quem levanta uma caneca de cerveja. Ela retribuiu o gesto e Roran sorriu sombriamente.

Os guerreiros tinham abafado os pés e as botas com panos, e aguardavam ordens para seguirem.

A ordem depressa chegou e eles marcharam para fora do acampamento, fazendo o possível para evitar qualquer barulho com as armas e com as armaduras. Roran conduziu os guerreiros ao longo dos campos até à respectiva posição, diante do portão da frente de Urû'baen. Aí reuniram-se a dois outros batalhões, um deles comandado pelo seu antigo comandante, Martland Barba Ruiva, e outro por Jörmundur.

Pouco depois, o alarme fez-se ouvir em Urû'baen, por isso tiraram os panos das armas e dos pés, e prepararam-se para atacar. Alguns minutos depois, o som dos cornos dos Varden deram o sinal para avançar e eles partiram correndo, em direção à imensa muralha da cidade.

Roran assumiu um lugar na frente do ataque. Era a maneira mais fácil de morrer, mas os homens precisavam de o ver enfrentar corajosamente os mesmos perigos. Roran esperava que isso os enrijecesse, impedindo-os de destroçar ao primeiro sinal de oposição. Fosse como fosse, Urû'baen não seria fácil de conquistar, disse ele tinha a certeza.

Passaram a correr por uma das torres de cerco, cujas rodas tinham mais de seis metros de altura e rangiam como dobradiças ferrugentas, entrando em terreno aberto. Flechas e azagaias choviam sobre eles, disparadas pelos soldados que se encontravam ao cimo das muralhas.

Os elfos gritaram na sua estranha língua e Roran viu muitas das flechas e lanças virarem-se e enterrarem-se inofensivamente na terra, sob a luz tênue do amanhecer. Mas nem todas. Um homem atrás dele soltou um grito desesperado e Roran ouviu o estrépito de armaduras, enquanto homens e Urgals se desviavam para não pisarem o guerreiro caído. Roran não olhou para trás e nenhum abrandou a corrida em direção às muralhas.

Uma flecha atingiu o escudo que Roran segurava por cima cabeça, mas ele mal sentiu o impacto.

Quando chegaram à muralha, ele desviou-se, gritando:

— Escadas! Deixem passar as escadas!

Os homens afastaram-se, para que os Urgals que transportavam as escadas pudessem avançar. As escadas eram tão compridas que os Kull tiveram de usar postes feitos de troncos, amarrados uns aos outros, para as erguer. Logo que as escadas tocaram na muralha, vergaram-se sob o seu próprio peso, e a parte de cima, encostada à muralha, deslizou de um lado para o outro, como se estivessem prestes a cair.

Roran abriu caminho por entre os homens, agarrando no braço de um dos elfos, Othíara. Ela olhou-o furiosa, mas ele ignorou o seu olhar.

— Mantenham as escadas no lugar! — gritou ele. — Não deixem que os soldados as empurrem!

Ela acenou com a cabeça e começou a cantar na língua antiga, tal como os outros elfos.

Roran virou-se e encaminhou-se apressadamente para a muralha. Um dos homens já subia a escada mais próxima, mas Roran agarrou-o pelo cinto, puxando-o para baixo.

— Eu vou subir primeiro — disse ele.

— Martelo Forte!

Roran pendurou o escudo às costas e começou a subir, com o martelo na mão. Nunca apreciara as alturas e, à medida que os homens e os Urgals ficavam menores, por baixo de si, ele sentia-se mais desconfortável. A sensação piorou ao alcançar a parte da escada que estava encostada à parede, pois já não podia agarrar-se aos degraus, nem apoiar convenientemente os pés — apenas os primeiros centímetros das botas cabiam sobre os troncos de árvore —, obrigando-o a avançar com mais cuidado para não escorregar.

Uma lança passou tão perto que ele sentiu a deslocação de ar na sua face.

Praguejou e continuou a subir.

Estava a menos de noventa centímetros das ameias, quando um soldado de olhos azuis se debruçou sobre a muralha, olhando-o diretamente.

— Bah! — gritou Roran, e o soldado encolheu-se e recuou. Antes que o homem tivesse tempo para recuperar, Roran subiu os últimos degraus e saltou sobre as ameias, aterrissando no passadiço no topo da muralha.

O soldado que ele tinha assustado estava a pouco mais de um metro de si, com uma espada curta de arqueiro. O homem tinha a cabeça virada para o lado, gritando com um grupo de soldados que estava mais adiante, na muralha.

Roran trazia o escudo às costas e tentou golpear o pulso do homem com o martelo. Sabia que teria dificuldade em defender-se de um espadachim bem treinado, sem o escudo, por isso o caminho mais seguro era desarmar o seu adversário o mais rapidamente possível.

O soldado percebeu o que ele pretendia fazer e aparou o ataque, golpeando Roran na barriga.

Ou melhor, tentou, pois os feitiços de Eragon detiveram a ponta da espada a dez centímetros da barriga de Roran. Ele roncou surpreso e desarmou-o, esmagando sua cabeça com três golpes rápidos.

Voltou a praguejar. Era um mau começo.

Ao cimo da muralha, e ao fundo, outros guerreiros dos Varden tentavam subir as escadas para saltar a muralha, mas poucos conseguiram. Grupos de soldados esperavam-nos ao cimo de quase todas as escadas e os reforços chegavam aos magotes, vindos das escadas que davam acesso à cidade.

Baldor reuniu-se a Roran — utilizando a mesma escada — e, juntos, correram em direção a uma balista operada por oito soldados. A balista estava montada junto da base de uma das torres da muralha, que se erguiam a trinta metros umas das outras. Atrás dos soldados e da torre, Roran viu a ilusão que os Elfos tinham criado de Saphira, que sobrevoava a muralha, contornando-a e projetando jatos de fogo sobre ela.

Os soldados foram perspicazes: agarraram nas lanças e apontaram-nas a Baldor e Roran, mantendo-os à distância. Roran tentou apanhar uma das lanças, mas o homem que a empunhava foi muito rápido e ele quase voltou a ser golpeado. Bastariam mais uns momentos para que os soldados dominassem a ele e a Baldor.

Mas, antes que isso pudesse acontecer, um Urgal ergueu-se sobre a beira da muralha, atrás dos soldados, baixou a cabeça e os atacou, urrando e brandindo o bastão que trazia consigo.

O Urgal atingiu um dos homens no peito, partindo-lhe as costelas. Atingiu outro na anca, fraturando a pélvis. Qualquer um dos ferimentos deveria ter incapacitado os soldados. No entanto, quando o Urgal passou pesadamente por eles, os dois homens ergueram-se do chão de pedra, como se nada tivesse acontecido, e avançaram, golpeando o Urgal nas costas.

Uma sensação de pavor cresceu dentro de Roran.

— Temos que esmagar o crânio ou cortar suas cabeças, se quisermos detê-los — rosnou ele a Baldor, gritando depois aos Varden que estavam atrás deles, sem tirar os olhos dos soldados: — Eles não sentem dor!

Sobrevoando a cidade, a imagem ilusória de Saphira embateu contra uma torre. Todos pararam para olhar menos Roran, pois sabia o que os elfos estavam fazendo.

Depois, ele saltou para frente e matou um dos soldados com um golpe na têmpora, usando o escudo para empurrar o seguinte. Estava muito perto dos soldados e as lanças de nada lhes serviam, por isso conseguiu rapidamente acabar com eles servindo-se do martelo.

Quando Roran e Baldor conseguiram matar os soldados restantes que estavam em torno da balista, Baldor olhou-o com uma expressão de desespero:

— Viu? Saphira...

— Ela está ótima.

— Mas...

— Não se preocupe. Ela está ótima.

Baldor hesitou, mas acreditou na palavra de Roran, e os dois correram em direção ao grupo de soldados mais próximo. Pouco depois, Saphira — a verdadeira Saphira — apareceu sobre a parte sul da muralha, voando em direção à cidadela e arrancando vivas de alívio dos Varden.

Roran franziu a sobrancelha. *Ela deveria ter ficado invisível durante todo o voo.*

— Frethya, frethya — disse ele, rapidamente, entredentes, mas continuou visível. *Raios*, pensou ele.

Depois virou-se e disse:

— Vamos voltar para as escadas!

— Porquê? — perguntou Baldor, enfaticamente, enquanto lutava com outro soldado, atirando-o da muralha com um grito feroz.

— Pare de fazer perguntas! Mexa-se!

Lado a lado, abriram caminho por entre a linha de soldados que os separavam das escadas. Foi uma tarefa sangrenta e difícil. Baldor foi golpeado na barriga da perna esquerda, por baixo da caneleira, e ficou com uma grave contusão no ombro, onde uma lança quase lhe perfurou a cota de malha.

O fato de os soldados serem imunes à dor significava que a única forma segura de detê-los era matando, o que não era tarefa fácil. Significava também que Roran teria de ser impiedoso. Por mais de uma vez pensou ter matado um soldado, e depois viu o homem ferido se levantar e atacá-lo enquanto ele combatia outros adversários. Além disso, os soldados no passadiço eram tantos que Roran começava a recear que nem ele nem Baldor conseguissem sair dali.

Ao alcançarem a escada mais próxima, Roran disse:

— Aqui! Fique aqui.

Se Baldor ficou surpreso, não deixou transparecer. Defenderam-se dos soldados sozinhos, mas entretanto dois outros homens subiram a escada e reuniram-se a eles, seguindo-se um terceiro, até que Roran começou a sentir que havia boas hipóteses de forçar os soldados a recuarem e a tomar aquela parte da muralha.

Muito embora o ataque tivesse sido planejado apenas como uma distração, Roran não via qualquer motivo para o encarar como tal. Já que tinham que arriscar a vida, o melhor seria tentar tirar algum proveito. Fosse como fosse, teriam que desobstruir as muralhas.

Depois ouviram Thorn rugir de raiva e viram o dragão vermelho aparecer sobre o topo dos edifícios, voando na direção da cidadela. Roran distinguiu uma figura no seu dorso que julgou ser Murtagh, com uma espada vermelha na mão.

— O que significa isto? — gritou Baldor entre estocadas.

— Significa que fomos desmascarados! — respondeu Roran. — Prepare-se, estes estupores vão ter uma surpresa!

Mal acabou de falar, as vozes sinistras e belas dos elfos ressoaram sobre o ruído da batalha, entoando um cântico na língua antiga.

Roran abaixou-se, desviando de uma lança, e espetou a ponta do martelo na barriga de um homem, deixando-o sem ar nos pulmões. Os soldados poderiam não sentir, mas continuavam tendo que respirar. Enquanto o soldado lutava para recuperar, Roran penetrou nas suas defesas esmagando a garganta com o rebordo do escudo.

Estava prestes atacar o soldado seguinte, quando sentiu a pedra tremer debaixo dos pés. Recuou até ficar encostado às ameias e abriu as pernas para se equilibrar.

Um dos soldados cometeu a imprudência de correr até ele nesse preciso momento. Enquanto o homem corria na sua direção, o tremor intensificou-se e o topo da muralha ondulou como um cobertor, derrubando o soldado que se aproximava — bem como a maioria dos companheiros —, e este ficou de cara no chão, incapaz de se levantar, pois a terra continuava a tremer.

Do outro lado da torre da muralha, que os separava do portão principal de Urû'baen, ouviu-se um ruído semelhante a uma montanha a despedaçar-se. Jatos de água, em forma de leque, projetaram-se no ar e a muralha por cima do portão estremeceu, começando a desmoronar-se com um ruído ensurdecedor.

E os elfos continuavam a cantar.

Quando o chão parou de tremer debaixo dos seus pés, Roran saltou para a frente e matou três soldados, antes que estes conseguissem levantar-se. Os outros deram meia-volta e desataram a fugir pelas escadas que conduziam à cidade. Roran ajudou Baldor a levantar-se e depois gritou:

— Vamos atrás deles! — Sorriu e sentiu o sabor do sangue na boca. Afinal, talvez não tivessem começado tão mal assim.

O Que Não Mata...

P

are — disse Elva.

Eragon ficou paralisado, de pé no ar. A menina fez sinal para chegar para trás e ele recuou.

— Salte para lá — disse Elva, apontando para um local no pátio, na frente dele — junto dos arabescos.

Eragon abaixou-se, mas depois hesitou, aguardando que ela dissesse se era seguro.

Ela bateu o pé e fez um ruído exasperado.

— Se não mostrar intenção de o fazer, não vai resultar. Eu não posso dizer se algo vai te molestar, a menos que tencione realmente ficar em perigo. — E sorriu de uma forma muito pouco tranquilizante. — Não se preocupe, eu não vou deixar que nada te aconteça.

Ainda na dúvida, Eragon voltou a fletir as pernas e estava prestes a saltar para frente quando...

— Pare!

Ele praguejou e agitou os braços, tentando evitar cair no local que iria ativar os espigões escondidos.

Os espigões eram a terceira armadilha que Eragon e os companheiros tinham encontrado no longo corredor que conduzia às portas douradas. A primeira fora uma série de fossos escondidos, a segunda consistia nuns blocos de pedra no teto que os poderiam ter esmagado e, agora, eram espigões muito semelhantes aos que tinham matado Wyrden, nos túneis, por baixo de Dras-Leona.

Tinham visto Murtagh entrar no corredor através do portal de saída, mas este não fizera qualquer esforço para os perseguir sem Thorn. Depois de os observar durante alguns segundos, desaparecera numa das salas laterais onde Arya e Blödhgarm tinham avariado as engrenagens e as rodas utilizadas para abrir e fechar o portão principal da fortaleza.

Murtagh tanto poderia levar uma hora como alguns minutos reparando os mecanismos. De qualquer forma, não poderiam demorar muito tempo.

— Tente um pouco mais longe — disse Elva.

Eragon fez uma careta, mas seguiu a sugestão.

— Pare!

Dessa vez teria caído se não fosse Elva agarrando na ponta de sua túnica.

— Mais longe ainda — disse ela, e depois — pare! Mais longe.

— Não posso — resmungou ele, cada vez mais frustrado. — Sem balanço, não posso. — Mas com balanço seria impossível parar a tempo, se Elva concluísse que o salto era perigoso.

— E agora? Se os espigões chegarem até às portas, jamais conseguiremos alcançá-las. — Já tinham pensado em usar magia e flutuar sobre a armadilha, mas mesmo o menor feitiço iria ativá-la, pelo menos era o que Elva dizia, e eles não tinham outro remédio senão confiar nela.

— Talvez a armadilha seja destinada a um dragão a pé — disse Arya. — Se tiver apenas um ou dois metros, Saphira ou Thorn poderiam facilmente saltar sobre ela sem se aperceberem. Mas se tiver trinta metros de comprimento, iria certamente apanhá-los.

Se eu saltar, não, disse Saphira. *Trinta metros é uma distância fácil de cobrir.*

Eragon trocou um olhar preocupado com Arya e Elva.

— Certifique-se de que não deixe que a sua cauda toque no chão — disse ele. — E não vá muito longe, senão ainda tropeça em outra armadilha.

Sim, pequenino.

Saphira agachou-se e baixou a cabeça até esta ficar apenas a uns trinta centímetros da pedra. Depois enterrou as garras no chão e saltou pelo corredor, abrindo as asas o suficiente para se elevar um pouco.

Elva ficou em silêncio, para alívio de Eragon.

Depois de percorrer o equivalente ao dobro do comprimento do seu corpo, recolheu as asas e saltou para o chão com um estrondo retumbante.

Sã e salva, disse ela, arranhando o chão com as escamas ao se virar. Voltou a saltar para trás e Eragon e os outros se desviaram para lhe dar espaço para aterrissar, ao regressar. *Bom, disse ela, quem é o primeiro?*

Foram necessárias quatro viagens para os transportar a todos por cima do leito de espigões. Depois seguiram em frente, num passo rápido, com Arya e Elva de novo à frente. Não encontraram mais armadilhas até estarem a três quartos do caminho para as portas cintilantes, altura em que Elva estremeceu e ergueu a sua pequena mão. Todos pararam de imediato.

— Algo nos cortará em dois, se prosseguirmos — disse ela. — Não sei ao certo de onde virá... das paredes, creio eu.

Eragon franziu a sobancelha. Isso significava que aquilo que os podia cortar tinha peso ou força suficiente para vencer as suas proteções... o que era uma perspectiva muito pouco encorajadora.

— E se... — começou ele dizendo, mas depois se calou ao ver vinte homens e mulheres, vestidos de negro, saírem de um dos lados do corredor e formarem uma linha diante deles, bloqueando o caminho.

Eragon sentiu uma lâmina trespassar-lhe a mente, quando os feiticeiros inimigos começaram a cantar na língua antiga. Saphira abriu as mandíbulas e varreu os feiticeiros com uma torrente de chamas crepitantes, mas estas passaram inofensivamente em torno deles. Um dos estandartes na parede pegou fogo e os restos do tecido ardente caíram para o chão.

Eragon defendeu-se, mas não atacou, pois levaria muito tempo a dominar os feiticeiros, um por um. Além disso, os seus cânticos preocupavam-no: se estavam na disposição de lançar feitiços antes de controlarem a sua mente — bem como a mente dos seus companheiros —, o importante para eles já não era viver ou morrer, mas deter os intrusos.

Abaixou-se sobre o joelho, junto de Elva. Ela falava com um dos feiticeiros, dizia-lhe algo acerca da sua filha.

— Eles estão sobre a armadilha? — perguntou ele, em voz baixa.

Ela acenou com a cabeça, sem parar de falar.

Eragon esticou o braço e bateu com a palma da mão no chão.

Já esperava que algo acontecesse, mesmo assim retraiu-se ao ver uma folha de metal — com nove metros de comprimento e dez centímetros de

espessura — sair disparada de cada parede, com uma chiadeira horrível. As chapas de metal apanharam os feiticeiros, cortando-os ao meio como uma gigantesca tesoura de cortar lata, e voltaram a recuar com a mesma rapidez para dentro das fendas ocultas.

Eragon ficou chocado com a rapidez com que tudo aconteceu, desviando os olhos do cenário que tinha diante de si. *Que maneira horrível de morrer.*

Ao lado dele, Elva balbuciou e caiu para a frente com um desmaio. Arya apanhou-a antes de ela bater com a cabeça no chão. Depois aninhou-a no braço e começou a murmurar-lhe palavras na língua antiga.

Eragon aconselhou-se com os outros elfos sobre a melhor forma de ultrapassarem a armadilha e concluíram que o melhor seria saltar por cima dela, tal como tinham feito com o leito de espigões.

Quatro saltaram para cima de Saphira e ela estava prestes a saltar para frente, Elva gritou numa voz débil.

— Pare! Não faças isso!

Saphira sacudiu a cauda e ficou onde estava.

Elva deslizou dos braços de Arya e afastou-se alguns passos, cambaleando, inclinou-se para frente e vomitou. Limpou a boca com as costas da mão, olhando para os corpos mutilados, diante de si, como que a memorizá-los.

Ainda a olhar para eles, disse:

— Há outro gatilho, no ar, a meio caminho. Se saltarem... — E bateu com as mãos uma na outra, bem alto, produzindo um ruído agudo, e fez uma careta. — ... sairão lâminas das paredes, tal como em baixo.

Uma ideia começou a incomodar Eragon.

— Porque Galbatorix haveria de tentar nos matar?... Se você não estivesse aqui — disse ele, olhando para Elva. — Saphira poderia estar morta, neste momento, e Galbatorix quer apanhá-la viva. Porquê isso, então? — E apontou para o chão ensanguentado. — Porquê os espigões e os blocos de pedra?

— Talvez esperasse que os fossos nos capturassem antes de alcançarmos o resto das armadilhas — disse Invidia, a mulher elfo.

— Ou talvez saiba que Elva está conosco e quer ver do que ela é capaz — disse Blödhgarm num tom sombrio.

A menina encolheu os ombros.

— E depois? Ele não pode me deter.

Eragon sentiu um arrepio percorrê-lo.

— Não, mas se ele sabe que está aqui, pode ficar assustado, e se estiver assustado...

Pode realmente estar tentando nos matar, arrematou Saphira.

Arya abanou a cabeça.

— Não interessa. Temos de o encontrar de qualquer maneira.

Passaram um minuto discutindo como poderiam passar pelas lâminas, até que Eragon disse:

— E se eu usasse magia para nos transportar até ali, tal como Arya usou para enviar o ovo de Saphira para a Espinha? — E fez um gesto em direção à área para lá dos corpos.

Exigiria demasiada energia, disse Glaedr.

É melhor conservarmos a nossa energia para quando tivermos de enfrentar Galbatorix, acrescentou Umaroth.

Eragon mordeu o lábio. Olhou por cima do ombro e ficou alarmado ao ver Murtagh correr de um lado para o outro do corredor, distante deles.

Não temos muito tempo.

— Talvez pudéssemos colocar qualquer coisa nas paredes para impedir as lâminas de saírem.

— As lâminas estão certamente protegidas por magia — comentou Arya. — Além disso, não temos nada que as possa travar. Uma faca? Uma peça de uma armadura? As chapas de metal são muito grandes e pesadas. Cortariam tudo o que estivesse à frente, como se lá não houvesse nada.

Fez-se silêncio entre eles.

Depois Blödhgarm lambeu os caninos e disse:

— Não necessariamente. — Virou-se e colocou a sua espada no chão, diante de Eragon e depois fez sinal aos elfos, sob as suas ordens, para fazerem o mesmo.

Onze espadas foram colocadas diante de Eragon.

— Eu não posso exigir isto de vocês — disse ele. — As suas espadas...

Blödhgarm interrompeu-o, erguendo a mão, com o pelo lustroso sob a luz suave das lanternas.

— Nós lutamos com a nossa mente e não com o nosso corpo, Matador de Espectros. Se encontrarmos soldados, poderemos tirar deles todas as armas de que precisarmos. Se as nossas espadas forem mais úteis aqui e agora, seria estúpido da nossa parte conservá-las apenas por questões sentimentais.

Eragon inclinou a cabeça.

— Como queiram.

Dirigindo-se depois a Arya, Blödhgarm disse:

— Deveria ser um número par, para termos mais hipóteses de sucesso.

Ela hesitou, desembainhando depois a sua espada de lâmina fina e colocando-a entre as restantes.

— Pondere bem no que está prestes a fazer, Eragon — disse ela. — Todas essas armas têm uma história, seria lamentável destruí-las sem ganhar nada com isso.

Ele acenou com a cabeça e franziu a sobrancelha, concentrando-se, enquanto recordava as lições de Oromis.

Umaroth, disse ele, *vou precisar da sua força*.

O que é nosso é seu, respondeu o dragão.

A ilusão que ocultava as fendas de onde as chapas de metal deslizavam estava muito bem montada para Eragon conseguir penetrar nela. Mas ele já o esperava — Galbatorix não era pessoa para ignorar um detalhe desses. Por outro lado, os encantamentos que sustentavam a ilusão eram fáceis de

detectar, e através deles Eragon poderia determinar a localização exata e as dimensões das aberturas.

Não sabia ao certo a que distância as folhas de metal se recolheriam dentro das fendas, mas esperava que estivessem a alguns centímetros da superfície da parede. Se estivessem mais próximas, o seu plano não resultaria, pois o rei certamente protegera o metal de interferências exteriores.

Invocando as palavras necessárias, Eragon lançou o primeiro dos doze feitiços que tencionava usar. Uma das espadas dos elfos — a de Laufin, supunha — desapareceu com uma ligeira deslocação de ar, tal como uma túnica a ser sacudida no ar. Meio segundo depois, ouviu-se uma pancada seca na parede, à sua esquerda.

Eragon sorriu. Resultara. Se tivesse tentado lançar a espada através da folha de metal, o resultado teria sido bastante mais dramático.

Proferindo as palavras mais depressa, ele lançou o resto dos feitiços, embutindo seis espadas dentro de cada parede, cada uma a um metro e meio da anterior. Os elfos observavam atentamente, enquanto ele falava. Por mais que a perda das espadas os incomodasse, não o demonstraram.

Quando terminou, Eragon ajoelhou-se junto de Arya e de Elva — ambas agarradas de novo à Dauthdaert — e disse:

— Preparem-se para correr.

Saphira e os elfos ficaram tensos. Arya e Elva subiram para o dorso de Saphira, ainda a segurar na lança verde. Depois Arya disse:

— Estamos prontas.

Esticando o braço, Eragon voltou a bater no chão.

Ouviu-se um ruído ensurdecedor em ambas as paredes. Filamentos de pó caíram do teto, desfazendo-se em colunas nevoentas.

Mal viu que as espadas tinham aguentado a pressão, Eragon correu para a frente. Ainda não tinha dado dois passos, quando Elva gritou:

— Mais depressa.

Gritando com o esforço, Eragon deu ainda mais impulso. Saphira passou a correr, à sua direita, de cabeça e cauda baixas, como uma sombra escura na sua visão periférica.

No preciso instante em que alcançou o lado oposto da armadilha, ouviu o ruído de aço se partindo e uma chiadeira arrepiante de metal a arranhar metal.

Alguém gritou atrás dele.

Ele se torceu e se atirou na direção oposta ao ruído, vendo que todos tinham atravessado o espaço a tempo, exceto Yaela, a mulher elfo de cabelos prateados, que fora apanhada nos últimos quinze centímetros das duas peças de metal. Um clarão azul e amarelo brilhou no espaço ao seu redor, como se o próprio ar estivesse ardendo e o seu rosto contorceu-se de dor.

— Flauga! — gritou Blödhgarm e Yaela voou para fora das folhas metálicas, que se fecharam bruscamente com um ruído metálico, estridente, recuando depois para o interior das paredes com a mesma e terrível chiadeira que as tinha acompanhado ao surgirem.

Yaela aterrissara sobre as mãos e os joelhos, perto de Eragon, e este ajudou-a a se levantar. Parecia incólume:

— Está ferida? — perguntou ele.

Ela abanou a cabeça.

— Não, mas... fiquei sem proteções. — Ergueu as mãos e olhou-as com uma expressão próxima do assombro. — A última vez que fiquei sem proteções... era mais jovem do que você. Parece que as lâminas me despojaram delas.

— Tem sorte em estar viva — disse Eragon, franzindo a sobrancelha.

Elva encolheu os ombros.

— Se eu não tivesse dito para andar mais depressa... todos poderíamos ter morrido exceto ele... — E apontou para Blödhgarm.

Eragon pigarreou.

Continuaram andando, esperando encontrar uma outra armadilha a cada passo que davam. Mas o resto do corredor não revelou outros obstáculos e eles alcançaram as portas sem incidentes.

Eragon levantou os olhos para a superfície cintilante de ouro. As portas tinham um carvalho em tamanho natural gravado em relevo, e as suas folhas formavam uma cobertura em arco que se unia às raízes, em baixo, delineando um grande círculo em volta do tronco. Dois feixes cerrados de ramos irrompiam de ambos os lados, na parte central do tronco, dividindo o espaço dentro do círculo em quatro partes. No canto superior esquerdo, via-se um entalhe de um exército de elfos, armados de lanças, a marchar numa floresta cerrada. No canto superior direito, havia humanos construindo castelos e forjando armas. No canto inferior esquerdo, Urgals — Kulls, na sua maioria — incendiavam uma aldeia e matavam os seus habitantes, e ao fundo, à direita, anões exploravam cavernas repletas de pedras preciosas e veios de minério de ferro. Por entre as raízes e os ramos do carvalho, Eragon distinguiu meninos-gato e Ra'zac, bem como algumas criaturas pequenas, de aspecto estranho, que não conseguiu reconhecer. Enroscado ao centro do tronco havia um dragão, com a ponta da cauda na boca, como se estivesse mordendo a si mesmo. As portas eram maravilhosamente trabalhadas e Eragon teria se sentado a estudá-las durante um dia inteiro, se as circunstâncias fossem outras.

Na presente situação, porém, a visão das portas brilhantes encheu-o de pavor, ao pensar no que poderia estar do outro lado. Se fosse Galbatorix, as suas vidas estavam prestes a mudar e nunca mais nada voltaria a ser o mesmo. Nem para eles, nem para o resto de Alagaësia.

Não estou preparado, disse Eragon a Saphira.

Quando é que alguém estará? Respondeu ela, projetando a língua para fora, sentindo o ar. Eragon detectou a sua expectativa frenética. *Galbatorix e Shruikan têm que serem mortos e nós somos os únicos que talvez possamos fazer.*

E se não conseguirmos?

Se não conseguirmos, paciência, o que tiver que ser, será.

Ele acenou com a cabeça e respirou fundo, longamente.

Adoro-te, Saphira.

Eu também te adoro, pequenino.

Eragon deu um passo à frente.

— E agora? — perguntou ele, tentando esconder a sua inquietude. — Batemos à porta?

— Vejamos primeiro se está aberta — disse Arya.

Dispuseram-se em formação de combate e Arya agarrou num puxador montado na porta, do lado esquerdo, preparando-se para o puxar, com Elva junto de si.

Ao fazê-lo, uma coluna de ar cintilante surgiu em torno de Blödhgarm e de cada um dos dez feiticeiros. Eragon gritou, alarmado, e Saphira deixou escapar um pequeno silvo, como se tivesse pisado em algo aguçado. Os elfos pareciam incapazes de se mexer dentro das colunas; mesmo os seus olhos estavam imóveis, fixos na direção em que olhavam, no momento em que o feitiço os atingira.

Uma porta na parede da esquerda abriu-se com um ruído metálico e os elfos começaram a mover-se na sua direção, como uma procissão de estátuas que deslizavam sobre gelo. Arya saltou na direção deles com a lança em riste, tentando cortar o encantamento que prendia os elfos. Mas foi lenta demais e não conseguiu apanhá-los.

— Letta! — gritou Eragon. — Pare! — Foi o feitiço mais simples que lhe ocorreu, para tentar ajudar. Contudo, a magia que aprisionava os elfos revelou-se muito poderosa e ele não a conseguiu quebrar. Os elfos desapareceram pela entrada sombria e a porta fechou-se ruidosamente atrás deles.

Eragon foi percorrido por uma sensação de desânimo. *Sem os elfos...*

Arya bateu na porta com a extremidade da Dauthdaert, tentando descobrir uma linha de união entre a porta e a parede, com a ponta da lâmina — tal como fizera no portal de saída — mas a parede parecia sólida, inalterável.

Quando se virou, tinha uma expressão gelada de fúria.

Umaroth, disse ela, preciso da tua ajuda para abrir esta parede.

Não, disse o dragão branco, Galbatorix escondeu bem os seus companheiros, com toda a certeza. Procurá-los será um desperdício de energia e nos colocará em maior perigo.

Arya franziu o sobrolho, unindo praticamente as sobrancelhas.

Então estamos fazendo como que ele quer, Umaroth-elda. Ele quer nos dividir e nos enfraquecer. Se prosseguirmos sem eles, será muito mais fácil para Galbatorix nos derrotar.

Sim, pequenina, mas não acha que o Destruidor de ovos também poderá querer que vamos à procura deles? Talvez pretenda que a nossa raiva e a nossa preocupação nos distraia dele, nos levando correndo cegamente para outra das suas armadilhas.

Porque se daria a todo esse trabalho? Ele poderia ter capturado Eragon, Saphira, a você e ao resto dos Eldunaris, da mesma forma que capturou Blödhgarm e os outros. Mas não o fez.

Talvez porque queira esgotar-nos antes de o defrontarmos, ou antes de tentar nos subjugar.

Arya baixou a cabeça por instantes e, quando voltou a levantar os olhos, a sua fúria tinha desaparecido — pelo menos superficialmente — dando lugar à habitual postura controlada e vigilante.

Então o que vamos fazer, Ebrithil?

Esperar que Galbatorix não mate Blödhgarm nem os outros — pelo menos por enquanto — e prosseguirmos até encontrarmos o rei.

Arya aquiesceu, mas Eragon percebeu que a ideia lhe desagradava e não podia censurá-la, pois sentia o mesmo.

— Porque não sentiu a armadilha? — perguntou ele a Elva, falando em voz baixa. Eragon julgava ter percebido porquê, mas queria ouvir de sua boca.

— Porque não o fez mal — disse ela.

Ele acenou.

Arya voltou para junto das portas douradas e agarrou de novo no puxador, à esquerda. Elva reuniu-se a ela, agarrando o cabo da Dauthdaert com a sua pequena mão.

Inclinando-se para trás, Arya puxou e voltou a puxar, e a gigantesca estrutura começou a mover-se lentamente para fora. Eragon tinha certeza de que nenhum humano a teria conseguido abrir e mesmo Arya parecia quase não ter força para o fazer.

Quando a porta chegou à parede, Arya largou-a, reunindo-se a Eragon com Elva, em frente à Saphira.

Do outro lado do gigantesco arco havia uma enorme câmara escura. Eragon não tinha a certeza das suas dimensões, pois as paredes estavam ocultas em sombras aveludadas. Uma fiada de lanternas sem chama, montadas sobre postes de ferro, estendia-se de ambos os lados da entrada, iluminando o chão ornamentado com desenhos e pouco mais. Um brilho tênue emanava de cima, através de cristais embutidos no teto distante. As duas fiadas de lanternas terminavam a mais de cento e cinquenta metros de distância, junto da base de um amplo estrado, sobre o qual havia um trono. Sentado no trono estava uma figura escura, a única presença em toda a sala. Tinha uma espada nua pousada no colo, com uma longa lâmina branca que parecia emitir um ligeiro brilho.

Eragon engoliu em seco e apertou Brisingr, acariciando brevemente a maxila de Saphira com o rebordo do escudo. Esta projetou a língua para fora da boca, em resposta. Depois, os quatro avançaram por acordo tácito.

Logo que entraram na sala do trono, a porta dourada fechou-se atrás deles. Eragon já esperava isso, mas, ainda assim, o ruído da porta se fechando o sobressaltou. Quando os ecos se diluíram no silêncio crepuscular da sala de audiências, a figura que estava no trono mexeu-se, como se despertasse de um sono. E uma voz grave e intensa como Eragon jamais ouvira, imbuída de maior autoridade que a de Ajihad, Oromis ou Hrothgar, uma voz perante a qual mesmo a voz dos elfos parecia grosseira e dissonante — ecoou do lado oposto da sala do trono, dizendo:

— Tenho estado à sua espera. Bem-vindos ao meu lar. As minhas especiais boas-vindas a você, Eragon, Matador de Espectros, e a você, Saphira, Escamas Brilhantes. Tinha um grande desejo os ver. Mas também estou satisfeito por te ver, Arya — filha de Islanzadí e Matadora de Espectros por mérito próprio — e a você também Elva, da Testa Cintilante. E também, Glaedr, Umroth, Valdr e os outros que viajam invisíveis com vocês, é claro. Há muito que os julgava mortos, e fico muito feliz por saber o contrário. Sejam todos bem-vindos! Temos muito que falar.

No Coração da Contenda

Roran abriu caminho pela muralha exterior de Urû'baen, descendo até as ruas juntamente com os guerreiros do seu batalhão. Aí fizeram uma pausa para se reagruparem e depois Roran gritou:

— Para o portão! — apontando com o machado.

Ele e vários homens de Carvahal, incluindo Horst e Delwin, seguiram à frente, correndo pelo interior da muralha, em direção à brecha que os elfos tinham aberto com magia. As flechas voavam por cima das suas cabeças enquanto corriam, mas nenhuma parecia especificamente apontada para eles, e Roran também não registrou quaisquer ferimentos entre os membros do grupo.

Defrontou-se com dúzias de soldados no estreito espaço entre a muralha e as casas de pedra. Alguns pararam para lutar, mas os restantes fugiram e, mesmo os que lutaram, depressa bateram em retirada para as vielas contíguas.

A princípio, a intensidade selvagem da chacina e a perspectiva de vitória cegaram Roran para todo o resto. Mas ao ver que os soldados com que se defrontavam continuavam a fugir, uma sensação de desconforto começou a morder-lhe o estômago e ele começou a olhar ao redor com maior atenção, em busca de algo que parecesse diferente do que deveria ser.

Algo de errado se passava, ele tinha certeza disso.

— Galbatorix não os deixaria desistir com esta facilidade — murmurou para si.

— O quê? — disse Albriech, que estava ao lado dele.

— Estava dizendo que Galbatorix não os deixaria desistir com esta facilidade. — Roran torceu a cabeça para trás e gritou ao resto do batalhão: — Fiquem de ouvidos e de olhos bem abertos! Galbatorix deve-nos ter reservado uma ou duas surpresas, mas nós não permitiremos que ele nos apanhe desprevenidos, não é verdade?

— Martelo Forte! — gritaram eles, em resposta, batendo com as armas nos escudos. Todos menos os elfos, é claro. Satisfeito, Roran acelerou o passo e continuou sondando os telhados.

Depressa chegaram a uma rua coberta de destroços que conduzia ao que fora outrora o portão principal da cidade. Agora tudo o que restava era um buraco enorme, com mais de cem metros de largura no topo, e um amontoado de pedras partidas na base. Os Varden e os seus aliados — homens, anões, Urgals, elfos e meninos-gato — entravam aos montes pela abertura, lutando lado a lado pela primeira vez na História.

Rajadas de flechas precipitavam-se sobre o exército, à medida que este entrava na cidade. Mas a magia dos elfos detinha os projéteis letais antes que estes pudessem machucar alguém.

O mesmo não se poderia dizer em relação aos soldados de Galbatorix. Roran viu uma série deles caírem às mãos dos arqueiros dos Varden, embora alguns parecessem ter defesas que os protegiam das flechas — os favoritos de Galbatorix, presumivelmente.

Enquanto o seu batalhão se reunia ao resto do exército, Roran viu Jörmundur a cavalo no meio da multidão de guerreiros. Roran gritou-lhe, saudando-o, e Jörmundur respondeu-lhe da mesma forma, gritando também:

— Quando chegarmos àquela fonte — e apontou com a espada para um enorme edifício ornamentado, num pátio, várias centenas de metros adiante —, leva os seus homens e segue para a direita. Desimpede a zona sul da cidade e volte a reunir-se a nós na cidadela.

Roran acenou com a cabeça, exagerando o movimento para que Jörmundur o pudesse ver:

— Sim, meu comandante!

Sentia-se mais seguro agora que estava na companhia de outros guerreiros, mas continuava a ter alguma inquietude. *Onde estão eles?* Perguntou para si mesmo, olhando para a entrada das ruas desertas. Galbatorix supostamente reunira todo o seu exército em Urû'baen, mas Roran ainda não tinha visto quaisquer evidências de um grande exército. Surpreendentemente, deparara-se com pouquíssimos soldados nas muralhas e os poucos que lá estavam tinham fugido muito mais cedo do que seria suposto.

Ele está nos atraindo para dentro, concluiu Roran com uma súbita certeza. *É tudo uma jogada para nos enganar*. Chamando de novo a atenção de Jörmundur, gritou:

— Há algo de errado! Onde estão os soldados?

Jörmundur franziu o cenho e virou-se para falar com o rei Orrin e com a rainha Islanzadí, que se tinham aproximado a cavalo.

Por estranho que parecesse, Islanzadí tinha um corvo branco pousado no ombro esquerdo, com as garras presas no corpete da armadura dourada.

Ainda assim, os Varden continuavam a embrenhar-se em Urû'baen.

— O que se passa Martelo Forte? — rosnou Nar Garzhvog, abrindo caminho até junto dele.

Roran olhou de relance para o Kull de cabeça pesada:

— Não tenho certeza. Galbatorix...

Esqueceu-se do que ia a dizer, ao ouvir o som de uma trompa por entre os edifícios, diante deles. O ruído prolongou-se durante quase um minuto, num tom baixo e sinistro, que levou os Varden a pararem e a olharem ao redor, preocupados.

Roran sentiu o coração afundar-se.

— É agora — disse ele a Albriech. Depois se virou e brandiu o martelo, apontando para um dos lados da rua. — Metam-se entre os edifícios e abriguem-se! — gritou ele. — Mexam-se!

O batalhão demorou mais tempo para desfazer a coluna de guerreiros do que para reunir-se a ela. Frustrado, Roran continuou gritando, na tentativa de incitá-los a mexerem-se mais depressa.

— Depressa, seus cães miseráveis, depressa!

A trompa voltou a ouvir-se e Jörmundur mandou o exército parar.

Nessa altura, os guerreiros de Roran já estavam em segurança, escondidos em três ruas e agrupados atrás de edifícios, à espera das suas ordens. Roran estava ao lado de uma casa, tal como Garzhvog e Horst, espreitando pela esquina, tentando ver o que se estava passando.

A trompa ouviu-se mais uma vez e o ruído de uma imensidão de pés ecoou por Urû'baen.

Roran sentiu o pavor crescer dentro de si ao ver fileiras e fileiras de soldados marchando para as ruas que conduziam à cidadela — fileiras rápidas e disciplinadas de homens, cujo rosto não revelava o menor vestígio de medo. Ao comando vinha um homem atarracado, de ombros largos, montado num cavalo de guerra cinzento. Usava um peito de armas cintilante, com uma saliência de trinta centímetros, como se tivesse acomodando uma grande barriga. Na mão esquerda trazia um escudo, pintado com a insígnia de uma torre destruída, sobre um pico árido de pedra e, na mão direita, um bastão com espinhos, que a maioria dos homens teria dificuldade em erguer, mas que ele balançava para trás e para frente sem esforço.

Roran umedeceu os lábios ao concluir que o homem deveria ser Lord Barst. Se metade do que se dizia acerca dele fosse verdade, Barst jamais atacaria diretamente um exército inimigo, se não tivesse a certeza absoluta de que o poderia destruir.

Roran já tinha visto o suficiente, por isso afastou-se da esquina do edifício e disse:

— Não vamos esperar. Digam aos outros para nos seguirem.

— Está pensando em fugir, Martelo Forte? — resmungou Nar Garzhvog.

— Não — respondeu Roran. — Estou pensando em atacar pela lateral. Só um louco atacaria um exército daqueles de frente. Agora, vai! — Deu um empurrão no Urgal e atravessou a rua correndo, ocupando a sua posição à frente dos seus guerreiros. E só um louco iria à frente para se defrontar com o homem que Galbatorix tinha escolhido para comandar o seu exército.

Ao caminharem por entre o denso aglomerado de edifícios, Roran ouviu os soldados gritarem:

— Lord Barst! Lord Barst! Lord Barst! — E batiam com as botas cardadas no chão e com as espadas nos escudos.

Cada vez melhor, pensou Roran, desejando estar em qualquer lugar menos ali.

Depois os Varden gritaram em resposta, enchendo o ar de vivas a Eragon e aos Cavaleiros, e toda a cidade ecoou com o choque metálico das espadas e os gritos dos feridos.

Quando o batalhão ficou ao nível do que parecia ser a parte central do exército do Império, Roran mandou-os virar e correr na direção do inimigo.

— Mantenham-se juntos! — ordenou ele. — Formem uma parede com os seus escudos e protejam os feiticeiros, aconteça o que acontecer.

Depressa viram os soldados na rua — lanceiros, na sua maioria — avançando para frente de batalha, colados uns aos outros.

Nar Garzhvog deu um grito feroz tal como Roran e os outros guerreiros do batalhão, correndo em direção às fileiras de soldados. Os soldados gritaram assustados e o pânico instalou-se entre eles, fazendo-os recuar atrapalhadamente, atropelando os camaradas enquanto tentavam arranjar espaço para lutar.

Roran uivou e atirou-se à primeira fileira de homens. Ao brandir o martelo, o sangue esguichou em seu redor e ele sentiu metal e ossos cederem sob o seu peso. Os soldados estavam praticamente indefesos, na medida em que se encontravam muito perto uns dos outros. Roran conseguiu matar quatro antes que eles conseguissem sequer atingi-lo com as espadas, cujos golpes ia aparando com o escudo.

Nar Garzhvog derrubou seis homens de um dos extremos da rua, com um único golpe do bastão. Os soldados começaram a levantar-se, ignorando os ferimentos que os teriam incapacitado se sentissem dor, e Garzhvog voltou a atacá-los, reduzindo-os a papa.

Nada mais importava a Roran a não ser os homens que tinha diante de si, o martelo que tinha na mão e as pedras da calçada escorregadias e ensangüentadas debaixo dos seus pés. Partia ossos e espancava, esquivando-se, empurrando, rosnando, gritando, matando, matando, matando — até que, de repente, brandiu o martelo e viu apenas ar diante de si. A arma bateu no chão, produzindo faíscas nas pedras da calçada, e ele sentiu uma guinada de dor a percorrer-lhe o braço.

Roran abanou a cabeça, sentindo a raiva do combate a abrandar: ele atravessara a multidão de soldados de um lado ao outro.

Deu meia-volta e viu que a maior parte dos seus guerreiros ainda lutava com soldados à direita e à esquerda. Por isso, soltou outro uivo e reuniu-se ao combate.

Três soldados aproximaram-se dele, dois com lanças e um com uma espada. Roran atirou-se ao homem que empunhava a espada, mas escorregou ao pisar algo mole e úmido. Ao cair, brandiu o martelo em direção aos tornozelos do homem que estava mais próximo dele. O soldado saltou para trás e estava prestes a atingi-lo com a espada, quando um elfo saltou para diante, decapitando os três soldados com dois golpes rápidos.

Era a mesma mulher elfo com quem falara no exterior das muralhas da cidade, só que agora estava salpicada de sangue seco.

Porém, antes que pudesse agradecer-lhe, a mulher elfo passou por ele correndo e continuou a matar soldados, brandindo a espada a uma velocidade que mal se via.

Depois de vê-los em ação, Roran concluiu que cada elfo equivalia a pelo menos cinco homens, sem contar com a sua aptidão para lançar feitiços. Quanto aos Urgals — muito especialmente o Kull — fazia os possíveis para não se cruzar no seu caminho, pois não pareciam fazer grande distinção entre amigos ou inimigos, uma vez inflamados; e o Kull era tão grande que não seria difícil matar alguém sem querer. Viu um deles esmagar um soldado entre uma perna e a parede de um edifício, sem se aperceber, e viu outro decapitar um soldado com um golpe acidental do escudo, ao virar-se.

O combate prosseguiu durante mais uns minutos, até restarem apenas soldados mortos na zona.

Roran limpou o suor da testa e olhou para um lado e para o outro da rua. Lá mais adiante, na cidade, viu os soldados que restavam do exército devastado, desaparecendo correndo por entre as casas, para se reunirem a outra parte do exército de Galbatorix. Pensou em persegui-los, mas a batalha principal decorria mais perto do extremo da cidade e ele queria atacar os adversários pela retaguarda, eliminando as suas linhas.

— Por aqui! — gritou, erguendo o martelo e começando a percorrer a rua.

Uma flecha cravou-se no rebordo do seu escudo e ele levantou os olhos, vendo a silhueta de um homem deslizar por baixo do topo de um telhado próximo.

Quando Roran saiu do denso aglomerado de edifícios, passando para o espaço aberto diante dos restos do portão principal de Urû'baen, viu tanta confusão que hesitou, não sabendo exatamente o que fazer.

Os dois exércitos tinham-se misturado de tal forma que era impossível distinguir linhas ou fileiras, tão pouco onde ficava a frente de batalha. As túnicas vermelhas dos soldados estavam dispersas pela praça, às vezes isoladas, outras vezes em grandes grupos, e o combate estendera-se a todas as ruas próximas, alastrando pela cidade como uma mancha. Entre os combatentes que Roran conseguia ver, distinguiu dezenas de gatos — gatos vulgares e não meninos-gato — a atacarem os soldados. Era o cenário mais selvagem e assustador que ele tinha presenciado em toda a sua vida.

Os gatos seguiam as instruções dos meninos-gato.

No centro da praça, montado no seu cavalo de guerra cinzento, estava Lord Barst, com o seu enorme armadura peitoral arredondada brilhando à luz dos fogos que ardiam nas casas mais próximas.

Brandia repetidamente o bastão, mais depressa do que qualquer humano jamais seria capaz, matando pelo menos um Varden de cada vez que desferia um golpe. As flechas que disparavam sobre ele desapareciam em pálidas nuvens de chamas alaranjadas, e as espadas e as lanças ricocheteavam nele como se fosse feito de pedra. Nem mesmo a força de um Kull era suficiente para derrubá-lo da montada. Estupefato, Roran viu o homem de armadura desfazer a cabeça de um Kull atacante, ao brandir descontraidamente o bastão, partindo-lhe os chifres e o crânio como se fossem uma casca de ovo.

Roran franziu o sobrolho. *Como pode ele ser tão forte e tão rápido?* Magia era a resposta óbvia, mas aquela magia tinha certamente uma fonte. Nem a armadura nem o bastão de Barst exibiam pedras preciosas e Roran também não acreditava que Galbatorix estivesse transferindo energia para Barst, à distância.

Lembrou-se da sua conversa com Eragon na noite anterior de resgatarem Katrina de Helgrind. Eragon dissera-lhe que era basicamente impossível alterar um corpo humano de forma, dando-lhe a velocidade e a força de um elfo, mesmo que esse humano fosse um Cavaleiro — o que tornava ainda mais assombroso o que os dragões lhe tinham feito durante as Celebrações do Juramento de Sangue. Parecia-lhe improvável que Galbatorix tivesse operado semelhante transformação em Barst, pelo que voltou a interrogar-se sobre a fonte sobrenatural do poder de Barst.

Barst puxou as rédeas da montada, virando o cavalo ao contrário, e a luz que se movia sobre a superfície da sua volumosa armadura chamou a atenção de Roran.

Roran sentiu a boca seca e foi invadido por uma sensação de desespero. Tanto quanto sabia, Barst não era homem para ter barriga. Jamais se desleixaria com o corpo, nem Galbatorix o teria escolhido assim para defender Urû'baen. A única explicação que fez sentido na altura era que Barst tinha um Eldunará preso ao corpo, sob a armadura estranhamente volumosa.

Depois a rua tremeu, abriu-se, e surgiu uma fenda escura debaixo de Barst e do seu cavalo de guerra. O buraco tê-los-ia facilmente engolido, mas o cavalo continuou de pé, suspenso, como se tivesse os cascos firmemente assentados no chão. Uma espiral de diferentes cores tremeluziu em torno de Barst, como uma auréola esfarrapada nas cores do arco-íris. Vagas alternadas de calor de frio emanavam do local onde estava e Roran viu filamentos de gelo a erguerem-se do chão, que tentavam enrolar-se à volta das patas do cavalo, para imobilizá-lo. Mas o gelo não conseguia agarrar o cavalo e a magia não parecia produzir efeito nem no homem nem no animal.

Barst voltou a puxar as rédeas e esporeou o cavalo na direção de um grupo de elfos que estava junto de uma casa, ali perto, a cantar na língua antiga. Roran deduziu que eram eles que estavam a lançar os feitiços contra Barst.

Erguendo o bastão por cima da cabeça, Barst atacou os elfos.

Estes se dispersaram, tentando defender-se, mas sem sucesso.

Barst partiu-lhes os escudos e as espadas com o bastão, esmagando-lhes os ossos como se estes fossem tão finos e ocos como os de uma ave.

Porque é que as defesas deles não os protegeram? Perguntou-se Roran. *Porque não conseguiram detê-lo com a sua mente?* Ele é só um e tem apenas um Eldunará consigo. A alguns metros de distância, uma grande pedra redonda esmagou-se sobre o mar de corpos em luta, deixando atrás de si uma mancha vermelha viva, e saltou para frente de um edifício onde estilhaçou as estátuas sobre a ombreira da porta.

Roran agachou-se e praguejou, tentando descobrir de onde viera aquela pedra. No meio da cidade viu que os soldados de Galbatorix tinham recuperado o controle das catapultas e de outras máquinas de guerra,

montadas sobre a muralha exterior. *Estão disparando para dentro da sua própria cidade*, pensou ele. *Estão a disparar sobre os seus próprios homens!*

Com um rosnado de indignação, Roran virou-se de costas para a praça, ficando de frente para o interior da cidade.

— Não podemos fazer nada aqui! — gritou ele para o batalhão. — Deixem Barst para os outros e sigam por aquela rua! — E apontou para a esquerda. — Tentaremos chegar à muralha e ocuparemos posições lá!

Talvez os guerreiros lhe tivessem respondido, mas ele não os ouviu, pois já estava em movimento. Atrás de si outra pedra atingiu os exércitos de combatentes, desencadeando mais gritos de dor.

A rua que Roran escolhera estava cheia de soldados.

Aglomerados à porta de um chapeleiro havia também alguns elfos e meninos-gato, que com grande dificuldade se defendiam do largo número de inimigos em seu redor. Os elfos gritaram algo e doze soldados tombaram, mas os restantes ficaram de pé.

Mergulhando no meio dos soldados, Roran voltou a perder-se no êxtase de sangue do combate. Saltou sobre um dos soldados caídos, e atingiu o elmo do homem caído de costas com o martelo. Confiante de que o homem estava morto, Roran usou o escudo para empurrar o soldado seguinte, golpeando-o depois na garganta com a ponta do martelo e esmagando-a.

Junto dele, Delwin foi atingido por uma lança no ombro e deixou-se cair sobre o joelho com um grito de dor. Brandindo o martelo mais depressa do que era habitual, Roran obrigou o lanceiro a recuar enquanto Delwin arrancava a arma e se levantava.

— Abandona o combate — disse-lhe Roran.

Delwin abanou a cabeça, de dentes arreganhados.

— Não!

— Abandona o combate, droga! É uma ordem.

Delwin praguejou, mas obedeceu e Horst tomou o seu lugar.

Roran reparou que o ferreiro sangrava de cortes que tinha nos braços e nas pernas, mas estes não pareciam interferir com a sua mobilidade.

Roran esquivou-se a uma espada e deu um passo em frente.

Pareceu-lhe ouvir um vago silvo no ar, atrás de si. Depois um trovão explodiu-lhe nos ouvidos, a terra girou à sua volta e tudo ficou negro.

Acordou com a cabeça latejando. Lá em cima viu o céu — agora iluminado pela luz do sol nascente — e o teto escuro da saliência coberta de rachas.

Gemeu de dor e tentou endireitar-se. Estava deitado na base da muralha exterior da cidade, junto dos fragmentos ensangüentados de uma pedra de uma catapulta. Faltava-lhe o escudo e o martelo, o que o preocupava de uma forma algo confusa.

Enquanto tentava orientar-se, um grupo de cinco soldados correram para ele e um dos homens tentou trespassar-lhe o peito com uma lança. A ponta da arma projetou-o contra a parede, mas não lhe perfurou a pele.

— Agarrem-no! — gritaram os soldados. Roran sentiu mãos a agarrar-lhe nos braços e nas pernas. Debateu-se e tentou libertar-se, mas estava fraco e desorientado, e os soldados eram muitos.

Os soldados bateram-lhe repetidamente e ele sentiu-se a perder as forças, à medida que as suas defesas o protegiam contra os golpes. O mundo começou a ficar cinzento e ele estava prestes a perder de novo a consciência, quando a lâmina de uma espada irrompeu pela boca de um dos soldados.

Os soldados largaram-no e Roran viu uma mulher de cabelos escuros a girar no meio deles, brandindo a espada com a facilidade e a prática de um guerreiro experiente. Em segundos ela matou os cinco homens, embora um deles tivesse conseguido fazer-lhe um golpe superficial na coxa esquerda.

Depois ela estendeu-lhe a mão e disse:

— Martelo Forte.

Ao agarrar-lhe o antebraço, Roran viu que o pulso dela estava coberto de cicatrizes, no local que o braçal gasto não tapava, como se tivesse sido queimada ou chicoteada quase até ao osso. Atrás da mulher havia uma adolescente pálida, vestida como um sortido de peças de armadura e um rapaz que parecia um ou dois anos mais novo do que a garota.

— Quem é você? — perguntou ele, levantando-se. O rosto da mulher era surpreendente: largo, com uma estrutura óssea forte e a aparência suja e estragada de alguém que passara grande parte da sua vida ao ar livre.

— Uma forasteira — respondeu ela. Dobrou os joelhos, apanhou uma das lanças dos soldados e lhe deu.

— Os meus agradecimentos.

Ela acenou com a cabeça e afastou-se por entre os edifícios com os seus jovens companheiros, encaminhando-se para o interior da cidade. Roran ficou olhando-os durante meio segundo, apressando-se depois para descer a rua para voltar a reunir-se ao seu batalhão.

Os guerreiros saudaram-no com gritos de perplexidade e atacaram os soldados com redobrada energia, encorajados pelo seu regresso. Contudo, ao tomar o seu lugar entre os homens de Carvahal, Roran descobriu que a pedra que o atingira tinha também matado Delwin. A sua mágoa depressa se transformou em raiva e ele lutou ainda mais ferozmente, determinado a acabar com a batalha o mais depressa possível.

O Nome de Todos os Nomes

Receoso mas determinado, Eragon avançou com Arya, Elva e Saphira em direção ao estrado onde Galbatorix estava descontraidamente sentado no trono.

Foi uma longa caminhada, tão longa que Eragon teve tempo para ponderar numa série de estratégias, a maior parte das quais descartou por serem pouco práticas. Sabia que a força, por si só, não seria o suficiente para derrotar o rei; seria também necessária a astúcia e era justamente isso que sentia que lhe faltava. A verdade é que não tinham outra hipótese senão confrontar Galbatorix.

As duas filas de lanternas que conduziam ao estrado tinham espaço suficiente entre si para os quatro caminharem lado a lado e Eragon ficou satisfeito com isso, pois permitiria que Saphira lutasse junto deles, se necessário.

Eragon continuou estudando a câmara ao redor, à medida que se aproximavam do trono. Achou estranho que um rei recebesse os seus convidados numa sala assim, pois, tirando o caminho iluminado diante deles, grande parte do espaço estava escondido numa escuridão insondável — mais inacessível que a das salas dos Anões, por baixo de Tronjheim e de Farthen Dûr.

O ar estava impregnado de um odor seco e almiscarado, algo familiar, embora Eragon não o conseguisse situar.

— Onde está Shruikan? — perguntou ele num tom baixo.

Saphira farejou o ar.

Consigo cheirá-lo, mas não o ouço.

Elva franziu a testa.

— E eu não consigo senti-lo.

Quando estavam a cerca de nove metros do estrado, pararam.

Por trás do trono havia espessas cortinas negras, de um material aveludado, que se estendiam até ao teto.

Galbatorix estava oculto numa sombra que lhe escondia as feições, mas depois se inclinou para a luz e Eragon viu-lhe o rosto.

Era longo e esguio, com uma testa funda e um nariz semelhante a uma lâmina. Os olhos eram duros como pedra e o branco, em torno da íris, era pouco visível. Tinha uma boca fina e larga, com uma ligeira curva descendente nos cantos, e uma barba e um bigode aparados, negros como pez, à semelhança das roupas. Em termos de idade, parecia estar na casa dos quarenta: no auge da sua força, mas no início do declínio. Tinha rugas na testa e de ambos os lados do nariz, a pele era bronzeada, e parecia magro, como se apenas se alimentasse de carne de coelho e nabos durante o inverno. Tinha ombros largos e atléticos, e uma cintura elegante.

Usava uma coroa de ouro avermelhado, ornamentada com todo o tipo de jóias. A coroa parecia antiga — mais antiga do que a sala —, pelo que Eragon se interrogou se esta não teria pertencido ao rei Palancar, há muitas centenas de anos.

A espada de Galbatorix repousava no seu colo. Era uma espada de Cavaleiro, era óbvio, mas Eragon nunca vira uma espada assim.

A lâmina, o punho e o guarda-mão eram totalmente brancos e a pedra preciosa no pomo era transparente, como uma nascente na montanha. Porém, no geral, Eragon sentiu que havia algo de inquietante na espada. A cor — ou melhor, a ausência de cor — lembrava-lhe um osso descolorado pelo sol. Era da cor da morte e não da vida, e parecia muito mais perigosa do que qualquer nuance de negro, por muito escura que fosse.

Galbatorix examinou-os, um por um, com o seu olhar penetrante e incisivo.

— Com que então vieram matar-me — disse ele. — Bom, vamos então começar? — Ergueu a espada e abriu os braços num gesto de acolhimento.

Eragon afastou os pés e ergueu a espada e o escudo. Aquele convite do rei inquietou-o. *Ele está brincando conosco*. Ainda agarrada à Dauthdaert, Elva avançou e começou a falar, contudo nenhum som lhe saiu pela boca, e ela olhou para Eragon com uma expressão alarmada.

Eragon tentou alcançar a mente dela, mas não conseguia sentir os seus pensamentos. Era como se já não estivesse na sala.

Galbatorix deu uma gargalhada, voltou a colocar a espada sobre o colo e recostou-se no trono.

— Achava mesmo que eu não conhecia as tuas aptidões, menina? Pensavas que conseguirias neutralizar-me com um truque tão mesquinho e transparente? Não tenho dúvida de que as tuas palavras poderiam me atingir, mas só se eu as pudesse ouvir. —

Os seus lábios exangues curvaram-se num sorriso cruel, sem um pingo de humor. — Mas que tolice. É esta a dimensão de seus planos? Uma garota que não pode falar a menos que eu lhe dê licença, uma lança mais apropriada para enfeitar uma parede do que para levar para uma batalha e uma coleção de Eldunarís parcialmente senis? Que lástima! Esperava mais de você, Arya, e de você Glaedr, mas suponho que as tuas emoções te enfraqueceram desde que usei Murtagh para matar Oromis.

Dirigindo-se a Eragon, Saphira e Arya, Glaedr disse: *Matem-no*. O dragão dourado parecia calmo, mas a sua serenidade deixava transparecer uma raiva que se sobrepunha a todas as outras emoções.

Eragon trocou um breve olhar com Arya e com Saphira, e os três começaram a aproximar-se do estrado, enquanto Glaedr, Umaroth e os outros Eldunarís atacavam a mente de Galbatorix.

Antes que Eragon conseguisse dar mais do que alguns passos, o rei levantou-se do seu assento de veludo e gritou uma Palavra. A Palavra reverberou na mente de Eragon e todo o seu ser pareceu vibrar, como se um instrumento e um bardo lhe tivesse puxado uma corda. Mas, apesar da intensidade da reação, Eragon não conseguia lembrar-se da Palavra, pois esta desapareceu da sua mente, deixando apenas o conhecimento da sua existência e da forma como o afetara.

Galbatorix proferiu outras palavras depois, mas nenhuma parecia ter o mesmo poder, e Eragon estava muito aturdido para compreender o seu significado. Quando o rei proferiu a última frase, uma força prendeu Eragon, detendo-o a meio de um passo, e o choque arrancou-lhe um grito de surpresa. Ele tentou mexer-se, mas era como se o seu corpo estivesse envolto em pedra.

Conseguia apenas respirar, olhar e, como, entretanto descobrira, falar.

Eragon não entendia; as suas defesas deviam-no ter protegido da magia do rei e não deixá-lo como se cambaleasse junto de um grande abismo.

Ao seu lado, Saphira, Arya e Elva pareciam estar igualmente imobilizadas.

Enraivecido pela facilidade com que o rei os apanhara, Eragon uniu a mente aos Eldunarís, enquanto estes atacavam a consciência de Galbatorix e sentiu que eles estavam a ser defrontados por inúmeras mentes — todas elas de dragões — que cantarolavam, murmuravam e guinchavam, num coro enlouquecido e dissonante, carregado de tamanha dor e mágoa, que Eragon desejou afastar-se, receando que o arrastassem para essa loucura. Além disso, eram fortes, como se em vida a maioria fosse igual ou maior do que Glaedr.

Os dragões adversários impossibilitavam um ataque direto a Galbatorix. Sempre que Eragon julgava sentir o toque da mente do rei, um dos dragões escravizados atirava-se à sua mente, forçando-o a recuar — sempre a balbuciar palavras ininteligíveis. Combater os dragões era uma tarefa difícil devido aos seus pensamentos desordenados e incoerentes, mas dominar qualquer um deles era como tentar conter um lobo raivoso. Além disso, eram muitos, muitos mais do que os Cavaleiros tinham escondido no Cofre das Almas.

Antes que qualquer uma das partes conseguisse ficar em vantagem, Galbatorix, que parecia totalmente insensível à luta invisível, disse:

— Saiam meus queridos, e venham conhecer os nossos convidados.

Um rapaz e uma garota saíram de trás do trono, parando à direita do rei. A garota parecia ter uns seis anos e o rapaz uns oito ou nove. Eram bastante parecidos e Eragon deduziu que fossem irmãos. Ambos usavam roupa de dormir. A garota estava agarrada ao braço do rapaz, meio escondida atrás dele, e o rapaz parecia assustado, mas determinado. Enquanto lutava contra os Eldunarís de Galbatorix, Eragon conseguia sentir a mente das crianças — o seu terror e a sua confusão —, pelo que percebeu que eram reais.

— Não é encantadora? — perguntou Galbatorix, erguendo o queixo da garota com um longo dedo. — Tem uns olhos grandes e um cabelo tão bonito. E ele? É ou não é rapazinho atraente? — E colocou a mão no ombro do rapaz. — Dizem que as crianças são uma bênção para todos nós, mas eu não partilho dessa convicção.

Pois sei, por experiência, que são tão cruéis e vingativas como os adultos. Apenas lhes falta a força para submeter os outros à sua vontade.

Não sei se concordam comigo ou não; independentemente disso, sei que vocês, Varden, se orgulham de suas virtudes. Veem-se como defensores da justiça e dos inocentes — como se alguém fosse realmente inocente — e

lutam para corrigir um mal ancestral, como nobres guerreiros que são. Muito bem, então: vamos testar suas convicções e ver se são o que dizem ser. Matarei estes dois, a menos que interrompam o vosso ataque — e sacudiu o ombro do rapaz —, ou se atrevam a atacar-me de novo... Na verdade, bastará que me contrariem um pouco mais para que eu os mate. — O rapaz e a garota pareceram ficar abalados com as palavras, mas não tentaram fugir.

Eragon olhou para Arya e viu o desespero espelhado no seu olhar.

Umaroth! Gritaram eles.

Não, rosnou o dragão branco, enquanto lutava com a mente de outro Eldunarí.

Têm de parar, disse Arya.

Não!

Ele vai matá-los, disse Eragon.

Não! Não vamos desistir. Nunca!

Basta! Rugiu Glaedr. Há crias em perigo!

E mais haverá senão matarmos o Destruidor de Ovos.

Sim, mas este não é o momento, disse Arya. Esperem mais um pouco e talvez consigamos descobrir uma forma de atacá-lo sem pôr a vida destas crianças em risco.

E se não descobrirmos? Perguntou Umaroth.

Nem Eragon nem Arya conseguiram responder.

Nesse caso faremos o que for necessário, disse Saphira. Eragon detestou a idéia, mas sabia que ela tinha razão. Não podiam pôr as duas crianças à frente de toda a Alagaësia. Tentariam salvar o rapaz e a garota, mas se isso não fosse possível, iriam atacar. Não tinham alternativa.

Quando Umaroth e os Eldunarís a quem ele se dirigira abandonaram o ataque, contrariados, Galbatorix sorriu.

— Assim já está melhor. Agora podemos falar como seres civilizados, sem nos preocuparmos com quem está tentando matar quem. — Bateu levemente na cabeça do rapaz e depois apontou para os degraus do estrado.

— Sentem-se. — As duas crianças sentaram-se no último degrau, sem argumentar, tentando ficar os mais afastados do rei. Depois, Galbatorix fez um gesto e disse:

—Kausta — e Eragon deslizou para frente, tal como Arya, Elva e Saphira, até ficarem junto da base do estrado.

Eragon continuava perplexo pelo fato de os seus feitiços não estarem o protegendo. Pensou na Palavra — fosse ela qual fosse — e uma horrível suspeita ganhou forma dentro de si. Seguiu-se uma sensação de desespero. Apesar de todos os seus planos, apesar de todas as suas conversas, preocupações e sofrimento, Galbatorix conseguira capturá-los tão facilmente como a uma ninhada de gatinhos e se, a suspeita de Eragon se confirmasse, o rei era bem mais temível do que supunham.

Ainda assim, não eles estavam totalmente indefesos, pois continuavam senhores da sua mente, pelo menos de momento, e tanto quanto lhe era dado entender, ainda poderiam usar magia... de uma forma ou de outra.

O olhar de Galbatorix fixou-se em Eragon:

— Então, foi você que me deu todos estes problemas, Eragon, filho de Morzan... há muito que você e eu nos devíamos ter encontrado. Se a tua mãe não tivesse cometido a tolice de te esconder em Carvahal, terias crescido aqui, em Urû'baen, como uma criança da nobreza, com todas as riquezas e responsabilidades inerentes, em vez de passar os dias arando a terra.

Seja como for, está aqui e tudo isso será enfim seu. É o seu patrimônio, a sua herança e eu zelarei para que a receba.

Pareceu estudar Eragon mais atentamente e continuou:

— É mais parecido com a sua mãe do que com o seu pai. Com Murtagh é o oposto. Mas isso pouco importa. Seja parecido com quem for, é perfeitamente justo que você e o seu irmão me sirvam, tal como os seus pais.

— Nunca! — reagiu Eragon, contraindo os maxilares.

Um sorriso fino surgiu no rosto do rei.

— Nunca? Veremos. — E desviou o olhar. — E você, Saphira... De todos os meus convidados você é quem mais me agrada ver. Amadureceu maravilhosamente. Você lembra deste lugar? Lembra do som da minha voz? Passei muitas noites falando com você e com os outros ovos que tinha ao

meu cuidado, durante os anos em que tentava consolidar a minha liderança do Império.

Lembro-me... lembro-me vagamente, respondeu Saphira e Eragon transmitiu as suas palavras ao rei. Ela não queria se comunicar diretamente com o rei, nem ele o teria permitido. Manter as suas mentes separadas era a melhor forma de se protegerem, não entrando assim em conflito aberto.

Galbatorix acenou com a cabeça.

— E estou certo de que se lembrará mais, quanto mais tempo permanecer dentro destas paredes. Talvez não estivesse totalmente consciente disso, na altura, mas passou grande parte da sua vida numa sala não muito longe daqui. Esta é a sua casa, Saphira, o teu lugar é aqui. E é aqui que fará o seu ninho e colocará os seus ovos.

Saphira franziu os olhos e Eragon sentiu nela uma estranha saudade misturada com um ódio ardente.

O rei prosseguiu:

— Arya Dröttningu parece que o destino tem sentido de humor, pois aqui está você, tal como ordenei que te trouxessem há tanto tempo atrás. O teu percurso foi circular, mas ainda assim, veio de livre vontade. Acho isso bastante divertido, você não?

Arya cerrou os lábios e recusou-se a falar.

Galbatorix riu baixinho.

— Confesso que há já algum tempo que é uma pedra no meu sapato. Não fez tantos estragos como aquele desgraçado intrometido do Brom, mas também não ficou de braços cruzados.

Poder-se-ia dizer que é a responsável por toda esta situação, pois foi você que enviou o ovo de Saphira a Eragon. Contudo, não sinto inimizade por você. Se não fosse você, Saphira poderia não ter nascido e eu poderia nunca ter conseguido descobrir os meus últimos inimigos. Agradeço-te por isso.

E você Elva, a garota com o selo de um Cavaleiro na testa.

Abençoada com a marca do dragão e os meios para perceber tudo o que magoa ou poderá vir a magoar alguém. Como deve ter sofrido nos últimos

meses. Como deve desprezar as fraquezas dos que te rodeiam, sendo forçada, a partilhar do seu sofrimento. Os Varden te aproveitaram mal. Hoje porei fim às batalhas que tanto te têm atormentado e você não precisará voltar a suportar os erros e as desventuras dos outros, prometo. De vez em quando, é possível que eu recorra às tuas aptidões, mas de um modo geral, poderá viver como entender e a paz estará contigo.

Elva franziu a testa, mas era óbvio que a oferta do rei a tentara. *Ouvir Galbatorix podia ser tão perigoso como ouvir Elva*, concluiu Eragon.

Galbatorix fez uma pausa, passando os dedos no punho da sua espada, envolto em arame e fitando-os de pálpebras semicerradas.

Depois olhou para trás deles, em direção ao ponto onde os Eldunari fluuavam ocultos, e o seu estado de espírito pareceu ensombrar-se.

— Transmite as minhas palavras a Umaroth, enquanto eu estiver falando com eles — disse ele. — Umaroth! Voltamos a encontrar-nos em circunstâncias infelizes. Julgava que te tinha matado em Vroengard.

Umaroth respondeu e Eragon começou a transmitir as suas palavras:

— Ele diz que...

—... que só matou o seu corpo — completou Arya.

— Isso é mais que óbvio — reagiu Galbatorix. — Onde foi que os Cavaleiros esconderam você e aos outros que estão contigo? Em Vroengard ou em outro local? Os meus servos e eu examinamos minuciosamente as ruínas de Doru Araeba.

Eragon hesitou em transmitir a resposta do dragão, pois tinha a certeza que iria desagradar ao rei, mas não havia outra hipótese:

— Ele diz... que jamais partilhará essa informação com você de sua livre vontade.

As sobrancelhas de Galbatorix uniram-se.

— Tem certeza? Em breve me revelará quer queira, quer não. — O rei bateu suavemente no pomo da sua deslumbrante espada branca. — Roubarei esta espada do seu Cavaleiro quando o matei — quando matei Vrael —, na torre de vigia sobranceira ao Vale de Palancar.

Vrael tinha um nome próprio para a sua espada. Chamou-lhe Islingr, “Portadora da Luz”, mas eu achei que Vrangr era mais... adequado.

Vrangr queria dizer “torto” e Eragon concordou que seria o nome que melhor se adequava à espada.

Um estrondo profundo ressoou atrás deles e Galbatorix voltou a sorrir.

— Ah, ótimo, Murtagh e Thorn se reunirão a nós daqui a pouco e, nessa altura, poderemos resolver isto convenientemente. — Outro ruído ecoou na câmara e depois ouviu-se um som semelhante a uma rajada de vento, que parecia vir de todas as direções.

Galbatorix olhou por cima do ombro e disse:

— Foi bastante indelicado da parte de vocês atacarem tão cedo. Eu já estava acordado — pois levanto-me antes do amanhecer —, mas despertaram Shruikan. Ele fica bastante irritado quando está cansado e, quando se irrita, tem tendência a comer pessoas. Há muito que os meus guardas aprenderam a não o perturbar enquanto descansa. Teria sido bom que seguissem o seu exemplo.

Enquanto Galbatorix falava, as cortinas atrás do trono mexeram-se e levantaram-se em direção ao teto.

Perplexo, Eragon percebeu que estas eram, na verdade, as asas de Shruikan.

O dragão negro estava enroscado no chão, com a cabeça perto do trono. O volume gigantesco do seu corpo formava uma parede muito íngreme e alta para ser escalada sem magia. As suas escamas não tinham a radiância das de Saphira nem das de Thorn, mas cintilavam com um brilho líquido. A cor escura tornava-as quase opacas, o que lhes dava uma aparência sólida e robusta, que Eragon nunca vira nas escamas de um dragão. Era como se Shruikan tivesse escamas revestidas de pedra ou de metal, e não de pedras preciosas.

O dragão era enorme. No início, Eragon teve dificuldade em conceber que a forma que tinham diante deles era uma criatura viva. Viu parte do pescoço musculoso de Shruikan e julgou estar olhando para o corpo do dragão; viu a parte lateral de uma das patas traseiras e confundiu-a com uma tibia; e a prega de uma asa pareceu-lhe uma asa inteira. Só quando olhou para cima e viu os espigões sobre a coluna do dragão, é que se apercebeu das verdadeiras dimensões. Cada espigão era da largura do tronco de um velho carvalho e as escamas em torno destes tinham trinta centímetros de espessura, ou mais.

Depois Shruikan abriu um olho e fitou-os. As suas íris eram azuis esbranquiçadas, da cor de um glaciar da montanha, e pareciam extraordinariamente claras, em contraste como o negro das escamas.

O gigantesco olho de pupilas fendidas saltitava de um lado para o outro, estudando os seus rostos. Fúria e demência era tudo o que se via no olhar do dragão. Eragon estava certo de que Shruikan os mataria num segundo se Galbatorix o permitisse.

Eragon sentiu vontade de fugir e de se esconder num buraco fundo, ao ver a expressão daquele olho gigantesco, especialmente pelo fato de se revelar tão evidentemente malévola. Era algo muito semelhante ao que um coelho sentia, quando confrontado com uma criatura enorme de dentes afiados.

Saphira rosnou junto dele e as escamas ao longo do seu dorso ondularam e eriçaram-se como as penas do pescoço de uma ave.

Línguas de fogo surgiram nas enormes narinas de Shruikan, e como que em resposta, ele rosnou também, abafando os sons de Saphira e impregnando a sala de um som semelhante a um desabamento.

As duas crianças, que estavam no estrado, guincharam e enrolaram-se num novelo, escondendo a cabeça entre os joelhos.

— Sossega Shruikan — disse Galbatorix e o dragão negro voltou a ficar em silêncio. As suas pálpebras desceram, mas não se fecharam por completo e o dragão continuou a observá-los através de uma fenda de escassos centímetros, como que à espera do momento oportuno para atacar.

— Ele não gosta de vocês — disse Galbatorix. — Mas também não gosta de ninguém... não é, Shruikan? — O dragão resflogou e um cheiro de fumaça impregnou o ar.

Eragon voltou a sentir-se dominado pelo desespero. Shruikan poderia matar Saphira com uma patada e, por muito grande que fosse a sala, Saphira não conseguiria evitar o enorme dragão negro durante muito tempo.

O seu desespero deu lugar à raiva e à frustração e Eragon deu um puxão aos grilhões invisíveis.

— Como consegue fazer isto? — gritou ele, contraindo todos os músculos do corpo.

— Também gostaria de saber — disse Arya.

Os olhos de Galbatorix pareciam cintilar sob as saliências escuras da testa.

— Não adivinha jovem elfo?

— Preferiria uma resposta a dar palpites — respondeu ela.

— Muito bem. Mas, primeiro, terão de fazer algo para que possam saber que estou de fato dizendo a verdade. Terão ambos de tentar lançar um feitiço e, depois, eu digo. — Ao ver que nem Eragon nem Arya se decidiam a falar, o rei fez um gesto com a mão. — Vão em frente, prometo que não vou castigá-los. Agora, experimentem... faço questão.

Arya foi a primeira.

— Thrautha — disse ela, num tom duro e grave. *Ela estava tentando lançar a Dauthdaert na direção de Galbatorix*, calculou Eragon, contudo a arma permaneceu imóvel na sua mão.

Depois Eragon disse:

— Brisingr! — E pensou que a sua ligação com a espada talvez lhe permitisse praticar a magia ao contrário de Arya. Mas para sua decepção, a arma ficou igual, cintilando ligeiramente sob a luz mortíça das lanternas.

O olhar de Galbatorix tornou-se mais intenso.

— Agora já deve ter percebido claramente a resposta, jovem elfo. Demorei mais de um século para consegui-lo, mas descobri finalmente o que pretendia: uma forma de dominar os feiticeiros de Alagaësia. A busca não foi fácil; a maior parte dos homens teria desistido por frustração. Ou medo, caso fossem suficientemente pacientes, mas eu não, eu persisti, e através dos meus estudos descobri o que há tanto desejava: uma tábua inscrita noutra terra e noutra era, pelas mãos de alguém que não era elfo, anão, humano nem Urgal. Nessa tábua estava inscrita uma certa Palavra — um nome que os feiticeiros procuraram durante eras, sem outra recompensa que não amargas decepções. — Galbatorix levantou um dedo. — O nome de todos os nomes, o nome da língua antiga.

Eragon praguejou no seu íntimo. *Ele tinha razão. Era isso que o Ra'zac tentado me dizer*, pensou ele, ao recordar o que um dos monstros semelhantes a insetos, lhe tinha dito em Helgrind:

Ele quasssse descobriu o nome... O verdadeiro nome. Por muito desanimadora que fosse a revelação de Galbatorix, Eragon agarrou-se à evidência de que o nome não o poderia impedir a ele, Arya — ou Saphira — de praticarem magia sem recorrerem à língua antiga. Não que isso valesse muito, pois as proteções do rei certamente protegeriam a ele e a Shruikan de quaisquer feitiços que fossem lançados. Ainda assim, se o rei não soubesse que era possível praticar magia sem recorrer à língua antiga, ou se soubesse

mas pensasse que eles não sabiam, talvez eles o conseguissem surpreender e distrair por alguns instantes, embora Eragon não soubesse bem até que ponto isso lhes poderia ser útil.

Galbatorix prosseguiu:

— Com esta Palavra posso reformular feitiços tão facilmente como outro feiticeiro comanda os elementos. Todos os feitiços dependerão de mim e eu não dependerei de ninguém, a não ser daqueles que eu escolher.

Talvez ele não saiba, pensou Eragon, sentindo uma centelha de determinação no seu íntimo.

— Usarei o nome dos nomes para subjugar todos os feiticeiros de Alagaësia e ninguém lançará feitiços a não ser com a minha bênção, nem mesmo os elfos. Os feiticeiros do seu exército estão descobrindo essa verdade, neste preciso momento. Assim que se aventuram a uma determinada distância, no interior de Urû'baen, os seus feitiços deixam de funcionar convenientemente. Alguns dos seus encantamentos falham por completo, ao passo que outros se viram contra eles, acabando por afetar as suas tropas e não as minhas. — Galbatorix inclinou a cabeça e ficou com um olhar distante, como se ouvisse alguém sussurrar-lhe ao ouvido. — Já provocou bastante confusão nas fileiras.

Eragon resistiu ao desejo de cuspir no rei.

— Não faz mal — rugiu ele. — Descobriremos uma forma de te deter.

Galbatorix parecia amargamente divertido.

— Verdade? Como? E por quê? Pensa no que está dizendo.

Travaria a primeira oportunidade de paz em Alagaësia para saciar o teu exacerbado desejo de vingança? Permitiria que os feiticeiros continuassem a fazer o que quisessem, por toda a parte, independentemente do mal que causassem aos outros? Parece-me de longe pior do que qualquer coisa que eu tenha feito. Mas isto não passa de especulação inútil. Os melhores guerreiros dos Cavaleiros não conseguiram derrotar-me e você está longe de ser como eles. Nunca teve qualquer chance de me derrotar.

Nenhum de vocês.

— Eu matei Durza e matei os Ra'zac — respondeu Eragon. — Porque não você?

— Eu não sou tão fraco como aqueles que me servem. Não consegui sequer derrotar Murtagh, e ele não passa da sombra de uma sombra. O teu pai, Morzan, era de longe mais poderoso do que qualquer um de vocês e,

nem mesmo ele conseguiu resistir ao meu poder. Além disso — continuou Galbatorix, com uma expressão cruel —, se pensa que destruiu os Ra'zac, estás enganado. Os ovos de Dra-Leona não foram os únicos que eu tirei dos Lethrblaka. Tenho mais escondidos em outro local. Em breve irão chocar e os Ra'zac voltarão a caminhar pela terra para cumprir as minhas ordens. Quanto a Durza, os Espetros são fáceis de criar e, normalmente não valem os problemas que dão. Como vê, não ganhou nada, rapaz... nada a não ser falsas vitórias.

O que Eragon mais detestava era a presunção e o ar de absoluta superioridade de Galbatorix. A sua vontade era enfurecer-se com o rei e amaldiçoá-lo de todas as formas possíveis e imaginárias, mas para segurança das crianças conteve-se.

Têm alguma idéia? Perguntou ele a Saphira, Arya e Glaedr.

Não, disse Saphira. Os outros ficaram em silêncio.

Umaroth?

Apenas que devíamos atacar enquanto ainda é possível.

Durante um minuto ninguém falou. Galbatorix apoiou-se no cotovelo, colocando o queixo sobre o pulso, e continuou a observá-los. O rapaz e a garota choravam baixinho aos seus pés. Em cima, o olho de Shruikan continuava fixo em Eragon e nos que estavam com ele, como uma enorme lanterna cor de gelo.

Depois ouviram as portas da câmara abrirem-se e a fecharem-se, e o som de passos a aproximarem-se — os passos de um homem e de um dragão.

Murtagh e Thorn depressa apareceram. Pararam junto de Saphira e Murtagh fez uma vênica.

— Senhor.

O rei fez um gesto e Murtagh e Thorn subiram para o lado direito do trono.

Ao ocupar a sua posição, Murtagh olhou para Eragon com desdém. Depois, colocou as mãos atrás das costas e olhou para o lado oposto da câmara, ignorando-o.

— Demorou mais do que eu esperava — disse Galbatorix num tom enganadoramente brando.

Murtagh respondeu sem olhar:

— O portão estava mais danificado do que eu imaginava, senhor, e os feitiços que colocou nele dificultaram a reparação.

— Está insinuando que sou o responsável pelo teu atraso?

Murtagh contraiu os maxilares.

— Não, senhor, estava apenas explicando. Parte do corredor estava também bastante... sujo e isso atrasou-nos.

— Compreendo. Falaremos disso mais tarde, por agora há outros assuntos para tratar. Para começar, está na hora de os nossos convidados conhecerem o último membro do nosso grupo. Além disso, já é mais do que tempo de iluminarmos convenientemente esta sala.

Galbatorix bateu com a face da lâmina da espada num dos braços do trono e gritou num tom de voz grave:

— Naina!

Centenas de lanternas acenderam-se ao longo das paredes da câmara, banhando-a como uma luz quente, semelhante à das velas.

A sala mantinha-se escura nos cantos, mas Eragon conseguiu pela primeira vez, distinguir os detalhes em seu redor. Dezenas de pilares e de entradas ladeavam as paredes e havia esculturas, pinturas e arabescos dourados por toda a parte. Prata e ouro eram os materiais mais utilizados e Eragon teve um vislumbre do brilho de muitas jóias. Era uma espantosa exibição de riqueza, mesmo quando comparada com as de Tronjheim e Elesméra.

Momentos depois reparou numa outra coisa: à sua direita, num local aonde a luz anteriormente não chegava, havia um bloco de pedra cinzenta — talvez de granito —, com cerca de dois metros e meio de altura. Acorrentada ao bloco, de pé, estava Nasuada, com uma simples túnica branca. Ela fitava-os de olhos arregalados, embora não pudesse falar, pois tinha uma mordança. Parecia abatida e cansada, mas de boa saúde.

Eragon foi percorrido por uma sensação de alívio, não esperando encontrá-la viva.

— Nasuada! — gritou ele. — Está bem?

Ela acenou com a cabeça.

— Ele te obrigou a jurar lealdade?

Nasuada abanou a cabeça.

— Acha que eu permitiria que ela te dissesse, se o tivesse feito?

— interpelou Galbatorix. Ao olhar de novo para o rei, Eragon viu Murtagh lançar um breve olhar de preocupação na direção de Nasuada, e interrogou-se sobre o seu significado.

— E então, obrigou-a? — insistiu Eragon, em tom de desafio.

— Por acaso, não. Decidi esperar até estarem todos reunidos. Agora que já o fiz, ninguém sairá enquanto não jurarem servir-me e enquanto eu não souber o verdadeiro nome de cada um de vocês. É por isso que aqui estão. Não para me matar, mas para se curvarem perante mim, acabando finalmente com esta desagradável rebelião.

Saphira rosnou e Eragon disse:

— Não vamos desistir. — Mesmo aos seus próprios ouvidos, aquelas palavras soaram-lhe débeis e ineficazes.

— Então eles morrerão — respondeu Galbatorix, apontando para as duas crianças —, e a sua desobediência acabará por não modificar nada. Parecem não entender que já perderam. Lá fora a batalha não está correndo bem para seus amigos. Em breve, os meus homens irão obrigá-los a render-se e esta guerra chegará ao fim que lhe estava destinado. Lutem se quiserem. Ninguém o que têm diante dos olhos, se isso vos consola. Mas nada do que fizerem poderá alterar seus destinos, nem o destino de Alagaësia.

Eragon recusava-se a acreditar que ele e Saphira tivessem de passar o resto da vida às ordens de Galbatorix. Saphira sentia o mesmo, porque a sua raiva se uniu à dele, destruindo o pouco que lhes restava de receio e de cautela. Eragon disse:

— Vae weohnata ono vergarí, eka thäet otherúm. Nós vamos te matar, juro.

Por instantes, Galbatorix pareceu ficar irritado, mas depois voltou a dizer a Palavra — bem como outras palavras na língua antiga — e o voto que Eragon proferira pareceu perder todo o significado. As palavras jaziam na sua mente como um amontoado de folhas mortas, sem poder para as incitar ou inspirar.

O lábio superior do rei revirou-se num sorriso de escárnio:

— Faz os juramentos que quiser. Nenhum te comprometerá, a menos que eu permita.

— Mesmo assim vou te matar — murmurou Eragon, percebendo que se continuasse a resistir, isso poderia custar a vida das duas crianças. Mas Galbatorix tinha de ser morto e, se o preço a pagar pela sua morte fosse a morte do rapaz e da garota, Eragon estaria disposto a aceitá-lo. Sabia que iria

odiar-se por isso e que veria o rosto das crianças em sonhos, o resto da sua vida. Mas, se não desafiasse Galbatorix, tudo estaria perdido.

Não hesite, disse Umaroth. *Chegou o momento de atacar.*

Eragon levantou a voz.

— Porque não quer lutar comigo? É covarde ou muito fraco para me defrontar? É por isso que se esconde atrás destas crianças como uma velha assustada?

Eragon... disse Arya, em tom de advertência.

— Não sou o único que trouxe uma criança para aqui, hoje — respondeu o rei, com as rugas mais acentuadas no rosto.

— Há uma diferença: Elva aceitou vir. Mas não respondeu à minha pergunta. Porque não quer lutar? Será que passou tanto tempo sentado no trono só comendo que te fez esquecer-se de como usar uma espada?

— Não iria querer lutar comigo, jovem — rosnou o rei.

— Então, prova. Me liberte e enfrente-me num combate honesto. Mostra que é um guerreiro que ainda merece ser reconhecido com tal. Ou vive com a evidência de que é um covarde rabugento, que nem se atreve a enfrentar um único adversário sem a ajuda dos seus Eldunarís. Você matou Vrael!

Porque haveria de ter medo? Por que...

— Basta! — disse Galbatorix. Um rubor aflorara-lhe às faces encovadas, mas, entretanto o seu estado de espírito alterou-se como mercúrio e ele arreganhou os dentes, num esgar apavorante, semelhante a um sorriso, e bateu no braço da cadeira com os nós dos dedos. — Eu não conquistei este trono aceitando todos os desafios que me faziam, nem o conservei enfrentando os meus inimigos num “combate honesto”. Terá ainda de aprender que não interessa como se conquista a vitória, mas sim conquistá-la, jovem.

— Estás enganado. Interessa — respondeu Eragon.

— Vou te recordar disso depois que me jurar lealdade. Porém... —

Galbatorix bateu levemente no pomo da espada. — Uma vez que insiste tanto em lutar, aceitarei o teu pedido. — A centelha de esperança que se acendera em Eragon desapareceu, ao ouvir Galbatorix acrescentar: — Mas lutará com Murtagh e não comigo.

Ao ouvir essas palavras, Murtagh lançou um olhar furioso a Eragon.

O rei passou a mão na ponta da barba.

— Gostaria de saber de uma vez por todas, qual é o melhor guerreiro. Lutarão tal como estão, sem magia nem Eldunarís, até que um se revele incapaz de prosseguir. Não podem matar-se um ao outro — proíbo-o — mas, tirando a morte, permitirei quase tudo.

Creio que será bastante divertido, ver dois irmãos a lutarem entre si.

— Irmãos não — corrigiu Eragon —, meios-irmãos. O meu pai era Brom e não Morzan.

Pela primeira vez, Galbatorix mostrou-se surpreendido. Depois, revirou o canto da boca para cima.

— Claro, eu devia ter percebido. Tem a verdade estampada na cara, para quem souber vê-la. Nesse caso, este duelo fará ainda mais sentido. O filho de Brom, contra o filho de Morzan. O destino tem sentido de humor, é um fato.

Murtagh reagiu também com surpresa, mas controlou-se muito bem para que Eragon percebesse se a informação lhe agradara ou o aborrecera. De qualquer forma, Eragon sabia que ele tinha sido apanhado desprevenido. A sua idéia era essa. Se Murtagh estivesse perturbado seria muito mais fácil derrotá-lo e ele tencionava derrotá-lo, independentemente do sangue que partilhavam.

— Letta — disse Galbatorix, fazendo um ligeiro movimento com a mão.

Eragon cambaleou, quando o feitiço que o prendia desapareceu.

Depois o rei disse:

— Gánga aptr — e Arya, Elva e Saphira deslizaram para trás, deixando um grande intervalo entre si e o estrado. O rei murmurou mais algumas palavras e a maior parte das lanternas na sala escureceram, tornando a área em frente ao trono o ponto mais iluminado da sala.

— Anda — disse Galbatorix, dirigindo-se a Murtagh —, se reúna a Eragon. Vamos ver quem é o mais hábil.

Murtagh franziu a testa, encaminhou-se para um ponto a vários metros de Eragon e desembainhou a espada — era como se a lâmina vermelha já estivesse coberta de sangue. Depois ergueu o escudo e agachou-se.

Eragon olhou de relance para Saphira e Arya e fez o mesmo.

— Agora, lutem! — gritou Galbatorix, batendo com as mãos.

Suado, Eragon aproximou-se de Murtagh, ao mesmo tempo em que este último se aproximava dele.

Músculos e Aço

Roran gritou e saltou para o lado ao ver um tijolo de uma chaminé a esmagar-se no chão, diante de si, seguido do corpo de um dos arqueiros do Império.

Limpou o suor dos olhos, contornando o corpo e o amontoado de tijolos espalhados, e saltou para os pontos em que o chão estava desimpedido, tal como costumava saltitar de pedra em pedra, no Rio Anora.

A batalha estava correndo mal. Isso era óbvio. Ele e os seus guerreiros mantiveram-se perto da muralha exterior, pelo menos um quarto de hora, combatendo as hordas de soldados atacantes, mas depois deixaram que os soldados os atraíssem de novo para o espaço entre os edifícios. Ao fazer a retrospectiva, ele percebeu que fora um erro. O combate nas ruas era desesperante, sangrento e confuso. O seu batalhão dispersara-se e apenas um pequeno número de guerreiros continuava perto — homens de Carvahal na sua maioria, juntamente com quatro elfos e vários Urgals. Os restantes estavam dispersos pelas ruas mais próximas, lutando sozinhos sem qualquer orientação.

Pior ainda: por alguma razão que os elfos e os outros feiticeiros não conseguiam explicar, a magia já não parecia funcionar como devia. Tinham descoberto isso, quando um dos elfos tentara matar um soldado com um feitiço e, em vez disso, fora um guerreiro dos Varden que morrera, consumido pelo enxame de escaravelhos que o elfo tinha invocado. Roran ficara enojado com aquela morte. Era uma forma horrível e absurda de se morrer, e poderia ter acontecido a qualquer um deles.

À sua direita, perto do portão principal, Lord Barst continuava a devastar o corpo principal do exército dos Varden. Roran vira-o por diversas vezes: agora caminhava entre humanos, elfos e Anões, golpeando-os violentamente com o seu enorme bastão negro, como se fossem pinos de madeira. Ninguém conseguia deter o homenzarrão, muito menos feri-lo, e os que estavam em redor dele afastavam-se apressadamente, evitando ficar ao alcance da sua temível arma.

Roran vira também o rei Orík e um grupo de Anões abrindo caminho por entre um grupo de soldados. O elmo decorado com jóias de Orík brilhava à luz, enquanto ele brandia o seu pesado martelo de guerra, Volund. Atrás de si, os seus guerreiros gritaram:

— Vor Oríkz korda!

A quinze metros de Orik, Roran viu de relance a rainha Islanzadí rodopiando por entre os soldados, com a capa esvoaçante e a sua armadura brilhante como uma estrela entre aquela massa escura de corpos. O seu companheiro, o corvo branco, esvoaçava em torno da sua cabeça. O pouco que ele via de Islanzadí impressionava-o pela sua destreza, ferocidade e bravura. Lembrava-lhe Arya, concluindo que a rainha era melhor.

Um grupo de cinco soldados contornou a esquina de uma casa e quase chocou com Roran. Os soldados gritaram e ergueram as lanças, fazendo o possível para o empalar como uma galinha assada. Ele baixou-se e esquivou-se, atingindo um dos homens na garganta com a sua lança. O soldado ficou de pé mais um minuto, mas não conseguia respirar convenientemente, e depressa caiu no chão fazendo tropeçar os companheiros.

Roran aproveitou a oportunidade, trespassando-os e golpeando-os. Um dos soldados conseguiu golpear Roran no ombro direito e ele sentiu a familiar quebra de energia no momento em que as suas proteções desviaram a espada.

Estava surpreendido pelo fato de suas defesas o protegerem, pois momentos antes não tinham impedido que o rebordo de um escudo lhe rasgasse a pele na face esquerda. O seu desejo era que o problema da magia se resolvesse por si, de uma forma ou de outra. Porém, da maneira como as coisas estavam, não se atrevia a expor-se ao mínimo golpe.

Roran avançou na direção dos dois últimos soldados, mas antes que os alcançasse, viu uma mancha de aço e as suas cabeças caíram nas pedras da calçada, com uma expressão de surpresa. Os corpos tombaram e Roran viu Ângela, a Herbolária, atrás deles, com a armadura verde e negra, empunhando o seu bastão-espada.

Junto dela havia dois meninos-gato, um na forma humana — uma garota com o cabelo matizado e dentes aguçados, ensangüentados, e uma longa adaga na mão — e o outro na forma animal. Roran achou que seria Solembum, mas não tinha a certeza.

— Roran! Que bom te ver — disse a Herbolária com um sorriso muito animado para as circunstâncias. — Nos encontrarmos aqui, imagina!

— Antes aqui do que no túmulo! — gritou ele, apanhando mais uma lança e atirando-a a um homem que estava mais à frente, na rua.

— Bem visto!

— Julgava que tinha ido com Eragon.

Ela abanou a cabeça.

— Ele não me pediu e eu também não teria ido se ele pedisse.

Não estou à altura de Galbatorix. Além disso, Eragon tem os Eldunarís para ajudá-lo.

— Já sabe? — perguntou ele, surpreendido.

Ela piscou-lhe o olho, encoberto pelo rebordo do elmo.

— Eu sei muitas coisas.

Ele pigarreou e protegeu o ombro com o escudo, embatendo contra um outro grupo de soldados. A Herbolária e os meninos-gato reuniram-se a ele, tal como Horst, Mandel e outros.

— Onde está o teu martelo? — gritou Ângela, brandindo o seu bastão laminado, aparando um golpe e ferindo um soldado de seguida.

— Perdi! Deixei cair.

Alguém uivou de dor atrás dele. Roran olhou assim que pôde e viu Baldor agarrado ao coto do braço direito. A mão estava no chão, estremecendo.

Roran correu para ele, saltando por cima de vários cadáveres que estavam no caminho. Horst estava já junto do filho, tentando manter à distância o soldado que decepara a mão de Baldor.

Roran tirou a adaga e cortou uma tira de tecido da túnica de um soldado caído, e disse:

— Pronto — e amarrou-a à volta do coto do braço de Baldor, estancando a hemorragia.

A Herbolária ajoelhou-se junto deles e Roran perguntou:

— Pode ajudá-lo?

Ela abanou a cabeça.

— Aqui não. Se usar magia ainda acabo por matá-lo. Mas, se conseguir levar ele para fora da cidade, os elfos talvez lhe consigam salvar a mão.

Roran hesitou. Não sabia se deveria mandar alguém levar Baldor em segurança, para fora de Urû'baen. Mas sem uma mão, Baldor teria uma vida dura pela frente e Roran não tinha qualquer desejo de condená-lo a isso.

— Se não que levá-lo, levo eu — gritou Horst.

Roran agachou-se, ao ver uma pedra do tamanho de um porco passando por cima da sua cabeça, roçando na parte da frente de uma casa e espalhando pedaços de alvenaria pelo ar. Alguém gritou dentro do edifício.

— Não, nós precisamos de você. — Roran virou-se e escolheu dois guerreiros, Loring, o velho sapateiro, e um Urgal. — Levem-no aos curandeiros dos elfos, o mais depressa possível — disse ele, empurrando Baldor na direção deles. No caminho, Baldor apanhou a mão e guardou-a debaixo da cota de malha.

O Urgal arreganhou os dentes, falando com um sotaque cerrado que Roran mal conseguiu entender:

— Não, eu fico e luto — disse ele, batendo com a espada no escudo.

Roran aproximou-se dele, agarrou num chifre da criatura e puxou-o, torcendo a cabeça do Urgal.

— Vais fazer o que eu mandei — rugiu Roran. — Além disso, não é uma tarefa fácil. Protege-o e conquistará grande glória para ti e para a tua tribo.

Os olhos do Urgal pareceram brilhar.

— Grande glória? — disse ele, mastigando as palavras entre os dentes pesados.

— Grande glória! — confirmou Roran.

— Eu vou, Martelo Forte!

Aliviado, Roran viu os três partirem em direção à muralha exterior, para poderem escapar ao combate. Também ficou satisfeito por ver a menina-gato em forma humana, a segui-los. A garota de cabelo matizado e aparência ferina farejava o ar, balançando a cabeça de um lado para o outro.

Entretanto foram atacados por outro grupo de soldados e Roran esqueceu por completo Baldor. Detestava lutar com uma lança em vez de um martelo, mas se adaptou, e algum tempo depois a rua voltou a ficar calma, embora ele soubesse que seria por um curto período de tempo.

Aproveitou a oportunidade para se sentar no degrau da frente de uma casa e tentar recuperar o fôlego. Os soldados pareciam mais frescos do que nunca, mas ele sentia a exaustão a pesar-lhe no corpo e duvidava que conseguisse prosseguir durante muito mais tempo sem cometer um erro fatal.

Ao sentar-se, ofegante, ouviu gritos vindos do portão destruído da entrada principal de Urû'baen. Era difícil perceber o que estava passando, mas desconfiava que os Varden estivessem sendo empurrados para trás, pois

o ruído parecia recuar ligeiramente. No meio da confusão, ele conseguia identificar as pancadas regulares do bastão de Lord Barst atingindo guerreiro atrás de guerreiro, bem como a intensidade crescente dos gritos que invariavelmente se seguia.

Roran fez um esforço para se levantar. Se ficasse sentado durante muito mais tempo, os seus músculos começariam a ficar rígidos. Instantes depois de se afastar do degrau da porta, o conteúdo de um penico salpicou o local de onde acabara de se levantar.

— Assassinos! — gritou uma mulher por cima dele, batendo com as folhas da janela, ao fechá-las.

Roran roncou e avançou por entre os corpos, conduzindo os guerreiros que lhe restavam para o cruzamento seguinte.

Um soldado cruzou-se com eles correndo, com o pânico estampado no rosto, e eles pararam cautelosamente. Um bando de meninos-gato seguia-o de perto aos uivos, com sangue a escorrer do pelo em torno da boca.

Roran sorriu e retomou a marcha.

Parou um segundo depois, ao ver um grupo de Anões de barbas ruivas que corriam na direção deles, vindos do interior da cidade.

— Se preparem! — gritou um deles. — Temos um batalhão inteiro de soldados atrás de nós. No mínimo, umas centenas.

Roran olhou para trás, na direção do cruzamento deserto.

— Talvez os tenham... — ia ele dizendo, mas depois calou-se ao ver uma linha de túnicas carmesim dobrar a esquina de um edifício, a algumas dezenas de metros. Atrás deles começaram a aparecer cada vez mais soldados. Saíam para a rua, aos montes, como uma carreira de formigas vermelhas.

— Para trás! — gritou Roran. — Para trás! — Temos de encontrar um local defensável. — A muralha exterior estava muito longe e nenhuma das casas tinha a dimensão suficiente para pátios contíguos.

Enquanto corria pela rua abaixo com os seus guerreiros, cerca de uma dúzia de flechas aterraram ao redor deles.

Roran cambaleou e caiu, torcendo o corpo ao sentir uma explosão de dor a percorrer-lhe a espinha, desde o fundo das costas. Era como se alguém lhe tivesse batido com uma enorme barra de ferro.

Segundos depois, a Herbolária estava a seu lado, puxando algo atrás dele e Roran gritou. Depois a dor abrandou e ele voltou a ver claramente.

A Herbolária mostrou-lhe uma flecha com a ponta ensangüentada antes de a jogar fora.

— A tua cota de malha evitou o pior — disse ela, ajudando-o a levantar-se.

Roran rangeu os dentes se afastou-se dela, voltando a reunir-se ao seu grupo. Agora, cada passo que dava era doloroso, e se dobrasse muito a cintura, sentia um espasmo nas costas, tornando-lhe quase impossível mexer-se.

Não encontrou um local onde se pudessem aquartelar e os soldados aproximavam-se, por isso acabou por gritar.

— Parem e formem-se! elfos para os lados! Urgals à frente e ao centro!

Roran ocupou a sua posição próxima da linha da frente, juntamente com Darmmen, Albriech, os Urgals e um dos anões ruivos.

— Então você é que é o Martelo Forte — disse o anão, enquanto observavam o avanço dos soldados. — Eu lutei ao lado do teu irmão adotivo, em Farthen Dûr. É uma honra lutar contigo.

Roran pigarreou. Só esperava conseguir agüentar de pé.

Depois os soldados investiram contra eles, empurrando-os para trás só com o seu peso. Roran encostou o ombro ao escudo e empurrou-os com toda a força. Espadas e lanças enfiavam-se pelos intervalos da parede de escudos sobrepostos e ele sentiu uma a arranhar-lhe o flanco, mas a sua cota de malha protegeu-o.

Os elfos e os Urgals revelaram-se inestimáveis, destroçando as linhas dos soldados e conquistando espaço para que Roran e os outros guerreiros pudessem brandir as suas armas. Pelo canto do olho, Roran viu o anão golpear os soldados nas pernas, nos pés e nas virilhas, derrubando assim muitos.

Contudo, o número de soldados parecia nunca mais acabar, e Roran deu consigo a recuar, passo a passo. Nem mesmo os elfos conseguiam conter a torrente de homens, por muito que tentassem.

Othíara, a mulher elfo com que Roran falara no exterior das muralhas da cidade, morreu com uma flecha no pescoço e os restantes elfos sofreram bastantes ferimentos.

Roran também foi ferido mais algumas vezes: um golpe na parte de cima da barriga da perna direita, que lhe teria apanhado o tendão se fosse um

pouco mais acima; um outro golpe na coxa da mesma perna, ao ser atingido por uma espada que deslizara por baixo da cota de malha; um doloroso arranhão no pescoço, ao bater nele com o próprio escudo; uma facada na parte interior da perna direita, que felizmente não lhe atingiu as artérias principais; e incontáveis contusões. Era como se lhe tivessem martelado o corpo todo com um bastão de madeira e, depois, um par de desastrados o tivesse usado como alvo para lançar facas.

Recuou várias vezes da linha da frente para testar os braços e recuperar o fôlego, mas pouco depois voltava sempre a reunir-se à luta.

Os edifícios em torno deles abriram-se e Roran percebeu que os soldados tinham conseguido levá-los para a praça, diante do portão destruído de Urû'baen. Agora havia inimigos à frente e atrás.

Roran arriscou olhar por cima do ombro e viu os elfos e os Varden recuando diante de Barst e dos seus soldados.

— Para a direita! — gritou Roran. — Para a direita! Para junto dos edifícios! — E apontou com a lança ensangüentada.

Os guerreiros reunidos atrás de si, deslocaram-se para o lado com alguma dificuldade e subiram os degraus da fachada de um enorme edifício de pedra, com uma fila dupla de colunas mais altas do que qualquer árvore da Espinha. Por entre as colunas, Roran julgou ver uma entrada escura, em arco, suficientemente larga para acomodar Saphira, ou mesmo Shruikan.

— Para cima! Para cima! — gritou Roran, e os homens, Anões, elfos e Urgals correram com ele até ao cimo das escadas. Aí, instalaram-se entre os pilares, repelindo a vaga de soldados que corria atrás deles. Desse ponto elevado, uns seis metros acima do nível das ruas, Roran viu que o Império quase que tinha forçado os Varden e os elfos a sair pela abertura na muralha exterior.

Seremos derrotados, pensou, com uma súbita sensação de desespero.

Os soldados voltaram a subir os degraus. Roran esquivou-se de uma lança e ponta peou o lanceiro na barriga, atirando com o soldado e com outros dois homens pelas escadas.

Uma flecha saiu disparada de uma balista próxima, na direção de Lord Barst, e quando ainda estava a alguns metros dele, irrompeu em chamas e desfez-se em pó, tal como todas as flechas disparadas sobre o homem de armadura.

Temos de o matar, pensou Roran. Se Barst tombasse, os soldados iriam provavelmente destroçar-se e perder a confiança.

Mas, uma vez que nem os elfos nem os Kull tinham conseguido detê-lo, parecia pouco provável que mais alguém o conseguisse, a não ser Eragon.

Ao mesmo tempo em que lutava, Roran olhava para a enorme figura de armadura, esperando ver algo que sugerisse uma forma de ser derrotado. Reparou que Barst coxeava ligeiramente, como se em tempos tivesse sofrido algum ferimento no joelho ou na anca, e parecia também ligeiramente mais lento.

Afinal ele também tem limites, pensou Roran. Ou melhor, o Eldunari tem limites.

Depois, gritou, aprou a espada do soldado que o atacara e, subitamente, puxou o escudo para cima, atingindo-o por baixo do maxilar e matando-o de imediato.

Roran estava sem fôlego e enfraquecido, devido aos ferimentos. Por isso recolheu-se atrás de uma das colunas e encostou-se a ela.

Depois tossiu e cuspiu, vendo que a saliva tinha sangue, mas deduziu que fosse apenas do lugar onde mordera a boca por dentro, e não de um pulmão perfurado. Pelo menos assim esperava.

Sentia as costelas tão doloridas que era bem possível que uma delas estivesse partida.

Ouviram-se um grande grito entre os Varden e Roran espreitou pelo pilar, vendo a rainha Islanzadí e doze elfos a cavalgarem pelo recinto da batalha, na direção de Lord Barst. O corvo branco, que estava de novo sobre o ombro esquerdo de Islanzadí, grasnava e erguia as asas para se equilibrar no seu poleiro móvel. Islanzadí empunhava a espada e os outros elfos estavam armados de lanças, com estandartes presos junto às lâminas em forma de folha.

Roran encostou-se ao pilar, com uma esperança crescente dentro de si:

— Matem-no! — rugiu.

Barst não fez qualquer gesto para evitar os elfos e ficou à espera deles, de pés afastados, com o bastão e o escudo de ambos os lados do corpo, como se não precisasse de se defender.

Ao longo das ruas, a luta parou e todos se viraram para ver o que iria acontecer.

Os dois elfos que vinham à frente baixaram as lanças e os seus cavalos largaram a galope, contraindo e distendendo os músculos sob um pelo brilhante, e cobriram a curta distância que os separava de Barst. Por instantes parecia certo que Barst iria cair. Ninguém conseguiria agüentar um ataque assim, a pé.

As lanças não chegaram a tocar em Barst, na medida em que as suas proteções as detiveram à distância de um braço. As hastes estilhaçaram-se nas mãos dos elfos, desfazendo-se em lascas de madeira sem qualquer préstimo. Depois, Barst ergueu o bastão e o escudo, atingindo os cavalos de ambos os lados na cabeça, e partiu-lhes o pescoço, matando-os.

Os cavalos caíram e os elfos que os montavam saltaram, torcendo-se no ar.

Os outros dois elfos não tiveram tempo para mudar de direção, antes de alcançarem Barst. Tal como os seus predecessores, as suas lanças estilhaçaram-se nas proteções de Barst e saltaram também dos cavalos quando este derrubou os animais.

Nessa altura já os outros oito elfos, incluindo Islanzadí, tinham conseguido desviar-se e deter os animais. Trotavam agora em círculo, à volta de Barst, sempre de armas apontadas a ele.

Enquanto isso, os outros quatro elfos que estavam no chão, desembainharam as espadas e avançaram cautelosamente na direção de Barst.

O homem deu uma gargalhada e ergueu o escudo, preparando-se para o ataque. A luz iluminou-lhe o rosto, por baixo do elmo, e mesmo à distância Roran viu-lhe a testa larga e pesada, e as maçãs do rosto salientes. Em determinados aspetos, lembrava-lhe o rosto de um Urgal.

Os quatro elfos correram para Barst, de direções distintas, tentando cortá-lo e trespassá-lo em simultâneo. Barst aparou uma das espadas com o escudo, desviou outra com o bastão, deixando que as proteções detivessem as espadas dos elfos que estavam atrás dele. Depois soltou outra gargalhada e brandiu a arma.

Um elfo de cabelos prateados atirou-se para o lado e o bastão passou inofensivamente por ele.

Barst brandiu-o mais duas vezes e os elfos voltaram a conseguir esquivar-se. Barst não revelava quaisquer sinais de frustração, curvando-se atrás do escudo e aguardando o momento oportuno para atacar, como um urso à espera que alguém cometesse a imprudência de entrar no seu covil.

Do lado de fora do anel de elfos, um bloco de soldados armados de alabardas gritaram e largaram correndo na direção da rainha Islanzadí e dos seus companheiros. Sem se deter, a rainha ergueu a espada por cima da cabeça e uma rajada de flechas zuniu das fileiras dos Varden, abatendo os soldados.

Roran gritou de excitação, assim como muitos dos Varden.

Barst desviara-se para junto dos corpos dos quatro cavalos que matara e, agora, estava no meio dos animais para que os corpos formassem uma parede baixa e larga em torno de si. Os elfos à sua esquerda e à sua direita não teriam outro remédio senão saltar sobre os cavalos para o atacar.

Inteligente, pensou Roran, franzindo o sobrolho.

O elfo diante de Barst correu para a frente, gritando algo na língua antiga. Barst pareceu hesitar, fato que encorajou o elfo a aproximar-se mais. Depois Barst saltou para frente, desferiu um golpe com o bastão e o elfo tombou morto.

Um gemido ecoou entre os elfos.

Depois, os outros três elfos a pé foram mais cautelosos, continuaram a andar em círculo em torno Barst e corriam esporadicamente na direção dele, para atacá-lo, mas mantendo quase sempre à distância.

— Rende-te! — exclamou Islanzadí e a sua voz ecoou pelas ruas.

— Somos mais do que você. Por mais forte que seja, acabará por se cansar e as tuas proteções falharão. Não pode ganhar humano.

— A não? — reagiu Barst, endireitando-se e largando o escudo que caiu ruidosamente no chão.

Subitamente, Roran ficou apavorado. *Fujam*, pensou.

— Fujam! — gritou meio segundo mais tarde.

Tarde de mais.

Curvando os joelhos, Barst agarrou no pescoço de um dos cavalos, erguendo-o com o braço esquerdo e atirou-o à rainha Islanzadí.

Roran não percebeu se ela falou na língua antiga mas viu-a erguer a mão e o corpo do cavalo e parou em pleno ar, caindo depois sobre as pedras da calçada, onde aterrou com um ruído muito desagradável. O corvo no seu ombro grasnou.

Barst, contudo, naquele momento, não estava olhando para ela.

Assim que largou a carcaça, agarrou no escudo e correu na direção do cavaleiro elfo, mais próximo. Um dos três elfos que restavam a pé — uma mulher com uma faixa vermelha, atada à parte superior do braço — correu na direção dele, tentando golpeá-lo nas costas, mas Barst ignorou-a.

Numa extensão de terra plana, os cavalos dos elfos teriam conseguido distanciar-se de Barst, mas no espaço limitado entre os edifícios e a massa compacta de guerreiros, Barst era mais rápido e mais ágil.

Barst bateu com o ombro nas costelas de um dos cavalos e atirou-o ao chão, brandindo o bastão a um elfo montado num outro cavalo e derrubando-o da sela. O cavalo relinchou.

O círculo de elfos a cavalo desintegrou-se e todos se desviaram em direções diferentes, na tentativa de acalmar as montadas e lidar com a ameaça que tinham diante de si.

Meia dúzia de elfos irrompeu de uma multidão de soldados que estava ali perto e cercaram Barst, tentando atacá-lo a uma velocidade frenética. Barst desapareceu por instantes atrás deles, erguendo depois o bastão e atirando com três deles. Depois de atingir outros dois, Barst continuou a andar, com sangue e pedaços de carne agarrados aos rebordos da sua arma negra.

— Agora! — rugiu Barst. E centenas de soldados correram de todos os pontos da praça, atacando os elfos e forçando-os a defenderem-se.

— Não — gritou Roran, horrorizado. Teria corrido com os seus guerreiros para ajudá-los, mas havia muitos corpos — tanto vivos como mortos — entre eles, Barst e os elfos. Roran olhou de relance para a Herbolária, que parecia tão preocupada como ele e disse: — Pode fazer alguma coisa?

— Poder posso, mas não apostaria a minha vida nem a de ninguém aqui presente.

— Galbatorix também?

— Ele está muito protegido. O nosso exército seria destruído, bem como quase todo mundo em Urû'baen. Mesmo os que estão no nosso acampamento poderiam morrer. É isso que quer?

Roran abanou a cabeça.

— Claro que não.

Movendo-se com uma rapidez inquietante, Barst golpeou elfo atrás de elfo, derrubando-os facilmente. Uma das vezes, atingiu o ombro da

mulher elfo com a faixa vermelha e esta caiu desamparada de costas. A seguir, ela apontou para Barst e gritou na língua antiga. O feitiço correu mal e outro elfo tombou para frente caindo da sela do cavalo, com a parte da frente do corpo aberta de cima a baixo.

Barst matou a mulher elfo com um golpe do bastão e continuou correndo de um cavalo para o outro, até alcançar Islanzadí montada na sua égua branca.

A rainha elfo não esperou que Barst matasse o seu cavalo, saltando da sela, com a capa vermelha ondulando. O companheiro, o corvo branco, bateu as asas e voou do seu ombro.

Islanzadí atacou Barst antes de tocar com os pés no chão. A sua espada cortava o ar como uma mancha brilhante de aço, retinindo ao colidir ruidosamente com as proteções de Barst.

Barst retaliou com um golpe que Islanzadí aparou com um hábil movimento do pulso, arrancando-lhe o bastão coberto de espigões, que caiu ruidosamente nas pedras da calçada. Amigos e inimigos pararam para vê-los lutar, abrindo um espaço em torno deles. O corvo voava em círculos por cima deles, guinchando e praguejando no tom áspero da sua espécie.

Roran nunca vira uma luta assim. Os golpes de Islanzadí e de Barst eram muito rápidos para se conseguirem distinguir — nada mais que uma mancha indistinta — e o som do choque das armas sobrepunha-se a todos os outros ruídos na cidade.

Barst tentou, repetidas vezes, esmagar Islanzadí com o bastão, da mesma forma que esmagara os outros elfos. Mas ela era muito rápida, revelando-se suficientemente forte para aparar os seus golpes sem qualquer dificuldade, com igual força. Roran deduziu que os outros elfos a estivessem a ajudar, pois ela parecia não se cansar, apesar dos seus esforços.

Um Kull e dois elfos reuniram-se a Islanzadí, mas Barst não lhes deu atenção a não ser para matá-los, um por um, logo que cometeram o erro de se aproximarem muito.

Roran deu consigo a agarrar a coluna com tanta força que começou a sentir câibras nas mãos.

Passaram-se alguns minutos e Islanzadí e Barst continuavam a lutar, para trás e para diante, na rua. A rainha elfo era maravilhosa, em movimento — rápida, ágil, poderosa — e, ao contrário de Barst, não podia cometer — nem cometeu — um único erro, pois as suas defesas não a podiam proteger. A admiração de Roran por Islanzadí aumentava a cada minuto que passava e

ele sentiu estar a assistir a um combate sobre o qual se iria cantar durante séculos.

O corvo mergulhava freqüentemente sobre Barst, tentando distraí-lo de Islanzadí, mas Barst ignorou a ave depois das suas primeiras tentativas, sabendo que a criatura enlouquecida não lhe poderia tocar e que lhe era difícil manter-se longe do bastão.

O corvo parecia frustrado, pois guinchava mais alto e mais freqüentemente, e mostrava-se mais ousado nos ataques, que o aproximavam cada vez mais do pescoço e da cabeça de Barst.

Finalmente, quando a ave voltou a voar em direção a Barst, este torceu o bastão para cima, desviando-o do seu curso em pleno ar, e atingiu o corvo na asa direita. A ave guinchou de dor e caiu uns trinta centímetros em direção ao solo, antes de lutar para se elevar no ar.

Barst voltou a tentar atingir o corvo, mas Islanzadí deteve o bastão com a espada e os dois ficaram frente a frente, de armas cruzadas em cima, Islanzadí com a lâmina da espada presa em cunha contra os rebordos do bastão.

elfos e humanos balançavam-se uns contra os outros. Nenhuma das partes conseguia ganhar vantagem sobre a outra. Depois a rainha Islanzadí gritou uma palavra na língua antiga e as suas armas chocaram, projetando um clarão de luz brilhante.

Roran franziu os olhos e protegeu-os com a mão, desviando o olhar.

Durante um minuto, tudo o que se ouviu foram os gritos dos feridos e um som metálico, semelhante a um sino, e que se tornou cada vez mais intenso até se revelar praticamente insuportável.

Mais ao lado, Roran viu o menino-gato com Ângela encolhendo as orelhas franjadas, tapando-as com as patas.

Quando o som atingiu o seu auge de intensidade, a lâmina da espada de Islanzadí rachou-se e a luz dissipou-se, tal como o ruído do sino.

Depois, a rainha elfo atacou o rosto de Barst com a ponta partida da espada e disse:

— Assim te amaldição, Barst, filho de Berengar!

Barst deixou a espada bater nas suas defesas e depois brandiu mais uma vez o bastão, atingindo a rainha Islanzadí entre o pescoço e o ombro. E ela caiu no chão, com o sangue a manchar-lhe a armadura dourada de cota de escamas.

Tudo ficou em silêncio.

O corvo branco voou uma vez em círculo, sobre o corpo de Islanzadí, e deixou escapar um guincho lamentoso. Depois voou lentamente, em direção à brecha da muralha exterior, com as penas da asa ferida vermelhas e machucadas.

Um grande lamento ecoou entre os Varden e os homens que estavam nas ruas largaram as armas e fugiram. Os elfos gritaram de dor e de fúria — um som horrível —, e todos os que estavam armados de arcos começaram a disparar flechas sobre Barst, mas estas irrompiam em chamas antes de o atingirem. Uma dúzia de elfos atacaram-no, mas Barst atirou com eles como se fossem crianças. Outros cinco elfos correram para o recinto, ergueram o corpo de Islanzadí e transportaram-na sobre os escudos em forma de folha.

Uma sensação de incredibilidade apossou-se de Roran. Islanzadí era quem ele menos esperava que morresse, entre todos. Olhou de relance para os homens que fugiam, amaldiçoando a sua traição e a sua covardia. Depois voltou a olhar para Barst, que reorganizava as tropas, preparando-se para expulsar os Varden e os seus aliados de Urû'baen.

O fosso no estômago de Roran aumentou. Os elfos talvez continuassem a lutar, mas os homens, os Anões e os Urgals já não estavam interessados. Via-se nas suas expressões. Iriam debandar-se e bater em retirada, e Barst iria chaciná-los às centenas, pelas costas. Roran tinha a certeza de que Barst não se iria ficar pelas muralhas da cidade. Ele avançaria pelos campos, para lá das muralhas, e perseguiria os Varden até ao acampamento, dispersando e matando tantos quantos pudesse.

Era o que ele próprio faria.

Pior do que isso: se Barst alcançasse o acampamento, Katrina ficaria em perigo e Roran não tinha ilusões sobre o que lhe aconteceria, se os soldados a apanhassem.

Roran olhou para as mãos ensangüentadas. *Barst tinha de ser detido. Mas como?* Sua cabeça girava, pensando em tudo o que sabia acerca de magia, até que finalmente se lembrou do que sentira quando os soldados o seguraram e lhe bateram.

Respirou fundo, tremulamente.

Havia uma forma, mas era perigosa terrivelmente perigosa. Se fizesse o que tinha em mente, sabia que poderia não voltar a ver Katrina, muito menos o seu filho por nascer. Contudo, essa evidência trouxe-lhe certa paz. Trocar a sua vida pela deles, era uma troca justa e, se ao mesmo tempo pudesse ajudar a salvar os Varden, sacrificá-la-ia de bom grado.

Katrina...

A decisão era fácil.

Ergueu a cabeça e aproximou-se da Herbolária. Ela parecia tão chocada e abalada pela dor como qualquer um dos elfos. Roran tocou-lhe no ombro com a borda do escudo e disse-lhe:

— Preciso da tua ajuda.

Ela fitou-o com os olhos vermelhos.

— O que tenciona fazer?

— Matar Barst. — As suas palavras chamaram a atenção de todos os guerreiros em redor.

— Não, Roran! — exclamou Horst.

A Herbolária acenou com a cabeça.

— Ajudarei como puder.

— Ótimo. Quero que vá buscar Jörmundur, Garzhvog, Orik, Grimr e um dos elfos que ainda tenha alguma autoridade.

A mulher de cabelo encaracolado fungou e limpou os olhos.

— Onde quer que eles se encontrem com você?

— Aqui mesmo. Vai agora antes que fujam mais homens!

Ângela acenou com a cabeça e afastou-se com o menino-gato, caminhando junto dos edifícios para se proteger.

— Roran — disse Horst, agarrando-lhe no braço —, o que tem em mente?

— Não vou enfrentá-lo sozinho, se é isso que está pensando — disse Roran, acenando em direção a Barst.

Horst pareceu um tanto aliviado.

— Então o que vai fazer?

— Verá.

Alguns soldados armados de lanças subiram os degraus do edifício correndo, mas os Anões ruivos que se tinham reunido às tropas de Roran contiveram-nos facilmente, beneficiando mais uma vez da vantagem da altura sobre os seus adversários.

Enquanto os Anões lutavam com os soldados, Roran aproximou-se de um elfo que estava ali perto, de dentes arreganhados esvaziando a sua aljava a uma velocidade prodigiosa, disparando flechas em arco na direção de Barst. É claro que nenhuma atingiu o alvo.

— Basta! — disse Roran. Ao ver que o elfo o ignorara, Roran agarrou-lhe na mão direita — a mão que empunhava o arco — e puxou-a para o lado. — Eu disse basta! Poupa as tuas flechas.

Ouviu-se um rosnado e Roran sentiu uma mão em torno da garganta.

— Não me toque, humano.

— Escuta! Eu posso te ajudar a matar Barst. Mas... me larga!

Segundos depois, os dedos que apertavam o pescoço de Roran, afrouxaram a pressão.

— Como, Martelo Forte? — A sede de sangue na voz do elfo contrastava com as lágrimas que lhe escorriam pelas faces.

— Descobrirá dentro de um minuto, mas primeiro tenho uma pergunta a te fazer. Porque não conseguem matar Barst com as suas mentes? Ele é apenas um e vocês são muitos.

Uma expressão angustiada surgiu no rosto do elfo.

— Porque a sua mente está escondida!

— Como?

— Não sei. Não conseguimos sentir os seus pensamentos. É como se houvesse uma redoma em torno da mente dele. Não conseguimos ver nada no interior da redoma, nem conseguimos penetrá-la.

Roran já esperava uma resposta desse tipo.

— Obrigado — agradeceu ele e o elfo curvou ligeiramente a cabeça em sinal de reconhecimento.

Garzhvog foi o primeiro a alcançar ao edifício. Saiu de uma rua próxima, subiu os degraus com dois grandes passos e virou-se, rugindo aos trinta soldados que o seguiam. Ao verem o Kull a salvo entre amigos, os soldados recuaram cautelosamente.

— Martelo Forte — exclamou Garzhvog —, você chamou e eu vim.

Passados alguns minutos, os outros que Roran mandara a Herbolária procurar chegaram ao grande edifício de pedra. O elfo que se apresentou

tinha cabelo prateado e Roran vira-o várias vezes na companhia de Islanzadí. Lord Däthedr era o seu nome.

Reuniram-se os seis entre as colunas estriadas. Todos eles estavam ensangüentados e exaustos.

— Eu tenho um plano para matar Barst — disse Roran —, mas preciso da ajuda e temos pouco tempo. Posso contar com vocês?

— Depende do plano — disse Orik. — Primeiro, nos fale dele.

Roran explicou-o o mais rapidamente possível. Quando terminou perguntou a Orik:

— Os seus operadores conseguem apontar as catapultas e as balistas com o rigor necessário?

O anão pigarreou.

— Da forma como os humanos constroem as suas máquinas de guerra, não. Conseguimos lançar uma pedra com um desvio de seis metros do alvo. Mais perto do que isso, será apenas por sorte.

Roran olhou para o elfo Lord Däthedr.

— Os outros da tua espécie te seguirão?

— Irão obedecer às minhas ordens Martelo Forte, não duvide.

— Então pode mandar alguns dos teus feiticeiros acompanhar os Anões para guiarem as pedras?

— Não há garantias de sucesso. Os feitiços podem facilmente falhar ou correr mal.

— Teremos de correr esse risco. — Roran passou os olhos pelo grupo. — Por isso, volto a perguntar: posso contar com vocês?

Um novo coro de gritos explodiu lá fora, junto das muralhas da cidade, enquanto Barst abria caminho por entre um grupo de homens, à bastonada.

Garzhvog foi o primeiro a responder, para surpresa de Roran.

— A batalha te enlouqueceu Martelo Forte, mas eu estou com você — disse ele, com um ruc-ruc, que Roran associou a uma gargalhada. — Conquistaremos grande glória ao matar Barst.

Depois, Jörmundur disse:

— Eu também estou com você, Roran. Creio que não temos alternativa.

— De acordo — disse Orik.

— De acorrdo — disse Grimrr, o rei dos meninos-gato, alongando a palavra com um rosnado gutural.

— Então vão! — disse Roran. — Já sabem o que têm de fazer!

Vão!

Quando os outros partiram, Roran reuniu os seus guerreiros e revelou-lhes o plano. Agacharam-se entre as colunas e esperaram.

Demoraram três ou quatro minutos — tempo precioso durante o qual Barst e os seus soldados continuaram a empurrar os Varden para a brecha da muralha exterior — mas, depois Roran viu grupos de Anões e elfos correndo para as doze balistas e catapultas mais próximas nas muralhas, desembaraçando-se dos soldados que as manobravam.

Passaram-se mais alguns minutos de tensão. Orik subiu apressadamente os degraus do edifício, juntamente com trinta dos seus Anões, e disse a Roran:

— Eles estão prontos!

Roran acenou com a cabeça e disse a todos os que estavam com ele:

— Assumam suas posições!

Os guerreiros que restavam no seu batalhão formaram-se numa cunha cerrada, com Roran à frente e os elfos e os Urgals imediatamente atrás. Orik e os seus Anões ficaram à retaguarda.

Assim que todos os guerreiros ocuparam as respectivas posições, Roran gritou:

— Avante! — E desceu os degraus correndo, avançando para o meio dos soldados inimigos, consciente de que o resto do grupo o seguia de perto.

Os soldados não estavam à espera do ataque, afastando-se diante de Roran como a água na quilha de um navio.

Um homem tentou bloquear o caminho de Roran e este furou-lhe um olho, sem se deter.

A cerca de quinze metros de Barst, que estava de costas para eles, Roran parou, tal como os guerreiros atrás de si. Depois, dirigindo-se a um dos elfos, ele disse:

— Faça com que todo mundo nesta praça me ouça.

O elfo murmurou algo na língua antiga e disse:

— pronto.

— Barst! — gritou Roran, ficando aliviado ao ouvir a sua voz ecoar por todo o recinto da batalha. O combate nas ruas parou, salvo alguns pontos individuais que ocorriam aqui e ali.

O suor escorria-lhe pela testa e o coração martelava-lhe o peito, mas Roran combateu o medo:

— Barst! — gritou ele de novo, batendo com a espada na parte da frente do escudo. — Vire-se e lute comigo, seu canalha cheio de vermes!

Um soldado correu para ele, mas Roran aparou-lhe a espada e derrubou-o com um movimento simples, matando-o com duas estocadas rápidas. Depois, arrancou a lança do corpo do soldado e voltou a chamar:

— Barst!

A figura corpulenta e pesada virou-se lentamente para ele. Ao olhá-lo mais de perto, Roran viu uma inteligência matreira nos olhos de Barst e um sorriso desdenhoso nos cantos de uma boca infantil. O pescoço dele era da grossura da sua coxa e os músculos nodosos dos braços destacavam-se por baixo da cota de malha. Os reflexos do seu peito de armas saliente continuavam prendendo o olhar de Roran, apesar dos esforços para os ignorar.

— Barst! O meu nome é Roran, Martelo Forte, primo de Eragon, Matador de Espectros! Venha lutar comigo, ou deixa que todos os presentes te julguem um covarde.

— Nenhum homem me assusta, Martelo Forte, ou deverei dizer — Sem Martelo? É que não vejo martelo algum contigo.

Roran empertigou-se.

— Não preciso de um martelo para te matar, seu idiota sem barba.

— A não? — O sorriso de Barst alargou-se. — Deem-nos espaço! — gritou ele, brandindo o bastão aos soldados e aos Varden.

Os exércitos recuaram, produzindo um rumor suave de milhares de pés a andarem para trás, e abriram uma grande área circular em torno de Barst. Este apontou o bastão a Roran:

— Galbatorix falou-me de você, Sem Martelo, e me disse que te deveria partir todos os ossos do corpo antes de te matar.

— E se em vez disso for eu a partir os teus? — reagiu Roran.

Agora! Pensou ele, concentrando-se tanto quanto possível e gritando para a escuridão em torno da sua mente, na esperança de que os elfos e os outros feiticeiros estivessem ouvindo, tal como o prometido.

Barst franziu a testa e abriu a boca, mas antes que conseguisse falar, um ruído grave e sibilante ecoou sobre a cidade.

Seis projéteis de pedra — cada um do tamanho de um barril — saíram disparados das catapultas das muralhas, sobrevoando as casas. Junto dos projéteis vinham meia dúzia de flechas do tamanho de lanças.

Cinco das pedras aterraram em cheio em cima de Barst. A sexta falhou, saltando pela praça como um seixo sobre a água, e derrubou homens e Anões.

As pedras racharam-se e explodiram ao atingirem as proteções de Barst, projetando fragmentos em todas as direções. Roran escondeu-se atrás do escudo e quase caiu ao ser atingido por um pedaço de pedra do tamanho de um punho, que bateu no escudo e lhe contundiu o braço. As flechas desapareceram num clarão de chamas amarelas, projetando um brilho macabro nas nuvens de pó, que flutuavam no local onde Barst estava.

Assim que percebeu que não havia perigo, Roran olhou por cima do escudo.

Barst estava prostrado de costas, no meio do entulho, com o bastão caído no chão ao seu lado.

— Apanhem-no! — gritou Roran, correndo para frente.

Muitos dos Varden correram na direção de Barst, mas os soldados com quem tinham estado lutando, gritaram e atacaram-nos, impedindo-os de dar mais do que alguns passos. Ouviu-se um rugido e ambos os exércitos voltaram a defrontar-se, inflamados de uma raiva desesperada.

Enquanto isso, Jörmundur emergiu de uma rua lateral, conduzindo uma centena de homens que mobilizara nas bordas do combate. Ele e os que o acompanhavam ajudariam a conter a turba de combatentes, enquanto Roran e os outros lidavam com Barst.

Do lado oposto da praça, Garzhvog e seis outros Kull saíram correndo de trás das casas onde se tinham abrigado. O chão estremeceu com

os seus passos pesados e tanto os homens do Império como os Varden se desviaram apressadamente do seu caminho.

Depois, centenas de meninos-gato — a maioria na forma animal — irromperam do corpo principal da contenda, correndo pelas pedras da calçada, de dentes arreganhados, direitos ao local onde Barst estava caído.

Barst começava a mexer-se quando Roran o alcançou. Este agarrou na lança com ambas as mãos e atacou o pescoço de Barst.

A lâmina da arma parou a trinta centímetros e a ponta dobrou-se, partindo-se, como se tivesse embatido num bloco de granito.

Roran praguejou e continuou a tentar golpeá-lo tão depressa quanto possível, impedindo que o Eldunari escondido dentro do peito de armas de Barst recuperasse a sua força.

Barst rosnou.

— Depressa! — gritou Roran aos Urgals.

Assim que se aproximaram o suficiente, Roran saltou para o lado, dando todo o espaço necessário aos Kull, e os enormes Urgals começaram a golpeá-lo. As suas proteções bloqueavam os golpes mas os Kull continuaram a atacá-lo. O ruído era ensurdecedor.

Meninos-gato e elfos reuniram-se em torno de Roran.

Roran tinha uma vaga noção de que os homens que trouxera consigo estavam atrás, tentando conter os soldados, juntamente com os homens de Jörmundur.

Quando começou a pensar que as proteções de Barst jamais iriam ceder, um dos Kull deu um grito triunfante e Roran viu o machado da criatura roçar na parte da frente da armadura de Barst, amolgando-a.

— Outra vez! — gritou Roran. — Agora! Matem-no!

O Kull desviou o machado e Garzhvog brandiu o seu bastão revestido de ferro, na direção da cabeça de Barst.

Roran viu uma série de movimentos confusos e depois ouviu uma pancada seca. O bastão atingira o escudo com que Barst se cobrira para se proteger.

Raios!

Antes que os Urgals o conseguissem atacar de novo, Barst rebolou contra as pernas de um Kull e a sua mão prendeu-lhe a parte de trás do

joelho direito. O Kull gritou de dor e saltou para trás, arrastando Barst para fora do grupo.

Os Urgals e os elfos voltaram a cercar Barst e, por instantes, parecia que o dominariam.

Depois, um dos elfos foi projetado pelo ar, com o pescoço torcido num ângulo estranho e um Kull tombou de lado, gritando na sua língua nativa. Tinha um osso saído do antebraço esquerdo.

Garzhvog rugiu e saltou para trás, com sangue a jorrar-lhe de um buraco do tamanho de um punho, de um dos lados do corpo.

— Não! — gritou Roran, gelado. Não pode acabar assim. Eu não vou permitir!

Depois gritou e correu para diante, esgueirando-se por entre os dois gigantescos Urgals. Mal teve tempo de olhar para Barst — ensangüentado e enraivecido, com o escudo numa mão e a espada na outra —, pois este atingiu-o com escudo no flanco esquerdo.

Roran ficou sem ar nos pulmões. O céu e a terra giraram em torno dele e ele sentiu a cabeça protegida pelo elmo saltar contra as pedras da calçada.

Mesmo depois de se imobilizar, o mundo pareceu continuar a girar.

Deixou-se ficar onde estava, durante algum tempo, tentando respirar. Por fim conseguiu encher os pulmões de ar, sentindo-se mais grato que nunca por conseguir respirar. Depois arfou e uivou de dor. Tinha o braço esquerdo dormente, mas todos os outros músculos e tendões ardiam-lhe.

Tentou erguer-se, mas voltou a cair sobre o estômago, muito tonto e dolorido para se levantar. Diante de si havia um fragmento amarelado de pedra, raiado de veios serpenteantes de ágata vermelha. Ficou a olhá-lo ofegante, e durante todo esse tempo a única coisa em que pensava era: *Tenho de me levantar. Tenho de me levantar. Tenho de me levantar...* Quando achou que estava preparado, voltou a tentar levantar-se, mas o braço esquerdo recusava-se a colaborar, por isso teve de se apoiar apenas no direito. Com alguma dificuldade, conseguiu apoiar as pernas no chão e erguer-se lentamente, tremendo, incapaz de respirar com normalidade.

Ao endireitar-se sentiu algo a repuxar-lhe o ombro direito e Roran gritou em silêncio. Era como se tivesse uma faca incandescente enterrada na articulação. Olhou para baixo e viu que tinha o braço deslocado. Tudo o que restava do seu escudo era uma prancha estilhaçada, agarrada à correia que estava presa ao seu antebraço.

Roran virou-se, à procura de Barst e viu-o a trinta metros de distância, coberto de meninos-gato de garras de fora.

Satisfeito por ver que Barst teria o que fazer durante alguns segundos, Roran voltou a olhar para o braço deslocado. A princípio não conseguiu lembrar-se do que a sua mãe lhe ensinara, mas depois voltou a ouvir as suas palavras, distantes e esbatidas pelo tempo, e tirou os restos do escudo.

— Cerra o punho — murmurou Roran, fechando a mão esquerda.

— Dobra o braço com o punho a apontar para fora. — Roran assim fez, embora a dor piorasse. — Vira o braço para fora, afastando-o do... — Praguejou alto ao sentir o ombro ranger, repuxando-lhe anormalmente os tendões e os músculos. Continuou a virar o braço de punho cerrado, e segundos depois o osso voltou a encaixar-se na articulação.

O alívio foi imediato. Ainda sentia dores pelo corpo todo — especialmente no fundo das costas e nas costelas — mas, pelo menos poderia usar de novo o braço e a dor não era propriamente excruciante.

Depois voltou a olhar para Barst e o que viu agonizou-o.

Barst estava de pé, rodeado de meninos-gato mortos. O seu peito de armas, amolgado, estava manchado de sangue e havia tufo de pelo agarrados ao bastão que apanhara do chão. Tinha arranhões fundos nas faces e a manga direita da cota de malha estava rasgada, mas, tirando isso, parecia incólume. Os poucos meninos-gato que ainda o enfrentavam tinham o cuidado de se manter à distância, pelo que Roran ficou com a impressão de que estavam prestes a dar meia-volta, fugindo. Atrás de Barst estavam os corpos dos Kull e dos elfos com quem lutara. Todos os guerreiros de Roran pareciam ter desaparecido, vendo apenas soldados ao seu redor, junto de Barst e dos meninos-gato: uma massa fervente de túnicas carmesim; homens a empurrarem-se e a acotovelarem-se nos redemoinhos da batalha.

— Abatam-no! — gritou Roran, mas ninguém parecia ouvi-lo.

Barst contudo, ouviu e aproximou-se pesadamente de Roran.

— Sem Martelo! — gritou ele. — Vou arrancar-te a cabeça por isto!

Roran viu uma lança no chão, ajoelhou-se e apanhou-a, mas ficou tonto com o movimento.

— Quero ver isso! — respondeu, mas as palavras pareciam-lhe vazias, começando a pensar em Katrina e no seu filho ainda por nascer.

Depois, um dos meninos-gato — uma mulher de cabelo branco, da altura do seu cotovelo — correu para diante, golpeando Barst ao longo da coxa direita.

Barst rosnou e virou-se, mas a menina-gato já estava a recuar bufando. Barst esperou mais um momento para se assegurar de que ela não iria incomodá-lo mais, e depois continuou a avançar na direção de Roran, agora a coxear, pois o seu ferimento mais recente agravara-lhe o defeito no andar. Tinha a perna coberta de sangue.

Roran umedeceu os lábios, incapaz de desviar os olhos do inimigo que se aproximava. Tinha apenas uma lança e estava sem escudo. Não conseguiria correr mais que Barst e não tinha qualquer hipótese de igualar a sua força nem a sua rapidez sobrenatural. E também não tinha ninguém por perto para ajudá-lo.

Era uma situação insustentável, mas Roran recusava-se a admitir a derrota. Já desistira uma vez e jamais o voltaria a fazer, ainda que a razão lhe dissesse que ele estava prestes a morrer.

Depois Barst atacou-o e Roran tentou golpeá-lo no joelho direito, na esperança desesperada de incapacitá-lo. Barst aparou a lança com o bastão, brandindo-o depois na direção de Roran.

Roran previu o contra-ataque e recuou tão depressa quanto possível. Uma rajada de vento fustigou-lhe o rosto, quando o topo do bastão lhe passou a escassos centímetros da pele.

Barst mostrou os dentes, sorrindo-lhe ameaçadoramente, e estava prestes a atacá-lo de novo, quando uma sombra vinda de cima o encobriu. Barst olhou para cima.

O corvo branco de Isralzadí precipitou-se do céu e aterrou no rosto de Barst. A ave guinchava furiosa, dando-lhe bicadas e arranhando-o com as garras. Roran ficou atônito ao ouvir o corvo dizer:

— Morre! Morre! Morre!

Barst praguejou e deixou cair o escudo, batendo-lhe com a mão livre e partindo-lhe a asa já ferida. Tinha tiras de carne penduradas na testa e o sangue tingia-lhe as faces e o queixo de vermelho.

Roran saltou para frente, trespassando a outra mão de Barst com a lança, e este largou o bastão.

Depois aproveitou a oportunidade para trespassar a garganta exposta de Barst, mas este agarrou na lança e arrancou-a das mãos de Roran, partindo-a entre os dedos tão facilmente como um ramo fino.

— Agora, vai morrer! — disse Barst, cuspiendo sangue. Tinha os lábios rasgados e o olho direito vazado, mas ainda via do outro que lhe restava.

Ele esticou o braço para Roran, tentando envolvê-lo num abraço mortal. Roran não teria conseguido escapar, mesmo que quisesse, mas quando os braços de Barst se fecharam sobre ele, agarrou-se à cintura e torceu-a com toda a força, exercendo tanta força e tanta pressão quanto possível sobre a perna ferida de Barst, a perna manca.

Barst resistiu durante alguns momentos, mas depois o seu joelho cedeu e ele gritou de dor, caindo para a frente sobre a perna e apoiando-se na mão esquerda. Roran torceu-se e deslizou por baixo do braço direito de Barst. O sangue no peito de armas de Barst tornou tudo mais fácil, apesar da força imensa.

Roran tentou a agarrar a garganta de Barst por trás, mas ele encolheu o queixo, impedindo-o de firmar as mãos. Por isso, Roran optou por colocá-lhe os braços à volta do peito, esperando conseguir imobilizá-lo até que alguém o ajudasse a matar.

Barst rosnou, atirando-se para um lado, e o ombro ferido de Roran estremeceu com o impacto, fazendo-o gemer de dor. Barst rebolou o corpo três vezes e as pedras da calçada enterraram-se nos braços e nas costas de Roran. Quando o corpo de Barst estava por cima dele, Roran sentiu dificuldade em respirar, mas ainda assim não o largou. Barst agrediu-o de lado, com o cotovelo, e Roran sentiu várias costelas a partirem-se.

Roran cerrou os dentes e contraiu os braços, apertando-o com todas as suas forças.

Katrina..., pensou ele.

Barst voltou a atingi-lo com o cotovelo.

Roran uivou e viu clarões de luz, mas apertou-o ainda mais.

Voltou a sentir o cotovelo a atingi-lo de lado, como uma bigorna.

— Não... vai... ganhar... Sem Martelo — rosnou Barst, erguendo-se cambaleante e arrastando Roran consigo.

Ainda que receasse que os seus músculos se separassem dos ossos, Roran apertou-o ainda mais. Gritou, mas não conseguia ouvir a sua voz e sentiu as veias e os tendões a rebentarem.

Depois o peito de armas de Barst afundou-se, cedendo no local onde o Kull o amassara, e ouviu-se um ruído de cristal partindo-se.

— Não! — gritou Barst. Nesse instante, uma luz de um branco luminoso irrompeu pelos rebordos da armadura e ele ficou rígido, como se alguém lhe tivesse esticado os membros com correntes, começando a tremer descontroladamente.

A luz ofuscou Roran, queimando-lhe os braços e o rosto, e ele acabou por largar Barst e cair para o chão, protegendo os olhos com o antebraço.

A luz continuou a jorrar do interior do peito de armas de Barst, até os rebordos de metal ficarem incandescentes. Depois o clarão dissipou-se, deixando o mundo mais escuro do que antes, e o pouco que restava de Lord Barst tombou para trás e ficou a fumegar nas pedras da calçada.

Roran piscou os olhos olhando para o céu uniforme. Sabia que devia levantar-se pois tinha soldados por perto, mas as pedras da calçada pareciam-lhe macias por baixo do corpo e a única coisa que queria era fechar os olhos e descansar...

Quando voltou a abrir os olhos, viu Orik e Horst e vários elfos reunidos à volta de si.

— Roran, está ouvindo? — disse Horst, olhando-o, preocupado.

Roran tentou falar, mas não conseguia articular as palavras.

— Está ouvindo? Escuta, tem que ficar acordado. Roran!

Roran!

Roran voltou a sentir-se mergulhar na escuridão. Era uma sensação reconfortante, como que a embrulhar-se num cobertor macio de lã. O calor inundou-o e a última coisa que recordava era Orik curvado sobre si a entoar algo semelhante a uma oração, na Língua dos Anões.

A Dádiva do Saber

De olhar fixo, Eragon e Murtagh caminharam em círculo, tentando prever como e em que direção se iriam mover.

Murtagh parecia estar em excelente forma, mas tinha olheiras escuras e estava pálido. Eragon teve a sensação de que ele passara por uma grande pressão. Usava as mesmas peças de armadura que Eragon: cota de malha, luvas, braçais e caneleiras, mas o seu escudo era mais comprido e mais delgado que o seu. Quanto às espadas, Brisingr tinha a vantagem de ser mais comprida, com um punho de palmo e meio, e Zar'roc, mais pesada pelo fato de ter uma lâmina mais larga.

Começaram a aproximar-se lentamente e, quando estavam a três metros um do outro, Murtagh que se mantinha de costas para Galbatorix, disse num tom baixo e furioso:

— O que está fazendo?

— Ganhando tempo — murmurou Eragon, mexendo os lábios o menos possível.

Murtagh franziu a testa.

— É um idiota. Ele vai ficar nos vendo se matar um ao outro, mas de que servirá? De nada!

Em vez de responder, Eragon deslocou o peso do corpo para frente, estremecendo o braço que segurava a espada, e Murtagh vacilou.

— Maldito seja! — rosnou Murtagh. — Se tivesse esperado apenas mais um dia, eu poderia ter libertado Nasuada.

Eragon ficou surpreso.

— Porque haveria de acreditar em você?

Murtagh mostrou-se ainda mais furioso com a pergunta. Revirou os lábios e acelerou o passo, forçando Eragon a apressar-se.

Depois, disse mais alto:

— Então, conseguiu finalmente encontrar uma espada decente.

Foram os elfos que a forjaram, não foram?

— Você sabe que f...

Murtagh saltou na direção dele, brandindo Zar'roc para a sua barriga e Eragon recuou, mal aparando o golpe da espada vermelha.

Eragon retaliou com um golpe circular, por cima da cabeça — deixando a mão deslizar até ao pomo de Brisingr, para aumentar o seu poder de alcance — e Murtagh desviou-se.

Fizeram uma pausa, na expectativa de um novo ataque. Ao verem que nenhum o fazia, recomeçaram a andar em círculos. Eragon parecia mais cauteloso.

A avaliar pelo combate inicial, era óbvio que Murtagh continuava tão rápido e forte como Eragon — ou um elfo. A proibição de Galbatorix em relação ao uso de magia parecia não afetar os feitiços que fortaleciam os membros de Murtagh. Eragon não apreciara a restrição do rei por motivos egoístas, mas entendia o seu fundamento; se assim não fosse, o combate dificilmente seria justo.

No entanto, Eragon não queria um combate justo, queria controlar o rumo do duelo para poder decidir quando e como terminaria. Infelizmente, duvidava que lhe fosse dada essa oportunidade, dada a perícia de Murtagh com a espada; e, mesmo que a tivesse, não fazia idéia de como usar o combate para atacar Galbatorix, tão pouco tinha tempo para pensar nisso, embora soubesse que Saphira, Arya e os dragões tentariam descobrir uma solução.

Murtagh fintou-o com o ombro esquerdo e Eragon escondeu-se atrás do escudo. Mas, instante depois, ele percebeu que fora um estratagema e que Murtagh estava se deslocando para a sua direita, na tentativa de penetrar nas suas defesas.

Eragon torceu-se e viu Zar'roc descrever um arco na direção do seu pescoço, com o gume cintilante como uma linha de arame, e aparou o golpe, empurrando-a desastradamente com o guarda mão de Brisingr. Depois retaliou com um golpe rápido no antebraço de Murtagh, atingindo-o na parte lateral do pulso, para seu deleite. Brisingr não lhe cortou a luva, nem a manga da túnica, mas o impacto magoou Murtagh, que afastou o braço do corpo, deixando-lhe o peito exposto.

Eragon golpeou-o e Murtagh aparou o ataque com o escudo.

Eragon atacou-o mais três vezes, mas Murtagh aparou todos os golpes e, quando Eragon encolheu o braço para voltá-lo a atacar, contra-atacou com um golpe enviesado na direção do joelho, que o teria incapacitado se o tivesse atingido.

Percebendo as intenções de Murtagh, Eragon alterou o curso da sua arma e deteve Zar'roc a pouco mais de dois centímetros da perna, contra-atacando com outro golpe.

Trocaram golpes durante vários minutos, disputando o ritmo um do outro, mas sem sucesso. Conheciam-se muito bem. O que quer que Eragon tentasse fazer, Murtagh contrariava e vice-versa. Era como um jogo em que ambos tinham de prever antecipadamente várias jogadas, o que alimentava em Eragon uma sensação de intimidade, sempre que se empenhava em desvendar a mente de Murtagh e, a partir dela, prever o que faria.

Desde o início que Eragon reparara que Murtagh estava lutando de forma diferente, atacando-o com uma brutalidade que nunca estivera presente, como se pela primeira vez, quisesse derrotar Eragon o mais rapidamente possível. Além disso, depois da explosão inicial, a sua raiva parecera dissipar-se dando lugar a uma fria e implacável determinação.

Eragon deu consigo a lutar nos limites da sua capacidade e, embora conseguisse defender-se de Murtagh, tinha acabado por assumir uma postura mais defensiva do que seria do seu agrado.

Algun tempo depois, Murtagh baixou a espada e virou-se na direção do trono e de Galbatorix.

Eragon não baixou a guarda, hesitando, sem saber se seria conveniente atacar. E Murtagh aproveitou esse momento de hesitação e saltou na direção dele. Eragon ficou onde estava e golpeou-o. Murtagh aparou o golpe com o escudo, mas depois, em vez de contra-atacar como Eragon esperava, bateu-lhe com o escudo, empurrando-o.

Eragon rosnou e empurrou-o também. Teria contornado o escudo para golpeá-lo nas costas ou nas pernas, mas Murtagh empurrava-o com demasiada força para correr esse risco. Murtagh era uns cinco centímetros mais alto do que ele e a estatura permitiam-lhe exercer peso sobre o escudo de Eragon, forçando-o a deslizar para trás sobre o chão polido, sem que Eragon o conseguisse evitar.

Por fim, com um rugido e um empurrão forte, Murtagh atirou Eragon para trás e, enquanto este tentava recuperar o equilíbrio, Murtagh tentou golpeá-lo no pescoço.

— Letta! — disse Galbatorix e a ponta de Zar'roc parou a menos de um dedo da pele de Eragon.

Eragon ficou paralisado, ofegante, sem perceber o que se passara.

— Controle-se Murtagh, ou o farei por você — disse Galbatorix, do local onde estava a assistir. — Detesto ter de me repetir. Não pode matar Eragon, nem ele pode te matar... Agora, prossigam!

A constatação de que Murtagh acabara de tentá-lo matar e de que o teria conseguido se não fosse a intervenção de Galbatorix, chocou-o. Sondou o rosto de Murtagh em busca de uma explicação, mas este se mantinha teimosamente impassível, como se Eragon pouco ou nada significasse para si.

Eragon não entendia. Murtagh estava definitivamente jogando de forma diferente do que era suposto. Algo mudara nele, embora Eragon não percebesse o quê.

Além disso, a evidência de que fora derrotado — e que, pela ordem natural das coisas deveria estar morto — abalou a confiança de Eragon. Tinha enfrentado a morte muitas vezes, mas nunca de uma forma tão extrema e intransigente. Era indiscutível: Murtagh vencera-o e só a compaixão de Galbatorix — por muito questionável que fosse — o salvara.

Não fique pensando nisso, Eragon, disse-lhe Arya. Você não tinha motivos para desconfiar que ele fosse tentar te matar, nem estava tentando matá-lo. Se estivesse, o combate teria corrido de outra forma e Murtagh nunca teria tido a chance de te atacar como atacou.

Hesitante, Eragon olhou para o local onde ela estava, no limiar da poça de luz juntamente com Elva e Saphira. Depois Saphira disse:

Se ele quer rasgar-te a garganta, corta-lhe os tendões para ter a certeza de que não voltará a fazê-lo.

Eragon acenou com a cabeça, confirmando que ouvira o que as duas tinham acabado de dizer.

Ele e Murtagh separaram-se e voltaram a ocupar posições opostas, e Galbatorix olhou-os aprovadoramente.

Desta vez Eragon foi o primeiro a atacar.

A luta pareceu prolongar-se durante horas e Murtagh não voltou a desferir golpes mortíferos. Eragon por sua vez — e para sua satisfação — conseguiu atingir Murtagh na clavícula, embora tivesse interrompido o golpe antes que Galbatorix julgasse conveniente ser ele próprio a fazê-lo. O golpe pareceu abalar Murtagh e Eragon sorriu brevemente com a sua reação.

Houve também outros golpes que nenhum conseguiu aparar, pois nem ele nem Murtagh eram infalíveis, por muito rápidos e hábeis que fossem. E na ausência de fórmulas fáceis para terminar o combate, era inevitável que ambos cometessem erros e que estes resultassem em ferimentos.

O primeiro ferimento foi um golpe de Murtagh na coxa direita de Eragon, no intervalo entre a bainha da cota de malha e a parte de cima da perneira. O golpe era superficial, mas extraordinariamente doloroso, e, sempre que Eragon assentava o peso do corpo sobre a perna, o ferimento sangrava.

Foi também Eragon que sofreu o segundo ferimento: um talho por cima da sobrancelha. Murtagh desferiu-lhe um golpe no elmo e este cortara-lhe a pele. Dos dois ferimentos, o segundo era de longe o mais irritante, pelo fato de estar constantemente escorrer-lhe sangue para o olho, obstruindo-lhe a visão.

Depois, Eragon voltou atingindo Murtagh no pulso, mas desta vez cortou-lhe o punho da luva, a manga da túnica e a fina camada de pele até ao osso. Não lhe cortou nenhum músculo, mas o ferimento parecia bastante doloroso para Murtagh, e o sangue que lhe escorria da luva fê-lo largar a espada, pelo menos duas vezes.

Eragon golpeou Murtagh na barriga da perna direita, e depois, enquanto este recuperava de um ataque fracassado — deslocou-se para o lado do seu escudo e atacou-o com Brisingr, golpeando-lhe a perneira esquerda com toda a força, e amolgando-a a meio.

Murtagh gritou e saltou para trás, sobre uma perna, e Eragon continuou a brandir Brisingr, tentando atirá-lo ao chão. Mas Murtagh conseguiu defender-se apesar do ferimento, e, segundos depois, foi Eragon que teve dificuldades em manter-se de pé.

Os escudos resistiram aos golpes implacáveis, durante algum tempo — Eragon concluiu com satisfação, que Galbatorix deixara intactos os encantamentos das suas espadas e armaduras —, mas entretanto os feitiços do escudo de Eragon começaram a enfraquecer, tal como os de Murtagh — o que se tornou evidente pelas lascas que voavam sempre que as espadas batiam neles.

E pouco depois, Eragon rachou o escudo de Murtagh com um golpe particularmente violento. Mas a vitória foi fugaz, pois Murtagh agarrou firmemente em Zar'roc com ambas as mãos, atingindo duas vezes

consecutivas o escudo de Eragon, que também se rachou, deixando-os mais uma vez em igualdade de circunstâncias.

À medida que lutavam, a pedra por baixo deles começava a ficar escorregadia com as manchas e os salpicos de sangue, pelo que se tornava cada vez mais difícil manterem o equilíbrio. A enorme sala de audiências devolvia-lhes ecos distantes do choque das suas armas, como os sons de uma batalha há muito esquecida.

Era como se fossem o centro do mundo, pois havia luz apenas onde se movimentavam e estavam ambos sozinhos dentro dela.

Entretanto, Galbatorix e Shruikan continuavam a observá-los no limiar das sombras.

Sem o escudo, Eragon tinha mais facilidade em atingir Murtagh — especialmente nos braços e nas pernas —, tal como Murtagh tinha mais facilidade em atingi-lo a ele. De uma maneira geral, as armaduras protegiam-nos dos golpes, mas não dos inúmeros hematomas e nódoas negras que iam sofrendo.

Apesar dos ferimentos que infligiu em Murtagh, Eragon começou a desconfiar que o seu adversário era quem melhor manejava a espada. A diferença não parecia grande, mas era o suficiente para que Eragon jamais conseguisse ficar em vantagem. Se o rumo do duelo se mantivesse, Murtagh acabaria por esgotá-lo, até que ele ficasse muito ferido ou cansado para prosseguir, um desfecho que parecia aproximar-se a olhos vistos. A cada passo que dava, Eragon sentia o sangue a jorrar-lhe sobre o joelho, do golpe na coxa, tornando-se cada vez mais difícil defender-se.

Eragon teria de acabar com o duelo imediatamente, de contrário não conseguiria defrontar Galbatorix mais tarde. Nas presentes circunstâncias ele já tinha sérias dúvidas de que representasse um grande desafio para o rei, mas precisava tentar. Pelo menos tinha de tentar.

O cerne da questão era que os motivos por que Murtagh lutava constituíam um mistério para si e este continuaria a apanhá-lo de surpresa, a menos que ele os desvendasse.

Eragon recordou o que Glaedr lhe dissera fora de Dras-Leona: *Você tem que aprender a observar o que vê. E também: O método do guerreiro é o método do saber.*

Por isso, olhou para Murtagh com a mesma intensidade com que olhara para Arya durante os seus combates amigáveis, e se estudara a si mesmo durante a sua longa noite de introspecção em Vroengard, procurando decifrar a linguagem escondida no corpo de Murtagh.

E não foi mal-sucedido de todo. Era óbvio que Murtagh estava exausto e consumido, e que a forma como arqueava os ombros revelava um ódio profundamente enraizado, ou talvez medo, quem sabe. Havia também a questão da sua desumanidade, o que não era nada de novo, mas que se revelava pela primeira vez em relação a Eragon. Apercebeu-se de todas essas coisas e de outros detalhes mais subtis, esforçando-se depois para os conciliar com o que tinha aprendido acerca de Murtagh no passado, a sua amizade, a sua lealdade e o seu ressentimento em relação ao controle de Galbatorix.

Segundos depois — momentos esgotantes, preenchidos por dois golpes desastrosos que lhe valeram mais uma nódoa negra no cotovelo —, Eragon teve consciência da verdade. E, nessa altura, esta pareceu-lhe óbvia. Devia haver algo na vida de Murtagh, algo que seria afetado pelo combate, de tal forma importante para ele que o compelia a ganhar fosse como fosse, mesmo que isso significasse matar o meio-irmão. O que quer que estivesse em causa — e Eragon tinha as suas suspeitas, umas mais perturbantes do que outras —, Murtagh jamais desistiria. Lutaria como um animal encurralado até ao último fôlego e Eragon jamais o conseguiria derrotar pelos meios convencionais, pois aquele duelo significava mais para Murtagh do que para ele. Para Eragon, o duelo era uma manobra de distração conveniente, e pouco lhe importava quem ganhasse ou perdesse, desde que depois estivesse em condições de enfrentar Galbatorix. Mas para Murtagh significava muito mais do que isso e Eragon sabia por experiência, que esse tipo de determinação era difícil senão impossível de vencer apenas pela força.

Como deter um homem que estava determinado a persistir e a vencer, apesar de todos os obstáculos que surgissem no seu caminho? Essa era a questão que Eragon se devia colocar.

Pareceu-lhe um enigma indecifrável até que, finalmente, percebeu que a única forma de vencer Murtagh era dar-lhe aquilo que ele queria. Para satisfazer o seu próprio desejo, Eragon teria de aceitar a derrota.

Mas não inteiramente. Não podia deixar Murtagh disponível para obedecer às ordens de Galbatorix. Eragon concederia a Murtagh a sua vitória e, depois, conquistaria a sua.

Ao ouvir os seus pensamentos, a angústia e a preocupação de Saphira aumentaram, e ela disse:

Não, Eragon. Tem de haver outra forma.

Diga-me qual é, respondeu ele, *porque eu não a encontro.*

Ela rosnou e Thorn rosnou em resposta, do outro lado da poça de luz.

Usa o bom-senso, disse Arya, e Eragon percebeu o que ela lhe queria dizer.

Murtagh correu para ele e as suas espadas cruzaram-se com um ruído clamoroso. Depois separaram-se e fizeram uma pausa para reunir forças. Quando voltaram a aproximar-se um do outro, Eragon desviou-se para a direita de Murtagh, deixando o braço que empunhava a espada flutuar para longe do seu corpo, como se estivesse exausto ou desatento. Foi um movimento ligeiro, mas ele sabia que Murtagh iria reparar e que iria tentar aproveitar essa abertura que ele lhe dera.

Naquele momento, Eragon não sentia nada. Ainda tinha a noção da dor dos seus ferimentos, mas de uma forma algo remota, como se as sensações não lhe pertencessem. A sua mente era como um lago de águas profundas, num dia sufocante, um lago de águas paradas, mas ainda assim carregado de reflexos. Eragon registrava tudo o que via, sem recorrer ao pensamento consciente. Não tinha necessidade de fazê-lo. Entendia tudo o que tinha diante de si e quaisquer outras reflexões serviriam apenas para incomodá-lo.

Eragon esperou e Murtagh saltou na sua direção, apontando a espada para o centro da sua barriga.

Eragon virou-se no momento certo. Não se moveu depressa nem devagar, apenas com a rapidez que a situação exigia. O movimento parecia predeterminado, como se fosse o único gesto que ele pudesse fazer.

Em vez de o atingir no ventre, tal como Murtagh pretendia, Zar'roc trespassou-lhe os músculos do seu lado direito, imediatamente por baixo da caixa torácica. O impacto foi como o golpe de um martelo, ouvindo-se um ruído metálico, deslizante, quando Zar'roc atravessou os elos partidos da cota de malha, enterrando-se na carne. Eragon arquejou mais pela sensação fria do metal do que pela dor.

Atrás de si, a ponta da lâmina repuxou a cota de malha, ao emergir do seu corpo.

Murtagh ficou a olhar, aparentemente surpreendido.

Antes que o adversário conseguisse recuperar, Eragon puxou o braço para trás, enterrando Brisignr no abdômen de Murtagh, junto do umbigo, um ferimento bem pior do que o que acabava de sofrer.

O rosto de Murtagh ficou lânguido e abriu a boca como se fosse falar, Depois caiu de joelhos ainda a segurar Zar'roc.

Thorn rugiu de um lado da sala.

Eragon libertou Brisingr e depois recuou, fazendo um esgar e gritou em silêncio, enquanto Zar'roc deslizava do seu corpo.

Murtagh largou Zar'roc e esta caiu ruidosamente no chão.

Depois colocou os braços à volta da cintura e dobrou-se sobre si, encostando a cabeça à pedra polida.

Foi a vez de Eragon olhar, sentindo o sangue quente a escorrer-lhe para o olho.

No trono, Galbatorix disse:

— Naina — e dúzias de lanternas se acenderam por toda a sala, revelando mais uma vez as colunas, os entalhes ao longo das paredes e o bloco de pedra onde Nasuada estava acorrentada.

Eragon cambaleou, aproximando-se de Murtagh, e ajoelhou-se junto dele.

— E Eragon é o vencedor — disse o rei, inundando o enorme salão com a sua voz sonora.

Murtagh olhou para Eragon, com o rosto alagado em suor e desfigurado pela dor.

— Não podia deixar-me ganhar, não é? — rosnou ele, em voz baixa. — Não consegue vencer Galbatorix, mas mesmo assim tinha de provar que é melhor do que eu... Ah! — Estremeceu e começou a balançar-se para trás e para diante, sobre as canelas.

Eragon colocou a mão no seu ombro:

— Por quê? — perguntou, sabendo que Murtagh iria entender a pergunta.

Ele respondeu num sussurro quase imperceptível:

— Porque esperava cair nas suas boas graças para a poder salvar. — As lágrimas enevoaram-lhe os olhos e ele desviou o olhar.

Ao ouvir as suas palavras Eragon percebeu que Murtagh dissera a verdade e sentiu-se consternado.

Passaram-se mais alguns momentos e Eragon apercebeu-se de que Galbatorix os observava com interesse.

Depois Murtagh disse:

— Você me enganou.

— Era a única forma.

Murtagh gemeu.

— Foi sempre essa a diferença entre você e eu — disse ele, olhando para Eragon.

— Você estava disposto a se sacrificar e eu não... Nessa altura, não.

— Mas agora, sim.

— Já não sou a mesma pessoa. Agora tenho Thorn e... — Murtagh hesitou, encolhendo os ombros. — Já não é por mim que luto... Isso faz alguma diferença. — Inspirou superficialmente e retraiu-se. — Achava que você era um idiota, por estar sempre arriscando a vida... Mas agora sei que não é assim. Agora entendo... por que.

Agora entendo... — Depois arregalou os olhos e descontraiu o seu rosto franzido, como se tivesse esquecido a dor, e uma luz interior pareceu iluminar-lhe o rosto. — Eu entendo... ambos entendemos — sussurrou ele e Thorn deixou escapar um ruído, num misto de resmungo e um rosnado.

Galbatorix mexeu-se no trono intranquilo, e disse num tom áspero:

— Chega de conversa! O vosso duelo terminou e Eragon venceu.

Chegou o momento dos nossos convidados se ajoelharem e me jurarem fidelidade... Aproximem-se os dois. Tratarei dos vossos ferimentos e depois prosseguiremos.

Eragon começou a levantar-se, mas Murtagh agarrou-o pelo antebraço detendo-o.

— Imediatamente! — disse Galbatorix, unindo as sobrancelhas. —

Ou vou deixá-los sofrer, até terminarmos.

Prepare-se, disse Murtagh a Eragon com um movimento de lábios.

Eragon hesitou, sem saber o que esperar, depois acenou com a cabeça e avisou Arya, Saphira, Glaedr e os outros Eldunarís.

A seguir Murtagh puxou Eragon para o lado, ergueu-se sobre os joelhos, ainda agarrado à barriga, olhou para Galbatorix e gritou a Palavra.

Galbatorix encolheu-se e ergueu a mão como que protegendo-se.

Ainda gritando, Murtagh disse outras palavras na língua antiga, falando muito depressa para que Eragon entendesse o propósito do feitiço.

Clarões vermelhos e negros surgiram no ar em torno de Galbatorix e, por instantes, o seu corpo pareceu estar envolto em chamas. Ouviu-se um ruído semelhante ao vento de verão a sacudir os ramos de uma floresta de verdura perene. Depois Eragon ouviu uma série de gritos estridentes e viu doze globos de luz surgirem em torno da cabeça de Galbatorix. Os globos voaram para longe dele, passaram através das paredes da câmara e desapareceram.

Pareciam espíritos, mas Eragon viu-os durante tão pouco tempo que não teve a certeza.

Thorn virou-se — tão rapidamente como um gato a quem tivessem pisado a cauda — e atirou-se ao enorme pescoço de Shruikan. O dragão negro gritou e recuou, sacudindo a cabeça para tentar libertar-se de Thorn. O som dos seus rugidos era dolorosamente intenso e o chão tremia com o peso dos dois dragões.

As crianças gritaram nos degraus do estrado, tapando os ouvidos com as mãos.

Eragon viu Arya, Elva e Saphira cambalearem para a frente, libertas da magia de Galbatorix. Arya aproximou-se do trono, com a Dauthdaert na mão, e Saphira saltou para onde Thorn estava agarrado a Shruikan. Elva, entretanto, levou a mão à boca e parecia estar a dizer algo para si mesma, mas Eragon não conseguiu perceber por causa do ruído dos dragões.

Gotas de sangue do tamanho de punhos precipitaram-se em redor deles, fumegando ao tocarem na pedra.

Eragon levantou-se de onde Murtagh o tinha empurrado e seguiu Arya em direção ao trono.

Depois, Galbatorix disse o nome da língua antiga, juntamente com a palavra letta. Grilhetas invisíveis prenderam os membros de Eragon e toda a sala ficou em silêncio. A magia do rei prendera-os a todos, até mesmo Shruikan.

Eragon ferveu de raiva e de frustração. *Tão perto que estavam de atacar o rei e continuavam de mãos atadas perante os seus feitiços.*

— Apanhem-no! — gritou ele, com a mente e a voz. Já tinham tentado atacar Galbatorix e Shruikan, mas o rei mataria as duas crianças, quer prosseguissem ou não. O único caminho possível para Eragon e para os seus companheiros — a única esperança de vitória que lhes restava — era

quebrar as barreiras mentais de Galbatorix e controlar os seus pensamentos.

Eragon projetou violentamente a sua consciência na direção do rei, juntamente com Saphira, Arya e os Eldunarís que tinha trazido consigo, depositando todo o seu ódio, raiva e dor num único raio que dirigiu ao âmago de Galbatorix.

Por instantes, Eragon sentiu a mente do rei: uma terrível paisagem mergulhada em sombras, varrida por um frio cortante e um calor abrasador — dominada por barras de ferro rijas e inflexíveis, que dividiam as áreas da sua consciência.

Depois, os dragões sob as ordens de Galbatorix, os ruidosos dragões enlouquecidos, atormentados pela dor, atacaram a mente de Eragon, forçando-o a fechar-se em si mesmo para não acabar desfeito em pedaços.

Atrás, Eragon ouviu Elva começar a dizer algo, mas antes que verbalizasse algo de concreto, Galbatorix disse:

— Theyna! — e ela calou-se, como que engasgada.

— Eu tirei-lhe as proteções — gritou Murtagh. — Ele está...

Todas as palavras que Galbatorix proferiu a seguir, disse-as muito depressa e num tom de voz muito baixo para que Eragon as pudesse ouvir. Murtagh parou de falar e Eragon sentiu-o cair momentos depois, ouvindo o tinido da cota de malha e o ruído metálico do elmo a bater na pedra.

— Tenho muitas proteções — disse Galbatorix, com o seu rosto de falcão toldado pela fúria. — Não podem fazer-me mal. —

Levantou-se e desceu os degraus do estrado na direção de Eragon, com a capa a ondular em torno de si e empunhando a espada branca e mortífera — Vrangr.

Nos curtos momentos que lhe restavam, Eragon tentou controlar a mente de um dos dragões que atacava a sua consciência. Mas eram muitos e, ao fazê-lo, Eragon deu consigo a lutar freneticamente para repelir a horda de Eldunarís, antes que estes o subjugassem por completo.

Galbatorix parou a trinta centímetros de Eragon e olhou-o furioso, com uma grossa veia bifurcada, saliente na testa, e os músculos dos maxilares em tensão.

— Pensa que me pode desafiar, rapaz? — rosnou ele, projetando grandes quantidades de saliva, com a raiva. — Acha que é igual a mim? Que poderias subjugar-me e roubar-me o trono? — Galbatorix tinha os tendões

do pescoço salientes como fios emaranhados de corda. Depois deu um puxão à capa. —

Mandeí cortar esta capa das asas de Belgabad e as luvas também.

— E ergueu Vrangr, segurando a lâmina gelada diante dos olhos de Eragon. — Arranquei esta espada das mãos de Vrael e roubei esta coroa da cabeça do miserável choramingas que a usava antes de mim. E, ainda assim, julga-te mais esperto do que eu? Eu? Vem ao meu castelo, mata os meus homens e age como se fosse melhor do que eu, como se fosse mais nobre ou mais virtuoso?

Galbatorix bateu-lhe na face com o pomo de Vrangr, rasgando-lhe a pele. Eragon sentiu a cabeça a zunir e viu uma constelação de manchas vermelhas e palpitações.

— Precisa de uma lição de humildade, rapaz — disse Galbatorix, aproximando-se mais. Os seus olhos cintilantes estavam a escassos centímetros dos de Eragon.

Agrediu-o na outra face e, durante um segundo, Eragon viu apenas uma imensidão negra salpicada de pontos brilhantes.

— Vou gostar de te ter ao meu serviço — disse Galbatorix.

Depois acrescentou num tom mais baixo: — Gánga — e a pressão dos Eldunarís que atacavam a mente de Eragon dissipou-se, deixando-o livre para pensar à vontade. O mesmo não se podia dizer dos outros, como atestava a tensão estampado nos seus rostos.

Depois uma lâmina de pensamento, afiada a um nível infinitesimal, penetrou na consciência de Eragon, infiltrando-se no âmago do seu ser. A lâmina torceu-se, rasgando-lhe o tecido da mente como um figo bravo alojado numa tira de feltro, na tentativa de lhe destruir a vontade, a identidade e a própria consciência.

Eragon nunca sofrera um ataque semelhante, por isso fechou-se em si mesmo, tentando concentrar-se num único pensamento para se proteger — vingança. O seu contacto com Galbatorix permitia-lhe sentir as suas emoções: raiva, basicamente, mas também uma alegria selvática pelo fato de poder magoar Eragon e vê-lo torcer-se de desconforto.

A razão porque Galbatorix era tão eficaz a subjugar a mente dos seus inimigos devia-se ao fato de ter um prazer perverso nisso.

A lâmina penetrou mais no seu íntimo e Eragon gritou, incapaz de se conter.

Galbatorix sorriu. Tinha as pontas dos dentes translúcidas como peças de cerâmica.

A defesa, por si só, não era uma estratégia para ganhar um combate. Por isso, Eragon fez um esforço para contra-atacar Galbatorix, apesar da dor avassaladora com que se debatia .

Mergulhou na consciência do rei, agarrando-se aos seus pensamentos aguçados com lâminas, na tentativa de os prender e impedir o rei de se mover ou pensar sem a sua aprovação.

Contudo, Galbatorix não fez qualquer esforço para se proteger e o seu sorriso cruel alargou-se ao torcer mais a lâmina dentro da mente de Eragon.

Era como se tivesse um ninho de roseiras bravas rasgando-o por dentro. Um grito arranhou-lhe a garganta e Eragon ficou inerte, à mercê do feitiço de Galbatorix.

— Submete-te! — disse o rei, agarrando o queixo de Eragon com dedos de aço. — Submete-te! — A lâmina voltou a torcer-se e Eragon gritou até ficar sem voz.

Os pensamentos penetrantes do rei cercaram a consciência de Eragon, confinando-o a uma porção ainda mais limitada da sua mente, até lhe restar apenas um pequeno núcleo brilhante, obscurecido pelo peso gigantesco da presença de Galbatorix.

— Submete-te! — sussurrou-lhe o rei, num tom quase afetuoso. —

Não tens para onde ir, nem onde te esconderes... Esta vida acabou para ti, Eragon, Matador de Espectros, mas espera-te uma outra vida. Submete-te e tudo será perdoado.

As lágrimas distorceram a visão de Eragon, ao fixar o abismo incolor das pupilas de Galbatorix.

Tinham perdido... Ele tinha perdido.

Essa evidência era mais dolorosa do que qualquer um dos ferimentos que sofrera. Cem anos de luta... para nada. Nem Saphira, nem Elva, nem Arya, nem os Eldunarís conseguiriam vencer Galbatorix. Ele era muito forte, muito inteligente.

Garrow, Brom e Oromis tinham morrido em vão, tal como os inúmeros guerreiros de diferentes raças que tinham sacrificado as suas vidas nas lutas contra o Império.

As lágrimas transbordaram dos olhos de Eragon.

— Submete-te! — sussurrou o rei, aumentando a pressão na sua mente.

O que Eragon odiava, acima de tudo, era a injustiça da situação.

Parecia-lhe errado, a um nível elementar, que tanta gente tivesse sofrido e morrido para alcançar uma meta impossível. Parecia-lhe errado que Galbatorix fosse por si só, a causa de tanto sofrimento e que escapasse ao castigo pelos crimes que cometera.

Por quê? — perguntou-se Eragon.

E recordou a visão que Valdr, o mais velho dos Eldunarís, lhe mostrara a ele e a Saphira, onde os sonhos dos estorninhos eram iguais às preocupações de reis.

— Submete-te! — gritou Galbatorix e a sua mente perfurou a mente de Eragon com mais violência, trespassando-a em todas as direções, como lascas de gelo e de fogo.

Eragon gritou. Em desespero tentou alcançar Saphira e os Eldunarís — cujas mentes estavam cercadas pelos dragões enlouquecidos, sob o comando de Galbatorix — para se alimentar dos seus depósitos de energia.

E com essa energia Eragon lançou um feitiço.

Era um feitiço sem palavras, pois a magia de Galbatorix não permitia que ele o fizesse de outra forma, além de que não havia palavras que descrevessem o que Eragon pretendia nem o que sentia. Uma biblioteca inteira teria sido insuficiente para traduzi-lo.

Era um feitiço de instinto e de emoções, pelo que a linguagem não o poderia expressar.

O que Eragon pretendia era simultaneamente simples e complexo: ele queria que Galbatorix entendesse... a injustiça das suas ações. O feitiço não era um ataque, mas uma tentativa de comunicação. Se ele tivesse de viver o resto da sua vida como escravo do rei, queria que Galbatorix entendesse plenamente o que fizera.

Quando o feitiço produziu efeito, Eragon sentiu que Umaroth e os Eldunarís concentravam a atenção nele, esforçando-se por ignorar os dragões de Galbatorix. Cem anos de dor inconsolável e de raiva cresceram dentro dos Eldunarís como uma onda atrojadora. As mentes dos dragões uniram-se à de Eragon e começaram a alterar o feitiço, aprofundando-o, expandindo-o e ampliando-o até este se tornar muito mais abrangente do que se pretendia de início.

Para além de lhe mostrar a injustiça das suas ações, o feitiço obrigaria Galbatorix a vivenciar todos os sentimentos que despertara nos outros, desde o dia em que nascera, fossem bons ou maus.

O feitiço ia muito além do que Eragon jamais poderia ter inventado sozinho, pois continha mais do que uma única pessoa ou um único dragão poderia conceber. Cada um dos Eldunarís contribuiu para o encantamento e o somatório das participações resultou num feitiço que se estendia não apenas a toda a Alagaësia, mas que remontava a todos os momentos que decorreram desde o nascimento de Galbatorix, até o presente.

Eragon estava convencido de que era a maior peça de magia que os dragões jamais tinham forjado e ele era o seu instrumento, a sua arma.

O poder dos Eldunarís percorreu-o como um rio tão vasto como um oceano e ele sentiu-se como uma frágil embarcação oca, como se a sua pele se pudesse rasgar com a força da torrente que canalizava. Se não fosse Saphira e os outros dragões, Eragon teria sucumbido de imediato, esgotado pelas vorazes exigências do feitiço.

A luz das lanternas enfraqueceu e Eragon julgou ouvir o eco de milhares de vozes na sua mente: uma cacofonia insuportável de dores e alegrias, desde o passado ao presente.

As rugas no rosto de Galbatorix acentuaram-se e ele arregalou os olhos:

— O que você fez? — perguntou, num tom cavo e tenso. Recuou e encostou os punhos às têmporas, dizendo: — O que você fez?

Eragon fez um esforço e respondeu:

— Fiz você entender.

O rei fitou-o com uma expressão horrorizada. Os músculos do rosto contraíram-se e tremeram, e todo o seu corpo foi sacudido por impulsos. Ele arreganhou os dentes e rosnou:

— Não vai subjugar-me, rapaz. Não... vai... — gemeu, cambaleante. O feitiço que prendia Eragon dissipou-se e ele caiu no chão. Elva, Saphira, Thorn, Shruikan e as duas crianças começavam de novo a mexer-se.

O rugido ensurdecador de Shruikan inundou a câmara e o enorme dragão negro sacudiu Thorn do seu pescoço. O dragão vermelho foi

projetado até meio da sala. Thorn aterrou sobre o flanco esquerdo e os ossos da sua asa estalaram ruidosamente.

— Eu... não... vou... ceder — disse Galbatorix. Atrás do rei, Eragon viu Arya, que estava mais perto do trono do que ele. Ela hesitou e voltou a olhá-los. Depois correu para além do estrado e aproximou-se de Shruikan juntamente com Saphira.

Thorn fez um esforço para se levantar e seguiu-os.

Com o rosto desfigurado de loucura, Galbatorix avançou na direção de Eragon, atacando-o com Vrangr.

Eragon desviou para o lado e ouviu a espada bater na pedra, junto da sua cabeça. Desviou mais um metro e levantou-se. Só a energia dos Eldunari lhe permitia se agüentar de pé.

Gritando, Galbatorix atacou-o e Eragon aparou o golpe desastrado do rei. As espadas retiniam como sinos, um ruído agudo e límpido entre os rugidos dos dragões e os sussurros dos mortos.

Saphira saltou, atingindo o imenso focinho de Shruikan, e fê-lo sangrar, voltando a deixar-se cair no chão. Ele tentou dar-lhe uma patada, de garras esticadas, e ela saltou para trás, abrindo parcialmente as asas.

Eragon esquivou-se a um selvático golpe transversal, tentou atingir a axila esquerda de Galbatorix e, para sua surpresa, atingiu-o, molhando a ponta de Brisingr com o sangue do rei.

Um espasmo no braço de Galbatorix frustrou-lhe o golpe seguinte, pelo que ambos acabaram de espadas cruzadas junto do punho, lutando para se desequilibrarem mutuamente. O rosto do rei estava quase irreconhecível e tinha lágrimas na cara.

Uma cortina de fogo explodiu sobre as suas cabeças e o ar ficou quente.

As crianças gritavam de algum lugar.

A perna ferida de Eragon cedeu e ele voltou a cair sobre as mãos e os pés, machucando a mão com que segurava Brisingr.

Esperava que o rei o atacasse na seqüência, mas Galbatorix ficou onde estava, vacilante.

— Não! — gritou o rei. — Eu não... — Olhou para Eragon e gritou — Para com isto!

Eragon abanou a cabeça, voltando a levantar-se.

Uma dor percorreu-lhe o braço esquerdo e ele olhou para Saphira, apercebendo-se de que ela tinha um ferimento ensangüentado na pata dianteira. Do outro lado da sala, Thorn enterrou os dentes na cauda de Shruikan e o dragão negro rosnou, virando-se para ele.

Aproveitando a distração de Shruikan, Saphira lançou-se no ar e aterrou em cima do seu pescoço, junto da base do crânio ossudo.

Depois, enganchou a garras por baixo das escamas e mordeu-lhe o pescoço, entre os dois espigões da coluna.

Shruikan uivou selvaticamente e debateu-se ainda mais.

Galbatorix correu na direção de Eragon, tentando atacá-lo.

Eragon aparou um golpe, outro, mas foi atingido nas costelas e quase desmaiou.

— Pare com isto — disse Galbatorix, num tom mais suplicante do que ameaçador. — A dor...

Shruikan soltou um uivo mais frenético que o anterior e Eragon viu Thorn atrás do rei, agarrado ao pescoço de Shruikan, do lado oposto de Saphira. O peso combinado dos dois dragões forçou Shruikan a baixar a cabeça quase até ao chão. Ainda assim, o dragão negro era muito grande e robusto e Eragon concluiu que os dois não conseguiriam feri-lo muito mais com os dentes, dada a largura do seu pescoço.

Eragon viu Arya a sair detrás de uma coluna, correndo na direção dos dragões, como uma sombra fugaz numa floresta. A Dauthdaert brilhava na sua mão esquerda, com a habitual auréola cintilante.

Shruikan viu-a aproximar-se e sacudiu o corpo, tentando expulsar Saphira e Thorn. Ao ver que estes se mantinham presos a si, rosnou e abriu as mandíbulas, banhando a área à sua frente com uma torrente de fogo.

Arya atirou-se para frente e Eragon perdeu-a de vista, por instantes, atrás de uma parede de chamas. Depois voltou a vê-la, não muito longe do local onde Shruikan tinha a cabeça, um pouco acima do chão. Tinha a ponta dos cabelos em chamas, mas nem parecia ter dado conta.

Depois, ela deu três passos fluidos e saltou para a pata dianteira esquerda de Shruikan e, daí, atirou-se para a parte lateral da cabeça, deixando um rasto de fogo atrás de si, como um cometa.

Soltou um grito que ecoou pela sala do trono e atirou a Dauthdaert para o centro do olho cor de gelo cintilante, enterrando-lhe a lança a todo o comprimento no crânio.

Shruikan gritou e estremeceu. Depois tombou lentamente de lado, vertendo um fogo líquido pela boca.

Saphira e Thorn saltaram de cima dele, momentos antes do gigantesco dragão negro cair no chão.

As colunas racharam-se. Pedacos de pedra caíam do teto, estilhaçando-se no chão. Uma série de lanternas partiram-se, vertendo gotas de uma substância fundida.

A sala estremeceu e Eragon quase caiu. Não tinha visto o que acontecera a Arya, mas receava que ela tivesse ficado esmagada pelo volumoso corpo de Shruikan.

— Eragon! — gritou Elva. — Se abaixe!

Ele abaixou-se e a espada branca de Galbatorix passou-lhe sobre as costas curvadas, produzindo um silvo.

Eragon ergueu-se e atirou-se para frente... atingindo Galbatorix no estômago, tal como fizera com Murtagh.

O rei gemeu e depois recuou, libertando-se da espada de Eragon. Tocou na ferida com a mão livre e olhou para o sangue na ponta dos dedos. Depois voltou a olhar para Eragon e disse:

— As vozes... as vozes são terríveis. Não agüento... — Fechou os olhos e as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. — Dor... tanta dor, tanta mágoa... Para com isto! Para com isto!

— Não — disse Eragon. Elva reuniu-se a ele, tal como Saphira e Thorn, vindos do outro lado da sala, e Eragon ficou aliviado ao ver que Arya estava entre eles — queimada e ensangüentada, mas ilesa.

Os olhos de Galbatorix abriram-se subitamente — arregalados e orlados de uma extensão anormalmente grande de branco. Ele olhou à distância, como se Eragon e todos os que tinham diante de si já não existissem. Estava tremulo e os seus maxilares moveram-se, mas a garganta não produziu qualquer som.

Nessa altura, houve dois acontecimentos simultâneos: Elva guinchou, desmaiando, e Galbatorix gritou:

— Waíse néiat!

Eragon não tinha tempo para usar palavras. Voltou a alimentar-se da energia dos Eldunarís e lançou um feitiço, arrastando-se a si, Saphira, Arya, Elva, Thorn, Murtagh e as duas crianças que estavam no estrado, para junto

do bloco de pedra onde Nasuada estava acorrentada. E lançou também um feitiço para deter ou desviar o que quer que fosse que os pudesse atingir.

Estavam a meio caminho do bloco, quando Galbatorix desapareceu num clarão de luz mais brilhante que o sol e, assim que o feitiço de proteção de Eragon produziu efeito, tudo ficou negro e em silêncio.

Os Estertores da Morte

Roran estava sentado numa maca que os elfos tinham colocado sobre um dos muitos blocos de pedra, à entrada do portão destruído de Urû'baen. Dava ordens aos guerreiros que tinha diante de si.

Quatro dos elfos tinham-no levado para fora da cidade, onde podiam usar magia sem receio que os encantamentos de Galbatorix viciassem os seus feitiços. Tinham-lhe curado o braço deslocado e as costelas partidas, bem como todos os outros ferimentos que Barst lhe infligira. No entanto, alertaram-no para o fato de os seus ossos levarem algumas semanas a recuperar e insistiram para que não caminhasse o resto do dia.

Roran, por sua vez, insistia em regressar à batalha. Os elfos argumentaram, mas ele dissera-lhes:

— Ou me levam para lá, ou regresso pelos meus próprios meios. — Eles ficaram visivelmente contrariados, mas acabaram por concordar e transportaram-no para o local onde estava agora sentado a observar a praça.

Tal como Roran imaginava, os soldados tinham perdido o empenho em lutar, com a morte do seu comandante, e os Varden tinham conseguido empurrá-los de novo para as ruas estreitas.

Quando Roran regressou já os Varden tinham desimpedido mais de um terço da cidade e aproximavam-se rapidamente da cidadela.

Tinham perdido muitos homens — havia mortos e moribundos espalhados pelas ruas e o sangue corria pelas valetas — mas, graças aos seus recentes avanços, o exército parecia imbuído de uma renovada fé na vitória. Roran via-o no rosto dos homens, Anões e Urgals. Os elfos, pelo contrário, continuavam a revelar uma fúria gelada pela morte da sua rainha.

Roran estava preocupado com os elfos, pois vira-os matar soldados enquanto estes se rendiam, chacinando-os sem qualquer tipo de remorsos. Uma vez liberta, a sua sede de sangue parecia indomável.

Pouco depois de Barst morrer, o rei Orrin fora atingido por um dardo no peito, ao invadir uma casa de guardas no interior da cidade. O ferimento era grave e mesmo os elfos pareciam ter dúvidas em conseguir curá-lo. Os soldados do rei levaram-no de novo para o acampamento e, até então, Roran não tivera quaisquer notícias sobre a sua sorte.

Embora não pudesse lutar, Roran podia dar ordens e decidira reorganizar o exército pela retaguarda. Reuniu guerreiros transviados, incumbindo-os de missões por toda a cidade de Urû'baen — a primeira foi a tomada do resto das catapultas ao longo das muralhas — e destacou mensageiros para procurarem Jörmundur, Orik, Martland Barba Ruiva ou qualquer outro capitão do exército, por entre os edifícios, sempre que recebia alguma informação que julgava ser importante transmitir-lhes.

— ... e se vir algum soldado junto do grande edifício abobadado, junto do mercado, transmite isso a Jörmundur — disse ele ao espadachim magro, de ombros ossudos, que tinha diante de si.

— Sim, senhor — respondeu o homem e a saliência que tinha na garganta deslizou para cima e para baixo, engolindo.

Roran olhou-o por instantes, fascinado com o movimento, e depois acenou com a mão, dizendo:

— Vai!

O homem afastou-se e Roran franziu a testa, olhando para a cidadela na base da saliência suspensa, para lá dos telhados pontiagudos das casas.

Onde você está? perguntou para si mesmo. Não via sinais de Eragon nem dos que o acompanhavam, desde que tinham entrado na fortaleza, e aquela ausência prolongada estava deixando-o preocupado. Ocorriam-lhe inúmeras explicações para o atraso, mas nenhuma prenunciava nada de bom. A melhor delas era que Galbatorix estivesse escondido e que Eragon e os seus companheiros andassem à procura do rei. Mas depois de, na noite anterior, testemunhar o poder de Shruikan não lhe parecia que Galbatorix fugisse dos seus inimigos.

Se o pior dos seus receios se tivesse concretizado, a vitória dos Varden seria efêmera e era pouco provável que ele ou qualquer um dos outros guerreiros durasse o dia inteiro.

Um dos homens que mandara partir em missão — um arqueiro de cabeça descoberta e cabelo cor de areia, com uma rodela avermelhada em cada face — saiu de uma rua, à sua direita. O arqueiro parou diante do bloco de pedra e baixou a cabeça, ofegante, tentando recuperar o fôlego.

— Encontrou Martland? — perguntou Roran.

O arqueiro voltou a acenar com a cabeça, com o cabelo caído sobre a testa brilhante.

— E transmitiu a minha mensagem?

— Sim, meu capitão. Martland pediu-me para lhe dizer — e fez uma pausa para respirar — que os soldados se retiraram dos balneários e barricaram-se num salão perto da muralha sul.

Roran mexeu-se na maca, sentindo uma dor percorrendo o braço recentemente tratado.

— E as torres da muralha entre os balneários e os celeiros? Já foram tomadas?

— Duas delas, mas ainda estamos tentando tomar as outras.

Contudo, Martland convenceu alguns elfos a reunirem-se a eles para ajudar. E também...

Um rugido abafado vindo da colina de pedra, interrompeu o homem.

O arqueiro empalideceu, embora conservasse as faces rosadas, que pareciam ainda mais vivas e avermelhadas, como pinceladas grosseiras de tinta na pele de um cadáver.

— Senhor, aquilo é...

— Chiu! — Roran inclinou a cabeça, escutando. *Só Shruikan poderia ter rugido tão alto.*

Durante alguns instantes não ouviram mais nada digno de nota.

Depois ouviu-se um outro rugido no interior da cidadela e Roran julgou distinguir outros sons mais baixos, embora não soubesse bem atribuir a sua origem.

Todos os homens, elfos, Anões e Urgals estacionados na área em frente do portão destruído olharam para a cidadela.

Ouviu-se outro rugido ainda mais intenso que o último.

Roran agarrou-se à borda da maca com o corpo rígido.

— Matem-no — murmurou ele. — Matem esse desgraçado!

Uma vibração subtil, mas perceptível, sacudiu a cidade como se algo muito pesado tivesse batido no chão e, a acompanhá-la, Roran ouviu o que julgou ser o ruído de algo partindo-se.

Depois o silêncio instalou-se por toda a cidade e cada segundo parecia mais longo que o anterior.

— ... Acha que ele precisa da nossa ajuda? — perguntou o arqueiro num tom brando.

— Não podemos fazer nada por eles — disse Roran, de olhos fixos na cidadela.

— Os elfos não poderiam...

O chão ressoou e estremeceu. Depois a parte da frente da cidadela explodiu para fora, numa parede de chamas brancas e amarelas de tal forma ofuscantes que Roran viu os ossos do pescoço e da cabeça do arqueiro através da pele, como se sua carne não passasse de uma framboesa vermelha diante de uma vela.

Roran agarrou no arqueiro e se abaixou pela beira do bloco de pedra, arrastando outros dois homens consigo.

Uma explosão de som atingiu-os enquanto caíam. Era como se lhe estivessem cravando agulhas nos ouvidos. Roran gritou, mas não conseguia ouvir-se e, depois do primeiro estrondo, deixou de ouvir fosse o que fosse. As pedras da calçada deformaram-se por baixo deles. A seguir foram atingidos por uma nuvem de pó e de destroços que encobriu o sol, e Roran sentiu uma forte rajada de vento fustigando-lhe as roupas.

O pó forçou-o a fechar os olhos com força. Tudo o que podia fazer era ficar agarrado ao arqueiro e esperar que a agitação passasse. Tentou respirar, mas o vento escaldante roubou-lhe o ar da boca e do nariz antes que conseguisse encher os pulmões. Algo o atingiu e ele sentiu o elmo voar-lhe da cabeça.

Os tremores prolongaram-se durante algum tempo, mas finalmente o chão voltou a imobilizar-se e Roran abriu os olhos, receando o que iria encarar.

O ar estava cinzento e turvo e os objetos a mais de cem metros perdiam-se na bruma. Pequenos pedaços de madeira e de pedra precipitavam-se do céu, juntamente com flocos de cinza. Um pedaço de madeira que estava caído na rua em frente — parte de um lance de escadas que os elfos tinham partido ao destruir o portão — ardia e o calor da explosão já carbonizara a viga por todo o comprimento dos degraus. Os guerreiros em espaço aberto estavam agora estendidos no chão, uns ainda mexendo-se, outros claramente mortos.

Roran olhou de relance para o arqueiro. O homem mordera o lábio inferior e tinha o queixo coberto de sangue.

Ampararam-se um ao outro e levantaram-se. Roran olhou para o local onde antes estava a cidadela, mas não conseguia ver nada a não ser uma escuridão cinzenta.

Eragon! Será que Eragon e Saphira tinham conseguido sobreviver à explosão? Seria possível que alguém sobrevivesse ao calor daquele inferno de chamas?

Roran abriu várias vezes a boca, na tentativa de desobstruir os ouvidos — que zuniam e lhe doíam bastante —, mas sem sucesso. Ao tocar no ouvido direito, viu que os dedos estavam ensangüentados.

— Consegues ouvir-me? — gritou ele ao arqueiro, mas as palavras não passavam de vibrações na boca e na garganta.

O arqueiro franziu a testa e abanou a cabeça.

Roran teve um ataque de vertigens e encostou-se, apoiando-se no bloco de pedra. Enquanto esperava recuperar o equilíbrio, pensou na saliência suspensa por cima deles, e subitamente ocorreu-lhe que toda a cidade poderia estar em perigo.

Temos que partir antes que caia, pensou ele, cuspiendo sangue e poeira para as pedras da calçada. Depois voltou a olhar na direção da cidadela. O pó continuava a escondê-la. Ele sentiu um aperto no coração.

Eragon!

Um Mar de Urtigas

Escuridão e silêncio dentro dessa escuridão.

Eragon sentiu o corpo a deslizar até parar e depois... nada.

Conseguia respirar, mas o ar parecia viciado, sem vida, e sempre que tentava mexer-se a pressão sobre o feitiço aumentava.

Tocou nas mentes de todos os que estavam consigo para se certificar de que conseguira salvá-los a todos. Elva estava inconsciente e Murtagh praticamente inconsciente, mas ambos estavam vivos, tal como os outros.

Era a primeira vez que Eragon entrava em contacto com a mente de Thorn, mas ao fazê-lo, o dragão vermelho pareceu retrair-se.

Os seus pensamentos pareciam mais sombrios e distorcidos que os de Saphira, mas havia nele uma força e uma nobreza que impressionou Eragon.

Não podemos manter este feitiço durante muito mais tempo, disse Umaroth, num tom de voz tenso.

Têm de mantê-lo, disse Eragon. Se não o fizerem, morreremos.

Passaram-se mais alguns segundos.

Inesperadamente uma luz inundou os olhos de Eragon e uma explosão assaltou-lhe os ouvidos.

Ele encolheu-se e pestanejou enquanto os seus olhos se adaptavam à luz.

Através do ar carregado de fumaça, viu uma enorme cratera cintilante, no lugar onde Galbatorix estivera. A pedra incandescente pulsava como carne viva, varrida à superfície por correntes de ar.

O teto também brilhava e a imagem assustou-o. Era como se estivessem dentro de um gigantesco caldeirão.

Um sabor metálico pairava no ar.

As paredes da sala estavam rachadas e as colunas, os entalhes e as lanternas tinham sido pulverizados. Na parte de trás da sala estava o cadáver de Shruikan, cuja carne fora em grande parte, arrancada dos ossos enegrecidos pela fuligem. A explosão estilhaçara as paredes de pedra na

parte da frente da sala, bem como as outras para lá destas ao longo de mais de cem metros, expondo um verdadeiro labirinto de túneis e salas. As belas portas douradas que protegiam a entrada para a câmara tinham sido arrancadas das dobradiças e Eragon julgou ver a luz do dia, do lado oposto do corredor de quatrocentos metros que conduzia ao exterior.

Ao levantar-se, percebeu que a sua proteção continuava a drenar energia dos dragões, mas de uma forma menos rápida.

Um pedaço de pedra, do tamanho de uma casa, caiu do teto e aterrou ao lado da cabeça de Shruikan, onde se estilhaçou numa dúzia de fragmentos. Ao redor, as rachas nas paredes continuavam a alastrar, produzindo rangidos sinistros por toda a parte.

Arya aproximou-se das duas crianças, agarrou o rapaz pela cintura e subiu para o dorso de Saphira com ele. Aqui para cima, apontou para a garota e disse a Eragon:

— Jogue-a para mim!

Eragon perdeu um instante a embainhar Brisingr, agarrando depois na garota e atirando-a a Arya, que a agarrou de braços esticados.

Ele virou-se e passou de lado por Elva, aproximando-se apressadamente de Nasuada.

— Jierda! — disse ele, colocando a mão sobre as correntes que a prendiam ao bloco de pedra cinzenta. O feitiço pareceu não produzir qualquer efeito, por isso ele quebrou-o de imediato, antes que lhe consumisse demasiada energia.

Nasuada fez um ruído insistente e Eragon tirou-lhe o pano com nós que ela tinha na boca.

— Tem de encontrar a chave! — disse ela. — O carcereiro de Galbatorix está com ela.

— Jamais o conseguiremos encontrar a tempo! — Eragon voltou a desembainhar Brisingr e golpeou a corrente ligada à algema que lhe prendia a mão esquerda. A espada ricocheteou nos elos, com uma reverberação áspera, sem sequer arranhar o metal baço. Golpeou-a uma segunda vez, mas a espada parecia não afetar minimamente a corrente.

Outro pedaço de pedra caiu do teto, batendo ruidosamente no chão.

Uma mão agarrou-lhe o braço. Ele virou-se e viu Murtagh atrás de si, apertando o ferimento no estômago com o braço.

— Fique de lado! — rugiu ele e Eragon assim o fez. Murtagh proferiu o nome de todos os nomes, tal como fizera antes, dizendo depois a palavra jierda. E as algemas de ferro abriram-se, caindo dos membros de Nasuada.

Murtagh agarrou-lhe no pulso e guiou-a na direção de Thorn.

Depois do primeiro passo, Nasuada deslizou para baixo do seu braço, deixando que Murtagh apoiasse o peso do corpo sobre os seus ombros.

Eragon abriu a boca, fechando-a de seguida. Guardaria as perguntas para mais tarde.

— Espera! — gritou Arya, saltando de cima de Saphira e correndo na direção de Murtagh. — Onde está o ovo e os Eldunarís? Não podemos deixá-los aqui!

Murtagh franziu a testa e Eragon sentiu a informação fluir entre ele e Arya.

Arya virou-se, com o cabelo queimado a esvoaçar, e correu para uma entrada do lado oposto da sala.

— É muito perigoso! — gritou-lhe Eragon. — Este lugar está para cair! Arya!

Vai, disse ela. Leva as crianças para um local seguro. Vai! Não tem muito tempo!

Eragon praguejou. *Ao menos poderia ter levado Glaedr com ela.* Voltou a embainhar Brisingr e curvou-se, pegando em Elva, que começava a se mexer.

— O que aconteceu? — perguntou ela a Eragon enquanto este a levava para o dorso de Saphira, para trás das outras duas crianças.

— Vamos embora — disse ele. — Segure-se!

Saphira estava já em movimento. Contornou a cratera, coxeando um pouco da pata ferida e Thorn seguiu-a de perto, com Murtagh e Nasuada no dorso.

— Cuidado! — gritou Eragon, ao ver um pedaço do teto cintilante a soltando-se, mesmo por cima deles.

Saphira desviou-se de repente para a esquerda e o pedaço aguçado de pedra aterrou junto dela, projetando lascas cor de palha em todas as direções. Uma delas atingiu Eragon no flanco, alojando-se na sua cota de

malha. Ele tirou-a e lançou-a fora. Tinha fumaça a ondular dos dedos das luvas cheirando a couro queimado. Caíram mais pedaços de pedra em outros pontos da sala.

Quando Saphira chegou à entrada do corredor, Eragon torceu-se e olhou para Murtagh que vinha atrás.

— E as armadilhas? — gritou ele.

Murtagh abanou a cabeça e fez-lhes sinal para que prosseguissem.

Grande parte do chão, ao longo do corredor, estava coberto de grandes quantidades de pedras partidas, o que atrasou os dragões.

Eragon conseguia ver as salas e os túneis abertos pela explosão, amontoados de entulho. Dentro deles ardiam mesas, cadeiras e outras peças de mobiliário. Viam-se membros de mortos e moribundos, torcidos em ângulos estranhos, que saíam debaixo das pedras tombadas e, de vez em quando, um rosto ou uma nuca.

Eragon procurou Blödhgarm e os outros feiticeiros, mas não viu qualquer sinal deles, mortos ou vivos.

Mais à frente no corredor, centenas de pessoas — tanto soldados como criados — saíam pelas entradas contíguas, correndo para a entrada do corredor agora escancarada. Muitos deles tinham os membros partidos, queimaduras, arranhões e outros ferimentos. Os sobreviventes desviaram-se para dar passagem a Saphira e a Thorn, mas tirando isso, não deram atenção aos dragões.

Saphira estava quase ao fundo do corredor, quando ouviram um estrondo atoador atrás deles. Eragon olhou e viu que a sala do trono se desmoronara, soterrando o chão da câmara sob um amontoadado de pedras de quinze metros de altura.

Arya! Pensou Eragon. Tentou encontrá-la com a sua mente, mas não conseguiu. Ou tinham muitos destroços entre si, ou um dos feitiços de proteção do penhasco minado estava bloqueando a comunicação. Ou então — e essa era a hipótese que menos lhe agradava — Arya estava morta. Ela não se encontrava na sala quando esta desmoronara, disse ele tinha a certeza. Mas será que ela conseguiria encontrar o caminho de volta, agora que a sala do trono estava obstruída?

Ao saírem da cidadela, o ar clareou e Eragon conseguiu ver a destruição que a explosão semeara por Urû'baen. Tinha arrancado o telhado de ardósia de muitos dos edifícios mais próximos e incendiado as vigas por baixo. Inúmeros focos de fogo salpicavam o resto da cidade. Colunas e

filamentos de fumaça erguiam-se no ar até colidirem com o teto da saliência, por cima da cidade, onde se acumulavam fluindo pela superfície inclinada da pedra, como água no leito de um riacho. No extremo sudoeste da cidade, a fumaça apanhou a luz da manhã que se escoava de um dos lados da saliência, brilhando com a cor vermelho-alaranjadas de uma opala de fogo.

O povo de Urû'baen fugia das suas casas, percorrendo as ruas em direção ao buraco na muralha exterior. Os soldados e os criados da cidadela apressaram o passo para se reunirem a eles, dando um amplo espaço de manobra a Saphira e a Thorn, enquanto atravessavam o pátio em frente da fortaleza. Eragon não lhes deu grande atenção. Desde que se comportassem pacificamente, pouco lhe importava o que fizessem.

Saphira parou a meio do pátio quadrangular e Eragon transportou Elva e as duas crianças sem nome para o chão.

— Sabem onde estão os seus pais? — perguntou ele, ajoelhando-se junto dos irmãos.

Eles acenaram com a cabeça e o rapaz apontou para uma grande casa, do lado esquerdo do pátio.

— É ali que vivem?

O rapaz voltou a acenar com a cabeça.

— Então, vão — disse Eragon, empurrando-os delicadamente. E as crianças correram de imediato pelo pátio, em direção ao edifício.

As portas da casa abriram-se de repente, e um homem careca com uma espada, saiu para o exterior, envolvendo-os a ambos nos braços. Olhou de relance para Eragon, apressando-se a guiar as crianças para dentro.

Esta foi fácil, disse Eragon a Saphira.

Galbatorix deve ter mandado os seus homens procurar as crias que estivessem mais à mão, respondeu ela, *pois não lhe demos tempo para muito mais*.

Suponho que não.

Thorn estava a alguns metros de Saphira. Nasuada ajudou Murtagh a desmontar e este encostou-se à barriga de Thorn.

Depois, Eragon ouviu-o a recitar feitiços de cura.

Eragon tratou também dos ferimentos de Saphira, ignorando os seus, pois os dela eram mais graves. O golpe na pata dianteira, esquerda, era mais

largo do que as suas duas mãos juntas, e ela já tinha uma poça de sangue em torno da pata.

Dentes ou garras? Perguntou ele ao examinar o ferimento.

Garras, disse ela.

Eragon usou a energia de Saphira, bem como a de Glaedr para lhe curar o ferimento. Quando terminou, concentrou-se nos seus ferimentos, começando pela dor ardente que sentia ao longo do flanco, onde Murtagh o trespassara.

Mesmo enquanto trabalhava, ficou de olho em Murtagh e viu-o sarar o seu ferimento no ventre, a asa partida de Thorn e os outros golpes do dragão. Nasuada ficou sempre junto dele, com a mão no seu ombro. Eragon vira-o recuperar Zar'roc, à saída da sala do trono.

Eragon concentrou-se depois em Elva, que estava ali perto.

Parecia dorida, mas não viu sangue.

— Está ferida? — perguntou ele.

Ela franziu a testa e abanou a cabeça.

— Não, mas muitos deles estão — respondeu-lhe, apontando para as pessoas que fugiam da cidadela.

— Mmm. — Eragon voltou a olhar de relance para Murtagh. Ele e Nasuada estavam agora de pé, e falavam um com o outro.

Nasuada franziu a testa.

Depois Murtagh esticou o braço, agarrou-lhe na gola da túnica e puxou-a para o lado, rasgando-lhe o tecido.

Eragon já tinha desembainhado Brisingr até o meio, quando viu a teia de vergões por baixo da clavícula de Nasuada. Aquela visão atingiu-o como um soco, recordando-lhe os ferimentos de Arya, quando ele e Murtagh a tinham resgatado de Gil'ead.

Nasuada acenou e baixou a cabeça.

Murtagh começou de novo a falar, desta vez na língua antiga.

Colocou as mãos sobre as diferentes partes do corpo de Nasuada, tocando-lhe delicadamente — hesitante até —, e a sua expressão de alívio foi o suficiente para Eragon perceber as dores que ela sentia.

Eragon observou-os durante mais uns instantes e foi percorrido por uma súbita onda de emoção. Os seus joelhos fraquejaram e ele sentou-se

sobre a pata direita de Saphira. Esta baixou a cabeça, tocando-lhe de leve no ombro com o focinho, e ele encostou a cabeça.

Conseguimos, disse ela em voz baixa.

Conseguimos, disse ele nem acreditando nas próprias palavras.

Eragon sentiu que Saphira estava pensando na morte de Shruikan.

Por muito perigoso que o dragão fosse, ela não podia deixar de chorar a morte de um dos últimos membros da sua raça.

Eragon agarrou-se às suas escamas. Sentia-se leve, quase estonteado como se fosse flutuar para longe da superfície terrestre.

E agora?...

Agora reconstruímos, disse Glaedr, cujas emoções eram uma curiosa mistura de satisfação, mágoa e cansaço. Portaste-te bem, Eragon. *Ninguém se lembraria de atacar Galbatorix como você fez.*

Eu só queria que ele entendesse, murmurou ele num tom fatigado. Se Glaedr o ouviu, decidiu não responder.

O traidor está finalmente morto, alardeou Umaroth.

Parecia impossível que Galbatorix já não existisse. Ao pensar no assunto, algo pareceu desbloquear-se na sua mente e Eragon recordou tudo o que acontecera no Cofre das Almas, como se nunca o tivesse esquecido.

Sentiu um formigueiro percorrendo-lhe o corpo.

Saphira...

Eu sei, disse ela, com um entusiasmo crescente. *Os ovos!*

Eragon sorriu. Ovos! Ovos de dragão! A sua raça já não iria mergulhar no vazio. Iriam sobreviver, florescer e recuperar a antiga glória, anterior à queda dos Cavaleiros.

Depois, Eragon foi assaltado por uma horrível suspeita.

Fizeram-nos esquecer mais alguma coisa? Perguntou ele a Umaroth.

Se o fizemos, como poderíamos saber? Respondeu o dragão branco.

— Olha! — gritou Elva, apontando.

Eragon virou-se e viu Arya a sair das entranhas sombrias da cidadela. Blödhgarm e os outros feiticeiros estavam com ela, contundidos e arranhados, mas vivos. Arya trazia nos braços um baú de madeira com

fechos de ouro. Uma longa fila de caixas metálicas — cada uma do tamanho de uma carroça — flutuavam atrás dos elfos a alguns centímetros do chão.

Exultante, Eragon levantou-se num salto e correu para eles.

— Estão vivos! — disse, surpreendendo Blödhgarm, ao agarrar-se ao elfo coberto de pelo, e abraçou-o.

Blödhgarm fitou-o por instantes com os seus olhos amarelos, e depois sorriu, mostrando os caninos.

— Estamos vivos, Matador de Espectros.

— Isso são os... Eldunarís? — perguntou Eragon, proferindo a palavra num tom suave.

Arya acenou afirmativamente.

— Estavam no tesouro de Galbatorix. Teremos que voltar lá um dia, pois há muitas coisas maravilhosas escondidas.

— Como estão eles? Os Eldunarís, quero dizer.

— Confusos. Levarão anos a recuperar, se o conseguirem.

— E isso é... — Eragon apontou para o baú que ela trazia. Arya olhou ao redor, certificando-se de que ninguém estava suficientemente perto para ver, e levantou a tampa à altura de um dedo. Lá dentro aninhado em veludo, Eragon viu um belo ovo de dragão, verde com uma teia de veios brancos.

A alegria estampada no rosto de Arya iluminou o coração de Eragon. Ele sorriu e acenou aos outros elfos. Quando todos se reuniram em torno dele, Eragon sussurrou na língua antiga, falando-lhes acerca dos ovos que estavam em Vroengard.

Eles não gritaram nem riram, mas os seus olhos brilharam e todos vibraram de excitação. Ainda a sorrir, Eragon saltou sobre os calcanhares, encantado com a reação deles.

Depois Saphira disse:

Eragon!

Ao mesmo tempo Arya franziu o sobrolho e interpelou:

— Onde estão Thorn e Murtagh?

Eragon desviou o olhar e viu Nasuada sozinha no pátio. Junto dela estava um par de alforjes que Eragon não se lembrava de ver em Thorn. O

vento varreu o pátio e ele ouviu o som de asas, mas nem Murtagh nem Thorn estavam visíveis.

Eragon projetou os seus pensamentos para o local onde achava que eles poderiam estar e sentiu-os de imediato, pois as suas mentes não se encontravam escondidas. No entanto, recusaram-se a falar com ele ou a ouvi-lo.

— Droga —murmurou Eragon, correndo na direção de Nasuada.

Ela tinha lágrimas nas faces e parecia prestes a perder a compostura.

— Aonde eles vão?

— Vão embora. — O seu queixo tremeu. Depois respirou fundo, expirou e endireitou-se.

Praguejando de novo, Eragon curvou-se e abriu os alforjes.

Dentro deles havia vários Eldunarís pequenos em caixas acolchoadas.

— Arya! Blödhgarm! — gritou ele, apontado para os alforjes, e os dois elfos acenaram com a cabeça.

Eragon correu para junto de Saphira. Não teve de se explicar pois ela entendeu-o. Enquanto subia para o seu dorso, Saphira abriu as asas e logo que ele se instalou na sela, levantou vôo.

Ouviram-se vivas pela cidade, quando os Varden a viram.

Saphira batia as asas velozmente, seguindo o rasto almiscarado de Thorn. Este conduziu-a para Sul, para fora da sombra da saliência, descrevendo depois uma curva ascendente. Contornou o grande afloramento de pedra e seguiu para Norte, em direção ao Rio Ramr.

Durante vários quilômetros o rasto seguia direto e sempre nivelado. Mas, quando estavam prestes a sobrevoar o amplo rio ladeado de árvores, o rasto começou a descer.

Eragon estudou o solo mais adiante e viu um lampejo vermelho, junto do sopé de uma pequena colina, do outro lado do rio.

Para lá, disse ele a Saphira, mas ela já tinha avistado Thorn.

Saphira desceu em espiral e aterrou suavemente no topo da colina, onde tinha a vantagem da altura. O ar perto da água era fresco e úmido, arrastando consigo o cheiro a musgo, lama e seiva. Entre a colina e o rio havia um mar de urtigas. A abundância de plantas era tão cerrada que a única forma de passar através delas seria abrindo um trilho. As folhas escuras e

serrilhadas roçavam umas nas outras, produzindo um sussurro suave que se misturava com o ruído da água correndo no rio.

No limiar das urtigas estava Thorn. Murtagh estava junto dele ajustando a correia da sela.

Eragon desprendeu Brisingr do cinto e aproximou-se cautelosamente.

Murtagh disse sem se virar:

— Veio nos deter?

— Depende. Para onde vão?

— Não sei. Talvez para Norte... escondido para longe das pessoas.

— Podia ficar.

Murtagh deixou escapar uma gargalhada amarga.

— Você sabe que não. Só daria problemas a Nasuada. Além disso, os Anões jamais iriam concordar. Depois de eu matar Hrothgar, nunca. — E olhou Eragon por cima do ombro.

—Galbatorix costumava chamar-me Assassino de Reis. Agora também você é um Assassino de Reis.

— Parece que é de família.

— Nesse caso, é melhor ficar de olho em Roran... Arya é uma Assassina de Dragões. Matar um dragão não deve ser nada fácil para ela... sendo um elfo. Devia falar com ela para ter a certeza de que está bem.

Eragon ficou impressionado com a percepção de Murtagh.

— Vou falar.

— Pronto — disse Murtagh, dando um puxão à correia. Depois virou-se para encarar Eragon, que reparou que ele segurava Zar'roc junto ao corpo, desembainhada e pronta a usar.

— Volto a perguntar, veio nos deter?

— Não.

Murtagh sorriu ligeiramente e embainhou Zar'roc.

— Ótimo. Não gostaria de ter de lutar com você de novo.

— Como conseguiu libertar-se de Galbatorix? Foi o teu verdadeiro nome, não foi?

Murtagh anuiu.

— Como te disse, eu já não sou... nós já não somos o que éramos — e tocou no flanco de Thorn. — Só que demoramos um pouco para entendê-lo.

— E Nasuada.

Murtagh franziu a testa e desviou o olhar, fixando-o em frente sobre o mar de urtigas. Eragon reuniu-se a ele e Murtagh disse em voz baixa:

— Lembra da última vez que estivemos neste rio?

— Seria difícil de esquecer. Ainda consigo ouvir os cavalos relinchando.

— Você Saphira, Arya e eu, todos juntos, confiantes de que nada nos poderia deter...

Num recanto remoto da sua mente, Eragon conseguia sentir Saphira e Thorn a falarem um com o outro. Saphira iria certamente contar-lhe o que se passara, mais tarde.

— O que vai fazer? — perguntou ele a Murtagh.

— Sentar-me e pensar. Talvez construa um castelo. Tenho tempo para isso.

— Não tem de partir. Eu sei que seria ... difícil, mas tem família aqui: tem a mim e a Roran. Ele também é teu primo...

Você pertence tanto a Carvahal e ao Vale de Palancar como a Urû'baen. Talvez até mais.

Murtagh abanou a cabeça e continuou olhando em frente, para lá das urtigas.

— Não daria certo. Thorn e eu precisamos passar algum tempo sozinhos, precisamos de tempo para sarar. Se ficássemos, iríamos estar muito ocupados para tirarmos as nossas próprias conclusões.

— Mantermo-nos ocupados e em boa companhia costuma ser uma boa cura para as doenças da alma.

— Não para o que Galbatorix nos fez... Além disso, agora seria doloroso ficar perto de Nasuada. Tanto para ela como para mim. Não, tenho de partir.

— Quanto tempo acha que ficará ausente?

— Até o mundo não nos parecer tão odioso e já não sentirmos vontade de destruir montanhas e de encher o mar de sangue.

Eragon não tinha resposta. Ficaram ambos a olhar para uma parte do rio atrás, com uma fiada de bétulas baixas. O vento que soprava em direção a Oeste agitou mais as urtigas.

Depois Eragon disse:

— Quando já não quiser mais ficar sozinho, vem à nossa procura.

Será sempre bem-vindo à nossa lareira, seja lá onde for.

— Viremos, prometo. — E para sua surpresa, Eragon viu um brilho nos olhos de Murtagh, que desapareceu um instante depois.

— Nunca pensei que você conseguisse... mas estou feliz pelo fato de te-lo feito, sabe?

— Tive sorte. E jamais teria sido possível sem a tua ajuda.

— Ainda assim... descobriu os Eldunarís nos alforjes?

Eragon acenou afirmativamente.

— Ótimo.

Vamos contar? Perguntou Eragon a Saphira, na esperança que ela concordasse.

Ela ponderou por uns instantes.

Sim, mas não diga onde. Você conta a ele e eu conto a Thorn.

Como queira. Depois, dirigindo-se a Murtagh, Eragon disse:

— Há uma coisa que acho que devia saber.

Murtagh olhou-o de soslaio.

— O ovo que Galbatorix tinha... não é o único em Alagaësia. Há mais escondidos no mesmo lugar onde encontramos os Eldunarís que trouxemos conosco.

Murtagh virou-se para ele, visivelmente incrédulo. Thorn, por sua vez, arqueou o pescoço, deixando escapar um urro de alegria que assustou um bando de andorinhas que estava nos ramos de uma árvore ali perto.

— Quantos?

— Centenas.

Por instantes Murtagh mostrou-se incapaz de falar, mas depois disse:

— O que vai fazer com eles?

— Eu? Acho que Saphira e os Eldunarís devem ter alguma coisa a dizer sobre isso. Provavelmente encontrar um lugar seguro para os ovos chocarem e recomeçar a reunir os Cavaleiros.

— E você e Saphira que os vão treinar?

Eragon encolheu os ombros.

— Tenho a certeza de que os elfos ajudarão. Você também os poderia treinar, se reunisse a nós.

Murtagh inclinou a cabeça para trás e respirou fundo.

— Os dragões vão regressar e os Cavaleiros também — disse, rindo baixinho. — O mundo está prestes a mudar.

— Já mudou.

— Sim. Você e Saphira irão se tornar os novos líderes dos Cavaleiros, enquanto Thorn e eu viveremos em ambiente selvagem.

— Eragon tentou dizer algo para consolá-lo, mas Murtagh impediu-o com um olhar. — Não. As coisas estão como deveriam estar. Você e Saphira serão melhores professores do que nós.

— Não tenho tanta certeza disso.

— Mmm... Promete-me um coisa.

— O quê?

— Quando os ensinar... ensina-os a não terem medo. O medo é bom em pequenas doses. Mas, quando este nos massacra constantemente, impede-nos de ser quem somos e de fazer o que sabemos que está certo.

— Tentarei.

Eragon reparou que Saphira e Thorn já não mais conversando. O dragão vermelho mudou de posição e contornou-a até poder olhar para Eragon. Depois disse através da mente, num tom surpreendentemente musical:

Obrigado por não ter matado o meu Cavaleiro, Eragon, irmão de Murtagh.

— Sim, obrigado — disse Murtagh, secamente.

— Ainda bem que não tive de fazê-lo — disse Eragon, fitando o olho cintilante, cor de sangue de Thorn.

O dragão resfolegou e, depois se curvou, tocou no alto da cabeça de Eragon, roçando de leve as escamas pelo elmo.

Que você apanhe sempre vento e sol favoráveis.

— Igualmente.

Uma profunda sensação de raiva, mágoa e ambivalência invadiu a sua mente. Eragon sentiu a consciência de Glaedr envolvê-lo a ele e, aparentemente a Murtagh e Thorn, pois estes ficaram tensos, como se previssem uma briga. Eragon esquecera-se que Glaedr estava presente e os estava ouvindo, tal como os outros Eldunarís escondidos na bolsa de espaço invisível.

Quem me dera poder agradecer-te pelo mesmo, disse Glaedr, num tom mais amargo que a seiva de um carvalho. *Você matou o meu corpo e o meu Cavaleiro.* A afirmação era franca e simples, o que a tornava ainda mais terrível.

Murtagh disse algo em pensamento, mas Eragon não soube o que era, pois tinha sido dirigido unicamente a Glaedr, e ele apenas acedia às reações de Glaedr.

Não, não posso, disse o dragão dourado. *Contudo, entendo que foi Galbatorix que te levou a fazê-lo e que foi ele que conduziu o teu braço, Murtagh... Não posso perdoar, mas Galbatorix está morto e o meu desejo de vingança morreu com ele. O teu caminho sempre foi duro, desde que nasceste, mas hoje demonstraste que as tuas desventuras não te vergaram. Viraste-te contra Galbatorix, quando isso te poderia ter valido apenas dor, e ao fazê-lo permitiste que Eragon o matasse. Hoje, você e Thorn provaram merecer em pleno o título de Shur'tugal, embora nunca recebessem a instrução nem a orientação necessárias. Isso é... admirável.*

Murtagh curvou ligeiramente a cabeça e Thorn disse: *Obrigado Ebrithil,* e Eragon ouviu. O fato de Thorn usar o título honorífico de ebrithil, pareceu assustar Murtagh, pois este olhou para o dragão e abriu a boca como se quisesse dizer algo.

Depois Umaroth acrescentou:

Sabemos de todas as dificuldades que passaram, pois observamos à distância, tal como observamos Eragon e Saphira. E há muitas coisas que vos poderemos ensinar logo que estejam preparados, mas até lá, saibam o seguinte: nas vossas viagens, evitem os túmulos de Anghelm, onde jaz o

corpo do único rei Urgal, Kullharvek. Evitem as ruínas de Vroengard e de El-harím. Acautelem-se com as profundezas e não caminhem por locais onde o solo é negro e frágil, e o ar cheira a enxofre, pois o Mal está à espreita nesses locais. Se seguirem este conselho, não encontrarão perigos que não estejam ao vosso alcance enfrentar, a menos que sejam alvo de um grande infortúnio.

Murtagh e Thorn agradeceram a Umaroth. Depois Murtagh olhou na direção de Urû'baen e disse:

— É melhor irmos andando. — Voltou a olhar para Eragon. — Consegue agora lembrar-se do nome da língua antiga, ou a magia de Galbatorix ainda está te confundindo?

— Quase que consigo, mas... — Eragon abanou a cabeça, frustrado.

Depois Murtagh proferiu o nome dos nomes duas vezes: primeiro para remover o feitiço do esquecimento que Galbatorix lançara sobre Eragon e depois, uma vez mais, para que Eragon e Saphira ficassem sabendo.

— Não o partilharia com mais ninguém — disse ele. — Se todos os feiticeiros soubessem o nome da língua antiga, esta deixaria de ter qualquer valor.

Eragon concordou, acenando com a cabeça.

Depois Murtagh estendeu a mão e Eragon agarrou-lhe o antebraço. Ficaram assim por instantes, a olhar um para o outro.

— Tem cuidado — disse Eragon.

— Você também... Irmão.

Eragon hesitou e voltou a acenar com a cabeça:

— Irmão.

Murtagh verificou mais uma vez as correias dos arreios de Thorn antes de subir para a sela. Quando Thorn abriu as asas e começou a afastar-se, Murtagh gritou:

— Protege bem Nasuada. Galbatorix tinha muitos servos, mais do que me revelou, e nem todos estavam ligados a ele apenas por magia. Eles procurarão vingar-se da morte do seu amo. Mantenha-se vigilante. Há alguns, entre eles, que são ainda mais perigosos que os Ra'zac!

Depois ergueu um braço para se despedir e Eragon fez o mesmo. Thorn deu três longas passadas para fora do mar de urtigas e levantou vôo, deixando um rasto de sulcos na terra macia.

O cintilante dragão vermelho voou uma, duas, três vezes em círculo sobre eles e depois virou para Norte, batendo as asas a um ritmo lento e constante.

Eragon reuniu-se a Saphira no topo da pequena colina, e juntos ficaram a ver Thorn e Murtagh afastarem-se, diminuindo à distância até se reduzirem a um ponto brilhante, perto do horizonte.

Uma sensação de tristeza invadiu-os. Eragon ocupou o seu lugar no dorso de Saphira e os dois partiram da colina de regresso a Urû'baen.

Herdeiro do Império

Eragon subiu lentamente os degraus gastos da torre verde. O sol estava prestes a pôr-se. Ele conseguia ver os edifícios raiados de sombras de Urû'baen e os campos nevoentos fora da cidade, através das janelas, na parede curva. E, à medida que subia em espiral, distinguia o volume escuro da colina de pedra que se erguia atrás.

A torre era alta e Eragon estava cansado. Teria preferido voar com Saphira até ao topo. Fora um dia longo e a única coisa que desejava naquele momento, era sentar-se com Saphira e beber uma caneca de chá quente, enquanto via a luz desaparecer do céu.

Mas, como sempre, ainda havia trabalho a fazer.

Viu Saphira apenas duas vezes desde que tinham regressado à cidadela, depois de se separarem de Murtagh e Thorn. Saphira passara a tarde a ajudar os Varden a matar ou a capturar os soldados que restavam e, mais tarde, a reunir em acampamentos as famílias que tinham fugido das suas casas e se tinham dispersado pelos campos enquanto esperavam para ver se a saliência se partia e caía.

Os elfos explicaram a Eragon que não caíra graças aos feitiços que tinham sido introduzidos na pedra em eras passadas — quando Urû'baen era ainda Ilirea — e também porque as dimensões da saliência lhe permitiram suportar a força da explosão sem danos significativos.

A própria colina ajudara a conter os resíduos nefastos da explosão, embora muitos se tivessem escapado através da entrada da cidadela. A maior parte daqueles que estavam no interior ou perto da cidadela precisava ser curado com magia, caso contrário não tardariam a adoecer e a morrer. Muitos já tinham adoecido e Eragon tentara salvar o maior número possível de pessoas, juntamente com os elfos. A energia dos Eldunarís ajudara-o a curar muitos dos Varden e bastantes habitantes da cidade.

Naquele preciso momento, os elfos e os Anões muravam a parte da frente da cidadela para evitar mais contaminações. Isto depois de revistarem o edifício, à procura de sobreviventes que ainda eram em grande número: soldados, criados e centenas de prisioneiros que estavam nas masmorras, por baixo. O grande depósito de tesouros no interior da cidadela, incluindo o recheio da vasta biblioteca de Galbatorix, teria de ser resgatado mais tarde, o que não seria uma tarefa fácil, pois as paredes de muitas das salas tinham ruído e muitas outras embora ainda estivessem de pé, encontravam-se de tal

forma danificadas que seriam um perigo para quem se aventurasse a aproximar-se delas. Além disso, seria necessário recorrer à magia para conter o veneno que se infiltrara no ar, na pedra e em todos os objetos no interior do vasto labirinto da fortaleza, e mais ainda para purificar todas as peças que decidissem trazer para fora.

Logo que barricassem a cidadela, os elfos expurgariam a cidade e os campos em redor dos resíduos nefastos que os cobriam, para que a área se tornasse de novo segura para viver, e Eragon sabia que também os teria de ajudar nisso.

Antes de se reunir aos esforços para curar e erguer proteções em torno da cidade e de todos os que estavam no interior ou nas imediações de Urû'baen, passara mais de uma hora a usar o nome da língua antiga para descobrir e dismantelar os inúmeros feitiços que Galbatorix lançara nos edifícios e no povo da cidade. Alguns dos encantamentos pareciam benignos — como por exemplo, um feitiço cujo único propósito era aparentemente, evitar que as dobradiças de uma porta rangessem e que drenava a sua energia de uma peça de cristal do tamanho de um ovo, montada na parte da frente da porta. Mas Eragon não se atrevia a deixar nenhum dos feitiços de Galbatorix intactos, por muito inofensivos que parecessem, muito menos os feitiços lançados sobre os homens e as mulheres que tinha ao seu serviço. Os mais comuns eram os juramentos de lealdade, mas havia também proteções e encantamentos para lhes conceder aptidões fora do normal e outros feitiços mais misteriosos.

Ao libertar nobres e plebeus da sua escravidão, Eragon ouvia de vez em quando, um grito de angústia como se lhe tivesse roubado algo de precioso.

O momento em que despojara os Eldunarís escravizados por Galbatorix das restrições que o rei lhes impusera fora especialmente crítico, pois os dragões começaram imediatamente a atacar e a assaltar as mentes das pessoas que estavam na cidade sem fazerem distinção entre amigos e inimigos. Uma atmosfera de pavor alastrava por Urû'baen nessas alturas, e toda a gente — incluindo os elfos — se encolhia e empalidecia de pavor.

Depois disso, Blödhgarm e os dez feiticeiros que lhe restavam prenderam a caravana de caixas de metal que continham os Eldunarís, a dois cavalos, conduzindo-as para fora de Urû'baen, onde os pensamentos dos dragões já não produziam um efeito tão intenso. Glaedr insistira em acompanhar os dragões enlouquecidos, bem como alguns dos Eldunarís de Vroengard. Foi essa a segunda vez que Eragon viu Saphira depois do seu regresso, ao retificar o feitiço que escondia Umaroth e os que o

acompanhavam para que os cinco Eldunarís pudessem serem distribuídos e entregues à guarda de Blödhgarm. Glaedr e os cinco Eldunarís eram de opinião que conseguiriam acalmar e comunicar com os dragões que Galbatorix atormentara durante tanto tempo. Eragon não tinha tantas certezas, embora esperasse que eles estivessem certos.

Enquanto os elfos e os Eldunarí saíam da cidade, Arya contatara-o, colocando-lhe uma série de perguntas do lado de fora do portão destruído, onde estava em conferência com os capitães do exército da sua mãe. No breve lapso de tempo em que as suas mentes se tocaram, ele sentiu a sua desolação pela morte de Islanzadí e também a mágoa e a raiva que redemoínham por baixo da sua dor, apercebendo-se de que as suas emoções estavam prestes a dominá-la, bem como do esforço que fazia para as conter. Tentou consolá-la o melhor que pôde, mas os seus esforços pareciam insignificantes comparados com a perda.

Nessa altura, tal como agora, e desde que Murtagh partira, Eragon fora atacado por uma sensação de vazio. Esperara sentir-se rejubilante por terem matado Galbatorix e, embora estivesse satisfeito — verdadeiramente satisfeito — pelo fato de o rei ter desaparecido, já não sabia o que fazer. Alcançara o seu objetivo, escalara a montanha impossível de alcançar e, agora, sem esse propósito para o guiar e motivar, sentia-se perdido. O que iriam ele e Saphira fazer das suas vidas? O que lhes poderia dar sentido? A seu tempo, sabia que ambos iriam criar a próxima geração de dragões e Cavaleiros, mas tal perspectiva parecia muito distante para ser real.

Sentiu-se nauseado e esmagado ao ponderar nessas questões.

Tentou pensar noutra coisa, mas as perguntas continuavam a massacrá-lo, escondidas no limiar da sua mente e a sensação de vazio continuava.

Talvez a idéia de Murtagh e Thorn fosse a correta.

As escadas da torre verde pareciam não acabar. Continuou a subir em espiral, até que as pessoas na rua se comesçassem a assemelhar a formigas, e a barriga das pernas e a parte de trás dos calcanhares lhe comesçassem a arder, devido ao movimento repetitivo. Viu ninhos de andorinhas nas estreitas janelas e, por baixo de uma, avistou uma pilha de pequenos esqueletos: desperdícios de um falcão ou de uma águia.

Quando chegou ao fim da escada em caracol — uma grande porta ogival, escurecida pelo tempo — fez uma pausa para reunir idéias e permitir que a sua respiração abrandasse. Depois subiu os últimos metros, ergueu a

tranca e empurrou a porta que dava acesso à grande câmara redonda, no topo da torre de vigia élfica.

Estavam seis pessoas à sua espera, juntamente com Saphira: Arya e Däthedr, o elfo nobre de cabelo prateado, o rei Orrin, Nasuada, o rei Orik e Grimrr Meia pata, o rei dos meninos-gato.

Todos aguardavam de pé — à exceção de Orrin que estava sentado —, reunidos em círculo, a alguma distância uns dos outros. Saphira estava do lado oposto da escada, diante da janela virada a sul, que lhe permitira aterrar no interior da torre. A luz do sol poente projetava-se em diagonal ao longo da sala, iluminando os entalhes élficos nas paredes e o intrincado padrão de pedras coloridas no chão lascado.

Todos pareciam tensos e desconfortáveis, à exceção de Saphira e Grimrr. Eragon viu evidências da dor e perturbação nos olhos e na linha rígida do pescoço dourado de Arya. *Quem lhe dera poder fazer algo para lhe aliviar a dor.* Orrin estava sentado numa cadeira funda, amparando o peito ligado com a mão esquerda, com um copo de vinho na mão direita. Os seus gestos eram exageradamente lentos, como se receasse machucar-se. Mas os seus olhos estavam brilhantes e límpidos, por isso Eragon deduziu que seria o ferimento e não a bebida que o estava tornando cauteloso.

Däthedr batia de leve no pomo da sua espada e Orik estava de mãos dobradas sobre a base do cabo de Volund — que apoiara verticalmente no chão, diante de si — de olhos postos na barba.

Nasuada tinha os braços cruzados como se sentisse frio e Grimrr Meia pata, à direita, olhava para lá de uma janela aparentemente alheio dos outros.

Quando Eragon abriu a porta, todos o olharam e um sorriso espalhou-se pelo rosto de Orik:

— Eragon! — exclamou ele. Ergueu Volund sobre o ombro e aproximou-se, agarrando-o pelo antebraço. — Eu sabia que conseguiria matá-lo! Bravo! Hoje à noite iremos festejar, combinado? Que as fogueiras brilhem alto e as nossas vozes se façam ouvir até que os céus ecoem com o som das nossas celebrações.

Eragon sorriu e acenou com cabeça. Orik bateu-lhe mais uma vez no braço e regressou ao seu lugar, enquanto Eragon atravessava a sala para junto de Saphira.

Pequenino, disse ela, roçando-lhe o focinho pelo ombro.

Ele esticou o braço e tocou-lhe no focinho rijo e escamoso, consolando-se com a sua proximidade. Depois projetou um fio de pensamento na direção dos Eldunarís que Saphira tinha ainda consigo. Tal como ele, também eles estavam esgotados com os acontecimentos do dia. Eragon percebeu que eles preferiam observar e escutar a participar ativamente na discussão que estava prestes a desenrolar-se.

Os Eldunarís cumprimentaram-no e Umaroth disse:

Eragon, mas depois ficou em silêncio.

Ninguém na sala parecia disposto a falar primeiro. Eragon ouviu um cavalo a relinchar lá em baixo, na cidade. Perto da cidadela ouvia-se o ruído de picaretas e cinzéis. O rei Orrin mexeu-se desconfortavelmente na cadeira e bebeu um gole de vinho. Grimrr coçou a orelha pontiaguda e farejou o ar, como se o provasse.

Finalmente, Däthedr quebrou o silêncio:

— Temos de tomar uma decisão — disse ele.

— Isso já nós sabemos, elfo — resmungou Orik.

— Deixa-o falar — disse Orrin, gesticulando com o seu cálice adornado de jóias. — Eu gostaria de ouvir as suas idéias acerca da forma como deveremos prosseguir. — Um sorriso amargo, algo desdenhoso, surgiu-lhe no rosto e ele inclinou a cabeça na direção de Däthedr como se estivesse a dar-lhe permissão para falar.

Däthedr retribuiu com um aceno de cabeça. Se ficara ofendido com o tom do rei não o mostrou.

— É impossível esconder que Galbatorix morreu. As novas da nossa vitória estão a espalhar-se pelo reino, neste preciso momento, e, no final da semana grande parte de Alagaësia estará a par da morte de Galbatorix.

— Tal como deveria ser — disse Nasuada. Trocara a túnica que os carcereiros lhe tinham dado por um vestido vermelho escuro que tornava ainda mais evidente o peso que perdera durante o seu cativeiro, pois parecia pender-lhe dos ombros e destacava-lhe a cintura agora terrivelmente fina. Mas, apesar da sua aparência frágil, Nasuada parecia ter recuperado parte da força. Depois de Eragon e Saphira regressarem à cidadela, Nasuada estivera à beira de um colapso, por exaustão física e mental. Assim que Jörmundur a vira, levava-a apressadamente para o acampamento, onde tinha ficado em isolamento o resto do dia. Eragon não conseguira consultá-la antes da reunião, por isso não sabia ao certo a sua opinião sobre o assunto para a discussão do qual se tinham reunido. Poderia contatá-la mentalmente se

necessário, embora esperasse evitá-lo pois não queria perturbar a sua privacidade. Não naquele momento, não depois de tudo o que se passara.

— Tal como deveria ser — disse Däthedr, num tom forte e claro, sob o teto abobadado da elevada câmara circular. — Contudo, à medida que as pessoas forem sabendo da queda de Galbatorix, a primeira questão que se irão colocar é quem terá assumido o seu lugar — disse Däthedr, fitando os rostos em redor. — Temos de lhes dar uma resposta agora, antes que a inquietação se comece a instalar. A nossa rainha morreu e vós, Orrin, estais ferido. Os rumores vão multiplicar-se, tenho a certeza. É importante acabar com eles antes que causem problemas. Adiar seria desastroso. Não podemos permitir que cada nobre com algumas tropas acredite que pode subir ao trono como monarca do seu insignificante território.

Se isso acontecer, o império desintegrar-se-á numa centena de reinos diferentes e nenhum de nós deseja que isso aconteça. Temos de escolher um sucessor — escolhê-lo e nomeá-lo —, por muito difícil que isso seja.

Grimrr disse sem se virar:

— Não se pode liderar um bando, quando se é fraco.

O rei Orrin voltou a sorrir, mas os seus olhos estavam inquietos.

— E que papel tencionam desempenhar nesse processo, Arya, Lord Däthedr, rei Orik e rei Meia pata? Agradecemos a vossa amizade e a vossa ajuda, mas somos nós, humanos, que temos de tomar essa decisão, não vocês. Nós governamo-nos a nós próprios e não permitimos que outros escolham os nossos reis.

Nasuada esfregou os braços cruzados e, para surpresa de Eragon, disse:

— Concorde. Isto é algo que temos de resolver sozinhos. —

Olhou para o outro lado da sala, fitando Arya e Däthedr. —

Certamente que compreenderão. Não nos permitiriam que vos disséssemos quem deveriam nomear como vosso novo rei ou rainha. — Olhou para Orik. — Nem os clãs nos teriam permitido escolher o sucessor de Hrothgar.

— Não — anuiu Orik. — Certamente que não.

— É claro que a decisão é vossa — disse Däthedr. — Jamais ousaríamos impor-vos o que tem de ser feito. Mas será que como vossos

amigos e aliados não conquistamos o direito de dar a nossa opinião num assunto de peso como este, que nos afetará a todos?

Seja o que for que decidam terá certamente implicações de grande envergadura. Seria sensato perceberem isso antes de fazerem a escolha.

Eragon compreendeu muito bem. Era uma ameaça. Däthedr queria dizer que, se eles tomassem uma decisão que desagradasse aos elfos, isso teria desagradáveis conseqüências. Eragon resistiu ao impulso de franzir a testa. Estava muita coisa em jogo e qualquer erro poderia acabar por originar problemas durante décadas.

— Isso parece-me... razoável — disse Nasuada, olhando de relance para o rei Orrin.

Orrin olhou para o seu cálice e inclinou-o em círculo, girando o líquido no seu interior.

— E como pensas aconselhar-nos a escolher, Lord Däthedr, diga. Estou bastante curioso.

O elfo fez uma pausa. O seu cabelo prateado emanava um brilho difuso em torno da cabeça, sob a luz quente e baixa do poente.

— Quem quer que use a coroa terá de possuir a perícia e a experiência necessárias para reinar eficazmente desde o início. Não há tempo para instruir alguém acerca dos métodos de liderança, tão-pouco estamos em condições de nos sujeitar aos erros de um iniciado. Além disso, essa pessoa terá de ser moralmente capaz de assumir um cargo tão importante. Ele ou ela terão de ser uma escolha aceitável para os Varden e, em menor escala, para o povo do Império. Se possível, essa pessoa deveria ser alguém que nós e os outros aliados considerem agradável.

— As suas exigências limitam bastante as nossas opções — disse o rei Orrin.

— Apenas com o propósito de promover uma boa liderança. Ou será que tem outras idéias acerca do assunto?

— Vejo várias opções que ignoraram ou descartaram, talvez pelo fato de as considerarem desagradáveis. Mas não tem importância, continua.

Däthedr franziu os olhos, mas continuou a falar num tom suave.

— A escolha mais óbvia — e a que o povo do Império provavelmente espera — recai sobre a pessoa que matou Galbatorix, ou seja, Eragon.

O ar na câmara tornou-se quebradiço como se fosse de vidro.

Todos olharam para Eragon, mesmo Saphira e o menino-gato e ele sentiu que Umaroth e os outros Eldunarís também o estavam observando. Olhou para as pessoas ao seu redor sem medo ou irritação pelo fato de estar sendo alvo de escrutínio. Sondou o rosto de Nasuada, tentando adivinhar algo nele, mas além da solenidade da sua expressão não distinguiu nada que lhe indicasse o que ela estava pensando ou sentindo.

Inquietou-o perceber que Däthedr tinha razão: ele poderia tornar-se rei.

Por momentos, Eragon decidiu considerar essa possibilidade.

Ninguém o poderia impedir de alcançar o trono, ninguém exceto Elva e talvez Murtagh — mas agora, ele sabia como contrariar as aptidões de Elva e Murtagh já não estava lá para o desafiar.

Saphira não iria se opor a ele, fosse qual fosse a sua decisão, ele sabia que embora não conseguisse decifrar a expressão de Nasuada, teve a estranha sensação de que ela se disporia pela primeira vez na vida, a abdicar, permitindo-lhe assumir o comando.

O que você quer? Perguntou Saphira.

Eragon ponderou.

Quero ser... útil. O poder e o domínio sobre os outros — o que Galbatorix buscava — não têm grande interesse para mim. De qualquer forma, há outras responsabilidades a assumir.

Desviando a sua atenção para os que observavam, ele disse:

— Não. Não estaria certo.

O rei Orrin pigarreou e bebeu mais um gole de vinho. Arya, Däthedr e Nasuada, por sua vez, pareceram descontrair-se, mesmo que ligeiramente. Os Eldunarís pareciam também satisfeitos com a sua decisão, embora não o verbalizassem.

— Fico feliz por te ouvir dizer isso — comentou Däthedr. — Sem dúvida que daria um bom governante, mas não creio que fosse vantajoso para a tua raça, nem para as outras raças de Alagaësia, que um outro Cavaleiro do Dragão assumisse a coroa.

Depois Arya fez sinal a Däthedr. O elfo de cabelo prateado recuou um pouco e Arya disse:

— Roran seria uma outra escolha óbvia.

— Roran? — interpelou Eragon incrédulo.

Arya fitou-o com um olhar solene. Os seus olhos brilhantes e ferozes eram como esmeraldas lapidadas num padrão raiado, sob a luz transversal.

— Foram as suas ações que permitiram aos Varden tomar Urû'baen. Ele é o herói de Aroughs e de muitas outras batalhas. Os Varden e o resto do Império o seguiram sem hesitar.

— Ele é indelicado, sofre de excesso de confiança e não tem a experiência necessária — disse Orrin. Depois olhou para Eragon com uma expressão ligeiramente culpada. — Mas é um bom guerreiro.

Arya piscou os olhos como uma coruja.

— Creio que não seria difícil concluir que a sua indelicadeza depende de com quem lida... Majestade. Contudo tem razão; Roran não tem a experiência necessária, o que nos reduz a duas opções: Nasuada ou você, rei Orrin.

O rei Orrin voltou a mexer-se na cadeira funda e franziu mais a testa, no entanto, a expressão de Nasuada não se alterou.

— Presumo que queira reclamar o teu direito ao trono — disse Orrin a Nasuada.

Ela levantou o queixo:

— Sim — disse num tom calmo e brando como água.

— Então estamos num impasse porque eu também quero. E não tenciono ceder. — Orrin girou o pé do cálice entre os dedos. — A única forma de resolvermos este assunto sem derramamento de sangue é você renunciar a esse direito. Se insistir em reclamá-lo, acabará por destruir tudo o que ganhamos hoje, e o caos que se seguirá será da tua exclusiva responsabilidade.

— Seria capaz de se virar contra os seus aliados apenas para recusar o trono a Nasuada? — perguntou Arya. Talvez Orrin não o entendesse, mas Eragon percebeu o significado da postura dura e fria de Arya: pronta para atacar e matar a qualquer momento.

— Não — respondeu Orrin. — Me viraria contra os Varden para conquistar o trono. É diferente.

— Por quê? — perguntou Nasuada.

— Por quê? — A pergunta pareceu indignar Orrin. — O meu povo alojou, alimentou e equipou os Varden. Os meus soldados combateram e morreram ao lado dos seus guerreiros.

Arriscamos muito mais do que os Varden, enquanto país. Os Varden não têm lar. Se Galbatorix tivesse derrotado Eragon e os dragões, vocês poderiam fugir e esconder-se, mas nós só podemos ir para Surda. Galbatorix teria nos atacado como um raio vindo das alturas, espalhando a destruição por toda a região. Nós apostamos tudo — as nossas famílias, as nossas casas, as nossas riquezas e a nossa liberdade. Depois de tudo isso, depois de todos esses sacrifícios, acha que nos contentaríamos em regressar aos campos com uma festa na cabeça e os seus reais agradecimentos? Bah! Mais depressa eu rastejaria. Regamos o chão com o nosso sangue daqui até às Planícies Flamejantes e agora teremos a nossa recompensa. — Cerrou o punho. — Agora reclamaremos o nosso quinhão.

As palavras de Orrin não pareceram incomodar Nasuada, na verdade ela mostrou-se pensativa, até mesmo compreensiva.

Certamente que ela não vai dar a este cachorro raivoso o que ele pretende, comentou Saphira.

Espera para ver, disse Eragon. *Ainda é capaz de virar o jogo.*

Arya disse:

— Estava contando que vocês dois chegariam a um acordo amigável e...

— Claro — rebateu o rei Orrin —, e eu também o espero. — Desviou o olhar para Nasuada.

— Mas receio que a determinação obstinada de Nasuada não lhe permita ver que, neste caso, deveria ceder.

Arya prosseguiu:

— ... e, como Dāthedr disse, não nos passaria pela cabeça interferir com a sua raça na escolha do vosso próximo governante.

— Eu me lembro — disse Orrin, com um sorriso sardônico.

— Contudo — continuou Arya —, como aliados oficiais dos Varden, devo dizer que encaramos qualquer ataque a eles dirigido como se fosse dirigido a nós, e reagiremos em conformidade.

Orrin franziu o rosto como se tivesse mordido algo amargo.

— O mesmo se aplica a nós, Anões — disse Orik, num tom áspero como pedras roçando umas nas outras nas entranhas da terra.

Grimrr Meia pata ergueu a mão mutilada, examinando as unhas semelhantes a garras nos três dedos que lhe restavam.

— Não nos interessa quem seja nomeado rei ou rainha, desde que nos garantam o lugar que nos prometeram junto ao trono.

Ainda assim, foi com Nasuada que negociamos, e é Nasuada que continuaremos a apoiar até que deixe de ser o líder do bando dos Varden.

— Ah, ha! — exclamou o rei Orrin, inclinando-se para frente com a mão apoiada no joelho. — Mas ela já não é líder dos Varden.

Eragon é o atual líder!

Todos os olhares se viraram de novo para Eragon. Ele torceu o nariz e disse:

— Julgava que tinha ficado claro que devolvi a minha autoridade a Nasuada, no momento em que ela ficou livre. Se assim não foi, quero deixar bem claro que o líder dos Varden é Nasuada e não eu e, na minha opinião, deveria ser ela a herdar o trono.

— Tinha de dizer isso — disse o rei Orrin com um sorriso de escárnio. — Jurou lealdade. É claro que acha que devia ser ela a herdar o trono. Não passas de um servo leal a erguer-se em defesa do seu amo, e as tuas opiniões valem tanto como as opiniões dos meus próprios servos.

— Não! — reagiu Eragon. — Está enganado. Se eu achasse que você ou qualquer outra pessoa poderia ser melhor líder, falaria!

Sim, jurei lealdade a Nasuada, mas isso não me impede de dizer a verdade quando a reconheço.

— Talvez, mas a tua lealdade para com ela afeta o teu discernimento.

— Da mesma forma que a tua lealdade a Surda afeta o teu — rebateu Orik.

O rei Orrin franziu a testa.

— Porque será que se viram sempre contra mim? — perguntou ele enfaticamente, olhando para Eragon, Arya e Orik. — Porque é que ficam sempre do lado dela em todas as disputas? — O vinho saltou pela borda do copo, quando ele apontou para Nasuada. —

Porque é que ela merece o respeito de vocês e eu e o povo de Surda não? Favorecem sempre Nasuada e os Varden e, antes dela, era Ajihad. Se o meu pai fosse vivo...

— Se o vosso pai, o rei Larkin, fosse vivo — disse Arya — não estaria aí sentado lamentando-se pela forma como os outros o vêem, faria alguma coisa em relação a isso.

— Calma — disse Nasuada antes que Orrin respondesse. — Não há necessidade de se insultarem... Orrin as tuas preocupações são pertinentes. Tem razão, o povo de Surda contribuiu muito para a nossa causa. Admito com toda a sinceridade que sem a sua ajuda jamais teríamos conseguido atacar o Império como atacamos. Pelo que merecem uma recompensa pelo que arriscaram, gastaram e perderam no decurso desta guerra.

O rei Orrin acenou com a cabeça, mostrando-se satisfeito.

— Então cede?

— Não — disse Nasuada, mais calma do que nunca. — Isso não.

Mas tenho uma contraproposta que talvez satisfaça os teus interesses. — Orrin fez um ruído inconformado, mas não interrompeu. — A minha proposta é a seguinte: grande parte do território que conquistamos, tornar-se-á parte de Surda. Aroughs, Feinster e Melian serão tuas, bem como as ilhas, a Sul, logo que estejam sob o nosso domínio. Com esta aquisição, Surda ficará quase com o dobro do tamanho.

— E o que pretendes em troca? — perguntou Orrin, arqueando a sobrancelha.

— Em troca, pretendo que jure lealdade ao trono de Urû'baen e a quem se sentar nele.

Orrin fez um esgar.

— E você se torna Rainha Suprema do Império.

— Estes dois reinos — o Império e Surda — têm de se unir se quisermos evitar futuras hostilidades. Continuará a governar Surda como entendesse, exceto num aspeto: os feiticeiros de ambos os países ficarão sujeitos a determinadas restrições, cuja natureza decidirei mais tarde. Para além dessas regulamentações, Surda contribuiria inerentemente para a defesa de ambos os territórios. Se algum dos nossos países fosse atacado, o outro irá garantir auxílio sob a forma de homens e material.

O rei Orrin colocou o cálice direito sobre o colo e olhou para ele.

— Volto a perguntar: porque haveria de ser você a subir ao trono e não eu? A minha família governa Surda desde que Lady Matelda ganhou a batalha de Cithrí, fundando dessa forma Surda e a Casa de Langfeld. A nossa

linhagem remonta a Thanebrand e ao próprio rei Giver. Enfrentamos e combatemos o Império durante um século.

Foi o nosso ouro, as nossas armas e as nossas armaduras que permitiram que os Varden existissem e que os sustentaram ao longo dos anos. Sem o nosso apoio, teria sido impossível resistir a Galbatorix. Nem os Anões nem os elfos poderiam fornecer tudo o que precisavam, à distância que estavam, por isso volto a perguntar: porque haveria de caber a você esta recompensa e não a mim, Nasuada?

— Porque acredito que serei uma boa rainha — respondeu Nasuada.
— E porque acredito ser o melhor para o nosso povo e para toda a Alagaësia, à semelhança de tudo o que fiz enquanto líder dos Varden.

— Você se dá bastante valor.

— A falsa modéstia nunca foi digna de admiração, muito menos entre aqueles que comandam. Não demonstrei largamente a minha capacidade de liderança? Se não fosse eu, os Varden estariam encolhidos no interior de Farthen Dûr, à espera que um sinal divino lhes revelasse o momento certo para atacar Galbatorix. Fui eu que conduzi os Varden de Farthen Dûr até Surda e que fiz deles um exército poderoso. Com a tua ajuda, sim, mas fui eu que os conduzi e fui eu que assegurei a ajuda dos Anões, dos elfos e dos Urgals.

Terias conseguido fazer tanto? Seja quem for que reinar em Urû'baen, terá de lidar com todas as raças do reino e não apenas com a nossa. E isso foi o que eu fiz e farei, repito. — Depois Nasuada continuou num tom mais suave, embora mantivesse uma expressão mais firme do que nunca. — Porque quer isto, Orrin?

Ficaria mais feliz?

— Não é uma questão de felicidade — rosnou ele.

— Em parte é. Quer realmente governar todo o Império, para além de Surda? Quem conquistar o trono terá uma pesada tarefa à sua frente. Há um país para reconstruir: tratados para negociar, cidades por conquistar, nobres e feiticeiros para dominar.

Levaremos uma vida inteira para começar a reparar a destruição que Galbatorix semeou. Quer realmente assumir essa responsabilidade? Parece-me que preferiria que a tua vida fosse como antigamente. — Nasuada desviou o olhar para o cálice e depois voltou a olhar para ele. — Se aceitar a minha oferta, poderá voltar para Alberon e retomar as tuas experiências em Filosofia Natural. Não gostaria de fazê-lo? Surda será maior e mais rica, e você terá a possibilidade de se dedicar aos teus interesses.

— Nem sempre podemos fazer o que queremos. Às vezes temos de fazer o que está certo e não o que queremos — disse o rei Orrin.

— Certo, mas...

— Além disso, se eu fosse rei em Urû'baen, conseguiria dedicar-me aos meus interesses tão facilmente como em Alberon. —

Nasuada franziu o sobrolho, mas antes que conseguisse falar, Orrin continuou: — Você não entende... — disse ele, franzindo a testa e bebendo mais um gole de vinho.

Então nos explique, disse Saphira, cuja impaciência era notória avaliando pela cor dos seus pensamentos.

Orrin resfolegou, esvaziou o cálice e atirou-o contra a porta das escadas, amolgando o ouro do copo. Algumas jóias saltaram dos entalhes, rodopiando tremulamente pelo chão.

— Não posso — rugiu ele —, nem me vou dar ao trabalho de tentar. — E olhou furioso à volta da sala. — Nenhum de vocês iria entender. Estão muito apegados à vossa própria importância para verem. Como poderiam ver se nunca viveram aquilo que eu vivi? — E voltou afundar-se na cadeira. Os seus olhos pareciam dois pedaços de carvão sob as saliências da testa. Depois, dirigindo-se a Nasuada disse: — Está determinada? Não abdica do teu direito?

Ela abanou a cabeça.

— E se eu decidir reclamar o meu direito ao trono?

— Nesse caso, entraremos em conflito.

— E vocês os três vão tomar o partido dela? — perguntou Orrin, olhando sucessivamente para Arya, Orik e Grimm.

— Se os Varden forem atacados, nós lutaremos a seu lado — respondeu Orik.

— Tal como nós — acrescentou Arya.

O rei Orrin sorriu, mais como se arreganhasse os dentes.

— Você não vão dizer quem escolheriam como líder, não é verdade?

— Claro que não — disse Orik, revelando os dentes brancos por entre a barba, num sorriso perigoso.

Depois, Orrin voltou a centrar-se em Nasuada.

— Quero Belatona em conjunto com as outras cidades que mencionou.

Nasuada ponderou por instantes:

— Com Feinster e Aroughs, ganha duas cidades portuárias, três se contar com Eoam na Ilha de Beirland. Te dou Furnost em vez disso e ficará com o Lago Tüdosten, tal como eu ficarei com o Lago Leona.

— O Leona é mais valioso que o Tüdosten, pois garante o acesso às montanhas e à costa norte — fez notar Orrin.

— Sim, mas você já tem acesso ao Lago Leona por Dauth e pelo Rio Jiet.

O rei Orrin olhou para o chão e ficou em silêncio. Lá fora, o sol mergulhou no horizonte iluminando algumas nuvens pequenas. O céu começou a escurecer e surgiram as primeiras estrelas: tênues pontos de luz numa vastidão arroxeadada. Levantou-se uma brisa ligeira e, ao ouvi-la roçar nas paredes da torre, Eragon distinguiu também o restolhar das urtigas serrilhadas.

Quanto mais esperavam mais provável lhe parecia que Orrin recusasse a oferta de Nasuada, ou que ali ficasse sentado em silêncio durante toda a noite.

Entretanto o rei mudou de posição e levantou os olhos:

— Muito bem — disse ele em voz baixa. — Desde que respeite os termos do nosso acordo, eu não te desafiarei para suceder a Galbatorix... Majestade.

Eragon foi percorrido por um arrepio ao ouvir Orrin proferir aquelas palavras.

Nasuada avançou até ao centro da sala aberta, com uma expressão sombria. Depois, Orik bateu com a base do cabo de Volund contra o chão e proclamou:

— O rei está morto, viva a Rainha!

— O rei está morto, viva a Rainha! — gritaram Eragon, Arya, Däthedr e Grimrr. O menino-gato esticou os lábios, revelando os caninos e Saphira deixou escapar um ronco agudo e triunfante, que ecoou pelo teto angular e pela cidade coberta de pó, lá ao fundo.

Um sentimento de aprovação emanou dos Eldunarís.

Nasuada estava hirta, com uma expressão orgulhosa e as lágrimas a cintilarem-lhe, sob a luz mortiça.

— Obrigada — disse ela, demorando o olhar em cada um deles.

Ainda assim, os seus pensamentos pareciam estar num outro lugar e em torno dela havia uma aura de tristeza, na qual Eragon desconfiou só ele ter reparado.

A escuridão cobriu a paisagem, onde apenas o topo da torre brilhava como um farol solitário, muitos metros acima da cidade.

Um Epitáfio Adequado

Depois da vitória em Urû'baen, os meses pareciam passar voando, e ao mesmo tempo, pareciam arrastar-se para Eragon. Tanto ele como Saphira tinham muito que fazer e raro era o dia em que não se sentiam extenuados ao pôr-do-sol, no entanto, continuavam a não ter propósitos — apesar das muitas tarefas que a rainha Nasuada lhes dava. Era como se estivessem parados numa extensão de água tranqüila, à espera que alguma coisa — qualquer coisa — os voltasse a empurrar para a corrente principal.

Ele e Saphira ficaram em Urû'baen mais quatro dias depois de Nasuada ser nomeada rainha, ajudando os Varden a consolidarem a sua presença. Passaram grande parte do tempo lidando com os habitantes da cidade — normalmente apaziguando multidões furiosas com alguma ação dos Varden — e perseguindo grupos de soldados que tinham fugido de Urû'baen e atacavam viajantes, camponeses e propriedades próximas para sobreviverem.

Participaram também no esforço de reconstrução do gigantesco portão fronteiro da cidade e Eragon lançou vários feitiços, a pedido de Nasuada, para que os que ainda eram leais a Galbatorix não iniciassem qualquer ação contra ela. Os feitiços aplicavam-se unicamente às pessoas que estavam dentro da cidade e nas terras circundantes, mas todos os Varden se sentiram mais seguros depois de ele os lançar.

Eragon reparou que os Varden, os Anões e até mesmo os elfos os tratavam de forma diferente do que antes da morte de Galbatorix. Mostravam-se mais reverentes e atenciosos — especialmente os humanos — e Eragon acabou por perceber que os encaravam, a ambos, com um sentimento de respeito. A princípio agradou-lhe — embora Saphira não parecesse dar grande importância a isso — mas depois começou a incomodá-lo, ao perceber que a maioria dos Anões e humanos estava de tal forma ansiosa por agradar que lhe dizia tudo o que achava que ele queria ouvir, em detrimento da verdade. A descoberta inquietou-o e deu consigo incapaz de confiar em alguém a não ser em Roran, Arya, Nasuada, Orik, Horst e Saphira, é claro.

Viu Arya poucas vezes durante esses dias e, nas poucas vezes que se encontraram, ela parecia reservada, o que ele reconheceu ser a sua forma de lidar com a dor. Nunca conseguiram falar em privado e as condolências que

Eragon lhe conseguiu dar foram breves e desajeitadas. Ficou com a impressão que ela apreciou, mas era difícil de dizer.

Nasuada por sua vez, pareceu recuperar muito do seu anterior dinamismo, talento e energia depois de uma noite bem dormida, o que impressionou Eragon. A sua consideração por ela aumentou tremendamente depois de ouvir o relato do seu suplício no Salão da Profetisa, tal como o seu respeito por Murtagh, sobre quem Nasuada não disse nem mais uma palavra depois disso. Elogiou Eragon pela liderança dos Varden na sua ausência — embora ele reclamasse, dizendo-lhe que estivera ausente durante a maior parte do tempo — e agradeceu-lhe pelo fato de resgatá-la tão rapidamente, admitindo no final da conversa, que Galbatorix quase conseguira vergá-la.

No terceiro dia, Nasuada foi coroada na grande praça perto do centro da cidade, perante o olhar de uma vasta multidão de humanos, Anões, elfos, meninos-gato e Urgals. A explosão que acabara com a vida de Galbatorix destruíra a velha coroa dos Broddrings, por isso os anões forjaram uma nova com ouro descoberto na cidade e as jóias que os elfos retiraram dos seus elmos ou dos pomos das espadas.

A cerimônia foi simples e, por isso mesmo, mais eficaz. Nasuada aproximou-se a pé, vinda da cidadela em ruínas. Usava um vestido púrpura — com mangas à altura dos cotovelos, para que todos vissem as cicatrizes que lhe cobriam os antebraços — e uma cauda debruada a vison, que Elva segurava, pois Eragon atendera aos avisos de Murtagh e insistira para que a garota ficasse tão perto de Nasuada quanto possível.

Enquanto Nasuada se encaminhava para o estrado que fora montado no centro da praça, ouviu-se o rufar lento de um tambor.

Em cima do estrado, junto da cadeira trabalhada que lhe serviria de trono, estava Eragon e Saphira. Em frente da plataforma elevada estavam os reis Orrin, Orík e Grimrr, juntamente com Arya, Däthedr e Nar Garzhvog.

Nasuada subiu para o estrado e ajoelhou-se diante de Eragon e de Saphira, e um anão do clã de Orík entregou a Eragon a coroa acabada de fazer, que este colocou na cabeça de Nasuada.

Depois, Saphira arqueou o pescoço, tocou na testa de Nasuada, e juntamente com Eragon disseram:

— Ergue-te agora como rainha, Nasuada, filha de Ajihad e Nadara!

Ouviu-se uma fanfarra de trombetas e a multidão ali reunida — que até então estivera mortalmente silenciosa — começou a aclamar.

Era uma estranha cacofonia, pois os urros dos Urgals misturavam-se com as vozes melodiosas dos elfos.

Depois, Nasuada sentou-se no trono. O rei Orrin aproximou-se e jurou-lhe lealdade, seguido de Arya, do rei Orik, Grimrr Meia pata e Nar Garzhvog, que lhe prometeram a amizade das respectivas raças.

Eragon ficou profundamente afetado com o acontecimento e se deu contendo as lágrimas, ao olhar para o porte régio de Nasuada, sentada no trono. Só na sua coroação sentiu que o fantasma da opressão de Galbatorix começava a desvanecer-se.

Depois festejaram e os Varden e os seus aliados celebraram ao longo de toda a noite, prolongando-se até ao dia seguinte. Eragon pouco recordava das festividades, a não ser a dança dos elfos, a batida forte dos tambores dos Anões e os quatro Kulls que subiram em uma torre, na muralha da cidade, e aí ficaram soprando em cornos feitos dos crânios dos seus pais. O povo da cidade também se reuniu às celebrações e Eragon viu neles alívio e júbilo pelo fato de Galbatorix já não ser rei. Por baixo das suas emoções e das de todos os presentes estava a consciência da importância do momento, pois todos sabiam estar assistindo ao fim de uma era e ao começo de uma outra.

No quinto dia, quando o portão estava praticamente reconstruído e a cidade começava a parecer razoavelmente segura, Nasuada ordenou a Eragon e a Saphira que voassem até Dras-Leona e daí para Belatona, Feinster e Aroughs e usassem o nome da língua antiga para libertarem dos seus votos todos os que tinham jurado lealdade a Galbatorix. Pediu também a Eragon que lançasse feitiços sobre nobres e soldados — tal como fizera ao povo de Urû'baen — para impedir que estes tentassem corromper a paz recém-estabelecida. Mas Eragon recusou por achar que isso era muito semelhante à forma como Galbatorix controlava aqueles que o serviam. Em Urû'baen, o risco de haver assassinos ou outros lealistas escondidos era elevado, pelo que Eragon aceitou fazer o que ela lhe pedira, mas não em outros locais. Para seu alívio, Nasuada concordou depois de alguma ponderação.

Eragon e Saphira levaram consigo mais de metade dos Eldunarís de Vroengard. Os outros ficaram com os corações dos corações que tinham sido resgatados do tesouro de Galbatorix. Blödhgarm e os seus feiticieiros — que já não estavam obrigados a defender Eragon e Saphira — levaram esses Eldunarís para um castelo, vários quilômetros a nordeste de Urû'baen, onde seria fácil proteger os corações de qualquer um que os tentasse roubar e onde os pensamentos dos dragões enlouquecidos não afetariam as mentes de ninguém a não ser dos seus guardiões.

Eragon e Saphira só partiram depois de se convencerem de que os Eldunarís estavam em segurança.

Quando chegaram a Dras-Leona, Eragon ficou perplexo com o número de feitiços que encontraram por toda a cidade, bem como em Helgrind, a sombria torre de pedra, concluindo que muitos deveriam ter centenas de anos, senão fossem mais antigos: encantamentos perdidos há muitas eras. Deixou os que pareciam inofensivos e eliminou os nefastos, embora, por vezes, fosse difícil fazer a distinção e ele se sentisse relutante em interferir com feitiços cujo propósito não entendia. Aí os Eldunarís revelaram-se bastante úteis, pois em alguns casos recordavam-se de quem os lançara e por que, ou conseguiam adivinhar o seu propósito através de informação que não tinha qualquer significado para Eragon.

No que diz respeito a Helgrind e aos feitiços dos sacerdotes que se tinham escondido assim que as notícias da morte de Galbatorix chegou aos seus ouvidos —, Eragon não se deu ao trabalho de determinar quais seriam perigosos ou não, eliminando-os a todos. Usou também o nome dos nomes para procurar o cinto de Beloth, o Sábio, nas ruínas da grande catedral; mas sem sucesso.

Ficaram em Dras-Leona três dias e depois seguiram para Belatona. Aí, Eragon removeu os encantamentos de Galbatorix, tal como em Feinster e Aroughs. Em Feinster, alguém tentou matá-lo com uma bebida envenenada. As suas defesas protegeram-no, mas o incidente enfureceu Saphira.

Se alguma vez encurralar o rato covarde que fez isto, como-o vivo dos pés à cabeça, rosnou ela.

Na viagem de regresso para Urû'baen, Eragon sugeriu um pequeno desvio. Saphira concordou e alterou a rota, inclinando-se até o horizonte ficar na vertical e o mundo ficar igualmente dividido entre o azul-escuro do céu e o verde e castanho da terra.

A busca demorou meio-dia, mas Saphira finalmente encontrou o aglomerado de colinas de arenito e, entre elas, uma colina em particular: um amontoado alto e íngreme de pedra avermelhada com uma caverna no meio da encosta e um túmulo cintilante de diamante no topo.

A colina estava exatamente como Eragon se recordava dela e, ao olhá-la, sentiu um aperto no peito.

Saphira aterrou junto do túmulo e as suas garras arranharam a pedra porosa, arrancando-lhe algumas lascas.

Eragon soltou as pernas das correias, com gestos lentos, e deslizou para o chão.

Ao sentir o cheiro a pedra quente, foi percorrido por uma vertigem e, por instantes, foi como se estivesse no passado.

Depois se recompôs e a sua mente clareou. Encaminhou-se para o túmulo, olhou para as profundezas de cristal e viu Brom.

Viu o seu pai.

A aparência de Brom não se modificara, na medida em que o diamante que envolvia o seu corpo, protegia-o da ação devastadora do tempo e a sua pele não revelava quaisquer vestígios de putrefação. A pele do seu rosto sulcado de rugas estava firme e tinha um tom rosado, como se o sangue quente ainda circulasse.

Era como se Brom fosse abrir os olhos e levantar-se a qualquer momento, pronto a prosseguir a sua viagem interrompida. De certa forma tornara-se imortal, pois já não envelhecia como os outros e ficaria para sempre assim, preso num sono sem sonhos.

A espada de Brom repousava sobre o seu peito e a sua longa barba branca, e tinha as mãos dobradas sobre o punho tal como Eragon as colocara. Junto dele tinha o bastão nodoso — gravado com dezenas de hieróglifos na língua antiga — só agora Eragon tinha reparado.

As lágrimas afloraram-lhe e ele deixou-se cair de joelhos, chorando em silêncio durante uns momentos esquecidos. Ouviu Saphira reunir-se a si, sentiu-a com a mente e percebeu que também ela chorava a perda de Brom.

Finalmente levantou-se e encostou-se junto do túmulo, estudando a forma do rosto de Brom. Agora que sabia o que procurar, conseguia ver as semelhanças nas suas feições, semelhanças esbatidas e obscurecidas pela idade e pela barba, mas ainda assim inequívocas. O ângulo das maçãs do rosto de Brom, o vinco entre as sobrancelhas, a curva do lábio superior, Eragon reconhecia tudo isso. Não herdara, contudo, o nariz adunco. O nariz era o da mãe.

Eragon baixou a cabeça respirando pesadamente, e os seus olhos voltaram a enevoar-se.

— Está feito — disse ele, em voz baixa. — Consegui...

Conseguimos. Galbatorix está morto. Nasuada subiu ao trono e Saphira eu estamos incólumes. Ficaria satisfeito com isso, não é minha raposa velha? — Riu-se brevemente e limpou os olhos com as costas do pulso. — Além disso, há ovos de dragões em Vroengard.

Ovos! Os dragões não vão desaparecer e serei eu e a Saphira que os iremos educar. Nunca previu isso, não foi? — Voltou a rir-se, sentindo-se

tonto e devastado pela dor. — O que pensaria de tudo isto? Continua o mesmo de sempre, mas nós não. Será que nos reconheceria?

Claro que reconheceria, disse Saphira. Você é filho. E tocou-lhe com o focinho. Além disso, o teu rosto não se modificou a ponto de ele te confundir com outra pessoa, mesmo que o teu cheiro tenha mudado.

Mudou?

Agora cheiras mais a elfo...

De qualquer forma, é pouco provável que ele me confundisse com Shruikan ou Glaedr, não é verdade?

Sim.

Eragon fungou e afastou-se do túmulo. Brom parecia tão vivo dentro do diamante, que a sua imagem lhe deu uma idéia: uma idéia louca e improvável, que quase pôs a parte, mas que as suas emoções não lhe permitiam ignorar. Pensou em Umaroth e nos Eldunarís — em todo o seu conhecimento acumulado e no que tinham conseguido em Urû'baen com o seu feitiço — e uma centelha de esperança desesperada acendeu-se no seu coração.

Dirigindo-se a Saphira e a Umaroth, disse:

Brom tinha acabado de morrer quando o sepultamos. Só no dia seguinte é que Saphira transformou a pedra em diamante, mas, ainda assim, ele ficou envolto em pedra, protegido do ar, durante toda a noite. Umaroth, com toda a tua energia e o teu saber talvez... talvez ainda pudéssemos curá-lo. Eragon estremeceu como se estivesse febril. Anteriormente, eu não sabia como curar o seu ferimento, mas agora... agora acho que conseguiria fazê-lo.

Seria mais difícil do que pensa, disse Umaroth.

Sim, mas podia fazê-lo! Disse Eragon. Eu vi você e Saphira conseguirem coisas assombrosas com magia. Certamente que isto está também ao teu alcance!

Você sabe que não podemos usar magia quando nos mandam, disse Saphira.

E mesmo que conseguíssemos, disse Umaroth, era bem provável que não recuperássemos a mente de Brom tal qual como era antes. As mentes são complicadas e ele poderia acabar por ficar com a inteligência perturbada, ou com a personalidade alterada. E depois? Desejaria que ele vivesse assim? Será que ele desejaria viver assim? Não, é melhor deixá-lo

estar, Eragon, é melhor que o honre com os teus pensamentos e as tuas ações, tal como esta fazendo. Gostaria que fosse de outra forma, tal como todos os que perderam alguém que amavam. Contudo, é assim que as coisas são. Brom vive nas tuas memórias e, se ele era o homem que nos mostrou, contente-se com isso. Contento-se você também.

Mas...

Não foi Umaroth que o interrompeu, mas o mais velho dos Eldunarís, Valdr, que surpreendeu Eragon ao falar-lhe não em imagens e sentimentos, mas em palavras na língua antiga, proferidas com um grande esforço, como se cada uma lhe fosse estranha. Ele disse:

Deixa os mortos para a terra. Eles não são para nós. Depois silenciou, mas Eragon sentiu uma profunda tristeza e empatia a emanarem dele.

Suspirou longamente e fechou os olhos. Depois libertou a sua esperança disparatada do coração e voltou a aceitar o fato de que Brom morrera.

— Nunca pensei que fosse tão difícil — disse ele a Saphira.

Seria estranho que não fosse. Eragon sentiu a sua respiração quente despentear-lhe o cabelo no alto da cabeça, e ela tocou-lhe com um dos lados do focinho nas costas.

Sorriu-lhe debilmente e reuniu coragem para voltar a olhar para Brom.

— Pai — disse ele. A palavra tinha um sabor estranho, pois nunca tivera motivos para proferi-la. Eragon desviou o olhar para as runas que colocara no pináculo, à cabeceira do túmulo, e que diziam:

AQUI JAZ BROM

Um Cavaleiro do Dragão

Que foi como um pai

Para mim

Que o seu nome se eternize na sua glória.

Sorriu dolorosamente por ter chegado tão perto da verdade.

Depois falou na língua antiga e viu o diamante cintilar e fluir enquanto um novo padrão de runas se formava sobre ele. Quando terminou, a inscrição tinha mudado e dizia o seguinte:

AQUI JAZ BROM

Um Cavaleiro unido ao dragão Saphira

*Filho de Holcomb e Nelda
Bem-amado de Selena
Pai de Eragon, Matador de Espectros
Fundador dos Varden
E Ruína dos Renegados.
Que o seu nome se eternize na sua glória.
Stydja unin mor'ranr.*

Era um epitáfio menos pessoal, mas Eragon achou-o mais adequado. Depois lançou vários feitiços para proteger o diamante de ladrões e de vândalos.

Continuou de pé junto do túmulo, relutante em virar-lhe as costas, e sentindo que deveria haver algo mais — um acontecimento, uma emoção ou uma constatação que tornasse mais fácil despedir-se do pai e partir.

Por fim, colocou a mão sobre o diamante frio, desejando poder penetrar através dele e tocar em Brom uma última vez, e disse:

— Obrigado por tudo o que me ensinou.

Saphira resfolgou e curvou a cabeça até o seu focinho tocar de leve na pedra preciosa.

Depois Eragon virou-se e subiu lentamente para o dorso de Saphira, com a sensação de ter encerrado algo.

Sentiu-se sombrio durante algum tempo, depois de Saphira levantar vôo e voar para Nordeste, em direção a Urû'baen. E, quando a extensão de colinas de arenito era apenas uma mancha no horizonte, ele suspirou longamente e olhou para o céu azul.

Um sorriso inundou-lhe o rosto.

Qual é a graça? Perguntou Saphira sacudindo a cauda para trás e para diante.

A escama no teu focinho está crescendo outra vez.

A sua alegria era evidente. Depois fungou e disse: *Eu sempre soube que iria crescer. Porque não haveria de crescer?* Eragon sentia os flancos dela vibrando contra os seus calcanhares. Ronronava de satisfação. Afagou-a e encostou o peito ao seu pescoço, sentindo o calor do seu corpo passar para o seu.

Pecas em um Tabuleiro



Quando chegou a Urû'baen com Saphira, Eragon ficou surpreso ao descobrir que Nasuada lhe devolvera o nome de Ilirea, por respeito à sua história e ao seu legado.

Ficou também consternado ao saber que Arya partira para Elesméra, na companhia de Däthedr e de muitos outros elfos da alta nobreza, e que levava consigo o ovo de dragão verde que tinham encontrado na cidadela.

Deixara-lhe uma carta com Nasuada, na qual lhe explicava que precisava acompanhar o corpo da mãe de regresso a Du Weldenvarden, para lhe fazer um enterro digno. Em relação ao ovo de dragão, escrevera:

... e porque Saphira escolheu você, um humano, como seu Cavaleiro, é perfeitamente justo que o próximo Cavaleiro seja um elfo, se o dragão dentro do ovo concordar. Quero dar-lhe essa possibilidade sem mais demoras.

Já passou tempo de mais dentro da casca e uma vez que há muitos mais ovos em outro local — não vou dizer onde — espero que não pense que agi por presunção ou preconceito exacerbado a favor da minha raça. Consultei os Eldunarís sobre este assunto e eles concordaram com a minha decisão.

Seja como for, já não é meu desejo continuar a ser embaixatriz dos Varden, agora que Galbatorix e a minha mãe mergulharam no vazio. Prefiro voltar a assumir a tarefa de transportar um ovo de dragão pelo território, tal como fiz com Saphira. É claro que continuamos a precisar de um embaixador entre as nossas raças, por isso Däthedr e eu nomeamos um jovem elfo chamado Vanir para me substituir. Conheceu-o durante a tua estadia em Elesméra. Ele revelou o desejo de saber mais sobre o povo da tua raça e parece-me ser um motivo tão bom como qualquer outro para que lhe seja concedido esse lugar — isto é, desde que não se revele totalmente incompetente.

A carta tinha mais algumas linhas, mas Arya não mencionava quando voltaria, nem mesmo se regressaria à zona oeste de Alagaësia. Eragon ficou satisfeito pelo fato de ela se preocupar o suficiente com ele para lhe escrever, mas desejou que tivesse esperado que eles regressassem antes de partir. Sem ela, parecia haver um buraco no seu mundo e, embora tivesse passado algum tempo com Roran, Katrina e com Nasuada, o vazio doloroso que sentia parecia não passar. Isso, aliado ao fato de sentir

constantemente que Saphira e ele estavam apenas passando o tempo, deixou-o com uma sensação de desprendimento. Muitas vezes era como se estivesse observando a si mesmo fora do corpo, como um estranho. Entendia a causa dos seus sentimentos, mas não lhe ocorria outra cura senão o tempo.

Durante a última viagem lembrara-se que poderia remover de Elva os últimos vestígios da bênção que acabara por se revelar uma maldição, associando o nome dos nomes ao fraseado na língua antiga. Por isso foi falar com a garota no grande palácio de Nasuada, onde agora vivia, e transmitiu-lhe a sua idéia, perguntando-lhe o que ela pretendia.

Ela não reagiu com a satisfação que ele esperava, mas ficou sentada de olhos pregados no chão, com uma expressão carregada. Durante quase uma hora não disse uma palavra e Eragon ficou sentado na sua frente, aguardando sem reclamar.

Depois, ela olhou-o e disse:

— Não, prefiro ficar como estou... Sinto-me grata por você ter se lembrado de perguntar, mas isto é grande parte de mim pelo que eu não posso abrir mão. Sem a minha aptidão para sentir a dor dos outros não passaria de um bicho raro — uma miserável aberração, sem outro préstimo que não satisfazer a curiosidade deles daqueles que aceitaram ter-me por perto, daqueles que toleram a minha presença. Com esta aptidão continuo a ser uma aberração, mas também posso ser útil, ser dona de um poder que os outros temem e controlar o meu próprio destino, algo que muita gente do meu sexo não pode. — Fez um gesto para o quarto ornamentado onde dormia. — Aqui, posso viver confortavelmente — viver em paz — e, ao mesmo tempo, continuar a fazer algo de útil, ajudando Nasuada.

O que me restaria se me despojasses da minha aptidão? O que faria? O que seria? Remover o teu feitiço não seria uma bênção, Eragon. Não, ficarei como estou e suportarei as provações do meu dom de livre vontade. Mas, te agradeço.

Dois dias depois de ele e Saphira aterrarem na cidade que dava agora pelo nome de Ilirea, Nasuada voltou a mandá-los partir, primeiro para Gil'ead e depois para Ceunon — as duas cidades que os elfos tinham conquistado — para que Eragon usasse mais uma vez, o nome dos nomes para eliminar os feitiços de Galbatorix.

Tanto Eragon como Saphira acharam a visita a Gil'ead desagradável, pois lembrava-lhes o tempo em que os Urgals tinham capturado Eragon por ordem de Durza, assim como a morte de Oromis.

Eragon e Saphira dormiram três noites em Ceunon. Era uma cidade diferente de todas as outras que tinham visto. Os edifícios eram feitos em grande parte de madeira, com telhados íngremes cobertos de tabuinhas que — nas casas maiores — se distribuíam em várias camadas. Muitos dos topos dos telhados estavam decorados com uma escultura estilizada de uma cabeça de dragão e as portas eram entalhadas ou pintadas com intrincados padrões semelhantes a nós.

Quando partiram, foi Saphira que sugeriu um desvio. Não teve de se esforçar muito para convencer Eragon, pois este concordou de bom grado, logo que ela lhe explicou que essa viagem não iria demorar muito.

De Ceunon, Saphira voou para Oeste ao longo da Baía de Fundor: uma extensão de água salpicada de cristas brancas.

Corcundas cinzentas e negras de grandes peixes do mar, rompiam as ondas como pequenas ilhas coriáceas, projetando jatos de água dos opérculos e erguendo as caudas bem alto no ar, antes de voltarem a deslizar para as profundezas silenciosas do oceano.

Atravessaram a Baía de Fundor, enfrentando ventos frios e tempestuosos, e depois, as montanhas da Espinha, cujos nomes Eragon conhecia, viajando até ao Vale de Palancar, pela primeira vez desde que tinham partido com Brom para perseguir os Ra'zac, aparentemente há uma eternidade.

Eragon sentiu-se em casa, quando o aroma do vale lhe chegou.

O cheiro dos pinheiros, dos salgueiros e das bétulas recordava-lhe a infância e o frio cortante prenunciava a chegada do inverno.

Aterraram nas ruínas carbonizadas de Carvahal e Eragon vagueou ao longo das ruas inundadas de vegetação e de ervas daninhas, de ambos os lados.

Uma matilha de cães selvagens saiu correndo de um aglomerado de bétulas, ali perto. Ao verem Saphira pararam. Depois rosnaram, ganiram e fugiram para se esconder. Saphira rosnou e deixou escapar uma baforada de fumaça, mas não fez qualquer gesto para os perseguir.

Um pedaço de madeira queimada estalou debaixo do pé de Eragon, ao arrastar a bota sobre um amontoado de cinzas. A destruição da vila deixou-o melancólico. Mas a maior parte dos aldeões que tinha escapado, estavam vivos e Eragon sabia que eles iriam reconstruir Carvahal e fazer dela um lugar melhor do era.

Porém, os edifícios entre os quais crescera tinham desaparecido para sempre. A sua ausência exacerbava nele a idéia de que o seu lugar já não era no Vale de Palancar e os espaços vazios onde antigamente se erguiam, alimentavam-lhe uma sensação de que nada ali batia certo, como se vivesse um sonho em que tudo estivesse desequilibrado.

O mundo está desconjuntado, murmurou ele.

Eragon fez uma pequena fogueira junto do local onde ficava a taberna de Morn e preparou uma grande panela de guisado.

Enquanto comia, Saphira vagueou pelas imediações, farejando tudo o que achava interessante.

Depois Eragon levou a panela, a tigela e a colher até ao Rio Anora e lavou-os na água gelada. Acocorou-se na margem rochosa e ficou observando a coluna branca e nevoenta ao cimo do vale: as Cataratas de Igualda, que se erguiam a uma altura de quatrocentos metros antes de desaparecerem sobre uma saliência de pedra, no alto da Montanha de Narnmor. E recordou a noite em que regressara da Espinha com o ovo de Saphira na mochila, sem saber o que os esperava a ambos, nem sequer o que iriam ser.

— Vamos embora — disse ele a Saphira, reunindo-se a ela junto do poço desmoronado, no centro da vila.

Não quer visitar a sua casa? Perguntou-lhe ela, enquanto ele subia para o seu dorso.

Ele abanou a cabeça.

— Não. Prefiro pensar nela como era e não como está agora.

Ela concordou. Contudo, voou para Sul com o acordo tácito de Eragon, seguindo o mesmo caminho que tinham tomado ao partirem do Vale de Palancar. Durante o percurso, Eragon teve um vislumbre da clareira onde outrora se erguia a sua casa, mas estava tão distante e encoberta pelas sombras que ele fingiu acreditar que a casa e o celeiro poderiam manter-se intactos.

No extremo Sul do vale, uma coluna de ar ascendente transportou Saphira até ao pico de Urgard, a grande montanha despida de vegetação, onde ficava o torreão em ruínas que os Cavaleiros tinham construído para vigiar Palancar, o rei louco. O torreão fora em tempos conhecido como Edoc'sil, mas agora chamava-se Ristvak'baen ou o "Lugar da Mágoa", pois fora aí que Galbatorix matara Vrael.

Nas ruínas do torreão, Eragon, Saphira e os Eldunarís que estavam com eles prestaram homenagem à memória de Vrael.

Umaroth estava particularmente taciturno, mas disse:

Obrigado por me trazer aqui, Saphira. Nunca pensei ver o local onde o meu Cavaleiro morreu.

Depois, Saphira abriu as asas, lançou-se do torreão e afastou-se do vale sobrevoando as planícies verdejantes.

A meio caminho de Ilirea, Nasuada contactou-os através de um dos feiticeiros dos Varden, ordenando-lhes que se reunissem a um grande grupo de guerreiros que enviara da capital em direção a Teirm.

Eragon ficou satisfeito por saber que era Roran que comandava os guerreiros e que nas suas fileiras estavam Jeod e Baldor — que recuperara a mobilidade da mão depois dos elfos a unirem ao seu braço — bem como alguns dos outros aldeões.

Para surpresa de Eragon, o povo de Teirm não quis render-se, nem mesmo depois de os libertar dos seus juramentos de lealdade a Galbatorix. E, embora fosse óbvio que os Varden se quisessem, poderiam conquistar a cidade com a ajuda de Saphira e de Eragon, Lord Risthart o governador de Teirm, ainda exigiu que lhe concedessem a independência como cidade-estado, com liberdade para escolher os seus próprios governantes e promulgar as suas próprias leis.

Depois de vários dias de negociações, Nasuada concordou com os seus termos, desde que Lord Risthart — à semelhança de Orrin — lhe jurasse lealdade como rainha suprema e aceitasse acatar as suas leis acerca de feiticeiros.

Depois de Teirm, Eragon e Saphira acompanharam os guerreiros ao longo da estreita costa em direção ao Sul, até chegarem à cidade de Kuasta. Repetiram o processo de Teirm mas, ao contrário desta, o governador de Kuasta rendeu-se, concordando reunir-se ao novo reino de Nasuada.

Eragon e Saphira voaram depois sozinhos para Narda, no Norte, obtendo da cidade o mesmo voto de lealdade, antes de regressarem a Ilirea onde ficaram durante algumas semanas, num palácio junto do de Nasuada.

Assim que o tempo lhes permitiu, Eragon e Saphira abandonaram a cidade e foram ao castelo onde Blödhgarm e os outros feiticeiros vigiavam os Eldunarís que tinham resgatado de Galbatorix, reunindo-se aos esforços dos elfos para curarem as mentes dos dragões. Fizeram alguns progressos, mas foi um processo lento e alguns dos Eldunarís reagiram mais depressa do

que outros. Mas Eragon estava preocupado, pois muitos já não davam valor à vida, ou estavam de tal forma perdidos nos labirintos das suas mentes que era quase impossível comunicar com eles de forma inteligível, mesmo para os dragões mais velhos, como Valdr.

Para evitar que as centenas de dragões enlouquecidos dominassem aqueles que os tentavam ajudar, os elfos mantinham a maior parte dos Eldunarís numa espécie de transe, optando por interagir apenas com alguns de cada vez.

Eragon colaborara também com os feiticeiros de Du Vrangr Gata para despojar a cidadela dos seus tesouros. Grande parte do trabalho recaiu sobre ele, pois nenhum dos outros feiticeiros tinha os conhecimentos nem a experiência necessária para lidar com muitos dos objetos encantados que Galbatorix deixara. Mas Eragon não se importava, visto que lhe agradava explorar a fortaleza danificada e descobrir os segredos escondidos no seu interior. Galbatorix colecionara uma imensidão de maravilhas ao longo do último século, algumas mais perigosas do que outras, mas todas interessantes. A preferida de Eragon era um astrolábio que se aproximasse do olho permitia ver as estrelas, mesmo durante o dia.

Eragon guardou segredo da existência dos artefatos mais perigosos, partilhando-o apenas com Saphira e Nasuada, na medida em que considerou muito arriscado permitir que outros soubessem.

Nasuada deu uso imediato ao tesouro de riquezas que tinham recuperado da cidadela, alimentando e vestindo os seus guerreiros, e reconstruindo as defesas das cidades que tinham conquistado durante a invasão do Império. Além disso, doou cinco coroas de ouro a todos os seus súbditos: uma quantia insignificante para os nobres, mas uma verdadeira fortuna para os agricultores mais pobres. Eragon sabia que esse gesto lhe permitira conquistar o respeito e a lealdade, de uma forma que Galbatorix jamais entenderia.

Recuperaram também várias centenas de espadas de Cavaleiros: espadas de todas as cores e feitios, forjadas por humanos e elfos.

Tinha sido uma descoberta emocionante. Eragon e Saphira transportaram pessoalmente as armas para o castelo onde os Eldunarís estavam, antecipando o dia em que seriam de novo necessárias aos Cavaleiros.

Rhunön ficaria satisfeita por saber que grande parte das suas obras tinha sobrevivido.

Havia também centenas de pergaminhos e livros que Galbatorix colecionara e que os elfos e Jeod ajudaram a catalogar, pondo de parte aqueles que continham segredos sobre os Cavaleiros ou sobre o funcionamento interno da magia.

Enquanto organizavam o enorme tesouro de conhecimento de Galbatorix, Eragon estava sempre à espera que encontrassem alguma referência ao local onde o rei escondera o resto dos ovos dos Lethrblaka. Contudo, as únicas referências aos Lethrblaka ou aos Ra'zac que viu estavam em obras dos elfos e dos Cavaleiros, de há várias décadas atrás, nas quais debatiam a ameaça escura da noite e o que fazer em relação a qualquer inimigo que não pudesse ser detectado com qualquer tipo de magia.

Sabendo que podia falar abertamente com Jeod, Eragon deu consigo a interpellá-lo com regularidade, confidenciando-lhe tudo o que se passara com os Eldunarís e os ovos, e chegando mesmo a relatar-lhe o processo de descoberta do seu verdadeiro nome, em Vroengard. Falar com Jeod era consolador, especialmente pelo fato de ser um dos poucos que conhecera Brom suficientemente bem para lhe poder chamar amigo.

De uma forma algo abstrata, Eragon achava interessante observar o que se ia passando no nível da governação e da reconstrução do reino que Nasuada erguera dos restos do Império.

Gerir um país tão grande e diversificado exigia um esforço tremendo e a tarefa nunca parecia estar terminada, pois havia sempre algo mais que tinha de ser feito. Eragon sabia que teria abominado as exigências do cargo, mas Nasuada parecia florescer com elas. A sua energia jamais esmorecia e parecia saber sempre como resolver os problemas com que se deparava. Dia após dia, via o seu prestígio aumentar entre os emissários, funcionários, nobres e plebeus com quem lidava, embora não soubesse ao certo até que ponto se sentia realmente feliz, e isso preocupava-o.

Viu a forma como julgara os nobres que tinham trabalhado com Galbatorix — de livre vontade ou não —, e aprovou a justiça e a clemência que demonstrou, bem como os castigos imputados sempre que necessário. Despojou a maioria das suas terras, títulos e de uma boa parte das suas riquezas mal adquiridas, mas não os mandou executar, o que Eragon apreciou.

Estava a seu lado quando ela concedeu a Nar Garzhvog e ao seu povo vastas extensões de terra, ao longo da costa norte da Espinha, bem como as planícies férteis entre o lago Fläm e o Rio Toark, onde quase ninguém vivia atualmente, e também aprovou.

Nar Garzhvog jurara lealdade a Nasuada como sua rainha suprema, tal como o rei Orrin e Lord Risthart, contudo o enorme Kull disse:

— O meu povo concorda com isto, Senhora Vigia-da-Noite, mas tem sangue espesso e memória curta pelo que não se deixará prender eternamente por palavras.

Nasuada respondeu-lhe num tom frio:

— Está insinuando que o teu povo quebrará a paz? Deverei concluir que as nossas raças voltarão a ser inimigas?

— Não — respondeu Garzhvog, abanando a sua enorme cabeça.

— Não é nossa intenção combatê-los, pois sabemos que Espada de Fogo nos mataria, mas... quando os nossos jovens crescerem, vão desejar afirmar-se em combate. Se não houver batalhas, eles irão provocá-las. Lamento Vigia-da-Noite, mas não podemos mudar o que somos.

Eragon ficou perturbado com a conversa — Nasuada também — e passou várias noites a pensar nos Urgals, na tentativa de descobrir uma solução para aquele problema.

As semanas foram passando e Nasuada continuou a enviar Eragon e Saphira a várias localidades dentro de Surda e do seu reino, usando-os freqüentemente como seus representantes, junto do rei Orrin, de Lord Risthart e dos outros nobres e grupos de soldados em todo o território.

Para onde quer que fossem, eles procuravam um local que pudesse servir de lar aos Eldunarís nos séculos vindouros e de local de nidificação e campo de treino para os dragões escondidos em Vroengard. Havia áreas na Espinha que pareciam promissoras, mas a maioria estava muito perto de humanos ou de Urgals, ou ficava tão a Norte que Eragon achou que seria terrível viver aí durante o ano inteiro. Além disso, Murtagh e Thorn tinham seguido para Norte, e Eragon e Saphira não queriam arranjar-lhes mais problemas.

As Montanhas Beor seriam perfeitas, mas parecia pouco provável que os Anões vissem com bons olhos a idéia de ter centenas de dragões esfomeados nascendo dentro dos limites do seu reino. Qualquer que fosse o local para onde se dirigissem, nas Beors, estariam sempre a um breve vôo de uma ou mais cidades dos Anões, e não seria nada bom se um jovem dragão comesse a atacar os rebanhos de Feldûnost dos Anões — o que Eragon considerou bastante provável, pelo que conhecia de Saphira.

Os elfos certamente que não se importariam que os dragões vivessem numa das montanhas de Du Weldenwarden, ou perto, mas ainda

assim Eragon receava a sua proximidade das cidades dos elfos. Além disso, desagradava-lhe a idéia de colocarem os dragões e os Eldunarís dentro do território de qualquer raça, pois ao fazê-lo dariam a impressão de estar a favorecer essa raça em particular. Os Cavaleiros do passado nunca o tinham feito e — no seu ponto de vista — os Cavaleiros do futuro também não o deveriam fazer.

O único local suficientemente distante de todas as vilas e cidades, e que nenhuma raça reclamara até à data, era o lar ancestral dos dragões: o coração do Deserto de Hadarac, onde se erguiam as Du Fels Nángoröth, as Montanhas Malditas. Eragon achava que seria um excelente local para fazer criação. Porém, tinha três inconvenientes. Primeiro: no deserto não conseguiriam encontrar comida suficiente para alimentar os jovens dragões.

Saphira teria de passar grande parte do seu tempo a transportar veados e outros animais selvagens para as montanhas. Além disso, logo que as crias começassem a crescer teriam de voar sozinhas, o que as levaria a aproximarem-se de territórios dos humanos, elfos ou Anões. Segundo: qualquer pessoa medianamente viajada — e mesmo que não o fosse — sabia onde ficavam as montanhas. E terceiro: Não era muito difícil alcançar as montanhas, especialmente no inverno. As duas últimas situações eram as que mais o preocupavam e compeliavam-no a interrogar-se se seriam realmente capazes de proteger os ovos, as crias e os Eldunarís convenientemente.

Seria melhor se estivéssemos no alto de um dos picos das Montanhas Beor, onde apenas um dragão pode chegar, disse ele a Saphira. *Aí ninguém poderia surpreender-nos, a não ser Thorn, Murtagh ou outro feiticeiro.*

Outro feiticeiro, tipo todos os elfos em Alagãesia, não? Além disso estaria sempre frio!

Julgava que o frio não te incomodava.

E não me incomoda, mas também não quero viver na neve todo o ano. Glaedr disse-me que a areia é melhor para as escamas. Ajuda a polilas e mantém-nas limpas.

Mmm.

O tempo estava esfriando dia a dia. As árvores perdiam as folhas e os bandos de aves partiam para Sul, para passar o resto do ano. E assim o inverno desceu sobre a terra. Era um inverno cruel e agreste e, durante muito tempo, foi como se toda a Alagãesia estivesse adormecida. Aos primeiros sinais de neve, Orik regressou com o seu exército às Montanhas Beor e todos os elfos que ainda estavam em Ilirea — exceto Vanir, Blödhgarm e os seus

dez feiticeiros — partiram para Du Weldenvarden. Os Urgals tinham ido semanas antes. Os últimos a partirem foram os meninos-gato, que simplesmente pareceram sumir-se. Ninguém os viu partir e, no entanto, um dia todos tinham desaparecido, exceto um menino-gato gordo, chamado Olhos Amarelos, que ficava sentado numa almofada perto de Nasuada, a ronronar, a dormir, ou a ouvir tudo o que se passava na sala do trono.

Ao caminhar pelas ruas, com flocos de neve a flutuarem, Eragon achou a cidade deprimentemente vazia sem os elfos nem os Anões.

Nasuada continuava a mandá-lo a ele e Saphira em missões, mas nunca os enviou a Du Weldenvarden, o único local onde Eragon queria ir. Não havia quaisquer notícias dos elfos acerca de quem tinham escolhido como sucessor de Islanzadí e sempre que averiguava, Vanir limitava-se a dizer:

— Não somos um povo precipitado. Nomear um novo monarca é um processo difícil e complexo para nós. Logo que saiba o que os nossos conselhos decidiram, te falarei.

Há muito tempo que Eragon não via Arya nem tinha notícias dela, levando-o a pensar em usar o nome da língua antiga para contornar as proteções de Du Weldenvarden e poder comunicar com ela ou, pelo menos, espia-la por vidência. Contudo, sabia que os elfos não ficariam satisfeitos com a intrusão e receava que Arya não gostasse que ele a contatasse dessa forma, sem um motivo urgente.

Por isso optou por lhe escrever uma pequena carta, perguntando-lhe como estava e contando-lhe parte do que ele e Saphira tinham andado fazendo. Deu a carta a Vanir e este prometeu-lhe que faria o necessário para que ela fosse imediatamente enviada a Arya. Eragon tinha a certeza de que Vanir cumpriria a sua palavra — pois tinham falado na língua antiga —, mas não recebeu qualquer resposta de Arya e, à medida que as luas cresciam e minguavam, começou a pensar que ela decidira acabar com a amizade entre ambos, por qualquer motivo que ele ignorava.

A idéia magoou-o terrivelmente, o que o fez concentrar-se mais no trabalho que Nasuada lhe dera, para esquecer o sofrimento.

Durante o pico do inverno, quando a saliência suspensa sobre Ilirea estava já orlada de pingentes de gelo semelhantes a espadas, e a neve funda se amontoava sobre a paisagem circundante, quando as estradas estavam quase intransitáveis e a comida começava a escassear à mesa, Nasuada foi alvo de três atentados, tal como Murtagh avisara que poderia acontecer.

Os atentados foram hábeis e bem pensados, e o terceiro — em que o plano era deixar cair uma rede cheia de pedras em cima dela

— por pouco não tinha sido bem-sucedido. Nasuada sobreviveu graças às proteções de Eragon e à presença protetora de Elva, mas o último ataque valeu-lhe diversas fraturas.

Durante o terceiro atentado, Eragon e os Falcões Noturnos conseguiram matar dois dos atacantes de Nasuada — cujo o número exato continuava a ser um mistério —, mas os restantes escaparam.

Eragon e Jörmundur fizeram o possível e o impossível para garantir a segurança de Nasuada daí em diante, voltando a aumentar o número de guardas ao seu serviço e fazendo-a acompanhar, pelo menos de três feitiçeiros para onde quer que ela fosse. Nasuada também estava mais cautelosa e Eragon viu nela uma dureza que não lhe conhecia.

Nasuada não sofreu mais ataques à sua pessoa, mas um mês depois de o inverno começar a amainar e de as estradas voltarem a estar desimpedidas e, um conde deposto, que reunira várias centenas de antigos soldados do Império, começou a lançar ataques contra Gil'ead e a assaltar viajantes nas estradas das imediações.

Ao mesmo tempo, outra rebelião ligeiramente maior, comandada por Tharos o Lesto de Aroughs, começava a ganhar corpo a Sul.

As insurreições não passaram de contratempos, ainda assim demoraram vários meses a reprimir e resultaram em alguns combates surpreendentemente selváticos, ainda que Eragon e Saphira tentassem resolver a questão pacificamente, sempre que possível. Depois das batalhas em que já tinham participado, nenhum estava propriamente sequioso de sangue.

Pouco depois de terminarem as insurreições, Katrina deu à luz uma garota grande e saudável, com uma madeixa de cabelo ruivo no alto da cabeça, o mesmo cabelo ruivo da mãe. A menininha berrava alto — como nunca na vida Eragon ouvira — e tinha uns dedinhos de ferro. Roran e Katrina deram-lhe o nome de Ismira, tal como a mãe de Katrina, e a alegria no rosto de ambos era tal sempre que olhavam para ela, que Eragon também sorria.

No dia seguinte ao nascimento de Ismira, Nasuada convocou Roran à sala do trono e surpreendeu-o, ao conceder-lhe o título de conde bem como o domínio de todo o Vale de Palancar.

— Desde que você e os teus descendentes se continuem a revelar capazes de o governar, o vale é teu — disse ela.

Roran baixou a cabeça e respondeu:

— Obrigado, Majestade. — Eragon percebeu que a oferta significava quase tanto para Roran como o nascimento da filha, pois o que mais prezava a seguir à sua família era a sua casa.

Nasuada também tentou dar vários títulos e terras a Eragon, mas este recusou-os, dizendo:

— Ser Cavaleiro é o suficiente. Não preciso de mais nada.

Alguns dias mais tarde, quando Eragon estava com Nasuada no seu escritório a examinar um mapa de Alagaësia e a discutir assuntos de alguma relevância para todo o território, ela disse:

— Agora que as coisas se mantêm de certa forma mais estáveis, acho que está na hora de abordarmos o papel dos feiticeiros em Surda, Teirm e no meu reino.

— Ah sim?

— Sim. Ponderei no assunto durante bastante tempo e tomei uma decisão: formar um grupo muito semelhante ao dos Cavaleiros, mas só para feiticeiros.

— E o que fará esse grupo?

Nasuada tirou uma pena de cima da secretária e rolou-a entre os dedos.

— Repito, um papel muito semelhante ao dos Cavaleiros: viajar pelo reino, para manter a paz; resolver disputas legais e, acima de tudo, vigiar os seus colegas feiticeiros, para evitar que estas usem as suas aptidões malevolamente.

Eragon franziu o sobrolho.

— Porque não reservar esse papel aos Cavaleiros?

— Porque só daqui a muitos anos é que voltaremos a ter Cavaleiros e, mesmo então, não serão suficientes para dar atenção a todos os magos insignificantes ou bruxa esquivas... Ainda não encontrou um local para criar os dragões, não é?

Eragon abanou a cabeça. Tanto ele como Saphira estavam cada vez mais impacientes, mas, até então, nem eles nem os Eldunarís tinham conseguido chegar a acordo acerca de um local. Tornava-se um motivo de atrito entre eles, pois as crias de dragão tinham de sair dos ovos o mais depressa possível.

— Eu já imaginava. Temos de fazer isto, Eragon, e não podemos dar-nos ao luxo de esperar. Vê a destruição que Galbatorix semeou. Os feiticeiros são as criaturas mais perigosas do mundo, mais perigosas ainda que os dragões, e têm de ser responsabilizados, caso contrário ficaremos sempre à sua mercê.

— Acha mesmo que conseguirá recrutar magos suficientes para vigiarem todos os outros feiticeiros aqui e em Surda?

— Acho que sim, se for você a mobilizá-los, razão pela qual quero que comande este grupo.

— Eu?

Ela acenou com a cabeça.

— Quem mais o poderia fazer? Trianna? Eu não confio totalmente nela, nem ela tem a força necessária. Um elfo? Não. Tem de ser alguém da nossa raça. Você sabe o nome da língua antiga, é um Cavaleiro e tens a sabedoria e autoridade dos dragões para apoiar-te.

Não me ocorre ninguém melhor para comandar os feiticeiros. Falei com Orrin acerca disto e ele concorda.

— Custa-me a acreditar que a idéia lhe agrade.

— Não lhe agrada, mas entende que é necessário.

— Será mesmo? — Eragon arranhou o canto da secretária, com um ar perturbado. — Como tenciona vigiar os feiticeiros que não pertencem a este grupo?

— Esperava que tivesse algumas sugestões. Talvez com feitiços e espelhos de vidência, para que possamos seguir os seus passos e monitorizar o seu uso de magia, não vão eles utilizá-la em seu proveito à custa dos outros.

— E se o fizerem?

— Nesse caso obrigamo-los a redimirem-se do seu crime e forçamo-los a abdicar da magia na língua antiga.

— Os juramentos na língua antiga não impedem necessariamente ninguém de usar magia.

— Eu sei, mas é o melhor que se pode arranjar.

Ele acenou com a cabeça.

— E se um feiticeiro se recusar a ser vigiado? O que fazemos?

Não estou certo que vão aceitar que os espiem.

Nasuada suspirou e abaixou a pena.

— Essa é a parte difícil. O que faria no meu lugar, Eragon?

Nenhuma das soluções em que ele pensou era muito agradável.

— Não sei...

Ele ficou com uma expressão triste.

— Nem eu. É um problema difícil, doloroso e confuso, e seja qual for a minha decisão, alguém acabará por se prejudicar. Se não fizer nada, os feiticeiros continuarão livres para manipular os outros com os seus feitiços. Se os forçar a submeterem-se a vigilância, muitos irão odiar-me por isso. Mas certamente que concordará que é preferível proteger a maioria dos meus súbditos à custa de alguns.

— A idéia não me agrada — murmurou ele.

— A mim também não.

— Está falando em submeter todos os feiticeiros humanos à tua vontade, independentemente de quem sejam.

Ele nem pestanejou sequer.

— Para o bem da maioria.

— E as pessoas que apenas conseguem ouvir pensamentos e nada mais? Isso também é uma forma de magia.

— Essas também. O risco de abusarem do poder que têm continua a ser muito alto. — Nessa altura, Nasuada suspirou. — Eu sei que não é fácil, Eragon, mas por muito difícil que seja é algo que temos de resolver. Galbatorix era louco e mau, mas tinha razão acerca de uma coisa: os feiticeiros têm de ser controlados, mas não como ele pretendia. Temos, contudo, de fazer alguma coisa e eu acho que o meu plano é a melhor solução. Se conseguir pensar em outra coisa, uma forma de impor a ordem aos feiticeiros ficaria encantada, de contrário esta é a única solução que temos e eu preciso da tua ajuda para pô-la em prática... Aceita ficar responsável por este grupo, pelo bem do país e para o bem da nossa raça?

Eragon demorou a responder, mas finalmente disse:

— Se não se importa, gostaria de pensar um pouco no assunto.

Além disso, preciso consultar Saphira.

— Claro, mas não demore muito, Eragon. Já estou a fazendo preparativos e em breve precisarei de você.

A seguir, Eragon não foi diretamente para junto de Saphira e vagueou pelas ruas de Ilirea, ignorando as vênias e as saudações das pessoas por quem passava. Sentia-se... intranquilo, tanto com a proposta de Nasuada como com a vida em geral. Ele e Saphira estavam inativos há muito tempo. Era altura de mudar e as circunstâncias já não lhes permitiriam esperar. Tinham de decidir o que iam fazer e, qualquer que fosse a sua decisão, afetaria o resto das suas vidas.

Passou várias horas caminhando e a pensando nos seus laços e nas suas obrigações. Ao fim da tarde, voltou para junto de Saphira e pulou para o seu dorso sem falar.

Ela saltou do pátio do palácio e voou bem alto, por cima de Ilirea, tão alto que conseguiam ver centenas de quilômetros em todas as direções. E aí ficou voando em círculos.

Falaram sem palavras, partilhando o estado de alma. Saphira sentia muitas das suas preocupações, mas não estava tão preocupada como ele acerca das suas ligações com os outros. Para ela, o mais importante era proteger os ovos, os Eldunarís, e fazer o que estava certo para ele e para ela. Contudo, Eragon sabia que não podia ignorar o efeito que as suas escolhas teriam, tanto política como pessoalmente.

Por fim ela disse:

O que vamos fazer?

O ar debaixo das suas asas abrandou e Saphira mergulhou.

Ou melhor, a questão é, como sempre foi o que temos de fazer.

E não disse mais nada, mas nessa altura virou e começou a descer em direção à cidade.

Eragon apreciou o seu silêncio. A decisão seria mais difícil para ele do que para ela, pelo que tinha de pensar no assunto sozinho.

Quando aterraram no pátio, Saphira tocou-lhe ao de leve com o focinho e disse:

Se precisar conversar, eu estarei aqui.

Nessa noite, quando o quarto crescente apareceu junto do penhasco sobre Ilirea, Eragon estava encostado aos pés da cama lendo um livro sobre as técnicas de fabricação de selas dos primeiros Cavaleiros. Subitamente, um

movimento ao canto do olho — como a ondulação de uma cortina — chamou a sua atenção.

Levantou-se de repente, e desembainhou Brisingr.

Através da janela aberta, viu um navio de três mastros feito de erva entrançada. Sorriu e embainhou a espada. Esticou a mão e o navio flutuou pelo quarto e aterrou na palma da sua mão, inclinando-se para o lado.

O navio era diferente do que Arya construía durante as viagens que tinham feito juntos pelo Império, depois de Roran resgatar Katrina de Helgrind. Tinha mais mastros e também tinha velas feitas de lâminas de erva. Embora a erva estivesse murcha e acastanhada não secara inteiramente, o que o levou a pensar que fora colhida apenas há um ou dois dias.

Atado ao meio do convés havia um quadrado de papel, dobrado. Eragon removeu-o cuidadosamente, com o coração a martelar-lhe o peito, e desdobrou o papel no chão. Estava escrito em hieróglifos da língua antiga e dizia:

Eragon.

Decidimo-nos finalmente em relação ao novo líder e eu estou a caminho de Ilirea para organizar uma apresentação oficial a Nasuada, mas gostaria de falar com você e com Saphira. Esta mensagem deve chegar às tuas mãos quatro dias antes da lua cheia.

Por favor, encontre-se comigo um dia depois de a receber, no extremo oeste do Rio Ramr. Vem sozinho e não diga a ninguém aonde vai.

Arya

Eragon sorriu. O timing dela tinha sido perfeito. O navio chegara exatamente quando ela pretendia. Depois o seu sorriso dissipou-se quando ele releu a carta mais algumas vezes. Arya estava escondendo algo, era mais do que óbvio. Mas o quê? Por que encontrarem-se em segredo?

Talvez Arya não concorde com o próximo líder dos elfos, pensou ele. Ou talvez haja outro problema. Embora Eragon estivesse ansioso por vê-la de novo, não podia esquecer como ela o ignorara tanto a si como a Saphira. Calculou que todos aqueles meses fossem insignificantes para Arya, mas não podia deixar de se sentir magoado.

Esperou até os primeiros vestígios de sol surgirem no céu e apressou-se a descer para acordar Saphira e dar-lhe as notícias.

Ela estava tão curiosa como ele, talvez até tão entusiasmada quanto ele.

Eragon selou-a e os dois saíram da cidade dirigindo-se para Nordeste, sem prevenir ninguém dos seus planos, nem mesmo Glaedr ou os outros Eldunarís.

Fírnem

Chegaram ao local que Arya designara ao início da tarde: uma curva suave do Rio Ramr, que assinalava o ponto mais a Oeste.

Eragon esticou-se para olhar por cima do pescoço de Saphira, tentando ver alguém lá baixo. Tirando uma manada de touros selvagens, os campos estavam desertos. Ao verem Saphira, os animais fugiram levantando colunas de pó. As únicas criaturas vivas que Eragon sentia eram os touros e outros animais menores, dispersos pelos campos.

Desiludido, desviou o olhar para o horizonte, mas não viu quaisquer sinais de Arya.

Saphira aterrou numa elevação suave, a cinquenta metros das margens do rio, e sentou-se. Eragon sentou-se junto dela, encostando as costas ao seu flanco.

No topo da elevação havia um afloramento de pedra macia, semelhante a ardósia. Enquanto esperavam, Eragon entreteve-se a desbastar uma lasca de pedra do tamanho de um polegar, até lhe dar a forma da ponta de uma flecha. A pedra era muito macia pelo que a ponta da flecha serviria apenas para decoração, de qualquer forma ele apreciou o desafio. Quando se deu por satisfeito com a sua forma simples, triangular, colocou-a de lado e começou a desbastar um fragmento maior, talhando uma adaga com a lâmina em forma de folha, semelhante às que os elfos traziam consigo.

Não tiveram de esperar tanto como inicialmente Eragon imaginara.

Uma hora depois de chegarem, Saphira levantou a cabeça do chão e olhou para as planícies, em direção ao Deserto de Hadarac que não ficava muito longe. O seu corpo retesou-se contra o corpo de Eragon e ele sentiu uma estranha emoção dentro dela, como se algo de importante estivesse para acontecer.

Olha, disse Saphira.

Eragon levantou-se apressadamente, ainda segurando na adaga por acabar, e olhou para Oeste, mas viu apenas erva, terra e algumas árvores solitárias fustigadas pelo vento, entre eles e o horizonte.

Alargou a área de observação, mas continuou a não ver nada de interessante.

O que é... ia ele dizendo, mas depois olhou para cima e calou-se.

Bem alto no firmamento, a Oeste, viu um ponto cintilante de fogo verde. O ponto de luz descreveu um arco pelo manto azul dos céus, aproximando-se rapidamente, brilhante como uma estrela à noite.

Eragon largou a adaga de pedra, subiu para o dorso de Saphira e prendeu as pernas à sela. Queria perguntar-lhe o que ela achava que seria o ponto de luz — para forçá-la a verbalizar a sua suspeita

— mas, à semelhança de Saphira, ele não conseguia dizer uma palavra.

Saphira ficou onde estava, embora abrisse as asas e as erguesse praticamente dobradas ao meio, preparando-se para levantar vôo.

À medida que crescia, a centelha de luz multiplicou-se, dividindo-se num conjunto de dúzias, centenas, milhares de pequenos pontos de luz. Minutos depois a sua verdadeira forma tornou-se visível e eles perceberam que era um dragão.

Saphira não conseguiu esperar mais e saltou da elevação com um urro estridente, batendo as asas em direção ao solo.

Eragon agarrou-se firmemente ao espigão do pescoço dela à sua frente, enquanto Saphira subia num ângulo quase vertical, desesperada para interceptar o outro dragão, tão depressa quanto possível. O espírito de ambos alternava entre o júbilo e a cautela ganha em inúmeros combates travados. Também por cautela, agradou-lhes o fato de terem o sol por trás.

Saphira continuou a subir até ficar ligeiramente acima do dragão verde, nivelou o vôo e concentrou-se na velocidade.

Já mais perto, Eragon viu que o dragão, embora bem constituído, tinha ainda a aparência desengonçada de um dragão jovem. Os seus membros não possuíam ainda o peso e o volume dos membros de Glaedr ou de Thorn, e era menor do que Saphira. As escamas nos flancos e no dorso eram verde-escuras, e as do ventre e das almofadas das patas mais claras — quase brancas no caso das menores. Encostadas ao corpo, as suas asas eram cor de azevinho, mas quando a luz se filtrava através delas exibiam a cor das folhas de carvalho na primavera.

No ponto de união entre o pescoço e o dorso do dragão havia uma sela muito semelhante à de Saphira e, sobre esta, estava uma figura que parecia Arya, com longos cabelos a ondular ao vento.

Essa visão encheu o coração de Eragon de alegria e o vazio, sob o peso do qual trabalhara durante tanto tempo, dissipou-se como a escuridão da noite antes do nascer do sol.

Quando os dragões se cruzaram, Saphira rugiu e o outro dragão rugiu também. Depois, viraram e começaram a voar em círculo — como se perseguissem um ao outro — Saphira ainda ligeiramente acima do dragão verde, que não fez qualquer esforço para voar mais alto do que ela. Se o tivesse feito, Eragon teria receado que o dragão estivesse tentando ganhar vantagem sobre Saphira, antes de atacar.

Eragon sorriu e gritou ao vento. Arya gritou e ergueu o braço.

Depois Eragon tocou-lhe na mente, só para ter a certeza, e percebeu de imediato que era realmente Arya e que nem ela nem o dragão tinham más intenções. Momentos depois retirou-se, pois teria sido indelicado prolongar o contacto mental sem o seu consentimento, e Arya certamente responderia às suas perguntas quando estivessem em terra.

Saphira e o dragão verde rugiram de novo e este sacudiu violentamente a cauda, semelhante a um chicote, perseguindo-se depois um ao outro até alcançarem o Rio Ramr. Saphira assumiu a dianteira e desceu em espiral, até aterrar na mesma elevação onde ela e Eragon tinham esperado.

O dragão verde aterrou a trinta metros, agachando-se, enquanto Arya se libertava da sela.

Eragon arrancou a correias das pernas e saltou para o chão, batendo com a bainha de Brisingr contra a perna. Correu ao encontro de Arya e ela ao seu, reunindo-se entre os dois dragões que os seguiram num passo mais pausado, batendo pesadamente com as patas no chão.

Ao aproximar-se, Eragon viu que em vez da tira de couro que Arya habitualmente usava para prender o cabelo, ela trazia um pequeno aro de ouro sobre a testa com um diamante em forma de lágrima, ao centro, que parecia brilhar não à luz do sol mas com a luz que emanava. Presa à cintura tinha uma espada de punho verde, dentro de uma bainha verde, que ele percebeu ser Támerlein, a mesma que Fiolr o elfo nobre, lhe oferecera para substituir Zar'roc, e que pertencera ao Cavaleiro Arva. O punho, contudo parecia diferente, mais leve e mais gracioso, e a bainha parecia mais estreita.

Instantes depois, Eragon percebeu o que o diadema significava e olhou atônito para Arya:

— Você?

— Eu — respondeu ela, inclinando a cabeça. — Atra esterní ono thelduin, Eragon.

— Atrá du evarínya ono varda, Arya... Dröttning? — Não lhe tinha passado despercebido que ela o saudara primeiro.

— Dröttning — confirmou ela —, o meu povo decidiu conceder-me o título de minha mãe e eu decidi aceitar.

Por cima deles, Saphira e o dragão verde aproximaram as cabeças e farejaram-se. Saphira era mais alta pelo que o dragão verde teve de esticar o pescoço para a alcançar.

Por muito que Eragon quisesse falar com Arya, não pôde deixar de olhar para o dragão.

— E ele? — perguntou, apontando para cima.

Arya sorriu e surpreendeu-o ao pegar-lhe na mão, conduzindo-o em frente. O dragão verde resfolgou e baixou a cabeça, até esta ficar ligeiramente acima deles libertando fumaça e vapor das suas profundas narinas vermelhas.

— Eragon — disse ela colocando a mão sobre o focinho quente do dragão. — Este é Fírnen. Fírnen, este é Eragon.

Eragon fixou um dos olhos brilhantes de Fírnen. As tiras de músculo, dentro das íris do dragão, eram verde-claras e amarelas como lâminas tenras de erva.

Prazer em conhecer-te Eragon amigo, Matador de Espectros, disse Fírnen. A sua voz mental era mais grave do que Eragon esperava, mais grave até que a de Thorn, Glaedr ou qualquer dos Eldunarís de Vroengard. *O meu Cavaleiro falou-me muito de ti*. O dragão piscou os olhos uma vez, com um pequeno ruído agudo semelhante ao de uma concha a bater numa pedra.

Eragon sentia o entusiasmo do dragão na sua vasta mente, inundada pelo sol e coberta de sombras transparentes.

Eragon foi percorrido por uma sensação de assombro — assombro pelo fato de tal ter acontecido.

— Também é um prazer te conhecer, Fírnen-finiarel. Nunca pensei que viveria para te ver nascer, livre dos feitiços de Galbatorix.

O dragão cor de esmeralda resfolgou suavemente. Parecia imponente e cheio de energia, como um veado macho no outono.

Depois voltou a olhar para Saphira. Muito se estava a passar entre os dois. Eragon conseguiu sentir o fluxo de pensamentos, emoções e sensações, através de Saphira — a princípio lentos mas depois foram engrossando até se converterem numa torrente.

Arya sorriu ligeiramente.

— Parece que gostaram um do outro.

— É verdade.

Guiados por um entendimento mútuo, Eragon e Arya saíram debaixo de Saphira e Fírnen, deixando os dragões a sós. Saphira não estava mais agachada como se estivesse prestes a atacar um veado, e Fírnen também. A ponta das caudas estremecia.

Arya parecia estar bem: melhor do que depois de passarem algum tempo juntos em Elesméra. Estava feliz, à falta de melhor palavra.

Ambos observaram os dragões em silêncio, durante algum tempo. Depois Arya virou-se e disse-lhe:

— Peço desculpa por não te ter contatado mais cedo. Não deve estar muito satisfeito comigo por ter te ignorado e a Saphira durante tanto tempo, e por guardar um segredo como Fírnen.

— Recebeu a minha carta?

— Recebi. — Para sua surpresa, Arya levou a mão à parte da frente da túnica e tirou um quadrado puído de pergaminho, que ele reconheceu segundos depois. — Eu teria respondido, mas Fírnen já tinha nascido e não queria mentir a você, nem mesmo por omissão.

— Por que mantê-lo escondido?

— Com tantos servos de Galbatorix ainda à solta, e tão poucos dragões ainda vivos, não quis que ninguém soubesse da existência de Fírnen até ele ter o tamanho suficiente para se defender.

— Acha realmente possível que um humano pudesse se infiltrar em Du Weldenvarden e o matasse?

— Têm acontecido coisas estranhas. Não era um risco que valesse a pena correr, estando os dragões ainda à beira da extinção. Se pudesse manteria Fírnen em Du Weldenvarden durante os próximos dez anos, até ele ser tão grande que ninguém se atrevesse a atacá-lo. Mas ele queria partir e eu não podia negar-lhe isso. Além disso, chegou o momento de eu me reunir a Nasuada e a Orík no meu novo papel.

Eragon sentiu que Fírnen estava contando e a mostrar a Saphira como apanhara um veado na floresta dos elfos pela primeira vez e sabia que Arya também se apercebera da conversa, pois viu o lábio dela tremer com a imagem de Fírnen a saltar atrás de uma fêmea de veado assustada, depois dela tropeçar num ramo.

— E há quanto tempo é rainha?

— Fui coroada um mês depois do meu regresso, mas Vanir não sabe. Ordenei que lhe ocultassem essa informação bem como ao nosso embaixador junto dos Anões, para que me pudesse concentrar na educação de Fírlen, sem ter de me preocupar com assuntos de estado, que de outra forma me competiria resolver...

Vai gostar de saber: criei-o nos Penhascos de Tel'naeír, onde Oromis vivia com Glaedr. Pareceu-me fazer todo o sentido.

Ficaram ambos em silêncio. Depois Eragon apontou para o diadema de Arya e para Fírlen, perguntando-lhe:

— Como aconteceu tudo isto?

Ela sorriu:

— Durante o nosso regresso a Elesméra, reparei que Fírlen estava começando a mexer-se dentro da casca, mas não dei importância ao assunto, pois era freqüente Saphira fazer o mesmo.

Contudo, logo que chegamos a Du Weldenvarden e passamos pelas proteções, ele nasceu. Era quase noite e eu transportava-o dentro de uma prega da túnica, como costumava fazer com o ovo de Saphira. Estava conversando com ele, falando acerca do mundo e tranquilizando-o, quando senti o ovo sacudindo-se e... — Estremeceu e atirou o cabelo para trás, com uma fina camada de lágrimas brilhantes nos olhos. — O laço é tudo aquilo que eu imaginei.

Quando nos tocamos... Eu sempre quis ser um Cavaleiro do Dragão para proteger o meu povo e vingar a morte do meu pai às mãos de Galbatorix e dos Renegados. Mas nunca quis acreditar que isso poderia vir a acontecer, até ver a primeira racha no ovo de Fírlen.

— Quando se tocaram, sentiu...

— Sim. — Arya ergueu a mão esquerda e mostrou-lhe uma marca prateada na palma da mão, igual ao seu gedwëyn ignasia. — Era como... — E fez uma pausa, à procura das palavras certas.

— Era como água gelada. Picava e brilhava — sugeriu ele.

— Era exatamente isso. — Ela cruzou os braços sem dar por isso, como se sentisse frio.

— E depois você voltou para Elesméra — acrescentou Eragon.

Saphira contava a Fírnem sobre quando ela e Eragon tinham nadado no Lago, ao viajarem para Dras-Leona com Brom.

— E depois voltamos para Elesméra.

— E foi viver nos penhascos de Tel'naeír. Mas por que tornou-se rainha quando já era Cavaleiro?

— A idéia não foi minha. Däthedr e os outros anciãos da nossa raça foram à casa do penhasco e pediram-me para aceitar o manto de minha mãe. Recusei, mas eles voltaram no dia seguinte e no outro. Regressaram todos os dias, durante uma semana, e sempre com novos argumentos sobre o motivo por que eu deveria aceitar a coroa. Até que finalmente me convenceram que seria o melhor para o meu povo.

— Mas por que você? Foi por ser filha de Islanzadí, ou por ter se tornado Cavaleiro?

— Não foi apenas por Islanzadí ser minha mãe, embora esse fosse em parte, o motivo, nem apenas por eu ser um Cavaleiro. As nossas políticas são muito mais complicadas que as dos humanos ou as dos Anões, e nunca é fácil escolher um novo monarca, pois implica obter o consentimento de dúzias de casas e de famílias, bem como de alguns dos membros mais velhos da nossa raça. E todas as escolhas que fazem são parte de um jogo sutil que praticamos entre nós, há milhares de anos... Eles queriam que eu me tornasse rainha por muitos motivos e nem todos eram óbvios.

Eragon mudou de posição, olhando alternadamente para Saphira e para Arya, incapaz de se conciliar com a decisão dela.

— Como pode ser Cavaleiro e Rainha ao mesmo tempo? — perguntou ele. — Os Cavaleiros não devem favorecer qualquer raça em detrimento das outras. Se o fizéssemos seria impossível aos restantes povos de Alagaësia confiarem em nós. E, como poderá ajudar a reconstruir a nossa ordem e a educar a próxima geração de dragões, se está ocupada com as tuas responsabilidades em Elesméra?

— O mundo já não é o que era — disse ela —, nem os Cavaleiros poderão manter-se isolados como antigamente. Somos poucos.

Não podemos manter-nos isolados e demorará bastante tempo até que sejamos em número suficiente para podermos voltar a assumir o nosso papel anterior. Seja como for, você jurou lealdade a Nasuada, a Orík e ao Dûrgrimst Ingeitum, mas não a nós, os älfakyn. Faz todo o sentido que tenhamos também um Cavaleiro e um dragão.

— Você sabe que Saphira e eu lutaríamos pelos elfos tal como pelos humanos ou pelos Anões — protestou ele.

— Eu sei, mas os outros não. As aparências contam Eragon.

Não pode modificar o fato de ter prestado juramento a Nasuada e de dever a lealdade ao clã de Orik... O meu povo sofreu bastante nos últimos cem anos e, embora isso possa não ser visível aos teus olhos, já não somos o que em tempos fomos. Tal como os dragões, também nós entramos em declínio. Nasceram menos crianças e a nossa energia esmoreceu. Há quem diga que as nossas mentes já não são tão aguçadas como antes, embora isso seja difícil de provar.

— O mesmo se aplica aos humanos, pelo menos segundo Glaedr nos disse — acrescentou Eragon.

Ela acenou com a cabeça.

— Ele tem razão. As nossas raças levarão tempo a recuperar e muito dependerá do regresso dos dragões. Tal como Nasuada é necessária para ajudar a orientar a recuperação da tua raça, também o meu povo precisa de um líder, e eu senti-me na obrigação de assumir essa tarefa, agora que Islanzadí morreu. —

Tocou no ombro esquerdo onde tinha a tatuagem do hieróglifo do yawë. — Eu era pouco mais velha do que você quando jurei servir o meu povo. Não posso abandoná-los agora quando mais precisam de mim.

— Eles precisarão sempre de você.

— E eu responderei sempre aos seus apelos — respondeu ela. — Eu e Fírnen jamais ignoraremos os deveres de dragão e Cavaleiro.

Vamos ajudar a patrulhar o território, resolveremos todas as disputas que pudermos e, seja onde for o melhor local para educar os dragões, iremos visitá-los e daremos o nosso apoio tão freqüentemente quanto possível, mesmo que seja no ponto mais distante ao Sul da Espinha.

As suas palavras perturbaram Eragon, mas ele fez o possível para escondê-lo. O que Arya prometera seria impossível se ele e Saphira fizessem o que tinha ficado decidido durante o voo até lá.

Embora tudo o que Arya dissesse ajudasse a confirmar que tinham escolhido o caminho certo, Eragon receava que Arya e Fírnen não o pudessem seguir.

Nessa altura Eragon curvou a cabeça, aceitando a decisão de Arya de se tornar rainha e o seu direito de fazê-lo.

— Eu sei que não fugirá de suas responsabilidades — disse ele.

— Nunca fugiu — continuou. — Não tinha intenção de ser indelicado ao dizer aquilo, era apenas a constatação de um fato, e um fato que era motivo de respeito. — E entendo o motivo por que não nos constataste durante tanto tempo. Provavelmente eu teria feito o mesmo.

Ela voltou a sorrir.

— Obrigada.

Ele apontou para a espada.

— Presumo que Rhunön remodelou Tämerlein para se adaptar melhor a ti.

— Sim e não parou de resmungar o tempo todo. Disse que a espada era perfeita tal como estava, de qualquer forma estou bastante satisfeita com as modificações que fez. Agora a espada equilibra-se perfeitamente na minha mão e parece leve como um chicote.

Enquanto observavam os dragões, Eragon tentou pensar numa forma de revelar os seus planos a Arya. Mas antes que o fizesse, ela disse:

— Você e a Saphira têm passado bem?

— Sim.

— O que mais aconteceu de interessante, desde que me escreveu?

Eragon pensou por instantes e depois fez-lhe um breve relato dos atentados à vida de Nasuada, das insurreições a Norte e a Sul, do nascimento da filha de Roran e Katrina, da ascensão de Roran à nobreza e da lista de tesouros que tinham recuperado do interior da cidadela. Finalmente, falou-lhe do seu regresso a Carvahal e da visita ao derradeiro local de repouso de Brom.

Enquanto falava, Saphira e Fírnen começaram a andar à volta um do outro, sacudindo a ponta das caudas para trás e para diante, mais rapidamente do que nunca. Tinham ambos as mandíbulas entreabertas, com os longos dentes brancos à mostra e respiravam pesadamente pela boca, deixando escapar uns roncamentos lamentosos que Eragon nunca ouvira. Quase parecia que se iam atacar, o que o preocupou, mas não era raiva nem medo que Eragon sentia em Saphira, era...

Quero testá-lo, disse Saphira, batendo com a cauda no chão e fazendo Fírnen parar.

Testá-lo? Como? Para quê?

Para saber se ele tem ferro suficiente nos ossos e fogo suficiente na barriga para acasalar comigo.

Tem certeza? Perguntou ele, percebendo a sua intenção.

Saphira voltou a bater com a cauda no chão, e Eragon sentiu a sua certeza e a força do seu desejo.

Sei tudo acerca dele — tudo menos isso. Além disso, disse ela com um ar divertido, *os dragões não acasalam propriamente para a vida inteira.*

Muito bem... mas tem cuidado.

Mal acabou de falar, Saphira lançou-se a Fírnen, mordendo-o no flanco esquerdo e deixando-o a sangrar. Fírnen arreganhou os dentes e saltou para trás. Depois rosnou com um ar hesitante e recuou diante de Saphira, enquanto esta avançava na direção do dragão.

Saphira! Eragon virou-se para Arya, com um ar mortificado e com a intenção de lhe pedir desculpa.

Arya não parecia incomodada. Dirigindo-se a Fírnen e a Eragon, Arya disse:

Se quer que ela te respeite, tem de lhe morder também.

Arqueou a sobrançelha a Eragon e ele reagiu com um sorriso sardônico, entendendo-a.

Fírnen olhou de relance para Arya e hesitou, saltando para trás quando Saphira o tentou morder de novo. Depois rugiu e ergueu as asas, como se quisesse parecer maior, e atacou Saphira, enterrando-lhe os dentes na pele e mordendo-a numa pata traseira.

A dor que Saphira sentiu não era dor.

Começaram de novo a andar à volta um do outro, rugindo e uivando cada vez mais alto. Depois, Fírnen voltou a atacá-la aterrando sobre o seu pescoço e empurrando-lhe a cabeça para o chão onde a prendeu, dando-lhe duas dentadas brincalhonas na base do crânio.

Saphira não se debateu tão ferozmente como Eragon esperava, pelo que ele calculou que ela se tivesse deixado apanhar por Fírnen, pois nem Thorn o tinha conseguido fazer.

— Os rituais de acasalamento dos dragões não são nada delicados — disse ele a Arya.

— Esperavas palavras e carícias ternas?

— Suponho que não.

Saphira sacudiu o pescoço e afastou Fírlen, recuando apressadamente. Depois rugiu e rasgou o chão com as garras das patas dianteiras. Nessa altura Fírlen ergueu a cabeça para o céu, projetando um jorro ondulante de chamas verdes, com o dobro do comprimento do seu corpo.

— Ah! — exclamou Arya, encantada.

— O que é?

— É a primeira vez que ele exala fogo!

Saphira exalou também um jato explosivo de chamas — Eragon sentiu o calor a mais de quinze metros de distância. Depois agachou-se e lançou-se para o ar, subindo na vertical. Fírlen seguiu-a, instantes depois.

Eragon e Arya ficaram vendo os dois dragões cintilantes erguendo-se nos céus, descrevendo espirais em torno um do outro e projetando jatos de chamas. Era uma imagem assombrosa: um quadro selvático, belo e assustador. Eragon percebeu estar assistindo um ritual ancestral e elementar, um ritual que era parte integrante da natureza sem o qual a terra definharia e morreria.

A sua ligação com Saphira enfraquecia à medida que a distância entre eles aumentava, mas ainda sentia o calor da sua paixão escurecendo a sua visão periférica, apagando todos os pensamentos salvo os que eram induzidos pela necessidade instintiva a que todas as criaturas estavam sujeitas, mesmo os elfos.

Os dragões foram diminuindo de tamanho até não passarem de duas estrelas cintilantes na imensidão do céu. Apesar da distância, Eragon recebia alguns fragmentos de pensamentos e sensações de Saphira e, embora ele tivesse vivido momentos semelhantes com os Eldunarís quando estes tinham partilhado as suas memórias, sentiu as faces e a ponta das orelhas quentes e deu consigo incapaz de encarar Arya.

Ela também parecia afetada pelas emoções dos dragões, embora de uma forma diferente, olhando para Saphira e Fírlen com um ligeiro sorriso e os olhos mais brilhantes do que o habitual

— como se a visão dos dois dragões a enchesse de orgulho e de felicidade.

Eragon deixou escapar um suspiro, agachou-se e começou a desenhar na terra com um caule de erva.

— Foi rápido — disse ele.

— Foi mesmo — anuiu ela.

Ficaram assim durante alguns minutos: ela de pé e ele agachado.

Nada se ouvia em redor a não ser o vento solitário.

Por fim Eragon conseguiu olhar para Arya. Ela estava mais bela do que nunca, mas, além disso, viu nela a amiga, a aliada, a mulher que ajudara a salvá-lo de Durza, que lutara ao seu lado contra inúmeros inimigos, que fora aprisionada com ele em Dras-Leona e que, finalmente, matara Shruikan com a Dauthdaert.

Lembrou-se do que ela lhe contara sobre a sua infância em Elesméra, sobre a relação difícil que mantinha com a mãe e sobre as muitas razões que a tinham levado a abandonar Du Weldenvarden e a prestar serviço como embaixatriz dos elfos.

Pensou também nas mágoas que sofrera, algumas infligidas pela sua mãe, outras derivadas do isolamento que sentira entre os humanos e os Anões e, mais ainda, na altura em que perdera Faolin e suportara as torturas de Durza, em Gil'ead.

Pensou em todas essas coisas e sentiu-se profundamente ligado a ela. Sentiu também tristeza e subitamente desejou registrar o que estava vendo.

Enquanto Arya meditava de olhos postos no céu, Eragon olhou ao redor até ver um pedaço da rocha, semelhante a ardósia saído da terra. Fazendo o menor barulho possível, desenterrou o pedaço de pedra com os dedos e sacudiu o pó até esta ficar limpa.

Demorou alguns momentos a recordar-se dos feitiços que uma vez usara e a modificá-los de forma a poder extrair da terra ao seu redor todas as cores de que necessitava. Depois lançou o feitiço, proferindo as palavras lentamente.

Uma sensação de movimento, como um redemoinho de água lamacenta, surgiu à superfície da placa e, depois, apareceram cores

— vermelho, azul, verde e amarelo — sobre a superfície da ardósia, que começaram a formar linhas e formas, enquanto se misturavam, formando tonalidades mais sutis. Instantes depois, surgiu uma imagem de Arya.

Mal terminou, quebrou o feitiço e estudou o retrato mágico.

Ficou satisfeito com o que viu. A imagem parecia ser uma verdadeira e honesta representação de Arya, ao contrário do retrato que

fizera dela em Elesméra. A que tinha agora nas mãos apresentava uma profundidade que a outra não tinha. Não era uma imagem perfeita em termos de composição, mas Eragon sentia-se orgulhoso por ter conseguido captar tanto do seu caráter.

Conseguira aglutinar naquela imagem tudo o que conhecia de Arya tanto a sombra como a luz.

Saboreou o prazer da sua realização durante mais alguns instantes e, depois, atirou a placa para o lado a fim de parti-la no chão.

— Kausta — disse Arya e a placa descreveu uma curva no ar, pousando nas suas mãos.

Eragon abriu a boca, com a intenção de se explicar ou pedir desculpa, mas pensou melhor e silenciou.

Arya ergueu a imagem e estudou-a atentamente. Eragon observava-a, interrogando-se como ela iria reagir.

Um longo minuto de tensão passou.

Depois Arya baixou a imagem.

Eragon levantou-se e esticou a mão para a placa, mas Arya não fez qualquer gesto no sentido de a devolver. Parecia perturbada e ele sentiu o coração a afundar-se no peito. O retrato incomodara-a.

Arya olhou-o nos olhos e disse na língua antiga:

— Eragon, gostaria de te revelar o meu verdadeiro nome, se estiver interessado em conhecê-lo.

A oferta dela deixou-o estuprado. Depois acenou com a cabeça emocionado, e disse com grande dificuldade:

— Seria uma honra ouvi-lo.

Arya avançou, encostou-lhe os lábios ao ouvido e disse-lhe o seu nome num sussurro quase inaudível. Ao dizê-lo, o nome vibrou no interior da sua mente, acompanhado de uma torrente de entendimento. Eragon já conhecia parte do nome, mas muitas das outras partes surpreenderam-no, e certamente fora difícil para Arya partilhá-las.

Depois Arya recuou e esperou pela sua reação, com uma expressão diligentemente neutra.

O nome dela levantou-lhe inúmeras questões, mas Eragon sabia que não era altura de colocá-las. Em vez disso deveria tranquilizá-la, demonstrando-lhe que não sentia menos consideração por ela por ter sabido

o que soube. E não sentia de fato. No mínimo, o nome aumentara o respeito que sentia por ela, pois demonstrara-lhe a verdadeira dimensão do seu altruísmo e da sua devoção ao dever. Sabia que se reagisse mal ao seu nome — ou mesmo se dissesse as palavras erradas inadvertidamente — destruiria a amizade que existia entre eles.

Olhou Arya de frente e disse-lhe, também na língua antiga:

— O teu nome... o teu nome é um bom nome. Devia ter orgulho de ser quem és. Obrigado por o partilhar comigo. Sinto-me feliz por poder considerar-te minha amiga e prometo que o teu nome ficará sempre em segurança comigo... Ouvirá agora o meu?

Ela acenou afirmativamente.

— Ouvirei e prometo recordá-lo e protegê-lo enquanto for teu.

Uma sensação de relevância apossou-se dele. Sabia que o que estava prestes a fazer era irreversível, algo assustador e emocionante. Avançou e fez o mesmo que Arya, encostando os lábios ao ouvido dela e sussurrando o seu nome tão baixo quanto possível. Todo o seu ser vibrou em reconhecimento das palavras.

Depois recuou subitamente apreensivo. *Como iria ela julgá-lo?*

Bem ou mal? Claro que o iria julgar. Não poderia deixar de o fazer.

Arya suspirou longamente e olhou por instantes para o céu.

Quando se virou de novo para ele, tinha uma expressão mais branda.

— Também tem um bom nome, Eragon — disse ela, num tom grave.
— Contudo, não me parece que seja o nome que tinha quando partiu do Vale de Palancar.

— Não.

— Nem creio que fosse o nome que tinha durante a tua estadia em Elesméra. — Amadureceu muito desde que nos conhecemos.

— Tive de amadurecer.

Arya acenou com a cabeça.

— Ainda é jovem, mas já não é uma criança.

— Não, de fato já não sou.

Eragon sentia-se mais atraído por ela que nunca. A troca de nomes criara um laço entre eles. Só não sabia que tipo de laço era e a sua incerteza deixou-o vulnerável. Ela vira-o com todos os seus defeitos e não recuara,

aceitando-o como era tal como ele a aceitava a ela. Além disso, vira no seu nome a profundidade dos seus sentimentos por ela e isso também não a afastara de si.

Ponderou se deveria dizer algo sobre o assunto, de qualquer modo não podia deixar de fazê-lo. Por isso, ganhou coragem e disse:

— Que futuro nos espera, Arya?

Ela hesitou, mas Eragon percebeu que ela entendera claramente o significado da sua pergunta. Escolhendo cautelosamente as palavras, Arya disse:

— ... Como sabe, em tempos teria dito “nada”, mas... Volto a dizer: você ainda é jovem e os humanos mudam freqüentemente de idéias. Daqui a dez anos ou até mesmo cinco, poderá já não sentir o que agora sente.

— Os meus sentimentos não se modificarão — disse ele com uma absoluta convicção.

Ela sondou-lhe o rosto demoradamente, com uma expressão tensa. Depois Eragon viu algo mudar nos seus olhos e ela disse:

— Se não mudarem... talvez a seu tempo... — Pousou-lhe a mão no queixo. — Não pode exigir mais de mim agora. Não quero cometer um erro contigo, Eragon. É muito importante, tanto para mim, como para o resto de Alagaësia.

Ele tentou sorrir, mas conseguiu apenas fazer uma careta.

— Mas... nós não temos tempo — disse Eragon, com a voz embargada. Sentia-se nauseado.

Arya franziu a testa e baixou a mão.

— O que quer dizer com isso?

Ele olhou para o chão tentando encontrar a forma de lhe dizer.

Finalmente, disse-o da maneira mais simples que lhe foi possível.

Explicou-lhe a dificuldade que Saphira e ele estavam tendo para encontrar um local seguro para os ovos e para os Eldunarís e, depois, falou-lhe do grupo de feiticeiros que Nasuada planeava formar, para vigiar todos os feiticeiros humanos.

Passou alguns minutos falando, dizendo por fim:

— Por isso Saphira e eu decidimos que a única coisa que poderemos fazer é abandonar Alagaësia e criar os dragões noutra local, longe das

peçoas. É o melhor para nós, para os dragões, para os Cavaleiros e todas as raças de Alagaësia.

— Mas os Eldunarís... — interpelou Arya, chocada.

— Os Eldunarís também não podem ficar. Nunca ficariam em segurança, nem mesmo em Elesméra. Desde que fiquem nesta terra, haverá sempre quem os tente roubar ou usar para servir os seus próprios desígnios. Não. Precisamos de um local como Vroengard, um local onde ninguém possa encontrar os dragões para lhes fazer mal e onde as crias e os dragões selvagens não possam fazer mal a ninguém. — Eragon tentou voltar a sorrir, mas desistiu pois era inútil. — Foi por isso que disse que não tínhamos tempo. Saphira e eu tencionamos partir o mais brevemente possível e se você ficar... não sei se nos voltaremos a ver.

Arya olhou de novo para a imagem mágica que segurava na mão, com um ar perturbado.

— Abdicaria da tua coroa para nos acompanhar? — perguntou ele, embora já soubesse a resposta.

Ela levantou os olhos.

— Abdicaria da guarda dos ovos?

Ele abanou a cabeça:

— Não.

Ficaram em silêncio por instantes, ouvindo o vento.

— Como irá encontrar candidatos a Cavaleiros? — perguntou ela.

— Deixaremos alguns ovos — contigo, talvez — e, logo que estes choquem, os dragões e os seus Cavaleiros reunir-se-ão a nós e nós te enviaremos mais ovos.

— Deve haver outra solução que não essa de você Saphira e todos os Eldunarís abandonarem Alagaësia!

— Se houvesse recorreríamos a ela, mas não há.

— E os Eldunarís? E Glaedr e Umaroth? Já falou com eles sobre isto? Eles concordam?

— Ainda não falamos com eles, mas eles vão concordar. Estou certo disso.

— Tem certeza de que é isso que deve fazer, Eragon? Será mesmo a única solução? Deixar para trás tudo e todos os que conhece?

— É necessário e a nossa partida sempre esteve predestinada.

Ângela me avisou quando leu a minha sina em Teirm e eu tive bastante tempo para me habituar à idéia. — Esticou a mão e tocou na face de Arya. — Por isso volto a perguntar: Acompanha-nos?

Uma fina camada de lágrimas surgiu nos seus olhos e ela apertou o retrato mágico contra o peito.

— Não posso.

Ele acenou com a cabeça e afastou a mão.

— Nesse caso... seguiremos caminhos separados. — As lágrimas afloraram-lhe e ele lutou para manter a compostura.

— Mas agora não — sussurrou ela. — Ainda podemos passar algum tempo juntos. Vocês não vão partir de imediato.

— Imediatamente, não.

Ficaram lado a lado a olhar para o céu, à espera que Saphira e Fírlen voltassem. Passado algum tempo, Arya tocou-lhe na mão e Eragon agarrou-a e, ainda que fosse apenas um pequeno consolo, ajudou-o a entorpecer a dor no seu coração.

Um Homem com Consciência

Uma luz morna irradiava através das janelas do lado direito do corredor, iluminando partes da parede oposta, decorada com estandartes, pinturas, escudos, espadas e cabeças de vários veados, penduradas entre as portas escuras, entalhadas, que pontuavam a parede, em intervalos regulares.

Ao encaminhar-se para o escritório de Nasuada, olhou para a cidade através das janelas. Conseguia ouvir os bardos no pátio, junto das mesas do banquete organizado em honra de Arya. As celebrações decorriam desde que ela e Fínnen tinham regressado a Ilírea com Eragon e Saphira no dia anterior, mas agora começavam a esmorecer, e por isso ele finalmente tinha conseguido marcar uma reunião com Nasuada.

Acenou com a cabeça aos guardas que estavam do lado de fora do escritório e depois entrou na sala.

Lá dentro viu Nasuada recostada numa cadeira almofadada, ouvindo um músico tocar lira e a cantar uma canção de amor bonita, ainda que melancólica. Perto da cadeira estava Elva, a criança-feiticeira, absorta num bordado numa cadeira próxima, a criada de Nasuada, Farica e, enroscado no colo de Farica, Olhos Amarelos, o menino-gato na sua forma animal. Parecia dormir profundamente, mas Eragon sabia por experiência, que era bem capaz de estar desperto.

Eragon esperou à porta até que o músico terminasse.

— Obrigada, pode retirar-se — disse Nasuada ao músico. — Ah, Eragon, bem-vindo.

Ele fez-lhe uma ligeira vênia. Depois, dirigindo-se à garota, disse:

— Elva.

Ela olhou-o por baixo da testa:

— Eragon. — A cauda do menino-gato tremeu.

— O que quer discutir? — perguntou Nasuada, bebendo de um cálice e depois o colocando sobre a mesa de apoio.

— Talvez seja melhor falarmos em particular — respondeu Eragon, acenando com a cabeça em direção às portas de vidro por trás dela, que davam acesso a uma varanda com vista para um pátio quadrangular com um jardim e uma fonte.

Nasuada ponderou por instantes. Depois se levantou e encaminhou-se para a varanda, com a cauda do vestido púrpura arrastando pelo chão.

Eragon seguiu-a e ficaram lado a lado, olhando para os repuxos frios e acinzentados de água na fonte, mergulhados na sombra projetada pela parte lateral do edifício.

— Que bela tarde — disse Nasuada respirando fundo. Parecia mais tranqüila do que da última vez que ele a vira, apenas algumas horas antes.

— A música parece ter te deixado bem-disposta — comentou ele.

— Não foi a música, foi Elva.

Eragon inclinou a cabeça.

— Como assim?

Um estranho meio sorriso adornou o rosto de Nasuada.

— Depois do meu aprisionamento em Urû'baen — depois de tudo o que passei... e perdi — depois dos atentados à minha vida, o mundo perdeu toda a cor para mim. Não conseguia sentir e nada do que fizesse me arrancava da tristeza.

— Eu também achava que não — disse ele —, mas não sabia o que fazer nem o que dizer para ajudar.

— Nada. Nada do que pudesse ter dito ou feito teria ajudado.

Poderia ter ficado assim durante anos senão fosse Elva. Ela disse-me... ela disse-me o que eu precisava ouvir, creio eu. Fê-lo para cumprir uma promessa que me fez, há muito tempo, no castelo de Aberon. — Eragon franziu a testa e olhou de novo para a sala onde Elva estava sentada bordando. Apesar de tudo o que tinham passado juntos, ainda não se sentia capaz de confiar na garota e receava que ela estivesse manipulando Nasuada para satisfazer os seus propósitos egoístas.

Nasuada tocou-lhe no braço com a mão.

— Não tem que se preocupar comigo, Eragon. Conheço-a muito bem para que ela consiga apanhar-me de surpresa, mesmo que o tentasse. Se Galbatorix não conseguiu dobrar-me, acha que ela o faria?

Eragon voltou a olhá-la com uma expressão sombria:

— Acho.

Nasuada voltou a sorrir.

— Agradeço a tua preocupação, mas neste caso é infundada.

Deixa-me saborear a minha boa disposição; me fale mais tarde de suas suspeitas.

— Está bem. — Depois acrescentou num tom mais brando. —

Ainda bem que se sente melhor.

— Obrigada. Eu também estou feliz por isso... Saphira e Fírlen ainda andam a brincar por aí, como há algumas horas atrás? Já não os ouço.

— Andam, mas agora estão por cima da saliência. — As suas faces ficaram um pouco afogueadas ao tocar na mente de Saphira.

— Ah, bom. — Nasuada pousou as mãos uma em cima da outra, sobre a balaustrada cujo pé-direito tinha íris floridas esculpidas. —

Bom, mas porque quis se reunir comigo? Já tomou uma decisão em relação à minha proposta?

— Sim.

— Excelente. Então podemos avançar de imediato com os nossos planos. Eu já...

— Decidi não aceitar.

— O quê? — Nasuada olhou-o incrédula. — Por quê? A quem confiaria essa posição?

— Não sei — respondeu ele, brandamente. — Isso é algo que você e Orrin terão de descobrir sozinhos.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Nem sequer vai ajudar a escolher a pessoa certa? E espera que eu acredite que só seguiria as minhas ordens?

— Não está entendendo — disse Eragon. — Eu não quero comandar os feiticeiros, mas também não me reunirei a eles.

Nasuada olhou-o por instantes, aproximando-se depois das portas de vidro da varanda, fechando-as, para que Elva, Farica e o menino-gato não ouvissem a conversa. Depois virou-se de novo para ele e disse:

— Eragon! Onde está com a cabeça? Sabe que tem que se reunir a eles. Todos os feiticeiros que me servem têm de fazê-lo. Não pode haver exceções! Não posso permitir que pensem que estou favorecendo alguém. Semearia a discórdia entre as hostes de feiticeiros e é exatamente isso que eu não quero que aconteça.

Enquanto for súbdito do meu reino, terá de se submeter às suas leis, de contrário a minha autoridade não terá qualquer significado.

Não devia ter que te dizer isto, Eragon.

— E não tem. Eu estou perfeitamente consciente disso, motivo pelo qual eu e Saphira decidimos abandonar Alagaësia.

Nasuada colocou a mão na balaustrada, como se precisasse de se apoiar. Durante algum tempo o único ruído que se ouvia era a água a respingar em baixo.

— Não entendo.

Eragon explicou mais uma vez as razões por que os dragões e, conseqüentemente, ele e Saphira não podiam ficar em Alagaësia, tal como o fizera com Arya, e quando terminou disse:

— Assumir o comando dos feiticeiros nunca iria dar certo para mim. Saphira e eu temos de criar os dragões e treinar os Cavaleiros, e isso tem de estar à frente de todo resto. Mesmo que eu tivesse tempo, não poderia comandar os Cavaleiros e cumprir as tuas ordens — as outras raças jamais concordariam.

Apesar de Arya ter decidido tornar-se rainha, os Cavaleiros terão de se manter tão imparciais quanto possível. Se começarmos a favorecer pessoas, acabaremos por destruir Alagaësia. A única forma de eu aceitar ponderar em assumir o cargo seria se os feiticeiros incluíssem magos de todas as raças — mesmo dos Urgals —, mas é pouco provável que isso aconteça. Além de que não resolveria a questão do que fazer com os ovos e os Eldunarís.

Nasuada franziu a testa.

— Não espera que eu acredite que não consegue proteger os dragões aqui em Alagaësia, com todo o poder que tem.

— Talvez conseguisse, mas não posso recorrer apenas à magia para proteger os dragões. Precisamos de barreiras físicas, de muralhas, fossos e penhascos muito altos para serem escalados por homens, elfos, Anões ou Urgals. Precisamos acima de tudo, da segurança que apenas a distância nos pode proporcionar. Terá de ser tão difícil alcançar-nos que os desafios da viagem demovam mesmo os inimigos mais determinados. Mas ignora isso. Partindo do princípio de que eu poderia proteger os dragões, manter-se-ia o problema de os impedir de atacar o gado, fosse ele nosso, dos Anões ou dos Urgals. Gostaria de ter de explicar a Orík por que razão os seus rebanhos de Feldûnost estariam desaparecendo, ou de ter de atender constantemente

agricultores furiosos que perdessem os seus animais?... Não, partir é a única solução.

Eragon olhou para a fonte.

— Mesmo que houvesse um local para os ovos e para os Eldunarís em Alagaësia, não estaria certo que eu ficasse.

— Por quê?

Ele abanou a cabeça.

— Você conhece a resposta tão bem como eu. Tornei-me muito poderoso. Enquanto aqui estiver, a tua autoridade — tal como a de Arya, Orik e Orrin — será sempre questionada. Quase todas as pessoas em Surda, Teirm e no teu próprio reino me seguiria, se eu lhes pedisse. E, com o apoio dos Eldunarís, não há ninguém que me possa defrontar, nem mesmo Murtagh ou Arya.

— Você nunca se viraria contra nós. Você não é assim.

— Não? Acha mesmo que nunca interferirei com o funcionamento do território ao longo de toda a minha vida — que poderá ser bastante longa?

— Se o fizer, tenho a certeza de que será por um bom motivo e que me sentirei grata pela a tua ajuda.

— Será? Sem dúvida que eu acreditaria que os meus motivos eram justos, mas essa é a armadilha, não é? Acreditar que sei mais do que os outros e que, pelo fato de ter todo este poder à minha disposição, tenho obrigação de agir. — Lembrando-se do que ela lhe dissera antes, repetiu-lhe as suas próprias palavras: — Para bem da maioria. E se eu estivesse errado, quem poderia deter-me?

Poderia acabar como Galbatorix, apesar das minhas boas intenções. Nas presentes circunstâncias, o meu poder compele as pessoas a concordarem comigo. Percebi isso através dos meus contatos por todo Império... Se estivesse na minha posição, conseguiria resistir à tentação de interferir apenas um pouco para melhorares as coisas? A minha presença aqui desequilibra as coisas, Nasuada. Se quiser evitar tornar-me naquilo que odeio, tenho de partir.

Nasuada levantou o queixo.

— Eu podia ordenar que ficasse.

— Espero que não o faça. Preferiria partir com amizade e não com raiva no coração.

— Então só responde pelos teus próprios atos?

— Responderei por Saphira e pela minha consciência, como sempre fiz.

Nasuada revirou o canto dos lábios.

— Não há nada mais perigoso no mundo que um homem com consciência.

Mais uma vez, o ruído da fonte preencheu o hiato na sua conversa.

Depois Nasuada disse:

— Acredita nos deuses, Eragon?

— Que deuses? Há tantos.

— Qualquer um deles. Todos eles. Acredita num poder superior a você?

— Maior de que Saphira? — E sorriu apologeticamente ao ver Nasuada franzir a testa. — Desculpa. — Pensou seriamente durante um minuto e depois disse: — Talvez existam, não sei. Eu vi... Não sei bem o que vi, mas acho que vi Gûntera, o deus dos Anões, em Tronjheim, quando Orik foi coroado. Mas, se os deuses existem, não os tenho em grande conta, por terem permitido que Galbatorix ocupasse o trono durante tanto tempo.

— Talvez você fosse o instrumento dos deuses para o tirar de lá.

Alguma vez pensou nisso?

— Eu? — Deu uma gargalhada. — Creio que é possível, mas seja como for, não estão muito preocupados com a nossa sorte.

— Claro que não. Porque haveriam de estar? Eles são deuses...

Mas adora algum? — A questão parecia particularmente importante para Nasuada.

Eragon voltou a ponderar. Depois encolheu os ombros.

— Há tantos. Como poderia eu saber qual escolher?

— Porque não Unulujuna, o criador de todos eles, que oferece a vida eterna?

Eragon deixou de rir.

— Desde que não fique doente e ninguém me mate, posso viver mil anos ou mais, e se viver tanto tempo, não me imagino querendo prosseguir

depois da morte. O que mais me poderá oferecer um deus? Com os Eldunarís tenho poder para fazer quase tudo.

— Os deuses também nos dão hipótese de voltar a ver aqueles que amamos. Não gostaria disso?

Eragon hesitou.

— Sim. Mas não quero durar uma eternidade. Isso parece ainda mais assustador do que um dia mergulhar no vazio, segundo a crença dos elfos.

Nasuada parecia perturbada.

— Então não responde perante ninguém, a não ser perante Saphira e perante a você mesmo.

— Nasuada, eu sou má pessoa?

Ela abanou a cabeça.

— Então acredita que eu farei aquilo que acho que está certo.

Respondo perante Saphira e os Eldunarís, e perante todos os Cavaleiros que estão para aparecer, e também perante a você, Arya, Orik e todos os outros em Alagaësia. Não preciso que nenhum amo me castigue para me comportar como devo. Se precisasse não passaria de uma criança que obedece às regras do pai apenas por recear o chicote, e não por ser realmente bem-intencionado.

Ela olhou-o durante alguns segundos.

— Muito bem, então. Vou confiar em ti.

O respingar da água voltou a sobrepor-se a tudo o resto. Lá em cima, a luz descendente do sol destacava rachas e falhas no teto da saliência de pedra.

— E se precisarmos da tua ajuda? — perguntou ela.

— Nesse caso, ajudarei. Não te abandonarei, Nasuada. Ligarei um dos espelhos do teu escritório a um espelho meu, para que possa sempre contatar-me e farei o mesmo em relação a Roran e Katrina. Se surgirem problemas, arranjaré uma maneira de mandar ajuda. Poderei não conseguir vir, mas ajudarei.

Nasuada acenou com a cabeça:

— Eu sei que ajudará. — Depois suspirou com a infelicidade estampada no rosto.

— O que é? — perguntou ele?

— Estava tudo correndo tão bem. Galbatorix está morto e os últimos combates já terminaram. Íamos finalmente resolver o problema dos feiticeiros. Você e Saphira iam comandá-los e aos Cavaleiros. E agora... Não sei o que vamos fazer.

— Tudo se resolverá. Você vai descobrir uma solução.

— Seria mais fácil contigo aqui... Aceita ao menos ensinar o nome da língua antiga a quem quer que escolhamos para comandar os feiticeiros?

Eragon não teve de pensar no assunto, uma vez que já ponderara nessa possibilidade, mas fez uma pausa, tentando escolher as palavras certas.

— Poderia fazê-lo, mas acho que com o tempo iríamos arrepender-nos.

— Então não o vais fazer.

Ele abanou a cabeça.

Uma expressão de frustração perpassou o seu rosto.

— E porque não? Quais são os teus motivos, agora?

— O nome é muito perigoso para se passar de boca em boca de ânimo leve, Nasuada. Se um feiticeiro ambicioso, mas pouco escrupuloso, lhe colocar as mãos, ele ou ela poderão causar uma destruição tremenda. Poderiam até destruir a língua antiga.

Nem mesmo Galbatorix era louco ao ponto de fazê-lo, mas um feiticeiro inexperiente e sedento de poder? Quem sabe o que poderia acontecer. Neste momento, Arya, Murtagh e os dragões são os únicos que conhecem o nome, além de mim. É melhor deixar as coisas assim.

— Quando for embora vamos ficar dependentes de Arya, caso precisemos dela.

— Você sabe que ela ajudará sempre. Eu me preocuparia com Murtagh.

Nasuada pareceu fechar-se em si mesma.

— Não precisa. Ele não é uma ameaça para nós. Agora já não.

— Se é como fala, o teu objetivo é manter os feiticeiros sob controle, o nome da língua antiga é uma informação que é preferível sonegar.

— Se é mesmo assim... compreendo.

— Obrigado. Há mais uma coisa que deveria saber.

Nasuada ficou com uma expressão circunspecta.

— Ah sim?

Ele revelou-lhe a idéia que lhe ocorrera recentemente acerca dos Urgals. Quando terminou, Nasuada manteve-se em silêncio durante algum tempo. Depois disse:

— Assume demasiada responsabilidade.

— Tem de ser, pois mais ninguém o pode fazer... Está de acordo? Parece-me a única forma de assegurar a paz em longo prazo.

— Tem certeza que é sensato?

— Não inteiramente, mas acho que temos de tentar.

— Os Anões também? Achas que é mesmo necessário?

— Sim, faz todo o sentido. É perfeitamente justo. Além disso, ajudará a manter o equilíbrio entre as raças.

— E se eles não concordarem?

— Tenho a certeza que vão concordar.

— Então faz o que achar melhor. Não precisa da minha aprovação — deixou isso bem claro —, mas concordo que é necessário, caso contrário daqui a vinte ou trinta anos poderemos ter de enfrentar muitos dos problemas com que os nossos antepassados se depararam quando chegaram a Alagaësia.

Eragon curvou ligeiramente a cabeça.

— Vou tratar de tudo.

— Quando pensa em partir?

— Quando Arya partir.

— Tão cedo?

— Não há motivo para esperar mais.

Nasuada encostou-se à balaustrada de olhos fixos na fonte, lá em baixo.

— Volta para nos visitar?

— Vou tentar, mas... não me parece. Quando Ângela me leu a sina disse que nunca mais voltaria.

— Ah. — Nasuada tinha a voz áspera, como se estivesse rouca.

Depois virou-se e olhou-o nos olhos. — Vou sentir a tua falta.

— Eu também vou sentir a tua falta.

Nasuada comprimiu os lábios como se tentasse não chorar.

Depois avançou e abraçou-o. Ele abraçou-a também e ficaram assim durante uns momentos.

Finalmente separaram-se e ele disse:

— Nasuada, se alguma vez se cansar de ser rainha, ou quiser um lugar para viver em paz, reúne-se a nós. Serás sempre bem-vinda ao nosso palácio. Não posso tornar você imortal, mas posso prolongar sua vida muito além do que a maior parte dos humanos vive e iria vivê-la com boa saúde.

— Obrigada. Agradeço a tua oferta e não a esquecerei. —

Contudo, Eragon teve a sensação que ela jamais se decidiria a abandonar Alagaësia, por muita idade que tivesse, pois a sua noção de dever era muito forte. Depois perguntou:

— Nos dá a tua bênção?

— Claro. — Ela abanou-lhe a cabeça entre as mãos, beijou-o na testa e disse: — A minha bênção para você e para Saphira. Que a paz e a sorte estejam convosco, para onde quer que vão.

— Igualmente — disse ele.

Nasuada manteve as mãos sobre ele durante mais alguns instantes e depois largou-o. Eragon abriu a porta de vidro e saiu do escritório, deixando-a sozinha na varanda.

Prêmio de Sangue

Eragon desceu um lance de escadas em direção à entrada do edifício, e deparou-se com Ângela, a Herbolária, sentada de pernas cruzadas no nicho escuro de uma porta. Estava a tricotar o que parecia ser um chapéu azul e branco. A parte de baixo do chapéu tinha estranhas runas cujo significado ele não entendia.

Junto dela estava Solembum, com a cabeça apoiada no seu colo e uma das pesadas patas pousada sobre o joelho direito.

Eragon parou surpreso. A última vez que os vira — levou algum tempo a lembrar-se — tinha sido pouco depois da batalha de Urû'baen. Depois disso, pareciam ter desaparecido.

— Viva! — disse Ângela, sem levantar os olhos.

— Viva! — respondeu Eragon. — O que está fazendo por aqui?

— Tricotando um chapéu.

— Isso já percebi, mas por que aqui?

— Porque queria te ver. — As agulhas produziam estalidos regulares e rápidos e o movimento era tão hipnótico como as chamas de uma fogueira. — Ouvi dizer que você, a Saphira, os ovos e os Eldunarís vão abandonar Alagaësia.

— Tal como previu — retorquiu Eragon, frustrado por ela ter conseguido descobrir o que deveria ser um segredo bem guardado.

Não era possível que tivesse ouvido a conversa entre ele e Nasuada — as suas proteções tê-la-iam impedido — e, que ele soubesse ninguém lhe falara sobre a existência dos ovos nem dos Eldunarís.

— Sim, mas não esperava te ver partir.

— Como descobriu? Foi Arya que te contou?

— Arya? Ah! Seria difícil. Não, tenho os meus próprios métodos para reunir informação. — Fez uma pausa no tricô e olhou-o, com uns olhos cintilantes. — Não que os vá partilhar contigo. Afinal de contas, tenho de ter alguns segredos.

— Que droga.

— Droga para você também. Se vai continuar assim, vou ficar sem saber por que me dei ao trabalho de vir.

— Desculpa, mas estou me sentindo um pouco... intranquilo. — Momentos depois, disse: — Porque queria ver-me?

— Queria despedir-me de você e desejar-te boa sorte na viagem.

— Obrigado.

— Hum. Seja onde for que se instale, tenta não pensar em muito e apanhe um pouco de sol.

— Vou fazer isso. E você e o Solembum? Vão ficar aqui algum tempo a vigiar Elva? Disse que o faria.

A Herbolária roncou de uma forma muito pouco digna de uma senhora.

— Ficar? Como posso eu ficar, quando Nasuada parece estar decidida a espionar todos os feiticeiros do reino?

— Também soube disso?

Ela fitou-o.

— E desaprovo. Desaprovo totalmente. Não vou permitir que me tratem como uma criança que fez uma diabrura. Não, está na altura do Solembum e eu nos mudarmos para regiões mais aprazíveis: talvez para as Montanhas Beor ou para Du Weldenvarden.

Eragon hesitou, mas depois disse:

— Gostaria de vir comigo e com a Saphira?

Solembum abriu um olho e estudou-o, antes de o voltar a fechar.

— É muito amável da tua parte — respondeu Ângela —, mas acho que não vamos aceitar. Pelo menos por enquanto. Passar o tempo a guardar os Eldunarís e a treinar os novos Cavaleiros, parece-me aborrecido... se bem que criar uma ninhada de dragões seja certamente excitante. Mas não. Por agora eu e o Solembum vamos ficar em Alagaësia. Além disso, quero ficar de olho em Elva durante os próximos anos, mesmo que não a possa vigiar pessoalmente.

— Já não chega de acontecimentos interessantes para você?

— Nunca. São o sal da vida. — E ergueu o chapéu meio acabado.

— Gosta?

— É bonito. O azul é bonito, mas o que dizem as runas?

— Raxacori... esquece. Não teria qualquer significado para você.

Desejo boa viagem a ambos, Eragon. Cuidado com as bichas-cadelas e os hamsters. Os hamsters selvagens são criaturas ferozes.

Eragon não pôde deixar de sorrir.

— Também te desejo boa viagem. E a você também, Solembum.

O menino-gato voltou a abrir um olho.

Boa viagem, Assassino de Reis.

Eragon saiu do edifício e encaminhou-se para a cidade até chegar à casa onde Jeod e a sua mulher Helen viviam agora. Era um palácio imponente, com muros altos, um grande jardim e criados reverentes à entrada. Helen saíra-se incrivelmente bem.

Começando por aprovisionar os Varden — e agora o reino de Nasuada — com bens de primeira necessidade, conseguira montar uma empresa maior do que a que Jeod tinha outrora em Teirm.

Eragon encontrou Jeod lavando-se para a refeição da noite.

Depois de recusar um convite para jantar com eles, Eragon passou alguns minutos a explicar a Jeod o mesmo que explicara a Nasuada. A princípio, Jeod ficou surpreso e um pouco incomodado, mas acabou por concordar que Eragon e Saphira teriam de partir com os outros dragões. Eragon convidou também Jeod a acompanhá-lo, tal como convidara Nasuada e a Herbolária.

— Isso é uma grande tentação — disse Jeod —, mas o meu lugar é aqui. Tenho o meu trabalho e Helen está feliz pela primeira vez desde há muito tempo. Agora Ilirea é o nosso lar, nenhum de nós tenciona pegar na trouxa e mudar-se para outro lado.

Eragon acenou com a cabeça, entendendo.

— Mas você... você vai viajar para onde poucos viajaram, a não ser dragões e Cavaleiros. Diz-me uma coisa: sabe o que há para Leste?

Há outro mar?

— Se viajar bem longe.

— E antes disso?

Eragon encolheu os ombros.

— Sobretudo campos desertos, pelo menos, segundo dizem os Eldunarís. E eu não tenho motivos para acreditar que isso tenha mudado no último século.

Jeod aproximou-se dele e baixou o tom de voz:

— Uma vez que está de partida... vou contar-lhe uma coisa.

Lembras-se quando eu te falei de Arcaena, a ordem dedicada à preservação do conhecimento, por toda Alagaësia?

Eragon acenou afirmativamente.

— Disse que o Monge Hesland pertencia a essa ordem.

— Tal como eu. — Ao ver o olhar surpreendido de Eragon, Jeod fez um gesto de embaraço e passou a mão pelo cabelo. — Juntei-me a eles há muito tempo atrás, quando era jovem e procurava servir uma causa. Ao longo dos anos forneci-lhes informações e manuscritos e, em compensação, eles ajudaram-me. De qualquer forma, acho que devia saber. Brom foi a outra pessoa a quem contei.

— Nem mesmo a Helen?

— Nem mesmo a ela... mas adiante. Quando terminar o meu relato sobre você e Saphira e a ascensão dos Varden, vou mandá-lo para o nosso mosteiro na Espinha e este será incluído numa série de novos capítulos do Domia abr Wyrda. A tua história não será esquecida, Eragon. Pelo menos isso, posso te prometer.

Eragon achou aquela revelação estranhamente perturbadora.

— Obrigado — agradeceu ele, apertando o antebraço de Jeod.

— Igualmente, Eragon, Matador de Espectros.

A seguir, Eragon regressou ao palácio onde ele e Saphira viviam com Roran e Katrina, que o esperavam para cearem juntos.

O tema da conversa da ceia foi Arya e Fírnén. Eragon não revelou que planejava partir até terminarem a refeição e se retirarem os três, com a bebê, para uma sala com vista para o pátio, onde Saphira dormitava com Fírnén. Aí ficaram sentados a beber vinho e chá e a contemplar o sol, à medida que este descia em direção ao horizonte distante.

Decorrido o tempo necessário, Eragon abordou o assunto.

Como seria de esperar, Katrina e Roran ficaram consternados e tentaram dissuadi-lo. Eragon passou mais de uma hora a expor-lhes as suas razões, atendendo a que eles contestavam todos os seus argumentos,

recusando-se a ceder até Eragon responder rigorosa e detalhadamente às suas objeções.

Finalmente, Roran disse:

— Ao Diabo Eragon, você é da família, não pode partir!

— Tenho de partir. Você sabe isso tão bem como eu. Só não quer admiti-lo.

Roran bateu com o punho na mesa diante deles e encaminhou-se para a janela aberta, com os músculos dos maxilares contraídos.

A bebê chorou e Katrina disse:

— Shhh, pronto — batendo-lhe suavemente nas costas.

Eragon reuniu-se a Roran.

— Eu sei que não é o que você quer. Eu também não quero, mas não tenho alternativa.

— Claro que tem alternativa. Você mais do que ninguém tem alternativa.

— Sim, mas esta é a atitude certa.

Roran bufou e cruzou os braços.

Atrás deles, Katrina disse:

— Se partir não conseguirá ser um tio para Ismira. Será que ela vai crescer sem nunca te conhecer?

— Não — respondeu Eragon, voltando para junto dela. — Poderei falar com ela mesma e tomarei providências para que ela fique bem protegida. Talvez possa até mandar-lhe presentes, de vez em quando. — Ajoelhou-se, ergueu o dedo e a bebê agarrou-o, puxando-lho com uma força precoce.

— Mas não estará aqui...

— Não... não estarei aqui. — Eragon libertou delicadamente o dedo da mão de Ismira e voltou para junto de Roran. — Como eu disse, podiam acompanhar-me.

Os músculos no maxilar de Roran mexeram-se.

— E desistir do Vale de Palancar? — Abanou a cabeça. — Horst e os outros estão já preparando para regressar. Reconstruiremos Carvahal. Será a mais bela vila em toda a Espinha. Podia ajudar e tudo seria como antes.

— Quem me dera.

Lá em baixo, Saphira deixou escapar um gorgolejo gutural, tocando de leve no pescoço de Fírnem com o focinho. O dragão verde aconchegou-se mais a ela.

Roran disse num tom grave:

— Não há outra solução, Eragon?

— Que me ocorra ou a Saphira, não.

— Droga... isto não está certo. Você não devia ter de viver sozinho para um ermo.

— Não estarei sozinho. Blödhgarm e alguns dos outros elfos irão conosco.

Roran fez um gesto impaciente.

— Você sabe o que eu quero dizer. — Mordeu o canto do bigode e apoiou as mãos contra o rebordo de pedra, por baixo da janela.

Eragon conseguia ver os tendões dos seus antebraços grossos a contraírem-se e a distenderem-se. Depois Roran olhou-o e disse:

— O que vai fazer quando chegar ao lugar para onde vai?

— Procurarei uma colina sobre um penhasco e construirei um palácio sobre ela: uma palácio suficientemente grande para alojar todos os dragões e mantê-los em segurança. E você o que vais fazer depois de reconstruir a aldeia?

Um ligeiro sorriso surgiu no rosto de Roran.

— Algo semelhante. Com os tributos do vale, tenciono construir um castelo sobre aquela colina de que sempre falamos. Não um castelo enorme, apenas uma edificação de pedra com uma muralha. O suficiente para nos proteger de quaisquer Urgals que decidam atacar-nos. É provável que demore alguns anos, mas depois teremos os meios de defesa adequados para nos protegermos, coisa que não tínhamos quando os Ra'zac apareceram com os soldados. — Olhou de soslaio para Eragon. — Também teríamos espaço para um dragão.

— Teriam espaço para dois dragões? — interpelou Eragon, apontando para Saphira e Fírnem.

— Talvez não... Como Saphira encara a idéia de se separar dele?

— Não lhe agrada, mas sabe que é necessário.

— Mmm.

A luz âmbar do poente acentuava as linhas do rosto de Roran e Eragon reparou com alguma surpresa, que o primo começava a ter vincos e rugas na testa e em torno dos olhos. Esses sinais de envelhecimento progressivo o levavam a pensar. *A vida passa tão depressa.*

Katrina deitou Ismira no berço e reuniu-se a eles na janela, pousando a mão sobre o ombro de Roran.

— Vamos sentir a tua falta, Eragon.

— E eu a de vocês — disse ele, tocando-lhe na mão. — Mas não temos de nos despedir já. Gostaria que viessem os três conosco a Elesméra. Acho que iriam gostar de conhecer a cidade e, assim, poderíamos passar mais alguns dias juntos.

Roran virou a cabeça para Eragon.

— Não podemos viajar até Du Wldenvarden com Ismira. Ela é muito pequena. Regressar ao Vale de Palancar, por si só, já vai ser difícil. Pelo que um desvio até Elesméra, está fora de questão.

— Nem mesmo no dorso de um dragão? — Eragon soltou uma gargalhada ao ver a expressão surpreendida de ambos. — Arya e Fírnen concordaram em levar-vos até Elesméra enquanto eu e Saphira vamos buscar os ovos de dragão no local onde estão escondidos.

— Quanto tempo levará o vôo até Elesméra? — perguntou Roran, de testa franzida.

— Cerca de uma semana. Arya tenciona passar por Tronjheim para visitar o rei Orik, mas entretanto vocês ficariam quentes e seguros. Ismira não correria qualquer perigo.

Katrina olhou para Roran. Ele olhou-a e ela disse:

— Seria agradável ver Eragon partir. Além disso, sempre ouvi dizer que as cidades dos elfos são lindas...

— Tem certeza que consegue? — perguntou Roran.

Ela acenou com a cabeça.

— Desde que vá conosco, sim.

Roran silenciou por instantes e depois disse:

— Bom, suponho que Horst e os outros podem ir à frente sem nós. — Sorriu por baixo da barba e riu baixinho.

— Nunca pensei ver as Montanhas Beor ou ir a uma das cidade dos elfos. Porque não? O melhor é fazê-lo enquanto ainda podemos.

— Ótimo. Então está combinado — disse Katrina com um largo sorriso. — Vamos a Du Weldenvarden.

— Como regressamos? — perguntou Roran.

— Com Fírlen — disse Eragon. — Estou certo que Arya também poderá ceder guardas para escoltá-los até ao Vale de Palancar, se preferirem viajar a cavalo.

Roran fez uma careta.

— Não, a cavalo não. Tão cedo não volto a andar a cavalo.

— Ah não? Nesse caso presumo que já não queira Snowfire — disse Eragon, arqueando a sobrelha, ao dizer o nome do garanhão que oferecera a Roran.

— Você sabe o que eu quero dizer. Gosto de ter Snowfire, mesmo não precisando dele há algum tempo.

— Hum, hum.

Ficaram à janela durante mais uma hora — o céu tingia-se de púrpura, depois de negro e as estrelas despontavam — fazendo planos para a viagem que se avizinhava e a discutir as coisas que Saphira e Eragon precisariam levar quando partissem de Du Weldenvarden para outras terras. Atrás deles, Ismira dormia tranquilamente no berço, com os pequenos punhos cerrados debaixo do queixo.

Assim que amanheceu, Eragon utilizou o espelho de prata polida do seu quarto para contatar Orik, em Tronjheim. Teve de esperar alguns minutos, mas o rosto de Orik acabou por aparecer. O anão estava a pentear a barba por entrançar com um pente de marfim.

— Eragon! — exclamou Orik visivelmente feliz. — Como está? Há muito tempo que não falamos.

Eragon concordou, sentindo-se ligeiramente culpado. Depois revelou a Orik que decidira partir e por que. Orik parou de pentear a barba e escutou-o atentamente, sempre com uma expressão grave.

Quando Eragon terminou, Orik disse:

— Ficarei triste por te ver partir, mas concordo, é isso que deve fazer. Eu também pensei no assunto — estava preocupado com o local onde os dragões deveriam viver —, mas guardei as minhas preocupações para

mim, pois os dragões têm tanto direito como nós a esta terra, mesmo que não nos agrade que eles comam as nossas Feldûnost e queimem as nossas aldeias. Contudo, criá-los num outro local será o melhor para todos.

— Ainda bem que aprova — disse Eragon. Depois falou-lhe da sua idéia em relação aos Urgals, que também envolvia os Anões.

Desta vez, Orik levantou imensas questões e Eragon percebeu que a proposta lhe levantava dúvidas.

Depois de um longo silêncio durante o qual Orik ficou a olhar para a barba, o anão disse:

— Se tivesse exigido isto a qualquer um dos grimstnzborithn antes de mim, eles teriam recusado e se você tivesse exigido a mim antes de invadirmos o Império, eu também teria recusado. Mas agora, depois de termos lutado ao lado dos Urgals e depois de termos constatado por nós mesmos quão indefesos estávamos perante Murtagh, Thorn, Galbatorix e aquele monstro do Shruikan... já não sinto o mesmo. — Fitou Eragon por entre as fartas sobranceiras. — É possível que me custe a coroa, mas para bem de todos os knurlan, aceito — será o melhor para eles, quer se apercebam disso ou não.

Eragon sentiu-se mais uma vez orgulhoso por ter Orik como irmão adotivo.

— Obrigado — agradeceu ele.

Orik bufou.

— O meu povo nunca desejou isto, mas eu sinto-me grato.

Quando saberemos?

— Dentro de alguns dias. Uma semana, no máximo.

— Sentiremos alguma coisa?

— Talvez. Vou perguntar a Arya. De qualquer forma, voltarei a contatar-te, logo que esteja consumado.

— Ótimo. Então falamos mais tarde. Boa viagem e saúde, Eragon.

— Que Helzvog zele por ti!

No dia seguinte partiram de Ilirea.

A partida foi discreta, sem festejos, e Eragon sentiu-se grato por isso. Nasuada, Jörmundur, Jeod e Elva encontraram-se com eles no exterior do portão sul da cidade. Saphira e Fírnen estavam lado a lado, roçando o

focinho um no outro, enquanto Eragon e Arya inspecionavam as celas. Roran e Katrina chegaram minutos mais tarde: Katrina com Ismira enfaixada num cobertor e Roran com dois fardos de cobertores, comida e outras provisões, aos ombros.

Roran entregou os fardos a Arya e ela prendeu-os sobre os alforjes de Fírnem.

Depois Eragon e Saphira despediram-se pela última vez, o que foi mais difícil para Eragon do que para Saphira. Porém, os seus olhos não eram os únicos com lágrimas: Nasuada e Jörmundur também choravam ao abraçá-lo, desejando felicidades a ambos.

Nasuada despediu-se também de Roran, voltando a agradecer-lhe pela sua ajuda na luta contra o Império.

Finalmente, quando Eragon, Arya, Roran e Katrina estavam prestes a subir para o dorso dos dragões, uma mulher gritou:

— Esperem aí!

Eragon deteve-se com um pé sobre a pata dianteira direita de Saphira e olhou para trás, vendo Birgit a caminhar na direção deles, vinda dos portões da cidade com as saias cinzentas a ondular e o seu filho pequeno, Nolfavrel, atrás de si com uma expressão de impotência. Birgit trazia uma espada desembainhada na mão e um escudo redondo de madeira na outra.

Eragon sentiu o estômago a afundar-se.

Os guardas de Nasuada avançaram para interceptá-los, mas Roran gritou:

— Deixem-nos passar!

Nasuada fez sinal aos guardas e eles afastaram-se.

Birgit aproximou-se de Roran sem abrandar o passo.

— Birgit, por favor — disse Katrina, em voz baixa, mas a mulher ignorou-a. Arya olhou-as, sem pestanejar, com a mão na espada.

— Martelo Forte, eu sempre disse que iria exigir a paga pela morte do meu marido e agora vim exigí-la como é meu legítimo direito. Lutarás comigo ou pagarás a tua dívida?

Eragon foi para junto de Roran.

— Porque está fazendo isso, Birgit? Por que agora? Não pode perdoar-lhe e dar descanso às velhas mágoas?

Quer que eu a coma? Perguntou Saphira.

Por enquanto não.

Birgit ignorou-o e continuou de olhos fixos em Roran.

— Mãe — disse Nolfavrel, puxando-lhe pelas saias, mas ela não reagiu à súplica.

Nasuada reuniu-se a eles.

— Eu te conheço — disse ela a Birgit. — Lutou com os homens durante a guerra.

— Sim, Majestade.

— Que razão de queixa tem você de Roran? Ele revelou ser um excelente e valoroso guerreiro, por mais do que uma vez, e eu ficaria bastante desagradada se o perdesse.

— Foi por culpa dele e da família dele que os soldados mataram o meu marido. — E olhou para Nasuada por instantes. — Os Ra'zac comeram-no, Majestade. Comeram-no e sugaram-lhe o tutano dos ossos. Eu não posso perdoar isso e exigirei ser compensada.

— A culpa não foi de Roran — disse Nasuada. — Isto não é razoável e eu não o permitirei.

— É sim. Disse Eragon, embora odiasse ter de o dizer. — Segundo os nossos costumes, ela tem o direito de exigir um prêmio de sangue a qualquer pessoa responsável pela morte de Quimby.

— Mas a culpa não foi de Roran! — exclamou Katrina.

— Foi sim — interpelou Roran, num tom grave. — Podia ter-me virado aos soldados, podia tê-los afastado. Podia ter atacado, mas não o fiz. Decidi esconder-me e Quimby morreu em consequência disso. — Olhou de relance para Nasuada. — Isto é um assunto que tem de ser resolvido entre nós, Majestade. É uma questão de honra tal como o Teste das Facas Longas foi para você.

Nasuada franziu a testa e olhou para Eragon. Ele acenou com a cabeça e ela recuou, ainda que relutante.

— Como vai ser, Martelo Forte? — perguntou Birgit.

— Eragon e eu matamos os Ra'zac em Helgrind — disse Roran. —

Isso não chega?

Birgit abanou a cabeça, com uma determinação inabalável.

— Não.

Roran deteve-se, com os músculos do pescoço tensos.

— É mesmo isso que quer, Birgit?

— É.

— Nesse caso, pagarei a minha dívida.

Ao ouvir as palavras de Roran, Katrina gritou e meteu-se entre ele e Birgit, com a filha nos braços.

— Eu não vou permitir. Não o terá! Não agora! Não, depois de tudo o que passamos!

Birgit continuou impassível e não fez qualquer gesto no sentido de recuar. De igual modo, Roran não mostrou qualquer emoção ao agarrar Katrina pela cintura, sem esforço aparente, erguendo-a e afastando-a para o lado.

— Segura-a, se precisar por favor — disse ele a Eragon, friamente.

— Roran...

O primo lançou-lhe um olhar inequívoco, virando-se de novo para Birgit.

Eragon agarrou nos ombros de Katrina para a impedir de se atirar a Roran e olhou desesperado para Arya. Ele olhou de relance para a espada e ela abanou a cabeça.

— Larga-me! Larga-me! — gritou Katrina. A bebê começou a chorar nos seus braços.

Sem desviar o olhar da mulher que tinha diante de si, Roran tirou o cinto e atirou-o para o chão, juntamente com a adaga e o martelo, que um dos Varden encontrara nas ruas de Ilirea, pouco depois da morte de Galbatorix. Depois, abriu a parte da frente da túnica e descobriu o peito peludo.

— Tira-me as proteções, Eragon — disse ele.

— Eu...

— Tire-as!

— Não, Roran! — gritou Katrina. — Elas te protegem!

Está louco, pensou Eragon, mas não se atreveu a interferir. Se impedisse Birgit envergonharia Roran e o povo do Vale de Palancar perderia todo o respeito pelo primo. E Eragon sabia que Roran preferia morrer a permitir que tal acontecesse.

Ainda assim, Eragon não fazia tensões de permitir que Birgit matasse Roran. Deixá-la-ia resgatar o seu prêmio, mas nada mais.

Falando baixinho na língua antiga — para que ninguém ouvisse as palavras que estava a usar —, fez o que Roran lhe pediu, mas deu também três novas proteções ao primo: uma para impedir que lhe partissem a coluna na zona do pescoço, outra para que não lhe fraturassem o crânio e outra para lhe proteger os órgãos. Todo o resto Eragon tinha a certeza que poderia curar, se necessário, desde que Birgit não comesse a decepar-lhe membros.

— Está feito — disse ele.

Roran acenou com a cabeça e disse a Birgit:

— Cobra o teu preço e que isto ponha fim ao nosso conflito.

— Não luta comigo?

— Não.

Birgit olhou-o por instantes, atirou o escudo ao chão, percorreu os escassos metros que a separavam de Roran, encostou o gume da espada, ao peito de Roran e disse em voz baixa, de forma a que apenas Roran a ouvisse — ainda que Eragon e Arya a conseguissem ouvir, graças à audição apurada:

— Eu amava Quimby. Ele era a minha vida e morreu por tua causa.

— Lamento — sussurrou Roran.

— Birgit — implorou Katrina —, por favor...

Ninguém se mexia, nem mesmo os dragões, e Eragon deu consigo a prender a respiração. O choro entrecortado da bebê era o ruído mais intenso que se ouvia.

Depois Birgit ergueu a espada do peito de Roran e baixou-a para lhe golpear a mão direita, passando-lhe o gume na palma da mão. Roran retraiu-se ao sentir a lâmina a cortar-lhe a mão, mas não se afastou.

Uma linha carmesim surgiu sobre a sua pele e o sangue inundou-lhe a palma da mão, escorrendo e pingando para o chão, onde se infiltrou na terra pisada e deixou uma mancha negra.

Birgit parou de fazer força na espada, mantendo-a imóvel contra a palma da mão de Roran, durante mais um instante. Depois recuou e baixou a espada com o gume sujo de sangue, ao lado do corpo.

Roran fechou os dedos contra a palma da mão, pressionando-a contra a coxa, com sangue a escorrer-lhe por entre os dedos.

— Cobrei o meu preço — disse Birgit. — A nossa querela terminou.

Depois virou-se, pegou no escudo e voltou a encaminhar-se para a cidade, com Nolfavrel a segui-la como um cão.

Eragon largou Katrina, que correu para junto de Roran.

— Meu tolo — disse ela, com uma nota de amargura na voz. —

Meu tolo cabeçudo. Deixa-me ver isso.

— Era a única forma — disse Roran, como se falasse de muito longe.

Katrina franziu o sobrolho, com uma expressão dura e tensa, enquanto examinava o golpe na sua mão.

— Devia curar isto, Eragon.

— Não — disse Roran, com uma inesperada brusquidão e voltou a fechar a mão. — Não. Quero ficar com esta cicatriz. — Olhou em redor. — Há por aí uma tira de tecido que possa usar como atadura?

Depois de um momento de confusão, Nasuada apontou para um dos seus guardas e disse:

— Corta a parte de baixo da tua túnica e de a ele.

— Espera — disse Eragon, quando Roran começou a enrolar a tira em torno da mão. — Não vou curá-la, mas pelo menos me deixe lançar um feitiço para que golpe não infecte, está bem?

Roran hesitou, mas depois anuiu esticando a mão a Eragon.

Ele levou apenas alguns segundos a proferir o feitiço.

— Pronto — disse. — Agora não ficará verde e arroxeadas, nem irá inchar como a bexiga de um porco.

Roran bufou e Katrina disse.

— Obrigada, Eragon.

— Bom, vamos embora? — perguntou Arya.

Subiram os cinco para os dragões. Arya ajudou Roran e Katrina a subirem em segurança para a sela, sobre o dorso de Fírlen, que fora modificada com correias e alças para transportar mais passageiros. Assim que se instalaram no dorso do dragão verde, Arya ergueu a mão:

— Adeus, Nasuada, adeus, Eragon e Saphira! Ficamos à sua espera em Elesméra!

Adeus! Disse Fírlen com a sua voz grave. Depois abriu as asas e saltou em direção aos céus, batendo as asas rapidamente para erguer o peso das quatro pessoas que transportava no seu dorso, com o auxílio dos Eldunarís que Arya levava com ela.

Saphira rugiu alto e Fírlen respondeu-lhe com um ronco estridente antes de voar como uma seta para Sudeste, em direção às distantes Montanhas Beor.

Eragon torceu-se na sua sela e acenou a Nasuada, Elva, Jörmundur e Jeod. Eles acenaram e Jörmundur gritou:

— Boa sorte para ambos.

— Adeus! — gritou Elva.

— Adeus! — gritou Nasuada — Tenham cuidado!

Eragon respondeu de forma semelhante, virando-se de costas para eles, incapaz de suportar a cena. Saphira agachou-se por baixo dele e saltou para o ar. E iniciaram a primeira etapa da sua longa viagem.

Saphira voou em círculos, enquanto ganhava altitude. Lá em baixo, Eragon viu Nasuada e os outros, reunidos junto das muralhas da cidade. Elva segurava num pequeno lenço branco que ondulou ao vento, balançando na última passagem de Saphira.

Novas e Velhas Promessas

De Ilirea, Saphira voou até à propriedade não muito distante, onde Blödhgarm e os elfos sob as suas ordens, embalavam os Eldunarís para transporte. Os elfos partiriam a cavalo para Norte, levariam os Eldunarís até Du Weldenvarden, atravessando depois a vasta floresta até à cidade élfica de Sílthrim, nas margens do Lago Ardwen. Aí os elfos e os Eldunarís esperariam que Eragon e Saphira regressassem de Vroengard e juntos iniciariam a viagem para fora de Alagaësia, seguindo pela floresta, ao longo do Rio Gaena, até às planícies, a Leste. Todos eles, ou melhor, todos exceto Laufin e Uthinarë, que tinham decidido ficar em Du Weldenvarden.

Eragon ficou surpreso pelo fato dos elfos terem decidido acompanhá-los, mas sentira-se grato por isso. Blödhgarm dissera:

— Não podemos abandonar os Eldunarís. Eles precisam da nossa ajuda, tal como as crias vão precisar assim que nascerem.

Eragon e Saphira passaram uma hora a discutir a melhor forma de transportar os ovos em segurança, com Blödhgarm. Depois Eragon reuniu os Eldunarís de Glaedr, Umaroth e de alguns dragões mais velhos, pois ele e Saphira iriam precisar da sua energia em Vroengard.

Depois de se separarem dos elfos, Saphira e Eragon seguiram para Noroeste, a um ritmo constante e bastante mais pausado do que na sua primeira viagem a Vroengard.

Enquanto Saphira voava, uma sensação de tristeza apossou-se de Eragon e, durante algum tempo, ele sentiu-se dominado pelo desânimo e pela autocomiseração. Saphira também estava triste pelo fato de se ter separado de Fírnen, mas o dia estava luminoso, os ventos calmos e o seu estado de espírito depressa melhorou.

Ainda assim, tudo parecia colorido de uma vaga sensação de perda. Eragon contemplava tudo o que via em terra com um renovado apreço, por saber que era provável não voltar a ver nada daquilo.

Saphira voou léguas infindáveis ao longo de campos verdejantes, assustando com a sua sombra os pássaros e os animais em terra.

Quando a noite caiu, decidiram não prosseguir e pararam, acampando junto de um regato ao fundo de uma estreita ravina.

Ficaram sentados vendo as estrelas que giravam no firmamento, falando de como as coisas eram e de como poderiam vir a ser.

No final do dia seguinte chegaram à aldeia de Urgals, situada junto do lago Flâm, onde Eragon sabia que iriam encontrar Nar Garzhvog e as Herndal, o conselho de matriarcas que governava o seu povo.

Apesar dos protestos de Eragon, os Urgals insistiram em organizá-lhes um enorme banquete, por isso ele passou a noite bebendo com Garzhvog e os seus carneiros. Os Urgals produziam um vinho de bagas e casca de árvore. Eragon achou-o mais forte que o hidromel mais potente dos Anões. Saphira apreciou mais do que ele — a Eragon soube que eram de cerejas podres — mas, de qualquer forma, bebeu-o para agradecer aos seus anfitriões.

Muitas das fêmeas dos Urgals vieram ter com ele e com Saphira, curiosas para os conhecerem, na medida em que poucas tinham participado na luta contra o Império. Eram ligeiramente mais delgadas que os homens mas igualmente altas, e os seus chifres eram, em regra, mais curtos e mais delicados, embora não deixassem de ser gigantescos. As crianças Urgal estavam com elas; as mais jovens ainda sem chifres e as mais velhas com protuberâncias escamosas na testa, de dois e doze centímetros de comprimento. Sem os chifres, eram surpreendentemente parecidas com os humanos, apesar da cor diferente da pele e dos olhos. Era óbvio que algumas das crianças eram Kull, pois mesmo as mais jovens eram muito maiores que os compatriotas e, por vezes, até maiores que os pais. Tanto quanto lhe era dado a entender, não havia qualquer padrão que determinasse os progenitores que geravam os Kull. Os próprios Kull tanto geravam Urgals de estatura normal como gigantes semelhantes a eles.

Eragon e Saphira passaram a noite inteira na festa com Garzhvog e Eragon mergulhou nas suas divagações enquanto escutava um bardo Urgal a recitar a história da vitória de Nar Tulkhqa em Stavarosk — ou pelo menos, assim dizia Garzhvog, pois a única coisa que Eragon entendia acerca da língua dos Urgals era que a língua dos Anões parecia vinho adoçado com mel, comparativamente.

De manhã, Eragon deu consigo com uma dúzia de nódoas negras em consequência das palmadas e socos amigáveis que recebera do Kull durante os festejos.

E, com a cabeça e o corpo latejando, Eragon foi com Saphira e Garzhvog falar com as Herndal. As doze matriarcas conduziam as suas audiências numa cabana cheia de fumo, devido aos ramos de zimbro e de cedro que queimavam. A cabeça de Saphira mal cabia na entrada de vime e as suas escamas projetavam estilhaços de luz azul no interior sombrio da cabana.

As matriarcas tinham uma idade muito avançada, pelo que algumas já estavam cegas e desdentadas. Usavam túnicas com desenhos de nós, semelhantes às correias entrançadas, penduradas no exterior de cada casa, com as armas do clã que as habitava.

Cada uma das Herndal tinha um bastão entalhado com desenhos que não faziam qualquer sentido para Eragon, mas que ele sabia terem um significado.

Usando Garzhvog como intérprete, Eragon relatou-lhes a primeira parte do seu plano para prevenir futuros conflitos entre os Urgals e as outras raças: que os Urgals organizassem periodicamente torneios de força, velocidade e agilidade. Nesses torneios, os jovens Urgals poderiam conquistar a glória de que precisavam para acasalar e ganhar um lugar no seio da sua sociedade. Eragon propôs que os torneios fossem abertos a todas as raças, o que também daria aos Urgals a possibilidade de se porem à prova perante aqueles que durante tanto tempo tinham sido seus inimigos.

— O rei Orik e a rainha Nasuada já deram o seu consentimento em relação a isto — disse Eragon — e Arya, a atual rainha dos elfos, também está a ponderar no assunto. Mas estou convencido de que também ela dará a sua bênção aos torneios.

As Herndal conferenciaram entre si durante alguns minutos e, depois, a mais velha, uma matriarca de cabelos brancos cujos chifres estavam quase reduzidos a nada, disse:

— A tua idéia é boa, Espada de Fogo. Temos de falar com os nossos clãs para decidir qual a melhor ocasião para organizar estes torneios, mas iremos fazê-los.

Satisfeito, Eragon fez-lhes uma vênia e agradeceu-lhes.

Uma outra matriarca falou então:

— A idéia agrada-nos, Espada de Fogo, mas não nos parece que isso vá acabar com as guerras entre os nossos povos. O nosso sangue é quente de mais para o arrefecermos apenas com torneios.

E o dos dragões não é? Perguntou Saphira.

Uma das matriarcas tocou nos chifres:

— Não questionamos a ferocidade da tua espécie, Língua de Fogo.

— Eu sei que têm sangue quente — mais quente do que a maioria

— disse Eragon. — Por isso tenho uma outra idéia.

As Herndal ouviram em silêncio enquanto ele se explicava, embora Garzhvog se mexesse, como se estivesse apreensivo, e tivesse deixado escapar um urro baixo. Quando Eragon terminou, as Herndal não falaram nem se mexeram durante alguns minutos, pelo que ele começou a sentir-se desconfortável com o olhar fixo das que ainda viam.

Depois, o Urgal mais à direita sacudiu o bastão e um par de anéis de pedra presos a ele chocalharam ruidosamente na cabana impregnada de fumo. Falava devagar com uma voz pastosa e entaramelada, como se tivesse a língua inchada.

— Farias isso por nós, Espada de Fogo?

— Faria — disse Eragon, e voltou a fazer uma vênia.

— Se o fizerem, Espada de Fogo e Língua de Fogo, serão os melhores amigos que os Urgralgra já tiveram e nós recordaremos o vosso nome até ao fim dos tempos. Urdi-lo-emos em todas as nossas thulqna, gravá-lo-emos nas nossas colunas e ensiná-lo-emos aos nossos jovens, logo que os seus chifres despontem.

— Então aceitam-na? — perguntou Eragon.

— Sim.

Garzhvog fez uma pausa e disse — falando em seu nome, deduziu Eragon:

— Espada de Fogo, você não sabe a importância que isto tem para o meu povo. Ficaremos sempre em dívida para contigo.

— Não me devem nada — disse Eragon. — Quero apenas impedir que entremos em guerra.

Falou com as Herndal durante mais algum tempo para discutir os detalhes do acordo. Depois ele e Saphira despediram-se e retomaram a sua viagem para Vroengard.

Quando as cabanas toscas da aldeia desapareceram à distância, Saphira disse:

Eles serão bons Cavaleiros.

Espero que tenhas razão.

O resto do seu vôo até à Ilha de Vroengard decorreu sem incidentes. Não encontraram tempestades sobre o mar e as únicas nuvens que se atravessaram no seu caminho eram finas e ralas, não representando qualquer perigo para eles ou para as gaivotas com as quais partilhavam o céu.

Saphira aterrou em Vroengard, diante da mesma casa de nidificação meio destruída, onde tinham ficado durante a sua última visita. E foi aí que esperou enquanto Eragon se embrenhava na floresta, por entre as árvores escuras, incrustadas de líquenes, até encontrar alguns dos pássaros espectro com que se deparara antes e, depois destes, com um retalho de musgo infestado das larvas saltadoras, a que Galbatorix chamava larvas carnívoras, segundo lhe contara Nasuada. Usando o nome dos nomes, Eragon deu a ambas as espécies um epíteto mais adequado na língua antiga. Aos pássaros espectro chamou sundavrlaka e às larvas carnívoras ilgrathr. O segundo nome divertiu-o de uma forma algo sinistra, pois significava “má fome”.

Satisfeito, Eragon voltou para junto de Saphira e os dois passaram a noite a descansar e a conversar com Glaedr e com os outros Eldunarís.

Ao nascer do sol foram ao Rochedo de Kuthian. Proferiram os seus verdadeiros nomes. As portas gravadas no pináculo coberto de musgo abriram-se e Eragon, Saphira e os Eldunarís desceram até ao cofre, lá em baixo. No interior da caverna profunda, iluminada pela lava que jazia nas entranhas do Monte Erolas, Cuaroc, o guardião dos ovos, ajudou-os a colocar cada ovo num cofre separado. Por fim, empilharam os cofres perto do centro da câmara, juntamente com os cinco Eldunarís que tinham ficado na caverna, para ajudar a proteger os ovos.

Com a ajuda de Umaroth, Eragon lançou o mesmo feitiço que lançara uma vez, colocando os ovos e os corações numa bolsa de espaço, suspensa atrás de Saphira, onde nem ele nem ela lhe poderiam tocar.

Cuaroc acompanhou-os até ao exterior do cofre. Os pés metálicos do homem com cabeça de dragão batiam ruidosamente no chão do túnel ao subir à superfície, ao lado deles.

Logo que alcançaram o exterior, Saphira agarrou Cuaroc entre as garras — ele era grande e pesado demais para se sentar confortavelmente no seu dorso — e levantou vôo, erguendo-se sobre o vale circular, no coração de Vroengard.

Saphira voou sobre o mar escuro e brilhante e, depois, sobre a Espinha, sobrevoando os picos semelhantes a lâminas de gelo e a neve, e as fendas entre eles como rios de sombras. Depois fez um desvio para Norte e atravessou o Vale de Palancar — para que Eragon e ela pudessem olhar uma última vez para o seu lar de infância, mesmo que apenas a grande altitude — , sobrevoando depois a Baía de Fundor, recortada de linhas de ondas com cristas de espuma, como montanhas rolantes. Seguiu-se Ceunon, com os seus telhados íngremes, em camadas, e esculturas de cabeças de dragões — o ponto de referência mais digno de nota — e, pouco depois, os limites

fronteiriços de Du Weldenvarden surgiram, com os seus pinheiros altos e robustos.

Passaram noites acampados junto de riachos e lagos, com a luz da fogueira a refletir-se no corpo de metal polido de Cuaroc, e as rãs e os insetos a entoarem coros em torno deles. À distância, ouviam-se, por vezes, os uivos de lobos a caçar.

Uma vez em Du Weldenvarden, Saphira voou durante uma hora em direção ao centro da grande floresta, onde as proteções dos elfos a impediram de avançar mais. Depois aterrou e atravessou a barreira mágica invisível, a pé, com Cuaroc a seu lado, e voltou a levantar vôo.

Léguas e léguas de árvores desfilavam por baixo deles, com poucas variações a não ser aglomerados de árvores de folhas caducas — carvalhos, ulmeiros, bétulas e langorosos salgueiros — que ladeavam, freqüentemente, os cursos de água. Passaram por uma montanha de cujo nome Eragon se havia esquecido, depois pela cidade élfica de Osilon, percorrendo a seguir hectares cerrados de pinheiros, cada um com características únicas e, no entanto, praticamente idênticos entre eles.

Já ao fim do dia, com a lua e sol suspensos em horizontes opostos, Saphira chegou a Elesméra e planou em direção ao solo, aterrando entre os edifícios vivos, da maior e mais imponente cidade dos elfos.

Arya e Fírnem estavam à espera deles, juntamente com Roran e Katrina. Quando Saphira se aproximou, Fírnem empinou-se e abriu as asas, com um rugido rejubilante, que afugentou os pássaros das árvores, num raio de uma légua. Saphira respondeu-lhe de forma semelhante, apoiando-se nas patas traseiras e pousando Cuaroc delicadamente no chão.

Eragon soltou as correias das pernas e deslizou do dorso de Saphira.

Roran correu ao seu encontro, apertou-lhe o antebraço e bateu-lhe nas costas, enquanto Katrina o abraçava do outro lado. Eragon deu uma gargalhada e disse:

— Parem, deixem-me respirar! Que tal Elesméra?

— É linda! — disse Katrina, sorrindo.

— Pensei que você tinha exagerado — disse Roran —, mas é tão impressionante como havia contado. O palácio onde estamos...

— O Palácio de Tialdarí — acrescentou Katrina.

Roran acenou com a cabeça.

— Isso. O palácio onde estamos deu-me algumas idéias sobre a reconstrução de Carvahal. Depois temos também Tronjheim e Farthen Dûr...
— Abanou a cabeça e assobiou baixinho.

Eragon riu e começou a percorrer a trilha da floresta, em direção ao extremo oeste de Elesméra, deixando-se guiar por eles. Arya reuniu-se a eles com um porte tão régio como o de sua mãe.

— Bons olhos te vejam ao luar, Eragon. Bem-vindo de volta.

Ele olhou-a.

— Em boa hora, de fato, Matadora de Espetros.

Ela sorriu ao ouvi-lo usar o epíteto, e o crepúsculo sob as árvores ondulantes pareceu iluminar-se.

Assim que Eragon lhe removeu a sela, Saphira e Fírnen levantaram vôo — embora Eragon soubesse que Saphira estava exausta da viagem —, e afastaram-se juntos, em direção aos Penhascos de Tel'naeir. Ao partirem, Eragon ouviu Fírnen dizer:

Apanhei três veados para ti, esta manhã. Estão à tua espera, na relva, junto da cabana de Oromis.

Cuaroc correu atrás de Saphira, pois os ovos ainda estavam com ela e era seu dever protegê-los.

Roran e Katrina conduziram Eragon por entre os grandes troncos da cidade, até uma clareira, ladeada de cornizos e rosas-malva, onde havia várias mesas postas com um vasto sortido de comida. Muitos elfos vestidos com as suas melhores túnicas, saudaram Eragon com gritos suaves, gargalhadas doces, trechos de canções e música.

Arya ocupou o seu lugar à cabeceira da mesa do banquete.

Blagden, o corvo branco, aninhado num poleiro esculpido ali perto, de vez em quando grasnava e declamava estrofes de poesia.

Eragon sentou-se ao lado de Arya e juntos comeram, beberam e divertiram-se até altas horas da noite.

Quando o banquete estava quase chegando ao fim, Eragon escapou-se por alguns minutos e correu pela floresta escura até à árvore de Menoa, orientando-se mais pelo olfato e pela audição do que propriamente pela visão.

Ao sair debaixo dos galhos inclinados dos pinheiros, as estrelas surgiram no firmamento e ele fez uma pausa para abrandar a respiração e

recompor-se, antes de percorrer o leito de raízes que rodeavam a árvore de Menoa.

Parou junto da base do gigantesco tronco, colocou um mão sobre a casca rachada da árvore e tentou alcançar a sua consciência lenta, que em tempos fora uma mulher elfo, dizendo:

Linnëa... Linnëa... Acorda! Preciso falar contigo! Esperou, mas não detectou qualquer resposta por parte da árvore. Era como se tentasse comunicar com o mar ou com o ar na terra. *Linnëa, tenho de falar contigo!*

Um murmúrio de vento percorreu a sua mente e ele sentiu um pensamento tênue e distante:

O que é, Cavaleiro?...

Linnëa, a última vez que estive aqui, disse que te daria o que quisesse em troca do aço brilhante que tinha debaixo das tuas raízes. Estou prestes a abandonar Alagaësia e, por isso, vim cumprir a minha promessa, antes de partir. O que quer que eu te dê, Linnëa?

A árvore de Menoa não respondeu, mas agitou ligeiramente os ramos. Eragon ouviu o tamborilar das agulhas a caírem sobre as raízes, por toda a clareira, e a consciência da árvore pareceu emanar uma boa disposição.

Vai... sussurrou a voz e a árvore retirou-se da mente de Eragon.

Eragon ficou onde estava durante mais alguns minutos e chamou pelo o seu nome, mas a árvore recusou-se a responder-lhe. Por fim ele afastou-se, sentindo que o assunto continuava por resolver, embora fosse óbvio que a árvore de Menoa não pensava da mesma forma.

Eragon passou os três dias seguintes lendo livros e pergaminhos — muitos dos quais provinham da biblioteca de Galbatorix e que Vanir tinha enviado para Elesméra a pedido de Eragon. À noite, ceava com Roran, Katrina e Arya, mas de resto mantinha-se isolado, sem ver Saphira, pois ela continuava nos Penhascos de Tel'naeír com Fírlen e não demonstrava grande interesse por mais nada. À noite, os rugidos e os gritos dos dragões ecoavam pela floresta, distraíndo-o dos seus estudos e fazendo-o sorrir, ao tocar nos pensamentos de Saphira. Sentia a falta da sua companhia, mas sabia que lhe restava pouco tempo para estar com Fírlen e não invejava a sua felicidade.

No quarto dia, depois de recolher toda a informação possível das suas leituras, foi ter com Arya e expôs o seu plano, tanto a ela como aos seus

conselheiros. Passou grande parte do dia tentando convencê-los de que o que tinha em mente era necessário e que, além disso, iria funcionar.

Logo que os convenceu, foram comer. Quando o crepúsculo começou a invadir a terra, Eragon, Saphira, Fírnen, Arya, trinta dos feiticeiros elfos mais velhos e mais engenhosos, Glaedr e os outros Eldunarís que Eragon e Saphira tinham trazido, e duas Guardiãs, duas mulheres elfo chamadas Iduna e Nëya, que eram a encarnação viva do pacto entre os dragões e os Cavaleiros, reuniram-se na clareira em torno da árvore de Menoa.

As Feitoras despiram as túnicas e — de acordo com os antigos rituais — Eragon e os outros começaram a cantar. Enquanto cantavam, Iduna e Nëya dançavam, movendo-se juntas, e o dragão que tinham tatuado pareceu converter-se numa só criatura, unificada.

No auge do cântico, o dragão cintilou, abriu as mandíbulas, esticou as asas e saltou para diante, afastando-se dos elfos e erguendo-se sobre a clareira até apenas a sua cauda continuar a tocar nas Guardiãs, de corpos entrelaçados.

Eragon chamou a criatura cintilante e, quando captou a sua atenção, explicou-lhe o que queria, perguntando se os dragões concordavam.

Faz o que achar melhor, Assassino de Reis, disse a criatura espectral. Se contribuir para assegurar a paz em Alagaësia, não nos opomos.

Depois Eragon leu de um dos livros dos Cavaleiros, proferindo mentalmente o nome da língua antiga. Os elfos e os dragões presentes emprestaram-lhe a força dos seus corpos e a sua energia percorreu-o como o redemoinho de uma enorme tempestade. Com ela, Eragon atirou o feitiço que passara dias a aperfeiçoar e que não era lançado há centenas de anos: um encantamento comparável à magia ancestral, que fluía nas profundezas da terra e nos ossos das montanhas. Com ela, Eragon ousou fazer o que tinha sido feito apenas uma vez.

E assim forjou um novo pacto entre os dragões e os cavaleiros.

Não se limitou a vincular os elfos e os humanos aos dragões, mas também os Anões e os Urgals, de forma que qualquer um pudesse vir a ser Cavaleiro.

Ao proferir as últimas palavras do poderoso encantamento para o selar, um tremor percorreu o ar e a terra. Era como se tudo em seu redor — ou mesmo no mundo inteiro — tivesse mudado ligeiramente. Tanto ele como Saphira e os outros dragões ficaram exaustos com o feitiço, mas ao

concluí-lo, Eragon foi inundado por uma sensação de júbilo, percebendo que tinha concretizado um bem maior, talvez o maior de toda a sua vida.

Arya insistiu em organizar um outro banquete para assinalar a ocasião e, embora estivesse exausto, Eragon participou de bom grado, feliz por estar na companhia dela, de Roran, Katrina e Ismira.

Contudo, a meio do banquete, sentiu-se subitamente cansado de comida e música, e pediu licença para se retirar de onde estava sentado com Arya.

Você está bem? Perguntou Saphira, olhando do local onde se encontrava, junto de Fírnen.

Ele sorriu-lhe da clareira.

Preciso apenas de algum sossego. Volto já. Depois se afastou e caminhou por entre os pinheiros, enchendo os pulmões com o ar fresco da noite.

A trinta metros do local onde estavam as mesas, Eragon viu um elfo magro, de ombros altos, sentado contra uma enorme raiz de costas viradas para a celebração que decorria ali perto. Eragon modificou o seu percurso para evitar perturbá-lo, mas, ao fazê-lo, teve um vislumbre do rosto do elfo.

Não era um elfo, mas sim Sloan, o talhante.

Eragon deteve-se, pois não estava esperando encontrá-lo. Com tudo o que se passara, esquecera-se que Sloan — o pai de Katrina — estava em Elesméra. Hesitou por instantes, ponderando e depois se aproximou silenciosamente.

Tal como da última vez que o vira, Sloan usava uma fina tira de pano preto, amarrada à volta da cabeça, para cobrir as órbitas vazias onde anteriormente eram os seus olhos. As lágrimas escorriam por baixo do pano e tinha a testa franzida e os punhos cerrados.

O talhante ouviu Eragon aproximando-se; voltando a cabeça na direção dele, disse:

— Quem está aí? É você Adarë? Já te disse que não preciso de ajuda! — Falava num tom amargo e zangado, mas havia também uma nota de mágoa nas suas palavras, algo que Eragon nunca sentira nele.

— Sou eu, Eragon — disse.

Sloan fungou, como se lhe tivessem tocado com um ferro em brasa:

— Tu! Veio se satisfazer com o meu sofrimento?

— Não, claro que não — respondeu Eragon, horrorizado com a idéia. E agachou-se a alguns metros dele.

— Perdoa-me por não acreditar em você. Normalmente não é fácil perceber se você está ajudando ou fazendo mal às pessoas.

— Isso depende do ponto de vista.

Sloan revirou o lábio superior.

— Aí está uma resposta de elfo, mais evasiva que nunca.

Atrás deles, os elfos iniciaram outra canção acompanhada de lira e de flauta. Uma explosão de gargalhadas ecoou da festa, em direção a Eragon e a Sloan.

O talhante olhou por cima do ombro, apontando com o queixo nessa direção:

— Consigo ouvi-la. — E as lágrimas voltaram a escorrer-lhe pelo rosto. — Consigo ouvi-la, mas não posso vê-la e o teu maldito feitiço não permitirá que eu fale com ela.

Eragon ficou em silêncio, sem saber o que dizer.

Sloan encostou a cabeça à raiz e a saliência que tinha na garganta moveu-se.

— Os elfos disseram-me que a criança, Ismira, é forte e saudável.

— É. É o bebê mais forte e mais barulhento que conheço. Será uma bela mulher.

— Isso é bom.

— Como tem passado os seus dias? Continua a esculpir?

— Os elfos não te mantêm informado acerca das minhas atividades?

Enquanto Eragon decidia o que responder — não queria que ele soubesse que o visitara uma vez antes —, o talhante disse:

— A mim parecia que sim. Como acha que passo os meus dias? Desde que saí de Helgrind que vivo na escuridão, sem nada com que ocupar as mãos, enquanto os elfos me atormentam sobre isto e aquilo, sem me darem um momento de paz!

Ouviram-se de novo gargalhadas. Entre elas, Eragon conseguia distinguir o som da voz de Katrina.

Um esgar feroz desfigurou o rosto de Sloan.

— E tinha de a trazer a Elesméra. Exilar-me não era o suficiente para você, não é? Não. Tinhas de me torturar com a evidência de que a minha única filha e a minha neta estão aqui e que eu jamais conseguirei vê-las, muito menos falar com elas. — Sloan arreganhou os dentes, prestes a atacar Eragon. — Um maldito sem coração, é o que você é.

— Tenho muitos corações — disse Eragon, embora soubesse que o talhante não o iria entender.

— Bah!

Eragon hesitou. Parecia-lhe menos cruel permitir que Sloan acreditasse que a sua intenção era magoá-lo do que dizer-lhe que a sua dor era apenas o resultado do seu desvelo.

O talhante desviou a cabeça e o seu rosto voltou a inundar-se de lágrimas.

— Vai embora! — disse ele. — Deixa-me em paz e nunca mais volte a incomodar-me, Eragon, de contrário eu juro que um de nós morrerá.

Eragon remexeu nas agulhas do chão e levantou-se olhando para Sloan. Não queria ir embora. O que ele fizera a Sloan ao trazer Katrina a Elesméra, parecia-lhe errado e cruel. Sentiu-se atormentado pela culpa e isso tornava-se mais intenso a cada segundo que passava. Até que tomou uma decisão e voltou a recuperar a serenidade.

Falando praticamente em surdina, usou o nome da língua antiga para modificar os feitiços que lançara em Sloan. Levou mais de um minuto a fazê-lo e, quando estava prestes a concluir os encantamentos, Sloan rosnou entre dentes:

— Para com esses malditos murmúrios, Eragon, e desaparece.

Deixa-me paz, droga! Deixa-me!

Mas Eragon não se foi embora e lançou um novo feitiço.

Recorrendo aos conhecimentos dos Eldunarís e dos Cavaleiros, muitos dos quais faziam parilha com os dragões mais velhos, recitou um feitiço que alimentava, estimulava e recuperava o que em tempos existira. Era uma tarefa difícil, mas Eragon tornou-se mais hábil e conseguiu o que pretendia.

Enquanto Eragon cantava, Sloan tremeu e começou a praguejar, coçando as faces e a testa com ambas as mãos, como se estivesse com um ataque de comichão.

— Maldito! O que está me fazendo?

Eragon concluiu o encantamento e voltou a agachar-se, removendo delicadamente a tira de pano da cabeça de Sloan. Este bufou, ao senti-la a soltar-se, erguendo os braços para impedir Eragon de o fazer, mas foi muito lento e as suas mãos agarraram apenas o ar.

— Quer roubar-me também a dignidade? — disse Sloan, com ódio na voz.

— Não — respondeu Eragon —, quero devolvê-la. Abre os olhos!

O talhante hesitou.

— Não posso. Está tentando me enganar.

— Já alguma vez fiz isso? Abre os olhos e olha para a tua filha e para a tua neta.

Sloan estremeceu e depois as suas pálpebras abriram-se muito lentamente, revelando uns olhos brilhantes, em vez das órbitas vazias. Agora, os novos olhos de Sloan eram muito diferentes, eram azuis como o céu do meio-dia e assombrosamente brilhantes.

Sloan piscou os olhos e as pupilas contraíram-se, enquanto se adaptavam à luz tênue no interior da floresta. Depois endireitou-se e torceu-se para espreitar por cima da raiz, e observar as festividades que decorriam entre as árvores, mais adiante. O brilho das lanternas sem chamas dos elfos iluminou-lhe o rosto com uma luz quente, parecendo inundá-lo de vida e de alegria. A transformação que se operou no seu rosto era incrível. Eragon sentiu as lágrimas nos olhos, quando observou o velho.

Sloan continuou a olhar por cima da raiz, como um viajante sequioso ao ver um grande rio, dizendo num tom rouco:

— Ela está linda. São ambas tão bonitas. — Ouviu-se mais uma explosão de gargalhadas. — Parece feliz e o Roran também.

— A partir de agora pode olhá-los, se quiser — disse Eragon.

— Mas os feitiços que ainda tem não te permitirão que fale com eles, que te mostre ou os contate, seja de que maneira for, e se o fizer eu saberei.

— Compreendo — murmurou Sloan. Depois virou-se e os seus olhos fixaram-se em Eragon, com uma intensidade inquietante.

Moveu os maxilares durante alguns segundos como se estivesse mastigando alguma coisa e depois disse:

— Obrigado.

Eragon acenou com a cabeça e levantou-se.

— Adeus, Sloan. Não voltará a me ver, prometo.

— Adeus, Eragon — disse o talhante, torcendo-se para olhar uma vez mais para a luz do banquete dos elfos.

Despedida

Passou uma semana: gargalhadas, música e longas conversas entre as maravilhas de Elesméra. Eragon levou Roran, Katrina e Ismira à cabana de Oromis, nos Penhascos de Tel'naeír, e Saphira mostrou-lhes a escultura de pedra lambida que fizera para a Celebração de Juramento de Sangue. Arya, por seu lado, passou o dia inteiro a guiá-los pelos inúmeros jardins da cidade, para que pudessem ver algumas das plantas mais espetaculares que os elfos tinham colecionado e criado ao longos dos tempos.

Eragon e Saphira teriam gostado de ficar em Elesméra durante mais algumas semanas, mas Blödhgarm contatou-os, informando-os que tinha chegado ao Lago de Ardwen com os Eldunarís ao seu cuidado e, embora nenhum o quisesse admitir, sabiam que era altura de partir.

Ficaram contudo mais animados quando Arya e Fírnen anunciaram que iriam voar com eles, pelo menos até aos limites de Du Weldenvarden ou talvez até um pouco mais.

Katrina decidiu ficar com Ismira, mas Roran pediu para os acompanhar na primeira parte da viagem, dizendo:

— Gostaria de ver como é o outro lado de Alagaësia e viajar com vocês, é mais rápido do que ter de ir a cavalo.

No dia seguinte, ao amanhecer, Eragon despediu-se de Katrina que chorou o tempo todo, e de Ismira que chuchava no polegar e o olhava sem perceber nada.

Depois partiram. Saphira e Fírnen voavam lado a lado, sobrevoando a floresta rumo a Leste. Roran ia sentado atrás de Eragon, agarrado à cintura dele. Cuaroc ia pendurado nas garras de Saphira e o seu corpo brilhava mais do que qualquer espelho à luz do sol.

Ao fim de dois dias e meio, avistaram o Lago Ardwen: uma pálida extensão de água, maior que o Vale de Palancar. Na margem oeste erguia-se a cidade de Sílthrim, que nem Eragon nem Saphira tinham visitado antes. Um longo navio branco, com um único mastro, flutuava, junto ao cais da cidade.

A embarcação tinha a aparência que Eragon imaginara, reconhecendo-a dos seus sonhos e, ao olhar para ela foi inundado por uma inexorável sensação de predestinação.

Isto estava destinado a acontecer, pensou ele.

Passaram a noite em Sílthrim, que era bastante semelhante a Elesméra, embora fosse menor e concentrasse mais edifícios. Enquanto descansavam, os elfos carregaram os Eldunarís no navio, juntamente com comida, ferramentas, panos e outras provisões. A tripulação era composta por vinte elfos que queriam participar na criação dos dragões e no treino dos futuros Cavaleiros, tal como Blödhgarm e os restantes feiticeiros, à exceção de Laufin e Uthinar, que partiram nessa altura.

De manhã, Eragon modificou o feitiço que mantinha os ovos escondidos em cima de Saphira e retirou dois, que entregou aos elfos que Arya destacara para os proteger. Um dos ovos seria entregue aos Anões e o outro aos Urgals, e os dragões no seu interior iriam certamente escolher um Cavaleiro da raça que lhes fora designada. Se isso não acontecesse, trocariam de lugar e, se ainda assim não encontrassem Cavaleiros... bom, Eragon ainda não sabia exatamente o que fazer nesse caso, mas tinha a certeza de que Arya arranjará uma solução. Logo que os ovos chocassem, ficariam sob as ordens de Arya e de Fínnen até crescerem o suficiente para se reunirem a Eragon e a Saphira, e ao resto da sua espécie, a Leste.

Depois Eragon, Arya, Roran, Cuaroc, Blödhgarm e os outros elfos que viajavam com eles embarcaram no barco que atravessou o lago, enquanto Saphira e Fínnen voavam em círculos lá no alto.

O barco chamava-se Talíta, o nome de uma estrela avermelhada que aparecia no firmamento, a Leste. A embarcação era estreita e leve, e precisava apenas de alguns centímetros de água para flutuar.

Movia-se em silêncio e mal precisava que a guiassem, pois parecia saber exatamente para onde o timoneiro queria ir.

Navegaram através da floresta durante dias, primeiro atravessando o Lago Ardwen e, mais tarde, descendo o Rio Gaena, cujo caudal engrossara devido ao degelo da primavera. Ao passarem através do túnel verde de ramos, pássaros de muitas espécies diferentes chilreavam e esvoaçavam em torno deles.

Esquilos — vermelhos e negros — repreendiam-nos do topo das árvores ou observavam-nos empoleirados em ramos, suspensos, praticamente ao seu alcance.

Eragon passou a maior parte do tempo com Arya ou Roran, e só raramente voava com Saphira. Esta, por seu lado, passava o tempo com Fínnen, e Eragon via-os muitas vezes sentados nas margens com as patas sobrepostas e o focinho pousado lado a lado, no chão.

Durante o dia, a luz na floresta era dourada e nevoenta e, durante a noite, as estrelas brilhavam intensamente e o quarto crescente disponibilizava-lhes luz suficiente para navegarem. O calor, a névoa e o balançar constante de Talíta proporcionavam a Eragon a sensação de estar meio adormecido, perdido na memória de um sonho agradável.

Finalmente, a floresta terminou e começaram a aparecer os campos. Nesse ponto, o Rio Gaena descrevia uma curva para Sul que os levou até ao Lago Eldor, lado a lado da floresta. O Lago Eldor era ainda maior que o Lago Ardwen.

Aí o tempo mudou e, de repente, levantou-se uma tempestade.

Grandes vagas fustigavam repetidamente o navio e, para infelicidade de todos, foram açoitados por uma chuva fria e rajadas furiosas de vento durante um dia inteiro. Contudo, o vento estava ajudando, permitindo-lhes avançar bastante mais depressa.

Depois do Lago Eldor entraram no Rio Edda e navegaram para Sul, passando por Ceris, o posto avançado dos elfos. A seguir, afastaram-se definitivamente da floresta e o Talíta deslizou pelo rio, ao longo das planícies.

Depois de emergirem das árvores, Eragon esperava que Arya e Fírnen partissem, mas nenhum falou em tal assunto e Eragon preferiu não os inquirir acerca dos seus planos.

A Sul passaram por terras mais desertas. Olhando em redor, Roran disse:

— É bastante ermo, não é? — Eragon não pôde deixar de concordar.

Por fim chegaram à povoação mais a este de Alagaësia: um pequeno aglomerado isolado de edifícios de madeira que dava pelo nome de Hedarth. Os Anões tinham erigido o local com o único propósito de negociar com os elfos, pois não havia nada de valor na área, salvo as manadas de veados e touros selvagens visíveis à distância. Os edifícios erguiam-se na junção onde o Âz Ragni desaguava no Edda, elevando o seu caudal a mais do dobro.

Eragon e Saphira tinham passado em Hedarth uma vez, na direção oposta, quando viajavam de Farthen Dûr para Elesméra, depois da batalha com os Urgals. Por isso Eragon sabia com o que esperar na aldeia.

Ficou contudo, intrigado ao ver centenas de Anões à sua espera, na ponta de um cais improvisado, que se estendia até ao Edda. Mas a sua confusão deu lugar à alegria, quando o grupo abriu alas e Orík avançou.

Erguendo o seu martelo de guerra, Volund, Orík gritou:

— Achava que eu permitiria que o meu irmão adotivo partisse sem me despedir dele convenientemente?

Eragon sorriu e levou as mãos à boca, gritando:

— Nunca!

Os elfos atracaram o Talíta o tempo suficiente para que todos desembarcassem, salvo Cuaroc, Blödhgarm e dois outros elfos que ficaram a guardar os Eldunarís. As águas onde os rios se encontravam eram muito agitadas para o barco manter a posição, sem roçar contra o cais, por isso os elfos soltaram as amarras e desceram um pouco mais, à procura de um local mais calmo para ancorarem.

Eragon ficou perplexo ao ver que os Anões tinham trazido para Hedarth quatro javalis gigantes das Montanhas Beor. Os Nagan estavam espetados em árvores mais grossas que a perna de Eragon e assavam sobre fossos de carvão em brasa.

— Fui eu que matei aquele — disse Orík, orgulhosamente, apontando para o maior dos javalis.

Juntamente com o resto da comida para o banquete, Orík trouxera três carroças do melhor hidromel dos Anões, especialmente destinados a Saphira, e esta ronronou de satisfação ao ver os barris.

Também tem que provar, disse ela a Fírnem, que resfolgou e esticou pescoço curioso, farejando os barris.

Quando a noite caiu e a comida ficou pronta, sentaram-se nas mesas toscas que os Anões tinham construído naquele dia. Orík bateu com o martelo no escudo, silenciando a multidão. Depois, pegou num pedaço de carne, levou-o à boca, mastigou-o e engoliu-o.

— Ilf gauhnith! — proclamou ele. Os Anões gritaram aprovadoramente e deu-se início ao banquete.

No final da festa, quando já todos tinham comido o suficiente — mesmo os dragões —, Orík bateu palmas e chamou um criado que trouxe um cofre cheio de ouro e jóias.

— Um pequeno testemunho da nossa amizade — disse Orík, entregando-o a Eragon.

Eragon fez uma vênica e agradeceu-lhe.

Depois, Orik aproximou-se de Saphira e piscou-lhe o olho, presenteando-a com um anel de ouro e prata que poderia usar em qualquer das garras das patas dianteiras.

— É um anel especial pois não se risca nem se mancha e, desde que o use, a tua presa não dará pela tua aproximação.

O presente agradou imenso a Saphira que pediu a Orik que lhe colocasse o anel na garra do meio, da pata direita, e Eragon apanhou-a várias vezes a admirar o metal cintilante, durante a noite.

Por insistência de Orik, passaram a noite em Hedarth. Eragon esperava partir bem cedo na manhã seguinte, mas quando o céu começou a clarear, Orik convidou-o para tomar o pequeno-almoço, juntamente com Arya e Roran. A seguir ficaram conversando, depois foram ver as balsas que os Anões tinham usado para transportar os Nagra das Montanhas Beor até Hedarth e, quando se aperceberam era quase hora de jantar. E Orik conseguiu convencê-los a ficar para uma última refeição.

Durante o jantar, tal como no banquete do dia anterior, os Anões brindaram-nos com canções e música, e a exibição de um bardo anão particularmente dotado, atrasou mais a partida do grupo.

— Fica mais uma noite — insistiu Orik. — Está escuro e já não são horas de viajar.

Eragon olhou para a lua cheia e sorriu.

— Esquece-te que não está tão escuro para mim como para você.

Não, temos de ir. Se nos demorarmos mais, receio que nunca cheguemos a partir.

— Então vai com a minha bênção, irmão do meu coração. —

Abraçaram-se e Orik trouxe-lhes cavalos — os cavalos que os Anões mantinham nos estábulos de Hedarth, para os elfos que vinham negociar.

Eragon ergueu o braço para se despedir de Orik. Depois, esporeou o cavalo e partiu a galope de Hedarth, com Roran, Arya e o resto dos elfos. E percorreu a trilha de caça, ao longo da margem sul do Edda, onde o ar estava impregnado do aroma adocicado dos salgueiros e álamos. Os dragões seguiam-nos pelo ar, entrelaçando os corpos e rodopiando em torno um do outro, numa dança brincalhona.

Depois de sair de Hedarth, Eragon puxou as rédeas do cavalo, tal como os outros, e cavalgaram a um ritmo mais lento e confortável, conversando calmamente. Eragon não falou sobre nada de importante com

Arya ou Roran, e eles também não, pois não eram as palavras que importavam, mas o sentimento de proximidade que partilhavam ao viajarem pela noite. O estado de espírito parecia-lhes algo de precioso e frágil e, sempre que falavam, eram mais gentis do que habitualmente, pois sabiam que o tempo que iriam passar juntos estava esgotando-se, pelo que nenhum queria estragá-lo com uma frase impensada.

Depressa chegaram ao topo de uma pequena colina, de onde avistaram o Talíta, que os esperava do outro lado.

O navio era como Eragon o imaginava. Como tinha de ser.

Sob a luz pálida do luar, a embarcação parecia um cisne, pronto a levantar vôo do rio largo, de águas calmas, para o levar rumo a uma vastidão desconhecida. Os elfos baixaram as velas e as cortinas de tecido emanavam um brilho tênue. Via-se apenas uma figura ao leme. Tirando isso, o convés estava deserto.

Para lá de Talíta, a planície uniforme e escura estendia-se até um horizonte distante: uma vastidão intimidante, apenas interrompida pelo próprio rio, que se estendia pela terra dentro como uma tira de metal martelado.

Eragon sentiu um aperto na garganta e cobriu a cabeça com o capuz do manto, como se quisesse esconder-se.

Desceram lentamente a colina a cavalo, por entre a erva sussurrante em direção à praia de seixos, junto do navio. Os cascos dos cavalos produziam um ruído agudo nas pedras.

Ao chegar à praia, Eragon desmontou, tal como os outros. Sem que ninguém lhes pedisse, os elfos formaram duas linhas até ao barco, virando-se de frente uns para os outros, com a base da lança apoiada no chão, junto dos pés, e ali ficaram imóveis como estátuas.

Eragon olhou-os e o aperto na garganta aumentou, a ponto de não conseguir respirar convenientemente.

Chegou o momento, disse Saphira, e ele sabia que ela tinha razão.

Eragon desamarrou o cofre de ouro e jóias da parte de trás da sela do seu cavalo e levou-o a Roran.

— É aqui que nos separamos? — perguntou Roran.

Eragon acenou com a cabeça.

— Toma — disse ele, entregando-lhe o cofre. — Quero que fique com isto. Poderá dar-lhe melhor uso do que eu. Usa-o para construir o teu castelo.

— Está bem — disse Roran, com a voz embargada, colocando o cofre debaixo do braço esquerdo e abraçando Eragon com o direito. Ficaram abraçados durante algum tempo. Depois Roran disse: — Tem cuidado, Irmão.

— Você também... Irmão. Cuida de Katrina e Ismira.

— Cuidarei.

Sem saber o que dizer mais, Eragon tocou mais uma vez no ombro de Roran e virou-se para se reunir a Arya, que o esperava junto das duas linhas de elfos.

Olharam um para o outro durante alguns segundos, e Arya disse:

— Eragon. — Ele também tinha colocado o capuz e mal conseguia ver-lhe o rosto, à luz do luar.

— Arya. — Baixou os olhos para o rio prateado, olhando depois de novo para ela, e apertou o punho de Brisingr. A emoção era tanta que até tremia. Não queria partir, mas sabia que tinha de o fazer. — Fica comigo...

Arya levantou os olhos de repente.

— Não posso. — ... fica comigo até à primeira curva do rio.

Ela hesitou e depois acenou com a cabeça. Eragon esticou a mão, Arya deu-lhe o braço e caminharam juntos até ao barco, parando junto da proa.

Os elfos seguiram-nos e, logo que todos embarcaram, puxaram a prancha de embarque para cima. O navio afastou-se da margem pedregosa, sem vento nem remos, e começou a descer o longo rio de águas calmas.

Roran ficou sozinho na praia, vendo-os afastarem-se. Depois atirou a cabeça para trás e soltou um longo grito lamentoso e a noite ecoou com o som da sua perda.

Eragon ficou ao lado de Arya durante alguns minutos e nenhum falou ao verem a primeira curva do rio a aproximar-se. Finalmente Eragon virou-se para ela e tirou-lhe o capuz para poder ver os seus olhos.

— Arya — disse ele e sussurrou-lhe o seu verdadeiro nome. Um tremor de reconhecimento percorreu o corpo dela.

Ela sussurrou-lhe o seu verdadeiro nome e também ele estremeceu ao ouvir a essência do seu ser.

Abriu a boca para voltar a falar, mas Arya antecipou-se, colocando três dedos sobre os seus lábios. Depois recuou e ergueu o braço sobre a cabeça.

— Adeus Eragon, Matador de Espectros — disse ela.

Depois, Fírnem desceu dos céus e arrebatou-a do convés do barco, fustigando Eragon com as rajadas de vento levantadas pelas suas asas.

— Adeus — sussurrou Eragon ao vê-la afastar-se com Fírnem, de regresso ao local onde Roran permanecia, na margem distante.

Eragon permitiu finalmente que as lágrimas deslizassem, chorando agarrado ao corrimão do barco, enquanto deixava para trás tudo o que conhecera. Lá em cima, Saphira deixou escapar um uivo de lamento e a sua dor misturou-se com a dele, chorando o que jamais poderia vir a ser.

A seu tempo porém, o coração de Eragon serenou, as suas lágrimas secaram e ele foi invadido por uma paz, ao olhar para a planície deserta. Interrogou-se sobre o que poderiam encontrar de estranho e refletiu na vida que ele e Saphira iriam ter — a sua vida com os dragões e os Cavaleiros.

Não estamos sozinhos, pequenino, disse Saphira.

Um sorriso iluminou-lhe o rosto.

E o barco continuou a deslizar serenamente ao longo do rio iluminado pelo luar, rumo a terras sombrias.

FIM

Sobre a Origem dos Nomes

Para o observador fortuito, os diferentes nomes que um viajante arrojado irá encontrar por toda a Alagaësia poderão parecer apenas uma coleção aleatória de rótulos, sem qualquer coerência, cultura ou história inerentes. No entanto, como em qualquer terra repetidamente colonizada por diferentes culturas — e, neste caso, por diferentes raças —, Alagaësia foi buscar os seus nomes em um vasto número de origens únicas, de entre elas a língua dos Anões, dos elfos, dos humanos e até mesmo dos Urgals. Assim, temos o Vale de Palancar (um nome humano), o rio Anora e Ristvak'baen (nomes élficos) e a Montanha Utgard (um nome anão), todos locais a meia dúzia de quilômetros uns dos outros.

Embora de grande interesse histórico, é freqüente gerar confusão no que diz respeito à pronúncia correta. Infelizmente, não há regras definidas para os neófitos. É necessário assimilar cada nome nos seus próprios termos, a não ser que se consiga situar de imediato a sua língua de origem. O assunto torna-se mais confuso quando nos apercebemos de que, em muitos locais, a população residente alterou a pronúncia e a escrita de palavras estrangeiras, adaptando-as à sua própria língua. O rio Anora é um exemplo perfeito. Originalmente, “anora” escrevia-se “äenora”, que significa largo na língua antiga. Nos seus escritos, os humanos simplificaram a palavra para “anora” o que, aliado à alteração das vogais, em que “äe (ai-e)” passou a ser pronunciado mais facilmente como “a”, deu origem ao nome tal como aparece na época de Eragon.

Para facilitar a tarefa aos leitores, compilei a lista que se segue, com a ressalva de que são apenas linhas de orientação elementares para uma pronúncia real. O entusiasta deverá estudar as línguas de origem, de forma a dominar as suas verdadeiras peculiaridades.

Pronúnciação

Aiedail — Ei-a-deil
Ajihad — Á-ji-ád
Alagaësia — Ala-GUEI-zia
Albitr — OL-bait-er
Arya — Á-ri-a
Blödhgarm — BLOUD-garm
Brisingr — BRISS-ing-guer
Carvahal — CÁR-va-ál
Cuaroc — Cu-Ar-oque
Dras-Leona — DRÁS-li-OU-na
Du Weldenvarden — Du-VEL-den-VÁR-den
Elesméra — É-lés-MI-ra
Eragon — É-ra-GÓN
Farthen Dûr — FÁR-den-DIURE
Fírnen — FIR-nin
Galbatorix — Gal-ba-TÓ-rics
Gil'ead — GUIL-id
Glaedr — GLAI-dur
Hrothgar — HROTH-gar
Islanzadí — Iss-lan-ZÁ-di
Jeod — DJOU-de
Murtagh — MUR-tág
Nasuada — Na-SU-a-da
Niernen — Ni-ER-nin
Nolfavrel — NÓL-fá-vrel
Oromis — OR-u-mis

Ra'zac — RÁ-Á-zac

Saphira — Sa-FI-ra

Shruikan — CHRU-quin

Sílthrim — SIL-thrim (“sil” e “th” são sons difíceis de transcrever; pronuncia-se batendo com a ponta da língua no céu da boca) Teirm — TIRM

Thardsvergûndnzmál — Thard-sver-GUN-dintz-mal Trianna — TRI-a-na

Tronjheim — TRON-djim

Umaroth — U-MAR-oth

Urû'baen — URU-bei-ne

Vrael — VREIL

Yazuac — IÁ-zu-ác

Zar'roc — DZÁ-rroc

A Língua Antiga

Agaeí Blödhren — Celebração do Juramento de Sangue (conduzida uma vez por século para celebrar o pacto inicial entre os elfos e os dragões)

älfa — elfo (älfya, no plural)

älfakyn — a raça dos elfos

Äthlvard — organização de elfos dedicada à preservação das suas canções e poemas

Atra du evarínya ono varda. — Que as estrelas te protejam.

Atra esterní ono thelduin, Eragon. — Que a boa sorte te acompanhe, Eragon.

audr — para cima

bölr — um objeto redondo, um globo

brisingr — fogo (ver também istalrí)

Dauthdaert — Lança da Morte: nome dado às lanças dos elfos, forjadas para matar dragões.

Deloi sharjalví! — Move-te, terra!

Domia abr Wyrda — O Domínio do Destino (livro) draumr kópa — olhar os sonhos

dröttning — rainha

dröttingu — princesa (tradução aproximada) du — o

Du Fels Nángoröth — As Montanhas Malditas

Du Vrangr Gata — O Caminho Errante

Du Waldenvarden — A Floresta Guarda

ebrithil(ar) — mestre(s)

Eka aí fricai un Shur'tugal. — Eu sou um Cavaleiro e um amigo.

Eka elrun ono, älfya, wiol förn thornessa. — Agradeço-vos este presente, elfos.

elda — sufixo honorífico de género neutro, sinónimo de enaltecimento, associado ao nome por um hífen.

Elrun ono. — Obrigado.

Elrun ono. — Obrigado.

Erisdar — lanternas sem chama usadas pelos elfos e pelos Anões (batizadas com o nome do elfo que as inventou) fairth — uma imagem obtida magicamente numa placa de ardósia fel — montanha

finiarel — sufixo honorífico para um jovem muito promissor, associado ao nome por um hífen.

flauga — voa (v.)

frethya — esconde-te (v.)

gánga — vai-te embora

gánga aptr — recua

gánga fram — avança

gánga raehta — vira à direita

gedwëy ignasia — palma da mão cintilante

Guliä wáise medh one, Argetlam. — Que a sorte esteja contigo, Mão de Prata.

Helgrind — Os Portões da Morte

hvittr — branco

ílgrathr — má fome

islingr — portador da luz/ o que ilumina

istalrí — fogo (ver também brisingr)

jierda — quebra; ataca

kausta — anda

kverst — corta

Kverst malmr du huildrs edtha, mar frëma né thön eka threyja! —

Corta o metal que me prende, mas só até eu dizer!

ládrin — abre

letta — parar

Liduen Kvaedhí — Escrito Poético

mäe — parte de uma palavra que Eragon nunca acabou de dizer.

naina — faça-se luz

Naina hvitr un bölr. — Faça-se luz branca e redonda.

Nam iet er Eragon Sundavar-Vergandí, sönr abr Brom. — O meu nome é Eragon, Matador de Espectros, filho de Brom.

Nídhwal — criaturas marinhas semelhantes a dragões, aparentadas com os Fanghur.

niernen — orquídea

Ono ach néiat threyja eom verrunsmal edtha, o snalglí! — Não queiras lutar comigo, ó snalglí!

Sé ono waíse ília. — Que sejas feliz.

Sé onr sverdar sitja hvass. — Que as vossas espadas continuem afiadas.

Shur'tugal — Cavaleiro do Dragão

slytha — dorme

snalglí — raça de caracóis gigantes

Stenr rísa! — Ergue-te, pedra!

Stenr slauta! — Ressoa pedra! (“slauta” é difícil de traduzir.

Estalido agudo, semelhante ao de pedra rachando-se. Poderá também significar que produz esse tipo de ruído).

Stydja unin mor'rant. — Descansa em paz.

sundavrlaka — pássaro espectro

svit-kona — epíteto formal honorífico, para uma mulher elfo de grande sabedoria.

thelduin — domínio sobre

theyna — cala-te

thrautha — atira

Thrysta vindr — Comprime o ar

thurra — secar (v.)

un — e

Vae weohnata ono vergarí, eka thäet otherúm. — Nós vamos te matar, juro.

Vaer Ethilnadras — uma alga flutuante castanha, com protuberâncias cheias de gás ao longo das junções entre os ramos e o caule.

vaetna — dispersar/ afastar

valdr — soberano

vëoht — devagar

verma — aquecer (v.)

vrangr — torto/ errante

Waíse néiat! — Morre!

yawë — um laço de confiança

A Língua dos Anões

Az Ragni — O Rio

Az Sweldn rak Anhûin — As Lágrimas de Anhûin barzûl — amaldiçoar alguém com má sorte

Beor — urso das cavernas (mundo dos elfos)

Derûndânn — saudações

dûr — nosso

dûrgrimst — clã (literalmente, “o nosso palácio” ou “o nosso lar”)

Erôthknurl — uma pedra de terra (literalmente “pedra de terra”. Erôthknurln, no plural)

Fanghur — criaturas semelhantes a dragões, mas menores e menos inteligentes que os seus primos, os dragões aparentados com os Nidhwal (oriundos das Montanhas Beor) Farthen Dûr — Nosso Pai

Feldûnost — barba-de-gelo (uma espécie de cabra oriunda das Montanhas Beor)

grimstborith — chefe de clã (literalmente “chefe do palácio”.

Grimstborithn, no plural)

grimstcarvlorss — governanta

grimstnzborith — soberano dos Anões, seja rei ou rainha (literalmente “chefe dos palácios”)

If gauhnith! — uma expressão peculiar dos Anões que significa: “Inócuo e bom!”. Expressão habitualmente utilizada pelo anfitrião num jantar. Uma reminiscência dos tempos em que o envenenamento de convidados prevalecia entre os clãs.

Ingeitum — artesões do fogo, ferreiros

knurla — anão (literalmente, “homem de pedra”. Knurlan, no plural)

Nagra — javali gigante, oriundo das Montanhas Beor (Nagran, no plural)

Thardsvergûndnzmal — algo que não é o que parece. Uma imitação, uma falsificação, um embuste.

Tronjheim — Elmo de Gigantes

Vor Orikz korda! — Pelo martelo de Orik!

A Língua dos Nômades

no — sufixo honorífico separado do nome de alguém que se respeita, por um hífen.

A Língua dos Urgals

drajl — prole de larvas

nar — epíteto de grande respeito

Thulqna — tiras entrançadas que os Urgals usam para exibir as armas dos seus clãs

Uluthrek — Devoradora da Lua

Urgalgra — Nome que os Urgals dão a si mesmos (literalmente “os que têm chifres”)

Agradecimentos

Kvetha Fricaya. Saudações, Amigos.

Mas que longa caminhada. Custa a acreditar que a viagem finalmente terminou. Muitas vezes questionei-me se iria conseguir terminar esta coleção, e se o fiz foi em grande parte graças à ajuda e ao apoio de um grande número de pessoas.

Não estou exagerando quando digo que escrever Herança foi a coisa mais difícil da minha vida. Por uma série de razões — pessoais, profissionais e criativas —, este livro representou um desafio muito maior do que qualquer um dos anteriores, mas estou orgulhoso pelo fato de o ter terminado e, mais ainda, pelo livro em si.

É impossível para eu descrever os meus sentimentos, ao fazer a retrospectiva da coleção no seu todo. O Ciclo da Herança consumiu doze anos da minha vida — ou seja, quase metade, até a presente data. A coleção modificou-me a mim e à minha família, e as experiências que tive levariam mais um quarto deste livro para eu relatar. E agora, a perspectiva de abandoná-la, de me despedir de Eragon, Saphira, Arya, Nasuada, Roran e avançar para novas personagens e novas histórias... parece-me assustadora.

Não tenciono, contudo, abandonar Alagaësia. Despendi muito tempo e esforço para criar este mundo, pelo que tenciono regressar a ele um dia, no futuro. Poderá não acontecer nos próximos anos, no próximo mês. De momento não sei dizer, mas quando voltar, espero abordar alguns dos mistérios que deixei por desvendar nesta coleção.

Por falar nisso, lamento ter desapontado os que esperavam saber mais acerca de Ângela, a Herbolária, mas perderia metade do interesse se soubéssemos tudo acerca dela. Porém, se alguma vez conhecerem a minha irmã, Ângela, poderão sempre tentar questioná-la acerca da personagem. Se ela estiver bem-disposta, é possível que revele algo de interessante. Se não estiver... não deixará certamente de brindá-los com um gracejo.

Muito bem, então. Vamos lá aos agradecimentos: Em casa, agradeço ao meu pai e à minha mãe pelo o seu constante apoio, pelos conselhos e, acima de tudo, por apostarem em Eragon; à minha irmã por ser uma excelente conciliadora de idéias, por me ajudar nas revisões, por me permitir mais uma vez usá-la como personagem, e pelo seu inestimável apoio na última parte do manuscrito. Estou em dívida contigo, Mana, mas isso você já

sabe. Agradeço também a Immanuela Meijer por me fazer companhia ao lidar com um capítulo especialmente difícil.

Na Writers House: agradeço ao meu agente Simon Lipskar, pela sua amizade e por tudo o que fez por esta coleção ao longo dos anos (prometo, agora, começar a escrever livros um nadinha mais depressa!) e à sua assistente, Katie Zaneccchia.

Na Knopf: agradeço à minha editora, Michele Frey, pela sua permanente confiança e por tornar tudo isto possível — sério, sem ela este livro não estaria nas suas mãos; à sua assistente, Kely Delaney, por facilitar a vida de Michele e também por ajudar a compor a sinopse para os primeiros três livros; à editora Michele Burke, pela sua atenção à história e, mais uma vez, por me ajudar a publicar este livro; a Judith Haut, responsável pela comunicação e marketing, sem a qual pouca gente teria sabido desta coleção; e também a Dominique Cimina e Noreen Herits da publicidade, pela valiosa ajuda antes, durante e depois das minhas variadas tournées; à diretora de artes gráficas, Isabel Warren-Lynch e à sua equipa pelo belíssimo design da capa e do interior (e também pelo seu trabalho nos livros de capa mole); ao artista John Jude Palencar por fornecer uma série de capas maravilhosas, a última das quais é uma excelente imagem final; ao diretor executivo de revisão, Artie Benett, pela sua competência em termos de pontuação e uso de palavras pequenas, estapafúrdias, de difícil compreensão ou nunca antes utilizadas; a Chip Gibson, responsável pela secção de livros infantis da Random House; à diretora editorial Nancy Hinkel pela sua imensa paciência; à diretora de vendas, Joan DeMayo e à sua equipa (Urra! Muito obrigado!); ao diretor de marketing John Adamo, cuja equipe me surpreendeu constantemente com a sua criatividade; a Linda Leonard e à sua equipe de novas tecnologias; a Linda Paladino e Tim Terhune, pela produção; a Shasta Jean-Mary, pelo seu editorial de coordenação; a Pam White, Jocelyn Lange e ao resto das equipas de direitos no estrangeiro, que ajudaram a converter o Ciclo da Herança num fenómeno editorial, a nível mundial; a Janet Frick, Janet Renard e Jennifer Healey, pela sua revisão; e a todas as outras pessoas da Knopf que me apoiaram.

Na Listening Library: agradeço a Gerard Doyle, pelo seu excelente trabalho ao dar voz à minha história (embora receie que Fírnen venha a se revelar um pequeno desafio); a Taro Meyer pela sutil e enternecedora coordenação do seu desempenho; a Orli Moscovitz por juntar todas as peças; e a Amanda D’Acerno, editora da Listening Library.

Agradeço também ao autor Tad Williams (leia a trilogia Memory, Sorrow e Thorn, se ainda não a leu, pois não irá se arrepender) por me inspirar a usar uma mina de ardósia nos capítulos sobre Aroughs, e ao autor Terry Brooks, que tem sido um amigo e um mentor (do qual recomendo vivamente Magic Kingdom, da coleção Landovery).

Finalmente, gostaria de agradecer a Mike Macauley — autor de The Inheritance Almanac em parceria com Mark Cotta Vaz — por montar e gerir um dos melhores sites de fãs que por aí existem (shurtugal.com). Sem os esforços de Mike, a comunidade de leitores seria muito menor e muito mais pobre do que é hoje.

Obrigado, Mike!

Uma menção especial a Reina Sato, uma fã cuja reação ao encontrar caracóis pela primeira vez, levou-me a criar os snalglí em Vroengard. Reina, os snalglí são para você!

Os meus agradecimentos finais vão, como sempre, para os meus leitores. Obrigado por me acompanharem ao longo desta história e que as estrelas brilhem sobre vocês o resto das suas vidas.

E... pronto, não tenho mais nada a acrescentar à coleção. Disse tudo o que precisava dizer. O resto é silêncio.

Sé onr sverdar sitja hvass.

Christopher Paolini,

8 de Novembro de 2011.

É com muita satisfação que, mais uma vez, venho, mui respeitosamente, anunciar aos leitores brasileiros outro excelente trabalho da Comunidade . **mafia dos livros** . por meio de seu **Departamento Paralelo de Tradução #01**.

INHERITANCE - Christopher Paolini

Como não poderia ser diferente, muitos desafios tiveram de ser superados para que esse trabalho fosse concluído com êxito. Sobretudo a incerteza sobre a disponibilização do e-book em PT-PT e a migração intensa de usuários para o Facebook.

A tarefa de traduzir para o português os livros criados em inglês nunca foi considerada fácil, fazê-lo com a qualidade e a eficiência características da . mafia dos livros . sempre foi digno de aplausos. Porém, houve, nesta oportunidade, um facilitador. A . mafia dos livros . conseguiu acesso à versão digital do livro, feita para Portugal.

A adaptação para o português formal do Brasil que está aqui disponibilizada, longe de diminuir o valor do trabalho, o engrandece, pois demonstra a maturidade de visão da equipe (que já iniciara a tradução do Inglês por precaução).

Embora o trabalho de **tradução** tenha sido suspenso, é justo que todos aqueles que ajudaram no processo, tradutores, revisores, organizadores e idealizadores, bem como aqueles que realizaram a **adaptação** (abrasileiramento), revisores, formatadores, organizadores, recebam, juntos, os merecidos créditos que eu, em nome de toda a moderação da equipe . mafia dos livros . e, principalmente, de todos os leitores e fãs do Ciclo da Herança no Brasil, vos concedo pela realização

arquitetada com a merecida **menção honrosa** a seguir.

Tradutores:

[S]ara , Ana Carla , André , Bruno e Lunara , Dalvan Cruz R , Darkness Child , Douglas , Eduardo Caixeta, Everton Bruzinga , Fábio Santiago , Felipe Oliveira , Fernando Canuto² , Guilherme Munaretto , Guilhermino , Isabel , José Rocha , Júnior P6 , Laila , Lauren , Levi , Lu - Admin SOS , Maiara :-), MaUrO "Raymond" INSANΘ Ψ , Paulinha Muruel , Pedro Henrique , Reuel , Ricardo Pina , Sophia Wood ☺, T. Likken, Wallace FLA , Wesley Lima , セルギオ™.

Revisores:

Ariel Rocha , Danthon ლ Riboli , Guui Willian , Guilherme , Miguel Oliveira , Paulo , Priscila de Melo, Reuel Luiz , Sophia Wood ☺ , thaysen machado , vitor gabriel.

ADAPTADORES (pt-pt - pt-br)

Laila , RP, Paulo Dornas, Orlando e Priscila.

Organização / Idealizadores:

Laila, Ricardo Claudir - liderança

Orlando, RP, Priscila, Paulo Dornas - moderação

Igor Luis Alves - moderação honoris causa

Aos aqui mencionados e à todos os que direta ou indiretamente se envolveram no projeto, PARABÉNS e MUITO OBRIGADO!



Igor Luis Alves . Kiko¹
. moderador - h.c .